This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

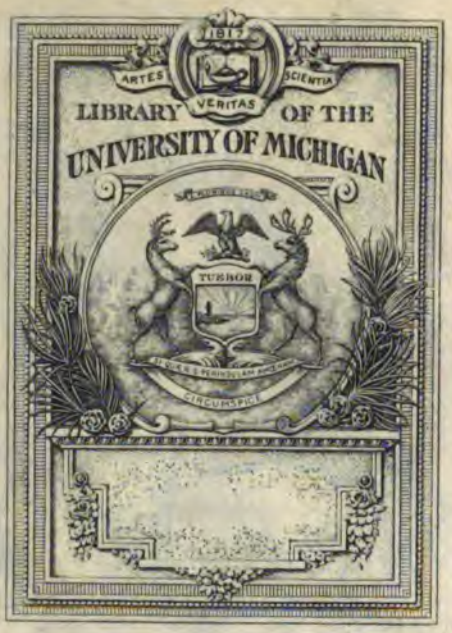
We also ask that you:

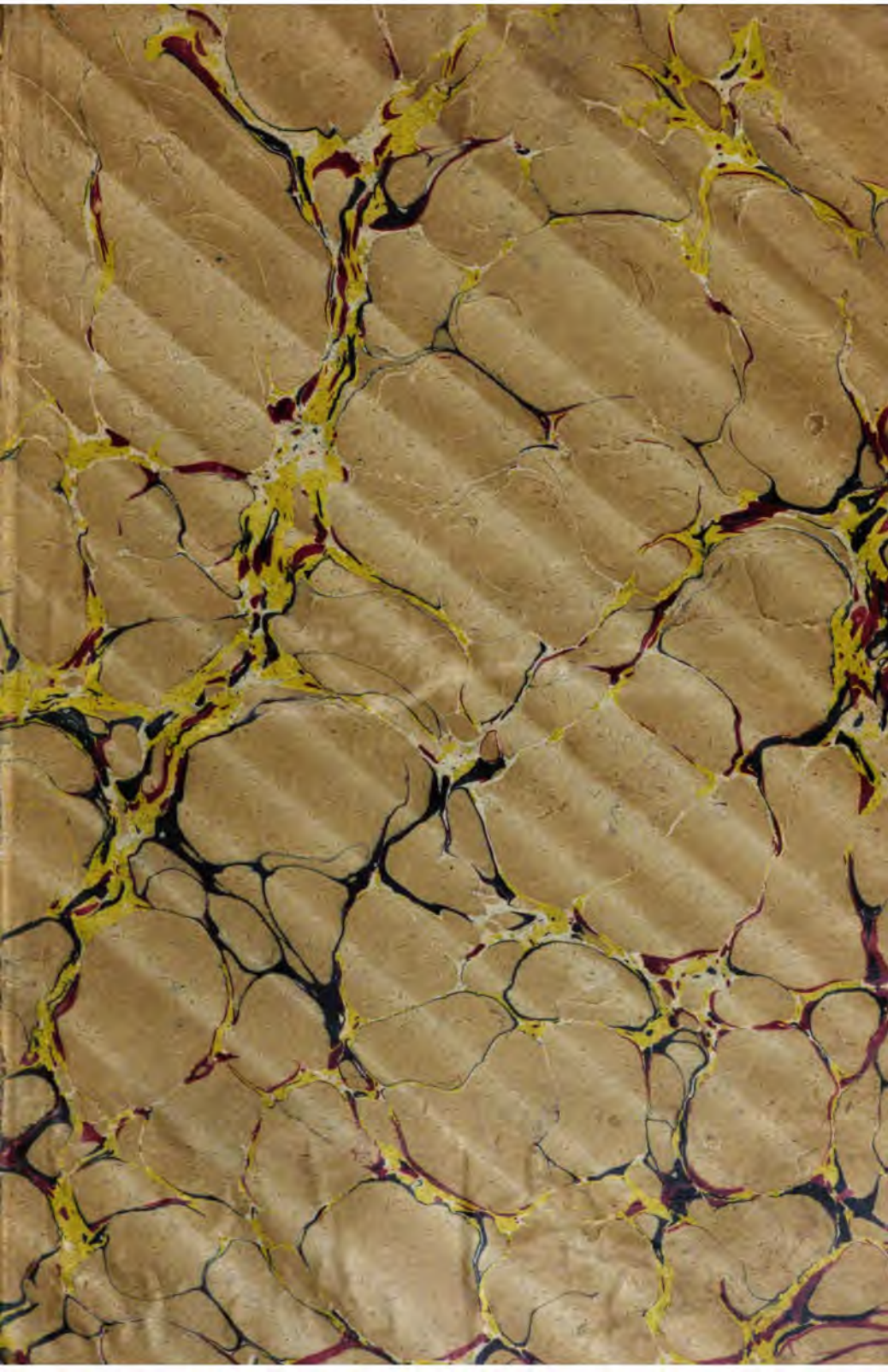
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 490430


1817
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUÆRIS PENINSULAM AMŒNAM
CIRCUMSPICE



Gretton

A.
X0
.I6

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIII

PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos.
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT
71, Rua dos Invalidos, 71

1880

Libri e Compl. sets
Digloff
W 26.32
26394

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM, ORGANIZADA EM VISTA DOS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E DAS ACTAS DAS SESSÕES PUBLICADAS NA «REVISTA TRIMENSAL.»

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. M. o rei de Portugal D. Fernando.
S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquilla.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1	Visconde de Araguaya.....	Effectivo.
2	Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.....	»
3	Conselheiro João Manoel Pereira da Silva.....	»
4	Dr. José Bernardo de Loyola.....	Correspondente.
5	Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho.....	»
6	Manoel da Conceição Neves.....	»
7	Antonio José Rodrigues.....	»

1839

8	Conselheiro João Antonio Pereira da Cunha. ..	Correspondente.
9	Conselheiro Josino do Nascimento Silva.....	»
10	Visconde de Itajubá.....	»
11	Barão de Japurá.....	»
12	Francisco Manoel Martins Ramos.....	»
13	Conselheiro João Lopes da Silva Couto.....	»
14	Desembargador Joaquim José Pacheco.....	»
15	Conselheiro José Maria do Amaral.....	»
16	Antonio José Falcão da Frota.....	»
17	Conde de Baependy.....	»
18	Barão de S. Diogo.....	»
19	Francisco da Silva Lopes.....	»
20	Dr. Francisco José Ferreira Baptista.....	»
21	Barão de Javary.....	»
22	Pedro da Silva Rego.....	»
23	Barão de Alhandra.....	»
24	Conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso..	»
25	Francisco Ezequiel Meira.....	»
26	João José Ferreira da Costa.....	»
27	Joaquim F. Alves Branco Muniz Barreto.....	»
28	João Antonio Ferreira da Costa.....	»
29	Conselheiro Thomaz José Pinto de Cerqueira..	Effectivo.
30	Dr. Domiciano da Costa Moreira.....	Correspondente.
31	João Joaquim Ferreira de Aguiar.....	»
32	Joaquim Cesar de Figanière Mourão.....	»
33	Antonio Alvares Pereira Coruja.....	Effectivo.

1840

34	Antonio da Costa Miranda.....	Correspondente.
35	Barão de Lavradio.....	»
36	Visconde de Santa Isabel.....	»
37	Antonio da Silva Lisbôa.....	»
38	Antonio Ribeiro de Andrade.....	»
39	Candido Thadeo Brandão.....	»
40	João Alves Portella.....	»
41	Conego Benigno José de Carvalho e Cunha....	»
42	Conselheiro João da Silva Carrão.....	»
43	Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú.....	»
44	Conselheiro Felippe Lopes Netto.....	Effectivo.
45	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa.....	Correspondente.
46	Raymundo Severino de Mattos.....	»
47	Antonio Manoel Sanches de Brito.....	»
48	Barão de Petropolis.....	»

1841

49	Padre José Antonio Lopes da Silveira.....	Correspondente.
50	Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira.	Effectivo.
51	João Thomaz de Carvalho e Silva.....	Correspondente.

52 Desembargador Francisco Mariani..... Correspondente.
53 Barão de Penedo..... »
54 Joaquim Norberto de Sousa e Silva..... Honorario.
55 Visconde de Barbacena..... Correspondente.
56 Dr. Maximiano Antonio de Lemos..... »
57 João Bernardo de Almeida..... »
58 Barão de Nogueira da Gama..... »
59 José Joaquim Rodrigues Lopes..... »

1842

60 João Baptista da Silva Lopes..... Correspondente.
61 Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa..... »
62 Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro..... »

1843

63 Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim..... Effectivo.
64 Dr. José Jansen do Paço..... Correspondente.

1844

65 Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa..... Effectivo.

1845

66 Dr. Joaquim José Teixeira..... Correspondente.
67 Dr. Joaquim José da Silva..... »
68 Dr. Quintiliano José da Silva..... »
69 José Francisco de Andrade Almeida Monjardim. »
70 Dr. José Joaquim Rodrigues..... »
71 Guilherme Balduino Embirussú Camacan..... »
72 Dr. Maximiano Marques de Carvalho..... Effectivo.
73 Dr. Francisco de Sousa Ramos..... Correspondente.
74 Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.... »
75 Visconde de Abaeté..... »
76 Barão de Sousa Queiroz..... »
77 Francisco José da Silva..... »
78 Desembargador João José de Almeida Couto... »
79 Barão de Cotegipe..... »
80 Dr. Joaquim José da Cruz Sècco..... »
81 Senador Joaquim Antão Fernandes Leão..... »
82 Dr. Joaquim Vieira da Cunha..... »
83 Dr. José de Barros Pimentel..... »
84 Visconde de Jaguary..... »
85 Brigadeiro Joaquim José de Carvalho..... »
86 Conselheiro José Tavares Bastos..... »
87 José Pedro da Silva..... »
88 Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida..... »
89 Luiz Antonio Barbosa da Silva..... »
90 Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro..... »
91 Manoel Soares da Silva Bezerra..... »

92	Desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite	Correspondente.
93	Padre Raymundo José Auzier	»
94	José Joaquim da Silva Pereira	»
95	Dr. Henrique Kopke	»
96	João José de Sousa Silva Rio	Effectivo.
97	Dr. Joaquim Manoel de Macedo	Honorario.

1846

98	Carlos Honorio de Figueiredo	Effectivo.
99	Dr. José Mauricio Nunes Garcia	Correspondente.
100	Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Sousa e Menezes	»
101	Barão de S. Felix	»
102	Visconde do Rio Branco	»

1847

103	Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan	Effectivo.
104	José Joaquim da Gama e Silva	Correspondente.
105	Francisco José Borges	Effectivo.
106	Dr. Francisco Xavier Muniz	Correspondente.
107	Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho	»
108	Dr. Abilio Cesar Borges	»
109	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt	»

1848

110	Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.	Effectivo.
111	Dr. Antonio Muniz Barreto Côrte Real	Correspondente.
112	Padre Jeronymo Emiliano de Andrade	»
113	Dr. Manoel Ladisláo Aranha Dantas	»
114	Conselheiro Guilherme Schüch de Capanema	Effectivo.

1849

115	Salvador Henrique de Albuquerque	Correspondente.

1851

116	Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro	Honorario.
117	Angelo Thomaz do Amaral	Correspondente.

1853

118	Dr. Sebastião Ferreira Soares	Effectivo.
119	Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja	»

1855

120	Conego Joaquim Pinto de Campos.....	Correspondente.
121	Visconde do Bom Retiro.....	Honorario.
122	Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.....	Correspondente.

1856

123	Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.....	»
124	Visconde de Mauá....	Honorario.
125	Conselheiro Tito Franco de Almeida.....	Correspondente.

1859

126	Capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo	»
127	Barão Homem de Mello.....	Honorario.
128	Dr. Rodrigo José Ferreira Bretas.....	Correspondente.

1860

129	Dr. Ernesto Ferreira França.....	»

1861

130	Conselheiro Antonio Joaquim Ribas.....	»

1862

131	Conego João Pedro Gay.....	»
132	Professor João Brigido dos Santos.....	»
133	Conselheiro José da Costa Azevedo.....	Effectivo.
134	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.....	»
135	Dr. José Vieira Couto de Magalhães.....	»

1863

136	Senador Luiz Antonio Vieira da Silva.....	Correspondente.
137	Barão de Theresopolis.....	»

1865

138	Dr. Cesar Augusto Marques.....	Effectivo.
139	Dr. José de Saldanha da Gama.....	»

1866

140	Dr. Antonio Henriques Leal.....	Correspondente.
141	Dr. João Ribeiro de Almeida.....	Effectivo.
142	Dr. Domingos Antonio Raiol.....	Correspondente.

1867

143 Dr. José Maria da Silva Paranhos..... Effectivo.
144 Conselheiro Epiphanio Candido de Sousa Pitanga..... Correspondente.

1868

145 Dr. Luiz Francisco da Veiga..... »

1869

146 Major Alfredo d'Escragnolle Taunay..... Effectivo.
147 Senador Candido Mendes de Almeida..... Honorario.

1870

148 Dr. Joaquim Pires Machado Portella..... Effectivo.
149 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe..... »

1871

150 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro..... Effectivo.
151 Dr. Ladisláo de Sousa Mello Netto..... »
152 Conego Dr. Manoel da Costa Honorato ..... »

1872

153 Dr. Eduardo José de Moraes..... Correspondente.
154 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão..... Effectivo.

1874

155 Dr. Nicoláo Joaquim Moreira..... »
156 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins. ..... Correspondente.

1875

157 Dr. Rozendo Muniz Barreto..... Effectivo.
158 Commendador João Wilkens de Mattos ..... »
159 José de Vasconcellos..... Correspondente.

1876

160 Senador Joaquim Floriano de Godoy..... »
161 João Barbosa Rodrigues..... »
162 Luiz da França Almeida e Sá..... »
163 Dr. Manoel Jesuino Ferreira..... Effectivo.

1877

164	Domingos Soares Ferreira Penna	Correspondente.
165	Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira	»
166	Dr. Americo Brasilense de Almeida Mello	»

1878

167	Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	»

Estrangeiros

1838

1	Agostinho Albano da Silveira Pinto	Correspondente.
2	Felix Emilio Taunay	Effectivo.

1839

3	Fernando Denis	Honorario.
4	Luiz Paulo Balthazar Caffe	Correspondente.
5	Principe de Cariati	Honorario.
6	Principe de Scilla	»
7	D. Carlos Zuchi	Correspondente.
8	João José da Cunha Bastos Estrella	»
9	D. Agostinho Guilherme Charem	»
10	D. Manoel Salas Corvaland	»
11	Filippe Vandermachen	»
12	Dr. Meisser	»
13	General Barão Pelet	»
14	Conde Armando d'Allouville	»
15	Conde Amédée de Pastoret	»
16	Conde Le Peletier d'Aunay	»
17	Duque de Poix	»
18	Fernando Berthier	»
19	Abbade Orsini	»
20	Bloudouff	»
21	Conde de Cancrine	»
22	Joaquim José da Costa de Macedo	»
23	Sabino Bertholet	»
24	João Water House	»
25	Arthur Brooke	Honorario.
26	Barão de Maltitz	»
27	Eduardo Alchorne	Correspondente.
28	Barão Gore Ouseley	Honorario.
29	Jared Sparks	»
30	Julio Parigot	Correspondente.
31	Manoel Estevão Benet	»
32	Conselheiro Ouvaroff	Honorario.
33	William Ouseley	»
34	William Gore Ouseley	»

1840

35	Pedro Victor Larée	Correspondente.
36	William Smith	»
37	Barão de Olfers	Honorario.
38	Conde de Dietrichstein	»
39	Carlos C. Rafn	»
40	Conde de Linhares	»
41	Dureau de Lamalle	»
42	Carlos Ritter	Correspondente.
43	Julio Victor Armand Hain	»
44	Duperrey	»
45	Eduardo de Jaegher	»
46	Frederico Luiz Jorge de Raumer	»
47	Guilherme Hunter	»
48	Larenaudière	»
49	Ternaux Campans	»
50	Leo Theremin	»
51	José Barandier	»
52	Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara	»
53	D. José de Urcullu	»
54	D. Manoel de Sarratéa	Honorario.

1841

55	Roberto Schomburgh	Correspondente.
56	Woodbine Parish	»
57	Horacio Say	»
58	Conde Jacob Graberg de Hemsô	»
59	W. Burchell	»
60	C. Allou	Honorario.
61	Dr. Martin de Moussy	Correspondente.
62	Tastu	»
63	Barão de Reiffemberg	»
64	Sergio de Lomonosoff	Honorario.
65	D. Mariano Eduardo de Rivera	Correspondente.
66	Dr. Marion de Procé	»
67	Pedro Mesnard	»
68	Hamilton Hamilton	Honorario.
69	D. Ambrosio Campadonico	»
70	Von Andréa	Correspondente.
71	Dr. Clemente Alvares de Oliveira Mendes de Almeida	»

1842

72	D. Filippe Rizzi	»
73	D. Agatino Longo	»
74	Virgilio von Helmereichen	Honorario.
75	Almirante Krusenstern	»
76	Contra-Almirante Lutke	»
77	Conde de Stackelberg	Correspondente.
78	Anatolio Demidoff	Honorario.
79	D. Damazo Antonio Larranaga	»

1843

80	Principe de Committini	Honorario.
81	Nicoláo de Santo Angelo	»
82	Commendador Ferri	Correspondente.
83	Raoul Rochette	»
84	R. de Rochelle	»
85	Finn Magnusen	Honorario.
86	C. C. Etienne Hernoux	Correspondente.
87	Filippe Victor Touchard	»
88	Dr. P. Namur	»
89	Dr. J. P. Hoebeke	»
90	S. Dutot	»
91	Conde de Thomar	Honorario.
92	D. Ferdinando de Lucca	»
93	D. Giuseppe Ceva Grimaldi, (marquez)	»
94	D. Francisco Maria Avelino	Correspondente.
95	D. Felix Santo Angelo	»
96	D. Girolano Perozzi	»
97	D. Miguel Tenore	»
98	D. Francisco Cervelleri	»
99	D. Giacomo Castrucci	»
100	D. Paulo Anamia de Lucca	»
101	D. Raphael Zarienga	»
102	D. Giovani Semmola	»
103	Duque di Serra di Falco	»
104	D. Luigi Rizzi	»
105	D. Vicenzo Stellati	»
106	D. Luiz Sementini	»
107	D. Isaak G. Strain	»
108	D. Pascuali Pacini	»
109	D. Pascuali Stanisláo Mancini	»
110	Carlos Van Lede	»

1844

111	Mage	»
112	José Ewbank	»
113	Thomaz Ewbank	»
114	Quetelet	»
115	João da Cunha Neves de Carvalho Portugal	»
116	D. Vicente Bocafuerte	»
117	D. Thomaz C. de Mosquera	Honorario.
118	José Antonio Pardo	Correspondente.

1845

119	Alfredo Demersay	»
120	Francis Markoe Junior	»
121	Conde Imbert de Mottetlettes	»
122	D. José Vargas	Honorario.
123	Conselheiro José Joaquim Lopes de Lima	Correspondente.
124	Conde de Penafiel	»

1846

125	João Russell Bartlett	Correspondente.
126	Alberto Gallatin	Honorario.
127	Roberto Greenham	Correspondente.
128	C. Wiet	»
129	B. M. Norman	»
130	Alexandre W. Bradford	»
131	Samuel Jorge Morton	»
132	W. B. Hodgson	»
133	L. L. Wauthier	»
134	D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena).	»
135	Herman E. Ludwig	»

1847

136	Cicarelli	»
137	D. Ulrico Valia	»
138	D. Antonio Ramon de Vargas,	»
139	Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida	»

1848

140	Bispo de Angra (D. Fr. Estevão de Jesus Maria).	»
141	Bernardino José de Lessa Freitas	»
142	D. André Lamas	»
143	D. José Maria Corrêa de Lacerda	»

1850

144	D. Valentim Alsina.	»

1851

145	William Prescott	Honorario.

1853

146	D. Domingo Sarmiento	Correspondente.

1859

147	Ceroni	»

1860

148	Coronel Francisco Evaristo Leone	»
149	Jorge Cesar Figanière	»

1862

150	James C. Fletcher	»

1863

151 Frederico Francisco de Figanière..... Correspondente.

1864

152 Jorge Martinho Thomaz..... »
153 Jorge Bancrofft..... Honorario.

1866

154 Manoel Liais..... ..... Correspondente.

1868

155 Padre Brasseur de Bourbourg ..... »
156 Vivien de St. Martin..... »
157 Henrique Ambauer Schutel..... »

1869

158 D. José Rozendo Gutterres..... »

1870

159 Dr. D. Domingo Santa Maria..... »
160 Cesar Cantu..... ..... »

1871

161 D. Barthelomeu Mitre..... Honorario.
162 Augusto Carlos Teixeira de Aragão..... Correspondente.
163 José Victorino Lastarria..... ... »
164 Miguel Luiz Amunategui..... »
165 Diogo Barros Arana..... »
166 Benjamim Vicuña Makena..... »

1875

167 Ezequiel Uricoechéa..... »

1876

168 Barão G. Schreiner..... Honorario.

1877

169 José Maria Latino Coelho..... Correspondente.

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto

---

Presidentes honorarios

S. A. I. o principe D. Affonso.
S. A. o principe D. Sebastião de Bragança Bourbon.
S. M. Leopoldo I, rei dos Belgas.

Nacionaes

1 Agostinho da Silva Neves.
2 Conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
3 Dr. Albano Antero da Silveira Pinto.
4 Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.
5 Alexandre José do Rosario.
6 Amancio José Pereira de Andrade.
7 André Alves Pereira Ribeiro Cirne.
8 Antonio Affonso Ferreira.
9 D. Antonio Joaquim de Mello (bispo de S. Paulo).
10 Antonio Alves da Silva Pinto.
11 Antonio Augusto Monteiro de Barros.
12 Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.
13 Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.
14 Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.
15 Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.
16 Antonio Ladisláo Monteiro Baena.
17 General Antonio Eliziario de Miranda e Brito.
18 Padre Dr. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva.
19 Dr. Antonio Joaquim de Souza.
20 Conselheiro Antonio Manoel de Mello.
21 Dr. Antonio Navarro de Abreu.
22 Antonio Joaquim Alvares do Amaral.
23 Dr. Antonio José Ferreira da Costa.
24 Antonio Pereira de Araujo Pinto.
25 Antonio Joaquim Fortes Bustamante Sá.
26 Antonio Vaz da Silva.
27 Conego Antonio Marques de Sampaio.
28 Conselheiro Antonio José da Veiga.
29 Dr. Antonio da Costa.
30 Antonio da Costa Rego Monteiro.
31 Antonio Joaquim de Mello.
32 Dr. Antonio Thomaz de Godoy.
33 Antonio Francisco Dutra e Mello.
34 Dr. Antonio Rodrigues da Cunha.
35 Dr. Antonio Gonçalves Dias.

36 Conselheiro Antonio da Costa Pinto.
37 General Antonio Nunes de Aguiar.
38 Commendador Antonio de Padua Fleury.
39 Antonio Rangel Torres Bandeira.
40 Antonio Diodoro de Pascual.
41 Conselheiro Antonio Pereira Rebouças.
42 Padre Antonio Pinto de Mendonça.
43 Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello.
44 Conselheiro Antonio Pereira Pinto.
45 Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond.
46 Fr. Arsenio da Natividade Moura.
47 Dr. Balthazar da Silva Lisbôa.
48 Barão de Itamaracá.
49 Barão de Caçapava.
50 Barão de Quarahim.
51 Barão de Catas-Altas.
52 Barão de Antonina.
53 Barão de Uruguayana.
54 Barão de Cocaes.
55 Barão de Jaguarary.
56 Barão de Cayrú.
57 Barão da Ponte Ribeiro.
58 Barão de Lorena.
59 Barão de Santo Angelo.
60 Barão de Melgaço.
61 Benedicto Marques da Silva Acauan.
62 Dr. Bento José Martins.
63 Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos.
64 Bernardo Jacintho da Veiga.
65 Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.
66 Braz da Costa Rubim.
67 Dr. Caetano Alberto Soares.
68 Dr. Caetano Lopes de Moura.
69 Senador Candido Baptista de Oliveira.
70 Dr. Candido de Azeredo Coutinho.
71 Dr. Carlos Antonio de Bulhões Ribeiro.
72 Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar.
73 Carlos Emilio Adêt.
74 Senador Cassiano Espiridião de Mello e Mattos.
75 Dr. Claudio Luiz da Costa.
76 Conde da Bôa-Vista.
77 Conde de Irajá (bispo do Rio de Janeiro).
78 Conde de S. Salvador (arcebispo da Bahia).
79 Conde da Conceição (bispo de Marianna).
80 Conrado Jacob de Niemeyer.
81 Fr. Custodio Alves Serrão.
82 General Daniel Pedro Muller.
83 Diogo Duarte Silva.
84 Diogo Soares da Silva de Bivar.
85 Dionysio de Oliveira Silveira.
86 Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano.
87 Duque de Caxias.
88 Eduardo de Sá Pereira de Castro.
89 Emilio Faustino Lins.
90 Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.
91 Conselheiro Ernesto Ferreira França.
92 Estevão Raphael de Carvalho.

93 Senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.
94 Commendador Felicio Pinto Coelho de Mendonça e Castro.
95 Conselheiro Felippe José Pereira Leal.
96 Dr. Felix Peixoto de Brito e Mello.
97 Dr. Felizardo Toscano de Brito.
98 Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta.
99 General Firmino Herculano de Moraes Ancora.
100 Senador Firmino Rodrigues Silva.
101 Floriano Vieira da Costa Delgado Perdigão.
102 Conselheiro Francisco Freire Allemão.
103 Francisco Agostinho Gomes.
104 Dr. Francisco de Souza Martins.
105 Conselheiro Francisco Ramiro de Assis Coelho.
106 Francisco Xavier Monteiro da França.
107 Senador Francisco de Paula Souza e Mello.
108 Francisco Freire de Carvalho.
109 Dr. Francisco de Paula Candido.
110 Fr. Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão.
111 Dr. Francisco de Paula Menezes.
112 Dr. Francisco Antonio Ribeiro.
113 Senador Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.
114 Senador Francisco de Paula Almeida e Albuquerque.
115 Francisco Alvares Machado de Vasconcellos.
116 Tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.
117 Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.
118 Monsenhor Francisco Muniz Tavares.
119 Fr. Francisco de Mont'Alverne.
120 Francisco Antonio de Oliveira.
121 Senador Francisco de Lima e Silva.
122 Frederico Augusto Pamplona.
123 Frederico Carneiro de Campos.
124 Fructuoso Luiz da Motta.
125 Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.
126 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.
127 Brigadeiro Galdino Justiniano da Silva Pimentel.
128 Gaspar José Lisbôa.
129 Dr. Giacomo Raja Gabaglia.
130 Dr. Gonçalo da Silva Porto.
131 Conselheiro Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja.
132 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.
133 Senador Herculano Ferreira Penna.
134 General Henrique Marques de Oliveira Lisbôa.
135 Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.
136 Coronel Ignacio Alvares Pinto de Almeida.
137 Dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro.
138 Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.
139 Padre Ignacio Rodrigues Bermude.
140 Innocencio da Rocha Galvão.
141 Jacintho Pinto Teixeira.
142 Conselheiro Jacintho Roque de Senna Pereira.
143 Conego Januario da Cunha Barboza.
144 Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.
145 Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares.
146 Dr. João Antonio de Azevedo.
147 João Antonio de Sampaio Vianna.
148 Senador João Antonio de Miranda.
149 João Benedicto Gaspar de Giffining.

150 General João Carlos Pardal.
151 João Coelho Bastos.
152 Desembargador João Candido de Deus e Silva.
153 João Caetano da Costa e Oliveira.
154 João Carlos Pereira Pinto.
155 Dr. João Duarte Lisbôa Serra.
156 Dr. João Eleuterio Garcez e Gralha.
157 João Francisco de Souza Coutinho.
158 Dr. João Fernandes de Barros.
159 João Francisco Lisbôa.
160 João Gomes Machado Corumbá.
161 João Huet de Bacellar Pinto Guedes.
162 João Henrique de Mattos.
163 Dr. João José Barbosa de Oliveira.
164 Dr. João José de Carvalho.
165 Conselheiro João José de Oliveira Junqueira.
166 Dr. João José de Moura Magalhães.
167 General João Paulo dos Santos Barreto.
168 João de Siqueira Tedim.
169 João do Espirito-Santo Cabral.
170 João Baptista Callogeras.
171 João Candido de Brito.
172 Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.
173 Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
174 Joaquim Candido Guillobel.
175 Dr. Joaquim Caetano da Silva.
176 Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.
177 Senador Joaquim Franco de Sá.
178 Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo.
179 Senador Joaquim Francisco Vianna.
180 Joaquim Gonçalves Ledo.
181 Joaquim José Luiz de Souza.
182 Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito.
183 Desembargador Joaquim Nunes Machado.
184 Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier.
185 Senador Joaquim Vieira da Silva e Souza.
186 Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.
187 Joaquim Baptista Avondano.
188 Dr. José Alves da Cruz Rios.
189 Dr. José Agostinho Vieira de Mattos.
190 Monsenhor José Antonio Marinho.
191 D. José Affonso de Moraes Torres, (bispo do Pará).
192 José Antonio da Silva Chaves.
193 Dr. José Augusto Gomes de Menezes.
194 Dr. José de Araujo Coutinho.
195 Senador José Antonio da Silva Maia.
196 José Antonio Lisboa.
197 D. José de Assis Mascarenhas.
198 Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.
199 José Antonio dos Reis, (bispo de Cuyabá).
200 José Bernardo Fernandes Gama.
201 Dr. José Christiano Garção Stockler.
202 José Christino da Costa Cabral.
203 Senador José Clemente Pereira.
204 Conego José Constantino Gomes de Castro.
205 José Domingues de Athayde Moncorvo.
206 Dr. José Eloy Ottoni.

207 José Eloy Pessoa.
208 José Francisco da Silva Cardoso.
209 José Freire de Andrade Parreiras.
210 José Francisco de Paula Cavalcanti.
211 Dr. José Florindo de Figueiredo Rocha.
212 Desembargador José Ferreira Souto.
213 Dr. José Franklin Massena e Silva.
214 General José Ignacio de Abreu e Lima.
215 José Jacques da Costa Ourique.
216 Dr. José Bento da Rosa.
217 Senador José Joaquim Fernandes Torres.
218 Dr. José Jorge da Silva.
219 Conselheiro José Joaquim da Rocha.
220 Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.
221 Conego José Luiz de Freitas.
222 José Lino de Moura.
223 Dr. José Marcellino da Rocha Cabral.
224 José Marques Lisbôa.
225 José Manoel do Rosario.
226 Conselheiro José Mariani.
227 Commendador José Maria Pinto Peixoto.
228 José Maria Velho da Silva.
229 José Martins Pereira de Alencastre.
230 Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.
231 Conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo.
232 José Procopio de Castro.
233 José de Rezende Costa.
234 José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada.
235 Commendador José Ribeiro da Silva.
236 Conego José da Silva Guimarães.
237 José de Sá Bittencourt e Camara.
238 Fr. José de S. Bento Damasio.
239 Fr. José de S. Alberto Cardoso.
240 Fr. José de Santa Euphrasia Peres.
241 Senador José da Silva Mafra.
242 José Tiburcio Carneiro de Campos.
243 Dr. José Tito Nabuco de Araujo.
244 Dr. José Thomaz dos Santos e Almeida.
245 José Ventura Boscoli.
246 Dr. José Vieira Rodrigues Leite de Carvalho e Silva.
247 Dr. Justiniano Jose da Rocha.
248 Ladisláo dos Santos Titára.
249 Desembargador Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza
250 Conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos.
251 Lino Antonio Rabello.
252 Padre Lino do Monte Carmello Luna.
253 Lourenço da Silva Araujo Amazonas.
254 Luiz Aleixo Boulanger.
255 Luiz Antonio de Castro.
256 Desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.
257 Luiz Augusto May.
258 Luiz Antonio Patricio da Silva Manso.
259 Conego Luiz Antonio da Silva e Souza.
260 Conego Luiz Gonçalves dos Santos.
261 Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.
262 Luiz Gomes Ferreira.
263 Luiz Henrique Ferreira de Aguiar.

264 Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva.
265 Luiz Maria da Silva Pinto.
266 Fr. Luiz de Santa Theodora.
267 Senador Manoel Alves Branco.
268 Senador Manoel Antonio Galvão.
269 Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira.
270 D. Manoel de Assis Mascarenhas.
271 Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichorro.
272 Manoel de Cerqueira Lima.
273 Senador Manoel Felizardo de Souza e Mello.
274 Manoel Ferreira Lagos.
275 Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça.
276 Manoel José Pires da Silva Pontes.
277 Manoel José de Albuquerque.
278 Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.
279 D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade (bispo de S. Paulo).
280 Conselheiro Manoel José de Sousa França.
281 Dr Manoel Maria do Amaral.
282 Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo.
283 Dr. Manoel de Mello Franco.
284 Manoel Moreira Lirio da Silva Carneiro.
285 Manoel Mauricio Rebouças.
286 Senador Manoel do Nascimento Castro e Silva.
287 Manoel Odorico Mendes.
288 Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba.
289 Manoel Rodrigues da Costa.
290 Fr. Marcellino do Coração de Jesus.
291 Conego Marcellino José da Ribeira S. Bueno.
292 D. Marcos Antonio de Sousa (bispo do Maranhão).
293 Marquez de Abrantes.
294 Marquez de Baependy.
295 Marquez de Itanhaen.
296 Marquez de S. João da Palma.
297 Marquez de Lages.
298 Marquez de Mont'Alegre.
299 Marquez de Maricá.
300 Marquez de Olinda.
301 Marquez de Paranaguá.
302 Marquez de Paraná.
303 Marquez de Sapucahy.
304 Marquez de Santa Cruz (arcebispo da Bahia).
305 Marquez de Valença.
306 Marquez de S. Vicente.
307 Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
308 Maximiano Augusto Pinto.
309 Maximiano Antonio da Silva Leite.
310 Conselheiro Miguel Antonio da Silva.
311 Miguel Ferreira Tavares.
312 Miguel de Frias Vasconcellos.
313 Dr. Miguel Joaquim Ayres do Nascimento.
314 Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.
315 Conselheiro Miguel de Sousa Mello e Alvim.
316 Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno.
317 Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.
318 Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite.
319 Nicoláo da Silva Lisboa.
320 Conselheiro Paulo Barbosa da Silva.

321 Fr. Paulo da Conceição Moura.
322 Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde.
323 Pedro Affonso de Carvalho.
324 Pedro Carvalho de Moraes.
325 Brigadeiro Pedro Maria Xavier de Castro.
326 Coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
327 Conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.
328 Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.
329 General Raymundo José da Cunha Mattos.
330 Rodrigo Soares Cid de Bivar.
331 Fr. Rodrigo de S. José.
332 Dr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes.
333 Santiago Nunes Ribeiro.
334 Senador Saturnino de Sousa e Oliveira.
335 Conselheiro Sebastião do Rego Barros.
336 Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.
337 Senador Theophilo Benedicto Ottoni.
338 Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
339 Dr. Thomaz José Soares de Avellar.
340 Thomé Maria da Fonseca e Silva.
341 Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida.
342 Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.
343 Tiburcio Antonio Craveiro.
344 Desembargador Tristão Antonio de Alvarenga.
345 Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello.
346 Conselheiro Venancio José Lisboa.
347 Dr. Vicente José da Costa Cabral.
348 Visconde de Caravellas.
349 Visconde de Inhomirim.
350 Visconde de Itabayana.
351 Visconde de Itaúna.
352 Visconde de Inhaúma.
353 Visconde de Itaborahy.
354 Visconde de Jerumirim.
355 Visconde de Jequitinhonha.
356 Visconde de Maranguape.
357 Visconde de Macahé.
358 Visconde da Parnahyba.
359 Visconde da Pedra Branca.
360 Visconde de Porto-Seguro.
361 Visconde do Rio-Grande.
362 Visconde do Rio-Vermelho.
363 Visconde de Santo Amaro.
364 Visconde de Sousa Franco.
365 Visconde de S. Leopoldo.
366 Visconde de S. Lourenço.
367 Visconde de Sepetiba.
368 Visconde de Uberaba.
369 Visconde de Uruguay.
370 Wenceslão Antonio Ribeiro.

Estrangeiros

1 Adolpho Antonio Frederico de Schewelok.
2 A. Thiers.

3 Adriano Balbi.
4 Adriano Ernesto de Castilho Barreto.
5 Affonso de Lamartine.
6 D. Agostinho Guilherme Charem.
7 Alcide de Orbigny.
8 Alexandre Herculano.
9 Alexandre de Humboldt.
10 Alexandre Magno de Castilho.
11 Anatole Saulmier.
12 D. André Bello.
13 Cardeal Angelo May.
14 Padre Angelo Secchi.
15 Antonio Lopes da Costa Almeida.
16 Antonio José de Lima Leitão.
17 Augusto de Saint-Hilaire.
18 Barão de Planitz.
19 Barão Leopoldo de Daizer.
20 Barão Walcknaer.
21 Barão de Langsdorff.
22 Barão Rouen.
23 Bouillet.
24 Cardeal Bartholomeu Pacca.
25 D. Carlos Antonio Lopes.
26 Carlos Frederico Hartt.
27 Carlos Frederico Phillipe de Martius.
28 Conde de Camaldoli.
29 Conde de Molé.
30 Conde Ney.
31 Conde do Lavradio.
32 Conde de Castelnau.
33 Dr. Cuissart.
34 Diogo Kopke.
35 Duque de Doudeauville.
36 Duque de Palmella.
37 Duque de Saldanha.
38 Duque de Montmorency.
39 Duque d'Elchingen.
40 Eduardo von Laemmert.
41 Eugenio Garay de Monglave.
42 D. Filippe Pardo.
43 D. Florencio Varella.
44 D. Francisco de Borja Magarino de Cerrato.
45 D. Fr. Francisco de S. Luiz.
46 Frederico Luiz Guilherme de Warnhagen.
47 Fernando Petrich.
48 Fernando Halfeld.
49 Dr. D. Frederico Errazury.
50 Francisco Guizot.
51 D. Genaro Merolla.
52 Hercules Florence.
53 Ildefonso Leopoldo Bayard.
54 Innocencio Francisco da Silva.
55 Jacob Van Erven.
56 J. B. Eyriés.
57 J. C. Milliet de St. Adolphe.
58 João Baptista Debret.
59 João Diogo Sturz.

60 João Henrique Freese.
61 João Quincy Adms.
62 D. João Maria Gutierrez.
63 Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes.
64 Jomard.
65 D. José Delavat y Rincon.
66 Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto.
67 Dr. José Francisco Sigaud.
68 Cavalleiro José de Lucca.
69 José Manoel Valdez y Palacios.
70 José da Silva Carvalho.
71 José Sflvestre Rabello.
72 Julio Frank.
73 Julio Frederico Koeller.
74 Julio de Wallestein.
75 Dr. L. F. Bonjean.
76 Letronne.
77 Levy Maria Jordão.
78 L. Agassis.
79 Luiz Augusto Rabello da Silva
80 Luiz Riedel.
81 Dr. Lund.
82 Manoel José Maria da Costa e Sá.
83 D. Manoel de Portugal e Castro.
84 Manoel y Paz Soldan.
85 Marquez de Sá da Bandeira.
86 D. Martin Fernandes de Navarrete.
87 Mauricio Rugendas.
88 Maximo Raybaud.
89 Cardeal Mezofante.
90 Dr. Mure.
91 Orfila.
92 Pedro Clausen.
93 Pedro de Angelis.
94 Principe de la Moscowa.
95 Principe Eugenio de Saboia Carignan
96 Principe Maximiliano Wied Neuwied.
97 Reybaud.
98 Roberto Southey.
99 Rodrigo da Fonseca Magalhães.
100 Roque Schuch.
101 Scipião Domingos Fabrini.
102 Cavalleiro de St. Georges.
103 Silvestre Pinheiro Ferreira.
104 Theodoro Miguel Villardebo.
105 Theodoro Monticelli.
106 Theodoro Taunay.
107 D. Thomaz Guido.
108 Visconde de Castilho.
109 Visconde de Chateaubriand.
110 Visconde de Almeida Garret.
111 Visconde de Osery.
112 Visconde de Santarem.
113 Washington Irving.
114 Wenceslão Paunero.

Resumo

Actuaes

Socios nacionaes	167
Estrangeiros.	169

Fallecidos

Nacionaes	370
Estrangeiros.	114
	820

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1880

PRESIDENTE

Visconde do Bom-Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO

Conselheiro José Ribeiro de Souza Fontes.

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Antonio Henriques Leal.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Barão Homem de Mello.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Luiz Francisco da Veiga.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. José de Saldanha da Gama.
Conselheiro José da Costa Azevedo.
Commendador João Wilkens de Mattos.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláo de Souza Mello Netto.
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

João Barbosa Rodriques
Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Dr. Antonio Henriques Leal.

HISTORIA

DA

GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 198 do tomo XLII, parte I)

Livro quarto

CAPITULO I

Da chegada de uma grande e poderosa armada de Hollanda ao Recife, e da muita festa que os hollandezes fizeram com sua vinda, e de como os nossos mestres de campo governadores se começaram a prestar para a defesa d'estas capitanias.

Os mestres de campo governadores, vendo-se faltos do necessario para continuarem a guerra, e para pôrem ao inimigo mais duas baterias, mandaram em 13 de Fevereiro de 1648 á Bahia ao capitão Paulo da Cunha Sotto-Maior, a pedir ao conde-general Antonio Telles Villapoucas algumas peças de alcance e munições, porque havia já bem poucas, e que mandasse alguma gente e gado. Escrevendo juntamente

aos officiaes da camara d'aquella cidade, pedindo-lhes fizessem a mesma petição ao conde, e que soccorressem com gado, pois estavam tão abundantes d'elle, quanto elles n'aquella campanha faltos. Fez o conde a Paulo da Cunha, sargento-maior do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornando-o a mandar para a campanha, muito carregado de esperanças, que soccorreriam com o que pudessem, e os officiaes da camara d'aquella cidade não responderam ás cartas que elle lhes levou dos d'esta campanha, e quando faltavam ao que com tantas véras se lhe pedia, não deviam faltar á correspondencia da devida cortezia.

Emquanto o sargento-maior Paulo da Cunha vinha da Bahia para a campanha de Pernambuco, aportou pelo mez de Fevereiro ao Recife uma poderosa e grossa armada de Hollanda, de que é necessario, tornando mais o passo atrás, fazer menção pela maneira seguinte:

Havia algum tempo que os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros tinham por noticia, que em Hollanda se fazia e aprestava uma grande e poderosa armada para os hollandezes restaurarem a campanha das capitanias de Pernambuco, e que a companhia ou bolsa das Indias Occidentaes pedira ajuda e soccorro aos Estados, os quaes lhe deram para este effeito muitas náus e gente de guerra, e lhes pagaram aos da bolsa dinheiro que lhes deviam para o fornecimento da armada, e juntamente os judeus d'aquellas provincias se haviam fintado e ajuntado cópia de dinheiro, para ajudar ao gasto e preparação d'ellas; porém os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros não sabiam com certeza se esta armada se fazia, até que alguns flamengos que se passaram para a nossa parte confirmaram que no Recife a estavam esperando, e principalmente uma caravella vinda de Lisbôa ao Pontal de

Nazareth poucos dias antes que a armada aportasse, trouxe aviso em como vinha em demanda do Brasil, e que era já partida, e por se imaginar em Portugal, que iria acommetter a Bahia, onde estava situado e feito forte o Segismundo como temos contado, para ter preparado posto para os seus, como o que se dava a entender que vinha em demanda da Bahia, e que Sua Magestade, para segurar aquella praça, e não se fiar dos flamengos, que debaixo de tregoas lhe occupavam algumas terras da corôa de Portugal, como temos feito menção no primeiro livro, capitulo dezesete, mandára a poderosa armada, de que veiu por general Antonio Telles Villapoucas, que vinha na capitanea de Portugal, que era uma náu das mais grandiosas e bem fornecidas de soldados, e artilharia, que se podia vêr. Tambem tiveram aviso que a armada hollandeza, que havia partido de Hollanda no mez de Dezembro do anno de antes de 1647. Chegando ao meio do estreito, como o tempo era de inverno, lhe déra tal tempestade e borrasca, que algumas náus se foram a pique e outras derrotaram pela costa de França, e algumas entraram em Portugal, porém as mais d'ellas vinham para o Brasil.

Com este aviso se começaram a preparar os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, até que em Fevereiro chegou esta armada, como acima dissemos, a avistar o Recife, a qual constava de sessenta náus (não fallando nas que derrotavam no estreito) de guerra bem artilhadas e providas de infantaria e mais petrechos, e muitas d'ellas demasiadamente grandes, por serem náus do Estado, e uma d'estas, que era muito grande, porém muito larga, quando chegou, soltou trinta peças de artilharia por banda. N'ellas vinham seis mil homens d'armas e tres mil do mar, e quando partiu de Hollanda trazia nove mil homens de guerra, de que os tres

mil uns morreram nas náus que foram a pique, outros foram nas que derrotaram pela costa de França, de que poucos escaparam; outros nas náus que entraram em Portugal, de sorte que com seis mil homens de guerra e tres mil do mar chegaram ao Recife. Mandaram os da Bolsa, por general da armada, um presidente supremo da companhia chamado Van Goch, que outros, corrupto o vocabulo, chamavam Vandthonga; porém, chegado á terra, entregou o governo da gente de guerra a Segismundo Vandescop (*van Schkoppe*), de que temos feito tanta menção, que era governador das armas hollandezas n'esta guerra.

Tanto que esta poderosa armada chegou á vista do Recife era para vêr, como vinham as náus soberbas e guerreiras, com suas bandeiras e galhardetes em som de guerra tremulando, ostentando diversas côres, azul e branco, e côr de amarello tostado, das provincias de Hollanda, com suas armas, leões, braços nús, com espadas empunhadas nas mãos, e outras muitas das provincias confederadas. E não poucas de côr vermelha purpurea que denunciavam guerra. Chegando mais perto do porto do Recife, deram sua salva de artilharia, e, quando cada uma entrava pela barra, disparava as peças que levava, e os soldados davam surriadas de mosquetaria, que parecia que o céo vinha abaixo com o estrondo e estrepito que faziam; correspondeu-lhes o Recife, disparando de todas as suas fortalezas innumeraveis peças de artilharia, fuzilando o ar e ficando o mar claro, que parecia que tudo ardia em fogo vivo, e o fumo tão vasto e espesso, que escurecia a claridade do dia; e os hollandezes do Recife deram tres salvas de mosquetaria, ouvindo-se o echo em partes muito distantes, havendo muitas luminarias e outros fogos festivaes n'elle e na cidade Mauricia, com que bem significavam a alegria e contentamento que tinham, dando-se os flamengos e judeus os parabens uns aos outros, por se

vêrem soccorridos com tão poderosa armada, fazendo muitas festas e applausos, tendo já por ganhada e restaurada a campanha, e sujeitos outra vez os moradores, os quaes já se davam por acabados; e bem se póde inferir quão enfadados, tristes e pensativos andariam vendo-se sem soccorro de Portugal, pois a armada fôra para a Bahia; e considerando os extremos que haviam feito por seu rei e patria, oppondo-se a tantos perigos, soffrendo tantas miserias e trabalhos como se tem visto n'esta historia, comtudo lhes servia de consolação uma firme confiança, que tinham, de que Deus os não havia de desamparar em tão grande tribulação em que se viam com o inimigo tão poderoso á porta, que desejava de os tornar de novo a sujeitar, para executar maiores tyrannias que d'antes; e considere o leitor que taes poderiam ser e quaes se usariam com homens que se haviam levantado por suas justas causas, e que tanto damno tinham feito aos hollandezes, se no tempo passado as experimentavam tão exorbitantes e rigorosas, que seria, tornando-os a submetter ao seu jugo e intoleravel captiveiro.

Porém, assim como aquelles valorosos e esforçados Machabeus, como consta da sagrada escriptura, por libertarem sua patria dos perversos gentios que os opprimiam com uma dominação tão aspera e rigorosa, se oppuzeram a tantos perigos e tantas calamidades, fazendo com tanto valor guerra a seus inimigos que, sendo tantos e elles tão poucos em numero, favorecendo Deus seus bons intentos, venceram e desbarataram tantos exercitos, alcançando memoraveis e gloriosas victorias, como se contém no livro dos Machabeus diffusamente; assim os nossos soldados estavam com grande animo, raro esforço e admiravel brio para defender a religião catholica, a patria e a liberdade, tendo contra si tantos inimigos e infieis, confiados em Deus, cuja era a causa,

que os defenderia de seus adversarios e daria vencimento contra elles, o que patente e manifestamente se viu, porque em espaço de dez mezes, sendo tão poucos em numero, alcançaram tão insignes e tantas victorias e preclaros trophéos. Exemplo que nos mostra evidentemente como Deus acode com seu divino auxilio e favor nas maiores afflicções, trabalhos e desamparo; pois, vendo-se os soldados e moradores sem soccorro nenhum, faltando-lhes o que de Portugal esperavam, elles só governados por seus valorosos mestres de campo, ficaram victoriosos e triumphantes com tão insignes victorias.

Tinham propostos diante dos olhos innumeraveis exemplos, antigos e modernos, em como pequenos exercitos desbarataram e venceram a grandes e copiosos. Um portuguez Viriato, com tão poucos soldados, desbaratou tantos exercitos dos romanos, que tanto na arte militar floresceram? Um Sertorio, com tão pouca gente, venceu tanta. E outros muitos que nas historias a cada passo occorrem. O valente Scanderbeg, por libertar a cidade de Croia, patria sua, e o reino de Epiro, desbaratou e venceu tão copiosos exercitos de turcos, prostrando a soberba e arrogancia insolente de Amurathes, imperador turco, com tão poucos, mas não inferiores soldados, que mais se attribuiam as victorias a milagre do que a poder humano. El-rei D. Pelaio, que escapou do poder dos mouros africanos na memoravel e fatal batalha d'el-rei D. Rodrigo, e dentro em uma cova subterranea em Asturias, com bem pouca gente, se defendeu d'um grande exercito, pelejando o proprio céo por elle, porque as frechas, disparadas pelo inimigo, retrocediam e matavam os africanos, que as lançavam; e com este feliz successo, deu principio á acclamação da liberdade de Hespanha; como o fizeram Ignhigo Arista, D. Sancho Abarca, que libertaram os reinos de Aragão e Navarra da tyrannia dos mouros. Mas,

para que se buscam exemplos estranhos, quando vemos que o santo rei D. Affonso Henriques, com tão pequeno exercito no campo d'Ourique, desbaratou cinco reis mouros, dando feliz principio ao reino de Portugal e sua liberdade, como se póde vêr diffusamente, além dos antigos historiadores, na historia dos reis portuguezes, que com tanta erudição escreveu em lingua latina o padre Antonio de Vasconcellos, da companhia de Jesus, e o doutissimo chronista de Portugal Fr. Diogo Brandão, na terceira parte da *Monarchia Lusitana*, que foi proseguindo com tanto applauso dos doutos.

El-rei D. João I, com tão pouca gente na batalha de Aljubarrota, venceu a el-rei de Castella com tão numeroso exercito, libertando a Portugal do jugo que lhe queria pôr. E o valoroso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, com poucos soldados, tantas vezes venceu grande copia de castelhanos. Pois os nossos valorosos heróes da India Oriental? Um Duarte Pacheco, que, com tão poucos, resistiu ao poder superior de Calecut? Um D. Francisco d'Almeida, que desbaratou a armada naval do soldão do Egypto, em que vinha por general Myrozem? Um Affonso d'Albuquerque, que tão illustres triumphos e tão magestosos trophéos alcançou de seus adversarios? O valor com que Antonio da Silveira e o Mascarenhas, sujeitos valorosos, defenderam dois cêrcos tão memoraveis da fortaleza de Diu? Um D. Luiz d'Athaide que, com tanto esforço e brio, defendeu tantos sitios, que em um mesmo tempo puzeram os mouros ás principaes cidades da India? Finalmente, em nossos tempos, um André Furtado de Mendonça que, com tão pouca gente, desbaratou o poder do Cunhale, aprisionando-o um Ruy Freire d'Andrade, um Botelho e outros muitos, cujas generosas acções, grandiosos e illustres feitos, pregôa a fama pelo universo orbe? Comtudo os exemplos dos varões de fama, que apontamos, comparados com os valorosos soldados de Pernambuco,

posto que se respeita a veneravel antiguidade, parecem quasi superiores, no que obraram, a quem pondera e considera os requisitos que ha na materia, porque sendo tão poucos, em numero sem premio, sem serem assistidos do braço real, sem se lhes fazer nenhuma paga, sem o necessario sustento, nús, despidos, mortos de fome, sem terem o que lhes bastasse para a guerra, e essa continua e perpetua todos os dias e muitas noites, no caloroso verão e rigoroso inverno, perseguidos de frio e fome, mosquitos e outras inclemencias do tempo, e muitos, que digo, a maior parte d'elles nas trincheiras, assistindo nús em carnes, sem camisas, cobertos com rotos e lacerados capotes, e alguns sem elles, e outros muitos descommodos, que em silencio passo, sendo o inimigo da mais bellicosa nação da Europa, militando entre os hollandezes tantas castas de gente, abastados de todo o necessario para a guerra, satisfeitos de seus estipendios, fardas e rações congruentes para passar a vida; que na real verdade, que foi isto uma cousa tão grandiosa e desusada, que não sei se no mundo succedeu outra semelhante; e uma cousa é escrevêl-a com a pluma, e outra vêr com os olhos tanto valor, constancia e magnanimidade, o que foi patente, manifesto e evidente, a quem por seus olhos o viu, e o esteve considerando, e ponderando tantas vezes, em tantos annos de guerra, de que eu posso dar, como o dou n'esta historia, um fidelissimo testemunho, como de vista, posto que não o digo, encomio de louvores, tão egregios e singulares, quantos elles merecem e eu grosseiramente descrevo, mas Deus ha e rei, que souberam pagar, como é justo, a tão benemeritos e animosos soldados, os heroicos feitos que obraram.

De sorte que estavam os nossos soldados animosos, não temendo, sendo tão poucos, e com os descommodos e calamidades, que padeciam e temos referido, o grande poder

do inimigo, antes desejavam já de vir ás mãos com elle. Os mestres de campo governadores, com alegre semblante e cara a todos animavam, promettendo-lhes insignes victorias de seus inimigos e tratando de ordenar e preparar as cousas necessarias para a defesa; e considerando que qualquer poder, posto que grande, dividido, facilmente se destrue e desbarata, quanto mais tendo elles tão pouca gente e tão dividida, e vendo-se juntamente em uma campanha tão aberta e espaçosa, que era impossivel defendêl-a, se resolveram a mandar, como com effeito se fez, retirar a infantaria e moradores da villa de Igaraçú, com todo o seu districto, deixando juntamente o Páo-Amarello, Jaguaribe, Paratibe, e a villa de Olinda, para que junta a infantaria, que por estas partes estava dividida, unida e encorporada com a do arraial e fronteiras, pudessem pelejar com o inimigo e esperar o ultimo rigor da fortuna.

Os moradores d'estas partes, que dissemos, se retiraram com muita pressa, que deixaram suas casas, com parte do pouco que possuiam, experimentando em tão pequena retirada, miserias e trabalhos; e porque muitos queriam ir tomando o caminho para mais longe, mandaram os mestres de campo, com graves penas, que não passassem da villa de Serinhaem. De sorte que os moradores retirados occuparam desde a Moribeca até Serinhaem, accommodando-se o melhor que puderam, posto que com as muitas descommodidades, que em retiradas semelhantes succedem, mas já não tratavam de mais que livrar as vidas de tão crueis inimigos, que com tão poderosa armada, e com o mais poder que tinham no Recife, estavam tão ufanos e contentes, e os moradores sem soccorro nenhum, como dissemos, mais que confiados em Deus e no valor de seus soldados, e brioso proceder.

CAPITULO II

De como os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros mandaram juntar toda a infantaria, para resistirem ao inimigo, e do edital de perdão, que promulgaram os do supremo conselho do Recife, e carta que escreveram e resposta que se lhes mandou.

Remediado o incommodo que se temia com a retirada dos moradores e infantaria, ficou outro não menor que foi vêrem e considerarem os mestres de campo governadores, ser a varzea de Capibaribe indispensavel, por ser tão aberta, e que podia acommetter o inimigo, pois tinha tão superior poder, pela estancia do capitão João Soares de Albuquerque, e pela de Henrique Dias, e pelas dos capitães Cosme do Rego Barros, Antonio Borges Uchôa ou de D. Antonio Phillippe Camarão e pela Barreta, e que não tinham bastante poder, para resistir em duas, quanto mais em tantas partes, e que facilmente degolaria o inimigo muita gente sem lh'o poderem impedir; e que quando por estas partes não acommettesse, quereria occupar o posto da Jangada ou da Moribeca, ou Nazareth, e que era forçoso ir acudir com todo o poder a qualquer das partes, que fôsse acommettida, ficando as fronteiras desprovidas, e sómente a força da bateria que fizeram e a do arraial com gente necessaria, pelejando os nossos com o inimigo em qualquer das tres partes; e por estas razões ordenaram que, sahindo o inimigo com o seu exercito do Recife, fôsse todo o nosso poder e cabedal a pendenciar com elle, ficando guarnecida a força da bateria, e a do arraial, para que, se houvesse pendencia em qualquer das tres partes que dissemos, Jangada, Moribeca e Nazareth, se pudessem defender as duas

forças, sem embargo que tiraram d'ellas as peças de artilharia de bronze, de mais consideração, que mandaram para Nazareth, deixando sómente n'ella as de ferro até se saber o designio do inimigo, o qual não estava ocioso, mas gastando o tempo em formar esquadrões, exercitar os soldados todos os dias, para a entrada que determinava fazer na campanha.

Os mestres de campo governadores, vigilantes com mais olhos que Argos, sem perder ponto, acudindo ás cousas necessarias do bem da guerra e defesa da terra, despacharam officiaes de milicia por toda a campanha para conduzirem todos os que fôssem capazes e idoneos de tomar armas, e ajuntar os soldados que andavam espalhados á suas bandeiras, mandando deitar bandos e publicar editaes por todas as freguezias, em que franqueavam a todos os homisiados, que andavam occultos pela campanha e matos, a que viessem merecer o perdão de suas culpas, tomando armas contra o inimigo.

Ajuntou-se toda a infantaria no arraial, pelos primeiros dias de Abril, que era a semana santa em que se fez rezenha geral, e se acharam mil e oito centos soldados de Pernambuco do terço do mestre João Fernandes Vieira, e setecentos e cincoenta homens do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, e trezentos e cincoenta, que muitos assistiam em Nazareth. Do governador dos pretos, Henrique Dias, trezentos, e de D. Antonio Phillippe Camarão, trezentos e cincoenta indios, que fazem a somma de tres mil e quinhentos e cincoenta homens, porém, ha de se advertir, que sómente dois mil e duzentos se acharam na batalha dos montes Guararapes, porque os mil e tantos ficaram repartidos pelos postos de Nazareth, Arraial, Jangada, Força da bateria, e outros foram necessarios para outros ministerios. Tambem se ajuntou alguma gente de cavallo, de que era capitão

e cabo Antonio da Silva e seu tenente Domingos Gomes de Brito. Esteve a gente posta em ordem e ponto de peleja, occupando cada troço seu quartel, sempre com as armas na mão, esperando pelo inimigo com muito animo e brio, conhecendo o quanto lhe importava pelejar pelas justas causas que tantas vezes se tem dito.

Haviam já os hollandezes do supremo conselho do Recife mandado deitar pelas praias cartazes ou editaes em que, diziam elles, perdoavam aos moradores, se dentro de dez dias fossem a tomar os passaportes. Mandaram de noite á todas as fronteiras os mesmos cartazes e editaes, e além d'estes deitar muitos papeis nas estancias fronteiras de Henrique Dias e do Camarão; e vendo ultimamente que os moradores fizeram pouco, ou por melhor dizer, nenhum caso de seu perdão, ameaças e terrores, mandaram, em 2 de Abril, uma embaixada ao Recife, com os mesmos editaes, com carta juntamente para os mestres de campo governadores, a qual traduzida de flamengo em portuguez dizia assim:

«Carta.—Por particular ordem que tivemos, mandada a nós pelos poderosos senhores dos Estados-Geraes, Sua Alteza o Principe de Orange, e a geral outorgada companhia Occidental nos mandou o nosso poder já chegado, e outro que estamos esperando para proceder contra os que se tiraram debaixo de nossa obediencia, conforme a ordem mandada outra vez contra elles, e já o temos feito a todos, e mandado que qualquer pessoa ou nação de qualquer estado ou qualidade que sejam em nome dos ditos senhores, mandamos offerecer e apresentar um perdão geral do seu levantamento e outras cousas mal feitas; assim, em cumprimento dos ditos mandados o temos mostrado e publicado, e mandado a VV. SS. com muita certeza de que tudo dito se ha de cumprir da nossa parte, pontualmente, como n'elles se contêm, e sobre esta declaração esperamos seis dias por resposta de

V. S. Feita em nosso conselho no Recife de Pernambuco em 2 de Abril de 1648.—*João Bullestrate.—Henrique Hamel.—Pedro Bas.*—Secretario, *João Balbe Kes.*»

As cartas ou edital que publicaram os hollandezes, e mandaram com a carta aos mestres de campo governadores, vinha escripto em lingua portugueza, mas mal polida, como n'elle se verá e era pelo teor seguinte:

« O presidente e mais conselheiros, que representam o supremo governo nas terras que conquistámos, ou para conquistar ainda no Brasil, em nome, e da parte dos illustrissimos, altos e poderosos senhores dos Estados-Geraes das unidas provincias, Sua Alteza o Sr. Principe d'Orange e geral outorgada companhia das Indias Occidentaes, a todos os que estiverem presentes, ou ouvirem lêr, saúde. Fazemos saber, por quanto a nosso cargo está a restauração do estado miseravel d'esta terra, causado pelo levantamento dos moradores portuguezes, e dos que com elles se ajuntaram, os quaes contra seu juramento de fidelidade se apartaram de nossa obediencia, e n'isso até agora estão considerando, por cuja causa justamente estão cahidos de todos seus bens e vidas, e com toda a razão se deve vingar-se d'elles, maiormente por terem commettido tantos e tão crueis excessos contra a nossa nação, durando este levantamento; porém, e sem embargo de tudo o acima dito, ordenaram muito particularmente os muito altos e poderosos Estados-Geraes, e as provincias unidas, Sua Alteza o Sr. Principe d'Orange e geral outorgada companhia das Indias Occidentaes, como tambem nossa propria inclinação, e para bem e conservação dos moradores, e suas posses d'elles, que antes de mandar á campanha este soccorro tão poderoso de soldados, e munições por parte chegado e ainda para chegar: outra vez usar da clemencia para evitar derramação de sangue, e ruina e destruição de terras e gente,

e de novo convidar aos ditos para se tornarem a submetter debaixo de nossa obediencia, a qual de presente fazemos, e em nome e da parte acima declaramos, que remettemos e perdoamos a todos de qualquer estado nação ou condição que sejam (e tirando Theodoro Vanhooch Estrade *(van Hoogstraeten)*, e outros officiaes que deixaram seu natural serviço e governo dos muito altos e poderosos Estados, Sua Alteza e companhia, e se ajuntaram com os levantados) de todas as corporaes e semelhantes penas, que ou pelo levantamento contra este Estado ou depois até agora por elles commettidos, tiverem merecido, e o que mais é, seguraremos e acudiremos a todos os que esta nossa clemencia aceitarem em suas posses e propriedades, contra todos e quaesquer que os quizerem desinquietar ou molestar. Tambem serão geralmente governados com toda a civilidade, e igualmente como os vassallos d'este Estado com condição que depois da publicação e prégão d'este Edital venham apresentar diante de nós, ou nas freguezias de fóra, diante de nossos commendores todos de idade de dezeseis annos até setenta, dentro em dez dias, para fazer de novo o juramento de fidelidade, com pena que, ficando em falta de não apparecer dentro no dito tempo limitado, perderão esta graça e clemencia offerecida pelos muito altos e poderosos Srs. dos Estados-Geraes, Sua Alteza e companhia occidental.

Declaramos mais, que acabados os ditos dez dias usaremos do poder que por mar e terra temos, e a este respeito por ora nos é mandado, e ainda por diante está para vir, juntamente da infantaria, que antes da chegada d'esta armada n'esta terra esteve, e dos mais confederados, nossos indios e tapuias, que se possam ajuntar para a extinguir e perseguir com rigor, sem dilação ou dissimulação alguma a todos os que não aceitarem esta nossa graça e clemencia; protestando da nossa parte, diante de Deus e de todo o

mundo, de sermos innocentes de todas as miserias e calamidades, que possam resultar de não aceitarem esta nossa clemencia e piedade. Dado em nosso conselho no Recife de Pernambuco a 2 de Abril de 1648 annos.»

N'este edital vinha assignado o presidente Van Goch com mais outros tres dos do supremo conselho, e o secretario d'elle.

Os mestres de campo governadores, havendo visto a carta e mais papeis, lhe responderam pela maneira seguinte: « Querendo nós responder á carta e mais papeis de VV.SS., que á nossas mãos chegaram, nos pareceu acertado começar pelo ponto mais aggravante e escandaloso de todos elles, que é a protestação que VV. SS. fazem diante de Deus e de todo o mundo, como se ao mesmo Deus e mundo todo fôsse escondido o injusto procedimento com que os Srs. flamengos se houveram sempre, e actualmente vão proseguindo na mesma materia de que protestam. Por ventura deixarão de ser notorias (não só a Deus, a quem nada se encobre, mas ainda ao mais remoto do mundo) as tyrannias que se executaram nos portuguezes moradores do Rio-Grande, os quaes tomando as armas, obrigados de sua natural defensão, e depois entregando-as com o partido da vida, que debaixo de palavra dos Srs. Estados-Geraes e do Sr. Principe d'Orange lhes foi promettida, os Srs. flamengos não sómente lh'as não concederam, mas ainda lh'as mandaram tirar pelo gentio com tão extraordinarios modos de martyrios, que ás mais barbaras nações podiam causar espanto, executando o mesmo rigor nos districtos de Cunhaú e Parahyba, que por ser tão publico, e ainda pelos mesmos flamengos moradores estranhado, não é necessario extensamente declaral-o, de mais de outros insultos differentes, irritando os animos dos portuguezes, sujeitos com estupros, adulterios, roubos e homicidios, sendo-nos tão presentes, como perpetuamente

serão as donzellas que violentamente desfloraram, as casadas que deshonraram, e com a mesma força os innumeraveis templos que violaram, finalmente, os muitos a quem por usurpar suas fazendas tiraram as vidas.

Pois se estes casos, tão exorbitantes, conhecem VV. SS. melhor do que nós lh'o sabemos referir, com que fundamento commettem agora partido aos portuguezes d'esta terra, ou esperam d'elles sujeição alguma?

Por ventura são elles tão nescios, que os mova a esperança de algum bem, ou tão inferiores que os obrigue o temor de algum mal? Quanto ao primeiro, que bem podem esperar de quem sempre receberam males? Ou palavra aceitar de quem nunca lh'a cumpriu? Se os Srs. flamengos, tantas vezes lh'a quebrantaram, quando os tinham sujeitos, como lh'a guardarão agora quando os têm em conta de levantados?

Quanto ao segundo, nenhuma inferioridade conhecemos em nós para que hajamos de sujeitar-nos, a quem esperamos brevemente vencer; porque em primeiro logar, se á VV. SS. chegou soccorro, consta-nos bem o quanto vem diminuto, parte perdida, parte arribada, e da que chegou ao Recife, os mais dos infantes bisonhos, moços e opprimidos da doença; e quando não sejam estes, senão o contrario, nem por isso bastam a contrastar tantos e tão valorosos soldados, como temos n'esta campanha, cujo grande numero VV. SS. não ignoram, pelos muitos que das capitanias retiradas se reduziram a esta, e tão expertos e de tanto valor como os Srs. flamengos, tantas vezes a seu pezar têm experimentado. Em segundo lugar, nós justamente defendemos a propria terra das tyrannias que tantos annos a opprimiram, e VV. SS. de novo pretendem tyrannicamente conquistar a alheia; sobretudo nós não devemos nada á VV. SS., salvo algumas dividas e dinheiro de

particulares; as quaes todas as vezes que VV. SS. quizerem pôr-se na razão, pontualmente lhes serão satisfeitas, por onde, como Deus seja a mesma justiça, é certo que se ponha da nossa parte, onde ella sobra, que por elle respeito seguramos, esperamos o favor divino, que VV. SS. não têm lugar de esperar, para que em todo se desenganem de nos persuadir com promessas, nem temos necessidade de as aceitar, nem razão alguma de nos crêr. Tratem de sahir á campanha, onde ha tanto que os esperamos, estando certos, que a nossa maxima é vencêl-os ou morrer, posto que se VV. SS. quizerem reduzir a guerra a outros meios de alguma composição, de que necessitam, e a nós não desconvenha, em tal caso não deixaremos de nos conformar com elle, pelo que devemos á christandade, que patria, nem entregar nossas liberdades, poderemos admittir, estando prestes para corresponder com toda a boa razão, que acharmos com VV. SS.; e fóra d'aqui qualquer outro intento que emprehenderem, se fôr de industria, lhes sahirá baldo, se fôr de guerra, lhes será custoso, que para uma e outra cousa estamos bem prevenidos, com presupposto de seguirmos em tudo os mesmos estylos, e usar os mesmos rigores, que VV. SS. executar quizerem, protestando diante de Deus e do mundo, com mais razão que VV. SS., pelo derramamento de sangue, que de tudo o que succeder VV. SS. são a occasião; que nós sómente tratamos de nossa defesa, cujo bom successo esperamos de Nosso Senhor, e fiamos de nossas armas, pois o valor d'estas e o escarmento de nossos animos não admittem, como antigamente, passaportes. E se o tempo presente é outro, outros devem ser os meios de conquistarmos.

Seja o ultimo, que devêra ser o primeiro, de presente nos consta que os Srs. flamengos puzeram fogo, e deram golpes em algumas imagens que estavam nas igrejas

d'Igaraçú, não é novo n'elles obrar tão nefarios e lamentaveis sacrilegios; mas, inadvertencia muito para estranhar, que á vista d'elles não commettam partidos de vida, a troco da nossa sujeição, como se nos houvesse de guardar palavra ou respeitar promessas, quem tão sacrilegamente quebranta a fé e respeito que a Deus e a seus santos se deve; que observancia se achará de paz com homens, que com Deus e suas imagens exercitam guerra.—Os mestres de campo governadores *João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros.* »

Mandaram tambem os mestres de campo governadores ao Camarão e Henrique Dias firmassem duas cartas, que lhe elles mandaram feitas, em seu nome d'elles, para juntamente remetterem ao Recife, por nas duas estancias dos sobreditos se haverem mandado lançar cartazes e muitos papeis. Era a carta do Camarão escripta pelo teor seguinte :

« Não temos para que haver mister papeis, salvo para cartuxos de nossas armas, que os meus soldados trataram mais d'ellas que de escripturas, porque, ainda que as soubessem lêr, confesso que são tão precipitados e inquietos, que se não acha n'elles tanta fleuma : muita deve do ser a de VV. SS., pois, havendo tantos dias que lhes chegou a sua armada, ainda hoje nos têm ociosos. Saiam já á esta campanha, que a peito descoberto os esperamos n'ella, e eu o fizéra só com meus soldados, quando não tiveramos tão poderoso exercito, como o que temos, e tão acostumados a vencer, como VV. SS. sabem. Saiam que se a este desafio me incitára o valor de soldado, me obrigára o zêlo christão, pois que os Srs. flamengos, depois de tantos sacrilegios antigos, de novo os começam a executar, abrazando e cortando as imagens santas dos templos d'Igaraçú. Façam a guerra a quem lhes ha de dar o

castigo, com a espada na mão, e não cortem com ella a quem por sua misericordia o dissimula. Saiam VV. SS. para que, desenganados com obras, o que tratam de enganar com palavras, tão infalliveis costumam ellas ser, que nos não possam persuadir, ou nós tão ignorantes que as hajamos de crêr? VV. SS. nos dizem que têm muitos indios e tapuias confederados,não temos nós tão pouco conhecimento d'elles que assim os julguemos, nem elles tão cegos, que me deixem a mim, que sou seu natural, e a superioridade do nosso poder, a defensão de sua patria propria, e a razão que têm de morrer por ella, para, em contrario de tudo, se passarem a VV. SS. que são estranhos, e para seu poder inferior, para os destruidores da patria d'elles, e com nenhuma razão conquistadores do alheio. Desenganem-se de mais traças, que todas as suas importam pouco para nós, porque totalmente resolutos nos deliberamos a morrer ou vencer; mas vencer será o mais certo, pois, temos o favor divino pela justiça de nossa defensão, e o humano pelo maior numero e valor de nossas armas.–*D. Antonio Phillippe Camarão.*»

A carta que escreveu Henrique Dias era a seguinte:

« Onde estão as armas, escusados são os papeis que VV. SS. mandam lançar; os meus soldados não entendem tanto d'elles, como dos muitos e grandes mosquetes que trazem na mão, maneados com tanta presteza e valor, como os Srs. flamengos cada hora sentem: com estas armas ou outras quaesquer, podem VV. SS. sahir á campanha, onde eu não sómente os espero, mas os convido, e seja logo, que, como sou soldado, não quizéra gastar mais tempo, nem mais palavras, maiormente que, quem como nós tem de sua parte a razão, não ha mister razões das muitas de VV. SS., colho eu seu pouco poder e menos obras: as de meus soldados hão de ser as que sempre foram, e as que se podem esperar de homens

tão acompanhados da justiça, valor, constancia, resolução e pouca fazenda; que sempre temeu menos a morte quem menos tem que gastar na vida: pelas dos Srs. flamengos não darei duas placas, fóra de suas forças, e ainda n'ellas Deus sabe minha tenção; o mesmo Senhor a ha de favorecer, que assim o espero, pois é tão justa, quanto, pelo contrario, injusta e sacrilega a dos Srs. flamengos, pois que de proximo, na villa de Igaraçú, executavam sua furia com incendios e golpes nas imagens dos santos; quem aos divinos faz guerra, que pazes saberá guardar aos humanos?—*Henrique Dias.* »

CAPITULO III

De como se entregou o governo das capitanias de Pernambuco ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.—Conta-se em summa a campanha, forças e artilharia que ganharam ao inimigo os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e de como Segismundo se preparava para sahir com seu exercito á campanha.

Estando os mestres de campo governadores preparados das cousas necessarias para apresentarem batalha ao inimigo, que sabiam os havia de vir buscar, que para esse effeito se andava aprestando no Recife, chegou aos 20 dias de Abril de 1648 um correio que veiu antes de Paulo da Cunha Sotto-Maior, com uma ordem da Bahia do conde d'Aguiar Antonio Telles, para que se entregasse o governo a Francisco Barreto de Menezes, que havia fugido do Recife, como fica dito. Os mestres de campo governadores, em consideração d'alguns respeitos, e por não entender o conde que lhe não obedeciam á suas ordens, entregaram o governo a Francisco Barreto de Menezes, averiguando entre si primeiro, por serviço de Sua Magestade, deviam ficar elles

na mesma guerra, pelo conhecimento que d'ella tinham, e por serem experimentados, o que assim convinha, posto que Pernambuco não tomou isto a bem, porque requeria a terra pessoa mais experimentada n'ella e pratica no estylo da guerra d'aquella campanha, e de annos bastantes para supportar vontades tão diversas de tantas castas de gente que ha n'aquellas capitanias, e de gente tão bellicosa. Comtudo, foi o governo entregue, ficando os mestres de campo, na mesma praça, por executores da guerra, como das occasiões constará, que, se assim não fôra, sentiriam os moradores a falta, como por experiencia se viu.

E para que se saiba o muito que os mestres de campo governadores fizeram na campanha das capitanias de Pernambuco, direi em summa, porque mais diffusamente se tem n'esta historia escripto algumas cousas essenciaes. Ganharam cento e trinta leguas de campanha, que é desde o Ceará-Merim, que fica abaixo do Rio-Grande até o Rio de S. Francisco, que o inimigo occupava. Ganharam nove fortalezas, afóra muitos reductos e casas-fortes, e n'ellas ganharam setenta e tantas peças de artilharia, em que entraram muitas de bronze de vinte e quatro libras, e a este respeito os mais calibres, havendo mortos e aprisionados dezoito mil e tantos homens do inimigo.

Entregaram mais, para dois mezes e meio, mantimentos nos armazens, porque n'aquelle tempo haviam chegado navios, a que compraram mantimentos, deixando effeitos nas mãos dos moradores e officiaes da fazenda, vinte e quatro contos, e com quebras que lhe deram se cobraram dezesete contos. Ficou de divida dezeseis mil e tantos cruzados, que bem se podiam pagar com os effeitos atrás, como se pagaram.

Deixaram a gente tão destra que, de bisonha, tirados os soldados dos bafos de seus pais, e de indios e negros, fizeram

tão espertos soldados que, com elles, se ganharam tão gloriosas victorias, governando em todo o tempo com grande socêgo e quietação, sem haver alteração entre os soldados por mais miserias que passaram; e governaram com tão feliz ventura, que é o que se busca para o governo, que em todo o tempo d'elles não houve mortes na terra, matando-se uns aos outros, nem o inimigo tomou nenhum navio, nem se perdeu na barra, conservando-se os moradores em grande amizade e quietação em suas casas, sem risco das vidas. E isto tudo, que se ganhou na campanha, foi sem artilharia, que a não havia, senão com espingardas, arcabuzes, páus tostados e á espada, como se tem visto na presente historia; e, sem haver fazenda real nem soccorro, se sustentou a guerra todo o tempo que os mestres de campo governadores governaram.

Na real verdade que foi esta obediencia dos mestres de campo governadores admiravel e unica, que sendo elles os que ganharam tanta terra, e libertaram os moradores do jugo dos hollandezes, principalmente João Fernandes Vieira, que deu tão feliz principio a esta liberdade, logo entregaram o governo sem réplica alguma, sendo que poderiam haver muitas, pois deram principio e executaram esta empreza, outros foram que, com difficuldade, obedeceriam ao que o conde mandava, e em tempo que estava para sahir o inimigo com seu exercito á campanha, e lhes era devido o governo, havendo governado com tanto applauso dos moradores, e sendo tanto de seu seio os soldados que os amavam e tinham em conta de pais, e, além d'isso, sempre nos novos governos ha mudanças; e além de outros infinitos tinham exemplo no valoroso Fernão Cortez, que conquistou a nova Hespanha, e depois tornou a libertar a cidade de Mexico; e, sendo o imperador Carlos V mal informado de suas generosas acções, o mandou tirar do governo, havendo-lhe tanto

custado aquella conquista, mandando por governador a Pamphilo de Narvaes; porém, Fernão Cortez disse que fôra mal informado o Imperador, e que até saber a verdade e elle acabar aquella empreza, que entre mãos trazia, não havia de ceder e desistir de seu governo, e havendo muitas réplicas e contingencias de parte a parte, querendo com infantaria que trazia o Narvaes tomar posse do mando á força d'armas, elle lhe resistiu e repugnou, e não sómente havendo pendencia o prendeu ao novo oppositor, mas tambem sahiu com um olho menos, da contenda; e sendo informado Carlos V do bom governo de Cortez, dissimulou com a cousa e desobediencia, e mandou a Pamphilo de Narvaes á conquista da Florida, o que tudo diffusamente escreve o padre Francisco Lopes de Gomara na *Historia das Indias Occidentaes*, e Antonio de Herrera em suas *Décadas Occeanas*; e pudéra trazer outros muitos exemplos que, por não ser molesto ao eitor, deponho.

Ficaram os mestres de campo sendo executores da guerra, como se irá mostrando, e elles uma obediencia admiravel e perfeita com que illustraram e realçaram mais suas acções famosas e celebres. Emquanto o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, e os outros mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se prepararam para pelejar com o inimigo, que todos os dias esperavam sahisse á campanha, jejuaram os hollandezes no Recife por espaço de tres dias, fazendo muita penitencia, como se nunca a abominassem, fazendo-lhes cada dia seus predicantes duplicados sermões, animando-os com o saque, que lhes promettiam muito rico e abundoso, e os asseguravam, pois tinham tão grande poder de gente, exhortando-os juntamente a que não dessem quartel, como em algumas bandeiras, para que lhes esquecesse, traziam escripto. Diziam tambem por seus favaures, ou interpretes, aos indios

e tapuias que livremente matassem, não perdoando a sexo nem idade, posto que era escusada esta advertencia, que tal como este era o zêlo e piedade com que faziam os jejuns e penitencias; fazendo outras preparações, e ordenando as cousas necessarias para seu exercito, que como era tão poderoso lhes parecia que traziam o pleito vencido, e a victoria certa; porém Deus ordenou outra cousa bem differente do que imaginavam, e traçavam, como iremos referindo nos capitulos subsequentes.

CAPITULO IV

De como Segismundo, governador das armas hollandezas, sahiu com um exercito de 7,400 infantes para recuperar a campanha de Pernambuco, vindo pela Barreta em demanda da Moribeca.

Condemnavam já os coroneis, capitães e mais officiaes militares a muita demora do Segismundo, o qual vendo-se com tanta e tão luzida infantaria, com coroneis e capitães tão guerreiros, se resolveu a sahir publicamente em som de batalha, sem querer-se valer de seus costumados estratagemas; sahiu, pois, do Recife aos dezesete dias do mez de Abril de 1648, uma hora depois da meia noite da sexta-feira para o sabbado, marchando para a força dos Afogados, a qual dista meia legua do Recife, com grande estrondo d'armas, tocando caixas, clarins e trombetas, por imaginar, como de feito segurou sua gente (se bem não faltou quem dissesse o contrario), que logo os nossos, em vendo seus bem ordenados e formados esquadrões, que constavam de 7,400 soldados (afóra setecentos gastadores e negros, que eram os que carregavam a bagagem) com seis peças de artilharia, e suas luzentes e brilhantes armas e bandeiras tremulando, que eram setenta e uma, amedrontados e

intimidados juntamente da cópia e multidão dos selvagens, tapuias e barbaros, que com os indios eram 1,000, com 400 negros seus soldados, se poriam á fugida infame para sem repugnancia lograr seu intento, que era occupar a Moribeca, que ficava entre o nosso arraial e Nazareth, distando do arraial tres leguas, e de Nazareth cinco, d'onde, emquanto se fortificava, determinava mandar á campanha da Varzea 1,000 homens com indios e tapuias para degolarem os moradores, deixando no Recife outros mil homens escolhidos, para virem com seu coronel Henrique Hús (*Haus*) á vista do nosso arraial, a encorporar-se com elle (este coronel Hús (*Haus*) foi o que os mestres de campo governadores aprisionaram na casa forte da Varzea de D. Anna Paes, o qual n'aquelle tempo governava as armas hollandezas), e João Blar (*Blaar*), segundo temos escripto n'esta historia. Ao João Blar (*Blaar*) mataram em Serinhaem, e o Hús (*Haus*) foi para a Bahia, e d'ahi o embarcaram para Portugal, d'onde passou para Hollanda, e veiu na armada, que havia aportado ao Recife, poucos dias havia, para fazer guerra aos nossos; mas, por boa entrada e agazalho, na primeira pendencia perdeu a vida, como iremos relatando, e depois de fortificada e guarnecida a Moribeca, de gente, determinava marchar á povoação de Santo Antonio do Cabo, e d'ahi pôr sitio por terra a Nazareth, que por mar já estavam muitas náus preparadas para a cercarem; e o que havia feito na primeira guerra, intentou fazer n'esta, porém não succedem sempre as cousas de uma mesma sorte.

Bem disposta tinha Segismundo a guerra, se lhe não succedêra o contrario do que tinha traçado. Vinham os hollandezes tão soberbos, orgulhosos, e confiados de que haviam de ficar senhores da campanha, que além de deixarem no Recife muitos carceres e prisões preparadas, traziam diversos generos de instrumentos de martyrio,

com quantidade de grilhões, algêmas, correntes e libambos, de que alguns estão em poder do mestre de campo João Fernandes Vieira, para aprisionarem aquelles, que por então lhes parecesse deixar com vida, para depois lhe darem mais penosa morte; mas Deus, por sua infinita bondade, como aquelle que não admitte soberba, abateu a d'aquelles, mais que o Philisteu que assombrava o povo d'Israel, arrogantes, quando confiavam em o numero de muitos, e de suas armas, levantando os poucos, que, como David, humildes, armados com o poder de Deus, e por sua fé e honra entraram na batalha, que não tão sómente venceram, mas ainda conculcaram as hollandezas bandeiras de que triumpharam, senhoreando-se de muitas armas e da bagagem.

Tanto que Segismundo chegou aos Afogados com seu exercito, trazendo por coroneis d'elle os seguintes: o coronel Vanelles (*van Elts*), que vinha na vanguarda, e foi morto no conflicto, o coronel Kerver (*Keeweer*), que ficou prisioneiro, o coronel Guilherme Outin (*Hautyn*), o coronel Brinch *Brinck*), o coronel Vandebrand (*van der Brande*), o coronel Oltz, afóra o coronel Hûs (*Haus*), que ficou com mil homens no Recife, que veiu depois aos montes Guararapes, e se achou na batalha como iremos contando. Foi recebido com muita festa, tocando-se trombetas e caixas na força, que disparou tada a sua artilharia, fazendo-lhe salva. Fizeram as nossas sentinellas aviso aos capitães fronteiros, que já estavam alerta, porque tudo ouviram, em como o inimigo vinha com todo o poder acommetter o arraial; elles fizeram logo aviso ao arraial, onde no mesmo ponto, tocando-se rebate, se mandaram tomar as armas, e formarem-se esquadrões, tudo a ponto de guerra, pouco distantes da força em uma campina, d'onde até pela manhã estiveram com as armas nas mãos; o inimigo fez frente como que queria acommetter a estancia do capitão

Antonio Borges Uchôa, e foi toda a gente passando o rio dos Afogados para a Barreta, sem os nossos soldados os poderem vêr, por respeito de um grande esquadrão que, rompendo a manhã, os começou a picar.

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, por não ser pratico na campanha, pois tão pouco tempo havia que fugira do Recife, nem saber o modo com que n'ella se pelejava a nossa gente, que é muito differente do de Portugal, por respeito dos sitios, chamou a conselho os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e ao tenente-general Phillippe Bandeira de Mello, e ao tenente-general que foi na Bahia Antonio de Freitas da Silva e ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso para se averiguar se convinha pelejar-se com o inimigo; e havendo varios pareceres n'este particular, foram sempre muito unidos aos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, que convinha pelejar-se com o inimigo; e sem embargo, que foram elles só d'este parecer, e o tenente-general Antonio de Freitas da Silva se seguiu contra a vontade dos mais, por quererem aguardar do inimigo em parte mais apertada e coberta de matos, aonde não se poderia seguir bom effeito, ou que se retirassem para o districto do cabo de Santo Agostinho, e n'aquellas partos se fizesse fronteira, que sem duvida que se alli se fizéra, pudéra haver uma ruina geral, por o inimigo ficar senhor na principal campanha e das forças do arraial, aceitou os pareceres dos dois mestres de campo por haverem sido pessoas que havia dois dias que haviam acabado de governar, e com esta resolução tomada o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes por lhe parecer mais acertado ao serviço de Sua Magestade, e por não ter conhecimento do modo com que se peleja n'esta campanha, como dissemos, entregou publicamente aos dois

mestres de campo a disposição da batalha, e que como tão previstos nas cousas da guerra a dispuzessem, como haviam feito de antes ; o que elles aceitaram com grande demonstração de alegria, agradecendo o favor que com elle esperavam em Deus de fazer um grande serviço a Sua Magestade na batalha e alcançar victoria ; e que lhe advertiam que a sua unica intenção era que, em avistando o inimigo, dar-lhe a primeira carga e investil-o logo á espada. Tudo o que prometteram assignaram por papel, e deram á execução com mais vantagem do promettido.

Mandaram ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso á fronteira ao capitão Antonio Borges Uchôa para descobrir o inimigo, e as sentinellas perdidas do Camarão lhe disseram, que da uma para as duas horas depois da meia noite até aquella, que podiam ser sete horas e meia da manhã, estivéra passando o inimigo para a parte da Barreta. Não se descuidavam n'este tempo os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros de exhortar os soldados, pondo-lhes diante o quanto importava pelejar e vencer o inimigo, pois n'isso consistia o bem de todas aquellas capitanias e resultava tanto a todos, pelejando pela fé e por seu Rei e por suas vidas e honras ; e que, como costumados a vencer, sempre haviam de alcançar uma gloriosa victoria. Os capitães e todos os mais officiaes e soldados se mostraram tão animosos e com tanto valor e brio que já desejavam de vir ás mãos com o inimigo, e qualquer demora lhes parecia grande espaço, animando-se uns aos outros para a pendencia com o excessivo desejo de eternizar sua fama e valor, promettendo a seus mestres de campo de se assignalarem com illustres feitos e magnificas acções n'aquella occasião, em que tanto lhes ia a dizer assim de sua reputação como a defensão de sua patria e vidas.

Chegou ao arraial o sargento-maior Antonio Dias Cardoso e disse que o inimigo ia marchando na volta da Barreta, que assim lh'o certificaram os indios do Camarão, e que os soldados fronteiros estavam pelejando com os esquadrões que lhes ameaçavam a estancia; comtudo esperavam os nossos até o meio dia formados em seus esquadrões, e, vendo que não vinha o inimigo, se mandou tocar a recolher, esperando se fizesse aviso pelo capitão Bartholomeu Soares Cunha, que estava por fronteiro na estancia da Barreta com oitenta e seis homens, parte dos quaes eram da freguezia de Ipojuca, a qual estancia havendo-se mandado largar, como fica dito, tornaram os mestres de campo a mandal-a occupar por não andar o inimigo por aquella campanha á sua vontade.

CAPITULO V

Da chegada do Segismundo com seu exercito á Barreta, e como pendenciou com elle o capitão Bartholomeu Soares Cunha, com 86 homens, de que lhe mataram a maior parte, e de como marchou o nosso exercito a pelejar com o inimigo. Põe-se a descripção dos Montes-Guararapes e Moribeca.

Chegou o inimigo á Barreta e o capitão Bártholomeu Soares Cunha, que na estancia d'ella estava por fronteiro, como tão costumado a pelejar, com duzentos hollandezes que os mais dos dias o iam buscar, imaginando serem os mesmos, os foi receber com quarenta e seis homens, empenhando-se como costumava demasiadamente por ter para si, como dissemos, ser outra cousa, deixando atrás quarenta homens com dois alferes, aos quaes deu por ordem que se não tirassem d'alli, fiando-se em que deixava sentinellas

nos postos por onde podia ser cortado, ficando a outra gente muito ao largo; mas o inimigo, como vinha com tanto poder, mandou com indios e tapuias por entre o mato cortar os nossos; elles o fizeram com tanta pressa e agilidade, que apenas tocaram as nossas sentinellas rebate, os dois alferes com os quarenta homens se puzeram a pelejar tão valorosamente como aquelles que sabiam não haviam de escapar: era cousa admiravel.

Avançou pela outra parte o inimigo aos quarenta e seis, que com o capitão se vieram a encorporar com os outros, os quaes, vendo-se cercados, poem mão á suas espadas, e morreram os mais d'elles, pelejando valorosa e desesperadamente; poucos escaparam, que por mortos ficaram em um alagadiço.

O capitão Cunha, desembaraçando-se ás cutiladas de entre a chusma e a caterva dos tapuias e indios que o procuravam matar, como haviam feito aos soldados, que com pelejarem valentemente e lhe pedirem quartel, a todos sem piedade foram matando, se veiu chegando aos hollandezes, que com grande admiração estavam vendo o grande valor com que se defendia de tantos, e por verem n'elle tão valente acção, e conhecerem ser capitão, lhe deram quartel.

Ficou o inimigo muito animoso, como se em matar alli quarenta e sete homens e aprisionar sete, que dizem mandou enforcar no mato, consistia o acabar-se a guerra. Segismundo disse aos coroneis e mais capitães que alli estavam, que aquelle era bom principio de ganhar a campanha, que se recolhessem para em outra noite irem com muita quietação amanhecer com a Moribeca, e elles lhe responderam que não convinha; e que com tão grande exercito, como na campanha tinham, não temiam os portuguezes para fugirem de serem d'elles sentidos, e que haviam de marchar publicamente e não occultos; o que vendo Segismundo se

resolveu, seb em que receioso a marchar; e estando n'aquelle sitio da Barreta todo o dia formado, esperando que a nossa gente do arraial o fôsse acommetter, mandou, chegada a noite, que viesse o coronel Henrique Hûs (*Haus*) com os mil homens que havia deixado escolhidos, para se passarem á vista do arraial á varzea a unir-se com o mais exercito; por quanto convinha por outro accôrdo tomado que não fôssem á ella.

Apenas a nossa infantaria, que no arraial se tinha recolhido a descansar do trabalho e desvelo que havia passado, estando com as armas esperando o inimigo, começava a tomar ração, quasi pelas duas horas depois do meio dia, quando da Barreta chegou aviso em como o inimigo havia degolado a gente que n'aquella fronteira estava, e que hia marchando para diante.

Não deixou tão infausta nova de causar algum espanto nos do arraial, e assim, sem se acabar de dar ração de mui pouca farinha que havia aos soldados por a não haver, por os moradores que a faziam se haverem retirado, mandou-se com muita pressa tocar a marchar, indo juntamente os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, levando todos o poder que havia, que constava de dois mil e duzentos infantes de todas as castas, deixando ás fronteiras pouca gente, ficando a força do arraial guarnecida e n'ella o capitão Manoel Ribeiro, e a da bateria em que ficou o capitão Diogo Esteves Pinheiro com ordem que de dia estivesse na força com sentinellas, como era costume, em cima das muralhas, e que andassem por fóra ao redor da força por vêr o inimigo que tinha gente que a defendesse, e que de noite se sahisse e estivesse á vista d'ella, e que vindo o inimigo, se lhe não pudesse resistir, se retirasse para a força do arraial, mas pelejando primeiro.

Iam nossos soldados marchando muito animosos e desejosos de chegar ao inimigo, posto que mortos de fome, e

por ventura mais os molestava a que tinham do sangue hollandez, que a que lhes debilitava as forças; e, tanto que chegaram ao caminho da Barreta, o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes e André Vidal de Negreiros, com a mais gente que foi marchando adiante, fez alto no caminho que ia para o sitio que chamam Obura, e estando indeterminados, esperavam pelo mestre de campo João Fernandes Vieira, que vinha na retaguarda recolhendo toda a gente e assegurando os postos, ficando á frente do inimigo, que ficava sendo vanguarda, e lhe perguntaram que lhe parecia se a infantaria iria marchando por aquelle caminho adiante, porém acudiu a isto o mestre de campo João Fernandes Vieira, dizendo que não convinha buscar por aquella parte o inimigo, por estar de mão posta no melhor sitio, e que tinha suas emboscadas bem preparadas, por ser o lugar para isso muito accommodado; e que antes do nosso exercito chegar, o poderiam derrotar as muitas e boas emboscadas, fazendo grande estrago; e que uma vez derrotada a nossa gente, se não tornaria a juntar á que escapasse, e que quando, o que era impossivel, se juntasse, ficava amedrontada já para pelejar, e o inimigo animoso para sem temor acommetter, com que facilmente ganharia a campanha e degolaria os moradores, e além d'estas cousas, no caminho haviam muitos alagadiços que impediam o poder-se marchar com segurança e pelejar-se, por elle saber bem aquelles passos, e que quando o inimigo não tivesse as preparações que elle dizia, não convinha pelejar com elle; porquanto, estando senhor do terreno e planicie, daria facilmente com os nossos alagadiços, que chamam da Obura, onde todos, sem o inimigo os matar, pereceriam, por onde convinha não ir buscal-o aonde ficava tão vizinho de suas forças, senão esperal-o em sitio conveniente, onde, dando a primeira carga, investissem á espada, porque de outra

sorte, sendo elles tantos e os nossos tão poucos em numero, não podiam levar o melhor; n'este interim chegou o sargento-maior Antonio Dias Cardoso, como soldado mais experimentado e mais pratico em tudo e disse; que o que o mestre de campo dizia era certo, e foi proseguindo o mestre de campo, dizendo que o inimigo ou queria ganhar a Moribeca ou o posto da Jangada, a qual por si se defendia, por se não vadear o rio, e que para isso se mandasse cortar a ponte que acima ficava, com que perderia o inimigo a esperança, se a tinha, de marchar para o cabo de Santo Agostinho, quanto mais que elle levaria o exercito á parte d'onde tomaria, assim a entrada da Jangada, como a da Moribeca, em sitio accommodado, não só para reprimir o impeto do inimigo, mas ainda para o destruir; e que se temiam, como diziam, a falta d'agua para o exercito, que no sitio que apontava não faltava, e que ficava o inimigo mais longe e distante de suas forças, para não ter esperança de se acolher ou retirar com facilidade á ellas, e que ficavam os moradores da campanha todos seguros, por ficarem pelas costas amparados com o nosso exercito.

Havendo o mestre de campo João Fernandes Vieira dito e apontado estas cousas, que foram de grande consideração para se alcançar a victoria, mandou o mestre de campo general a toda a infantaria que deixasse o caminho da Barreta, que ia tomando, e que marchasse para o sitio que disséra o mestre de campo João Fernandes Vieira, despachando logo um ajudante com vinte homens a desfazer e derrocar a ponte que estava no caminho que vai para a Jangada.

Chegaram os nossos ao ultimo monte, que chamam dos Guararapes, ao sabbado á tarde, e pelas 10 horas da noite se acabaram de situar em troços em uma baixa e planicie que está ao pé do ultimo monte, que vulgarmente chamam

Outeiro, para a parte do sul, a qual cercava por uma parte um alagadiço, e pela outra os montes, e tambem se situavam pelo mesmo monte, o qual dista do arraial tres leguas e do rio da Jangada, que adiante lhe fica, duas.

Haverá da costa do mar a este monte tres quartos de legua de distancia, de léste a oéste, e da força que o inimigo tinha na Barreta, duas leguas correndo de nordéste para sudoéste; está ao pé d'este monte um alagadiço que o mesmo monte vai cercando pela parte do sul, e tem sómente uma baixa, que dissemos, que incluirá cousa de cem passos de largo entre agua e monte, na qual baixa e pé do monte estava a nossa gente situada, como fica dito, prolongada e extensa em troços, mettendo-se no meio, d'onde os nossos estavam para a parte d'onde estava o inimigo pela frente, uma restinga de mato e agua, que do mesmo alagadiço nascia, com que ficava parte da nossa gente encoberta, qu e não podia ser vista do inimigo sem chegar perto de um boqueirão grande, que havia entre a restinga do mato e arvores e monte, mas, da outra parte descobria toda a nossa gente de outro monte e eminencia, e a nossa gente entrou pelo boqueirão que dissemos, quando se situou, e depois o defendeu com tanto valor como iremos relatando.

Feita a breve descripção do sitio em que a nossa infantaria estava situada, me pareceu fazer outra d'estes montes Guararapes, que pois, n'elles succederam e houveram tão notaveis e famosas batalhas, não desagradará ao curioso leitor saber as qualidades d'elles.

São estes montes quasi todos escalvados com muito poucas arvores agrestes; a terra d'elles infructifera e esteril como barro, e outra arenosa, que não produz cousa alguma que n'ella se plante, sómente pelas fraldas d'elle nascem arvores, e é a terra melhor. Contém em si muitas grutas abertas e

concavidades, que, com as aguas do inverno, se vai a terra socavando e abrindo com precipicios e despenhadeiros muito altos no cimo, e planicies da eminencia d'elles que foge a vista a quem d'ella olha para baixo ; uns montes são mui levantados e empinados, e outros têm menos altura, e de todas as suas eminencias se descobre uma amena, deliciosa e espaçosa vista do mar, correndo de ordinario ventos e viração maritima.

Não são habitados por sua esterilidade e serem tão fragosos, excepto em algumas baixas e planicies, que, com o humor que do alto corre, os fertiliza, com que produzem o que se lhes planta, com as aguas das chuvas do inverno, que correm por elles abaixo, fazem, como dissemos, e formam muitas concavidades e abertas, por onde, cahindo, qualquer se despenharia e faria pedaços, isto dos montes altos e profundos ; pela qual razão os que caminham por elles, principalmente a cavallo, vão com muito sentido e resguardo para que não resvalem e escorreguem os cavallos, e se precipitem. Têm estes montes muitas pedras duras, massiças e ponderosas que indubitavelmente são veias de ferro de que, se houvéra ordem de artifices para isso, se pudéra fazer muito; e não falta quem affirme serem minas de outros metaes ; e em algumas partes ha uma terra muito vermelha, que parece vermelhão, que, conforme se diz, d'elle se tira e faz nas Indias de Castella o azougue.

Para a parte de terra são tudo montes, e para a do mar campinas e alagadiços, até chegar á praia. Em resolução, estes montes Guararapes alcançaram perpetua fama e nome, assim n'estes tempos como nos futuros, por succeder n'elles a batalha que iremos relatando, e pela que succedeu d'ahi a dez mezes, as quaes foram as maiores batalhas campaes e de mais gente, e mais sanguinolentas que houveram n'estas capitanias de Pernambuco e Estado do Brasil, e se disser

que na America, poderá ser que não me engane, porque outras muitas occasiões tinham succedido de maior importancia, pois, foram meios de succederem estas que foram obradas com a mesma gente e cabedal.

É para notar que este nome Guararapes, no idioma e lingua dos indios, quer dizer tambor ou atabaque, que parece que foi o nome e etymologia que lhe foi posto, como presagio dos muitos tambores e caixas, e instrumentos militares que n'elles se tocaram n'estas batalhas, que quasi quer dizer monte guerreiro, e nós lhe podemos chamar victorioso.

Dista d'estes montes uma legua para o sertão a Moribeca, que é uma pequena povoação, se bem a freguezia grande em si e seu districto, e de muitos moradores, bons engenhos de assucar, em que se faz muita cópia d'elle, não poucos cannaveaes de cannas dôces, fertil e abundante de mantimentos; porque n'este territorio se planta e colhe muita cópia de mandioca, que é a raiz de que se faz a farinha da terra, que n'esta freguezia se faz em partes estremada. Tem a povoação cousa de quarenta casas de moradores, porque os mais estão diffusos por suas fazendas, granjas e pelos engenhos, por todo o contorno da freguezia. Tem uma igreja matriz e outra da invocação de S. Gonçalo. Passa por junto d'esta povoação um rio que se chama Moribeca, que é vocabulo dos indios, de que tomou o nome a mesma freguezia e povoação, com cujas aguas moem alguns engenhos, não lhes faltando outros rios e fontes de agua boa com que é regada. Dista meia legua da povoação um pequeno mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, em que assistiam alguns religiosos d'esta ordem. Fica distante do mar duas leguas, e por essa causa foi algum tempo abundante de peixe, afóra o que se pesca nos rios d'ella.

Esta povoação era a que o inimigo procurava ganhar para d'alli ir dominando a campanha, porque d'ella fica distante

Nazareth cinco leguas, como fica dito, e como quer que Segismundo occupou esta povoação com tanta facilidade no anno de 1635 e se situou n'ella, como temos escripto no primeiro livro d'esta historia, e d'ahi foi marchando sem resistencia até o cabo de Santo Agostinho, até ir pôr sitio a Nazareth, imaginou que por os mesmos passos assim o fizesse tambem com o exercito com que sahiu do Recife tão grandioso, mas então era outro tempo, como já por vezes temos advertido, e os homens não pelejavam por ordem militar, nem sabiam dispôr a guerra como n'este que investiam como leões os hollandezes sem temor da morte e com tanta differença, como se tem visto nos successos que temos escripto, e nos que mediante o favor divino iremos referindo depois da acclamação da liberdade de Pernambuco. Agora é necessario tornar a proseguir a historia e contar a famosa batalha, que n'estes montes Guararapes succedeu.

CAPITULO VI

Da memoravel batalha campal dos Montes-Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e da famosa victoria que os nossos alcançaram desbaratando o exercito de Segismundo, matando-lhes mil e duzentos soldados.

Tanto que a nossa infantaria se situou nos Guararapes, como no capitulo antecedente fica referido, formados os terços em troços, estando sempre alerta com as armas nas mãos com suas sentinellas ao largo e perdidas, como quem estava esperando por horas pelo inimigo, ordenou o mestre de campo João Fernandes Vieira a seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, mandasse vinte homens de confiança do seu terço a descobrir o inimigo pela banda da praia a vêr se marchava de noite, e, não marchando, se deixassem ficar n'ella até pela manhã.

Em rompendo a lua chegou aonde estava a nossa gente um negro com cinco feridas, fugido do inimigo, que causou um rebate que elle deu aquella noite com a fugida do negro, imaginando que commettiam o seu exercito ; deu o escravo novas de seu senhor, que era o capitão Bartholomeu Soares Cunha em como estava aprisionado. Clareou o dia, chegaram as nossas sentinellas, que fizeram aviso em como o inimigo estava ainda formado sem marchar, pelo que tornou a ordenar o mestre de campo João Fernandes Vieira a seu sargento-maior (porque n'aquella batalha não houve senão o seu), mandasse vinte homens de mais confiança e valor com quarenta indios do capitão-maior Camarão, pôrem-se á vista do inimigo, e que tanto que elles vissem que marchava, lhe dessem a primeira carga e o viessem picando.

Estava o exercito aguardando a vêr a resolução do inimigo, quando n'este tempo chega o capitão Bartholomeu Soares Cunha, que vinha fugido d'entre os flamengos, e fugiu por confusão que de noite houve entre elles, por se tocar a rebate sendo a causa o negro que dissemos. Deu por novas o capitão, que o inimigo vinha com superior poder de gente, e da confiança que trazia disseram-lhe os mestres de campo que guardasse silencio, e que antes diminuisse o poder, por não occasionar confusão entre a nossa infantaria. Este capitão o fez tão valorosamente na batalha.

Tocaram n'este tempo as sentinellas rebate ; começam a pendenciar os sessenta homens brancos e indios, dando a primeira carga aos hollandezes que, imaginando serem dos que haviam escapado do passado conflicto, avançaram a elles com muita furia ; mas os nossos com notavel valor se vieram retirando com boa ordem, pelejando sempre com a cara ao inimigo com tanta bizarria, que admiravam os flamengos, e alegravam o nosso exercito pela confiança e modo com que vinham pendenciando, e vieram trazendo

o inimigo mui perto do boqueirão poucos passos distantes dos nossos soldados, dos quaes começaram a dar vista, descobrindo já o esquadrão dos hollandezes, que tudo pelo monte que ao nosso exercito estava em frente toda a nossa infantaria, com cuja vista não deixaram de ficar amedrontados, porque sempre imaginavam que os nossos os não commettessem, mas seu general Segismundo lhes começou a dizer, que não tinham que temer o muito que seus braços tinham que obrar, e que seus alfanges que cortar, que aquelles que viam eram moradores casados, os mais d'elles que não pelejavam, outros que eram filhos dos mesmos moradores, mal disciplinados na milicia, que não tinham animo para lhe terem o encontro, como se nunca tivéra experimentado, e que dando a primeira carga, ouvindo juntamente suas trombetas e caixas, se haviam pôr logo em fugida ; e que para não escaparem de suas mãos tinham os indios e tapuias, bons corredores, para que, alcançando-os, os fizessem pedaços ; e que d'aquella vez ficavam senhores de todo o Pernambuco.

Occupavam já os hollandezes o alto do monte, a campina e a planicie bem junto do boqueirão, e por outra parte os tapuias e indios, fazendo ostentação de seus bem compostos e ordenados esquadrões e de suas luzentes e brilhantes armas, tocando muitos clarins, trombetas e caixas, arvorando sessenta e uma bandeiras de côres diversas, principalmente de azul e côr laranjada, trazendo o estandarte dos Estados, ao qual todas as bandeiras faziam salva ; era este de tafetá carmezim azul, no qual vinham esculpidas e bordadas as armas de Hollanda e dos da companhia das Indias Occidentaes, postas no mesmo carmezim com muita curiosidade e perfeição, e no campo um leão rompente, coroado, estendendo suas garras (este estandarte tem em seu poder o mestre de campo João Fernandes Vieira, que o tomou ao

inimigo um sargento da sua companhia da guarda chamado Affonso Rodrigues, matando ao alferes que o defendeu valentemente e na mesma pendencia lh'o offereceu, o qual elle logo dedicou á Nossa Senhora do Amparo, e vinha junto á artilharia que eram seis peças, como já dissemos). Vinha o Segismundo a cavallo como os outros seus coroneis, Vanelles (*van Elts*), que vinha na vanguarda, Guilherme Autin (*Hautyn*), Kerver (*Keerweer*), Brinck, Vandebrand (*van der Brande*), Oltz, Henrique Hûs (*Haus*), como já no setimo capitulo deixámos escripto, governando e dispondo o exercito, e elles e seus soldados vestidos de varias galas com plumagens e bandas de diversas côres, com suas clavinas, pistolas e reforçados mosquetes, chuços, piques, alfanges e muitas outras armas.

Constava a vanguarda do inimigo de dois esquadrões, um de oitocentos e outro de novecentos soldados, com a flôr de toda a sua gente, e traziam os soldados velhos das fortalezas, deixando-as guarnecidas com os que de novo haviam vindo na armada de Hollanda, por não serem ainda praticos, nem experimentados na terra; e muita parte da gente que vinha no exercito eram francezes, allemães, polacos, hungaros, inglezes e de outras nações das partes do norte, e o resto hollandezes, todos versados e experimentados nas guerras de Flandres, Allemanha e outras provincias.

Constava a fórma da batalha do inimigo de nove esquadrões com sete mil e quatrocentos soldados, como se colheu de uma planta que se achou na algibeira do coronel Vanelles (*van Elts*), que na occasião morreu depois de prisioneiro, que os seus mataram com uma bala perdida, afóra setecentos gastadores que carregavam a bagagem, e indios e tapuias em grande numero, vindo com tanta confiança como se já fossem senhores da terra, trazendo na bagagem

muitos saguins, papagaios e outros passaros, e muitas alfaias como se viessem de casa mudada.

Tenho feito menção da bizarria e ostentação com que vinha o inimigo, agora é necessario dizer o que da nossa parte havia, que se faltava nas galas sobrava e era superior no animo e brioso espirito dos nossos soldados. Se o inimigo se ostentava com suas lustrosas e magestosas libréas, gloriando-se das arrogantes e soberbas plumagens e bizarras bandas e mais ornatos e faustos, os nossos levavam bem poucas libréas, porque os mais d'elles traziam as mombachas e almilhas safadas e rôtas do continuo trabalho da guerra e jornadas que pela campanha faziam Não traziam artilharia nenhuma, porque contra a do inimigo oppunham seus varonis e robustos peitos e animosos corações, e contra seus mosquetes e clavinas, as espingardas e arcabuzes bem guarnecidos e meneados com seus fortes braços; contra seus reluzentes e bem afiados alfanges, as fornidas e bem rigidas espadas com que as estocadas e cutiladas os rompiam, desbaratavam e davam a morte. Não levavam bandeiras, mas uma firme confiança de lh'as ganharem e conculcarem, apezar de sua soberba, e com ellas levantar os trophéos de suas insignes e celebres victorias com tantos applausos solemnisadas, e em lugar d'ellas levavam seus rosarios de contas pendurados do collo, que eram as bandeiras da Virgem Senhora Nossa em quem confiados arrebatavam as do inimigo; finalmente, se os hollandezes traziam suas mochilas bem providas de mantimentos e sua bagagem copiosa e abundante d'elle, os nossos traziam sómente uma pouca de farinha da terra, e essa tão pouca, que lhes não bastava para satisfazer a fome; mas, se lhe faltava o sustento da terra, lhes sobrava a graça divina, com que toleravam e supportavam tantas miserias e trabalhos, trazendo sempre ás costas os mosquetes, fazendo a sentinella inviolavel, a

assistencia infallivel; fazendo sempre rosto ao perigo com tantos descommodos, que nenhum peito humano os aturava senão a lealdade portugueza; e se o inimigo conduzia um exercito de 7,400 soldados, os nossos 2,200 não receiavam nem repugnavam de os commetter e investir com maravilhosa resolução, e o fizeram ainda que foram em mais numero e com duplicada quantidade. E em resolução as muitas prizões, libambos, grilhões, e algêmas que traziam para aprisionarem aos nossos lhe vieram a servir de laço em que cahiram, que como diz a verdade:— *Qui facit foveam in eam cadit.*

Visto do nosso campo o poder tão superior do inimigo, houve alguma confusão e pareceres se se retirariam a melhorar de posto, porém os dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, pela resolução que tinham tomado de dar a primeira carga e investir o inimigo á espada, depois de se metterem bem debaixo de suas armas, ainda que elle désse primeiro algumas cargas, e assim tomada esta ultima resolução marchou André Vida de Negreiros pelo lado direito, que lhe tocava aquelle dia a vanguarda, supposto que alli tudo eram vanguardas, porque era campanha aberta, levando comsigo um troço da gente do seu terço e dois troços da gente do mestre de campo João Fernandes Vieira commettendo pela baixa. Por contra-lado o seguia D. Antonio Philippe Camarão com os indios de seu terço, commettendo por junto a agua e o mato. Marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira, pelo lado esquerdo, commettendo pelo alto dos montes com tres troços da sua gente preta, commettendo pelo mesmo contra-lado dos montes.

Indo todos marchando n'esta fórma, avistando bem o inimigo com notavel resolução e valentia apressadamente para elle, que não com menos animo e valor os estava recebendo. Deu-se signal da batalha com as caixas e trombetas,

com som tremendo e violento; parecia que o ar e o vento paravam e se suspendiam, parecia um e outro campo com os chuços, piques e armas um copioso arvoredo; era grande a confusão de vozes e alaridos que se ouviam; cada qual investe ao som dos instrumentos bellicos com estrondo, furor e impeto admiravel; não bastou vêr aos peitos mais galhardos mosquetes, arcabuzes, clavinas, pistolas, lanças, chuços, dardos, setas, escopetas, e artilharia. Aguardaram os nossos duas espantosas cargas de mosquetaria e artilharia sem da nossa parte se atirar nenhum tiro, indo caminhando para os hollandezes e estando já perto. N'este tempo por todas as partes disparou a nossa infantaria, toda a um mesmo tempo sobre seus esquadrões que receberam mui grandissima perda; logo os dois mestres de campo metteram mão ás espadas, appellidando a que todos investissem a ella, o que fizeram os mais capitães e soldados, como leões no esforço, e de corrida investiram ao inimigo com tal coragem, impeto, furia e violencia, que não puderam ser rebatidos dos chuçeiros flamengos, e d'esta sorte romperam seus esquadrões, começando a matar e fazer destroço no inimigo por espaço de meia hora; e os soldados se deram tal pressa, que á custa de muitas vidas dos hollandezes os fizeram desoccupar o alto dos montes, retirando-se por elles abaixo, seguindo-os os nossos com as valorosas espadas com talhos e estoradas, cortando pernas, braços, cabeças, uns matando, e outros ferindo encarniçadamente, ficando pelo campo, corpos sem braços, troncos sem cabeças; qualquer soldado alentado, com a espada na mão, por meio dos esquadrões, rompe os inimigos apinhados, dando golpes a uns e a outros mortes, mostrando a espada tinta de sangue, esquecendo-se de qualquer perigo.

Os dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, aquelle como o valoroso Thrasibulo

de Athenas com a espada para libertar a patria, e este pelo mesmo effeito, qual luzitano Annibal, por entre os esquadrões contrarios iam obrando maravilhas, de um talho deixam a um desacordado, de um revez a outro sem sentidos, prostram aos pés a um alentado, outro lhe cahe ferido a dextro e a sinistro, a qualquer lado com a furia de Marte derramam muita cópia de sangue pelo campo, em varios lances de diversas sortes fizeram, como tão valorosos que eram, dando mortes a uns, e a outros com fama eterna e nome honroso, dando famoso exemplo aos animosos capitães e mais officiaes de guerra e soldados que os acompanhavam; este dos inimigos lhes cahe aos pés e vão pisando com os cavallos accelerados, embebendo n'outros as espadas, a outros que lhes fogem, arremessando os cavallos, os seguem e atravessam, dando com alento calor ao vencimento, crescendo nos seus o animo e braveza no acommetter, abrindo pela gente caminho com talhos, revezes e estoradas, cortando corpos e acurtando vidas, ficando o campo coberto de corpos mortos.

Havendo-se o inimigo retirado, fugindo e descendo do monte a seu pezar com mais presteza e agilidade do que subira, valendo-se mais da ligeireza dos pés do que de defenderem suas proprias vidas, os que com ella escaparam d'aquelle conflicto se juntaram e encorporaram na campina com os outros, com quem andava pelejando com sua gente André Vidal de Negreiros, unindo-se juntamente com elle João Fernandes Vieira, como sempre, em amizade com seu terço, e todos juntos com a pouca cavallaria com que se achou o capitão e cabo d'ella Antonio da Silva, que avançou com muito valor ao inimigo com seu tenente Domingos Gomes de Brito, foram sobre os esquadrões que vieram soccorrendo os outros já destruidos e destroçados, com tanto impeto, que, rôtos e desbaratados, fizeram pôr em fugida os hollandezes,

ganhando-lhes a bagagem, com que se detiveram muitos indios do Camarão e parte da gente de Henrique Dias, por serem muitos os despojos; tambem foi ganhada n'esta investida a artilharia, á qual mandou pôr sentinellas o sargento-maior Antonio Dias Cardoso por mandado de seu mestre de campo, e se não mandou logo retirar pelo tempo não dar lugar, porque sómente procuravam alcançar a victoria que tanto á vista levavam.

Vendo-se o inimigo tão opprimido de nossas espadas, com ser tanto em numero, desesperado se deitou parte ao alagadiço de que atrás fizemos menção, e parte foi costeando o monte, fugindo com muita pressa e agilidade; porém os nossos soldados, que atrás os iam seguindo, deram uma carga de arcabuzaria aos que se tinham arrojado ao alagadiço, com que mataram a muitos, seguindo outros dos nossos aos que ao redor d'elle pelo pé do monte se iam recolhendo, que parece cousa incrivel haver homens que tanto aturassem a correr após do inimigo, e o que mais é mortos de fome, o que na verdade se póde attribuir a milagre superior e grande auxilio divino. Outros, não reparando no grande cansaço e fatiga, e no perigo a que se punham, como andavam engolfados na matança, se deitavam ao alagadiço, que em parte dava pelos peitos, do qual não se podiam arrancar sem muito trabalho; assim que, andavam mesclados os hollandezes e portuguezes, estes já tão cansados que não podiam matar, aquelles tão amedrontados que não tratavam mais que de se arrojarem bem ao alagadiço, o qual lhes fez tambem acerrima guerra, submergindo e afogando muitos que das mãos dos nossos escaparam.

Como naturalmente de soldados experimentados na guerra é terem gente de reserva e refresco para soccorrerem a seus companheiros, tinha o inimigo entre dois montes quatorze bandeiras de gente, que os nossos não viram,

que lhe serviam de abrigo e valha-couto, das quaes se amparavam aquelles que dos nossos iam fugindo, tendo lugar de se fazerem e reformarem, havendo-lhe tambem chegado n'aquella manhã o soccorro do Recife com seu coronel Henrique Hûs *(Haus)*. E quando os nossos, posto que cansados (o que o inimigo bem advertiu), cuidavam que levavam tudo vencido, por terem por duas partes cortado o inimigo, então avançou com as quatorze bandeiras e com a gente de Henrique Hûs *(Haus)* (emquanto os outros acabavam de refazer) pela baixa e pelo monte com tanta pressa e furor, que não pôde Henrique Dias, não por não ser valente soldado, mas por ter a sua gente, além de pouca, muito cansada, ter mão com os seus. Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, vendo a furia e impeto com que o inimigo vinha avançando pelo monte, fazendo retirar a Henrique Dias, lhe mandaram de soccorro algumas companhias, para que, dando-lhe calor, divertissem o impeto violento dos flamengos ; mas os soldados, como estavam já tão cansados, não puderam subir o monte com a presteza que convinha, e assim foram rebatidos do inimigo, vindo-se retirando, seguindo-lhes elle apressado bem os passos, dando e recebendo grandes cargas. Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se puzeram a pelejar com os que vinham pela campina postos no maior perigo, commettendo animosos com seus soldados, travando-se a peleja outra vez com as armas de fogo e á espada, sendo uma confusão notavel que uns aos outros se não conheciam com a grande fumaça da mosquetaria e artilharia, que tornava o ar caliginoso e escuro.

Quem vira n'este tempo aos dois mestres de campo postos em tão grande risco e perigo de suas vidas, pelejando como leões, cada qual como alentado Marte, cada qual como um raio que vai discorrendo pela região etherea,

fazendo notavel estrago no inimigo, mettendo-se por entre os hollandezes que parecia, com estarem já tão cansados de pelejar, que começavam a cobrar novo alento, forças e espiritos, empenhando valor e valentia, pendenciando com tanto animo e esforço; quanto impossivel poder eu com hyperboles de encarecimentos engrandecer, louvar, e escrever, como convem, e particularizar tão grandiosos feitos? N'este recontro e arremettida pegou um hollandez na redea do cavallo ao mestre de campo João Fernandes Vieira, mas ficou o atrevido pagando seu animo, digo, seu atrevimento, porque a seu pezar lh'a fez largar, e com uma bala lhe feriram a orelha do cavallo. A André Vidal de Negreiros deram uma pelourada no cavallo em que andava, e, saltando em outro que lhe foi apresentado, depois ao ferido matou uma bala de peça; as balas parece que lhes obedeciam e lhes davam salva, porque sendo tão innumeraveis e vastas, não lhes tiravam mais que nos vestidos; e andavam tão engolfados e empenhados na pendencia, que com o estrondo das armas, com o rumor dos tiros, com o denso e espesso fumo, confusas vozes, sonoras caixas e instrumentos bellicos, e outra confusão horrenda não advertiram nas cargas que davam os do monte, antes imaginavam que inimigo que pelo monte vinha descendo era gente nossa que os vinha soccorrer; e, posto que viam as bandeiras, lhes pareciam ser das que ganharam os nossos ao inimigo, das quaes traziam muitas arvoradas, e, quando os nossos conheceram os hollandezes, foi já tão perto que, virando sobre elles, deram e receberam cargas, mettendo as armas ás caras uns dos outros, rebatendo muitos dos nossos soldados com as espadas as clavinas do inimigo, vendo-se melhorando de posto, pendenciando sempre cara á cara com o inimigo com grande disposição que da nossa parte havia, supportando todas as cargas de artilharia, que da nossa não havia.

Formaram-se os campos de parte a parte, á vista um do outro a tiro de pistola, no boqueirão de que temos já feito menção, communicando-se de palavras; e estava já n'este tempo toda a campanha coberta e juncada de corpos mortos e toda tinta de sangue do inimigo, que era um espectaculo horrendo vêr tanta mortandade e estrago; e o alagadiço parece que corria purpureo e vermelho com o muito sangue que n'elle se tinha derramado aos hollandezes, a quem serviu de sepultura, e o boqueirão de boca da morte fatal e rigorosa, que tantos devorou n'estes conflictos e recontros.

CAPITULO VII

Em que se vai proseguindo o successo d'esta batalha, e de como se pendenciou valorosamente pelos nossos em defensão de um boqueirão d'aquelles montes Guararapes, que o inimigo procurava ganhar, e de como se retirou desbaratado, ficando o campo e victoria pelos portuguezes.

Pelejava-se no boqueirão, de que no fim do antecedente capitulo fizemos menção, que occupava a nossa gente com grande valor e constancia, e houve uma pendencia mui renhida e sanguinolenta, apertando o inimigo como estava de refresco e com tanto poder com os nossos, que estavam mui cansados de matar tão copioso numero de hollandezes; de tal sorte que, vendo-se opprimidos, viraram sobre elles, investindo outra vez á espada, com grande animo, que parece que o céo lhes ministrava novas forças e alento; e emquanto parte da gente foi á espada sobre o inimigo, defendendo o boqueirão, que quasi o inimigo teve ganhado, e alguma parte d'ella foi por outra parte sobre elle, que pretendia com grande furia e impeto ganhal-o. Os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros o defenderam com grande repugnancia e valentia,

reprimindo por algumas vezes os hollandezes que o procuravam ganhar com grande instancia, exhortando-os Segismundo e os coroneis que alli estavam com muitas promessas a que o ganhassem, porque, apoderados d'elle, tinham a victoria certa ; faziam notavel força por deitarem aos nossos soldados fóra d'elle, os quaes com novos espiritos e alentado brio, vendo o muito que faziam os dois mestres de campo na defensa d'elle, começaram a pendenciar com o inimigo ; e aqui começou de novo a pendencia, que a passada parecia sonho. Aqui se assignalaram muitos capitães e soldados dos terços dos mestres de campo, fazendo heroicas proezas, que, se se houvessem de particularisar, cada qual de per si, fôra necessario escrever um grande e immenso volume. Aqui morreram os capitães João Rodrigues e Domingos da Costa, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, ficando outros mal feridos. N'esta contenda uns perdem a vida, outros cahem mortos, digo, maltratados do damno, topam as balas muitos peitos valentes e esforçados, por toda a parte cresce o furor e sobra a repugnancia.

Pelejava o inimigo valorosamente por ganhar o boqueirão, insistindo com notavel furia, que, como conhecia que a nossa gente estava cansada, lhe parecia facil ganhar a victoria ; porém os nossos, posto que mui fatigados e lassos do cansaço, como temos advertido, pelejavam obstinadamente por não deixarem lograr ao inimigo seu intento. Cinco horas havia que a horrenda bateria durava sem cessar, e os nossos soldados não podiam aguardar nas mãos as armas por estarem notavelmente esquentadas, e faltando já a muitos a polvora, se aproveitaram de dois caixões de cartuxos que haviam tomado ao inimigo, o qual, não podendo já soffrer o rigor de nossas armas, e pela grande perda que recebia, se retirou um pouco atrás, ficando os

nossos permanentes á vista dos hollandezes, cobrando algum alento, porque de cansados apenas podiam fallar.

Em resolução, o campo ficou pelos nossos na frente d'este boqueirão, que dissemos em que ficaram, e os hollandezes no alto dos montes, formando-se os campos de parte á parte ; e os nossos guarneceram o posto pondo sentinellas á falla com as do inimigo, o qual, com a grandissima perda de gente, de que estava toda aquella campanha coberta, como temos dito, determinou, na noite que se seguiu ao dia, retirar-se para a força da Barreta, e d'ahi para o Recife.

Ignorando-se em nosso exercito a muita perda que o inimigo havia recebido, imaginaram todos que tornaria acommetter á tarde ; para o que os mestres de campo mandaram formar outra vez os nossos soldados em troços, aos quaes deram de ração muito pouco assucar, que, desfeito em agua, beberam, tornando-se a dar por ordem que, dada a primeira carga, investissem á espada. Os hollandezes se deixaram estar em seus esquadrões formados, mandando muitos feridos que os nossos não viram, por irem por entre montes e matos para a Barreta, e d'ella os estiveram levando em cinco barcas para o Recife, e eram tantos que não bastavam estas a carregal-os ; e sendo quasi pelas quatro horas da tarde, vendo os nossos mestres de campo que o inimigo não commettia, o provocaram á peleja, tocando-se da nossa parte muitas caixas, trombetas e charamellas perto de seus esquadrões, que se não moveram do lugar que occupavam até á noite.

O Segismundo e os mais coroneis, que escaparam da batalha, vendo a muita gente que lhes haviam morto e ferido, e bandeiras que tinham perdido, e a bagagem que lhes faltava, e os tapuias fugidos e todos os mais indios, que levaram comsigo em grande numero, assim para

pelejarem, como para serem executores das mortandades que determinavam fazer, os quaes tanto que foi occasião, e viam aos nossos investir á espada, foi tão grande o medo e temor que n'elles entrou, que sem mais aguardarem um ponto, todos se puzeram em fugida, deixando os hollandezes na pendencia, e tomaram o caminho do sertão, imaginando que ainda lá não estavam seguros dos nossos. E, vendo-se juntamente Segismundo ferido e o coronel Autin(*Hautyn*), que foi passado pelo pescoço, mas escapou da ferida, determinaram de se retirarem de noite para o fazerem mais a seu salvo, e não serem seguidos da nossa gente; tanto que anoiteceu, mandaram mil homens a fazer sua emboscada por umas grutas e matos,para assim segurarem melhor a retirada com suas sentinellas; e tanto que foi pela meia noite, que foi toda rigorosa, por a muita chuva que cahiu, se mandou picar com vinte homens o inimigo, que, imaginando iam os nossos todos sobre elle, se pôz sem nenhum rumor á fugida, deixando duas peças de artilharia, muitas armas e o restante da bagagem, deixando juntamente as sentinellas nos postos por não ser sentido; e tal foi o medo, que largaram muitos feridos dos que levavam. Ficaram os nossos no campo a pé quedo aquella noite, chovendo o ceu nuvens d'agua até romper bem a manhã, passando muitos incommodos de cansaço e fome.

Tanto que amanheceu, os dois mestres de campo foram com gente a descobrir o inimigo, que se achou ser fugido, largando o campo em que ficaram mortos mil e duzentos hollandezes, d'onde entravam cento e oitenta officiaes de sargentos para cima, a saber: vinte e dois capitães, dois coroneis, Vanelles (*Van Elts*) e Henrique Hûs (*Haus*), e o coronel Kever (*Keerweer*) prisioneiro, quatro sargentos-móres, tenentes, alferes-ajudantes.

O general das armas hollandezas Segismundo Vandescop

(*Van Schkoppe*) ficou passado por um tornozelo com uma grande ferida, de que esteve muito tempo indisposto, e depois andava pelo Recife em muletas quasi aleijado da perna, e o coronel Guilherme Auten (*Hautyn*) passado pelo pescoço, como já o dissemos; alguns affirmam que o Segismundo escapou por não ser conhecido entre os mais.

Foram feridos setecentos, afóra os mortos e feridos que se retiraram sem se saber, e outros muitos que morreram pelos matos, e lhes foram tomadas, das sessenta e uma bandeiras que levavam, as trinta e tres que lhes ganharam os nossos soldados na primeira investida, e o estandarte general que, como dissemos, tomou um sargento da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira, em cujo poder ficou por lh'o haver entregado na mesma batalha o mesmo sargento Affonso Rodrigues; levou mais o inimigo, como dissemos, setecentos feridos, excepto os que com medo largou.

Um capitão do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira aprisionou ao coronel Kerver (*Keerweer*), e, tirando-lhe a bengala da mão, que trazia por insignia, a offereceu a seu mestre de campo, ficando-se com o alfange que o coronel trazia. Tomaram dois cavallos sellados e ajaezados, um dos quaes tomaram os soldados do capitão Francisco Berenger, que lhe offereceram, em que vinha o coronel Vanelles (*Van Elts*), que foi morto na pendencia, como dissemos. Ganharam as trinta e tres bandeiras de que fizemos atrás menção, e muitas d'ellas tomaram uns por tropheos da victoria, e outros para se ornarem e fazerem d'ellas bandas e mão baixas, as quaes eram de seda; outros as occultaram, e sómente se descobriram vinte e tantas, outros soldados as cingiram comsigo, em quanto pendenciavam, por lhe não cahirem, arvorando outras com grande triumpho e pompa; tomaram muitas armas de toda a sorte, mosquetes, clavinas de roda,

pistolas, alfanges, espadas, lanças, chuços, piques, trombetas, muita polvora, caixões de cartuchos, cunhetes de balas, muitas libréas dos flamengos com que se ornavam, bandas, plumagens, chapéos, e outros despojos de vestidos e alfaias, e muitos que vinham na bagagem, principalmente os soldados pretos de Henrique Dias, que a occupação que n'ella fizeram houvéra de causar muito mais desordem do que houve; elles e os indios do Camarão (que foi esta a ultima pendencia em que este valoroso indio assistiu na vida, porque d'ahi a breve tempo morreu, como escreveremos), se affirma que tomaram muito dinheiro e moedas de ouro, que traziam os hollandezes para fazer pagamento a seus soldados no sitio que determinavam occupar, e para isso traziam tambem muitos mantimentos de que os nossos soldados se aproveitaram, que bem d'elles necessitavam, e tambem de outros despojos de dinheiro e algumas joias, cadeias, e anneis de ouro, que acharam aos principaes do inimigo, que mataram e despojaram.

Tomaram tambem ao inimigo uma botica copiosa de medicamentos, que serviu para serem curados os nossos feridos. Apoderaram-se de muitos grilhões, algemas e outros generos de prisões, como já contámos, que traziam para aprisionar os que diziam estarem mais culpados no levantamento e conjuração, para depois lhes tirarem as vidas com graves e asperrimos tormentos. Traziam tambem no exercito mulheres para lhes amassar o pão e muitas vendeiras do Recife, por imaginarem terem já tudo ganhado. Affirma-se que traziam intento de tres dias naturaes largarem os indios e tapuias para matarem a todo o sexo de gente, dando o mesmo espaço de tempo a seus soldados para saquearam os moradores, e fazerem outras muitas exorbitancias e desaforos; e que se lhes déra por ordem que vencessem ou morressem todos na contenda sem se retirarem,

mas succedeu-lhes muito differentemente do que imaginaram.

Dos nossos soldados ficaram mortos no campo oitenta e quatro com os que mataram na Barreta do capitão Bartholomeu Soares Cunha, quando pendenciou com os hollandezes, a saber, sessenta e cinco, no qual numero entraram os dois capitães João Rodrigues e Domingos da Costa do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira e os mais do terço de André Vidal de Negreiros. Ficaram mais quatrocentos homens feridos, a saber: tresentos onde entravam sete capitães do dito terço de João Fernandes Vieira, e os cem do de André Vidal de Negreiros.

Ha de se advertir que a artilharia do inimigo foi ganhada, como dissemos, se bem por se não poder carregar n'aquelle tempo em que os nossos não tinham ainda ganhado a victoria, e andavam pelejando com o inimigo, lhe tornou a ficar em sua companhia, ficando-nos duas peças de bronze, uma que logo se trouxe, e outra que ficou em o alagadiço, que depois foi trazida.

Foi dada esta batalha e alcançada tão gloriosa victoria na *Dominica in Albis,* que vulgarmente chamamos Domingo da Paschoella, em dezenove dias do mez de Abril do memoravel anno de 1648, que foi bissexto, dia em que se celebra a festa de Nossa Senhora dos Prazeres, que tantos causou a estas capitanias com tão insigne victoria, e foi Domingo terceiro do Santissimo Sacramento, por cujo meio se alcançou tanto bem, e assim em rendimento e acção de graças mandou o licenciado Domingos Vieira de Lima, provisor e vigario-geral d'estas capitanias, que no seguinte Domingo proximo estivesse exposto o Augustissimo Sacramento nas igrejas matrizes de todas as freguezias, para que o povo christão lhe désse publicas acções de graças pela concedida victoria, livrando a Pernambuco com tão patente milagre

das mãos e poder dos infieis hollandezes. O que se fez com grandes applausos de todos, com muitos sermões, em que se attribuiu a Deus tão grande favor e á sua Santissima Mãi a Virgem Senhora Nossa; sendo louvados e applaudidos os que pelejaram com tanto esforço pela fé do mesmo Deus e sua patria. Durou a pendencia desde as sete horas da manhã até quasi ao meio-dia.

Com esta tão famosa e celebre victoria ficou a campanha de Pernambuco (que já se imaginava outra vez sujeita ao tyrannico jugo dos hollandezes) livre, e ficaram as matronas e donzellas de tantas quantas affrontas e deshonras lhes estavam apparelhadas pelos insolentes flamengos; com esta victoria ficaram os templos em seu vigor com seus ministros, pois já vinham destinados os predicantes para as matrizes das freguezias, como constou do rol que se achou nas algibeiras do coronel Vanelles (*Van Elts*), que no campo ficou morto! Com esta victoria ficaram livres aquelles para quem os instrumentos dos grilhões, algemas, correntes, que no campo ficaram, vinham destinados. Finalmente, todos os moradores com esta victoria ficaram com vida, imaginando-se mortos, e com honra, e com as fazendas e bens que possuiam, dando sempiternas graças ao Summo Deus, a quem se deve o louvor e gloria e honra, porque n'esta occasião não obraram forças humanas, mas podemos dizer, como confessamos, que Deus por sua infinita misericordia e não por meritos dos nossos pelejou por elles, e os livrou, por sua clemencia, da furia d'aquelles hollandezes que vinham desejosos de lhes beber o sangue. E em resolução com esta victoria ficou Pernambuco em seu socego e em pé, e seus moradores pacificos e quietos em suas casas; que, se de outra sorte acontecêra, muito poucos escapariam das sanguinolentas mãos dos hollandezes, indios e barbaros tapuias.

CAPITULO VIII

Do que mais succedeu depois de ser retirado Segismundo com sua gente; referem-se os officiaes maiores e capitães portuguezes que na batalha pelejaram e assistiram.

Não se faz menção em particular n'esta historia de cada capitão, alferes nem mais officiaes de como procederam n'esta occasião, por ser aggravo que se faz; porque todos o fizeram muito como deviam a seu cargo e obrigação com grandes empenhos de suas vidas, fazendo esquecer os heróes Scipiões, Cesares, os Achiles, Camillos e outros valorosos capitães da veneranda antiguidade, ficando o valor de Pernambuco realçado e engrandecido com tão famosos e valentes soldados, cujo valor se póde singularisar nas mais remotas partes do orbe, cuja fama ficará perpetua e sempiterna em todas as posteridades e seculos futuros, não redundando menos ao nome lusitano; e assim não particulariso a alguns, supposto que houve merecimentos em muitos em differentes facções, em que bem mostravam o generoso valor e brio da nação portugueza, nem descrevo e manifesto o sublimado valor, generosas acções, bellicosos e singulares feitos, maiores que todo o louvor, dos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, tão conhecidos n'estas guerras por confusão da Hollanda, consolação e credito de Pernambuco, que, como outros Decios, ou qual Arato Sicynio que valorosamente libertaram a patria do poder do tyranno, que a occupava com jugo tyrannico, investiram com seus terços o inimigo com admiravel resolução, sendo dignos de eterno louvor, avançando os hollandezes nos mais perigosos e arriscados encontros e sempre na frente ao inimigo, como bem experimentados em tantas occasiões em que alcançaram gloriosas

victorias e famosos triumphos, e foram os executores d'esta batalha e os que a dispuzeram por lhes haver entregue a disposição d'ella o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, como temos referido, o qual, pelo valor dos dois mestres de campo, alcançou o contentamento e prazer que lhe resultou d'esta victoria.

O tenente-general que foi na Bahia Antonio de Freitas da Silva se achou n'esta occasião, por ter vindo da Bahia, onde mostrou a costumada vontade que tinha de servir á Sua Magestade. O tenente-general Philippe Bandeira de Mello tambem se achou n'ella, fazendo sua obrigação. O sargento-maior Antonio Dias Cardoso, tão conhecido por seu valor e animo em tantas occasiões, assim como n'esta com tão grandes empenhos de sua pessoa, mostrou seu animoso coração, perpetuando suas acções generosas, e chegou aquelle posto por todos os gráos e escallões da guerra, começando em mosqueteiro até chegar ao posto de sargento-maior (e depois mestre de campo), por cujo respeito era tão previsto n'ella, e nas disposições da mesma guerra.

D. Antonio Philippe Camarão e Henrique Dias mostraram n'esta batalha o valor e esforço que em todas as occasiões mostraram sempre, indo cada vez mais em augmento seu valente procedimento e constancia; e os mais officiaes e soldados, que mostraram seu animoso coração e perpetuaram suas generosas acções.

Morreu tambem n'esta batalha o ajudante Manoel Ferreira de Lemos, que havia chegado da Bahia, com soccorro de polvora, e foi o primeiro homem que mataram; e tambem foi morto o capitão-maior das minas, chamado Antonio Fernandes Vieira Mina, valente preto, o qual trazia cento e cincoenta minas á sua ordem, e era escravo do mestre de campo João Fernandes Vieira.

Succederam n'esta batalha miraculosos casos, porque a

muitos deram balas nos peitos, e outras partes, sem fazerem damno ; e houve soldados que com muitas e grandes feridas escaparam com vida, como foi o capitão reformado João Nunes Victoria, que recebeu dezeseis feridas de chuços e alfanges, e, ficando quasi morto, escapou com vida, e outros muitos que deixo, por abreviar a historia.

São tambem dignos de muito louvor os sacerdotes, clerigos e religiosos da companhia de Jesus e de S. Bento e S. Francisco, entre os quaes entravam dois capuchos francezes (os quaes no tempo que os flamengos eram senhores, com zêlo da fé de Christo, vieram a Pernambuco, e fundaram um convento de sua ordem, vindo de dentro da França para este effeito), que n'esta batalha se acharam, acudindo a exhortar os soldados, e animal-os para a peleja, com a imagem de Christo crucificado nas mãos, e outros a ouvir de confissão aos feridos e aos que estavam em passamento da vida, confortando a todos, e animando-os com muito fervor, espirito e zêlo, sem reparar no perigo e risco que corriam suas vidas, para acudirem como convinha a seus proximos.

Tambem acudiram muitos moradores, principalmente a guarnecer as trincheiras que estavam no caminho, por onde havia de passar o inimigo para a Moribeca, e outros muitos levando e retirando os mortos e feridos em seus cavallos que, posto que sem muito risco e empenho de suas pessoas, comtudo exercitavam as obras de caridade ; e muito louvor merecem os moradores da Moribeca, em cujas casas se curaram os feridos de mais perigo, por distar mais perto d'onde foi a pendencia, que a povoação de S. Antonio do Cabo, para onde foram mandados e conduzidos os mais d'elles, acudindo com o necessario á suas curas. Em resolução, aquelles que o fizeram bem e como convinha n'esta

e em mais occasiões, receberam a remuneração e paga de Deus, que é quem recompensa as boas obras que por seu serviço se fazem e exercitam n'esta vida.

O mestre de campo general fez aviso ao conde-governador d'este Estado, Antonio Telles Villas-Boas, o qual residia na Bahia, da mercê que Deus fez a Pernambuco d'esta victoria pelo capitão Zenobio Achioli em 12 de Abril, remettendo-lhe por elle algumas bandeiras que os officiaes e soldados tomaram n'aquella batalha, tirando o estandarte, que, como temos dito, ficou em poder do mestre de campo João Fernandes Vieira, o qual, sendo como é tão curioso, e estima grandemente todas as boas habilidades, buscou o melhor e mais engenhoso pintor, por seu que tinha em sua casa, ao qual mandou pintar em dois grandes paineis esta batalha dos Guararapes, e a outra que se seguiu d'alli a dois mezes, como escreveremos, pelo natural e tão ao vivo que parecem representar e figurar as outras notavelmente, quanto podem capacitar os olhos, que é uma obra grandiosa, e em que fez muito dispendio, como tambem em mandar pintar a batalha do monte das Tabocas, e a da casa forte de D. Anna Paes da Varzea, e a que succedeu quando o governador das armas hollandezas Gassman (*Garstman*), sahiu com todo o poder ao sitio dos Afogados, como temos nos livros precedentes relatado, e outras com as fortalezas que se ganharam ao inimigo; para que o tempo não ponha em esquecimento tão notaveis feitos, assim que n'esta chronica e na pintura duraráõ pela posteridade, para exemplo, emulação e imitação dos valorosos sujeitos.

Parece-me cousa conveniente escrever aqui os nomes dos capitães que n'esta batalha assistiram e pelejaram pelo teor seguinte, sem haver nenhuma preeminencia dos que se poem em primeiro, ou ultimo lugar, senão assim como me foi dictando a memoria. Dos mestres de campo,

tenentes-generaes, sargento-maior Camarão e Henrique Dias, já temos acima feito menção.

Os capitães do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira são os seguintes :

Da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira era alferes Domingos de Sá.

O capitão João Soares de Albuquerque.
O capitão Francisco Berenger.
O capitão Antonio de Castro.
O capitão Cosme do Rego.
O capitão Antonio Borges Uchoa.
O capitão Francisco de Lisbôa.
O capitão Affonso de Albuquerque.
O capitão Bartholomeu Soares Cunha.
O capitão João de Albuquerque.
O capitão Francisco Barreiras.
O capitão Antonio Rodrigues Vidal.
O capitão Manoel Muniz.
O capitão Paulo Teixeira.
O capitão Braz da Rocha.
O capitão Manoel de Abreu.
O capitão Amaro Cordeiro.
O capitão Domingos Ferreira.
O capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque.
O capitão Philippe Ferreira.
O capitão Manoel Lopes.
O capitão Vicente Curado.
O capitão Simão Mendes.
O capitão Antonio da Rocha Dam as.
O capitão Braz de Barros Pereira.
O capitão Sebastião Ferreira.
O capitão João de Pontes.
O capitão Domingos da Costa (que morreu na batalha).

O capitão João Rodrigues (que tambem morreu).

Os capitães do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros são os seguintes:

O capitão Pedro Cavalcante de Albuquerque.
O capitão João Barbosa Pinto.
O capitão Antonio Curado Vidal.
O capitão Antonio Rodrigues França.
O capitão Manoel de Aguiar.
O capitão Francisco da Rocha.
O capitão Lourenço Carneiro.
O capitão João Lopes.
O capitão Antonio da Silva.
O capitão Amador Rodrigues.
O capitão Antonio Dias Santiago.

CAPITULO IX

De como o inimigo se apoderou da força da bateria que lhe largou um capitão nosso, e de como os hollandezes se situaram na villa de Olinda e sua força.

Enterrados os mortos, e despejado o campo, se recolheu a nossa infantaria ao engenho novo da freguezia da Moribeca, onde veiu aviso em como o inimigo, escandalisado da victoria que os nossos alcançaram, e do desbarato que teve seu exercito, marchára na segunda feira á tarde, em vinte de Abril, pela praia, para a villa de Olinda, com seiscentos homens, e por cabo d'elles Nicolas, que havia fugido com as duas companhias de hollandezes para o Recife, como fica escripto no capitulo primeiro do terceiro livro, o qual estava sem pessoa alguma nossa, se bem estavam ainda no reducto, que se chama a guarita de João de Albuquerque, e ao pé d'elle em uma trincheira, cinco peças pequenas de artilharia de ferro.

Chegou o inimigo á villa e se fez senhor d'ella e do reducto, com determinação de a fortificar e mandar para ella seus doentes e feridos. Tanto que se teve este aviso, se mandou tocar a marchar a nossa infantaria em demanda do arraial, aonde se veiu situar em o dito dia á tarde e descansar do trabalho e dar alento aos infatigaveis soldados, os quaes entraram nos quarteis do arraial todos muito alegres pela victoria que Deus lhes havia concedido, e logo começou a maior parte dos moradores da Varzea, que estavam retirados até vêr o successo, a tornar para suas casas, como d'antes.

Ao outro dia, 21 de Abril, se mandou dar vista das bandeiras (porque não se mandaram para a Bahia senão d'ahi a dois dias) ao inimigo pela banda das salinas por onde podiam ser bem vistas da gente do Recife em mãos de soldados, tendidas e ondeadas com o vento, e floreando com ellas, para que ficassem quebrantados seus animos, que bem o estavam com a grandissima perda que receberam, e o Segismundo tão mal tratado da perna, que muitos tempos se não levantou de uma cama, e depois apenas podia andar pelo Recife em muletas.

Como quer que no penoso desterro d'esta vida não ha gosto perfeito, succedeu aos nossos á maior alegria a maior tristeza, porque, tornando o exercito para o arraial, para se guarnecerem as fronteiras, como d'antes estavam, acharam os nossos soldados o inimigo senhor da força da bateria, para, por nosso mal, se seguirem tantos damnos; porque, se tiveramos a dita força, se apertára o inimigo de tal sorte, que alto tivéra que fazer no Recife, e não fôra infestar a Bahia, como foi, por vêr-se livre do que tanto damno lhe fazia; e assim, tendo nós a bateria de novo, pediriamos soccorro á Bahia, que o não podia negar, á vista de tal victoria; e se poderiam pôr mais duas baterias ao Recife, com que

enfadariamos aos hollandezes, dos quaes a maior parte havia de passar á nossa, e posta a bateria na praia, e sitio que se diz de Francisco do Rego, nas salinas, não ha duvida que se houvéra tomar a força primeira que o inimigo tem na mesma praia, que chamam dos Perrexis, ficando os nossos com a artilharia senhores da barra, e com principio de caminharem adiante, ou ao menos obrigar o inimigo a sahir fóra de suas forças para impedir aos nossos, que facilmente o destruiriam, para depois fazer mais a seu salvo seu effeito; que todos estes damnos se seguiram do capitão, a quem se deixou a força da bateria (que foi obrada pelos dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros), que foi a cousa de mais consideração que se fez, depois que ha guerra na America, por ser em parte muito arriscada, e emquanto se fez não foi sentido do inimigo, e por aquella parte muito arriscada, e emquanto se fez, se não viu, por se ir cobrindo com ramos, e por aquella parte se podia restaurar e tomar o Recife, não guardar as ordens que se lhe deram, atrás referidas, e deixou a força da bateria tão importante. Este capitão foi preso e depois se averiguou seu caso, e elle se livrou; e o certo é que as cousas uns as fazem e levam o trabalho, e outros o perdem por descuido da disposição. Os hollandezes no Recife ficaram muito contentes com occuparem tão grandiosa força ás mãos lavadas, sem lhes custar cousa alguma; e seus predicantes pelos consolar da infausta e fatal jornada que fizeram aos montes Guararapes, lhes diziam que fizessem conta que a gente que perderam na batalha lhes custára o renderem aquella força, que tanto opprimia e assombrava o Recife e cidade Mauricia.

CAPITULO X

De como foi o inimigo desalojado da villa de Olinda, e sua força pelos nossos, que d'elles alcançaram victoria, fazendo-os retirar á suas fortalezas como de muitos.

Sabendo os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros que o inimigo estava apoderado da villa de Olinda, como no capitulo antecedente dissemos, persuadiram ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que convinha mandar-se á villa, a investir com elle e deital-o fóra d'aquelle sitio, e isto com muita brevidade, porque estava tão amedrontado pelo successo passado, que seria facil desalojal-o, antes que se fortificasse; porque nas occasiões de guerra a diligencia e presteza é com que se conseguem as victorias; e elles, como tão experimentados, sabiam bem estas regras da milicia. O mestre de campo general o fez assim sem demora, e foram mandados tres capitães do terço de João Fernandes Vieira, na terça-feira á tarde, a 21 de Abril, a saber: o capitão Braz de Barros, que era o cabo, que na villa havia estado, Antonio da Rocha Damaso e Matheus Fagundes, capitão dos soldados pardos, e o governador dos pretos Henrique Dias, os quaes por todos levaram 300 homens, ordenou-lhes que fôssem á villa a desalojar o inimigo.

Partidos estes capitães e chegados junto á villa, se foram emboscar em Bebiribe, no sitio que foi de Antonio de Sá Mahia, distante meia legua d'ella, com suas sentinellas ao largo e descobridores do campo, para no dia seguinte da quarta-feira investirem o inimigo, conforme a disposição em que o achassem.

Ao seguinte dia, descoberto o campo e reconhecido o inimigo, chegados á villa ao romper da manhã, mandou

o capitão Braz de Barros seus descobridores, os quaes, encontrando-se acaso com os do inimigo, na rua que se chama de S. Pedro, toraram (*sic*) arma e foram fugindo com grandes vozes, dizendo — nigris, nigris, e os nossos sobre elles alli deram uns e outros alguns tiros, e foram os hollandezes tomando logo pela rua até á igreja de S. Bento, mas sempre com as costas viradas, fugindo pelo outeiro abaixo, indo-os seguindo os nossos, até junto da força, que se diz de João de Albuquerque, sita na praia, no caminho que vai da villa para o Recife, como algumas vezes temos dito, onde viram o poder do inimigo, que constava de 600 homens, isto por um flamengo que tomaram.

O capitão Braz de Barros, vendo que os nossos descobridores iam pendenciando com os do inimigo, mandou com muita pressa marchar a gente que, chegada a avistar os hollandezes, se pôz ás cargas com elles; mas, vendo o capitão que lhe podia fazer muito damno o inimigo, que estava amparado da força e da trincheira que alli junto estava com sua artilharia, não dando lugar a que a disparassem, mandou que levantassem todos a voz dizendo: á espada! á espada! Os hollandezes, como haviam nos Guararapes visto a resolução com que os nossos soldados os investiram, quando disseram — á espada, temerosos com tal voz, se puzeram em fugida, os que estavam fóra da força, arrojando-se os outros pelas torneiras das peças e muralhas da força abaixo, vendo os outros que iam fugindo, desamparando juntamente a trincheira, da qual os nossos de improviso se senhorearam, e, dando fogo á artilharia, lhe mataram alguma gente, e, seguindo-os pela praia quasi junto até á sua primeira força, foram mortos cento e sessenta flamengos, que os nossos, cansados de tanto correr, não puderam matar mais, e depois de estarem mesclados com os hollandezes, que tambem de cansados e amedrontados

não offendiam a quem os matava, tomaram os nossos alentos para os matar, que com os couces das armas com que lhes davam cahiam, e a mão tente os matavam. Custou aos nossos este bom successo sete homens, que foram feridos, onde entrou o capitão Matheus Fagundes, que ficou passado pelos joelhos.

Os hollandezes largaram quasi todos as armas e dois barris de polvora com o que mais tinham de bagagem; e vindo do Recife dois troços de gente a soccorrer estes, que já estavam recolhidos na força, os que escaparam se não atreveram a pelejar com os nossos, que na mesma praia os estavam esperando, e sómente retiraram alguns mortos, que ficaram juntos á força. Levou o inimigo muitos feridos, como se viu pelo muito sangue que pela praia estava.

Succedeu isto d'alli a tres dias depois da batalha dos Guararapes, e foi de grande effeito desalojar o inimigo da villa; porque, se a fortificava, podia fazer d'ella muitas entradas e sahidas pela campanha; e foi grande a advertencia dos mestres de campo em logo acudirem com presteza a este successo.

Ficou a villa e força guarnecida de gente para a sua defensa; em vinte oito dias do mez de Abril veiu pela estancia das salinas um tambor com carta do inimigo, em que pedia lhe mandassem dar os coroneis e mais officiaes que ficaram prisioneiros na batalha dos Guararapes, na fórma que melhor estivesse, e que contribuiriam; e, além d'isso, que na occasião que succedesse em que elles ficassem de melhor, fariam o mesmo. Mandou-se que não passasse o tambor da estancia, e se lhe tomou a carta, e o despediram, dizendo que logo se responderia.

O coronel Kerver (*Keerweer*), que foi preso, se mandou para a força de Nazareth, e os hollandezes lhe mandaram, por ser

pessoa principal, um flamengo para que o servisse, e, havendo estado alguns dias em Nazareth, foi enviado para a Bahia.

CAPITULO XI

De uma sahida que fez do Recife um coronel hollandez pela força da bateria á estancia do governador dos pretos, Henrique Dias, e da batalha que houve em que o inimigo se retirou com muita perda de gente, e de como intentou outra vez ganhar a mesma estancia sem surtir effeito.

Não se passaram muitos dias depois que Segismundo foi vencido nos Guararapes que chegou ao Recife um coronel, que com duas ou tres náus havia ficado atrás, as quaes eram do resto de sua armada, e, sabendo o successo, ficou muito enfadado, dizendo que, quando em Hollanda se mettêra tanto cabedal n'aquella armada tão poderosa para com ella se restaurar a campanha, então não havia feito cousa alguma ficando elles vencidos, e o grande gasto e dispendio debalde, e que elle queria sahir á campanha para vêr os portuguezes se lhe fariam o que ao Segismundo haviam feito, levando tanta e tão luzida infantaria, que sem duvida devia estar dormindo ou com as mãos atadas, quando n'ella fizeram os portuguezes tão grande estrago. Segismundo lhe respondeu que no tocante ao gasto não tinha que dizer, porque quando se mettêra dobrado cabedal com outra tanta armada não ficava o dispendio debalde, livrando ao Recife de tão grande afflicção e oppressão, qual padecia com a força da bateria, e que por boa fortuna tinha o ser vencido nos Guararapes, perdendo tanta gente para ser senhor da dita força; que, se a quizesse commetter, lhe houveram de matar toda a sua gente, sem fazer nenhum effeito.

No tocante aos portuguezes, se os queria vêr, que não tinha que ir cansar-se aos Guararapes d'onde em outra parte a poucos passos se encontraria com um preto chamado Henrique Dias, e que por alli julgaria quem os brancos eram; e que se guardasse de que, levando as mãos soltas, se não recolhesse com ellas amarradas. Zombou o coronel (cujo nome não pude saber) do dito de Segismundo, que já o desejava vêr na campanha com Henrique Dias, e aprestou e animou a sua gente, gastando alguns dias em a exercitar e formar seus esquadrões no Recife, dando grandes cargas de mosquetaria, e ordenando todas as cousas necessarias; dia da Ascenção do Senhor, que foi em vinte e um de Maio do mesmo anno de 1648, um mez e dois dias depois da batalha dos Guararapes, veiu marchando pela manhã da força da bateria com dois mil homens para a estancia de Henrique Dias, e, topando os seus descobridores, os veiu seguindo até os metter nas trincheiras, as quaes já achou guarnecidas com a gente do mesmo Henrique Dias, que, sabendo vir o inimigo marchando, pôz tudo a ponto de guerra com a diligencia costumada.

Tanto que o inimigo chegou junto das trincheiras, lhe deram os soldados pretos grandes e bem empregadas cargas de mosquetes biscainhos, que obrigaram os hollandezes a se pôrem bem ao largo, sahindo juntamente Henrique Dias de suas trincheiras com sua gente, a pelejar na campanha por muito espaço de tempo, até que chegou o capitão Francisco Berenger, que estava fronteiro e cabo na estancia das salinas com duas companhias, e a gente que assistia na estancia, que chamam do Paço, onde estavam os capitães da gente da Parahyba Antonio Rodrigues Vidal, Manoel Moniz, Vicente Curado, João de Pontes; foram estes capitães dando carga ao inimigo, pelos lados por onde o apertavam de tal sorte, e a gente de Henrique Dias por sua parte,

que o fizeram largar o campo sem lhe darem lugar a que retirasse seus mortos, os quaes tinham já amarrado pelos pescoços com cordas para os levarem a rasto. Os nossos os seguiram até debaixo da força da bateria, d'onde tornaram os hollandezes, que foram derrotados, a formar seus esquadrões, tornando a vir para os nossos, que á custa de muito sangue, assim de uma como de outra parte, os fizeram deter na campina da força, andando sem cessar a bateria de ambas as partes, que nos arrabaldes e districtos do arraial, d'onde bem se ouvia, causou grande horror e espanto, por ser mui grande e continua, retumbando e soando os tiros largo espaço. E, estando a gente no arraial prevenida, com sentido que o inimigo sahiria por mais partes, se deixou de soccorrer como convinha aos que pendenciavam, dizendo os dois mestres de campo, que era tempo de que fôsse soccorrida aquella gente, pela qual causa marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira com parte do seu exercito, o qual fez com toda a diligencia possivel, e chegando achou já o inimigo quasi em suas forças mettido, e por mais diligencias que lhe mandou fazer, provocando-o a que viesse pelejar, não quiz sahir, e emquanto vinha chegando o mestre de campo, considerando o Segismundo que já era tempo de chegar a gente do arraial, mandou do Recife onde ficou por não estar capaz de vir á guerra por causa da ferida da perna, e por não approvar aquella sahida, dizer ao coronel que se retirasse, embarcando-se para a outra banda, e pela ponte que tinha concertado; porque quando tão pouca gente lhe fizéra largar o campo, que chegando a do arraial, os investiria ao pé da sua força.

O coronel se acolheu a tempo, que já os nossos vinham chegando do arraial, com o mestre de campo, como acima dissemos, e não devia de ir com as mãos soltas, porque,

conforme foi ferido pelo pescoço, devia leval-as amarradas, indo carregado por outros. Custou esta pendencia sete homens, que foram mortos dos nossos, em que entravam dois alferes de Henrique Dias, e vinte e cinco feridos, de que depois morreram dois. A perda do inimigo não se averiguou ao certo, porque, depois que se tornou a formar ao pé da força, da qual não tornou a vir muito adiante, porque, como dissemos, os nossos o detiveram, retirou os que alli lhe mataram, mas pelos rendidos se soube que tiveram os hollandezes grande perda, assim de mortos como de feridos.

Em 18 de Agosto tornou a sahir o inimigo para a estancia do governador dos pretos, Henrique Dias, para o desalojar d'ella e ganhar aquelle sitio, e para este effeito veiu com alguns 2000 homens commettendo com grande impeto e furia, porém, defendeu-se o governador com sua gente, e com outra que acudiu da estancia que se diz de João de Mendonça, onde estava por fronteiro o capitão Francisco Berenger e outros capitães, que acudiram das estancias vizinhas, que sempre acudiam tanto que havia pendencia na estancia de Henrique Dias, com muito valor e animo, havendo durado muito tempo a contenda, insistindo muito o inimigo por ganhar o posto, mas sempre foi reprimido e rebatido por algumas vezes, até que vendo que não podia conseguir seu intento, mas antes recebia grande perda, se retirou para o Recife, deixando no campo cincoenta flamengos mortos, afóra os feridos, com bem pouco damno da nossa parte ; e por outra vez intentou ganhar a mesma estancia de Henrique Dias, por ser tão vizinha á cidade Mauricia, e receber cada dia muito damno dos soldados pretos, e os homens prisioneiros, que do Recife se acolhiam, logo acharem n'ella abrigo e amparo ; e por outras muitas causas desejavam de deitar d'alli aquelle

barbilho, porém, nunca puderam, por mais que acommetteram com muita força e poder, nem menos as estancias que junto de Henrique Dias estavam dois soldados minas, onde assistiam com seus capitães, e d'alli sahiam a fazer grande damno ao inimigo, e lhes davam muitos assaltos, tanto que os viam sahir fóra das forças. E eram tão quotidianas as pendencias, que tanto que os hollandezes sahiam a buscar cajús, e outras frutas do mato, os negros minas logo lhes sahiam de improviso,e com as vidas lh'as faziam largar: e eram tão barbaros estes minas, que não lhes queriam dar quartel, mas antes cortavam as cabeças aos que matavam, e vinham com instrumentos bellicos a seu modo e ao de sua terra com bozinas a atabaques, fazendo muita festa, dizendo que aquelles os foram captivar ás suas terras, sendo elles forros, e, feitas suas ceremonias, traziam as cabeças pelas portas dos moradores, d'onde se não iam sem lhes darem alguma cousa; custou aos nossos muito o acabarem com estes minas, que não cortassem as cabeças aos que matavam, e muito mais custou o acabarem com elles, que dessem quartel aos que aprisionavam.

Por este tempo chegaram ao nosso arraial quinhentas cabeças de gado de Sergipe d'El-Rei, que mandou o conde general Antonio Telles depois que veiu Paulo da Cunha, com que se remediou em parte a grande necessidade que a infantaria padecia; e tendo para si o conde que sabia da grande e poderosa armada que de Hollanda tinha chegado aos hollandezes, que o inimigo romperia a gente da campanha de Pernambuco, por cuja causa se acolheriam os que pudessem escapar para a Bahia, mandou cinco companhias com duzentos homens, e por cabo ao capitão Pero de Miranda para o Rio de S. Francisco, por não tomar o inimigo aquelle passo, para que os nossos o achassem seguro; porém Deus dispôz a cousa melhor do que na Bahia se imaginava, e

tanto que o conde soube da victoria e viu as bandeiras dos hollandezes que lhe foram mandadas por o capitão Zenobio Achiolle, como temos referido, festejou muito, e toda a gente da Bahia, tão insigne victoria, e fizeram a Deus muitas acções de graças, e bem se viram vingados os moradores dos damnos e mortes dos soldados que Segismundo havia feito, que assim o prognosticaram os ditos moradores da Bahia, quando o inimigo a deixou.

CAPITULO XII

Da chegada do mestre de campo Francisco de Figueiroa com seu terço ao arraial; conta-se a morte de D. Antonio Philippe Camarão, e destruição que fez o inimigo na Bahia, e outros successos.

O conde Antonio Telles Villas-Bôas, que assistia no Governo da Bahia, mandou de soccorro á campanha ao mestre de campo Francisco de Figueiroa com cousa de quatrocentos infantes e por sargento maior do terço Hieronimo de Enojosa com alguma polvora e munições.

Chegou o mestre de campo ao arraial da Varzea, aos quatro dias de Agosto de 1648, a tempo que estavam os nossos fronteiros pelejando no sitio dos Afogados com o inimigo, o qual, vendo ser tempo de chegar o soccorro do arraial, mas como a maior parte era gente do reino de Portugal, soldados novos e não acostumados á terra, vinham os mais d'elles doentes, e assim foram mandados a convalescer por as casas dos moradores que os recolheram, e fizeram as mais obras de caridade, com muita vontade.

Por este tempo morreu o governador dos indios, D. Antonio Philippe Camarão, tão afamado e nomeado n'estas

campanhas por seus illustres feitos, deixando a todos geralmente sentidos de sua morte, sabendo a falta que fazia, sendo este indio tão fidelissimo á nação portugueza, acompanhando sempre os portuguezes, e pelejando com elles juntamente em tantas quantas occasiões temos referido n'esta historia, desde o tempo do arraial velho de Pernão-Mirim e governo de Mathias d'Albuquerque, sendo bom e experimentado soldado, e grande ardiloso na guerra, e muito bom christão e virtuoso; cada dia ouvia missa e rezava o officio de Nossa Senhora, quando o tempo lhe dava lugar, e fazia praticas a seus indios; e em resolução por seus merecimentos lhe concedeu El-Rei o titulo de D. e o habito de Christo, e o fez governador e capitão-geral de todos os indios do Estado do Brasil, por ser entre elles pessoa mui principal, e a quem todos os indios d'estas capitanias obedeciam; chamava-se, antes de ter o D., Antonio Poty, que na sua lingua quer dizer—Camarão; e era tão exacto em suas cousas, que, quando fallava com pessoas principaes, o fazia por interprete (posto que fallava bem portuguez), dizendo fazia isto, porque, fallando em portuguez, podia cahir em algum erro no pronunciar as palavras por ser indio. Finalmente, foi muito zeloso do serviço de Deus e de seus santos.

Foi enterrado com muita honra e pompa funeral na igreja do arraial, deixando seus soldados indios mui pesarosos de sua morte. Succedendo no mesmo cargo, seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, que tambem tinha o habito de Santiago, soldado não menos valoroso e animoso que elle, posto que em outras cousas differente, e com isto se remediou em parte a falta que fez, ainda que os indios mais bem se davam com o outro, que os tratava com um amor paterno como a filhos; e é para notar que a ultima occasião em que se achou n'esta vida, foi á batalha dos Guararapes

primeira, e d'ahi á cousa de um mez se lhe seguiu a morte de doença; porque homem tão animoso á ultima pendencia da vida, que foi tão famosa, fosse a que fechasse a mesma vida á suas proezas; morreu em sua estancia fronteira, e não em tantos conflictos em que se achou, porque quando chega a morte a bater á porta e se acaba o termo da vida, tanto importa estar em arriscadas pendencias, como na maior quietação e ocio de casa, a quem navega no mar trabalhoso e tempestuoso da vida humana.

Tornou por este tempo a necessitar-se de sustento do nosso arraial, por se haver acabado o gado que veiu de Sergipe, e a farinha era muito pouca, por estarem os moradores retirados, e tinham deixado suas roças na campanha; pela qual causa se foi tirando d'ellas em carros mandioca, que é a raiz de que se faz, e outra se foi fazendo nas mesmas roças, que deu muita quantidade com que se sustentou a infantaria muito tempo, sem por isso os moradores levarem premio, antes a deixavam de boa vontade tirar para os soldados, e se era em partes arriscadas, ia gente de guerra em companhia dos carros para a comboiarem.

Occupava-se o inimigo por este tempo, visto não poder levar a melhor dos nossos, em tomar muitas embarcações, assim da Bahia, Rio de Janeiro, como do reino de Portugal, com que sustentava sua infantaria, e aprestando suas náus com gente de guerra e com o mais necessario, foi na derrota da Bahia, na qual entrando sem nenhuma resistencia, queimou vinte e dois engenhos de assucar, roubando quanto achou no districto d'elles, que foi uma inestimavel perda; sentindo grandemente os senhores dos engenhos o vê-los abrazados, e elles com pouco gosto de os tornarem a reedificar, porque como estavam á beira-mar e em parte onde o inimigo a seu salvo entrava n'elles com suas lanchas, temiam, como viam cada dia, que lh'os tornassem

a abrazar; e os moradores da Bahia experimentavam muitos damnos e perdas.

Isto fez o inimigo em vingança da derrota e destroço que teve nos Guararapes; que parece que do damno e mal que em Pernambuco lhe faziam, iam tomar vingança na Bahia; porém, quando d'ella tornavam os nossos da campanha, eram os executores do castigo e vingança, como temos já contado, e no capitulo seguinte contaremos.

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, sabendo que o inimigo estava com o seu poder infestando a Bahia, mandou a infantaria da terra para suas casas e n'ellas esteve perto de um anno; e a gente que ficou occupava as fronteiras do inimigo, o qual, depois de fazer tanta destruição na Bahia, e tomar pelo mar muitas náus, como temos dito, determinou de volver para o Recife com suas náus, o que fez e chegou em breves dias, com muitos roubos e presa que colheu assim na terra, como no mar, mui triumphante e contente; e da soberba que trazia, lhe nasceu o querer tornar á campanha com todo o poder com que se achava, a tentar outra vez fortuna, e a vêr se a podia ganhar, e assim recolheu tambem as náus, que pelo mar andavam á pilhagem para ajuntar mais cabedal de gente; e por alguns hollandezes rendidos se soube esta sua determinação de querer vir tomar vingança da morte dos seus, que nos Guararapes acabaram; e emquanto se aprestam para a segunda jornada, é necessario que descansemos um pouco com a pluma, pondo fim a este quarto livro, para que, com alento novo, entremos no quinto livro a escrever a grande batalha e gloriosa victoria que alcançaram os nossos soldados segunda vez, nos montes Guararapes, os quaes, para os hollandezes, foram outros semelhantes aos de Gelboé, e para os nossos, victoriosos e triumphantes trophéos de acções tão generosas e de memoraveis proezas.

(Continúa.)

ARCHEOLOGIA HISTORICA

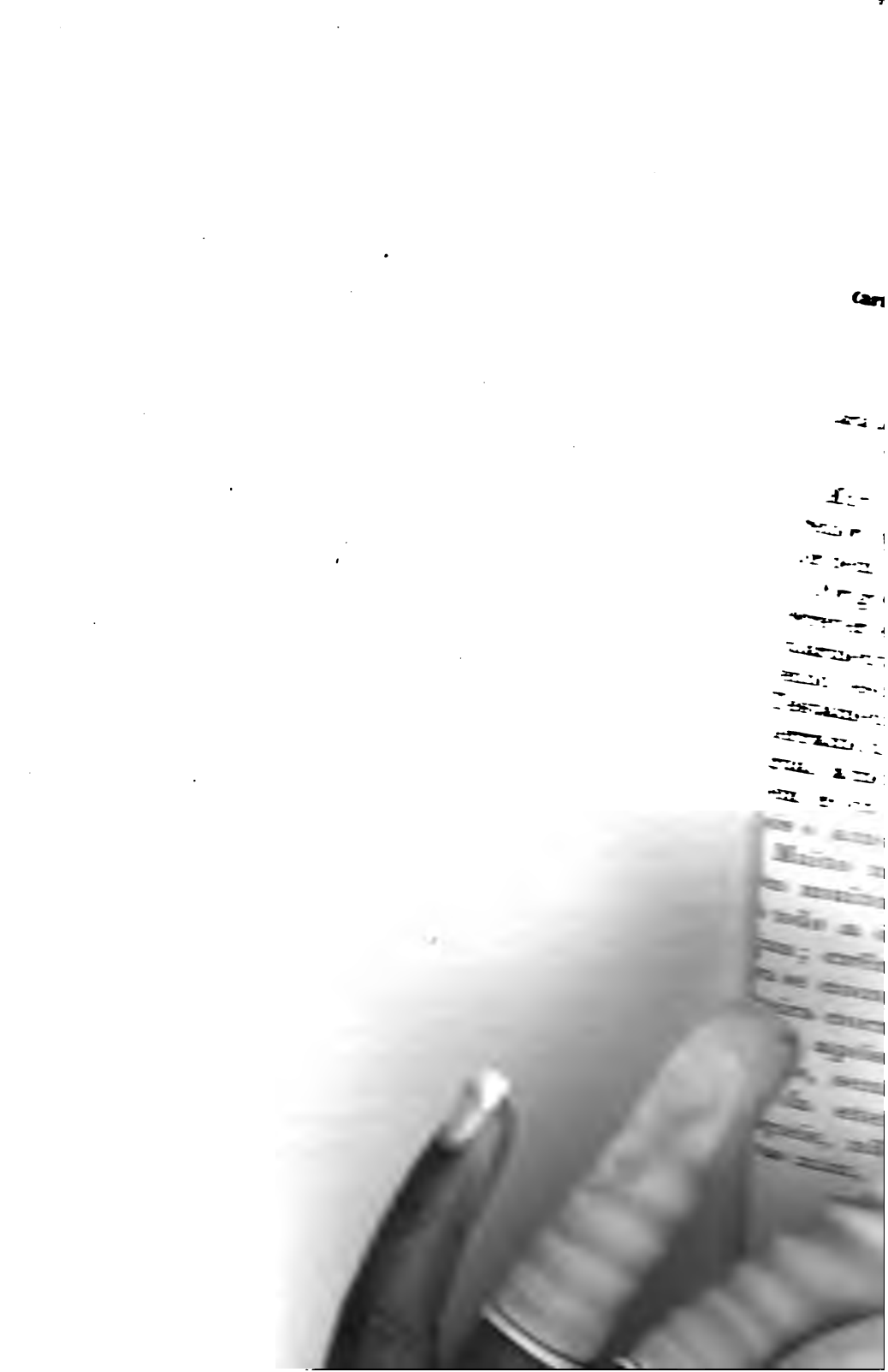
Cartas dos padres da Companhia dos primeiros annos da Colonia.

Carta do padre Manoel da Nobrega, Provincial d'esta Provincia do Brasil, escripta aos moradores de S. Vicente.

Muito amados em Jesus-Christo irmãos, aquelle Nosso Senhor, que já se nos vai, á dextra de seu padre, tenha por bem enviar-nos seu santo espirito, amen.

Obrigou-me o amor, que em o Senhor nosso vos tenho, a escrever estas regras a todos, já que com cada um particularmente não posso cumprir; porque como a todos eu tenho escripto em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que o cordeiro, poucos dias ha crucificado, derramou por toda a cidade de Jerusalém, com grande e igual amor por todo o mundo, assim tambem me pareceu bem com todos juntamente me alegrar, escrevendo a todos, pois o amor é todo um, e a todos igual.

Muito me alegrei no mesmo Senhor, que caminhavam bem muitos para a vida eterna, e não lhes esqueceu logo de todo a doutrina, que por boca d'este peccador pobre ouviram; crêra o Senhor dar graça para se acabar, pois a deu para se começar algum fructo, porque aproveitára d'outra maneira correr um pouco após dos unguentos cheirosos do Senhor, após dos quaes corriam as que diz a esposa nos cantares, senão a chegardes á botica onde elles estão, que é a vida eterna, assim como diz o apostolo S. Paulo, que a chegueis, não como gente que açouta o ar, e que corre, e



ARCHEOLOGIA HISTORICA

Cartas dos padres da Companhia dos primeiros annos da Colonia.

Carta do padre Manoel da Nobrega, Provincial d'esta Provincia do Brasil, escripta aos moradores de S. Vicente.

Muito amados em Jesus-Christo irmãos, aquelle Nosso Senhor, que já se nos vai, á dextra de seu padre, tenha por bem enviar-nos seu santo espirito, amen.

Obrigou-me o amor, que em o Senhor nosso vos tenho, a escrever estas regras a todos, já que com cada um pari[illegible] [illegible]larmente não posso cumprir: porque como a todos os [illegible] escripto em meu coração com o sangue do Nosso Redemptor, que o ordeiro, posto dia da crucifixão, derramou por toda a cidade de Jerusalem, com grande e igual amor por todo o mundo, assim [illegible] [illegible] [illegible]

não sabe para d'onde nem a que fim, mas como gente, a quem espera Jesus-Christo para dar a corôa e fogaça da vida eterna, que os dias passados apparelhou a todos aquelles, que o amam, padecendo e resuscitando, e agora subira aos céos apparelhar o lugar, assentado á dextra de seu padre, que sómente faltava, e para d'alli nos mandar o seu espirito consolador a todos aquelles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabolicas, estão com os discipulos do Senhor juntos em oração, e conformidade de vontade ; porque, assim como é fogo de amor do padre e do filho, que é um Deus verdadeiro, assim tambem não obra sua infinita virtude, senão onde acha uns mesmos corações, uns mesmos desejos, uma paz, uma opinião, um amor, uma bondade, uns propositos, uns mesmos servidores de Christo, o qual na oração que no horto fazia, quando nossos peccados lhe doeram tanto, que obrigou a charidade sua infinita, com que amava sua creatura, a suas gottas de sangue, que de seu corpo aos vestidos corria, e dos vestidos a terra regava, por ser muito para o tal tempo guardou pedir a seu padre, que, assim como elles eram uma mesma cousa, todos seus escolhidos, fôssem uma mesma cousa com elles, porque tambem na vida eterna tudo será um com Deus; pois está escripto, que as que querem bem a Deus, um mesmo espirito, serão com elle : esta é aquella cousa só, que o Senhor Jesus-Christo dizia a suas amigas Martha e Magdalena, que lhes era necessaria, porque todo o mais perturba muito, e faz lograr este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder o outro, porque arruídos, nem odios, nem presumpções e outras cousas semelhantes, não moram na casa de Christo, a qual, posto que tenha muitas moradas, em nenhuma se recolhem as taes obras, pois que já tem a potencia e justiça deputadas ; outros aposentos no centro da terra para os taes,

onde para responder uma cousa com outra ha choro e bater de dentes, e outros trabalhos, os que queria o Senhor por sua bondade ordenar, de maneira que nunca os experimenteis; porque grande mal é de trabalhos d'este mundo, se a possuir outros maiores no outro, e já que é posta a lei no mundo, que os filhos de Adão padeçam trabalhos, sejam antes os da penitencia proveitosa, os quaes o Senhor, com sua graça de consolação e alegria espiritual, faz mui pequenos, pois o seu jugo é sempre suave e leve, e é fiel senhor e bom, que no-lo ajuda a levar, ainda agora por sua parte, e sempre quer levar o maior peso, des que se avezou uma vez a levar a cruz ás costas para o Calvario, elle de uma parte, e Simão Cirineo da outra : com tal companheiro, com tão amoroso Senhor, quem poderá ser tão fraco, que não possa fazer penitencia de seus peccados, com tanto sangue derramado, que é verdadeira meisinha de nossas chagas. Quem não se curará ? Curai-vos, irmãos, curai-vos, se ainda não abastou coresma, nem padecer Christo, nem resuscitar, nem abrirem-nos lá o thesouro todo da santa igreja, para pagardes com elle todas nossas dividas, porque, mui coitado será aquelle, por quem passarem estas cousas todas, e ficar ainda por curar, e muito mais coitado aquelle, do qual se despedo Jesus-Christo, subindo-se á dextra do Padre, e o deixa ainda em peccado mortal, e sobretudo muito mais mal aventurado aquelle a quem, nem comtudo isto, nem com o Senhor, nos mandar o seu espirito de vida, abrazador de todos os corações de Jesus-Christo, póde acabar comsigo, apparelhar-se para recolher seu quinhão ; pois tanto de graça se dá, e em tanta abundancia, muitas vezes, cuido eu, e é para mim grande signal do mundo, durar pouco, pois Nosso Senhor, vejo que quer esperdiçar tanto sua gloria,

e busca tantas maneiras para andar, e o dá, e promette tão barata, como cousa que muito já deseja encher o numero dos escolhidos, e recolher os chamados, e convidados ás bodas de seu filho ; porque, quando eu vejo que a um Abrahão, Isac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos filhos, e d'estes outros, muitos que direi agora de um Deus tão largo e liberal, que, não contente com dar-nos a seu unigenito filho para trinta e tantos annos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nós, agora n'estes tempos derradeiros, não deixa nada por trazer á praça, para cada um com sómente uma pouca de contricção, marque o que lhe fizer mister : vós, irmãos, a quem eu nas entranhas de Jesus-Christo, desejo vêr salvos, marcai muita perseverança, muita temperança, grande castidade, e se não puderdes guardar tanta cousa dos ladrões, que por nossos sentidos entram a roubar, enchei vossa alma de charidade, e n'isto, empregai todo vosso mealheiro, porque é fogo tão forte, que fogem d'elle os demonios, e não ousam a entrar na casa onde se elle accende ; e, porque sempre traz todas as virtudes após si, logo tereis tudo, se a elle tiverdes. O meu amado irmão e padre Antonio Pires vôl-o dirá, lá de mais perto, com mais claridade, do que o eu escrevo : ouvi-o, que creio, que lhe dará o Senhor lingua para vôl-o dizer, pois deu muitas de fogo a uns pobres e ignorantes pescadores, e tambem lhe dará coração para chorar vossos peccados, juntamente com os seus e meus.

Muito desejo saber a vantagem, que achais da confissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me d'isso boas novas, e folgaria muito, que muitos me escrevessem mui particularmente ; porque, posto que eu a todos não escreva, com todos fallo, muitas vezes,

e em minha alma os converso, e ás vezes passeando com elles por essas ruas, e em minhas pobres orações e sacrificios, cada um tem seu quinhão; queira o Senhor, por quem é, aceitar meus desejos, os quaes são fazer-vos Nosso Senhor taes quaes eram os da primitiva igreja; porque, se ahi não houver grande fogo de charidade, como será possivel encenderem-se os corações do gentio; primeiro acendeu o Espirito-Santo fogo de linguas em seus doze apostolos, dos quaes se ateou toda a Europa, e Asia, e Grecia, e a Palestina, e Africa e quasi todo o mundo, o qual fogo se apagou já muita parte d'elle por meus peccados, e por não achar corações limpos e puros, em que ardesse; porque esses que havia, quiz o grande pater-familias recolhe-los á sua gloria, para que já lh'o merecia, e porque sómente d'estas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas, tantos mil annos ha nunca se acendeu, nem se conheceu tal fogo; muito desejo eu, que aquelles, a quem Nosso Senhor o der, tenha tão grande cuidado, que não se lhe apague, mas antes, atiçando com a communicação dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contricção do passado, e proposito constante do que está por vir com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes e dos que esperamos, que serão sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não é razão, que seja senhor d'elle senão o mesmo, que o creou á sua imagem e semelhança: com estas cousas, e outras muitas que o mesmo espirito de vida sabe mui bem ensinar nos corações, onde entra, queria eu, que de tal maneira ardesseis em charidade, que até os matos se queimassem com elle. Ó irmãos de Jesus-Christo, herdeiros com elle da sua gloria, filhos perfilhados do Padre Eterno, vós sois as plantas, a nova semente, que o Senhor n'estas partes pôz

e plantou: quem vos detem, que não dais fructo digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial, estas são as fazendas principaes, que haveis de fazer no Brasil; este é o trato, que deveis de ter com os cidadãos da cidade de Jerusalém celestial, mandardes lá muitos gemidos, muitas settas de fogo; o portador, que leva e traz, é o mesmo Espirito-Santo; o trato bemdicto não é de açuquere corruptivel, mas de graça, mais saborosa que favo de mel: quão poucos ha que te queiram ter, quão poucos mercadores da vida eterna se acham, se os mercadores de pedras preciosas topassem comtigo, venderiam tudo por te mercar, e em ti tratar, trato sem perigo, porque o piloto, que governa, não póde errar; trato de tanto ganho, no qual não se ganha um por cento, mas por um se dá cento, e sobretudo vida eterna em contrapeso; trato que n'este mundo enriquece de graça, e no outro de gloria, trato sem desassocego, antes quanto mais se trata, quanto mais de quietação se ganha: trato onde nunca se perdeu ninguem, e todos possuem suas riquezas em paz, trato sem perigos, mas antes elle livra de perigos, trato onde onzenar é merecer, e não peccar; trato, finalmente, com o qual se afermosenta a cidade de Deus celestial de almas, que louvam a seu Senhor, e a terra dos desterrados, filhos de Adão, recebe por retorno mercadorias espirituaes de graça, de virtudes, de consolações: d'esse trato quero eu, e desejo que haja muito n'esta terra, ao menos entre aquelles, que bem sabem chorar seus peccados, deixando o trato maldito de peccar, pois, por retorno não tem senão fogo de enxofre, que queima, e nunca acaba de queimar; porque assim como por fogo de concupicencia da carne e dos olhos, e da soberba da vida, se paga no inferno est'outro fogo infernal, assim tambem por fogo de charidade e amor se paga na cidade de riba moeda de outro fogo de gloria, o qual é d'aquella

grande fogueira da essencia divina, que a todos abraça e encende em si quantos ao derredor estão; porque, como diz S. Paulo, d'esta cousa pouca, que o Espirito-Sànto reparte, iremos a outro grande e perfeito: o repartidor, que d'onde quer ispira e que repartiu muito aos Apostolos, reparta tambem com essa terra seu quinhão, porque, querendo elle, e querendo vós ouvil-o, tenho por certo, que alegrareis a cidade de Deus com o impeto do rio de lagrimas, e com a emenda de vossos peccados; e por mim rogareis todos ao Senhor, pois vol-o digo com entranhas de amor, e muito mais o desejo. Agora esperamos pastor, e tão bem padres da Companhia, o que tudo nos ajudará.

D'esta casa.

Carta para os irmãos de Portugal

Quid scribam, fratribus meis, ut consolentur in Domino, nisi amaritudines contra me, ut orest pro me, et non consumat peccatis adolescentia mea.

Muitas vezes estou cuidando o muito que Nosso Senhor obraria n'estas partes pela Companhia, se muitos meus irmãos de Coimbra cá viessem; porque em cada cousa, e cada hora, se eu tivesse bons olhos, viria ao Senhor obrar e dispôr tudo suavemente. Não poderei escrever cousas particulares, porque são já tão frio e tão soberbo, que não sei já cousa, que me farte, nem me satisfaça, nem me console, nem me aquente, senão acabar de vêr já todo o Brasil christão, ou ser como Deus, e saber tudo, *heu fratres latet anguis in herba*, e eu estou longe de vós para ser ajudado; e não sei se vos esqueceis de mim, porque eu cada vez me acho atrás.

O padre Nobrega me mandou escrever-vos as cousas d'esta capitania; porque de Pernambuco se escreverá o que Nosso Senhor n'aquella capitania obrou, e por conseguinte das outras capitanias fará o mesmo; bem quizeramos que tudo se pudesse escrever junto, e não espalhado, e, porém, não póde ser, porque ás vezes se passa um anno, e não sabemos uns dos outros, por causa dos tempos, e dos poucos navios, que andam pela costa, e ás vezes se vê mais cedo navios de Portugal, que das capitanias, e por isso os padres das capitanias escreverão por sua via, e nós por a nossa.

Desde que chegou o padre Nobrega, que foi no começo da Quaresma, fazendo-se prestes um barco para S. Vicente, determinou ir visitando as capitanias e prégando o jubileu, mas, movido pelo desejo que tinha de os vêr a todos, e consolar-se com seus irmãos, que por ser vontade de Deus Nosso Senhor, como claramente se viu, porque, estando embarcados, o padre Nobrega e Manoel de Paiva em tempo de monção para toda a costa, e partindo com muito bom tempo, logo sahindo da Bahia se mudou, que foi forçado tornarem arribar, o qual considerando os padres e irmãos disseram, se por ventura não se servia Nosso Senhor de tal ida, por onde pareceu bem ao padre Nobrega pôl-o em parecer de todos, e se concluiu, que não devia de ir por muitas causas, que se alli moveram, o que depois a experiencia ensinou ser muita gloria de Nosso Senhor não ir elle por cousas, que succederam; e foi o padre Manoel de Paiva e o padre Navarro prégando o jubileu pelas capitanias, e visitando as casas; o padre Navarro ficou em Porto-Seguro em razão das prégações e doutrinas dos christãos, e gentios d'aquella capitania, onde se faz muito fructo, e andam duas povoações em bandos, sobre quem fará melhor casa de meninos por devoção, que tem aos

padres da Companhia. O padre Paiva passou ao Espirito-Santo, onde antes estava o padre Affonso Braz, e, por ser vindo a Porto-Seguro, e d'ahi vir ter commigo a communicar-me casos de consciencia, e não se encontraram no caminho, foi forçado ao padre Paiva ficar-se no Espirito-Santo, e tambem por ser Quaresma, e ao povo se não poder expedir, e foi tudo ordenado por Nosso Senhor; porque levava tres meninos, com os quaes principiou aquella casa, e não eram tão necessarios em S. Vicente, para onde elles iam, os quaes acarretaram outros da terra; que aprendem e causam muita devoção com suas doutrinas e prégações e cantares de Nosso Senhor, assim aos christãos como gentios, e vai em muito crescimento aquella casa, e ha de ser a melhor de toda costa, em razão dos muitos mantimentos, que alli ha em muita abastança, posto que agora esteja muito pobre de gente.

O padre Affonso Braz, por achar o padre Navarro em Porto-Seguro, e lhe determinar suas duvidas, se tornava no primeiro barco. O padre Nobrega se ficou n'esta capitania da Bahia, com o padre Salvador Rodrigues, o qual tinha cuidado dos meninos, e por sua fraqueza não podia confessar, nem dizer missa, e por isso carregava tudo no padre Nobrega, o qual confessava todos os dias da Quaresma, e aos Domingos dizia duas missas, e prégava duas prégações, uma n'esta cidade, e outra na Villa Velha, com andar, cada Domingo uma legua, assim da ida como da vinda, e prégar ás sextas-feiras na cidade, e acudir a todos os negocios espirituaes, que sobrevinham, e a governação d'esta casa, e gente d'ella, que são perto de quarenta pessoas, entre servidores e homens de trabalho, e meninos. O fructo, que Nosso Senhor obrou, não poderei eu escrever em particular; porque se fizeram alguns casamentos de muito serviço

de Nosso Senhor, apartaram-se muitos peccados, reformou-se muita gente em bons costumes.

Certos, irmãos, que a virem mulheres de lá, com que os homens casassem, que se poderá bem chamar esta capitania uma religião ; porque costume de jurar o nome do Senhor, mais estranhado é, entre os leigos mesmos, que em outras partes, entre pessoas religiosas ; se ha desconcertos entre alguns, logo são amigos ; o furtar senão entre pessoas, que por isso vieram degradados ; dos outros máus costumes muito apartados ; creio, que nenhum ficára por ganhar o jubileu, fazendo o que em si era, posto que alguns, por não poderem commodamente apartar-se de indias, de que tinham filhos, esperam por mulheres, com que casem, e se apartem.

O fervor dos escravos com as prégações na lingua e doutrina, é tanto que envergonhavam aos senhores ; e melhor sabem a doutrina christã que os senhores ; os christãos dos gentios, que permaneceram, são taes, que envergonham minha frieza, tambem sabem quando vêm o Domingo, como eu, e não erram nenhum ; e se algum gentio falla mal dos brancos, elles são os primeiros, que lhe vêm a offerecer, para se castigarem os ruins ; e dizem, que já não têm outros parentes senão os christãos ; e de todos os gentios, são estes invejados, e lhes querem mal seus parentes, por amor dos christãos, e, como lhe virem muitas tentações e perseguições, sempre permaneceram, que é cousa de que cá nós muitos nos maranhamos, e com que muito louvamos ao Senhor ; porque uns lhes morreram, outros são sempre doentes, os feiticeiros assacam-lhes mil raivas e muitas mentiras, para os perverter, prégando que nós os matamos com o baptismo, e provam lh'o ; porque muitos delles morreram, e comtudo permanecem no começado, com

muito trabalho dos padres, que não fazem senão prégar contra isto.

O motivo, que tiveram os feiticeiros a prégarem isto, foi por um grande e evidente juizo de Nosso Senhor, que n'esta terra obrou; porque quiz apartar os bons dos máus, e ensinar, que quem quizesse ser christão, que o havia de ser bom, e não como o eram alguns do tempo passado, que os padres acharam, quando primeiramente vieram a este Brasil, e foi de maneira que os que se fizeram christãos, e não permaneceram, quasi que nenhum ficou, que não morresse, depois de amoestados por vezes dos padres, e quiz Nosso Senhor, que os filhos d'estes, que foram baptizados na innocencia, na mesma innocencia falleceram *ne malitia mutaret intellectum*, e d'esta maneira se castigaram os parentes, e elles se salvaram, de maneira que por esta via tirou Nosso Senhor dos corações do gentio, que não podiam servir a Deus e a belial; não podiam ser christãos, e viver costumes de gentios, como d'antes cuidavam, por quanto os baptizavam, deixando-os viver como d'antes, e nunca lhe fallaram n'isso, nem os gentios cuidavam, que ser christão, que era mais que andar vestidos e baptizar-se.

D'esta grande mortandade tomaram os outros occasião, por persuasão dos feiticeiros, a fugirem dos padres, dizendo, que lhes botavam a morte, e a temerem-nos, e por medo fazerem quanto lhes pedem, como darem seus escravos, e não os comerem, quando os padres lhe dizem, como aconteceu, porque ha, a um; e outras cousas, que não se podem escrever.

Os meninos da terra fazem muito fructo, e ajudam muito bem aos padres, e espantam-se os gentios verem-nos fallar com fervor, e sem medo nem vergonha de Nosso Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assim das

prégações, como de cantigas pela lingua e em portuguez, e aprendem muito o necessario, têm sua oração mental e verbal, tudo repartido a seu tempo conveniente, e praticas de Nosso Senhor, que cada dia, todos juntos á noite, o padre Nobrega e os padres lhes fazem; têm grandes fervores e mortificações, que em a'guma cousa vos querem arremedar a vós, carissimos irmãos, são grandes os desejos de padecerem, e de irem pela terra a dentro ao sertão em suas peregrinações; se aproveitam muito, o que eu não escreverei; porque o padre lhes mandou, que escrevessem aos meninos de Lisbôa; e, porque poderá ser, que suas cartas as vejais, o não escreverei, sómente de uma derradeira, que fizeram, na qual muito padeceram todos por si os padres e irmãos, como os meninos, porque fugiam os gentios d'elles, como da morte; e despejavam as casas e fugiam para os matos; outros queimavam pimenta, por lhes não entrar a morte em casa; levavam cruz alevantada, a que haviam grande medo e vinham alguns ao caminho a rogar aos padres, que lhes não fizessem mal, que passassem de largo, mostrando o caminho, e tremendo como a verga; não queriam ouvir as prégações, e isto quanto mais entravam pela terra dentro, e mui asinha se tornaram os padres, se já não tiveram entrado tanto, e esperarem achar melhor gentio adiante; e, como o Senhor é ajudador, sempre quando comerem, posto que todo o dia não achassem quem os agasalhassem, nem lhes quizessem dar de comer, sempre ás tardes Nosso Senhor movia os corações dos da aldêa, onde achegavam, a que com muito gasalhado lhes dessem quanto tinham, e alguns sahiram a recebêl-os ao caminho com muita alegria; e se algum tinha pouca fé, parecendo-lhe que seria á noite, o que foi de dia, e que poderia dormir no campo, e perecer á fome, viram evidentemente como *in opportunitatibus adjutor est Dominus.*

O irmão Vicente Rodrigues está d'aqui quatro leguas pela Bahia a dentro, e tem cuidado de visitar algumas aldêas de gentios, onde, por terem mais communicação com os padres, e serem mais achegados parentes d'estes, novamente convertidos, e nos terem muita affeição, está mui acoito entre elles, e é junto onde dizem estar as pégadas de S. Thomé; tem grande auditorio de meninos, que aprendem; tem comsigo dous meninos prégadores, que fazem muito fructo, fazem quanto lhes diz. O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse com D. Alvares, por lingua dos indios *Caramurús*, ao qual tem grande credito os indios, por haver quarenta ou cincoenta annos que anda entre elles, e ser velho honrado, que andasse pelas aldêas com os padres, promettendo-lhe ordenado d'el-rei, o que ao bispo pareceu muito bem, e logo o pôz em obra, e lhe fallou, e assim se fará, e está concertado, ir um dia d'estes por todas as aldêas a prégar contra a abusão, que está semeada entre elles, e declarar-lhes a verdade, e ha de ser pai dos que se converterem.

De S. Vicente tivemos cartas de muita consolação, por muito fructo, que lá sé faz, o qual não relatarei, porque d'ella o escreverão largo; escrevem, que todos nós vamos para lá, e deixemos cá tudo d'estas capitanias, ainda que seja muito o que do cá se fizer pela grande seara, que lá se colhe de muito fructo, e por ser gentio, pelo qual se andam as quinhentas leguas, por elle veremos estas cousas, e quasi poucos somos para tanto.

Não sabemos, que dizer, e andamos todos tentados de vêr, que em Portugal andam tantos prégadores de nossos irmãos em partes, onde as almas têm seu Moysés e seus prophetas; e cá, onde tantas almas perecem á mingua, não vir ninguem; pois eu tenho para mim que folgam mais com uma alma brasilea, que estava perdida, que não muitos

justos, que por muitas vias podem ser soccorridos de Nosso Senhor. Vinde, carissimos, que vos esperam muitas almas e muitos anjos, para vos ajudarem, e Nosso Senhor quer já crear povo novo, e gente nova para Jerusalém.

Nos Ilhéos não está ninguem, por não haver padre, que lá esteja, é muito importunado d'ella o nosso padre Nobrega. Ninguem quer vêr senão padres da Companhia; promettem dar quanto têm para as casas. O padre Nobrega determina ir com o governador, e proverá e dará ordem a tudo, e creio que levará os padres, que achar comsigo, deixando as capitanias, esperando por vós, irmãos, que venhais e soccorrais, porque ha messe, não nos sabemos dar a mãos, e os obreiros são poucos.

Outra do mesmo padre para El-Rei D. João.

A graça e consolação do Espirito-Santo seja com V. A. sempre. Amen. Porque mando este anno um padre de cá a dar conta a V. A. e á Companhia das cousas d'estas partes, e por Thomé de Sousa haver pouco, que de cá partiu, pelos quaes de tudo será bem informado, não tinha eu para que escrever; mas para cumprir com a devoção de V. A., e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho d'estas partes serem favorecidas d'elle, sómente lhe darei alguma conta d'esta capitania de S. Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais apparelhada para a conversão do gentio, que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os christãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações: ha muitas gerações

que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são crueis em suas guerras, como estes da costa, porque sómente se defendem; algumas têm um uso principal, e outras cousas, mui amigas da lei natural, por qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes soccorrermos, maiormente que n'esta capitania nos proveu de instrumentos para isso, que são alguns irmãos linguas, e por estas razões n'esta capitania nos occupamos mais que nas outras. Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolherão alguns orphãos da terra, e filhos do gentio, e do mar dez leguas, pouco mais, ou menos duas leguas de uma povoação de João Ramalho, que se chama Piratininga, onde Martim Affonso de Sousa, primeiro povoou, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer á sua igreja, e aquelles que sua palavra e evangelho engendra pela prégação, e estes de todo deixam seus costumes, e se vão extremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação, e os filhos d'estes são os que se doutrinam no collegio de S. Vicente.

Na Bahia não se entende agora com o gentio por falta de linguas, que não temos; sómente se sustenta aquella casa, e se doutrinam alguns moços, e assim tambem porque andam elles agora todos baralhados em tão crueis guerras, que vizinhos com vizinhos, e casa com casa se comem, que é grande juizo de Nosso Senhor, e é agora o mais conveniente tempo para a todos sujeitarem, e os emporem no que quizerem; e já agora a terra estava honestamente segura e cheia de gente para se poder fazer, se os indios o quizessem contradizer, quanto mais que por certo se tem, que assim uns como os outros, que dentro d'aquella geração de dez ou doze leguas estão, lhes viriam bem, e folgariam aceitar qualquer sujeição moderada, antes que viverem nos

trabalhos, em que vivem; e, porém, os homens commummente vivem e buscam, *quæ sua sunt, non quæ Jesus-Christi*, e querem mais qualquer repouso seu, que o muito que Nosso Senhor ganharia, e não querem aventurar qualquer por sua, por ganharem muito para Christo, e para o bem da terra, e por isso se permitte, que junto das portas da cidade se espedacem corpos humanos, e se comam, o que é opprobrio de Christo, e deshonra da nobreza portugueza, e todos dizem *pax, et non erat pax; curavimus Babiloniam, et non est curata.* Parece razão deixaremos esta parte e quinhão ao bispo, e a seus padres, o qual quer levar outro estylo com elles, differente do nosso proceder, e o seu deve ser o melhor, pois é muito virtuoso, zeloso e letrado, e em tudo muito experimentado.

Jesus. Outra do mesmo padre a El-Rei D. João.

Nosso Senhor Jesus-Christo dê muita graça e consolação a V. A. sempre. Amen. De Pernambuco escrevia a V. A. mais largo, do que agora farei, porque d'ella não havia tantos, que informassem da terra a V. A. como a de cá: o bispo mostrou-se nosso senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, apezar do principe das escuridades, que bem quizéra estorvar sua vinda, pois com elle *efficientur foras*, e davam muitas almas gloria ao Senhor.

Já que escrevi a V. A. a falta, que n'esta terra ha de mulheres com que os homens casem, e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande V. A. muitas orphãs, e se não houver

muitas, venham de misturas d'ellas quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharáõ, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado. Esta terra é tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos officiaes de V. A. que lá têm, com terem muito gasto e pouco proveito ir de cá, maiormente aquelles, que desejam mais irem de cá muitos navios carregados de ouro, que para o céo muitas almas para Christo; se se não remediar em parte, com V. A. mandar moradores, que rompam e queiram bem a terra, e com tirar officiaes tantos e de tantos ordenados, os quaes não querem mais, que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma aução de irem importunar a V. A.; e como este é seu fim principal, não querem bem á terra, pois tem sua affeição em Portugal, nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem; isto é o geral, posto que entre elles haverá alguns fóra d'esta regra.

Accrescenta-se agora gastos de bispo e cabido, o que a terra n'este principio não poderá sustentar juntamente com os officiaes, bastava que um governador com um ouvidor geral, sem *assignaturas* (duas) para não haver muitas demandas, e pouco mais para tudo, o que ao presente na terra ha por fazer, porque não sei, que parece haver officiaes de duzentos mil réis, com fazerem pouco mais de nada, dos dizimos da igreja, e os padres morrerem de fome, com rezarem todo o dia; o mais do que aproveitavam até agora, foi de representarem gente, elles e seus criados, o qual bem se escusava, se virem moradores, algumas vezes cuido, quão bem empregado seria, entretanto que a terra ajuda mais dar V. A. uma igreja ao bispo e cabido do mestrado de Christo, ou Santiago, pois é tanto para serviço do mesmo Christo.

Temos por nova, que manda V. A. ir para o anno o

Thomé de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muita que temo vir outro, que destrua isso pouco que está feito, e que favoreça mais os peccados, vicios, que este, e que queira ir aproveitado á custa da terra; sei que folgará muito de viver n'esta terra se cá tivesse sua mulher, ainda que não fosse governador, se uma filha que tem a tivesse casada; isto tudo não sei como possa ser, os meus desejos em Nosso Senhor são que, ou elle se não vá ou façam lá outro por elle; porque o maior mal, que lhe achamos é ser mais amigo da fazenda um pouco de V. A. do que deve: ao menos, lembro a V. A. que não mande a esta terra governador solteiro nem mancebo, se a não quer vêr de toda destruida; e grande bem seria, se fosse casado, e viesse com sua mulher para dar-mos principio e fundamento a estas casas das capitanias, que começamos a fundar. Não somos já idos a descobrir a terra, segundo as novas que temos, posto que, com todos meus irmãos, muito o desejamos já; e certo que o espirito do Senhor nos compelle, e força já muito, mande V. A. muitos da Companhia, que sustentem este pouco que está ganho, para que nós possamos ir buscar thesouro dolinas (*sic*) para Nosso Senhor, e descobrir proveito para este reino e rei que tambem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

As mais novas da terra, haverá muitos, que as dirão a V. A., o que me a mim occorre para dizer, é que vai tudo em crescimento, assim no espiritual como temporal, alguns se fazem christãos, depois de muito provados, e vai-se pondo em costume de, ou serem bons christãos, ou apartarem-se de todo da nossa conversação; e os que agora se baptizam, os apartamos em uma aldêa, onde estão os christãos, e têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem

baptizar muitos em multidão, porque a experiencia ensina que poucos vêm a lume, e é maior condemnação sua, e pouca revorencia do Sacramento do baptismo; o temporal, tambem vai em crescimento, posto que de vagar, porque V. A. não manda moradores, que aproveitem a terra.

Para mim tenho por averiguado, que se vierem moradores, que este gentio se senhoreará facilmente, e serão todos christãos, se vindo elles se defender, resgatar com os gentios, permittindo-se sómente resgatar com os christãos e cathecumenos, que viverem apartados dos outros, debaixo da obediencia de HOMENS, um pai, que os reja, e de um padre nosso, que os doutrine, e d'esta opinião, acho que a todos que, da terra mais sabem, porque gente, que não tem Deus, por quem morram, e tem tanta necessidade do resgate, sem o qual não terão vida, ainda que muito a seu salvo nos pudessem botar da terra, não lhes convinha, e se os obrigarem a serem christãos, para poderem resgatar, facilmente o farão, e já agora o fariam, se lh'o defendessem; e, porém, a necessidade, que temos d'elles, e de seu serviço e mantimentos, o não permitte, e se vierem moradores, que rompam a terra, escusar-se-ha o trato com elles, e a terra de todo se assegurará.

A terra recebe muito bem ao bispo, e já se começa de vêr a olho o fructo, o qual esperamos, que cada vez mais irá em crescimento, porque da primeira prégação, que fez já, cada um começa a cobrir e dar roupas a seus escravos, e vêm vestidos á igreja, o que faz a autoridade o magestade de um bispo; espero no Senhor, que com sua vida e doutrina, se faça n'esta terra um bom povo christão; favoreça V. A. de lá, e não abastem friezas, e desgostos de estorvadores, a estorvarem o santo zêlo, e

proposito de augmentar a fé catholica, que Deus Nosso Senhor tem dado a V. A.

Outra carta do mesmo padre para o padre provincial de Portugal (Nobrega).

Uma recebi de Francisco Henriques escripta por mandado de F... alegrou-nos muito com as mais que dos irmãos soubemos. Vespora da vespora de S. João chegou o bispo a esta Bahia, com toda a náu e gente de saúde, posto que trouxeram prolixa viagem, e que parecia a todos, que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nós tememos querer Nosso Senhor castigar os peccados d'esta terra, com não nol-a trazer, *sed tristitia nostra versa est in gaudium,* com a trazer com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor; o bispo veiu pousar comnosco, até que lhe marcaram umas boas casas, em que agora está; é muito benigno e zeloso, e mostra-se n'elle bem ter amor, e sentir as cousas da Companhia; prégou dia de S. Pedro e S. Paulo com muita edificação, com que muito ganhou os corações de suas ovelhas; eu trabalharei sempre por lhe obedecer em tudo, e elle não mandará cousa, que prejudique a nosso instituto e bem da Companhia.

O bispo determina occupar-nos na visitação das capitanias, e agora n'este navio encarrega ao padre Antonio Pires, que está em Pernambuco, até elle ir visitar; e, considerando eu a obediencia, que lhe devo ter, e não nos occupar mais que inquerir e amoestar, e não julgar ninguem, nem tomar conta de cousas, e a falta, que d'isso

ha de homens, e assim esta primeira vez ha de ser tudo por amor, me determino fazel-o, por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; se V. R. lhe não parecer bem, escreva-lhe, que não nol-o mande; porque diz que V. R. lhe disse, que nós o ajudariamos n'isso. Este collegio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fructo; porque andam pelas aldêas com prégações e cantigas de Nosso Senhor pela lingua, que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via; o mantimento e vestuario, que nos El-Rei dá, todo lh'o damos a elles, e nós vivemos de esmolas, e comemos pelas casas com os criados d'esta gente principal, o que fazemos, porque se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberem que tudo é dos meninos. O governador ordenou de dar a dez, que viemos de Portugal, um cruzado em ferro cada mez, para a mantença de cada um, e cinco mil seiscentos réis para vestir cada anno, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer n'esta terra; e porém eu não lhe puz grosa, porque nem ainda esse merecemos. Já tenho escripto sobre os escravos, que se tomaram, dos quaes um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar, tambem tomei doze vaquinhas para criação, e para os meninos terem leite, que é grande mantimento; em toda a maneira este anno tragam os padres provisão d'El-Rei, assim dos escravos como d'estas doze vaccas, porque tenho dado fiador para dentro de um anno as pagar a El-Rei, e será grande fortuna se d'este anno passar, nas vaccas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e tambem os outros collegios das capitanias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isto, e querem dar escravos e muita ajuda.

D'aqui a dois mezes irá o governador correr a costa e irei com elle visitando as casas, e darei ordem, como me

Nosso Senhor ensinar, para que se comecem a fazer; posto que algumas estão já bem principiadas.

Mande V. R. padres, e com elles alguns meninos de bom exemplo, e boas fallas, para lhes darem bons principios. N'esta terra custa muito pouco fazer-se um collegio, e sustentar-se, porque a terra é muito farta, e os meninos da terra sustentam-se com muito pouco, e os moradores muito affeiçoados a isto, e as terras não custam dinheiro; este da Bahia foi mais trabalho, porque se fez sem ajuda dos moradores em terra povoada de pouco, e os meninos d'ella serem degradados e gente pobre; se El-Rei favorecer este, e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos, que digo; me dizem que mandam mais escravos a esta terra de guime, (*sic*) se assim fôr, podia logo vir provisão para mais tres ou quatro, além dos que a casa tem, antes de um anno se sustentariam bem (!) meninos e mais; porque assim como ella está agora mantendo a trinta pessoas, e mais agora mando fazer algodoáes para mandar lá muito algodão, para que mandem pannos, de que se vistam os meninos, e não será necessario, que o collegio de Coimbra que nos ajude senão com orações, antes de que lhe seremos bons em alguma cousa.

Vicente Roiz era muito doente e enfermo, sempre se queixava da cabeça, mandei-lhe, que não fôsse mais doente, e assim o fez, já o não é de um anno para cá, e nos ajuda mui bem em tudo. Salvador Roiz tem cuidado dos meninos, e fal-o muito bem, e tambem se acha já melhor; o padre Navarro está em Porto-Seguro, faz seu officio; Affonso Braz tem cuidado do Espirito-Santo, tem grande collegio, manda-me pedir meninos, para o principiar; Leonardo Nunes, e Diogo Jacome estão em S. Vicente, ha dias que não tenho novas d'elles; este anno mandei o padre Paiva e alguns meninos, a visital-os, por eu não poder ir agora;

irei cedo com a armada; a fama d'elles é grande; Antonio Pires está em Pernambuco; Francisco Pires está agora aqui n'esta Bahia; todos servem a Nosso Senhor, e empregam bem seus talentos *pater, quos dedisti mihi non perdidi*..... por suas virtudes, e pelas orações de V. R., posto que meu máu exemplo abastava bem a destruir tudo, e, quando regidos por mim são tão bons, que fará se V. R. mandar um bom, que d'elles e de mim tenha cuidado, *veniat, pater, veniat, si amat Jesum Christum.*

Eu tinha dois meninos da terra para mandar a V. R., os quaes serão muito para a Companhia; sabem bem lêr e escrever, e contar, e são cá prégadores, e não ha cá mais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um anno, e algum pouco de latim, para se ordenarem, quando tiverem idade, e folgára El-Rei muito de os vêr, por serem primicias d'esta terra; e por não ter embarcação boa, e ser já tarde, e andarem francezes, os não mando este anno, para outro irão com o governador, se V. R. me não escrever o contrario.

O governador Thomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso, e entende tão bem o espirito da Companhia, que lhe falta pouco para ser d'ella; não creio que esta terra fôra avante com tantos contrastes, como teve, se houvéra outro governador, dizem, que se vai este anno, que vem, que tememos muito vir outro, que destrua tudo; de quantos de lá vieram nenhum tem amor á esta terra, só elle, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se ir; parece-me que se El-Rei lhe der lá o que tem á sua filha, e a casar, e lhe mandar sua mulher, que folgará muito de viver cá, não por governador, senão por morador, com o que cá tem; digo de sua criação e seus escravos; porque é muito contente d'esta terra, e acha-se muito bem n'ella, e muitas vezes conheci

isto d'elle, nem crerá ordenado d'El-Rei, mais que qualquer favor de honra em sua vida; e se este homem cá assentar será grande favor da terra, e com elle se ganharão muitos moradores; dê V. R. d'isso conta a El-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas; V. R. lhe escreva os agradecimentos de muitos favores, que nos cá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor.

Muito desejosos andamos todos de ir pelo sertão, porque a nenhuma parte iremos, onde não haja apparelho melhor para se fazerem bons christãos, que nas capitanias, os quaes para bem nos crerem é necessario que por tempo nos experimentem, e venham a conhecimento da verdade; porque inda agora a medo nos crêm, em razão das muitas maldades dos brancos, até agora o porque o dilatamos é por dar principio a estas casas das capitanias onde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comam a todos os que fôrem, mande V. R. logo muitos para que haja, para deixar nos collegios, e levar dous ou tres, e com elles e com o bispo teremos lugar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de gentios, onde acharemos alguns escolhidos para o reino dos céos. A nossa igreja, que fizemos, se nos cahe; porque era de taipa de mão, e de palha, agora ajuntarei estes senhores mais honrados, que nos ajudem a reparal-a, até que Deus queira dar outra igreja de mais dura, se a V. R. parecer bem fallar n'isso a El-Rei; senão os padres, que vierem, farão outra, que virão com fervores, que dure outros tres annos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra, senão se fôr d'aqui quinhentas leguas pelo sertão.

Outra do mesmo padre ao padre-mestre Simão.

Por todas as vias, que posso, escrevo a V. R., *quia amo patrem meum, qui et ipse amat me*; e porque me parece, que tenho já bastantemente escripto, n'esta sómente darei conta a V. R. de algumas cousas, que nas outras fui falto.

Todos os padres e irmãos estamos de saude, gloria a Nosso Senhor, corporal, e quietos no espirito; cada um trabalha segundo seu talento e graça, que Nosso Senhor lhe dá. Já tenho escripto por vezes a V. R. como n'estas partes pretendiamos criar meninos do gentio, por ser elle muito, e nós poucos, e saberemos lhe mal fallar em sua lingua, e elles de tantos mil annos creados e habituados em perversos costumes, e por este nos parecer meio tão necessario á conversão do gentio, trabalhamos por dar principio á casos, que fiquem para emquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos collegios, em que se criem soldados para Christo; confirmou isto mandarem de lá meninos, os quaes, como não fôssem para este fim, e para darem principio á casa, não sei para que cá eram; o que tudo praticando com o governador, e vendo a difficuldade de manter os meninos, que de lá vieram, em razão da terra ser nova, e pouca gente n'ella, que lhes pudesse dar esmolas, por serem os mais degradados, e outra gente pobre e miseravel, assentámos com o parecer dos mais padres nossos de tomarmos terra, e ordenarmos casas de meninos, e logo assim nós, por nossas mãos, como rogando aos indios da terra, como os escravos dos brancos, e elles mesmos, por sua devoção, começámos a roçar, e fazer mantimentos aos meninos, como zeloso e virtuoso que é, porque as esmolas, que se pediam, não bastavam a um só comer, depois que d'ella mandaram o

alvará d'El-Rei para nos darem mantimentos e vestuario, ordenaram os officiaes de darem a dez que viemos um cruzado em ferro a cada um, que sahia pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a mantença nossa, e cinco mil e seiscentos réis para vestido de cada padre, cada anno, o que tudo applicámos á esta casa para os meninos, e nós no vestido remediamo-nos com o que ainda do reino trouxemos; porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquei, que V. R. por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no collegio, em sãos fins; e no comer vivemos por esmolas.

Depois que vieram os escravos d'El-Rei de Guiné a esta terra, tomaram os padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-se o tempo agora cedo.

D'esta vestiaria fiz marcar outros escravos da terra; este anno, que vieram vaccas d'El-Rei, tambem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores para d'ahi a um anno se pagar pela criação e leite para os meninos; tenho principiado casas para os meninos conforme a terra; até agora passámos muito trabalho para os manter, já agora que os mantimentos se vão comendo, vai a casa em muito crescimento, e os meninos têm o necessario, cada vez melhor, de maneira que d'onde antes com muita fortuna mantinhamos a sete ou oito, agora mantem a casa a cincoenta e tantas pessoas, sem o sentir, tem a casa um barco e escravos, que matam peixe.

Alguns escravos d'estes, que fiz marcar para a casa, são femeas, as quaes eu casei com os machos, e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei um homem leigo, que d'elles todos tem cuidado, e os rege e governa, e nós com elles não temos conta, e com o homem nos entendemos, e o homem com elles; a causa, porque se tomaram femeas, é porque d'outra maneira não se póde ter roças

n'esta terra, porque as femeas fazem a farinha, e todo o principal serviço e trabalho é d'ellas; os machos sómente roçam, e pescam, e caçam, e pouco mais; e como n'esta terra os mais homens sejam solteiros, e têm escravas, com que peccam, os quaes não absolvemos sem que primeiro não as apartam de si, e elles acham outros padres, que os absolvem, tomam occasião de dizerem, que tambem nós temos escravas, que se não escusam.

Acerta-se tão bem algumas vezes seremos causa de se forrarem os negros salteados; porque d'outra maneira não absolvemos, no que não lhes fallam os outros padres; ajunta-se tudo para lançarem mão de murmurarem, e principalmente os *Çarijós,* que fizemos forrar por serem salteados, sendo christãos já na sua terra; e os puzemos no Espirito-Santo casados os machos com as femeas em sua liberdade, e sómente recolhi comnosco dois moços para aprenderem comnosco a serem bons christãos; tambem nos pediam dizimos do peixe e do mantimento dos meninos, o qual, por eu não consentir, que se pagassem, se queixaram alguns: estas cousas e outras, que, por serem de pouca substancia, não as digo, e vêr que me desinquietava, muito porque esta casa fôsse avante, e quanto mais a nosso saber viveramos se fôramos e viveramos sós, e com se fallar menos, que temos terras e escravos, posto que se fizer a menos, e ganhára menos para Christo, me determinei com meus irmãos de darmos a entender ao mundo, que d'esta casa não queriamos nada para nós senão para os meninos, por todas as vias que pudessemos, e assim ordenamos de ir pedir de comer pelas casas, e os mais dos dias, dois, que entramos na cidade, imos comer com os criados do governador, o qual dá de comer com seus criados a todos que o não têm, e o querem ali ir tomar, e entre outros somos nós d'estes, e em parte nos foi bom o murmurarem de nós,

porque d'antes as mais das vezes passavamos como Nosso Senhor bem sabe, e não sei a vida que levavamos com tanto trabalho, se pudéra muito durar, e agora uma vez ao dia comemos de maneira que é melhor que duas, que antes comiamos em casa; e nos tiramos de negocios temporaes, quanto podemos, commettendo-os a leigos.

N'este comenos chegou o bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegaram logo as vozes dos murmuradores, e elle como zeloso e pai m'o disse, aconselhando-me o que devia de fazer, o que tudo posto em seu parecer, e communicando com o governador e outros, que muito em Christo nos amam, determinámos escrever assim tudo largo a V. R., e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da casa, a qual eu dava á Misericordia d'esta cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, o que nem elles, nem ninguem, quizeram aceitar; casas de meninos n'estas partes são muito necessarias, não se podem ter sem bens temporaes, e de maneira que esta casa está fundada, e sendo assim de haver estes e outros escandalos, para a Companhia se lançar de todo d'isto não se podem sustentar estas casas nem ha zêlo, nem virtude, nem homens para isto, que bastem, podem-se reger no temporal por homens leigos, com ser a superioridade de tudo da Companhia, e do padre dos meninos no espiritual ter cuidado, se lá houvessem homens ou padres do espirito e virtude do padre Domenico, a quem isto tudo encarregassem, tudo estaria em seu lugar. Agora veja V. R. e dê conta d'isso mui largo a Nosso Senhor, e mande-nos o que façamos d'esta casa e das outras; tambem me parece, que o bispo d'isso dará conta a V. R.

Com a vinda do bispo, foi a terra mui alegre e estão todos mui edificados de suas prégações; é muito zeloso da gloria e honra de Nosso Senhor, e tal qual é a terra

havia mister ; porque a vir um bispo passeiro' freugmatico e negligente, como tenho visto outros, eu morrêra de triste, e porventura fôra ao inferno por ter pouca paciencia ; disse missa em pontifical, dia de Nossa Senhora de Agosto, cousa tão nova, e de tanto espanto n'esta terra, e eu e outros padres ministrámos ali com capas, e folgára muito V. R. de nos vêr por quão bem o faziamos, não o havendo feito nunca ; é mui desconsolado, a terra tão pobre, que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigações de manter a muitos, e sua idade não soffre já os desamparos desta terra ; é necessario, que V. R. tome n'isto a mão, pois lá não têm outrem, ninguem, que suas cousas lembrem, e fazendo a elle, fal-o a toda a terra, e á honra do nome de Christo, e á Companhia, e a todos ; que nos parecia bem a todos, que désse El-Rei alguma commenda de Christo ou Santiago grossa a esta terra, ou pensam em outro bispado, para o bispo e cabido, até esta terra dar de si mais amor, porque até agora ha n'ella pouco mais de matos, e boas aguas, e bons ares, e alguma miseria se d'ella vem, e para mim, que nunca me fartei de pão, e bom, porque me farto n'ella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuva, nem muita sêcca, o que a idade do bispo não soffre, e de outra maneira nem nós teremos prelado, nem a terra poderá ir muito avante, pois V. R. foi principio de tão grande bem, apparelhe-se aos trabalhos de o levar avante.

Com a vinda do bispo, se moveram algumas duvidas, nas quaes eu não duvidava, porque são soberbos e muito confiados em meu parecer, as quaes nos pareceu bem communical-as com V. R. para que as ponha em disputa entre parecer de letrados, e me escreva o que devo fazer.

Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente d'esta terra, que não sabe fallar nossa lingua; porque parece cousa nova, e não usada em a christandade, posto que *caret in summam*, 11ª *condit.*, e os que alega *Non c. fratres* n. 85, de *penit. diest.* 5ª digam que podem, posto que não sejam obrigados.

Item, ha costume n'estas partes de se permittirem os gentios nas igrejas, á missa juntamente com os christãos, e não os deitam fóra para não os escandalisar, se se guardará o direito antigo, ou se se permittirá estarem todos de mistura.

Item, se nos abraçarmos com alguns costumes d'este gentio, os quaes não são contra a nossa fé catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua e pelo seu tom, a tanger seus instrumentos de musica, que elles em suas festas, quando matam contrarios, e quando andam bebados, e isto para os attrahir a deixarem os outros costumes essenciaes, e, permittindo-lhes e approvando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros, e assim o prégar-lhes a seu modo em certo tom, andando, passeando e batendo nos peitos, como elles fazem, quando querem persuadir alguma cousa, e dizel-a com muita efficacia, e assim tosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo, porque a semelhança é causa de amor, e outros costumes semelhantes a estes.

Item, como nos haveremos acêrca dos gentios, que vêm nos pedir o baptismo, e não têm camisas nem roupas para se vestirem, se, sómente em razão de andarem nús, tendo o mais apparelhado, lhes negaremos o baptismo, e a entrada na igreja, á missa e doutrina; porque parece que andar nú é contra a lei da natura, e, quem a não guarda, pecca mortalmente, e o tal não é capaz de receber Sacramento,

e por outra parte eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nú, não negando ser bom persuadir-lhes, e prégar-lhes, que se vistam e mettel-os n'isso quanto puder ser.

Item, se é licito fazer guerra a este gentio e captival-o, *hoc nomine et titulo*, que não guarda a lei de natura por todas as vias. Isto e as mais duvidas que no anno passado escrevi, as quaes ainda me não satisfizeram, faça V. R. pôr em disputa no collegio de Coimbra, e mande-me o parecer dos principaes letrados da universidade, porque, assim como para cá, como para a India, e outras partes de infieis, será proveitoso saber-se, ou para melhor dizer mande V. R. quem de todo nos tenha cuidado, e ensinado, ensaiado e amestrado no que cá devemos de fazer em tudo. O bispo mostra grande fervor de se entender na conversão de gentios, ordena um pai dos que se converterem, o qual é muito para isto que é Diogo Alvares, muito acreditado entre este gentio, andará comnosco pelas aldêas prégando: favoreça V. R. de lá com fazer que El-rei lh'o escreva e agradeça, e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

Outra para o nosso padre Ignacio.

A summa graça, etc. Depois de ter escripto a V. P. o anno passado de 1555 por duas, veiu o padre Lins da Graça no mez de Maio, com cuja vinda nos alegrámos todos, e tomámos novo fervor, e esforço para o serviço do Senhor, e eu me determinei com seu conselho em algumas duvidas que tinha.

Por este navio, que veiu, soubemos como El-Rei mandava

ir o bispo de cá ; e creio, que já o não acharei na Bahia, e portanto nos determinámos, o padre e eu, do fazermos nossa profissão d'esta maneira. Elle a fez em minhas mãos, como provincial, por não haver outro prelado na terra, o qual eu depois nas suas, como professo ; e porque as embarcações n'esta terra são difficultosas, e não nos esperaremos vêr tão cedo, o padre Luiz da Graça, e eu, m'aceitou com tal intenção, que V. P. o haja por bem ; e com vontade d'elle e eu a tornaremos a fazer, quando na feita houvesse alguma duvida.

Se eu achar o bispo na Bahia, ou outro provincial, como espero, lá a tornarei a ratificar, e o mesmo fará o padre Luiz da Graça, quando tiver quem lh'a aceite; se n'isto acertamos, ou se o podiamos fazer, e se a aceita, nos faça escrever V. P.

Da Bahia tenho novas, estarem os gentios subjugados por guerra, e mui aptos para receberem lá doutrina; levo de cá alguns irmãos para n'isso se entender de proposito, e o mesmo crerá Nosso Senhor, que seja por toda a costa.

O gentio d'esta terra, como não tem matrimonio verdadeiro, com animo de perseverarem toda a vida, mas tomam uma mulher, e apartam-se quando querem ; de maravilha se achará em uma povoação, e nas que estão ao derredor perto, quem se possa casar, dos que se convertem legitimamente á nossa fé, sem que haja impedimento de consanguinidade ou afinidade, ou de publica honestidade, e este nos é o maior estorvo que temos, não os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ousamos a dar o Sacramento do baptismo, pois é forçado ficarem ainda servos do peccado ; será necessario haver de sua S. S. n'isto largueza d'estes direitos positivos, e se parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda afinidade e

seja tio com sobrinho, que é segundo gráu de consanguinidade, e é que o seu verdadeiro casamento da parte da irmã, porque a filha do irmão é entre elles como filha, e não se casam com as taes; e, posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aquelles que, antes de se converterem, já eram casados conforme as nossas bulas, e ao direito canonico, isto não póde cá haver lugar; porque não se casam para sempre viverem juntos, como outros infieis, e se isto usamos alguma hora é fazendo-os primeiro casar, *in lege naturæ*, e depois se baptizam.

N'estas cousas estamos mui atados, e desejamos vêr a clareza e um largo poder; e o mesmo é dos mestiços da terra, que n'isto são iguaes com o gentio; e tambem ha d'estes impedimentos entre os christãos, que cá vivem; e muitos não podem ter recursos á Roma, e apartarem-se seria escandalo. Saberá V. P. como me embarco para a Bahia muito chegado á morte de uma enfermidade de que n'esta terra não tenho visto escapar nenhum, que é inchação do estomago; vou mui confiado de achar na Bahia provincial, assim por se me acabar os tres annos, como por ser já razão, que me deixe já refrigerar algum pouco, como por vezes já tenho escripto a V. P. e creio, que já deve de ter ouvido a petição d'este seu pobre filho.

Outra do mesmo padre para o nosso padre Ignacio, de 1556.

Saberá V. P. como a estas partes me mandaram os padres e irmãos, que viemos, e até agora vivemos sem lei nem regra, mas que trabalharemos de nos conformar, com o que haviamos visto no collegio, e, como n'elle haviamos estado pouco, sabiamos pouco. Chegámos á Bahia onde começámos

a exercitar-nos com o gentio, e com os christãos, vivendo de esmolas; o anno logo seguinte vieram outros quatro padres, e com estes sete ou oito meninos orphãos da casa de Lisboa, com uma procuração do padre para o Domenico, que d'elles tinha cuidado, para eu poder fazer casas e confrarias da maneira que em Lisboa se fizéra, e com elles não veiu nenhum aviso, mas estes vinham encarregados aos padres; vendo eu isto, determinei-me com os mais padres e irmãos, que aqui nos achamos, parecendo-nos ser causa de que a Companhia se encarregava a fazer-lhes casa, e pedi terras ao governador, ovelhas, alguns escravos d'El-Rei e umas vaccas para criação, determinando com aquelles que vieram, metter outros orphãos da terra, que havia muitos perdidos e faltos de criação e doutrina, e dos filhos dos gentios quantos se pudessem manter na casa, e, entendendo-se n'isso, chegou o padre Luiz da Gram, e os mais padres e irmãos, que com elle vieram, com a vinda dos quaes soubemos, como se a Companhia lançára de ter carrego dos taes orphãos, todavia escreveu-me o padre Mirão, que dos filhos do gentio tivessemos, como tinhamos, até sabermos recado de V. P.; e quanto aos orphãos, de que o padre Domenico tinha carrego, trabalharia, que não mandassem mais; todavia este anno passado de 555 annos, mandaram dezoito ou vinte á Bahia, que não foi pequena oppressão para os padres, que ahi estavam para lhes buscarem a sustentação, porque, o que elles tinham, não lhes bastava agora, que eu vou á Bahia, trabalharei quanto fôr possivel para apartal-os, e a outros da terra, dando carrego d'elles e de seus bens temporaes, a quem d'elles tenha cuidado, ficando-nos o ensinal-os e doutrinal-os sómente; V. P. me avise d'isto, o que lhe parecer mais gloria de Nosso Senhor. N'esta capitania de S. Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra do gentio, que

se doutrinavam n'esta casa, e estavam de mistura com alguns irmãos, que elle recolheu n'esta terra, a todos era muito difficultosa, e obrigavamo-nos a cousas, que não eram de nosso instituto, porque a mantença d'elles é na terra haver poucas esmolas para tanta gente, foi-me forçado, desde que á esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus pais, d'onde eram a maior parte d'elles, e com elles passei alguns irmãos e fizemos casa e igreja, e tivemos comnosco sómente alguns que eram de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os filhos e os pais e mãis, e outros alguns, como pelas cartas dos quadrimestres veja, d'aqui se visitam outros lugares de gentio, que estão ao redor.

N'esta casa se lê grammatica a quatro ou cinco da Companhia, e lição de casos a todos, assim padres como irmãos, e outros exercicios espirituaes; a mantença da casa, a principal é o trabalho de um irmão ferreiro, que por concertar as ferramentas dos indios lhe dão de seus mantimentos, e é a boa industria de um homem leigo, que com tres ou quatro escravos da casa, e outros tantos seus faz mantimentos, criação, com que mantém a casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem á casa, e com a esmola, que El-Rei dá; tem tambem esta casa umas poucas de vaccas, as quaes, por nossa contemplação, se deram aos meninos, quando estavam em S. Vicente, e do leite d'ellas se mantém a casa; a casa de S. Vicente se ficou para se viver de esmolas, os que se n'ella se pudessem sustentar, que serão dois ou tres sómente.

D'esta maneira vivemos até agora n'esta capitania, onde estavamos seis padres de missa, e quinze ou dezeseis irmãos por todos; e aos mais sustentava aquella casa de S. Paulo, de Piratininga com alguns meninos do gentio, sem se determinar, se era collegio da Companhia, se casa de meninos, porque nunca me responderam a carta

que escrevesse sobre isto, e n'estes termos nos tomaram as constituições, que este anno de 56, nos fez Nosso Senhor mercê de nol-as mandar, pelas quaes entendemos, não deveremos ter carrego, nem de gente para doutrinar na fé ; ao menos em nossa conversação conhecemos tambem, não poderem os irmãos ter bens temporaes nenhuns, se não fôr collegio ; vêmos, que para se fazer aquella casa de S. Paulo collegio, não tem mais que a grangearia d'aquelles homens com aquelles escravos, os quaes morreram, e nós não buscamos outros : assim mesmo o irmão ferreiro é doente e velho, não sei quanto durará ; as vaccas foram adquiridas para os meninos da terra, e são suas, a esmola d'El-Rei é incerta, para não ser collegio, senão casa, que viva de esmolas, é impossivel poderem se sustentar os irmãos d'aquella casa, em toda esta capitania, nem como eu agora, levar cinco ou seis, que imos d'elles para o Espirito-Santo, d'elles para a Bahia, porque as povoações dos christãos são muito pobres, e se n'esta casa de S. Vicente, se não podem manter mais de dois ou tres que é a principal villa, quanto mais nas outras partes: vendo-nos o padre Luiz da Gram e eu n'esta perplexidade, dando conta aos padres, que nos aqui achamos, nos pareceu escrever estas cousas todas a V. P., e ao padre-mestre Ignacio, para que com o que lá se assentarem, se tomar resolução nas cousas seguintes.

Primeiramente se nos convém, que aquella casa de Piratininga seja de meninos ; a nós cá parecia-nos, que não, e que é melhor andal-o doutrinando por suas povoações a pais e a filhos ; e, se todavia El-Rei quizesse casa d'elles, e os quizesse manter, nós não teremos mais, que a superintendencia espiritual sobre elles ; e já que El-Rei os não queira manter, nem nos convenha têl-os,

se será bom fazermos d'aquella casa collegio da Companhia, e n'isto o nosso voto é que, se S. A. quizesse dar áquella casa alguns dizimos de arrôz e miunças, já que alli hão de estar padres e irmãos, applicando áquella casa para sempre, e tirar de nós toda a esmola, que cá nos dão, que era muito bem fazer-se collegio, e se serviria muito Nosso Senhor d'elle, e á S. A. custaria menos do que lhe custa, o que nos agora dá, e podia dar-nos alguns moios de arrôz do dizimo, e o dizimo da mandioca da villa de S. André, que creio que tudo é menos do que cá nos dão ; e a nós escusar-nos-hia de mandarmos fazer mantimentos, nem teremos necessidade de ter escravos, e com isto, e com o mais, que a casa tem, seria collegio fixo, porque já tem casas e igrejas, e cêrca em muito bom sitio, posto que o melhor da terra, de toda abastança, que na terra póde haver, em meio de muitas povoações de indios, e perto da villa de S. André, que é de christãos, e todos os christãos desejam ir alli viver, se lhes déssem licença ; alli foi a primeira povoação de christãos, que n'esta terra houve em tempo de Martim Affonso de Sousa, e vieram-se a viver ao mar, em razão dos navios, de que agora todos se arrependem, e, todavia, a alguns deixaram lá ir viver; assim tambem ensina-se já alli grammatica a alguns estudantes nossos, e lição de casos a todos : e, sendo collegio, alargando-se de todo o cuidado dos meninos da terra, será necessario haver trespassação do Nuncio, onde quem o poder fazer, para aquellas vaccas, que são dos meninos, ficarem ao collegio nosso, no qual não haverá cá escandalo nenhum ; porque, como se houveram por contemplação do nosso irmão Pero Corrêa, todos as têm por dos irmãos, mas, ellas na verdade, d'ellas foram doadas com umas terras, assim mesmo do irmão Pero Corrêa.

Na Bahia, se El-Rei ordena de fazer collegio da Companhia deve-lhe de dar cousa certa, e dotar-lh'o para sempre, que seja mantença para certos estudantes da Companhia, e não deve aceitar V. P. dada de terras com escravos, que façam mantimentos para o collegio, senão cousa certa, ou dos dizimos, ou tanto cada anno de seu thesouro, salvo se lá acharem maneira, com que nós em nada nos occupamos n'isso, o qual eu não sei como possa ser, e ordene V. P. que não nos dêm cá nada aos padres, que entendemos com os proximos; porque parece, que é dar-nos renda, e como salario de nossos trabalhos; mas o que nos S. A. havia de dar, se devia repartir por estes dois collegios: sc. o da Bahia e este de S. Paulo de Piratininga, que está principiado, de tal maneira, que a maior parte fôsse para a Bahia, e os mais padres, que não estiverem nos collegios viverão de esmolas; n'isto assentamos o padre Luiz da Gram e eu.

Do mesmo padre, quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557, ao nosso padre Ignacio.

Este quadrimestre de Janeiro até Abril relatará cousas, que muito aos de cá nos hão consolado, e outras que nos hão entristecido; porque á maneira de lavradores nos havemos, que se vêm suas sementeiras ir bem, se alegram, e se tempo contrario lhes succede, se entristecem: de um, e de outro, será V. P. informado, para que lhe caiba parte das consolações, e assim das desconsolações de seus filhos, para que apresentando tudo á sua divina magestade em seus sacrificios e orações, negocie com a divina misericordia, que cumpre a estes seus filhos desterrados, e

para este novo povo, que em Christo e para Christo se começa a criar.

A estes indios, que ficaram aqui junto com os christãos, posto que lhes defenderam o comer carne humana, não lhes tiram o irem á guerra e lá matarem, e por conseguinte comerem-se uns a outros, o que bem se poderá defender a estes vizinhos dos christãos, segundo estão amedrontados, mas é a pratica commum de todos os christãos fazerem-nos guerrear e matar, e induzirem-nos a isso, por dizerem, que assim estarão mais seguros; o que é total estorvo de sua conversão, e por esta causa e outras, não ouzarão os padres baptizal-os, até se n'isso não prover. Aconteceu, pois, que vespora dos reis na aldêa do Tubarão, onde residia o padre Navarro, sendo ido o principal com sua gente á guerra aos contrarios, que está além da Bahia, os mesmos contrarios vieram por outra parte, e deram em uns poucos, que estavam fazendo sal para o governador, menos de meia legua d'esta cidade, e mataram muitas mulheres da aldêa do Tubarão, e outros feriram e levaram; a vinda, que este principal vinha, deu com os que haviam tomado os seus, e depois de muita peleja, tomou a alguns dos mesmos que haviam dado o salto, dos quaes lhe coube um ao quinhão da aldêa do Tubarão; pediu elle licença ao governador para matar aquelle, pois era dos que haviam morto aos seus, para consolar o nojo, que tinha, dos que lhes haviam morto; deu-lhe o governador licença para o matarem fóra da aldêa; fizeram-no assim, e mataram-no, e comeram-no, porque lh'o acharam a cozer; amostravam os padres muito sentimento de tão grande abominação, e veiu-se o padre Navarro da aldêa, que muito sentiu a aldêa toda, queixaram-se ao governador, por haver dado tal licença, o que elle muito sentiu; mas Nosso Senhor, que sabe do mal tirar bem, o permittiu assim pelo bem,

que d'isso se seguiu, porque o governador fez n'isso grandes ameaças aos indios, e mandou apregoar por suas aldêas, sob pena de morte, que ninguem comesse carne humana; de maneira que os indios ficaram muito atemorizados, e comtudo isto não quizeram os padres tornar á aldêa até o principal mostrar signaes de muito arrependimento, e os que comeram da carne, fizeram penitencia, e não entraram na igreja por certo tempo. N'isto verá V. P. o piedoso coração a crueldade dos christãos d'esta terra, que, podendo defender a uns e a outros, que não querem, e todos obedeceriam, pelo grande medo, que têm depois da guerra passada; todavia lhes consentem, que junto ás portas da cidade venham matar aos que estão em serviço dos mesmos christãos, e aprendem a doutrina com desejos de se baptizarem, estas e outras semelhantes são cá as angustias dos que zelam a honra e casa de Deus.

N'esta igreja de S. Sebastião, povoação do Tubarão, tornou a residir o padre Navarro com o padre Antonio Pires, e d'aqui visitavam a outra aldêa de Simão, de que nos outros quadrimestres faço menção; o trabalho, que se com elles leva é dispol-os e fazel-os capazes do baptismo, para quando parecer bem, dar-lh'o; aqui ha trinta moços de escola n'esta aldêa, e na de Simão haverá sessenta ou mais, aprendem muito bem, e ha muitos entre elles de muito bom engenho; os mais d'elles sabem a doutrina toda, e sabem o essencial da fé, que em perguntas, á maneira de dialogo, lhes ensinam na sua lingua; têm grande obediencia aos padres, ninguem da aldêa vai fóra sem pedir licença aos padres, e se algum faz alguma travessura, faz a penitencia, que lhes dão, e ás vezes é disciplinar-se na igreja; os que n'esta aldêa residem, se mantêm das esmolas dos indios, porém não deixam de padecer muita falta, porque, como esta aldêa não está junto do mar, mas pelo

sertão um pedaço, está a pescaria longe, e por amor dos contrarios que alli os acostumam de esperar, não ousam de ir pescar, senão todos juntos, o que é causa de muitas vezes elles e seus mestres padecerem muita fome.

Na casa de Nossa Senhora, que está no Rio-Vermelho, se continuou o exercicio acostumado da doutrina aquellas duas aldêas, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados, e os meninos terem alli a pescaria, onde todo o dia andam ora uns, ora outros, de maneira que se os não iam a buscar não vinham, por mais que lhes tangesse a Companhia, nem seus padres eram mais diligentes em vir, se primeiro não lh'o rogavam, importunavam, no que se experimentava grande trabalho e afflicção do espirito, até que Nosso Senhor quiz abrir mais caminho para nos consolar, e foi que na povoação perante o padre João Gonçalves foram muitos outros ou todos da aldêa a fazer offerta das raizes de seu mantimento a um seu feiticeiro, para que lhes fizesse crescer, a que tinham plantado, dando-lhe chuva, e tempo conveniente; outras muitas offertas d'estas haviam feito, quando partiam para a guerra, mas era em secreto, posto que não faltava quem os descobrisse dos mesmos seus, a quem aquillo parecia mal, e haviam sua remprensão (*sic*), mas esta foi em publico perante o padre seu mestre, e sobre isso se ajuntou blasphemarem da nossa doutrina, e desprezarem-na, o que sabido pelo governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina fallava, estiveram presos sete ou oito dias, até que por rogos dos padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que d'ahi por diante se começaram a encher as igrejas; favoreceu a isto muito mandar o governador por sua lingua prégar-lhes e autorizar-lhes, que nós ensinavamos, de maneira que supitamente vimos o notavel proveito, que nasceu de se castigar aquelle

feiticeiro, porque d'onde antes nem com rogos, nem com importunações queriam vir á igreja, depois logo, como ouviam a Companhia acudiam todos, e logo os meninos, que antes vinham á escola com tanto trabalho de os irem buscar, vinham todos, como os chamavam com a Companhia os Domingos e festas, em que se ajunta a gente de duas povoações, não cabiam na igreja; e d'onde antes offereciam a seus feiticeiros, trazem a offerecer á igreja; e vêm já a pedir saude á igreja a Nosso Senhor para si e para os seus, se estão doentes, antes se tinham algum filho pequeno para morrer, não queriam que lh'o baptizassem, por lhe dizerem seus feiticeiros, que morreriam logo, nem elles, se adoeciam, negavam estarem doentes, por lhes não faltarem no baptismo, mas já agora de boa vontade dão seus filhos, antes que morram, ao baptismo, e d'estes mandamos bom quinhão de innocentes regenerados com o santo baptismo dos céos.

O governador vendo que eu cedia tão bem á prisão do feiticeiro, e que tanto fructo disso sahiu, *apposuit, ut aprehenderentur alii malefactores*, os que impediam a palavra do Evangelho do Senhor; do que resultou muito maior bem, e os indios se sujeitaram com isso mais, e se fizeram muito nossos obedientes, assim que por experiencia vemos, que por amor é mui difficultosa a sua conversão, mas, como é gente servil por medo fazem tudo, e posto que nos grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos, que não terão fé no coração; os filhos creados n'isto ficaráõ firmes christãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição, farão d'ella o que quizerem, o que não será possivel com razões nem argumentos; já agora dão os filhos de boa vontade para lh'os ensinarem, e lhes levam d'isso que têm para ajuda de sua mantença, mas d'estes se aceitam poucos, por causa da sustentação, que não temos para lhes dar; n'esta

igreja do Rio-Vermelho se começam já alguns a extremar dos seus, o vieram a fazer casa junto da igreja, com desejos de em tudo se conformarem com a vida christã, escolheram uma só mulher, são mui continuos, e quanto parece ao de fóra não póde ser melhor exterior, porque mostram sentirem no coração o que dizem pela boca, mas todavia não se baptizam até mais serem provados, porque como estes indios têm tantas occasiões para tornarem atrás, e muitos tornaram, não ousam os padres baptizarem, sem primeiro muito os provarem; as occasiões, que tem, são terem outras aldêas perto, e tão perto, que uma está a uma legua da cidade, e outras a duas, e outras a mais, onde se come carne humana, e são importunados, e convidados para as taes festas, assim mesmo os seus das outras aldêas tem-os em pouco, se se fazem christãos, e ficam deshonrados para com os seus além das occasiões dos outros peccados, como é seu beber e luxurias, nos quaes vicios, como se n'elles criaram, e n'elles viveram, sempre é mui difficultoso tirar-lh'o.

A um d'estes, que estão junto da igreja, nasceu um filho, e fez muito que lh'o baptizassem logo como filho de christão com solemnidade, o que se fez em um Domingo, com festa e solemnidade, fizeram-lhe o officio solemne e cantado, os meninos fizeram procissão com todos pela aldêa cantando a ladainha, alli se fez uma boa prégação a todos, que eram mais de tresentas pessoas; offereceu este com seu filho uma offerta de peixe assado e farinha; com este se baptizaram outros innocentes, por serem filhos de indios, que crêm estarão quedos sem se mudarem d'alli, por terem obrigação ao lugar.

Esta quaresma nos quiz Nosso Senhor muito consolar com as confissões dos gentios; maiormente dos escravos dos christãos, no que se conheceu tanto fervor e devoção,

quando nós não cuidavamos; o padre Navarro confessava por isso, outros padres por interpretes; e foi de maneira, posto que todos confessassem, sempre sobejavam muitos, que não se podiam confessar; foram tão proveitosas estas confissões, que enxergámos muita emenda de seus vicios, e máos costumes, e temos alcançado, que se os senhores puzessem qualquer cuidado em os fazer viver em bom estado, casando os que fôssem para isso, e fazêl-os ir Domingos e festas á missa e doutrina, que seriam melhores christãos que seus amos, porque tirados do vicio da carnalidade, todo o mais d'elles é muito venial.

D'isto havia muitas particularidades que dizer; mas basta o dito; uma só direi, pela qual conhecerão as outras: poucos dias ha que veiu uma velha com uma offerta á igreja do Rio-Vermelho, rogando ao padre João Gonçalves que sarasse a um seu neto, que trazia, que tinha muito doente; e quiz o Senhor, por virtude de suas palavras, que sarasse, para confusão do demonio, que lhes mette em cabeça, que lhe deitamos a morte com o baptismo; outras crianças trazem á igreja enfermos, e como lhes rezar o padre João Gonçalves o Evangelho, quer o Senhor que sarem por sua bondade e misericordia. Acha-se já indias escravas dos christãos, que amoestadas nas confissões, que não pequem com seus senhores, nem outrem ninguem, antes se deixam espancar, e se offerecem a matarem-nas antes, que tornarem ao peccado passado.

O padre Ambrozio Pires fez muito fructo esta quaresma, com suas prégações, as quaes fazia todos os Domingos e festas, e alguns dias outros da semana, é mui affeito a todos, os christãos nos tem muito credito e amor, o que bem vimos esta quaresma, que succedeu a terra estar necessitada de mantimentos, porque os indios não os tinham, e padecem inda agora muita fome; a causa d'isto foi não quererem os

indios plantar, por terem para si, que os haviam de distar da terra, e lhes haviam de dar guerra, no que elles tinham muita razão de cuidarem; porque era pratica de muitos máos christãos, por qualquer cousa que lhes não queriam dar os indios, ou fazer-lhes, os ameaçavam com o governador, dizendo que logo os haviam de matar, e deitar fóra da terra, pela qual não ousavam fazer nada de novo, mas sómente comiam o mantimento, que tinham feito, depois que estas duas igrejas se fizeram entre elles e os padres os seguraram, começaram a fazer roças depois que aos indios se lhes acabou o mantimento velho, e o que tinham feito de novo não eram ainda de vez, veiu-lhes grande trabalho de fome, de maneira que, nem a si, nem a seus mestres, podiam soccorrer.

No collegio da cidade tambem houve grande necessidade por haver muita gente, e não haver remedio de sua mantença, nem tinha com que mercar mantimento aos christãos, por não ter dinheiro, nem o haver d'El-Rei para lh'o darem, o que sabido pelos que regem a cidade, determinaram de nos manter a todos, sem ninguem lh'o pedir, nem n'isso nenhum de nós intervir; mas elles vendo nossa necessidade, e falta tão manifesta, soccorreram com muito mantimento, que abasta á esta casa da cidade, e d'aqui se provém tão bem os padres e irmãos, que estão nas outras igrejas com os indios.

Outra do mesmo padre para o provincial de Portugal.

Por via de Pernambuco escrevi duas cartas, uma a V. R., e outra ao padre Dom Leão, a qual tambem servia de informação a V. R., por outro navio; dos Ilhéos escrevemos por diversas vezes, sc. uma carta com as do

governador D. Duarte, e outras por via de um Francisco de Andrade, porque esteve nos Ilhéos, e outras em que iam os quadrimestres, com as da mulher de Antonio Cardoso, que Deus haja.

Agora o faço tambem por via de Porto-Seguro, para que não vá de cá navio sem carta nossa, e isso mesmo deviam lá de usar de mandarem sempre por todos os navios alguma carta, para qualquer d'estas capitanias, que venha, porque em todas se achará quem as encaminhe a esta Bahia.

Agora não ha que escrever, porque temos já escripto muito, e de nada temos visto resposta, e em muitas cousas estamos suspensos, por tardar tanto o recado, que esperamos.

No fim de Julho chegou aqui uma caravella d'El-Rei, que trazia gado; esta deu nova, como Mem de Sá, governador, partia do Cabo-Verde vespora da Ascenção, primeiro que este navio tres dias; espantam-se todos, não seja aqui, e tememos haver arribado, ou permittir Nosso Senhor algum desastre, para que venha sobre esta terra toda a perdição, e desconsolação possivel, porque até a leitura d'esta não é chegada, presumimos virem alli padres, posto que ninguem nôl-a saiba certificar; estas trabalhosas e venturosas viagens causam partirem navios de lá tão tarde, e virem tão fóra de tempo, que se da vinda escapam, ás vezes não escapam da volta, e será muita parte, tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento a esta terra, o qual creio, que todos lhe têm já ganhado, se não é S. A., cujo coração christianissimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente ha que escrever, direi brevemente, porque se Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella tornar este anno, por ella o faremos mais largamente.

Os padres e irmãos estão de saude, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si, como já saberão; todos procedem bem no que lhes é mandado. Na cidade reside o padre Antonio Pires, como reitor da casa, como o padre Ambrozio Pires, o qual agora tem cuidado de lêr uma classe aos que mais sabem de latim, e tem tambem a seu cargo as prégações da cidade; ficaram com Antonio Blasques, os que menos sabiam; ha na mesma casa, assim mesmo, escola de lêr a alguns meninos do gentio, e com elles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um irmão; os estudantes de fóra, não são mais que tres ou quatro moços capellães da Sé; mas de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros moços orphãos, d'aquelles que pareceu mostrarem, e terem melhor habilidade, para estudarem, e melhores partes para poderem ser da Companhia, todos os mais orphãos são dados a officios, salvo dois ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem a officios, por não serem para isso; a estes não vêmos outro remedio, salvo tornal-os lá a mandar.

N'esta casa de Nossa Senhora do Rio-Vermelho resido eu agora com o irmão Antonio Rodrigues, e d'aqui visito, quando posso, aos irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na igreja de S. Sebastião reside o padre João Gonçalves com um irmãosinho mal disposto.

A mantença de todos agora é as esmolas da cidade, a qual tomou a carrego manter-nos até havermos algum remedio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'El-Rei não nos dão nada, nem ha que dar, e, se Nossa Senhora não abrira este caminho, não sei que fôra de nós, porque nem com vender os ornamentos, e calices da igreja

fôra possivel manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os christãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, como por vezes lá é escripto, e não sinto poder-se a estes dar remedio, senão o que me parece, que não se ha de pôr, é para nós grande desconsolação; com o gentio tambem se faz pouco, porque a maior parte d'elle, que eram freguezes d'estas duas igrejas, fugiram; a causa d'isto foi tomarem-lhe os christãos as terras em que têm seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tyrannias que podem, dizendo-lhes, que os hão de matar, como vier esta gente, que se espera, e esta é a commum pratica de máos christãos, que com elles tratam, e de todos seus escravos; e cuidam, que salvam a alma em os deitar d'aqui, e fazer-lhes mal, pelo grande odio, que todos lhes têm.

E porque alguns se asseguravam com nossas palavras, inventaram a dizer-lhes, que nós os queriamos ter juntos para os melhor matarem, e com lhe tomarem as roças e terras, que é outro genero de os matar, se foram muitos, outros ficaram ainda, que tambem esperamos, que se irão, se a cousa vai como vai; o governador n'isso não póde fazer nada, nem sei, se o que vier fará alguma cousa; para nós é grande dôr esta, porque vêmos que são forçados irem-se onde não pudermos ter conta com elles, e levam-nos os filhos, que já estavam doutrinados, e, se não os baptizamos é porque sempre tememos isto de se irem, ou por sua vontade ou forçados da necessidade, pela má vizinhança dos christãos, assim que nenhuma ajuda nem favor temos n'isto dos christãos, mas antes muitos estorvos, assim de suas palavras, como do exemplo de sua vida, dos quaes muitos

lhes não ensinam, senão a furtar, e adulterar, e ter relações com as infieis, e outros males, de que o gentio se escandalisa, e estamos fartos de ouvir ao gentio contar cousas vergonhosas dos christãos, e certo que nos envergonham e tapam a boca, que não ousamos de lhe extranhar seus peccados, que n'elles são muito menos.

De maneira que por todas as vias está esta terra mui perdida e desbaratada, nem ha n'isso justiça nem remedio, porque acharam que infieis não podem testemunhar nada contra christãos, e por isso quem quer se atreve a viver como quizer, ainda que seja peccar notoriamente perante o gentio, sómente se guardam, que christão, que os não veja fazer peccado, e fazer muitos aggravos ao gentio e tomar-lhe o seu, porque não ha justiça contra elle, que attente n'isso, e ainda que queira attentar, como não ha provas de brancos, ficam absoltos, como aconteceu os dias passados, que um barco que estava ao resgate da banda d'além da Bahia, porque se botou ao mar um escravo, que lhes haviam vendido, porque teria saudade da mulher e filhos, que lhe ficava, podendo haver o seu pelo mesmo Senhor, que lh'o havia vendido, que estava ainda no navio; movidos os christãos de raiva diabolica, mataram a sete ou oito pessoas sc. ao mesmo senhor do escravo, velho tolhido, e as mais mulheres e moças, pelo qual se levantaram todos os d'aquella parte de guerra, e tem feito já muito mal, e se quebraram as pazes, que tinham com os christãos, prenderam alguns, que fizeram isto, e por não haver provas, senão de indios, sahiram soltos.

E, todavia, com estes poucos, que nos ficaram, trabalhamos, e a muitos baptizariamos e casariamos já, se as cousas se puzessem em seu lugar; a ordem que desejamos era fazerem ajuntar ao gentio, este que está sujeito em povoações convenientes, e fazer-lhes favores em favor de sua conversão e

castigar n'elles os males, que fôrem para castigar, e mantel-os em justiça e verdade entre si, como vassallos d'El-Rei, e sujeitos á igreja, como n'esta parte são, e fazer-lhes tambem justiça nos aggravos, escandalos dos christãos, o que se faria bem, se a justiça secular e ecclesiastica fôsse mais zelosa, como convém á honra de Nossa Senhora e bem commum da terra; e d'esta maneira podiam ir cada dia ganhando gente, e sujeitando-a ao jugo da razão.

E os que não quizessem recebel-o, sujeital-os e fazêl-os tributarios ao serviço d'El-Rei e dos christãos, que os ajudassem a senhorear, como se fez em todas as terras novas, que são conquistadas, como do Perú e outras muitas.

Com a escravaria se faz muito agora mais fructo em sua doutrina e prégações na sua lingua, e confissões, maiormente as do artigo da morte, de que cremos resultar muito proveito a muitas almas. Creio que pelas movermos a contricção de seus peccados, são salvas. Muitos meninos gentios mandamos á Nossa Senhora regenerados com o baptismo, e muitos que parecem, que querem morrer, depois de baptizados, vivem, que é causa de os virem já trazer á igreja a offerecer a Nosso Senhor com suas offertas, d'isso que tem. De S. Vicente e do Espirito-Santo não temos ainda cartas, mas temos novas, que estão todos bem, e trabalham o que podem no serviço de Nossa Senhora com edificação dos proximos.

Desde que fui entendendo, por experiencia, o pouco que se podia fazer n'esta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e ella ser uma maneira de gente de condição mais de féras bravas, que de gente racional, e ser gente servil, que se quer por medo, e conjuntamente vêr a pouca esperança de se a terra senhorear, e vêr a pouca ajuda, e os muitos estorvos dos christãos d'estas terras, cujo escandalo e máo exemplo bastára para não se

convencer, posto que foi gente de outra qualidade, sempre me disse o coração, que devia mandar aos *Carijós*, os quaes estão senhoreados e sujeitos dos castelhanos do Paraguay, e mui dispostos para se fructificar com outras gerações, que tambem conquistam os castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de lá instancia grande por muitas vezes, sc. o capitão e os principaes da terra, tendo todo o favor e ajuda necessaria para bem empregar nossos trabalhos, assim entre os christãos, como gentios; tive tambem cartas de pessoas, que esperavam nossa ida com bons desejos de servirem a Nossa Senhora n'esta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto vêr, que a capitania de S. Vicente se vai, pouco a pouco, despovoando, pela pouca conta e cuidado, que El-Rei e Martim Affonso de Sousa tem, e se vão lá passando ao Paraguay pouco a pouco, e considerar eu os muitos irmãos, que ha em S. Vicente, e o pouco que se faz ahi, e parecer-me que seria bom ter a Companhia lá um ninho, onde se recolhesse, quando de todo S. Vicente se despovoasse; ajuntava-se a isto parecer-me, que estando lá os da Companhia se apagariam alguns escandalos, que os castelhanos têm dos portuguezes, e a meu parecer, com muita razão, porque usaram muito mal com uns, que vieram a S. Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata; vivendo eu com este desejo, o deixei de pôr obra, por não ter quem mandar, e algumas vezes estive determinado de eu mesmo sahir a saber o que se poderia fazer; n'isto chegou o padre Luiz da Gram, o qual desejei muito que fôsse, mas porque o achei de opinião contraria adquirisse concilio *ejus*, e tive o meu espirito por suspeitoso; depois, vindo eu agora ha um anno a esta Bahia achei cartas do provincial, o Dr. Torres, em resposta do que sobre isto lhe tinha escripto, depois de as lêr aos padres, que aqui estavamos, pedi a todos seu parecer, os quaes mandei

com as cartas ao padre Luiz da Gram, tirando-me a mim afóra, sem dar parecer de sim nem de não, dizendo-lhe, que fizesse fazer oração, e aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava de Portugal, e com parecer dos padres e irmãos se lá parecesse bem, entrasse *in nomine Domini*: agora recebi carta sua, em como feito o que lhe escrevi, todos os padres e irmãos, tirando um só, eram de opinião, que fôssem aquella terra; e por isso estava determinado de ir, se o caminho, que aquelle tempo estava perigoso, se assegurasse mais; o que sempre nos deteve, foi parecer-nos que Sua Alteza poderia ter d'isto algum desgôsto, e esta foi a principal razão que isto estorvou até agora; se lá o sentirem podem o escusar, como lhes parecer melhor, e além da tal ida ser muito de serviço de Nossa Senhora, convinha para se ordenar cinco ou seis irmãos de S. Vicente, com o bispo, que já lá é, e é muito mais conveniente ordenarem-se lá, que virem á Bahia, quanto mais que não ha bispo, nem sabemos, quando o haverá n'esta costa.

Escreve-me o padre Luiz da Gram, que agora não póde levar mais que um irmão lingua por companheiro, para se lá ordenar, que é o irmão Chaves, uma boa cousa, e pede-me que mande quem d'aquelles irmãos tenha cuidado, pelo qual será forçado de quatro que aqui estamos, que aqui ha de fazer muita falta; portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem soccorro logo, ao menos de um provincial, e de alguns padres e irmãos, que ajudem, porque a mim devem-me já ter por morto, porque ao presente fico deitando muito sangue pela boca; o medico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que póde ser da cabeça; seja d'onde fôr, eu o que mais sinto é vêr a febre ir-me gastando pouco a pouco.

Dialogo do padre Nobrega sobre a conversão do gentio : interlocutores, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira.

Porque me dá o tempo lugar para me alargar, quero fallar com meus irmãos o que meu espirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu irmão Gonçalo Alves, a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra na capitania do Espirito-Santo, e com meu irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesus-Christo, o qual, posto que com palavra não préga, fal-o com obras e com marteladas.

Entra logo o irmão Gonçalo Alves, tentado dos negros do gato, e de todos os outros, e, meio desesperado de sua conversão, diga, por demais é trabalhar com estes que são tão bestiaes, que não lhes entra no coração cousa de Deus ; estão tão encarniçados em tratar e comer, que nenhuma outra bemaventurança sabem desejar ; prégar a estes, é prégar em deserto á pedras.

Matheus Nogueira:—Se tiveram rei, poderão se converter, ou se adorarão alguma cousa ; mas como não sabem, que cousa é crêr, nem adorar, não podem entender a prégação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crêr, e adorar a um só Deus, e a este só servir; e como este gentio não adora á cousa alguma, nem crê em nada, tudo o que lhe dizeis se fica em nada.

Gonçalo Alves:—O que bem dizeis, quão fóra estes estão de se converter em um dia cinco, e no outro tres mil, por uma só prégação dos Apostolos, nem de se converterem reinos e cidades, como se fazia no tempo passado, por ser gente de juizo.

Matheus Nogueira:—Uma cousa têm estes peior de todas, que quando vêm á minha tenda, com um anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter por serem inconstantes, e não lhes entrar a

verdadeira fé nos corações; ouvi eu ja um Evangelho a meus padres onde Christo dizia, não dois o santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos; se alguma geração ha no mundo, por quem Christo Nosso Senhor isto diga, deve ser esta; porque vemos que são cães, em se comerem, e matarem, e são porcos, por vicios, e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão, por que alguns padres, que do reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo Brasil em uma hora, e vêm-se que não podem converter em um anno, por sua rudeza e bestialidade.

Gonçalo Alves:—Ora isso deve ser, porque não sei a quem ouvi, que quando vinham na náu, imaginavam-se um S. João Baptista, junto de um rio Jordão a baptizar quantos a elles viessem.

Mathias Nogueira:—Se foram tainhas do Piraique podéra ser.

Gonçalo Alves:— Não ha homem em toda esta terra, que conheça estes, que diga outra cousa; eu tive um negro, que criei de peqùeno, cuidei que era bom christão, e fugiu-me para os seus; pois quando aquelle não foi bom, não sei quem o seja; não é este o que só me faz desconfiar d'estes serem capazes do baptismo, porque não fui eu só o que criei este corvo, nem sei se é bem chamar-lhe corvo; pois vêmos que os corvos, tomados nos ninhos se criam, e amansam, e ensinam, e estes mais esquecidos da criação, que os brutos animaes, e mais ingratos, que os filhos das viboras que comem suas mãis, nenhum respeito têm ao amor e criação, que n'elles se faz.

Mathias Nogueira: —Pois que razões mais vos movem a desconfiar de nossos padres, que a isso foram mandados do Senhor para lhes mostrarem a fé, não foram fructo n'estas gentes por de mais.

Gonçalo Alves :—Muito bem lhe chamais sabeis qual é a mor difficuldade, que lhes acho, serem tão faceis de dizerem a tudo *si* ou *pá* ou como vós quizerdes, tudo approvam logo, e com a mesma facilidade, com que dizem *pá,* dizem *aani,* e se algumas vezes chamados dizem *neim tia* é pelos não importunardes, e mostra-o bem a obra, que se não é com o bordão não se erguem, para beber nunca dormem, esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experiencia de nenhum fructo de tanto *pá,* tem quebrado os corações a muitos ; dizia um de nossos irmãos, que estes eram o filho, que disse no Evangelho a seu pai, que o mandava, que fôsse, e nunca foi.

Nogueira :—Pois que remedio, hemos de cansar de balde; a minha forja de dia e de noite, e o meu trabalho não me renderá nada entre elles para levar diante de Christo, quando nos vier julgar, para que ao menos outra alguma parte de meus peccados muitos.

Gonçalo Alves :—D'isso, irmão estais seguro, que vós não perdeis nada, se Christo promette por um pucaro de agua fria, dado por seu amor, o Reino dos Céos, como é possivel, que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigilia, e a paga de tanta ferramenta, como fazeis ás vossas fouces, machados muito bons são para roçardes a mata de vossos peccados, na qual o Espirito-Santo plantará muitas graças e dons seus, se por seu amor trabalhais.

Nogueira :—Ay, Ay.

Gonçalo Alves:— Porque dais estes ays.

Nogueira :— Porque vós metteis esse pontinho, se vós por seu amor trabalhais.

Gonçalo Alves:— Pois que cuidais, desenganai-vos, pois que se assim não é tudo perdeis, quanto fazeis.

Nogueira : —Pois digo-vos, irmão meu, que me metteis em confusão, e como saberei eu, que trabalho por seu amor,

se eu vejo que trabalho para quem não no ama, nem no conhece.

Gonçalo Alves:— Conhece logo o Senhor; porque vos haveis de fazer, que desejais vós, que o conheçam, amam e sirvam todos estes a todo o mundo.

Nogueira:—Desejo certo, e sempre lhe peço, que Elle seja santificado, de todos conhecido e amado, pois é muita razão que a creatura conheça a seu Creador, pois todo o ser e perfeição Elle lhe communicou, e a creatura racional sobre todos o conheçam e o Ir., para ella foram creadas e feitas todas as cousas, e é obrigada a ser a boca de todos, para louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

Gonçalo Alves:—Pois, meu irmão, isso me parece que basta para se Deus contentar de vosso serviço, ou sacrificio; chamo-lhe assim, porque esse vosso officio parece, que vos faz o sacrificio, que na lei velha se chamava holocausto, que ardia todo, e nada se dava a ninguem d'elle.

Nogueira:—Irmão, não digais isso por amor de Deus, não é bem, que um peccador, como eu, ouça isso de tão imperfecto serviço, como faz a Deus, e mais que ouvi eu já, que isso era figura do amor grande, com que o filho de Deus ardeu em fogo de charidade por nós na cruz.

Gonçalo Alves:—Assim é, perdoai-me, irmão, que a humildade não soffre bem louvores, e eu descuidei-me.

Nogueira:—Agora me amastes bem, chamais humildade a viva soberba; não sejais vós como o padre ou irmão, que o padre Leonardo Nunes, que está em gloria, nos contava, que por se desculpar se emmelava como mosca no mel.

Gonçalo Alves:—Oxalá estivesse eu tanto avante, que me parecesse eu com elle, que é santo; mas, tornemos ao proposito: irmão Nogueira, por amor de Nosso Senhor, que livremente e segundo o que entendeis diante de Nosso

Senhor digais, que vos parece d'este gentio, segundo a experiencia, que tendes d'elle, os annos, que ha que com elles conversais.

Nogueira:—Que aproveita conversar, que os não entendo, ainda que, segundo me parece d'elles, para este fim de se converterem, e serem christãos, não ha mister muita intelligencia; porque as obras mostram quão poucas mostras elles têm de o poder vir a ser.

Gonçalo Alves:—Logo, de que me aproveita a mim a minha lingua?

Nogueira:—Ah, ah, ah: sabeis de que me rio, de me perguntardes de que aproveita a vossa lingua; porque vos pergunto de que aproveita a minha forja?

Gonçalo Alves:—Já vos eu respondi a esta pergunta.

Nogueira:—Tomai a mesma resposta.

Gonçalo Alves:—Não, que os officios são differentes; porque o meu é fallar e o vosso fazer.

Nogueira:—Não é logo differente o fim; porque cada um de nós ha de fazer o seu.

Gonçalo Alves:—E qual é esse fim?

Nogueira:—A charidade ou amor de Deus e do proximo.

Gonçalo Alves:—E vós, irmão, sois já theologo?

Nogueira:—Alguma cousa se me ha de pegar de meus padres, pois lhe eu pego, quando se chegam a mim, das mascarras do carvão da forja, e queira o Senhor, que com meu máo viver não lhe pegue algum escandalo, ainda que pois são espirituaes, ensinados estão a soffrer os enfermos e fracos.

Gonçalo Alves:—Dizei-me, irmão Nogueira, esta gente são proximos?

Nogueira:—Parece-me que sim.

Gonçalo Alves:—Por que razão?

Nogueira :—Porque nunca me acho senão com elles, e com seus machados e fouces.

Gonçalo Alves :—E por isso lhe chamais proximos ?

Nogueira :—Sim, porque proximos, chegados quer dizer, e elles sempre se chegam a mim, que lhes faça o que hão mister, e eu como a proximos lh'os faço, cuidando que cumpro o preceito de amar ao proximo, como a mim mesmo, pois lhe faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

Gonçalo Alves :— Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer, que estes não eram proximos, e porfiam-no muito, nem têm para si, que estes são homens como nós.

Nogueira:—Bem, se elles não são homens, não serão proximos; porque só os homens, e todos máos e bons, são proximos; todo o homem é uma mesma natureza, e todo póde conhecer a Deus, e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era proximo ; prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Christo Nosso Senhor, que aquelle é proximo, que usa de misericordia.

Gonçalo Alves:— Deveis de ter boa memoria, porque vos lembram bem as cousas, que ouvis, ouvistes já disputar entre os irmãos, ou fallar n'isto, em que praticamos da conversão d'este gentio.

Nogueira:— Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus irmãos, se falla d'isso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa ; cada um falla de seu officio ; e como elles não têm outro, senão andar traz esta ovelha perdida, sempre tratam dos impedimentos, que acham para attrahir.

Gonçalo Alves:— E que concluem, ou em que se determinam, os mais dos que n'esse officio andam, das partes, que acham n'estas gentes para virem á nossa santa fé.

Nogueira:—Todos remettem o feito a Deus, e determinam de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assim

porque a obediencia lh'o manda, como porque não fique nada por fazer a esta gente; alguns não têm cá grande esperança d'ella, olhando a sua rudeza, e as cousas da fé serem delicadas, e que requerem outros entendimentos, e costumes; porque, dizem elles, que é mui grande disposição, para um vir a ser christão, ter bom entendimento, que ainda que só este não baste para entender as cousas da fé, ainda ha lhe fazer entender que não ha n'ella cousa que seja contra a razão natural, de que estes carecem, e d'aqui dizem que nasceu, que no tempo dos apostolos quanto os homens eram mais sabios, e de boa vida, mais facilmente vinham ao conhecimento da verdade; e os martyres mais lh'os contrariavam os máos costumes dos tyrannos, que as razões que nenhum d'elles tivessem contra o que lhes prégavam; e que, porque estes gentios não têm razão, e são muito viciosos, têm a porta cerrada para a fé naturalmente, se Deus por sua misericordia não lh'a abrisse.

Gonçalo Alves:— Parecem boas razões essas, a memoria das cousas de Deus. Dizei-me, irmão, por amor de Nosso Senhor, não ha entre meus irmãos e padres quem esteja da parte d'estes negros?

Nogueira:— Todos, porque todos os desejam converter, e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

Gonçalo Alves:— Não duvido eu, que todos têm esses desejos; mas como isso é cousa de necessidade, quizéra eu, que houvéra um, que déra razões para nos acender o fogo, e para nos fallar por nossos termos, quizeramos uns foles para nos assoprar o fogo, que se nos apaga.

Nogueira:—Não falta isso, bastam os nossos padres, para fazer fogo artificial, que nos queime a todos os que n'este negocio nos occupamos; porque, como o elles devem de ter no espirito, não fazem senão destruir razões e dar outras, ainda que a frios, como eu, não satisfazem.

Gonçalo Alves :—Por que?

Nogueira :—Porque todas ellas parecem que não convêm mais, senão que, já que havemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convêm muito, pois, segundo a charidade, com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará, quando chamar á tarde os obreiros para lhes pagar seus jornaes, os quaes já ouvireis que só deram, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e diligencia que se puzer na obra.

Gonçalo Alves :—Não fallemos como ferreiro.

Nogueira :—Não sei como fallo, fallo como me vem á boca, se fôr mal dito, perdoai, que não é ninguem obrigado a mais que ao que tem e sabe.

Gonçalo Alves :—Dissemos isto, sou tão descuidado, que logo me esquece que esperais, como vos louvam, como o fio quente, quando o batem; eu me guardarei de vos dar mais martelada, porque me não queime, por amor de Deus, que me digais algumas das razões, que os padres dão para estes gentios virem o ser christãos, que alguns têm acertado, que trabalhamos de balde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sujeito, e que com medo venha a tomar a fé.

Nogueira :—E isso que aproveitaria, se fôssem christãos por força, e gentios na vida, nos costumes e vontade.

Gonçalo Alves :—Aos pais, dizem os que têm esta opinião, que pouco; mas os filhos, netos, e d'ahi por diante, o poderiam vir a ser, e parece que têm razão.

Nogueira :—E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros não fallemos em seus segredos e potencia e sabedoria, que não ha mister conselheiros, mas, humanamente, como homens, assim fallando, este parece o melhor e o mais certo caminho.

Gonçalo Alves:—Mas as razões dos padres, se vos lembram, desejo ouvir, porque as que eu apontei no principio, não sei como, mas elle desfará.

Nogueira:—Olhai cá, irmão, a charidade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

Gonçalo Alves:—N'isso me parece que vós não tendes razão, porque a charidade não poderá tirar a verdade, e mais, que razões pertencem ao entendimento, e a charidade á vontade, que são cousas differentes, assim como o fogo não tira ao ferro senão a escoria, e não gasta o ferro limpo e puro; se as razões são boas a charidade não será contra ellas, porque seria contra a verdade, e assim não ficaria charidade, senão pertinacia.

Nogueira:—Parece-me que é isso verdade, e que onde houver sobejo zêlo, ás vezes haverá cegar-se as razões, ou usar pouco d'ellas, o que cada dia se vê nos muito affeiçoados a uma cousa.

Gonçalo Alves:—E isso não é máo.

Nogueira:—Não sei eu ora quão máo será, parece-me que ouvi dizer, que S. Paulo não approvava tudo o que com bom zêlo se fazia, se que a uns dava testemunho do zêlo, ainda que era bom, a circumstancia necessaria, que é saber, se é conforme a vontade de Deus; porque esta é a regra, que mede todas as obras, e tanto vão direitas e boas, quanto com ella conformam, e tanto desviam da bondade, quanto d'esta se desviam.

Gonçalo Alves:—Parece muita razão, que seja isso muita verdade, conforme a isso não foi bom fazer El-Rei D. Manoel os judeus christãos, depois da matança, ainda que os mais d'elles diziam que sim; mas tomou-os com os portaes cheios de sangue, que derramaram os ministros do demonio percutiente, que por justiça de Deus os feriu, incitados por

dois frades dominicos, que depois pelo mesmo caso morreram no Porto, por mandado do dito Rei, e assim se pagou um mal com outro, como se costuma no mundo, permittindo e dissimulando Nosso Senhor, até o dia em que manifestou a todos nossas obras, quaes foram ; e El-Rei Jesebuto, Rei d'Aragão não se lhe condemna nos sagrados canones o zêlo com que contra vontade dos pais, judeus, mandou em seu reino baptizar seus filhos, mas o fim não lh'o louvam ; logo nem tudo, o que parece bem, se ha de fazer, senão o que realmente fôr bom.

Nogueira :—E como saberá homem sempre acertar, que é homem ignorante e fraco, se Reis com seus conselhos não acertam ?

Gonçalo Alves :—Tomando conselho com Deus, e com os homens desapaixonados, e que tenham boa consciencia.

Nogueira:—E onde se acharão esses, acerta-se muitas vezes, que não se acham senão uns regelados e frios, como eu, que por se poupar não querem sahir do ninho, não se lembrando quanto as almas custaram a Christo, e estes taes parece, que não podem aconselhar bem em semelhantes negocios.

Gonçalo Alves :—A falta d'outros, que tenham zêlo e saber, todavia me aconselharia com esses, porque alguma ora fallou já o Espirito-Santo, e aconselhou um propheta, ainda que não muito virtuoso, por bem do povo, que elle amava, e se elle quer fazer bem a estes, como é de crer, que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que sim, o que nós fazemos, elle aconselhára por máos, o que se deve fazer ; mas já folgaria ouvir-vos as razões, que tendes ouvido dos padres, para nos animarmos a trabalhar com elles, e as que têm em contrario das que demos no principio.

Nogueira :—Já que tanto apertais commigo, e me pareceis desejoso de saber a verdade d'este negocio, creio que vos

tenho esgotado, dir-vos-hei o que muitas vezes, martelando n'aquelle ferro duro, estou cuidando, e o que ouvi a meus padres, por muitas vezes, parece, que nos podia Christo, que nos está ouvindo dizer: ó estultos e tardios de coração para crêr, estou eu imaginando todas as almas dos homens uma, nos serem umas e todas de um metal feitas á imagem e semelhança de Deus, e todas capazes da gloria e criadas para ella, e tanto val diante de Deus por naturaleza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papana.

Gonçalo Alves :—Estes têm alma como nós.

Nogueira :—Isso está claro, pois a alma tem tres potencias, entendimento, memoria e vontade, que todos têm: eu cuidei, que vós ereis mestre, já em Israel, e vós não sabeis isso; bem parece, que as theologias, que me dizeis arriba era, e eram postiças do padre Braz Lourenço, e não vossas; quero-vos dar um desengano, meu irmão: Que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio, para entender as cousas de nossa fé.

Gonçalo Alves :—Tendes muita razão, e não é muito, porque ando na agua aos peixes bois, e trato no mato com brasil, não é muito ser frio, e vós andais sempre no fogo, razão é, que vos aquenteis, mas não deixeis de proseguir adiante, pois uma das obras de misericordia é ensinar aos ignorantes.

Nogueira :—Pois estai attento, depois que nosso pai Adão peccou, como diz o psalmista, não conhecendo a honra, que tinha, foi tornado semelhante á besta, de maneira que todos, assim portuguezes, como castelhanos, como *Tamoios*, como *Aimurés*, ficamos semelhantes a bestas, por naturaleza corrupta, e n'isto todos somos iguaes, nem dispensou a naturaleza, mais com uma geração, que com outra, posto que, em particular, dá melhor entendimento

a um, que a outro, façamos logo do ferro todo um frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porém, mettido na forja, o fogo o torna, que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas sem graça e charidade de Deus, são ferros frios sem proveito, mas, quanto mais se aquenta, tanto mais fazeis d'elle o que quereis, e bem se vê em um, que está em peccado mortal, fóra da graça de Deus, que para nada presta, das cousas, que tocam a Deus, não póde rezar, não póde estar na igreja, a toda a cousa espiritual tem fastio, não tem vontade para fazer cousa boa nenhuma; e se por medo, ou por obediencia, ou por vergonha a faz, é tão tristemente e tão preguiçosamente, que não vale nada; porque está escripto, que ao dadôr, com alegria recebe Deus.

Gonçalo Alves:—Isso bem entendo eu, porque o vi em mim antes que fôsse casado, que andava em peccados, e ainda agora praza a Deus, que não tenha muito d'isso.

Nogueira:—Pois que, direi eu, que envelheci n'elles, e, como homem, que foi ferido, fallo.

Gonçalo Alves:—Pois assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns, de que veiu estes negros serem tão bestiaes, e todas as outras gerações como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avisados.

Nogueira:—Esta é boa pergunta, mas claro está a resposta; todas as gerações tiveram tambem suas bestialidades; adoravam pedras e páos, dos homens faziam deuses, tinham credito em feitiçarias do diabo; outros adoravam os bois e vaccas, e outros adoravam por Deus aos ratos, e outras immundicies; e os judeus, que eram a gente de mais razão, que no mundo havia e que tinha conta com Deus, e tinham as escripturas desde o começo do mundo, adoravam

uma bezerra de metal, e não os podia Deus ter, que não adorassem os idolos, e lhes sacrificavam seus proprios filhos, não olhando as tantas maravilhas, que Deus fizéra por elles, tirando-os do captiveiro de Pharaó; não vos parece tão bestiaes os mouros, a quem Mafamede, depois de serem christãos, converteu á sua bestial secta, como estes, se quereis cotejar cousa com cousa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira; os mouros crêm em Mafamede, muito vicioso e torpe, e poem-lhes a bemaventurança nos deleites da carne, e nos vicios; e estes dão credito a um feiticeiro, que lhes poem a bemaventurança na vingança de seus inimigos, e na valentia, e em terem muitas mulheres; os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintam, e têm inda por Deus a um idolo, a uma vacca, a um gallo; estes têm que ha Deus, e dizem, que é o trovão, porque é cousa que elles acham mais temerosa, e n'isto têm mais razão, que os que adoram as rãs, ou os gallos; de maneira que, se me cotejardes horror com horror, cegueira com cegueira, tudo achareis mentira, que procede do pai da mentira, mentiroso desde o começo do mundo.

Gonçalo Alves:— Bem, estou com isso; mas como são os outros todos os mais polidos, sabem lêr e escrever, tratam-se limpamente, souberam a philosophia, inventaram as sciencias, que agora ha, e estes nunca souberam mais que andarem nús e fazerem uma frecha, o que está claro, que denota haver entendimento em uns e em outros.

Nogueira:— Não é essa razão de homem, que anda fazendo brasil no mato, mais estai attento, e entendereis: terem os romanos e outros gentios mais policia, que estes, não lhes vejo de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor creação, e crearem-se mais

politicamente, e bem creio, que vós o vereis claro, pois tratais com elles, e vêdes, que nas cousas de seu mestre, e em que elles tratam tem tão boas subtilezas, e tão boas invenções, e tão discretas palavras, como todos, e os padres os experimentam cada dia com seus filhos, os quaes acham de tão bom entendimento, que muitos fazem a vantagem aos filhos dos christãos.

Gonçalo Alves : — Pois como tiveram estes peior criação que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma policia, que deu aos outros ; isso podem-vos dizer claramente, fallando a verdade, que lhes veiu por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cham, filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pai bebado, e em maldição, e por isso ficaram nús, e têm outras mais miserias, os outros gentios, por serem descendentes de Seth e Japhet, era razão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma vantagem ; e porem toda esta maneira de gente, uma, e outra, n'aquillo em que se criam, têm uma mesma alma e um entendimento, e prova-se pela escriptura, porque logo os primeiros dois irmãos do mundo, um seguiu uns costumes e outro outros : Isac e Ismael, ambos foram irmãos ; mas Isac foi mais politico, que o Ismael, que andou nos matos : um homem têm dois filhos de igual entendimento, um criado na aldêa, e outro na cidade ; o da aldêa empregou seu entendimento em fazer um arado, e outras cousas da aldêa, o da cidade em ser cortezão e politico ; certo está, que, ainda que tenham diversa criação ambos têm um entendimento natural exercitado segundo sua criação ; e o que dizeis das sciencias, que acharam os philosophos, que denota haver entendimento grande, isso não foi geral beneficio de todos os humanos, dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos, nem a todos os gentios,

senão a um ou a dois, ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo, mas que estes, por não ter essa policia, fiquem de menos entendimento para receber a fé, que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes provo quanto esta policia aproveita por uma parte, tanto damna por outra, e quanto a simplicidade d'estes estorva por uma parte, ajuda por outra; veja Deus isso, e julgue-o, julgue-o tão bem quem ouvir a experiencia desde que começou a igreja, e vêr que mais se perdeu por sobejos e soberbo entendimento, que não por simplicidade, e pouco saber: mais facil é de converter um ignorante, que um malicioso e soberbo; a principal guerra, que teve a igreja foram sobejos entenderes; d'aqui vieram os hereges, e os que mais duros e contumazes ficaram; d'aqui manou a pertinacia dos judeus, que nem com serem convencidos por suas proprias escripturas nunca se quizeram render á fé; d'aqui veiu a dizer S. Paulo: nós prégamos a Jesus-Christo crucificado aos judeus escandalo, e ás gentes justiça. Dizei-me, meu irmão, qual será mais facil de fazer, fazer crêr a um d'estes, tão faceis a crêr, que nosso Deus morreu, ou a um judeu, que esperava o Messias poderoso, e Senhor de todo o mundo? com mais difficuldade a um judeu; mas desde que elle cahisse na conta, ficaria mais constante, como ficaram muitos, que logo davam a vida por isso.

Nogueira:—O mesmo vos digo, que desde que estes cahirem na conta, o mesmo farão: dai-me vós, que lhe entre a fé no coração, que o mesmo será de um que de outro, e o tempo e o trabalho, e a diligencia, que é necessaria para convencer um judeu ou um philosopho, se outro tanto gastardes com doutrinar de novo um d'estes, mais facil será sua conversão de coração, dando Deus igual graça a um que a outro, e está clara a razão; porque, como as

cousas de nossa fé das mais essenciaes, como são da Santissima Trindade, e que Deus se fez homem, e os mysterios dos Sacramentos, não se podem provar em razão demonstrativa, antes muitas são sobre toda razão humana, claro está, que mais difficil será de crêr a um philosopho, que todo se funda em subtilezas de razão, que não a um que outras cousas muito mais só menos crê.

Gonçalo Alves:—É verdade, porque estes se lhes deitais a morte, cuidam, que os podeis matar, e morrerem da imaginação, pelo muito e sobejo que crêm, e crêm que o panicú ha de ir á roça, e outras cousas semelhantes, que seus feiticeiros lhes mettem na cabeça, mas ainda nem isso não falta, porque muito ha, que estou na terra, e tenho fallado de Deus muito, por mandado dos padres, e nunca vi a nenhum ter tanta fé, que me parecesse, que morreria por ella, se fôsse necessario.

Nogueira:—Se me vós desseis licença, eu vol-o diria.

Gonçalo Alves:—Dizei, meu irmão, que eu vos perdôo.

Nogueira:—Parece-me que por mais faceis, que fôssem a se converterem, não se converteriam da maneira, que lhes dizeis, nem lh'o dizem os padres, e por isso estai-me attento, sabereis como o officio de converter almas é o maior de quantos ha na terra, e por isso requer mais alto estado de perfeição, que nenhum outro.

Gonçalo Alves:—Que requer, não basta ser lingua, e saber-lh'o bem dizer.

Nogueira:—Muito mais ha mister, vêde vós o que tinha um dos apostolos de Christo, que converteram o mundo, e por ahi vos regereis; primeiramente tinham muito espirito, tanto que ardiam de dentro do fogo de espirito-santo, porque d'outra maneira, como a de atear fogo divino em o coração do gentio, o que tem o seu um caramelo; ha de ter muita fé, confiando muito em Deus, e

desconfiando muito de si; ha de ter graça de fallar mui bem a lingua, ha de ter virtude para fazer milagres, quando cumprir, e outras graças muitas, que tinham os que converteram gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguem se convertesse; e vós quereis converter sem nada d'isto, e que de graça sejam logo todos santos; esse seria o maior milagre do mundo, e ainda que vós sejais lingua e lh'o sabeis bem dizer, não me negareis, que se algum vos não falla á vontade, logo perdeis a paciencia, e dizeis que nunca hão de ser bons; nem têm razão de vos darem credito a vossas palavras, porque hontem lhe pedieis o filho por escravo, e est'outro dia os querieis enganar, e têm razão de se temerem de os quererdes enganar, porque isto é o que commummente tratam os máos christãos com elles.

Gonçalo Alves:—Isso é verdade, mas os padres, que lhes fallam com tanto amor, por que os não crêm.

Nogueira:—Porque até agora não têm os indios visto essa differença entre os padres e os outros christãos, seja logo esta a conclusão, que quando Santiago com correr toda a Hespanha, e fallar mui bem a lingua, e ter grande charidade, e fazer muitos milagres, não converteu mais que nove discipulos; e vós quereis e os padres, sem fazer milagres, sem saber sua lingua, nem entender-se com elles, com terdes presumpção de Apostolo e pouca confiança e fé em Deus, e pouca charidade, que sejam logo bons christãos, porém, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos indios d'esta terra com mui claros signaes de terem verdadeira fé no coração, e mostrarem-no por obra, não sómente dos meninos, que criamos comnosco, mas tambem dos outros grandes, de mui pouco tempo conversados: quem viu na capitania de S. Vicente, que é terra onde se mais tratou com os indios, que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes; quem viu suas lagrimas, os abraços de amor aos

irmãos e padres; diga-o quem viu a virtude tão viva de sua mulher, quão fóra dos costumes, que antes tinha, quão honesta viuva, e que christãmente vive, tanto que pareceu a todos digna de lhe darem o Santissimo Sacramento; pois que direi de suas filhas, duas, a qual melhor christan; que direi da fé do grão velho Sayobi, que deixou sua aldêa e suas roças, e se veiu morrer de fome em Piratininga por amor de nós, cuja vida e costumes, e obediencia, mostram bem a fé do coração; quem viu vir Fernão Corrêa de tão longe com fervor de fé vir a pedir o baptismo, e depois de tomado, leval-o N. S. e muitos outros da aldêa, os quaes, ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros máos christãos, que vêm, todavia se crê d'elles terem fé, pois o principal peccado, e que lhe mais estranham, deixaram, que é matarem em terreiro, e comerem carne humana; quem não sabe, que indo á guerra estes, e tomando contrarios, os mataram, e enterraram; e para mais vos alegrar, tambem vos direi, que se viu na mandisoba, onde se matavam uns indios *Carijós,* outro indio, que com os padres andava, offerecer-se, com grande fervor e lagrimas a morrer pela fé; e porque aquelles morressem christãos, e outros muitos casos particulares, que acontecem cada dia, que seria largo contar, pois entre tão poucos colher-se logo tal fructo, e com tão fracos obreiros, como será possivel, se N. S. mandar bons obreiros á sua vinha com as partes necessarias, não se colher muito fructo, por certo tenho, que se vos achareis no tempo dos martyres, e vireis aquellas carniçarias d'aquelles infieis, que não abastava tanto s milagres e maravilhas, para os amolentar, nem tão boas prégações e razões, vós e eu disseramos, nunca estes hão de ser bons.

Resolvendo-me logo, digo emfim, razões, que o negocio de converter é principalmente de Deus, e ninguem traz

a conhecimento de Jesus-Christo, senão quem seu pai traz, e quando elle quer, faz de pedras filhos de Israel, como tão pouco ninguem póde salvar-se, nem ter graça sem elle.

Gonçalo Alves :—Isso é tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio tambem é necessario apparelho, porque ouvi dizer, que diz S. Agostinho : que Deus, que me fez sem mim, não me salvará sem mim.

Nogueira :—Da parte do gentio, digo, que uns e outros tudo são ferro frio e duro, e que quando os Deus quizer metter na forja, logo se converterão esse, estes na fragoa de Deus, ficaram para se metterem no fogo por derradeiro ; o verdadeiro ferreiro senhor do ferro, o sabe o porque, mas do apparelho de sua parte, tão máo o têm estes, como o tinham todas as outras gerações.

Gonçalo Alves :—Isso desejo saber mais claro.

Nogueira :—Quantos mais impedimentos um tiver para a conversão, tanto diremos, que está menos disposto, e quanto menos do mal, tem Deus que tirar d'elles, tanto mais disposto serão.

Gonçalo Alves :—Ide adiante, e provai isso.

Nogueira :—Contai-me o mal de um d'estes, e o mal de um philosopho romano, um d'estes, muito bestial, sua bemaventurança é matar, e ter nomes, e esta é sua gloria ; porque mais fazem, a lei natural não a guardam, porque se comem, são luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma cousa aborrecem por má, e nenhuma louva por boa ; têm credito em seus feiticeiros, aqui me encerrareis tudo ; um philosopho é muito sabio, mas muito soberbo, sua bemaventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos, muito malicioso, que a verdade, que Deus lhe ensinou, escondeu, como diz S. Paulo, não guardam a lei natural, posto que a entendam, muito viciosos no vicio, contra a natura,

muito tyrannos e amigos de senhorear, muito cobiçosos, e mui temerosos de perderem o que têm, adoram idolos, sacrificam-lhes sangue humano, e senhores de todo o genero de maldade, o que não achareis n'estes, porque, segundo dizem os padres, que confessam, em dois ou tres dos mandamentos, têm que fazer com elles, entre si vivem mui amigavelmente, como está claro, pois qual nos parece maior punido para desfazer.

Gonçalo Alves :—De ruim ganado não ha que escolher, mas, todavia queria, que me respondesseis ás razões de cima mais distinctamente.

Nogueira :—Pelo que está dito, bem clara está a resposta.

Lê-se em appendice á carta do quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557.

Morte do Padre Navarro.

Por el cabo desta me parecio conveniente poner el bienaventurado transito del padre Navarro tan gran siervo del sõr, y que por su amor tantos trabajos tomo en la conversion desta gentilidad a que fue mandado en espacio de siete años que se conservó entre ellos, nunca descansó, sino ora a unos, ora otros enseñava y dotrinava con la gracia y talento que el señor le communicó para este oficio porque el fue de los padres y hermanos que del reyno venieron el que mas se adelantó en la lengua brasilica de modo que el confesava por si y hacia platicas y predicas a los indios en su misma lengua.

Entre ellos era muy amado y tenido por padre, y la verdad, las obras que el hacia merećia con justa causa tal apellido, porque munchas veces se desvelava en sacar sus predicas a limpio para dotrinar e a las cuales tenia en xp°. tanto amor cobrado que los xpianos se maravillavan de los grandes trabajos que por ellos y por su dotrina y edificacion tomava y no solamente con los indios sino tambien con los esclavos de los blancos adonde estavan.

No le ertorvaba esto para que dejase de acudir a los xpianos cuando lo mandase su necesidad, porque a todo acudia y para todo le dava el sõr gracia.

Digo esto porque los trabajos que tomo por uno y otros, parecerá imposibles a quien no los vio quasi quatro años continuos a decir misa en dos poblaciones todos los domingos y fiestas la ordem que tenia era esta... Partia de madrugada de la ermita de Nuestra señora que está en medio de los dos pueblos, el uno de los cuales estaba media legua camino mas fragoso de arenales y cuestas muy ingremes en medio, y dicha la misa hacia la dotrina a los esclavos y despues á los xpianos. Acabada esta misa hiba a decir otra el mismo dia al otro pueblo que está de alli muy lejos, y tenia allá el mismo ejercicio con los gentiles y con los xpianos, lo que todo acabado se venia tal a casa cual es razon que veniere el siervo, que asi avia servido al señor quiero decir aparejado, si el señor tuviese p. bien, a fenecer en esta, los xpianos por ver su celo asi con ellos como con los indios tenia opinion de virtuoso y santo y era causa de grande servicio de muestro señor en hacer amistades y apartar a muchos del pecado, y derarregar de la tierra muchos vicios, porque su celo era tan grande que bien demonstrava la mucha charidad que en su pecho ardia unos com otros en estos y outros tales exercicios se ocupó todo el tiempo que en esta tierra conversó com unos y con

otros queriendo el señor darle el galardon y premio de tan justos trabajos por su amor padecidos, antes que del todo enfermasse lo mandó llamar el padre Nobrega de la iglezia del Tubaron esta quaresma pasada, a donde el residia para que se ejercitase en confesar xpianos como a los gentiles, lo que hizo por toda la santa quadragesima, estando como digo algum tanto convalido, y hacia el esto con tanta pena del cuerpo que le oí por muchas veces que si algum tiempo padeciera que fue entonces. Acabando la quaresma como por despedida fue el jueves santo en la noche a predicar la pasion a una poblacion de xpianos mucho sus devotos : y fue com tantas lagrimas y sentimento suyo como de los oyentes, dixo el compañero que tambien despues de aver acabado la predica a los indios en la lengua brasilica que nunca en su vida avia visto ni pensó de ver tanto sentimento, tantas lagrimas y ya en este comenos se llegava el tiempo que queria el señor que acabando este misero destierro fuese a gozar de dios y visitandolo con unas fiebres agudas, y con unos agastamintos del corazon muy continuos, en muy breve como cuerpo gastado lo pusieron en tal estado del corazon que el mismo conocio (aunque nosotros nos parecia el contrario) que estava muy propinqua su muerte, asi que una mañana estando nosotros bien descuidados deste su proposito, mandó llamar a su confesor, y quedandose despues de su confesion un gran rato solo, mando llamar a todos los padres y hermanos y niños que estavan en casa, y juntos nos dixo como el estaba de camino pera la otra vida, y que nos pedia que le perdonasemos al sñor, diciendo estas palabras con tanto sentimiento y angustia que a todos nos provocó a lagrimas.

Mandó que le truxesen um crucifixo al cual hizo una oracion con tan grande afecto y fervor de espirito que bien parecia quanto deseaba verse ya desatado y hir a gozar de

el. A nosotros dijo: yo me aparto de esta vida mis hermanos y no llevo otra cosa atravesada em my corazon sino por no aver convertido muchos gentiles, pero vos quedais acá que suplireis esto y los hermanos que de Portugal venieron? De aqui por delante le comenzaron los desmaios a acudir tan fuertes, que nos parecia que era verdad lo que el decia y el mismo dia que no usasen de mas remedios humanos porque ya era hecho. Hallaronse entonces prestes los padres y hermanos que estavan en las aldeas que aunque por de fuera desimulavan la pena que sentian todavia quando se acordavan que perdian tan buen compañero y tal obrero para la viña del señor, no se podian contener las lagrimas. Dada ya la santa uncion todos juntos le rezamos las ledaiñas y otras oraciones, hasta que el señor tuvo por bien de llevarlo para si, dejandonos a todos tan llorosos y sentidos de su transito que cada uno decia que ni por padre ni por hermano avian tenido nunca tal sentimento. El padre Nobrega acordando-se-lhe como padre que desos pocos hijos le avia el señor llevado al padre Leonardo Nunes padre Salvador Roiz y el hermano Corrêa y eran instrumentos tan buenos para la viña de señor, que ahora tanbien le queria llevar un hijo tan amado tomava con la consideration de esto maior tristeza y fatiga porque sentia mayor la falta que hacia. Sabido por el gobernador su fallecimiento dijo que le hiciesemos saber quando se le avia de hacer el officio porque queria allarse presente, y asi vino el con toda la mas gente del pueblo asi nobles como plebeus, porque todos se hallavan sus dendores y obligados algunos le besavan los pies y las manos por su devacion y por les parecer que lo hacian a un santo. De esta manera acabo el padre Navarro, el cual tenemos para nos que goza ya de los premios que Dios da a los suyos.

Noticia e informação que deram os PP. da Companhia das pensões que recebiam, feitas por D. Henrique.

Porque se entende que algumas pessoas determinavam propôr ou tratar por occasião das côrtes algumas cousas ácerca da Companhia de Jesus, das pensões que El-Rei D. Henrique, que Deus tem, deixou aos collegios d'ellas, pareceu necessario dar d'isso a informação que se segue; porque é de crêr que por falta d'ella se moveráõ a fallar no do que não tem verdadeira noticia e conhecimento.

A religião da Companhia foi instituida para servir e ajudar a igreja universal na conversão dos infieis, instrucção e doutrina dos catholicos e reducção dos hereges. E pela experiencia do muito fructo que Nosso Senhor, por meio d'ella, faz nas almas, foi sempre muito favorecida dos Summos Pontifices e dos Reis e Principes christãos, e o Concilio Tridentino, sess. 25 c. 16, tratando da profusão e reformação das religiões, e ordenando algumas cousas para esse effeito, não tocou em cousa alguma da mesma Companhia, antes approvou em todo o seu modo de proceder por estas palavras: *Per hæc tamen santa synodos non intendes aliquid innovare aut prohibere quin religio clericorum Societatis Jesum juxta jurem corum institutionem a sancta sede approbatum Domino, et ejus ecclesiæ in servire possiunt.*

E, posto que os Principes catholicos a favoreceram muito, os Reis de Portugal a tomaram á sua conta, dos quaes o primeiro foi El-Rei D. João III, que a pediu ao Summo Pontifice, e assim elle como os seus successores sempre a pretenderam favorecer e augmentar com dotações de collegios e privilegios; e entendendo que redundava isto em grande beneficio e proveito de seus reinos, como por experiencia se tem nos

bons costumes que os religiosos d'ella com as sciencias ensinam em seus collegios, nas prégações e confissões em que perpetuamente se occupam nos carceres, hospitaes, enfermos, a que sempre e todo o tempo acodem, e nas partes em duas das quaes sómente n'esta cidade de Lisboa morreram perto de quarenta, e foram feridos e estiveram á morte mais de cento, por offerecerem suas vidas em beneficio espiritual e temporal do proximo, ajudando em grande parte aos prelados a cumprir sua obrigação em tempo em que elles não achavam sacerdotes, que com muito estipendio quizessem acudir n'estas necessidades; e isto não fallando em outros muitos que n'estas e em outras partes morreram, e foram feridos em outras cidades e logares d'estes reinos, por se quererem occupar em semelhantes obras.

Não sómente a favoreceram os Reis passados, pelo que fica dito, mas tambem porque com ella satisfaziam a obrigação que tem a corôa d'estes reinos, de prover de ministros idoneos para a conversão dos infieis de sua conquista, da qual este reino tem tanto proveito temporal. Para este effeito manda a Companhia ordinariamente ao Brasil, Guiné, India e Japão, etc., muitos prégadores, mestres, e confessores, os quaes em muitos annos e com muita despeza da mesma Companhia vêm a ser aptos para estas emprezas, nas quaes andam com muito risco de suas vidas, como se tem experimentado nos muitos que nas ditas partes, entre infieis acabaram, etc., não fallando em outros que em varias partes padeceram martyrio; só em uma armada que d'esta cidade ia para o Brasil, foram martyrisados quarenta; e para acudir á estas necessidades e obrigações se fundaram os collegios d'estes reinos, e nem todo o numero de religiosos que n'elles ha, basta para poderem acudir á estas necessidades, porque são ellas taes e tão importantes, que fundando El-Rei D. João III

em Coimbra o collegio das artes, tomando sobre si o provêl-o de mestres, que mandava vir de outros reinos, foi tão grande o trabalho, e tão grossa a despeza que tinha, que pediu á Companhia o descarregasse e o tomasse sobre si, o que a Companhia aceitou para o servir, ainda que lhe é mui oneroso, e com o qual tem muito trabalho e despeza, e para o poder continuar, ha mister criar muitos sujeitos.

Considerando El-Rei D. Henrique todas estas cousas e vendo a necessidade que havia de se criarem ministros para ellas por descarregar a fazenda da corôa d'estes reinos, havendo de alargar as pensões que tinha no bispado de Coimbra e arcebispado de Braga, pediu ao santo padre que houvesse por bem de applicar parte d'ellas aos collegios das ditas cidades e do Porto, por certo tempo, para a sustentação dos ditos ministros, o que S. S. lhe concedeu.

Entre as pessoas que têm muita razão de favorecer á Companhia são os prelados, pois os da Companhia, conforme o seu instituto, são ajudadores, prégando, confessando, doutrinando e tirando de peccado suas ovelhas, e acudindo-lhe de dia e de noite em suas necessidades espirituaes, a que os prelados têm obrigação de acudir, se elles o não fizessem. Vendo isto os Summos Pontifices concederam á Companhia muitas graças e privilegios; entre os quaes foi o de « *decimus non solvendis* » querendo que suas propriedades fôssem isentas de pagar dizimos, pois ella toda se occupa em ajudar os prelados e ministros e ecclesiasticos, a quem elles por esta causa se devem.

E com isto ser assim, comprando os padres de S. Antão cinco herdades no termo d'Evora, com licença de Sua Magestade por El-Rei D. Henrique, que Deus tem, deixar ordenado com consentimento e approvação do Papa, que para a ajuda da sustentação do dito collegio, de que é fundador, se comprasse alguma renda. E estando em posse das ditas

propriedades, que por serem da Companhia ficam isentas de pagar dizimos. E sabendo isto o arcebispo e cabido, receberam parte do dizimo das ditas herdades forçosamente, com ameaças, e excommunhões fulminadas por um conego do dito cabido, procedendo como juiz, sendo parte e suspeito. E processando-se a causa diante de juiz competente, e sendo dada sentença que os ditos dizimos se restituissem, o dito cabido não quer obedecer á dita sentença, nem aos privilegios apostolicos, e tres sentenças de rotas em confirmação d'elles. Nem se póde dizer que esse privilegio é em detrimento notavel do dito arcebispo e cabido, pois em respeito de cincoenta mil cruzados, que pouco mais ou menos o arcebispo tem de renda, e de dois mil que cada conego tem, fóra seus bens patrimoniaes, monta o dito dizimo quasi nada, e ainda que montára mais deveram de folgar de o largar á Companhia, pois n'aquella cidade ha cento e vinte religiosos da dita Companhia, todos occupados em lições, prégações, doutrina e em outras obras pias, em ajuda e beneficio das almas d'aquelle arcebispado, descarregando em grande parte ao arcebispo e mais ministros a que pertence a cura d'ellas. Nem é para estranhar carecerem de tão pouco, pois as rendas do dito cabido são tão grossas que soffrem por muitos annos alguns conegos comerem as suas rendas, estando ausentes, sem notavel detrimento do mesmo cabido.

O bispo de Coimbra pretende não pagar ao collegio da dita cidade a pensão que por alguns annos El-Rei D. Henrique lhe deixou, com approvação do Papa, para ajuda de sua sustentação, e para com isso remir seiscentos e cincoenta e sete mil réis (657$), que cada anno tem o dito collegio de S. M., o que devêra bastar para se haver por bem empregado, ainda que não houvéra outro respeito; pois, quanto se accrescenta na fazenda de S. M., tanto se

ajuda á conservação d'este reino, e outras despezas importantes á nossa santa fé e igreja universal, que S. M. tanto tem a seu cargo, quanto mais que esta pensão não se pôz de novo, porque havia muitos annos que os bispos seus antecessores pagavam. Tambem se deve considerar que este collegio é o primeiro que a Companhia teve, e El-Rei D. João III fundou, e ha 44 annos que serve aquelle bispado com perto de 200 religiosos, que se occupam em lêr, prégar e doutrinar e confessar, e outros ministerios espirituaes, descarregando ao bispo em grande parte de sua obrigação, sem ter das rendas d'elle cousa alguma.

Sendo muito ordinario ajudarem os prelados as fundações dos collegios que ha em suas prelazias. E muito ha que ás suas proprias custas têm fundado uns e mais collegios, dotando de renda bastante, e fazendo-lhe os edificios com todo o demais, com grande effeito e devoção, pelo beneficio que por meio dos ditos collegios elles e suas ovelhas recebem. E pelo allivio de suas obrigações e consciencias.

O arcebispo de Braga pretende não pagar ao collegio da dita cidade e á do Porto parte de uma pensão que El-Rei D. Henrique tinha no dito arcebispado, e a trespassou com licença do Summo Pontifice aos ditos collegios por certo tempo, acabado o qual vaga para o arcebispo, e assim não se lhe pondo carga nova, e dando-se esta pensão tem por assim á religião tão util, e de que aquelle arcebispado tanto se serve e ajuda ; parece cousa dura contradizel-o contra letras apostolicas, especialmente que em nenhuma cousa mais util se póde dispender, que em religiosos, cujo instituto se ordena ao proveito das almas ; e quanto lhe faltar de sustentação, tanto menor poderá ser o numero d'elles, e por isso ellas menos ajudadas. E este foi o motivo com que o papa e El-Rei D. Henrique com tanta piedade e zêlo das almas concederam estas pensões antes d'ellas serem providas

das ditas prelazias, e deviam os prelados conformar-se com este tão santo intento do papa e d'El-Rei D. Henrique, e imitar o que agora faz S. S. na fundação do collegio de Roma, para o qual tem já dado em menos de dois annos trezentos mil cruzados; quanto mais que estas pensões deixou El-Rei D. Henrique por sua alma, com obrigação de muitas missas, suffragios e orações, como consta de seu testamento, as quaes se vão continuando. E, pois, estes reinos lhe devem tanto, principalmente estes prelados deviam de haver por bem que não ficasse n'esta parte seu testamento por cumprir, ainda que por rigor de justiça se não devêra, quanto mais devendo-se. E espera a Companhia que S. M. acuda á esta como cousa tão devida a seu catholico e pio animo, e não permitta que esta religião que tanto serve a Deus e a S. M. e ajuda os prelados, seja molestada e desacreditada, pois os Reis de Portugal, seus antecessores, sempre como verdadeiros pais a favoreceram e tiveram debaixo da sua protecção; e o mesmo se espera agora de S. M. com muito mais razão, porque se a isto se não atalha, alienar-se-iam os animos dos povos e perderiam a devoção que têm á Companhia, e perdendo-a, perderiam o beneficio que por meio dos religiosos d'ella suas almas recebem, e os mesmos prelados a ajuda continua que n'elles têm, e seria cousa mui contraria e repugnante ao serviço de Nosso Senhor e bem espiritual, e ainda temporal dos povos d'estes reinos, e das outras partes a elles sujeitas, onde os ditos religiosos exercitam seu instituto com tanto trabalho e fructo, como se sabe.

E porque algumas pessoas advertindo nas muitas despezas que a Companhia tem e faz na creação dos ministros necessarios para o bem espiritual das almas, e o mais que fica dito, dizem que os collegios da Companhia n'este reino têm muita renda, porque as casas professas a não têm nem podem ter, pareceu dever lembrar: que

tirando das ditas rendas as despezas de pensões que os collegios pagam á diversas pessoas, porções de curas e vigarios, fabricas, ornamentos, quindenios, quebras de rendeiros, ordenados de officiaes e outras cousas semelhantes, não fica para sustentação de cada religioso cincoenta cruzados, o qual uns annos por outros conforme a cousa, vão os tempos, não basta; porque d'essa quantia se terá o que se gasta na fabrica dos collegios, vestido, calçado, livros, e o mais movel da casa. E as esmolas ordinarias que fazem aos collegios, residencias e suas igrejas, pelo qual estão individados e padecem necessidades; porque os religiosos d'estes collegios não têm para seus vestidos, livros e o mais que hão mister, ajudas d'outras partes como outros religiosos, nem a Companhia succede nas heranças de seus religiosos, nem se ajuda das esmolas que se costumam dar por missas, prégações, enterramentos, capellas, e as mais cousas que as outras religiões santamente têm: sómente se sustenta das rendas, que os Papas, Reis, Principes, Prelados e outras pessoas dotam aos collegios.

Vista esta informação, a utilidade da Companhia, o pouco que tem para sua sustentação (posto que alguns com animo damnado falsamente dizem e affirmam o que não é), as muitas obrigações que toma sobre si; parece que será serviço de Nosso Senhor mandar Sua Magestade que não se trate d'estes pontos, antes faça que inteiramente se cumpra o que o Santo Padre e El-Rei D. Henrique tão piamente ordenáram acerca das ditas pensões, e não se dê occasião á murmuração do povo, que por esse respeito injustamente póde haver, antes se lembra a Sua Magestade, que os reis seus antecessores d'esta corôa costumavam nos tempos das côrtes, mandar avisar os que vinham a ellas, que não tratassem das cousas tocantes ás religiões. E por algumas pessoas se desmandarem acerca d'esta materia, as

mandaram castigar, tendo este humor por suspeito em cousas tocantes á fé e prejudicial para a paz e quietação d'esta Republica.

E espera-se que Sua Magestade com tanto mais zêlo quanto maior senhor é, e mais depende d'elle o bem da igreja universal, mande pôr este freio aos que se podem desordenar.

UM MANUSCRIPTO GUARANY

Carta ao Illm. Exm. Sr. Senador Candido Mendes de Almeida, e por este apresentada ao Instituto Historico.

Exm. Sr. Senador,

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. o escripto que lhe prometti mandar para o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.

É um cathechismo guarany, que copiei com a maxima possivel fidelidade, traduzi, e annotei com observações tendentes ao melhor esclarecimento do texto abanheenga. Fui nesta tarefa singularmente ajudado pelo nosso mais illustre americanologo, o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que teve a bondade de rectificar o texto, revêr e corrigir a minha versão, e illustral-a com o muito que sabe do idioma guarany. Suas são as mais importantes notas ; e para as distinguir, fil-as precedidas de asterisco e terminadas com as suas iniciaes B. C.

O original está em meu poder, e com muito gosto o enviarei ao Instituto si V. Ex., pela cópia, achar que vale a pena guardal-o no archivo de tão douta corporação. É uma folha de papel de peso, marca BATH, dobrada em 12. No rosto se lê : *Este cuaderno es de D.ª Cipriano Antonio Ayala.* E com lettra já differente : *Soy del uso y priedad* (propriedad) *de D.ª Fortunato Ibarra.* No v. e nas fls. 2 e 3, vêm orações *al entra en la yglesia.* E aqui já este verbo *entra,* pronunciado *entrá,* me suggere uma reflexão, e é que, assim como no portuguez fallado no Brasil, os verbos hispanhóes no Paraguay, e talvez em todas as nações da mesma origem no sul d'America,

estão perdendo o *r* final do modo infinitivo: facto que, a respeito do portuguez do Brasil, já foi notado pelo erudito philologo de Lisboa o Sr. Adolpho Coelho. No texto guarany verá V. Ex. *comulgá* por *comulgar, participá* por *participar*. É evidente influencia da lingua selvagem na lingua culta. Mas, fechemos este parenthesis, e prosigamos na descripção do MS. Á fl. 3 v., está um *Actos de Fé*; fl. 4, *Actos de Esperanza*; e no fim, *Actos de Caradad* (caridad). Cabe aqui tambem uma advertencia, sobre o plural desses *Actos*, que devião d'estar no singular. No texto guarany, V. Ex. achará *meritos, prosimos, personas*, em vez de *merito, proximo* e *persona*. Não sei porque. No v. de fl. 4, continua o « acto de caridade », e vem uma oração a Nossa Senhora, a qual termina á fl. 5 v., seguindo-se nesta os dias do mez: *30 dias trae Nobrẽ con Abril Junio y Sebrẽ* etc. Á fl. 6, os dias das festas nas Reducções, a saber: *Prócurahide guardar las fiestas quiere saber. Estes versos aprender, la Circumcision tenemos de Enero al 1º y Pablo a 29. a 25 de Julio nrò patron y despues la Abuela. A 20 de Obrẽ Simon y Judas veras que en aqueste no hay mas. Fin.* Esta escripta está mostrando a ineptidão litteraria do amanuense. Vem no verso o seguinte: *Un quintal tiene cuatro arrobas una @ tiene 25 libras una libra tiene 4 cuarte.* Segue-se então a DECLARACION DE LA DOCTRINA CRISTIANA: é o texto guarany que damos em seguida, datado e assignado por quem o escreveu, *Elias del Rosario Ibarra*; depois de cuja firma, isto: *20, 30, 40, 650, 60, 70, 80, 90, 100.* Estamos no fim de fl. 11, em cujo verso se lêm umas quadras a Jesu-Christo, para livrar da guerra e da *secca*, com o estribilho: *Misericordia, Señor!* terminando á fl. 12, que traz no verso estas declarações; *Soy del uso y propiedad de D.ª Cipriano Antonio Ayala.*

— *Sor del uso y propieda de D.ª Elias del Rosario Ibarra.* Data do MS. : *30 de Maio de 1851.*

Pelo conteudo, assim minuciosamente descripto, eu seria levado a crer que se tracta de um caderno de menino de escola si, juntamente com elle e outros de orações christãs e de grammatica elementar castelhana, me não tivessem vindo na mesma occasião e do mesmo logar outros manuscriptos que me não parecem escolares, como sejam um *Tratado 2º Tit. 1º Del Soldado,* especie de regimento militar, e umas *Breves Lecciones del Curso de "Juzgados Militares„ arregladas á la practica del Esercito.* Mandoum'os da villa do Pilar, no Paraguay, quando foi tomada pelos nossos em 1867, meu irmão o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, medico militar, servindo então no exercito em operações. Delles se vê que a instrucção popular dos Paraguayos comprehendia o ensino religioso, o militar, e as primeiras lettras, incluindo a grammatica hispanhola.

Mas, seja o que fôr, V. Ex. não levará a mal, creio, tão comprida descripção de caderno, que pertenceu a algum sargento de Lopez. São tão raros os monumentos escriptos da lingua dos guaranys, e tanto tem ella influido no desenvolvimento dialectal do portuguez que se falla no Brasil, que um documento desta ordem não póde deixar de ser considerado digno d'attenção dos estudiosos das lettras patrias, que já d'ora avante não podem ser bem conhecidas sem algumas poções da grammatica e do vocabulario do guarany, do tupí, do guaycurú, do xocrem e outras linguas americanas, do bundo, do congo, do benguela, do caçange, moçambique, fulo e outras linguas africanas.

Por outro lado, sabido é o empenho e alacridade com que andam os linguistas do velho mundo catando, e apanhando, e guardando para exame os textos das linguas rudes d'Asia, Africa, America e Oceania. Já é consideravel o

catalogo das grammaticas, diccionarios, cathechismos, biblias e outros materiaes d'estudos dos idiomas americanos; não são, porém, ainda bem conhecidos os elementos constitutivos de cada um para que qualquer documento novo não seja acolhido com a satisfacção das boas-vindas.

O guarany, que o padre Hervas considera a mais difficil das linguas americanas, é, como V. Ex. melhor do que eu sabe, tão subjeito a irregularidades de toda a sorte que admira como se tem podido subjeitar a preceitos grammaticaes. Só mesmo a inspiração de um Anchieta, o profundo talento de um Montoya, a tenacidade intelligente de um Couto de Magalhães, ou a incontestavel superioridade de um Baptista Caetano, poderiam dictar a lei n'anarchia grammatical e lexicographica da lingua geral nos seus dous ramos, tupí e guarany. Ora, a essas difficuldades accrescem as alterações dialectaes dos Paraguayos; a influencia do castelhano, fallado no Paraguay e em todas as nações de origem hispanhola que rodeam a pequena republica; a nulla instrucção dos copistas; a falta da imprensa e de outros meios de reproducção exacta dos originaes, para que mais e mais se embarace e estorve o conhecimento de uma lingua que, pensando bem, já se não póde com justiça classificar entre as selvagens; pois é fallada e escripta por um povo que, atrazadissimo embora, tem assento na communhão das nações christãs, é dizer, das nações civilisadas, ou que, pelo menos a certos respeitos, participam dos beneficios da civilisação christã.

Tenho a honra de ser o maior admirador e o menor dos criados de V. Ex.

S. C., no Mar de Hispanha, 15 de Fevereiro de 1880.

—*Antonio Joaquim de Macedo Soares.*

DECLARACION

DE LA DOCTRINA CHRISTIANA (*)

P. Mbovĭpa (1) oyme ñandeyara (2) ?
Mbobĭ-pa oĩme ñande yára ?
Quantos ha nossos senhores (deuses) ?

R. Petēiño ñandeyara ete (3).
Peteĩ ñõ ñande yára eté.
Um só Deus verdadeiro.

P. Mamopa oyme ñandeyara *Dios* oguecope (4)?
Mamõ-pe oĩme ñande yára » oguecó-pe ?
Onde está Deus de Deus seu ser no ?

R. Oyme ĭbape, ĭvĭpe hae opamamopaberipi (5).
Oĩme ĭbá-pe ĭbĭ-pe hae opá mamõ pabẽ rupi.
Está céu no, terra na, e todo logar qualquer em.

P. Mamopa oyme ñandeyara caray oguecope ?
Mamõ-pe oĩme ñande yára caraì oguecó-pe ?
Onde está Deus de homem seu ser no ?

R. Oyme ĭbape Tupã Tuba acatuape, hae *en*
Oĩme ĭba-pe Tupã Tuba acatuá-pe, hae »
Está céo no, de Deus Padre direita á, e no

el Santisimo Sacramento del Altar.
» » » » » .
SS. S. do Altar.

P. Mabapa (6) ñandeyara ?
Maba-pa ñande yára ?
Quem Deus ?

(*) Por falta de typos de vogaes com o accento do som nasal ^, emprega-se aqui o signal de syllaba longa

R. *La* *Santisima* *Trinidad.*
» » » .
A SS. Trindade.

P. Mabapa *la* *Santisima* *Trinidad?*
Maba-pa » » » ?
Quem a SS. Trindade?

R. Tuba, Taĭra hae *Espiritu Santo* mbohapĭ *personas*
Tuba, Taĭra hae » » , mbohapĭ »
Padre, Filho e Espirito Sancto, tres pessoas

oycoe coé oyuegui (7), *pero* peteinte ñandeyara.
oicoé-coé oyohugui, » peteĭ-nte ñande yára.
distinctas si entre, porém um só Deus.

P. Tubapa ñandeyara?
Tuba-pa ñande yára?
O Padre Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Taĭrapa ñandeyara?
Taĭra-pa ñande yára?
O Filho Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Hae *Espiritu Santo*pa ñandeyara?
Hae » » - pa ñande-yára?
E o Espirito Sancto Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Aiporamo ninpo (8) bohapĭ ñandeyara?
Aipó-ramo nipó mbohapĭ ñande yára?
Assim sendo, porventura tres deuses?

R. Ahāni y *persona*nte mbohapĭ oycoe coe oyuehegui,
Aani i » - nte mbohapĭ oicoé coé oyoehegui,
Não: as pessoas só tres distinctas si entre;

ñandeyara pētēÿetente.
ñande yára petei - eté-nte.
Deus um verdadeiro só.

P. Maba ūguī mbohapĭ y *personas*guipa oyeyapo
Mabae ūguī mbohapĭ i » - gui-pa oyeyapó-
Qual essas tres pessoas d' se fez

baecue carayramo (9) hae omano ñanderaĭhupape?
baecue caraí-ramo bae omanō ñande raĭhúpa-pe?
foi que homem em, e morreu nosso amor por?

R. Taĭra mbitepegua y *personas* momocoyha (10)
Taira mbĭte-pe-gua i » mo-mocōĭha;
O Filho, meio no estando, a pessoa segunda sendo;
upebareheco (11) oyeyaporire carayramo hera *Je-*
upé bae rehe co oyeyapó rire caraí-ramo, hera »
isso por é-que, se fez depois-que homem em, chamou-se Je-
su Cristo.
» .
sus Christo.

P. Mabapa *Jesu Cristo*?
Maba-pa » » ?
Quem Jesus Christo?

R. Ñandeyara hae caray ete.
Nande yára hae caraì eté.
Deus e homem verdadeiro.

P. Mamopa oyeyapo ñandeyara carayramo?
Mamō-pe oyeyapó ñande yara caraí-ramo?
Onde se fez Deus homem em?

R. *Señora Santa Miria* (12) marāneĭrĭepe (13) *Espiritu*
» » Maria maraneÿ rĭe-pe »
Da-Senhora Sancta Maria immaculado ventre no, do Espirito

Santo rembiapo hae y *gracia*rupi.
» rembiapó hae i » - rupi.
Sancto obra e sua graça por.

P. Maërāpa oyeyapo ñandeyara carayramo?
Maerā-pa oyeyapó ñande yára caraí-ramo?
Para que se fez Deus homem em?

R. Ïcatu (14) hāguā omano Curuzurehe ñanderaïhupape
I-catu haguā omanō curuzú rehe ñande raïhúpa-pe
Poder para morrer cruz na nosso amor por

ñande*libra*haguā mbaepochïretagui (15) hae omeẽ
ñande liberá-haguā mbaé-pochï-retá-gui, hae omeẽ-
nos livrar para cousas ruins das, e dar

hāguā ñandeve (16) *esemplo.*
haguā ñande-be » .
para nós a exemplo.

P. Haecoomanorirepa mamoohō?
Hae co omanō rire-pa mamō ohó?
E eis morreu depois que para onde foi?

R. Hianga oyepeabobe hetegui ogueyï
I anga oyepeá mbobé hete gui ogueyï
Seu espirito se separou logo que seu corpo de, desceu

*Limbo*pe *las almas de los Santos Padres* renohēbo, hae
» -pe » » » » » » renohē-bo, hae
Limbo ao, as almas dos Santos Padres tirar para, e

hetecue opïta Curuzurehe *la divinidad* ndive (17).
hetecué opïta curuzú rehe » » ndibe.
seu cadaver ficou cruz na a divindade com.

P. Haeoycobeyiebï pa (18) coñandeyara?
Hae oicobé yebï-pa co ñande yára?
E resuscitou depois nosso Senhor?

R. *Tresdias*hape (19) oycobeyebï hae *cuarenta dias*
» » ha-pe oicobé-yebï, hae » »
Terceiro dia no resuscitou e quarenta dias

oycobeyebiriro ohò ĭbape oguapĭ
oicobé yebĭ rirē ohó ĭba-pe oguapĭ
resuscitou depois que foi céo ao, está sentado

Tupā Tuba acatuape.
Tupā Tuba acatuá-pe.
de Deus Padre direita á.

P. Aracaepa ouyebĭbaērā (20) ?
Aracae-pa oú yebĭ-baerā ?
Quando voltar ha de ?

R. *En el dia del juizio* oypĭhĭbo *cuenta* omano
» » » » » oi-pihĭ-bo » omanō
No dia de juizo, tomar para conta mortos
hae oycobebagui (21).
hae oicobé-bae-gui.
e vivos que são dos.

P. Mbovĭ *naturalezas*pa oguereco *Jesu Cristo?*
Mbobĭ » -pa ogue-recó » » ?
Quantas naturezas tem Jesus Christo ?

R. Mocōỹ pētēy *Divina Dios* hecope (22), haambuae (23)
Mocōi: peteĭ » , » hecó-pe, ha ambuae
Duas: uma divina, Deus elle ser em, e outra
humana caray hecope.
» , caraí hecó-pe.
humana, homem elle ser em.

P. Mbaepa *la comunion delos Santos ?*
Mbae-pa » » » » ?
O que a communhão dos Santos ?

R. Op *cristianos* ya*participa* (24) *delos bienes espirituales*
Opá » yaparticipá » » »
Todos os christãos participarmos dos bens espirituaes
dela Iglesia.
» ».
da Igreja.

P. Mbaepa *la Santa Iglesia?*
Mbae-pa » » » ?
O que a Sancta Igreja?

R. *Una junta de cristianos*, yñacã hechapĭ *el Papa*,
» » » « iñ-acã hechapi » »,
Uma sociedade de christãos, seu cabeça visivel o Papa,
hae hechapĭẽỹ *Jesu Cristo.*
» hechapĭ-eỹ » ».
e visivel-não Jesus Christo.

P. Mbaepa ya*recevi* ya*comulga*ramo?
Mbae-pa ya- » ya- » -ramo?
O que recebemos commungamos quando?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*rete hae huguĭ marangatú (25).
Ñande yára » » -reté hae huguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Christo o corpo e o sangue verdadeiro.

P. Mbaepa oyme *Hostia*pe *Pai* o*consagra*riro (26)?
Mbae-pa oĩmé » -pe » o- » -rirẽ?
O que está hostia na, o Padre consagra depois que?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*rete, hae huguĭ marangatú.
Ñande yára » » -reté, hae huguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Chisto o corpo e o sangue verdadeiro.

P. Mbaepa oyme *Caliz*pe *Pai* o*consagra*rire?
Mbae-pa oĩmé » -pe » o- » -rirẽ?
O que está calix no, o Padre consagra depois que?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*ruguĭ marangatú.
Ñande yára » » -ruguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Christo o sangue verdadeiro.

P. Co *Hostia consagrada Pai* ōỹpēhēā ramopa
Co » » » oi-pehēá-ramo-pa
Depois da hostia consagrada, o Padre a parte quando,
oñēpēhēā ñandeyara?
oñe-pehēá ñande yára?
se parte nosso senhor?

R. Noñēpēheay, opaypehēnguemimime
No ñe pehē á i, opá i pehengué-mimi-me
Não se parte, todos os pedaços d'ella pequeninos em

ōỹ *entero* ĭbape ōỹ haichá (27) abey.
oĩ » ĭba-pe oĩ haichá abé í.
está inteiro, céo no está como assim.

P. Mbaehapa ñoñepēhēay ?
Maecha-pa no-ñepehē-ái ?
Como não se parte ?

R. *Espiritualmente* ōỹhabarehe (28).
» oĩ-haba rehe.
Espiritualmente estar por.

P. Mbovĭ mabaepa tēcōtebē ñemombeū (29)
Mbobĭ mbae-pa tecótēbē ñemombeú
Quantas coisas são precisas uma confissão

porā yáyapo haguā (30) ?
porā yayapó—haguā ?
bemfeita fazer para ?

R. *Cico cosas.*
» ».
Cinco coisas.

P. Mabamabapa (31) ?
Maba-maba-pa ?
Quaes ?

R. *Ezamen dolor, propocito confesion, satisfacciòn.*
» , » , » , » , » .
Exame, dór, proposito, confissão, satisfacção.

P. Mbaepa *ezamen* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa exame ?

R. Ñañemomanduapa ñaneangaiparehe, haembovĭ-
Na ñemo maenduá-pa ñane angaipa rehe, hae mbobĭ
Nós nos recordarmos nossos peccados de e quantas

yebĭpa *cada* angaipa yayapo hague.
yebĭ-pa » angaipa yayapó-hagué.
vezes cada peccado se commetteu.

P. Mbaepa *dolor* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa dôr ?

R. Ñambuacĭ ñamoñemĭrōhague (32) ñandeyarape
Ña mboacĭ ña moñe moĭrō-hague ñande yára-pe
Nós termos pezar nós offendido havermos de Deus a,
haĭhupĭrahabarehe (33).
haihúpĭrahaba rehe.
de ser amado digno ser por.

P. Mbaepa *proposito*?
Mbae-pa » ?
Que coisa proposito ?

R. Ñameẽ ñandeyarape ñaneñeẽ ña*ofesde*beĭhaguā (34)
Ña meẽ ñande yára-pe ñane ñeã ña *ofende*beĭ haguā
Nós darmos Deus a nossa palavra nós offendel-o mais não de,
hae ñanepĭtĭbŏhauepĭ (35).
hae ña y ñepĭtĭbō ha ete pe.
e nós a isso nos resolvermos firmemente.

P. Mbaepa *confesion?*
Mbae-pa » ?
Que coisa confissão ?

R. Ñañemombeupa pŏrā haguā (36) ñane angaipagu
Ña ñemombeu-pa porā haguā ñane angaipa-gui
Nós nos confessarmos bem nossos peccados do
ñane*confesor*pe.
ñane » -pe.
nosso confessor ao.

P. Mbaepa *satisfaccion?*
Mbae-pa » ?
Que coisa satisfacção ?

R. Ñacumplipa pōrā hāguā (37) *penitencia*
Ña » -pa porā haguā »
Nós cumprirmos bem a penitencia

*omanda*ba (38).
»
imposta.

P. ñaĭcŏtĕbĕ (39) yayè*salva*hāgua ?
(Mbobĭ mbae-pa) ña icotēbē yaye » - haguā ?
Quantas coisas nos sāc precisas nos salvarmos para?

R. *Tres cosas.*
» » .
Tres coisas.

P. Maba mabapa ?
Maba maba-pa ?
Quaes ?

R. *Fe , esperanza y caridad.*
» , » » » .
Fé. esperança e caridade.

P. Mbaepa *fé* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa fé ?

R. Yarovia ñandeyara pētēiētende (40) oymeha
Ya robiá ñande yára peteĩ eté nte oĩméha
Nós crermos dé Deus um verdadeiro só a existencia,
opayahechaĭrehebe yepeñandecĭ (41)
opá ya hechaỹ rehebe yepe ñande
tudo o que nós vemos-não com junctamente comtudo, de nossa
Santa Madir Iglesia omombeuharupi. (42)
ci » Madre » omombeu-ha rupi.
inãe a S. Madre Egreja o ensino conforme.

P. Mbaepa *espesranza* ?
Mbae-pa esperanza ?
Que coisa esperança ?

R. Yarecó ñandeyararehe *esperanza* ñaneangaipa
Ya recó ñande yára rehe » ñane angaipá
Nós termos Deus em esperança de nossos peccados.

beramoyepe ñane*perdona*nde (43) hāguā *Jesu Cristo*
béramo yepe ñane » — nte haguā » »
tudo não obstante, nos perdoados serem, de Jesus Christo
*meritos*rupi.
» -rupi.
merecimentos pelos.

P. Mbaepa *caridad* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa caridade ?

R. Yahaĭhu ñandeyarape opa mbaeguibebe
Ya haĭhú ñande yára-pe opá mbae guibe-be,
Nós amarmos Deus a todas as coisas sobre,
haeyahaĭhu ñane*prosimos*pe (44) ñandeyayehaĭhu
hae ya haĭhú ñane » -pe ñande ya-yéhaĭhú
e nós amarmos nosso proximo ao, nós nos amamos
haychaabey.
haicha abei.
como assim.

A 30 de Mayo de 1851—Escribió *Elias del Rosario Ibarra*.

No Mar de Hispanha, em 1879, traduziu

ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES.

NOTAS

(1) *Mbovĩ*. No alphabeto guarany falta a letra *v*: a palavra é *mbobĩ*. O *v* do texto, n'este e outros logares, que depois mostraremos, é indicio da influencia castelhana.

*—A troca do *b* em *v* não é sómente por influencia hispanhola; ella dá-se tambem no tupi do Amazonas: e, segundo a lei geral do « abrandamento das instantaneas em continuas », é frequente a mudança da labial *b* em *v*, e d'esta em *u*, como se vê em *ĩba* arvore, que se tornou successivamente *ĩva*, *ĩua*, como actualmente dizem no Amazonas. (V. O *Selvagem* do Dr. Couto de Magalhães). — B. C.

Influencia hispanhola no guarany, influencia portugueza no tupi do Amazonas, attestada pela grande cópia de vocabulos, e não poucas phrases, introduzidos no abanheẽ e no nheengatú. Si, em vez do hispanhol ou do portuguez, houvesse a « lingua geral » soffrido o jugo, por ex., allemão, em vez de se mudar o *b* em *v*, e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ĩpa* por *ĩba*, *mpopĩ* por *mbobĩ*, sem sahir das leis geraes da phonetica. Só nas linguas neolatinas é *geral* a lei do abrandamento das explosivas em continuas; n'este assumpto, a unica *lei geral* averiguada é que a troca das lettras é facto dependente da organização vocal de cada povo. Tomemos por typo um intertropical: os meridionaes abrandam o som das letras que os septentrionaes endurecem. O *b* do equador torna-se *p* no norte e *v* no sul. O mesmo succede com as gutturaes e as dentaes, que se amollecem n'uns climas e enrijam n'outros, segundo a disposição dos orgãos vocaes dos povos respectivos.

(2) *Ñandeyara*.—Litteralmente, « nosso senhor », e assim traduzimos, ou « Deus », segundo o sentido da phrase e sua melhor construcção. Em alguns logares se poderia traduzir por « Jesus Christo. »

*—*Ñande yara* é com effeito « Nosso Senhor », e tambem « o Senhor, o Creador, aquelle que nos nasce », construcção especial do v. *ar* nascer, que faz no infinito *y-ara* o que ou aquelle que nasce (transitivo): *ñande* a nós; afinal, por translação tropologica, *ñande yara* significa « Deus ».—B. C.

(3) *Ete.* —*Eté*, como escrevem Montoya e outros grammaticos ; não *ete*, como se lê sempre no texto. É longo o segundo *e ;* e aberto n'umas regiões (*é*), fechado n'outras (*ê*). *Caráetê* cham amos no littoral o cará da melhor qualidade, o cará por excellencia. *Caeté* chamam os mineiros, paulistas e paranáenses á « bananeira do matto », *Canna Indica* ; e tambem o mato brabo, sem mescla de campo. *Cuyetê*= *cuyeté* é o cabaceiro, *Crescentia Cuyete* L., assim pronunciado no Paraná e em Minas, ora com *ê*, ora com *é*.

(4) *Dios oguecope.*—Litteralmente, *Dios*, hisp., Deus, *ogu*, seu, *ecó*, ser, *pe*, pospos., em : « em seu ser de Deus » sob o aspecto da divindade, *tanquam Deus.* Na pergunta seguinte, vêmos *caray oguecope*, em seu ser de homem, *tanquam homo*, sob o poncto de vista da humanidade. É o questionario do cathechismo em relação a Christo: « Onde está Jesus-Christo emquanto Deus ? Onde está Jesus-Christo emquanto homem ? » N'estas duas perguntas, *ñande yara* é synonymo de *Tupã Taĩra*, Deus Filho, Jesus-Christo, como dissemos supra, not. 2.

*—*Tecó* ser é verbo e substantivo simultaneamente, e póde-se dizer *tecó* ou *ticó*, e tirando-se o *t*, demonstrativo generico, *ecó*= *icó* ; d'aqui a conjugação: *a icó* sou, *re icó* és, *o icó* é, etc. No infinitivo, o *t* absoluto torna-se *r*, *h*, *gu*, quando se conjuga com os pronomes pacientes, e temos *che-r-ecó* me ser, o ser eu, o meu ser, *nde-r-ecó* te ser, o seres tu, o teu ser, *h-ecó* elle ser, o ser elle, d'elle o ser, *gu-ecó* (ou pleonasticamente, como hoje usam os paraguayos, *ogu-ecó*) se ser, o se ser ou ser-se, o seu ser, etc. Assim na pergunta : « Onde está Nosso Senhor (ou o Creador) *Dios oguecópe* de Deus o seu ser em (no seu ser de Deus) ? », e mais adeante: « *Caray oguecópe* no seu ser de homem. »—B. C.

(5) *Opamamopaberipi.*—Esta phrase pleonastica tinhamos a principio traduzido : «por toda a parte.» *Opá* é todo, todos, tudo, *mamõ*, onde, *pabẽ*, todos indeterminadamente, todo e qualquer, *ripi*=*rupi* posp., por: assim, fica mais energica a expressão traduzindo: « em todo e qualquer logar », mais consoante á resposta dos nossos catechismos.

*—*Mamõ* é « onde (*ubi* lat.) em geral », e póde-se traduzir por « algures » ; e assim *opámamõ* ou *mamõpabẽ* é « todo onde, todo algures, algures seguido, algures sem fim (*pabẽ*). » D'este modo, a phrase pleonastica *opámamõpabẽrupi* póde ser traduzida muito bem pelo dizer: « por toda a parte. » A posposição *rupi* tem a primeira

syllaba tão breve que os paraguayos chegam a pronuncial-a *rpi*. Em geral, são brevissimas todas as posposições em guarany, e ainda quando têm mais de uma syllaba, são encliticas; de modo que, ainda quando são accentuadas, a demora da pronuncia se faz na ultima syllaba do thema, como em *oyūhĕgŭĭ*, onde até o diphthongo *ŭi* é brevissimo. D'ahi vem que, em alguns versos de Anchieta e outros, a contagem das syllabas, para quem não estiver prevenido, é inexacta; porque, por ex., em *có rupi*, devendo ser enclitica *rŭpĭ*, a pronuncia se torna quasi *córp*, embora sôe bem claro o *i* final. Tem logar aqui observar que será preciso cautela com a designação das breves e longas, porque o signal de breve ˘ é usado em guarany para designar o *ĭ* especial, que na realidade é sempre brevissimo, mas quando se tractar de designar quantidade, irá se confundir com o outro *i*; por ex., em *oíri*, elle se desprende, que, indicado por quantidades, seria *ōrĭ*. —B. C.

A escripta *ri* / do texto, em vez de *rupi*, prova a exactidão do conceito do Sr. Dr. Baptista Caetano. Sendo *re* ou *ri* o som do *r* guarany (*r* fraco=*ere* port.), em *ripi* lê-se *rpi*, ou *rupi* com a quéda do *u*.

(6) *Mabapa*.—* O pronome interrogativo « quem? » propriamente é *abá-pe*; o outro *maba-pa* quer dizer « como que, como quem, qual, o qual », etc. É inutil dizer que todos os pronomes pacientes (*che*, *nde*, *y* ou *h*, etc.) trazem implicito o verbo « ser ».—B. C.

A phrase *mabapa ñandeyara*? encerra noção de modo: « quem é Deus? de que modo se nos apresenta esse Ente Supremo? qual sua fórma? » A resposta o diz: « É a SS. Trindade; é um ente trino e uno, etc. » Cumpre notar que a fórma *abápe* nunca é empregada n'este cathechismo.— Quanto á asserção do nosso illustre mestre que os pronomes que elle chama de « pacientes » já trazem em si o verbo « ser », é para nós tão duvidosa como a de se achar o mesmo verbo incluso nas particulas interrogativas *pa*, *pe*. É que não vemos a justificação de uma regra sinão em sua necessidade. Os antigos grammaticos da lingua geral muito se preoccupavam com a carencia de um verbo que exactamente correspondesse ao *sum*, *es*, *fui*, dos latinos, e tractaram de suppril-o da melhor maneira. Anchieta formulou a seguinte regra: « Os nomes conjugados como verbos incluem em si o verbo *sum*, *es*, *fui*, em duas significações, *scilicet* « ser » e « ter ». Montoya vai mais longe; faz d'esses nomes verbos, quando conjugados com pronomes. Figueira confessa

que «não ha n'esta lingua verbo algum particular que propriamente responda ao verbo *sum, es, fui*, latino; mas, esta falta se suppre bem com o pronome *che* ». Ora, si não ha verbo que traduza *esse*, ser, como é que o havemos de suppôr existindo, mas occulto? Não é verdadeira phantasia ellipse de palavra que não existe, e, portanto, nunca póde apparecer clara? Tanto mais que a falta do verbo « ser » não é essencial para a intelligencia do guarany e do tupi, que possuem meios de suppril-a. O mesmo succede em certas linguas africanas, que carecem do verbo substantivo. O fulo, por ex., suppre-o com o adverbio demonstrativo *ina*, eis, eis ahi, eis aqui, *ecce* lat., ou com os pronomes demonstrativos « este, aquelle », *o, kanko*, etc. (Faidherbe, *Langue Poul*, 45, 46). O bundo e o conguez tambem não possuem o verbo « ser », e si o possue o bundo (diz Cannecattim, 2ª ed., 17) é tão irregular que a cada passo se confunde com outros verbos; suppre-o, porém, com os verbos *cucala*, estar, e *cuia*, ir, e com um vocabulo similhante ao *ina*, *inani* dos tulos, que é *ené*=*iné*, privativo da 3ª p. pl. do pres. do ind. do nosso v. « ser », e com outros mais. E aqui seja dicto de passagem que essa ausencia do verbo » ser », *sum, es, fui*, nas linguas africanas do grupo das referidas, não é o unico poncto de contacto que ellas têm com as linguas americanas; ha outros, tão visiveis, numerosos e importantes que nos induzem a vêr intimo parentesco entre ellas. Não adiantemos, porém, materia que não póde ser assim tratada *su i due piedi.*

Quanto ás particulas interrogativas *pa, pe*, incluem tanto o verbo « ser » quanto em latim as analogas *nam, ne, piam, quam, que, ve, vis* e outras, das quaes umas têm significado proprio, outras são meras adjecções destinadas a particularisar, de certo modo, a palavra com que se compõem, ou dar ao discurso fórma interrogativa, ou mais valentia á phrase. Por isso, as orações: *Mabapa ñandeyara? Mabapa Jesus-Christo? Mbaepa fé? Mbaepa la S. Iglesia?* traduzimos tal qual, sem supposição do v. « ser »; « Quem Deus? Quem J. C.? Que (que coisa) fé? Que a S. Egreja? », bem certo de sermos perfeitamente comprehendido e fazermos assim o leitor melhor comprehender as fórmas peculiares do discurso guarany. — Concluamos com a seguinte observação: A falta do v. « ser » não se dá só no tupi e no guarany, mas tambem nos dialectos algicos e iroquezes, e n'outras linguas americanas, nas dravidianas, etc.

(7) *Oycoé coe oyuegui.*— Eis aqui nove palavras guaranys

exprimindo uma só portugueza: *distinctas*, ou quando muito, tres: *distinctas entre si*; e são: *o*, elles-ellas (pessoas da SS. Trindade), *icó*, são, *ẽ*, distinctas, *co*, são, *ẽ*, distinctas, *o*, ellas, *yu=yo*, se=si (reciproco), *egui= ehegui=hegui=hugui*, posp., de, d' entre, precedida da particula *he*. Todas ellas junctas exprimem: « inteira e totalmente distinctas entre si, muito e muito, completamente distinctas umas das outras. » Adeante temos a mesma phrase escripta de outra maneira: *oycoe coe oyuehegui*. O Sr. Dr. Baptista Caetano corrige em cima *oyohugui*, e em baixo *oyoehegui*; mas já o Sr. M. M. Caceres (intelligente paraguayo, hoje brasileiro, empregado na repartição dos telegraphos da côrte) prefere *oyuhegui*. Tudo isto denota a extrema difficuldade de transcrever palavras de linguas selvagens, sem alphabeto, sem grammatica, sem vocabulario, sem guia, ás apalpadelas, pelo som que a cada um se affigura, segundo a estructura do seu ouvido...

(8) *Aiporamo ninpo*.— « *Aipóramo* é phrase que se decompõe: *ã ipó ramo*, isto sendo em, ou « assim sendo » ; pois *ã* é « isto, agora, assim », *ipó* é o verbo *por* haver, na 3ª pessoa, *ramo* o suffixo de subjunctivo, correspondente ao *quum* latino. *Ninpó*, adv., é originario do mesmo v. *por*, e por isso, susceptivel de sentidos diversos.—B. C.

Ninpó é o adv. dubitativo *ypó=nipó=tipó*, porventura, acaso, dá-se que, dá-se caso que ?, então etc. Na pergunta não entra o verbo « ser », nem « haver » na mesma significação, pela razão dada na nota 6: o guarany não tem o verbo « ser », *esse* lat.

(9) *Carayramo*.— *Ramo* suff. de subj., « como, si, quando, por, em ». *Oyeyapó carayramo*, elle se tornou ou converteu em homem, se fez homem, na phrase do catechismo. *Baecue* (*cuê*, pret., « foi », *bae*, part., « o que ») foi que.

(10) *Mbitepegua y personas momocoyha*. Leiam *persona* no sing., a 2ª pessoa da SS. Trindade.

« — A força e significação dos suffixos de participio se patentêa n'esta oração: *Tatra, mbite-pe-guã, y persona momocõy-ha*. De deante para traz, e affirmando, por ser resposta á pergunta precedente: « É o Filho, o qual faz (ou constitue) a 2ª pessoa collocada (*gua*, secnte, existente) no meio. » *Gua* ou *guar* é contracto de *equar* part. do v. *ecó* ser, e correspondente ao ant. part. port. «seente. » O adj. *mosõy* gera o v. *momocõy*, fazer dous, cujo part. *momocõyhar*, o que faz dous, pela regra dos participios em

guarany, póde servir como oração incidente ou de relativo. — B. C.

(11) *Upebareheco.*— « *Upeba rehe* por isso (isso por), *có* (contracto de *ecó* ou *icó*) é que, *o-ye-yapó-rire* depois delle se fazer (elle se fazer depois de), *caray-ramo*, homem em (em homem), *hera* chama-se ou chamou-se Jesus-Christo. O v. *her*, chamar-se, pertence á classe dos que denominei « transitivos de pronome paciente » ou « pronominaes », contestados por um meu amigo, grande auctoridade na materia, mas á cuja evidencia já cedeu outra auctoridade. São os verbos que se conjugam: *che rera* chamo-me, *nde rera* chamaste, *hera* chama-se, etc.; tal como tambem: *che racĭ*, doe-me, *nde racĭ* doe-te, *hacĭ* doe-lhe etc.; e tal ainda como: *che tĩ*, empallideço, *nde tĩ*, empallideces, *y tĩ*, empallidece. No guarany antigo, é irregular a construcção *oyeyapóriré*, porque, regido o verbo da posp. ou conjuncç. *rirĕ*, deve estar no subjunctivo, ou pelo menos no infinitivo, e não admitte o pronome agente *o* ; mas, os paraguayos collocam sempre o pronome agente nas orações de subjuntivo. — B. C.

Upeba é contracção de *eupé bae*, essa cousa, essa razão, causa ou motivo. *Rehe*, posp., por. *Upebarehe*, por isso, portanto, por consequencia, por essa razão, motivo ou cousa.

(12) *Miria.* — *Maria*. Adeante vem *Madir* por *Madre*, *espesranza* por *esperanza*, *cico* por *cinco*. Erros visiveis: copiamos assim mesmo para mostrar que o amanuense do texto tanto errava na escripta do abáñeenga, como na do hispanhol, e não ha que fiar na orthographia dos manuscriptos.

(13) *Marānĕrĭepe.*—* *Marān*, maculado, *marāneỹ*, não maculado, immaculado; mas, os paraguayos deram na moda de escrever a negativa *ẽy* com ĭ griphado, ou com *y*.—B. C.

(14) *Icatu hāguā omano.*—Aqui se verifica a observação supra n. 11 sobre o pronome agente (na opinião do Sr. B. Caetano, ou prefixo verbal ou flexão de conjugação, segundo o Sr. Dr. Couto de Magalhães e os antigos grammaticos da lingua geral), regendo o infinitivo *mānō*.

(15) *Mbaepochĭretagui.* — *Retá=etá*, muito, adj. que, unido a um substantivo, o leva ao plural, pois é desconhecida na lingua geral a distincção dos numeros grammaticaes. Aquella formação do plural não é de todo alheia ao bundo, que aliás possue os dous numeros, differençando-se, não como nas linguas neo-latinas, pela

terminação, porém pela inicial da palavra; mas, vocabulos havendo que não têm plural proprio, o formam com a adjecção de *iavul*, muitos, pl. de *q'uiavul*: ex. *menha*, agua, *menha iavul*, aguas. É o processo guarany: *abá*, homem, *abáetá*, homem muito, homens. —Em vez de *mbaepochĭretágui*, diz hoje o catechismo paraguayo, segundo o Sr. Caceres, *la condenacion eternagŭi*.

(16) *Ñandeve*.—Corrupção castelhana de *ñandebe*.

(17) *Ndive*.—Idem, por *ndibé*.

(18) *Oycobeyebĭpa*. — « Resuscitou », traducção do catechismo: litteralmente, *o*, elle, *icobé*, vive, *yebĭ*, vez, volta; *icobéyebĭ*, viver de novo, resuscitar, reviver.

(19) *Tresdiashape*. —A particula *ha* é a verbal de tempo, logar, instrumento, etc.; *pe*, pospos., em: « dentro em tres dias. » Montoya tem por incorrecta esta fórma do numero ordinal.

No catechismo moderno, segundo o Sr. Caceres, se diz *mbohapĭ arahape*, e em vez de *cuarenta dias*, como se lê logo em seguida, *cuarenta ara*.

—* *Tres diashape* já é construcção adulterada; a exacta seria *y-mo-tres-dias-ha-pe* n'aquelle que faz ou fazia o dia tres (no terceiro dia). A quéda das iniciaes das phrases contractas é lei muito constante no guarany: exemplo, *ĭbapĭtang*, hoje só « pitanga », *yaçapucai*, hoje « sapucaia » etc. —B. C.

(20) *Ouyebĭbaērā*.—Litteralmente, *o*, elle, *u*, vir, *yebĭ*, de novo, *baerā*=*baerām*, sign. de fut., o que ha de.

(21) *Omano hae oycobebagui*.—* É usado pelos paraguayos *ba* em vez de *bae*, e tambem *ha* em vez de *hae* (conj. *e*). Demais, todas as vezes que se seguem duas orações ligadas pela copulativa (*ha* ou *hae*) costumam junctar sómente á ultima quer o suffixo de partic., quer a posposição. Assim está *omanō hae oycobe-ba-gui* em vez de *omanō-bae-gui hae oycobe-bae-gui*, dos que são vivos e dos que são mortos. Mais acima, já ficou a posposição *rupi* uma só vez, regendo *rembiapo* e regendo *gracia*. —B. C.

(22) *Hecope*. O Sr. Caceres prefere aqui a fórma reciproca: *Dios guecope, caray guecope*, porque o sujeito da oração principal é o mesmo a quem se refere *ecó*, e, portanto, é reciproco (*gu*).

(23) *Haambuae*.—Aqui está *ha* por *hae*, conj. copul. *e*, como observou o Sr. Dr. Baptista Caetano, supra not. 21.

(24) *Yaparticipa*.—O Sr. Caceres dá de dous modos esta phrase

do catechismo moderno: ou *opácristianos cuera oparticipá*, na 3ª p. do pl. ; ou na 1ª. *ñande opácristianos yaparticipá*, etc.

(25) *Marangatu.*—Não concorda o Sr. Dr. Baptista Caetano na significação que damos á esta palavra.—« Verdadeiro, real, positivo » (diz elle) é *eté* ; « verdadeiro, exacto, conforme o facto » é *hupi* (*çupi* na lingua geral) ; *marangatú*, porém, vem de *porã* bonito, e *catú* bem, muito, de modo que *porangatú* propriamente é « excellente, optimo, perfeito, lindissimo. » A significação de « bemaventurado » cabe-lhe por translação.—Do mesmo parecer é o Sr. Caceres. Continuamos, porém, a pensar que *marangatú* aqui não tem outro significado sinão « verdadeiro, real, tal qual ». Notem que a palavra é empregada para traduzir a phrase do cathechismo : «corpo, sangue, alma e divindade de N. S. J. Ch., tão *real* e *perfeitamente* (*real* e *verdadeiramente*, segundo outra versão) como está no céu. » *Marangatú* está exprimindo o *real*, e *perfeito*, e *verdadeiro* da transsubstanciação. Esta cartilha da doutrina christã é obra dos padres jesuitas, que se não apartavam do ensino da Egreja, nem do phraseado orthodoxo ; e quando encontravam difficuldade em significar idéas novas por palavras velhas, nem por isso deixavam de recorrer ao vocabulario indigena, que lhes fornecia expressões mais ou menos condignas, mais ou menos adaptadas. Montoya dá *mãrãngatú*, « provecho, bondad, honra » ; *chemãrãngatú cê*, « deseo ser bueno, honrado y virtuoso. » No *Dialogo da Doutrina Christã pela lingua brasilica* do padre Marcos Antonio (na *Chrestomathia* do Sr. Dr. E. Ferreira França), a resposta á pergunta identica á do nosso texto é esta : *Iandeïara J. C. cetê, çuguy, ïanga e Tupan abê ybâkype cecou ïabê catú*, de N. S. J. C. o corpo, sangue, alma e divindade como no céu está, de maneira exacta=real, verdadeira, perfeita, tal qual.

Em fundo, *marangatú*, « bemaventurado, sancto », ou «real e verdadeiramente como está no céu », exprime a mesma idéa.

(26) *Oconsagrariro.*—Erro d'escripta: as duas ultimas syllabas são a pospos. *rirẽ*, depois, depois que.

(27) *Haicha.*— « *Haichá* assim como, *maychá=mbaichá*, são dous adverbios modernos (compostos), que se podem traduzir por «como», um affirmativo, e o outro interrogativo.—B. C.

Na pergunta seguinte vem *mbaehapa* (*h* aspirado) = *maychapa*, interrogativo.

(28) *Õỹhabarehe.*— « *Espritualmente oỹ-haba rehe* pelo facto de

ser (estar, existir) espiritualmente. *Oỹhaba* é o part. do v. *ỹ* ser, estar; e como todos os participios em *haba*, exprime « o logar, o tempo, o modo de ser.»—B. C.

Assim parece; mas, não é facil de entender essa resposta, que se tornaria heterodoxa. Depois da hostia consagrada, já não é só *espiritualmente* que Jesus-Christo está n'ella; é tambem *materialmente*, com o seu corpo, sangue, alma e divindade. Ora, não sendo possivel que os jesuitas ensinassem similhante heresia, cuidamos que na resposta ha lacuna, e grande.

(29) *Ñemombeú.*— É o infinitivo do v. *mõmbeú* com o reciproco *ñẽ=ye*, se: confessar-se. « Confissão » é *ñẽmõmbeúhaba=ñẽmombeguaba.* Entretanto, o final da phrase aconselha a tomar o infinitivo pelo substantivo, « o confessar-se » por « uma confissão », *porã*, bonita, direita, bemfeita.

(30) *Yayapó hãguã.* Talvez devesse ser, como opina o Sr. Caceres, *yeyapó hãguã*, para *se* fazer, e não *yayapó*, para *nós* fazermos bonita confissão, etc.

(31) *Mąbamabapa.*—Outro modo da formação do plural, consistente na repetição da palavra. *Maba*, qual; *mabapa*, qual? (interrog.); *mabamaba*, pl., quaes: *mabamabapa*, quaes? (interrog.).

(32) *Ñamoñemĩrõhague.*—Em vez das syllabas *mĩro* d'esta phrase, deve d'estar o v. *moyrõ*, offender. *Ñaya*, nós. *Mõ*, diz Montoya, é « particula de composicion, que haze hazer lo que importa el verbo, y que haze del verbo neutro activo.» *Ñeye*, recipr. *se*. *Haguê* é o verbal *haba* e o pret. *cuera: haguera*, referencia ao passado, proximo ou remoto.

(33) *Haĩhupĩrahabarehe.*— Traduzimos esta phrase assim: « por ser digno de ser amado, porque deve de ser amado », *quia amandus, diligendus est, dignus est amandi, dignus est diligi.* O part. do fut. pass. em *dus* lat. se fórma com *pĩra* e *rãmã:* devia ser, pois, *haĩhúpĩrãmãrehe.*—No mais, entende o Sr. Dr. Baptista Caetano que ha nessa resposta erro ou omissão de cousa essencial para completar a phrase. O que é certo é que aqui se define a *dôr christã*, cuja fórmula liturgica é o « Acto de Contricção » do catechismo, onde vem esta oração: « por serdes vós, Senhor, quem sois, summamente bom e *digno de ser amado*, » *haĩhúpĩrahabarehe.*

(34) *Ñaofesdebeĩhaguã.*— Ha evidentemente aqui uma palavra castelhana: o alphabeto guarany carece do *f* e do *s* sibillante; deve

de ser *ñaofendebeïhaguã*, a saber: *ña*, nós, *eỹ*, não, *ofendê*, offendermos (sc. a Deus), *bé*, mais, *haguã* nota de futuro.

(35) *Ñaeñepïtïbõhauepï.*— Até a antepenultima syllaba não ha difficuldade na interpretação d'esta phrase; mas as duas ultimas, *uepï* ou são erro d'escripta, ou alguma peculiaridade da lingua que ignoramos, e não nos souberam explicar o Sr. Dr. Baptista Caetano, nem o Sr. Caceres. Na difficuldade de interpretarmos alguma parte obscura d'este catechismo, devemos recorrer ao texto do catechismo geral da doutrina christã, que, sendo identico em todas as linguas, é certamente o mesmo vertido para o guarany, o tupí etc.; e a razão é a que demos na not. 25. Composto por padres missionarios, que se não afastavam nem da doutrina, nem da linguagem da Egreja, no texto guarany d'este catechismo se ha de achar, mais ou menos, sempre porém com a possivel fidelidade, o vocabulario orthodoxo. Tracta-se aqui do « proposito christão »: sua fórmula liturgica é o « Acto de Contricção », onde se depara o enunciado: « Peza-me, Senhor! peza-me, Senhor! de todo o meu coração, de vos ter offendido (é a *dôr*, definida na resposta antecedente; segue-se o *proposito*); mas, *proponho firmemente*, ajudado com os auxilios de vossa divina graça, *nunca mais vos tornar a offender* (expressões do nosso texto), e espero alcançar o perdão etc.» Ora, em *ñaeñepïtïbõhauepï* temos o v. *pïtïbõ*, ajudar, favorecer, incitar, e (com o reciproco *ñe*) determinar-se, resolver-se, animar-se; *ha*, o part. *hãguã*. do futuro; *pï*, firmeza, perseverança, boa vontade. Ahi estão os elementos da fórmula. O que resta entender é a syllaba *ue*, e confessamos não lhe achar explicação.

(36) *Ñañemombeupa porã hãguã.*—Esta ultima palavra é nota de futuro: « nós nos *havermos de confessar* bem.

(37) *Ñacumplipa porã hãguã.*—A mesma observação: « nós *termos de cumprir* bem. »

(38) *Omandaba.* —* Deve haver lacuna grande entre a palavra antecedente e esta; falta o sujeito, provavelmente *pai*, o padre, e o pronome *ñandebe*, a nós, ou cousa equivalente que complete a phrase.—B. C.

(39) *Ñaïcõtïbẽ.*—* Esta phrase deve de ser precedida de outra; falta necessariamente o principio *mbobï mbaepa* quantas cousas, *ñaicótebẽ* nós precisamos, nos são precisas, etc.—B. C.

(40) *Pẽtẽiẽtende.*—É *peteÿeténte=peteÿ*, um, *eté*, verdadeiro, *ñõte*, só, unico.

(41) *Opayahechaĭrehebe yepeñandecĭ.*—Estas duas ultimas palavras *ñande cĭ*, nossa mãi, devem ser separadas das outras antecedentes, que assim se traduzem: *Opá*, tudo, *yá*, nós, *hechá*, vemos, *ĭ*, não, *rehe*, com, *bé*, junctamente, tambem, *yepe*, não obstante, comtudo, embora, apezar de. Segue-se : *ñande cĭ* de nossa mãi, *Santa Madre Iglesia* a S. M. Egreja, *omombeúha* o ensino, a doutrina, *rupi*, conforme. Isto é, « cremos na existencia de um só e verdadeiro Deus, e assim tambem em tudo o que a S. M. Egreja nos manda crêr, embora o não vejamos. » Parece ser este o sentido da phrase, um tanto obscura, *opayahechaĭrehebe yepe*, correspondente á seguinte resposta do *Catecismo de la Doctrina Cristiana* do padre Gaspar Astete, Buenos-Ayres, 1862: «P. Qué cosa es Fé?—R. Creer lo que no vimos. »

(42) *Omombeuharupi.* — *Omombeú* é a 3ª p. sing. pr. ind. v. *mombeú*, declarar, decretar, publicar, ordenar, e, por translação, doutrinar, ensinar, mandar crêr e observar; mas o verbal *ha=haba* converte a palavra no substantivo participial *mombeúhab=mombeúguab*, declaração, publicação, decreto, ensino, doutrina que se professa ou confessa (já vimos ácima o significado de « confissão » *ñẽmombeguaba*, a confissão propria, de si, *ñẽ* recipr.). Já se vê que a vogal *o*, seja pronome agente, como classifica o Sr. Dr. Baptista Caetano, seja a flexão verbal da 3ª pessoa, como considera o Sr. Dr. Couto de Magalhães, seja o articulo de Anchieta, é de mais; comtudo, modernamente se está empregando não só nos modos pessoaes, como no infinitivo, e até nos participios. Vejam a not. 11 supra, e o *Esboço Grammatical do Abáñeẽ* do Dr. Baptista Caetano, nos *Ann. da Biblioth. Nac.*, VI, 9.

(43) *Ñaneperdonande.*—Deve de ser *ñane perdoná nte*, nos serão perdoados (*ñane perdoná hãguã*, futuro) não obstante, pois, emfim, a final, apezar de não merecermos, mas só pelos merecimentos de Christo. A troca do *t* pelo *d*, perfeitamente de accôrdo com as leis da phonetica, já vimos supra em *peteÿetende*, not. 40.

(44) *Ñaneprosimospe.*—Ha de mais um *s* em *prosimos* (aliás, em castelhano, *proximos*); a phrase está no singular : « ao nosso proximo. » Como tem o leitor visto, do texto guarany puzemos em grypho todas as palavras puramente hispanholas : n'elle só ha uma,

que é de origem castelhana, mas já hoje se acha incorporada no abanheẽ, é *curuzú*, cruz ; as mais são guaranys. A phrase nem sempre é vasada nos antigos e correctos moldes da lingua ; ao contrario, o guarany actual se resente muito já do jugo castelhano, e está n'uma phase nova de sua historia, como succede com o tupi do Amazonas e o tupi do littoral, em relação á lingua portugueza. Guaranys e tupis, comtudo, se podem gabar de terem fornecido aos seus conquistadores não sómente palavras destacadas, porém phrases inteiras ; não um vocabulario apenas, porém mesmo algumas fórmas grammaticaes : e, por dezenas de palavras que receberam dos invasores, lhes deram milhares ! São, principalmente, essas novidades indigenas que fazem do castelhano e do portuguez d'America uma lingua já assás differente do castelhano e do portuguez da Europa. É por ahi, mais do que pelas instituições politicas, que o Brasil e as republicas hispanholas vão affirmando sua individualidade, sua independencia, sua nacionalidade.

HISTORIA

DA

GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 79 do presente volume)

Livro quinto

CAPITULO I

De como o coronel Brinc (*Brinck*), governador das armas hollandezas se aprestou com um exercito para sahir á campanha de Pernambuco, e das prevenções que fizeram os nossos mestres de campo para lhe terem o encontro

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes queriam outra vez sahir á campanha, mandou deitar bando que todos os soldados viessem ás suas companhias, porquanto estava o inimigo para sahir do Recife com todo o seu poder; e como a infantaria era tão obediente, acudiu logo, porque amavam tanto aos seus dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, executores da guerra

que, sem pôr cousa alguma diante, acudiram todos os soldados para os acompanharem na occasião. Sendo chegados ao arraial; mandaram confessar a todos os de seus terços, para que, estando confessados e sacramentados, lhes concedesse Deus victoria de seus inimigos exteriores (e o mesmo haviam feito na primeira occasião dos Guararapes); tambem fizeram o mesmo todos os mais soldados das fronteiras onde foram mandados sacerdotes para os ouvir de confissão. E para que Deus concedesse aos nossos outra gloriosa victoria, como a que tinham alcançado havia dez mezes nos montes Guararapes, se fizeram por todas as freguezias da capitania muitas rogativas, procissões e outras obras pias, mandando o provisor e vigario-geral o licenciado Domingos Vieira de Lima, expôr o Santissimo Sacramento pelas igrejas matrizes por espaço de tres dias continuos, e que em todas as igrejas se cantassem as ladainhas com muita devoção dos fieis christãos, para que Deus se lembrasse de todos, e lhes désse vencimento contra seus inimigos.

Suspeitando-se que o inimigo tornaria a buscar a Moribeca, se mandaram prover e guarnecer de novo com gente necessaria as trincheiras que chamam dos Barachos e as do Engenho-Novo, as quaes estavam no caminho por onde de necessidade haviam de passar os hollandezes, se fôssem em demanda e derrota da Moribeca, e estavam n'este tempo por fronteiros nos Guararapes os capitães Francisco Barreiros e Philippe Ferreira, ambos do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, para ter o encontro ao inimigo na trincheira, defendendo o passo até vir soccorro do arraial, e assim estavam com muita vigilancia com suas sentinellas para o que fôsse necessario, e tambem os moradores d'aquella freguezia, pelo que tanto lhes importava, iam assistir principalmente de noite ás trincheiras do

Engenho-Novo e ao posto que chamam a ponte de S. Bartholomeu, por mandado do capitão-mór da Moribeca Bartholomeu Marques, que era mui diligente em acudir a todo o necessario para bem d'esta e das outras freguezias circumvizinhas, mandando dar rebate com tres peças de artilharia que na povoação estavam, para que acudissem todos os moradores, assim d'ella como da de Santo Amaro, e outras partes d'aquelle districto, com suas armas, e procurando que outros trouxessem bastimentos necessarios para o nosso exercito, quando veiu aos Guararapes.

Tanto que o inimigo teve junto todo o seu poder no Recife, como no capitulo passado escrevemos, determinou sahir á campanha o coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas hollandezas por o Segismundo não estar em disposição para o fazer, por ficar mal ferido, por junto ao tornozello, na batalha dos Guararapes, e apenas se poder levantar de uma cama, e andar em pé sobre umas moletas, como temos algumas vezes dito. Este coronel Brinc (*Brinck*), desejoso de obrar alguma acção digna de valor, se resolveu de sahir á campanha e acabar de uma vez com os portuguezes que a senhoreavam (parece que esquecido do que lhe succedeu á outra vez, escapando da batalha com bem risco e empenho de sua vida) ajudava-o a este intento a informação que lhe deram uns italianos e portuguezes, e outros negros fugidos do arraial para o Recife, dizendo ao inimigo que a infantaria estava á folga, como temos dito, e que havia pouca gente no arraial, e com poucas munições e bastimentos, e a gente enfadada pelo máu trato que lhe davam, e que por ventura seria essa a causa d'elles haverem fugido, e que se commetteu a campanha, com facilidade conseguiria o que tanto desejava.

Communicando estas cousas o coronel Brinc (*Brinck*), Segismundo, com elle como experimentado lhe disse, que não

intentasse sahir á campanha, porque sem duvida seria destruido e desbaratado, porquanto, conhecia muito bem a resolução dos portuguezes n'ella, e o seu modo de pelejar á espada, a que não havia resistencia, como havia bem experimentado na pendencia que tivéra a 19 de Abril do anno passado, onde elle ficára tão ferido, que ainda estava incapaz de tomar as armas, e lhe disse mais que os portuguezes pelejavam como desesperados, que se, no principio d'aquella guerra, bastava sómente o nome de hollandezes para intimidal-os, tinha entendido que só a vista dos mesmos portuguezes bastava agora n'aquella para desbaratal-os, e mais, quando estavam victoriosos, que seu parecer era fazer a guerra ao largo e deixar perecer aquella gente de fome, pois carecia de todo o necessario, ou aguardar-se maior soccorro de Hollanda para fazer mais segura a victoria.

O coronel Brinc (*Brinck*), obstinado em sua resolução, sem ter conta alguma com estes conselhos de Segismundo, respondeu que elle levava na vanguarda bôa cópia de fortes e valentes soldados, com seus chuços e piques, os quaes, como elle, bem via andava adextrando e exercitando no Recife, por espaço de um mez, para que os portuguezes os não pudessem romper á espada, porque com elles seriam logo rebatidos e reprimidas as espadas portuguezas, que tanto temiam, e que como elles não pudessem usar d'ellas facilmente seriam vencidos, e que estava seguro de que alcançaria uma insigne victoria e recuperaria a campanha, vingando a morte dos seus.

Alguns tambem affirmam que apostou este coronel com o Segismundo uma bôa somma de dinheiro, que havia sahir vencedor, ainda que lhe mostrou bem a experiencia que não sómente foi vencido, perdeu ainda a aposta com a vida.

CAPITULO II

De como o coronel Brinc (*Brinck*) sahiu do Recife com um exercito de cinco mil homens para ganhar a campanha, e se situou e fortificou nos montes Guararapes, e de como partiram do arraial os mestres de campo com seu exercito para lhe apresentarem batalha

Havendo aprestado as cousas necessarias para a jornada, o coronel Brinc (*Brinck*) sahiu do Recife á primeira quinta-feira da quaresma, pela manhã, em 18 de Fevereiro de 1649, com cinco mil homens de guerra, todos soldados velhos e guerreiros, com que fazia mais forte e poder que o da batalha passada (afóra setecentos gastadores, e os que carregavam a bagagem e algumas tendas de guerra que trazia) dos terços de que eram coroneis os seguintes; o mesmo coronel Brinc (*Brinck*) que os governava, o coronel Vandebrand (*van der Brande*), o coronel Guilherme Autim (*Hautyn*), o coronel Oltz e o terço de Krever (*Keerweer*), que foi preso na primeira batalha, como temos dito, governava o capitão Nicoláo, e a mais gente dos outros terços governavam sargentos-maiores, e tenentes-generaes. Traziam tambem duzentos indios dextros na milicia, de quem vinha por cabo Pero Poty, e duas companhias de negros (afóra muitos tapuyas) e trezentos marinheiros com que vinha o seu almirante do mar; traziam seis peças de artilharia de campanha, e doze bandeiras que, se da primeira vez trouxeram sessenta e uma, agora vinham tão poucas, ou porque lhes ganharam tantas e não tiveram tempo para fazer outras, ou por temerem que tivessem o mesmo naufragio que o passado. E, com muitas trombetas, clarins e caixas, com seu exercito e campo formado, tomaram a volta da Barreta, e d'alli a derrota dos montes Guararapes, e posto que não lustrosos com as golas e libreas que da primeira vez traziam, como que annunciavam o mal que lhes succedeu, a empreza, comtudo,

era dos melhores e mais alentados soldados que tinham e dos mais velhos e experimentados na guerra. digo na terra, que para isso os foram tirando das fortalezas do Rio-Grande, Parahyba, ilha de Itamaracá e das do Recife, deixando-as guarnecidas com pouca gente, e essa bisonha e vinda de novo. Traziam na vanguarda muita quantidade de soldados com chuços e piques, e outros que vinham nas frentes dos esquadrões para reprimirem os nossos, quando os investissem á espada, e imaginaram que com este ardil e estratagema, com muita facilidade rebateriam as espadas dos portuguezes; mas, como dissemos, manifestamente se enganaram, porque as espadas dos nossos lhes romperam os chuceiros e piqueiros, e a elles desbarataram e mataram, porque o valor que os governava, inda passára os limites de outra maior força que se oppuzéra diante, que digo? Não sómente com as espadas lhes desfizeram os piques e chuços, mas ainda lhes ganharam a artilharia, segundo iremos mostrando, e parece na real verdade que não ha resistencia á espadas portuguezas bem regidas e governadas, como n'este e em outros muitos successos se tem por claro e patente exemplo conhecido.

Estando os nossos no arraial permanentes, até verem o designio do inimigo de que tinham noticia certa que estava para sahir á campanha, havendo-se feito rezenha de toda a infantaria, se achou que constava de dois mil e seiscentos homens de todas as castas, todos com muito animo e brio desejando de se verem com os hollandezes em batalha, promettendo-se uns aos outros a victoria, porque os bons principios são presagios de gloriosos effeitos na guerra.

No dia que temos referido, 18 de Fevereiro, quasi pelas 10 horas do dia, fez aviso o capitão Francisco Barreiras, que estava por fronteiro dos Guararapes, que o inimigo marchava para a Barreta; assim foi fazendo avisos até que

no ultimo mandou dizer que o inimigo vinha marchando para os montes Guararapes com todo seu exercito e artilharia. Tanto que chegou este aviso, se mandou tocar a rebate no arraial e ajuntar a gente toda das estancias fronteiras e formar toda.

Chamou-se a conselho em que se ordenou que marchasse nosso exercito a buscar o inimigo, indo repartido pela maneira seguinte : o mestre de campo Francisco de Figueirôa, a quem tocava a vanguarda aquelle dia, ia com trezentos homens que alli se achavam do seu terço; o mestre de campo André Vidal de Negreiros com outros trezentos com que alli se achou; D. Diogo Pinheiro Camarão, que succedeu no cargo a D. Antonio Philippe Camarão, que, como nos capitulos precedentes escrevemos, era morto de doença, com trezentos e vinte indios ; Henrique Dias com trezentos e trinta de seus soldados ; o mestre de campo João Fernandes Vieira, na retaguarda com mil trezentos e cincoenta que faziam o numero de 2,600 homens, e foi marchando o exercito em demanda dos montes Guararapes, e acabou de chegar quasi pelas 4 horas da tarde ao primeiro monte que se chama do Oitizeiro (por alli estar uma arvore que chamam assim pela lingua brasiliana, a qual produz uma fruta de côr amarella gualde, doce e saborosa ao gosto, porém tanto mais tem de caroço quanto menos de carne), onde se formou, e mais para diante a cavallaria de que era capitão e cabo Antonio da Silva e seu tenente Domingos Gomes de Brito, e levava comsigo outro capitão de cavalleiros, chamado Manoel de Araujo, filho de Amador de Araujo, capitão-maior da freguezia de Ipojuca, de quem nos livros passados fizemos menção, o qual n'este tempo era morto de doença.

N'este tempo em que chegou o nosso exercito a este primeiro monte, já estava o inimigo formado em todos os outros

que ficavam em frente da baixa e boqueirão, onde havia sido a primeira batalha, e nas eminencias todas d'elles estava fortificado, como tambem nos terrenos e campina com sua artilharia, e tinha feito muitas e boas emboscadas pelas baixas dos montes, com nove esquadrões formados, postos á vista em som de batalha com uma soberba ostentação e bizarria de sua artilharia, bandeiras e mais apparatos de guerra, imaginando com esta vista pôr terror a quem como vencedor fazia bem pouca conta d'ella. Mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes fazer alto para se resolver pela parte que haviam de marchar, e áquella vista se tomou conselho por onde se buscaria o inimigo, se pela frente, se pela retaguarda, se pelos lados, que como era campanha aberta e descoberta tudo ficava sendo frente. Houve varios pareceres, deram votos os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa que marchassem pela frente, porém o mestre de campo general esperou pelo mestre de campo João Fernandes Vieira que vinha na retaguarda, recolhendo o exercito, e chegando, lhe pediu seu voto, que foi de contrario parecer, dizendo que se buscasse o inimigo pela retaguarda e não pela frente, porquanto estava senhor do melhor sitio, como aquelle que tanto tempo tivéra para o escolher, e que o caminho por onde o nosso exercito marchava era tão apertado que apenas podiam ir quatro a quatro homens em fileira, e que estando o inimigo, como estava, senhor do melhor posto, terreno e das eminencias dos montes, com pouco trabalho poderia destruir ou ao menos derrotar a nossa gente, e que descendo aquelle monte teria o inimigo ao pé d'elle e no alto do outro boas emboscadas, como tinha por ser o sitio bem accommodado, e que para os nossos chegarem áquellas paragens haviam de ir apertadamente de quatro em quatro, e que pelos lados era principio de mui

altas barrocas quebradas e grutas por onde a nossa gente se podia precipitar e despenhar, e que por estas razões o não convinha buscar pela frente, senão pela retaguarda, e além d'isso que era já mui tarde, e que não havia sitio para a nossa infantaria ser alojada, e que, quando o houvéra, se não podia alojar n'elle por não haver agua, que iam os soldados mui sequiosos, respeito da grande calma que fazia, e que era justo que quando lhes faltava o comer lhes não faltasse a agua, e que, buscando-o pela retaguarda, havia agua e lenha para se accommodar o exercito, o què não havia pela frente, e que pela dita retaguarda havia terrenos d'onde a infantaria com menos trabalho podia pendenciar, e em resolução disse que a outra batalha se déra por este mesmo caminho, e que por elle se tornasse a buscar a fortuna da guerra, e o que mais se podia averiguar, era o ficarem os moradores guardados e amparados.

Tambem disse que, se alguns diziam que o inimigo deixava gente no Recife, para aquella noite darem no arraial e investirem a força d'elle, e pela varzea para degolarem os moradores, que a isto respondia que o inimigo não tinha gente para fazer aquella empreza, porquanto estava tão amedrontado que não se havia de atrever a marchar de dia para aquelle sitio em que estava, d'onde ficava tão longe de suas forças se não com todo o poder, e que quando assim não fôsse, que não importava que do Recife fôsse ao arraial, por quanto ficava na força d'elle para sua defensa mui sufficiente guarnição com um capitão tão experimentado como Manoel Ribeiro, e que quando o inimigo tivesse tanto poder que puzesse a força do arraial em cerco, nem por isso se havia de entregar, pois ficava mantimento para sustentar-se a infantaria emquanto soccorressem de fóra, e que quando não fazendo caso do arraial fôsse á Varzea, não importava, porque os moradores d'ella estavam retirados

com o pouco que possuiam, quanto mais que as sentinellas que ficavam fariam aviso para que logo se mandassem 600 homens á Varzea, ficando com 2,000 e com os moradores que viriam recrescendo para se dar a batalha ao inimigo em sitio conveniente, e que o melhor era ir buscar as trincheiras do Engenho-Novo para que alli descançasse a nossa gente aquella noite, deixando a trincheira dos Barachos bem guarnecida, e que vindo a manhã reconheceriam o inimigo com quem, depois de tomado conselho, pendenciariam no mesmo sitio em que na occasião passada o haviam feito ou onde melhor se pudesse apresentar batalha, pois não podia o inimigo passar parte alguma sem ser sentido, e que para ir á Moribeca estava totalmente impedido por ficar a trincheira dos Barachos bem guarnecida, e que na outra ficaria todo o exercito para o impedir.

Foi tão importante este arrazoamento do mestre de campo João Fernandes Vieira, que fez Deus, em primeiro lugar, ganhar a victoria que se perdêra com toda a campanha, se se buscára n'aquella tarde o inimigo pela estrada que vai para a Jangada pelos montes. Ajustou-se o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes com este parecer e todos os mais, pelo que logo se mandou virar o nosso exercito, que já ia marchando por o outro caminho atrás que ia para a Jangada, e foram tomando o do Engenho-Novo e o engenho que chamam dos Guararapes, e os que se dizem dos Barachos e por os cannaveaes d'estes engenhos se situou a nossa gente e que acabou de chegar pelas 9 horas da noite, onde dormiram aquella mesma noite, na qual guarneceu o terço do mestre de campo Francisco de Figueirôa as trincheiras por tocar-lhe a vanguarda, mas ficaram de fóra á vista do inimigo com suas companhias os capitães alli fronteiros Francisco Barreiras e Philippe Ferreira, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, os quaes de

noite inquietaram o inimigo, picando e tocando-lhe arma por diversas partes com que o tiveram desvelado.

Aquella mesma noite se fez conselho e tomou por resolução que se havia pendenciar com o inimigo, tanto que se abalasse dos sitios em que estava para qualquer parte que fôsse, e posto que houve muitos pareceres contra estes, por dizerem que se pelejassem de dentro das trincheiras d'onde estavam, venceram comtudo os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, com que se dispuzeram a dar batalha ao inimigo como costumados a vencel-o no campo tantas vezes fóra das trincheiras.

CAPITULO III

De como se repartiu a nossa infantaria pelos mestres de campo para irem commetter o inimigo que ia desoccupando os montes Guararapes

Tanto que amanheceu o seguinte dia, 19 de Fevereiro, se accordou em conselho se reconhecesse o inimigo, a fórma em que estava, e assim ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes a todos os mestres de campo e ao tenente-general Philippe Bandeira de Mello e aos sargentos-maiores do terço, a saber : Antonio Dias Cardoso, do de João Fernandes Vieira, Paulo da Cunha, do de André Vidal de Negreiros, Hieronimo de Enojoza, do de Francisco de Figueirôa, com o capitão de cavalleiros Antonio da Silva para que reconhecessem o inimigo, viram que estava na mesma fórma que o dia de antes, situado nas eminencias dos montes Guararapes, podendo soccorrer uns aos outros, e que tinham um esquadrão que defendia a agua de que bebiam. Proveram-se as sentinellas á sua vista e falla, estando a fallar uns com os outros. Andavam os mestres de campo

vendo o modo com que estava o inimigo formado nos outros montes que occupava, de um que lhes ficava em frente, com melhor de cinco mil homens e seis peças de artilharia, afóra indios e negros e gastadores que carregavam a bagagem, e tinham no monte armadas algumas tendas de guerra em que estavam recolhidas as pessoas mais principaes do exercito. Desceram os mestres de campo a uma campina para a parte do inimigo, que, vendo a nossa gente tocando arma, deu duas cargas de artilharia, porém não fez nenhum damno.

Recolhidos os mestres de campo, havendo bem notado e visto a disposição dos hollandezes, se chamou a conselho d'onde se tornaram como d'antes a resolver que não convinha buscar o inimigo, por estar bem formado, e senhor assim das eminencias dos montes, d'onde soccorriam uns aos outros como da baixa do boqueirão, porque não havia em nosso exercito poder para contê-lo por oito ou nove partes, como estava formado, e que para commetterem por duas ou tres partes seriam os nossos logo cortados e facilmente destruidos, mas que estivessem com muito cuidado para que tanto que o inimigo se movesse, ou para marchar para diante ou para se ir para o Recife, investissem, e não convinha estar a nossa infantaria á sua vista formada por não reconhecer nosso poder; e com este accôrdo e parecer se ajustou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.

Por este tempo foram acudindo muitos moradores que de todas as freguezias vieram com seus capitães e armas, e logo mandou o mestre de campo general deitar bando sob pena de morte, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade sahisse d'aquelle arraial sem ordem, e estavam tomadas as estradas com sentinellas, causa de haver muita gente, porque o que entrava não sahia, e sendo pelas 10 horas do dia mandavam, por tocar aquelle dia a vanguarda a André

Vidal de Negreiros, oitenta homens de seu terço com quatro capitães, indo por cabo o capitão Antonio Rodrigues França a picar o inimigo, que o fez e os mais com valente resolução o que lhes foi mandado, obrigando a que o inimigo se movesse, mas elle, conhecendo ser estratagema, se tornou com muita pressa a seus postos, estando-lhe os nossos dando lentamente tiros, e sendo da uma para as duas horas depois do meio dia foi o inimigo desoccupando o alto dos montes, juntando-se em um grande esquadrão em uma meia ladeira, fazendo o capitão França aviso que o inimigo tocava a marchar, e que se ia para o Recife; mas, o certo é que desoccupava por aquella parte os montes, vindo para a meia ladeira por imaginar que os nossos os commetteriam pela campina para vir por entre outros montes a corta-los, mas este ficou enganado.

Tanto que os nossos ouviram dizer que o inimigo se ia para o Recife, perderam a paciencia por ir-se sem pelejarem com elle, e do sitio d'onde os nossos estavam das trincheiras para dentro seria um tiro de mosquete de distancia ao que o inimigo occupava; tornaram a marchar com muita pressa, mas mais se deram os nossos soldados que com muita presteza os mandou o mestre de campo general acommetter o inimigo, que foram correndo até uma comprida agua, d'onde o inimigo deu vista d'elles, e logo quiz tornar a occupar os montes, mas não lhe deram esse lugar, porque os mestres de campo davam muita pressa á infantaria que com elles ia.

Formado o nosso exercito em troços, que era o modo como se peleja na campanha, foram acommetter e investir o inimigo pela maneira seguinte: marchou o mestre de campo André Vidal de Negreiros, a quem tocava a vanguarda n'aquelle dia, pelo alto dos montes, com a sua gente e com alguns troços de gente do terço do mestre de

campo João Fernandes Vieira, e com as duas companhias de cavallo que dissemos, e pelo contra-lado dos altos por onde foi acommettendo, ia o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com quatro troços do seu terço, e logo em seu seguimento ia o mestre de campo Francisco de Figueirôa com seu terço. Pelo terreno da baixa marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira com oitocentos homens do seu terço a buscar o boqueirão que estava mais bem fortificado, porque n'elle tinha o inimigo duas peças de artilharia, e quatro no alto do monte. Por contra-lado do mesmo boqueirão, por onde ia commetter o mestre de campo João Fernandes Vieira, ia alguma gente de Henrique Dias e de D. Diogo Pinheiro Camarão, que tambem iam acommetter o inimigo, e n'esta ordem que temos dito, resolutos foram acommetter o inimigo com grande animo e valor, exhortando a seus soldados que não menos o mostravam, mas com poucas palavras, por conhecerem bem clara e manifestamente as obras de tão valorosos e resolutos homens que como estavam briosos e gloriosos com a primeira victoria, que na mesma paragem haviam alcançado, tão pouco havia dos hollandezes, parecia-lhes que quasi já tinham conseguido a segunda, pelo que é certo que aos vencedores sempre lhes parece que hão de vencer, e lhes ha de mostrar a fortuna favoravel o rosto, que digo? Fortuna! A Divina Providencia, d'onde dependem os successos de todas as cousas.

CAPITULO IV

Da segunda batalha campal dos montes Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e de como o mestre de campo João Fernandes Vieira ganhou um boqueirão dos montes em que estava forte o inimigo com sete esquadrões, e se apoderou de sua artilharia, e de outros casos notaveis d'aquella pendencia

O mestre de campo João Fernandes Vieira, que como no precedente capitulo dissemos, ia com tanto valor, animo e resolução conter o inimigo que estava forte com a maior parte de sua gente n'aquelle boqueirão, onde na primeira batalha se pendenciou tão valentemente, como escreveremos, chegou a elle primeiro que pelas outras partes se pelejasse, por o inimigo alli lhe ficar mais perto. Este o sahiu a receber bem no meio do boqueirão, com sete esquadrões, onde tinha duas peças de artilharia, como dissemos, e quatro mais no alto. Vinha o inimigo pelejando a seu modo, esperando que os nossos parassem e pelejassem como elles, mas o mestre de campo João Fernandes Vieira, como em taes occasiões não sabia estar quieto, mandando-lhe dar carga, ia caminhando para diante, o que vendo um esquadrão do inimigo, que no meio da ladeira estava, acudiu ao boqueirão a unir-se com os outros, com que ficavam sendo sete esquadrões os que defendiam o boqueirão. No mesmo tempo estava o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes com grande valor dispondo e mandando soccorrer as partes d'onde era necessario, com tanta diligencia, com a espada na mão, dando exemplo a todos, e exhortando-os á peleja. Aqui, ao som de instrumentos bellicos, se foi continuando a pendencia, bem travada, por estar aquelle posto bem fortificado e ter n'elle a maior parte do seu exercito o inimigo, não cessando de ambas as partes a bateria,

disparando com muita presteza sua artilharia. Aqui se assignalaram portuguezes e hollandezes, estes em defender, aquelles em acommetter o boqueirão, que era o mesmo que na occasião passada tantas vidas e sangue custou.

Durou a bateria mais de um quarto de hora, primeiro que se pendenciasse nas outras partes, porque em todas ellas ficaram sendo vanguardas, por ser a campanha descoberta, como dissemos.

O mestre de campo João Fernandes Vieira, vendo a muita força que tinha o inimigo n'aquelle posto, por ter, como dissemos, sete esquadrões, n'elle procurou cortal-o por um dos lados, elle mandou com dois troços picar o inimigo na retaguarda (como fez), e indo-o fazendo com grande valor e brio, se lhe atolou o cavallo em um grande e profundo lamarão que alli estava (já n'esse tempo se pendenciava nas outras partes com grande calor), vendo-se o mestre de campo d'esta sorte com o cavallo quasi submergido, saltando d'elle se pôz a pé, e veiu outra vez buscar o boqueirão, e acudindo-se-lhe com cavallo, se pôz n'elle em frente de toda a sua gente, sem reparar no risco e empenho de sua vida, dizendo a seus soldados com animosa resolução, que dessem aquella ultima carga, e que investissem á espada, como elle fazia, o que se fez com grandissimo valor e esforço, assignalando-se seus soldados n'aquella occasião com grande animo, avançando contra o inimigo com tanto impeto e coragem que, apezar da brava resistencia, lhe romperam os chuceiros e piqueiros em que tanto o inimigo se fiava e os mais esquadrões, e lhe ganharam o boqueirão sem sè lhes dar das grandes cargas de artilharia e mosquetaria com que repugnavam e defendiam obstinadamente o posto, e tanto que o mestre de campo entrou o boqueirão apezar dos hollandezes, lhes ganhou duas peças de artilharia que n'elle tinham.

Quem vira o mestre de campo João Fernandes Vieira n'aquelle conflicto e pendencia, assim a pé como a cavallo, posto em frente e dianteira de todos os seus soldados, animando-os, exhortando-os a romper os sete esquadrões do inimigo, que com tanta mosquetaria e chuçaria defendia aquelle boqueirão, e com as peças de artilharia lhe davam cargas sem reparar no grande perigo que sua vida corria, posto na parte mais arriscada, fazendo maravilhas com sua espada, como leão forte, a uns vai ferindo, a outros na fuga lhes dá caça, os que alcança fere, discorrendo por entre a multidão da gente hollandeza, com seus valentes capitães e soldados, partindo, destroçando, cortando, ficando o campo tinto em sangue, quão admirado ficaria? Na real verdade, que mais são estas cousas para admirar que para se escreverem com a penna, porque essa não é sufficiente para poder relatar como se passaram, porque uma cousa é vêrem-se com os olhos tão grandes proezas e notarem-se com admiração, do que pôrem-se em escripto, pelo que se deixam á consideração do leitor prudente, e certo que mais parecem cousas de encantamento do que passarem na verdade.

Que um sujeito sem reparar em tão grande e manifesto risco e empenho de sua vida, de que dependiamos de tantos, investisse como leão sem consideração de tanto perigo diante de seus soldados, contra sete esquadrões tão fortes do inimigo, cercados de chuçaria, tão perto de sua mosquetaria e artilharia, indo sempre para diante até lhe ganhar o posto e destruir os esquadrões hollandezes, não se lhe dando das immensas ballas que choviam? Se não fôra este successo tão patente e manifesto, e succedêra nas ultimas e remotas partes do mundo, pudéra receiar o chronista de escrevê-lo, ainda que assim passasse, porque temeria que lhe não poderiam dar credito, mas isto que

escrevemos foi tão patente a todos, que não é necessario o rectifica-lo, e ainda foi com mais vantagem do que eu escrevo.

Se Quinto Curcio louva e engrandece tanto a Alexandre Magno, porque em uma batalha com os persas posto em frente de seus soldados pelejando com a espada e rodella embraçada, na qual recebeu as settas que os inimigos contra elle disparavam ficando crivada e cheia d'ellas, veja-se que differença ha, e que comparação de Alexandre em aguardar as settas, e quão superior ficou o mestre de campo João Fernandes Vieira, porque a peito descoberto não aguardou nem esperou settas senão ballas de artilharia e mosquetaria, e sem rodella nem outras armas defensivas mais que seu valoroso peito e animoso coração, que tanta superioridade tem a todos os demais? E é para admirar que no meio da pendencia, quando mais furiosa e sanguinolenta estava no boqueirão, chegando bem perto do inimigo, disse em voz alta: Ah! flamengos, rendei-vos, que aqui está João Fernandes Vieira, que é o vosso açoute! E os hollandezes, conhecendo-o, lhe deram uma carga de vinte clavinas, mas o céo que o livrou de tantos perigos, n'este lhe guardou e defendeu a vida, e, depois da derrota dos hollandezes, elles foram apregoar ao Recife que mataram ao mestre de campo, e assim correu a fama, como mais diffusamente escreveremos no capitulo VI d'este livro.

Sem duvida que, se os reis viram o esforço com que os vassallos pelejam em seu serviço, como foi n'esta occasião e em outras muitas e n'aquelle boqueirão, que o inimigo tanto defendeu, e a seu pezar se lhe ganhou com a artilharia, como temos dito, que os haviam de premiar e avantajar como suas obras merecem.

E parece que estes dois sujeitos, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, competiam na emulação de

valor, admirando o mundo, porque, como contaremos, tambem mataram, na outra parte em que pelejava, o cavallo a André Vidal de Negreiros, e ficou a pé até que se lhe apresentou outro, fazendo maravilhas entre o inimigo; sem duvida que como eram tão unidos em amizade e participavam de uma sympathia de valor e brio, que a um mesmo tempo lhes succediam os casos semelhantes, ficando ambos a pé em diversos postos n'aquella batalha, e que houvesse uma comparação e para lê-lo igualmente de seus illustres feitos e generosa emulação de um com o outro, e ainda mais se ha de notar que n'esta pendencia do boqueirão topou uma balla ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que, supposto o não passou, feriu-o, tambem na outra parte onde pelejava André Vidal de Negreiros o topou outra balla, na mesma fórma, que parece que como eram camaradas, e d'elles dependia o bem da guerra, por serem as duas columnas d'ella, as ballas lhes faziam salva, e tinham em certo modo respeito, pois tocavam e não passavam.

Agora é necessario tornar ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que com sua gente ia pelejando com o inimigo pelo alto dos montes por onde commetteu como dissemos com seu costumado valor, fazendo á espada grande estrago nos hollandezes, indo pelo corno esquerdo o capitão e cabo de cavallaria Antonio da Silva e o capitão Manoel de Araujo levando entre ambos quarenta homens de cavallo. D'ahi a pouco espaço, quasi pelos mesmos passos de André Vidal ia o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com quatro troços do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, indo tambem pela outra parte em seguimento do Vidal com suas companhias os capitães Francisco Berenger, Antonio Borges Uchôa, Matheus Fagundes e Estevão Fernandes.

Tinha já n'este tempo o mestre de campo João Fernandes Vieira entrado o boqueirão á custa de muito sangue e das

vidas de muitos capitães do inimigo, como temos dito, e emquanto estava pelejando com elle em uma meia ladeira, trabalhando por lhe ganhar a ultima artilharia, que eram as quatro peças que no alto do monte tinha; foi André Vidal de Negreiros com a gente que dissemos, descendo pelo monte em frente áquelle em que estava, mas tendo já quasi descido o monte, o qual era além de alto mui fragoso, achou em uma campina pequena entre um e outro monte um esquadrão forte do inimigo, estando os hollandezes, uns agachados e outros de joelhos esperando conjuncção de fazerem damno aos nossos, e como André Vidal não sabia que cousa era medo, tirando da espada, chamou por seus soldados, que vinham espalhados, e disse ao cabo da cavallaria Antonio da Silva que era tempo de acommetter o inimigo; o cabo chamou ao capitão Manoel de Araujo para investirem os hollandezes, o qual lhes respondeu ser mui grande o poder do inimigo, e que era temeridade investir com tão pouca gente, como eram quarenta de cavallo com tão grande esquadrão sem ter dado carga, o cabo Antonio da Silva disse: «fômos desgraciados em ser honrados, aqui havemos de morrer»; ao que respondeu Manoel de Araujo: «pois paciencia, morramos como honrados»; o que disse pondo os olhos no céo, por ventura conhecendo a morte que o aguardava.

Apenas tinha dado a gente do mestre de campo André Vidal de Negreiros sete tiros, quando ficou a pé por lhe matarem o cavallo e com notavel furor e coragem, assim elle como a cavallaria investiram áquelle esquadrão, recebendo d'elle a primeira carga. Andavam os de pé á espada, e os de cavallo ás lançadas, pendenciando com notavel valor com bem desigual partido, havendo mortos de ambas as partes. N'este tempo o sargento-maior Antonio Dias Cardoso foi cortando pelas fraldas do monte, por encurtar o caminho e deu uma grande carga ao inimigo, com o que fez virar

logo, não pôde a gente de cavallo voltar logo por respeito de uma grande rotura e barroca que ahi havia e de necessidade ou desesperação aguardando a primeira carga do esquadrão do inimigo do monte, a tempo que os nossos davam a sua, investiram pelo monte acima, d'onde com grandissimo animo e varonil esforço romperam, sendo tão poucos, o esquadrão do inimigo, indo por um lado a nossa infantaria, ficando muitos dos hollandezes mortos e feridos, fazendo a nossa gente de cavallo maravilhas, matando uns, e ferindo outros ás lançadas e atropelando a muitos com os cavallos; e na real verdade que foi um acommettimento de tão pouca gente de cavallo contra um esquadrão, que romperam do inimigo, digno de eterna memoria, e esta durará apezar do tempo. Aqui nos mataram n'este encontro e investida o capitão de cavallos Manoel de Araujo, pelejando com grande valor, e outro soldado da sua companhia e tres da do capitão e cabo Antonio da Silva, em que entrou um irmão do seu tenente Domingos Gomes com tres pelouradas, ficando feridos de ambas as companhias alguns seis soldados e cinco ou seis cavallos mortos, e depois a gente de cavallo, posto que, muito fatigada e cansada, foi seguindo o inimigo até a Barreta.

Emquanto na baixa d'entre os montes andavam os nossos mesclados com os flamengos pendenciando-se com muito valor, vinha por um lado um esquadrão do inimigo a soccorrer os seus, porém receberam-no e pelejaram com elle as quatro companhias dos capitães Francisco Berenger, Antonio Borges, Matheus Fagundes e Estevão Fernandes do terço de João Fernandes Vieira, que o fizéra fugir.

Tinha o inimigo um esquadrão de reserva que, vendo ao mestre de campo André Vidal de Negreiros e ao sargento maior Antonio Dias Cardoso com toda a sua gente mesclados com os seus, com quem pendenciavam, veiu logo o

esquadrão pelo monte em sua ajuda de soccorro para cortar aos nossos, dando-lhes pelas costas, e, vendo-o vir, se apartaram, retirando-se um pouco atrás, seguindo-os o inimigo animoso por vêr que vinha o esquadrão em seu favor e soccorro; porém, o mestre de campo Francisco de Figueirôa, tanto que o viu vir, foi com grande pressa marchando pelo monte acima, indo botando para diante a gente do terço o sargento maior Hieronimo de Enojoza, e quando o inimigo vinha para cortar os nossos, lhe sahiu a tão bom tempo o mestre de campo Figueirôa, que, mandando dar uma carga, fez virar os hollandezes amedrontados com muita perda de mortos e feridos, e juntamente dos muitos moradores de todas as freguezias, que viam vir para elles, os quaes vinham em tropas com seus capitães André Vidal de Negreiros e Antonio Dias Cardoso, vendo virar o inimigo pelo monte tornaram dando cargas a investir os hollandezes na baixa, fazendo n'elles grande estrago e mortandade; e emquanto pendenciam é necessario tornar ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que por este tempo tinha ganhado o boqueirão, como temos referido.

CAPITULO V

Conta-se o que mais succedeu n'esta batalha campal, e da famosa victoria que os portuguezes alcançaram, matando ao coronel Brinc (*Brinck*) com mais de dois mil hollandezes, e de como os outros se puzeram em fugida, e foram seguidos até junto das forças da Barreta

Emquanto o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o sargento-maior Antonio Dias Cardoso e a cavallaria pelejavam com o inimigo e depois na baixa com o esquadrão de reserva e com o que investiu Francisco de Figueirôa,

acabou de pelejar valentemente João Fernandes Vieira com os sete esquadrões que defendiam com tanta repugnancia o boqueirão, sendo já topado pelo hombro direito por uma bala, como no capitulo precedente dissemos, e depois de aguardar as cargas de artilharia e mosquetaria com tanto risco e empenho de sua pessoa os commetteu com tanto impeto e furor que os fez deixar aquelle posto, ganhando-lhes a artilharia, como dissemos, porque as cousas admiraveis se devem repetir uma e muitas vezes, e foi cousa notavel e miraculosa escapar o mestre de campo de tão manifesto e evidente perigo; e d'esta sorte que dissemos, está pintado muito ao natural, ganhando o boqueirão e artilharia do inimigo no painel que mandou fazer a um pintor d'esta batalha e da outra, como já temos referido, e tanto que ganhou o posto, levando rotos e postos em disbarate os esquadrões hollandezes que o defendiam á espada, foi subindo até ao alto do monte, onde tinham a mais artilharia, que eram quatro peças que tambem lhes ganhou com toda a bagagem e tendas de guerra, e depois de ganhada a entregou com guarda a um ajudante do seu terço, para de tudo dar parte e conta ao mestre de campo general. E alli foi morto o coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas, estando n'aquelle posto a cavallo animando os seus soldados a pelejar e defender o sitio, o qual ficou morto no campo com todos os despojos que trazia e o seu cavallo; tambem ficou morto no campo junto á artilharia o almirante do mar, e foi aprisionado n'este mesmo tempo Pero Poty, que era regedor dos indios, e sendo os hollandezes desbaratados e postos á fugida, os soldados de um esquadrão, que ficou mais proximo aos nossos, vendo que os haviam de ir passando á espada, e que não podiam escapar de suas mãos, se puzeram de joelhos ante o mestre de campo João Fernandes Vieira e lhe pediram e imploravam

com humildes palavras e rogos lhes concedesse bom quartel, e fizesse mercê das vidas, e elle mandou a seus soldados que lh'o dessem.

Havendo mandado pôr guardas na artilharia, sem nenhum dos soldados se deter em despojar a bagagem, se foi unir e encorporar com André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa e Antonio Dias Cardoso, e todos juntos foram apertando com o inimigo, de tal sorte, que o fizeram precipitar e despenhar para aquellas barrocas e grutas dos montes Guararapes,d'onde lhe fizeram grande estrago e mortandade, com que estava já toda aquella campanha dos altos e baixos dos montes lastrada e juncada de corpos mortos do inimigo, que era uma cousa horrenda e espantosa vêr tanta mortandade, tantas e tão espantosas feridas, tantos corpos sem cabeças, braços, pernas, uns já mortos, outros agonisando e lutando com a morte, outros revolvendo-se em seu sangue e muitos urrando e gritando com as ancias e agonias mortaes, não poucos dando e exhalando o ultimo espirito.

Aqui estavam uns clamando e implorando com humildes rogos misericordia aos vencedores, alli se ouvia a turba-multa dos que pediam bom quartel, em outra parte, em seu idioma mal articulado com as ancias da morte, se queixavam de sua adversa fortuna, e muitos entre os mortos, fingindo-se que o estavam, queriam ainda dilatar a breve vida. Finalmente, infinitos precipitados bem desejavam n'aquelle apertado passo outras azas de Icaro e Dedalo para voarem, e não se fazerem pedaços n'aquelles precipicios e penhascos correndo copiosa inundação de sangue por todos aquelles, montes, que era um espectaculo admiravel.

Vendo-se desbaratados e destroçados os que ficaram, se puzeram em fugida, largando as armas os que com vida escaparam, que foram os do esquadrão que logo virou

fugindo, tendo lugar de se retirar muitos feridos, estavam os nossos já tão cansados, e com tão intoleravel sêde, que não podiam seguir ao inimigo, porque ainda que os soldados de cavallo os seguiam iam mui cansados,e apenas os cavallos se podiam mover; comtudo, muitos soldados, tirando forças da fraqueza, foram seguindo os hollandezes até junto das suas forças da Barreta com os mestres de campo e mais officiaes, indo matando e aprisionando muita cópia dos que iam fugindo, e outros perderam-se pelos montes e mattos que no caminho havia, de sorte que poucos escaparam das mãos dos nossos soldados, e tambem muitos moradores dos que acudiram os foram seguindo, matando e aprisionando, valendo-se tambem não poucos da presa e despojos que achavam, posto que de menos consideração do que foram os da primeira batalha, principalmente muita cópia de negros que iam no alcance de seus senhores. E foram tomadas muitas armas de fogo e grandissima quantidade de chuços e piques, de que vinham bem armados e providos contra as nossas espadas; porém, não foram de nenhum effeito. Outros moradores os foram tambem seguindo e matando a cavallo em companhia dos mestres de campo,os quaes, deixando algumas companhias e indios pelos caminhos, que ainda no seguinte dia prenderam e mataram a muito numero de hollandezes, se recolheram pelas oito horas da noite ás trincheiras, onde a passaram mui contentes e alegres pela victoria tão insigne que Deus lhes havia concedido, rendendo-lhe immensas graças pelo bem que Pernambuco recebêra, mandando-se tocar muitas trombetas, charamellas e caixas com outras demonstrações de alegria por tão glorioso vencimento.

Ficaram do inimigo mortos no campo passante de dois mil homens, onde entraram muitos capitães e officiaes e o mesmo coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas. O coronel

Guilherme Autim (*Hantyn*) foi ferido pelo pescoço, onde tambem o foi na primeira batalha; e morreu o almirante do mar, como dissemos, e os nossos aprisionaram ao cabo dos indios Pero Poty, grande inimigo da nação portugueza e amigo dos flamengos, que, com ser parente muito chegado do Camarão, nunca quiz obedecer a seus mandados, commettendo-o por muitas vezes que se passasse para os nossos que elle lhe alcançaria perdão de seus delictos, o que bem pouco aproveitou, o qual, depois de estar preso em ferros na força do arraial dois annos e meio, foi embarcado para Portugal, e se affirma que no mar morreu. Ganharam os nossos dez bandeiras do inimigo, e as seis peças de artilharia que ganhou o mestre de campo João Fernandes Vieira, como temos referido; muita polvora, balas, munições e toda a mais bagagem, onde vinha muito de comer, com que se alentaram os nossos soldados.

Da nossa parte ficaram mortos quarenta e sete homens, onde entravam o sargento-maior do terço de André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha Sotto-Maior e o capitão de cavallos Manoel de Araujo; foram feridos duzentos homens, onde entravam do terço de João Fernandes Vieira os capitães Paulo Teixeira, Cosme do Rego Barros, que d'ahi a poucos dias morreu da pelourada, Manoel de Abreu, João Soares de Albuquerque, Hieronimo da Cunha do Amaral, Estevão Fernandes, e do terço de André Vidal de Negreiros feriram os capitães Manoel Antonio de Carvalho e João Lopes; tambem foi ferido Henrique Dias, governador da gente preta, e os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros foram topados cada um de sua bala, como temos escripto, mas como eram as principaes columnas sobre as quaes estribava a grande machina d'esta guerra, não quiz o céo que entrassem, se bem fizeram grande bateria que os molestou muito.

Vendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes aquella famosa batalha, que Deus foi servido ganhasse por meio dos valorosos cabos e soldados que á sua vista ficaram vencedores, lh'o agradeceu com demonstração de alegria, abraçando a todos como bom general. Concedeu-nos Deus esta victoria em a primeira sexta-feira da Quaresma, 19 de Fevereiro de 1649.

É para notar que, se na primeira batalha dos montes Guararapes ficou em poder do mestre de campo João Ferdandes Vieira o estandarte general dos hollandezes, que lhe apresentou um seu sargento, como temos referido, e as prisões, libambos, algemas e outros instrumentos, e n'esta batalha a artilharia e uma bandeira das principaes do inimigo, a qual lhe apresentou o seu alferes da companhia da guarda João Fradique, que a ganhou a um alferes flamengo que a defendia com muito valor, e o da guarda ficou mal ferido em uma mão, as quaes foram as cousas de mais preço que n'estas batalhas se tomaram.

Os officiaes e capitães flamengos, que escaparam da batalha, diziam pelo Recife que jámais viram nem ouviram que houvesse gente como aquelles portuguezes, que acommettessem com tanta resolução, e investissem seus esquadrões formados, guarnecidos, com tantos chuços, piques, e com artilharia, sem temer nem receiar á morte, que n'outras batalhas em que se tinham achado havia pendencias de parte á parte, que iam dilatando por alguns dias até ultimamente se dar batalha campal, o que raras vezes succedia, mas que os portuguezes deviam de ter duas vidas, nem menos podia presumir d'elles, que uma deixaram em casa e com a outra vinham á pendencia, porque se admiravam de vêr gente que d'aquella sorte arriscava a vida indo acommettendo para diante sem fazer caso dos seus bem formados e fortes esquadrões, que assim os estimavam

e temiam como se fôsse cousa de zombaria e de nenhum momento, e assim com razão não tem comparação com os valorosos homens de que temos feito menção no primeiro capitulo do v livro, mas antes em suas proezas e famosos feitos quasi parece que os sobrepujam.

O Segismundo disse aos do supremo conselho do Recife (conforme se teve por noticia), sabendo da perda e destroço de seu exercito, que os da companhia ou bolsa das Indias Occidentaes tinham pouco que esperar d'aquella guerra tão arriscada e custosa, pois em dez mezes de tempo perderam duas batalhas tão celebres, e n'ellas e em outras pendencias particulares que n'este espaço de tempo succederam, haviam perdido alguns cinco mil homens com todos os melhores e mais espertos capitães, officiaes e soldados, que tinham e que bem havia desenganado ao coronel Brinc (*Brinck*), da grande resolução dos portuguezes, e dissuadido a que não sahisse á campanha, e que quasi lhe prognosticava o máu successo de sua empreza, rota de seu exercito, e perda da vida pela muita experiencia que tinha da guerra.

Tambem se achou n'esta batalha o provisor e vigario-geral o licenciado Domingos Vieira de Lima, que com outros sacerdotes clerigos andaram confessando os feridos, e outros religiosos da companhia de Jesus e de S. Bento, S. Francisco, e capuchos francezes, andando animando e exhortando os soldados, e ouvindo-os de confissão n'aquelle conflicto; e em refação e rendimento de graças, no seguinte domingo se expôz o Santissimo Sacramento pelas igrejas matrizes das freguezias, assim como na primeira batalha se havia feito, onde houveram sermões dos melhores e mais scientes prégadores que havia, dando-se o louvor e gloria a Deus Senhor Nosso, e á sua Sacratissima Mãi a Virgem Maria, que foi medianeira de se alcançar esta

victoria e a passada, e as mais que temos referido, porque o poder divino e auxilio do céo suppriu no que faltaram ás forças humanas, e pelejou pelos nossos com tão miraculosos e evidentes successos.

CAPITULO VI

De que mais succedeu depois de ser alcançada a victoria, e dos officiaes-maiores e capitães que na batalha assistiram, e pelejaram. Conta-se em como os hollandezes do Recife mandaram pedir treguas para enterrar os seus, que morreram na batalha, e saber por seu embaixador se o mestre de campo João Fernandes Vieira fôra morto n'ella, conforme entre elles se dizia.

Acabou-se de recolher a nossa gente que tinha ido em seguimento do inimigo pelas oito horas da noite, como no capitulo passado escrevemos, que n'aquelle sitio passaram; ao outro dia enviados os feridos e enterrados os mortos, partiu o nosso exercito mui triumphante pela victoria alcançada para o arraial, e n'aquella tarde juntando-se os mestres de campo, capitães e mais officiaes, com parte da infantaria, deram sepultura com devida pompa ao sargento-maior Paulo da Cunha, na igreja matriz da Varzea de Capibaribe; o capitão de cavallos Manoel de Araujo foi enterrado na sua freguezia de Ipojuca, que dista do arraial dez leguas.

O encomio e louvor que se tem dado aos que pelejavam animosamente com tanto empenho de suas vidas, na outra batalha primeira, sirva tambem para os que o fizeram valorosamente n'esta segunda, que em uma e outra houve grande valor, valente resolução, acções generosas, proezas illustres, heroicos e nobres feitos em armas.

Pareceu-me que não desagradaria escrever os nomes dos officiaes-maiores e capitães qne n'esta batalha assistiram e

pelejaram, e se por ventura não forem todos, eu os hei por expressos e declarados, porque não tive lembrança senão dos que aqui vão abaixo nomeados, e assim como d'estes faço menção, muito estimára, se fôra possivel, pôr os nomes de todos os mais officiaes-menores e soldados que tão valorosamente n'esta e n'outras occasiões em que se acharam mostraram o raro e famoso valor de seu peito; mas já que o não posso fazer, por não saber tanta cópia e numero dos que com seu sangue escreveram no livro da fama suas acções valorosas, ella os publique immortalisando suas memorias por todo o universo orbe, sem que o tempo o possa escurecer e pôr em esquecimento, porque a seu pezar durarão largas e dilatadas posteridades.

Os officiaes maiores são os que se seguem abaixo:

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.

O mestre de campo João Fernandes Vieira.

O mestre de campo André Vidal de Negreiros.

O mestre de campo Francisco de Figueirôa.

O tenente-general Philippe Bandeira de Mello.

O sargento-maior do terço de João Fernandes Vieira, Antonio Dias Cardoso.

O sargento-maior do terço de André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha Sotto-Maior, que morreu na batalha.

O sargento-maior do terço de Francisco de Figueirôa Hieronimo de Enojoza, Henrique Dias, governador da gente preta.

D. Diogo Pinheiro Camarão, capitão-mór e governador dos indios.

Os capitães de cavallos Antonio da Silva, que era cabo, e Manoel de Araujo, que morreu na pendencia.

Os capitães do terço do mestre de Campo João Fernandes Vieira são os seguintes:

Da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira, seu alferes João Fradique.

O capitão Francisco Berenger.
O capitão João Soares de Albuquerque.
O capitão Affonso de Albuquerque.
O capitão Antonio de Castro.
O capitão Cosme do Rego Barros.
O capitão Francisco de Lisbôa Abreu.
O capitão Hieronimo da Cunha do Amaral.
O capitão Antonio Borges Uchôa.
O capitão Bartholomeu Soares Cunha.
O capitão João de Albuquerque.
O capitão Francisco Barreiras.
O capitão Antonio Rodrigues Vidal.
O capitão Manoel Moniz.
O capitão Vicente Curado Moutinho.
O capitão Braz de Barros Pereira.
O capitão Domingos de Sá Barbosa.
O capitão Paulo Teixeira.
O capitão Gonçalo Pereira Fidalgo.
O capitão Braz da Rocha.
O capitão Manoel de Abreu.
O capitão Francisco Ramos.
O capitão Manoel Lopes.
O capitão Amaro Cordeiro.
O capitão Domingos Ferreira.
O capitão Philippe Ferreira.
O capitão Gregorio de Caldas.
O capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque.
O capitão Simão Mendes.
O capitão Sebastião Ferreira.
O capitão Estevão Fernandes.
O capitão Antonio da Rocha Damas.

O capitão João de Pontes.

Os capitães do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros são os seguintes:

O capitão João Barbosa Pinto.
O capitão Antonio Curado Vidal.
O capitão Antonio Rodrigues França.
O capitão João Lopes.
O capitão Manoel de Aguiar.
O capitão Manoel Antonio de Carvalho.
O capitão Antonio da Silva.
O capitão Amador Rodrigues.
O capitão Francisco da Rocha.
O capitão Antonio Rodrigues Santiago.

Os capitães do terço do mestre de campo Francisco de Figueirôa são os seguintes:

O capitão Pero de Miranda.
O capitão Fernão de Mello de Albuquerque.
O capitão D. João de Sousa.
O capitão Amaro Velho Cerqueira.
O capitão Francisco Coutinho.
O capitão Manoel Fernandes.
O capitão Clemente da Rocha.
O capitão Jacintho da Cruz.
O capitão João Luiz.

Chegada a nossa infantaria ao arraial no seguinte dia, mandou o inimigo do Recife uma embaixada pedindo treguas para mandar aos Guararapes a enterrar seus mortos, as quaes lhes foram concedidas desde a Villa de Olinda até o sitio da Jangada. Foi mandado o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com alguma gente para o sitio onde se deu a batalha, e d'elle veiu com o capitão Francisco Barreiras á praia a receber os hollandezes que vinham,

como em taes occasiões se costuma, e com elles um capitão de clavinas e um judeu muito rico, chamado Moysem Navarro por fallar bem portuguez, e depois d'elles saudarem ao sargento-maior, mandaram enterrar seus mortos, ficando admirados de verem tal estrago e mortandade, e estando vendo disse o capitão de clavinas, o qual havia escapado do conflicto, que ainda havia de vir morrer n'aquelle boqueirão, que tantas mil vidas havia custado assim dos principaes de França como de Hollanda! Respondeu-lhe o sargento-maior que assim confiava em Deus, que elle como os mais que viessem, acabariam alli onde estavam os ossos de seus parentes e amigos, e que seria muito justo vir-lhes fazer companhia; tornou o capitão a dizer ao sargento-maior que os portuguezes, como disséra o coronel que governava as armas, quando investiam que ou iam mui borrachos, ou deixavam as vidas nas caixas.

O sargento-maior lhe respondeu que na campanha havia mui pouco vinho, e que quando fôra muito que os portuguezes se não emborrachavam por ser entre elles a maior infamia, e que o emborrachar-se convinha aos flamengos, como aquelles que tão continuamente o faziam no tocante ás vidas que tinha cada qual, o que Deus lhe havia dado que com tanto valor como elles a seu pezar experimentavam, offereciam a morte por lh'a darem a elles pelas tyrannias que haviam usado, e de novo tentavam proseguir, que, se antigamente ganhavam a campanha com tanta felicidade, fôra por engano e por os portuguezes não saberem quem elles eram, mas agora que tanto conhecimento tinham de suas maldades como elle bem sabia, elegiam antes por menos mal o morrerem pelejando, investindo logo com tanta resolução do que imaginarem que os moradores haviam de ficar sujeitos a tão tyrannico jugo, tornou o capitão a dizer que era verdade que os soldados portuguezes

haviam de estar mui contentes com tão grandes duas victorias que ganharam, sendo muito menos. O sargento-maior lhe respondeu, que não andavam por isso os soldados muito contentes, e que então o andariam quando os flamengos foram os soldados que não eram, e que não faziam muita estima de victorias alcançadas de homens que com tanta facilidade se deixavam investir e romper, pondo-se sempre em fugida infame sem os quererem esperar, e que puderam ficar os soldados mui gloriosos e ufanos quando venceram homens que pelejavam sem fugir. O capitão, enfadado, disse ao sargento-maior, se dizia elle aquillo ou os soldados? Elle lhe respondeu que os soldados o publicavam assim.

O flamengo, ouvindo isto, começou de pura raiva a chorar mais que um menino, dizendo que na primeira batalha investiram os portuguezes logo e desbarataram seus esquadrões, mas que n'esta haviam pelejado mais de uma hora valentemente antes que largassem o campo, e por lhe matarem tanta gente, o largaram por elles não pelejarem espalhados como os portuguezes, que não perdiam tiro e morriam poucos, mas que se elles pelejavam espalhados, como haviam de fazer d'alli por diante, que tambem venceriam aos portuguezes. O sargento-maior lhe disse: se os flamengos pelejarem espalhados melhor para nós, quanto mais que elles se não hão de atrever, e perguntando o capitão por que não pelejariam como os portuguezes espalhados, lhe respondeu o sargento-maior: para os flamengos pelejarem espalhados ha mister cada soldado um capitão, e os portuguezes pelejam d'esse modo porque cada soldado é capitão, quanto mais que n'estas occasiões pelejamos e investimos em troços, que se os soldados se espalham é para darem alcance ao inimigo que lhe foge.

O capitão respondeu: é verdade, mas o que queria saber

como era melhor para os portuguezes o pelejarem os hollandezes espalhados? O sargento-maior lhe disse: se nós os investimos á espada, estando formados em seus esquadrões, tendo tantos e bons chuços e piques, como os não investiremos melhor andando espalhados? ou quando não os invistamos basta a nossa cavallaria para fazer sem muito trabalho grandes estragos n'elles.

Não tratou mais de cousa alguma o capitão hollandez senão de ir com o judeu ao arraial, e, chegados, sentiram o rumor dos soldados, que não viam por levarem os olhos tapados. O judeu pediu de mercê que o deixassem vêr a bizarria de tão valentes soldados, concederam-lhe o que pedia, e, apeando-se do cavallo em que vinha, começou de abraçar os soldados que conhecia muitos d'elles do tempo que iam ao Recife, quando os hollandezes eram senhores, dando-lhes muitos vivas e que só elles eram valentes e que não sabia se lhes chamasse sóes, se lhes chamasse sombras, se sóes porque com os resplendores de tanta valentia e valor não davam lugar a que a vista d'ella campasse a dos melhores do mundo, se sombras porque com as proezas de suas façanhas obscureciam as de todos os antigos, e que não contasse a fama por valentes á vista de taes soldados, os que ella até então publicára não se enfadava o judeu de louvar os soldados á vista do capitão flamengo, que não pouco se enfadou, e, subindo para onde estava o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, depois de o saudar, lhe disse: que muito lhe pesava da morte de Paulo da Cunha por ser bom taful, e que grandissimamente sentia o haver sido morto João Fernandes Vieira na batalha quando ganhára a artilharia, e que com sua morte davam no Recife por bem empregada quanta perda nos Guararapes tiveram, mas que elle como seu amigo lhe pesava muito, que eram successos da guerra, que não dava senão mortes.

O mestre de campo-general lhe respondeu: que Paulo da Cunha era morto, mas que João Fernandes Vieira estava em sua casa descansando do muito trabalho que tivéra. Ao que o judeu (cuidando não ser verdade o que lhe dizia) respondeu: folgava de o vêr, que d'aqui á sua casa não é muito longe, e trago uns poucos de portuguezes de ouro, quizéra jogar com elle, que tambem é grande taful. Ha de se advertir que no Recife tinham por certo que o mestre de campo João Fernandes Vieira morrêra na batalha, como temos dito, quando ganhou a artilharia, e isto porque quando investiu o inimigo e lh'a quiz e procurou ganhar, disse em voz alta: aqui está João Fernandes Vieira, que é vosso açoute! E elles, conhecendo-o, lhe deram uma carga de vinte clavinas, e disseram no Recife que na artilharia o haviam morto, e por esta causa procurava tanto o judeu de o vêr e fallar com elle para saber de certo o que. O capitão e o judeu não traziam ordem de estarem fóra mais que até o pôr do sol; comtudo excederam-na, esperando por o mestre de campo João Fernandes Vieira, que se fôra chamar á sua casa, onde estava no seu engenho da invocação de S. João, e tanto que chegou lhe fez o judeu muita festa, ficando bem admirado o capitão de clavinas de o vêr (e depois soube-se que ambos vieram sómente do Recife a certificar-se da morte do mestre de campo) e lhe disseram: folgamos de vêr a Vossa Senhoria, porque nos certificaram que fôra morto na batalha. Respondeu-lhes o mestre de campo, dizendo-lhes: graça, quem disse isso aos flamengos fallou verdade que eu era morto, e o fui, mas chegando ao céo, me perguntou Deus se ficavam ainda flamengos no Recife? e eu lhe respondi que sim, e elle me tornou a mandar que os viesse acabar de matar, que depois elle mandaria o que fôsse servido. Elles lhes responderam, assim parece, por que muitas vezes disseram que V. S. fôra

morto nas batalhas que havia tido e por alguns portuguezes seus inimigos e agora o vêmos com vida.

Depois de se passarem a outros colloquios com graças e galantarias semelhantes, se tornaram o capitão e o judeu para o Recife desenganados que João Fernandes Vieira era vivo, de que ficaram os do Recife, com tanto sentimento, quanto tiveram de alegria, cuidando que era morto, e o capitão ia com notavel iracundia e raiva batendo os dentes como javali, pelo que lhe disséra o sargento-maior, que foi afim de o mortificar por lhe abater a soberba com que vinha, e com que havia dito outras cousas na praia ao capitão Francisco Barreiras, e a alguns soldados, porque bem conhecia elle o quanto os hollandezes eram soldados, e a grande mercê que Deus nos havia feito em conceder tantas victorias, livrando-nos de tão crueis inimigos, os quaes mais tratavam de ganhar a campanha por se vingarem asperrimamente dos moradores e ajuramentados, do que por outra cousa, porém Deus, por cuja causa se pelejava, abateu sua soberba, que, quanto mais cresce, tumida e arrogante se alevanta, maior quéda e ruina dá, por estar fundada sobre fraca base e caduco fundamento.

CAPITULO VII

De alguns successos que houve até o anno da restauração, de commettimentos que o inimigo fez recolhendo-se sempre com perda de mortos.

Depois que os hollandezes perderam aquelle grande numero de gente, tantos soldados e sargentos, alferes, capitães, ajudantes e coroneis, na segunda batalha dos montes Guararapes, se passaram alguns mezes que elles, opprimidos, não fizeram sahidas fóra de suas forças, e só tratavam ao menos conservar-se n'ellas, por quanto lhe faltava

o poder, e o soccorro era duvidoso vir-lhe, porque nas duas batalhas dos montes Guararapes haviam perdido os melhores capitães e soldados velhos e experimentados na milicia e nas guerras de Flandres e outras partes, mas tratavam sómente de entreter a nossa infantaria, e trazê-la desinquieta, até de Hollanda lhe mandarem soccorro bastante para romper a campanha (como determinou por muitas vezes) e pôr todos a ferro e fogo.

O mestre de campo general, Francisco Barreto de Menezes, depois de feitas as acções de graças a Deus, que lhe havia concedido tão grande victoria por meio dos heróes de eterna fama, os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, mandou prover nossas estancias com capitães e soldados necessarios para a defensa. Estava por cabo na estancia, que chamam do Mendonça, o capitão Antonio Borges Uchôa, que fica perto de uma força do inimigo que chamam dos Afogados por onde o inimigo, em 25 de Agosto de 1650, sahiu com uma tropa para dar em nossas sentinellas; porém, o capitão, investindo com elle, pelejou grande espaço de tempo, e o fez retirar com perda, ficando no campo seis mortos e levando muitos feridos, da nossa parte ficaram alguns feridos.

Não deixava o inimigo passar o tempo ocioso, porque em suas forças, Recife e cidade Mauricea exercitava seus soldados, que haviam vindo da Hollanda, e concertava seus reductos; mas, vendo que perto da força dos Affogados havia um matto onde os nossos cada hora sahiam a lhes fazer muito damno, que era junto á estancia do Aguiar, aos que iam para a força e os que d'ella sahiam, deixando a muitos sem vida, sahiu o inimigo em 7 de Outubro de 1650 a querer roçar o matto. N'este sitio estava por cabo o capitão Manoel de Aguiar, Caraça, por alcunha, do terço do mestre

de campo André Vidal de Negreiros, que, sendo visto do capitão, acudiu com sua gente, e pelejando com elle, o fez retirar para sua força, com perda de mortos e feridos, que se não soube por se retirarem logo.

Vendo o inimigo que não podia seguir seu intento pela parte dos Afogados, porque por aquella parte determinava fazer alguns assaltos aos moradores, sahiu o inimigo de suas forças uma noite, 15 de Dezembro de 1650, e se veiu emboscar em um matto junto ás salinas, que chamam de Francisco do Rego, onde estava por cabo o capitão Amaro Ferreira Machado e Appolinario Gomes Barreto, os quaes, com sua infantaria, investiram com elle, que repugnava, com grandes cargas de mosquetaria, os fizeram retirar até debaixo de suas forças, onde os seguiram e alli nos mataram o capitão Appolinario Gomes Barreto e tres soldados nossos, vingando primeiro sua morte. Os nossos lhe fizeram muita perda, ficando-lhe no campo 17 mortos e muitos feridos que retiraram.

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que o inimigo mandára infestar o rio de S. Francisco, se informou dos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, a quem mandaria com soccorro, para com effeito lançar fóra d'aquella capitania o inimigo, porque se os não lançassem fóra d'aquella capitania, ficaria a nossa infantaria impossibilitada, e não haveria gado para se sustentar, porque sempre de lá se remediava com algum. O mestre de campo João Fernandes Vieira disse que ninguem podia ir, que fôsse de mais confiança, zêlo e experiencia que o seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, como tão experimentado n'estas campanhas. E assim se resolveu que fôsse, e em 4 de Janeiro de 1651 partiu de nosso arraial com 500 homens, e, chegado que foi ao Rio, em 15 do mesmo mez, já o não achou, por se haver retirado

para o Recife por aviso que teve, de que ficou bem pezaroso o sargento-maior; porque, como era tambem soldado, tinha por dita encontrar-se com elle, e se tornou para o nosso arraial.

Os hollandezes, os mais dos dias, sahiam de suas forças, porém sempre tornavam de corrida a se recolher n'ellas, que por serem de pouca consideração deixo; mas, escreverei de alguns em que houve pendencia de mortos e feridos. Por pareceres dos dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes fazer uma emboscada entre as forças, como Pontas, Afogados e Barreta, para que, vindo algum provimento para as forças, lh'o impedissem para provocar o inimigo a sahir d'ellas; e para este effeito mandou ao sargento-maior Antonio Jacome Bezerra, em 6 de Março de 1651, com 300 homens emboscar-se entre as forças do inimigo, como Pontas, Afogados e Barreta, por d'ellas sahir o inimigo a Ilhado e Cheira-dinheiro. Vendo os nossos uma embarcação de remo, que do Recife vinha, lhe foram a nado com as espadas nas mãos doze soldados nossos, e, achando n'ella seis flamengos e a mulher do commandante da força da Barreta, os mataram, obrigando o inimigo a que sahisse, o que fez, sahindo da força da Barreta em seu soccorro, que, travando-se pendencia, houve de parte a parte muito grande repugnancia, com que o inimigo, já desesperado, não podendo soffrer o rigor de nossos soldados, se retirou outra vez á força com muitos feridos, e no campo lhe ficaram 20 mortos, que não pôde retirar, e lhe aprisionaram 3. Esteve o sargento-maior com a infantaria n'aquelle posto dois dias continuos sem que o inimigo tornasse a sahir, nem a artilharia lhe fez damno algum, e o mestre de campo general o mandou recolher com a gente.

Determinando o inimigo fazer algum damno á nossa gente, que estava na estancia do Mendonça, e degolar as sentinellas que estavam n'aquelle posto e senhorear-se d'elle para que mais seguramente lançassem tropas a fazer todo o damno que pudesse aos moradores, sahiu da força dos Afogados cousa de 300 hollandezes uma manhã de 7 de Abril de 1651 em demanda da estancia do Mendonça, com intento de a ganhar. N'ella estava com sua companhia, e por cabo de outras o capitão Antonio Borges Uchôa, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, que, vendo o inimigo, começou a pendenciar com elle com a gente que o acompanhava, com muitas cargas de mosquetaria, pendenciando muito tempo, o investiu á espada, fazendo-o retirar, e lhe mataram 15 e muitos feridos, e ficando o campo tinto em sangue de muitos feridos, que levaram. Da nossa parte houve 6 feridos.

Mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, em 16 de Julho de 1651, á campanha do Rio-Grande ao capitão João Barbosa Pinto, do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, com 300 homens á sua ordem, para que fizessem todo o damno, que pudessem ao inimigo, que estava n'aquella campanha; e, chegando ás Guararairas, os hollandezes se recolheram á uma força, que, investindo-a, os prendeu a todos os que n'ella estavam, e lhe fez muito damno n'aquella campanha, arrancando-lhe os mantimentos que tinham plantados, e depois se tornou para o arraial, trazendo 83 pessoas presas, entre negros e indios da terra, e lhe fez muita destruição nas roçarias e mais lavouras.

Sabendo os hollandezes que de nossas estancias sahia todos os dias uma companhia a descobrir o campo, sahiram de suas forças em 11 de Outubro de 1651 cousa de 150 homens a emboscar-se no matto em tres partes, para que,

sahindo a nossa gente a descobrir o campo, os degolassem; e sendo vistos por nossas sentinellas, deram logo parte ao capitão Manoel de Aguiar, que estava por cabo d'aquella estancia, os investiu com grande esforço, e pelejando muito tempo os fez retirar com perda de mortos e feridos, que se não soube ao certo.

Muito se desvelava o inimigo em roçar o matto da estancia do Aguiar, por lhe servir de estorvo para não darem com a artilharia na estancia, e senhorear-se d'ella, e assim mandou, em o 1º de Novembro de 1651, um capitão com gente que lhe pareceu bastante para defender os que haviam de roçar o matto; mas, sendo vistos pelo capitão Manoel de Aguiar lh'o defendeu, de sorte que os fez retirar com mais pressa do que a com que vieram, porque pendenciou com elles até os metter debaixo de sua artilharia, ficando seis mortos, e se retiraram com muitos feridos; da nossa parte houve quatro feridos.

Vendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes não sahiam fóra de suas forças, havia tantos mezes, lhe pareceu conveniente fazer-lhe algum damno para mais o intimidar, e juntamente via que os nossos soldados, desejosos de pelejar, andavam enfadados pelos ter ociosos.

Mandou em o 1º de Maio de 1652 ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso com 400 homens fazer uma emboscada entre as forças do inimigo, Barreta e Afogados, onde esteve até o outro dia; vendo, pois, o sargento-maior que o inimigo não tratava de sahir fóra, o mandou no seguinte dia picar a força da Barreta, d'onde sahiram a pendenciar, e dos Afogados sahiram tambem a soccorrel-os, cuidando cortar a nossa infantaria, que pelejava valorosamente com dois esquadrões do inimigo, um que sahiu da força da Barreta a defender, outro dos Afogados

a soccorrer, travando-se uma sanguinolenta batalha, que, durando mais de hora e meia, uns e outros, fracos de pelejar, e as armas tão quentes, que nas mãos as não podiam suster; o inimigo já não podia resistir, porque a nossa infantaria os ia desbaratando, e elles já de todo o ponto perdidos, uns se lançavam ao rio, outros descompostamente se retiravam para a força, lançando as armas por escaparem com vida, outros armas e vida juntamente. Muitos se afogaram no rio, e no campo ficaram 15 mortos; levaram muitos feridos, ajudando-nos sempre Deus contra aquelles que tantas offensas haviam feito á suas sagradas imagens.

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes no Rio-Grande haviam junto muita quantidade de páo-brasil para mandarem para a Hollanda, e de lá soccorriam os do Recife com mantimentos, mandou, em 20 de Maio de 1652, ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, com 500 homens fazer todo o damno possivel aos hollandezes; chegando ao Rio, aprisionou quantidade de negros, arrancando-lhes todas as roçarias e todos os mais mantimentos que no campo achou, e lhe queimou muita quantidade de páo-brasil, matando muitos hollandezes e indios com que se tornou para Pernambuco, deixando feito muito estrago n'aquella campanha.

Os hollandezes estiveram em suas forças com grande vigilancia por alguns mezes; porém, sempre lhe causou grande cuidado aquella estancia do Aguiar, que tantas vezes determinaram roçar aquelle matto, que está junto, para descobrir aquella estancia, e com sua artilharia senhorearse d'ella para fazer o damno possivel aos moradores, e com esta determinação sahiu o inimigo em 11 de Março de 1653 a querer roçar o matto com intento de ganhar a estancia. N'ella estava por cabo o capitão Affonso de Albuquerque,

o qual, sabendo o designio do inimigo, marchou com toda a gente que a seu cargo tinha, pelas 7 horas da manhã, a lhe impedir o intento, ainda que o inimigo procurava fazer todo o damno á nossa gente com sua artilharia, comtudo, o capitão os investiu, e fez retirar com mostras de muitos mortos e feridos, que se não soube ao certo pelos retirarem logo; e da nossa parte houve tres feridos.

Como quer que o inimigo fizesse tantas diligencias por ganhar aquella estancia do Aguiar, a mandou provêr o mestre de campo general com 5 companhias e por cabo d'ellas o capitão Paulo Teixeira, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, e sahindo o inimigo, em 18 de Junho de 1653, com mais de 200 homens de sua força dos Afogados, tendo suas emboscadas feitas, para que, passando a nossa gente, a degolassem; porém, o capitão, investindo com elle, o fez retirar e levantar as emboscadas, onde tinham 50 homens, e, retirando-se estimulado com muita perda de gente morta e ferida, se refez de maior poder, e no mesmo dia veiu pelas 3 horas da tarde ao mesmo posto, e, tornando o capitão sobre elle com sua gente, que, travando peleja com muitas cargas de mosquetaria, durando grande espaço de tempo, o fez retirar á sua força, com perda de mortos e feridos, que não foram poucos.

Por este tempo chegou aviso ao nosso arraial em como o inimigo fôra ao rio de S. Francisco para trazer para o Recife todo o gado que pudesse, porque lhe ia faltando o mantimento.

Assistia no Rio com suas companhias o capitão Francisco Barreiras, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, e tendo encontro com o inimigo em uma parte que chamam Santa Isabel, onde se travou peleja que durou grande espaço, fazendo retirar com grande perda, sem ter effeito seu intento, havendo muito grande repugnancia de

parte a parte. O nosso capitão os foi seguindo com sua gente, com carga de mosquetaria, a que o inimigo, dando algumas cargas, topou uma bala de mosquete ao capitão, fazendo-lhe grande bateria, onde cahiu morto e tres soldados nossos e doze feridos; do inimigo ficaram 37 mortos e muitos feridos: ficou o mestre de campo bem pezaroso em haver perdido aquelle capitão por ser tão valente soldado, e mui previsto nas regras militares.

Não deixava o inimigo de seguir o intento que tinha em descobrir aquella estancia do Aguiar e roçar o matto, não reparando nas grandes perdas que por tantas vezes alli havia perdido, parecendo-lhe que, ganhando-a, poderia ter algumas esperanças de fazer algum damno á nossa gente, e vir a ser senhor do nosso arraial; mas, sempre se enganou, porque os nossos capitães sempre o fizeram com muito valor, seguindo-os sempre até debaixo de suas forças; o inimigo com este intento sahiu da força dos Afogados a roçar o matto com 300 homens. Estava n'este sitio por cabo o capitão Francisco Pereira Guimarães com 70 homens, investiu o inimigo e o fez retirar, matando-lhe muitos de seus soldados, com que, descompostamente, se recolheram em sua força, o que não seria sem grande perda.

Da nossa parte feriram um capitão, um alferes, e um soldado, que foi em 12 de Novembro de 1653, com que o inimigo se deixou uns dias, e em 18 do mesmo mez sahiu com mais de 300 homens com o mesmo intento; mas, o capitão Manoel de Aguiar, que estava por cabo na mesma estancia, o fez retirar com alguma perda de mortos e feridos, que se não soube pela pressa com que os retiraram, frustrando-se sempre seu intento.

CAPITULO VIII

Da preparação que se fez para a restauração e entrada do Recife e outros successos.

Vendo o mestre de campo João Fernandes Vieira, que se ia dilatando a guerra por ser lenta, com que a infantaria se ia enfadando, e muito mais os moradores, por verem que não eram soccorridos, e vendo-se perder as vidas e gastar a fazenda com receios que no fim viriam ser todos mortos e destruidos; e, conhecendo o mestre de campo esta desconfiança entre toda a gente, e vendo elle que era a causa principal d'estas queixas, se resolveu a procurar com todo o cuidado os meios por onde poderiam ser restauradas estas capitanias da tyrannia do inimigo.

Procurou o remedio d'onde lhe podia vir, e, tanto que o teve, manifestou ao mestre de campo general Francisco Barreto, que então governava as armas, as razões que havia para que tratassem da guerra e da restauração, e tanto que foi informado do que o mestre de campo João Fernandes Vieira lhe disse, respondeu que era necessario tomar sobre isso conselho, porque havia grandes duvidas para commetter empreza tamanha, e que n'outra occasião se resolveria o negocio. Estava n'este tempo de assistencia o mestre de campo general no Pontal de Nazareth. Passados alguns dias tornou o mestre de campo João Fernandes Vieira a apertar com o negocio para a resolução. Pôz o mestre de campo general as razões e as duvidas que se offereciam, que todas eram de aceitar; mas, o zêlo e vontade do mestre de campo João Fernandes Vieira facilitavam com outras mais forçosas para que se désse principio á restauração, e as ultimas que deu, foi dizendo:

estamos aqui tres mestres de campo, e V. S. que é mestre de campo general, faça-se um conselho para vêr o que se resolve pelos mais votos. Approvou o mestre de campo general este parecer, chamando os mestres de campo á igreja de S. Gonçalo da Praia, 7 leguas do arraial, e alli com todo o segredo se propuzeram as razões de tudo o que era necessario para a resolução da empreza, perguntando-se o voto do mestre de campo Francisco de Figueirôa, não votou cousa em que se pudesse apegar mais que impossiveis.

Perguntou-se o voto do mestre de campo André Vidal de Negreiros, que com o zêlo respondeu, que elle já tomára vêr o fim da guerra, e sua patria restaurada; mas, se houvéra de sentir algum effeito do que se intentava, que era de parecer se conseguisse. Pediu-se o voto do mestre de campo João Fernandes Vieira, e como autor da obra trazia mais diante dos olhos a vontade de dar fim á guerra, dizendo para os companheiros:

Nós somos christãos, filhos da igreja, somos vassallos da Magestade de Portugal. Somos Portuguezes, que sempre defendemos os mandamentos da lei de Deus e de sua igreja, com razão devemos ter confiança no bom successo, como até aqui havemos tido em todos.

Vejo o miseravel estado em que nos vamos pondo, e cada vez será peior, com que será maior acerto procurar por uma vez vencer ou morrer. Estas armadas do comboyo são portuguezes como nós, quando passar por aqui pedir-lhe-hemos da parte de Deus que nos soccorram, e que nos ajudem, já que Sua Magestade tem razões para o não fazer; além d'estas razões, deu o mestre de campo muitas mais, que o mestre de campo general Francisco Barreto ouviu com tenção, dizendo da sua parte que não havia duvida, que o que elle propunha era o que convinha; mas

que via que para o dar á execução não havia o necessario.

Respondeu-lhe o mestre de campo João Fernandes Vieira, que dissesse tudo o que se lhe offerecia para dar principio á resolução. Respondeu que tinha pouca polvora e morrão, e não havia nenhum mantimento, nem as ferramentas necessarias para trabalhar, nem taboado para explanadas, nem cestos para a terra, nem saccaria para as trincheiras, nem reparos para a artilharia e outros necessarios que manifestou. Perguntou-lhe o mestre de campo João Fernandes Vieira, se punha duvida o que tinha referido, e supposto que as razões eram poderosas, e como de soldado tão grande, lhe disse com resolução: tudo isso me obrigo a remediar e a procurar, dando-me V. S. o poder: com bôa vontade lh'o concedeu o mestre de campo general, e entre todos os mestres de campo ficou de accôrdo, seguindo todos o parecer do mestre de campo João Fernandes Vieira, que tanto que apparecesse a armada do comboyo, se trataria de dar principio, se o general da frota concedesse o que se lhe pedisse; e entretanto que se fôsse preparando todo o necessario, com todo o segredo e dissimulação, que assim o permittiu Deus se conservasse.

Começou logo o mestre de campo João Fernandes Vieira, com o seu descoberto zêlo e vontade, a procurar de todos os moradores, começando primeiro em si, a cujo exemplo seguiram todos o mesmo zêlo e vontade, que pedindo elle um lhe davam quatro de qualquer genero que pedisse, e offereciam tudo quanto possuiam e as proprias vidas, e assim o fizeram. Em poucos dias ajuntou mantimentos para 17 mezes para todo o exercito e todos os mais de sobra, e tudo se comboyou para os postos convenientes, que foi uma admiração a facilidade com que o mestre de campo João Fernandes Vieira obrou, porque muita gente entendia que

era impossivel poder-se conseguir a facção, pelo muito que se havia mister; mas, elle obrou de maneira que parecia que tinha tudo em armazens; mas, o certo é que Deus ajudava por conhecer o amor com que o servia. Isto posto em via e preparado, foram esperando a vinda da armada do comboyo, e entretanto se ia picando o inimigo; elle fazia algumas sahidas, em que havia algumas pendencias, em que havia mortos e feridos; mas, como eram de pouca consideração, não se faz d'ellas menção, até que chegou o dia em que chegou a armada do comboyo, a pôr-se sobre o Recife, e vinha por general Pero Jacques de Magalhães, e por seu almirante Francisco de Brito Freire, e chegaram alli.

E tanto que os nossos mestres de campo viram estar alli a armada, se fez conselho sobre o que se faria, resolveu-se que mandasse o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes aviso ao general da armada, pedindo-lhe se quizessem avistar no mar ou na terra. Foi o general tão cortez e o seu almirante, que vieram á terra e desembarcaram no Rio-Doce, onde o mestre de campo general foi com todos os mais mestres de campo a recebel-os, e depois de se saudarem e as cortezias de parte a parte, se manifestou a resolução que tinham tomado para dar principio á restauração; mas, que para obrar com melhor fundamento, e os soldados e os moradores terem melhor vontade e animo, era necessario que a armada estivesse alli de fóra tanto tempo, e que haviam as lanchas de todos os navios barquear a terra muitas vezes, para que cuidasse o inimigo, que era desembarcar gente e munições. Defendeu-se o general com razões, que não podia alli deter a armada, em razão dos tempos, que entrariam os sues, e que debaixo d'isso que elle não tinha ordem nenhuma de Sua Magestade para tal fazer; que não queria que lhe cortasse a cabeça.

Apertaram-se as razões tão poderosas e piedosas que veiu o general a resolver-se a acompanhar aos da terra e ajudar aos portuguezes seus naturaes, e o mestre de campo João Fernandes Vieira, que n'este tempo lhe fazia mil requerimentos da parte de Deus, pedindo-lhe que restaurasse aquella christandade, já que Deus o trouxéra alli, e que da mesma sorte lhe permittia todo o bom successo, e que não houvéra faltar tempo para seguir a viagem, e como o general era amigo do mestre de campo João Fernandes Vieira, e o almirante pela outra parte ambos de conformidade consentiram em tudo, sem repararem em risco nenhum, nem no castigo que Sua Magestade lhe podia dar. Marcharam todos para a villa de Olinda, onde n'aquella noite dormiram todos, praticando na materia, para no outro dia se fazer conselho para começar a batalha. Considere o leitor as variedades que haveria nos taes dias e noites, e as desconfianças e confianças em differentes animos e vontades, quem n'este tempo constante e só confiado vira o mestre de campo João Fernandes Vieira, animando aos soldados e aos moradores que alli se achavam, não socegando em toda a noite em lhe facilitar e permittir grandes felicidades da parte de Deus, com que todos se davam por contentes e alegres até que pela manhã que foram.... horas, chamou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes a conselho, onde chamou os mestres de campo, tenentes-generaes, sargentos-maiores, em que assistiu o general da armada e o almirante, e, todos juntos, propôz o mestre de campo general as razões que se lhe offereciam para duvidar de conseguir aquella empreza pelos grandes riscos que se offereciam. Propôz, como general, para ouvir aos mais, e cuidando o mestre de campo João Fernandes Vieira, que tudo estava facil para a execução; alli viu os maiores impedimentos (que nem todos se hão de chamar a conselhos em semelhantes occasiões),

porque, começando de votar a quem tocára, tudo foram difficuldades e variações. Foram-se ouvindo os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros, Francisco de Figueirôa, o tenente-general Philippe Bandeira, o sargento-maior Antonio Dias Cardoso, o sargento-maior Antonio Jacome Bezerra e o sargento-maior Hieronimo de Enojoza.

Depois d'estes votarem, pediu o mestre de campo general ao general da armada Pero Jacques de Magalhães e ao seu almirante Francisco de Brito Freire que votassem; responderam ambos que não votavam sem ouvir primeiro ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que, como autor da obra, e mais pratico e visto no paiz, teria as cousas mais bem vistas. Pediu o mestre de campo general que quizesse dar o seu voto, obedeceu e disse: ha tantos tempos que se tem visto e fallado n'esta materia, em que todos foram de parecer se tratasse da restauração; aprestou-se todo o necessario, está junto, e a infantaria e a armada no mar com as pessoas que a governam com vontade de nos ajudar, com que não fica lugar de deixar de conseguir a execução d'esta restauração, que, quando de todo o não consigamos, ganharemos algumas forças do Recife, assim como temos ganhado as demais praças, com que o inimigo ficará mais fraco de suas forças, com que será mais facil vir alguma conveniencia. Perguntou o mestre de campo general por onde lhe parecia que commetteriam o Recife, respondeu que fallassem os mais cabos. Uns disseram que por uma parte, outros que pela outra; mas, com nenhum se ajustou o mestre de campo, e disse que o seu parecer era mui differente d'aquelles, encontrando e vencendo com razões os lugares que tinham apontado, dizendo que os terrenos eram limitados e sem agua, que se haviam de buscar os lugares mais convenientes, onde houvesse agua e lenha, e com facilidade serem soccorridos, e ficarem os moradores seguros debaixo de

nossas armas, que pela força que se chama de Francisco do Rego se houvéra começar, e era a terra firme, e que alli podiamos levar com mais facilidade a nossa artilharia ; e que aquella força ganhada sujeitavamos a praça do Recife, que até os navios se offendiam, e d'alli começariamos pela força de Altenar, e d'alli iriamos buscar a força da eminencia e a das Cinco-Pontas, e a isto ajuntava mais as razões necessarias, e offereceu por papel, como se houvéra ir obrando, ouvindo ao mestre de campo João Fernandes Vieira, pediu ao general da armada e ao seu almirante o seu parecer; responderam que elles seguiam todos os que o mestre de campo João Fernandes Vieira déra, que ainda que elles não foram tão ajustados como eram, que por muitas razões se houveram de seguir por mais interessado no negocio, por mais pratico na terra e o que maior conhecimento tinha da natureza e traça dos flamengos, e que lhe parecia justo darem logo principio á guerra, que elles da sua parte se offereciam para ajudar em tudo. Ajustou-se o mestre de campo general com os pareceres ultimos, e resolveu como general, e dispôz com todo o acerto e prudencia. Mandou ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que n'este tempo tinha provido e guarnecido as fronteiras com o seu terço, que fôsse segurar todas as entradas que o inimigo tinha e o sitio de suas fortalezas, cavas e estacadas e pontes, para se saber o modo com que se houvéra obrar; e que, para poder fazer esta segurança, nomeasse a gente que lhe parecesse, do seu terço, para a defensa. Pediu-lhe o mestre de campo dois engenheiros, que havia um portuguez, que sabia pouco, e um estrangeiro, que entendia melhor, para tomarem conhecimento dos terrenos para saberem como houveram de obrar. Pôz-se o mestre de campo em bombaixa, e marchou pelo estylo da terra, ficando todos os demais cabos na villa de Olinda; e tanto que entrou a noite,

começou a ir descobrir todas as forças e fronteiras que tinha o inimigo fóra do Recife, e n'este descobrimento em muitas das forças era sentido e começava o inimigo a laborar com mosquetaria e artilharia, que assombrava o ar. N'este tempo se tendia o mestre de campo com a gente que levava no campo com todo o silencio, até que o inimigo se tornava a socegar, e elle socegado marchava para outra força só com o engenheiro estrangeiro, que era bastante animoso, e em resolução na dita noite fez o mestre de campo tal diligencia, chegando a pôr a mão em todas as estacadas, descobrindo os fossos, desprezando a vida no maior perigo que se podia imaginar; e d'isto será testemunha o mesmo estrangeiro, quando haja quem ponha duvida na verdade; e é para reparar que um homem mancebo, casado de pouco tempo, rico, com demasiadas riquezas, sem ter filho que as gozasse, se arriscasse tão facil a perder a vida, e com este mesmo zêlo o ajudou Deus, que não intentou cousa que não conseguisse. Recolheu-se á villa de Olinda a dar parte ao mestre de campo general Francisco Barreto do que tinha obrado, e, depois de lhe agradecer o grande serviço que havia feito, mandou que fôsse com o seu terço, por lhe tocar n'aquelle dia a vanguarda, que fôsse a pôr bateria e a situar a força do Rego, e logo atrás d'isto marchou todo o exercito a alojar-se por todas as fronteiras e situarem-se pelas costas das baterias. Preparou-se o mestre de campo João Fernandes Vieira com a deliberação e confiança de animoso soldado, pedindo com grandes encarecimentos a todos os cabos e soldados do seu terço, quasi com as lagrimas nos olhos, chamando a uns filhos, a outros irmãos, dizendo-lhes: este é o dia e principio de nossa felicidade, da restauração da grande christandade, e das honras de nossas mulheres e filhas, confiemos todos em Deus, que o temos da nossa parte, não haja em nenhum receio dos estrondos

das armas, nem do sangue que muitos de nós podemos derramar, porque de necessidade são os effeitos da guerra ; e só ponham o sentido que os que ficarem vivos hão de vingar a morte de nossos companheiros, e a todos quantos são mortos n'esta guerra e d'aqui por diante morrerem, saibam que tenho mandado dizer e hei de mandar dizer pela alma de cada um sua missa, e, para começarmos, digamos todos de joelhos, com grande devoção, um Padre Nosso e uma Ave Maria, offerecido ás chagas de Christo, para que, por esse meio, sejamos vencedores contra a herezia.

Entrou a noite, começou com todo o silencio a carregar oito cestões, que eram feitos por conta para poderem reparar as peças de artilharia de bater, e as assentou a tiro de pistola da fortaleza, e, depois de assentados, os mandou encher com saccos de terra, e, depois de cheios, mandou chegar quatro peças de artilharia de 24 ás mãos, que estavam distantes da fortaleza um bom tiro de mosquete ; e houve tal prevenção em as levar, que nenhum rumor fizeram; assentou-se a explanada, pôz-se a artilharia em sua conta, começou da bateria para a parte do sul a abrir uma cava até entestar dentro no rio, e pela banda do norte mandou abrir outra começando da mesma bateria, até entestar no mesmo rio, com que ficou a fortaleza em cerco com a bateria, rio e cavas ; mas, das cavas se descortinava bem as portas das fortalezas a tiro de pedra ; guarneceu as cavas, abriu estradas encobertas para soccorrer onde fôss enecessario, mandou fazer outras cavas de alojamento, onde estava a gente encoberta. Tanto que teve tudo posto em ordem, sem o inimigo ter sentido cousa nenhuma, estando ouvindo fallar sobre a madrugada perto da manhã, mandou levantar bandeiras na bateria e pregar de subito a explanada, que não estava mais que apontada, por não se

ouvirem as pancadas, e na hora em que se deram parecia uma quarta-feira de trevas, e tanto que se segurou para poder laborar a artilharia ao amanhecer, disseram as sentinellas portuguezas ou camaradas do forte—bons dias! No mesmo instante mandou dar fogo ás quatro peças de artilharia, que estavam apontadas ao dito forte, com que os flamengos ficaram assombrados; começou a bateria a laborar, e a fortaleza do inimigo da sua parte com porfiada pendencia de artilharia e mosquetaria. Disparavam tambem as fortalezas do Recife e as que estavam tambem da nossa parte em terra firme, e os mesmos navios que estavam no porto, que eram muitos, com que faziam um notavel estrondo, que fazia tremer a terra e o mar. Durou esta cruel bateria até uma hora depois do meio-dia, e cessou para haver outra maior. N'este mesmo tempo tinha o inimigo preparado soccorrer a força com esquadrões por terra e embarcações pelo rio para vir tambem a buscar a bateria; descobriram as sentinellas que o inimigo marchava assim por terra, como por mar, de que ficou o mestre de campo muito alegre pela confiança que tinha de os vencer; vieram chegando até que chegou o tempo da pendencia porfiada e renhida, as embarcações, para metterem o soccorro pela porta, os que vinham por terra para os defenderem, e a nossa gente a defendel-o, até que o mestre de campo João Fernandes Vieira lhe pareceu tempo, mettendo mão á espada, mandou sahir toda a infantaria fóra dos alojamentos e cavas a peito descoberto, e investindo-os com toda a resolução, sem reparar em treze fortalezas que sobre elle estavam batendo, e outros tantos navios que se encontravam as balas umas com as outras, e das fortalezas vizinhas, tambem laborava a mosquetaria, e era tal o fumo das armas, que quasi se não viam uns aos outros; aqui se desprezava a vida por se avantajarem todos a fazer melhor sua obrigação,

começando do mestre de campo até o minimo soldado. Que acertada cousa fôra se aos reis e principes do mundo pudéra ser revelado o zêlo e valor de alguns vassallos, para lh'o agradecerem? Mas, ainda mal, porque logram as mercês os que não têm merecimentos, e os que têm ficam no esquecimento; mas, só Deus paga com justiça. Em resolução, ficou o intento do inimigo frustrado, ficando uns degolados em campanha e outros fugidos para dentro do rio, largando as chalupas, que não puderam retirar, com que os da força ficaram descoroçoados, n'esta prolongada bateria, chegando á espada e ás punhadas depois das armas de fogo estarem tão quentes que já não as podiam supportar nas mãos, mandou o mestre de campo recolher a infantaria a seus lugares de cavas, e mandou contar os mortos que lhe ficariam da bateria da sua gente, imaginando que seriam muitos, se viu um notavel favor do céo, que não houve mortos mais que.... e feridos.... e da parte do inimigo se não pôde contar a quantidade, por ficarem mettidos por diversas partes e pelo rio; mas, foi a perda tão consideravel, que foi o inimigo tão intimidado, que d'aquelle dia por diante não pôz mais mão em arma mais que para se defender.

Depois de tudo socegado, descansou a gente, e começou a se pôr em seus postos para o que se offerecesse. Entrou a noite, e entrou de guarda o mestre de campo André Vidal de Negreiros, a quem o mestre de campo João Fernandes Vieira entregou o posto e bateria, quando foram pelas 9 horas da noite, pediram os da fortaleza quartel e se entregaram ao partido, entregando a fortaleza com.... homens, peças e munições, bom principio de, em tão poucas horas, entregar-se uma força de tanta consideração! Amanheceu o dia, foram se preparando as cousas necessarias para pôrem segunda bateria á força de Altenar, entrou outra vez o mestre

de campo João Fernandes Vieira de guarda, ordenou-lhe o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, que fôsse pôr sitio á fortaleza de Altenar e a situasse como a outra. Entrou o silencio da noite, deu á execução o mestre de campo a ordem, mandou carregar os cestões para o lugar onde se punha a bateria, e logo os mandou encher e armar as explanadas, e carregar a artilharia ás mãos, que de uma força á outra eram dois tiros de mosquete. Chegou-se sem o minimo sentir, que parece que Deus o estava cegando; depois de preparada a bateria, mandou o mestre de campo abrir as cavas, e assim, e da maneira que o havia feito na outra fortaleza, porque estava a força no mesmo terreno; abriram-se as cavas, alojou-se a gente, chegou a manhã, seguiram as sentinellas o mesmo estylo. Tanto que o dia se descobriu, começou a laborar a artilharia, de parte a parte, desfaziam-se as fortalezas do inimigo, e a povoação de Santo Antonio, á qual o conde de Nassau deu o titulo de cidade de Mauricea, que tambem tinha muita fortificação, e ficava perto da nossa bateria pela parte do sul. Durou a bateria de artilharia e mosquetaria até 2 horas depois do meio-dia; mas, não quizeram experimentar a galhofa passada. Vieram só pelo rio tres ou quatro lanchas para metter soccorro na fortaleza, por ter a porta junto ao rio; mas, sahiu-lhe tambem frustrada a tenção, porque os capitães que estavam nos principios das cavas de uma parte e da outra, lhe defenderam o soccorro a todo o risco; vendo o inimigo da força que lhe não podia entrar o soccorro de munições e gente que vinham nas lanchas, ficou descoroçoado, e estando na força do inimigo uns poucos de indios, se botaram ao rio a nado, e fugiram. Mandou o mestre de campo laborar a bateria e mosquetaria, a que o inimigo da força respondia já muito brando; quando foi pelas 3 horas botou o inimigo da fortaleza bandeira de quartel, veiu ao

partido e entregou a fortaleza com.... soldados, peças e quantidade de munições. Guarneceu-se a fortaleza, entrou a noite. N'este tempo tinha mandado o inimigo retirar a força dos Afogados, que era inexpugnavel, que estava da nossa parte da terra firme, retirando alguma artilharia d'ella e deixando outra.

Na mesma occasião, largou a força da Barreta, que tambem estava da nossa banda da terra firme, retirando alguma artilharia, deixando outra, e na campina, que chamam do Taborda, mandou retirar duas casas fortes que guardavam aquelle campo quando marchavam do Recife para os Afogados. Tambem largaram a praia do Recife, que ia para a villa, duas fortalezas, uma de grande consideração, que era do Buraco, e outra chamada dos Perregis. Ha de se reparar que todas estas fortalezas eram inexpugnaveis e bem guarnecidas de gente, e de artilharia e das mais armas, todas se podiam soccorrer por mar. O certo é que, quando Deus quer, e a guerra se faz com zêlo, é facil vencer as batalhas. Depois de rendida a força de Altenar, entrou de guarda o mestre de campo André Vidal de Negreiros, que tinha entrado de guarda por lhe tocar; e não faça duvida o leitor em não se fallar em outro mestre de campo, porque o outro que havia, por occupações que teve, não veiu senão depois do Recife posto em partidos. Ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que tinha entrado de guarda, que fôsse investir um reducto á escala, que se chama eminencia, e a ficava sendo da grandiosa fortaleza chamada Cinco-Pontas, e pelo silencio da noite marchou o mestre de campo, e quando foi sobre a madrugada investiu o reducto com seu costumado valor, não fazendo caso da grande resistencia que o inimigo fazia para estar bem fortificado; mas, não lhe valendo nada de sua prevenção, foi

entrado o reducto, degolando o inimigo, que eram.... e da nossa parte houve perda de um valoroso capitão chamado João Barbosa Pinto.

Vendo-se o inimigo tão apertado, e vendo as resoluções tão notaveis com que se lhe escalava e rendiam as fortalezas, estavam embaraçados e admirados de vêr o estylo; e não havia soldado flamengo que quizesse tomar armas, nem tinham vontade de pelejar.

Entrou o mestre de campo João Fernandes Vieira de guarda nas trincheiras que estavam juntas ás Cinco-Pontas a tiro de arcabuz. N'aquella noite, levantaram-se mais as trincheiras e accrescentaram-se trincheiras, d'onde se picava o inimigo com a mosquetaria; que alli não tinhamos artilharia, por não se poder alli carregar, e só o inimigo laborava com ella com grande admiração; mas, nós por todas as partes não nos desandavamos a fazer o damno que podiamos. Não fez n'aquelle dia o inimigo menção de si. Entrou o mestre de campo André Vidal de Negreiros de guarda nas mesmas trincheiras; quando foi pela manhã, mandou o inimigo embaixada a tratar de partidos. Gastou-se n'isso aquelle dia, por haver algumas repugnancias; mas, ficou-se de accôrdo que no dia seguinte se entregariam. Tornou o mestre de campo João Fernandes Vieira a entrar de guarda nas mesmas trincheiras, e estas guardas se faziam com a gente necessaria para o que se offerecesse. Amanheceu o que era dia de entrega. Ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que estava de guarda, que fôsse tomar entrega da praça do Recife e da povoação de Santo Antonio, que era a cidade de Mauricea, e que nas praças desarmasse as infantarias do inimigo e tomasse entrega das fortalezas e as guarnecesse. E entregue das chaves de todas as portas e armazens, marchou o mestre de campo com 1,500 homens

do seu terço, que, supposto que tinha 2,000, marchavam os 500 para outra parte com o mestre de campo André Vidal, que marchou por outro lado para guarnecer a cidade de Mauricea. Chegou o mestre de campo João Fernandes Vieira á uma praça que lhe pareceu conveniente, que ficava entre a cidade Mauricea e a fortaleza Cinco-Pontas, e alli formou, e, depois de formado, mandou recado ao que governava a praça da cidade de Mauricea, que mandasse sahir os terços de infantaria. Vieram marchando os coroneis com os seus terços. Deu ordem o mestre de campo ao seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, que fôsse desarmando, arrumando em um armazem que alli ficava a um lado, que as armas as fôsse mettendo dentro do armazem; assim se foi fazendo, e elles vindo formados, e á vista do mestre de campo João Fernandes Vieira, com toda a prevenção, porque, visto a gente que se desarmou na quantidade e no lustro, bem se via que era obra do céo. Acabou o mestre de campo de desarmar alli aquella quantidade, marchou para a praça do Recife. Já n'este tempo tinha guarnecido o mestre de campo André Vidal a praça Mauricea. Tanto que o mestre de campo foi entrado n'ella pela ponte, mandou dentro á praça do Recife segurar a entrada toda á gente da ordenança que havia n'ella, e alguma infantaria. Tinham guarnecidas todas as ruas por onde ia passando até chegar á praça principal. Alli formou o mestre de campo a infantaria que levava, e, depois de formada, mandou vir toda a infantaria, que havia paga, e da ordenança para desarmar o inimigo, a quem logo mandou recado que viessem vindo, e assim o fizeram, companhia por companhia, e alli se desarmou a todos; e, depois de dizerem que não havia mais gente para desarmar, mandou o mestre de campo guarnecer todas as forças, portas e lugares que eram necessarios e aquartelar a infantaria; e, depois de ter isto

socegado e quieto, e toda a gente do inimigo por suas casas, sem molestia nem aggravos, foi pessoalmente á casa de um Estado que alli se achava, que era o que governava tudo, e, depois de haver de parte a parte as cortezias devidas, lhe mandou entregar ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que é o que tinha entrado de vanguarda, como fica referido atrás, 73 chaves que eram de todas as fortalezas do Recife e da cidade Mauricea, e de todas as portas das entradas, e de todos os armazens de munições e armas, e alguns em que estavam algumas fazendas, e outros de trens de embarcações e de outras casas em que havia petrechos de guerra de toda a sorte.

Fez aviso o mestre de campo pelo seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso ao mestre de campo general Francisco Barreto do que tinha obrado, porque estava o dito mestre de campo general da outra banda da fortaleza Cinco-Pontas, e logo marchou para a praça do Recife e se situou no palacio que alli havia do inimigo, a cujo lugar lhe foi levar o mestre de campo João Fernandes Vieira as chaves referidas, e dar-lhe conta do que tinha feito. Muito lh'o agradeceu o mestre de campo general com palavras de alegria. Considerem os que conhecimento tinham da soberba com que os hollandezes estavam fazendo opposições aos maiores monarchas do mundo, e as fortificações que tinham as praças do Recife, de Nazareth, de Porto-Calvo, do rio de S. Francisco, da ilha de Itamaracá, na capitania da Parahyba, e na do Rio-Grande e Ceará, que vinha a ser por costa mais de 200 leguas fortificadas, e para o sertão tudo quanto chegava ao povoado; mas, quando Deus é servido, castiga soberbos, derrota forças e põe por terra reinos; assim se viram os hollandezes, que, quando mais ufanos estiveram, lhes veiu o maior castigo, e bem se conhece a certeza d'esta verdade, que, o que não póde obrar tantas

armadas poderosas de tão poderosos monarchas, obravam os miseraveis moradores das capitanias de Pernambuco com mui poucas armas e paus tostados, que, como elles eram os aggravados, os affrontados e os destruidos por taes algozes hereges, quiz Deus que pelas mesmas mãos tivessem o castigo e se desforçassem, fazendo só eleição para seu capitão d'esta empreza João Fernandes Vieira, morador nas mesmas capitanias; e como a eleição foi de Deus, bem se póde entender que havia merecimentos, lealdade, zêlo, valor, riqueza, juizo para as disposições do tal capitão; e as obras com o tempo o foram bem justificando; e tambem se deve reparar que, havendo tão grande numero de homens nas quatro capitanias tão florescentes, foi o unico escolhido para tão grande empreza, e ainda foi maior do que a fama publica pelas muitas e grandes circumstancias particulares e arriscadas que houve, que se não póde explicar.

Com razão e com justiça deve ser sempre lembrado este bem afortunado e valoroso capitão, pondo-se n'elle os olhos para a satisfação de seu merecimento, para que a este exemplo continuem outros famosos, que no agradecimento se conhece o beneficio.

Quando se entregaram as forças do Recife, foi assentado nos partidos, que se fizeram, que todas as mais que estavam por entregar das capitanias da parte do norte, se entregariam, que vem a ser: as capitanias de Itamaracá, Parahyba, Rio-Grande, Ceará, e, depois dos concertos feitos, que os flamengos poderiam, dentro em tres mezes, embarcar-se para Hollanda com todos os bens que possuiam, que, supposto que não eram seus, que eram dos miseraveis moradores que lhes haviam roubado; e não tão sómente os que lhes concederam, e de mais a mais tornaram a vender as quantidades de escravos e de cobres e outras fabricas de engenhos, e tudo resumiram a dinheiro, assucar, tabaco, páo-brasil,

não houveram os tyrannos, se foram vencedores, fazer taes partidos; e bem se vê que pelos que fizeram no arraial de Pernamirim, quando entraram na campanha, que, não tão sómente lhe tomaram a fazenda, que acharam dentro na força, mas ainda lhe venderam e resgataram as proprias vidas a troco de dinheiro, prata e ouro, que os rendidos pediram emprestado aos moradores e parentes, como no primeiro livro cap. 14 se faz menção; mas, o certo é que os partidos dos catholicos têm differenças dos tyrannos, e ainda puzeram por condição, que teriam direito em pedir debitos aos miseraveis moradores, mas n'esta lhes foi respondido e concedido, que, se tivesse justiça e determinado a magestade el-rei de Portugal; mas, como elles não tinham nenhuma, e o rei catholico fôsse informado de suas tyrannias, era certo que lhe mandaria aos hollandezes restituir o que lhe levavam, e não que lhes satisfizessem o que tinham roubado e lhes tornaram a vender.

Depois do mestre de campo general Francisco Barreto ter averiguado e satisfeito aos hollandezes nos partidos, mandou tomar entrega da capitania de Itamaracá e das mais; e, como os flamengos têm por costume serem falsos e cavillosos em seus contratos, mandaram dissimuladamente avisos ás mais capitanias, que se embarcassem nas embarcações que tivessem e largassem as praças, e cravassem a artilharia que não pudessem levar antes que a nossa gente chegasse. Assim o fizeram, deixando as praças desertas. N'estas culpas e falsidades não repararam os hollandezes. Guarneceram-se as praças. Foi o mestre de campo João Fernandes Vieira a governar a Parahyba e fortificar as trincheiras e ruinas que houvesse nas fortalezas, e a descobrir a cidade, que tudo estava arruinado e queimado; e consentiram commercio dentro na Quicama, e entraram religiosos e baptizaram quantidade de gente, e se baptizou o mesmo imperador,

que se chamava Cafugi, de que foi padrinho por toque o governador. Assombrou isto toda a Ethiopia, el-rei do Congo, com ser tão rebelde, foi o mais obediente que n'aquelles tempos houve, e todos os tres mezes mandou bacular ao governo, concedeu ao governador o commercio livre em seu reino, o que não fazia. Fez pagar á fazenda real o que devia a maior parte, entregou toda a gente fugida que tinha dos moradores, que eram grandes quantidades por haver muitos annos que as recolhia, cousa que nunca quiz fazer. E em resolução, todo o gentio sujeitou e fez baptizar quantidades de almas, tudo pôz em paz e quietação na cidade, mandou acabar o governador uma fortaleza, que se chama de Santo Amaro, que havia muitos annos que se tinha começado, e se havia gastado da fazenda real mais de trinta mil cruzados, e lhe faltava por acabar mais da quarta parte, que foi acabada com perfeição com menos de duzentos mil réis da fazenda real, porque a agencia e a disposição faz muitas vezes mais que o cabedal; deu principio a uma matriz grandiosa, por a não vêr alli, e, quando largou o governo, deixou as paredes nas cornijas com a capella-mór e mais capellas acabadas, sem n'esta obra gastar fazenda real, quantidade da sua sim, como é notorio. Fez um cáes na povoação da praia, que entrou pelo mar dentro mais de oitenta braças, todo de cantaria gateada, obra de grande importancia para a carga e descarga dos navios, por ser alli um sapal, sem dispendio da fazenda real; botou pela barra fóra, em tres annos e onze dias que governou, 59 navios carregados de gente, em que houve muitas náus que levaram mais de duas mil almas, que foi cousa grandiosa.

Chegando áquelle reino, o governador achou quantidade de moradores ausentes pelos mattos, quebrados por dividas; todos pôz livres e pagou por elles mais de sessenta mil cruzados, e fez outras grandezas, que é costumado de

esmolas e favorecer pobres. Recebeu no tal governo grandiosas perdas de fazenda; mas, por outra parte, é favorecido de Deus com bastantes bens, bemquisto e bem afortunádo, e bem mostra esta verdade, quando cinco capitanias, á sua voz e vontade, largaram suas vidas e fazendas e as proprias honras, pelo seguirem e fazerem a guerra da restauração, havendo nas capitanias mais de 500 mil almas; mas, não era muito fazel-o, porque era pai de todos, e a todos favorecia e ajudava quando o occupavam.

Considerando todas as razões, crueldades e tyrannias que os hollandezes fizeram a todos os moradores do Estado do Brasil, como é notorio, por obras e damnos recebidos são tão orgulhosos, matreiros e cavillosos, que, para desfazerem ou cuidar que desfazem as maldades escriptas em uma paz que fizeram quando se viram mais miseraveis com a magestade de Portugal el-rei D. João IV, pediram pretenções de perdas e dividas, como se elles não deveram muito mais, e pela pouca informação que a magestade tinha, e por ser amigo da paz como tão catholico, não reparou condicionalmente no pedido, porque deviam de ser primeiro ouvidos os miseraveis moradores, que eram as partes mais interessadas em suas ruinas, e, para que melhor se veja a certeza da verdade e a maldade dos flamengos, me pareceu mostrar aqui as razões seguintes por manifesto, que da parte dos moradores se offereceram já ha muito tempo.

MANIFESTO DE RAZÕES PODEROSAS

Que os miseraveis moradores das capitanias de Pernambuco, vassallos de Vossa Magestade, allegam para que Vossa Magestade com olhos de piedade, as mande examinar por pessoas desinteressadas, que tenham zêlo do serviço de Deus e do bem commum, e ao dito Senhor tomam por defensor de sua causa, etc., etc.

Com pouca razão e justiça pedem os hollandezes perdas e dividas, aos moradores das capitanias de Pernambuco, sendo elles a unica causa da ruina e destruição de fazenda e perda de vidas, que cruelmente lh'as tiraram debaixo de passaportes e palavras promettidas, e a tudo faltavam os ditos hollandezes !

Na éra de 1623 para 1624, estando quieto o Estado do Brasil, patrimonio legitimo da Corôa de Portugal, vieram os hollandezes á Bahia com uma cavillosa armada, e por entrepreza e com enganos a tomaram, roubando quantidades de riquezas, arruinando muitas fazendas, tirando vidas sem lhes darem occasião, commettendo n'esta execução dois crimes notaveis ; o primeiro em quererem usurpar a terra á corôa de Portugal não tendo guerra com elles, o segundo a el-rei de Castella sendo seus vassallos, que n'este tempo possuia intruso o Estado do Brasil, e mandou restaurar por uma grossa armada sua, em que teve grandes gastos. Pagaram os hollandezes ás magestades dos reis, e a seus vassallos as perdas e ruinas que lhes deram contra direito, para elles as pedirem.

Depois de lançados os hollandezes fóra da Bahia pelo poder das armas, trataram com toda a dissimulação e cautela fazer uma poderosa armada, com a qual vieram na éra de 1629 para 1630 ás desunidas capitanias de Pernambuco, e intrusos as tomaram mais com passaportes e

promettimentos de palavras, que com as armas, promettendo segurança nas vidas, liberdades para as igrejas e religião romana, que lhe não tomariam suas fazendas, e que não pagariam mais direitos, que o que pagavam a seu rei. Fiados n'estas palavras os miseraveis moradores, e no pouco poder que tinham de armas, se entregaram ao rigoroso açougue, porque, tanto que os hollandezes se viram de posse, começaram a tirar vidas tyrannamente, roubando grandes riquezas, e offerecendo em sua defesa os falsos passaportes, lh'os tornaram a tomar, e tiravam-lhes as vidas, como temos dito, e foram continuando em roubar e queimar villas e cidades e quantidade de engenhos, e outras muitas fazendas que importavam grandes riquezas; foram continuando n'este exercicio até a éra de 1633 para 1634, em que vieram a usurpar e senhorear as quatro capitanias de Pernambuco. Pediram estes miseraveis moradores, ou os hollandezes lhes pagaram tão grandiosas perdas e ruinas, para agora as pretenderem.

Na dita éra de 1633 para 1634 assentaram novas capitulações, os governadores hollandezes com os miseraveis moradores, em que os conservariam em sua quietação de viver em sua liberdade, dando-lhes por desculpa, que até aquelle tempo o rigor das armas havia feito aquelles damnos (como se elles o não tiveram mandado fazer); mas, vendo-se os moradores sem outro remedio, se tornaram a sujeitar tomando novos passaportes, e ainda fazendo-lhes juramentos, só afim de se vêrem no socêgo de suas casas; mas, importou-lhes tão pouco que d'ahi por diante experimentaram maiores martyrios, tomando os hollandezes por occasião os falsos testemunhos que lhes levantavam, para lhes roubarem o resto da fazenda que iam adquirindo, e lhes tiravam a vida não tão sómente pela rigorosa justiça d'elles, como em lhe mandarem largar os barbaros tapuyas

e indios, que como tyrannos algozes lhes tiravam as vidas, depois de tirarem publicamente á muitas honestas e virtuosas donzellas, a sua virgindade; e assim foram destruindo e arruinando no decurso dos mais annos, até a éra de 1645, havendo-lhes os moradores feito por muitas vezes protestos e requerimentos de suas queixas aos governadores hollandezes e cabos de guerra, para que o remediassem, e cada vez experimentavam mais importaveis ruinas, antes por força os queriam obrigar pelos predicantes flamengos a que fôssem hereges, tomando a muitos moradores suas filhas com terrores de medo com que o dissimulavam, pagaram os hollandezes estas perdas e ruinas, ou os moradores lh'as pediram para que elles as peçam.

E vendo-se os moradores tão desesperados de poder supportar taes crueldades, de verem queimar todos os seus templos sagrados e botarem-lhe os religiosos fóra da terra, depois de lhes roubarem os bens de suas igrejas e tirarem as honras de suas filhas, frigindo a muitos em tachos quentes de azeite, e mettendo a outros rachas de cannas pelas partes venerandas, e outros muitos martyrios que se calam; e alfim não lhes fazendo em nada justiça, antes faltando-lhes sempre com a palavra, sem terem remedio mais que o auxilio do céo, para quem appellaram com justas exclamações, appellidando a liberdade divina; e vendo Deus, como justo, processo tão ajustado, sentenciou o caso, infundindo na christandade uma resolução piedosa para que tomassem as armas e com ellas se defendessem de tão barbaras torpezas!...

Resolveram-se os moradores na éra de 1645, no dia do padroeiro Santo Antonio, 13 de Junho, de tomarem as armas, que as mais d'ellas foram paus tostados e facões, e se puzeram em campanha descoberta a defender-se do

maior poder que os hollandezes tinham, largando suas casas, familias e fazendas ao desamparo, não reparando nas vidas que facilmente foram largando, e o tiveram por mais facil que não soffrer o que padeciam; foram continuando em sua defensa, e os hollandezes com seus exercitos a dar-lhes batalhas campaes, mandando vir de Hollanda poderosas armadas para de todo os destruir como o fariam em tudo o que podiam, e ainda o mandaram fazer á cidade da Bahia por armadas que lá mandaram; mas estavam os moradores portuguezes tão obstinados dos aggravos e affrontas que lhes haviam feito, que não reparavam nos maiores perigos que os exercitos dos hollandezes lhes offereciam, porque tinham da sua parte a Deus que os favorecia de tal maneira, que até os mesmos flamengos o confessavam, até que na éra de 1654 foi Deus servido dar-lhes a ultima sentença de sua restauração e liberdade; e foi tão justa, que entre todas as nações se festejou facção tão notavel, e parece que até as aguas e animaes deram signal de alegria.

E é tal a nação portugueza no que obra e na grandeza de seu animo e procedimentos, que, tendo vencido por opposição de armas aos hollandezes, que em inexpugnaveis fortalezas estavam mettidos, causa principal de todos os seus damnos, perdas e ruinas, em lugar de os matarem e tomarem todos os seus bens que possuiam, lhes fizeram favoraveis partidos, os deixaram ir para suas terras em quinze ou vinte navios com todos os bens que se acharam no Recife, usando com elles de toda a cortezia, sem lhes pedirem o que com tanta justiça lhes puderam pedir, assim de perdas de vidas como de roubos de grandes riquezas e ruinas de tantas fazendas, porque se deram por pagos os vencedores só de se vêrem livres de tão cruel jurisdicção.

E para abono das razões offerecidas, sendo Deus servido

dar a corôa de Portugal a seu legitimo rei e senhor, tanto que esteve de posse do seu reino, offereceu logo paz e amizade por seu embaixador Tristão de Mendonça Furtado aos hollandezes; porque o catholico reino de Portugal sempre a teve com todos os reis da Europa; e averiguando o dito embaixador uma tregua só por tempo de dez annos, por lh'as não quererem fazer para sempre, sendo feitas com os estados de Hollanda e confirmadas por Sua Magestade de Portugal, foram os hollandezes tão ambiciosos, que, debaixo d'ellas com enganos, foram tomar com poderosas armadas o estado do Maranhão, ilha de S. Thomé e o reino de Angola, e vinte e tantos navios que tomaram no mar, e na terra grandes quantidades de riquezas, queimando e abrazando muitas cidades e villas; e n'estas ditas terras e embarcações se acharam tambem quantidade de riquezas dos moradores do Brasil, e os hollandezes se ficaram com ellas, não lh'as podendo tomar, por estarem vivendo debaixo de sua jurisdicção e passaportes, não reparando com a sua muita ambição que, tanto que Sua Magestade tomou posse do seu reino, o ficava tomando de todas as suas conquistas e vassallos; tendo os estados de Hollanda conhecido por suas, e assim o confessam no tratado das treguas dos dez annos, e tendo os moradores vassallos de Sua Magestade tanto direito para lhes pedirem perdas e roubos de fazendas e tantas ruinas, lh'as não pediram, nem os hollandezes lh'as pagaram para terem direito de lh'as pedir, se lh'as devessem.

Estavam os moradores das florescentes quatro capitanias de Pernambuco, vassallos e patrimonio da corôa de Portugal, em seu socêgo, sem terem guerra com nação nenhuma nem dado occasião para lh'a fazerem, e na éra de 1629 para 1630, como fica dito, fizeram os hollandezes uma poderosa armada assistida pela mercancia em que se deve reparar,

e com as armas e passaportes as tomaram sem serem suas, nem terem justiça para as tomar, porque até ao mesmo rei, que então era de Castella, foram rebeldes por serem seus legitimos vassallos e virem tomar as terras que por intruzão tinha então a jurisdicção, e continuaram as guerras e crueldades até a éra de 1645, como fica dito; se os ditos hollandezes allegam, por razões offerecidas, que a guerra foi justa para elles introduzir sua jurisdicção, negando-se-lhes por todo o direito, se lhes concede para nos servir de prova e abono aos moradores de Pernambuco.

Repare Vossa Magestade que os moradores de Pernambuco não alteraram nem fizeram aleivosia nem uma cavillação, e só se desforçaram do que tyrannamente e com engano lhes tinham roubado; e se lh'o fizeram os hollandezes por via das armas, com essas mesmas e com menos ainda se desforçaram, fazendo opposição com ellas em campanhas, vencendo-lhes inexpugnaveis fortalezas, com o que não podem allegar nenhum direito em dizerem que os moradores eram seus subditos, quando por nenhuma razão o foram nunca, e só foram violentados com o rigor das armas, sendo a religião mui differente; e ainda que n'isto tiveram alguma razão, elles mesmos a quebrantaram, porque não deram cumprimento a seus passaportes e negaram suas palavras, usando do que fica referido. Que razão nem justiça têm os hollandezes de pedirem aos ditos moradores perdas e dividas, quando elles, devendo-as tantas vezes, não as pagaram.

Tambem se deve advertir que as guerras que fizeram os moradores das capitanias, não foram todas, porque foram só os da capitania de Pernambuco, e ainda parte d'elles, e as mais capitanias tinham os hollandezes obrigação de os defender de todo o inimigo e acto de hostilidade, para que não fossem destruidos nem arruinados, conforme o assento

do seu conselho, e pelo contrario elles mesmos foram executores e destruidores das tres capitanias do Rio-Grande, Parahyba e Goyana, pondo-lhes fogo e retirando todos os cobres dos engenhos, escravos e gados, o que elles não podiam fazer, pelo que tinham promettido, e para terem algum direito em o pedirem ; e se isto é cousa tão notoria, provada com os mesmos flamengos, como pedem dividas do que elles mesmos tornaram a tomar e arruinaram, que mais parecerá justiça, por credito dos mesmos hollandezes, não fallarem n'isto.

Tambem se deve attentar, que as dividas que pedem os flamengos se lhes não devem pelas razões apontadas e pelas que se offerecem.

Os ditos flamengos deram alguns cabedaes de fazendas, dinheiro e escravos por mercancia para se cultivarem terras e fabricarem engenhos e partidos de cannas; e estando isto n'este estado e feito com a mesma fazenda e com as dos proprios lavradores, mandaram os lavradores flamengos tropas de soldados a retirarem os mesmos escravos que tinham vendido e os que possuiam os mesmos moradores, e os embarcaram para as Indias; e nos partidos que fizeram na entrega do Recife se ficaram com todos os cobres e escravos que tinham comsigo, e os tornaram a vender aos moradores a dinheiro de contado, antes que se embarcassem para Hollanda, para onde levaram e embarcaram tambem quantidade dos ditos cobres e signos..., etc.

N. B. N'este livro faltam-lhe folhas, pelo que se depreende pela falta de conclusão de sentido, e demonstração final por uma *palavra* que voltava para a outra pagina.

NOTA

Esta cópia foi extrahida do Codice MS. n. 11, existente na Real Bibliotheca Publica do Porto.

A GRAMMAR AND VOCABULARY

OF THE

TUPI LANGUAGE

Partly collected and partly translated from the works of Anchietta and Figueira noted brazilian missionarys by John Luccock

N. B.—This Grammar is not sufficiently digested and is arranged badly

RIO DE JANEIRO—1818

Em sessão de 2 de Julho de 1880, o Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro resolveu publicar a grammatica e vocabulario manuscripto de John Luccock, que percorreu diversos pontos do Brasil e escreveu *Notes on Rio de Janeiro, em 1820.*

Como este ha muitos outros documentos manuscriptos que conviria dar á publicidade; porém quando os Platzmann, Porto-Seguro, Uricoechea e outros, têm com tanta fadiga reimprimido grammaticas e vocabularios das linguas americanas, movidos pelo grande interesse que actualmente despertam os estudos linguisticos, pareceu ao Instituto Historico Brasileiro opportuno, dar á luz o manuscripto de Luccock.

Resolveu-se, é intuitiva a razão, que fôsse impresso mesmo em inglez e com a maior fidelidade.

A redacção apenas tomou a liberdade de corrigir um ou outro erro orthographico, ou talvez de copia do inglez do manuscripto.

No fim do impresso irão algumas notas sobre o vocabulario e grammatica tupi, feitas pelo socio Dr. Baptista Caetano de A. Nogueira.

GRAMMAR OF THE TUPI

The letters of the *tupi* or brazilian alphabet are twenty two viz.

a b d e g h i j k m n o p q r t u v w x y z

Besides these there ought to be another character to represent the sound formed by a catch of the breath something like the first syllable of the word «hickup» is slightly guttural and uttered by tuming the point of the tongue downwards and throwing out the breath but not freely through the throat.

This sound has been represented in a variety of ways. The grammar uses the *y* for that purpose as distinct from *i* which is always sounded like our *u*. The author of the Dictionary writes the *y* with a point over it thus *y'*, and Cazal puts an *h* before the same letter making it *hy*. Anchieta inserts the letter *g* after a vowel. Figueira says the ancients used an *i* to express this sound and is dissatisfied with it because that letter can never represent a guttural sound. The old *linguas* he says used both the letters *i* and *y* promiscuously, but he prefers to retain the *i* for the usual sound *u* and reserves the *y* for what he calls the guttural vowel.

But to an English student each of these methods creates confusion, to avoid it as much as possible we shall write the word *ik* or *hik* where the sound occurs; of the foregoing characters seven are vowels., viz;

a e i o u y and *hik.*

a has the same sound as ours in the words « hat, man, cast».

e has that of our « a » in the English word « hay » or the « e » in « get, fret, etc. »

i has... the sound of our « ee » in « heel, feel, kneel, etc. » or that of « ei » in yield, but when it begins a word it is sound like *i* in the word *it.* In the middle of a word it has sometimes of ours in « onion, trunnion, etc. »

o has too sounds, one like that in the word « on » the other similar to that in the word « no ».

u I believe is always long and uttered as ours in the word « blue ». It is sometimes also consonant and sounds like our «w» particularly when it comes before a diphthong.

y is frequently confounded with the vowel *i*, the principal difference between consists in the *y* having a somewhat longer sound, the

hik has been described above.

The diphthongs in this language are, *ai, ei, yi, oi, ui, ao, au, eu, iu, ou, uu.*

Both the venerable padres and almost all who have written Brazilian names use the consonant *c* sometimes with and at other times without a zeura after the mode of the portuguese whose alphabet does not contain the letter k ; with them the plain *c* is always hard before the vowels *a, o,* and *u* and soft before the others, but even they were obliged in some instances to adopt the letter *k* and as our alphabet contains it I shall always use it instead of the hard *c* and in place of the soft *c* the letter *s.*

It is true that neither Anchieta nor Figueira have the letter *s* in their alphabet, nor do they use it and the latter says that the natural sibilation of the *s* does not agree

with the brazilian tongue, but the excessive sibilations used by some people is a fault in pronounciation and this very author confesses that he uses the *c* with a zeura instead of an *s*.

The english alphabet does not admit of this *c* with a zeura nor is it now certainly known what sound it represented three hundred years ago; at present it is expressed as an *s*, but this could not be the case formerly for Anchieta would then have used it, and Figueira could not have told us that the sound did not accord with the Brazilian tongue. Mr. Southey thinks it might be pronounced like a soft theta and Cazal in a few instances writes *th* ; to me these appears more reasons for thinking that it expressed merely the same among the Indian sound *tz* does with us, we shall use instead of it the *z* alone.

Indeed the apertures in the cheeks and lips of these people must have very considerably affected their pronounciation.

d never appears at the beginning of a word it is generally preceeded by *n* as *nde* and requires a sort of nasal sound *nh* is also nearly of the same kind and expressed as we should the letters *n'ya*, *n'ye*.

g does not appear in Anchieta's alphabet, but is much used by both the Padres and later writers make it soft before *e*, *i* and *y*, and hard before *a*, *o*, *u*. When followed by an *h*, it is always hard even before *e*, *i*, or *y*, but it will agree much better with the english alphabet, and ear if we use the *g* only in cases where it is naturally hard and *i* in all those where it would be soft.

The language has no strong aspirate except in the words *ahem* and *ehem*, he or they.

I has been employed for various purposes sometimes it has been used for the long *i* frequently instead of the *y* and occasionally for the soft *g*. Its true english broad sound

however is natural to the Tupi language as appears in the words *Jacare, Jararaca, Jacu, Juru,* etc.

Jeru, Tijuca, in some of the cases however some portuguese who understand the genius of the Tupi tongue and wish to restore its original purity, instead of an *i* write the letter *Yu* as instead of *Juruoca* they write *Yuruoca* although the word is now pronounced with the natural and stray sound of *i*.

Instead of *m* and *n* in the middle and end of words the portuguese make use of a mall mark over the vowel called a «til» but as this is now rejected among us the hiatus must be filled up although the sound expressed by it be strictly speaking neither *m* nor *n* but are between both —These two letters at the end of words must be carefully and strongly uttered.

In the very few instances where *q* is found in this language it is followd by *u* and has the strong broad sound which we give to it in the words «quill, quantity, quality, etc.». The *r* is never very rough and the *v* and *b* are frequently confounded with each other.

When two *uu* come together, the first is pronounced, says Figueira, as a soft *g*, v. g. *Gûme* here is pronounced as though it were spelled *Gume*, but in all cases where I have noticed the sound it exactly corresponds with that of our «w», a letter not found in the portuguese alphabet, thus in the common word *uui* farinha (or *mandioca* flour) is pronounced very short as we do *wi* in the word «twit». Perhaps the *gue* may have originally been a guarani term which has insensibly slidden into the Tupi language and is now much used as an expletive.

The *x* is invariably pronounced as *ch* or *sh* and the *z* so as to avoid any super-abundant sibilation.

The words of this language are expressed by the roman

characters, having been conveyed to us chiefly through the medium of the portuguese tongue. Some have been written, by French, Spanish, German, Dutch and English authors and every one has represented the same sound by a different combination of letters in their respective countries and their own times. Even the two earliest writers upon this subject among the Portuguese differ so much from each other in the mode of spelling, that become absolutely necessary to correct one or the other—the following instances out of numbers more will make this obvious.

A List of words evidently of the same import, but spelled variously by different authors.

By Anchieta.	Figueira.	Anchieta.	Figueira.
Umbe	*Mbae*	*Aico*	*Oico*
Ceyj	*Ceyia*	*Aique*	*Oike*
Yxe	*Ixe*	*Aereme*	*Aerime*
Nde	*Inde*	*Meimoma*	*Teimoma*
Yande	*Iande*	*Nda*	*Nha*
Yandebo	*Iandebo*	*Ane*	*Anhe*
Pyri	*Piri*	*Rob*	*Yrob*
Reme	*Rente*	*Roysang*	*Roisang*
		Ique	*Ike*
Itic	*Ityc*		
Pochi	*Poxi* / *Puxi*		
Tagira	*Tagyra—Tagiva* (Marcgraff from Southey.)		
Taya	*Tai* / *Tay'*	(Dobrizhoffer.) / (Southey.)	
	Memby'r—Membyra		
	y or *Yg*	*Hy—yck*	
Tyg	*Ty'*		
Tapyiya	*Tapuy*		

Tutira	*Tuty'ra*	
Tapijra	*Tupy'ra*	
Aye	*Oje*	
Ocu	*Oca*	
Robaque	*Robake*	
Quer	*Ker*	
Apyri	*Apy'ri*	
Anghe	*Anga*	
Aib	*Ay'b*	
Mosarai	*Mosaray'a*	
Enhoneng	*Eneng*	
Coyg / *Coyqr*	*Coy'r*	
Coce	*Coice*	
Pocu	*Pecu*	
Ibate	*Ybate*	
Augetha	*Augete*	
Amongot / *Amongoty'g*	*Amongaty'*	(Hans Stade D.)
	Cauim	*Kaawy*
	Py'py	*Pepike*
	Ubatiba	*Uwattibi*
	Guasu	*Wassu*
Figueira.	Hans Stade.	
Pyty'ma	*Petum*	
Ygara	*Ygywara*	
In the Shops of Rio	*Tucum* / *Tocoon*	by Lery *Tucum*
Cansaru	*Cansaroa* (Coutinho).	
Oitacazes	*Ouetacazes* (D.° pronounced *Witacazes*)	
	Ouetacates	

Figueira.	Anchieta.	Lery with Southey.
Tupinambas	*Tououpinamboultes*. Lery	
	Orapt a bow. Lery.	
Ojepe / *Oyepe*	*Oyepe*	*Augepe*
Mocoi	*Mocoin*	*Mocoaein*
Mosapy'r / *Mosapyr*	*Mosapyr*	*Mossaput*
Monharundic	*Monherundic*	*Oioieundic*
	Ambo	*Ecoimbo*

The long word *Cognantainsecouima* found in Southey's *History of Brazil* N. 1, P. 5607 contains a sentence *cunhamtay'masecomeimam* I that I had come the child of a woman, i. e. as I understand it, without the aid of man.

The last instance I shall give is from Cazal who writes *Sassuhy* where as the inhabitants of the place write it *Suasui*, i. e. the Doe and its fawn, or as they translate the great Stag and the little one.

Primitive words in the Brazilian tongue consist in a great measure of simple sounds, sometimes several vowels stand together and form distinct syllables, but are more frequently connected by a single consonant placed before each and forming with it a syllable. The consonants most used are *h m n s t z*. The word *aipoai* furnishes an example: *a* is the first syllable, *io* the second *poai* the third, where *o* is sound like a *w*, and *ai* a diphthong.

Simple words seldom consist of more than two syllables and 'tis by compounding these that complex ideas are expressed, *acanga* is the head, *acy* pain, sorrow, grief, *acangoacy* the head-ache, *su* is great *acangatu* a retentive memory *ay'ba* is bad, *acangay'ba* an ideot, a mad man.

In this language a most extensive composition of words is admitted, hence some authors have made some of them

appear very long, we shall separate them as much as possible in order to render their relation to and dependence upon each other, more conspicuous. The rules for combining them must be reserved for another place—but when in combination any of the letters of the simple terms are lost or changed or their accents, they must be considered and treated of as one compound word.

The roots of these compound words are generally simple names or nouns which, by being united with another noun or pronoun, become verbs without any change in the letters which compose them, in the same manner as the English noun «love» forms the verb «to love» as: I love, the man loves, they love, etc.

Strictly speaking the words which compose the Brazilian language are chiefly nouns, the names of things and actions. Thus *juka* is «death» but signifies also «to kill, killing, etc.»; thus *so* signifies «go, going, etc.» and in the structure of the language is treated as a noun, v. g. *xe so* of me the going.

The circumstances relating to both are expressed by prefixes and affixes or by their relative position in the sentence but it will be most convenient to consider them as distinct classes, as: articles, nouns, verbs, adverbs, prepositions and interjections.

Any of the vowels particularly *a*, *e* and *i* placed before a noun substantive has the effect of an article, but there seems to be no division into definite and indefinite, they rather make the noun emphatic. Anchieta mentions articles indeed, but he calls the personal pronouns such, and talks of conjugating the verbs with them. Figueira does not even notice any such part of speech—perhaps because it is not found in the language of the portuguese for whose exclusive use he wrote.

Nouns in this language are either original or derived, the former are simply the names of things real or imaginary, of

actions, of qualities, of numbers and of circumstances, for all these are subject to the same rules of construction.

There is no other distinction between the singular and plural, no inflections answerable to cases, nothing like declension, nor do the verbs that what arises simply from the nature of things, except in a very slight degree admit of conjugations.

Derivative nouns are formed by joining to the original ones the terminations *ara*, or *ana*, *aba*, *bora* or *zab*, or *zaba*, *zera* or *pyra*, *pyrama*, *pyroera*, *pyramboera*, etc., etc., if the word end in a vowel, *z* is placed between it and the termination, if that also begins with a vowel, as:

Iimboé instruction, also to teach, also teaching.

Iimbaézára, a teacher.

Iimboezaba the instrument, means, time or method of teaching or the act by which a person is taught.

Y Iimboepy'ra the person who is or was taught.

Y Iimboepyrama one who is to be taught or ought to be taught, or is worthy or fit to be taught.

Y Iimboepy'roera one who has been or must or will be taught hereafter.

Y Iimboepyramboera one who ought to have been or was likely to have been taught but was not.

All these terminations imply the idea of time present past and future, signifying in their own nature the person who does, has or will be a teacher or taught.

These terminations lose their last vowel if the accent be in the penultimate.

Rules for applying these terminations shall be given viz. No. 1, 19, 23, when the object is addressed by another person, as from *Morubixaba* a chief, comes *Morubixab* O chief; *Iimboezara* a teacher, *Iimboezar* O master, Y *Iimboepyr* O thou, who art taught, etc.

The plural number is distinguished from the singular by the addition of numeral adjective or as I understand, by a repetition of the noun. These numerals are variously written; the following mode seems to be the most correct:

Yepe	One
Moconi	Two
Mozapyr	Three
Monherundic	Four
Ambo	Five—or one hand, for the

number expressed is always accompanied by a demonstration of a corresponding number of fingers.

Amboyepe	Six
Ambomocone	Seven
Ambomozapikr	Eight
Ambomonherundic	Nine
Opacombo	Ten or both hands
Xepoxepik	Twenty or both hands and both feet.

From these are formed the ordinals by prefixing the letter *y* which in this case seems to be really an article, as:

Yepe	the first
Ymoconya	the second
Ymozapikr	the third
Ymonherundic	the fourth
Yambo	the fifth, etc.

Other numeral expressions are the following:

Oyepé umbé	one by one
Oyepé yepé	each
Ybiom	one only, each one, one alone.
Amo amo	some
Seta	many
Seta eté	many more

Seyi	many
Mowbikr	some, or how many
Mobykrion	many
Opa, opabenhe / *Opa catu*	all
Oyepe guazu	all together.

Oyepe when joined to a word naturally plural means altogether. *Na* uttered at the time of showing a number of fingers, means « so many » according to the number of fingers shown—sik : *Pabem*—all.

Nouns have no distinction of gender, but there are in the language words used only by men and others used by women, and these are not confined to any particular part of speech, but consist of nouns and verbs, adverbs and even interjections ; the following is a short list of them to show their nature.

Words used only by men	D.° used only by women	Signification.
Tayikra / *Taihikra*	*Membikra*	Son / Daughter
Tendikra / *Mu* / *Semu*	*Kevira* / *Amu*	Brother / Sister
Cunham membikra	*Penga*	Cousin
Temimino	*Temiarion*	Grandchild
Gui or *Gué*	*Ia or Io*	Oh-Interjection.

When one thing is the property of another thing the name of the proprietor is placed first in the sentence and the name of the property follows it, we call this situation of words Positions. It answers to our possessive case. Noun adjective as *Ita ocâ* of stone the house or the stone house. *Ita koara* of stone the hold, i. e. the stone pit. *Caraoca* of the white man the house, i. e. the white man's house. But this is

not the only way of forming adjectives, for when the name of a substance is followed by the name of a quality it shows that the quality belongs to the substance, v. g. *Aba* is a creature, a thing produced, *Abacatu* is a good creature, *Canga* is a head, *Cangaaikba* is a bad head.—This situation of words which we have called positions must be carefully attended to, for it only takes place between the names of one substance and another, or those of substances and qualities,but between the names of substances, of actions and even circumstances, and upon it depends in a great measure the propriety, force and beauty of the language, when names of qualities are found unconnected with any noun substantive the word thing is understood as *Turuzu* a great thing.

One thing is compared with another either by repeating the word if it be a monosyllable, or by the adverbs *eté* and *zoze* or *zui*, v. g. *zu* is great, *Turuzu* very great, *Oca turuzu eté de roca zoze* or *zui* a house greater than ours. The superlative degree is formed by the same adverbs with the words *nhe opacatu* between them, as: *oca turuzu eté nhe opacatu oca zoze* a house greater than all other houses, i. e. the greatest.

The tupi language has four classes of personal pronouns, each of which contains three persons in the singular and four in the plural number.—This latter number has two first persons, the former of them includes the persons speaking and those also who are adressed—the latter applies to the speakers alone. Thus the first is «we and you together» the latter is «we alone without you» for the sake of distinction as we call one—the first person plural inclusive, the other —the first person plural exclusive. This difference in the persons must be very particularly observed.

FIRST CLASS OF PERSONAL PRONOUNS

SING.		PLURAL.	
1st Person	*A*, I	1st Person Inclusive	*Ya*, we and you
2d	*Ere*, thou	1st D.o Exclusive	*Oro*, we alone
3d	*O*, he	2d	*Pe*, ye
		3d	*O*, they

CLASS 2d

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Ai*, I	1st Person Inclu.	*Yai*, we and you
2d	*Erei*, thou	1st Exclu.	*Oroi*, we alone
3d	*Oi*, he	2d	*Pei*, ye
		3d	*Oi*, they

CLASS 3d

N. B. Those of the 3d Class are really nouns and follow the rules of syntax as such : *xe* is the name of my body, *nde* of thine, etc.

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Xe*, I	1st Person Inclu.	*yande* we and you
2d	*De*, *Nde*, thou	1st Exclu.	*Ore*, we alone
3d	*ae* or *ahem* } he	2d	*Pe*, ye
		3d	*Y*, they

CLASS 4th

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Yxe*, I	1st Person Inclu.	*yande*, we and you
2d	*Ende*, thou	1st Exclu.	*Ore*, we alone
3d	*Ahe*, he	2d	*Paem*, Ye
		3d	*Aee* or *Aoma* } They, litterally « the man or men »

And are of great importance they undergo some changes, for the letter *t* being placed before any of them, has a material effect as will be described when speaking of the verb; for when in doing this two consonants would come together it is usual to place a vowel between them to make a syllable with the first of them, the vowels in this case seem to be used indifferently, thus: *Xe* becomes *Taxe* or *Texe*, *De* or *Nde* becomes *Tade* or *Tande*.

Each of these words are prefixed to names of actions or verbs, but the pronouns themselves must not be used indifferently or ad libitum; the rules of applying them will be found hereafter.

Oro thee and *opo* you are prefixed to active verbs, but only in the first person singular or plural, and in the indicative or optative moods alone, v. g. *Yxe oro jimboe*, I am teaching thee, *Ore oro jimboe* we are teaching thee, *Ore opo jimboe* we teach you.

The pronouns *Nhe*, *Ye*, *O* in the singular and *Nho* and *Yo* in the plural make the Verb before which they are placed reflective and answer to our words self and selves, v. g. *Ai mongueta* I converse, *Ai o mongueta* I talk with myself, *Oyo mongueta* he speaks to himself, *O nho mongueta* they converse among themselves or with each other, *Pe yo mongueta* you converse among yourselves.

There are some peculiar cases in which the particles *Nhe* and *Ye* are connected with plural verbs as well as singular but then they denote that the act of each individual falls upon himself, v. g. *Xe ye jimboe*, I teach my ownself, *ore oro ye jimboe* each instruct your ownselves, i. e. all of you together, every one, each teaches himself.

The prefix *o* is sometimes used with an adverb, or preposition to denote decided possession as « his own, her own, etc., thus: *Pedro Okope*, Peters own farm *O sig* his own

mother *O yrunamo* with his own self *O gue nonde* before his own self.—The words or affixes used with it in this manner *Yrunam*, *Pyri*, *Aribo*, *Tenonde*, *Ybyri*, *Zupepe*, *Guyrpe*, or any of the prepositions.

The following passive pronouns are used with neuter verbs viz: (Active verbs never take these.)

Gui	my	*Ya*	our and your
E	thy	*Oro*	our alone
O	his	*Pe*	your
		O	their

as

Gui Paca my awaking		*Ya Paca*	our and your awaking
E Paca thy awaking		*Oro Paca*	our alone
O Paca his awaking		*Pe Paca*	your awaking
		O	their awaking

or

Gui Pac eyma my not awaking, etc.
E Pac eyma
O Pac eyma, etc.

Verbs which use the pronoun *Xe* might or may in the above case express themselves with the natural first and second persons but they always have *O* in the third, thus:

Xe my
Nde thy
O his

And if the verb begins with an *R* that letter is changed into *G* in the 3d person, as:

Xe roizangamo
Nde roizangamo
O roizangamo

When the personal pronouns put in position or regimen wit hany noun or verb, they become passive and signify « mine, thine, his, her or their, own, etc., » as:

Xe ruba	litterally of me the father, i. e. my father
Xe guera	of me the sleeping, my sleeping
Nde paca	of thee the awaking, thy awaking
Xe tupam rausuba	of me of god the love, my love of god
Nde xe amotareima	you with my unhappiness.

Personal pronouns also become possessive also by joining to them the affix *remi* but in this case when *y* and *r* come together they are changed into *s* as in the third persons sing. and plural.

Xe remi	mine or my own
Nde remi	thine or thy own
Semi	his or his, her, or its own
Yande remi	ours, ie, ours and yours
Ore remi	ours alone, ie, ours and not yours
Pe remi	yours or your own
Semi	theirs or their own.

These compound possessives also may be placed in position like the simple ones both with nouns and verbs, v. g.
Xe remi jimboe my own teaching or the thing which I teach
Xe remi mondo of me the ordering or my own ordering
Nde remi mondo of thee the ordering and the thing which thou orderst
Semi mondo of him or her or it the ordering, i. e. the thing which he orders.

Demonstrative pronouns have no distinction of numbers, the same word serving for both singular and plural; they are the following, viz.

Kô or *ykô*	this or these	*Aquei*	this and that these or those
Kobae		*Aqueya*	
Ang		*Eboquei*	
Yanga		*Eboqueya*	
Anga		*Eboqueia*	
Uî		*Aipo*	
Ebuî		*Aipobae*	
Ebuînga			

ae, aeae, aememe, aebae, this or that same or very same, these or those same.

The letters *y, s, z* and *t* serve for the relative pronouns «who, which and what» and are joined by peculiar rules to their respective classes of nouns and verbs which will make a part of the syntax, there are instances in which *i* is used instead of *y* as: *pupe* in, *Ipupe* in which.

It has already been observed that the verbs of this language are strictly speaking nothing more than the names of actions—the thing produced and the production of it are generally designated by the same combination of letters, v. g., *Iuca* is «death» and also signifies «to kill;» nor is there any word or words which denote the idea of existence or possession simply—there is nothing answerable to the verbs *sum* and *habeo* in the latin. The personal pronouns naturally and of themselves include the idea of existence, as: *xe* signifies not only «I» but «I am», *Nde* «thou art», *O* «he is», etc., and when followed by the name of a quality it shows the state or condition in which I am, etc., *Xecatu* I am good, *Ndecatu* thou art good, *Icatu* he is good, etc., further when these pronouns are followed by a noun substantive it denotes possession, as: *Sig* is a mother, *Xe siq* I have a mother, *Ko* is a farm, *Xe ko* I have a farm, *Nde ko* thou hast a farm, *ae* or *ai ko* he has a farm, *Yande ko* you and we have a farm together, *Ore ko* we alone have a farm, *Pe ko* ye have farms, *Y ko* they have farms. *Aiko* which has been considered as a substantive verb seems not to imply merely existence but to have its meaning restricted to some conditions of being as to remain or continue in one state or to be alive or living.

Verbs being thus simple admit of little change answerable to conjugations or modes or tenses. All the inflections of time, place and circumstances, are generally expressed by

distinct words—by the possession of them in the sentence, or by a prefix or affix which may be called adverbs.

The verbal prefix is the letter *t* which changes the meaning of the word from a declaration to a commander or exhortation, as:

A juca I kill or killed; *Tu jucá* may I kill or I may kill.

O juca he kills or has killed; *To juca* let him kill or he may kill.

The verbal affix is the syllable *ne* which alters the time from the present to the future: if the verb ends in a consonant it becomes *ine*, *A juca* I kill or have killed, *A juca ne* I will or shall kill.

Of the adverbs we shall treat in their proper place and rules for ordering the words of a sentence will be found in the syntax.

Verbs are divided into two kinds: actives and non actives; the first require a noun substantive after them, the non actives do not require one.

Personal pronouns of the 1st and 2d class, i.e, *a* and *ai* may be used with all verbs and are required to be used with active verbs in simple sentences, viz. *Xe*.

Those of the 3d class are used before verbs naturally neuter or non active, but may be used also before active verbs, particularly if they be combined with and preceded by the word *poro* people, but then it augments the natural power of the verb and expresses a custom of doing a thing, as: *a poro juka* I kill or killed a person or people, *xe poro juka* I am accustomed to kill people.

Verbs become reflective and passive by prefixing the syllable *ye* or *nhe* as *A juka* I kill, *A ye juka* I kill myself or am killed or am dead: *Ore oro ye juka* we kill ourselves, we, that is, every one kills himself, *Ai monhang* I make a thing, *A nhe monhang* I make myself

or am made ; *A ú* I eat, *A ye ú* I eat myself or am eaten; see under the pronouns.

There are several modes of expressing negations in this language; the most common is by prefixing to the verb the letter *n* or *nd* or *d* alone, and with it using the affix *i* as: *A juka* I kill, *Na jukai* I do not kill, or *Nda jukai*, or *Da jukai* I do not kill, observing that when the letters meet with consonant they take the letter *a* to form a syllable as *Na pe jukai*, don't kill., etc.

This is the method in all simple assertions relating to time present or past; the future time requires instead of the affix *i* the word *ixoe*, v. g. *Na juca ixoene* I shall or will not kill—a negative command or exhortation or petition is expressed by the affix *ume* without any prefix to the verb, as: *E juca ume* do not thou kill, or *Tere juka ume* thou mayest not kill, etc., and in all cases where two affixes come together the negation is placed first and close to the verb: *Tape juka xoe ne* ye shall not kill, *Tape juka umene* do not ye or ye must not or may not or shall not kill. The affix *memam* is preceded in negations by the word *ixoete*, which is joined to the verb—*meiman* or *meimoman* and *momam* and *mo* or *beemo* requires *Ixoe* or *Ixoer*; the last *beemo* admits also immediately before the particles *uman*, *umoan* and *aereme* after it, as: *No juka xoe uman beemo aereme* he had not then been killed, or more literally, he was not then dead—when the words « when, wherefore, how, if, etc. » occur in a negative expression, the negation in the brazilian tongue is formed by the affix *eyme*, v. g. *Juka eyme* if I should not, may not, cannot etc. kill- « Not to kill » is expressed thus: *Juca eyma* and this may be placed either before or after other affixes, as: *Juka eyma goera* or *Juka goera eyma*, *Juka eima moama* or *Juka moameyma*.

N. B. Here one vowel coalesces with another: *Y juka*

pyramanoama or *maonama,* where the *ey* of *eyma* is dropped and also the vowel *a,* or *Y juka pyrameyma,* where all the letters of *aonama* except the *m* are lost.

It must be observed that two negatives make an affirmative or declare a perseverance in doing a thing, v. g. the word *eyma* or *eymi* or *eyme* added to a negative expression makes a double negation, as : *Na jukai* I do not kill, *Na jukai eymi* I do kill or I do not cease to kill ; *ai monhang* I make, *Nai monhang* I do not make, *nai monhang eymi* I do not cease to make ; the *i* of the negative is lost or replaces the *a* in *eyma.*

The negative *xoe* may follow the natural negative *i* or be placed before it, as: *Nai juka i xoe ne* or *Nai juka xoene,* where the change must be noticed, or *Na juka xoe irine,* where the syllable *ri* is inserted—this is problably a dialect.

To express a sort of temporary negation answerable to the english phrase «not yet» implying that though the action is not performed, it must or will be, the words *ei ranhe* are joined to the nominative case to the verb, with some peculiar changes of letters noticed among the auxiliary verbs, is it a negation however the *ei* is a prefix, the word *ranhe* an affix *da ei xe maenduar amo ranhe* I do not yet recollect.

Negative orders or exhortations are given in two modes thus: *E* or *Ei monhang ume* do not do it, or thus: *Ndere monhangi* take care that you do not do it. The first mode implies simply a command or advice, the 2d implies the idea of a threat intimating that there will be danger in doing the thing forbidden, *Ndere ari* take care that you don't fall.

ON DERIVATIVE WORDS AND FIRST OF NOUNS

Those which end in *yra* are always passive and, if derives from verbs, these verbs are always active, i.e, not neuter.

I. Nouns beginning with a *z* generally retain the *z* when preceded by the personal pronoun *xe*, *nde*, etc., or are in regimen with them, as: *Zaba* a feather or small feather of a bird, *Xe zaba* my feather, *Nde zaba* thy feather, etc.; but if the word be in regimen or position with the relative *z* one *z* is dropped, as instead of *z zaba*, we say: *zaba* of him the feather or his feather.

This rule has the following exceptions, which change the *z* into *x* and not *r*, and take *y* for their relative, v. g.:

Zebae sustenance	*Y xebae* of him the sustenance
Zig a mother	*Y xig* his mother.
Zumara an enemy	*Y xumara* of him or his enemy
Zyira } a maternal aunt	*Y xyjra* } of him or his
Zikra }	*Y xikra* } maternal aunt
Ziba the top of the head	*Y xiba* of him the top of the head
Zira a hoe	*Y xira* of him or his hoe
Zama a cord	*Y xama* of him or his cord
Zuguaragik a galant	*Y xuguaragik* of her or her galant

RULE 2[d]

Nouns beginning with *t* when put in position change the *t* into *y* as: *Teté* a body, becomes *Zeté* and this new word follows the preceding rule, as: *Guira zeté* of the bird the body, *Zeté* of him the body. In the first instance the *z* is changed into *r*, in the other *z* is dropped—*Xe reté* my body.

The exceptions to this rule are numerous :

1st. The following words do not change the *t*, with which they begin, into *z*, although when in position ; with a noun substantive they take the *r* and moreover take *t* as their relative pronouns for the 3d part, one of which lost the other, v. g. :

Tuba a father or of whom or him the father, *xeruba* my father.

Tamumya a grandfather or his or her grandfather.

Takikra a son, etc.

Tagira a daughter, etc.

Tiguyira an elder brother.

Tiguéra an elder sister.

Tubixaba a great thing, magnificent.

Teneseim a full thing.

Tyg or *Tik* liquor, broth, juice.

Tyku a thing liquified or melted.

2d. The three following words are also exceptions to the rule and besides do not change their *t* into an *r* when in position or placed immediately after a noun substantive.

Taya natural heat or that of pepper, *Xe taya* my heat.

Turuzu a large thing, *Kunumi turuzu*, a boy or a great child.

Tinga a white thing, *O tinga* his, her or its whiteness.

3d. Those nouns which follow are also exceptions to the rule and take *Y* for their relative improperly so called, as: *Tecokuaba* understanding, *Y tecokuaba* his understanding, or of whom the understanding.

Tyg urine, *Y tyg* of whom, etc.

Taba a village, *Y taba*, etc.

Tapera a village destroyed, *Y tapera*, etc.

Tapikiya a savage, a wild man, *Y tapikiya*, etc.

Tapuya a hut, etc.
Tyba frequency of any thing, etc.
Tubyra the dust of any thing.
Teinhea fables.
Tuibaem an old man.
Tagoabikba a phantom.
Tupan excellency, thunder or God.
Tyra any thing eaten with bread.
Tira tearing the hair.
Tetaca a frog.
Titica palpitation.
Tutuca the shaking or falling of fruit.
Tybytaba the eye-brows.
Tena a thing fixed not loose.
Tecoarabera a fearful fugitive.
Tunga a chigo.
Tubira wickedness.
Tutira a maternal uncle.

4th. *Tinga* a nauseous thing» has *t* for its relative and takes neither *y* nor *z*.

Tyapira liquid honey» changes the *t* into *r* but in the relative preserves the *t* and takes *y*, as: *Y Tyapira* of him the honey (liquid).

5th. All other names of animals, fruits, herbs, and things, which begin with *t* preserve that *t* when in position and for their relative take a *y* : *Tapijra* an ant, *Tagôa* red clay, *Tayaoba* a cabbage.

RULE 3d

Any other nouns beginning with letters *a*,*b*, *k*, etc., take *y* for their relative as *Angaturama* goodness (as a virtue), *Yangaturama* whose goodness, *Ko* a farm, *Yko* whose farm, etc.

The following nouns are exceptions to this rule. They take for the relative *s* or *z* and, when placed in position, with the nominal pronouns *Xe*, *Nde*, etc., require an *r* before them, as :

Oca a house	*Xe roca* my house	*Zoca* whose house or of whom or of him or his
Uuba an arrow	*Xe ruuba* my arrow	*Zuuba* whose arrow
Pe a road	*Xe rape* my road	*Zape* whose road
Nhaem a plate	*Xe renhaem* my plate	*Senhaem* whose plate
Nhaumuma clay	*Xe renhaumuma* my clay	*Senhaumuma* whose
Nimbo thread	*Xe renimbó* my thread	*Senimbo* whose
Cuya a cup	*Xe recuya* my cup	*Secuya* whose
Cujá a block or sort of stool per canteiro (sic)	*Xe recuja* my	*Secuja* whose
Panakum a long basket	*Xe repanakum* my	*Sepanakum* whose
Moéma or *Temoema*	*Xe remoéma*	*Semoema*
Metára the lip piece	*Xe remetara* my	*Semetara*
Miapé bread	*Xe remiape* my	*Semiape*
Mimonya cooked victuals	*Xe remimonya* my	*Semimonya*
Biara game or prey	*Xe rebiara* my	*Sembiara*
Mingau cakes (small)	*Xe remingau* my	*Semingau*
Mendypyron large cakes	*Xe remendypyron*	*Semindypyron*
Mixira roast meat or the pluck	*Xe remixira* my	*Semixira* whose

Urú a vessel, taking any thing out of it *Xerepurú*, *Sepurú* whose; with respect to a thing with in it *xerurú*, *Surú*, whose.

a drinking vessel	*Xeyguaburú* or	*Xe cuya burú*
for eating, etc., as a plate platter	*Xeremiurú*	*Semiurú*

RULES RESPECTING THE TERMINATIONS OF NOUNS

I. Roots which end in *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, and with a consonant preceding it or in *am*, *em*, *im*, *om*, *um* or the *ao* diphthong, take the terminations *zara*, *zaba*, as: *Juca*, *Jucazara*, *Jucazaba*.

EXCEPTIONS

The following form their terminations in *ara* and *aba*.

Moinge	*Moingeara*	*Moingeaba*
Mongi	*Mongiara*	*Mongiaba*
Mondo	*Mondoara*	*Mondoaba*

RULE II

Nouns ending in *o* or *u* without a consonant before them make their terminations in *ara* and *aba*, and before the last vowel insert a *g*, as:

Angao	*Angagoara*	*Angagoaba*
U	*Guara*	*Guaba*

RULE III

Some nouns form their terminations both ways, v. g.:

Pykiron	*Pykironzara*	*Pykironzaba*
	Pykironana	*Pykironaba*

RULE IV

Roots ending in *n*, *ain*, *un*, *oin*, *uin*, *uim* (these vowels being diphthong) form their terminations in *dara* and *daba*, as:

Pobain	*Pobandara*	*Pobandaba*
Mozain	*Mozaindara*	*Mozaindaba*

RULE V

Roots ending in the diphthong *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, form their derivatives in *tara* and *taba*, as:

Poi	*Poitara*	*Poitaba*

RULE VI

Roots ending in *b* change the *b* into *para* and *paba*, v. g.:

Kendub	*Kendupara*	*Kendupaba*

RULE VII

Roots ending in *k* take *ara* and *aba* (also those in *ng*):

Mondok	*Mondokara*	*Mondokaba*
Monhang	*Monhangara*	*Monhangaba*

RULE VIII

Roots ending in *m* take *bara* and *baba*, as:

Tim	*Timbara*	*Timbaba*

RULE IX

Those ending in *r* change the *r* into *zara*, *zaba*, as:

Monbor	*Monbozara*	*Monbozaba*

RULE X

To all these terminations may be fixed adverbs of time, the terminations dropping the last vowel when the adverb begins with one, as:

Juca	*Jucazaroera*	*Jucazarama*

Some nouns do not admit the terminations *ara*, *bora*, *aba*, but instead of it use the word *bae* after a verb and personal pronoun of the 3d person, as instead of *soara* is used *o so bae* he who goes.

The termination *ara* is sometimes used instead of *zara* both these denote the person who performs an action, the doer, and the termination *bora* increases the signification

and intimates the continuation or custom of performing the action as *canhembor*, though they sometimes change the *s* into *r* as will be seen in the 2[d] rule.

Canhembara is a runaway, a fugitive; *Canhembora* is one who runs away and is accustomed to do so—but there are many nouns which do not admit the termination *bora*.

The preceding terminations are not words, they have no peculiar meaning of their own, but only serve to modify that of the nouns to which they are attached. The following are really separate words, they appear in sentences and have each a distinct idea connected with them. They always follow the verb to which they belong and answer in the brazilian language the same purpose as prepositions do in others.

Mo signifies « for, instead of », as : *xe tubamo aikone* literally of whom I instead of a father will be.

Pe is used in several senses relating to place, v. g., «into» as: *ai ko tape* I am going into the village; «through» as : *ai ko ocape* I go through the house ; «in» *ocape* in the house ; « to » *E razo co bae de rubape* take thou this thing to thy father ; *Enheeng de ruba pe* speak to your father. It also asks a question and serves for a note of interrogation; as : *Ere kope* art thou going, *Aba pe nde* what creature thou, or who are you.

Zupe means both «to» and «with» *Erazo nde ruba zupe* take to your father ; *Enheeng de ruba zupe* speak to your father ; *E coei nde ruba zupe* (this is translated) go seek and bring your father ; *Anheeng nde ruba zupe* I have spoken with your father, i. e, I have fought with him, this is a common expression.

Bo «by or through », connected with the idea of extent of places or thing: *O'cabo* by or through the houses, *Ocábo* by or through the woods, *Ai ko xeramunyareco bo*, I go or live according to the customs of my ancestors.

Zose signifies «on» or «upon, over, above, more than» thus: *Cabaru zose* upon a horse, *Ita zose* upon, or on a stone, *Ai kuaub bae nde zose* literally, I know a thing more than or better than you.

Tobaque. The word is compounded of *toba* the face and *que*. It means «before or in the presence of» as: *Xe robaque* in my presence or before my face.

Tenonde «before or forward »: *Xe renonde* before me, or opposed to behind.

Isui or *zui* «from or out» *A jur xe ko zui*, I come from my farm, *Ozo xe tuba xe zui* he went to my father from me; *Xe acanga zakig xe zui*, my head is of much import from me, i. e, my head aches. When used with *eté* before the noun or pronoun it means «than», as: *Xe angaturam ete nde zui* I am virtuous more than you.

Zupi or *rupi* «according to, as», etc: *Zupicatu* according to goodness, i. e, well; *Zupi aipo eré* you speak according to these, i. e, as these things are or truly; *Tupan reco rupi aiko* I live after the laws of God; *Nhum rupi a guata* I go along the field; *A ko xe ruba pyri kope nhum rupi*. I go to visit your father and go through the woods.

N. B. Used both before and after the noun.

Porupi «with or beside, near to» ; *Xe porupi xe raikra queri* with me my son sleeps.

Poke «in the same place» *Xe poke oquer* in the same place with me he sleeps.

Aribo I suspect this word to be portuguese; *Ocaribo* above the house.

Apyri, *yrunamo* or *yrumo* «near to, by, close by», etc. *Xe yrunamo kekou* he is one who is near to me, or by me, at my side.

Pabem has the same meaning as the above but generally requires the verb in the plural number, as: *Tiazo xe pabem*

literally let you and I go with me, i. e, let you and I go together.

Rese or *ese* or with a relative *sese* or by contraction *ese* after *yo* signifies «for or on account of», as : *Tupan rese* for God's sake. 'Tis also the form of an oath or swearing as by God. It means also «with», as *Aba omendar cunham rese*. A man, he marries with a woman.

Ri is the same as *rese* and when it sounds better in a sentence is used instead of it.

Koty «towards» as : *Tapyra oko oka koty* the cows go towards the house.

Pupé signifies «in», when in a state of rest, as : *Xe roka pupé* in my house. It also signifies «with», when speaking of an instrument with which some action is performed, as : *Ai nupan xe rakikra ybikra pupé*. I whipped my son with a switch.

Zagei. Also with a relative *zagei* opposite or contrary to, as : *our xe ragei*, he goes contrary to me.

Reire, *Rire*, *Re* } after or afterwards, ex. : *Xe zoko reire terezoko*, i. e, after my going go thou.

Eymebe, *Eimbe* } Before or before that, as : *Xe zo eimbe tere zo*, before that I go, go thou.

Yanonde is the same as *Eimbe*, but always supposes that the action is complete, ex. : *Xe zo yanende tere zo* before that I go and return, go thou.

I is sometimes a preposition and signifies «to» or « about » or «at» or «near to», as : *Enhongong de itangapema nde kua i*, i. e, put your war club near to your side.

Pyri «to» and used always with a noun of person never of place as : *Ako re ruba pyri*, I go to my father, *Tapyra ozo ogoapixara pyri*, the ox goes to his companions.

RULE

The words *Zui, zosé, zupé* when placed in position change the *z* into *x* and take *y* for their relative, v. g.:

Zui « from or out of» *Y xui* from whom, out of which.
Zoze *Y xose* upon which.
Zupe *Y xupe* to or with whom.

It is evident that many perhaps all of the foregoing words are considered as nouns, are put in position with them and follow the same rules.

We will place here some expressions in which these words are thought to be used with superior elegance and propriety. *Bo* is compounded as *Opocu-bo* at length.

Ocatu kupó-bo at the back of.
Oe pe-mo beside, here *bo* is changed to *mo*.
O ykba-bo upside down.
Xe cupé-bo ere nheeng you slander me privately.
Xe po guyr-bo ere iko you come under my hand, i. e., are in my power.
Bae aribo above something (this is half portuguese).
O pobo agoatá one who goes in his hands, i. e, creeps.

Rese and *I* are sometimes used elegantly for each other.

Na xe rub potari de rese I do not wish you for my father
Na xe rahik potari de rese I do not wish you to be my son.
A Tupan mongeta de rese I have prayed to God for you.
Xe anga ko aykba de rese my soul is ill for your sake.
Nde maenduar xe rese remember me.
Na xe rezarai nde rese I do not forget you.
A poar de rese ne I will cuff you.
O iko cunham rese habet rem cum fæmina.
Na ikoi nde rese I do not understand you.
Enhe mozarai umé rese do not trifle with me.
Apokok bae rese I put a hand to a thing.

Sometimes it means «to steal it», at others «to labour».

Nde cua i or *Nde cua rese* at your side.

Atoá i or *Atoá rese* at the back of, upon the shoulders.

Pyta i or *Pyta rese* at the heels of one, close to.

A iuri on the neck.

Ybikr at a distance.

Guir i or *Guir rese* below.

Taquipoari tracking or following by the foot marks.

Sobai or *Sobai rese* from the other side.

These expressions are also deemed more proper than the plain ones of the same kind; v. g. instead of saying *Xe tapyra* my cows, we say *Xe reimbaba tapyra, Xe reimbaba tayazu*, etc., *Pedro sekou*, Peter went to his own *kopa* or farm. *O sig o gue rezo o yrunamo* he took his own mother with his own self:

Pedro ozo o mondo reme, Peter went, they commanded him, i. e, because they commanded him.

O mano o jukareme, he died, they killed him or because, etc.

Oko o mondoape, he went where they ordered him.

O ur o gue noindape, he came where they called him.

Instead of saying *Ai monhang ko xeruba*, I work at my father's farm, we say *Ay ko monhang xeruba*.

Instead of saying *Ai monhang seko Pedro*, I have made life for Peter, we say *Ai seko monhang Pedro*.

Instead of *A juka tuba Francisco*, I have killed Francisco's father, we say *A tu juká Francisco*.

Also we say *Azo pati xe ruba* I prepare the net in which my father slept.

Azo pe monhang amana I make a road for the rain, i. e, the rain water.

Ai tapuy mongaturom xe sig I mend the cottage of my mother.

Ay acangok boia I cut off the head of a snake.

Ay jurú mopen nheeng ixoera I stopped the mouth of.

A tayk nupan xe atuasaba I whipped the son of my friend.

Gui xobo azobaiti dere quyra I going, met your brother.

De ruba semoneme xe po re auzub that your brother should have died I am grieved.

Bo / *Be* } are affixes to personal pronouns and signify «to» as:

Yxebe, yxebo to me.
Nde be, nde bo to thee.
Orebe, orebo to us.
Yandebe, yandebo to us all.
Paembe, paemmo to you.
Acebe, acebo to the man, to him.

Azo caa mondo bo I go hunting, *Azo xe ruba repiac aonama* I come to see my father.

Ajur de repiaca I come to see you.

We say also: *De ruba reomneme de pore auzub* that your father should have died, ye are grieved.

VERBS

Verbs are of two kinds:

1st. Those which have an object expressed.

2d. Those which have not, or

1st. Those whose object has no affix which affects them.

2d. Those whose object has an affix affecting them.

This distinction is of great importance in the language for almost all verbs may be of both classes but then they follow different rules, v. g.:

1st. I kill a snake	2d. I am killing.
I remember	I am mindful of.

RULE FOR VERBS

N.º 1

The agent or nominative to the verb may be placed either before or after it, as *oso Pedro* or *Pedro oso, y xe aiko* or *Aiko y xe.*

N.º 2

The noun denoting the object of the verb may be placed either after or before it, as *A juka boya,* I killed a snake or *Boya a juka,* a snake I killed.

N.º 3

When a verb stands between two nouns the expression is ambiguous for it is uncertain which of the nouns is the object and which the agent of the verb, as: *Boja o juka cunham,* a snake the woman killed.

N.º 4

If a verb having an adverb joined to it follows two nouns that which is nearest is the object of it, as: *Boja cunham juka reme,* if the snake killed the woman.

Nde xe juka reme if you should kill me.

Y xe de juka reme if I should kill you.

Xe Pedro juka reme if I should kill Peter.

Pedro jaguara juka reme if Peter can kill the ounce.

Jaguara Pedro juka reme if the ounce should kill Peter.

Nai potari nde xe juka I don't want you to kill me.

Ozo Pedro jaguara jukabo It was Peter who killed the ounce.

N.º 5

When active verbs beginning with *z* or *s* have their object placed immediately preceding them change the *s* or *z*

into *r*, as: *Baecatu Tupa rauzuba* a good thing or man loves God. But when any other word intervenes the *s* or *z* is retained, as:

Bae catu Tupan aze zauzuba, Tupan aze zauzubmé a man loving God. Take *z* for their relative as *zauzuba*, of whom the loving.

This rule has six exceptions, viz: *Sib, zoc, zub, zoo, zuu, zuban.*

RULE

When *oro* or *opo*, come immediately before such active verbs, except the six, the *s* or *z* is dropped, as:

Xe oro auzub, Xe opo auzub instead of *oro* or of *opo-zauzub.*

RULE

Neuter verb and the preceding six active verbs never change the *s* or *z* into *r*, but when in position with a relative they change them into *x* and take *y* for the relative, as:

Azo, I go, *yxo* of him the going or his going.

RULE

When in any case the letters *s* or *z* are immediately preceded by *y*, they change into *x*, be the word noun or verb simple or compound.

RULE

When verbs beginning with *s* or *z* are preceded by the syllables *Nho, yo, nhe* or *ye* the *s* or *z* are dropped, as: *A zauzub* I love, *Aye auzub*, I love myself or am loved.

RULE

Verbs beginning with the syllables *nho* or *yo* drop such syllables in the third person both singular and plural, as:

Anhotim, Ere nhotim, O tim.

Ya nhotim, Oro nhotim, Pe nhotim, O tim he plants, *a yo zok* to prick with a stik, *Ozok.*

RULE

Verbs beginning with *nho* or *yo* become passive by changing these to *nhe* or *ye*, ex.:

Anhotim, anhetim I am buried.

RULE

When verbs which naturally begin with syllables *nho, yo*, followed by the letters *s* or *z*, meet with the syllables *nho* or *yo* to make them reflective or passive they drop their own first syllable and the letters *s* or *z*, and change the prefix into *nhe* or *ye*, ex.:

A nhozumi I burn, *anheumi* I burn mysel for am burned.

Ya nhe umi we burn one another.

A yozok I prick, *a ye ok* I prick myself or am pricked.

EXCEPTIONS

The six verbs mentioned above *sib, zok, zub, zoo, zuu, zuban*, do not always in such cases lose the *s* or *z*, nor change the *nho* or *yo* into *nhe* or *ye*, they become reflective thus, ex.:

A yozok I prick

Pe yozok ye prick one another

A ye zok I prick myself.

O yozok they prick one another.

RULE

When the word *poro* is inserted between the nominative and a verb beginning with *s* or *z* this letter is dropped and if the verb begins with *nho* or *yo* that syllable is dropped, as:

A zauzub	*A poro auzub*
A nhotim	*A poro tim* I bury people.

N. B. The six verbs mentioned above are exceptions to the rule, i. e., they retain the *s* and *z*.

The word *poro* may be placed before any verb having a nominative case with which it can make sense but when prefixed to the simple name of the action it changes the *p* into *m*, as: *A juka* I kill, *A poro juka* I kill people, *Moro juka* the killing of people or to kill people.

RULE

Sometimes the word *poro* loses its last *o* when it stands between the nominative and verb as *A ú* I eat.

A por ú I eat people.

A yo zub I visit, *A po zub* I visit people.

If after the syllable *nho* or *yo* the verb have *s* or *z* both are droped, as:

Anhozumi, A poro umi.

RULE

If the letter *i* comes before *s* or *z* the *z* is changed into *x*.

RULE

Active verbs beginning with *ra, re, ri, ro, ru,* take the syllable *gue* in the 3d person, as:

A razo, O gue razo.

RULE

Neuter and passive verbs become active by taking the prefix *mo*.

Xe angaturam I am good or virtuous, *Ai moangaturam* I do good or cause another to be good or virtuous.

Oye apin he is shorn, *Oy moyeapin* he causes one to be shorn, *A mo ye apin Pedro Diogo zupe* I cause that Peter be shorn by James.

The syllable *mo* seems to express the idea of power, capacity and possibility, both when it stands alone or a prefix or affix either to noun or verbs, v. g.:

Mo rubi xaba a chief, the man with power.

Mo juka I cause that he slay.

Juca mo of killing to have the power.

In this last case it is sometimes to be changed into *bo*.

Mo as a prefix expresses not the power of doing a thing, but of making another person to do it.

RULE

When neuter verbs become active by taking the syllable *mo*, they lose the pronouns of the third or fourth class and require those of the second *ai* and if the verb had an *r* after the pronoun *xe* it drops that letter, as:

Xe ropar I lose myself, *Ai mopar* I cause another to lose himself or be lost.

RULE

Neuter verbs which admit the pronoun *a* use the prefix *mo* and also change it into *ra*, *re*, *ro*, *ru*, v. g.:

A poam I rise, *Ai mopoam* I cause another to rise.

A ropoam I rise and raise something with me.

Ain, *Aimoin*, *A roin*.

RULE

When the prefix *mo* or *ro* is joined to a verb letters are often changed to soften the sound of the word.

A zo I go, would make,	*Ai moko* but we say	*Ai mondo*
Ai ko I am	*Ai moko*	*Aimoingo*
A jur I come	*Ai mojur*	*Aimbour*

RULE

A few neuter verbs do not admit of the prefix *mo*, but require *ro*, v. g.:

A mano I die, *Aromano* I cause another to die with me, but *Ai momano* is never used, ex.:

A momano xe angaturama my goodness dies with me, i. e., I will keep it untill I die.

RULE

The word *bae* a contraction of *mbae* when joined as an affix to an active verb designates the agent of the verb and omits adverbs of time, as:

O juka bae the thing which kills or he who kills.

O juka bae poera he who did kill.

O juka ramboera or *Juka bae rama* he who had killed.

RULE

Negations of this kind are formed by the syllable *eim* before the word *bae*, as *Ozobae* he goes, *Coparbae* he who loses himself, *Ozo eimbae* he who or that which does not go.

RULE

The word *mi* when joined as a prefix to active verbs denotes the object of the verb, *mi ú* the thing which is eaten; this also admits adverbs of time.

RULE

Before the words *bae* and *mi* thus joined to verbs *Xe*, *Nde*, *Ae*, etc., are changed to *Xere*, *ndere*, *ke*, etc., and denote the agent, as:

Xere mi ú the thing which I eat.
Ndere mi ú that which thou eatest.
Ke mi ú that which he eats.

In the brazilian tongue there is a peculiarity in the formations of the third persons, as for example:

These third persons have before them an adverb, preposition or a verbal noun like the gerund in latin, as:

Eboquei perozou there is Peter who goes, or there goes Peter.

Coriteim yxou now I who go or it is I who am going.
Nd aerojai y manduari not for this don't thou recollect.
The following rules require great attention.

N.º 1

If the pronoun nominative case to the verb be of the first or second class, take it away and join as an affix to the verb the letter *u*, as instead of

Quese Pedro ozo write *Quese Pedro zou* yesterday Peter went.

N.º 2

If the pronoun be of the 3d or 4th class and *y* nominative to the verb, let the pronoun remain and as an affix to the verb place the letter *y*, ex.:

Quese Pedro nde rese y maenduari yesterday Peter about you bethought himself.

N.º 3

If a noun be nominative case to the verb, let it remain and add at the end of the verb the affix *i*, as:

Quese nde rese Pedro maenduari yesterday concerning you Peter bethought himself.

N.º 4

If the verb begin with *s*, *z* or *t* and the noun be immediately before it, these letters are changed into *r*, as:

Quese caa rupi oguatabo Pedro ropari. Yesterday in the woods a wanderer Peter lost himself.

N.º 5

If the verb begin with *s*, *z* or *t*, and the noun be not immediately before it, such verbs undergoes no change, v. g.:

Quese caa rupi Pedro oguatabo zopari. Yesterday in the woods Peter a wanderer lost himself.

N.º 6

In such cases from active verbs take away the *o* place the object of the verb immediately before it and add as an affix the letter *u*, v. g.:

Coritei Pedro xeruba mongueta u. Now Peter with my father is speaking.

But if the object be not immediately before the verb it is necessary to place there the letter *y*, as:

Xe ruba coriteim Pedro y mongueta u.

With my father now Peter is speaking, he or man, for are in both a pronoun and noun.

N.º 7

The relative always refers to the most distant noun, as *Baetetiruam ase zanzuba kose ase Tupan rauzub* more than all things which he loves, he loves God.

N. B. Because the object *Baetetiruam* does not join the verb it takes the relative *z* and because the object *Tupan* does join the verb it changes the *z* into *r*.

N.º 8

The six verbs so often mentioned do not in these cases change the *s* or *z* into *r*, but in other respects follow the above rule, as:

Quese pay baecikbora zubani. Yesterday the wise man sucked the invalid.

Quese baecikbora pay y xubani. Yesterday the invalid the wise man sucked.

N.º 9

In all cases concerning which we are now treating, if the verb ends in a consonant it takes the letter *i*, as an affix:

I *por* I leap	A *pori* he who leaps
Acyk I arrive	*Xiki* he who arrives.

N.º 10

All verbs ending in a single vowel or after it *m* or *n* add the letter *u* as an affix, as:

Ai mondo, Ai mondou.

N.º 11

All verbs ending in a diphthong or with an *m* or *n* after it neither take nor lose any thing at the end, as:

Acai *Cai* *Ai mozai* *Mozai.*

N.º 12

In order to make a negation of these third persons relative the affixes *u* or *i* are changed into *eikmi* and those which end in a diphthong take *eikmi*, as:

Mondou	*Mondoeikmi*
Xiki	*Xikikmi*
Cai	*Caiykimi.*

N.º 13

Take notice that to these third persons relatives the third person cannot serve as the nominative case, but the first may, as:

Eboquei Pedro zou to Peter there he goes.
Eboquei xe zou see I who go.
Marapé xe zou eikmi I don't know why I did not go.

N.º 14

All the active verbs which after their pronouns have the syllables *ra, re, ro, ru,* and take the syllable *gue* as per rule change this in their third person relative into *se,* as:

A razo *O gue razo* relative *Se razo u.*

N.º 15

Active verbs which have a noun for their objective may take also or not a relative agreeing with it, but it is more elegant to use the relative, v. g.:

Pedro boia o juca Peter the snake he killed.
Or elegantly:

Pedro boia ya juca Peter the snake he killed it.

O guerazo temo zapia ykba zupe Tupan xeruba mam I wish that he, i. e., God would quickly take to heaven my father.

RULE

When the affix *bo* or *reme* or any of its representatives *neme, eme, me* or *e* is joined to active verbs, they take no personal pronoun and if they begin with the syllables *nho* or *yo*, they drop such syllables, v. g.:

A juka *Juka reme* *A nhotim* *Timé.*

RULE

Active verbs which begin with any of the syllables *ra, re, ro, ru*, and according to rule take the syllable *gue* in the 3d person, change that syllable in *se* when the verb is followed by the affix *reme* or any of its representatives.

RULE

To all verbs whose root ends in a vowel (*y* is not called so) the affix *reme* may be joined as *Jukareme.*

Those ending in *n* or the letters *k, ng* or *r* drop the *r* of the affix and add *eme*, v. g.:

		Negative.
Nupan	*Nupaneme*	*Nupan eykeme*
Pak	*Pakeme*	*Pak eykeme*
Monhang	*Monhangeme*	*Monhang eykeme*
Juban	*Jubaneme*	*Juban eykme*
Potar	*Potareme*	*Potar eykme.*

Those ending in *b* or in *a* diphthong and with a diphthong followed by the letters *m* or *n* instead of *reme* take only the last syllable *me*.

Cai	*Caime*	*Cai eykme*
Senoin	*Senoinme*	*Senoin eykme*
Mondeb	*Mondebme*	*Mondeb eykme.*

Those which end in *m* take *e* only, as:

Nhotim	*Time*	*Tim eykme.*

RULE

To make a negative of the word *reme* it or its representatives must be changed into *eykeme*. Vid. ex. above.

RULE

When verbs appear without any nominative case and have their termination a consonant or a diphthong followed by an *n* then they require the affix *a* but not otherwise, v. g.:

A cai *Caia* *A senoin* *Senoina* *A quer* *Quiera*
A juka *Juca* *A nupan* *Nupan.*

RULE

In order to make negative or negafy the simple verb without a nominative case, we affix instead of the word *Eykme, Eykma* changing the last *e* into *a*, as:

Juka *Juka eykma* *Quer a* *Quer eykma*

RULE

Verbs in their simple state, i. e., without agents or nominative cases, admit of adjuncts of time, ex.:

Juka agoera to have killed.

Juka aonama to have to kill.

Juka ramboera ought to have killed and to have still to kill.

Y juka pyrama for to kill or be killed.

RULE

The affix *ramboera* loses the *r* and becomes *amboera* when the verb ends with a consonant.

RULE

When the verb ends in *n* or rather the sound of the «til» the *p* in *pyrama* or its contraction *pyra*, becomes *b* as *Nupanbyrama*.

Those which end in *ng*, *m* or *n* require after them the letters *imb*, as *Monhangimbyrama*.

Those which end in *b*, *k* or *r* take after them the letters *ip*, as *Y mombebipyrama* or *Y mombebipyra* and in all these cases the last letter is changed into *eykma* to form a negation, as *Y juka pyreykma*.

RULE

When the affix *bo* is joined to active verbs having no agent they admit no prefix, but when joined to a neuter verb in the same state the verb takes the pronoun *gui*, *e*, *o*, etc., and instead of *gui* and *e* the pronouns *xe* and *nde* as prefixes.

RULE

Active verbs ending in *a*, *e*, *o*, with a consonant before it may have the affix *bo*, as:

Jukabo *Seebo* or *Sebo* *Mondobo*.

Except those verbs which end in *mo* or *no*, which change the *b* into *m*, as *Amo*, *Amomo*, *Mano*, *gui manomo*. Except also the verbs *Ique* and *Moingue* and their compounds which take *abo*, as *Gui quebo*, *ceroqueabo*, *moingueabo*.

Except also the verb *Seguye* and its compounds which

change the last *e* into *abo; guiseguijabo; jepee* also becomes either *Jepeebo* or *Gui jepegoabo.*

RULE

The affix *bo* is changed after active verbs ending in *o* pure (i. e., without a consonant) into *guabo,* as *Zoo zoguabo.* But those which end in *o* with a consonant before it take *obo* as does also the verb *Yoó.*

Those which end in *i* or *u* not pure change *bo* into *abo,* as :

Quiti *Quitiabo* *Poru* *Poruabo.*

Those which end in *u* pure change the *u* into *guaba,* as :

Mbae u *Mbae guabo,* *U guabo,* *Xuiu xuguabo.*

All those verbs which end in *in* or *un* change the affix *bo* into *amo; quitin, Quitinamo*; *Monhemun, Monhemunamo.*

Every verb ending in *an, en, on,* instead of *bo* add the syllable *mo,* as :

Nupan, Nupanmo, Mocen, Mocenmo, Zapiron, Zapiromo.

All verbs ending in diphthongs or those followed by *n* or in any consonant except *b* and *r,* instead of *bo* take the letter *a,* as: *Cai caia; mongarao mongaraoa.*

All verbs ending in *b* require *pa* instead of *ba,* and lose their last letter as *Mondeb, Mondepa,* and those ending in *r* lose the *r,* and take nothing, as :

Quer, Guique, Zacaar, Zacaa, Mopor, Mopo.

RULE

To make the affix *bo* negative it or its representatives are changed into *eykma* and if the verb have lost any letter or changed any, they are replaced, as :

Mondo eykma *Gui quer eykma* *Mondeb eykma.*

RULE

Neuter verbs or those which admit the pronoun *xe*, change the affix *bo* into *amo*, as :

Xe angaturam, *Xe angaturamo*, by or through my being virtuous.

Those which end in a vowel with the accent on the last syllable change the affix *bo* into *ramo*, as :

Xe pochi *Xe pochiramo.*

RULE

In neuter verbs the affix *bo* is rendered negative by inserting the word *eykmo* between the verb and its affix, as :

Xe anguturam eykmamo *Xe pochi eykmamo.*

RULE

Verbs which begin with the syllables *ra*, *re*, *ri*, *ro*, *ru*, using the pronouns of the first class require in their third person the syllable *gue* between themselves and the nominative case, as :

A razo I take	*O gue razo* he takes
A reko I have	*O gue reko* he has
A roguer	*O gue roguer*
A rur	*O gue rur.*

RULE

Neuter verbs (or those which use the pronoun *xe*) form their third persons in *y*, as *Xe maenduar*, *nde maenduar*, *y*

maenduar; but if the verb begins with the letter *r* it changes the *y* into *s* or *z* and drops the *r*, as: *Xe ropar*, *nde ropar*, *zopar* to be lost, *Xe rozang*, *nde rozang*, *zozang* to be secure.

There are five exceptions to this rule which retain the *y* and the *r*, thus:

Xe rob	3d person	*Y rob* it is bitter
Xe ro		*Y ró* he is cross eyed
Xe rurú		*Y ruru* he is swelled
Xe roikzang		*Y roikzang* he is cold
Xe ryir		*Y ryir* by contractions *yir* he has nephews by his sister.

Those verbs also are exceptions, which beginning naturally with a *t* and change it into *r* in the first and second persons (such as those from *tuba* a father, *xe rub* I have a father, *nde rub*) these in the 3d persons regain the *t* as *y tub* he has a father.

RULE

When the pronoun or particle *o* signifying «his own or himself» is before a noun the syllable *gue* is often placed between them and if the noun begins with the letters *s*, *z* or *t*, the *gue* is pronounced like our *w*, but these letters themselves are dropped as from *Xe rauzupara*, *o guauzupara*; *Tuba*, *o guba*.

N. B. The six verbs are exceptions to them, and also neuter verbs which have *s* or *z*, i. e., those which admit the pronouns *xe*, as:

Pedro no ipotari ozo, Peter does not wish his going, i. e., he does not care to go.

These neither take their syllable *gu* nor change their letter.

RULE

The syllable *yo* when placed between a pronoun and an affix gives the sentence a reflective form, as:

Aona oyo irunamo sekou,
They one to the other are near.
A Tupan mongueta xe yo ese,
I to God prayed for myself.
Ei mongueta nde yo ese,
Thou didst pray for thyself.
Pedro toi mongueta o yo ese,
Petei he prayed for himself.
A reko Tupan xe yo pupe,
I take God with myself or with me.
Ai monhiron ahanga xe yo upe,
I appease God with myself, i. e., I make him pleased with me.
Nde eimonhiron Tupan o yo upe,
Ahê toi moisem Jurapari o yo zui, etc.

N. B. It is deemed bad grammar to say: *Tupan xebe* or *Tupan xe zupe,* the *y* must always by inserted, as: *Tupan y xebe, y xezuppe,* and *y* is a contraction for *yo.*

RULE

The second person of the imperative sometimes takes an *i* after the pronoun when the verb begins with a consonant as instead of *emonhiron,* we say *eimonhiron.*

RULE

The affix *remi* is sometimes contracted into *mi*—as: instead of *O gue remi mondo,* we say *O gue mi mondo.*

N. B. There are six verbs beginning with *s* or *z* which follow peculiar rules, viz.

Sib to clean.

Zok to prick.

Zub to visit.

Zoo to invite to a feast, or *xoo*.

Zuu to bite, or *xuú*.

Zuban to suck or *xuban*.

1st. These 6 not change their *s* or *z* into *r* although the object be placed immediately before them and for their relative they take *y*, changing the *s* or *z* into *x*, as:

Ai osib I clean it.	
Siba to clean	*Nhaem siba* to clean plates
	Yxiba cleaning it.
Ai zok I prick him	*Zoka* to prick
	Yzoka pricking it.
Ai ozub I visit him	*Zuba* to visit
	Yxuba visiting it.
Ai xoó I invite him	*Zoo* to invite
	Yxoo inviting him.
Ai xuú I bite it	*Zuu* to bite
	Y xuu biting it.
Ai xuban I suck it	*Zubana* to suck
	Y *xubana* sucking it.

2d. They do not take the syllable *gu* in their third person when following the reflective *o*.

3d. They do not lose their first letters after the syllables *nho* or *Yo* according to rule.

RULE

Verbs beginning with a vowel sometimes take the syllable *gu* between themselves and the agent, as: *apyk* to sit, *aguapyk* I sit.

N. B. Our present knowledge of the language does not allow us to give any certain rules for the use of the pronouns: the following may assist.

A seems to be the natural pronoun before all verbs and becomes. *Ai* before verbs or words beginning with *m* and some in *k*, *n*, and *q*.

Xe is used before the word *poro*, before names of qualities or those which are naturally neuter. Sometimes before *ro*, *ra*, *re*, *ru* and whenewer the emphasis of the sentence lies upon the pronoun.

Xe also may generally be usede before verbs which have no object joined to them, i. e., neuter.

When the third person is agent to a verb, which another third person is the object and in no other case, the pronouns must be clearly expressed, as: *Pedro o juka jaguara*, Peter he killed the ounce.

Pedro o zauzub Tupana, Peter he loves God.

Pedro o zok jaguara, etc.

RULE

When the second person is agent of the verb and the first object of it, the verb takes the word *yepe* after it, ex.:

De xe juka yepe thou prickest me.

Xe juka yepe kill me.

Xe rauzub yepe love thou me.

If the agent be of the singular number, but if it be of the plural number it is joined to the agent and both follow the verb, as *Xe juka peyepe*, ye kill me.

RULE

The demonstrative pronouns are always placed before the noun to which they relate, v. g.:

Ae aba this man, or this is the man.

RULE

Personal or relative pronouns always follow the noun to which they relate, as:

Ae aba okone this man he will go, or this is the man who will go.

RULE

Personal pronouns always precede the verbs to which they belong.

RULE

Adverbs may be placed either before, but are generally put after their verbs, as:

Coriteim azo or *azo coriteim.*

CONJUGATIONS

Verbs have seven conjugations, three of them we call pronominal because the change takes place only in the pronominal prefix, and three we call radical because the inflection occurs in the root or in both the root and the prefixes.

The first takes the prefix *a* and comprehends most verbs.

The second takes the prefix *ai.*

The third the prefix *xe.*

The fourth has the root beginning with an unchangeable *s* or *z* and comprehends only six verbs, and may be classed under the 1st conjugation.

The 5th composes those verbs whose roots begin with *ra, re, ro, ru, po,* and the verb *jar* which ought be refered to *jar,* the verb *guar* being regular when it signifies to take.

The roots of the 6th end in *iko* or *ique.*

And the 7th in *jub* or *jur.*

There are in each conjugation four moods: the indicative, the permissive, the imperative and the infinitive.

The indicative mood declares a thing.

The permissive mood gives or asks leave to do a thing, as:

I may or may I, etc., can I, etc.

and is formed by the letter *t* which it takes as a prefix to its pronoun; when this letter is followed by a vowel it makes a syllable with that vowel, but when it meets with a consonant it takes an *a* and becomes *ta.*

The imperative mood commands or forbids, and is formed in the same manner as the permissive except in the second persons which do not take the letter *t* or syllable *ta.*

The infinitive is formed by joining to the root the letter *a* as an affix, if the root end in a consonant, and if it end in a vowel it takes no affix.

The indicative, permissive and imperative moods have two tenses each. One we call the indefinite, because it relates to times present and past, a sort of aorist—and is formed by the root of the verb and its prefix alone. The future tense takes also the affix *ne.*

Each tense has two numbers and seven persons as was explained under the head pronoun. The rules for forming verbs have also been given already.

I. CONJUGATION FOR BY THE PREFIX *A*

POSITIVE PART, ROOT *Juca*

Indicative mood Indefinite tense.	Permissive mood Indefinite tense.	Imperative mood Indefinite tense.
Sing.	Sing.	Sing.
A juka	*Ta juka*	
Are juka	*Tere juka*	2d *Ere juka*
O juka	*To juka*	*To juka*
Plural.	Plural.	Plural.
Ya juka	*Tya juka*	*Tya juka*
Oro juka	*Toro juka*	*Toro juka*
Pe juka	*Tape juka*	
O juka	*To juka*	*To juka*
Future tense.	Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.	Sing.
A jukane	*Ta jukane*	
Are jukane	*Tere jukane*	*Tere jukane*
O jukane	*To jukane*	
Plural.	Plural.	Plural.
Ya jukane	*Tya jukane*	
Oro jukane	*Toro jukane*	
Pe jukane	*Tape jukane*	*Tape jukane*
O´ jukane	*To jukane*	
		Infinitive mood.
		Juka.

I. CONJUGATION

NEGATIVE PART

Indicative mood.	Permissive mood.	Imperative mood.

N. B. In these negations the *n*, *nd* and *d* alone are used indiscriminately.

Indefinite tense.	Indefinite tense.	
Sing.	Sing.	Sing.
Na jukai	*Ta jukaume*	
Ndere jukai	*Tere jukaume*	*Ere* sometimes *e* without *re jukaume*
Ndo jukai	*To jukaume*	*To jukaume*
Plural.	Plural.	Plural.
Ndya jukai	*Tya jakaume*	*Tya jukaume*
Ndoro jukai	*Toro jukaume*	*Toro jukaume*
Nape jukai	*Tape jukaume*	*Tape jukaume*
Ndo jukai	*To jukaume*	*To jukaume*
Future tense.	Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.	Sing.
Nda jukaixoene	*Ta jukaumene*	
Ndere jukaixoene	*Tere jukaumene*	*Tere jukaumene*
Ndo jukaixoene	*To jukaumene*	
Plural.	Plural.	Plural.
Ndya jukaixoene	*Tya jukaumene*	
Ndoro jukaixoene	*Toro jukaumene*	
Nape jukaixoene	*Tape jukaumene*	*Tape jukaumene*
Ndo jukaixoene	*To jukaumene*	

Infinitive.

Jukaeyma

2d CONJUGATION IN *Ai* ROOT *Monhang*

POSITIVE PART

Indicative mood.
Indefinite tense.

Sing.	Plural.
Ai monhang	*Yai monhang*
Arei monhang	*Oroi monhang*
Oi monhang	*Pei monhang.*

Oi monhang, etc., etc., this conjugation differing from the 1st only in the insertion of an *i* after the pronominal prefix it is unnecessary to run through the other parts.

3d CONJUGATION VERBS IN *Xe* ROOT *Maenduar*

POSITIVE PART

Indicative mood. Indefinite tense.	Permissive mood. Indefinite tense.
Sing.	Sing.
Xe maenduar	*Ta xe maenduar*
De maenduar	*Tande maenduar*
Y maenduar	*Ty maenduar*
Plural.	Plural.
Yande maenduar	*Tyande maenduar*
Ore maenduar	*Tere maenduar*
Pe maenduar	*Tape maenduar*
Y maenduar	*Ty maenduar*

Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.
Xe maenduarine	*Taxe maenduarine*
De maenduarine	*Tande maenduarine*
Y maenduarine	*Ty maenduarine*
Plural.	Plural.
Yande maenduarine	*Tyande maenduarine*
Ore maenduarine	*Toré maenduarine*
Pê maenduarine	*Tape maenduarine*
Y maenduarine	*Ty maenduarine*
Imperative mood.	Imperative mood.
Indefinite tense.	Future tense.
De maenduar	*Tande maenduarine*
Ty maenduar	
Tyande maenduar	
Tore maenduar	
Pe maenduar	*Tape maenduarine*
Ty maenduar	

Infinit.

Maenduara

3d CONJUGATION. — ROOT *Maenduar*

NEGATIVE PART

Indicative mood.	Permissive mood.
Indefinite tense.	Indefinite tense.
Sing.	Sing.
Naxe maenduari	*Taxe maenduarume*
Nande maenduari	*Tande maenduarume*
Ny maenduari	*Ty maenduarume.*

Plural.	Plural.
Dyande maenduari	*Tyande maenduarume*
Dore maenduari	*Tore maenduarume*
Nape maenduari	*Tape maenduarume*
Ny maenduari	*Ty maenduarume.*

Future tense.

Sing.	Sing.
Naxe maenduarixoene	*Taxe maenduarumene*
Nande maenduarixoene	*Tande maenduarumene*
Ny maenduarixoene	*Ty maenduarumene.*
Plural.	**Plural.**
Ndiande maenduarixoene	*Tyande maenduarumene*
Ndore maenduarixoene	*Tore maenduarumene*
Nape maenduarixoene	*Tape maenduarumene*
Ny maenduarixoene	*Ty maenduarumene.*

Imperative mood.

Indefinite tense	Future tense.
Sing.	
De maenduarume	*Tande maenduarumene*
Ty maenduarume	
Tyande maenduarume	
Tore maenduarume	
Tape maenduarume	*Tape maenduarumene.*
Ty maenduarume.	

Infinitive.

Maenduareyma.

4d CONJUGATION IS LIKE THE FIRST.—ROOT *sib*

5d CONJUGATION.—ROOTS BEGINING WITH *Ra* etc., as *Razo*

POSITIVE PART

Indicative mood. Indefinite tense.	Permissive mood. Indefinite tense.
Sing.	Sing.
A razo	*Ta razo*
Ere razo	*Tere razo*
Ogue razo	*To razo.*
Plural.	Plural.
Ya razo	*Tya razo*
Oro razo	*Toro razo*
Pe razo	*Tape razo*
Ogue razo	*To razo.*
Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.
A razone	*Ta razone*
Ere razone	*Tere razone*
O razone	*To razone.*
Plural.	Plural.
Ya razone	*Tya razone*
Oro razone	*Toro razone*
Pe razone	*Tape razone*
O razone	*To razone.*

Imperative mood.	Infinitive mood.
Sing.	
E razo	*Kerazo*
Togue razo.	
Plural.	
Tya razo	
Toro razo	
Pe razo	
To razo.	

N. B. The negative part is formed by placing with the foregoing the prefixes and affixes.

6d CONJUGATION in *Ico* to be, i. e., to live or be alive or *Ique* to enter.

N. B. This class of verbs are conjugated like those of the 1st conjugation, except in the infinitive mood which becomes *teco* and *teique;* their compound as *icobe* to be well, etc., follow the same rule.

7th CONJUGATION.—ROOT in *ub* or *ur*

POSITIVE PART.—ROOT *Jur* to come

Indicative mood.	Permissive mood.	
Indefinite tense.	Indefinite tense.	Imperative.
Sing.	Sing.	Sing.
A jur	*Ta jur*	
Ere jur	*Tere jur*	*Jori* or *Ejor*, *Ejori*
O jur	*To jur*	*Tour.*

Plural.	Plural.	Plural.
Ya jur	*Tya jur*	*Tya jur*
Oro jur	*Toro jur*	*Toro jur*
Pe jur	*Tape jur*	*Pe jur* or *Pejori.*
O ur	*To jur*	*Tour.*
Future.	**Future.**	**Infinitive.**
Sing.	Sing.	
A jurine	*Ta jurine*	*Jura.*
Ere jurine	*Tere jurine*	
O jurine	*To jurine.*	
Plural.	Plural.	
Ya jurine	*Tya jurine*	
Oro jurine	*Toro jurine*	
Pe jurine	*Tape jurine*	
O jurine	*To jurine.*	

IRREGULAR VERBS *E* to say

POSITIVE PART

Indicative mood.
Indefinite tense.

	Imperative.	
Sing.	Sing.	
Ae		
Eere	*Ere*	
Ee	*Te i*	
Plural.	Plural.	*N. B.* All the other parts are regular.
Ya e	*Tya e*	
Oro e		
Pe je	*Pe je*	
Ee	*Te i*	

VERB *In* to lie down

POSITIVE PART.

Infinitive.

Te en or *Ke en*, all the other parts are regular, of the 1st.

VERB *Mano* to rain.

Infinitive.

Kemo or *Temo*, the other parts regular.

VERB *Ityk* to put down.

Infinitive.

Ityka, all the other parts regular.

VERB *Pykno* or *Pygno* to stone.

Indicative mood.	Imperative mood.	
Present tense.		
Sing.	Sing.	All the other parts regular.
A pygno		
Ere pygno	*E pygno*	
O pygno	*Togoepygno*	
Plural.	Plural.	
Ya pygno	*Tya pygno*	
Oro pygno	*Toro pygno*	
Pe pygno	*Pe pygno*	
Ogoe pygno.	*Togoe pygno*	
	Infinitive.	
	Te pygno.	

VERB *zo* to go

Imperative mood

Sing. *Ekoai* or *Ekoá* all the olther parts regular.
Tozo

Plu. *Tyazo*
Pekoai or *Pekoá*

RULE

When two verbs in English come together with the word *that* between them, the latter in the Tupi is expressed by the Infinitive as:

I wish that you go / Or I wish to go } *ai potar dezo.*

I do not wish that you kill my father *Nai potari de xe ruba jukâ.*

I well know that you are mindful of me *Ai cuai xe rese de maenduara.*

I am mindful that you have love for me *Xe maenduar de xe rauzuba rese.*

RULE

When in English two verbs come together, and one in the infinitive, they are generally made one compound word in the Tupi as:

I wish to go	I wish to kill	I know how to make.
Azo-potar	*A juca-potar*	*Ai monhan-guab.*
I make to kill		
A juka-ukar		

RULE

The interrogative affix *Pe* is always joined to the word on which the doubt falls, or the emphatic word of the question, be it noun, verb, or adverb, Ex:

Xe-pe zo the doubt is whether I go or some other person.

Xe zo-pe? the doubt is whether I go or stay.

RULE

When the interrogative *Pe* asks a question relating to place, the answer is given in the affix *Pe* joined to it, as:

Mamo-pe ere-zo where are you going ?
Azo kope I am going to the farm.
Azo tape I am going to the village.

RULE

Should the affix *pe* meet with the letters *m* or *n* in the answer before the *p*, this is changed into *m* or droped, as:
Parananme to the sea.
Nhumme to the fields.

RULE

Some few nouns instead of *pe* use the letter *i* as: *azo zoba i* and not *zobaipe*, I go to the other side.

RULE

When the interrogative *pe* as a question relating to a person, it is answered by the affix *pyri* joined to the person, as:

I go to visit my father	my brother.
Azo xe ruba pyri	*requikra pyri.*

RULE

The word *zui* is generally used in other cafes with the names of persons, places and even with other adverbs as: *Nhum zui* from the field, *Ibate zui* from above, *Oca zui* from the house, etc.

N. B. many adverbs are compounded of two or more words as:

Marape? what, or where? *maranamope* wherefore? *maranemepe* or *mbaeremepe* when? *Baeramepe* why?

The following words are which alone have no particular meaning, but when joined to other words affect their meaning: *an* gives force and additional energy to the word, as:

azo-an. here I go; *anani-an* no this; *anati-an* take care.

aib. always gives a bad sense to the expression or to the word, to which it is joined.

aub. always means defective: *azo-aub*, I go but with an ill will. In the following phrases it seems to have a different sense:

A cepiac aub, I have a great desire or long to see him. *A cepiac aub xeruba*, I long to see my father.

When the preceding word is repeated, the force of the sentence is increased as: *azo azo aub*, I rejoice that I am going; *arazo razo aub*, I rejoice to take &.

Negatives with it are thus expressed: *Naimenpangeim aubi*, I am sorry not to do it, or that I do not it, or I have not done it. When the termination is repeated, it signifies great desire as: *azo au-aub*, I go with great pleasure and haste.

Ka used only by men } denote resolution and determi-
Quig used only by women } nation.

Azo ca or *azo guig*, I am determined to go. Il is commonly used with the syllable *pe* (not an interrogation) before it; thus men say: *azo pe ca*; women *azo pe gui*.

zoára or according to the rule *xoára* or *ndoara* { This denotes frequency or custom or continuation *Bae ybyk boendoara* a thing usually on the ground; *Xe ybyk rixoara* that which is commonly at my side.

Zoer or *Xoer* or *Ndoer* { these denote also frequency: *Nheengi xoera* a great talker. *Ata zoera* a lively frisker. Sometimes these words take the affix *Ya* or *Yabi*, which give greater force to the expression, as: *De nhe meirondoer yabi*, you are very peevish and pettish; *omanozoer* he is ready to die; *araixoer* he is just falling etc.

E This letter denotes independence and absoluteness, ex: *Azoe* I go but neither take one with me, nor am ordéred, I go alone and by my own will; *Anhande* I run, I do more than walk; *Corije* this very day and not another.

I Serves for a diminutive as *comanda* beans, *comandai* small beans. With an *n* or *m* it has more force as *Pitanga* a little child, *Pitanguim* a very little child. When joined to the verbs it means the some as the expressive «but» in English, ex. *a monhangoin* I do it but; *a sepiakim* I see but; *a sepiaki de angaipaba* I see your wickedness but, i. e, take notice of it, or do not reprove you.

Ya or *yamaru* denotes the idea of rejoicing at another persons ill, we sometimes use the phrase «well done» as «well done trash him».

Ya joined to a verb signifies that the agent is accustomed to act so: *Azoya* I am used to go. It sometimes takes the syllable *bi* as *Xe poro nupanyabi* I am accustomed to whip people. *Ya* es also generally used with verbs of eating and drinking, as: *Eruri taune ya* bring it here that I may eat of it *Eruri ja* bring my share. It sometimes takes the syllable *ra* ex. *Jori ui-yara goabo* come and eat your « farinha. »

Iko behold lo! *ajur-iko* behold Igo, etc.

Yepe It sometimes means scarcely or difficulty of escape from danger or hazard *ajur yepe* I just escaped. *Ozo yepe guira* the bird just escaped. It means also «in vain» as: *asekar yepe* I sought in vain. It is sometimes an expletive as: *ype azo* well I am going. *Yepe mo xe zou* well if I had gone,

Aujebetemo, Aujeberamo, } what if! as *augebetemo azo.*
Aujeemo, Aujebeemo. } what if I had been gone.

Mam O! oh that! *Xe syg-mam* oh my mother! This is joined with other syllables;
mo as: *azo-mo Tupana-pyri-man.* Oh that were gone to God.
temo as: *azo temomam* oh that were gone.
mei as: *azo meimam*
meimo as: *azo meimomam* } I had gone.

Tene
Mone
Temone } sooner than, rather, but if, etc., if, etc., as: *Temone xegutixobo* now if I had gone.

Moanga fictitiously, vainly, as: *azo moang* I feign as if I were going; *Acaa mondo moang* I hunted in vain.

Meme likewise, also, always; *azo meme* also I go. *Tupan Tuba* God the father, *Tupan Taykra* God the son, *Tupan* the holy ghost; *Oyepe meme Tupan* the very or only God. *Memetipo* how much more; *memetipoi xe ai monhangmo* how much rather would I do that.

Nam Ruam. One of these words is not used without the other and signify «but not», as: *Nam xeruam azo* but it was not I who went. *Ruam* is sometimes changed into *xuemo* and takes *ni* as: *Namemona, nixuemo xeso rememo,* It would have been neither one nor the other, had I been there.

Niam cartainly, as: *azo niam* I certainly go, or I go certainly.

Nhe unnecessarely: *azonhe* I go without necessity.

Nhote only, no more than: *azo nhote* I only went, I did no more than I go. *Eiko nhote* be only living, i. e, be quiet. *Esepiac nhote xe rykra* wish only well to my son.

Ranhe in haste, quickly ex: *Tazo neranhe* let me go quickly;

xe ranhe I first, etc. ; *maete ranhe* see first what I tell you; *maemte pe ranhe* consider ye.

Angai by no means; it is always with the word *aan*; *aanangai* by no means. It is also joined to any verb negative, as: *No zoangai* he by no means goes. *Nai potarangai* I by no means wish.

III. THE AUXILIARS VERBS ARE:

I. *AE* the negative part of the Irregular *É* and signifies «not yet». It is accompanied always by the affix *Ranhe*.

Indicative mood

Indefinitive tense

Sing. *Daei ranhe* I yet not.
Derei ranhe thout yet not.
Dei ranhe he yet not.

Plu. *Dyaei ranhe* we with you yet not.
Doroei ranhe we alone yet not.
Dapeei ranhe ye yet not.
Dei ranhe they yet not.

This auxiliary is sometimes used by taking before its principal the Syllabe *Gui* in the following mode: Root *Paca* I awake.

Indicative mood

Indefinit tense

Sing. *Ndaei gui paca ranhe.* I yet do not awake.
Nderei e paca ranhe thou yet doest not awake.
Ndei o paca ranhe he etc.

Plu. *Ndyaei ya paca ranhe* we and you.
Ndoroei oro paca ranhe we alone.
Napejei pe paca ranhe ye etc.
Ndei o paca ranhe they etc.

This verb has also other combinations; see forward: *Da ei umani bae guabo ranhe..*

II. *RUNG* to *arrange* or *begin*

Indicative mood. Positive part.

Indefinite tense.

Sing. *Ai ko rung* I arrange a farm.
Erei ko rung thou etc.
Oi ko rung he etc.
Plu. *Yai ko rung* we
Oroi ko rung we
Pei ko runge ye.
Oi ko rung they.

The other moods and tenses from this are regular.

III. *Ab* alone does not signify any thing, but joined with a noun signifies «to open that thing» and hence are formed the verbs *Jab* to chap or to open itself, as flowers and some seeds do; this is newter, but verbs active from this are formed by enserting an *e* as *jeab* to cleave or split; and both kinds of these verbs are regular.

Ajeab I cleave.
Ere jeab etc.

IV. *Ucar* joined to verbs actives, signify «to constrain or oblige to do» as: *Ajukar ukar* I oblige to kill; *Aimonhang ukar* I oblige to make etc. and thus they are regular in every shape, as: *Amonhang ukar Pedro zupe* I oblige Peter to make; *A juka ukar yauara Pedro zupe* I oblige Peter to kill the ounce; *A ye juka ukar Pedro zupe,* I oblige Peter to kill me; *A ye apini ukar Pedro* I oblige Peter to shave; *A poromboe ukar Pedro zupe,* I oblige Peter to teach people.

N. B. *ucar* is joined only to active verbs.

NOTE

The following is a List of Interjections.

Acai / *Acaigui*	exclaims he who suffers.
Hai	he who sympathises.
Ya / *Tamuru*	he who rejoices at the disaster of another.
Temomam	he who ardently desires : would to god.
Mam	he who desires and bewails his misfortune.
Quig	he who is disappointed.
Koa	he who has some compassion or sooths.
Apague	he who rejoices.
Tho	he who is alarmed.
He	he who is grieved.

RULE

Mam, temomam, Azomo mam are always placed after the verb ; others may be put either before or after.

Conjunctions are to be found in the page.... (*)

The verb *E* has several combinations which form peculiar phrases v. g. with an infinitive it signifies to desire or vow as *Ere sepiacane* You will see and wish for.

With *catú* it answers to our verb «can» and requires after it the infinitive or the simple root with affix *gui* and affix *bo*, as : *Ae catú bae monhanga* I can make the thing, litterally I am ready the thing to make ; *Dae catui gui xobo* I cannot go, litterally I am not ready for going ; *Pedro ei catú ozobo* Peter he can go.

With *umani* it means slowly, as : *Ere umani bae monhanga* you do the thing very slowly ; *Da ei umani bae guabo ranhe* or *Daei umani bae ueyma* I have not yet done eating, In eating I proceed very slowly.

With *memenhe* it has the same meaning, as : *Ae memenhe*

gui xobo I am very slow in going. With *aenhé* it means quickly.» as: *Aenhe guixobo* I go quickly; *Pejenhe pe zobo* You make haste, or are in a hurry.

With *umam*, 'tis quickly: *Ae uman guixobo* I am going now.

Taene ranhe is forward or before, as: *Taene ranhe gui xobo* I go before; *Nei de ranhe ezobo* go you forward; *Taenhe o zobo ranhe* let him go first or *Taenhe tozo* let him go first; *Taenhe torozone* we will go first; *Penei pezobo ranhe* go you first.

When joined with the word *Tenhé* it means vainly, as: *Ae tenhe guijabo* I speak vainly.

Ere tenhe, etc.
Ei tenhe, etc.
Yae tenhe, etc.
Oroe tenhe, etc.
Peje tenhe, etc.
Ei tenhe, etc.
Ae tenhe derauzupa, I love you in vain.
When joined with *je* it means «yet or still» as:
Aejé or *Aexe gui xobo* I am still going.
Ere jé mbae guabo, thou art still eating.
Yaejé.
Oroejé.
Peejé.
Eijé.

When joined with *biter* it denotes perseverance, as:
Aebiter; *Aebiter de rauzupa* I still persevere in loving you.

Erebiter
Eibiter, etc.

Ndaeiteé, dereiteé, deiteé, etc., for this cause or therefore, as: *Daeiteé gui xobo* therefore I go; *Deiteé omanomo* through that he died.

Daeique, dereique, deique, etc., I, thou, or he, etc., was not, or it was not I, thou, or he, as: *Deique oangaipabamo* it was not he who was bad; *Deique ogoatabo* it was not he who went; *Deiqueo goata pituna* he did not walk at night.

The above are, properly speaking, declinable adverbs and are used only with the present tense of verbs.

Teinhe, as: *Teinhe ozobo,* let him go, yet you gone.

Tueme, as: *Etueme, petueme* or *petepeume,* etc., *ezob* take care you must not go.

Nei, enei, pei or *penei* now then, as: *Nei bae monhanga* now then do something.

Memete, *Memeteme*, *Memetipo* — how much more or rather, as: *Tupan omano memetipo ase omanome,* if God died how much rather should we die.

Auge, *Te*, *Teipo*, *Erompyg* — finally or well then, as: *Auge gui xobo,* well then I go.

Ya, It is will that, as: *Ya omanomo,* It is will that he died.

Aeibé, *Aeibemo* — presently: *Aeibe ozobo,* he is going just now *Aeibemo ozobo* he will go presently.

Mo may be placed either before or after the verb and forms the past tense, as: *Aebe ozo bomo* he went just now.

RULE

Aeibe, memete, memetipo, temone, peipo are always placed before the verb, but never at the begining of a sentence.

RULE

When two consonants come together in a sentence they either generally take a vowel between them or one of them is dropped.

RULE

When two vowels come together (except diphthongs) or a vowel and a dipthong, one of them is dropped or a consonant put between them to form a syllable with the latter.

N. B. Upon these two rules depend in a great measure the Dialects of the language, one Tribe dropping a letter where another inserts one, and those who drop them generally pronounce more rapidly. Some Indians also change some of the letters of a word in order to promote the delicacy and softness of their expression, as instead of saying *ajur* they say *ajut*; for *coyr*, *coyg*; for *xerurare* they use *xerurire*; for *xejbyra yanonde*, they say *Xejbyri yanonde*; but this, says Anchieta, is not natural.

ACCENTS

All verbs in this language whether they end in vowels or consonant, have the accent on the last syllable of their roots.

When prefixes or affixes are joined to them, the accent does not change, but remains on the same syllable, the increments being always pronounced quickly, as: *Juka*, *Jukábo*, *Juká reme*.

The roots of nouns in this respect have a great variety and can be learned only by practice.

In Figueira's Dictionary the accent is very frequently, confounded with the *til* and often misplaced, and in the preface it is declared that the accents are not put as was entended to have been, but that on another occasion they shall be of one sense. *N. B.* The Catechism of P. Araujo was in existence in Lisbon AD. 1795.

Tupi expressions answerable to English phrases.

I where the verbes are active

I kill or killed or have killed or had killed	*A Juká*
Thou etc	*Ere Juká*
He etc.	*O Juka*
We and you etc.	*Ya Juká*
We alone etc.	*Oro Juká*
Ye etc.	*Pe Juka*
They etc.	*O juká*
I shall or will kill or have killed	*A Jukane*
Thou etc	*Ere Jukane*
He etc	*O Jukane*
We and you etc.	*Ya Jukane*
We alone etc.	*Oro Jukane*
Ye etc.	*Pe Jukane*
They etc	*O Jukane*
Let me kill	*Ta Juká*
Kill thou now	*E Juká*
That thou mayest kill	*Tere Juka*
Let him kill, or he may kill	*To Juka*
Shall I kill presently or hereafter	*Ta Jukane*
Kill thou hereafter	*Tere Jukane*
He may kill	*To Jukane*
We alone may kill	*Toro Jukane*
Kill ye, or see that ye do kill hereafter	*Tape Jukane*

Ye may kill hereafter	*Tape Jukane*
They may or shall kill hereafter	*To Jukane*
To kill, to have killed	*Juka* probably with an *a* lost in the other.

When the verb ends in a consonant the Infinitive take an *a* as: *maenduar*. Inf. *maenduara* to recollect.

To express circumstances more clearly, adverbs are very frequently made use of, viz: *aéreme* then.

I then did kill	*A Juka aéreme.*
Thou etc	*Ere*, etc.
He, etc.	*O*, etc.
We with you	*Ya*, etc.
We alone	*Oro*, etc.
Ye, etc.	*Pe*, etc.
They	*O*, etc.

Uman or Umoan already.

I have killed already	*A Juka uman*
Thou, etc.	*Ere*, etc.
Let us immediately kill	*Tya Juka uman* or *umoan*
I at that time had already killed	*A Juka uman aereme*
Thou, etc.	*Ere*, etc.

Temoman expresses a strong desire, as: Would to God or I wish that. It has some appearance of an auxiliary verb, as it changes to *meiman* and *meimoman* and *moman* not used promiscuously.

Would to God I could kill or might kill	*A Juka temoman*
Would to God I could have killed or might killed	*Juka meiman* or *meimoman*
Would to god that I may hereafter kill	*A Juka moman*

Mo as an affix to verbs expresses the idea of permission, and becomes *beemo*

I might or might I kill	*A Jukamo*
I might have or might I have killed	*A Juka uman mo* or *Juka beemo*

Reme. When; this is an affix to the simple infinitive without any personal pronoun, as: *Juka reme*, it expresses nearly the «while» of our subjunctive mood, as: could, would, should — if, when, wherefore, how» and goes through all the tenses.

all these are the personal pronouns	*Agoéra*	joined to the verbs expresses time passed as:
	Juka agoera	I, thou, he, they, who have or had killed.

Anoama or *aonama*	as *Juka anoama.* he who has the power, right etc. to kill or of killing.
Ramboera	as *Juka ramboera* I, thou, he etc. who ought to kill but have not yet done it.
Bo	as *Juka bo.* killing, for to kill, or killed.

II. Expressions where the verb is non active or neuter. viz *maenduar.* to recollect or remember.

I do, did, have, or had recollected	*Xe maenduar*
Thou, etc.	*De maenduar*
He, etc.	*Y maenduar*
We with you, etc.	*Yande maenduar*
We alone, etc.	*Ore maenduar*
Ye, etc.	*Pe maenduar*
They, etc.	*Y maenduar*
I shall or will recollect	*Xe maenduarine*
Thou, etc.	*Nde maenduarine*
He, etc.	*Y maenduarine*
We and you, etc.	*Yande maenduarine*
We alone, etc.	*Ore maenduarine*

Ye, etc.	*Pe manenduarine*
They, etc.	*Y maenduarine*
Let me recollect	*Ta xe maenduar*
Recollect thou	*De maenduar*
Let him recollect	*Ti maenduar.*
Thou mayest recollect	*Tande maenduar.*
He may or may he recollect	*Ty maenduar.*
Let us with you or we may or may we recollect	*Tiande maenduar.*
Let us alone or we alone may or may we recollect	*Tore maenduar.*
Recollect ye	*Pe maenduar.*
Ye may recollect	*Tape maenduar.*
Let him or he may or may he recollect	*Ty maenduar.*
Let them or they may or may they recollect	*Ti maenduar.*
I may or may I recollect here after	*Taxe maenduarine.*
Recollect thou or thou mayest recollect hereafter	*Tade* or *Tande maenduarine.*
We with you may, or may we with you recollect hereafter	*Tyande maenduarine.*
Recollect ye hereafter, or ye may hereafter	*Ta pe maenduarine.*
We alone may or may we alone recollect hereafter	*Tore maenduarine.*
They may recollect or may they recollect hereafter	*Ty maenduarine.*

The adverbs *aereme, uman,* or *umoam, temoman, meiman* or *meimoman, moman, mo, reme, agoera, anoamo,* etc., are

used in the same manner and with the same effect as in the active verbs.

To recollect myself	*Xe maenduara.*
» thyself	*Nde maenduara.*
To have recollect myself	*Xe maenduar agoera.*
» thyself	*Nde maenduar agoera.*
To recollect myself, or that I may recollect	*Xe maenduar anoamo.*
To recollect thyself, or that thou mayest recollect	*Nde maenduar anoamo.*
That I may recollect myself	*Xe maenduar amboera.*
I recollecting myself	*Xe maenduar amo.*
Thou	*Nde maenduar amo.*
He	*O maenduar amo.*
We and you	*Yande,* etc.
We not you	*Ore,* etc.
Ye	*Pe,* etc.
They	*O,* etc.

N. B. Whenever this kind of expression is used, the pronoun *O* takes places of *Y* in the 3d person as above; this applies to active as will as neuter verbs.

REMARKS

Supe rupi, perhaps *supé* means to support or contend for.

Pytu is problably a diminutive of *Pytuna*; adding a syllable increases the meaning *Iacarua.*

Mejoé } *Mejoé* the repetition of a word forms the degrees
Pyxao } of comparison.
Suu } *Turusu* (vid.) *hygê papyé coice uû.*

C and *S* are sometimes confounded one with each other *ojacuî*.

Oane is generally used with all adjectives.

The black bec is problably the black wasp so common in Brazil; vid. Epex.

The letters *t* and *r* are sometimes printed so as not to be distinguished from each other.

N. B. A list of duplicate words, vid *oje auge*.

Sometimes the accent is confounded with the «til» as in *meoã*.

Words begining with an *t* have the accent in the first syllable, unless otherwise marked.

Ornaments of the face this was done by earth of different colours.

Letters are added for the sake of sound *rayba*.

E is sometimes emphatic, vid *eporoc*.

Issicariba, vid Dic^ry almacega.

A and *á* are different letters, viz: *ára*, *éra*, *óra*.

N. B. Jaba and *saba* are separated, vid. *jaba*.

O is problably a portuguese article inserted by mistake.

N. B. Etaroca, *ita*, etc.

A letter omitted *amongaite*.

N. B. Ae he or she.

Ae eta / *Aoâ* } they; this makes the plural.

Peranga e i.—*N. B.* The degrees of comparaison.

Peranga, *peryb*, vid *peranga*.

O is an article { all the vowels appear to be articles emphatic, as: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, etc.

In pronouncing the language the last vowel is particularly to be attended to; the sense is very different when long or short.

In the terminative *nha* portuguese, vid *kyînha*.

Mopa perhaps this word is not complete.

O ae to have.

What we have is only a small part of the language, as is evident from the compound words.

Compound words, two nouns or verbs, become one as *tekokuaba* understanding, *Yguaburu*, *cuyaburu*, *miuuru*, etc.

(*Continúa.*)

FIM DO TOMO XLIII, PARTE PRIMEIRA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLIII

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

PAG.

Relação nominal dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro por ordem de antiguidade e declaração da classe a que pertencem, organizada em vista dos assentamentos constantes do livro de matricula e das actas das sessões publicadas na *Revista Trimensal*..... I

Relação nominal dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto..... XIII

Mesa administrativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1880..... XXIII

Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes de Santiago (*continuada da pag.* 198 *do tomo XLII, parte I, livro IV*..... 5

Capitulo I.—Da chegada de uma grande e poderosa armada da Hollanda ao Recife, e da muita festa que os hollandezes fizeram com sua vinda, e de como os nossos

PAG.

mestres de campo governadores se começaram a prestar para a defesa d'estas capitanias..... 5

Capitulo II.—De como os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros mandaram juntar toda a infantaria, para resistirem ao inimigo, e do edital de perdão, que promulgaram os do conselho do Recife, e carta que escreveram e resposta que se lhes mandou..... 14

Capitulo III.—De como se entregou o governo das capitanias de Pernambuco ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.—Conta-se em summa a campanha, forças e artilharia que ganharam ao inimigo os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e de como Segismundo se preparava para sahir com seu exercito á campanha..... 24

Capitulo IV. — De como Segismundo, governador das armas hollandezas, sahiu com um exercito de 7,400 infantes para recuperar a campanha de Pernambuco, vindo pela Barreta em demanda da Moribeca..... 28

Capitulo V.—Da chegada de Segismundo com seu exercito á Barreta, e como pendenciou com elle o capitão Bartholomeu Soares Cunha com 86 homens, de que lhe mataram a maior parte, e de como marchou o nosso exercito a pelejar com o inimigo. Põe-se a descripção dos montes Guararapes e Moribeca..... 33

Capitulo VI.—Da memoravel batalha campal dos montes Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e da famosa victoria que os nossos alcançaram desbaratando o exercito de Segismundo, matando-lhe 1,200 soldados..... 41

Capitulo VII.—Em que se vai proseguindo o successo d'esta batalha, e de como se pendenciou valorosamente pelos nossos em defensão de um boqueirão d'aquelles montes Guararapes, que o inimigo procurava ganhar,

PAG.

e de como se retirou desbaratado, ficando o campo e victoria pelos portuguezes..... 52

Capitulo VIII.—Do que mais succedeu depois de ser retirado Segismundo com sua gente; referem-se os officiaes maiores e capitães portuguezes que na batalha pelejaram e assistiram..... 60

Capitulo IX.—De como o inimigo se apoderou da força da bateria que lhe largou um capitão nosso, e de como os hollandezes se situaram na villa de Olinda e sua força 65

Capitulo X.—De como foi o inimigo desalojado da villa de Olinda, e sua força pelos nossos, que d'elles alcançaram victoria, fazendo-os retirar ás suas fortalezas como de muitos..... 68

Capitulo XI.—De uma sahida que fez do Recife um coronel hollandez pela força da bateria á estancia do governador dos pretos Henrique Dias, e da batalha que houve, em que o inimigo se retirou com muita perda de gente, e de como intentou outra vez ganhar a mesma estancia sem surtir effeito..... 71

Capitulo XII.—Da chegada do mestre de campo Francisco de Figueirôa com seu terço ao arraial; conta-se a morte de D. Antonio Philippe Camarão, e destruição que fez o inimigo na Bahia, e outros successos..... 76

Archeologia historica..... 81

Cartas dos padres da Companhia dos primeiros annos da colonia..... 81

Carta do padre Manoel da Nobrega, provincial d'esta provincia do Brasil, escripta aos moradores de S. Vicente. 81

Carta para os irmãos de Portugal..... 87

Outra do mesmo padre para el-rei D. João..... 94

Jesus. Outra do mesmo padre a el-rei D. João..... ... 96

Outra carta do mesmo padre para o padre provincial de Portugal (Nobrega)..... 100

Outra do mesmo padre ao padre-mestre Simão..... 105

PAG.

Outra para o nosso padre Ignacio..... 111
Outra do mesmo padre para o nosso padre Ignacio, de 1556..... 113
Do mesmo padre, quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557, ao nosso padre Ignacio..... 118
Outra do mesmo padre para o provincial de Portugal.... 125
Dialogo do padre Nobrega sobre a conversão do gentio: interlocutores Gonçalo Alves e Matheus Nogueira.... 133
Lê-se em appendice á carta do quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557.—Morte do padre Navarro..... 152
Noticia e informação que deram os padres da Companhia das pensões que recebiam, feitas por D. Henrique.... 156
Um manuscripto guarany:
Carta ao Illm. e Exm. Sr. Senador Candido Mendes de Almeida, e por este apresentada ao Instituto Historico... 165
Declaracion de la doctrina christiana. (Traduzida pelo Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares)..... 169
Notas..... 179

SEGUNDO TRIMESTRE

Historia da guerra de Pernambuco, e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes Santiago (*continuada da pag. 79 do presente volume*), liv. 5°..... 191
Capitulo I.—De como o coronel Brinc (*Brinck*), governador das armas hollandezas se aprestou com um exercito para sahir á campanha de Pernambuco, e das prevenções que fizeram os nossos mestres de campo para lhe terem o encontro..... 191
Capitulo II.—De como o coronel Brinc (*Brinck*) sahiu do Recife com um exercito de 5,000 homens para ganhar a campanha, e se situou e fortificou nos montes Guararapes, e de como partiram do arraial os mestres de

PAG.

campo com seu exercito para lhe apresentarem batalha..... 195

Capitulo III.—De como se repartiu a nossa infantaria pelos mestres de campo para irem commetter o inimigo que ia desoccupando os montes Guararapes... 201

Capitulo IV.—Da segunda batalha campal dos montes Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e de como o mestre de campo João Fernandes Vieira ganhou um boqueirão dos montes em que estava forte o inimigo com sete esquadrões, e se apoderou de sua artilheria, e de outros casos notaveis d'aquella pendencia..... 205

Capitulo V.—Conta-se o que mais succedeu n'esta batalha campal, e da famosa victoria que os portuguezes alcançaram, matando ao coronel Brinc (*Brinck*) com mais de 2,000 hollandezes, e de como os outros se puzeram em fugida, e foram seguidos até junto das forças da Barreta..... 212

Capitulo VI.—De que mais succedeu depois de ser alcançada a victoria, e dos officiaes maiores e capitães que na batalha assistiram, e pelejaram. Conta-se em como os hollandezes do Recife mandaram pedir treguas para enterrar os seus, que morreram na batalha, e saber por seu embaixador se o mestre de campo João Fernandes Vieira fôra morto n'ella, conforme entre elles se dizia..... 219

Capitulo VII.—De alguns successos que houve até ao anno da restauração, de commettimentos que o inimigo fez, recolhendo-se sempre com perda de mortos... 227

Capitulo VIII.—Da preparação que se fez para a restauração e entrada do Recife, e outros successos.... 236

Manifesto de razões poderosas que os miseraveis moradores das capitanias de Pernambuco, vassallos de Vossa Magestade, allegam para que Vossa Magestade, com

PAG.

olhos de piedade, as mande examinar por pessoas desinteressadas, que tenham zêlo do serviço de Deus e do bemcommum, e ao dito senhor tomam por defensor de sua causa, etc., etc..... 256

A Grammar and vocabulary of the tupi language. Partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira noted brazilian missionarys by John Luccock..... 263

Grammar of the Tupi..... 265

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
111	24	Lins da Graca	Luiz da Gram
112	7	Luiz da Graça	Luiz da Gram
112	13	Luiz da Graça	Luiz da Gram

Rio de Janeiro.—Typ. Universal de LAEMMERT, r. dos Invalidos, 71.

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIII

PARTE II

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT

71, Rua dos Invalidos, 71

1880

O PRIMITIVO

E O ACTUAL

PORTO-SEGURO

Memoria lida na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 26 de Novembro de 1880

PELO SOCIO EFFECTIVO

HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ROHAN

Ainda vivia o visconde de Porto-Seguro, quando, na sessão d'este Instituto de 23 de Novembro de 1877, iniciei a leitura de uma memoria, na qual procurava refutar as erroneas apreciações d'aquelle historiador, sobre uma questão de maximo interesse relativamente á historia do nosso paiz.

Referia-me então a um officio que da Bahia, em data de 25 de Setembro d'aquelle anno, dirigira elle ao ministerio do Imperio, officio que foi publicado no *Diario Official* de 10 de Outubro seguinte, e em outros jornaes d'esta côrte.

Dizia o visconde que, no intuito de consultar os archivos de Porto-Seguro e Ilhéos, emprehendêra e realizára uma viagem áquellas villas. Não obstante, porêm, as

investigações a que procedêra, nas poucas horas que se demorou em cada uma d'ellas, nenhum documento encontrára digno de ser recolhido no archivo publico do Imperio.

Apezar de sua mallograda tentativa, ainda assim se consolára com a lembrança de que os fructos recolhidos n'esta viagem seriam da maior importancia para a historia patria, sendo tres as vantagens que n'este sentido apontava: a primeira, o ser de não pouca monta o desengano de que n'esses archivos nenhuns documentos mais existem, cuja falta de exame pudesse deixar escrupulos; a segunda, ter sido para elle de grande vantagem o conhecimento individual que fizera d'estas localidades, nucleos de duas de nossas capitanias primitivas, as quaes melhor poderia descrever para o futuro; a terceira, finalmente, ter tido occasião de resolver, por uma vez, todas as duvidas a respeito de ter tido logar no actual Porto-Seguro e não na bahia de Santa-Cruz, *como acreditára e fizera acreditar Ayres do Cazal*, o primeiro desembarque de Pedro Alvares Cabral; e de ter sido dita no mesmo *recife ilhado*, que fórma o dito porto, e não na Corôa-Vermelha, mais ao norte, a primeira missa n'esta terra de Santa-Cruz, ponto este a respeito do qual se propunha a apresentar as provas *de todo convincentes* em uma dissertação, que do seu posto na Europa pensava enviar, com a possivel brevidade, ao Instituto Historico.

Nada tenho que vêr com as duas primeiras vantagens da sua viagem. Quanto, porêm, á terceira, não a posso deixar passar sem um protesto, tanto mais que o illustre historiador, antes do seu lamentavel fallecimento, pôde enviar ao Instituto Historico a promettida dissertação, a qual se acha inserta á pagina 5 da 2ª parte do tomo XL da nossa *Revista Trimensal*.

Não foi Ayres do Cazal quem acreditou e fez acreditar que o Porto-Seguro de Cabral é aquella bahia a que hoje chamam os incolas *Enseada da Corôa-Vermelha*, e á qual o autor da *Corographia Brazilica*, em veneração certamente á memoria do descobridor, impuzéra, de seu moto proprio, o nome de *bahia Cabralia*, nome que tambem adoptou M. Mouchez, nos seus trabalhos relativos á costa do Brazil, embora seja elle inteiramente desconhecido na propria localidade. Antes de Ayres do Cazal, o haviam dito Pero de Magalhães Gandavo, em 1576 (*Historia da Provincia de Santa-Cruz*); Gabriel Soares de Souza, em 1587 (*Roteiro do Brasil*); e, finalmente, além talvez de outros de que não tenho noticia, Manoel Pimentel, em 1762 (*Arte de navegar e roteiro de viagens*).

Attendamos para a opinião de cada um d'estes escriptores.

Gandavo. — « A quinta capitania, a que chamam Porto-Seguro, conquistou Pero de Campos Tourinho. Tem duas povoações que estão distantes da dos Ilhéos trinta leguas em altura de 16° 1/2, entre as quaes se mette um rio que faz um arrecife na bocca como enseada onde os navios entram. A principal povoação (o autor se refere a Porto-Seguro) está situada em dois lugares; convem a saber, parte d'ella em um teso soberbo que fica sobre o rôlo do mar da banda do Norte, e parte em uma varzea que fica pegada com o rio. A outra povoação, a que chamam Santo-Amaro, está a uma legua d'este rio para o Sul. Duas leguas d'este mesmo arrecife para o Norte, (attenda-se bem) está outro que é o porto onde entrou a frota, quando esta provincia se descobriu. E porque *então lhe foi posto este nome de Porto-Seguro*, como atraz deixo declarado, ficou d'ahi

a capitania com o mesmo nome; e por isso se diz Porto-Seguro. »

Gabriel Soares.— « N'este porto de Santa-Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando ia para a India, e descobriu esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa-Cruz, a qual terra estava povoada então de Tupiniquins, que senhoreavam esta costa do rio Camamú até o de Cricaré, de cuja vida e feitos diremos ao diante. Esta villa de Santa-Cruz se despovoou d'onde esteve, e a passaram para junto do rio Sernambityba, pela terra ser mais sadia e accommodada para os moradores viverem. »

Manoel Pimentel, na descripção que faz da costa, tambem menciona o porto de Santa-Cruz, *onde ancoraram as primeiras náus que descobriram o Brasil.*

Nunca houve quem puzesse em duvida a asserção dos escriptores que acabo de mencionar. É ainda essa a tradição constante n'aquella parte do nosso littoral, como tive occasião de o verificar pessoalmente, quando na minha juventude visitei aquella região. A carta de Pero Vaz de Caminha, posteriormente encontrada no archivo da Torre do Tombo, veiu ainda mais reforça-la, e por ella se guiou Ayres do Cazal, acêrca do assumpto. O autor da *Corographia Brazilica* a vulgarisou, inserindo-a na sua obra, e d'ella nos deu ultimamente um cópia mais exacta o visconde de Porto-Seguro.

Além das autoridades que tenho citado, para provar que a enseada da Corôa-Vermelha, ou bahia Cabralia, é aquella a que Pedro Alvares Cabral deu o nome de Porto-Seguro, ainda me resta mencionar um escriptor que, em relação ao objecto, devemos considerar ácima de toda a suspeita. Seu opusculo tem por titulo: *O descobrimento do Brasil, chronica do fim do* XV *seculo, segunda edição*

revista, correcta e accrescentada pelo autor: Rio de Janeiro, 1840.

N'este escripto toma o autor por base a carta de Pero Vaz de Caminha, e adopta integralmente o seu roteiro, não só quanto ás circumstancias da navegação, como quanto á descripção da « famosa enseada, que, com tanta justiça, diz elle, houve lembrança de ser denominada Cabralia »; o que prova que elle estava bem convencido de ser esse o porto em que surgira a armada portugueza; que n'elle se effectuou a primeira missa, e houve logar o auto de posse, como o declara no correr do seu opusculo. Para tirar qualquer duvida a tal respeito, apresentarei o seguinte extracto do seu capitulo final :— « E o Brasil se descobriu. Onde são, porém os padrões de tão glorioso e transcendente acontecimento, que influiu na sorte de tantos homens? A bahia Cabralia vai para quatro seculos que espera por este nome, e com mais razão espera um monumento que a ennobreça, e a terra circumvizinha altamente o reclama.

« O ilhéo ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que emquanto utilise aos navegantes, qual outro pharol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que alli foi plantada a primeira arvore do christianismo, e se celebrou primeiro a religião de nossos pais.

« Pois já que faltam monumentos physicos, procuremos nós, ajudados pelos Souzas, Vasconcellos, e com o auxilio dos modernos, apregoar estes e outros factos do territorio em que os destinos da Providencia nos reservavam o berço. »

Mas quem é o autor dos trechos que acabo de citar? Quem é o escriptor que no arrebatamento do seu patriotismo toma tanto a peito os interesses da bahia Cabralia,

como aquella em que a esquadra descobridora encontrou esse porto seguro em que se abrigou?

Esse autor, esse escriptor é Francisco Adolpho de Varnhagen, mais tarde visconde de Porto-Seguro.

D'onde procede, porêm, tamanha divergencia de opinião entre o seu escripto de 1840 e o de 1877?

Deveremos consideral-o, por ventura, como o resultado de uma imaginação enferma?

Não ha quem mais sentisse do que eu a morte do visconde de Porto-Seguro, e a ninguem cedo o meu quinhão de reconhecimento pelos serviços por elle prestados ás letras patrias, exhumando dos archivos e dando publicidade a documentos de incontestavel merecimento. E tanto assim é que, logo que soube do seu fallecimento, resolvi-me a não mais refutar suas idéas, porque me doia n'alma a lembrança de entrar em luta com um homem que já não se achava em estado de se explicar, de justificar a sua opinião, de se defender peito a peito com seu adversario.

Todavia, acima d'estas considerações estão os interesses da nossa historia; e eu me consideraria seu complice no erro, se, por mera condescendencia aos meus escrupulos, deixasse passar sem protesto as asserções de um escriptor tão autorizado, asserções que, admittidas sem o menor reparo, teriam em resultado a mais completa perturbação em todas as noções que temos relativamente a um facto que tem em seu abono as tradições de perto de quatro seculos, e o testemunho sincero de nossos chronistas, sem exceptuar a do proprio historiador que é objecto da minha critica.

N'esse empenho de querer a todo o transe que o actual Porto-Seguro seja o Porto-Seguro em que ancorára Cabral, empenho que o interessa a ponto de se pôr em contradicção comsigo mesmo, é facil vêr que o visconde de

Porto-Seguro era impellido por um pensamento occulto, por uma causa estranha que influia na sua mente.

Digamo-lo com franqueza: o titulo de visconde de Porto-Seguro o havia deslumbrado. D'esde logo, com o fim bem patente de perpetuar na sua descendencia a memoria de tão assignalada distincção, accrescentou ao seu nome de familia o de *Porto-Seguro*, pelo qual são hoje conhecidos seus filhos. Longe de o censurar por este facto, antes o applaudo, como uma prova do apreço que lhe mereceu um titulo que era a justa recompensa de grandes serviços prestados ao paiz, já como litterato, já como diplomata.

Parece, porêm, que o affligia intimamente a idéa de que o seu viscondado não fôsse o genuino Porto-Seguro de Cabral. Em verdade, todos os testemunhos historicos e á testa d'elles a carta de Pero Vaz de Caminha, provam que a armada de Cabral ancorára n'aquella parte da bahia de Santa-Cruz, a que hoje chamam enseada da Corôa-Vermelha. Foi perto de quarenta annos depois que Pero de Campos Tourinho, vindo tomar posse da sua capitania, estabeleceu-se em uma collina que demora á margem esquerda do rio Buranhem, a duas leguas ao sul do porto em que ancorára a armada de Cabral, e ahi fundou a villa de Porto-Seguro, nome da terra que lhe havia sido doada por D. João III.

Se a tal respeito pudesse pairar a menor duvida no animo do visconde de Porto-Seguro, cumpria-lhe proceder com toda a seriedade ao exame da questão. Dispondo de um navio a vapor que o governo puzéra á sua disposição, nada lhe teria sido mais facil do que dirigir-se do Buranhem á bahia de Santa Cruz, para poder fazer um estudo comparativo das duas localidades. Se assim houvesse procedido, teria tido occasião de reconhecer, desde logo, que cabe perfeitamente a uma bahia, e não a um rio, a pintura que nos faz

Vaz de Caminha do porto em que surgiu a armada de Cabral, com sua entrada larga e alta de 6 a 7 braças e ancoragem de 5 a 6 braças. Teria verificado a existencia d'esse ilhéo « que na bahia está », onde foi celebrada a primeira missa, e no qual pretendia Francisco Adolpho de Varnhagen que se erigisse um monumento commemorativo d'esse grande acontecimento. Teria visto o pequeno rio que alli se despeja, e á pouca distancia do qual « a dois tiros de bésta » foi plantada a Cruz com as armas e divisa d'el-rei. E se tivesse então posto em parallelo a descripção pittoresca e hydrographica de Caminha com a de M. Mouchez, teria feito plena justiça á lealdade d'aquelle estimavel escriptor, quando affirmava a seu soberano que « a ancoragem dentro é tão grande, tão formosa e tão segura que podem jazer dentro n'ella mais de 200 navios e náus » ; e, certamente, Caminha não teria dito outro tanto do mesquinho ancoradouro do Buranhem, ainda quando as circumstancias hydrographicas d'este rio fôssem taes que tivessem offerecido um abrigo á armada.

Pois bem ; o que elle não fez, porque lhe era ocioso proceder a estudos, quando seu plano estava prévia e definitivamente traçado, fal-o-hei eu agora, em desempenho da tarefa a que me dediquei. Attendamos para o que nos diz Mouchez ácerca da bahia de Santa Cruz :

« Cette baie qui a sept milles de longueur sur deux ou trois de largeur, est protégée par une ligne de récifs parallèle à la plage, qui en fait, après Camamú, la meilleure rade de la côte entre Bahia et Rio. Elle est si peu fréquentée, qu'on peut dire qu'elle est restée jusqu'à ce jour à-peu-près inconnue, même à la marine brésilienne ; et aucune instruction n'en fait mention, si ce n'est pour dire, d'après Roussin, que la petite rivière qui y débouche est complètement obstruée par les récifs nort de Porto-Seguro.

Cependant *la grande étendue et la sûreté de cette rade*, suffisamment abritée par ces récifs contre les mauvais temps qui n'ont jamais que peu de force et de durée dans ces parages, la commodité de sa petite rivière (rio Sernambityba ou de Santa Cruz) où peuvent entrer sans aucune difficulté des navires de 3m à 3m,50 de tirant d'eau, semblaient la destiner à un avenir plus prospère sur une côte dénuée de tout autre abri.

« Elle jouit, du reste, d'une certaine célébrité historique, comme ayant été le point où débarqua, le 24 Avril 1500, Pedro Alvares Cabral, qui, deux jours avant, venait de découvrir le Brésil, en arrivant en vue du mont Pascal et de la côte du rio do Frade. Ce navigateur signalait déjà la sûreté de cette rade par cette exclamation : « Somos (*sic*) em Porto-Seguro », d'où vient le nom donné à cette côte. *Il est vrai qu'une localité voisine dans le sud a plus tard usurpé ce nom ;* mais le mouillage de Porto-Seguro étant complètement ouvert du S. à l'E., il est d'autant moins probable que ce soit là le point que Cabral ait ainsi désigné, qu'après la tempête qu'il venait d'éprouver, et qui ne pouvait être que de la partie sud, il aurait été fort mal mouillé à Porto-Seguro, tandis qu'il était parfaitement abrité dans la baie de Cabral. »

Passando a tratar dos recifes exteriores, diz M. Mouchez : « Il existe cinq récifs différents, situés entre les deux points extrèmes de cette baie et un peu en dehors de la ligne qui les joint. Ils laissent entre eux cinq passes, dont quatre sont assaz profondes pour donner accès à des navires de toute dimension. La cinquième, celle du N., près de la pointe San-Antonio, n'est praticable que pour les caboteurs qui filent le long de la côte en dedans des récifs Araripe, dont nous avons parlé plus haut. »

A maior das entradas que menciona M. Mouchez,

comprehendida entre as Alagadas e o baixio da Corôa-Vermelha, tem de largura 2 1/3 milhas. Entre este baixio e o recife da Corôa-Vermelha existe a entrada a mais meridional. Foi sem a menor duvida por ella que entrou na bahia a armada de Cabral, e bem que menos larga que a outra, cabia-lhe ainda assim a denominação de *entrada larga* que lhe dá Caminha, por ter mais de um kilometro de largura. O recife da Corôa-Vermelha fórma a extremidade meridional da bahia; e ao sul d'elle, mui perto de terra, demora um ilhéo de arêa vermelha, sempre descoberto. O mencionado recife, na direcção de N. N. E., fórma com a costa da bahia que se dirige ao N. O. um pequeno porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, e onde ha 6 e 7 metros de fundo.

« C'est dans cette anse, accrescenta M. Mouchez, que dut mouiller Cabral, et c'est sur ce petit ilot de sable de la Corôa-Vermelha qu'il debarqua la première fois pour faire dire une messe d'action de grâces en présence d'une grande quantité d'indigènes accourus sur la côte voisine pour assister à cet spectacle. »

Nem tanto seria preciso para pôr em evidencia o erro que commetteu o visconde, contestando á bahia de Santa-Cruz a honra de ter sido aquella a que Cabral impuzéra o nome de Porto-Seguro. Entretanto, apezar de tudo, e ainda que não seja senão como simples motivo de curiosidade, passemo-nos agora para o Buranhem, e vejamos o que a respeito d'este rio nos diz M. Mouchez:

« Rio Buranhem, anciennement nommé *Rio Cachoeira*, à cause de ses nombreuses cataractes, tire son nouveau nom d'un arbre très-commum sur ses rives. Il coule de la chaîne des Aymorés et n'est navigable qu'à quelques lieues de son embouchure. Quand il arrive à la côte, il trouve, comme le rio Sant.-Cruz, tout le rivage

devant la vallée barré par une chaîne de rochers qui dévie son cours et l'oblige à remonter au nord, comme le ferai une digue ou un quai. Il débouche à l'E. S. E. de la Matriz, par un canal de 200 mètres de largeur e de $4^m,30$ a $4^m,50$ de profondeur à mer haute; à une mille au dessus, devant la ville, on trouve encore à mer haute $3^m,50$ à 4 mètres d'eau; a mer basse il ne reste à l'embouchure que $1^m,70$ à $1^m,80$. Les plus grands navires de cabotage peuvent donc entrer dans cette rivière pour s'y mettre à l'abri. »

Tal é o Buranhem, qual o descreve o sabio hydrographo, e qual o teria descripto Caminha, se d'elle houvesse tido conhecimento; rio tão estreito que o atravessam a nado os cavallos dos viajantes, como o posso attestar por observação propria. É esse o rio ao qual, no conceito do visconde, deu Caminha o nome de *Bahia*, com entrada larga, e alta de 6 a 7 braças, e capacidade necessaria para conter duzentos navios e náus; entretanto que n'elle podem apenas se abrigar navios de cabotagem — sumacas e patachos. Como poderiam ter surgi o em semelhante ancoradouro as náus da expedição? O visconde procurou sanar esta difficuldade com argumentos sem a menor consistencia. Ouçamo-lo:

« Quanto ao fundo em que dentro ancoraram, diz elle, o não passar hoje o de Porto-Seguro de tres a quatro metros, não será argumento em contra, para os que saibam que com as roças, todos os nossos portos, começando pelo de S. Vicente e Pernambuco, estão hoje consideravelmente mais areados que antes. » A isto responderei que já no tempo de Gabriel Soares, ha cousa de trezentos annos, os navios que entravam livremente no Buranhem eram de 60 tonéis; e este autor declara que os navios maiores limitavam-se a receber meia carga, e iam acabar de

carregar em Santa-Cruz. Já se vê que o defeito vem de longe, e não é possivel admittir que entre o tempo da descoberta e aquelle em que escrevia Gabriel Soares, se tivessem deteriorado a foz e ancoradouro do Buranhem a ponto de difficultar e impedir a entrada de navios de maior tonelagem.

Em falta de um ilhéo que representasse no Buranhem o da Corôa-Vermelha, recorre o visconde ao recife que se acha á entrada da barra d'aquelle rio, e lhe dá o nome hybrido de *recife-ilhéo*.

Ora, um recife é cousa mui differente de um ilhéo. Recife, como bem o define o *Diccionario Maritimo Brasileiro*, é uma « cadêa de rochedos á flôr d'agua, onde quebra o mar.» Tratando d'aquelle accidente hydrographico ao qual hoje chamamos Corôa-Vermelha, diz Vaz de Caminha :

« N'este *ilhéo*, onde fômos ouvir missa e prégação, espraia muito a agua e descobre *muita areia e muito cascalho*. » E mais adiante : « Foram alguns, em nós alli estando, buscar marisco e não o acharam ; e acharam alguns camarões grossos e curtos entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho ; tambem acharam cascas de brigões (bribigões ?) e ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. » Na menção que faz dos materiaes de que se compunha o ilhéo, o minucioso escriptor falla da areia, do cascalho, das cascas de duas especies de molluscos, e nenhuma palavra nos diz a respeito de rochedos, que são a essencia dos recifes ! E foi, como nos quiz fazer acreditar o visconde de Porto-Seguro, por cima d'esses rochedos, que constituem aquillo a que elle chamou *recife-ilhéo*, que se pôde armar o esparavel á sombra do qual foi celebrada a missa de que nos dá noticia Caminha !

Tão seguro de suas convicções se considerára o visconde, que afinal exclama com ufania : « Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto (!) muito bom e muito seguro, em que entraram e a que Caminha denomina tambem « bahia » é o chamado ainda hoje Porto-Seguro (!)

Basta. Seria inutil continuar na analyse d'essa famosa dissertação, que offereceu ao Instituto Historico o visconde de Porto-Seguro. Felizmente annexou elle ao seu trabalho a carta de Pero Vaz de Caminha, pondo em seguimento ao erro o mais poderoso correctivo que se poderia desejar. Leiam todos o precioso documento, tão digno da nossa admiração pela escrupulosa minuciosidade com que seu illustre autor narrou os factos de que foi testemunha, e encontrarão n'elle a mais completa refutação dos argumentos produzidos pelo visconde de Porto-Seguro, em sustentação de sua these.

Aqui terminaria, se não me parecesse idonea a opportunidade para rectificar alguns erros commettidos por diversos autores que têm escripto sobre a descoberta do Brazil. É o que passo a fazer.

Primeira rectificação.—*Sobre a data da descoberta do Brasil.* João de Barros, na sua 1ª *Decada*, e outros autores depois d'elle, pretendem que esse acontecimento tivéra logar a 24 de Abril de 1500. Guiaram-se evidentemente pelo roteiro do piloto anonymo que faz parte da collecção de Ramusio (*Delle navigationi e viaggi*). Alli se acha, com effeito, assignalada aquella data. Vaz de Caminha nos diz, porêm, na sua memoravel carta, que houveram vista de terra na quarta-feira de Paschoa, 22 de Abril. O roteiro do piloto dá a essa mesma quarta-feira a data de 24 de Abril. Basta um ligeiro exame para reconhecer que ha erro no citado roteiro, erro devido certamente a defeito do copista,

do traductor ou do impressor. Em tudo o mais ha perfeita concordancia entre as datas de Caminha e as do piloto, desde a sahida do Tejo até que de Porto-Seguro seguiram para a India.

Segunda rectificação.—*Sobre o ponto da costa do Brasil em que ancorou a armada, no dia* 23 *de Abril.* Caminha nos diz simplesmente que a ancoragem teve logar a meia legua de terra, em fundo de 9 braças, e *em direito á boca de um rio.* Que rio será esse? Ayres do Cazal pretende, não sei com que fundamento, que se trata do rio do Frade. Não posso aceitar semelhante opinião, por diversos motivos: 1º, porque, segundo Caminha, no dia seguinte, 24 de Abril, pelas 8 horas, pouco mais ou menos, da manhã, levantou ancoras a armada, seguiu para o norte, e sendo pela costa obra de 10 leguas, chegaram, pouco antes do pôr do sol, á entrada da bahia, na qual já se tinham abrigado os navios pequenos. Ora, do rio do Frade á enseada da Corôa-Vermelha ha apenas a distancia de 20 milhas, isto é, 5 leguas de 15 ao gráo, que era a legua usual n'aquelle tempo, e, portanto, metade da distancia mencionada por Caminha; e, para vencel-a, não era preciso um lapso de tempo tão consideravel como o que gastaram n'essa singradura, tanto mais que reinava o S. E., e lhe era, portanto, favoravel o vento; 2º, porque, referindo-se a esse rio, o piloto anonymo o qualifica de rio pequeno *(fiume piccolo)*, qualificação que se póde applicar a um riacho, mas não ao rio do Frade, o qual, se tem em verdade uma barra má, é, todavia, bastante largo e navegavel no seu interior, como o sei por experiencia propria, e o confirma M. Mouchez; 3º, porque todas as barreiras da parte da costa comprehendida entre o rio do Frade e a enseada da Corôa-Vermelha, são de côr vermelha. Ao sul do rio do Frade, as primeiras barreiras brancas que se encontram são as de Juassema, ás quaes se seguem as

barreiras vermelhas de Juriquara, e mais ao sul as brancas do Cahy. Ora, Caminha, na descripção que faz da costa, diz o seguinte: « traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras d'ellas vermelhas e dellas brancas. » Está claro que elle não teria feito menção de barreiras brancas se as suas observações se tivessem limitado ás que ficam ao norte do rio do Frade. Foi, portanto, muito ao sul d'este rio que teve logar a ancoragem do dia 23; 4°, porque o monte Paschoal, visto do N.E. e de L., como o observou M. Mouchez, se apresenta como um unico massiço isolado, e só visto do S. E. se reconhece que é acompanhado de outros montes menos elevados. Se Caminha o tivesse visto do parallelo do rio do Frade que lhe fica ao N. E., ou tambem do Corumbá a Léste não teria dito a respeito d'elle « um monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul delle.» Para fazer esta descripção do monte Pascoal, cumpria tel-o observado do S. E., isto é, de um ponto muito ao sul do rio do Frade. Parece-me provavel que o Cahy é aquelle rio de que falla Caminha, tanto mais que dista 40 milhas da enseada da Corôa-Vermelha, e, portanto, 10 leguas de 15 ao gráo, e lhe cabe bem o qualificativo de *fiume piccolo* que lhe dá o piloto anonymo. E se não é o Cahy o rio a que se refere Caminha e o citado piloto, não sei que outro possa ser; mas em todo o caso nunca poderemos, pelas razões allegadas, tomar como tal o rio do Frade.

Terceira rectificação.—*Sobre a singradura do dia 24 de Abril.* A este respeito nos diz Caminha: « Fômos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos que fôssem mais chegados á terra, e que se achassem pouso seguro *para as náus*, amainassem; e sendo nós pela costa obra de 10 leguas d'onde nos levantámos, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro muito bom e muito seguro, com uma *mui larga entrada*, e metteram-se dentro e

amainaram, e as náus arribaram sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife e ancoraram-se em 11 braças. E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e dextro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois d'aquelles homens da terra, etc. » Está claro que esse porto, de que falla Caminha, é aquelle em que já estavam ancorados os navios pequenos a espera das náus, as quaes effectuaram, com effeito, a sua entrada no dia seguinte. E senão, vejamos ainda o que, em continuação do seu roteiro, refere Caminha: « Sabbado pela manhã, mandou o capitão fazer véla, e fômos *demandar a entrada*, a qual era mui larga e alta de 6 a 7 braças. » É evidente que a singradura d'aquelle dia foi directa. Nem Caminha, nem o piloto anonymo alludem a qualquer porto intermediario em que tivesse entrado parte da armada. Assim o entendeu Ayres do Cazal, e nem ha outro modo de o entender. Entretanto, M. Mouchez, tratando d'este assumpto, paraphrasêa do seguinte modo a narração de Caminha: « Après avoir parcouru une dizaine de lieues, les caravelles rencontrent une *embouchure de rivière* formée par un récif, en dedans duquel ils trouvent un excellent petit port parfaitement abrité; elles y entrent. Mais les grands navires sont obligés de rester mouillés en dehors, à 1 lieue au large, par 11 brasses de fond.

« Des relations pacifiques s'établissent immédiatement avec les indigènes qui sont de la tribu des Tupiniquins.

« Mais Cabral trouvant sans doute ce mouillage trop peu abrité, bien qu'il ait donné au port le nom de *Porto-Seguro*, appareille de nouveau.

« Le lendemain, 25, il va mouiller dans l'excellent rade, qui a conservé depuis le nom de *Bahia Cabralia*. »

É da maior inexactidão tudo isso que diz M. Mouchez; e não ha uma só palavra na carta de Caminha, nem tão pouco no roteiro do piloto anonymo, que autorize nem se quer a suspeita de que antes da chegada á bahia de Santa-Cruz tivessem os navios pequenos entrado em outro qualquer porto, e muito menos no rio Buranhem, ao qual certamente allude M. Mouchez. Os navios pequenos tinham ordem de procurar um *pouso seguro para as náus*, e ainda quando, seduzidos pelo aspecto da costa, tivessem tentado entrar n'esse rio, desde que, reconhecido pela sondagem que elle não dava entrada ás náus, era do seu dever regressar sem perda de tempo, do contrario expunham-as a um naufragio, sem probabilidade de salvação. E, demais, havia uma razão poderosissima para que os navios pequenos não navegassem em direcção ao valle do Buranhem. Ao norte da barra d'esse rio ha, como bem o sabe M. Mouchez, uma serie de recifes, que se estendem a tres milhas para o mar; teria sido mais que imprudencia, teria sido uma verdadeira necedade da parte dos capitães e pilotos, em meio de um temporal do S. E., irem-se collocar a barlavento d'esses rochedos. Assim, pois, desde que os navios pequenos, que iam na vanguarda, sentiram, pelo embate do mar, a presença daquelles recifes, outra cousa não tinham a fazer senão afastarem-se d'elles e continuarem a sua navegação para o norte, como com effeito o fizeram até chegarem á altura d'essa bahia a que deram o nome de Porto-Seguro. O visconde de Porto-Seguro tirou todo o proveito possivel do erro em que cahiu M. Mouchez, e affirma que entraram no Buranhem, não só os navios pequenos, como tambem as proprias náus. Já demonstrei a impossibilidade de semelhante facto. Segundo M. Mouchez, deu Cabral a dois ancoradouros differentes o nome de Porto-Seguro, sendo o primeiro o de Buranhem, e o segundo o da enseada da

Corôa-Vermelha; e quanto a este attribue áquelle navegante esta phrase incorrecta: «*somos em Porto-Seguro*»; e, finalmente, diz ainda que a enseada da Corôa-Vermelha conserva, desde então, o nome de *Bahia Cabralia*, o que é inexacto, porque, como já o disse, foi Ayres do Cazal quem lhe deu essa denominação, a qual é por tanto de data mui recente, e tanto assim que ainda não se tornou vulgar. Por sua parte, o visconde de Porto-Seguro designa tres ancoragens diversas para a armada descobridôra: a primeira, como já o fiz vêr, é a enseada da Corôa-Vermelha ou bahia Cabralia, que fórma a parte a mais meridional da bahia de Santa-Cruz, e n'isso está de accôrdo com a descripção de Caminha; a segunda, como se vê de uma nota á pag. 72 da 2ª edição da sua *Historia geral do Brasil*, foi esse porto entre a Ponta-Gorda e a foz do Buranhem, abrigado da banda do mar, por varias restingas, na mais secca das quaes se teria effectuado o acto da posse. Cumpre advertir que entre a bahia Cabralia e o Buranhem não ha nem porto, nem restinga de qualidade alguma, e são portanto inteiramente arbitrarios os accidentes por elle apontados. A terceira ancoragem, completamente impossivel, foi a do rio Buranhem. Parece incrivel que em face de um documento tão authentico, como o é a carta de Pedro Vaz de Caminha, ainda se commettam erros d'esta laia. Entretanto, devo dizê-lo, M. Mouchez é por este lado mui desculpavel. Aquelle documento, com a sua phraseologia antiga e ainda mais com a sua orthographia sediça, torna-se um tanto abstrusa para as pessoas não versadas na lingua portugueza; e foi por isso que M. Mouchez nem sempre o entendeu. Seria a desejar que o sabio hydrographo fizesse desapparecer estes senões em alguma nova edição de sua admiravel obra *Les côtes du Brésil*.

Quarta rectificação. — *Sobre o motivo que determinou a*

descoberta casual do Brasil. Attribuem esse acontecimento a diversas causas : 1°, instrucções secretas de D. Manoel, em virtude das quaes devia Cabral no seu trajecto para a India, explorar os mares occidentaes em procura de terras desconhecidas ; 2°, a necessidade que sentiu Cabral de evitar as calmarias da costa de Guiné; 3°, correntes maritimas e erros de navegação. Seja como fôr, o que é hoje bem sabido é que não foi a isso obrigado por um temporal. Nem Caminha, nem o piloto anonymo fallam de semelhante phenomeno. Desde a partida do Tejo, até o dia 23 de Abril de 1500, em que ancoraram na costa da terra de Santa-Cruz, teve a armada uma viagem serena. Na noite d'esse dia declarou-se um temporal do S. E., que obrigou a armada a procurar um abrigo ao norte. Esse temporal occasionou a descoberta de Porto-Seguro (enseada da Corôa-Vermelha) mas não a do Brasil que já tinha sido descoberto a 22 d'aquelle mez. A asserção em contrario da parte de alguns historiadores é o resultado de uma sensivel confusão.

Quinta e ultima rectificação. *Sobre o logar em que Cabral mandou plantar a Cruz.* O visconde de Porto-Seguro nos diz, tanto na primeira como na segunda edição da sua *Historia Geral do Brasil,* que foi em um morro vizinho que se levantou a Cruz com a divisa do venturoso rei D. Manoel. M. Mouchez, por seu turno, affirma que a Cruz foi plantada no logar o mais elevado da costa, onde está hoje a igreja de Santa-Cruz. Tudo isso é inexactissimo. Sabemos por Caminha que a Cruz se ergueu na praia, ao sul e á pequena distancia (a dois tiros de bésta) do pequeno rio que alli desemboca. O piloto anonymo assim se exprime a respeito d'este acontecimento : « il capitano andò in terra e mandò a fare una croce molto grande di legno e la mandò a piantare nella spiaggia. » Estão, portanto, no mais

perfeito acôrdo as duas testemunhas do facto. Ora, do ponto em que ancorára Cabral ao morro onde se acha a igreja matriz da villa de Santa-Cruz, ha uma distancia de mais de tres milhas, e se M. Mouchez tivesse entendido a carta de Caminha, teria reconhecido que os portuguezes não fizeram tão longa romaria para effectuar o acto de posse, assignalado pela Cruz, com as armas e divisa do rei de Portugal. Na sua *Dissertação* nos diz agora o visconde, em retractação da sua primeira opinião: « Quanto ao local, em que, no dia 1° de Maio e com assistencia já dos indigenas, se disse a segunda missa, junto á Cruz de madeira inaugurada « com as armas e divisa de S. A., que lhe primeiro pregaram » contentemo-nos agora com a certeza de que não foi (como até agora nos havia feito crêr *certa tradição*) o alto d'esse morro, onde depois Pero do Campo fundou a primeira villa, e onde ainda hoje está a matriz e a casa da camara da actual villa, mas sim pelo rio acima « contra o sul » na distancia do rio, obra de dois tiros de bésta. » Ao criterio dos moradores da ribeira ou bairro inferior da villa de Porto-Seguro, deixamos a tarefa de dissertar acêrca de qual haverá sido ao justo essa paragem, tendo presentes as palavras do mencionado Pero Vaz de Caminha, cuja carta escripta ao rei, *deste* Porto-Seguro, constitue por si só n'este ponto, como em tudo o mais, a chronica mais minuciosa e authentica que possuimos d'este descobrimento, ao passo que é, ao mesmo tempo, o documento mais venerando da historia patria. » Faço o mesmo conceito do merito de Caminha; e emquanto existir esse documento precioso será de balde qualquer tentativa que se puzer em jogo para estropiar a historia do descobrimento da nossa querida patria.

CONCLUSÃO

Não só pelo lado historico, como tambem considerada em suas relações economicas, é digna de estudos serios a antiga capitania de Porto-Seguro. Nada, porém, temos feito n'este sentido. Se possuimos uma carta hydrographica d'aquella parte da nossa costa, devemol-a ás explorações de um sabio francez, M. Mouchez; mas seu inestimavel trabalho ainda deixa muito a desejar, em tudo aquillo que interessa a topographia do littoral, tanto mais que as denominações locaes estão em geral completamente estropiadas, o que augmenta as difficuldades de quem procura estudar aquella região.

Entretanto, é ella dotada de uma esplendida bahia, além de outros ancoradouros que servem á navegação e ao commercio. Seus mares são piscosos, e como taes aproveitados pelos incolas, os quaes fazem, com effeito, da pesca, uma de suas principaes industrias; são ferteis suas terras, ricas as suas matas de madeiras de construcção; salubre o seu clima. Se fôssem geralmente reconhecidos esses recursos naturaes, de ha muito teriam elles attrahido a attenção do governo em prol da colonisação. Infelizmente tem sido a indifferença a partilha d'aquelle paiz que, o primeiro na America, saudou o estandarte da nação portugueza, e foi a origem do imperio brazileiro.

Tive, ha alguns annos, a idéa de visitar, mais uma vez, aquellas paragens, com o fim de proceder a alguns estudos que tivessem por objecto rectificar a carta de sua costa, determinar a altitude e a posição do monte Paschoal, assignalar o logar em que foi plantada a Cruz, como padrão glorioso da memoravel descoberta; e, finalmente, indicar

as localidades que, por sua situação e recursos, melhor se prestassem a um plano de colonisação. Era mais um serviço feito á *Carta-Archivo* de que estou encarregado. Fui applaudido por todos aquelles a quem communiquei o meu pensamento, e reconheci com satisfação que não me faltariam collegas dedicados á realização d'elle; e bem que não seria grande a despeza para pôr em effeito semelhante commettimento, nem assim deixou elle de ser um mero desejo, como outros tantos que me preoccupam, quando se trata de ser util ao nosso paiz.

ESTUDO

SOBRE A

DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL

POR

Augusto Fausto de Souza

Bacharel em Mathematicas e Sciencias Phisicas, e Major do Corpo d'Estado Maior d'Artilharia

Embora ao desempenho o assumpto exceda,
É grande e util a intentada empreza.

(Ovid. Metam. L. II, v. 326.)

Ao Excelso Protector do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Senhor

Não é ao poderoso Monarcha, mas ao Sabio e Modesto Protector do Instituto; não é a Augusto, mas a Mecenas, que ouso offerecer este insignificante trabalho.

Negou-me a natureza o talento de poder talhar um bello portico ou uma elegante columna para o magestoso edificio da grandeza de nossa patria; mas não recuseis, Senhor, esta pedra tosca que, lavrada e polida por operario mais habil, poderá ser utilisada, ainda que para o ponto o mais humilde de suas muralhas.

Sou, Senhor, de V. M. I.

O mais reverente subdito e admirador

Augusto Fausto de Souza.

INTRODUCÇÃO

A todo aquelle que ligar interesse ao progresso do Brasil e de suas instituições, não poderá escapar, por pouco que tenha n'isso meditado, a desigualdade com que, a todos os respeitos, estão constituidas as suas differentes provincias.

Esta observação que, á primeira vista, parece de pouca monta, adquirirá importancia, se se lembrar que, á desigualdade de territorio, de população e de recursos, prende-se, como consequencia, a desigualdade do numero de seus representantes nas Camaras Legislativas, isto é, de vozes que advoguem os seus interesses perante os poderes do Estado; e a preponderancia de umas provincias sobre as outras, perturbando a harmonia e o equilibrio que devem reinar entre todas, e que o Governo Geral deve manter, provoca ciumes e rivalidades que retardam o progresso e póde até comprometter a integridade do Imperio.

Abra-se um mappa do Brasil. Depois de um ligeiro exame, notar-se-ha que essa immensa região, igual em superficie aos quatro quintos da Europa, divide-se em duas porções, quasi perfeitamente iguaes, pela linha tirada do Pará, acompanhando o curso dos rios Gurupy, Araguaya e Paraná; mas de um lado contam-se 17 provincias, ao passo que do outro ha sómente 3!

Em todas 20, quanta irregularidade nas dimensões e na fórma! umas muito grandes, adjacentes á outras que lhes são pequenas fracções; estas, apresentando sua maior face sobre a costa do Oceano, aquellas inteiramente centraes,

ou apertando-se entre suas vizinhas para chegar ao mar por uma estreita garganta. Notar-se-ha tambem a configuração variegada de seus contornos; umas, avançando e encravando-se em parte nas outras, conchegando-se aqui e alargando-se extraordinariamente e acolá, de modo a formar o todo, um complicado mosaico.

Se se descer ainda a outros detalhes, vêr-se-ha que ellas se separam entre si por meio de pequenos cursos d'agua, espigões de serras, e até por linhas imaginarias, entretanto que á pequenas distancias existem caudalosos rios e extensissimas cordilheiras. E no fim d'este exame, é muito natural que surja no espirito a seguinte pergunta: *Qual a idéa que teria presidido á uma circumscripção tão incongruente e caprichosa?*

Seria a extensão territorial? De certo que não, pois entre as 20 encontram-se de varios tamanhos, sendo extremas as do Amazonas (com 66,300 leguas quadradas) e a de Sergipe (com 1,360); isto é, aquella quasi 49 vezes maior do que esta!

Seria a população? Tambem não; esse elemento varía muito em todas ellas, sendo as extremas, as de Minas-Geraes (com 2.102,689 habitantes) e do Amazonas (com 57,618), isto é, aquella com uma população 36,5 vezes maior do que a d'esta.

Seria a densidade da população (ou por outra, a relação entre a área da provincia e o numero de seus habitantes)? Não, porque n'esse caso as provincias de menor territorio seriam as de população mais densa; entretanto, as do Espirito-Santo e de Santa Catharina, que são das menores em área, tem aquella a densidade de 52,6, e esta de 36,5 habitantes por legua quadrada, ao passo que a de Minas-Geraes, uma das maiores, tem 105,1.

Seria (nas provincias maritimas) a extensão da costa

sobre o Atlantico? Com certeza não foi; pois que temos, por exemplo, a do Piauhy (que tem apenas 5 leguas sobre o littoral) collocada entre as do Maranhão e do Ceará, aquella com 120 leguas e esta com 115.

Finalmente, seria motivada essa desigualdade pela necessidade de procurar limites naturaes, bem pronunciados, afim de evitar questões entre os vizinhos? Asseguramos ainda que não; como já dissemos, os limites são em sua maior parte designados por linhas pouco importantes, com desprezo de outras excellentes, e citaremos para exemplo, dois casos notaveis: o 1º, é uma linha imaginaria de 80 leguas de comprimento, que serve de limite entre as provincias do Pará e do Amazonas, quando o caudaloso rio Tapajoz, que corre proximo, seria uma optima divisa; o 2º, é a celebre rua da villa de Pedras de Fogo, d'onde os moradores de um lado são pernambucanos e parahybanos os do lado fronteiro.

É, pois, manifesto o arbitrio que presidiu á demarcação das diversas circumscripções que constituem o Brasil, quer em relação á sua importancia politica, quer á natureza de suas linhas divisorias; e esse arbitrio, que teria desculpa quando se tratou da divisão em Capitanias, ordenada pelo governo longinquo da Metropole e na carencia absoluta de mappas e de informações que merecessem confiança, não póde ter hoje justificação, pois que se trata do proprio paiz que habitamos, e quando estamos dotados de recursos de toda a especie; engenheiros, astronomos, mappas mais ou menos exactos, meios de transporte, etc.

Estamos certos que a muitos parecerá extemporanea esta discussão; mas não têm razão aquelles que assim pensarem. Nunca é fóra do proposito um estudo que tenha por fim sanar inconvenientes e assentar em mais perfeitas bazes as instituições de um paiz que quer progredir.

Quando uma utilidade é grande, a difficuldade não é uma razão para que se deixe de consegui-la. A organização da França era muito mais complicada do que a nossa, mas isso não impediu que em 1792 fôsse a antiga circumscripção de 32 provincias transformada em 83 departamentos; foi preciso então vencer muitas difficuldades suscitadas pelo espirito de bairrismo, tradições e velhos habitos, assim como pela admissão de novas linhas divisorias, porém tudo foi superado com energia, pois que os demarcadores, não dando ouvidos a considerações e interesses particulares, só tiveram em mira o bem do Estado.

Mas, ha ainda outra ordem de raciocinios para demonstrar que este estudo não vem fóra do tempo; e entre elles destaca-se a necessidade de solver antigas questões de limites entre algumas de nossas Provincias, questões que, existindo ha longos annos, vão sendo adiadas indefinidamente, adquirindo de dia para dia maior animosidade. Ninguem ignora a queixa profunda do Piauhy contra a sua limitrophe do Ceará por causa do porto da Amarração sobre o Oceano e da divisa da Comarca do Principe Imperial; e assim tambem, é da actualidade o conflicto entre as Provincias do Paraná e de Santa Catharina, provocado pela ambição d'aquella, que contesta á sua vizinha do sul todo o territorio comprehendido entre os rios Negro, Iguassú, Pepiry-guassú, Uruguay, Canôas e Marombas, questão esta tão delicada que, tendo a do Paraná obtido um Decreto em 1865, que lhe dava ganho de causa, foi suspenso o seu effeito, em virtude de ordem do Governo Geral que reconsiderou o seu acto, mas não teve coragem de resolver de uma vez o pleito.

É, portanto, incontestavel a necessidade de uma revisão dos limites entre todas as Provincias do Imperio, e a subdivisão de algumas, tendo-se em vista o triplice fim: da

maior clareza das linhas divisorias, menor desproporção entre os seus elementos, e, nas Provincias maritimas, uma distribuição mais razoavel das costas e portos de mar. Uma demarcação que se bazeasse, tanto quanto fosse possivel, n'estes principios, além de terminar e prevenir muitos conflictos, tornaria mais efficaz a acção das autoridades, permittindo que se estendesse com igual intensidade por todos os pontos de suas respectivas jurisdicções; facilitaria um conhecimento mais exacto de suas necessidades; a exploração de suas riquezas naturaes; o melhoramento de suas communicações terrestres e fluviaes; a melhor solução das questões de colonisação, da educação e instrucção publica, da civilisação das tribus indigenas; concorreria, em summa, para o maior aproveitamento das forças e recursos de cada Provincia, o que redundaria em vantagem da Nação, que é a reunião de todas e as deve desejar igualmente prosperas.

O problema não é facil, somos o primeiro a reconhecel-o, bem como que o autor d'estas linhas é o menos competente para tratar de tão transcendente questão. Na previsão, porém, de que em um futuro mais ou menos proximo, se resolva a dar algum passo no sentido indicado, nos propômos a coordenar algumas idéas e estudos sobre essa materia, bem convencidos de nossa insufficiencia, mas impellido pelo vivo desejo de concorrer, ainda na minima parcella, para que se realize a sublime phantasia de Victor Hugo acêrca da nossa bella patria. (1)

Sirva-nos esta declaração de escudo que defenda a nossa ousadia, e, confiados n'ella, pedimos toda a indulgencia de quem se dispuzer a lêr as seguintes linhas.

---

(1) Referencia á carta de Victor Hugo, com o titulo *O Futuro do Brasil* — transcripta no *Jornal do Commercio* de 21 de Outubro de 1871, a qual começa:

I

DIVISÃO PRIMITIVA DO BRASIL EM DONATARIAS

Trinta e dois annos haviam decorrido depois da descoberta do Brasil, quando o Rei de Portugal D. João III, filho de D. Manoel, tendo noticia dos progressos que faziam os castelhanos estabelecidos nas margens do Paraguay, bem como do desenvolvimento que davam os francezes ao seu commercio nos mares do sul, resolveu dividir o seu enorme territorio da America em lotes de 50 leguas, distribuindo-os aos servidores mais notaveis do reino, que estivessem por seus recursos ou credito, no caso de promover efficazmente a povoação e defesa da parte que lhe fôsse confiada.

Depois de melhor informado por Martim Affonso de Souza que, com seu irmão Pero Lopes, acabava de explorar a immensa costa, mandou El'Rei demarcar 15 lotes distinctos, dos quaes fez mercê a 12 donatarios, conferindo-lhes nas cartas de doação, consideraveis regalias e poderes de governadores nas suas respectivas possessões; poderes quasi magestaticos, e que comprehendiam, entre muitos outros, o

---

« Haverá no XX° seculo uma nação extraordinaria. Esta nação será « grandiosa, o que não obstará a que seja livre. Será illustre, rica, « pensante, pacifica e cordial para com o resto da humanidade. Terá « a gravidade de uma irmã mais velha, posto seja a mais nova. » e termina:

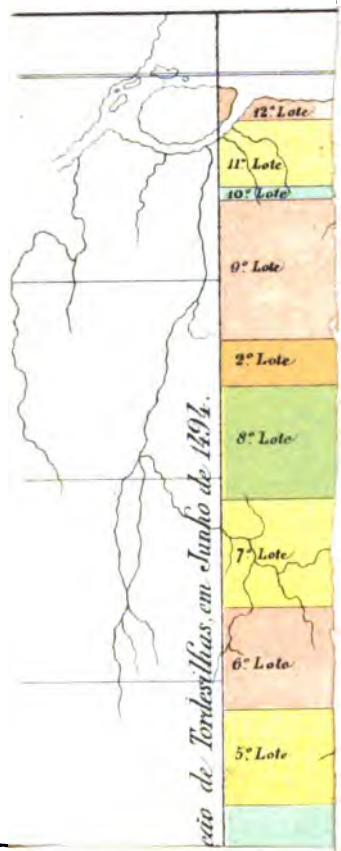
« Esta nação terá por capital o Rio de Janeiro, e não se chamará « Brasil : chamar-se-ha America do Sul.

« Chamar-se-ha *America do Sul* no XX° seculo e nos seguintes; mas, « transfigurada ainda chamar-se-ha *Humanidade.*

.....

A nação que ha de ser, palpita na America actual, como o ente « atado na larva reptil. No proximo seculo abrirá as duas azas, com- « postas, uma de *liberdade*, outra de *firmeza de vontade.* »

Primitiva


12.º Lote
11.º Lote
10.º Lote
9.º Lote
2.º Lote
8.º Lote
7.º Lote
6.º Lote
5.º Lote
eio de Tordesillias em Junho de 1494.

de captivar os gentios e os mandar vender a Lisbôa, até um certo numero annualmente.

Esses diversos lotes, separados uns dos outros por linhas imaginarias, tiradas de seus extremos, de *léste para loéste* não eram iguaes em extensão como anteriormente tencionára o Rei, mas receberam maiores quinhões (ou que assim se reputaram) aquelles individuos que mais valimento tinham na côrte ; e, por isso, como era de prever, os exploradores Martim Affonso e Pero Lopes, que gozavam de influencia por seus serviços e cujo conselho foi ouvido para a distribuição, tiveram em partilha aquelles lotes que, como conhecedores, consideravam os melhores.

Os doze quinhões, formando outras tantas *Donatarias* e compostas de quinze fracções, foram distribuidas pelo modo seguinte :

I—100 leguas a Martim Affonso de Souza, a saber : 55 leguas a partir do rio Macahé (13 leguas ao N. de Cabo-Frio) e correndo para o S. até o rio de Curupacé (hoje Yuquery-queré), fronteiro á armação de balêas de S. Sebastião ; e 45 leguas desde o braço N. do rio S. Vicente (Bertioga, uma das tres barras do porto de Santos), finalisando 12 leguas ao S. de Cananéa, em uma das tres barras de Paranaguá. (2) A 1ª porção recebeu o nome de *Capitania de S. Thomé*, e a 2ª o de *Capitania de S. Vicente.*

II—80 leguas a Pero Lopes de Souza, contadas do seguinte modo : 10 leguas que ficaram encravadas no lote precedente (desde a barra de S. Vicente até o rio Yuquery-queré); 40 leguas desde a barra de Paranaguá para o Sul até as terras de Sant'Anna, hoje Laguna,

(2) *V. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*, por Fr. Gaspar da Madre de Deus.

ao S. de Santa Catharina, na altura de 28 $^1/_3$ gráos; e 30 leguas nas terras de Itamaracá, em Pernambuco, desde o rio que cerca em redondo a ilha de Itamaracá (antigo rio de Santa Cruz, hoje Iguarassú) e dahi para o N. até a bahia da Traição, em altura proxima a 6 gráos.

As diversas porções d'este quinhão constituiram as duas Capitanias de *Santo Amaro* e de *Itamaracá*.

III—30 leguas a Pedro de Góes, fidalgo da casa rea e irmão do celebre Damião de Góes; as quaes deviam começar em o limite norte das terras de Martim Affonso (rio Macahé) até perto da foz do rio Itapemerim. Este lote tomou o nome de Capitania da *Parahyba do Sul* ou dos *Goytacazes*.

IV — 50 leguas a Vasco Fernandes Coutinho, por serviços prestados na Asia sob as ordens de Affonso de Albuquerque. Este territorio, que abrangia toda a costa entre os rios Itapemirim e Mucury, formou a Capitania do *Espirito-Santo*.

V—50 leguas a Pero do Campo Tourinho, rico proprietario do Minho, as quaes deviam ser contadas do lote precedente para o N. até a barra do rio Poxim, na altura de 15 $^1/_2$ gráos. Tomou a denominação de Capitania do *Porto-Seguro*.

VI—50 leguas ao escrivão da Fazenda Real Jorge de Figueiredo Corrêa, medidas no prolongamento das do precedente donatario, até pouco antes da entrada da Bahia de Todos os Santos. Foi conhecida por Capitania dos *Ilhéos*.

VII—50 leguas a Francisco Pereira Coutinho, por serviços prestados na India sob as ordens de Vasco da

Gama, D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque. Deviam ser demarcadas desde a ultima donataria até a embocadura do rio de S. Francisco, e tomar o nome de Capitania da *Bahia.*

VIII—60 leguas a Duarte Coelho Pereira, explorador da Cochinchina e embaixador do reino de Sião. O seu lote, com o nome de Capitania de *Pernambuco,* comprehendia todo o littoral desde o rio de S. Francisco até o Iguarassú (antigo de Santa Cruz) de cujas paragens afugentára elle uma expedição de Francezes.

IX— Seguia-se então a parte do 2º quinhão acima mencionada (Capitania de Itamaracá) que terminava na bahia da Traição. Dahi para o N. foram concedidas 100 leguas ao historiador João de Barros e ao capitão-mór do mar Ayres da Cunha; as quaes deviam ser medidas até a boca do rio Mundahú proximamente, onde foram depois fundadas as Capitanias da *Parahyba do Norte,* do *Rio-Grande do Norte* e parte da do *Ceará.*

X—40 leguas a Antonio Cardoso de Barros, contadas da extremidade do lote precedente até perto da foz do rio Parnahyba; territorio posteriormente occupado pela Capitania do *Piauhy* e parte da do *Ceará.*

XI—75 leguas ao thesoureiro-mór do Reino, Fernando Alvares de Andrade, cujas terras se deviam estender até o N. do rio Turyassú, e foi depois a Capitania do *Maranhão.*

XII—50 leguas mais aos dois associados João de Barros e Ayres da Cunha, que seguiriam do lote precedente até o extremo da conquista portugueza na America, lote que formou depois a Capitania do *Pará.*

Completavam-se d'esta sorte 735 leguas de 16 $^2/_3$ ao gráo equinoxial, como então se admittia ; convindo notar que para o S. o proprio governo portuguez não sabia até

onde podia estender a sua conquista, que devia entestar com as possessões da corôa hespanhola ; e por essa razão a parte ao sul de Santo Amaro, occupada depois pelos portuguezes, ficou annexada á Corôa, motivo pelo qual era ás vezes denominada Capitania d'*El-Rei*, de *S. Gabriel* e por ultimo do *Rio-Grande do Sul.* (3)

Todas as extensões dos lotes, na fórma acima especificada, deviam ser contadas ao correr da costa ; quanto á medida no sentido de E. para O., não era determinada, ficando dependendo da diligencia de cada donatario. A esse respeito, as cartas de doação, depois de indicarem a grandeza sobre o littoral e os limites de cada lote, accrescentavam:

« as quaes leguas se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão na mesma largura pelo sertão e terra firme a dentro, tanto quanto puderem entrar e fôr de minha conquista. » (4)

Entretanto, os limites para o lado de O. não eram inteiramente indefinidos ; subentendia-se que não deviam ultrapassar os que haviam sido estabelecidos pela convenção de Tordesillas, em 7 de Junho de 1494 ; isto é: as possessões portuguezas e hespanholas deviam ser limitadas pela linha divisoria imaginaria que passasse 370 leguas ao poente da ilha de Santo Antão, a mais occidental do archipelago de Cabo-Verde ; ou, segundo o calculo apresentado pelo illustrado Sr. Varnhagen, a linha meridiana que cortasse a ilha de Marajó, 3 $^1/_2$

(3) *V. Corographia Brasilica* de Ayres do Casal, tomo 1°.

(4) V. Cartas de doação de Pero Lopes (*Memorias da Capitania de S. Vicente*, por Fr. G. da Madre de Deus) — e de Vasco Fernandes Coutinho (*Revista Trimensal do Instituto* — 1861, pag. 175.)

a O. do Pará, e a costa do S. na altura approxi-
28 1/3 gráos. (5)
inha divisoria, que augmentava de 270 leguas
cado pelo papa Alexandre VI em 1493, em-
nvencionada entre os dois Reis da Peninsula
respeitada por nenhum d'elles; pois que
tendeu seu dominio na America para O.
o passo que o de Hespanha tomava
Philippinas na Oceania, que, pela
ca e segundo a letra da convenção
pertencer ao de Portugal. Em conse-
esta mutua infracção, novas convenções e tra-
os marcaram novos limites entre as possessões dos dois soberanos. (6)

O pequeno mappa que juntamos sob n. 1, dará clara idéa da grandeza e da posição das donatarias ou Capitanias doadas pelo Rei D. João III.

Como resalta á primeira vista, essa demarcação era defeituosissima, pois que os lotes, além da instabilidade das linhas divisorias impossiveis de traçar em regiões tão extensas e accidentadas, dava lugar a quinhões de grandezas fóra de toda a comparação, servindo apenas para demonstrar que, o puro arbitrio do doador e o gráo de valimento dos agraciados, foram os unicos moveis que concorreram para a solução de um problema tão serio e susceptivel de tão importantes consequencias no futuro.

Como na época da doação era desconhecida a direcção da costa sobre a qual se faria a contagem da testada de

---

(5) *Historia Geral do Brasil*, por F. A. Varnhagen—tomo 1º pgs. 4 e 421.

(6) Sobre este assumpto será consultada com vantagem a excellente memoria do Sr. Dr. A. Pereira Pinto — *Os limites do Brazil*, que se acha impressa na *Revista Trimensal do Instituto* do anno de 1867.

cada donatario, é muito provavel que, feita a demarcação, ficassem sorprendidos com a porção que lhes coube. Assim, por exemplo : o 10° donatario estava talvez bem longe de suppôr que as suas 40 leguas de littoral, seguindo quasi a direção de E. para O. lhe produziriam uma estreita faxa de terras ; ao passo que o do 8° lote, com 60 leguas de testada ficou possuidor de um territorio 20 vezes maior, por ser outra a direcção da costa. Até aos proprios Martim Affonso e Pero Lopes, que como peritos e melhores conhecedores das localidades, suppunham talvez ficarem com os maiores lotes (o 1° com cem, e o 2° com oitenta leguas de littoral) coube-lhes na partilha, dois dos territorios de menor área.

Em relação, porém, a essa desproporção entre a grandeza dos lotes, não nos fica bem fazer commentario algum, visto que, com tres seculos e meio de avanço, e mais de meio seculo de emancipação, a actual divisão do Imperio está sujeita á mesma critica que a do tempo em que era colonia invia e desconhecida. Nem tambem nos é permittido censurar a ambição que impelliu os donatarios a pedirem territorios enormes, muito além dos recursos de que podiam dispôr para aproveital-os : quando ainda hoje, é um mal ordinario no nosso paiz, querer cada qual possuir leguas de terras incultas, só para campar de grande proprietario ; mal este que o Governo deve sanar por meio de um imposto territorial, para obstar a que um particular paralyse o progresso de uma parochia inteira, ou inutilise optimas terras de que outros tirarão excellente partido (7).

---

(7) A. C. Tavares Bastos um dos talentos mais robustos da presente geração, e que tão cedo foi roubado á patria, faz judiciosas considerações sobre este assumpto, e lembra um projecto de lei que apresentou á Assembléa Legislativa em 1867 (V. A Provincia—Parte 3ª. Cap. 6°. § 5°.)

II

DIVISÃO EM CAPITANIAS GERAES

Poucos annos se haviam passado, quando o Governo de Lisbôa convencido, á vista do mau exito que tiveram os donatarios, de que fôra pouco feliz com a idéa de distribuir as terras do Brasil por particulares, revogou os poderes conferidos aos possuidores das Capitanias (das quaes apenas promettiam prosperar as de S. Vicente, Itamaracá, Pernambuco e Porto-Seguro), e, resolvido a tomar por sua conta a colonisação, nomeou em 1549 um Governador Geral (Thomé de Souza), incumbindo-o de fundar em algum ponto central da costa, uma cidade para ser a séde do governo na America Portugueza; e varios Capitães e Capitães-móres para as diversas Capitanias, sujeitos todos ao dito Governador. Além do estado pouco satisfactorio das donatarias, uma outra consideração pesou no espirito do governo para acabar com ellas; foi o receio de que, essas Capitanias hereditarias, situadas á grande distancia, sob diversas condições de climas e de costumes, poderiam facilmente subtrahir-se ao poder da metropole, tornando-se Estados separados, pois como diz Varnhagen: com os illimitados privilegios concedidos aos donatarios *quasi se podia dizer que Portugal reconhecia a independencia do Brasil antes d'elle colonisar-se.*

O novo systema de administração acarretou a necessidade de serem melhor determinados os limites dos differentes governos parciaes, affastando-se das linhas imaginarias tiradas de *Leste para Loeste;* limites que foram sendo modificados á proporção que se conhecia melhor o territorio,

e que se avançava na conquista das terras occupadas pelas tribus selvagens.

Em 1572, durante o curto reinado de D. Sebastião, o governo do Brasil foi separado em dois, do Norte e do Sul, com as sédes nas cidades de S. Salvador da Bahia e de S. Sebastião do Rio de Janeiro; mas esta idéa mal resolvida, como todas as d'esse malfadado monarcha, teve ephemera duração, tornando ao anterior estado no fim de quatro annos.

Succederam-se depois os administradores das Capitanias com attribuições e poderes de variada extensão e sob as denominações de Capitães, Governadores, Capitães-móres e Capitães-Generaes, bem como os do governo-geral que, por occasião da restauração da casa de Bragança, em 1640, passaram de Governadores-Geraes a Vice-Reis do Brasil, continuando a séde na Bahia; até que em 1762, rompendo as hostilidades no sul, o marquez de Pombal ordenou que para melhor acudir ás necessidades da guerra, o Vice-Rei tivesse sua residencia no Rio de Janeiro; e assim contiuuou, até que a revolução franceza e depois a ambição de Napoleão Bonaparte, influindo na sorte da colonia portugueza, permittiu que em 1808 fôsse ella seguro asylo para a Familia Real, e, como forçosa e natural consequencia, d'ahi a 7 annos elevou-se á categoria de Reino-Unido ao de Portugal, e ainda outros 7 annos mais tarde, tomava lugar entre as nações independentes, tendo por attributo a constellação do Cruzeiro e por bandeira as côres do ouro e da primavera. (8)

---

(8) O illustre Thiers, relatando os successos da invasão franceza em Portugal e a fuga da Familia Real de Bragança, diz:

« O Almirante Sydney Smith destacou uma forte divisão para ac-
« companhar esta realeza (de Portugal) á America, onde ia começar
« a libertação de todas as colonias portuguezas e hespanholas:

Emquanto durou o dominio da metropole européa, a necessidade de repellir as tentativas de occupação de varios pontos do Brasil por estrangeiros (como as dos francezes no Rio de Janeiro e no Maranhão, dos inglezes em Santa Catharina e Pernambuco, dos hollandezes na Bahia e Pernambuco, e dos castelhanos no Sul) e a de povoar as terras conquistadas aos indigenas, estimularam o governo portuguez a enviar expedições de tropas, degradados e colonos, o que deu causa a que as Capitanias fôssem em geral prosperando; e para mais regularidade de sua administração, foram soffrendo alteração as diversas circumscripções territoriaes, desmembrando-se alguns districtos e comarcas de umas para annexar á outras, ou formar novos governos separados; e é assim que, fóra as Capitanias originadas das antigas donatarias, encontramos na nossa historia as seguintes: de Paraguassú doada a D. Alvaro da Costa em 1557, da Parahyba do Norte, creada em 1592, do Rio-Grande do Norte em 1603, do Ceará, em 1612, do Pará, em 1615, de Santa Catharina, em 1654, de Marajó, ou de Joannes em 1665, de S. Paulo, em 1709, de Minas-Geraes, em 1720, de Goyaz, em 1744, de Matto-Grosso, em 1748, do Piauhy, em 1750, de S. José do Rio-Negro, em 1757, do Rio-Grande do Sul, em 1807, do Espirito-Santo, em 1810, de Alagôas, em 1817 e de Sergipe d'El-Rei em 1820.

N'este ultimo anno, quando a revolução constitucional reclamava em Portugal a presença de D. João VI, e que já era facil descortinar no horizonte os primeiros raios da

---

« porque foi dado á revolução franceza mudar a face do novo mundo, « como do antigo: e estes thronos da Peninsula, que ella precipi « tava no Oceano, deviam n'elle produzir, cahindo, um refluxo que se « faria sentir até á outra margem do Atlantico. (A. Thiers—*Historia « do Cons. e do Imp.*—tomo 8º. pg. 343.)

aurora de nossa independencia, o Brasil estava dividido em 19 governos distinctos, a saber: 10 maiores, governados por Capitães-Generaes: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio-Grande do Sul (comprehendendo o governo das Missões do Uruguay), Minas-Geraes, Matto-Grosso e Goyaz; e 9 menores, administrados por simples Governadores ou Capitães-móres: Rio-Negro, Piauhy, Ceará, Rio-Grande do Norte, Parahyba, Alagôas, Sergipe, Espirito-Santo e Santa Catharina.

Ayres do Casal, na sua apreciavel obra *Corographia Brasilica*, impressa em 1817, explicando a origem de cada uma das circumscripções administrativas do Brasil, diz o seguinte :

Rio de Janeiro— formada da reunião da Capitania de S. Thomé e parte das de S. Vicente e dos Goytacazes.

Espirito-Santo – composta do resto da dos Goytacazes e tres quartas partes da antiga do Espirito-Santo.

Porto-Seguro—parte da Capitania do Espirito-Santo, a antiga de Porto-Seguro e uma porção da dos Ilhéos.

Bahia—parte das Capitanias dos Ilhéos e da Bahia.

Sergipe d'El-Rei—a parte da Capitania da Bahia desde o rio Real até o de S. Francisco.

Pernambuco—antiga Capitania d'esse nome e parte da de Itamaracá (o territorio das Alagôas era então (1817) uma de suas comarcas).

Parahyba —dois terços da antiga Capitania de Itamaracá.

Rio-Grande do Norte—a extremidade norte da de Itamaracá, e parte do lote de João de Barros, conquistada em 1597, com o fim de estorvar as excursões dos *Potyguares* e a exportação do páo-brazil pelos francezes.

Ceará—tambem no lote de João de Barros e Ayres da Cunha.

Piauhy—no quinhão que coube a Antonio Cardozo de Barros.

Maranhão—é a antiga Capitania do mesmo nome.

Pará—nas terras que formaram o 12° quinhão, e mais as que foram conquistadas para o lado do rio Amazonas, com o fim de obstar a que outra nação tentasse occupar suas margens.

Rio-Grande do Sul—formada das terras ao sul da Laguna. O padre Casal comprehendia n'esse territorio o do Estado de Montevidéo, occupado então pela Divisão do General Lecor.

Uruguay—a reunião dos Sete Povos de Missões Orientaes conquistadas em 1801; e á qual deu-se depois um governador especial.

S. Paulo—reunião da Capitania de Santo Amaro e metade da de S. Vicente, compradas por D. João V, em 1710.

Santa Catharina—formada depois, de um desmembramento da precedente.

Minas-Geraes—com o nome de Districto das Minas, era dependente de S. Paulo, d'onde foi desmembrada em 1720.

Goyaz—comarca de S. Paulo até meiado do seculo passado, colonisada por mineiros e garimpeiros.

Matto-Grosso—formada dos territorios conquistados pelos vicentistas ás tribus que habitavam além do rio Paraná.

Vê-se n'esta relação que o autor da *Corographia Brasilica* dá como governo separado Porto-Seguro, ao passo que não se refere ao Rio-Negro. Nota-se tambem na sua obra que, inclue como pertencendo ao Brasil, com o nome de *Provincia do Paraná*, os territorios da actual Republica do Paraguay e das Missões Occidentaes do Uruguay, territorios estes que nunca fizeram parte da America Portugueza.

Exposta assim a maneira por que foram constituidas as diversas circumscripções territoriaes e administrativas durante os primeiros treze seculos da existencia do Brasil, ou desde a sua descoberta até o fim do dominio colonial, é natural que se apresente ao nosso espirito a seguinte questão:

Na demarcação das Capitanias primitivas e das que foram creadas posteriormente, assim como nas disposições para o governo d'ellas, teve-se em vista o verdadeiro interesse do futuro do Brasil?

Parece-nos que não; e n'esse ponto seguimos opiniões muito abalisadas. Acêrca da primeira parte, concordamos com o illustre Sr. Varnhagen, quando accusa de precipitado o governo portuguez, pelo pequeno numero de lotes em que dividiu sua vasta colonia, e pelo pouco escrupulo com que os cedeu a individuos movidos pela cubiça e sem a menor intenção de os fazer progredir; emquanto que, com maior numero de quinhões, de extensão muito mais limitada, e distribuidos, não a favoritos da côrte, mas a homens laboriosos e de espirito creador, a colonisação ter-se-hia realizado com mais rapidez, sua povoação seria mais homogenea, e haveriam agora entre as Provincias menos rivalidades, provenientes ainda da desigualdade entre as antigas Capitanias. (9)

---

(9) F. A. Varnhagen—*Historia Geral do Brasil*—tomo 1°. pag. 69.

Semelhantemente pronuncia-se um outro notavel escriptor:

« O systema de governo colonial, estabelecido no Brasil « pelos portuguezes, foi uma imitação do systema do go- « verno das conquistas da Africa. Erro este, em politica, « de primeira ordem, porque conquista e colonia são duas « cousas mui diversas; as conquistas quasi sempre se « conservam com a força d'armas e governo militar, e as « colonias devem seguir a legislação da metropole.

« Bem como nas conquistas da Africa, se estabeleceu « no Brasil um governador para cada provincia que se « chamou *Capitania;* um governador subalterno para as « differentes cidades e villas, e ainda commandantes mi- « litares ás aldêas e povoações menores; d'este modo, o « terror das armas parecia ser a unica lei. » (10)

Não somos infensos ao antigo governo portuguez; antes reconhecemos que muito lhe deve o Brasil, no tocante aos esforços para a catechese dos indigenas, á defesa de seus pontos, ainda os mais afastados, e á constancia com que sempre velou na integridade de seu dilatado territorio, no que teve a principio de despender grossas quantias. É forçoso porém, confessar, que a metropole nunca revelou grande interesse pelo aperfeiçoamento das instituições de sua colonia e pela felicidade de seus habitantes; os cuidados que com ella despendeu, eram sómente os que tendiam a firmar a sua posse e a tirar maior proveito de seus thesouros naturaes, exactamente como um ambicioso tutor que, desprezando a cultura intellectual e o futuro do seu pupillo, só visasse os meios de tirar partido do seu patrimonio.

Sempre que se manifestava um indicio de progresso,

(10) Hyppolito J. da Costa Pereira — *Correio Braziliense* — tomo 10 (1818)—pag. 203.

que pudesse, mesmo de longe, prejudicar algum interesse da metropole, não se fazia esperar algum decreto ou alvará suffocando, logo no principio, a audiciosa tentativa. Para aquelles que nos averbarem de injustos, sirvam de testemunho ao que avançamos: a calculada ignorancia em que se procurava manter a população; o systema de colonisação, primeiro com degradados e depois com escravos da costa d'Africa; as difficuldades que tinha a superar um filho da colonia que queria subir por seus talentos e só conseguia alguma cousa se alcançava a protecção de um grande da Côrte; a prohibição de typographias no Brasil; a lei ordenando que fôsse reenviado para Portugal todo o vassallo portuguez que possuisse mais de uma fortuna mediana (11); a Carta Régia de 19 de Junho de 1761, fazendo extinguir a raça muar; bem como outras impedindo a prosperidade dos districtos auriferos, prohibindo a navegação dos rios e a abertura de estradas, e mandando destruir os cannaviaes e engenhos nas proximidades d'esses districtos (12); a lei de 30 de Julho de 1766 expellindo os ourives, lapidarios e lavrantes, como inimigos dos direitos reaes; o Alvará de 5 de Janeiro de 1785 fazendo extinguir as fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, linho e algodão (excepto para roupa de escravos) *visto haver em Portugal iguaes estabelecimentos aos quaes prejudicavam;* e mil outras medidas oppressoras e vexatorias que fôra longo enumerar. (12 *a*)

---

(11) *V Revista Trimensal do Instituto* — 1865— 2º. pg. 173. idem *Ostensor Brasileiro*—tomo 1º. — pag. 244.

(12) J. M. Pereira de Alencastre—*Annaes da Provincia de Goyaz.*

(12 *a*) Acêrca da odiosidade do systema colonial no Brasil leia-se o seguinte trecho de St. Hilaire (*Voyage au Brésil* 1º. tomo, pg. 290:) « Lorsque le Brésil gémissait encore sous le systême colonial, il était defendu à ses habitants de fondre la moindre parcelle de fer, et ceux qui, à chaque pas, foulaient ce metal sous leurs pieds, étaient obligés

Não deixa tambem de ser eloquente o que se lê na *memoria* do Visconde de S. Leopoldo, mandada imprimir pelo Instituto em 1843: que no tempo colonial cunhou-se e circulou entre nos uma moeda com a legenda: *N. Portugaliæ Rex et Brasiliæ Dominus*, isto é que consideravam os portuguezes subditos e os brasileiros escravos.

Sirvam ainda de testemunho as seguintes phrases, extrahidas de um importantissimo documento official.

« Quando por um acaso se apresentára, pela vez pri-
« meira, esta rica e vasta região brasilica aos olhos do
« venturoso Cabral, logo a avareza e o proselytismo reli-
« gioso, moveis dos descobrimentos e colonias modernas,

---

de recevoir des negociants de Lisbonne, les instruments d'agriculture et les outils avec lesquels ils cherchaient l'or dans le fer lui même. »

Leia-se ainda:

Resumo historico do mesmo St. Hilaire no fim do 2º vol. da *Voyage au district des diamants.*

Memoria do districto diamantino, pelo Dr. Felicio dos Santos, pag. 158.

Biographia de Gomes Freire de Andrade no *Anno biographico* do Dr. Macedo. 1º. — 138.

E ainda a cantata, *As aves*, do illustre Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, onde se nota o seguinte periodo:

« Ali a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Luzitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao mundo inteiro,
Ali, ó dôr! ó patria amada,
A Ignominia firmou seu rude assento,
E com halito inerte tudo damna,
Os erros diffundindo, e da verdade
O clarão offuscando luminoso.
Ali servil temor, e abatimento
Os corações briosos amortece;
E emquanto a natureza dezenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida Ambição com mão mesquinha
Transformou seu magnifico projecto.

« se apoderaram d'ella por meio de conquista; e leis de
« sangue, dictadas por paixões e sordidos interesses, fir-
« maram a tyrannia portugueza. O indigena bravio e o
« colono europeu, foram obrigados a trilhar a mesma
« estrada da miseria e escravidão. Se cavavam o seio de
« seus montes para d'elles extrahirem o ouro, leis absur-
« das e o *quinto* vieram logo esmorecel-os em seus traba-
« lhos apenas encetados; e ao mesmo tempo que o Estado
« Portuguez, com sofrega ambição devorava os thesouros
« que a benigna natureza lhes offertava, fazia vergar as
« desgraçadas minas sob o peso do mais odioso tributo, a
« *capitação*. Queriam que os brasileiros pagassem até o
« ar que respiravam, e a terra que pisavam. Se a indus-
« tria de alguns homens mais activos tentava dar nova
« fórma aos productos do seu sólo, para com elles cubrir
« a nudez de seus filhos, leis tyrannicas o empeciam e
« castigavam estas nobres tentativas. Sempre quizeram
« os europeus conservar este rico paiz na mais dura e
« triste dependencia da metropole, porque julgavam ser-
« lhes necessario estancar, ou pelo menos empobrecer a
« fonte perenne de suas riquezas. » (13)

Á vista d'isto, não deve admirar que affirmemos a proposição, que: tambem no modo pelo qual retalhou a sua colonia e nas fórmas que estabeleceu para o seu governo, a Côrte de Lisbôa consultou apenas o seu interesse, pouco lhe importando se isso era ou não favoravel ao desenvolvimento futuro d'ella, e se concorreria para a melhor harmonia ou rivalidade entre os seus habitantes.

---

(13) *Manifesto de D. Pedro, Regente do Brasil, aos Governos e Nações amigas*, datado de 6 de Agosto de 1822.

40
35
0
5
10
15
FORTALEZA
RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
PARAHIBA
PARAHIBA
OLINDA
RECIFE
AMBUCO
PORTO CALVO
ALAGOAS
MACEIO
SERGIPE
ARACAJU
S. CHRISTOVÃO
BAHIA ou S Salvador

III

DIVISÃO ACTUAL EM PROVINCIAS

Assim como ás primitivas circumscripções do Brasil, chamadas anteriormente *Donatarias* deu-se depois o nome de *Capitanias*, a partir do anno de 1815 (data da elevação da colonia á cathegoria de Reino-Unido ao de Portugal) começou-se a designar estas por *Provincias*, talvez por ficar mais em harmonia com a parte européa do mesmo Reino-Unido, que era dividida em 6 Provincias; e é por esta razão que o padre Ayres do Cazal, na sua obra escripta em 1817, nos dá o Brasil repartido em provincias. (14)

Folheando a collecção de leis e decretos, é principalmente do anno de 1817 que se dá mais frequentemente a denominação de Provincias; umas vezes empregando-se as duas designações ao mesmo tempo, como no alvará de 13 de Outubro d'esse anno, creando a villa de S. Luiz da Provincia de Missões da Capitania do Rio-Grande do Sul; outras vezes dava-se indifferentemente uma ou outra denominação, como nos dois alvarás de 10 de Fevereiro de 1821, em um dos quaes (elevando a villa da Cachoeira em cabeça de comarca em lugar da villa de Marajó) repete-se por tres vezes a designação de *Capitania do Pará*; emquanto que no outro (creando um lugar de Juiz de Fóra na villa de Cametá) nunca se falla em

---

(14) *A Corographia* do Padre Cazal apresenta o Brasil dividido em 20 Provincias: mas n'este numero inclue as de *Porto Seguro e do Uruguay* (pertencentes ás da Bahia e do Rio-Grande do Sul) e a do *Paraná* que como acima dissemos, nenhuma razão havia para ser considerada como porção do territorio portuguez.

Capitania, porém, sim por tres vezes, em Provincia do Pará.

Procurando o acto administrativo que acabou com as Capitanias, admittindo definitivamente o nome de Provincias, parece-nos que se póde referir esse facto: 1° ás Instrucções de 17 de Março de 1821 para as eleições de Deputados das Côrtes, na fórma da Constituição adoptada para o Reino-Unido; nas quaes, estendendo as disposições para os dominios ultramarinos, se marcava que, cada Provincia do Brasil devia dar tantos Deputados, quantas vezes contivesse em sua população o numero de 30,000 almas; 2°, o Decreto de 29 de Setembro d'esse mesmo anno, que supprimia o governo dos Capitães-Generaes e Governadores, estabelecendo em seu lugar uma Junta Provisoria composta de 7 membros, incluido o Presidente, para as Capitanias de maior cathegoria; e de 5 membros para as outras menores. D'essa data em diante, a palavra *Capitania* deixou de ser applicada nos documentos officiaes como determinando uma circumscripção administrativa do Brasil, sendo substituida sempre pela de *Provincia*.

Logo após seguiu-se o venturoso successo de nossa independencia, e onze dias depois, o Decreto de 18 de Setembro de 1822 tratando de constituir a bandeira e o escudo d'armas do nascente Imperio, estabeleceu que, n'este, a esphera armillar de ouro, atravessada pela Cruz da Ordem de Christo, fôsse circulada de 19 estrellas de prata, symbolisando as suas 19 Provincias (incluida n'este numero a Cisplatina, que se unira ao Brasil em 31 de Julho de 1821). (15)

---

(15) As Provincias do Brasil que, desde Novembro de 1823, passaram a ser administradas por Presidentes nomeados pelo governo do Rio de Janeiro, eram as 19 Capitanias citadas no precedente capitulo,

Parecia que, immediatamente depois da nossa emancipação politica, os homens que estavam á testa do governo e aos quaes não faltava illustração, patriotismo e influencia, deviam occupar-se, de preferencia a quaesquer assumptos, em reformar instituições fundadas no tempo colonial e em crear novas, adaptadas ao novo Estado, que aspirava a tomar posição entre as nações cultas. Entretanto não foi assim; as discussões politicas travaram-se logo com virulencia, hastearam-se diversas bandeiras partidarias, crearam-se periodicos para debater-se com acrimonia, excitaram-se rivalidades e odios, tanto entre brasileiros e portuguezes que desapprovavam a independencia, como de brasileiros entre si, por questões puramente abstractas e sem utilidade.

Quem se der ao trabalho de percorrer os periodicos d'essa época, em que devia estar tão excitado o amor da patria, não póde deixar de lamentar que individuos dotados de talentos e de civismo, despendessem tão precioso tempo, gastassem inutilmente tanto trabalho na tribuna e na imprensa, em longas discussões estereis e declamações recheiadas de termos, então muito em moda, de *hydras revolucionarias, ochlocracia, facções tyrannicas;* averbando-se mutuamente de *demagogos*, *apostolos do despotismo*, *olygarchas* e outros quejandos, no que consumiram sem resultado suas forças vivas, e comprometteram-se, dando até causa a que alguns fôssem provar o pão amargo do exilio !

---

com exclusão da do Rio-Negro, que ficou dependente da do Pará. Essas 18, com a Provincia Cisplatina, completavam as que eram representadas pelas 19 estrellas do Escudo Nacional.

Ignoramos com que fundamento os autores do projecto de Constituição apresentado á Assembléa Constituinte, citando (no artigo 2º) as 18 Provincias, mencionam novamente a do Rio-Negro, esquecendo a de Goyaz.

Succedeu então o que era natural : o prejudicado foi o paiz, porque desattendidos seus verdadeiros interesses e necessidades, continuou a ser regido pelas Ordenações do Reino, que datavam de dois seculos e meio; as velhas instituições foram conservadas, embora tivessem sido fundadas para uma sociedade muito differente da nossa ; o governo geral absorvido pela politica e pelo desejo de reunir maioria nas assembléas, pouco cuidou do bem-estar das Provincias, e é por isso que, ainda hoje, a 56 annos d'aquella época, estas se conservam constituidas defeituosamente, quasi como o foram primitivamente, e entre ellas lavram ainda discordias por questões de limites ; e, se o Brasil colonial se compunha de Donatarias ou Capitanias-móres e menores, o Brasil Imperio continúa presentemente formado de Provincias de 1ª, 2ª, 3ª e de 4ª ordem !

Foi firmado em considerações identicas que, um dos mais notaveis escriptores nacionaes pronunciou-se assim:

« Depois da independencia, por vergonha nossa, nem se quer se tem pensado a respeito da tão necessaria divisão de territorio. Nem por occasião do Acto Addicional houve quem pugnasse pela conveniencia de estabelecer certo equilibrio entre os novos estados, antes de assim os emancipar de um modo que não deixa de causar alguns embaraços e trabalhos á marcha regular e governativa da nação, em bastante prejuizo d'esta. » (16)

O que é certo é que, se compararmos o estado actual

(16) F. A. Varnhagen—*Memorial Organico*—Opusculo de 50 paginas publicado em 1849 por *Um amigo do Brasil*: foi reimpresso no *Guanabara* de 1851 com varias modificações, e ainda sob o anonymo; mas na sua *Historia Geral do Brasil*, tomo 2º, pag. 481, o illustrado Sr. Varnhagen declara-se autor d'esse interessante escripto, ao qual teremos ainda occasião de nos referir em o decurso do presente trabalho.

de nossas Provincias, com o que havia em 1822, encontraremos apenas as seguintes differenças :

1.ª A Provincia Cisplatina deixou de fazer parte do Imperio em virtude do Tratado de 27 de Agosto de 1828, formando a Republica Oriental do Uruguay.

2.ª Da do Pará foi desmembrada a comarca do Rio-Negro por Decreto de 5 de Setembro de 1850, formando a Provincia do Alto-Amazonas.

3.ª Da de S. Paulo foi tambem separada a comarca de Curitiba, por Decreto de 29 de Agosto de 1853, constituindo a Provincia do Paraná.

Fóra estas alterações, foi decretada mais uma ou outra ligeira modificação nas divisas de algumas Provincias, como as de 31 de Outubro de 1831 (entre Pernambuco e Parahyba), de 23 de Agosto de 1854 (entre Pará, Maranhão e Goyaz), de 10 de Janeiro de 1863 (entre Rio de Janeiro, Espirito-Santo e Minas-Geraes) e de 16 de Janeiro de 1865 (entre Paraná e Santa Catharina), mas nenhuma d'ellas acarretou mudança no systema geral de demarcação.

É, pois, o Imperio do Brasil dividido presentemente em vinte Provincias, dezeseis maritimas e quatro centraes, cuja configuração, grandeza e posição relativas se mostram no mappa annexo n. 2; e seus elementos, superficie, população, representação nacional, povoados e outros dados comparativos, serão com mais clareza notados no seguinte:

QUADRO das actuaes Provincias do Brasil e seus diversos elementos

PROVINCIAS	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LEGUAS DE COSTA NO OCEANO	POPULAÇÃO	HABITANTES POR LEGUA QUADRADA	POVOAÇÕES			REPRESENTAÇÃO			GRANDEZA COMPARADA COM A DOS ESTADOS DA EUROPA
					Cidades	Villas	Parochias	Senadores	Deputados	Ditos provinciaes	
1 Amazonas	66.300	.....	57.610	0.87	3	6	25	1	2	20	Metade da Prussia Europea; ou 5 vezes a França.
2 Pará	40.000	190	275.237	6.9	7	32	75	1	3	30	Duas vezes a Austria-Hungria.
3 Maranhão	12.000	120	360.640	30.1	8	31	56	3	6	30	Maior que a Turquia Europea (antes do ultimo tratado).
4 Piauhy	10.500	5	211.822	20.1	4	23	31	1	3	24	Maior que a Inglaterra, Escossia e Irlanda
5 Ceará	3.627	115	721.686	171 4	11	40	63	4	8	32	Tres vezes o Reino da Dinamarca.
6 Rio Grande do Norte	2.000	70	233.979	117.0	7	17	28	1	2	22	Duas vezes a Belgica.
7 Parahyba	3 500	30	376.226	107.5	[illegible]	20	42	2	5	30	Portugal e Hollanda reunidas.
8 Pernambuco	5.297	40	841.539	159.2	8	36	73	6	13	39	Igual á Prussia antes da guerra Franco-Prussiana.
9 Alagoas	2.356	50	348.009	147.7	5	18	29	2	5	30	Duas vezes o Reino da Hollanda.
10 Sergipe	1.360	36	234.643	172.5	6	23	32	2	4	21	Maior que a Suissa.
11 Bahia	14.856	160	1.379.616	92.9	11	64	173	7	14	42	Pouco menor que a Hespanha.
Somma	161.766	816	5041007		76	310	627	30	65	323	

(*Continúa*)

(CONTINUAÇÃO.)

PROVINCIAS	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LEGUAS DE COSTA NO OCEANO	POPULAÇÃO	HABITANTES POR LEGUA QUADRADA	POVOAÇÕES			REPRESENTAÇÃO			GRANDEZA COMPARADA COM A DOS ESTADOS DA EUROPA
					Cidades	Villas	Parochias	Senadores	Deputados	Ditos provinciaes	
Transporte.....	161.766	816	5.041.007		76	310	627	30	65	323	
12 Espirito-Santo . . .	1.561	80	82.137	52.6	3	10	26	1	2	20	Do tamanho do Reino da Grecia.
13 Rio de Janeiro.....	2.432	120	1.091.576	450 1	18	17	146	6	12	45	Maior que Portugal.
14 S. Paulo.....	10.300	90	837.354	81.3	39	57	152	4	9	36	Igual a toda a Italia.
15 Paraná	6.200	25	126.722	20.4	8	10	30	1	2	20	Quasi a metade da França.
16 Santa Catharina....	4.380	95	159.802	36.5	6	6	46	1	2	20	Tres vezes a Confederação Suissa.
17 S. Pedro do Sul....	8.204	125	446.962	54.5	11	27	80	3	6	30	Igual á Noruega.
18 Minas-Geraes	20.000	.....	2.102.689	105.1	57	22	420	10	20	40	Maior que toda a Peninsula Iberica.
19 Goyaz.....	26.000	.....	160.395	6.2	8	23	58	1	2	22	Igual á França e á Italia reunidas.
20 Matto-Grosso	50.175	.....	60.417	1.2	4	5	16	1	2	22	Tres vezes o Imperio da Allemanha.
BRASIL.....	291.018	1.351	10.112.061	34.76	230	487	1.601	58	122	578	4/5 de toda a Europa, 20 Franças, ou 250 Belgicas.

Os elementos d'este quadro foram tirados do ultimo Relatorio da Directoria de Estatistica, e do Atlas do Imperio do Brasil, do Sr. Senador Candido Mendes de Almeida.

Facil nos fôra aqui detalhar quaes as linhas divisorias que separam umas e outras Provincias; como, porém, isso seria longo e fastidioso, principalmente referindo-se á uma demarcação nimiamente defeituosa, contentar-nos-hemos em expender algumas reflexões, valendo-nos do Atlas do Sr. Senador Candido Mendes de Almeida, preciosissimo serviço prestado ás letras e á instrucção publica, obra que por muito tempo ha de ser a mais conscienciosa e competente n'esse assumpto.

AMAZONAS: Tem por limite com a do Pará uma linha recta imaginaria, tirada do monte Parintins até um ponto da margem esquerda do rio Tapajoz, em frente á foz do Paranatinga ou Tres-Barras, desprezando-se d'esta sorte o extenso e bem definido limite que formaria o mesmo Tapajoz. Resultaria n'este caso que o Pará perderia uma porção de territorio, mas essa perda insignificante para tão grande região, seria largamente compensada pela vantagem de ter como divisa um rio navegavel em lugar de uma recta de 80 leguas, impossivel quasi de demarcar com clareza de modo a evitar contestações. Em relação aos outros limites com o Pará e com Mato-Grosso, nada ha baseado em lei, pois que o Decreto de 1757 que creou a Capitania de S. José do Rio-Negro não os designou.

PARÁ: sua linha divisoria com a do Maranhão foi alterada em 1854, perdendo toda a zona comprehendida pelos rios Turiassú e Gurupy, que passou a ser o limite. Com as suas limitrophes Goyaz e Mato-Grosso não estão estabelecidas as divisas, embora a Provisão de 24 de Agosto de 1748 mandasse proceder á sua demarcação.

MARANHÃO: É de todas as Provincias a que melhor se separa de suas vizinhas, por meio dos caudalosos rios

Gurupy (com a do Pará), Tocantins e Manoel Alves Grande (com a de Goyaz) e Parnahyba (com a do Piauhy).

Com a de Goyaz teve sérias desavenças que terminaram em 1816 com a demarcação actual.

PIAUHY: Ao contrario da sua vizinha do norte, esta Provincia vive em queixa contínua com as suas limitrophes. Abrangendo uma immensa área, apenas possue sobre o Oceano uma insignificante nesga, e essa mesma disputada pela do Ceará, com a qual sustenta ainda outra demanda, por causa de terras da Comarca do Principe Imperial. Com a do Maranhão teve outr'ora uma questão, pretendendo, sob fraco pretexto, estender-se pelo littoral d'esta, até á barra da Tutoya. Com a de Goyaz, os limites não estão apoiados em lei, circumstancia esta que autoriza pretenções de ambas as confinantes em prejuizo da outra.

CEARÁ: Ácerca de suas divisas citaremos sómente as palavras do Sr. Senador Candido Mendes: « Os limites d'esta Provincia mantêm-se pelo costume e tradição, ajudados da posse, do proveitoso *uti possidetis.* »

RIO-GRANDE DO NORTE: As antigas disposições que desmembraram esta Provincia das de Pernambuco e Parahyba, assim como o Decreto de 31 de Outubro de 1831 que procurou estabelecer melhor os limites com esta ultima, são tão pouco claros, que são quasi desconhecidas as verdadeiras linhas divisorias. Á esta Provincia deve pertencer o archipelago de Fernando de Noronha, que lhe fica mais perto do que da de Pernambuco.

PARAHYBA: As seguintes linhas demonstram com eloquencia a maneira de traçar as linhas divisorias entre as nossas Provincias:

« Servem de limite entre as Provincias da Parahyba e

« de Pernambuco, as extremas meridionaes das freguezias « da Taquára e da Alhandra, pertencentes á Parahyba; « a extrema norte da freguezia de Itambé pertencente a « Pernambuco, e a meridional da de Itaipú, pertencente á « Parahyba; a rua principal (!) da villa de Pedras de Fogo « e a estrada das Boiadas, até á povoação da Serrinha, « depois seguindo pela estrada que vai para Camutanga « do Municipio de Goyana, segue-se o rumo das aguas ao « sul do Salgado, caminhando-se para oéste até á povoação « da Mata-Virgem do municipio de Cabaceiras; depois « passa-se entre as villas do Teixeira ao norte, e Inga- « seira ao sul, sendo esta de Pernambuco e aquella da « Parahyba; finalmente, passa-se entre o Piancó e Pajeu « de Flôres, até encontrar o limite da Provincia do « Ceará. » (!!) (17)

Convem lembrar aqui que a famosa divisa da rua principal de Pedras de Fogo, já deu causa por duas vezes (em 1839 e 1841) a que os habitantes descontentes pegassem em armas, para decidir a qual das Provincias deviam pertencer, sendo necessario o emprego da tropa para contêl-os. (18)

PERNAMBUCO: Seus limites com a da Parahyba, são o que se acaba de vêr; com a da Bahia, as ilhas do rio S. Francisco quando fôrem povoadas darão motivo a contestações, porque não se sabe á qual pertencem; com a das Alagôas a divisa é muito precaria, por quanto em uma extensão de 36 a 40 leguas (das vertentes do rio Taquára até o Capiá, e d'este á foz do Manary) deve passar uma linha quebrada imaginaria, cortando rios e atravessando

(17) *V. Revista Trimensal do Instituto*—1871—2º Volume—pag 360.
(18) *V. Diccionario topographico de Pernambuco*, por Manoel da Costa Honorato—pag. 103 artigo—*Pedras de Fogo*.

serras e valles. Como já dissemos, as ilhas de Fernando de Noronha pertencem impropriamente á esta Provincia.

ALAGÔAS : Pelo lado do norte, tem a linha pouco precisa que acabamos de citar; pelo do sul, questiona com a de Sergipe por causa das ilhas do rio S. Francisco. Uma d'estas, a do Brejo-Grande ou Paraúna, situada perto da foz do grande rio, goza da singularidade de pertencer ás duas Provincias, pois que os seus habitantes, sujeitos quanto ao ecclesiastico á villa do Penedo (Alagôas), estão qualificados para as eleições na freguezia da Villa-Nova (Sergipe). (!)

SERGIPE : Se póde ter discordias com a precedente, por causa das ilhas do rio S. Francisco, peior é a sua condição na parte do sul que confina com a Bahia, e na qual a divisa é pessima; pelo que no re atorio de 1865 dizia o presidente Alexandre R. da Silva Chaves:

« Seria fecunda em bons resultados qualquer deliberação, que de uma vez tornasse conhecidos os limites d'esta « Provincia com a da Bahia; pois que cessariam assim innumeraveis queixas, desappareceriam muitos abusos, e, « finalmente lucraria a causa publica. »

BAHIA : Esta Provincia limita com sete outras, e com todas ellas traz demandas por causa de terras. Como alguns individuos ricos, que, quanto mais têm, mais ambicionam, a Bahia apresenta titulos para se apossar de parte da de Sergipe, que outr'ora lhe pertenceu; da do Espirito-Santo pretende a zona entre os rios Doce e Mucury (quasi metade d'esta Provincia); com as de Minas-Geraes, Goyaz, Pernambuco e Piauhy, multiplicam-se questões, todas provenientes de falta de leis que firmem com precisão os direitos de cada uma.

ESPIRITO-SANTO: Seus limites com as de Minas-Geraes e Rio de Janeiro foram determinados por actos de 29 de Julho de 1813 e 31 de Agosto de 1832, que desmembraram parte do seu territorio em beneficio da ultima, e de 10 de Janeiro de 1863 que marcou as divisas com aquella, porém provisoriamente. Com a da Bahia sustenta um litigio, por querer esta toda a porção ao norte do rio Doce, que pertenceu á antiga Provincia de Porto-Seguro.

RIO DE JANEIRO: Assim como a precedente, seu territorio fórma uma orla sobre o Atlantico, de insignificante grandeza, comparada á de sua gigantesca vizinha do oeste. Apezar de ser a séde do governo geral ha mais de um seculo, os seus limites com as Provincias de Minas-Geraes, Espirito-Santo e S. Paulo ainda não foram demarcados; sendo mesmo parte d'elles (com as duas primeiras) estabelecidos *provisoriamente* pelo Decr. de 19 de Maio de 1843; com a ultima a divisa actual é tão defeituosa, que ha uma extensa lingua de uma encravada na outra, não obstante as reclamações feitas pelos habitantes d'essas paragens.

S. PAULO: A sua extensa divisa com a de Minas-Geraes, é muito sujeita á duvidas, pois se compõe de linhas convencionaes e pequenos galhos de rios, com desprezo do rio Grande de Sapucahy, que formaria um optimo limite.

Nas informações annexas ao seu *Atlas do Imperio*, diz o illustrado Sr. Candido Mendes, que esse limite já foi estatuido pela Provisão de 30 de Abril de 1747, documento que o Vice-Rei Conde da Cunha guardou, não dando conhecimento d'elle aos Capitães-Generaes das duas Capitanias litigantes; sendo sómente sabida a sua existencia 28 annos depois, *quando já não podia servir por estarem os mineiros de posse d'este terreno*, razão futil que serve apenas para

mostrar a fraqueza ou a negligencia com que as autoridades da época faziam executar certas leis.

PARANÁ : Tem divisas claras pelos lados do norte, léste e oeste (faltando apenas n'este discriminar bem o dominio das ilhas situadas no rio Paraná); pelo lado do sul, esta Provincia reclama da sua limitrophe todo o territorio entre os rios Iguassú abaixo da confluencia do rio Negro e o Uruguay, comprehendendo o vasto campo das Palmas. Esta questão tem causado conflictos entre as autoridades vizinhas, e ainda está pendente a decisão, apezar do Decr. de 16 de Janeiro de 1865, a favor da do Paraná, mas cuja execução foi posteriormente suspensa pelo Governo geral, que o reconsiderou.

SANTA CATHARINA : Além da contestação precedente, que ameaça dois quintos de seu territorio, a sua linha divisoria com a do Rio-Grande do Sul não está ainda bem determinada, reinando sobre ella muita confusão.

RIO-GRANDE DO SUL : Estão demarcados seus limites com a Republica Oriental; pelo lado do norte ha o inconveniente acima referido.

MINAS-GERAES : Esta enorme Provincia, em seu perimetro de 800 leguas, divide com outras cinco (Bahia, Goyaz, S. Paulo, Rio de Janeiro e Espirito-Santo); tem tido contestações com quasi todas ellas, contestações que, adiadas indefinidamente, são mantidas as posses pelo principio muito invocado, principalmente quando são apoiadas nas Camaras por uma representação de numero respeitavel.

GOYAZ : Embora circulada em grande parte pelos caudalosos Tocantins e Araguaya, esta Provincia tem sustentado

demandas por causa de divisas, estando apenas determinados com clareza os limites do lado do Maranhão, regulados pelo auto de demarcação de 9 de Julho de 1819, e Decr. de 23 de Agosto de 1854. V. o que diz o Dr. Macedo, *Corogr. Brasileira*, 2ª parte, pag. 372.

MATO-GROSSO : Das dilatadissimas linhas fronteiras d'esta gigantesca Provincia apenas se levantaram cartas da parte que confina com as Republicas do oeste e do sul; quanto ás outras, reina n'ellas igual ou maior incerteza e confusão que as do resto do Imperio, principalmente na parte que divide com a de Goyaz, que reclama ha muitos annos, como lhe pertencendo, as terras áquem do rio Apuré, no seu limite de sudoeste.

Á vista do que fica exposto, não seremos injustos affirmando que todos os governos que se têm succedido no Brasil são igualmente responsaveis pelo facto de que suas Provincias, além de sua irregular e caprichosa divisão, não tenham limites bem definidos e demarcados; d'onde resulta que, em lugar de concorrerem para formar um todo homogeneo e unido, constituem vinte fracções heterogeneas, rivaes, e conservando em seu seio interminaveis questões, fontes perennes de discordias e inimizade reciproca.

IV

NECESSIDADE DE UMA NOVA DIVISÃO

Ainda quando as linhas de separação entre as actuaes Provincias fôssem excellentes divisas naturaes, bastava a desigualdade que se nota n'essas Provincias para aconselhar uma nova divisão territorial, augmentando o numero d'ellas.

Sempre que, em um Estado bem organizado, algumas

de suas divisões administrativas excedem certo gráo de prosperidade e população, sente-se a necessidade de subdividil-as, por que vai n'isso vantagem para o mesmo Estado, encarada essa medida sob diversas faces.

Com effeito, por meio d'essa medida applicada com criterio, harmonisa-se e nivela-se a força e os poderes de que dispoem os differentes administradores parciaes: equilibra-se os varios elementos de cada uma das partes integrantes da nação; neutraliza-se quaesquer tendencias de separação ou de preponderancia geradas pela propria riqueza; finalmente, evita-se o nascimento de rivalidades e descontentamentos entre aquellas que, por suas circumstancias peculiares, não podem progredir com igual celeridade.

Fundados sobre as vantagens da divisão territorial dos Estados é que os publicistas e entre elles Macarel, o creador do ensino administrativo em França, dizem que: *a divisão territorial é a unica base sobre que se devem levantar as principaes instituições do edificio constitucional*, e é ainda por essa consideração que, as nações, adoptando o systema constitucional, têm tido o cuidado de realizar uma melhor circumscripção em seu territorio. A França compunha-se de 32 *Provincias*, administradas por outros tantos Governadores; mas, aceitando os novos principios sociaes em 1791, reorganizou-as, formando 83 *departamentos* regidos cada um por seu Prefeito, subdivididos ainda em *districtos* e estes em *communas*, aquelles sujeitos aos Sub-Prefeitos e estas aos Maires. A Hespanha dividia-se em 15 provincias, das quaes algumas foram antigos reinos, mas por um Decreto em 1833 passou a ser repartida em 49 *governos* ou *intendencias*. Portugal que se compunha de 6 provincias no principio d'este seculo, augmentou mais 2 pela subdivisão das do Minho e da Beira, e reconstruiu-se posteriormente dividindo-se em 21 *districtos* ou *governos civis*.

Ora, se nações antiquissimas, cujas instituições têm o cunho da experiencia, e nas quaes o progresso é menos rapido (porque seus recursos estão em via de exploração ha longo tempo, e lutam com a superabundancia da população e o cansaço das terras) experimentam a necessidade de modificar suas circumscripções territoriaes, com muito mais forte razão o Brasil, que possue uma área incomparavelmente maior, innumeras fontes de prosperidade ainda por explorar, terras virgens de prodigiosa fertilidade, minas de todas as substancias preciosas conhecidas, em summa: a opulencia em sua mais alta expressão, capaz de saciar a mais infrene ambição dos homens e das nações.

A conveniencia de uma nova divisão do Brasil era reconhecida pelos homens eminentes do paiz, logo depois de sua independencia. O projecto de Constituição apresentado á Assembléa Constituinte em 30 de Agosto de 1823, dizia assim no seu artigo 4°:

« Far-se-ha do territorio do Imperio conveniente divisão « em Comarcas, d'estas em Districtos e dos Districtos em « Termos; e nas divisões se attenderá aos limites naturaes « e igualdade de população, quanto fôr possivel. » (19)

o qual discutido no seio da assembléa, foi emendado como segue:

« A Constituição mantem a actual divisão do territorio, « e para o futuro far-se-hão novas creações ou divisões,

---

(19) O projecto de Constituição do Imperio apresentado á Assembléa Constituinte era assignado por sete notaveis Deputados, a saber: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, José Bonifacio d'Andrada e Silva, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, Pedro de Araujo Lima, José Ricardo da Costa Aguiar e Francisco Moniz Tavares.

Esse importante documento acha-se no fim do ultimo volume da *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, por Pereira da Silva.

« segundo pedir a necessidade do serviço, ou o commodo
« dos povos. »

Dissolvida essa Assembléa, e portanto sem effeito o apresentado projecto, foi depois formulada, approvada e jurada a Constituição actual, que ainda a esse respeito exprime-se assim :

« Artigo 2º.— O seu territorio é dividido em Provincias,
« na fórma em que actualmente se acha, as quaes poderão
« ser subdivididas como o pedir o bem do Estado. » (20)

Entretanto, sómente passados mais de 25 annos é que se pensou em arriscar um timido passo, elevando á categoria de Provincia a Comarca do Rio-Negro, região importantissima da fronteira, que em tempos anteriores tivéra um governo independente e que retrogradára depois de ficar subordinada á Presidencia do Pará.

Como era de prevêr, por occasião de discutir-se essa idéa, que causou abalo por tratar-se da primeira creação d'esse genero depois de constituido o Imperio, travou-se nas Camaras renhido combate, entre os defensores da medida e os contrarios (nos quaes se incluiam os representantes da Provincia do Pará), cabendo áquelles tão brilhante victoria que, conseguiram de seus mais illustres adversarios, a confissão de que reconheciam a conveniencia da idéa.

Entendemos que, para a continuação d'este trabalho, é util conhecer o peso dos raciocinios pró e contra que então

---

(20) A Constituição do Imperio jurada a 25 de Março de 1824 foi organizada por uma commissão especial composta dos dez seguintes brasileiros eminentes : José Joaquim Carneiro de Campos, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Marianno José Pereira da Fonseca, Clemente Ferreira França, Francisco Villela Barbosa, João Severianno Maciel da Costa, Luiz José de Carvalho e Mello, João Gomes da Silveira Mendonça, e Barão de Santo Amaro.

foram apresentados; e por isso pedimos venia para fazer uma ligeira transcripção.

Na sessão do Senado, em 22 de Julho de 1850, depois de ter o Senador Vergueiro se manifestado contra o projecto da creação da Provincia do Amazonas, seguiu-se com a palavra o Senador José Saturnino da Costa Pereira, que defendendo habilmente o projecto, entre outros argumentos disse:

« O nobre Senador em sua opposição allega que a « Comarca do Rio-Negro não tem população, não tem « commercio, não tem rendimentos que possam bastar « para as avultadas despezas que traz comsigo esta nova « creação. Estes factos são verdadeiros e ninguem os « póde negar; mas taes factos têm entre si correlações « taes, que sendo uns causas de outros, são ao mesmo « tempo effeitos uns dos outros. Eu me explico: A popu- « lação é muito pequena em relação á grandeza do ter- « ritorio; e por que não ha população? Porque não ha « commercio que possa attrahir habitantes para aquelle « territorio, fornecendo-lhes meios de subsistencia com- « moda; e por que não ha commercio? Porque não ha- « vendo população não ha consumidores dos generos im- « portados, nem exportadores dos productos do paiz, nem « braços para o cultivar. Eis aqui como a falta de po- « pulação e a falta de commercio são reciprocamente « causa e effeito uma da outra.

« Não ha rendas sufficientes para occorrer ás despezas « que traz comsigo a elevação de Comarca á cathegoria « de Provincia; mas, quem não vê que onde não ha « quem pague os impostos, não póde haver rendas pu- « blicas? Eis aqui tambem os dois effeitos: deficiencia de « rendas e deficiencia de população, sendo simultaneamente « causa uma da outra.

« Quanto á despeza que ha a fazer-se emquanto não « apparecerem os resultados que se deve esperar da nova « creação: Sr. presidente, quem não semeia não póde « colher. Será mais um supprimento que tenha de fazer « o Imperio, emquanto as rendas não crescerem, como « se deve esperar; ou então perder-se-ha para sempre « um precioso territorio, para ser habitado por homens « selvagens e feras dos matos. Portugal adiantou grossos « cabedaes para engrandecer e povoar o Brasil, que lhe « era totalmente desconhecido, e Portugal, e nós seus « descendentes, vemos o lucro que appareceu d'esse avanço « de despezas . . . etc. »

Obteve depois a palavra o Marquez de Abrantes, um dos signatarios do projecto, que pronunciou-se assim:

« . . . . . Demais, Sr. Presidente, tenho um facto « sobre o qual chamo a attenção do Senado; facto que, a « ser exacto, como de certo é, fornece um argumento « importantissimo a favor da medida de que se trata. « Vem a ser: que a Comarca do Rio-Negro, emquanto foi « administrada por Governadores, no tempo da monar- « chia absoluta, prosperou; a Secretaria e a Thesouraria « do Pará podem offerecer documentos valiosos, do es- « tado de progresso em que ia o Rio-Negro durante a « administração particular dos Governadores. A renda « publica tinha augmentado; a colonisação tinha prospe- « rado; a população tinha-se avantajado; havia um tal « ou qual commercio regular com a capital e com os es- « tados vizinhos, havia estabelecimentos industriaes que « se achavam em via de progresso; tal é o facto que tenho « por incontestavel; não é attestado por uma ou outra « informação gratuita de habitantes a quem convenha a « creação da nova Provincia; é provado por documentos « officiaes e exactos. Ora, este facto não mostra, até certo

« ponto, a conveniencia de voltarmos hoje ao passado,
« visto que, desde que esse passado foi posto á margem
« a Comarca do Alto-Amazonas definhou, e como que
« desappareceu ? »

Quatro dias depois, na sessão do 24, o Senador Candido Baptista, favoravel em extremo ao projecto, mandou á mesa uma emenda propondo que se estendesse igual beneficio á Comarca de Curitiba, para elevar-se a Provincia, separada da de S. Paulo.

Como representante d'esta Provincia, correu em sua defesa o Senador Paula Souza, procurando combater a emenda, que julgava inopportuna, entretanto que seu voto era a favor da elevação da Comarca do Rio-Negro.

Entrou então na liça o Senador Marquez de Paraná, que, em uma incisivo discurso, proferiu as seguintes phrases, dignas do seu grande e esclarecido amor da patria :

« Eu estimaria, Sr. Presidente, que tivesse passado
« a Provincia do Rio-Negro em um projecto, depois a
« de Curitiba em outro, e successivamente aquellas que
« fôssem necessarias; a respeito do que, não ponho outro
« limite senão o interesse publico; porque para mim, é
« indifferente que a Provincia de Minas, por exemplo,
« seja grande ou pequena; o que desejo é que a nação
« brasileira seja grande; e como a reducção da Pro-
« vincia de Minas em 2, 3 ou mais provincias, não torna
« menor a nação brasileira, não destróe o sentimento de
« nacionalismo, o unico que se deve fomentar, e que
« deve prevalecer a esse mal entendido provincialismo,
« por isso não tenho escrupulo algum em votar por
« qualquer divisão que se proponha da Provincia de Minas,
« e que fôr baseada no bem publico, no interesse na-
« cional.....

« ..... Julgo muito conveniente que se cree uma
« Provincia na Curitiba. Na minha opinião, muitas ou-
« tras Provincias se devem crear; a Provincia de Minas
« dá 3 Provincias; na da Bahia, talvez mesmo na costa
« se possa crear uma nova Provincia ; mas pelo menos
« no sertão, a Comarca de S. Francisco unida com a da
« Bôa-Vista em Pernambuco e com algumas da margem
« esquerda do rio S. Francisco, deve formar uma outra
« Provincia. Essas localidades são ingovernaveis, princi-
« palmente a da Bôa-Vista, que dista da capital de Pernam-
« buco mais de 200 leguas, e por conseguinte, é conve-
« niente que tenham sua administração local. Eu por
« tanto, Sr. Presidente, em qualquer occasião que se
« apresente projectos de creação de Provincias, hei de
« votar por ellas. Voto, portanto, a favor do projecto e da
« emenda. »

O senador Vergueiro que, tambem como representante da Provincia de S. Paulo, era contrario á emenda, não pôde deixar de dizer, no final de um discurso que fez na sessão de 30, as seguintes notaveis palavras :

« ... eu conheço que é muito necessaria uma nova divi-
« são de Provincias do Brasil, mas não se deve começar
« pelo que é menos necessario. »

Semelhantemente, quando se tratou na Camara temporaria do projecto de elevação á Provincia da Comarca do Rio-Negro, disse o Deputado Sousa Franco, que lhe era contrario :

« ... Ora, senhores, quando tantas questões de limites
« existem, quando conviria decidil-as por um principio geral,
« será occasião de decidir por uma medida parcial, esta do
« Pará ? »

Vê-se do que precede, que todos, ou quasi todos estavam

de accôrdo quanto á necessidade de uma nova divisão administrativa do Imperio, pois que as poucas vozes discordantes, se bem que muito illustradas, eram eivadas do espirito de provincialismo, que, mal entendido, acha vantagem nos grandes territorios, embora seja isso prejudicial ao verdadeiro interesse do paiz.

O projecto e a emenda foram approvados por grande maioria (aquelle no mesmo anno de 1850 e esta em 1853), e o progresso crescente que tem tido as duas Provincias do Amazonas e do Paraná, demonstram a um tempo, o acerto das medidas e a sem razão de seus adversarios.

Não foi o Marquez de Paraná o primeiro que fallou na conveniencia de ser subdividida a grande Provincia de Minas-Geraes ; essa medida já fôra anteriormente lembrada como necessaria por Bernardo Jacintho da Veiga, seu Presidente, por occasião do movimento politico de 1842. Em os annos de 1853, 1862 e 1868 foi apresentada á Assembléa pelos Deputados Cruz Machado, Evaristo Veiga e Americo Lobo, sendo no ultimo d'esses annos adoptado em 1ª discussão.

Adiado depois, em consequencia da guerra que absorvia então todas as attenções, não se tratou mais d'esse projecto, que constitue hoje a mais ardente aspiração dos habitantes dos opulentos e laboriosos municipios do sul, os quaes ainda em 1876 fizeram ao Governo Imperial uma eloquente representação, pedindo a separação, sob o nome de Provincia do *Sapucahy* ou de *Minas do Sul.* (21).

Uma identica aspiração tem tambem sido por vezes denunciada pelos municipios do norte, que desejam constituir uma nova administração independente, debaixo de uma das denominações de Provincia de *S. Francisco*, de *Minas-Novas*, ou de *Arassuhy*.

---

(21) Foi publicada no *Globo* dos ultimos dias de Março de 1877.

Não é sómente no sul do Imperio que se nota essa agitação dos povos que comprehendem a vantagem de circumscripções menos gigantescas. Em 1853, o Deputado Candido Mendes, que não é filho da Provincia, mas é, antes de tudo, brasileiro patriota, propôz o desmembramento da parte do Pará, além do rio Amazonas, com o nome de Provincia *Oyapockia*, mudado posteriormente em *Pinsonia*. Este projecto, que mereceu o apoio de trinta e tantos Deputados, mas que foi guerreado pelos representantes da Provincia do Pará, corresponde aos desejos dos respectivos habitantes, que ainda em 1870 representaram ao governo, pedindo a sua realização. O illustrado autor da proposta, na introducção do seu *Atlas*, publicado em 1868, diz ainda o seguinte a esse respeito:

« Havendo decorrido 15 annos depois de offerecido o
« nosso projecto, parece que as razões de extemporanei-
« dade e de inconveniencia devem ter enfraquecido, senão
« cessado; tanto mais quanto, a cidade de Belém deve estar
« hoje mais segura e tranquilla ácerca de seu futuro, que
« não póde deixar de ser brilhante, cumprindo ser agora
« mais generosa ácerca de territorios que reclamam do paiz
« attenção mais cuidada. » (22).

O mesmo Sr. Candido Mendes, que é uma das autoridades mais competentes n'esse assumpto, é de opinião que devem ser subdivididos os immensos territorios de Minas-Geraes, Mato-Grosso, Goyaz, Bahia, etc., opinião com a qual parece estar de accôrdo o Sr. Dr. Macedo, outra autoridade não menos abalisada, lente d'essa materia, e sobre a qual tem escripto (23).

---

(22) *V. Atlas de Geographia* de C. M. de Almeida—pagina 33

(23) *V. Noções de Corographia do Brasil* pelo Dr. J. M. de Macedo—1873—Prefacio da 2ª parte.

O Sr. F. A. Varnhagen, actual visconde de Porto-Seguro, em um interessante escripto que publicou em 1849 (V. Nota 16), propondo a solução de problemas importantissimos para o futuro do paiz, indicou um novo plano de divisão territorial; mas, comquanto sejamos, de longa data, admiradores do bello talento do autor da *Historia geral do Brasil*, não fômos seduzidos pelas idéas contidas no *Memorial organico*. Pareceu-nos pouco feliz a divisão proposta, não só porque mantem o mesmo numero de circumscripções (sob o nome de *departamentos*, *cantões* ou *partidos*), como pela completa absorpção que ha de umas em proveito de outras; divisão essa que, quanto a nós, conserva os actuaes defeitos, acarreta outros, e crêa novos embaraços á administração, sem esperança de vantagens que os compense.

O trabalho a que nos referimos foi reimpresso no *Guanabara*, periodico litterario da Côrte; e para fazer-se idéa das difficuldades que encerra o problema complexo de uma nova organização administrativa do Imperio, bastará notar que o Sr. Varnhagen, dotado de espirito illustradissimo e experiente, apresentou na reimpressão consideraveis modificações ao plano proposto, dois annos antes, no *Memorial organico*. Assim, por este, o Brasil se repartiria em vinte administrações distinctas, a saber: o governo militar da fronteira do Sul (capital Bagé), dezoito departamentos (S. Pedro, Curitiba, S. Paulo, S. Sebastião, Minas, Principal com a séde do Governo Geral, S. Salvador, Barra do S. Francisco, Estrellas do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, Piauhy, Goyazes, Paraguayo-Xingú, Centro-Amazonio, Madeira e Grão-Pombal), e o presidio de Ultra-mar (Fernando de Noronha); ao passo que, no artigo do *Guanabara*, a divisão indicada comprehende vinte e duas Provincias (não já *departamentos*) e o presidio de Fernando de Noronha sujeito exclusivamente ao Ministerio da Marinha. É provavel que hoje, que são

decorridos mais 27 annos, as idéas do autor, n'esse sentido tenham soffrido ainda mais modificações.

A importante questão de que tratamos, ainda foi abordada por um outro talento privilegiado do nosso paiz, o fallecido Dr. Tavares Bastos (24).

Não concordamos, porém, com a sua lembrança de compôr-se o Brasil de circumscripções territoriaes de duas classes: Provincias com representação nacional, e Districtos administrativos sem essa representação. Além de ser isso diametralmente opposto á idéa capital do systema que defendemos (de estarem collocadas todas as Provincias em pé de igualdade, constituindo, quanto possa ser, uma constellação de outras tantas estrellas de brilho e grandeza semelhantes), accresce que achamos sem consistencia a razão por que o distincto publicista (que tudo observava através do prisma da politica) queria privar as regiões menos populosas da regalia de mandarem seus representantes perante o Governo Geral. Contra essa razão futil protestam energicamente os nomes dos homens eminentes, que com muita dignidade e patriotismo têm, em ambas as Camaras Legislativas, representado as Provincias pouco populosas de Mato-Grosso, Goyaz e Amazonas.

V

NOVA DIVISÃO PROPOSTA

Demonstradas exhuberantemente, como suppômos, as tres proposições: desproporção desarrazoada entre as diversas Provincias, defeituosissima fixação de seus limites, e absoluta necessidade de serem subdivididas algumas d'ellas, passamos a expôr o plano de uma nova divisão e

(24) *A Provincia.* Estudo sobre a descentralisação no Brasil por Tavares Bastos—Parte 3ª Capitulo 8º.

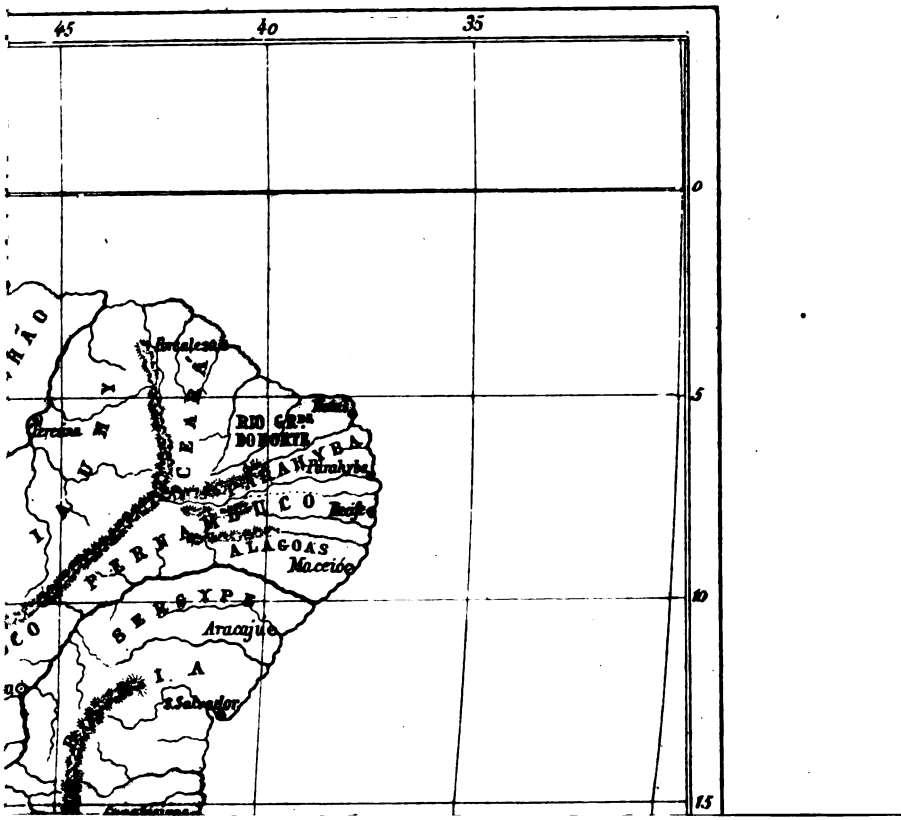
demarcação, a que chegámos, depois de attenta reflexão e detido exame dos ma; pas das actuaes Provincias do Imperio.

Como muito bem disse o Sr. Varnhagen, não é sómente para attender ás regras da symetria que o architecto procura aduellas iguaes ¡ ara a construcção de uma abobada de volta inteira; mas no intuito de obter por meio d'ellas, igualdade de resistencia em todos os pontos, e por consequencia a maxima solidez da obra. Convencidos da verdade d'este principio, procuramos dividir o Brasil em partes taes, que (nunca perdendo de vista a condição obrigada das divisas naturaes) entrassem em cada uma d'ellas as diversas variaveis (área, população, rendas, etc.) de modo a haver equilibrio entre os seus productos ou *momentos*, se nos é licito empregar aqui esse termo da linguagem mathematica.

Para resolver o problema tinhamos a escolher entre dois alvitres: 1°, estender o mappa do Brasil sobre a mesa, e desprezando as divisões existentes, ir traçando as novas circumscripções da fórma que parecesse mais conveniente; 2°, aproveitar das actuaes Provincias tudo o que fôsse possivel, corrigindo os limites das menores e subdividindo as maiores.

O 1° daria uma circumscripção mais perfeita, mas o 2° seria muito mais exequivel, visto respeitar muita cousa já consagrada pelo tempo e antigos habitos. Preferimos por isso o ultimo alvitre, pois que o nosso desejo é melhorar e não reformar; e o quadro seguinte (bem como o mappa annexo sob n. 3) contém com clareza o resultado consciencioso d'aquillo a que chegamos.

Teriamos conseguido dar á questão uma solução rasoavel? É permittido duvidar, attendendo á nossa insufficiencia e á difficuldade do problema; mas seja como fôr, ahi a sujeito á critica das pessoas competentes que tenham meditado sobre o assumpto:


45
40
35
0
5
10
15
Fortaleza
RIO GRAN.
DO NORTE
PARAHYBA
Parahyba
PERNAMBUCO
Recife
ALAGOAS
Maceió
SERGYPE
Aracajú
BAHIA
S. Salvador

QUADRO

Da divisão territorial projectada para o Imperio do Brasil.

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
1 Japurá	Tonantins .	11,600	O rio Amazonas, de Tabatinga para E. até á foz do Japurá; por este e pelo Máruá até ás vertentes do rio que desagua no Rio-Negro abaixo de Santa Izabel; e o Rio-Negro até Cucuhy, na fronteira de Venezuela.
2 Solimões	Teffé	17,200	Limitada ao N. pelo Amazonas até á foz do Purús—a E. por este rio—a O. pelo Javary—ao S. com a Republica da Bolivia.
3 Rio-Negro	Barcellos. .	13,400	Tem a O. a Provincia do Japurá—ao S. o Amazonas, desde o Japurá até o Rio-Negro—e a E. este mesmo rio até o Rio-Branco e este até ás cabeceiras.
4 Amazonas	Manáos ...	10,400	Esta Provincia tem por limites os rios: Branco, Negro, Amazonas desde o precedente até o Trombetas e este até a serra Tumucuraque.
5 Madeira	Borba	16,000	Ao N. o Amazonas, desde o Purús até o Tapajoz—a O. a Provincia de Solimões—a E. o Tapajoz até o Uruguatós—ao S. a Bolivia e os rios: Madeira, Machado e Uruguatós.
6 Pinsonia.....	Macapá....	12,500	É limitada ao N. pelas Guyanas hollandeza e franceza—a O. pelo rio Trombetas—ao S. pelo Amazonas—e a E. pelo Oceano-Atlantico.

(Continúa.)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
7 Tapajoz	Santarem	8,000	Tem a O. o rio Tapajoz—ao N. o Amazonas até a foz do Xingú—a E. este rio e o Bacajás até as vertentes—ao S. os rios: Tres-Barras, Caray, Xingú e Fresco.
8 Xingú	Gurupá	10,000	Ao N. o Amazonas e Tagipurú até o Tocantins—a O. a Provincia do Tapajoz—a E. o Tocantins e o Araguaya até o Presidio de Santa Maria—ao S. os affluentes do Fresco e Araguaya, que limitam hoje com Mato-Grosso.
9 Pará	Belém	7,200	Ao N. o Amazonas acima das ilhas Gurupá e Caviana e o Oceano até o rio Gurupy—a O. a Provincia do Xingú—a E. o rio Gurupy e o limite actual e o Araguaya acima até a foz do Santa Maria, em frente ao Presidio.
10 Turyassú	Turyassú	4,750	Ao N. o oceano desde o Gurupy a S Marcos—a O a Provincia do Pará—a E. o rio Mearim ao S. o rio Tocantins desde a foz do Araguaya ao Lageado e d'este até as vertentes do Mearim.
11 Maranhão	S. Luiz	4,540	A O. a Provincia do Turyassú—ao N. o Oceano da bahia S. Marcos á foz do Parnahyba—a E. este rio até o das Balsas—ao S. este rio e o seu affluente, que procura as cabeceiras do Mearim.

(Continúa.)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
12 Urussuhy.....	Carolina...	5,800	Ao N. as Provincias precedentes e o rio Parnahyba desde o das Balsas até o Gurgueya—a E. este e o Curumatá até a Serra do Piauhy—a O. o Tocantins e o Manoel Alves Grande—ao S. as serras Mangabeiras e Piauhy.
13 Piauhy.....	Therezina..	7,300	A O. e S. as duas Provincias precedentes—ao N. o Oceano, da foz do Parnahyba até a do Curiahú—a E. este rio e o Taipú, serras, Ibiapaba, Araripe, Vermelha e Dous Irmãos, até as vertentes do Curumatá.
14 Ceará.....	Fortaleza..	3,400	A O. a Provincia do Piauhy—ao N. o Oceano entre as bocas do Curiahú e Jaguaribe—a E. este rio, o Salgado, o dos Porcos e o Canabraba—ao S. a serra Araripe.
15 Rio-Grande do Norte ou S. Roque (Ayres do Casal)..	Natal	2,700	A O. a Provincia do Ceará—a N. e E. o Oceano, da foz do Jaguaribe á do Cunhaú—ao S. este rio até á serra, d'este ao rio Seridó até o das Piranhas e subindo por este até a Serra de Pajehú.
16 Parahyba.....	Parahyba .	3,200	Ao N. a provincia Precedente—a E. o Oceano entre os rios Cunhaú e Goyanna—ao S. este e o Capiberibe-merim, a serra dos Cairiris-Velhos até encontrar a de Pajehú.
17 Pernambuco.....	Recife.....	4,400	Ao N. as do Piauhy, Ceará e Parahyba—a E. o Oceano desde o Goyanna ao Una—ao S. este, o Jacuhipe. o

(Continúa)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
			Taquára, Serra-Pellada, pontas do Panema, o Manary e o Moxotó, o S. Francisco até a foz do Pontal.
18 Alagôas	Maceió	2,550	Ao N. a Provincia de Pernambuco—a E. o Oceano entre os rios Una e S. Francisco—ao S. este rio desde a foz até a boca do Moxotó, na margem esquerda.
19 Sergipe.	Aracajú ...	2,800	Ao N. o rio S. Francisco desde a foz até o Pontal (margem direita)—a E. o Oceano, do S. Francisco ao Itapicurú—ao S. este rio, e seu affluente que desagua abaixo de Queimadas e o rio Pontal até a foz.
20 Bahia.....	S.Salvador	6,350	Ao N. a Provincia de Sergipe—a O. o rio S. Francisco desde o Pontal até o das Rans—a E. o Oceano entre o Itapicurú e a barra do rio de Contas—ao S. este, o Santo Antonio, procurando o das Rans até o S. Francisco.
21 S Francisco.....	Barra	4,300	Ao N. as Provincias de Urussuhy e Piauhy e rio Pontal—a E. o S. Francisco desde o Pontal (margem esquerda) até o Carinhanha—este rio ao S.—e a O. as serras de Tabatinga e do Duro.
22 Ilhéos ou Montes-Altos...	Canavieiras	4,700	Ao N. a Provincia da Bahia—a O. o S. Francisco desde o rio das Rans até o Pacuhy—a O. o Oceano entre o rio de Contas e o Jequitinhonha—a S. este rio, o Itacambirossú, Congonhas, Juramento, Vieira e Pacuhy até a foz.

(Continúa)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
23 Porto-Seguro ou Cabralia.	Caravellas.	4,280	Ao N. a Provincia precedente—a E o Oceano desde o Jequitinhonha ao S. Matheus—a O. o S. Francisco, do Pacuhy ao Gequitahy - ao S. este, actual limite N. da comarca do Serro, rio Suassuhy, Urupucá Aranans e S. Matheus.
24 Espirito-Santo.....	Victoria...	2,360	Ao N. a Provincia precedente—a E. o Oceano desde o S. Matheus ao Parahyba do Sul—ao S. este e o Muriahé a O. o Suassuhy, do Urupucá ao Rio-Doce, subindo este e o da Casca até as vertentes do Muriahé.
25 Rio de Janeiro.....	Nitherohy.	2,300	Ao N. a Provincia do Espirito-Santo, rio Alegre, Santo Antonio, Pomba, Parahyba, Parahybuna, Rio-Preto—a E. e S. o Oceano desde o Parahyba ao Pissinguaba—a O. o rio do Salto, Parahyba, Sant'Anna e Serra geral até o Oceano.
26 S. Paulo.....	S. Paulo..	5,900	Ao N. o rio Grande, Sapucahy, Sapucahy-mirim, do Salto e Provincia do Rio de Janeiro—a E. o Oceano, do Pissinguabã ao Rio-Negro—ao S. este, o Sorocaba e Tieté até o Paraná—a O. este, do Tieté ao Rio-Grande.
27 Tieté.....	Itapetininga...	5,150	Ao N. a Provincia de S. Paulo—a E. o Oceano desde o Rio-Negro ao Ararapira (Sul de Cananéa)—a O. o Paraná entre as bocas do Tieté e do Paranápanema—ao S. este rio, o Itararé, Itapirapuan, o Pardo, Serra-Negra até o mar

(*Continúa*)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
28 Paraná.....	Curitiba.....	6,250	Ao N a Provincia do Tieté—a E. o Oceano do Ararapira á barra do N. de S. Francisco—a O. o Paraná desde o Paranápanema ao Iguassú—ao S. este rio, o Negro, S. Miguel, o Cubatão-Grande até a foz ao N. da ilha de S. Francisco.
29 Santa Catharina.....	Desterro	4,200	Ao N. a Provincia do Paraná—a E. o Oceano desde a ponte N. da ilha S. Francisco, até a barra da Laguna - a O. e S. o rio Santo Antonio-guassú, Pepiryguassú, Uruguay, Pelotas, Cerquinha, Contas e Tubarão até a foz.
30 Uruguay ou Missões....	Vaccaria	3,240	Ao N. a Provincia precedente—a E o Oceano entre a Laguna e o Mompituba - a O. o Uruguay desde o Pepiryguassú ao Ibicuhy—ao S. este rio, o Toropy, serra S Martinho, rio Serrano, Moinhos, Taquary acima e Mompituba.
31 S. Pedro do Sul.....	Porto-Alegre	5,100	Ao N. a Provincia do Uruguay—a E o Oceano, do Mompituba ao Chuy—a O o Uruguay desde o Ibicuhy-Grande até o Quarahim—Ao S os limites demarcados na fronteira do Estado Oriental.
32 Paracatú.....	Januaria	4,300	Ao N. a Provincia de S. Francisco—a O. a serra das Aráras e o rio S. Marcos até o Paranahyba—ao S. este rio, o Sujo, o Abaeté até o S. Francisco—a E. este rio desde o Abaeté até o Carinhanha.

(Continúa)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
33 Minas-Geraes.....	Ouro-Preto	4,250	Ao N. a Provincia de Porto-Seguro—a E. a do Espirito-Santo e o rio Muriahé até o Parahyba—ao S. a Provincia do Rio de Janeiro—a O. o rio S. Francisco, o Pará, o das Mortes, Rio-Grande, o Ayuruoca e serra da Mantiqueira.
34 Minas do Sul ou Sapucahy	Formiga...	4,400	Ao N. a Provincia de Paracatú—a E. a de Minas-Geraes—a O. o rio Paranahyba desde o S. Marcos até o Rio-Grande e a Provincia de S. Paulo—ao S. esta Provincia e a do Rio de Janeiro.
35 Goyaz.....	Goyaz.....	13,700	Ao N. o rio Araguaya desde o extremo S. da ilha do Bananal até o Tucupá, a recta da foz d'este á do Cannabrava, o Tocantins acima e o Palma até a serra—a O. o Araguaya á serra—ao S. esta, o Apucé e o Paranahyba—a E. a Provincia de Paracatú.
36 Tocantins.....	Porto - Imperial....	12,300	Ao N. os rios Tocantins e Manoel Alves Grande—a O. o Araguaya desde o Tocantins até o extremo S. da ilha do Bananal—ao S. a provincia de Goyaz—a E. a Provincia de Urussuhy.

(*Continúa*)

(CONTINUAÇÃO)

PROVINCIAS	CAPITAES	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	LIMITES
37 Mato- Grosso.....	Mato-Grosso.	13,650	Ao N. a Provincia do Madeira—a O. o rio Madeira e a republica da Bolivia—ao S. esta Republica—a E. os rios Tapajoz, Juruena, o Turvo, serra Itapirapuam, rio Sipotuba e S. Lourenço até a foz d'este.
38 Diamantina	Cuyabá.....	13,550	Ao N. a Provincia de Tapajoz—a O. a de Mato-Grosso—a E. o rio Xingú, o Maroy, o Ituba e o Parahyba até a foz no S. Lourenço—ao S. este rio desde o Parahyba até o Paraguay.
39 Araguaya.....	Agua Branca.	11,400	Ao N. a Provincia do Xingú—a O a Provincia Diamantina—a E. as do Tocantins e de Goyaz—ao S. o rio S. Lourenço acima do Parahyba, o Piquiry e o Pitombás até a sua foz no Alto-Araguaya.
40 Amambahy.....	Miranda.....	11,600	Ao N. as Provincias Diamantina e do Araguaya—a O. e S. os limites demarcados com as Republicas da Bolivia e do Paraguay—a E. a Provincia de Goyaz.

N. B. As ilhas situadas no Oceano pertencerão á Provincia que lhe estiver mais proxima; e as dos rios limites pertencerão áquella de que a separar um mais estreito canal.

Entende-se por linha limite de um rio, a que vai de suas vertentes ao meio de sua .oz, isto é: a que divide em duas partes iguaes a largura do rio, em qualquer ponto, nas aguas ordinarias ou médias.

Não obstante sabermos que, a escolha da capital é attribuição das Assembléas Provinciaes (art. 10 § 1º do Acto Addicional de 12 de Agosto de 1834), vão indicadas as das novas Provincias, como os pontos que parecem preferiveis por sua posição ou importancia.

Analysando-se o quadro acima e o mappa n. 3 que a elle se refere, notar-se-ha o seguinte :

Em primeiro lugar vêr-se-ha que, na organização do plano proposto não fômos dominados pela mania de innovar; tanto assim que, conservamos todas as Provincias actuaes, com os mesmos nomes e Capitaes, embora alguns d'esses nomes sejam bastante improprios. (25)

---

(25) Os portuguezes foram pouco felizes em muitas denominações que deram a pontos importantes do Brasil, deixando-se levar por informações falsas, por exemplo: *Rio de Janeiro e Rio-Grande do Sul* onde não existem rios; *Rio-Grande do Norte* dado ao Potengy, quando esse nome melhor caberia ao Amazonas, ao Parnahyba, ao Mearim ou outros, muito maiores do que aquelle, e foram conhecidos na mesma epoca ; *Rio das Amazonas* denominação originada de uma invenção fabulosa, etc.

Mas, não deve admirar que n'aquelles tempos se divulgasse tanta cousa errada sobre o nosso paiz, quando ainda hoje, com a grande propagação que têm tido todos os conhecimentos humanos, tanto disparate se publica acêrca do Brasil. Como curiosos especimens citaremos os seguintes :

No volume 3º das *Memorias do Instituto de França*, ha um mappa

de Guyana Franceza por Mr. Buache, que colloca o rio Oyapock na ilha de Marajó.

O Conde d'Ursel *(Sejour et voyage au Brésil)*, diz que a Fazenda Imperial de Santa-Cruz está situada á beira do mar.

William Smith na sua—*Viagem á roda do mundo*, tomo 6º—affirma que o palacio do Imperador do Brasil está situado no morro do Castello.

O sabio Ch. Lyell, na muito conhecida obra—*Principios de Geologia*—1843, tomo 1º. capitulo 9º pag. 398—dedicada a Lonsdale e revista por Francisco Arago (tambem dois sabios), diz que os rios S. Francisco e das Velhas são tributarios do Paraná.

Castelnau *(Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud)* descobriu que a bahia do Rio de Janeiro é uma cratera de sublevação.

Este mesmo viajante encontrando em Manáos uma pedra lavrada por um pedreiro e representando uma figura grosseira, comprou-a, conduziu-a a Pariz em 1847, e a expóz publicamente nas Tulherias, affirmando ser uma estatua do tempo das Amazonas Brasileiras.

Eugenio Rodrigues (*Descrizione del viaggio della flotta di Napoli*, pag. 63) diz que visitou na capella da Bôa-Viagem (Rio de Janeiro) o tumulo de Duguay-Trouin, *sul colle medesimo ove il trovô morte.*

No Diccionario Universal de Bouillet são quasi tantos os erros quantos os artigos sobre o Brasil. Assim, diz que a cidade do Rio de Janeiro foi occupada pelos hollandezes em o periodo de 1635-1640; que a Bahia é a primeira praça forte do Imperio; que Pernambuco se divide nas tres comarcas: Recife, Olinda, e Sertão ou Deserto; que em S. Paulo ha uma fundição de ouro; que a provincia de Goyaz está situada entre as do Pará, Pernambuco e Minas-Geraes; que a de Mato-Grosso tem por limite E. o rio Paraguay; que o rio Verde separa as provincias de Pernambuco e de Minas-Geraes, etc.

O Visconde Milliet de St. Adolphe, no séu *Diccionario Geographico do Brasil*, além de outras inexactidões, refere que a ilha da Marambaia é povoada por indios *Tupis*.

D. José Urcullú *(Tratado de Geographia)* enumera entre as cidades mais notaveis da Provincia do Rio de Janeiro, as de Maricá, Macacú e Mandioca (?).

No *Cours méthodique de Géographie* de Chauchard et Müntz, lê-se, que a cidade do Rio de Janeiro estende-se por alguns valles do Corcovado, sobre a ponta meridional do qual está edificada a bella igreja de Nossa Senhora da Candelaria.

Laharpe (*Abregé des voyages*, tomo 13) cita, além da Capitania do Rio-Grande do Norte, adjacente á da Parahyba, uma outra do mesmo

nome (que diz nada ter de commum com aquella), pela qual corre o Rio-Grande que começa com a denominação de Araguaya e junta-se com o Tocantins.

Na obra—*L'Empire du Brésil*—do Conde de La Hure, tratando da Provincia do Rio de Janeiro, apresenta as cidades da Aldêa-Velha, de Marapicú e de Merity. E no capitulo relativo aos costumes dos brasileiros, affirma que as mulheres não comem com os homens, porém antes ou depois, para poderem servir a estes ; ou quando comem ao mesmo tempo, o fazem em outra mesa e em lugar separado.

O historiador Southey. no tomo 1º cap. IX de sua *Historia do Brasil*, fallando das proezas de Martim Affonso Ararigboia na fundação da cidade de S. Sebastião, conjectura que elle fôsse filho de Martim Affonso Tebyreçá, de Pyratininga. Em outro ponto, no tomo 5º cap. 33, tratando das invasões de Duclerc e Duguay Trouin, confunde o valente Bento do Amaral com Bento Gurgel que se tornou notavel por sua crueldade na guerra dos Emboabas.

John Mawe (*Viagem ao interior do Brasil* cap. 8º) affirma que os indios de Cantagallo devoravam os passaros crús, com tripas e pennas. O Principe Maximiliano de Newied, que ahi esteve pouco depois de Mawe, verificou a falsidade d'essa asserção e a ridicularisa no cap. 5º de suas *Viagens*.

Na obra (aliás estimavel) *Le Brésil* de Ferdinand Denis, encontra-se o seguinte: que no Passeio Publico do Rio de Janeiro, existem dois crocodilos deitando agua em um tanque de marmore, obra de um pobre negro; que é considerada uma incivilidade perguntar a um brasileiro pela familia; que a 1ª Imperatriz falleceu a 11 de Dezembro de 1826, em consequencia do laborioso parto que tivéra no dia 2 d'esse mez; finalmente que, por occasião de subir ao throno o joven D. Pedro II, os brasileiros resolveram entre si abolir o beija-mão.

Na Historia do Brasil de Constancio, entre muitas inexactidões apontaremos estas : que a ilha de Villegaignon está situada fóra da barra ; que o chafariz da Carioca acha-se no campo de Sant'Anna ; que a capital da Bahia está na foz do rio Parahyba, a 600 pés acima do mar ; que a bandeira imperial é azul e amarella ; grande parte das datas são erradas, e apaixonada a apreciação dos acontecimentos.

Não menos inexacto é um pequeno livro publicado por H. Taunay e F. Denis em 1824, sob o titulo : *Notice historique et explication du Panorama de Rio Janeiro*, no qual se nota o seguinte; que Duclerc investiu o Rio de Janeiro em 1670, forçando a barra e desembarcando muito proximo á cidade; que acabrunhado pelo numero, pediu capitulação, sendo n'esse momento morto por uma bala; que Duguay-Trouin, para vingal-o, veiu no anno seguinte, 1671, e não obstante encon-

trar a cidade *tão bem preparada para recebel-o* (1) apoderou-se logo da *ilha des Chevres, aujourd'hui des Couleuvres*; que as habitações do Rio de Janeiro são geralmente de um a quatro andares; que nas casas *não ha um só quarto* que seja quadrado, sendo todos em losango, pelo que esta cidade não se assemelha com nenhuma outra do mundo.

O celebre navegante Cook, que aqui esteve alguns dias em 1768, escreveu nas suas *Relações de viagens*: que as aguas do aqueducto da Carioca eram pessimas, extranhando-a os proprios que desembarcavam de longa viagem; que das mulheres não havia uma só honesta, e como prova conta que tres companheiros seus, sahindo a passeio, voltaram com os chapéos cheios de flôres, que lhes lançavam das janellas (1); que diante de cada casa havia um oratorio com lampada para orações diarias ás potencias tutelares; que os malfeitores eram respeitados desde que se azylavam nas igrejas; e como mais uma prova de sua exageração, que a cidade do Rio de Janeiro tinha n'essa época (1768) 37 mil habitantes brancos e 623 mil negros (1) d'onde se conclue que era então mais populosa do que a propria Londres.

Beauchamp, na sua *Historia do Brasil*, livro 42, enumerando as causas da riqueza da cidade do Rio de Janeiro, inclue a das minas novamente descobertas nas montanhas vizinhas; tratando da invasão de Duclerc diz, que depois de porfiado combate, o General francez vê-se forçado a capitular, mas ao tempo em que se constituia prisioneiro, deram-lhe um golpe mortal, não escapando depois nenhum dos seus soldados, da morte ou do captiveiro.

D'Orbigny, durante o pouco tempo que se demorou n'esta cidade, em 1826, teve occasião de encontrar meninos de 14 e de 15 annos cobertos de condecorações. Este mesmo escriptor, no 1º tomo da *Viagem á America Meridional*, referindo-se ás relações entre o Brasil e a Republica Argentina, mostra a mais injusta parcialidade contra os brasileiros.

Uma obra franceza—*L'Administration de Pombal*, citada no 6º volume da Historia do Brasil de Southey, affirma que os portuguezes, subindo pelo rio Amazonas, fôram sahir no Rio da Prata.

O poeta Evaristo Parny, na carta escripta do Rio de Janeiro a seu irmão, em Setembro de 1773, faz varias considerações que lhe suscitou a vista da *Ilha do Descanso*, que se acha á entrada da bahia.

Nas *Memorias de Garibaldi*, publicadas por Alexandre Dumas, capitulos 12 a 35, ha muitas mentiras, principalmente em relação aos factos da revolução do Rio-Grande do Sul. Citaremos apenas duas: assegura que o brigadeiro Calderon fallecêra no principio do combate de Taquary, quando é sabido que succumbira uma semana antes, de um ataque apopletico. Refere varios combates imaginarios, em um dos

quaes (não se sabe a data e o sitio) Garibaldi, á testa de 13 homens, bate e fere o celebre coronel Chico Pedro (hoje Barão de Jacuhy) que commandava 150 austriacos (!).

Elisée Reclus, na *Revista dos dois Mundos* de 1866 e 1867, narrando os successos da guerra do Paraguay, lamenta que o Brasil maltratasse e fizesse morrer debaixo de trabalho e de máos tratos os prisioneiros paraguayos, contrastando este procedimento com o do dictador Lopez, que tratava com a maior doçura (!) os prisioneiros brasileiros. Affirma que o Marquez de Caxias mandára um emissario secreto pedir paz a Lopez, mas que este a recusára. Nega as victorias que se dizia terem sido alcançadas pelos brasileiros, á excepção do *combate* do Riachuelo, cujo ganho foi devido a um encouraçado.

Outro escriptor francez, dando noticia no jornal *La Patrie* de 18 de Janeiro de 1858, de uma viagem que fez ao Brasil, diz que entrando a barra do Rio de Janeiro, a 1ª habitação que se offerece á vista é o Aljube ou casa de Correcção, onde se inflingem castigos corporaes aos escravos.

John Luccock, autor da obra *Notes on Rio de Janeiro*, assegura que os brasileiros não comem carneiro, por ser este animal um symbolo da religião.

Sobron, na sua *Historia bio-bibliographica da lingua latina na America*, diz que José de Anchieta é o autor do livro,—*Noticias curiosas do Brasil*—e não Simão de Vasconcellos; e que uma das ruas da Côrte do Imperio tem o nome de Anchieta.

Dabadie (*A travers l'Amerique du Sud*), relata uma serie de falsidades que affirma terem succedido entre SS. MM., o actor João Caetano e Jacques Arago. Diz tambem que vira em Mata-Cavallos o palacio da Correcção, cujo chão e paredes choram lagrimas de sangue pelos horrores de que são testemunhas.

Na *Viagem ao Brasil* de Walsh ha dois trechos curiosos; tratando do acto da nossa Independencia, diz que D. Pedro ia partir para Portugal em um navio que pedira a seu Pae para esse fim, quando chegou José Bonifacio á frente dos habitantes de S. Paulo, e oppuzeram-se ao embarque do Principe. Pouco adiante, referindo a campanha de 1826, dá como causa haver um exercito brasileiro invadido a Bolivia, facto que motivou uma liga de todas as nações americanas contra o Brasil, cujo exercito foi batido em todos os recontros.

Debret (*Voyage pittoresque, 1º*) conta que, percorrendo as florestas de pinheiros em S. Paulo, vê-se de distancia em distancia enormes rochedos, nos quaes estão cavadas extensas salas sepulchraes. St.

As Provincias sendo 40 em lugar de 20, mais facil se tornará a sua exploração, colonisação, aldêamento e civilisação dos indigenas, o estudo e execução de suas vias de communicação para melhor aproveitamento de suas riquezas; com mais efficacia se estenderá a todos os pontos a acção das autoridades e as providencias reclamadas por suas necessidades; melhor se fará a sua estatistica, a fiscalisação de suas rendas, impostos, etc.

Os limites estabelecidos entre ellas, são extensas serras e caudalosos rios, divisas incontestaveis e de eterna duração; e os casos em que não foi possivel evitar pequenos cursos d'agua e linhas que precisem marcos, são muito poucos e de importancia secundaria.

A desproporção entre os territorios diminuiu consideravelmente. A relação entre as grandezas das áreas maxima e minima, que é presentemente da do Amazonas para a do Sergipe, ou $\frac{66,300}{1,360}$ leguas $= 48,75$ foi substituida por outra muito menor, entre as do Solimões e Rio de Janeiro, ou $\frac{17,200}{2,300}$ leguas $= 7,48$. (26)

Hilaire fez essa viagem e declara, (*Voyage á St. Paul, 2—35*) que percorreu essas florestas durante 2 mezes, e não encontrou taes rochedos, nem pessôa que d'elles tivesse noticia.

E mil outras falsidades deve o nosso paiz á exageração, ignorancia ou malicia, dos Biard, Suzannet (Chavannes), Carrey, Expilly, Isabelle e outros escriptores pouco conscienciosos.

(26) As áreas das diversas Provincias não são representadas no Quadro por numeros arbitrarios. Para as obter, empregamos o seguinte processo, visto ser quasi impossivel o calculo das figuras irregularissimas e em diminuta escala:

Depois de traçar um mappa do Brasil em escala dupla da do nº. 2 do Atlas do Senador Candido Mendes, n'elle inscrevemos cuidadosamente as 40 Provincias. Recortando e destacando o Brasil inteiro,

Das 40 Provincias, 22 são maritimas e 18 centraes, Aquellas todas ficam com uma costa de consideravel extensão e varios portos sobre o Oceano; estas, são todas banhadas, nos contornos ou no interior, por volumosos rios, de cuja facil navegação lhes provirá a prosperidade em um futuro muito proximo.

As Provincias fronteiras tornando-se menores, asseguram ao Imperio uma melhor defesa; pois que as autoridades ficando mais proximas, com muito mais rapidez se providenciará a favor de uma energica resistencia, em caso de ataque ou de invasão. (27)

---

pezamol-o em uma balança de precisão, propria para analyses chimicas, e o peso P que achamos em milligrammas, ficou representando a área de todo o Brasil, isto é, 291:018 leguas quadradas.

Separando depois as 40 Provincias e pezando-as com igual cuidado, fômos achando os pezos parciaes a, b, c, d, etc, e com elles fômos calculando as áreas correspondentes, por meio das proporções:

P : 291,018 :: a : x = área da Provincia do Japurá
:: b : x = « « « do Solimões
etc. etc.

calculo este que, na hypothese razoavel de ser a espessura do papel igual em todos os seus pontos, nos fornece numeros com approximação sufficiente para comparar as grandezas territoriaes das differentes Provincias.

(27) Sirva-nos de dolorosa lição a invasão do Rio-Grande do Sul pelos paraguayos em 1865, da qual denunciando-se o projecto desde Janeiro, pelo movimento de forças em Itapúa, d'ahi a cinco mezes, quando foi realizada a passagem do Uruguay, achava-se a cidade de S. Borja apenas defendida pelo 1º corpo de voluntarios do Rio de Janeiro, que poucos dias antes chegára á marchas forçadas, e os invasores fizeram a seu salvo a marcha de S. Borja á Uruguayana.

« Realisáram os paraguayos o que nossos optimistas julgavam im-
« possivel (diz o Conselheiro Paranhos—*A Convenção de 20 de Fe-*
« *vereiro*—pg. 7). Transportaram canôas e balsas desde o rio Paraná,
« atravessáram a grande via fluvial que nos separa de Corrientes; pene-
« tráram em nosso sagrado territorio e o percorrêram quasi impune-
« mente desde S. Borja até a Uruguayana, espalhando adiante de si o
« terror, a morte e a devastação, por aquellas povoações indefesas».

Ao concluir este capitulo faremos uma observação importante :

Comquanto sejam 20 as novas Provincias propostas, não ha necessidade que sejam creadas todas de uma vez ; aquellas que, por grande escassez de população, não convenha serem desde já desmembradas, continuarão unidas a outras, como Comarcas d'estas ; circumstancia esta que não impede que sejam competentemente demarcadas, de maneira que, para o futuro, a sua separação se faça sem o mais leve embaraço. Parece-nos que 10 das propostas deveriam ainda ficar unidas como acaba de ser dito ; sendo creadas, por emquanto, as dez seguintes : *Pinsonia* (por ser fronteira e urgir a formação de nucleos de população junto aos limites contestados com a França) ; do *Madeira* (unida á do *Solimões*) ; de *Urussuhy* ; de *S. Francisco* (unida á do *Paracatú*) ; de *Montes-Altos* ; de *Porto-Seguro* ; do *Tieté* ; de *Minas do Sul* ; do *Tocantins* ; e de *Amambuhy*.

Ficaria d'esta sorte o Imperio composto, desde já, de trinta Provincias ; outras dez em perspectiva de o serem tambem, em breve espaço ; todas ellas com os limitss claros que lhes são assignados, e que se trataria sem demora de legalisar, e a divisão territorial determinada e fixa, de um modo a poder manter-se sem necessidade de alteração, durante um largo periodo.

VI

QUESTÕES CONNEXAS

1.ª—SITUAÇÃO DA CAPITAL DO IMPERIO

Depois da divisão territorial, um dos problemas mais interessantes que se podem apresentar, é o da escolha do local para a séde do governo geral.

A capital de um Estado deve, entre outras, satisfazer ás seguintes condições:

1.ª Estar situada em uma posição central (e equidistante dos pontos extremos, se fôsse possivel), do qual seja facil estabelecer um systema de communicações rapidas e seguras para os lugares mais importantes do paiz.

2.ª Estar ao abrigo de um golpe de mão, bombardeamento ou bloqueio, o que paralysaria, desde o começo de uma guerra, os meios de defesa do paiz, collocando este á mercê do seu adversario.

D'onde se conclue que, uma cidade assentada sobre uma bahia ou porto de mar, franco e facilmente accessivel a navios de alto porte, estará em excellentes condições debaixo do ponto de vista commercial, mas nas peiores para servir de capital ao Estado.

Subordinando-se a estes principios, todas as nações têm escolhido pontos centraes para o estabelecimento de suas capitaes; e Pariz, Vienna, Madrid, Berlim e outras situadas á margem de modestos rios, foram preferidas á grandes cidades maritimas pertencentes á França, Austria, Hespanha e Allemanha.

A grande União-Americana quando realizou a sua independencia, embora tivesse á sua disposição as ricas cidades de New-York, Boston, New-Orleans, Philadelphia e outras, tratou de escolher um ponto mais conveniente, e depois de traçar o respectivo plano, fez elevar em pouco tempo a bella Washington dominando o rio Potomak.

A historia nos mostra innumeros exemplos de resistencia heroica offerecida por cidades centraes, como Saragoça, Badajoz, Belfort, Strasburgo, etc., ao passo que as capitaes maritimas são obrigadas a renderem-se

logo, pela pressão do commercio e interesses estranhos á defesa, como succedeu a Copenhague em 1807, Lisbôa em 1808, Napoles em 1799 e 1821, Montevidéo em 1864; e ainda ha pouco foi grande o panico em Constantinopla, pelo progresso dos moscovitas através dos Balkans.

Pelo que fica dito, é facil deduzir que, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, com seu magnifico porto e optima posição que a collocam á frente dos emporios commerciaes do universo, é por isso mesmo, a mais impropria para ser a séde do governo do Brasil. Embora a resguardem por meio de inexpugnaveis fortalezas, guarnecidas por aguerrida tropa e poderosa artilharia, uma esquadra inimiga que estacionasse fóra da barra causaria incalculavel damno ao seu extensissimo commercio, fonte principal da renda em todo o Imperio.

A primitiva capital que teve o Brasil, foi a cidade da Bahia, fundada pelo 1° Governador-Geral, quando da America Portugueza só se conhecia, e muito imperfeitamente, a linha da costa; e em 1624 essa capital teve logo occasião de soffrer as consequencias de sua desvantajosa posição, quando a esquadra hollandeza, commandada por Villekens, chegando á Bahia, esta se lhe rendeu com tamanha facilidade que, *não lhes podia custar mais barato, e os proprios invasores mal acreditavam o que estavam presenciando.* (28)

As exigencias da guerra de 1763 e a invasão do Rio-Grande pelos castelhanos, aconselharam ao Marquez de Pombal a transferencia da capital para o Rio de Janeiro; mas capital provisoria, porque esse estadista de vastas concepções, comprehendendo o esplendido futuro

(28) *Historia Geral do Brasil*, por Varnhagen, tomo 1°, 342.

que a Providencia reserva ao valle do rio-mar Amazonas, entendia que a verdadeira localidade para o assentamento da capital, não do governo colonial mas de Metropole portugueza, era a cidade de Belém do Pará. (29)

Cincoenta e seis annos mais tarde, quando a Familia Real de Bragança procurava um refugio nas suas possessões americanas, o Principe Regente tendo resistido á todas as solicitações dos principaes habitantes da Bahia, resolveu que a séde do governo continuasse no Rio de Janeiro, não obstante as exhortações do almirante Sir Sydney Smith que, offerecendo-lhe um plano de defesa para o littoral, lhe faz a vêr os inconvenientes de sua situação maritima. (30)

---

(29) *Algumas idéas sobre Bellas-artes no Brasil*, por Porto-Alegre—*Guanabara*, 1851.

Viagem do Barão Langsdorff. Revista do Instituto Historico—1876—3º trimestre.

Discurso do Marquez de S. Vicente no Senado em 8 de Outubro de 1877. Na *Historia do Brasil*, de Southey, tratando-se dos successos do meiado do seculo passado, lê-se :

« O governo francez, ao preparar-se para a guerra em que esperava « derrubar Jorge II de Inglaterra, procurou induzir os hespanhóes a « uma guerra contra Portugal, propondo-lhe partilha dos dominios « d'este; a Hespanha se apoderaria de Portugal e das ilhas, e a França « tomaria o Brasil como seu quinhão Taes eram a conhecida disposição « da Hespanha e a fraqueza de Portugal, que o mais habil estadista « portuguez d'aquella geração (D. Luiz da Cunha) propôz a El-Rei « passar-se para o Brasil e fixar a sua côrte no Rio de Janeiro, assu- « mindo o titulo de *Imperador do Occidente*.

E se merece credito o que diz o padre Luiz Gonçalves dos Santos, no tomo 2º-2ª6 de suas *Memorias*, essa idéa ainda é mais antiga, pois que quem primeiro lembrou a conveniencia de transferir para o Brasil a capital da monarchia, foi o illustre padre Antonio Vieira que a aconselhou ao Rei D. João IV.

(30) Existe em nosso poder o desenho de um dos fortins que, formando systema com outros iguaes e destacados, constituiam o plano proposto a D. João VI pelo Almirante Sydney Smith para defesa da costa, desde o Pão d'Assucar até a Ilha-Grande.

No anno seguinte um escriptor illustrado que muito se occupou com o futuro do Brasil, em uma Memoria apresentada ao mesmo Principe Regente, fazia muitas considerações tendentes a mostrar a conveniencia de mudar a côrte, da cidade do Rio de Janeiro para o interior; foi pena, porém, que não indicasse o ponto, que em sua esclarecida opinião, merecesse a preferencia. (31)

Em 1813 a voz patriotica de Hippolyto da Costa Pereira fazia ouvir no *Correio Brasiliense* as seguintes palavras :

« O Rio de Janeiro não possue nenhuma das quali-
« dades que se requerem na cidade que se destina a
« ser a capital do Imperio do Brasil; e, se os cortesãos
« que para alli foram de Lisbôa, tivessem assaz patrio-
« tismo e agradecimento pelo paiz que os acolheu no
« tempo de seus trabalhos, fariam um generoso sacrifi-
« cio das commodidades e tal qual luxo que podiam
« gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em
« um paiz do interior, central e immediato ás cabeceiras
« dos grandes rios ; edificariam alli uma nova cidade,
« começariam por abrir estradas que se dirigissem a
« todos os portos de mar e removeriam os obstaculos
« naturaes que têm os differentes rios navegaveis, e
« lançariam assim os fundamentos ao mais extenso, li-
« gado, bem defendido e poderoso Imperio que é possivel
« existir na superficie do globo, no estado actual das
« nações que o povoam. Este ponto central se acha nas
« cabeceiras do famoso rio de S. Francisco ; em suas
« visinhanças estão as vertentes de caudalosos rios que
« se dirigem ao norte, ao sul, ao nordéste e sueste ;

(31) *V. Memoria sobre o melhoramento da Provincia de S. Paulo*, escripta em 1810 pelo Conselheiro Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, e transcripta na *Revista Trimensal do Instituto* de 1868.

« vastas campinas para creação de gados, pedra em « abundancia para toda sorte de edificios, madeiras de « construcção para todo necessario, minas riquissimas « de toda a qualidade de metaes; em uma palavra, « uma situação que se póde comparar com a descripção « que temos do paraiso terreal. » (32)

Embora o autor não designe a posição que prefere, é licito suppor que, ao escrever essas phrases, elle pensava em S. João d'El-Rei ou Villa-Rica, conforme a idéa dos conspiradores mineiros de 1789.

Outro escriptor abalisado, o Sr. Varnhagen, no seu já citado opusculo — *Memorial Organico* — abundando nas mesmas idéas e adduzindo novos argumentos que aconselham a medida em questão, entende que a localidade preferivel para a nova capital do Imperio, está comprehendida no triangulo formado pelos trez portos de canôas dos rios Tocantins, Paraná e S. Francisco, que mais se approximam entre si; esse ponto, que ficará proximamente equidistante dos cinco pontos: Rio de Janeiro, Bahia, Oeyras, Cuyabá e Curitiba, acha-se situado ao norte da cidade de Paracatú, não longe da actual divisa entre as Provincias de Minas-Geraes e Goyaz. Encantado com as vantagens d'essa feliz paragem, o illustre historiador sente-se arrebatado para ella, e ahi em espirito julga assistir á fundação da grande *Cidade Imperatoria*, scena repleta de enthusiasmo e de febril actividade com que se lançam os alicerces de seus monumentos, se edificam seus palacios, largas ruas, vastas praças e jardins, se traçam e rasgam extensas e commodas *estradas imperiaes* para os diversos angulos do Imperio; espectaculo este só comparavel aos que tiveram lugar com dois dos Monarchas mais poderosos e felizes, (Philippe II,

(32) *V. Correio Brasiliense*, tomo 10 (1813), pag. 371 — *Idem*, tomo 27 1821) pag. 161.

fixando-se em Madrid e Pedro—o—Grande fundando S. Petersburgo) e com o maior homem da America e talvez dos tempos modernos, o grande Washington, escolhendo sobre o Potomak a situação para fundar a capital decretada em 1792, que lhe immortalisaria seu nome. (33)

O mesmo Sr. Varnhagen no *Vulgarisador* de 1 de Setembro de 1877 indica a cidade Formosa da Imperatriz em Goyaz, como a melhor posição; por estar perto das origens dos 3 grandes rios : S. Francisco, Tocantins e Paraná.

Não ha muito tempo, lemos em um dos periodicos da Côrte, varios artigos em que seu autor lembrava o pittoresco sitio de Theresopolis como o mais appropriado para a séde do governo, por ser um ponto quasi no centro da Provincia do Rio de Janeiro. Além d'estas, temos ouvido a mais de uma pessoa autorizada, a opinião de que, a cidade de Petropolis, pela sua posição entre a via ferrea de Mauá e a estrada União e Industria, bem como pela benignidade de seu clima, que a faz tão procurada do Corpo Diplomatico, seria uma acertada solução do problema.

Temos, pois, entre varias opiniões, mais ou menos justificadas, os seis pontos : S. João d'El-Rei, Ouro-Preto, Paracatú, Formosa da Imperatriz, Theresopolis e Petropolis ; e se nos fôsse permittido emittir tambem nosso humilde parecer sobre tão delicado assumpto, não aceitando nenhum d'esses alvitres, fal-o-hiamos do seguinte modo :

Distinguiriamos duas hypotheses : Trata-se de fundar a capital do Imperio desde os seus alicerces, segundo um plano grandioso e sem attender ao enorme dispendio resultante, conforme foram construidas as de Philippe II, Pedro o Grande da Russia e Washington ? Ou trata-se (o que é

(33) *V. Memorial Organico*, impresso em 1849 no Rio de Janeiro, á pag. 47.

infinitamente mais economico) de transferir a Côrte para um ponto já povoado, cuja posição goze das vantagens acima apontadas, e que pelo proprio facto de ser a séde do governo, se transformará facilmente em uma cidade opulenta de 1ª ordem?

No 1º caso, guiando-nos apenas pela posição geographica, indicariamos um sitio collocado do modo o mais feliz em relação á distancia e aos meios rapidos e commodos de transporte para os principaes pontos do Imperio; e vem a ser o lugar onde se juntam as aguas dos magestosos rios de S. Francisco e das Velhas, abaixo da cachoeira de Pirapóra, e em frente á actual villa de Guaycuhy. Desistimos, porém, d'essa idéa em virtude de informações que temos, de serem esses lugares insalubres e muito flagellados de febres causadas pelas frequentes innundações.

Procurando outra localidade mais favoravel, parece-nos tel-a encontrado na margem direita do mesmo rio das Velhas, nas proximidades da boca do rio Paraúna. Collocada na latitude de 19° S, no ponto em que começa a livre navegação dos grandes rios, circumdada de terrenos uberrimos (34), a igual distancia das tres importantes cidades, do Sêrro, da Conceição e Diamantina, tem ainda essa posição a immensa vantagem de estar proxima ás cabeceiras dos rios Doce e Jequitinhonha; cujos valles esperam a construcção de vias ferreas que conduzam directamente ao Atlantico, as incalculaveis riquezas dos municipios de Léste da Provincia de Minas-Geraes.

Na 2ª hypothese acima figurada, isto é: quando se deva aproveitar uma cidade já existente, em condições aceitaveis para ser a séde do Governo Geral, apontariamos

(34) V. *Relatorio da viagem de exploração dos rios das Velhas e S. Francisco* em 1871, pelo 1º Tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.

qualquer das tres ha pouco citadas (*Sêrro*, *Conceição*, ou *Diamantina*), ou ainda as de *Januaria* e da *Barra*, ambas muito florescentes, á margem esquerda do S. Francisco e ás quaes está reservado um brilhante porvir, quando se desenvolver a navegação d'este rio (laço de fraternidade e união commercial, de industria e civilisação do interior, do sul e do norte do Imperio, na eloquente phrase do Sr. Dr. J. M. de Macedo). A da *Januaria*, dotada de um territorio de prodigiosa fertilidade, é hoje o principal emporio de todo o commercio no rio de S. Francisco. A da *Barra*, em bellissima situação sobre o rio, que tem ahi quasi dois kilometros de largura e considerada como a mais importante posição do caudaloso rio, pelos intelligentes exploradores Halfeld e Araujo, que ambos tecem enthusiasticos louvores ao caracter elevado e gráo de civilisação de seus actuaes habitantes; e a esta cidade parece estar destinado um opulento futuro, quando fôr construida a estrada de ferro que tem de unir as bacias navegaveis do S. Francisco e do Tocantins, ligando o sul á extrema norte do Imperio, magnifico projecto já estudado em virtude do Decreto n. 4,797 de 4 de Outubro de 1871 e do qual faz lisongeira menção o relatorio da Agricultura, apresentado pelo ministro Coelho de Almeida á 1ª sessão legislativa do anno passado. (35).

---

(35) Dos estudos do Engenheiro Bailyss, mencionados no *Relatorio do Ministerio de Agricultura*—1877—pag. 223—vê-se que é possivel conseguir o grande *desideratum* da união das bacias navegaveis dos rios S. Francisco e Tocantins, por meio de uma estrada de ferro de 293 kilometros apenas, partindo da cidade da Barra e atravessando os valles dos rios Grande, Preto e do Somno, até a foz d'este ultimo, no rio Tocantins.

Acêrca das vantagens da posição da cidade Januaria, veja-se o que diz St. Hilaire no tomo 2º capitulo 15 da *1ª. Viagem a Minas-Geraes.* Na pag. 389 affirma que a margem esquerda do rio S. Francisco é mais elevada que a direita, e por isso menos sujeita aos inconvenientes das inundações; e nas pags. 412 e seguintes, diz que a posição

Com a transferencia da Côrte para um ponto mais central do Brasil, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro decahirá de sua grandeza e opulencia?

Não, de certo. Emporio commercial de primeira ordem, a estabilidade de sua riqueza é garantida pela excellencia de sua feliz situação geographica, pelo seu magnifico porto, escala obrigada de toda a navegação do sul, frequentado annualmente por mais de 6,000 navios de todas as bandeiras; pelas importantissimas vias de communicação terrestre que possue para o interior, e outras vantagens que justificam plenamente as phrases arrancadas pela admiração aos escriptores os mais competentes. (36).

Os exemplos que temos em Liverpool, Plymouth, New-York, Philadelphia, Boston, etc., nos mostram o gráo de prosperidade e importancia a que podem attingir grandes cidades commerciaes, sem que se adornem com o titulo de capital do Estado.

Entretanto, com a mudança da Côrte, era natural que a cidade de S. Sebastião passasse a ser a capital da Provincia do Rio de Janeiro (cujo governo presidencial muito ganharia em influencia com o afastamento da Côrte, que o aniquila actualmente), e nada impediria que a futura Côrte mantivesse sempre as mais intimas relações com a sua anteces-

---

do Salgado, que é hoje um districto da cidade Januaria, fórma uma especie de *oasis* no sertão da Provincia de Minas, optimamente situado em relação á agricultura, ao commercio e á salubridade.

(36) Todos os adjectivos encomiasticos, todos os modos de expressar uma admiração profunda, têm sido empregados em louvor da belleza e magnificencia da bahia do Rio de Janeiro, por todos aquelles que a têm visitado.

Poderiamos transcrever aqui esses elogios, mas não o faremos, não só porque isso muito longe nos levaria, como porque tendo nós entre mãos um trabalho exclusivamente destinado á descripção d'essa bahia, n'elle melhor caberá o juizo manifestado por grande numero de viajantes, geographos e escriptores, que de tal assumpto têm tratado.

sora, á qual ficaria unida por meio da estrada de ferro D. Pedro II; ou por outras palavras, que o Rio de Janeiro continuasse a ser o porto da nova Côrte do Brasil sobre o Atlantico.

E, para rematar este capitulo, não poderiamos escolher mais precioso fecho do que as seguintes palavras de um estimadissimo professor:

« A séde da capital do Imperio n'esta cidade dá-lhe, por « certo,supremacia politica, sumptuosidade, luxo, esplendor « proprios de uma Côrte; que, porém, faltasse, ou viesse « a faltar á rica Sebastianopolis essa condição dependente « da vontade dos homens, sobravam-lhe e sobram-lhe as « condições de emporio commercial que a vontade suprema « de Deus lhe deu em sua afortunada posição geographica, « e em sua immensa, placida, poetica e magestosa bahia, « que reune á todas as bellezas e a todos os encantos imagi- « naveis, todas as vantagens positivas, que, no maior gráo e « no mais exigente capricho, se podem desejar em sua « bahia, ou esplendido golpho; bahia, emfim, intermediaria, « refrescadora e protectora de navegações as mais longas, « abundante de todos os recursos, centro de extraordinario « commercio interior e de communicações com todas as « nações do mundo. » (Macedo, *Noções de Corographia do Brasil*, 2ª parte, pag. 219.)

2.ª—REPRESENTAÇÃO DAS PROVINCIAS

Quando tratámos da grandeza superficial das Provincias, fizemos sobresahir a circumstancia de reunirem tres d'ellas (Amazonas, Pará e Mato-Grosso) mais de metade do territorio de todo o Impeerio, isto é: tres sómente, tornarem-se, sob esse ponto de vista, superiores ás outras dezesete; assim tambem, em relação ao numero de seus representantes na Assembléa Legislativa, diremos que, a somma de

quatro Provincias (Minas-Geraes, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro) é equivalente á das outras dezeseis, ou, por outras palavras: que, se os deputados d'essas quatro Provincias fizerem uma *parede* entre si, elles dictarão a lei a todo o Imperio.

Não haverá n'isto um grande erro? Esta desigualdade não poderá explicar a difficuldade que experimenta o progresso das Provincias pequenas? (se é permittido dar a denominação de *pequenas* á Provincias gigantescas como as do Amazonas, Mato-Grosso e Goyaz!)

É nossa firme convicção que, as diversas Provincias, todas ellas esplendidamente dotadas pela mão prodiga da Providencia, devem, como outras tantas estrellas da mesma grandeza, resplandecer com igual fulgor na constellação do Cruzeiro; e por isso qualificamos de injusta toda e qualquer proeminencia que se queira conceder á umas em prejuizo das outras.

O principio regulador do numero dos Representantes das diversas Provincias nas Camaras Legislativas é o da população, e d'ahi se origina a desigualdade de que tratamos. Este principio é extremamente precario, porque, considerando uma só Provincia, sendo a sua população variavel de um anno para outro, segue-se que, em cada sessão legislativa, um Deputado ou um Senador, representam um numero differente de habitantes de sua Provincia. Um Deputado do Ceará, por exemplo, que na ultima sessão legislativa representava 90,000 almas, na proxima sessão não representará mais de 40,000 ou 50,000.

Considerando as vinte Provincias comparativamente, vêr-se-ha que um Deputado de cada uma d'ellas representa um numero muito differente de seus comprovincianos. Assim, admittindo a população dada pelo ultimo recenseamento, teremos que:

Um Deputado pelo Rio-Grande do Norte representa (ou representava em 1876).....	116,990	habitantes.
Um Deputado por Minas-Geraes...	105,134	»
» pela Bahia.....	91,401	»
» por Goyaz.....	80,197	»
» por Pernambuco....	64,733	»
» por Sergipe.....	58,660	»
» pelo Espirito-Santo..	41,068	»
» por Mato-Grosso....	30,208	»

Onde está aqui a subordinação á uma base racional? Por ventura as Provincias do Rio-Grande do Norte e de Goyaz, que apenas dão dois Deputados cada uma, não terão motivos de queixa, visto poderem dar, a primeira sete e a segunda cinco, se para ellas vigorasse a mesma base da de Mato-Grosso?

E quanta injustiça relativa entre todas ellas! A do Pará, superior em população á de Sergipe, dando menor numero de Senadores e Deputados; a do Rio-Grande do Norte com população igual á esta, e tendo apenas metade da representação; as de Goyaz e de Santa Catharina com população dupla da do Espirito-Santo e tripla da do Amazonas, e tendo nas Camaras um numero igual de Representantes!

D'esta desigualdade de representação dimanam graves prejuizos para as Provincias consideradas de categoria inferior; e ella explica a razão por que essas Provincias não conseguiram até hoje ter demarcadas as linhas de limites que lhes compete. Porque, como hão de esperar justiça em suas questões de divisas, as Provincias do Espirito-Santo e de Goyaz, nas suas contestações com a de Minas-Geraes, se as vozes de seus dois Deputados devem forçosamente ser abafadas pelas dos vinte de que dispõe a sua poderosa contendora? Reconhecem todos que o limite traçado pela

natureza entre as da Bahia e de Sergipe, é o rio Itapicurú; mas, como hão de os quatro Representantes dos direitos d'esta vencer a resistencia opposta pelos quatorze influentes e prestigiosos d'aquella? Debalde procurarão os habitantes da comarca de Macapá obter a creação da nova Provincia, seu legitimo *desideratum*, pois que terão sempre contra si os Representantes do Pará, auxiliados por parte dos das grandes Provincias, contrarios ao precedente do desmembramento de territorios para a formação de novas Provincias. É muito provavel que as riquissimas Provincias de Mato-Grosso e de Goyaz já gozassem dos beneficios de uma estrada de ferro que as approximasse do Oceano e dos grandes centros commerciaes, se fôssem mais numerosos os votos que pleiteassem nas Camaras essa causa justissima, que está sendo adiada indefinidamente, com manifesto damno para o Imperio (37).

Resulta d'ahi que, as Provincias de pequena categoria, vendo-se desprotegidas até pelas proprias instituições, calam, resentidas, as suas profundas queixas, principalmente as que se referem á suas divisas, com receio de que aventando taes questões, lhes vão sendo de cada vez mais recuados os limites.

Este enorme inconveniente que se origina da preponderancia da representação de umas Provincias sobre outras, não é o unico; ha ainda outro muito grave, que póde tambem explicar muitas injustiças:

Quando se trata de organizar um novo ministerio, a

---

(37) « Si l'armée brésilienne avait pu avoir accés dans la Province de « Mato-Grosso par le nord, Lopez ne se serait sans doute point « aventuré à declarer la guerre; dans tous les cas les opérations eus- « sent eté singuliérement simplifieés et le Brésil aurait pu se pas- « ser d'alliances plus gênantes qu'utiles. » (*Agassiz—Voyage au Brésil—pg. 310.*)

primeira consideração a attender é, que sejam n'elle contemplados membros das grandes deputações, do contrario muito difficilmente conseguirá reunír a maioria da Assembléa; e assim, em lugar de procurar para a nova organização ministerial sete administradores distinctos, dos quaes um habil financeiro para a pasta da Fazenda, outro bem a par de nossas questões internacionaes para a de Estrangeiros, um magistrado ou jurisconsulto abalisado, para a da Justiça, outros com conhecimentos especiaes para as outras pastas (embora não pertençam a nenhuma das Camaras Legislativas, mas sejam conhecidos por suas luzes ou serviços), basta formar uma lista onde se incluam os nomes de alguns Senadores ou Deputados das Provincias dotadas de numerosa representação, sem attender á especialidade ou extensão de seus conhecimentos; e fica d'esta sorte constituido um ministerio que, durante algum tempo, ha de, bem ou mal, reger os importantissimos interesses de todo o Imperio.

E quantas vezes um ministerio, apezar de assim constituido, se vê forçado (sob pena de perder a maioria que o apoia) a passar sob as forcas caudinas, por alguma das grandes deputações, que, forte pelo numero dos votos de que dispõe, consegue impôr ao Governo a sua vontade?

Estabelecida pois, esta injusta differença entre as Provincias, e desamparadas as de pequena representação, que esperanças podem estas alimentar de que se attenda a seus interesses? se dê remedio a suas necessidades? se promova a sua prosperidade? se trate da navegação de seus rios? da colonisação de suas terras (38)? da exploração de suas

(38) « O Brasil possue em terras incultas onde alimentar, pelo menos, cem milhões de habitantes. Todas estas terras só esperam colonos, e o accrescimo de população fornecerá successivamente habitantes á todas essas terras; até que a totalidade d'ellas seja alienada,

minas e florestas (39) ? da communicação facil entre seus povoados ? da educação moral e intellectual de seus filhos ? (40)

Este estado de cousas, é, portanto, uma iniquidade ; e, uma vez que nos propuzemos a apresentar algumas idéas favoraveis, a nosso vêr, ao progresso de nossa patria, em todos os seus pontos de norte, sul, léste e oeste, ousamos lembrar que, todas as Provincias tenham igual representação perante o Governo-Geral, dando cada uma d'ellas dois Senadores e tres Deputados, o que formaria (suppondo creadas as dez novas Provincias que indicámos acima) duas Assembléas Legislativas, uma de 60 Senadores e outra de 90 Deputados, Assembléas estas dotadas de mais unidade de vistas, dispostas igualmente a favor de qualquer das partes constituintes, e cabendo a todas as Provincias igual responsabilidade na sorte futura do Imperio.

Em relação ás Assembléas Provinciaes, ás quaes cabe discutir e legislar sobre aquillo que é peculiar á cada Provincia, nenhum inconveniente ha em terem um numero maior ou menor de Representantes, segundo a importancia de seus municipios ; convindo, porém, estatuir uma base

---

o preço da concessão será uma renda annual para o Estado ; e quando forem concedidas em sua totalidade, suas finanças não necessitarão mais de recursos extraordinarios. » (La Beaumelle —*L'Empire du Brésil.*)

(39) « Excepto algumas palhetas de ouro, as minas do Brasil estão intactas; a terra nada perdeu de sua feracidade primitiva; produz hoje, como no primeiro dia. todas as essencias, gommas, resinas, flores, plantas aromaticas, e as florestas, ainda virgens, nunca se abateram senão ao sôpro do vento » (C. Ribeyrolles—*Estudo sobre a colonisação do Brasil*).

(40) Si jamais les facultés morales et intellectuelles du peuple brésilien se mettent en harmonie avec la beauté merveilleuse et les richesses immenses que le pays tient de la nature, jamais contrée plus heureuse ne se sera vue sur le globe. » (Agassiz—*Voyage au Brésil*—pg. 486).

racional e não numeros arbitrarios, como succede actualmente, que a Provincia de Minas-Geraes tem menos Representação do que as do Rio de Janeiro e Bahia; as do Paraná e Santa Catharina menos do que a de Matto-Grosso,etc.

Em nossa humilde opinião, essas Assembléas (com a denominação que têm presentemente, ou com a de Conselhos de Provincia, ou ainda com a de Senados Provinciaes, como queria o illustre Sr. Tavares Bastos), poderiam ser compostas de tantos membros quantas fôssem as cidades e villas de cada Provincia ; para o que, cada Camara Municipal elegeria annualmente um de seus vereadores, afim de servir como Deputado em os dois mezes de sessão, percebendo durante esse tempo uma razoavel subvenção paga pela respectiva municipalidade, além do transporte para a capital.

Com semelhante organização, que, sem duvida, elevará muito o nivel moral das Camaras Municipaes, realizar-se-hiam duas vantagens não pequenas, a saber: 1ª, evitar as eleições de Deputados Provinciaes, livrando as Provincias da crise e perturbações inherentes á taes eleições; 2ª, ficariam as novas Assembléas compostas de homens mais praticos, conhecedores das necessidades de seus municipios, e mais interessados na decretação de bôas leis, do que actualmente, que (salvando honrosas excepções) as Assembléas Provinciaes são formadas, em sua maior parte, de moços muito talentosos, graduados em direito ou medicina, capazes de proferir eloquentes discursos sobre politica, adubados com factos da historia da Inglaterra ou da França, animados mesmo de muito bons desejos, mas completamente ignorantes do estado dos municipios que representam ; e, portanto, seus esforços, além de infructiferos para o paiz, têm ainda o triste resultado de concorrerem para o descredito de uma das nossas mais bellas instituições.

CONCLUSÃO

Apresentando este trabalho, tosco mas fructo de muito estudo, acreditamos haver vencido algumas difficuldades do problema de uma nova divisão mais racional do territorio brasileiro, cingindo-nos, o quanto era possivel, aos principios estabelecidos como imprescindiveis para essa resolução.

Com effeito, quem o lêr com imparcialidade notará que: os novos limites são muito mais simples, claramente determinados e proprios a impedir divergencias e invasões de umas Provincias sobre outras; os territorios são menos desproporcionados; é mais justa a distribuição, da costa maritima; as denominações actuaes (algumas das quaes improprias, mas consagradas pelo tempo) foram conservadas; as novas capitaes, bem como os nomes das novas circumscripções, parecem ser as mais adequadas; em summa, transparece em tudo a idéa capital, de igualar o mais possivel as Provincias entre si, e remover toda a causa capaz de alimentar ou produzir a rivalidade entre ellas.

Somos o primeiro a reconhecer a imperfeição d'este estudo; mas, á vista da sua natureza complexa e da multiplicidade de considerações a attender, seja-nos licito responder de antemão á algumas objecções que poderão ser feitas contra a creação das novas Provincias.

1.ª *A falta de população, de industria e de commercio de algumas d'ellas.*

A resposta á esta critica está contida no trecho do discurso do Senador José Saturnino, que transcrevemos em um dos precedentes capitulos. A creação das novas circumscripções pouco povoadas, é aconselhada justamente

para dar maior incremento á colonização, aldêamento de indios, e, consequencia immediata, á industria, commercio e rendas. Entretanto, para aquellas que são quasi desertas (como as de Japurá, Solimões, Mato-Grosso, Araguaya e Uruguay), ficou consignada a idéa de que continuem por alguns annos como Comarcas de outras; subsistindo desde já o pensamento de que, em um futuro mais ou menos proximo, deverão formar novas Provincias.

2.ª *O accrescimo de despezas que as novas circumscripções acarretarão para o Governo geral com Presidentes Secretarios, Deputados*, etc.

Tambem em relação a isso, disse muito bem o citado Senador que, *quem não semeia não póde colher*; e essa alteração introduzida na administração do Imperio, tem necessariamente de produzir vantajosos resultados, sob mais de um ponto de vista.

Quando o Senador Vergueiro se oppunha fortemente á creação da Provincia do Paraná, dizia que *estava prompto a concordar com a medida da separação de outras comarcas do Brasil, mas não com a de Curitiba, que era a mais impropria para ser elevada á Provincia*; e quasi identicas palavras proferiu o illustrado Sousa Franco referindo-se á do Amazonas.

Pois bem! essas comarcas *improprias* subiram á categoria de Provincias ha apenas um quarto de seculo, e n'este pequeno prazo têm prosperado mais, relativamente a commercio, rendimento, empresas e civilisação, do que em o decurso dos tres seculos anteriores.

Por que não progredirão da mesma maneira as outras acima propostas, dispondo de iguaes (senão maiores) elementos de prosperidade, e sendo auxiliadas efficazmente pelo Governo Geral, como é do seu dever?! E convem

não exagerar esse accrescimo de despeza ; além de não ser tão grande como se quererá fazer suppôr (e de que temos a experiencia com a creação das do Amazonas e Paraná), n'este mesmo trabalho são indicadas tres verbas que amplamente cobrirão essa despeza, a saber : a importancia que produzirá o imposto territorial, a reducção do numero dos Deputados geraes, e a economia resultante da nova organização das Assembléas Provinciaes.

Mas, em falta de outros, ha ainda um argumento especioso, inventado em opposição á creação de novas Provincias, argumento que foi trazido á discussão quando se tratou das do Amazonas e do Paraná ; é elle :

3.ª *A separação das Comarcas é prejudicial ás tradições dos povos e dos paizes, pela alteração que soffrem em sua historia.*

Realmente o nosso espirito é fraco para penetrar no amago d'este argumento, e sentir a sua força e solidez. Se se querem referir aos acontecimentos gloriosos, occorridos nas localidades e na vida de seus habitantes, quer-nos parecer que o facto da elevação das respectivas Comarcas á Provincias fará realçar, não amesquinhar.

Exemplifiquemos : a região de Porto-Seguro, que primeiro surgiu á vista do afortunado Cabral, e que teve depois a honra de testemunhar o primeiro acto da religião de Christo, que devia d'ahi irradiar-se por todo o Brasil decahirá acaso por dar o nome á uma nova Provincia? não será isso preferivel a vegetar como simples Comarca da Bahia ?

O encantador poema *Uraguay* perderá alguma cousa de sua belleza, por que os sitios cantados por José Basilio da Gama deixam de ser uma fracção do Rio-Grande do Sul, para constituirem uma nova estrella do pavilhão brasileiro ?

As Provincias de S. Paulo e de Minas-Geraes diminuirão do prestigio e renome que lhes deram seus filhos Amador Bueno, os Andradas, os Ottonis, Durão e tantos outros, só porque, em virtude da sua notavel riqueza e progresso, algumas de suas Comarcas apresentam a pujança e a força necessarias para separarem-se e constituirem novos governos, para augmentarem a grandeza e o esplendor da nação?

Não tem, pois, valor algum tal objecção; e respondidas como ficam esta e as outras, continuamos por emquanto na convicção de que, as idéas aqui enunciadas, convenientemente estudadas e aperfeiçoadas por espiritos mais esclarecidos e competentes, poderão ser de alguma utilidade ao futuro da patria que tanto amamos; e isto basta á nossa consciencia. (41)

---

(41) Tinhamos concluido este escripto quando tivemos occasião de lêr o seguinte periodo, que transcrevemos cheio de satisfação, pela quasi completa concordancia que houve, entre nossas humildes idéas, e as de um dos viajantes mais illustres e bem intencionados que tem aportado ás nossas plagas:

« La délimitation actuelle des Provinces du Pará et de l'Amazone « est entièrement contre nature. La vallée tout entiére est coupée en « deux par le travers, si bien que la moitié inférieure est fatalement « opposée au libre développement de la moitié supérieure; Pará de- « vient le centre de toutes choses, et draine, pour ainsi dire ,tout le « pays sans vivifier l'intérieur; le grand fleuve qui devrait être une « grande route inter-provinciale, est devenu un cours d'eau local, « oserait' on dire.

« Supposons pour un instant que, au contraire, l'Amazone. com- « me le Mississipi, soit devenu la limite entre une succession de Pro- « vinces autonomes situées sur ses deux rives; supposons que sur le « versant méridional on ait, de la frontière du Perou au Madeira, la « Province de Teffé; du Madeira au Xingú, la Province de Santarem; « et que la Province du Pará soit réduite au territoire compris entre « celle du Xingú et la mer, en y ajoutant l'ile de Marajó; chacune de « ces divisions étant á la fois limitée et traversée par des grands cours « d'eau, on assurérait á toute la contrée une activité double par la con- « currence et l'émulation née d'interêts distincts.

« De la même façon, il faudrait que les territoires situés au nord « fussent divisés en plusieurs Provinces indépendantes, celle de Mon- « te-Alegre, par exemple, allant de la mer au Rio Trombetas ; celle « de Manáos entre le Trombetas et le Rio-Negro; et peut'être celle de « Hyapurá comprenant tout le pays sauvage situé entre le Rio-Negro « et le Solimões.

« On ne manquera pas d'objecter qu'un tel changement entrainerait « la creation d'un état-major administratif tout-à-fait disproportionné « avec l'effectif de la population actuelle. Mais le gouvernement de « ces Provinces, si peu d'habitants qu'elles renfermassent, pourrait « être organisé comme celui des territoires qui, chez nous, sont l'em- « bryon des Etats; il stimulerait les energies locales et dévélopperait « les ressources sans géner l'action du gouvernement central.

« D'ailleurs, quiconque a bien étudié le fonctionnement du systeme « actuel dans la vallée de l'Amazone, doit s'être convaincu que, loin « de progresser, toutes les villes fondées depuis un siécle de long des « rives du grand fleuve et de ses tributaires, tombent em ruine et en « décadence. C'est sans contestation possible, le resultat de la centra- « lisation à Pará, de toute l'activité réelle de la contrée entiére. » (Agassiz—*Voyage au Brésil*—pags. 501 e 502.)

GUERRA CIVIL

DO

RIO GRANDE DO SUL

MEMORIA ACOMPANHADA DE DOCUMENTOS, LIDA NO INSTITUTO ISTORICO E GEOGRAFICO DO BRAZIL. (*)

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

CAPITULO I

Observações acerca da revolução rio-grandense, e sobre os documentos a ella referentes.

§ 1. É por certo notavel nos nossos annaes o movimento revolucionario, que, começado em 1835, deo á provincia do Rio-grande do Sul dias de perturbação, e produzio uma situação politica, que a istoria do Imperio tem qualificado com o nome de republica de Piratinin, e que os seos proprios autores denominarão « Estado Rio-grandense. »

Iniciado o movimento nas immediações de Porto-alegre, elle dominou a maior parte da provincia, transpôz momentaneamente os limites d'ella pela posse, alias tranzitoria, da Laguna na vizinha provincia de Santa Catarina, e consagrou-se sob o titulo de republica. O poder rebelde nunca senhoreou a provincia inteira ; e a sua mais duradoura dominação foi na parte do sudoeste da mesma provincia, contigua ás vizinhas republicas do Prata.

§ 2. A revolução começou sob a fórma de sedição, vacilou

(*) E' conservada a orthographia do manuscripto, á pedido do autor.

sobre o seo procedimento, até que em Novembro de 1836 tomou o caracter de rebelião, e proclamou a republica.

Crecendo o movimento com intermitencias varias, e fortuna ora bôa, ora adversa, xegou ao seo maior auge em 1838, depois do combate de 30 de Abril no Rio-pardo, teve o primeiro declinio com o levantamento definitivo do assedio de Porto-alegre em Dezembro de 1840 ; e entrou, com o começo das operações belicas do Barão de Caxias em Janeiro de 1843, no periodo da sua terminação.

A revolução rio-grandense pois rezume-se em tres epocas, a da sedição, em que a dezobediencia pedia justiça; a da rebelião, em que renegava-se a communhão brazileira ; a da sujeição, em que os dezobedientes e os rebeldes regressão ao gremio nacional.

O principio da integridade do Imperio manteve-se ; e a luta por parte do governo imperial deve ser aplaudida ; porque sustentou a magestade da nossa união, fonte de bens e de grandeza.

§ 3. Embora sob especioza denominação democratica proseguisse o movimento revolucionario, a realidade da couza bem longe estava da sua epigrafe.

Com efeito a rebelião rio-grandense conseguio apartar-se da confraternidade brazileira, subtraindo grande parte da provincia á obediencia das autoridades imperiaes, constituio governo, e deo-lhe o titulo de republica ; mas convem observar, que nunca o xefe supremo d'essa intitulada republica, que, na linguagem da rebeldia, constituia um povo soberano e independente, sem juiz nem superior sobre a terra, foi erguido pelo voto popular em comicios regulares ; antes pelo contrario o Prezidente da republica de Piratinin jámais teve outro titulo de legitimidade sinão o arbitrio de poucos caudilhos, autores da rebeldia.

§ 4. Já no declinio da intitulada republica, em Dezembro de 1842, congregou-se uma assembléa constituinte; mas a reunião d'esse corpo politico foi sem importancia, operando-se logo a sua dispersão pela dissensão levantada entre os seos membros.

Tão certa era a incapacidade dos caudilhos para a ordem civil!

Póde-se pois dizer, que nunca a eleição regular ennunciou e dirigio a vontade d'esse novo estado; os caudilhos em seos ajuntamentos militares tudo decidirão, e ordenarão.

E na verdade de uma tal republica bem podia afirmar-se o que dice Bento Manoel, quando deixou as bandeiras da rebeldia para pelejar pela cauza do Imperio, exprimindo-se nos seguintes termos: As arbitraridades de Bento Gonçalves têem dezenganado, que o tal sistema republicano parece em teoria governo dos anjos, porêm na pratica nem mesmo para os diabos serve. (*)

§ 5. Nunca a democracia afastou-se mais de um governo do que do da republica de Piratinin.

Si com efeito a democracia é o regimem governativo, onde a vontade popular influe decizivamente na nomeação dos xefes supremos da nação, e na direção dos publicos negocios, bem podemos afirmar, que a republica de Piratinin jamais passou de uma fantastica creação de espiritos dezejozos de inovações; pois nunca o voto geral influio no governo d'essa republica dos caudilhos rio-grandenses; só elles, e não a população que deixou-se dominar pelo dezejo de nova ordem de couzas, dezignavão os xefes, e rezolvião as questões de interesse geral.

(*) Carta ao Prezidente do Rio-grande do Sul Saturnino de Souza, de 13 de Outubro de 1840.

O regimem da suposta republica foi excluzivamente militar, sendo na realidade admiravel que pugnasse pela separação do Imperio, para eximir-se da monarchia, uma população, que por mais de nove annos tolerou, e defendeo o despotismo militar.

§ 6. A republica de Piratinin durou quazi dez annos, desde que estreou-se nas vizinhanças de Porto-alegre, em 20 de Setembro de 1835, até que findou no acampamento da Carolina em Ponxeverde no dia 28 de Fevereiro de 1845.

A revolução começou obrigando o Prezidente Fernandes Braga a fugir da capital da provincia, e terminou pela rendição das forças rebeldes ao Prezidente, general Barão de Caxias, oje Duque d'esse mesmo titulo.

§ 7. A reflexão sobre os factos e regimem da revolução rio-grandense mostra-nos, que ella não principiou, nem perdurou por um plano infenso á existencia da monarchia constitucional; as rivalidades de influencia provincial, e actos pouco justos do governo central originarão a dezobediencia, que transformou-se em rebeldia declarada.

Si tam-somente o pensamento republicano désse origem á guerra civil, que conflagrou a provincia do Rio-grande do Sul, não veriamos proclamada uma republica, que nunca teve comicios populares para a eleição dos seos magistrados supremos, e que, devendo reunir o seo congresso constituinte para decretar as suas leis organicas, tudo fundou por actos dictatoriaes, e só nos ultimos dias da sua existencia teve um simulacro de assembléa deliberante, que nada fez.

§ 8. A republica de Piratinin, a quem a satira vulgar denominou *republica dos farrapos*, apenas tivera do sistema democratico o nome vão.

Nem o voto publico enunciava-se pela via regular da eleição popular, quando sómente a voz do soldado era

proferida; nem a liberdade era real, pela observancia das garantias civís e politicas, quando os xefes militares sem fórma nem feitio de processo mandavão arcabuzar o cidadão pela simples arbitraria qualificação de traidor á patria, e quando o mais graduado general desforçava-se em pleno acampamento contra um companheiro, como fez Bento Gonçalves, matando a Onofre Pires em briga passada em lugar solitario, e não testimunhada, a que denominou duélo.

Onofre Pires, que, como esse Maximino, imperador romano, começára pastor, e era agora soldado; que, como esse gigante de origem gotica, era grosseiro e iliterato, mas de descommunal corpulencia, e prodigioza força, com que aterrava a dez e mais lutadores, Onofre Pires foi morto, em combate singular na auzencia de testimunhas, por Bento Gonçalves, debil por organização fizica e acanhado de estatura, onde mal se cingia a espada!

§ 9. A justiça não tinha sacerdotes para aplicar a lei; e o governo por decretos arbitrarios impunha pena de morte, e a mandava executar, como especialmente o praticou o ministro da justiça Jozé Pedrozo em Novembro de 1842, ordenando o suplicio de varios criminozos sem previo julgamento dos tribunaes judiciarios.

Não era somente a pessoa, que na republica estava á mercê dos caprixos do individuo senhor da força, a propriedade tambem ficou ao talante do arbitrio.

Foi assim que por simples decreto do Prezidente republicano verificou-se o confisco dos bens dos inimigos da republica em favor dos cofres do novo estado; e inimigos da republica, na fraze do decreto, erão nacionaes e estrangeiros, que ostensiva ou ocultamente ostilizassem a cauza do povo rio-grandense.

§ 10. Quando nem a pessôa, nem a propriedade são religiozamente respeitadas pelo poder, que se incumbe de velar

pelo bem commun, póde-se com certeza dizer, que esse poder não é governo, que é a força conservadora, mas a anarchia, que é a força da destruição.

A necessidade de manter a cauza republicana servia de desculpa a tal situação.

Cumpre porêm ponderar, que as cauzas, que exigem taes sacrificios, não são justas ; pois si a republica fôsse então uma exigencia real no Rio-grande do Sul, ella praticar-se-ia pelo consenso poderozo da vontade nacional, unica que legitima os actos de interesse commun.

A violencia nunca fundou estados; elles formão-se por conveniencia do grande numero, e nunca por commodo e interesse de poucos, embora estes apregôem-se interpretes da vontade geral.

A rezistencia eficaz aos seos planos e tentativas é prova manifesta de que são falsos interpretes.

§ 11. Quem do territorio sugeito ao dominio do Imperio se transportasse ao territorio da apregoada republica, não conheceria diferença no regimem, á excepção d'esses actos de pura violencia, ingenitos ao predominio do militarismo.

Ali, como aqui, as normas legaes dos cidadãos entre si erão as mesmas : as leis, os decretos, e os avizos imperiaes citavão-se como regras autoritarias do novo estado democratico, sem que este aliás por acto expresso da soberania popular lhes ouvesse dado vigor.

Os actos civis e politicos pautavão-se pelas formulas dos actos civis e politicos do Imperio, como si este ainda preponderasse ali.

As autoridades e a fórma de proceder na intitulada republica erão iguaes ás autoridades e fórma de proceder no Imperio : apenas dous nomes diversificavão ; assim o que aqui xamavamos Imperio ali xamava-se Republica ; o que

aqui denominavamos Imperador ali denominava-se Prezidente.

N'estas duas mudanças, meramente nominaes, consistia toda a essencia do governo novamente erécto.

§ 12. Os Rio-grandenses pois parece não terem tido jamais o pensamento definitivamente assentado de separação da nossa nacionalidade, salva a pequena fracção dos agitadores idealistas.

Quando os rebeldes depozerão as armas para fazer cessar a luta, o motivo d'essa depozição foi a conservação da integridade d'esse mesmo Imperio, a quem combatião: e assim as primeiras palavras do xefe militar da rebeldia aos seos sequazes, annunciando-lhes a terminação da guerra, forão estas: Um poder extranho ameaça a integridade do Imperio, e tão estolida ouzadia jamais deixaria de écoar em nossos corações brazileiros.

Tratava-se então dos planos do ditador argentino contra o nosso governo; e este brado do xefe rebelde exprime ao mesmo tempo a idéa latente de união ao torrão brazilico, e de descrença na fórma republicana.

§ 13. Si por ventura os rebeldes tivessem em mente a idéa de separação sem regresso, um dos seos primeiros passos teria sido o de confraternização formal e expressa com as republicas vizinhas; isto porêm nunca fizerão: apenas convenções secretas pactuavão, e furtivo auxilio recebião os rebeldes de xefes de bandos sublevados n'essas republicas para empolgar o mando supremo, e isso a troco da prestação de gente, polvora, ou cavalhada para os seos repentinos acommetimentos em dias oportunos contra os xefes existentes.

A conservação das leis imperiaes e esse retrahimento, que os não deixava fazer cauza commun com os democratas limitrofes, indicão, que no animo dos rebeldes nunca dezappareceo a idéa de regresso á união brazileira.

Que não foi a republica rio-grandense o exito de um plano em prol da idéa democratica, mas sim o recurso empregado pelos rebeldes para manter-se fóra do alcance do castigo legal da sua primitiva dezobediencia, ahi o estão denunciando as propostas repetidas dos caudilhos da rebelião, que exigiio para submeter-se ao regimem imperial :

1.° O reconhecimento dos seos postos militares

2.° O pagamento da divida por elles contrahida para a guerra.

Ahi só se questiona do provento particular : a cauza dos principios punha-se de parte.

§ 14. Em um ponto todavia forão sempre coerentes e leaes. Servindo-se dos escravos para defender a liberdade por elles apregoada, não os abandonarão no ultimo momento da luta, e esforçarão-se com o governo imperial, para que esses infelizes não voltassem ao cativeiro.

Embora o governo imperial reconhecesse o perigo da legitimação da alforria dos que com as armas na mão a conquistavão em um paiz, cujo primeiro elemento de sua producção era o escravo, deixou-se não obstante dominar pelos sentimentos filantropicos, que mais tarde devião, com tanta gloria para o Brazil, manifestar-se na lei da libertação do ventre da mulher escrava.

Os soldados da republica recrutados na escravidão conservarão no Imperio a condição de liberdade por exigencia dos caudilhos da rebelião.

§ 15. Si por ventura a cauza primaria da revolução fôra a mudança da monarchia pela republica, jamais pactuarião os seos autores por similhante modo.

A sua diviza seria vencer, ou morrer com a cauza do seo patriotismo: *Vincere aut pro patria mori.*

Os afectos pessoaes resumbrão nos actos mais impor-

tantes dos rebeldes, revelando que a questão de principios não era o grande motor da revolução.

É por isso, que Bento Gonçalves, em carta confidencial de 26 de Maio de 1840, exprime-se d'este modo: «Dizei-lhe (ao Prezidente Saturnino de Souza), que si elle quer a paz, dispa-se d'esse orgulho, trate-nos como guerreiros, não como féras, que tudo póde ter fim, sem mais efuzão de sangue, e que aliás lhe daremos que sentir, e ao Imperio, e ao seo governo, que, sempre enganado por seos delegados, nos supõe um rebanho de timidas ovelhas.

Esta carta, que continha instruções secretas a um enviado rebelde incumbido de tratar com o governo legal da terminação da luta fratricida, bem manifesta os fins estreitos da rebelião.

§ 16. Não era o vencimento da cauza republicana, que tornava inutil a empenhada luta; não era o aniquilamento forças das defensoras d'essa mesma cauza, que impossibilitava a contenda: o que incitava os rebeldes a depôr as armas, não era nada d'isso; era sim a satisfação do orgulho pessoal, e a aceitação de condições vantajozas de interesse privado, o que determinava para os rebeldes a paz e a cessação do derramamento de sangue dos seos concidadãos.

A rebelião rio-grandense pois, no nosso modo de pensar, teve caracter egoistico, e não caracter de patriotismo, em virtude do qual o cidadão guerrêa pelo triunfo de principios reputados como indispensaveis á felicidade geral.

N'este cazo o cidadão ou vence, ou morre, ou só deziste da luta privado de forças.

Os rebeldes do Rio-grande do Sul julgavão-se fortes; mas depunhão as armas, logo que condições favoraveis a interesses particulares fossem admitidas pelo governo imperial. Todas as tentativas de pacificação frustrarão-se

ante a regeição de exageradas exigencias dos xefes rebeldes em seo pról.

§ 17. No norte do Imperio aparecerão em 1817 e 1824 dous movimentos revolucionarios, que tomarão forma republicana.

Em ambos manifestou-se sensivel diferença no caracter d'esses actos politicos com o do movimento rio-grandense.

No norte o primeiro pensamento dos revolucionarios foi recorrer ao povo como origem do poder. Os governos passageiros, que então organizarão-se procurarão legitimar-se pela eleição popular; e no Ceará, em 1824, um grande concelho eleitoral de toda a provincia nomeou o seo Prezidente, e elegeo reprezentantes para o congresso do estado planejado sob a denominação de Confederação do Equador.

No norte ambos os movimentos forão suplantados pela força das armas, mas não cederão. No sul o movimento não procurou a legitimação pela eleição popular, e afinal, sem dar-se por vencido, tranzigio.

§ 18. De tudo concluimos a grande diferença nos respectivos movimentos do norte e do sul do Imperio.

Ali a idéa politica ou o sentimento democratico levantou a rebelião ; aqui suscitou-a a idéa restrita de influencia local : ali a rebelião apoiou-se no voto popular; aqui amparou-a o espirito de caudilhagem.

No norte pois o pensamento revolucionario inspirou-se nas idéas do regimem civil ; no sul, ergueo-se sob o influxo da idéa do governo militar.

O exemplo da caudilhagem, dominante nas vizinhas republicas do Prata, por certo muito influiria para similhante rezultado no sul.

No norte os rebeldes olhavão para os Estados-Unidos, e d'ali tiravão argumentos para as suas deliberações ; no sul os rebeldes tinhão na vizinhança os caudilhos militares do Prata, por cujo regimen se modelavão.

§ 19. Ninguem desconhece a importancia de um acontecimento, que trouxe a separação de parte do territorio brazileiro para constituir governo independente por um decenio; portanto ninguem desconhecerá tambem a necessidade de bem conhecer e apreciar o facto em suas cauzas, progresso, e terminação.

Ainda não temos a istoria da época d'este sucesso, nem é ainda tempo de escrevel-a, visto não ter ainda xegado o remanso das paixões para que o escritor, como juiz imparcial, possa expender a verdade sem preterir considerações individuaes.

Escrever dos contemporaneos, emitindo juizo, é correr o perigo de exagerar a apologia pela amizade, ou engendrar censuras pelo odio.

A istoria não tem complacencias, e tam—sómente dignifica-se pela verdade; mas para que pungir os vivos, quando o não reclama o bem da umanidade, e faltão elementos de imparcialidade?

§ 20. O istoriador é juiz; e o juiz deve ser competente, e julgar pelo processo.

A competencia dá o tempo; o processo organiza-se pelos depoimentos, acumulando-se os documentos, em que estes se contêem.

Escrever antes de tempo é ser juiz ilegitimo; é proferir sentença sem processo regular.

Os contemporaneos não são istoriadores; são apenas testimunhas e organizadores do processo.

O nosso egregio Instituto bem compreendeo esta verdade; por isso fundou-se com o intuito, não de escrever a istoria, mas de reunir documentos para que ella escreva-se oportunamente.

Foi um lance de sabedoria dos benemeritos fundadores da nossa corporação.

§ 21. Considero como importante serviço dos membros do Instituto a preparação do processo istorico; e é com este fim, que oje venho trazer á vossa apreciação alguns documentos, que me parecerão uteis coligir, e depozitar no nosso archivo.

Peza-me não ter podido reunir todos os documentos autenticos sobre o periodo da guerra civil rio-grandense; os que agora trago, talvez não sejão completos; todavia dão a conhecer o principio do movimento, a vida interna da republica, e o ultimo periodo da luta, o qual é certamente a época mais notavel d'esse acontecimento, porque mostra-nos como para o seio da familia brazileira regressarão nossos irmãos transviados, vindo elles a nós, não sob o dezastre de uma batalha sanguinoza, mas levados pelo sentimento do patriotismo, que os xamou a melhor conselho, quando as armas imperiaes forão confiadas a um general, que soube mostrar-se forte para vencer, e umano para perdoar.

§ 22. Coligimos estes documentos copiando-os de registos oficiaes, alguns de registos particulares, outros dos proprios originaes, e muitos de publicações da imprensa contemporanea, mas de incontestavel autenticidade por sua notoria divulgação durante a vida dos seos assinatarios e interventores.

Estes documentos dão minucioza noticia dos acontecimentos da guerra, e das providencias tomadas pelo pacificador da provincia, desde a sua prezença no exercito imperial até a definitiva terminação da luta, que cessou mediante uma politica conciliadora, que aliás estava preparada para subjugar a rebeldia pela força das armas.

§ 23. O Duque de Caxias pacificou quatro provincias no Imperio, e por duas vezes defendeo no exterior a onra da patria.

Na guerra interna e externa procedeo sempre com prudencia, modestia, e umanidade, sendo a sua politica belicoza estar preparado para submeter o inimigo pela força das armas, mas vencel-o pelos beneficios.

Para elle foi objeto constante dos seos cuidados, minorar os males da guerra, poupando o sangue umano.

N'essa mesma guerra fratricida do Rio-grande do Sul é caracteristico o facto de Bagé, onde, depois da batalha de Porongos, pretendião celebrar *Te-Deum* em ação de graças.

O general vitoriozo, vendo n'este acto mais omenagem pessoal do que votos ao céo, e querendo antes dar-lhe expressão de dôr cristan do que caracter festivo, respondeo ao sacerdote convidante: Não levanto troféo sobre o sangue brazileiro. Vá, Reverendo, vá, entôe missa por alma dos finados, e eu lá estarei para rezar por elles.

§ 24. O Duque de Caxias, como guerreiro, distinguio-se pela umanidade, pela previdencia, e pela modestia, impreterivel sinal das almas nobres.

Estas virtudes o elevarão á categoria de grande general, e pela pratica d'ellas pôde elle com razão, na sua ultima batalha em Lomas-valentinas dizer aos seos soldados: Eia, marxemos ao combate; a vitoria é certa, porque o general e amigo, que vos guia, ainda até oje não foi vencido.

A posteridade dará a este egregio cidadão o lugar, que a patria rezerva para os seos filhos benemeritos. Por ora juntemos uma particula dos elementos da istoria dos seos serviços.

§ 25. Dispomos os documentos por ordem cronologica, mas por series, conforme o assunto referente, e indicamos em sumaria epigrafe o principal assunto de cada um d'elles.

Assim mais facilmente se prestaráõ á consulta e exame.

A leitura dos documentos assim coordenados da-nos as minudencias dos factos, as peripecias dos acontecimentos, e faz-nos como que prezenciar os actos, sentir os sobresaltos dos reis e generaes, correr o perigo dos soldados, vacilar no meio da agitação do povo, e apossar-nos emfim de todas as circunstancias, que nos guiem na apreciação dos sucessos, e no julgamento dos caracteres, que muitas vezes revelão-se melhor por cazos particulares, que somem-se pelo pequeno vulto ante a distancia dos tempos, do que por sucessos estrondozos, que a fama engrandece e desnatura.

§ 26. Aos documentos istoricos junto um exemplar de um diploma de nomeação de juiz de direito assinado pelo Prezidente da Republica Bento Gonçalves da Silva.

O seo teor é o mesmo dos que se passavão no Imperio, notando-se apenas a diferença de não atribuir perpetuidade aos membros do poder judicial, e póde servir de objeto de estudo e reflexão sobre a parte judiciaria da istoria da rebeldia.

§ 27. Talvez note alguem a insignificancia de certos documentos ; cumpre porêm atender, que, no dezenvolvimento da narração istorica, muitas vezes um documento aparentemente sem importancia, quando considerado de per si, consegue grande valor, já por fixar uma data, já por caracterizar um facto especial, e já por ser de referencia a algum personagem distinto.

No erguer o edificio o architecto não preciza tam—sómente das grandes peças de granito ; necessita tambem do cimento, e dos pequenos fragmentos da róxa, com os quaes liga, e apoia as grandes moles da sua fabrica.

§ 28. Antes de aprezentarmos os documentos, a que nos temos referido, julgamos conveniente fazer sucinta narração dos factos principaes da revolução rio-grandense, mostrando a concatenação e marxa dos acontecimentos.

Omitiremos as considerações politicas e moraes, que poderião envolver julgamento dos omens e dos factos especiaes: o nosso fim é, com a simples expozição narrativa, dispôr o leitor a melhor comprehender o valor e significação dos documentos, que, lidos dezacompanhados da lembrança dos sucessos, não serão devidamente apreciados.

N'essa expozição procurarei a possivel fidelidade, acompanhando as peças instrumentarias, que exhibo.

§ 29. Na seleção dos documentos procurei reunir todos aqueles, que vierão ao meo conhecimento, e que me parecerão convenientes para esclarecer os factos, e abilitar o escritor a emitir juizo sobre os acontecimentos, quer no tocante á cauza d'elles, quer na parte relativa ao caracter dos autores do drama reprezentado por dez annos na extrema meridional do imperio brazileiro.

É bem provavel, que documentos importantes ainda nos falte coligir.

Poderão em outra ocazião ser reunidos a estes, que agora ofereço.

CAPITULO II

Sedição em Porto-alegre; retirada do Prezidente Fernandes Braga para a cidade do Rio-grande; posse do Vice-prezidente intruzo; providencias por este tomadas para seo reconhecimento; suspensão do commandante das armas; retirada do Prezidente Fernandes Braga para a côrte; os sediciozos de posse da provincia.

§ 1. O primeiro Imperador do Brazil avía deixado a sua patria adotiva, em consequencia dos acontecimentos do dia 7 de Abril de 1831 na côrte do Rio de Janeiro, e o Imperio era governado por uma regencia trina, que, na

fórma da Constituição politica do Estado (*) fôra eleita pela Assembléa geral, em virtude da menoridade do imperante, que seo pae entregára no berço ao patriotismo e benevolencia dos Brazileiros.

A alteração operada no governo do paiz por similhante sucesso trouxera dous principaes rezultados, quaes erão o afrouxamento do vinculo autoritario, e o exaltamento das idéas democraticas.

Em todo o Imperio erão sensiveis estes dous fenomenos politicos : na provincia do Rio-grande do Sul elles tiverão amplo dezenvolvimento, e d'ahi veio o influxo para a revolução, que começando pela depozição de um Prezidente da provincia, continuou-se pela proclamação da republica.

§ 2. Governava a provincia o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, empossado da prezidencia em 2 de Maio de 1834.

Pronunciado excitamento das idéas democraticas laborava na provincia, onde a ameaça de separação da communhão brazileira era muitas vezes proferida pelos sectarios d'estas idéas.

A tal ponto avía subido o exaltamento politico, que já em 1833, por ocazião da nomeação do Dr. Jozé Mariani para o cargo de Prezidente da provincia, ferventes partidistas tentarão opôr-se á posse d'este delegado do governo imperial.

O plano não teve exito ; mas os seos promotores virão dentro de pouco tempo realizados os seos dezejos com a demissão d'esse funcionario. Este acto do poder supremo,

---

(*) Art. 123. Si o Imperador não tiver parente algum, que reuna estas qualidades (parentesco mais proximo, e maioridade de 25 annos) será o Imperio governado por uma Regencia permanente, nomeada pela Assembléa geral, composta de 3 membros, dos quaes o mais velho em idade será o prezidente.

ditado por animo conciliatorio das paixões, foi aliás considerado como parto de fraqueza.

§ 3. As idéas republicanas estavão dessiminadas na provincia, e a propaganda d'ellas era acoroçoada pelos omens politicos das republicas vizinhas, que sonhavão com o levantamento da provincia, e sua união a ellas.

A propaganda produzira um partido, que se intitulava federalista, tendo por bandeira a proclamação da republica no Brazil sob a fórma federativa. Cada provincia formaria estado independente, e todas unidas pelo vinculo da federação constituirião um só corpo social.

No intuito de propagar e fortalecer as idéas federativas no Rio-grande do Sul, esse partido organizou sociedades secretas sob o nome e aparencias de maçonaria, e ahi com aplauzo discutião-se as reformas projetadas, e invectivavão-se, como verdadeiras ofensas e reaes atentados contra o direito da provincia, os actos do governo geral, embora justos e razoaveis.

§ 4. A administração do Dr. Fernandes Braga proseguia sem notar-se por actos violentos; elle era de caracter brando, e moderado; mas era irmão do Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Xaves, que depois faleceo Senador, e Barão de Quarahim; e tanto bastou para perder dentro de pouco tempo a confiança dos adversarios do partido, do qual aprezentavão como xefe o mesmo Dr. Pedro Rodrigues.

Contra elle pois dezencadearão-se as agressões dos facciozos.

§ 5. Depois da posse do Prezidente Fernandes Braga passára nas camaras legislativas a reforma constitucional consagrada na lei de 12 de Agosto de 1834. Ella dava ás provincias assembléas legislativas especiaes, para cuidarem dos seos interesses locaes.

No dia 7 de Abril de 1835 procedera-se á eleição dos

cidadãos, que devião reprezentar a provincia no seo primeiro congresso legislativo. O voto popular déra maioria favoravel ao partido infenso aos sustentadores do Prezidente Fernandes Braga.

§ 6. A Assembléa provincial reunio-se em Junho de 1835, e logo constituio mais um elemento de excitação das idéas politicas.

As discussões da imprensa e do parlamento provincial cada vez mais exacerbavão as questões; e tão pronunciado dezenvolvimento tiverão os factos, que em 20 de Setembro de 1835 rompeo formal sedição na cidade de Porto-alegre, com o fim de expelir do governo o sobredito Prezidente.

§ 7. O partido opozicionista, exaltado por suas idéas democraticas mais adiantadas, considerou-se desprotegido pelo governo central, embora tivesse obtido em suas pretenções repetidas concessões parciaes, que nunca satisfazem a quem ambiciona e procura o mando supremo das couzas.

Este partido tinha então á sua frente o Coronel de cavalaria Bento Gonçalves da Silva, o qual, por perigozo á paz publica, tinha sido, na anterior prezidencia, xamado á côrte pelo governo geral; mas d'ahi logo regressára, tendo obtido uma pensão pecuniaria, e acreditando-se ter sido o indicador da nomeação do Dr. Fernandes Braga para prezídir a provincia.

§ 8. As concessões do governo central, no interesse de apazigoar os animos, erão interpretadas como sintomas de fraqueza, e davão aos exaltados a esperança, de que por actos de ouzadia poderião forçar o mesmo governo a confiar-lhes a administração provincial, entregando-a a pessoa de sua parcialidade e confiança.

O procedimento do Dr. Fernandes Braga não satisfizera a espectativa do Coronel Bento Gonçalves, e dos seos

partidistas; d'ahi a rezolução extrema de expelil-o do governo da provincia.

Este pensamento congregou dous generos de individuos: uns, que limitavão-se a pretender a faculdade de dispôr dos negocios provinciaes no actual sistema de governo; outros, que ambicionavão o movimento convulsivo como aspiração de xegar ao republicanismo.

§ 9. Reunidos pois em corpo pozerão á sua frente Bento Gonçalves, o qual, como militar, atrahia a si muitos camaradas do exercito, dezejozos de melhorar de posto e de condição, e descontentes do governo geral, de quem se queixavão como dezatendidos e menosprezados.

O Coronel Bento Gonçalves, o Coronel Bento Manoel, o Major João Manoel de Lima, o Capitão Domingos Crecencio, e outros oficiaes militares, Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim, Capitão de milicias, o Coronel Onofre Pires, o Coronel Antonio Neto, o Tenente-coronel David Canabarro, e o Capitão João Antonio, e outros commandantes de corpos da guarda nacional combinarão-se, e pozerão em campo a sedição, movendo as forças do partido exaltado.

§ 10. Bento Gonçalves, xefe do partido, dispunha de grande influencia politica na provincia; Bento Manoel, militar experimentado, e relacionado na campanha por laços de parentesco, dispunha de notavel clientela; João Manoel de Lima, era irmão do Regente Francisco de Lima, e, por sua adezão pronunciada e manifesta ao partido exaltado, dava força moral ao movimento, crendo geralmente o vulgo, que nas relações fraternas axaria a sedição abrigo e desculpa em cazo de revéz; Domingos Crecencio, como oficial disposto e destemido, era proveitozo auxiliar para a intentada empreza.

Jozé Gomes, proprietario rico, e cidadão bem conceituado na população; Onofre Pires, notavel por suas

dispozições atleticas; Antonio Neto, João Antonio, e David Canabarro, conhecidos por bravos e rezolutos, prestavão valiozo concurso ao movimento, que iniciava a revolução.

Com a conivencia do exercito e da guarda nacional, elementos da força publica, facil era a agitação, e certo o seo exito.

No meio d'essas dispozições apareceo a sedição de Porto-alegre.

§ 11. Os xefes do movimento avião-se combinado: Jozé Gomes e Onofre Pires reunirão algumas praças da guarda nacional, agregarão alguns peães na capela de Viamão, distante 4 leguas ao nacente da capital, e marxarão para esta no dia 20 de Setembro de 1835, onde entrarão com sequito de 300 a 400 pessoas.

Ao passo que isto sucedia, Bento Gonçalves deixava o lugar da fronteira do Imperio, onde estava de guarnição, e aprezentava-se na povoação de Pedras-brancas, á vista da mesma capital pelo lado do poente.

§ 12. Na vespera do mencionado dia 20 de Setembro, o Prezidente da provincia, sabedor do movimento sediciozo, procurou preparar-se para rebatel-o; porêm nada conseguio.

O Commandante das armas, Marexal Sebastião Barreto, axava-se em commissão de serviço militar na campanha; e na capital foi no momento do perigo dezignado o Marexal Gaspar Mena Barreto para auxiliar no commando da força, e na defeza da capital.

O Prezidente reunio toda a força militar, e proclamou aos cidadãos para defenderem a legitima autoridade. Não pôde dispôr de mais de 270 praças; e em torno de si via formar-se o vacuo pelo abandono geral.

Na manhan do dia 20 de Setembro, congregando a oficialidade fiel ao governo, reconheceo a impossibilidade de

manter a capital, e á noite seguia para a cidade do Rio-grande, embarcando na escuna de guerra *Rio-grandense*, acompanhada de outra escuna, a *Dezenove de Dezembro*.

§ 13. No dia seguinte, 21 de Setembro, Bento Gonçalves fez a sua entrada na capital, declarou, que a patria estava libertada, e oficiou á Camara municipal para empossar do governo a um dos Vice-prezidentes, que governasse a provincia, na falta do Prezidente efetivo, que, segundo o dizer dos facciozos, avia abandonado o seo emprego.

Bento Gonçalves, senhor da capital da provincia, proclamou aos seos abitantes, concitando-os em seo patriotismo, e lembrando as supostas injustiças e prezumidos agravos recebidos do governo imperial; e porque conhecia a força dos estrangeiros, contra quem os legalistas indispunhão os seos adversarios, dirigio-se por meio de longa proclamação, recordando a esses mesmos extrangeiros o dever de abster-se do conflito entre os nacionaes, e prometendo-lhes, sob esta condição, inteira garantia para suas pessoas e propriedades.

Bento Gonçalves, assim falando, tinha por fim captár a benevolencia da colonização aleman existente na provincia, com cujas simpatias em geral contavão os sediciozos, e intimidar os Portuguezes, de quem se receavão.

§ 14. Os partidarios das idéas mais adiantadas em politica, na provincia, queixavão-se de que, quando a cauza nacional progredia em todo o Brazil, só no Rio-grande do Sul ella restringia-se a estereis aplauzos; porque um partido retrogrado obstava, que as idéas liberaes tivessem o conveniente dezenvolvimento.

Esse partido retrogrado, segundo os seos opozitores, tinha a sua baze sobretudo nos antigos generaes de origem portugueza, que nos commandos militares axavão influencia para manter as antigas idéas antinacionaes, ajudados por Portuguezes, que no commercio avião adquerido fortuna.

O partido exaltado atribuia a esse partido denominado retrogrado o pensamento da restauração do Imperador abdicante ; como prova de seus temores exhibião a existencia da Sociedade militar ali ramificada ; a esse mesmo partido retrogrado imputavão-se planos e esforços no sentido de inutilizar as decretadas reformas liberaes, como a instituição da guarda nacional, a creação dos Juizes de Paz, e as recentes alterações da Constituição politica do Estado, operadas pelo acto adicional.

§ 15. Dous factos sobretudo vierão sobreexcitar o partido dos exagerados, dando pasto ás invectivas e ás declamações contra a atual ordem de couzas.

Na vila do Rio-pardo a reprezentação de alguns cidadãos contra autoridades para ali nomeadas foi convertida em acto de sedição ; e varios individuos influentes forão processados, pronunciados, e recolhidos á prizão, de que se livrarão por via do *habeas corpus*. Entre estes individuos estava o então Major de engenheiros Jozé Mariano de Matos, que tão conspicuo papel depois reprezentou na revolução.

Reunida a Assembléa provincial o Prezidente Fernandes Braga denunciou formalmente aos reprezentantes do povo rio-grandense a existencia de um partido promotor da separação da provincia da communhão do Imperio.

Em verdade mais ou menos derramada axava-se a opinião favoravel á sua separação e á proclamação do sistema republicano na provincia ; todavia não era então este o pensamento da maioria do partido, que depois fez a revolução.

Em todo o cazo os processos pela intitulada sedição do Rio-pardo, e a denuncia do Prezidente ante a Assembléa provincial, forão motivos poderozos de fomento e agitação, que precipitarão os factos, em breve traduzidos na sedição

de 20 de Setembro: esses dous motivos forão incontestavelmente cauzas proximas e immediatas do movimento sublevador.

§ 16. Ao penetrarem os sediciozos na capital, era o seo grito de guerra, que nada mais pretendião além da depozição do Prezidente Ferdandes Braga, quando aliás já erão notorias a demissão d'este, e a nomeação do Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro para o substituir.

Querião os sediciozos Prezidente de sua parcialidade e confiança; mas dezejavão não romper logo formalmente todos os laços com a autoridade central e suprema; e em um sofisma forão buscar meio de satisfazer o intento da sua rebeldia, e aparentar obediencia a essa autoridade.

Entre os Vice-prezidentes da provincia estava o nome do Dr. Marciano Pereira Ribeiro em quarto lugar na ordem da substituição; e este foi o individuo xamado por convite da Camara municipal para ser empossado da administração provincial, preteridos os trez nomes anteriores n'essa ordem de sucessão (Dr. Joaquim Vieira da Cunha, Dr. Rodrigo de Souza Silva Pontes, e Dr. Americo Cabral de Mélo); o que praticava-se sob pretesto de axarem-se estes fóra da capital, embora proximos.

O Vice-prezidente convidado entrava nos planos da sedição; prestou-se a aceitar o cargo, e immediatamente foi empossado no mesmo dia 21 de Setembro.

§ 17. O Vice-prezidente expedio oficio ás municipalidades da provincia, communicando aver assumido o governo pelo abandono do cargo por parte do Prezidente efetivo, e convidando-as a manter a paz publica. Para o Rio-pardo, onde avía receios de repulsa á sedição, foi Bento Gonçalves pessoalmente aquietar a agitação, e o conseguio.

Aonde xegavão as participações oficiaes do Vice-prezidente, ia sendo elle reconhecido como legitima autoridade, e

dentro de poucos dias era obedecido na maxima parte da provincia.

Só trez municipios recuzarão sugeição ao governo sediciozo, e dispozerão-se a continuar a obedecer á autoridade legitima. Estes municipios forão o da cidade do Rio-grande, e os das vilas de São Jozé do Norte, e Pelotas.

§ 18. O Prezidente Fernandes Braga, sahindo de Porto-alegre, axou ventos contrarios na Lagoa dos Patos, e só a 28 de Setembro pôde aportar á cidade do Rio-grande.

Procurou o delegado do governo imperial sustentar a sua autoridade : dirigio-se aos commandantes de corpos militares, e de corpos da guarda nacional ; mas faltarão-lhe com a devida obediencia.

O Commandante das armas Sebastião Barreto, então em Jaguari na fronteira do Livramento, e o Tenente-coronel João da Silva Tavares, percorrendo de Jaguarão a Bagé, tentarão manter a autoridade do Prezidente, esforçando-se por congregar forças para o restabelecimento do imperio da lei.

§ 19. Silva Tavares, que depois foi Barão do Sêrro-formozo, unido ao Major Manoel Marques de Souza, que depois morreo no posto de Tenente-general, elevado ao titulo de Conde de Porto-alegre, derrotou no dia 13 de Outubro de 1835 uma força insurgente, reunida nas margens do Arroio-grande, sob o mando do Capitão do exercito Manoel Antunes, cunhado de Bento Gonçalves. O combate foi rapido : os legalistas tiverão 2 mortos ; os insurgentes perderão mais de 40 soldados, alem de 8 prizioneiros, e seo armamento.

Este combate deo brados na provincia.

O Prezidente Fernandes Braga considerou-o termo da sedição, e augurava a proxima terminação d'ella com o

regresso da provincia inteira ao dominio da lei; os insurgentes só virão n'esse acontecimento mais um meio de inflamar os animos e concitar a agitação ante o espetaculo dos cadaveres e do sangue, obra (dizião elles) de um governo fratricida, dezumano, e cruel, que se não apiedava dos males da patria.

§ 20. O Vice-prezidente no entretanto suspendia o Marexal Sebastião Barreto do commando das armas, nomeava para o substituir interinamente o Major João Manoel de Lima, e enviava para São Jozé do Norte o Coronel Onofre Pires com uma força de 100 praças, e para a cidade do Rio-grande o Coronel Bento Gonçalves com a missão de expelir da provincia o despota delegado do governo central.

Depois do combate do Arroio-grande Onofre Pires xegava á vila de São Jozé do Norte, e Bento Gonçalves aproximava-se da cidade do Rio-grande, a' quem intimava para render-se.

§ 21. O Prezidente Fernandes Braga tinha comsigo no porto da mesma cidade 4 ou 5 embarcações de guerra com deminuta força; o Commandante das armas Sebastião Barreto, abandonado por parte da força que tinha, buscára refugio na republica vizinha do Uruguai, indo para Montevidéo; o Tenente-coronel Silva Tavares, encontrando-se com Antonio Neto, sob cujas ordens seguião 500 omens, debandára a sua pequena e cansada tropa.

A força militar da provincia constava, alem da pequena guarnição dos vazos de guerra, de um regimento de cavalaria, e de um batalhão de caçadores. Do primeiro era commandante Bento Gonçalves, oje xefe da sedição; do segundo era commandante o Major João Manoel, elevado a Commandante das armas interino pelo governo sediciozo.

A guarda nacional em geral era commandada por oficiaes aderentes á sedição; o exercito e a guarda nacional pois não obedecião ao Prezidente Fernandes Braga, e assim este rezolveo deixar a provincia, e partir para a capital do Imperio.

§ 22. Com efeito no dia 23 de Outubro de 1835 seguio para a côrte, onde xegou a 29 do mesmo mez, trazendo comsigo grande porção de papeis dos archivos publicos, 70 contos de réis em dinheiro dos cofres nacionaes, a maior parte dos empregados das repartições geraes, e algumas familias, que fugião ao incendio da revolução.

CAPITULO III

O Prezidente Fernandes Braga na côrte; nomeação de novo Prezidente para o Rio-grande do Sul.

§ 1. Emquanto taes movimentos ocorrião no sul do Imperio, procedia-se á eleição do Regenté unico na conformidade da recente refórma constitucional de 12 de Agosto de 1834. (*)

O voto nacional colocára n'esse eminente posto o cidadão Padre Diogo Feijó, o qual perante a Assembléa geral era empossado a 12 de Outubro de 1835, cessando assim o governo da Regencia permanente.

§ 2. O Prezidente Fernandes Braga xegava á côrte, quando

(*) Art. 26. Si o Imperador não tiver parente algum, que reuna as qualidades exigidas no art. 122 da Constituição, será o Imperio governado, durante a sua menoridade, por um Regente eletivo e temporario, cujo cargo durará 4 annos, renovando-se para este fim a eleição de 4 em 4 annos.

Art. 31. A atual Regencia governará até que tenha sido eleito, e tomado posse o Regente, de que trata o art. 26.

já o novo Regente exercitava a suprema autoridade. Ao governo fez ao mesmo Prezidente expozição das ultimas ocurrencias da provincia, cujo estado convulsivo atribuia á tibieza do governo central, que, pela condescendencia com o partido exaltado, contribuira para dar-lhe ouzadia e meios de ação; pois deixára nas mãos d'esse partido a força publica.

§ 3. O governo imperial, dominado sempre do dezejo de terminar a contenda por meios conciliatorios, fez seguir como Prezidente da provincia o Dr. Jozé de Araujo Ribeiro, natural d'ella, e ali relacionado por parentesco e amizades.

Esta escolha sobretudo podia aproveitar á cauza da pacificação, xamando a ella o Coronel Bento Manoel, parente, e consaguineo do novo Prezidente, o qual partio para o seo destino no brigue-barca *Sete de Setembro* sem força alguma armada, levando apenas como auxilio de sua comissão uma proclamação do governo geral, convidando os Rio-grandenses á concordia.

§ 4. Assás confiava o Regente na nomeação, que acabava de fazer, persuadido que, sendo o novo Prezidente filho do Rio-grande do Sul, ali bem conceituado, e já onorificado com o sufragio popular para reprezentar a sua terra natal no parlamento, dezarmaria prevenções, e xamaria os discolos ao gremio legal.

Tal era o pensamento d'esse acto do governo regencial, bem manifesto nas seguintes palavras da sobredita proclamação: Rio-grandenses o Prezidente, que se vos envia, é da confiança do governo, e igualmente tem merecido a vossa. Fiel aos principios de onra e ao dever, nos diversos cargos, que tem exercido, elle cooperará comvosco para salvar-nos de anarchia.

§ 5. O Regente contava com a pacificação da provincia mediante o emprego de meios brandos; e tanta era a

convicção do seo governo, que a essa proclamação fez seguir outra, datada de 4 de Dezembro de 1835, prometendo anistia aos sediciozos.

Ahi dizia o magistrado supremo da nação: Um só motivo pois poderá conservar-vos na pozição infeliz, em que vos colocastes... Voltae á devida obediencia ás autoridades legitimas, e longe de acreditardes nos que vos aterrão com a idéa de castigo e perseguições, confiae nas vistas paternaes do Regente em nome do Imperador.

Não podia o Regente, em virtude da lei de suas atribuições, (*) conceder anistia sem consenso da Assembléa geral: elle porêm obrigava-se a obter d'esta a necessaria autorização para a prometida anistia.

Todos estes esforços porêm tinhão de ser baldados, como vamos vêr.

CAPITULO IV

O Prezidente Araujo Ribeiro xega á provincia; questão sobre a sua posse; elle a toma na cidade do Rio-grande; luta com a sedição; capitulação de Pelotas; restauração de Porto-alegre; demissão d'Araujo Ribeiro; posse do Marexal Antonio Eliziario; nova nomeação d'Araujo Ribeiro; combate do Seival; combate do Fanfa; situação dos rebeldes.

§ 1. Xegado Araujo Ribeiro á cidade do Rio-grande a 6 de Novembro de 1835, dirigio-se a Pelotas, xamou Bento Gonçalves, então em Jaguarão, e tratou de persuadil-o a deixar o errado caminho até ali trilhado; como o julgasse convencido de idéas de conciliação e paz, proseguio em sua viagem para a capital da provincia pela Lagoa dos Patos, e ordenou a Bento Gonçalves, que para ali se

(*) Lei de 14 de Junho de 1831, art. 19 § 3°.

dirigisse por terra, afim de socegar os animos exaltados dos seos partidistas na campanha.

Bento Gonçalves xegou á capital, e acoroçoando surdamente os seos amigos, tratou de obstar a posse do novo delegado do governo central, que em Porto-alegre já se axava desde o dia 5 de Dezembro de 1835.

Preparadas as couzas, os Juizes de Paz da cidade de Porto-alegre e o da freguezia de Pedras-brancas, aprezentarão-se a 9 do dito mez ante a Assembléa provincial, que então funcionava, e devia dar posse ao Prezidente da provincia, e em nome do povo pedirão, que a posse fôsse adiada até solução do governo imperial, a quem ia o povo reprezentar.

A Assembléa provincial assim o rezolveo.

§ 2. Conheceo então Araujo Ribeiro a sua fraca pozição, e regressou á cidade do Rio-grande, contando que ali reuniria forças para manter-se, e fazer efetiva a posse do seo cargo prezidencial, mediante o apoio do partido legal, e sobretudo pela coadjuvação do seo parente e amigo o Coronel Bento Manoel, que, deixando a sedição, voltou á cauza legal.

Na cidade do Rio-grande Araujo Ribeiro encontrou apoio da população. O Capitão Procopio Gomes de Mélo reunio uma força de 500 omens, e as tres municipalidades do Rio-grande, São Jozé do Norte, e Pelotas reprezentarão ao mesmo Araujo Ribeiro para que assumisse o governo da provincia.

Bento Manoel, em São Gabriel, declara-se pelo novo Prezidente, e em ordem do dia mandou ás tropas imperiaes, que a este prestassem a devida obediencia como delegado do governo geral.

§ 3. N'esse documento, datado de 30 de Dezembro de 1835, dizia Bento Manoel: Tendo-se as Camaras municipaes

da cidade do Rio-grande e Pelotas e da vila de São Jozé do Norte dirigido oficialmente ao Commandante das armas, conjurando-o a que, em cumprimento de suas proclamações, salve a provincia dos males da anarchia, em que a pretende envolver um partido republicano, o qual tem xegado a dominar na Assembléa legislativa provincial, conseguindo obstar a posse do Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro da prezidencia da provincia, dando com este proceder o primeiro passo para desmembrar a provincia da associação brazileira, o Commandante das armas ordena a todos os militares da provincia, sugeitos ao seo commando, que reconheção ao mesmo Exmo Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro como o nosso legitimo Prezidente. »

§ 4. Araujo Ribeiro considerou-se assim fortificado, e perante a Camara municipal da cidade do Rio-grande empossou-se do seo cargo no dia 5 de Fevereiro de 1836.

Pouco era para tão extenso territorio, qual o da provincia, o dominio da autoridade legal sobre os trez supramencionados municipios: todavia a lei assim firmava uma baze de ação dentro d'esse territorio.

§ 5. O Prezidente communicou a sua posse á Assembléa provincial em Porto-alegre; mas esta em vez de aceitar o facto, o impugnou, declarou ilegal a posse, por ser tomada perante autoridade incompetente, e convidou o Prezidente para vir empossar-se perante a mesma Assembléa provincial.

Araujo Ribeiro conhecia, que o espirito de rebeldia só buscava pretesto para aparentar sugeição ao governo central, a quem o Vice-prezidente intruzo dirigia-se como legitima autoridade na provincia; por isso não satisfez o convite, e proseguio nos actos do seo governo.

§ 6. Então a Assembléa provincial, em 25 do dito mez de Fevereiro, proclamou á provincia para não obedecer ao

Prezidente, cuja posse reputava ilegal, e ordenou ao Vice-prezidente, que continuasse na gestão dos negocios da provincia, como legitimo administrador d'ella.

Travou-se pois o conflito, e a rebeldia, embora protestasse adezão ao governo central, não podia mais esconder os seos intentos.

Era manifesto o acto de excesso de atribuições da Assembléa provincial, e a violencia feita ás leis para manter-se o Vice-prezidente sediciozo.

De parte a parte reunião-se forças, e as ostilidades começavão por toda a parte.

§ 7. Em 8 de Abril de 1836 o Coronel da guarda nacional Albano d'Oliveira Bueno, rico fazendeiro, que oferecêra os seos serviços ao governo legal, e reunira uma força de pouco mais de 100 omen , foi desbaratado no Passo dos Negros por uma força de mais de 700 dessidentes, e ficando prèzo, é depois assassinado em viagem para Porto-alegre, dando-se por motivo d'esse acto de cobardia e deslealdade o ser elle paizano, e bater-se por espontanea deliberação, e não por obrigação,como oficial de fileira.

Em 25 do mesmo mez o Major Manoel Marques foi forçado a render-se em Pelotas ante a força commandada pelo Major João Manoel, Commandante das armas interino de nomeação do Vice-prezidente rebelde.

Estes dous factos derão em rezultado a perda para o governo legal da obediencia no municipio de Pelotas, ficando a sua autoridade reduzida somente á cidade do Rio-grande, e á vila de São Jozé do Norte.

Em Mostardas e no passo do Rozario derão-se pequenos conflitos, em que aliás derramou-se sangue de alguns cidadãos.

§ 8. O governo geral acabava de determinar, que a capital da provincia fosse provizoriamente a cidade do

Rio-grande, passando para ahi as repartições de fazenda, isto é, a Tezouraria, e a Alfandega.

Tal providencia dava golpe sensivel no governo sediciozo; pois ficava elle privado de receber em Porto-alegre os generos do commercio exterior, que entravão pela barra da cidade do Rio-grande; sofrendo igual privação a maior parte da provincia.

Cessou tambem com Porto-alegre toda a correspondencia por via dos correios publicos.

§ 9. Emquanto todas essas couzas se passavão, Bento Manoel, tendo tomado francamente o partido do governo legal, auxiliava eficazmente a reação na provincia com a influencia, de que gozava no exercito, e entre os seos amigos. A sedição ia receber golpes profundos, que poderião ter sido decizivos e terminantes, si fossem acompanhados de actos de energica perseguição á rebeldia.

O Major Manoel Marques, prizioneiro em Pelotas, e remetido para a cidade de Porto-alegre, ahi consegue induzir alguns camaradas, e auxiliado pelo Marexal Gaspar Mena, levanta a guarnição da mesma cidade, prende o Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira, e assim restaura-se a capital da provincia á obediencia legal no dia 15 de Junho de 1836.

§ 10. A sedição conheceo a importancia d'este revez; por isso acudio logo Bento Gonçalves com as forças, de que pôde dispôr, e veio intimar Porto-alegre a render-se, ameaçando de a tomar de assalto.

Desprezadas as suas ameaças, investio elle contra a praça a 30 do referido mez de Junho; mas esta, defendida pelo sobredito Marexal Gaspar Mena, manteve-se fiel ao governo legal, e as forças rebeldes, que atacarão por terra e pela bahia do Guahiba, forão repelidas.

§ 11. Os rebeldes, perdendo a capital, a conservarão em

estado de sitio : dominavão o territorio circumvizinho, e tinhão fexada a communicação por agua, porque avião levantado em Itapuan uma bateria guarnecida de artilharia, e assim empedião a navegação dos seos contrarios, que não podião passar da Lagoa dos Patos á bahia do Guahiba para ter acesso a Porto-alegre.

Posteriormente foi esta bateria tomada por João Pascoe Greenfel, o qual a atacou com a sua esquadrilha em 6 de Agosto de 1836, de combinação com as forças terrestres ao mando do Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha.

A rezistencia foi tenaz, e a tomada da bateria realizou-se depois de varias mortes de uma e outra parte.

Este sucesso abrio a communicação de Porto-alegre com a cidade do Rio-grande, séde provizoria do governo provincial.

§ 12. Mal acabava de dar-se o importante facto da restauração da capital da provincia, começando assim a produzir rezultados a reação promovida pelos amigos do Prezidente Araujo Ribeiro, quando xega novo Prezidente nomeado pelo governo imperial, que, inquieto com a tardança da restauração da provincia, julgára dever apressal-a, enviando um oficial veterano, que operasse façanhas militares. O novo eleito era o Marexal Antonio Eliziario de Miranda Brito.

Aportando elle á cidade do Rio-grande, a respectiva Camara municipal pedio-lhe para sustar a sua posse, até que o governo imperial rezolvesse sobre uma reprezentação, em que impetrava-se a continuação de Araujo Ribeiro na prezidencia.

Não obstante isto o Marexal, alegando só ter por dever cumprir ordens superiores, tomou posse do seo cargo a 4 de Julho de 1836; mas efemera foi a sua admnistração, a qual findou a 20 do mesmo mez.

A reprezentação da sobredita Camara municipal foi enviada á côrte em mão do Dr. Joaquim Vieira da Cunha, e o governo regencial, sabedor de quanto ocorria no Rio-grande do Sul, novamente nomeou Araujo Ribeiro para a prezidencia da provincia; cargo de que tomou posse em 24 de Julho acima dito.

§ 13. Silva Tavares, que em fins do anno precedente avia debandado as suas forças, emigrando então para o estado do Uruguai, tinha d'ali regressado, e agora de novo reunia tropas para empreender alguma importante façanha.

No entretanto é acommetido nas margens do Seival por forças sob o mando de Antonio Neto, o qual derrota aquele paladino da cauza legal, cujas forças então montavão a 560 praças.

Estas forças tiverão no combate a sensivel perda de 180 mortos, 116 prizioneiros, e 60 feridos. Os adversarios sofrerão insignificantes perdas em suas fileiras.

Este sucesso realizou-se no dia 10 de Setembro de 1836, e foi considerado na rebeldia como um dos seos mais gloriozos feitos.

§ 14. Ao revez sofrido pela sedição com a restauração de Porto-alegre, e não compensado pelo combate do Seival, outro infortunio devia sobrevir-lhe mais fatal com a perda do combate do Fanfa, pequena ilha do rio Jacuhi, situada entre aquela cidade e a vila do Rio-pardo.

N'esse lugar Bento Manoel, já então nomeado Commandante das armas pelo governo imperial, pelejou contra Bento Gonçalves, com mandante em xefe das forças sediciozas.

As tropas imperiaes constavão de perto de 1.000 praças de infantaria e cavalaria, coadjuvadas pela marinhagem de 5 canhoneiras sob o commando do xefe de esquadra João

Pascoe Greenfel, e as forças sediciozas constavão de 1.100 praças de diversas armas com trez peças de campanha.

Alem d'este numero das forças sediciozas, que tomarão parte no combate, avía mais 400 praças sob o commando do Capitão Domingos Crecencio, que pela interpozição de aguas do rio Jacuhi, não pôde entrar na luta.

A vitoria das forças imperiaes foi completa. Ellas tiverão a perda de 40 mortos, e alguns feridos. Os rebeldes perderão mais de 120 mortos, alem de muitos feridos, e tomarão-se-lhes 15 peças de artilharia de diversos calibres. Os prizioneiros feitos pelos imperialistas montarão a 500.

Entre esses prizioneiros estavão Bento Gonçalves, xefe da sedição, e Onofre Pires, um dos seos mais esforçados propugnadores.

§ 15. Tão assinalada vitoria foi considerada como termo da luta, na qual a sedição, assim abatida, não poderia proseguir.

O governo provincial anunciou-a como triunfo definitivo contra a rebeldia, e o governo geral, satisfeito e xeio de lizongeiras esperanças, remunerou o vencedor do Fanfa com o posto de Brigadeiro por decreto de 14 Novembro de 1836.

No combate do Fanfa a derrota dos rebeldes, foi rezultado da perda, que estes sofrião nas suas fileiras pelo fogo inimigo, e da prespectiva de total aniquilamento d'ellas em razão da desvantagem do local, em que ficarão situados, tendo por um lado o acommetimento das tropas de Bento Manoel por terra, e por outro a agresão da força naval, sob o mando de João Pascoe Greenfel.

§ 16. A necessidade de salvar as vidas forçou Bento Gonçalves a depôr as armas, e render-se: todavia por mais patente que fosse similhante circunstancia, algum tempo depois

os rebeldes intentarão demonstrar, que não se renderão vencidos, mas entregarão-se por efeito de propozital capitulação, a que accedeo o xefe sediciozo no intuito de poupar sangue, e iniciar a obra da conciliação.

Quando o governo imperial conservou nos carceres os prizioneiros, gritarão serem trahidos, e vitimas da sua boa fé e patriotismo.

§ 17. Embora os rebeldes tenhão insistentemente recriminado os seos adversarios como desleaes e faltos de justiça para com os prizioneiros do Fanfa, nunca exhibirão provas, que tornassem dignas de credito as suas censuras.

Poderia o governo imperial anistiar os prizioneiros; consideral-os porêm izentos de culpa em virtude de uma capitulação, não era possivel, quando esse mesmo governo tratava de reduzir á obediencia suditos levantados: capitulação pois não podia existir.

A capitulação, jámais provada por documento, foi argumento dos vencidos para encobrir o dezastre, e atenuar na opinião da provincia os naturaes efeitos d'elle em descredito do movimento revolucionario.

§ 18. O primeiro efeito da derrota foi certa estupefacção da parte dos sediciozos: destroçada a sua principal força, perdidos os seos mais valiozos elementos belicos, aprizionado o seo xefe mais conspicuo, elles vião suplantada a sua cauza; todavia passado o repentino espanto e sobresalto cuidarão de reanimar os seos meios de ação.

Era urgente dar centro ás suas forças militares; assim pois novo xefe d'essas mesmas forças foi logo constituido.

O Major João Manoel, Commandante das armas rebeldes, não julgou suficiente este titulo para suceder na direção suprema do exercito sediciozo; fez-se eleger pelas tropas commandante em xefe d'ellas, e no 1º de Novembro de 1836 publicava em ordem do dia a sua eleição.

§ 19. Ao passo que esta nomeação annunciava-se, declarando a existencia de um xefe militar para a continuação da luta, Antonio Neto proclamava aos seos soldados, annunciando-lhes o infortunio do Fanfa, e animando-os á vitoria.

Em ordem do dia de 30 de Outubro do sobredito anno dirigia elle aos seos sequazes estas palavras: O revés, que soíremos é grande; mas é um só no circulo de tantos triunfos; redobrae vosso valor, e venceremos!

CAPITULO V

Proclamação da republica em Piratinin; organização interna pela eleição prezidencial; aceitação do novo governo pela população rebelde; juizo dos adversarios da republica sobre ella.

§ 1. A sedição durava, avía um anno. Começada em 20 de Setembro de 1835 na cidade capital da provincia, terminava em 4 de Outubro de 1836 na desconhecida ilha do Fanfa.

Findava com efeito ali a sedição para erguer-se em franca rebeldia, e combater, não em nome de um partido interno adverso a outro, mas em nome de um principio politico contrario ao principio cardeal da organização social brazileira.

Ao findar a sedição, o seo primeiro anno de existencia, o seo Vice-prezidente intruzo, o Dr. Marciano Pereira, arrancado do cargo em 15 de Junho, avía sido remetido prezo com mais 6 sequazes seos para a côrte do Imperio, e agora seguia para as prizões da mesma côrte o xefe da sedição Bento Gonçalves com alguns dos seos principaes fautores.

Quando pois tudo indicava o termo da dezobediencia, e o restabelecimento da ordem legal na provincia, eis que surge o acto mais importante d'esse drama, passando de sedição a rebeldia, para constituir a epoca mais notavel da guerra civil.

§ 2. A guerra civil rio-grandense oferece dous periodos bem distintos: um desde 20 de Setembro de 1835 até 4 de Outubro de 1836, e outro desde 6 de Novembro seguinte até 1 de Março de 1845.

No primeiro periodo um partido politico do Imperio pretendeo suplantar o outro, fingindo sugeição ao governo central; a guerra então era entre cidadãos: no segundo periodo dezapareceo a idéa de submissão a esse governo, e então a guerra figurou-se de estado contra estado; já não tremulava nos dous campos a mesma bandeira, porêm sim pavilhões diversos; ao pendão auri-verde do Imperio contrapunha-se o pendão tricolor da Republica.

§ 4. Prezo Bento Gonçalves, e prezo Onofre Pires, um xefe, e outro forte sustentaculo do movimento sediciozo, restavão comtudo alguns dos principaes caudilhos da sedição.

Jozé Gomes, Antonio Neto, João Manoel, Domingos Crecencio, David Canabarro, e João Antonio existião ainda, e dirigião forças, e tinhão sequéla.

O momento era supremo: ou debandar essas forças, e e entregar-se ao vencedor, ou tentar um golpe de audacia, que aparentasse vitalidade.

Até a epoca da prizão do Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira, tinhão os sidiciozos o especiozo pretesto de obediencia ás ordens de uma autoridade legal, qual era esse mesmo Vice-prezidente, que proclamava em nome das leis do Imperio, e impugnava o procedimento do Prezidente efetivo como violador d'ellas pela recuza do juramento e

posse ante a Assembléa provincial, a quem a lei incumbia essa função.

D'ahi por diante porêm o pretesto dezaparecia; cumpria pois obedecer á logica, ou lançar-se nas vias da revolução.

§ 5. Depois da restituição de Porto-alegre ao dominio legal, Bento Gonçalves estabelecera a séde do movimento sediciozo na capéla de Viamão, e ali se mantivera com forças, ameaçando sempre a capital, e expedindo d'ali as suas ordens, até que, atravessando o rio Cahi para alcançar a campanha, fôra encontrar-se com a derrota no Fanfa.

Os sobreditos caudilhos reunem-se agora em Piratinin, declarão a provincia do Rio-grande do Sul separada da communhão brazileira, e proclamão o governo republicano.

Assim ergue-se a republica rio-grandense, e ostenta-se entre os estados independentes da Terra. Embora ouvesse mais aparencias do que realidade n'este novo estado, é todavia certo, que fez-se ensaio efetivo de governo independente.

§ 6. Em 12 de Setembro de 1836 Antonio Neto, á frente do seo regimento, acampado nas costas do Jaguarão, proclama a separação da provincia, e decreta a republica.

Foi o primeiro brado franco e claro da rebeldia: era tambem a demonstração clara e evidente da origem militar do sistema, que se inaugurava. Um caudilho militar entre os seos soldados efetuava a obra, que devia ser dos cidadãos.

A 20 do mesmo mez, e em seguimento a esse facto, a Camara municipal da vila de Jaguarão reune-se, e delibera fazer publica no municipio a deliberação da maioria da provincia a respeito de ficar desligada da familia brazileira, instituindo um governo republicano, e pedir a Bento Gonçalves queira dirigir interinamente o leme do governo do estado como xefe d'elle, e protetor da republica, devendo marcar dia para a eleição de uma assembléa constituinte.

Estes actos servirão de prodromo á inauguração definitiva de governo republicano em Piratinin.

§ 7. A 6 de Novembro de 1836 congregou-se a Camara municipal de Piratinin por provocação de um oficio do Commandante das armas das forças rebeldes o Major João Manoel, o qual convidava essa corporação popular a dar vida e movimento á republica, já militarmente proclamada nas margens do Jaguarão por Antonio Neto, á frente do seo regimento de cavalaria, e aceita pela municipalidade da vila do mesmo nome, como acima fica dito.

A esta sena militar, reprezentada nas adjacencias do nosso limite austral com o estado do Uruguai, cumpria dar carater civico; e para isso os Vereadores de um pequeno municipio a exornarão com a pompoza qualificação de deliberação da maioria da provincia, aceitarão o facto, e repetirão a sena, que então, modificada pela intervenção dos reprezentantes do municipio, tomava feições populares.

§ 8. Buscando Antonio Neto as margens de apoucado rio limitrofe para ali soltar o primeiro brado separatista, parece ter querido assim inspirar-se ante o aspecto das republicanas terras, que no vizinho estado lhe frente-avão.

A briza, que soprava do sul, entibiava-lhe o sentimento monarchico, e acendia-lhe no peito o fogo republicano. Cumpria com efeito despertar em si idéas novas, e cobrar esforço extranho para desprender-se da avita e grandioza nacionalidade, que ia deixar; era o gelido frio dos pampas, que entorpecia as pulsações do coração do caudilho pelo imponente Brazil, consentindo na troca d'esta nobre patria por mingoado fragmento d'ella; era o gelido frio dos pampas, que lhe arrefecia o patriotismo, tolerando a perda do onorifico nome do Brazileiro para

o substituir pela simples denominação de Rio-grandense, debilitada imagem do nosso fulgurantissimo brazão.

Quanto perde o Brazileiro erguendo o brado desconsolador da dezunião!

§ 9. Na nossa extrema fronteira meridional levantou-se o pendão, que com o distico democratico devia avançar para o norte, transpôr toda a provincia do Rio-grande do Sul, e ir campear na Laguna, territorio de alheia provincia; este pendão era diverso do nosso auri-verde emblema nacional; este pendão procurava retalhar o Brazil, e a Providencia, que o quer grande, negou vitoria aos discolos, porque não consentirá, que o Brazil, fadado á grandeza na America e no mundo, perca nem uma só das estrêlas da sua constelação.

Não sirva jámais a democracia para amesquinhar a patria: e quando o povo, abilitado pelo ensino e dignificado pela moral, souber dirigir a propria força, surja então para engrandecel-a e nobilital-a, sem retalhamento do territorio.

Em qualquer sistema politico, a patria póde subzistir de sul ao norte sem solução de continuidade: será esse o titulo de legitimidade de qualquer alteração de sistema politico.

§ 10. Os Vereadores de Piratinin, os xefes rebeldes ali congregados, e as suas tropas immediatamente procederão á eleição de Prezidente, e Vice-prezidente da republica.

Recolhida e apurada a votação, sahirão eleitos: Prezidente da republica o Coronel Bento Gonçalves da Silva, e Vice-prezidentes: Paulo Antonio da Fontoura, o Coronel Jozé Mariano de Matos, o Coronel Domingos Jozé d'Almeida, e Ignacio Jozé d'Oliveira Gomes.

Bento Gonçalves, derrotado e prezo no combate do Fanfa, não podia assumir o governo; elegeo-se por isso outro Prezidente, que governasse durante o impedimento do efetivo.

Assim ficava quazi sem valor a nomeação dos Vice-prezidentes; mas o intento dos revolucionarios era, dando ao seo xefe Bento Gonçalves prova de dedicação e confiança, terem á frente do seo governo um funcionario efetivo e não um agente provizorio; por isso colocarão no cargo prezidencial um cidadão notavel e conceituado entre os seos compatriotas, qual era o notavel estancieiro Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim, que foi o eleito.

A nomeação dos Vice-prezidentes satisfazia vaidades e aspirações de individuos, que buscavão distinguir-se por seo zêlo em favor da nova cauza.

§ 11. A primeira eleição constituitiva da nacente republica era evidentemente defeituoza pela falta de concurso popular. Os Vereadores do municipio de Piratinin, os apregoados xefes da rebelião, e seos soldados fôrão os eleitores n'este singular comicio e poucos votos. Na acta respectiva nem ao menos menciona-se o numero dos sufragios concorrentes a esta importantissima eleição: tão limitados erão elles!

D'ahi podemos ver qual a legitimade da eleição: todavia ella justificava-se ante as circunstancias da epoca.

§ 12. A rebeldia não tinha o dominio da provincia; vivia em continuo sobresalto, porque a todo o momento podia ser investida pelas tropas legaes, e ser forçada a correr de uma para outra localidade: assim a eleição foi realmente aquela que era possivel fazer, dada a imprescendivel necessidade de fazel-a.

Para a rebeldia não avia quietação, nem tempo para comicios geraes e numerozos: a eleição pois, si não teve a legitimidade pelo concurso popular no acto de sua realização, teve-a todavia depois pela subsequente aceitação da parte rebelada da população da provincia. Assim corrigida ficou o defeito da fórma.

Os municipios, onde dominavão forças rebeldes, e omens notaveis da opinião anti-imperialista, aderirão á eleição, e com manifestações de entuziasmo a preconizarão.

A população rebelada mostrou-se satisfeita ; porque julgou vêr n'esse artefacto governativo penhores de triunfo para a cauza novamente espozada.

§ 13. Ao passo que os recentes repub licanos entuziasmavão-se pela constituição do seo centro diretor, apregoando as maravilhas do patriotismo, os imperia listas desdenhavão do governo rebelde, redicularizavão as apregoadas façanhas do novo sistema politico, e vituperavão os individuos.

Os adversarios da rebeldia alcunhavão, por desprezo, a administração republicana de *governixo*, aos partidistas da republica denominavão *farrapos*, e a esta intitulavão *republica de Piratinin;* querendo inculcar pelo nome de uma pequena vila da provincia a insignificancia da nova organização politica.

A imprensa legalista, apreciando a inopinada proclamação da republica em Piratinin, dizia: Foi este pobre velho Jozé Gomes junto com o quadrupede Onofre Pires, quem os sediciozos axarão com mais aptidão para encarregal-os da abertura da revoltant sena da sua rebelião, quando em Setembro do anno passado, sob pretesto de expulsarem o Prezidente Fernandes Braga, se apoderarão d'elle, para depois irem gradatim conduzindo agua ao seo moinho. (*)

§ 14. A autoridade prezidencial era ilimitada e indefinida. A sua amplidão podemos depreender da acta eleitoral: a Camara municipal de Piratinin foi a arbitra suprema, que outorgou poderes, e estatuio as condições do novo poder.

N'essa acta se diz: O Vereador prezidente em nome

(*) *Gazeta Mercantil* de Porto-alegre, de 21 de Dezembro de 1836.

da Camara municipal fez vêr aos espectadores, que n'esta ocazião se ia proceder á eleição de Prezidente e Vice-prezidente da republica constitucional, cumprindo ao mesmo convocar, logo que o permitão as circunstancias, uma assembléa geral e constituinte da republica rio-grandense, para formar a constituição da republica, em cujo seio depozitará os poderes, que lhe são delegados, e governará finalmente este estado pelas leis em vigor, em tudo aquilo que for compativel com as nossas circunstancias e estado de revolução, em que nos axamos.

Eis o primordio e fundação d'esse poder arbitrario, com que a republica ia governar-se!

Veremos depois como e quando foi convocada essa assembléa constituinte, e porque fórma forão depostos esses poderes delegados, exercidos em todo o curso da revolução com sumo arbitrio, escudado na força do sabre e da baioneta.

§ 15. Apenas eleito o Prezidente da republica, em acto continuo foi empossado do cargo o cidadão Jozé Gomes, o qual entrou logo em via de organização social interna.

Armado de todos os poderes, tudo podia emprehender como legislador da nova associação politica.

CAPITULO VI

Organização da governança republicana; ministerio; finanças; exercito; administração civil e judiciaria; reprezentação externa; negocios religiozos.

§ 1. Creada a republica, cumpria dar orgãos de movimento ao novo corpo social: constituio-se pois a sua administração politica e civil.

Organizou-se o funcionalismo; e tudo fez-se á imitação

do q e existia no Imperio, de que desligava-se a pretensa nacionalidade rio-grandense.

As leis do Imperio do Brazil forão aceitas para regular todas as relações sociaes, conforme permitissem as condições do novo sistema governativo: assim o estatuira a acta da eleição prezidencial de Piratinin, na qual ficara formulada a norma de procedimento do governo ali inaugurado.

A Constituição politica do Brazil, e suas leis devião manter n'esse estado novel as condições de ordem e de justiça. Proclamada a existencia de uma associação nova, nova devia ser a legislação: na impossibilidade de construil-a de um j cto, nenhum outro alvitre sensato averia sinão o que foi adoptado, isto , aceitar o novo corpo social como legislação provizoria as leis do paiz, de que se desprendia.

§ 2. A identidade de ábitos, e de condição civil assim o aconselhavão; e os republicanos rio-grandenses assim procedendo seguião o exemplo dos Brazileiros, que, ao separarem-se de Portugal, aceitarão a legislação, porque região-se sob o dominio da metropole européa, feitas as modificações politicas exigidas pela alteração da forma de governo.

Si os Brazileiros, passando do regimen despotico para o regimen de liberdade, podérão viver sob as normas das leis portuguezas, entenderão os Rio-grandenses, que, passando de monarchia a republica, podião reger-se pelas leis brazileiras, emquanto não lhes era possivel congregar-se em assembléas reprezentativas para legislar sobre a sua nova condição politica e civil.

Portanto a republica rio-grandense começou, tendo por leis os codigos, os decretos, e os avizos do Imperio do Brazil, como nós, ao iniciar a nossa vida politica, tivemos por leis as ordenações do reino, os alvarás, e as cartas regias de Portugal.

§ 3. Na parte politica a republica de Piratinin creou ministros responsaveis, formando 6 ministerios, por onde o poder supremo exercitasse as suas atribuições.

O decreto de 6 de Novembro de 1836 estabeleceo as seguintes repartições ministeriaes: do interior, do exterior, da fazenda, da justiça, da guerra, e da marinha.

Nomearão-se logo os respectivos ministros de estado.

Para a repartição do interior foi nomeado o cidadão Domingos Jozé d'Almeida, encarregado interinamente da pasta da fazenda.

Para a repartição da justiça foi nomeado o cidadão Jozé Pinheiro d'Ulhoa Cintra, encarregado interinamente da pasta de extrangeiros.

Para a repartição da guerra foi nomeado o Coronel Jozé Mariano de Matos, encarregado interinamente da pasta da marinha.

§ 4. Durante o curso da existencia da republica realizarão-se repetidas mudanças de pessoal no ministerio, mas conservou-se sempre esta reunião das pastas no individuo nomeado ministro.

Por mais de uma vez um só individuo acumulou 4 pastas, constando então o ministerio apenas de 2 pessoas, indicio manifesto do pequeno movimento dos negocios, que não fossem os da guerra.

§ 5. Convem observar, que os documentos da republica denuncião, que entre os ministros d'ella, nenhum trabalhou tanto na organização interna dos serviços publicos como Domingos d'Almeida, o primeiro ministro do interior e da fazenda.

Foi elle quem elaborou eficazmente na organização das finanças da republica, e conseguio, que ella xegasse ao ponto de manter, si não um sistema fiscal, ao menos a efetiva arrecadação de tributos, com que formou-se certo capital para as despezas de uma administração publica.

No segundo anno da existencia da republica, esta só com o exercito despendeo em um semestre 300:000$000.

§ 6. Creou-se uma repartição fiscal com o titulo de Tezouro publico, e regulou-se a arredação dos impostos.

Esta repartição fiscal dirigida, á similhança do Tezouro Nacional do Brazil, pelo ministro da fazenda, tinha um contador e escriturarios para o seo movimento interno, e servia-se de coletores municipaes para a arrecadação das rendas publicas.

Sistematizou-se o pagamento dos funcionarios publicos, fundou-se a divida da republica, e determinou-se o modo de prover as despezas do exercito, e supril-o em suas necessidades emquanto a viveres, fardamento, e munições belicas.

§ 7. O exercito republicano foi organizado com promoções, e os principaes fautores da rebeldia tiverão postos e commandos.

Antonio Neto, David Canabarro, e João Antonio forão creados generaes da republica; outros caudilhos receberão postos militares nas diversas graduações.

§ 8. O exercito republicano ou rebelde tinha então por elemento permanente de força a tropa de linha, que dezertára com os oficiaes sediciozos, que abandonarão as fileiras legaes na ocazião da sedição de Porto-alegre, e expulsão do Prezidente Fernandes Braga; agora a republica adicionava esta força permanente, organizando o batalhão, que denominou de lanceiros, composto dos escravos, que por violencia os rebeldes arrebatavão das estancias dos legalistas, ou que voluntariamente procuravão os estandartes da rebeldia, convidados pela esperança da libertação, ou que compravão aos possuidores amigos do governo republicano.

De trez fontes pois provinhão os escravos alistados no

exercito rebelde: extorsão aos adversarios, convenção com amigos, convite ao oprimido! Foi o primeiro meio, que trouxe ás armas da rebeldia o maior numero de escravos.

A tropa de linha dezertora, e a escravatura alistada nos pendões republicanos nunca poderão constituir força numeroza: a provincia do Rio-grande do Sul não possuia escravos em numero avultado; do contrario na escravidão axarião os rebeldes poderozo auxilio para manter a cauza, que elles denominavão da liberdade.

§ 9. O exercito republicano não conseguio então formar uma força permanente de mais de 700 a 1.000 soldados.

O elemento inconstante de forças do exercito republicano consistia na guarda nacional, que dava contingente variavel, e sempre fugaz. Reunia-se nas vesperas dos combates ou dos assaltos, e dispersava-se depois.

Assim a rebeldia contava com essa força, sem os encargos de despeza persistente, que os tezouros da republica não suportarião.

Com este elemento movel varias vezes a republica xegou a aprezentar um corpo de exercito de mais de 4.000 omens.

§ 10. Emquanto ao seo armamento o exercito rebelde não tinha abundante suprimento: possuia as armas, com que os dezertores passarão da legalidade para a cauza rebelde, e por Montevidéo abastecia-se de quantas podia comprar. Nos seos trens de guerra possuio perto de 20 bocas de fogo, em geral adqueridas por tomadia aos seos adver arios.

Na marinha nunca a republica conseguio armar sinão lanxas, e pequenos vazos, que não podião competir com as embarcações de guerra do Imperio.

§ 11. A administração da justiça, por isso que é a parte do governo social, que menos sofre nas suas formas com as mudanças politicas, continuou na republica, como era dantes no Imperio, a cargo das autoridades civis estabelecidas

pelas leis anteriores, devendo os negocios seguir os mesmos processos.

Assim os Juizes de Paz, os Juizes-municipaes, e os Juizes de Direito no civel e no crime funcionavão como d'antes; os Jurados porêm, especialmente incumbidos das cauzas criminaes, não podérão jámais exercitar a justiça popular, essa eficaz barreira do povo contra a tirania; porque durante o periodo republicano a espada preenxeo todas as funções sociaes no meio da convulsão da guerra.

§ 12. Emquanto ao civel póde dizer-se, que na republica rio-grandense a justiça estava truncada; pois que, tendo tribunaes de primeira instancia, não os tinha de segunda.

Levantado o brado de separação da communhão brazileira, a republica jámais teve oportunidade de organizar-se civilmente; aproveitou as justiças territoriaes, porque as tinha em seo seio; os tribunaes judiciarios superiores, como a Relação e o Supremo Tribunal de Justiça, estavão fóra do seo territorio; a justiça de segunda instancia pois não era administrada na republica dos farrapos: o que significa, que por 10 annos grande parte da provincia do Rio-grande do Sul viveo sem justiça, e por consequencia sem a efetividade do direito.

E assim foi, porque o braço militar de tudo ali decidia.

§ 13. Relativamente á justiça de primeira instancia na republica, cumpre fazer reparo grave, e vem a ser, que o poder ditatorial d'ella não quiz deixar de pôr patente o antagonismo da toga e da espada.

Este poder, admitindo no territorio de seo dominio a justiça creada pelas leis brazileiras, a aceitou como essas leis a tinhão estabelecido; teve porêm logo o cuidado de suprimir a vitaliciedade do magistrado, deixando no demais intacto o poder judicial.

Os Juizes de Direito, que pelo nosso regimen constitucional são perpetuos, passarão na republica a ser temporarios: prova concludente de que não pode aver despotismo, onde ha magistratura; por isso é o primeiro cuidado dos tiranos suprimir o tribunal, ou tornar dependente o magistrado. Dispor da pessoa do juiz é dispor da justiça; e o militarismo do Rio-grande do Sul, como poder despotico, não ignorou esta maxima cardeal da tirania.

§ 14. O militar tanto se espanta, e se inquieta com o obstaculo legal, que lhe detem a vontade, quanto se escandaliza a magistratura com o golpe da espada, que despedaça o preceito do direito.

O magistrado abitúa-se ao respeito á lei, e pensa, que sem a exacta observancia d'esta a ordem social perecerá; o militar acostuma-se á obra da violencia, e crê, que sem o córte do gladio a sociedade não axará sahida no emmaranhado caminho da vida.

Um confia nas formulas, que retardão; o outro so acredita na violencia, que se não detem.

A sociedade preciza de ambos, por que ao acto deve preceder a meditação, e a esta seguir-se o facto.

§ 15. Alem d'essas providencias mais immediatamente connexas com as condições de vida da republica, outras ouverão de mero efeito politico.

Assim vemos, que o governo republicano decretou as condições de nacionalidade para o cidadão rio-grandense, figurou o tope nacional, e formulou o juramento civico.

Pelo juramento civico o cidadão da republica obrigava-se a manter a religião catolica apostolica romana, a sustentar a independencia e indivizibilidade da republica constitucional rio-grandense, a observar as leis do novo estado, e provizoriamente a constituição e leis do Brazil, em tudo quanto fosse compativel com as circunstancias

da nova nacionalidade, e a cumprir as ordens do governo.

O tope nacional era de fórma circular, contendo trez cores, verde, encarnada, e amaréla. Esta formava um botão central, e aquelas orlavão este botão em dous circulos concentricos.

Estas trez côres, que os republicanos rio-grandenses apelidavão as trez côres nacionaes, enfeitavão o pendão republicano, com que guiavão suas óstes aos combates, e sob o qual julgavão ter creado uma nacionalidade.

§ 16. Era cidadão rio-grandense todo aquele que, nacido na provincia do Rio-grande do Sul, adería á cauza da republica ; aquele porêm que não contribuisse com sua pessoa e bens em prol da cauza da republica, e que d'ella se auzentasse para não servil-a, perderia para sempre o direito ao fôro de cidadão do novo estado.

Emquanto á nacionalização, tornavão-se cidadãos da republica todos os estrangeiros, que trabalhassem na defeza da liberdade, independencia, e prosperidade da mesma republica, provando :

1°. Constancia e permanencia continuada por mais de um anno no serviço do exercito, marinha, ou commando militar

2°. Rezidencia definitiva no territorio da republica

3°. A introdução de objétos belicos, munição, e aparelho do exercito, e de qualquer genero de industria

4°. A posse na republica de capital de 4:000$000 de réis em estabelecimento industrial ou commercial, ou o exercicio de alguma profissão util, ou qualquer genero onesto de vida

5°. Cazamento com cidadôa rio-grandense, ou adoção de um Rio-grandense de qualquer dos sexos

6°. Conhecimentos indispensaveis pará o magisterio das universidades, licêos, academias, ou cursos juridicos da republica.

§ 17. D'essas condições vê-se quão liberalizada era a nacionalização oferecida pelo novo estado: a rezidencia, a fortuna, os serviços militares, a profissão industrial, o commercio, as letras, tudo emfim abria caminho pronto e expedito á cidadania rio-grandense. O decreto, que firmou as supramencionadas condições de nacionalização, encerrava ilimitado convite ao extrangeiro para adquerir patria nova.

Tão benevolo convite porêm não teve correspondente aceitação ; porque a republica, a troco de tanta facilidade em receber cidadãos, apenas oferecia as atribulações e os perigos da guerra.

§ 18. A republica rio-grandense cuidou tambem dos negocios exteriores ; procurou pois entabolar relações diplomaticas com as potencias soberanas.

Nenhuma d'ellas reconheceo a nova nacionalidade ; apenas as republicas do Prata, e sobretudo a republica do Uruguai, mantinhão com os xefes da rebeldia relações não oficiaes, dando e recebendo auxilios clandestinos, em virtude de convenções secretas, cuja existencia, embora transparente, sempre negarão.

O governo republicano de Piratinin julgou todavia possivel manter tranzações ostensivas com o Paraguai, e ao ditador d'essa republica enviou um ministro plenipotenciario.

§ 19. Recahio a nomeação no cidadão Antonio Manoel Correia da Camara, cuja partida para o seo destino foi com estrepito annunciada na imprensa da republica rio-grandense; pois procuravão os rebeldes dar vulto a tudo quanto inculcasse a sua existencia politica: essa missão porêm não xegou a ter exito algum digno de menção.

O ditador d'aquelle paiz não quiz arriscar as suas boas relações com o Imperio, dando valor á embaixada rebelde.

Este facto ocorreo em Fevereiro de 1839, tendo avido

missões particulares para outras republicas vizinhas, que tambem não sortirão efeito ostensivo.

§ 20. A separação politica da provincia do Rio-grande do Sul da communhão brazileira trazia tambem por natural consequencia a separação ecleziastica; e assim o rebanho rio-grandense sahia da jurisdição do pastor fluminense, a cujo governo espiritual então axava-se a mesma provincia subordinada.

Era indispensavel prover de remedio a similhante dezarranjo. As idéas religiozas então dominantes tornavão necessario mostrar todo o apreço para com a religião catolica apostolica romana, aceita pela quazi totalidade da população rebelada.

Proceder por modo diverso seria crear mais uma poderoza arma, com que por certo jogarião os adversarios da republica contra ella no meio de uma população balda de ilustração, e abituada a seguir as vozes do seo cura d'almas.

§ 21. Assim o governo republicano cogitou logo de constituir uma entidade, que suprisse as vezes do bispo, e nomeou um vigario apostolico com a inspecção superior sobre as materias religiozas, e sobre os sacerdotes da provincia. Isto pacificou as consciencias timoratas, contentou crenças supersticiozas, e fez crer ao povo, que lhe não mingoavão os recursos espirituaes com a alteração politica, que operava-se em nome da felicidade geral.

O vigario apostolico nomeado foi o Padre Francisco das Xagas Martins Avila, sacerdote respeitado por sua avançada idade e bons costumes; o qual exerceo a sua missão evangelica até os ultimos dias da republica, a cujo serviço dedicou-se, gozando de influencia notavel entre os seos amigos, exercendo o cargo de ministro do poder executivo, e tomando assento na malograda assemblea constituinte.

§ 22. Os cidadãos, que na republica influião, organizando

a machina governativa, bem dezejarão dar carater democratico ao seo apregoado estado independente, e aprezentar a provincia em condições diversas do que d'antes era: todavia na recente republica tudo continuava a oferecer o aspecto anterior; só o que axava-se essencialmente mudado era o estado de paz. A convulsão politica privára de segurança pessoa e bens.

O regimem era militar, e arbitrario de facto; e emquanto subzistio a intitulada republica o seo governo apenas cuidava da guerra, que tudo destróe, e nada funda.

A guerra foi toda a ocupação do governo da republica rio-grandense; pois, constantemente agredida e ameaçada pelo Imperio, necessitava de incessante defeza.

Vejamos agora os seos factos belicos e as suas condições de vida.

CAPITULO VII

Estado da rebelião depois da proclamação da republica; condição do governo legal n'essa epoca; defecção de Bento Manoel, e seos rezultados.

§ 1. Ao proclamar-se a republica em Piratinin, o governo imperial tinha conseguido derrotar a maior força rebelde com o seo xefe na ilha de Fanfa, e dominava em todas as aguas navegaveis da provincia com a sua esquadrilha.

O rebeldes, privados do seo xefe mais prestigiozo, dispersos em pontos diferentes sem unidade de ação, parecião votados a inevitavel ruina.

Dous factos porêm vierão avivar-lhes a ouzadia, e forão elles a creação do centro governativo em Piratinin, de que já falamos, e a defecção de Bento Manoel, abandonando a cauza legal.

§ 2. Araujo Ribeiro fôra exonerado segunda vez da prezidencia, sendo substituido pelo Marexal Antero Jozé Ferreira de Brito, o qual tomou posse da administração da provincia em 5 de Janeiro de 1837.

A demissão de Araujo Ribeiro ferira profundamente o animo de Bento Manoel, que rezolveo desforçar-se d'esse desgosto contra o governo central por um acto significativo do seo valimento na provincia.

Ao xegar o novo Prezidente, a cauza legal extendia a sua influencia sobre quazi toda a provincia, e completo seria o seo triunfo, si dispersados fossem os grupos sedidiciozos, que, tendo por baze Piratinin, invadião um ou outro ponto da provincia.

§ 3. O Marexal Antero de Brito planeou seguir para a campanha, dissipar esses grupos, e fazer dezaparecer a republica de Piratinin, objéto então mais de motejo do que de temor.

N'esse intuito partio da capital (já restabelecida em Porto-alegre) para a campanha, e aproximava-se de Cassapava, acompanhado de pequena guarda, quando junto ao passo de Itapevi, no dia 23 de Março de 1837, é surpreendido por Bento Manoél, o qual se lhe antepõe com uma escolta de mais de 100 omens armados, prende-o, e o conduz para o meio dos rebeldes.

A estranha deslealdade cauzou estrondozo brado na provincia e fóra d'ella, sendo consequencias d'esse acto a acefalia da legalidade, e a reanimação da rebeldia.

§ 4. Em Cassapava, ponto central da provincia, estava o Coronel João Crizostomo da Silva com uma força legal de 700 omens, armamento, e abundantes munições de guerra.

O general João Antonio, prevenido por Bento Manoel, assedia Cassapava, Antonio Neto vem com as suas tropas,

e no dia 8 de Abril seguinte apodera-se de Cassapava, depois de abandonada por João Crizostomo, que retira-se apenas com algumas praças de cavalaria, ficando a demais força seduzida pela rebeldia.

Antonio Neto, entrando em Cassapava, axou alem da tropa bandeada, 15 peças de artilheria, mais de 400 armas de infanteria, e grande porção de munições belicas.

§ 5. Esta importante vitoria, efeito da traição, e conseguida sem se desparar um tiro, deo aos rebeldes a posse de uma povoação central na provincia, e abilitou-os a fazer novas excursões.

Antonio Neto mandou forças a Domingos Crecencio para operar sobre Pelotas e o Rio-grande; e dentro em pouco tempo segue para o Triunfo, onde axava-se uma força legal sob o commando o Coronel Gabriel Gomes, que morre em combate, deixando ao general rebelde a posse da povoação.

§ 6. A estes feitos d'armas favoraveis á cauza da rebelião, seguio-se o combate do Rio-pardo em 30 de Abril de 1838, fatal ás armas da legalidade.

N'este lugar axava-se o Marexal Sebastião Barreto, em defeza do governo imperial.

Os xefes rebeldes David Canabarro, Bento Manoel, João Antonio, e Onofre Pires, já então evadido da sua prizão na corte, surpreendem o general legalista, o batem completamente, e ficão de posse d'esse importantissimo posto militar, porta por onde seguiamos para a campanha.

§ 7. Assim a republica progredia, emquanto o governo legal perdia o dominio readquerido no territorio, que ao ocidente da capital banhavão os dous notaveis rios Camaquan, e Jacuhi, e ficava reduzido á parte oriental da provincia com as suas aguas navegaveis.

D'estes acontecimentos adiante falaremos: por ora apenas

os mencionamos para indicar o progresso da cauza republicana. Volvamos á ordem dos tempos.

CAPITULO VIII

Procedimento contra os rebeldes; soltura por *habeas-corpus* do Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira na corte; Bento Gonçalves remetido para as prizões da Bahia: suspensão de garantias ; anistia e seos efeitos; processo de responsabilidade do Vice-prezidente intruzo; propostas de paz pelos rebeldes; derrota de Antonio Neto; pozição reciproca da legalidade, e da rebeldia.

§ 1. O Prezidente Araujo Ribeiro, assumindo de novo a a ministração da provincia, procurára xamar á concordia os seos comprovincianos, tão profundamente divididos em dous bandos ; legalistas ou imperiaes, farrapos ou republicanos erão as denominações, com que se apelidavão n'esta luta fratricida os tenazes contendores.

Araujo Ribeiro, dirigindo-se por meio de uma proclamação aos seos compatriotas, pedia a união, porque unidos (dizia elle) repeliremos os estragos da dezordem, zombaremos dos fautores da anarchia, e restabeleceremos a paz, e a prosperidade da nossa querida patria !

Embora louvaveis fossem os dezejos, e sinceros os esforços do delegado imperial, a rebeldia não cedia, e a anarchia proseguia impelida pel sopro do vento democratico.

§ 2. Os rebeldes tinhão já deposto as rezervas, e as aspirações democraticas realizavão-se pela proclamação da republica em Piratinin, não obstante a derrota do Fanfa.

Pareceo, que cumpria proceder com energia para reprimir o novo curso das idéas contrarias á ordem monarchica na provincia.

No combate do Fanfa mais de 500 individuos tinhão

sido prezos; a exceção porêm de 10 ou 12 dos mais notaveis xefes, todos os demais avião sido soltos.

Entre esses xefes contavão-se Bento Gonçalves, e Onofre Pires, os quaes tinhão sido enviados para a corte, por julgar-se nociva ao socego publico a sua conservação no teatro da luta.

§ 3. O Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira e alguns companheiros seos, prezos na ocazião da restauração de Porto-alegre em 15 de Junho de 1836, avião xegado ao Rio de Janeiro, e ahi forão postos em liberdade por via de *habeas-corpus*, requerido á autoridade judiciaria de primeira instancia.

Um dos Juizes-municipaes da corte recebera a petição d *habeas-corpus*, e prontamente ordenou a soltura, com que o governo imperial se mostrára sumamente contrariado, mandando logo responsabilizar esse magistrado. O acto judicial porêm estava consumado, e produzio os seos naturaes efeitos de desmoralizar a ação governativa, e vigorar as tendencias revolucionarias na provincia anarchizada.

§ 4. Bento Gonçalves, xegando á corte, tentára igual recurso ao poder judiciario contra a sua prizão; como militar porêm não pode alcançar o mesmo exito do seo companheiro no crime de rebeldia, o supradito Dr. Marciano Pereira; todavia o governo imperial, no intuito de o conservar mais seguro, o transferio para a prizão da fortaleza do mar no porto da cidade da Bahia, para onde efetivamente foi o caudilho enviado.

O governo imperial assim não só o considerava mais bem guardado, como tambem acreditava, que ali ficava o prizioneiro menos ao alcance de communicações com os agentes da rebeldia do sul.

§ 5. O partido legal, vencedor no Fanfa, inquietava-se ao ver soltos tantos individuos, a quem reputava culpados, e

bradava, que as leis não podião ser impunemente violadas; pois assim acoroçoava-se a rebelião, que, alem de xefes ainda armados no campo, tinha para mais de 2.000 traidores, que vagavão á espera de favoravel ensejo para de novo engrossar as fileiras d'esses xefes, visto considerarem-se dezembaraçados para novo tentamen.

O Prezidente Araujo Ribeiro julgou pois ser tempo de reprimir os rebeldes pela ação da autoridade civil.

Muitos funcionarios publicos avião dezamparado os seos empregos, e ou estavão servindo aos rebeldes, ou ao menos os não combatião.

Rezolveo o mesmo Prezidente considerar demitidos taes funcionarios. Não foi pequeno o numero de pessoas, que assim perderão os seos empregos. Só em Setembro de 1836 forão de uma vez demitidos 29 individuos.

§ 6. A repressão por via dos tribunaes judiciarios começou tambem.

Em Outubro seguinte a autoridade criminal de Portoalegre instaurou processo, e dentro de poucos dias forão pronunciados, como cabeças de rebelião, sedição, e insurreição, 126 individuos, entre os quaes figuravão Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, Jozé Gomes, Jozé Mariano de Matos, Onofre Pires, Domingos Crecencio, e muitos outros, que depois tornarão-se notaveis na sustentação da republica de Piratinin.

§ 7. Tão crecido numero de pessoas envolvidas n'esse procedimento criminal despertou a atenção do governo imperial, que ordenou a remessa do processo á corte, deixando de ter o devido proseguimento, mediante julgamento perante o tribunal popular do Juri, impossibilitado de funcionar livre e regularmente no meio da convulsão, porque passava a provincia.

Não obstante esta providencia do governo geral, o espirito

de anarchia aproveitou o facto de tão extensa pronuncia para excitar a prevenção contra o mesmo governo, e o partido legalista, que erão reprezentados como aboninaveis monstros, que somente procuravão vingança, e o exterminio dos adversarios politicos, cujo crime real, no dizer dos anarchistas, consistia na sustentação dos fóros de cidadão livre.

§ 8. Para sanar o mal, e embotar essa arma de acuzação contra os sustentadores da cauza legal, o governo imperial lembrou-se da concessão da anistia já decretada por acto legislativo de 11 de Outubro de 1836.

O Prezidente da provincia anistiava a quantos se aprezentavão, reconhecendo o regimen legal; todavia o beneficio d'esta salutar providencia não foi tão eficaz, como fôra de esperar.

Varios individuos efetivamente aproveitarão-se da anistia; mas nem por isso deixarão de auxiliar a cauza da rebelião, já voltando francamente ás fileiras rebeldes, e já ministrando por vias indirectas os possiveis adjutorios com a palavra, com o dinheiro, e com gente armada.

§ 9. O estado periclitante, a que avia xegado a provincia do Rio-grande do Sul, demonstrava a necessidade de meios extraordinarios para sufocar o espirito de rebelião, que afastava da orbita legal uma das estrelas da nossa constelação politica.

Estava então o Brazil sob o governo regencial; e este pela lei de 14 de Junho de 1831 tinha faculdades restritas. Assim não podia por si conceder anistia, nem suspender garantias individuaes; por isso recorreo ao poder legislativo para o emprego d'essas providencias.

A lei de 11 de Outubro de 1836 decretou a suspenção das garantias individuaes no Rio-grande do Sul, e facultou a concessão de anistia por um anno; providencias que

depois forão annualmente prorogadas até a epoca da maioridade do monarca em 1840.

§ 10. Consoante com a idéa repressiva contra a rebeldia, mandava o governo imperial sugeitar a processo de responsabilidade o Vice-prezidente, que unido aos rebeldes sucedera na admi istração da provincia ao Prezi lente Ferdandes Braga, quando, expulso pela sedição de Porto-alegre em 20 de Setembro de 1835, retirára-se para a cidade do Rio-grande, e depois para a corte.

O Procurador da corôa, Conselheiro Jozé Antonio da Silva Maia, requizitára perante o Supremo Tribunal de Justiça a responsabilidade do mesmo Vice-prezidente, acuzando-o:

1°. De ter assumido a prezidencia da provincia, quando não se verificava a falta do legitimo Prezidente da mesma provincia

2°. De ter continuado no governo, sustentando a cauza dos sediciozos, que logo tornarão-se rebeldes

3°. De ter deixado de proce ler contra os delinquentes, seguindo e apoiando a rebelião.

Instruido o processo nos termos legaes, o tribunal julgador decidio em 17 de Novembro de 1836, que não podia o indiciado ser pronunciado, porque, não sendo autoridade legitima, mas intruza, não gozava do fôro dado pela lei aos Prezidentes de provincia, mas estava sugeito a ser punido do seo crime no fôro commun, mediante processo criminal competente.

§ 11. Emquanto estas couzas sucedião, os legalistas confiavão no triunfo do Fanfa, veio um acontecimento belico mingoar o prazer d'essa vitoria: foi a rendição ou capitulação de Silva Tavares, ante as forças do rebelde David Canabarro, aos 17 de Dezembro de 1836.

Silva Tavares, por ordem de Bento Manoel, então postado em Candiota, seguia com pequena força em demanda de

Jaguarão, quando foi surpreenhido pelo caudilho rebelde, o qual matou-lhe 8 soldados, e o prendeo com 5 oficiaes, e 30 praças de pret.

O acontecimento tomou vulto na provincia pela importancia do prizioneiro, denodado campeão da legalidade, e um dos omens, que n'esta guerra civil mais serviços prestou á cauza imperial desde o seo começo até a terminação do primeiro periodo da lu'a.

Dentro de poucos dias Silva Tavares pôde escapar á prizão, e voltar ás lidas e fadigas da guerra em favor da integridade do Imperio.

§ 12. Entretanto os rebeldes incetavão essa tão prolongada serie de ineficazes propostas de paz: era o seo sistema protelatorio de guerra, com que buscavão desviar algum golpe iminente, ou encobrir algum tentamen dependente de preparos.

Nos ultimos dias do mez de Dezembro os rebeldes mandavão a Bento Manoel emissarios de paz.

Querião elles o reconhecimento da sua decantada republica, e a isto xamavão acomodação. N'esta palavra continha-se o final triunfo de suas aspirações, e julgavão possivel a concessão dos adversarios.

§ 13. As propozições oferecidas pelo Prezidente da republica rio-grandense forão aprezentadas por Antonio Paulo da Fontoura, um dos vice-prezidentes rebeldes, e por Joaquim Pedro Soares, depois notavel por sua atividade como xefe militar subalterno da rebeldia.

Bento Manoel recuza preremptoriamente as propostas condições da paz; e como desfórra da surpreza contra Silva Tavares, e resposta formal a taes condições, no dia 4 de Janeiro de 1837 ataca no Candiota o general rebelde Antonio Neto, e derrota-o, tomando-lhe 5 peças de artilharia, e matando-lhe alguns omens.

§ 14. O anno de 1836 findava.

Bento Manoel, Commandante das armas da provincia, e como tal commandante em xefe do exercito legal, tinha sob suas ordens immediatas uma força pouco superior a 3.000 omens ; as forças, que guarnecião as cidades do Rio-grande e Porto- alegre, subião a 1.600 praças.

Os rebeldes estavão uns prezos, outros dispersos. Bento Gonçalves e Onofre Pires estavão no carcere; Antonio Neto, David Canabarro e outros caudilhos importantes axavão-se na fronteira da vizinha republica do Uruguai, onde tinhão-se abrigado.

§ 15. O governo imperial estava armado de valentes meios: assim podia elle, em virtude de acto legislativo, autorizar o Prezidente da provincia :

1°. A prender e conservar em prizão por um anno os indiciados em crimes de rezistencia, conspiração, sedição, rebelião, insurreição, e omicidio, sem sugeital-os a processo

2°. A mandar sahir da provincia os indiciados em taes crimes, julgando-o assim necessario

3°. A mandar dar busca nas cazas, de dia e de noite, para a prizão de criminozos, apreensão de armas e munições, e descobrimento de provas de crimes.

Alem d'isso as sociedades secretas forão prohibidas no Rio-grande do Sul ; e o Prezidente da provincia podia dissolver toda a reunião publica por elle não permitida ; os oficiaes do exercito e da armada ali existentes, xamados a serviço, perderião os postos, não comparecendo em prazo determinado; os guardas nacionaes, revéis ao serviço dezignado, ficavão sugeitos ao recrutamento ; e finalmente podia o governo imperial mandar para ali, de outras provincias, um corpo de guardas nacionaes não excedente de 600 praças.

§ 16. Tal era ao começar o anno de 1837 a situação das couzas em relação á rebelião no sul do Imperio.

CAPITULO IX

Posse do Prezidente Antero de Brito; adiamento da Assembléa provincial; prizão do Prezidente Antero de Brito pelo commandante das armas Bento Manoel; tomada de Cassapava pelos rebeldes; entrada d'estes no Rio-pardo; assedio de Porto-alegre.

§ 1. Não obstante a vitoria do governo legal no Fanfa, a rebelião mostrava-se tenaz, e prometia proseguir na luta.

Entendeo o governo imperial, que só a energia da ação militar poderia pôr termo á revolução. Era pois precizo á testa da administração da provincia rebelada um omem capaz de formar planos belicos, e combater a rebeldia pelas armas.

O omem escolhido foi o Marexal Antero Jozé Ferreira de Brito, a quem o Regente do Imperio investio do cargo de Prezidente da provincia com o commando em xefe do exercito em operações no Rio-grande do Sul.

A 5 de Fevereiro de 1837 assumio elle as funções de ambos os cargos na cidade de Porto-alegre; e mal acabava o novo delegado do governo imperial de empossar-se da administração publica, um revez lhe annunciava o máo estado da provincia em relação á rebeldia.

§ 2. No dia 10 do supradito mez um grupo de rebeldes, capitaneado por Agostinho de Mélo, penetrava na villa do Rio-pardo. Erão os rebeldes em numero de pouco mais de 400; a força legal ali constava de 140 praças.

Apenas os rebeldes assomarão na vila, a força de cavalaria legal passou-se para elles, e no combate então travado forão mortos mais de 70 soldados imperiaes. Os agressores não tiverão perda sensivel.

§ 3. Aproximava-se a epoca, em que devia funcionar a Assembléa provincial; e no estado convulsivo da provincia,

em que mais cumpria ouvir-se o estrepito das armas do que a vóz da tribuna, o novo Prezidente julgou acertado despensar a reunião de um corpo, que por suas discussões mais dificuldades podia crear, levantando exitações politicas, do que concorrer para a paz publica por suas providencias.

Por acto de 17 do referido mez de Janeiro adiou a Assembléa provincial para o 1° de Junho vindouro; adiamento, que aliás tornou-se indefinido pelas anormaes circunstancias da provincia, a qual só veio a ter o seo congresso legislativo depois de restaurada n'ella a concordia geral em 1845 pela cessação da guerra civil.

§ 4. Ao xegar Antero de Brito no Rio-grande do Sul, as forças legaes dominavão quazi toda a provincia; os rebeldes apenas ocupavão Piratinin, e suas adjacencias, percorrendo em partidas volantes os pontos, que lhes convinha assaltar.

O governo legal dominava excluzivamente desde Sebolati e Jaguarão até o Taquarí: assim todas as aguas navegaveis da provincia estavão sob a ação franca da autoridade imperial, bem como todo o territorio a léste d'essas mesmas aguas até o Oceano.

§ 5. Antero de Brito preparou-se para entrar em campanha, e bater os rebeldes, aproveitando a estação, que permitia-lhe operar militarmente até o principio de Maio; pois tinha elle 3 mezes para mover as suas tropas, e executar qualquer plano agressivo contra os rebeldes.

Sabem todos, que, xegada a estação invernoza no Rio-grande do Sul, a qual ordinariamente começa em Maio, e extende-se até Setembro, as aguas pluviaes, e o rigor do frio embaração, si não impedem, os movimentos regulares de um exercito.

§ 6. A demissão de Araujo Ribeiro, a quem Antero de Brito vinha suceder, desgostára profundamente a Bento Manoel,

que rezolvera vingar-se do governo geral por meio de um acto estrondozo, que inculcasse a sua importancia n'esta guerra tão especial.

Bento Manoel com a demissão d'Araujo Ribeiro, seo parente e amigo, julgára-se contrariado em seos planos de influencia civil e militar, e não ezitou na pratica de um acto, cuja immediata consequencia lhe foi o vituperio e animadversão do partido prejudicado no prezente, e o receio do lado favorecido no futuro.

Os legalistas o cobrirão de baldões, e do oprobriozo epiteto de traidor; os rebeldes jámais tiverão n'elle inteira confiança, tanto assim que Bento Gonçalves, algum tempo depois do sucesso, que vamos relatar, pretendeo por surpreza prender Bento Manoel, que, embora já então acautelado, ainda mantinha as aparencias de amigo. (*)

§ 7. Uma circunstancia de procedencia extranha n'essa ocazião animou e decidio Bento Manoel a executar o seo projéto.

É bem conhecida a luta intestina, em que vivião os caudilhos da nossa vizinha republica do Uruguai. Manoel Oribe, e Frutuozo Rivera disputavão n'esse tempo o supremo dominio. Aquele, favorecido pelo famozo ditador de Buenos-aires João Manoel de Rozas, axava-se então vencedor; e Frutuozo Rivera avia buscado refugio na nossa provincia contigua, d'onde projetava regressar para tentar a queda do seo competidor, e o restabelecimento da sua decahida prezidencia.

Bento Manoel entabolou relações com o caudilho fugitivo, e entenderão-se ambos para prestarem-se mutuo auxilio em seos planos.

§ 8. O governo imperial, instado por Manoel Oribe,

(*) Carta de Bento Gonçalves de 8 de Maio de 1841.

apoiado por seo protetor de Buenos-aires, avia recommendado ao Prezidente do Rio-grande do Sul, que fizesse efetivo o dezarmamento de Frutuozo Rivera, e dos seos sequazes, e os internasse na provincia, arredando-os da fronteira.

Em consequencia d'isto fizera-se o dezarmamento, e Frutuozo Rivera, com o general João Lavale, e outros oficiaes seos sectarios, tinha vindo para a cidade de Porto-alegre, e ali estava sob a vigilancia das autoridades do Imperio.

§ 9. O Prezidente Antero de Brito, em virtude da recommendação ministerial, insinuára a Frutuozo Rivera, que se transportasse ao Rio de Janeiro, onde conseguiria do governo imperial a interpozição dos seos bons oficios perante Manoel Oribe, afim de que o mesmo Frutuozo Rivera obtivesse na republica, de que estava expatriado, pozição congruente ao seo gráo militar, e á sua influencia politica.

O general decahido, que lutava pelo mando supremo, querendo ser primeiro, e não segundo no seo paiz natal, não admitio a insinuação; em consequencia do que Antero de Brito incontinente o declarou prizioneiro, acrecentando que sobre o seo destino consultaria ao governo imperial.

§ 10. Entretanto xegavão da campanha noticias confirmatorias das suspeitas antecedentemente concebidas por Antero de Brito a respeito de Bento Manoel.

Um dia depois da intimação feita a Frutuozo Rivera para considerar-se prizioneiro do Brazil, Antero de Brito partio para a campanha, tendo reprezentado ao governo imperial acerca da necessidade da substituição de Bento Manoel no commando das armas.

Pensava Antero de Brito, que com a sua prezença no exercito xamaria os discolos á ordem, e inutilizaria qualquer plano do seo suspeitado commandante das armas.

§ 11. Era já notorio, que Bento Manoel tentára a depozição do Prezidente por via de um movimento no exercito, solicitando que este reprezentasse ao governo imperial contra aquele funcionario; como porêm não encontrasse apoio na oficialidade, que commandava, projetou e executou um acto violento de indiciplina e de desperada deslealdade.

Para melhor exito do seo plano, licenciou forças do exercito, afim de que assim se visse o governo legal enfraquecido, no momento em que necessitasse da ação d'esse mesmo exercito. Patenteava-se já o acordo de Bento Manoel com os xefes da rebeldia, outr'ora seos consocios.

§ 12. O Prezidente Antero de Brito, no intuito de contrariar a ação malefica do Commandante das armas sobre o exercito, sae para a campanha, como fica dito, dirigindo-se para Alegrete; e quando no dia 23 de Março de 1837 aproximava-e do passo do Itapevi, no municipio de Cassapava, Bento Manoel (*) se lhe antepõe com cento e tantos omens, prende-o, e o leva comsigo para o meio dos rebeldes, considerando-o como refem de Bento Gonçalves, então recluzo nos carceres da Bahia, e de Frutuozo Rivera, detido em Porto-alegre.

O acto de Bento Manoel foi praticado com previa siencia dos xefes rebeldes Antonio Neto, David Canabarro, e João Antonio.

§ 13. Segundo as ordens de Antero de Brito o Tenente-coronel João Crizostomo da Silva, que estava em Cassapava com 900 omens das 3 armas, e o Coronel Gabriel Gomes, que estava no Rio-pardo com 600, devião reunir-se, para então

(*) Bento Manoel era então acompanhado por um mulato de nome Jozé de Luna, que se celebrizára como fiel confidente e zelozo servidor de Frutuozo Rivera, a quem projetára por surpreza arrancar da sua detenção em Porto-alegre.

baterem os rebeldes, os quaes por conivencia de Bento Manoel já tinhão podido preparar e congregar forças nos distritos de Jaguarão e Piratinin.

Apenas prezo o Prezidente Antero de Brito, Antonio Neto sitia a João Crizostomo em Cassapava com 1. 000 omens, e a força legal ali existente entrega-se, em grande parte seduzida pelo espirito da rebeldia. Não se desparou um só tiro, e a 7 de Abril de 1837 o general rebelde apoderava-se da vila.

A perda para o governo legal foi sensivel; alem de perder uma força de 900 omens, ficarão em mãos do inimigo 15 peças de artilharia, mais de 4.000 armas de infantaria, e grande porção de munições de guerra.

§ 14. Tomada Cassapava, reunirão-se os xefes rebeldes, entre os quaes axava-se Bento Manoel; e no dia 14 de Abril já dito nomearão Antonio Neto general em xefe do exercito republicano, ficando então rezolvido, que o mesmo general iria ao Rio-pardo, e depois deceria para pôr assedio a Porto-alegre.

A esse conselho assistio o general Frutuozo Rivera, o qual, evadindo-se de Porto-alegre, apenas soube da partida de Antero de Brito, aprezentára-se entre os seos amigos com surpreza e pasmo de todos, e sobretudo do prizioneiro imperialista, que assim via tão fatalmente trocadas as pozições n'esse jogo inconstante da fortuna.

§ 15. De conformidade com a rezolução acima dita, Antonio Neto vem ao Rio-pardo com 300 omens, xega ao Triunfo com 400, passa os rios Cahi e Gravatahi em 6 de Maio seguinte, a 11 intima Porto-alegre para render-se, e a 13 monta uma bateria em uma lomba fronteira á cidade, contra a qual faz alguns tiros inuteis, começando assim o segundo e longo assedio da capital da provincia, que só devia findar em principio de 1841.

§ 16. A traição de Bento Manoel cauzou extrema surpreza na provincia.

No primeiro momento foi geral a indignação da parte da população fiel ao governo imperial; Silva Tavares proclamou em Pelotas, incitando os Rio-grandenses a persistir na defensão da cauza nacional, e em outros pontos outros xefes militares procurarão animar a legalidade.

Na capital a guarnição manteve-se fiel.

§ 17. Bento Manoel, contando ser acompanhado por alguns dos seos antigos camaradas do exercito, dirigio-se por carta aos nossos generaes de mais alta patente, convidando-os a seguir o seo exemplo. Elle dizia em suas cartas, que, si os seos companheiros d'armas a elle se unissem, a guerra civil se extinguiria, e acrecentava: Tudo se conseguirá; os republicanos dezistiráõ dos seos projetos, e se submetem ao governo imperial, si quanto antes vier ocupar a vice-prezidencia o Dr. Joaquim Vieira da Cunha, e si for entregue ao Brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto o commando da guarnição d'essa cidade.

O plano de Bento Manoel n'esta parte não foi bem sucedido. Os generaes por elle convidados para ajudal-o (*) não aceitarão o convite; e o Vice-prezidente mais votado existente na capital, Dr. Americo Cabral, assumio o governo na falta do Prezidente aprizionado, e proclamou á provincia contra a deslealdade do commandante das armas, que insurgia-se contra o seo legitimo superior.

No entretanto Bento Manoel, que precedentemente avía pedido demissão do cargo militar, que ocupava, era a seo

(*) Marexal do exercito João de Deos Mena Barreto, Tenente-general Bento Corrêa da Camara, Tenente-general Francisco das Xag s Santos, Brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto, e Brigadeiro Manoel Carneiro da Silva Fontoura.

pedido exonerado na corte pelo Regente do Imperio por decreto de 14 de Abril de 1837, 21 dias depois do facto da prizão do Prezidente Antero de Brito.

§ 18. Por este facto, e pela subsequente tomada de Cassapava, Bento Manoel foi immediatamente sugeito a processo no fôro commun. No juizo de paz da cidade de Porto-alegre instaurou-se-lhe em 21 de Abril o competente sumario de culpa, em que foi pronunciado com seo filho Dr. Sebastião Ribeiro, e mais 4 individuos como cabeças do crime de sedição, e de rebelião, e como cumplices de roubo e carcere privado.

O Prezidente Antero de Brito levava comsigo a quantia de mais de 7.000$000 de réis, que foi apreendida com o prizioneiro. Esta quantia, pertencente aos cofres nacionaes, deo azo á qualificação de roubo na pronuncia judicial.

Este processo, que aliás nenhum exito real produzio, foi posteriormente inutilizado pela anistia concedida a todos os individuos n'elle comprometidos.

§ 19. Quando Antonio Neto xegou ante Porto-alegre, em vez da franca entrada, com que contavão os rebeldes, encontrou rezistencia eficaz.

Porto-alegre, para defender-se, tinha 700 praças de infanteria, 250 de cavalaria, alguns paizanos armados, e 22 bocas de fogo, com trinxeiras por todo o lado de terra.

A cidade do Rio-grande era defendida por 600 omens, e 15 peças de artilharia, e estava intrinxeirada.

A linha das aguas internas navegaveis da provincia estava defendida pela esquadrilha sob as ordens do xefe de esquadra João Pascoe Grenfel.

Silva Tavares tinha comsigo 800 omens, e Sebastião Barreto, então já regressado da sua evazão para a republica vizinha, buscava reunir forças na campanha em prol da cauza imperial.

Taes erão os elementos de defeza da legalidade, e de rezistencia á rebeldia n'esta época dificil para a manutenção da integridade nacional nas regiões do sul.

§ 20. A defecção de Bento Manoel foi golpe funesto para o partido legalista. A prizão do Prezidente da provincia e xefe do exercito imperial, a perda de uma força importante, e de grande material de guerra em Cassapava, a desmoralização da cauza do governo central pela perda de forças militares, e o assedio da capital da provincia, taes forão os immediatos rezultados da insubordinação e infidelidade do general brazileiro, a quem estavão confiadas as tropas imperialistas.

CAPITULO X

Novo Prezidente militar; armisticio no intuito de propostas de paz não aprovado pela prezidencia legal; outro Prezidente nomeado; revez da legalidade no Triunfo.

§ 1. A noticia da prizão do Prezidente Antero de Brito xegou rapida ao Rio de Janeiro, onde o governo regencial tratou logo de o substituir. Julgando que só um militar podia servir com proveito na prezente quadra belicoza, nomeou immediatamente para o cargo de Prezidente e commandante em xefe do exercito no Rio-grande do Sul o Tenente-general Francisco das Xagas Santos, que então axava-se em Porto-alegre.

Empossado da prezidencia o velho general, poucos dias passou na administração da provincia. Tomando posse do cargo a 16 de Maio de 1837, a 6 de Junho seguinte transmitia o mesmo cargo a seo sucessor.

§ 2. O governo imperial, incerto sempre sobre o sistema, que devia seguir para a pacificação da provincia,

ora inclinava-se aos meios de rigor, ora aos meios de brandura e tranzação. Pouco antes pensava, que somente pelo emprego da ação militar poderia terminar a guerra, pensava agora, que podia concluil-a por via de arranjos conciliatorios.

N'este intuito escolheo para prezidir a provincia a um cidadão n'ella nacido e bem conceituado perante os seos comprovincianos.

Feliciano Nunes Pires foi nomeado Prezidente, e logo seguio para o Rio-grande do Sul, onde nada fez digno de menção em bem da pacificação da sua provincia natal.

§ 3. As sucessivas providencias e mudânças de pessoas na administração provincial erão outros tantos motivos de descredito para a cauza legal, e de animação para o movimento insurrecional.

A enviatura do novo Prezidente, nomeado pelo governo imperial no intuito de paz, foi recebida pelos rebeldes como acto de fraqueza. Pensava o mesmo governo, que, nomeando um filho da provincia ali bemquisto, e considerado como imparcial, manifestava dezejos sinceros de concordia, e abria assim franco caminho para a pacificação: o contrario porêm sucedeo, mostrando-se os rebeldes mais intrataveis e sobranceiros.

§ 4. O governo do Regente pois teve de voltar ao sistema belicozo, e buscou de novo um general para dirigir os destinos da provincia do Rio-grande do Sul, e cuidar da guerra.

O Marexal Antonio Eliziario, que ja avia servido na provincia, foi nomeado Prezidente, e commandante em xefe do exercito em operações no sul.

§ 5. Durante os poucos dias da governança do Tenente-general Xagas Santos, ouve uma tentativa conciliatoria para acabamento da rebeldia.

Em Pelotas estava o Coronel rebelde Domingos Crecencio, que a ocupava militarmente. Com elle o Xefe de esquadra João Pascoe Grenfel e o Coronel Silva Tavares celebrarão um armisticio, no intuito de tratar-se da pacificação da provincia, pela depozição das armas insurgentes.

Pascoe Grenfel vem a Porto-alegre, no principio do mez de Junho de 1837, trazendo dous emissarios rebeldes, que devião ir a Viamão entender-se com o xefe das forças republicanas, o general Antonio Neto, afim de conhecerem-se as condições, com que os caudilhos rebeldes deporião as armas.

O Prezidente Xagas Santos não aprovou o armisticio, e a negociação abortou.

§ 6. Durante a prezidencia de Feliciano Nunes as armas imperiaes sofrerão inesperado revez, sensivel pela perda de um denodado campeão imperialista, o Coronel Gabriel Gomes.

Axava-se este a 12 de Agosto de 1837 na então povoação do Triunfo, com uma força de 352 praças, quando é acommetido por 700 rebeldes ao mando do caudilho Antonio Neto; defende-se valorozamente, mas por fim sucumbe, perdendo a vida.

A força legal, alem do xefe, teve 14 mortos, 30 prizioneiros, e perto de 100 extraviados. Os rebeldes ficarão incolumes.

CAPITULO XI

Mudança politica na côrte; o Prezidente Antonio Eliziario; entrega do ex-presidente Antero de Brito pelos rebeldes; passeio militar fóra da capital; dezastre do Rio-pardo; conselho de guerra contra os generaes imperialistas ali commandantes.

§ 1. Acabavão de suceder estas couzas no Rio-grande do Sul, quando na côrte operava-se uma alteração politica de supremo alcance.

O Regente Diogo Feijó, contrariado por tenaz opozição parlamentar, e sobretudo desgostozo dos seos amigos politicos, nos quaes não encontrou o eficaz apoio, com que contava para o bem publico, rezolveo abdicar a regencia.

Tomada essa rezolução, nomeou ministro do Imperio a Pedro d'Araujo Lima, que faleceo Marquez de Olinda, depois de reprezentar o mais conspicuo papel na politica do paiz, e entregou-lhe o cargo de Regente a 19 de Setembro de 1837, passando assim o poder aos seos adversarios politicos.

Não julgaremos este acto, que apenas mencionamos em razão da influencia, com que foi refletir nos negocios do sul, e afim de mostrar a concatenação dos sucessos de uma provincia com os da istoria geral do Imperio. (*)

(*) Nos ultimos dias do governo de Diogo Feijó, convocou este os seos amigos intimos, e mais influentes no partido dominante: Paula Souza era um d'elles.

Diogo Feijó consulta com elles a quem devia entregar o cargo de Regente. Discutirão os amigos na primeira conferencia, e nada decidirão; discutirão na segunda, e a mesma couza sucedeo; na terceira tambem nada ficou assentado.

Depois d'esta terceira conferencia, Diogo Feijó, sem mais audiencia de ninguem, xama Pedro d'Araujo Lima, e entrega-lhe o governo.

Arguido então por aver dado o poder ao partido adverso, respondia

§ 2. A guerra do Rio-grande do Sul constituia constante empenho do governo central; e uma politica nova queria dar logo arras do seo valor ante a nação, conseguindo de pronto um exito de tanto alcance, como era a terminação de uma guerra, e o regresso de uma provincia ao seio do Imperio; couza que o governo de politica adversa não obtivera em 2 annos de esforços.

O Regente interino Pedro d'Araujo Lima, compondo o seo ministerio, tomou logo na maxima consideração os negocios do sul, dando-lhes tal importancia, que fez d'elles um dos pontos do seo programa administrativo.

§ 3. Na circular, que com esse programa o ministerio publicou em data de 20 de Setembro de 1837, dizia-se em relação á guerra do sul: A ninguem se esconde, que debelar e escarmentar a rebelião é um dever de todos os Brazileiros; é o interesse vital da verdadeira liberdade, essencialmente ligado á união e integridade do Brazil. O governo não perderá instantes, não poupará esforços para restaurar ali o imperio da lei.

Não podia o governo imperial exprimir em termos mais instantes e significativos o seo empenho sobre tal assunto. Assim devia ser; por quanto os estadistas, que agora tomavão a direção da publica administração, avião constantemente arguido ao governo do Regente decahido, como grave culpa, a procrastinação da luta com os rebeldes do

---

o Regente demissionario: Xamei os amigos, pedindo-lhes conselho; e como não consultava, si devia abdicar, porque isto estava por mim rezolvido, mas sim a quem devia entregar o governo, e Paula Souza dice na ultima conferencia, que o Pedro d'Araujo podia ser um bom rei constitucional, a elle entreguei a regencia.

É verdadeira esta circunstancia: e eu a ouvi da bôca do Senador Jozé Bento Leito Ferreira de Melo, um dos assistentes ás conferencias. A resposta de Diogo Feijó a ouvi varias vezes repetir meo finado tio o Senador Jozé Martiniano de Alencar.

sul, exprobrando-lhe inepcia ou convivencia com a rebeldia.

§ 4. O novo Regente pois não se demorou em providenciar ácerca dos negocios d'aquela provincia, e um dos seos principaes actos a tal respeito foi a substituição do Prezidente do Rio-grande do Sul.

Para essa missão escolheo um general de alta patente, o Marexal Antonio Eliziario, o qual em 3 de Novembro de 1837 toma posse do cargo prezidencial, e da commandancia em xefe do exercito, na cidade de Porto-alegre, e logo prepara-se para pôr termo definitivo á guerra.

§ 5. Vimos como foi o Marexal Antero de Brito prezo por Bento Manoel, que immediatamente o conduzio comsigo para Alegrete; depois, sendo levado para a costa do Quarahim, d'ahi foi remettido para Piratinin, d'onde os rebeldes o levarão para Viamão, propondo então a troca com o Coronel rebelde Sarmento Mena, prizioneiro dos legalistas.

Ajustada a troca, Antero de Brito foi restituido á liberdade no dia 9 de Janeiro de 1838 em Viamão, d'onde immediatamente passou a Porto-Alegre, seguindo posteriormente para a corte.

O prizioneiro legal foi sempre tratado com a devida consideração; não sofreo sinão os incommodos e vexames proprios da sua infeliz situação de prizioneiro.

§ 6. O sistema belico do novo Prezidente dezenha-se n'estas palavras por elle dirigidas ao governo imperial em 28 de Fevereiro de 1838 : O nosso plano de campanha é acabar com a guerra, dispersando os rebeldes, sem derramar sangue em batalha campal.

Este sistema elle confirmava ainda em Abril, quando dizia ao mesmo governo : Como esta luta é bem diferente das outras guerras, eu, a exemplo do governo imperial, a dezejo terminar do modo, porque por mim foi começada,

isto é, ganhando terreno e omens, evitando, quanto possivel fôr, que o sangue brazileiro manxe esta provincia.

§ 7. Em principio do anno de 1838 o estado militar da provincia era o seguinte:

Os rebeldes ocupavão Viamão, onde Bento Gonçalves commandava 1.500 a 1,600 praças, empregadas no assedio de Porto-alegre; Antonio Neto estava em Bagé com 400 soldados; Domingos Crecencio axava-se sobre Piratinin com 600; Bento Manoel e David Canabarro andavão na campanha com 500; diversas partidas rebeldes estavão em outros pontos, fazendo essas diferentes forças um total de pouco mais de 3.000 omens.

Os mesmos rebeldes, mantendo o seo governo, mais nominal do que real em Piratinin, elevada a capital da intitulada republica rio-grandense, abastecião-se de petrexos belicos, que recebião por via de Montevidéo.

§ 8. As forças legaes na provincia guarnecião Porto-alegre, a cidade do Rio-grande, e a vila de São Jozé do Norte; alguns guardas nacionaes estavão reunidos na Serra. A esquadrilha imperial com limitada marinhagem defendia as aguas navegaveis da provincia.

Essas forças podião orçar no dobro das forças rebeldes, isto é, subião pouco alem de 6.000 omens.

§ 9. Preparado o Prezidente Antonio Eliziario, julgou dever sahir de Porto-alegre; tendo por intento, como primeiro fruto do seo plano de guerra, fazer levantar o assedio da capital da provincia.

Com efeito a 31 de Janeiro de 1838 elle sahia da sua rezidencia prezidencial, no intuito de cercar os rebeldes em Viamão, e batel-os.

Estes porêm apenas virão mover-se as forças imperialistas, retirão-se de Viamão em diversas partidas, e passão o rio Cahi, seguindo para a campanha.

Antonio Eliziario supôz aver conseguido grande vantagem, descercando a capital da provincia, e regressou para o seo palacio. Foi a isto, que o provecto general em sua correspondencia oficial denominou «passeio militar de 15 dias.

§ 10. Voltando para Porto-alegre, cuidou de marxar para a campanha; e com este intento em Março seguinte dirigio-se para o Rio-pardo, que foi dezocupado por Bento Manoel, que então ali se axava com forças militares.

Antonio Eliziario não proseguio porêm para a campanha em consequencia de reconhecer o máo estado da cavalhada do seo exercito. Regressou pois, deixando n'aquele posto militar o Marexal Sebastião Barreto como commandante geral da força ali estacionada, sendo commandante da infantaria o Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, e commandante da cavalaria o Brigadeiro Bonifacio Caldeiron.

§ 11. Os rebeldes, que tão facilmente avião-se retirado de Viamão, ião agora ter a desforra e compensação do levantamento do assedio de Porto-alegre.

Os caudilhos rebeldes Antonio Neto, David Canabarro, João Antonio, e Bento Manoel reunirão as suas forças em numero de 2.500 omens, sendo d'estes 800 de cavalaria, e a 30 de Abril de 1838 atacarão inesperadamente o Rio-pardo, do qual apoderarão-se apóz mortifero combate, e total destroço da gente legal.

As forças imperiaes no Rio-pardo constavão de 2 batalhões de infanteria, e 2 corpos de cavalaria com 8 bôcas de fogo, aprezentando a totalidade de 1.546 praças, das quaes erão combatentes 1.200.

A perda da força legal por obitos foi de 2 coroneis, 4 capitães, 5 alferes, e 60 praças, alem de 30 oficiaes prizioneiros, e mais de 100 soldados.

§ 12. O dezastre do Rio-pardo cauzou extrema sensação

no Imperio pelo inesperado sucesso, e foi um golpe fatal para a legalidade; por quanto dêo força moral e grande impulso á rebelião, que por momentos considerou-se defenitivamente vencedora.

Bento Gonçalves como Prezidente da republica proclamou do Rio-pardo ao exercito rebelde, exaltando o novo feito d'armas, e prometendo em breve estarem completos os destinos da republica. Elle dizia nos arrôbos do seo entuziasmo: Não duvideis, camaradas, os altos destinos da republica rio-grandense serão completos. Bem depressa purgareis o solo sagrado da patria da prezença injurioza d'esses restos fugitivos, que em vão pretendem escapar-vos; bem depressa forçados em seos ultimos entrinxeiramentos, arrojados para sempre das nossas praias, irão levar ao despotico governo, que os envia, a confuzão e a convicção irrezistivel da vossa superioridade. (*)

Taes as esperanças, que a rebeldia alimentava n'esse instante supremo do seo triunfo!

§ 13. Bento Gonçalves deceo do Rio-pardo, veio para Viamão com o seo exercito, e restabeleceo o assedio de Porto-alegre.

Assim dentro de 2 mezes avia dezaparecido o efemero triunfo conseguido com o passeio militar do general legalista, e a cauza republicana parecia tocar ao galarim.

§ 14. O governo imperial, surpreendido e magoado com o dezastre do Rio-pardo, mandou submeter a conselho de guerra os generaes, que ali commandavão as tropas derrotadas.

Erão elles o Marexal Sebastião Barreto, sempre infeliz n'esta guerra, como comandante em xefe d'essas tropas, o Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, comandante da

(*) Procl. de 6 de Maio de 1838.

infantaria, e o Brigadeiro Bonifacio Caldeiron, comandante da cavalaria

Todos elles forão afinal considerados sem culpa, quando aliás evidenciava-se a surpreza do assalto contra tão importante posto militar!

§ 15. O Prezidente Antonio Eliziario, avizado da reunião das forças rebeldes na noite do dia 29 de Abril, vespera do ataque do Rio-pardo, não pôde em tempo acudir ao iminente perigo; e o destroço foi completo.

Assim respondião os rebeldes aos esforços do governo imperial pela paz, coincidindo o dezastre com a segurança de fagueiras esperanças, dadas ao paiz por esse mesmo governo ante o parlamento, da pronta terminação da anarchia do sul do Imperio.

CAPITULO XII

Bento Gonçalves á frente da republica; seo manifesto aos povos; incremento da cauza republicana; imprensa da rebeldia; escravos no exercito rebelde; reprezalias e atrocidades da guerra; violação da propriedade brazileira; côrso.

§ 1 Bento Gonçalves, e Onofre Pires, prezos no combate do Fanfa, e remetidos para a corte, avião fugido de suas prizões.

Bento Gonçalves evadira-se em 10 de Setembro de 1837 do Forte do mar na Bahia, quando ja Onofre Pires, com seo companheiro Afonso Corte-real, tinha conseguido fugir da fortaleza de Santa-cruz no Rio de Janeiro, na noite de 10 para 11 de Março do mesmo anno.

Ambos, voltando á provincia rebelada, prestavão o seo concurso e influencia á cauza da rebeldia.

§ 2 Já vimos, que por ocazião da proclamação da republica em Piratinin, Bento Gonçalves fôra eleito Prezidente do novo estado, não obstante axar-se prizioneiro da legalidade.

De regresso ao seio dos seos partidarios e amigos, assumio a prezidencia da republica, deixando de exercel-a o Prezidente interino Jozé Gomes.

Em 29 de Agosto de 1838 Bento Gonçalves dirige aos povos da terra o manifesto da republica, para justificar a sua separação da communhão brazileira; e considerando firmada a autonomia de uma nação nova, dizia elle: Igual aos estados soberanos seos irmãos, o povo rio-grandense não reconhece outro juiz sobre a terra alem do autor da natureza, e nem outras leis, alem d'aquelas que constituem o codigo das nações.

§ 3 O destrôço da força legal existente no Rio-pardo, e o novo assedio de Porto-alegre erão factos, que inculcavão força por parte da republica, a qual assim exhibia elementos de vida.

A republica tinha elevado a generaes omens activos, conhecedores da provincia, e dedicados á cauza, porque pelejavão.

Figuravão como seos generaes, alem de Bento Gonçalves, actual Prezidente d'ella, Antonio Neto, David Canabarro, João Antonio, Domingos Crecencio, Onofre Pires, e finalmente Bento Manoel, creado general da republica por um decreto encomiastico, (*) depois da sua passagem para a cauza da rebeldia com a prizão do Prezidente legal Antero de Brito.

§ 4 A republica tinha conseguido formar um exercito,

(*) Decr. de 29 de Dezembro de 1837, assinado por Bento Gonçalves e datado da vila do Triunfo.

tinha a sua administração, arrecadava impostos, supria as despezas da guerra, e por via de Montevideo abastecia-se de quanto precizava, quer para as necessidades da guerra, quer para as urgencias da vida commun.

De acordo com o general Frutuozo Rivera, do estado oriental tirava cavalos, recebia provizões, lançava contribuições sobre os Brazileiros ali rezidentes, e até os recrutava.

§ 5 No estrangeiro tentou a republica ter reprezentantes; e para o Paraguai expedio um agente diplomatico.

A republica teve aparencias de governo. Um Prezidente, ministerio politico, administração de justiça, enviados diplomaticos, tudo dava ares de seriedade á republica dos farrapos ; tudo porêm estava subordinado á turbulencia ; e essa republica não passava de um arraial ambulante militar.

§ 6 A republica tinha então a sua imprensa. Um prelo com os precizos accessorios, obtido em Montevideo, fundou-se em Piratinin, e n'elle imprimia-se um periodico com o titulo de *Povo*, no qual duas vezes por semana publicavão-se os actos governativos, artigos de doutrina, e as noticias ocurrentes.

Este periodico começou em 1 de Setembro de 1838, acompanhou o governo, a que os legalistas ironicamente xamavão governixo, e do qual os nossos ministros perante as camaras legislativas motejavão com o epiteto de irrizorio, mas suas peregrinações de Piratinin a Cassapava, e de Cassapava a Alegrete, onde resurgio em 1842 com o novo titulo de *Americano* para finar-se em 1843 com o nome de *Estrela do Sul*.

O prelo com porção de tipos foi ainda afinal, na pacificação da provincia, entregue ao governo legal.

§ 7. A guerra não cessava : o exercito, pois era a

primeira e quazi a unica preocupação da republica; e para ter elemento permanente de força armada, a rebeldia o foi buscar na escravatura.

Proclamando a liberdade dos escravos, que viessem defender a liberdade dos republicanos, as vitimas da opressão social afluirão, e poderão os generaes da republica ter um certo numero de omens, que formavão a baze da sua força militar. Afeitos á obediencia passiva, os novos soldados mantinhão-se submissos, porque receavão a vitoria dos seos senhores, de quem fugião, e a cujo poder temião voltar.

O exercito rebelde xegou a contar em suas fileiras como soldados, que em geral mostrarão valentia, para cima de 600 escravos.

A provincia do Rio-grande do Sul não possuia escravatura numeroza; si assim não fora, teria a rebeldia encontrado possante milicia para a sua obra separatista; e mui provavelmente a separação ter-se-ia consumado; porque com um exercito permanente de 5 a 6 mil omens os xefes rebeldes terião mantido sobre as tropas legaes a vantagem, que algumas vezes conseguirão com metade d'essa força, aliás reunida ocazionalmente.

§ 8. O espirito dominante na provincia em certa epoca da luta denunciou-se favoravel á rebeldia: o que assás explica a prolongação da guerra, que só podia manter-se pela benevolencia, com que erão os rebeldes acolhidos nas localidades, que ocupavão, encontrando recursos por toda a parte.

Emquanto á gente livre, que prestava-se ao mister da guerra, era ella instavel; reunia-se nas ocaziões urgentes, e quazi sempre nas vesperas dos assaltos, ou combates; findos estes, com a derrota, ou com a vitoria, a dispersão era certa.

§ 9. Vê-se pois de quanta importancia era a manutenção

da força de origem escrava, a que vulgarmente os legalistas denominavão legião africana.

O governo imperial procurou por todos os meios dissipar esta força, que era uma ameaça ao direito da propriedade servil garantida pelas leis do Imperio, e um recurso eficaz para os rebeldes.

D'ahi veio ordenar o mesmo governo, que os escravos apanhados com as armas na mão fossem immediatamente surrados com 800 a 1.000 açoutes, para depois serem entregues aos seos senhores.

§ 10. A isto respondeu o governo rebelde ameaçando com o passamento pelas armas de tantos oficiaes legalistas prizioneiros, quantos fossem os soldados da republica, outr'ora escravos, surrados pelas forças imperialistas.

A ordem do governo imperial foi simples cominatoria, tornando-se nula ou rarissima na execução; pois não encontramos factos nunciativos da sua aplicação.

§ 11. A guerra, prolongando-se, tornára-se atroz, e repetidos cazos de assassinatos erão praticados em repentinos assaltos.

Por espirito de depredação e de vingança commetião-se atentados sob pretesto de serviço á cauza republicana, ou á cauza legal.

Nunca os xefes imperialistas autorizarão crueldades, nem apatrocinarão latrocinios. Si factos lamentaveis ocorrerão por parte de individuos legalistas, sempre os reprovarão os delegados do governo geral.

§ 12. A republica no intuito de vigorar a sua cauza não duvidou recorrer aos meios de suprema violencia: foi assim, que ella, ao iniciar a sua carreira, decretou o confisco dos bens particulares.

Por decreto de 11 de Novembro de 1836 o governo republicano ordenou o sequestro e venda dos bens moveis,

semoventes, e immoveis dos inimigos da republica; e como taes declarou todos os subditos brazileiros rezidentes dentro ou fóra da provincia do Rio-grande do sul, e todos os estrangeiros n'ella existentes, que aberta ou ocultamente ostilizassem a cauza republicana.

Esta providencia, que aliás não pôde ter pleno exito, em consequencia da instabilidade do dominio rebelde nas diversas localidades, foi todavia origem de graves opressões, e claro sintoma da violencia, com que procedião aqueles, que batalhavão em nome da liberdade, e dos direitos do cidadão.

§ 13. A venda do gado, tirado das estancias dos partidistas da legalidade, constituia uma das mais abundantes fontes de receita dos cofres republicanos.

O gado era, por ordem dos generaes da republica, arrebatado d'essas estancias, levado para o estado oriental, e ali vendido ou trocado por munições belicas e cavalhadas.

Assim a propriedade dos amigos da cauza da integridade do Imperio servia para combater essa mesma cauza, convertendo-se o vizinho estado em seminario de guerra.

§ 14. Debalde o Brazil, por intermedio de seo agente diplomatico em Montevideo, reclamava contra o facto escandalozo de ser a propriedade dos subditos do Imperio roubada, e vendida no estado vizinho.

O facto era notorio, e o governo de Montevideo, protestando tomar providencias, e tomando efetivamente algumas precauções por via de decreto, para resguardar a propriedade legal do Imperio, escandalozamente violada, deixava todavia, que essas mesmas precauções nenhum efeito sortissem, em consequencia dos manejos consentidos e animados pelas autoridades subalternas das suas fronteiras, onde os gados, arrebatados do Rio-grande do Sul, entravão, e erão vendidos pelos rebeldes.

§ 15. Por decreto de 14 de Agosto de 1837 determinou o governo oriental, que o gado, que aparecesse na sua fronteira com o Imperio sem justificação de propriedade, fosse vendido em asta publica, recolhendo-se o produto aos cofres nacionaes para ser levantado por quem de direito fosse.

O exito d'este decreto foi nulo, e as couzas continuarão como d'antes

Estancieiros rio-grandenses, possuidores de milhares de cabeças de gado, virão por esse modo despovoadas as suas terras de todo o gado bovino, e ficarão pobres.

Entre outros conta-se o Coronel Antonio Soares de Paiva, que, sendo senhor de mais de 30.000 cabeças de gado em Missões, foi em breve de tudo expoliado.

§ 16. A republica tentou o côrso contra o commercio do Imperio; as suas tentativas porêm forão impotentes commetimentos.

A republica jamais teve força naval; apenas Jozé Garibaldi, esse que posteriormente constituio-se eróe na Italia, sustentando a cauza da unificação da sua patria, commandou alguns lanxões, que forão logo tomados pela marinha nacional.

§ 17. Em 14 de Novembro de 1836 João Manoel de Lima, na qualidade de commandante em xefe do exercito da republica rio-grandense, expedio carta de côrso, que entregou ao dito Jozé Garibaldi, o qual, com outro individuo de nome João Gabarroni, pôde conseguir o aprezamento de uma pequena embarcação brazileira, que levou para Maldonado, aonde acolheo-se.

O agente brazileiro em Montevideo reclamou providencias contra o pirata.

O governo oriental ordenou ás suas autoridades, que impedissem a sahida do corsario; este porêm zombou da

previdencia d'essas mesmas autoridades, e sahio incolume com a preza.

Tal era a sinceridade, com que procedia a nosso respeito o governo de Montevideo!

Isto passava-se em Junho de 1837, e as tomadias não proseguirão.

§ 18. A falta de marinha por parte da rebeldia foi uma das cauzas da sua constante desvantagem na guerra.

Em uma região com lagos e rios navegaveis por tão dilatada extensão, ninguem poderá dominar sem o elemento da navegação.

A Lagôa-mirim, o rio São Gonçalo, a Lagôa dos Patos, os rios Cahi, Taquari e Jacuhi formão uma linha de navegação de sul a norte de mais de 150 legoas no interior da provincia, não falando na navegação da parte do rio Uruguai, que banha a provincia no lado ocidental.

§ 19. Si a republica tivesse podido erguer uma esquadra de alguns vazos, que lhe dessem o curso livre das aguas navegaveis da provincia, o Imperio certamente, fraco como então era, não teria podido, depois da surpreza do Tapevi, e do revéz do Rio-pardo, xamar ao gremio imperial essa porção de subditos transviados.

CAPITULO XIII

Mudança da capital dos rebeldes de Piratinin para Cassapava; nova sortida do Prezidente Antonio Eliziario; o ministro da guerra em missão no sul; tomada da Laguna pelos rebeldes; proclamação da republica catarinense; restauração da Laguna.

§ 1. Depois das ocurrencias ja referidas, as quaes derão em rezultado concentrar-se o Prezidente Antonio Eliziario na sua capital assediada, tratou elle de predispôr-se para novos movimentos militares, quando passasse a estação fria.

O novo verão xegava ; as tropas legaes tinhão recebido reforço, e era de esperar alguma operação importante contra os rebeldes.

§ 2. Estes, no intuito de acautelar qualquer surpreza sobre a sua capital de Piratinin, transferirão a séde do seo governo para Cassapava, ponto o mais central da provincia, e de dificilimo accesso. Piratinin, mais proximo das costas do rio São Gonçalo e da Lagôa dos Patos, podia por forças d'ali partidas, em rapidas marxas, ser acommetido antes de lhe acudirem forças do exercito rebelde, então concentrado no assedio de Porto-alegre.

Para evitar pois similhante golpe, operou-se a sobredita mudança.

§ 3. No entretanto o Prezidente Antonio Eliziario em 21 de Janeiro de 1839 tenta o levantamento do assedio de Porto-alegre, sahindo d'essa cidade com 1.600 omens no intuito de bater os rebeldes em Viamão, quartel-general da rebeldia.

Viamão, elevado pelo governo insurgente á categoria de vila com a denominação de Setembrina, por onra ao facto da sedição de 20 de Setembro de 1835, estava convertido em rezidencia do Prezidente efetivo da republica Bento Gonçalves, que d'ali expedia ordens e decretos, não obstante o governo de Piratinin, agora em Cassapava, composto do Vice-prezidente da republica com o alcunhado ministerio.

§ 4. Bento Manoel dirigia o assedio ; e os rebeldes, apenas vêem mover-se da capital as forças imperiaes, retirão-se de Viamão por diversos pontos.

O mesmo Bento Manoel, vindo rapidamente de Missões, onde então se axava, e colocado nas margens do rio Cahi, em ponto conveniente, faz fogo sobre duas canhoneiras e um lanxão do governo legal, mata o commandante de uma

das mesmas canhoneiras, e o mestre do lanxão, e apodera-se dos tres vazos artilhados.

§ 5. Este revez, sucedido a 1 de Fevereiro, intimidou por tal forma a Antonio Eliziario, que o obrigou a regressar á capital, onde entrou no dia seguinte recêozo de ver atacada a mesma capital; ao redor da qual já os rebeldes tinhão reunidos 4.000 omens, mais ou menos, com 7 bôcas de fogo, ocupando novamente a sua vila Setembrina.

O general legalista acautelou a tomada da capital, e a isto limitou a sua atividade belica, quando então tinha na provincia ás suas ordens uma força de 7.289 praças. Elle reconhecia e confessava ao governo imperial, que com toda essa força não podia ter ação agressiva contra os rebeldes, que podião reunir, segundo elle o diz, 5.000 omens, dos quaes 3.500 erão de cavalaria.

§ 6. A noticia dos sucessos da guerra xegavão á corte, e o exito das operações do Marexal Antonio Eliziario não correspondia á espectativa do Regente, que o nomeára na confiança de prontos e decizivos rezultados.

O feito praticado por Bento Manoel contra as nossas canhoneiras no rio Cahi, como fica referido, impressionou dezagradavelmente ao governo regencial. Acrecia a isto a certeza de sérias indispozições contra o Marexal por parte da oficialidade do exercito legal.

§ 7. Servia de motivo ao desgosto o conceito pouco vantajozo dos talentos militares do general, e fomentava a intriga o facto de ser elle nacido em Portugal, provindo d'ahi a suspeição de infenso aos oficiaes de origem brazileira.

A verdade é, que o governo geral recêou, que o nosso exercito se manifestasse em sedição contra o seo xefe; e n'estas circunstancias o Regente rezolveo enviar ao Riogrande do Sul o ministro da guerra para amainar o espirito

de insubordinação, e preparar elementos eficazes de triunfo sobre a rebeldia.

§ 8. Com efeito Sebastião do Rego Barros, que ocupava a pasta da guerra no ministerio de 19 de Setembro de 1837, partio para o sul no dia 6 de Março de 1839, e passando pela cidade do Desterro, capital de Santa Catarina, xegou a 21 do sapradito mez á cidade do Rio-grande.

D'ahi dirigio-se para Porto-alegre, e quando frenteava a Itapuan, recebeo dos rebeldes, ali postados em uma tenue bateria, alguns tiros de peça, que pouco estrago fizerão no casco do navio, que o transportava.

§ 9 Xegou a Porto-alegre, conferenciou com o Prezidente Antonio Eliziario, e dentro de poucos dias partio para São Gonçalo, onde estacionava uma coluna de operações do nosso exercito; e tendo-a reforçado até eleval-a ao numero de 3.000 soldados, seguio para o passo da Orqueta, onde a deixou, com destino a operar oportunamente sobre a campanha.

Regressando á cidade do Rio-grande, parte d'ahi para a corte, onde dezembarca no dia 6 de Maio, dous mezes depois da sua sahida para o sul.

§ 10. Ao deixar o teatro da guerra, persuadia-se o ministro itinerante ter dissipado todas as prevenções contra o general em xefe do exercito legal, e aver dado impulso ao espirito de reação contra a obra da anarchia na provincia insurgida; por isso, nutrindo lizongeiras esperanças sobre a proxima dominação da ordem sobre a rebeldia, deo conta da sua missão ao parlamento, a quem declarou aver deixado no sul uma força de perto 8.500 omens, a qual em breve se elevaria a mais de 9.000 soldados dispostos para vencer o inimigo; acrecentando no relatorio lido perante a camara temporaria: Quanto á distribuição

d'esta força, posso assegurar-vos, que, militarmente falando, ella axa-se feita segundo todas as regras da prudencia, e disposta segundo as conveniencias, de maneira a se poder mover nas ocaziões necessarias para repelir, ou socorrer qualquer dos pontos atacados. Quanto ao estado moral do exercito mui satisfatorio o reputo, e tal foi o entuziasmo e patriotico fervor, que observei em todo o exercito, que impossivel seria ao inimigo suportar qualquer encontro, ou deixar de ser derrotado no primeiro xóque, que a sorte deparasse. N'estas circunstancias pois, Senhores, e atenta a calamitoza e desgraçadissima situação, em que se axão os bandos rebeldes, indiciplinados, nus, discordes, e desmoralizados, é evidente, que a duração da guerra não pode ser longa, e que o triunfo da constituição e do trono não está distante.

§ 11. Tão fagueiras esperanças porêm não tiverão realização; pois, como pela continuação dos sucessos se verá, esse exercito bem preparado e disposto não executou empreza alguma util, e a rebeldia proseguio em sua marxa ascendente.

§ 12. Os rebeldes, levantando agora suas idéas a mais altos commetimentos, julgarão poder estender a sua ação fóra da provincia. Compenetrados da vantagem de ter um porto, por onde podessem communicar-se com exterior, visto não terem podido assenhorear-se da barra da Lagôa dos Patos, quer ocupando a cidade do Rio-grande, quer ocupando a vila de São Jozé do Norte, lançarão as vistas para o porto da Laguna, na provincia de Santa Catarina.

Sob as inspirações de Bento Manoel organizarão em Viamão uma expedição para aquele porto.

§ 13. Preparada ella, David Canabarro tomou o seo commando, e á frente de 150 soldados xegou á Laguna, da qual apoderou-se a 22 de Julho de 1839.

A vila da Laguna estava, desde Março de 1838, guarnecida por forças legaes, sob o commando do Tenente-coronel Vicente Vilasboas; mas este oficial, ao saber da aproximação da expedição invazora, deixou o ponto confiado á sua guarda, e retirou-se para o lugar xamado Morro dos Cavalos, na estrada da capital da provincia; por isso a Laguna foi facilmente entrada pelos rebeldes expedicionarios.

No ataque da Laguna o governo imperial teve sensivel perda, já pelo material cahido em poder dos rebeldes, e já pela influencia dada á cauza da rebeldia.

Os rebeldes apenas sofrerão a perda de um omen morto; a legalidade teve 15 mortos e 77 prizioneiros.

Os rebeldes apossarão-se de 4 escunas de guerra, 14 embarcações mercantes, 463 armas de infanteria, 16 bocas de fogo, 36.620 cartuxos embalados, e outros artigos belicos.

Nunca a força rebelde colhera tão primorozo fruto em material de guerra; e extremo foi o gaudio dos partidarios da rebeldia.

§ 14. A republica catarinense, de efemera duração, foi immediatamente proclamada.

David Canabarro, apenas entrado na vila, oficia á respectiva Camara municipal, mostrando a necessidade da declaração da independencia do novo estado sob o regimen democratico. Reunem-se os Vereadores, proclamão a republica, nomeão Prezidente do estado, e este em seguida organiza ministerio.

Vicente Ferreira dos Santos Cardozo é o Prezidente aclamado provizoriamente, emquanto se não reune a assembléa constituinte, que deveria eleger-se: o ministerio composto de dous individuos, acumulando os negocios de 6 pastas diversas, do interior, justiça, fazenda, guerra, marinha, e estrangeiros, foi preenxido por João Antonio

d'Oliveira Tavares e Antonio Claudino de Souza Medeiros, nomes tão obscuros e desconhecidos como o proprio Prezidente.

§ 15. Foi tudo isto verdadeira farça; mas o nome de republica catarinense ahi ficou com esse simulacro de governo constitucional promulgado por decretos assinados por um Prezidente de republica, e por ministros d'estado!

Os actos da republica catarinense consistirão na decretação do titulo de cidade para a vila da Laguna, sob a denominação de cidade Juliana, e com a categoria de capital do novo estado; na creação do tópe e pendão nacional com as cores verde, branca, e amarela; e na nomeação de David Canabarro para general em xefe do fantaziado exercito catarinense.

A republica catarinense durou poucos dias. Proclamada em 25 de Julho, dezapareceo em 15 de Novembro seguinte com a recuperação da Laguna por forças navaes e terrestres do imperio.

§ 16. Os rebeldes aproveitarão as 4 escunas de guerra, que axarão no porto da Laguna, derão o commando d'ellas a Jozé Garibaldi, e com essa esquadrilha apreenderão algumas pequenas embarcações mercantes da costa.

O mal, que assim cauzavão os rebeldes ao commercio costeiro do Imperio, e o perigo de assalto, que corria a cidade do Desterro, capital de Santa Catarina, mostrarão ao governo imperial quanto convinha de pronto restaurar a Laguna.

§ 17. Foi nomeado Prezidente de Santa Catarina o general Soares d'Andrea, que acabava de pacificar o Pará, vitima da anarchia e do furor da turba desenfreiada.

O general veio para a sua prezidencia acompanhado do Capitão de fragata Frederico Mariat, que assumio o commando da força naval destinada a operar sobre a Laguna.

§ 18. A esquadrilha imperial seguio para a Laguna, onde xegou a 15 de Novembro de 1839.

Compunha-se a mesma esquadrilha de 13 navios com 300 praças de guarnição, 600 de abordagem, e 33 bocas de fogo.

Os rebeldes tinhão no porto 5 navios (brigues e escunas) armados em guerra com 16 bocas de fogo, sob o commando de Jozé Garibaldi. Em terra, fronteiro á vila, estava David Canabarro com 1.200 omens.

Acreditava-se, que a barra do porto da Laguna axava-se fexada por grossa corrente de ferro, ali posta pelos rebeldes.

§ 19. N'este presuposto, apenas a esquadrilha imperial fronteou a barra, se dispôz em linha de combate, indo adiante uma canhoneira e 4 lanxões devidamente preparados para cortar e romper a decantada corrente, que aliás não existia, por que os rebeldes, tentando executar este genero de defeza na parte mais estreita do canal, onde mede apenas 6 braças, o não poderão realizar pela dificuldade de fixar uma das extremidades da corrente do lado oposto ao forte ali existente, em consequencia de um comoro de areia movediça, no qual não foi possivel formar ponto de apoio.

Não encontrando o esperado obice da corrente, a esquadrilha imperial singrou pelo canal, de vento em pôpa, e penetrou no porto, recebendo dos vazos rebeldes, do sobredito forte com 7 bocas de fogo, e da margem esquerda do canal vivissimo fogo, a que correspondia com vigor.

Dominado o porto, as forças imperiaes dezembarcarão, e ocuparão a vila da Laguna, que assim foi restituida ao regimen legal.

§ 20. A força imperial teve, entre mortos e feridos, 180 pessoas, isto é, mais de um decimo da sua totalidade, e

os rebeldes contarão mais de 200. D'aqui podemos avaliar do encarniçamento do combate. Os commandantes de todos os navios rebeldes forão mortos, á excepção do seo xefe Jozé Garibaldi.

Nas *Memorias* de Jozé Garibaldi, publicadas por Alexandre Dumas, se diz, que do navio, onde commandava esse caudilho, só elle escapou vivo. A sahir do seo navio deixava sobre a coberta tantos cadaveres quantos forão os companheiros, com que encetara o combate.

§ 21. Antes de retirarem-se os rebeldes incendiarão os seos 5 navios, e o general David Canabarro com as forças de seo commando recolheo-se á provincia do Rio-grande do Sul, depois de permanecer incolume por 10 dias no lugar Camaxo, junto á margem esquerda do rio Tubarão.

De então por diante a provincia de Santa Catarina, embora constantemente ameaçada de invazão pelos caudilhos da republica, não vio mais no seo territorio os soldados d'ella, sinão na vila de Lages, onde por vezes aparecerão em ligeiras excursões, quer antes, quer depois dos sucessos relatados.

§ 22. Ao passo que a esquadra vinha por mar, uma força de 2.000 praças, pouco mais ou menos, ao mando do Tenente-coronel Jozé Fernandes, marxava por terra para auxiliar a tomada da Laguna, e essa força entrou na vila, quando a esquadrilha brazileira penetrava na barra e ocupava o porto.

CAPITULO XIV

O Prezidente Saturnino de Souza; entrada de forças legaes em Cassapava; combate de Taquari: forças legaes em São Gabriel; surpreza contra o general rebelde Antonio Neto; ataque de São Jozé do Norte.

§ 1. Na corte o governo imperial perdera a esperança, aliás tão acariciada, de que o Marexal Antonio Eliziario poria termo á guerra.

Por mais de anno e meio dirigia este general as operações belicas; e em vez de ganhar terreno, a cauza da legalidade avia assaz perdido.

§ 2. O governo imperial, facil então na mudança de Prezidente, não duvidou remover o Marexal do posto, em que o colocara; e mudando de pessoa, mudou tambem de classe, d'onde a escolhia.

Em vez de mandar como seo delegado um militar, enviou um legista. Este foi o Dr. Saturnino de Souza Oliveira, irmão do ministro de estrangeiros Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, que depois teve o titulo de Visconde de Sepetiba.

Novas esperanças conceberão-se da pacificação do Riogrande do Sul sob a direcção d'este Prezidente, que deveria proceder de acordo com o general nomeado para mandar as operações da guerra. Este general foi o Marexal Manoel Jorge Rodrigues, que findou os seos dias com o titulo de Barão de Taquari. O governo confiava na longa experiencia do velho general.

§ 3. O novo Prezidente da provincia tomou posse da administração em 24 de Julho de 1839, e n'esse mesmo dia foi empossado Manoel Jorge de seo cargo militar.

O Prezidente, ao xegar á provincia, queria dar atividade á guerra, atacar os rebeldes, e destroçal-os, mostrando-se enfronhado na tatica militar pela assidua leitura das obras de Frederico Segundo da Prussia, e de outros escritores da arte da guerra, que repetidamente citava em abono dos seos planos e projetos.

O veterano general porêm contemporizava, e sem dar passo algum de agressão contra os rebeldes, esperava novos auxilios para reforçar o seo exercito, e então emprehender qualquer commetimento.

Instado pelo Prezidente, rezolveo Manoel Jorge sahir da inação.

§ 4. De Julho de 1839 a Março de 1840 nada se fez no campo : a Laguna tinha sido tomada pelos rebeldes, como vimos, e avendo necessidade de força para repelil-os, seguirão da cidade do Rio-grande algumas praças para aumentar as tropas, que em Santa Catarina devião operar.

Essa diminuição de forças na provincia do Rio-grande do Sul contribuia para que o movimento militar paralizasse; todavia no sobredito mez de Março determinou-se, que forças legaes passassem o rio São Gonçalo, fossem a Cassapava, então capital da intitulada republica, e d'ali viessem para a linha do Cahi, onde axava-se o general Manoel Jorge com o seo exercito.

§ 5. O Brigadeiro Bonifacio Caldeiron encaminhou-se para Cassapava, e ao aproximar-se d'ali, fugio o governo rebelde para Alegrete, ponto distante muitas legoas na direção do sudoeste e da fronteira de Missões.

A 22 de Março uma força expedida pelo referido Brigadeiro, ao mando do coronel Manoel Loureiro, entrou em Cassapava, onde axou alguns objetos abandonados pelos rebeldes; e depois de inutilizar aqueles que ainda podião servir aos inimigos, regressou d'essa commissão.

§ 6. A força de Bonifacio Caldeiron seguio ao seo destino no Cahi ; e o governo rebelde retrocedéo para Cassapava.

José Mariano de Matos exercia então a vice-prezidencia da republica na auzencia de Bento Gonçalves, que na vila Setembrina tinha o mando em xefe do exercito republicano.

§ 7. O governo imperial incumbira o general Soares d'Andrea de organizar, na provincia de Santa Catarina, uma divizão para operar de acordo com o commandante em xefe das forças legaes no Rio-grande do Sul.

Essa divizão porêm não se considerou bastante forte para atravessar o territorio intermedio, infestado pelos rebeldes ; por isso rezolveo o mesmo governo imperial, que por mar seguissem dous batalhões para reforçar o exercito do Rio-grande do Sul, e poder o general Manoel Jorge dar golpe seguro na rebeldia.

§ 8. A ida dos batalhões retardou-se; e os rebeldes, cujas principaes forças estavão reunidas em torno de Porto-alegre, reconhecerão a necessidade de evitar o premeditado golpe; tratarão pois de transpor o Cahi para bater-se com o general legalista antes de xegado o esperado auxilio.

Em meados de Abril de 1840 Bento Gonçalves moveo-se com o seo exercito; efetivamente transpoz o Cahi, procurou o Taquari, e no dia 3 de Maio seguinte foi encontrar-se com o sobredito general na margem esquerda d'este ultimo rio.

§ 9. Travou-se então, por espaço de mais de uma ora, a peleja conhecida pela denominação de combate do Taquari.

As forças imperiaes, coadjuvadas pela esquadrilha ao mando de Pascoe Grenfel, montavão a 4.626 soldados, e tiverão 53 mortos, 125 feridos, e 4 prizioneiros; e as forças rebeldes, avaliadas em 6.000 omens, tiverão 35 mortos, 114 feridos, e 8 prizioneiros.

Os cadaveres, apinhados em montões, forão queimados, afim de evitar a emissão de miasmas pestilenciaes, si por ventura fossem enterrados em terrenos paludozos, como erão os do lugar do combate.

§ 10. Ambos os generaes derão-se por vencedores; inquestionavelmente porêm não ouve vantagem notavel de parte a parte; por quanto o exercito legal não cauzou grave dano ao exercito rebelde, e este voltou para continuar no assedio de Porto-alegre.

Manoel Jorge foi com a artilharia e infantaria para Santo Amaro, na margem esquerda do Jacuhi, deixando parte da cavalaria para fazer frente a Domingos Crecencio, então postado em Monte-alegre á margem do Cahi, e enviando outra parte para Missões, sob as ordens do Coronel Manoel Loureiro.

§ 11. Em marxa o mesmo Coronel dirige-se a São Gabriel, destroça no passo do Salso o rebelde Fileno dos Santos, que ali fica morto com 3 dos seos soldados, e no dia seguinte, 12 de Junho de 1840, entra na povoação de São Gabriel, d'onde os rebeldes, ali estacionados, retirão-se, deixando 1 peça d'artilharia e 2 obuzes.

§ 12. Quazi ao mesmo tempo, em 18 do referido mez, Francisco Pedro cae de subito sobre o general Antonio Neto, o qual com uma escolta de 30 omens passava na costa do Salgado.

Ahi o general rebelde escapa de ser prezo, favorecido pelo vigor e ligeireza do seo cavalo; matão-lhe porêm 1 capitão e 4 soldados.

§ 13. Os ultimos dias da administração do Prezidente Saturnino de Souza notarão-se por um feito belico, que demonstra o empenho, com que buscavão os rebeldes reabilitar-se por uma vitoria.

O prolongado assedio de Porto-alegre não dava rezultado definitivo: era uma situação incommoda para a legalidade,

mas sem proveito real para a rebeldia. Cumpria sahir de tão indefinida pozição.

Os rebeldes tinhão tentado bater o general legalista com o seo exercito em Taquari; não lograrão porêm o intuito. Tentavão agora tomar pozição importante, d'onde embaraçassem os movimentos legalistas, e estivessem em franca correspondencia com a campanha: o que conseguirião, ocupando a cidade do Rio-grande.

§ 14. Para isto acommeterão a vila de São Jozé do Norte, cuja posse lhes facilitaria a execução do plano.

Bento Gonçalves, Domingos Crecencio, Jozé Garibaldi, e Joaquim Teixeira, tendo deixado o acampamento rebelde na distancia de 50 legoas junto a Porto-alegre, aproximão-se de São Jozé do Norte na noite de 15 para 16 de Julho de 1840.

O tempo era frio, e tempestuozo; e os assaltantes, encobertos pelos comoros de areia, que cercão a vila, poderão aproximar-se sem serem presentidos pelas sentinelas da guarnição legal.

§ 15. Pela 1 ora da madrugada começa o assalto: os rebeldes penetrão nas trinxeiras, e dominão a praça.

A guarnição d'ella, sob o commando do Coronel de legião Antonio Soares de Paiva, pôde ser socorrida por gente da vizinha cidade do Rio-grande, e conseguio expulsar os rebeldes. O conflito durou por 9 oras.

O socorro foi escasso em consequencia do temporal, que então agitava as aguas, que separão os dous lugares; bastou porêm para animar a guarnição agredida. (*)

(*) O autor do Dicionario topografico do Rio-grande do Sul, falando d'este combate diz: Pouco porêm gozarão os rebeldes d'esta vitoria, por que oras depois foi a vila retomada pelos imperiaes, que, como sempre, se baterão com grande valor, tornando-se saliente o valente e intrepido Francisco Luiz da Gama Roza, actual Capitão de mar e guerra reformado, a quem em grande parte se deve tal triunfo.

A força legal combatente foi 599 praças contra 1.200 assaltantes.

A perda da legalidade foi de 72 mortos, 87 feridos, e 84 prizioneiros. A perda dos rebeldes consistio em 181 mortos, 150 feridos, e 18 prizioneiros.

Que o combate foi tenaz e encarniçado o mostrão as perdas reciprocas, sendo esta uma das mais sanginolentas pelejas de toda esta guerra fratrecida.

§ 16 Bento Gonçalves, malogrado o intento, regressou para a sua vila Setembrina, afim de proseguir no assedio do Porto-alegre, que aliás brevemente seria levantado.

CAPITULO XV

O general Soares d'Andrea encarregado da guerra ; proposta de Bento Manoel sobre anistia ; maioridade do Imperador ; negociações relativas á anistia.

§ 1 O governo imperial, vacilante sempre entre a vantagem de Prezidentes militares, e Prezidentes paizanos, isto é, entre a idéa de reunir ou separar a prezidencia e o commando militar, ou antes entre o pensamento belicozo e o pensamento conciliatorio, e vendo o dezacordo entre o Prezidente Saturnino de Souza e o general Manoel Jorge, julgou dever enviar de novo para o Rio-grande do Sul um militar, que reunisse em si a administração civil e a direcção da guerra.

Foi considerado idoneo para tal commissão o Marexal Soares d'Andrea, que, alem de ter pacificado a provincia do Pará, suplantando ali a anarchia e os orrores da cabanada, (*) avia conseguido restaurar a Laguna, e

(*) Cabanada : nome com que tornou-se conhecida a revolução levantada no Pará em 1834 pela rivalidade politica, e sustentada depois pela infima plebe. D'ella tratamos em memoria especial.

evitado a propagação do espirito revolucionario no territorio catarinense.

§ 2. Empossado no dia 27 de Julho de 1840 do cargo de Prezidente do Rio-grande do Sul, e do commando em xefe do exercito em operações, começou o general Soares d'Andrea a traçar plano de campanha.

Elle recebia a provincia ainda sob o estremecimento do combate de São Jozé do Norte; e abalado pela audacia dos republicanos, os seos calculos tendião a extrema precaução.

O general Pedro Labatut ahi vinha com forças para auxiliar as operações, que se tentavão empreender; e segundo as ordens do Marexal Soares d'Andrea, essas forças procuravão a Serra, onde aliás virão-se em arriscada situação, como logo exporemos.

As idéas do omem, a quem se confiava a sorte da guerra do sul, não poderão ter exito em razão da curteza da sua governação.

§ 3. Um acontecimento momentozo para todo o Imperio realizava-se ao tempo, em que Soares d'Andrea xegava ao Rio-grande do Sul: o Imperador D. Pedro Segundo, sem a idade legal de 18 annos, era declarado maior por uma revolução gerada na corte (*) com assentimento de ambas as camaras do parlamento brazileiro; e esse acontecimento ia influir positivamente sobre a direção dos negocios da provincia revolta.

4. No entretanto Bento Manoel, dezavindo com Bento Gonçalves, de quem era competidor na republica, rezolveo abandonar a cauza da rebeldia, e da campanha, onde se achava, escreveo ao Prezidente legal pedindo anistia para si, e mais alguns amigos seos.

(*) Veja-se a memoria especial, que escrevemos sobre este sucesso politico.

Esta concessão foi-lhe prontamente outorgada pelo general Soares d'Andrea em segredo, como exigia o impetrante; pois, segundo este declarava, lhe não convinha desde ja manifestar-se divorciado da rebeldia.

§ 5. Emquanto isto se passava no teatro da guerra, na corte ocorria a revolução politica acima indicada, que colocava o Imperador á frente do governo da nação.

Pareceo, que similhante sucesso influiria beneficamente para a pronta terminação da guerra do sul.

Os rebeldes ja tinhão sugerido a idéa da pacificação, quando o principe atingisse á maioridade, e por si governasse o paiz. Apressada esta pela revolução, era tempo de aproveitar a oportunidade de xamar ao gremio nacional os dissidentes d'elle.

§ 6. Uma circunstancia vinha ainda fortificar as esperanças da paz. A revolução da maioridade era feita pelo partido liberal, e estando no poder um ministerio d'esse partido, tinhão os rebeldes seguro penhor da lealdade, com que seria cumprida a condição de pleno esquecimento dos passados erros.

O governo imperial pois insinuou, que se procurasse ver, si os rebeldes estavão rezolvidos a depôr as armas mediante anistia.

§ 7. Em consequencia de tudo isso, em dias de Agosto de 1840 entabolou-se entre Soares d'Andrea e Bento Gonçalves correspondencia epistolar sobre a pacificação da provincia; essa correspondencia porêm não produzio outro rezultado sinão fortalecer a crença do general imperiata, de que só aprezentando-se o governo imperial com forças capazes de bater efetivamente os rebeldes, conseguia a dezejada paz.

Com efeito nem o general legalista, nem o caudilho revolucionario acreditavão no exito das negociações. mas

iniciava por obediencia ao seo governo, que as determinára; o outro as admitia como meio de iludir o adversario, protelando a guerra.

Vejamos as dispozições de ambas as partes em similhante emergencia.

§ 8. O general Soares d'Andrea, oficiando então ao governo imperial, dizia: Estou persuadido, que se levará algum tempo em doces esperanças; mas que não são os rebeldes os que hão de aceitar condições, que deixem de ser injuriozas ao Imperio: a unica maneira de conciliar os partidos é mostrar-lhes forças, com que não possão.

Si por seo lado assim falava o delegado do governo legal, por seo lado o reprezentante do governo rebelde, communicando aos seos soldados, que esperava da corte resposta sobre a paz, dizia-lhes: Emquanto porêm isto não sucede, é mister redobrar de esforços para operarmos com feliz sucesso; porque si o governo do Brazil estiver disposto a ntrar em negociações comnosco, quanto mais favoravel for nossa pozição, tanto mais vantagens podemos obter d'ella; ı cazo oposto, esgotados todos os recursos para obter-se ua conciliação onroza, só nos cumpre sustentar a gurra.

om disposições taes de parte a parte, evidente era o nhum fruto das negociações; e terminado o incidente, cuiı o general legalista de combater a rebeldia, que jam cessára de vigilancia e das costumadas ostilidades e correas em qualquer ponto, onde podia axar ingresso.

§ 9 A campanha estava então ocupada em parte por cavalia legal, e em parte por cavalaria dissidente.

As orças legaes subião então na provincia a 7.979 praças os rebeldes poderião reunir de 4.000 a 5.000 omens. A necedade porêm de manter guarnição na cidade do Rio-grde, na vila de São Jozé do Norte, em Porto-alegre,

e outros pontos de menor importancia, coagia o sobredito general a não empreender agressão contra os rebeldes.

Elle considerava como indispensavel um exercito de 10.000 omens para bater os rebeldes, e restituir a paz ao Rio-grande do Sul; por isso, além da força de que dispunha, pedia ao governo imperial mais 2.000 soldados para realizar o seo plano de guerra.

Assim, durante a sua curta administração governamental de 4 mezes (de 27 de Julho a 30 de Novembro de 1840), nenhuma empreza belicoza executou.

CAPITULO XVI

O deputado Alvares Maxado enviado da corte; o general João Paulo nomeado commandante em xefe do exercito; nomeação de Alvares Maxado para Prezidente da provincia; negociações de paz, e ineficacia d'ellas; planos de guerra contra os rebeldes; marxa do general Pedro Labatut para ocupar o Passo-fundo; os rebeldes deixão Viamão, e passão para a campanha; Bent Gonçalves reassume a prezidencia da republica; o exercito legal em seguimento dos rebeldes, e depois em quarteis e inverno.

§ 1. Ja vimos, que Soares d'Andrea nada conseguira relativamente á pacificação da provincia por via da amnistia prometida aos rebeldes; estes, inculcando sempre querer a paz por meios conciliatorios, por fim tudo frustravão com exageradas pretenções: querião a paz, é verdade mas querião tambem o reconhecimento da republica, isto é, pretendião o vencimento completo da sua cauza.

O governo imperial, dezejozo sempre de pacificar a provincia sem derramamento de sangue, constantemente recorria aos meios persuazivos.

O general Soares d'Andrea terminou sem fruto a sua correspondencia com os rebeldes; não obstante entendeo o mesmo governo imperial, que novo intermediario poderia ser bem sucedido.

§ 2. O general, de credo politico diverso do do partido dominante, e nomeado pelo ministerio anterior, não merecia a confiança do atual gabinete; e assim facilmente se acreditou ser o naufragio da negociação devido á repugnancia dos rebeldes em tratar com um omem, contra quem articulavão a prevenção do nacimento, e actos de crueza praticados no Pará, vituperozamente assoalhados pela imprensa partidaria.

Soares d'Andrea era com efeito nacido em Portugal, mas viera ainda no berço para o Brazil, a quem em longa carreira publica avia prestado bons serviços; e no Pará, incumbido da pacificação d'essa provincia, procedera com energia; d'ahi tiravão os rebeldes pretesto para arguir a falta de bom exito da negociação: o seo principal intuito era consumir tempo, e esperar novas vicissitudes.

§ 3. O ministerio da maioridade, composto de personagens eminentes no Brazil, e conhecidos então por suas idéas liberaes, (*) tomára a peito realizar a pacificação do sul; por isso não ezitou em enviar outro omem, contra o qual não podessem os rebeldes contrapôr desconfianças; e assim o distinto medico Francisco Alvares Maxado, deputado paulista, foi escolhido para entender-se com os xefes insurgentes, e conseguir a depozição das armas.

(*) Ministerio da maioridade, isto é, o primeiro gabinete nomeado pelo Imperador, depois de declarado maior: Antonio Carlos, ministro do imperio; Limpo d'Abreu, ministro da justiça; Martim Francisco, ministro da fazenda; Cavalcante d'Albuquerque, ministro da guerra; Olanda Cavalcante, ministro da marinha; Aureliano de Souza, ministro de extrangeiros.

Estes xefes, oferecendo duvidas, adiamentos, e condições, derão por fim a conhecer, que o emissario do gabinete imperial devia ter ação livre e plena para tratar com caracter oficial e ostensivo, e consumar a obra da paz: o que se obteria, dando-se-lhe o cargo de Prezidente de provincia.

§ 4. Não duvidou ainda o governo central arredar mais um motivo de embaraço, e o general Soares d'Andrea foi demitido, e Alvares Maxado nomeado Prezidente do Rio-grande do Sul.

Conjuntamente foi nomeado o general João Paulo dos Santos Barreto commandante em xefe do exercito em operações n'aquela provincia, para onde com recommendações especiaes partio da corte, levando a carta de nomeação de Alvares Maxado.

Erão instruções do governo imperial ativar a guerra, e debelar os rebeldes pela força, cazo falhasse a intentada negociação pacifica.

§ 5. O general João Paulo xega ao Rio-grande do Sul, avista-se com o Marexal Soares d'Andrea, que axava-se então em São Jozé do Norte, emquanto Alvares Maxado entendia-se ainda na campanha com os caudilhos da rebelião, e especialmente com Bento Gonçalves sobre as condições da anistia, recebendo amigaveis banquetes; d'onde naceo a satira tão vulgarizada pelos adversarios politicos do negociador, os quaes dizião, que elle procurava com marmelada suplantar a rebeldia: dando lugar a esse motejo ter o emissario imperial intervindo com a autoridade prezidencial para permitir, que aqueles caudilhos se provessem de refrescos em pontos ocupados por forças nossas.

Alvares Maxado reune-se a João Paulo na cidade do Rio-grande, e partem ambos para Porto-alegre, aonde tomão posse dos respectivos cargos a 30 de Novembro de 1840.

§ 6. Immediatamente o Prezidente inceta correspondencia epistolar com Bento Gonçalves em Viamão acerca da projetada pacificação, confiado nas esperanças dadas nas suas conferencias pessoaes.

Oferecida a anistia plena, Bento Gonçalves, que nas anteriores negociações exigia o reconhecimento da intitulada republica rio-grandense, confederada ao Imperio, agora deziste d'essa idéa, e em carta de 7 de Dezembro de 1840 faz a sua proposta nos seguintes termos: O pagamento da nossa divida publica, a liberdade dos escravos, que estão ao nosso serviço, e finalmente a promessa de não serem recrutados para a primeira linha, nem constrangidos a servir na guarda-nacional, sinão nos postos, que ora têm, os oficiaes do nosso exercito, eis as principaes concessões, que tenho a exigir: ellas são justas e razoaveis.

§ 7. Proposta assim a paz, Bento Gonçalves pede mais uma conferencia pessoal com o delegado do governo imperial para ajuste definitivo de todas as condições da almejada pacificação.

Alvares Maxado não annue á solicitada conferencia; no entretanto recebe prova documental de que, emquanto Bento Gonçalves em Viamão parecia disposto á paz em projeto, Antonio Neto na campanha convidava Silva Tavares para deixar a cauza imperial e servir á republica.

Não era só a Silva Tavares, que os xefes rebeldes tentavão atrahir á sua parcialidade. Ao passo que Antonio Neto fazia o supramencionado convite a um dos mais esforçados e constantes defensores da cauza legalista, o governo insurrecto enviava ao Coronel Manoel Loureiro em Missões um plenipotenciario (Agostinho de Mélo) incumbido de assegurar-lhe o posto de general da republica, o commando d'aquela fronteira, e o pagamento de todos os prejuizos sofridos pelos seos sequazes e companheiros de campanha.

§ 8. Tornou-se assim evidente, que os rebeldes não procedião com sincero dezejo de findar a luta.

Alvares Maxado pois rompeo as relações com Bento Gonçalves, e tratou com João Paulo sobre os meios belicos, dirigindo-se ao governo geral em data de 9 de Dezembro, nos seguintes termos: O general em xefe do exercito ja tem oje em movimento as forças imperiaes para fazer com que cedão ás baionetas os que não quizerão ceder á razão, e á suma bondade de V. M. I.

§ 9. Ao tomar conta da administração da provincia Alvares Maxado axava guarnecida a capital com 1.147 praças, a cidade do Rio-grande com 408, São Jozé do Norte com 331, a linha do Taquari com 3.155, as margens do São Gonçalo com 571, a villa da Caxoeira com 579, São Borja com 1.198, Rio-pardo com 212, a Serra com 600, alem da força com que de São Paulo marxou o general Pedro Labatut em numero de mais de 1.000 omens.

Assim tinha a legalidade um exercito de 8.000 soldados, com que podia entrar em operações militares, parecendo estar em condições vantajozas sobre a rebeldia.

§ 11. Para aumentar as forças existentes no sul, mandára o governo imperial organizar em São Paulo um batalhão; e formando um plano estrategico, rezolveo fazer essa força seguir por terra para o teatro da guerra.

Com efeito, organizado o projetado batalhão, que tomou a denominação de divizão paulistana, foi o commando d'elle confiado ao Brigadeiro Pedro Labatut, em cuja capacidade militar descansava o mesmo governo imperial, vendo n'elle o soldado veterano dos dias da independencia na expedição contra o general portuguez Madeira de Mélo, dominador da Bahia, onde se levantára como opozitor ao grito de nossa emancipação politica.

Pedro Labatut tomou o commando da força paulista,

seguio para Santa Catarina, postou-se na vila de Lages, e d'ali partio para o seo destino.

§ 12. Axava-se na prezidencia do Rio-grande do Sul o general Soares d'Andrea, quando á Serra xegava Pedro Labatut, que devia ocupar a pozição do Passo-fundo.

Era o plano combinado reter os rebeldes em Viamão, e ir ali batel-os. Este pensamento de Soares d'Andrea ia agora realizar-se sob as inspirações do novo Prezidente Alvares Maxado, de combinação com o novo commandante em xefe João Paulo.

§ 13. Conhecerão os rebeldes o perigo, que correrião ficando encurralados, e expostos a sêr batidos por forças superiores da legalidade, a qual no entretanto, alem da communicação maritima com o governo central, tinha agora franco accesso por terra, ja pela fronteira de Santa Catarina, e ja pela de São Paulo, na parte oje pertencente á provincia do Paraná, posteriormente creada.

Pelo sul era aos rebeldes vedada a sahida, porque São Jozé do Norte, e Rio-grande estavão guarnecidos; pelo oéste tinhão o rio Guahiba, e Lagoa dos Patos, por onde so poderião sahir com auxilio de embarcações, que não tinhão, e onde dominava a marinha imperial; pelos rios Jacuhi e Taquari não podião atravessar, porque as forças legaes o impedião desde Porto-alegre, onde estava o Prezidente da provincia, até o Rio-pardo, onde estanciava o commandante em xefe João Paulo, axando-se defendida a linha do Taquari por forças ao mando do Brigadeiro Felipe Neri: assim axavão-se os rebeldes contidos por um lado pelas forças militares do Imperio, e por outro, o de léste, pelo Oceano.

§ 14. Era pois critica a situação dos rebeldes; e desde que virão aproximar-se o general Pedro Labatut, comprenderão a forçoza necessidade de sahir do arriscado lance,

ganhando a campanha, onde ficarião com liberdade de ação e movimentos, indespensavel condição da existencia da rebeldia.

Em principio de Novembro de 1840 sahio de Viamão David Canabarro, levando de 1.600 a 1.800 omens sob o commando dos tres sub-xefes Domingos Crecencio, Joaquim Pedro, e Ismael Soares, em busca da Serra, e Vacaria; ao passo que Bento Gonçalves ficava em Viamão com 500 soldados, aparentando não ter avído aquele movimento de tropas.

Era plano dos rebeldes fazer seguir a sua maior força com o pezado trem de guerra, colocal-a na Serra, e depois seguir rapidamente Bento Gonçalves, para, reunido a David Canabarro, bater o general Pedro Labatut, e alcançar a campanha.

§ 15. No entretanto na noite de 23 de Novembro uma força legal de 712 praças sae de Porto-alegre, vae a Viamão, e reconhece o estratagema dos rebeldes.

Então Bento Gonçalves parte da vila Setembrina a 8 de Dezembro seguinte, toma a direção de Torres, depois busca a Serra, e na Vacaria a 27 do mesmo mez reune-se a David Canabarro, que ali avia xegado depois de vencidas mil dificuldades opostas pela natureza do terreno, e pela abundancia das aguas fluviaes, que em torrentes despenhavão-se das montanhas, que o caudilho procurava contornar, ou transpor nos pontos accessiveis.

§ 16. No entretanto que assim procedião os rebeldes, Pedro Labatut recebia o auxilio pedido de 1.600 omens, formando a sua força um total de perto de 2.600 soldados, e xega ao Passo-fundo; mas d'ali, recêoso dos rebeldes, procura Cruz-alta em busca de cavalhada, que não obtem, regressa com as suas tropas, deixa-as em caminho, e dirige-se ao Rio-pardo a avistar-se com o general João Paulo,

seguindo logo para Porto-alegre, aonde, doente, e alquebrado de fadigas, xegou no dia 6 de Janeiro de 1841.

Bento Gonçalves, proseguindo em sua marxa, xegou finalmente nos primeiros dias de Janeiro ao Passo-fundo, axa-o dezembaraçado, e o transpõe, vencendo assim os perigos, que lhe podião embargar o caminho para a campanha.

§ 17. O escópo do movimento da força rebelde estava atingido, e a legalidade via malogrado o seo plano mais dilecto, no qual firmavão-se as esperanças de subido exito.

O general Pedro Labatut, arguido como responsavel pelo máo sucesso do plano militar, teve de defender-se em conselho de guerra, que lhe não axou culpabilidade.

§ 18. Emquanto todas estas couzas se passavão, a legalidade sofrera dous revezes parciaes.

Em 16 de Novembro de 1840 o Coronel Jeronimo Jacinto fora destroçado pelo rebelde João Antonio em Santa Vitoria, na margem esquerda do rio Pelotas, junto aos limites da atual provincia do Paraná, perdendo a legalidade perto de 80 mortos, e 162 prizioneiros, ao passo que os rebeldes tiverão apenas 2 soldados sucumbidos ao nosso ferro.

Em 21 de Dezembro seguinte o Tenente-coronel Jozé Loureiro, na estancia de São Jozé, em Missões, é desbaratado por Jacinto Guedes com perda de 20 mortos, e depois aprizionado nas margens do Ibicuhi no dia 17 de Janeiro com mais de 100 companheiros, tendo 1 soldado morto em ação.

§ 19. Bento Gonçalves, transposta a linha de Passo-fundo, dirige-se para São Gabriel, e ahi a 14 de Março de 1841 reassume a prezidencia da republica, exercitada pelo Vice-prezidente Jozé Mariano de Matos, desde que

aquelle, em 23 de Novembro de 1839, entrara no commando geral do exercito republicano, dirigindo da sua vila Setembrina as operações militares contra as forças legalistas.

Com a partida de Bento Gonçalves de Viamão, em 8 de Dezembro de 1840, para reunir-se a David Canabarro na Vacaria, findára o assedio de Porto-alegre, que ja durava por 3 annos.

§ 20. Dezembaraçada do assedio a capital da provincia, e penetrando os rebeldes na campanha, João Paulo reune forças legaes em Rio-pardo, e no 1.° de Março de 1841 com 5.200 omens parte para essa mesma campanha, confiado no total destroço do inimigo, e na vitoria, com que de ante-mão se laureava.

Em marxa reunio-se-lhe Silva Tavares, que do Rio-grande trazia sob seo commando 1.200 omens, que tinhão passado o rio São Gonçalo, e seguião na direção do rincão da Formiga, onde operou-se a junção das duas forças.

O general legalista enganou-se em suas esperanças, e dentro de pouco tempo reconhaceo, que faltavão-lhe os elementos do triunfo, que os rebeldes arrebatavão-lhe com o sistema de correrias na campanha, sem formar exercito numerozo e persistente em ponto algum.

§ 21. Proseguindo em sua marxa pela campanha apóz os rebeldes, que escapavão como sombras erradias, João Paulo xegou até a fronteira das vizinhas republicas, e vio, que não tinha exercito adverso para combater; pelo que acampou com 6.000 a 7.000 omens nas margens do arroio São Vicente, onde em Agosto de 1841 entregava o exercito imperial ao general Antonio Corrêa Soára, commissionado pelo novo commandante em xefe do mesmo exercito, o Conde do Rio-pardo, que, nomeado por

decreto imperial, tinha em 17 de Abril antecedente tomado posse na cidade de Porto-alegre.

§ 22. João Paulo tinha consumido todo o tempo da estação seca, como vimos, sem dar combate aos rebeldes, e xegado o frio estabelecia os seos quarteis de inverno em Abril, para esperar a volta da epoca de novas operações.

Ao acampar o nosso exercito em Abril, os inimigos andavão dispersos; e o general legalista assim descrevia a situação d'elles: Oje os rebeldes estão confinados ao territorio, que decorre de São Gabriel á fronteira, e para o lado de Missões; possuem 12.000 cavalos, e assim dominão a provincia por seos rapidos movimentos.

§ 23. O general Pedro Labatut, deixando em marxa a força, que trazia, mal armada, mal vestida, e quazi impossibilitada de mover-se por falta de cavalos, xegou, como ja vimos, a Porto-alegre.

Elle devia commandar o exercito em lugar de João Paulo; mas não exerceo esta commissão, porque com a nomeação do conde do Rio-pardo o mesmo João Paulo teve substituição efectiva.

§ 24. Um escritor competente (*) disse a respeito da commandancia de João Paulo: Elle foi o primeiro general, depois de Bento Manoel Ribeiro, que se atreveo a marxar pelo terreno ocupado pelas forças rebeldes. Convem dizer mais, que a sua campanha, si não foi fertil em grandes rezultados, pelo menos concorreo para o dezanimo dos dissidentes, que ate então se persuadião, e propalavão, que as nossas forças nunca se atreverião a mostrar-se no litoral por elles ocupado; porque, si tal tentassem, serião destruidas de um so golpe.

(*) Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias, impresso em Porto-alegre em 1816.

CAPITULO XVII

Mudança ministerial na corte; substituição do Prezidente e do commandante em xefe do exercito no sul; queixas do novo commandante contra o seo antecessor; plano de guerra; o novo commandante em xefe do exercito na campanha; esperanças malogradas; alvoroço dos rebeldes com a revolução de São Paulo e Minas; atividade nos seos meios de guerra; convenio com Frutuozo Rivera; commandante em xefe interino; nomeação do Barão de Caxias para dirigir a guerra.

§ 1. Emquanto João Paulo marxava pela campanha, o seo procedimento e plano de guerra motivava dissensão no seio do ministerio na corte.

O ministro de extrangeiros Aureliano de Souza julgava necessaria a demissão do general, que no seo pensar sacrificava a cauza da integridade nacional; no entretanto os demais membros do gabinete assim não entendião.

Suscitado o conflito, inclinou-se o monarca pelo voto singular, e o ministerio dissolveo-se, dando ocazião a uma mudança politica, que retirava os liberaes do poder, e o entregava ao partido adverso.

§ 2. O novo ministerio (*) immediatamente nomeou para commandante do exercito em operações no Rio-grande do sul o Conde do Rio-pardo: para Prezidente ja estava nomeado pelo ministerio anterior o Dr. Saturnino de Souza, que outr'ora tinha governado a provincia.

(*) Este ministerio, conhecido na nossa istoria politica sob a dezignação de ministerio de 23 de Março, compunha-se assim: Candido Jozé d'Araujo Vianna, ministro do imperio; Paulino Jozé Soares de Souza, ministro da justiça; Miguel Calmon, ministro da fazenda; Jozé Clemente Pereira, ministro da guerra; Marquez de Paranaguá, ministro da marinha; Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, ministro de extrangeiros.

Ambos empossarão-se na cidade de Porto-alegre aos 17 de Abril de 1841, animados da grata esperança de pronto acabamento da guerra pelo desbarato dos rebeldes. Esta esperança, tantas vezes iludida, era o Antêo da fabula: suplantada, reerguia-se sempre.

§ 3. O Conde do Rio-pardo, tomando posse do seo cargo, e arguido de inerte pela falta da iniciação das operações da guerra, queixava-se amargamente de demorar-lhe o seo antecessor a entrega do exercito, acuzando-o de aver propozitalmente buscado o interior da campanha para um retardamento, que prendia-se a intentos politicos do partido, a que pertencia o mesmo seo antecessor.

Em Agosto, como vimos, o Conde do Rio-pardo recebeo o exercito, e então reputava necessario pôr em campo tres colunas para bater os inimigos, exigindo para isso pelo menos 12.000 soldados, quando aliás o exercito imperial existente na campanha estava reduzido a pouco mais de 5.000 combatentes.

§ 4. O ex-commandante em xefe João Paulo dava então aos rebeldes uma força de 32 esquadrões, e a posse de 12.000 cavalos.

Os rebeldes surgião com rapidas excursões por toda a parte, e principalmente pelo territorio, que vae desde Itapuan até o Taquari. Isto obrigava o governo provincial a enviar, para segurança publica, multiplicados destacamentos, que sensivelmente desfalcavão as forças do exercito destinadas ás operações da guerra na campanha, onde se intentava bater o inimigo.

§ 5. De Abril de 1841 a Março de 1842 os novos diretores da guerra, por parte do governo imperial, pouco conseguirão em bem da terminação da luta armada; apenas vantagens parciaes obtinhão em surprezas contra os adversarios.

Assim em principios de Novembro de 1841 Francisco Pedro bateo a pequena guarnição rebelde de São Gabriel, fazendo 23 prizioneiros, e tomando 400 cavalos; em fins do mesmo mez (a 25) João Propicio, no Rincão-bonito, nas costas do Pequirí, derrota forças rebeldes, matando-lhes 120 omens, fazendo 182 prizioneiros, apossando-se da bagagem, e tomando 800 cavalos; e em 20 do Janeiro seguinte o sobredito Francisco Pedro, sendo inesperadamente atacado por Bento Gonçalves com 300 omens, destroça a este, o qual deixa no campo 36 mortos com 20 prizioneiros, 200 cavalos, e toda a bagagem, ao passo que a força legal só teve 3 mortos e 7 feridos.

§ 6. A estes sucessos o Conde do Rio-pardo, em sua correspondencia oficial, denominava brilhantes feitos d'armas operados sob seo commando; e apreciando-os dizia d'elles em Janeiro de 1842: E' bem notorio, que os dezares, que os rebeldes sofrerão n'estes quatro mezes, lhes têm cauzado grande perda de força moral, e maior teria sido, si os inimigos da monarchia não favorecessem com aereas esperanças de movimentos revoltozos em algumas provincias, dando para esse fim grande importancia ás ilegaes reprezentações feitas na de Minas.

§ 7. Os rebeldes transferindo a sua capital para Cassapava, ponto central da campanha, inculcavão tel-o feito para dar mais pronto e vigorozo impulso ao movimento das suas forças militares.

Com efeito elles então cuidarão ativamente em duas couzas; e foram ellas aumentar a sua força combatente, e obter petrexos belicos.

No primeiro intuito o governo rebelde dividio em distritos a parte da provincia por elle dominada; assim estabeleceo as duas fronteiras do Jaguarão e Rio-grande, que confiou ao zêlo do general Antonio Neto, as duas

de Alegrete e São Borja, que entregou ao general David Canabarro, e repartio a campanha em 3 departamentos, que sugeitou a outros oficiaes da republica.

Era principal incumbencia d'esses generaes e oficiaes realizar o recrutamento, afim de preenxerem-se os corpos do exercito rebelde.

§ 8. O recrutamento foi ativado, e ao mesmo tempo outro meio foi empregado para obter soldados, qual foi o da concessão voluntaria de escravos para as fileiras da rebeldia.

Abrio-se uma subscrição entre os republicanos possuidores de escravos, e muitos entregarão os seos cativos, obrigando-se a republica a indenizar o respectivo valor, quando o permitisse a fortuna dos seos cofres.

§ 9. N'este tempo mais se estreitarão as relações do Prezidente da republica rio-grandense com o Prezidente da republica oriental: Bento Gonçalves e Frutuozo Rivera entenderão-se, e pactuarão convenções secretas.

A primeira foi datada de 5 de Julho, e a segunda de 28 de Dezembro de 1841.

Em virtude d'ellas obrigarão-se ambos a mutuos auxilios; e nos termos do ultimo ajuste Bento Gonçalves devia prestar a Frutuozo Rivera 500 infantes, e 200 cavaleiros, e este prestar a aquele 2.000 cavalos.

Bento Gonçalves formou uma divizão, nos termos convencionados, a qual seguio em principio de Janeiro para o seo destino, que era derribar o governo de Entrerios, estabelecendo ali nova ordem de couzas; e Frutuozo Rivera fez entregar a Bento Gonçalves cavalhadas, que servirão, para ostilidades contra as tropas do Imperio.

§ 10. Não foi tam-somente este o favor concedido por Frutuozo Rivera a Bento Gonçalves: aquele obrigou-se a

impedir qualquer remessa de cavalhada para as forças imperiaes, e permitio a este lançar uma contribuição diréta sobre os Brazileiros rezidentes no territorio da republica do Uruguai, empregando-se ameaças, e meios coercetivos contra os recalcitantes.

Assim so um subdito brazileiro o Tenente-coronel Annibal Antunes, ali afazendado com seos irmãos, teve de pagar sob o terror de violencias 3.000 pezos; facto igual ocorreo com outros cidadãos do Imperio, dando isso lugar a muitos deixarem as suas estancias, e buscarem o territorio nacional.

Para iludir a responsabilidade do governo oriental as escoltas, que praticavão a cobrança violenta, erão compostas de Argentinos, que se figurava aparecerem de assalto repentino, sem os poder obstar o referido governo.

§ 11. N'essas negociações com o estado do Uruguai empregarão-se Ulhôa Cintra em Maio, Jozé Mariano de Matos em Julho, e o proprio Bento Gonçalves em Dezembro de 1841.

Tudo fazia-se debaixo de rezerva, de maneira que se não tornassem oficiaes as relações e convenios; todavia os factos erão transparentes, e denunciadores da combinação dos dous caudilhos.

Sendo por Frutuozo Rivera entregue a prometida cavalhada a Bento Gonçalves, queixou-se o governo imperial, reclamando em Montevideo contra o procedimento do governo oriental; e ao passo que Frutuozo Rivera negava os seos pactos, e asseverava, que a cavalhada lhe avia sido arrebatada pelos rebeldes rio-grandenses, Bento Gonçalves assoalhava, que a mandára arrebatar em vingança da *molecagem* praticada por Frutuozo Rivera, deixando de comparecer pessoalmente, como ajustára, na vila de São Frutuozo, onde aquele se aprezentára, e onde aliás foi

celebrado o pacto de 28 de Dezembro, de que atraz falamos.

§ 12. Assim escarnecião ambos da ingenua fraqueza do governo do Brazil!

A palavra *molecagem*, vocabulo xulo e rasteiro, empregada pelo caudilho rio-grandense, quando tratava-se de objeto serio e grave, bem indica o espirito, com que buscava redicularizar o cazo, e o menoscabo, em que tinha a ação diplomatica do Brazil.

Oje temos documentos comprobatorios dos convenios e manejos entre os mencionados caudilhos; e o testo da convenção de 28 de Dezembro, celebrada em territorio da republica do Uruguai, prezentes Bento Gonçalves e o enviado plenipotenciario de Frutuozo Rivera, ahi está para atestar a verdade dos factos, e da efetiva cooperação dos dous Prezidentes de ambas as republicas n'essa época.

§ 13. De Montevideo recebião então os rebeldes rio-grandenses petrexos belicos, fazendas, e tudo o mais que precizavão: Frutuozo Rivera prestava-lhes toda a possivel coadjuvação, evitando apenas actos ostensivos de responsabilidade, não só por temer a agressão do Imperio, como por convir aos mesmos rebeldes o segredo, emquanto aceitavão propostas de paz, e entretinhão o governo imperial com esperanças de pacificação por via amigavel.

§ 14. Embalado n'essas esperanças, não tratavão os diretores da guerra por parte do Imperio de dar o golpe geral decizivo contra a rebeldia pelo emprego das armas; e o Conde do Rio-pardo propalava, que o seo sistema de guerra, conservando o exercito em pozições verdadeiramente militares, e fazendo operações parciaes por meio de colunas volantes, tinha produzido continuadas e importantes vantagens, ao passo que, relatando o recente revéz de Bento Gonçalves no dia 20 de Janeiro de 1842, assegurava ao

governo imperial ter providenciado para dar novo e seguro golpe no xefe rebelde.

Os planos e esperanças do Conde não tiverão a anunciada fortuna; e em Maio do dito anno esse mesmo governo imperial, que no seo delegado tanto confiára, o demitia do commando geral do exercito, e o substituia interinamente pelo Brigadeiro Jozé Maria da Silva Bitencourt, o qual em 26 de Junho seguinte tomava posse da sua commissão.

§ 15. O Conde do Rio-pardo, no dezempenho dos seos planos belicozos, não fôra jamais á campanha; e o novo commandante em xefe, recebendo a nomeação, recebia tambem ordem de seguir para ali com brevidade, revelando-se d'aqui ter sido a inação do Conde a cauza principal da sua destituição.

O velho titular, que premeditava o seo plano de guerra, e pensava vencer os rebeldes com a tatica militar, não ocultou o seo despeito pela inesperada demissão, e retirou-se logo para a corte.

O general Silva Bitencourt sahio em Julho para a campanha, e passando pela vila do Rio-pardo, ja em 9 de Agosto seguinte estava em Vacacahi, onde axava-se o acampamento do exercito legalista em operações.

§ 16. Nenhum acto notavel na guerra avia ainda praticado o mesmo general, sinão a transferencia do acampamento das tropas imperiaes para o Arrôio do Sol, quando xegou-lhe a noticia da sua exoneração, e da nomeação do Barão de Caxias para o cargo de Prezidente da provincia, e de commandante em xefe do exercito no sul.

Ao receber esta noticia Silva Bitencourt sentio-se aliviado do pezo da commissão, cujo dezempenho o inquietava, e manifestando ao ministro da guerra a sua satisfação, dizia: Permita V. Ex., que eu expresse quanto

prazer me cabe por ter de entregar este commando ao benemerito general, briozo, inteligente, e feliz, que faz oje as esperanças do Brazil.

§ 17. A rebeldia tinha xegado ao apogeo do seo dezenvolvimento. Ia começar nova faze, a da sua declinação e aniquilamento.

CAPITULO XVIII

Posse do Barão de Caxias; prizão de Rafael Tobias; estado da provincia; preparativos para a campanha; começo das operações belicas; o general em xefe une-se ao exercito no acampamento de São Lourenço; Bento Manoel xamado ao serviço da guerra em prol da legalidade; reunião das forças rebeldes no passo do Rozario.

§ 1. A duração da guerra civil no sul era constante motivo de inquietação para o governo imperial.

A procrastinação d'esta luta não podia deixar de dezassocegar o mesmo governo, ja porque mantinha o perigo da perda de uma provincia do Imperio, ja porque tornava permanente uma cauza de avultada despeza extraordinaria com gravame do fisco, e ja porque denunciava fraqueza do poder central.

Cumpria pois fazer supremo esforço para terminar a luta fratrecida.

§ 2. Com a maioridade do Imperador nacerão esperanças de pacificação, que frustrarão-se, como ja vimos; e agora que novos sucessos davão esperanças novas, não se descuidou o governo imperial de aproveitar a oportunidade de tentar a consecução do almejado intento.

Acabava o Imperio de passar por violenta crize com o movimento revolucionario operado nas provincias de

São Paulo e Minas, sob o fundamento da reforma decretada pela lei de 3 de Dezembro de 1841 no sistema de garantias individuaes estabelecido pelo Codigo do processo criminal, promulgado em 29 de Novembro de 1832.

A decretação d'essa reforma foi considerada como ofensiva da liberdade do cidadão brazileiro ; e um dos nossos partidos politicos pegou em armas para obstar a execução da lei, reputada supressora de regalias constitucionaes.

§ 3. O Barão de Caxias, nomeado para suplantar pelas armas a rebeldia, conseguira com rapidez e felicidade a sua missão nas duas provincias sublevadas : era pois um nome prestigiozo, que podia no sul conseguir exito similhante.

O Barão de Caxias foi por isso nomeado Prezidente da provincia do Rio-grande do Sul, e commandante em xefe do exercito ali existente.

Elle tratou de seguir para o seo novo destino ; e xegando á capital da provincia, que ia governar, tomou posse da prezidencia, e do commando militar a 9 de Novembro de 1842.

§ 4. Empossado apenas do governo, xega-lhe a noticia de que o xefe da rebelião de São Paulo atravessava o territorio de sua jurisdição, no intuito de unir-se aos rebeldes rio-grandenses.

Immediatamente expede uma escolta, a qual na estrada de Palmeiras, em lugar proximo do Passo-fundo, prende a Rafael Tobias, que é conduzido para Porto-alegre, e d'ahi trazido para a corte, onde devia esperar a sua sorte, como sugeito ás leis criminaes do seo paiz.

§ 5. Realmente notavel é o facto : indicava favoravel agouro, presagiador do prospero exito, que devia lograr o general na sua nova empreza.

Avendo debelado a revolução em São Paulo e Minas, mal pizava o sólo rio-grandense, incumbido de igual missão, oferecia-lhe o destino oportunidade de colher mais uma vantagem sobre o espirito de rebeldia no Imperio.

O xefe sublevado, que pela fuga do teatro da revolução, escapára ao vencedor, vinha agora entregar-se-lhe nas mãos, como para não considerar-se inacabado o triunfo do feliz general em Minas e São Paulo.

§ 6. Tomando conta da publica administração, o novo Prezidente e commandante em xefe axava a rebeldia dominante em parte da provincia com o seo governo estabelecido em Piratinin.

O governo legal mantinha a posse excluziva de toda a orla maritima com toda a linha fluvial de navegação desde a Lagoa-mirim até immediações da vila da Caxoeira no rio Jacuhi, e até os pontos accessiveis aos vazos de guerra nos rios Taquari, Cahi, e Sinos.

Na campanha tinha livres alguns pontos, e ocupava Missões.

§ 7. Assim a legalidade dominava uma área de mais de 30.000 kilometros quadrados, contidos n'essa orla maritima, e nos terrenos compreendidos por uma linha tirada de Porto-alegre, subindo pelo rio Jacuhi, procurando depois Cruz-alta, e descambando para os limites das provincias vizinhas até a costa, além de perto de 10.000 kilometros quadrados do territorio de Missões, e adjacencias.

No entretanto a rebeldia senhoreava todo o territorio, que se compreendia na área limitada por uma linha tirada da embocadura do Jacuhi, na bahia de Viamão, á vila de Jaguarão, subindo pelas nossas divizas com os estados fronteiros ate ás proximidades de Uruguaiana, d'onde, procurando a parte superior do Jacuhi, por este decia até a sua ja indicada embocadura.

Estas linhas formavão um triangulo, cuja baze descansava sobre a Lagoa dos Patos, e cujo vertice tocava no rio Uruguai junto a atual vila de Uruguaiana, abrangendo uma área de 25.000 kilometros quadrados com a vila de Piratinin quazi no centro.

Não queira ninguem ver exactidão nas cifras das áreas acima indicadas, as quaes so aprezentamos como calculo aproximado para dar idéa da ocupação territorial por uma e outra parte contendora.

§ 8. Para empreender a guerra com exito feliz o novo general bem imaginou quanto cumpria fazer.

Elle tinha por baze do seo plano a conciliação; mas sabia, que para esta sortir efeito, convinha ter meios de realizar a sugeição dos rebeldes.

Esta politica conciliadora, que finalmente pôz termo á guerra civil, o mesmo general a denunciou, quando ante a reprezentação provincial dizia: Incetei as operações, não como o unico meio de xamar os dessidentes á ordem, mas como um meio auxiliar da politica de conciliação, e que sempre empreguei em iguaes cazos.

§ 9. Começando a preparar os meios de entrar em campanha, a trez couzas principalmente cumpria atender, e erão:

1.º Predispor os animos na provincia em favor da obra da pacificação

2.º Privar os rebeldes de auxilio, e de refugio nas vizinhas republicas do Prata

3.º Obter cavalhada para o exercito em operações.

§ 9. No intuito de xamar a si a benevolencia e boas dispozições dos omens notaveis da provincia, o novo general dirigio ás pessoas conhecidas por sua influencia local e fortuna uma carta circular, em data de 28 de Dezembro de 1842, na qual expunha, que, para alcançar o feliz exito

da empreza, de que se encarregára, invocava o auxilio de todos os cidadãos prestantes, que por seos bens, influencia, e amor á cauza publica, podessem coadjuval-o na missão de pacificar a provincia.

Assim o general prezidente interessava os cidadãos de importancia local na obra da pacificação, que ja parecia necessaria a uns, porque defenderão sempre a cauza legal, a outros, porque ja estavão cansados da luta, e avião-se dezenganado de tão esperado triunfo, sempre fugaz.

§ 10. O general mostrava-se confiado no seo destino, e no rezultado da sua commissão; por isso ao xegar á provincia a annunciára em sua proclamação de 9 de Novembro de 1842, dia da sua posse, nos seguintes termos: Rio-grandenses! Sua Magestade o Imperador, confiando-me a prezidencia e o commando em xefe do bravo exercito brazileiro, recommendou-me, que restabelecesse a paz n'esta parte do Imperio, como restabeleci no Maranhão, em São Paulo, e em Minas; a divina Providencia, que de mim tem feito um instrumento de paz para a terra, em que naci, fará, que eu possa satisfazer os ardentes dezejos do magnanimo monarca e do Brazil todo. Rio-grandenses! segui-me, ajudae-me, e a paz coroará os nossos esforços.

§ 11. O general conhecedor das fragilidades do coração umano, buscava interessar no facto, de que devia ser protogonista, a todos aqueles, de cujo concurso precizava, despertando n'elles o pensamento de ser esse facto obra commun, que realizavão dirigidos pelo instrumento providencial, mas não mandados pelo imperio de um omem, que d'entre os demais se alevantava, rompendo a igualdade.

Disfarçar a vontade de quem manda, eis o segredo dos grandes commetimentos, dependentes de geral concurso.

§ 12. Emquanto aos recursos, que os rebeldes tiravão dos estados limitrofes, o governo imperial entendeo-se com

o ditador de Buenos-aires João Manoel de Rozas, sob cujas inspirações procedia em Montevideo o general Manoel Oribe.

Manoel Oribe e Frutuozo Rivera erão emulos e competidores no governo da republica do Uruguai; e qualquer d'elles quereria ter o apoio do Brazil para derribar e destruir o seo rival.

O Brazil preferio favorecer o primeiro, ja porque, aliado do referido ditador, teriamos maiores dificuldades em contrarial-o, e ja porque o segundo era mais relacionado com os rebeldes rio-grandenses, e portanto mais propenso a iludir promessas feitas ao Imperio.

§ 13. O certo é, que o Barão de Caxias ficou de inteligencia com o ditador de Buenos-aires e com o general Manoel Oribe, que então com o general Frutuozo Rivera disputava pelas armas a prezidencia da republica do Uruguai.

Dentro de pouco tempo Frutuozo Rivera cae vencido por seo contendor; e vendo os seos inimigos de acordo com o Brazil, quiz, ou fingio querer abandonar a cauza dos rebeldes brazileiros. Não foi porêm ouvido; e os mesmos rebeldes, com o destrôço do amigo, ja não axavão facilidade de recursos no vizinho estado.

§ 14. No sul não se faz guerra sem cavalos: a cavalaria é ali a mais importante necessidade, e o mais poderozo elemento de guerra.

A fraqueza do cavalo nas nossas campinas meridionaes exige para o serviço militar grande numero de animaes; e um soldado ali não pode considerar-se montado sem ter trez e quatro cavalos para uzar d'elles revezadamente; de sorte que uma força de 1.000 soldados pede pelo menos o numero de 3.000 cavalgaduras.

Nas regiões adjacentes aos dous grandes rios Parnahiba

e São-Francisco ao soldado basta um so cavalo, para qualquer serviço. O clima temperado e as pastagens ahi concorrem para maior vigor do cavalo, do que o frio e os pastos do sul.

§ 15. A guerra do Rio-grande do Sul era feita contra gente do paiz, adestrada no manejo da arma de cavalaria, e agil nos rapidos movimentos. Cumpria perseguir similhante inimigo; indispensavel pois era numeroza e boa cavalhada.

O Barão de Caxias diligenciou portanto possuir cavalhada, obtendo-a na propria provincia, e nas republicas vizinhas, mandando-a buscar até no Paraguai.

Conseguindo assim a cavalhada, de que precizava o nosso general, empedia ou dificultava, que os rebeldes a obtivessem; pondo o mesmo general decidido empenho em tomar por surpreza cavalos dos rebeldes em suas invernadas.

Tão perfeitamente conhecia elle a importancia d'esse instrumento de guerra nas campinas do sul, onde pelejava!

§ 16. O experiente general não despreza nenhum elemento de vantagem; e procurou entender-se com Bento Manoel, cujo prestimo assaz importava, ja por seos dotes de guerra n'aquela especial campanha ja pelas suas relações de familia, e pelo conceito entre os abitantes do campo, geralmente conhecidos pela denominação de gaúxos.

Bento Manoel entrou em relações com o Barão de Caxias, o qual ao xamal-o a si, escreveo em 12 de Novembro de 1842, dirigindo-se ao ministro da guerra na corte, o seguinte: Eu julgo, como V. Ex., impolitico o dar commandos a Bento Manoel, e muito menos antes d'elle ter dado prova de sua contrição; porêm creio tambem, que elle me vae ser muito util, suprindo-me n'aquilo, que me falta, que é conhecimento pratico do terreno, e com suas relações na campanha espero obter mais alguma gente de cavalaria e cavalos.

Eis como Bento Manoel reentrava nas fileiras da legalidade, e na confiança do governo imperial.

§ 17. Julgando-se preparado o Barão de Caxias iniciou as operações militares.

Antes de partir para a campanha guarneceo a linha de navegação desde a Lagoa-mirim até o Jacuhi com lanxões e canhoneiras de guerra.

Na cidade do Rio-grande ficarão dous batalhões de caçadores com 666 praças cada um, e 800 soldados de cavalaria.

A cidade de Porto-alegre ficou guarnecida por um batalhão de caçadores, o corpo policial com 100 praças, e 300 cavaleiros para percorrerem os distritos circumvizinhos.

Em São Jozé do Norte estava um destacamento de 100 infantes, e outro de cavalaria.

Junto ao passo de São-Lourenço no rio Jacuhi, e municipio da Caxoeira, acampava o exercito imperial, contando perto de 7.000 omens.

O general comsigo tinha uma força de 1.800 soldados.

D'este modo o mesmo general incetava a campanha com uma força, cuja totalidade orçava por 12.000 omens das trez armas, isto é, infantaria, cavalaria, e artilharia.

§ 18. Em 11 de Janeiro de 1843 o general imperial estreou as operações, transpondo o rio São-Gonçalo no Passo da Barra com uma coluna ligeira de 1.000 infantes e 800 soldados de cavalaria.

Este movimento, considerado dificil e arriscado, efetuou-se sem obstaculo por parte do inimigo, que, supondo outro o destino do Barão de Caxias, o esperava do lado de Canudos, em cujas immediações conservava-se o general rebelde Antonio Neto, no entretanto que David Canabarro pairava com o grosso do exercito republicano nas proximidades da Caxoeira, acima do acampamento imperial de São-Lourenço.

§ 19. O Barão dezembarcou a salvamento com a sua coluna ligeira, levando 5.000 cavalos, e dirigio-se para o Rio-pardo, margeando a Lagoa dos Patos ao seo lado direito, e costeando pelo esquerdo a serra do Erval.

Era de prezumir, que, quando o Barão passasse o rio São-Gonçalo, fosse obstado no dezembarque, ou que fosse atacado em sua marxa para o Rio-pardo.

O general Antonio Neto, que axava-se á frente de 2.000 cavaleiros, e 300 infantes, nem uma, nem outra couza fez. Por que?

Elle esperava o inimigo nos Canudos; e vendo-o passar o rio ao norte, em ponto bem distante d'aquele, não pode acudir de pronto contra o adversario, que proseguia sem embaraço algum.

Este facto, acremente arguido ao general rebelde por seos camaradas, assaz deminuio-lhe o prestigio entre os defensores da cauza republicana.

§ 20. O Barão de Caxias xegou ao Rio-pardo, e d'ali seguio para o acampamento de São-Lourenço, onde, com um percurso de 80 legoas, apareceo no dia 11 de Feverciro, um mez depois da sua passagem no Passo da Barra, unindo-se assim com a sua coluna ao exercito ali acampado.

O general foi recebido com demonstrações de entuziasmo inspirado pelo prestigio do seo nome, e dos seos anteriores feitos, no qual já se refletia o brilho d'esta marxa, que o trazia ao acampamento, como prenuncio da fortuna e da tatica do general, que assim começava por um acontecimento prospero e animador.

§ 21. Ahi organizou o exercito em 3 divizões, dando o commando da 1ª ao Brigadeiro Felipe Neri d'Oliveira, o da 2ª ao Coronel Jacinto Pinto d'Araujo Corrêa, o da 3ª ao Coronel João da Silva Tavares.

Para operar na campanha dividio o mesmo exercito em duas colunas, e agregou ao seo estado maior o Brigadeiro

Bento Manoel, que, de novo regressado á legalidade, como ficou dito, ia servir proveitozamente á cauza imperial, merecendo a confiança do general em xefe, que dentro de pouco tempo a elle entregou uma divizão, d'esse mesmo exercito, e o incumbio de importantes commissões de guerra.

§ 22. O governo imperial, recêozo do caracter de Bento Manoel, recommendára ao Barão de Caxias, que lhe não confiasse commando importante: todavia o Barão, prevenindo o mesmo governo da necessidade de utilizar-se do prestimo d'este oficial, tão conhecedor das circunstancias peculiares d'esta guerra singular, empregou-o, e não teve ocazião de arrependimento.

Bento Manoel, esse infatigavel devassador das coxilhas, foi proficuo auxiliar, ja pela siencia topografica da campanha, e ja por suas relações de parentesco e de amizade na provincia. Os acidentes e os omens da terra, em que vivia, lhe erão conhecidos e familiares.

§ 23. Os rebeldes, vendo efetuada a feliz operação da passagem do rio São-Gonçalo pelo general legalista, e sua xegada ao acampamento do exercito, que commandava, reunirão as forças da republica.

Antonio Neto e David Canabarro fizerão junção em 19 de Fevereiro de 1843, e toda a tropa rebelde, quer de infantaria, quer de cavalaria, pairou no passo do Rozario no rio Santa Maria, e suas adjacencias. As forças republicanas aproximavão-se ao computo de 3.500 omens.

§ 24. Bem dezejava o Barão de Caxias travar peleja campal com essas forças; mas conhecião os rebeldes quanto lhes poderia ser danoza tal peleja; procurarão portanto evital-a, não se mantendo firmes em ponto algum, como adiante veremos.

Novos Partas, os rebeldes rio-grandenses agredião com as suas lanças, em impeto repentino, e voavão em seos cavalos para evitar o pezo do inimigo e a derrota.

CAPITULO XIX

Partida do exercito legal do acampamento de São Lourenço; destroço de Portinho em Botucarahi; perseguição contra os rebeldes; estes transpõem a fronteira em Cunhaperú, regressão por Taquatiá e surprendem São-Gabriel; o Barão de Caxias contramarxa para este ponto.

§ 1. Xegado ao acampamento de São Lourenço, o Barão de Caxias rezolveo procurar os rebeldes para dar-lhes combate; mas antes de partir com esse intento expedio para cima da Serra o Coronel Jeronimo Jacinto, o qual subio pela picada de Botucarahi com 500 praças de cavalaria, e no dia 4 de Março de 1843 destroçou o caudilho Portinho, que por ali marxava com uma força de 300 omens.

O commandante rebelde ahi perdeo 11 pessoas, morrendo da força legal apenas 1 soldado.

Com este destroço de Portinho ficarão os municipios da Vacaria, e os demais de serra acima completamente dezassombrados dos rebeldes.

Era este o fim da expedição; e elle estava conseguido, ficando o general da legalidade sem receios de forças contrarias, que pela sua retaguarda praticassem qualquer ostilidade.

§ 2. No entretanto marxava o mesmo general no intuito de combater os rebeldes no passo do Rozario; xegando porêm a São Gabriel, sabe, que os rebeldes avião abandonado aquele ponto em busca da fronteira de Alegrete.

O Barão de Caxias deixou então em São Gabriel a sua bagagem pezada, guardada por 3 batalhões de caçadores

e 500 cavaleiros, formando um total de mais de 2.000 praças com 3 bocas de fogo, sob o commando do Coronel Jacinto Pinto, atravessa o rio Santa Maria com 4.000 omens, e dirige-se para a capéla de Santa Anna, oje vila do Livramento, persuadido de encontrar-se ali com as forças inimigas.

§ 3. A 31 de Março avizinhavão-se as tropas imperiaes da mesma capéla, quando já começava o crepusculo da tarde: quiz o Barão não obstante proseguir na marxa, e atacar immediatamente o inimigo; mas d'este intento o desviou a consideração da superveniencia das sombras da noite.

Entretanto o general reunia e ouvia um conselho militar sobre o ataque, que premeditava, para dar a dezejada batalha: os adversarios porêm evadem-se, e pela manhan tinhão dezaparecido.

Diz-se, que fôra este o primeiro e ultimo conselho militar, que o Barão de Caxias convocou em toda esta sua campanha do sul: tão contrariado ficára com o malogro do seo plano!

Os rebeldes n'essa mesma noite transpõem a fronteira brazileira na altura de Cunhaperú, e internão-se no territorio da republica do Uruguai com 2.500 omens.

§ 4. Tinha o general legalista percorrido desde o acampamento de São Lourenço até Santa Anna para mais de 60 legoas em busca do inimigo, sem lograr forçal-os a combater; por alguns dias pára na sobredita capéla, depois passa a fronteira, e xega á margem direita do rio Taquarimbó-grande para obter cavalhada da vizinha republica, como obteve, recolhendo 3.000 cavalos, e esperançado em receber do general Manoel Oribe mais 6.000, que so mais tarde pôde receber.

Entretanto os rebeldes, por meio de rapido movimento

de retrocesso, passão por Taquatiá, e aprezentão-se diante de São Gabriel, onde surpreendem os soldados, que fóra do acampamento guardavão a cavalhada, que por inutil e magra ali ficára, matão 2 tenentes, e 13 praças, tomão essa mesma cavalhada, arrebatão a boiada de transporte, e sitião São Gabriel com um força de mais de 1.000 omens.

§ 5. Apenas sabido este sucesso, o Barão de Caxias contramarxa do Livramento para São Gabriel com toda a sua coluna, no intuito de atacar os rebeldes sitiantes; estes porêm para evitar o combate retirão-se em direção a Bagé, em cuja fronteira com a vizinha republica poderião axar abrigo, no cazo de necessidade, por ser essa mesma fronteira ocupada por partidistas de Frutuoso Rivera, amigo e comparsa dos xefes da rebeldia.

O Barão de Caxias, que tinha partido do Livramento no dia 16 de Abril, a 19 ja estava em São Gabriel, tendo em 48 óras, com 4.000 omens e 9.000 cavalos, executado a extraordinaria marxa de 24 legoas!

§ 6. Xegando a São Gabriel ja ali não encontra o assedio; arrecada a cavalhada roubada, mas depois abandonada pelos tomadores, e submete a conselho de investigação o Coronel Jacinto Pinto em consequencia dos sucessos ocorridos no seo acampamento, onde o descuido d'este oficial dera ocazião a serem os nossos soldados surpreendidos e mortos, como fica dito.

O nosso general em xefe arguia o Coronel de negligente, e considerava ter elle por falta de vigilancia posto em risco a sorte da campanha, quando assim dava motivo a um revez, que tão profundamente desmoralizaria a legalidade ao começar as suas operações de guerra.

§ 7. Em São Gabriel o general em xefe do exercito legal fez pauza, e considerando na impossibilidade de coagir o inimigo a pelejar, si o seguisse com um corpo de tropas

numerozo, quando esse inimigo reunia-se, e dispersava-se em partidas ligeiras, entendeo dever procural-o, não em um so ponto, mas perseguil-o em diversas direções, conforme as subdivizões da força adversa.

Com este intuito o Barão de Caxias repartio o seo exercito em duas colunas, uma sob a sua direção immediata, e outra sob a direção de Bento Manoel, o qual com a aprezentação dos seos parentes, trazendo gente e cavalos, dissipava os receios de perfidia.

Uma d'estas colunas devia manobrar pela margem direita, e a outra pela margem esquerda do rio Santa Maria, destacando forças para perseguir tropas rebeldes, onde estas se mostrassem. Assim os rebeldes não terião socego, nem poderião formar reuniões numerozas.

§ 8. Crecido numero de individuos militantes nas fileiras republicanas avião-se aprezentado ao xefe do exercito legal, e em fins de Abril ja pôde elle formar d'essa gente um corpo com a denominação de Esquadrão de cavalaria ligeira do municipio de Alegrete.

Era isto proveitozo fruto do concurso de Bento Manoel em prol da cauza imperial.

CAPITULO XX

Perseguição dos rebeldes; tomada de artilharia e trem belico dos mesmos; combate de Ponxe-verde; assedio de Alegrete por David Canabarro; combate de Santa Maria-xica; Frutuozo Rivera derrotado por seo competidor em Serro-largo; força rebelde aprizionada em Piratinin; combate de Cangussú; combate de Botuhi; o Barão de Caxias novamente na fronteira; situação dos beligerantes no fim do anno de 1843.

§ 1. O Barão de Caxias, xegando a São Gabriel, e não encontrando os rebeldes, reconheceo a impossibilidade de obrigal-os a aceitar batalha campal; rezolveo por isso

perseguil-os e aniquilal-os pela continua dispersão dos seos grupos armados.

Dividio pois, como fica dito, o seo exercito em 2 colunas, e pondo-se á frente de uma, e dando a outra a Bento Manoel, começou a projetada perseguição.

A 1ª coluna devia operar aquem do rio Santa Maria, e a 2ª devia manobrar alem do mesmo rio, em toda a extensão do distrito e fronteira de Alegrete.

§ 2. Da sua coluna destacou logo o general em xefe uma expedição para as immediações de Paipasso, a qual, ali xegando, encontrou o arsenal rebelde abandonado, apodera-se de 5 bocas de fogo, grande porção de ferro em barra, muito armamento de infantaria e de cavalaria, 6 tórnos de ferreiro, avultada quantidade de granadas carregadas, crecido numero de barris de tinta e oleo, muitas balas de fuzil, lanças, couraças, e outros objetos belicos, bem como de uma botica comprada em Montevideo por 7.000 patacões (14:000$).

§ 3. Ao mesmo tempo mandou ocupar a vila de Alegrete por uma força de 700 praças, composta de 1 batalhão de caçadores, e 1 esquadrão de cavalaria, sob o commando do Brigadeiro Francisco d'Arruda.

Esta ocupação privava os rebeldes da posse de um municipio, d'onde tiravão os seos mais valiozos recursos pecuniarios.

§ 4. As 2 colunas incetarão a perseguição dos rebeldes por diversos rumos, buscando as forças inimigas, onde ellas paravão.

Vendo os rebeldes assim dividido o exercito imperial julgarão poder d'ahi tirar vantagem, si atacassem a coluna de Bento Manoel, que aliás compunha-se de 1.200 baionetas, e pouco mais de 1.000 cavaleiros com 2 bocas de fogo; com efeito no dia 26 de Maio atacarão este general, que então estava á frente apenas de 1.600 soldados.

As forças rebeldes agressoras erão commendadas pelos seos principaes xefes, Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, João Antonio, e Jacinto Guedes, e montavão a 2.500 omens.

§ 5. O combate foi renhido, e durou por 2 oras, cabendo a vitoria ás tropas da legalidade. Estas tiverão 30 mortos e 500 feridos: os rebeldes contarão 100 mortos e 200 feridos. Entre os feridos da legalid. de incluia-se Bento Manoel ofendido levemente em um braço, e no peito esquerdo.

Era a segunda vez, que Bento Manoel, medindo-se com Bento Gonçalves, o vencia e derrotava.

Empenhou-se na luta um pequeno bando de subditos orientaes, sob o commando de um coronel partidista de Frutuozo Rivera, desfarçados auxiliares dos rebeldes.

§ 6. No combate de Ponxe-verde, como vimos, era a força rebelde mais numeroza do que a força legalista; no entretanto foi vencida.

Afirmão os contemporaneos d'este sucesso, que no vigor do conflito apareceo pela retaguarda dos rebeldes uma cavalhada, que vinha do estado oriental, e que, na sua marxa, como era natural, levantou grande nuvem de poeira.

Os rebeldes combatentes supuzerão ser forças legaes, que os vinhão agredir, e n'esta persuazão tocarão retirada, deixando a vitoria aos seos adversarios.

A derrota do Ponxe-verde foi para a cauza republicana revez mui consideravel pela desmoralização, que produzio nas fileiras da rebeldia; as dezerções forão numerozas, e começou d'ahi por diante a ser vizivel o enfraquecimento dos propugnadores da republica.

§ 7. Os rebeldes, doídos do revez de Ponxe-verde, buscarão desfórra, e para isso foi David Canabarro assediar o Brigadeiro Francisco d'Arruda em Alegrete.

Ali xegado o caudilho rebelde a 5 de Junho de 1843 com 1.000 soldados, mais ou menos, fez intimação á

guarnição para render-se, e no oficio dirigido ao commandante dizia : Depois da vitoria de 26 de Maio ultimo contra a divizão de Bento Manoel, marxei sobre a força imperial, que commandaes, e me axo oje á vossa frente com centenares de bravos dispostos a debelar os soldados de D. Pedro Segundo a todo o custo. Vossa pozição é critica; não tendes como defender tantas vidas ; vos axaes a muitas legoas de distancia do exercito imperial, e elle quazi impossibilitado de marxar, e por consequencia de vos socorrer ; nada mais vos resta sinão uma capitulação, ou deixar perecer a ferro e fogo os Brazileiros confiados ao vosso mando.

§ 8. David Canabarro, ocultando a verdade, e aparentando forças, que não tinha, não iludio ao Brigadeiro Francisco d'Arruda, o qual respondendo dizia ao manhozo caudilho : Dando a consideração, que merece a patacoada, que Vossa-mercê acaba de dirigir-me em uma folha de papel almaço, tenho a significar-lhe, que estou pronto a consideral-o como briozo Brazileiro, quando Vossa-mercê reconhecer e venerar a independencia do Imperio, sua integridade e instituições politicas, que religiozamente juramos manter e observar sob a obediencia da sagrada pessoa do Sr. D. Pedro Segundo, imperador brazileiro, e perpetuo defensor d'este grande imperio. Com os bravos, que se axão sob o meo commando para defeza de tão sagrados objetos, nada receio,... e desde ja pode Vossa-mercê fazer o que lhe parecer, pois eu farei o meo dever.

§ 9. Dezenganado David Canabarro de que nenhum efeito produzia o seo ardil, tentou realizar a ameaça de força sobre a guarnição assediada, a qual com vantagem repelio a agressão.

Entretanto Bento Gonçalves e Antonio Neto acódem

com tropas novas, elevando as forças do assedio a mais de 2.000 omens ; mas sabendo os rebeldes, que Bento Manoel, que a 26 de Maio os avía desbaratado em Ponxe-verde, ahi vinha em socorro de Alegrete, abandonarão o assedio, depois de 5 dias de infrutiferos tiroteios.

§ 10. Logo depois do facto acima referido, ocorreo no dia 8 de Junho o combate de Santa Maria-xica, notavel pelo valor, com que portou-se a força legalista em numero assaz inferior ao da força rebelde.

No intuito de surprender uma partida adversa, sahio Francisco Pedro com 186 omens, e quando prezumia atacar tropa deminuta, encontra-se com o general João Antonio á frente de 500 soldados.

Teve a força legal de intrinxeirar-se em uma cerca de pedras contigua a uma caza, e ahi reziste até xegar-lhe socorro mandado pelo Barão de Caxias.

O socorro salva Francisco Pedro; mas este tinha duas cutiladas na cabeça, e um ferimento na mão direita, avendo na luta sucumbido 8 dos seos valentes companheiros.

João Antonio perdeo 20 omens mortos, entre os quaes um Major, e 40 oficiaes, teve mais de 40 feridos, retirando-se do lugar do combate com a xegada da força legal auxiliadora.

§ 11. O inverno era xegado, e o general em xefe do exercito imperial buscava lugar oportuno para deixar passar a estação fria. Este inverno não foi rigorozo; a 3 Julho de 1843 o mesmo general estava em ponto central da provincia, nas margens do rio Jaguari, e abarracava em uma estancia denominada Carmo.

Mal assentava o Barão o seo acampamento ahi, quando é avizado de pretenderem os rebeldes, pela fronteira

do Rio-grande, penetrar até o Rincão dos Touros, e arrebatar a cavalhada imperial, que ali invernava.

§ 12. Então o mesmo Barão levanta o acampamento, e segue até a margem direita do rio Camaquan,expedindo logo uma força de 1.000 omens, sob o commando do Tenente-coronel Manoel Marques, o qual tinha por missão surpreender o governo rebelde em Piratinin, e ir depois ocupar Pelotas, com o fim de impedir o projeto dos rebeldes contra o supra mencionado rincão.

Este oficial marxa apressadamente sobre Piratinin, e ali entra; mas apenas consegue apreender um intitulado capitão dos rebeldes, a guarda policial, que estes ali mantinhão, e 2 carretas com 1.000 fardamentos, e algumas munições belicas.

§ 13. Feito isto, o mesmo oficial encaminha-se para Pelotas, que efetivamente ocupou com a tropa de seo commando.

D'ahi arrebanha cavalhada para o exercito imperial, e, unido a Francisco Pedro, percorre o distrito de Cangussú, e os immediatos, e dispersa pequenas partidas rebeldes, que por ahi andavão.

§ 14. Uma d'ellas mais numeroza, composta de 54 praças, sob o commando de um tal Felicissimo Felis, aprezentou-se ao Barão de Caxias, implorando anistia, que obteve. D'estes individuos 50 ficárão alistados no serviço imperial.

Assim começava a aprezentação de rebeldes em maior escala, demonstrando o desconceito da cauza da rebeldia.

§ 15. O Barão de Caxias, deixando Camaquan, dirige-se para Cassapava, onde xega a 3 de Agosto de 1843, para d'ali buscar o Jaguarão, e reunir-se á brigada então commandada pelo Tenente-coronel Manoel Marques, o qual, na

posse de 6.000 cavalos, abilitava o exercito a ter conveniente remonta para as suas tropas.

Estes movimentos realizão-se com exito feliz para a sorte das armas imperiaes, que assim conquistavão a confiança do final triunfo.

§ 16. Emquanto ocorrião estes acontecimentos, os rebeldes, acossados pela coluna de Bento Manoel, e pela do Barão de Caxias emigrão para o estado oriental, seo antigo e certo refugio.

Agora porém esse recurso, aliás tão proficuo, ia falhar; pois sendo Frutuozo Rivera derrotado em Serro-largo por seo competidor Manoel Oribe, faltava aos mesmos rebeldes o apoio, que no general derrotado encontravão, e elles volvem á provincia para procurar Piratinin e suas adjacencias.

§ 17. No entretanto Frutuozo Rivera, que tinha identificado o triunfo da sua cauza com a sorte dos rebeldes rio-grandenses, ao ver-se desbaratado em Serro-largo, não quiz perder ocazião de favorecer aos seos amigos, e rezolveo dar-lhes auxilio de forças, que na prezente situação lhe não prestavão serviço.

Mandou pois, que os seos sectarios derrotados passassem para a nossa provincia, afim de encorporarem-se aos rebeldes brazileiros.

§ 18. Com efeito nos primeiros dias de Outubro de 1843 uma força de 400 omens sob o commando do Coronel Baldomero Sotélo passou a fronteira do Brazil, e penetrou no nosso territorio.

O Barão de Caxias manda immediatamente cercar esta força, e dezarmal-a, dando o seo xefe por desculpa, que, vencido no paiz natal, e cançado do despotismo n'elle reinante, vinha buscar serviço no Imperio, e oferecer-se para alistar-se nas fileiras do exercito imperial.

Frutuozo Rivera, que assim procedia, dentro de breves dias aproxima-se da nossa fronteira, e manda oferecer ao general Barão de Caxias cavalhada e todo o mais auxilio, que d'elle dependesse!

Nada porem foi aceito; porque sabia o general brazileiro com quanta simulação era feito esse oferecimento.

§ 19. Findava o inverno; e assim reabrião-se as operações francas da guerra. Estavamos em Setembro.

O Barão de Caxias no propozito de não deixar guarida ao inimigo, fórma nova divizão do exercito, ficando este assim dividido em 3 colunas.

Continua elle á frente da primeira, composta de 2.000 omens, e Bento Manoel da segunda, com a força de 3.200 praças; o mando da terceira, constante de 500 cavaleiros e 500 infantes, foi confiado a Francisco Pedro, que tão notavel se avia tornado por seos conhecimentos topograficos da provincia, e por essa incansavel atividade, com que repetidamente realizava contra os rebeldes surprezas inopinadas, cauzando ao inimigo dano, e aos amigos admiração.

§ 20. Francisco Pedro tinha-se tornado para os rebeldes verdadeiro motivo de temor: o extrenuo defensor da legalidade, vencendo em tempo breve incriveis distancias, muitas vezes cahia sobre os adversarios, quando estes julgavão-se em perfeita segurança, e fóra do alcance de qualquer agressão.

Distinto por estes dotes de guerra, e tendo já obtido o posto de Tenente-coronel da guarda-nacional, a elle foi entregue a terceira coluna do exercito para mais eficaz perseguição do inimigo.

§ 21. As 3 colunas do exercito começarão a manobrar: o general em-xefe move-se no municipio de Bagé até São-Gabriel, Bento Manoel em Alegrete, e Francisco

Pedro em todo o territorio compreendido entre os rios São-Gonçalo e Camaquan até Jaguarão.

N'esta extensa area, onde os rebeldes sempre dominarão, onde tinhão posto a séde do seo governo, e onde colhião recursos para a guerra, era-lhes impossivel socego e quietação. Ou devião combater, ou retirar-se : tal era o pensamento do general das armas imperiaes.

§ 22. Estava Francisco Pedro acampado em Cangussú, quando soube, que Bento Gonçalves, Antonio Neto, e Camilo dos Santos com 300 omens o vinhão surpreender; em consequencia do que põe-se á frente de 310 soldados, antecipa-se aos caudilhos, e a 25 de Outubro os surpreende em marxa, cauzando-lhes a morte de 5 omens, aprizionando-lhes 10, e tomando-lhes um estandarte, toda a bagagem, abarracamento, e 240 cavalos, que trazião á destra. Os rebeldes fugirão em debandada.

A esta contra-surpreza procurarão os ditos caudilhos responder. Reunirão uma força passante de 400 cavaleiros e 200 infantes, e com uma pequena peça de artilharia forão de novo atacar a Francisco Pedro em seo acampamento de Cangussú, no dia 6 de Novembro de 1843.

Apóz renhido combate os caudilhos deixarão mortos no campo 30 dos seos combatentes, incluzive 3 oficiaes, com muito armamento, levando perto de 60 feridos. Os legalistas perderão 50 omens mortos, e tiverão 11 feridos.

§ 23. Era ativa a perseguição contra os rebeldes; e derrotados em Cangussú, como acabamos de ver, em breve sofrerão novo revéz nas margens do arroio Batovi no dia 26 de Dezembro.

O Tenente-coronel Demetrio Ribeiro e o Major Antonio Fernandes Lima, no lugar Santa Roza, nas margens do arroio Batovi, investem inesperadamente sobre os caudilhos João Antonio, e Onofre Pires, os quaes com 500 omens

buscavão reunir-se a David Canabarro, e desbaratão os mesmos caudilhos, matando-lhes 80 omens, aprizionando 55, ferindo a mais de 100, e tomando-lhes a bagagem e 700 cavalos.

Os imperialistas apenas tive ão 1 soldado morto, devída esta desproporção de perdas á surpreza, com que foi o inimigo acommetido.

§ 24. No intuito de impedir a fuga de João Antonio, que em breve reunira 250 omens, e ja vinha em direção da fronteira da vizinha republica, mandou o Barão de Caxias uma força de 140 praças para, na picada de São Martinho, obstar a passagem do cabecilha.

Este travou combate: e foi de novo derrotado, perdendo 15 omens mortos, e deixando 40 feridos nas estradas, por onde tranzitou. A força legal perdeo o seo commandante Agostinho Gomes, um tenente, e 3 soldados. Entre os rebeldes mortos incluio-se o celebrado Serafim Bravo, que com o titulo de Capitão distinguira-se em diversas correrias e assaltos contra a gente legalista.

João Antonio, depois de assim derrotado, conseguio passar por São Borja, e penetrar no territorio da republica de Corrientes, onde foi dezarmado por ordem do governador Joaquim Madariaga, em virtude de instante reclamação do general brazileiro, como veremos.

§ 25. Entretanto David Canabarro, que comsigo tinha a maior força inimiga, percorria o municipio de Alegrete, passava e repassava a fronteira da republica vizinha, sempre perseguido pelas forças de Bento Manoel, e do proprio Barão de Caxias, que em principio de Dezembro teve de transpor tambem aquela fronteira em seguimento do sobredito caudilho, que de novo buscou o territorio brazileiro.

N'este incessante movimento de perseguição aos rebeldes terminou o anno de 1843.

§ 26. Para dar idéa do quanto então se passava, basta ler o que ao governo imperial expunha o Barão de Caxias em Dezembro d'esse anno, referindo-se a David Canabarro. Elle assim o expõe: Por 38 legoas persegui o inimigo sem nunca o perder de vista, apezar de ser a força principal d'esta minha divizão de arma de infantaria, e trazer ella 3 peças de artilharia, e crecido numero de carretas com munições de guerra e de boca, emquanto toda a força dos rebeldes pertence á arma de cavalaria. É inexplicavel o terror panico, de que se possuio David Canabarro e seos comparsas no crime; diversas vezes a nossa vanguarda carregou sobre a retaguarda dos rebeldes, e nem uma vez aceitarão o combate; nunca animarão-se a dezencilhar os cavalos: do que rezultou deixarem cansados cerca de 3.000, e aparecer a dezerção em suas fileiras, podendo elevar-se a 150 o numero de omens, que perderão em similhante retirada forçada ou antes fuga.

§ 27. D'ahi facil é de ver, com que insistencia o general legalista perseguia os adversarios; mas tambem fica patente qual era o sistematico procedimento dos rebeldes em não batalhar com as armas, mas em vencer pela procrastinação e pelo cansaço.

O exercito republicano, sempre montado, deixava-se sempre ver do exercito imperial; mas podia a todo o momento afastar-se ao seo sabor, na certeza de não poder ser alcançado pelo inimigo, cuja maior força consistia na infantaria.

§ 28. Um anno completo decorrera, depois que o Barão de Caxias começára o dezempenho da sua missão, e com verdade podia dizer, como dice, ao governo imperial: Oje não ha uma só povoação da provincia dominada pelos rebeldes.

Era tudo quanto podia asseverar; a provincia porem ainda não estava pacificada.

CAPITULO XXI

Os rebeldes depois da xegada do Barão de Caxias ; sua assembléa constituinte ; actos d'esta ; sua dispersão espontanea.

§ 1. Interrompamos por poucos momentos a narração dos sucessos da guerra, e contemplemos os rebeldes na sua vida interior.

A prezença do Bar o de Caxias no Rio-grande do Sul não podia deixar de ser considerada pelos rebeldes como um facto grave, pois significava mais um esforço do governo central para submeter a rebeldia.

Era um general prestigiozo, que vinha incumbir-se da guerra, e trazia novos elementos de força com acrecimo de tropas, de armamento, e de petrexos belicos.

§ 2. Da parte dos rebeldes cumpria pois empregar novo esforço, para que se não desmoronasse o artefacto da republica de Piratinin.

O governo republicano conheceo a necessidade de tornar efetiva a reunião do congresso constituinte, tantas vezes prometida, e sempre adiada.

Assim daria sinal de força e vitalidade ante a provincia, e ao mesmo tempo satisfaria as aspirações e exigencias d'aqueles, que na revolução sonhavão com a organização de um regimen regular de governo democratico.

§ 3. Ja vimos, que ao eleger-se o Presidente do alcunhado estado rio-grandense em 6 de Novembro de 1836, foi imposta a este supremo magistrado a obrigação de convocar uma assembléa constituinte, em cujas mãos deveria elle rezignar o poder, que então se lhe confiava.

A convocação d'esta assembléa foi porem adiada por muito tempo, sob o fundamento de não permitir o

estado de guerra, que uma eleição, ao menos aparentemente regular, se fizesse.

§ 4. Para que porem o Prezidente do estado não procedesse por si só em negocios graves, e se figurasse uma reprezentação qualquer da vontade geral ante elle, foi sugerida a idéa da creação de um conselho reprezentativo dos municipios.

Com efeito por decreto de 18 de Setembro de 1838 foi convocado um conselho de procuradores geraes dos municipios, ao qual podesse o Prezidente da republica consultar nas suas deliberações, afim de que estas, conforme se expressava o mesmo decreto, apareção com o cunho de retidão.

No mesmo acto se determinou, que cada municipio nomearia um Procurador geral, que o representasse no conselho.

§ 5. Procederão á eleição os municipios de Piratinin, Jaguarão, Rio-pardo, São Borja, Alegrete, Caxoeira, Cruz-alta, Cassapava, e Triunfo, fazendo-se eleição tambem na vila Setembrina, essa dilécta creação do governo insurgente.

Nos demais municipios a ocupação legal não permitio a dezejada eleição, e estes municipios forão o de Porto-alegre, Patrulha, São Jozé do Norte, Rio-grande, e Pelotas.

§ 6. Embora ja em Março de 1839 estivesse feita a eleição dos Procuradores geraes dos municipios, todavia o respectivo conselho só em Dezembro seguinte pôde instalar-se em prezença do Vice-prezidente da republica, por axar-se então o Prezidente efetivo á frente do exercito em operações.

O acto da instalação celebrou-se na vila de Alegrete, então capital do governo da republica, e a elle assistirão

os seguintes Procuradores geraes : Padre Francisco das Xagas Martins d'Avila pelo municipio do Rio-pardo, Dr. Antonio Jozé Martins Coelho por Piratinin, Serafim dos Anjos França por Setembrina, Manoel Gonçalves da Silva por Jaguarão, Jozé Carvalho Bernardes pela Caxoeira, e Ricardo de Magalhães Filho por Alegrete.

Erão pois reprezentados 6 municipios dos 10, que tinhão feito a competente eleição.

§ 7. Este conselho realizou 3 sessões apenas, tratando na primeira da convocação e eleição da assembléa constituinte, e nas duas seguintes de assuntos economicos e particulares de pouca importancia.

A respeito da assembléa constituinte o conselho deliberou, que desde ja se tomassem as necessarias providencias para a pronta instalação d'ella, rezolvendo que esse corpo reprezentativo se comporia de 36 deputados nomeados por eleição geral feita pelo metodo indiréto adotado no Brazil.

O conselho tambem deliberou, que se procedesse á eleição de Vereadores para as Camaras municipaes, e de Juizes de Paz para os distritos ou freguezias.

§ 8. Em 10 de Fevereiro de 1840 fez-se, por decreto prezidencial, efetiva a convocação da assembléa constituinte, mandando-se proceder á eleição dos seos membros, bem como a de Vereadores, e Juizes de Paz.

Para essas eleições publicarão-se instruções, que repetião com insignificantes modificações os preceitos, que regulavão no Imperio, em virtude do Decreto de 26 de Março de 1824.

A nomeação de Vereadores e Juizes de Paz era diréta; a de deputados da Assembléa constituinte devia fazer-se por intermedio de eleitores dezignados pelo voto dos cidadãos ativos de cada parochia.

§ 9. Para o dia 30 de Abril de 1840 foi marcada a abertura do congresso constituinte, que devia ser tambem legislativo; e as eleições fizerão-se nos municipios dominados pela rebeldia.

Os mais proeminentes cabecilhas da revolução, quer militares, quer civis, axarão-se entre os eleitos da intitulada nação rio-grandense: Antonio Neto, Bento Gonçalves, Onofre Pires, João Antonio, Jozé Mariano, Ismael Soares, Padre Francisco das Xagas Martins, Oliverio Ortiz, Jozé Gomes, e outros ahi figuravão, no entretanto que o nome do general David Canabarro, apenas aparecia entre os suplentes com 855 votos, quando os primeiros deputados eleitos o fôrão com mais de 3.000 sufragios.

§ 10. Tal acontecimento era sintomatico da discordia, que já lavrava entre os principaes caudilhos da revolução, e que não produzio maior estrondo, e mais importantes consequencias em razão de axar-se em decadencia a rebelião.

David Canabarro começara na revolução em grão subalterno; mas por seos dotes militares era oje temivel competidor dos dous mais conspicuos cabecilhas Antonio Neto e Bento Gonçalves.

§ 11. Não obstante estarem eleitos os membros do congresso constituinte desde Outubro de 1840, somente em 1 de Dezembro de 1842 foi o mesmo congresso instalado.

N'esse dia, reunidos 22 deputados, depois de 3 sessões preparatorias, abrio-se a Assembléa constituinte na capital do estado.

Compareceo o Prezidente da republica Bento Gonçalves, leo a sua fala de abertura, e retirou-se; deixando em mãos da assembléa os poderes, que lhe avião sido delegados.

§ 12. O depozitario da suprema autoridade nacional procurava ostentar satisfação, e esperanças pelo estado da republica, que aliás não podia ter.

Elle dizia aos representantes do povo: Meo coração palpita de prazer, vendo oje assentados n'este venerando recinto os escolhidos do povo, em quem estão fundadas as mais belas esperanças do nosso paiz. Eu me congratulo comvosco por tão plauzivel sucesso.

Bento Gonçalves previa, que esse congresso seria motivo de explozões intestinas, e bem percebia o perigo da sua republica; cumpria porem como politico externar idéas lizongeiras e animadoras. Assim o fez.

O Prezidente da republica, em seguida exhibia as cauzas da demora da reunião do congresso nacional, atribuindo-a ao estado convulsivo da provincia, e pedia aos reprezentantes populares a organização da constituição politica do estado, a decretação de meios para bem governar, e a reforma das leis provizorias da nação no sentido de moralizar os costumes, garantir a vida, e assegurar a propriedade.

§ 13. Mal deixava Bento Gonçalves o recinto da Assemblea, esta constituia a sua meza administrativa permanente, elegendo seo prezidente o Padre Ildebrando de Freitas Pedrozo, e nomeava uma commissão para agradecer ao Prezidente da republica os serviços prestados á patria, e a confiança, com que d'elle esperava a continuação do bom dezempenho do poder na sua pessoa delegado.

O poder ditatorial pois continuava, e continuou; porque esse congresso constituinte nada obrou de importante para mudar a situação das couzas, isto é, dar vigor á intitulada republica, e fazer da nação rio-grandense uma potencia regular.

A espada do Imperio ahi estava para não dar ao figurado estado condições de estabilidade, e ordem interna.

§ 14. A Assemblea constituinte do Alegrete celebrou algumas sessões, dirigio aos povos do mundo uma procla-

mação nunciativa da sua missão, promulgou um decreto regulando o modo da sanção das leis, e outro suspendendo as garantias individuaes, verdadeiro arremedo da lei de suspensão de garantias decretada pelas nossas camaras legislativas com a data de 11 de Outubro de 1836.

Alem d'isto publicou mais alguns actos relativos a assuntos de minima importancia, que nenhuma consequencia notavel tiverão, nem podião ter.

§ 15. A reunião do congresso constituinte dos rebeldes denunciou o estado de fraqueza, em que se axava a republica rio-grandense; por quanto, ameaçada pelas forças imperiaes, via agora levantada em seo seio a dissensão mais violenta do que nunca.

Elle mal pôde reunir 22 membros para a sua instalação; numero apenas excedente á metade da sua totalidade.

§ 16. Uma situação politica, que inaugura-se, traz sempre comsigo o entuziasmo, que produz o concurso das vontades para um determinado fim.

Si a republica tivesse ainda por si o fervor dos seos sequazes, certamente os deputados eleitos serião pressurozos em comparecer ao acto mais augusto de um povo, qual é a congregação dos reprezentantes populares para formular as bazes da pacto social.

Assim porem não aconteceo: a discordia intestina não permitio uma reunião lizongeira e esperançoza; só uma das fracções concorreo, a outra procurou pela auzencia exprimir o seo desprazer e desconfiança.

A reunião dos eleitos da rebeldia pois foi ocazião de desgostos e divergencias; e não podendo tal congresso tomar o caracter de seriedade e importancia, que a similhante corporação politica competia, espontaneamente dissolveo-se em 10 de Fevereiro de 1843.

§ 17. Por esse tempo o Barão de Caxias incetava as

suas operações marciaes, e movia o seo exercito do passo de São Lourenço no rio Jacuhi para o interior da campanha, como fica relatado.

Parecia, que a boa estrêla do guerreiro assim ja prenunciava o seo futuro triunfo com o pleno exito da cauza imperial.

CAPITULO XXII

Projeto da constituição da republica; extrato d'elle.

§ 1. Depois de mais de um mez de reunida a Assembléa constituinte, foi no dia 8 de Fevereiro de 1843 aprezentado o projeto de constituição politica do estado rio-grandense, como enfaticamente o denominavão os seos fautores.

Embora os autores d'esse projeto nutrissem a convicção de que elle não seria jamais uma realidade, atenta a decadencia da cauza do pretenso estado rio-grandense, entenderão comtudo dever aprezentar o rezultado das suas locubrações politicas: era a fraqueza com aparencias de força.

§ 2. A Assembléa constituinte avia nomeado uma commissão para organizar o plano de constituição, que devia reger a nova republica. Esta commissão, composta de 5 membros, aprezentou o projeto, o qual vinha assinado por Jozé Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sa Brito, Jozé Mariano de Matos, Serafim dos Anjos França, e Domingos Jozé d'Almeida.

Todos esses individuos tinhão figurado nos negocios mais importantes da republica, ocupando pastas de ministros de estado em diversas circunstancias: avião pois contribuido ativamente para a existencia da nova ordem de couzas, a que pretendião dar organização, e era natural a sua colaboração n'essa empreza.

§ 3. O projeto erigia uma republica democratica, sendo o Senado o corpo preponderante da nação.

Era uma especie de Senado romano; parecendo terem os autores do projeto procurado inspirações na leitura de Tito Livio, e demais escritores da istoria d'essa republica, que terminára na degradação imperial, exhibida nas paginas vigorozas e verberantes de Cornelio Tacito.

Ao simile na parte essencial só faltou o poder da creação do ditador; poder, com que o Senado romano, no dizer do Barão do Montesquieu, arrancava das mãos do povo o governo, quando assim bem lhe parecia.

Para que o leitor forme idea mais completa da projetada republica, aqui consubstanciamos as dispozições essenciaes do esbôço constitucional aprezentado na assembléa constituinte de Alegrete.

Elle foi lido, em sessão do congresso, mas não xegou a ter discussão por cauza da subsequente dispersão d'esse corpo reprezentativo.

§ 4. Emquanto a sociedade, territorio, e forma de governo, dispunha o projeto, que a republica rio-grandense seria a associação politica de todos os cidadães rio-grandenses, os quaes formarião uma nação livre e independente, não admitindo com qualquer outra laço algum de união ou federação oposta á independencia do seo regimen interno.

O seo territorio constaria de todo o paiz da provincia do Rio-grande do Sul; o seo governo seria republicano constitucional reprezentativo, rezidindo essencialmente no povo a soberania, da qual todo o cidadão fazia parte.

Esta soberania não se exerceria dirétamente pela nação, mas sim por via de delegação conferida por eleição.

§ 5. Para exercicio da suprema autoridade, dividia-se esta em trez ramos, que constituião o poder legislativo, o poder executivo, e o poder judicial; e as funções d'estes

poderes erão delegadas pelo povo a corpos separados e independentes uns dos outros.

Erão reprezentantes da republica a Assembléa geral e o Prezidente do estado.

§ 6. A Assembléa geral devidia-se em Camara dos Deputados, e Senado : legislava com sanção do Prezidente do estado, decretava a guerra, concedia anistias e perdão, creava empregos, e aprovava ou dezaprovava os tratados com as potencias estrangeiras.

§ 7. A Camara dos Deputados era eleita diretamente pelo povo, e durava por 4 annos.

Cada Deputado corresponderia a 5.000 abitantes ; mas emquanto se não fizesse o cadastro da população, eleger-se-ião 24 reprezentantes.

Os Deputados terião subsidio e ajuda de custo.

A esta camara competiria acuzar perante o Senado ao Prezidente da republica, aos membros das duas camaras, aos Ministros, aos Conselheiro de Estado, e aos juizes do Supremo Tribunal de Justiça, bem como proporia em lista triplice os Senadores, que se ouvessem de renovar por terços.

Cabia-lhe privativamente a iniciativa sobre impostos e recrutamento, o exame das administrações prezidenciaes, e a precedencia na discussão das propostas do poder executivo; o que significa a immediata influencia do povo no governo.

§ 8. Os Senadores serião em numero de metade dos Deputados, duraria por 12 annos o seo mandato, subtituindo-se um terço do pessoal em cada legislatura.

A reforma do primeiro e segundo terço far-se-ia por lista triplice aprezentada pela Camara dos Deputados ao poder executivo; o terceiro terço seria substituido por eleição indireta do povo.

Os membros d'este corpo legislativo recebião o dobro do subsidio dos Deputados.

O Senado tinha por atribuição privativa julgar os funcionarios acuzados pela Camara dos Deputados, e convocar a Assembléa geral nos cazos extraordinarios, ou proviessem de abuzo do Prezidente da republica, ou da urgencia de providencias legislativas.

§ 9. O Prezidente do estado era eleito pela Assembléa geral no 1º dia de Julho do segundo anno de cada legislatura.

O poder d'este funcionario era restrito : não anistiava, e as nomeacões de magistrados, de commandantes de forças de mar e terra, e de diplomatas, que fazia, dependião de aprovação do Senado.

Tambem d'essa aprovação dependião as nomeações de xefes de repartições de fazenda, e a promoção de generaes e coroneis.

Era o Prezidente da republica o supremo diretor do exercito nacional, mas não o commandava pessoalmente sem consenso do Senado, e n'este cazo o Prezidente do mesmo Senado exercia as funções de Prezidente da republica.

A força militar era permanente ; mas o seo numero era annualmente fixado por lei da Assembléa geral.

Para o exercicio das funções prezidenciaes, o Prezidente da republica nomeava livremente ministros, que alias respondião por seos actos, não obstante a existencia de ordem do xefe do governo.

Este nomeava conselheiros por 4 annos, para consultar em negocios graves do estado.

§ 10. O poder judicial incumbido da faculdade de aplicar as leis nas cauzas civeis e criminaes, era independente, e excluzivamente exercido por tribunaes, juizes, e jurados.

Na capital da republica averia um Supremo Tribunal de Justiça; na mesma capital, nas cidades, e vilas crear-se-ião os tribunaes de apelação, que parecessem necessarios, para julgar em segunda instancia; nas cabeças de comarca estarião Juizes de Direito para a boa administração da justiça, e Juizes de Paz para conciliar os litigios.

Os Juizes de Direito erão perpetuos, mas podião ser removidos e suspensos pelo poder executivo.

§ 11. A administração local era regulada por municipios.

Na cabeça de cada municipio avia um Diretor, e em cada distrito um Intendente subordinado a aquele, ambos nomeados pelo poder executivo. A elles estava confiada a policia.

Em todas as cidades, e vilas averia uma Camara municipal, eleita diretamente pelo povo, incumbida da economia especial do municipio.

§ 12. Liberdade de imprensa, prohibição de vinculos, abolição de nobreza, liberdade de industria e commercio, instrução primaria gratuita, socorros publicos, direito de reprezentação ante os poderes nacionaes, direito de denunciar e acuzar por crimes de responsabilidade, liberdade de ação, só limitada pela prohibição expressa em lei, taes erão os principios, que o projeto de constituição consagrava para segurança das regalias individuaes.

Não gozavão do direito do voto os cidadãos, que não sabião ler e escrever, nem podião ser eleitos para o cargo de Deputado os naturalizados, e os acatolicos.

Emquanto á materia de consiencia o mesmo projeto estabelecia uma religião dominante, e era ella a religião catolica apostolica romana, permitindo ás demais religiões culto domestico unicamente.

§ 13. A constituição projetada mandava vigorar as leis atualmente existentes não opostas a ella.

A mesma constituição era reformavel; devendo proceder-se á reforma, quando dous terços dos votos de ambas as camaras legislativas reunidos a decretassem.

§ 14. Tal era o plano d'esse novo pacto social, no qual vemos a mescla das dispozições do nosso codigo constitucional com as das constituições republicanas da America.

Não analizamos o projeto; o nosso intuito, n'este opusculo ou memoria, é apenas narrativo; queremos tam somente expôr as couzas em rapido sumario, e não commental-as.

Extratando o projeto da constituição republicana dos rebeldes do sul, tentamos dar ao leitor uma idéa geral d'esse trabalho, aprezentando o mecanismo do governo planeado; oxalá o tenhamos conseguido.

CAPITULO XXIII

Assassinato politico de Paulino Fontoura; morte de Onofre Pires em duelo com Bento Gonçalves; carater domestico da republica dos rebeldes.

§ 1. Alem da reunião do congresso constituinte, por esse tempo dous factos graves ocorrião no seio da rebeldia, quero falar do assassinato politico do Vice-prezidente da republica Antonio Paulo da Fontoura, vulgarmente conhecido pelo nome de Paulino Fontoura, e do duelo de Bento Gonçalves com Onofre Pires.

Ambos estes factos denuncião o desmantelamento, a que avião xegado os negocios da preconizada republica.

§ 2. Paulino Fontoura, instalada a assembléa constituinte, tentára dirigir alguns deputados, os quaes, embora em minoria, dispunhão-se a romper em dezabrida opozição ao Prezidente da republica, contrariando sobretudo a providencia relativa ao confisco dos bens dos legalistas.

D'alli surgiraõ dezavenças, que derão em rezultado o assassinato de Paulino Fontoura.

Axava-se este em Alegrete, quando, á noite, por uma janela da sala de sua caza, dispararão-lhe um tiro, cuja bala o prostou ferido. Sobrevindo-lhe o tetano traumatico, faleceo poucos dias depois.

§ 3. Acerca d'este acontecimento espalhou-se o boato de ter sido o crime obra d'aqueles, cujos planos ião contrariar o rompimento de opozição no seio do congresso constituinte, acuzando o rumor vulgar como participante do facto o proprio Bento Gonçalves.

Não aparecem provas da acuzação; é porem certo, que o atentado originou-se da atitude politica tomada pela vitima entre os seos coreligionarios.

Em dias posteriores não faltou quem atribuisse o crime a plano dos legalistas : esta arguição porem não póde ter fomento de verdade, quando é certo ter sido o crime praticado em razão da defeza, que o cabecilha republicano tomára pelos interesses da propriedade d'esses mesmos legalistas.

§ 4. Onofre Pires, um dos coligados com Paulino Fontoura em idéas de opozição no congresso rebelde, fez celebrar oficio funebre em memoria do finado ; e como procedia por animadversão a Bento Gonçalves, não se esqueceo de despertar os rumores infensos a este, inserindo nas suas cartas de convite para o acto religiozo o seguinte trexo : Fazem amanhan 7 dias, que deixou de existir n'este vale de lagrimas o Vice-prezidente Antonio Paulo da Fontoura,

vitima do crime, que o roubou á patria, aos seos parentes, aos seos amigos, e aos seos concidadãos.

N'essas cartas ahi ficava uma provocação á autoridade suprema responsavel por tal facto: as dezavenças entre Onofre Pires e Bento Gonçalves agravarão-se.

§ 5. Onofre Pires não guarda rezerva no dezabafos, e em suas palestras injuría a Bento Gonçalves com o epiteto de ladrão.

Siente este da afronta irrogada ao seo caracter, escreve epistola pedindo satisfação ao ofensor.

Este não ezitou: e a carta de resposta começava n'estes termos: Cidadão Bento Gonçalves da Silva. Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da onra, e ladrão da liberdade é o brado ingente, que contra vós levanta a nação rio-grandense, ao qual, já sabeis, que junto a minha convicção, não pela geral execração, de que sois credor, o que lamento, mas sim pelos documentos justificativos, que conservo.

§ 6. A tão preremptoria resposta seguio-se immediato dezafio, que foi aceito.

Os dois contendores sozinhos sahirão do acampamento, onde se axavão, e baterão-se á espada em lugar ermo, e sem testimunhas.

Onofre Pires, muito mais possante do que Bento Gonçalves, porem menos agil e menos déstro no manejo das armas, recebeo dous ferimentos, que o impossibilitárão de continuar o combate.

O vencedor deixa o antagonista ferido, e vem ao acampamento buscar medicos; quando porem estes e outras pessoas xegarão ao lugar do duélo, o vencido esvaía-se em sangue, e dentro de poucos momentos finava-se exhausto de forças.

Este sucesso acontecia em 27 de Fevereiro de 1844.

Divulgado o facto é intimada a Bento Gonçalves ordem de prizão, da qual é relaxado no dia seguinte, por entender o governo da republica ter elle cumprido um dever de onra.

§ 7. Foi sempre a violencia a vida intestina da republica de Piratinin.

Para darmos amostra de quaes erão as regras do seo governo, mencionaremos o facto entre o Contador-geral do Tezouro-nacional, e o Ministro da fazenda.

Opozera-se aquele a uma operação financeira, em que este aliás punha grande empenho por consideral-a necessaria e urgente.

O ministro, para censurar o subalterno, que em petição ao governo pretendia justificar-se, lavra extenso despaxo, que começa pela seguinte maneira: Arbitrario, ilegal, mizeravel, xocante, sinão criminozo, foi o procedimento do suplicante, que abuzando da bôa fé dos demais membros da caixa da amortização, se opôz ao movimento da tenue quantia de 240$000 para a caixa dos rendimentos geraes, como se ordenára.

§ 8. Eis o que vinha a ser a republica rio-grandense: no governo politico o assassinato como supressão de uma dificuldade a planos partidarios; na administração a injuria do superior contra o subalterno; nas relações privadas o duélo para dezafronta de ofensas supostas ou reaes.

Tudo isto prova, que a republica só deve ter por baze a ilustração do povo; mas a republica de Piratinin levantava-se no meio de uma população na maxima parte sem instrução, e sem amenidade de costumes, qual era então a população da nossa campanha do sul; por isso inapta para o regimen de democracia.

Iluminae o povo, e o tereis democratizado, abilitando-o a governar-se por si mesmo. Ahi está o grande serviço á liberdade dos povos.

CAPITULO XXIV

Condição dos beligerantes, perseguição contra os rebeldes ; combates ; destroço dos mesmos rebeldes nos Porongos ; conflitos finaes.

§ 1. Vimos findar o anno de 1843 com efetiva e continua perseguição dos rebeldes, durante a qual derão-se varios combates parciaes, sempre desvantajozos aos soldados da rebeldia.

Vae começar o anno de 1844, em que assistiremos á continuação d'essa mesma perseguição, que tem de protrair-se em territorio extranho, e dar em rezultado novos conflitos parciaes.

§ 2. As operações do novo anno incetarão-se nas seguintes condições militares.

O general em xefe das forças legaes estava á frente de uma coluna do seo exercito composta de 2.000 omens; o Brigadeiro Bento Manoel á frente de outra composta de 3.200, e o Tenente-coronel Francisco Pedro á frente de outra composta de 1.000.

Contavão pois as tres colunas uma força de 6.200 soldados.

Alem d'esta força de constante movimento, estavão guarnecidos como postos militares, afóra Porto-alegre, Rio-grande, e São Jozé do Norte na orla maritima, os seguintes pontos interiores : Pelotas, Cassapava, São Gabriel, Rio-pardo, Cruz-alta, Alegrete, e São Borja.

A força total do exercito legal na provincia excedia de 11.000 omens. (*)

Para o movimento de toda essa força avia uma rezerva de 15.000 cavalos nos rincões mais idoneos, diligenciando-se nas vizinhas republicas a aquizição de mais cavalhada.

§ 3. O intitulado governo da republica, que a correspodencia oficial de então apelidava de governixo dos farrapos, e a quem o nosso ministro da guerra qualificava de governo fantastico, não tinha pouzo certo, vagando pelos distritos de Piratinin e Cangusssú, e o exercito rebelde não passava de 2.000 omens, que reunião-se sob diversos xefes sem permanencia em pontos determinados.

Emquanto á cavalhada os rebeldes tinhão quanta bastava para as suas forças, avendo-a por compra, ou por tomadia das estancias dos seos adversarios.

Elles podião então dispor de mais de 20.000 cavalos, que mantinhão em invernadas convenientemente dispostas, sendo algumas d'ellas em territorio das republicas fronteiras, sob o nome de pessoas aderentes á republica rio-grandense, as quaes prestavão-se a figurar como proprietarios.

§ 4. O general brazileiro tinha reconhencido por experiencia propria, que os rebeldes não poderião ser

(*) Na seguinte forma :

Estado maior.	33
Infantaria de linha . . .	7.046
Artilharia	317
Cavalaria	336
Guarda nacional	3.625
	11.387

Alem do corpo de depozito em Porto-alegre então com 153 praças.

eficasmente batidos, emquanto nos estados vizinhos se podessem elles acolher, e d'ali voltar refeitos de gente, munições, e cavalos.

Atendendo a isto, nos fins do anno precedente instára com o governo imperial, afim de que seriamente se tratasse de obstar o mal.

Em Dezembro de 1843 dizia o mesmo general ao seo governo : Sou de opinião, que sem acordo definitivo com um dos contendores do estado oriental (Manoel Oribe e Frutuozo Rivera) nunca será possivel concluir de todo a guerra n'esta provincia ; por isso que os rebeldes, sempre que são perseguidos pelas nossas forças, abrigão-se n'aquele estado, e n'elle recebem os recursos, de que carecem.

§ 5. A nossa fronteira do Rio-grande do Sul entesta com a republica do Uruguai, e com Corrientes, provincia da confederação argentina. No territorio de ambos os estados axavão outr'ora os rebeldes franco agazalho e auxilios ; agora porem mudava-se a fortuna.

O governo imperial, atendendo a essa situação de couzas, enviára para Montevideo um ministro rezidente, que se entendesse com o então Prezidente da republica do Uruguai Manoel Oribe, e tambem com o ditador João Manoel de Rozas em Buenos-aires.

A pessoa nomeada foi o magistrado Cansansão de Sinimbú, posteriormente Senador do Imperio.

§ 6. Elle aprezentou-se em Montevideo em fins de 1843, e no seguinte anno aparecerão os efeitos das diligencias do governo imperial acerca dos rebeldes, que então ja não encontravão largo favor em territorio extranho ; porque Manoel Oribe, nas terras de sua jurisdição, e Joaquim Madariaga, na sua provincia de Corrientes, tiverão de accede · ás instancias do governo do Brazil, com quem entrarão em acôrdo.

Ao general em xefe do exercito brazileiro foi permitido comprar e receber cavalhadas, bem como penetrar no territorio vizinho.

Assim preparado o Barão de Caxias, recomeçou a tarefa da perseguição dos rebeldes.

§ 7. Em Março de 1844 João Antonio, depois de derrotado em Batoví por Demetrio Ribeiro, a 26 de Dezembro antecedente, estava refugiado com 300 omens em territorio correntino, e procurava regressar ao Imperio, ao passo que David Canabarro, seguindo na provincia do Rio-grande do Sul a costa do Quarahim, buscava aproximar-se da fronteira para reunir-se ao seo companheiro de trabalhos.

Este movimento de junção o Barão de Caxias se esforçava por impedir, margeando a dita fronteira; em vista do que João Antonio retrocedeo para Corrientes, e ali, por instancia do mesmo Barão, é dezarmado pelo Governador Joaquim Madariaga.

§ 8. O Barão de Caxias, xegado á fronteira de Sant'Anna do Uruguai, então povoação, e oje vila de Uruguaiana, celebrizada depois pela rendição das forças paraguaias commandadas pelo coronel Antonio Estigarribia em prezença do Imperador do Brazil, armou 3 lanxões para defeza do rio Uruguai, e d'ali busca Antonio Neto, e Bento Gonçalves, os quaes n'essa epoca estanciavão no Livramento, atualmente decorado com o titulo de vila.

§ 9. O Barão no intuito de dar providencias administrativas, xega a cidade do Rio-grande, vem até á capital, e com demora de poucos dias, encaminha-se ao seo destino, isto é, á perseguição dos dois xefes rebeldes Antonio Neto, e Bento Gonçalves, os quaes com David Canabarro abandonão a pozição do Livramento, onde a 24 de Junho de 1824 já estava o xefe do exercito brazileiro.

Bento Gonçalves e Antonio Neto buscão as adjacencias do Piratini, David Canabarro seg e em procura de Bagé; mas perseguido por Bento Manoel transpõe o rio Quarahim com 1.200 omens, e refugia-se no territorio oriental.

§ 10. Emquanto o general em xefe do exercito brazileiro assim acossava os rebeldes, sem deixar-lhes descanso, o Brigadeiro Bento Manoel em Alegrete e Missões, e o Tenente-coronel Francisco Pedro por Cangussú e Piratinin não deixavão quietos os soldados da rebeldia.

Foi no curso d'essas perseguições, que varios conflitos ocorrerão.

§ 11. Francisco Pedro, sabendo que uma pequena força rebelde axava-se em Bagé, sob as ordens de Antonio Manoel do Amaral, para ali dirige-se no intento de surpreendel-a; como porem mudasse este de acampamento, não pôde realizar-se a surpreza, e o xefe rebelde, aumentando a sua força, dá de subito com 336 omens sobre Francisco Pedro, que, tendo apenas 220 soldados, é destroçado, deixando prizioneiros um Major, mais 6 oficiaes, e 40 praças de pret.

O combate, que sucedeo a 16 de Março de 1844, junto ao arroio Candiota, durou mais de 2 óras, ficando no campo de ambos os lados alguns cadaveres: ahi é ferido levemente Francisco Pedro, e perece um filho de Bento Gonçalves.

Esta derrota de Fran isco Pedro assás apregoada foi pelos rebeldes, que derão-lhe proporções exageradas, mas logo desmentidas.

§ 12. N'esta excursão logrou todavia o ativo legalista aprizionar um personagem importante da republica, qual foi Domingos d'Almeida, varias vezes ministro, e magnata preponderante no governo do preconizado estado rio-grandense.

Este prizioneiro, passados poucos dias, evadio-se, com

abuzo da confiança n'elle depozitada, voltando ao gremio dos seos amigos.

Elle proprio fez a exposição escrita da sua fuga, e acuzou a sua inconfidencia.

No mez de Julho seguinte Francisco Pedro conseguio em suas excursões mais duas capturas importantes; e forão as do Coronel Jozé Mariano de Matos, Vice-prezidente da republica, e de Joaquim Pedro Soares, ativo e diligente cabecilha da revolução.

§ 13. O supradito Antonio Manoel do Amaral, depois do seo triunfo sobre Francisco Pedro, encaminha-se para a vila de Jaguarão, contra a qual acommete com 280 omens no dia 21 de Junho do referido anno: ahi porem é infeliz; pois, sendo repelido, encontra a morte com 13 dos seos companheiros.

A legalidade apenas sofre nas suas fileiras a perda de uma vida.

§ 14. Em 26 de Outubro Bento Manoel mandou o Major Antonio Fernandes Lima surpreender a Bernardino Pinto, que, sendo Brazileiro, e dizendo-se ao serviço de Frutuozo Rivera, guardava uma cavalhada dos rebeldes, alem do rio Quarahim.

O mencionado oficial passa o rio, surpreende Bernardino Pinto, mata-lhe 30 omens, aprizi na 9, e toma-lhe 1.800 cavalos, sem perda alguma dos soldados legaes.

§ 15. O anno de 1844 corria ao seo termo sem um feito de guerra notavel por seos rezultados. Era xegado o mez de Novembro, quando a 14 deo-se o combate de Porongos.

Francisco Pedro na lida constante de perseguir o inimigo, acompanhava David Canabarro, que, regressando do estado oriental, avia reunido alguma gente, e acampava junto ao serro de Porongos.

No dia 11 uma pequena força destacada por Francisco

Pedro investe contra a vanguarda de David Canabarro, matando-lhe 7 omens.

§ 16. O xefe rebelde porem, não dando importancia ao facto, persiste no seo acampamento, quando o infatigavel lidador legalista, a quem os rebeldes por odio e despeito apelidavão Moringue, na madrugada de 14 de Novembro o surpreende, e desbarata.

Francisco Pedro, á frente de 1.170 omens, acommete contra David Canabarro, acampado com 1.200 soldados; logra aprizionar toda a infantaria inimiga em numero de 280 praças; e apreende toda a bagagem, abarracamento, grande quantidade de armas de infantaria e cavalaria, archivo do general rebelde, 5 estandartes, 34 oficiaes, armamento, cartuxame, e a ultima peça de artilharia, que os rebeldes posssuião, deixando elles no campo da peleja mais de 100 cadaveres. Mais de 1.000 cavalos fizerão parte do despojo.

§ 17. David Canabarro foi por tal forma surpreendido, que a sua gente não pôde combater por falta de tempo para armar-se; por isso a tropa legal nem um so soldado perdeo, tendo apenas 4 omens feridos.

Foi admiravel esta surpreza, e falando d'ella dizia o Barão de Caxias: É sem duvida a primeira vez, que David Canabarro é surpreendido: o que até agora parecia impossivel pela sua incansavel vigilancia.

§ 18. Após este acontecimento, no Passo do Leão, e a 14 do mesmo mez de Novembro, o Tenente-coronel João Propicio com 600 omens destroçava Jacinto Guedes, á frente de força igual, cauzando-lhe a morte de 7 soldados, e a 28 do mesmo mez Francisco Pedro derrotava, junto ao Arroiogrande, e proximo ao supramencionado serro de Porongos o Coronel rebelde Joaquim Teixeira Nunes, que cahe morto em combate.

§ 19. Logo depois, a 29 de Dezembro seguinte, Vasco

Alves, partia do territorio brazileiro com 100 omens, ia á margem direita do Quaró no territorio da republica oriental, e surpreendia o Coronel rebelde Bernardino Pinto, a quem feria gravemente, e aprizionava com 4 oficiaes e 13 soldad s, matando-lhe 7 omens, e dispersando o resto da sua força, constante de 40 praças.

Assim desfexou-se ali o derradeiro golpe d'essa prolongada serie de combates, conflitos, e surprezas, que, começada na terra da patria pelo combate do Arroio-grande a 13 de Outubro de 1835, findou a 29 de Dezembro de 1844 em terra extranha. O ultimo sangue fraterno derramado na luta foi cahir fóra dos patrios limites, n'esse mesmo sólo, d'onde viera o fomento da guerra e a sua procrastinação.

§ 20. Quando essas couzas se passavão, David Canabarro, ainda lobrigando esperanças, tentava esforços para manter a luta.

Surpreendido e destroçado em Porongos, como fica referido, não julgou possivel reunir os fragmentos do seo exercito na fronteira da provincia, convencido de ser logo acossado pelas tropas legaes; por isso rezolveo buscar algum ponto, onde contasse axar apoio para aumentar o seo sequito.

Em 7 de Dezembro surgio elle na Encruzilhada com pouco mais de 800 omens; mas apenas ali apareceo, antepõem-se-lhe o Brigadeiro Jozé Fernandes, e o Tenente-coronel Andrade Neves, diante dos quaes elle dispersou a sua comitiva.

Desde Julho e Agosto d'este anno que os rebeldes andavão divididos em grupos de 20, 30, 40, e 60 omens, prontos a reunir-se em ponto convencionado, quando a elle xamados; agora David Canabarro debandava a sua tropa; e os rebeldes como força armada dezaparecerão d'ahi por diante da frente dos nossos esquadrões.

§ 21. Assim não mais se sucederão sanguinolentos conflitos.

Acabava a luta do gladio, que gera a inquietação e o morticinio, frutos da guerra, e ia começar a luta da razão, que devia dar concordia e vida, frutos da paz.

CAPITULO XXV

Propostas de paz; negociações; conclusão d'ellas, e pacificação da provincia.

§ 1. O anno de 1843 fôra de luta; o de 1844 de perseguição aos rebeldes; o de 1845 ia ser o da pacificação.

A incessante perseguição, as derrotas nos conflitos, a prizão de varios omens de importancia entre os rebeldes, e a aprezentação de alguns xefes pedindo anistia erão motivos de crecente dezanimo na rebeldia, e de desmoralização da cauza republicana.

Os rebeldes pois dezacoroçoados, e exaustos de forças, decidião-se a entrar nas vias pacificas.

§ 2. Depois da xegada do Barão de Caxias á provincia, os rebeldes ensaiarão por vezes entabolar negociações de paz.

Em Maio de 1843 o ex-ministro d'estado do governo da republica Jozé Pedrozo dirigio-se ao mesmo Barão, e declarou-lhe, que os xefes da rebelião estavão dispostos a terminar a guerra por acommodação.

O Barão não repelio a proposta, tanto mais quanto era recommendação do governo imperial preferir sempre a conciliação aos meios violentos.

§ 3. Sabida a boa dispozição do general brazileiro, David Canabarro, João Antonio, Onofre Pires, e Jacinto

Guedes tentarão levar a efeito a tranzação ; mas consultados Bento Gonçalves, Antonio Neto, Jozé Mariano, Jozé Gomes, e outros influentes na rebeldia, manifestarão so poder ser aceita a acommodação, mediante o reconhecimento da provincia do Rio-grande do Sul como estado federado ao Brazil.

Tal reconhecimento era inaceitavel por parte do general legalista, e a negociação não teve seguimento.

§ 4. Posteriormente a isto Bento Gonçalves mandou, por intermedio de um seo parente, nova proposta de paz, que não foi adiante por conter a condição do indicado reconhecimento, isto é, a exigencia do triunfo da cauza da revolução.

Apareceo então como medianeiro Frutuozo Rivera, e falou em novas propostas no sentido da terminação da guerra,

Esta proposta de Bento Gonçalves, e a mediação de Frutuozo Rivera erão então meios estrategicos no intuito de entibiar a perseguição dezenvolvida contra as forças rebeldes : nada porem produzirão.

§ 5. Ainda um esforço quizerão os rebeldes tentar. Sonhando sempre com o dezenvolvimento do espirito publico no Brazil no sentido das ideas republicanas, contavão ser possivel resurgirem novos movimentos revolucionarios nas provincias do Brazil, á similhança dos de 1842 em Minas e São-Paulo.

Procurarão pois relacionar-se com os omens notaveis do partido liberal, nos quaes confiavão, persuadidos de que terião auxilio para a realização de seos planos, sendo a idea predileta de alguns dos paladinos rebeldes a consagração da democracia no Brazil, mantida por uma confederação das provincias.

As suas cartas, e as suas exortações não produzirão

rezultado ; e emquanto o sul do Imperio debatia-se n'esse intento, o resto do paiz d'isto não cogitava, ocupado somente na politica partidaria, que consiste na exaltação de um dos dous partidos e no abatimento do outro, ambos assimilhados pelo vinculo commun da idea monarchica, que os prende e subordina.

§ 6. Um commissario da rebelião do sul veio á corte, e depois de sondados e consultados alguns dos personagens mais notaveis do partido liberal, regressou em Setembro de 1844, levando aos seos commitentes o dezengano das suas chimericas esperanças.

Então os rebeldes reputarão impossivel o seo triunfo, reconhecendo que nenhum dos dois partidos nacionaes coadjuvaria para a separação de uma provincia brazileira.

Em fins de 1844 e principio de 1845 decidirão-se pois a propor sinceramente a paz.

§ 7. Bento Gonçalves dirigio-se ao Barão de Caixias, e pedio-lhe uma conferencia, que realizou-se com toda a rezerva e segredo.

Ahi declarou o Barão, que nenhuma condição aceitaria, que não tivesse por baze a depozição das armas e a obediencia ao governo do Imperador.

Bem convencido estava Bento Gonçalves de não poder a guerra proseguir por parte dos rebeldes : todavia não quiz aprezentar-se como fraco e vencido, mas pretendia inculcar, que a dezistencia da luta tinha por motivo o dezejo de ver finda a discordia civil.

Falou na proposta de federação da provincia rebelada com a republica do Uruguai e com o estado de Corrientes oferecida por Frutuozo Rivera, por parte d'aquela, e por Joaquim Madariaga, por parte d'este, e finalmente aprezentou como condição da cessação da guerra o reconhecimento da divida da republica rio-grandense, e a

confirmação dos postos obtidos pelos caudilhos no curso da revolução.

§ 8. O Barão, conhecedor do estado das couzas, declarou firmemente a Bento Gonçalves, que, sem tomar compromisso algum, encarregava-se todavia de levar á apreciação do Imperador as idéas do mediador, podendo os rebeldes passar para o outro lado da fronteira, e ali esperar solução.

Bento Gonçalves pareceo annuir a esta indicação, e retirou-se; mas passados dois dias mandou dizer, que David Canabarro recuzava assentir ao ajuste.

David Canabarro era então o xefe militar preponderante, e embora tambem dezejasse a paz, todavia motivos de competencia o levavão a pôr duvidas a respeito da pacificação pelo modo proposto por Bento Gonçalves: d'ahi proveio a divergencia, e o adiamento da acommodação definitiva.

§ 9. Paravão as couzas n'este pé, quando a 2 de Outubro de 1844 aprezenta-se ao Barão de Caxias o cabecilha Ismael Soares, commissionado pelos dois xefes rebeldes Bento Gonçalves, e Antonio Neto para fazer saber ao general imperial a rezolução, em que elles estavão de deixar o serviço, em que estiverão empregados por espaço de 9 anos, rezolutos a não ostilizar mais as forças do exercito imperial, uma vez que o mesmo general envie salvo-conduto para elles e para todos os seos companheiros d'armas, que os quizerem acompanhar, esperando do Imperador não só o pleno esquecimento dos seos erros, como garantia para todas essas pessoas e seos companheiros na luta contra o Imperio.

Ao passo que isto sucedia, intervinha Fructuozo Rivera, igualmente commissionado pelo governo rebelde, então nas mãos de Jozé Gomes, o antigo Prezidente da republica

de Piratinin, para tratar da paz, e procurava interpor os seus bons officios perante o general brazileiro; intervenção, que este dissensou.

O salvo-conduto pedido foi dado pelo Barão de Caxias.

§ 10. Encaminhadas as couzas á pacificação, José Gomes, David Canabarro, João Antonio, e Antonio Neto, como xefes do povo rio-grandense em armas contra o governo imperial, assinarão, com data de 13 de Novembro de 1844, uma declaração autorizando Antonio Vicente da Fontoura para que, de acordo com o Barão de Caxias, seguisse para a corte, e obtivesse do mesmo governo imperial uma paz, que, segundo a frazeologia rebelde, não manxando de ignominia esta distinta porção da grande familia brazileira, nem ao sabio governo do Imperador, impozesse dique ao estrangeiro audaz, que pretendia fulminar a ruina d'esta terra do Brazil inteiro.

Tal era o ton d'esse documento, em vista do qual, aprezentado em 16 de Novembro, o Barão de Caxias, então em Bagé, fez seguir o emissario rebelde para a corte acompanhado de dois officiaes de confiança, um dos quaes era o Coronel Manoel Marques, incumbido de expor ao governo imperial as circunstancias da provincia, e os meios mais conducentes a terminar a guerra.

§ 11. O sobredito emissario e seos companheiros vão á corte, regressão com instruções ao Barão de Caxias sobre a aventada pacificação, e conhecidas assim as intenções definitivas do governo imperial, entenderão-se os xefes rebeldes com o general legalista.

De Janeiro a Fevereiro de 1845 preparão esses xefes o desfexo da questão.

§ 12. O governo rebelde rezolve, que o exercito seja consultado; e para isso devia este reunir-se em um ponto, que assentou-se ser Ponx-verde.

O exercito rebelde repartia-se então em trez divisões: a primeira commandada por Antonio Neto, a segunda por Bento Gonçalves, e a terceira por João Antonio.

David Canabarro era o general em xefe d'esse exercito, e na prezidencia da republica estava o octogenario Jozé Gomes, novamente de posse d'esse cargo, em virtude de renuncia de Bento Gonçalves.

§ 13. Marcado o ponto de reunião devião esses xefes ali congregar-se; mas não compareceo Jozé Gomes por doente, nem Bento Gonçalves, que pretestava embaraços de viagem.

Congregados os demais xefes, e forças rebeldes no acampamento da Carolina, em Ponxe-verde, e ahi reprezentado Jozé Gomes pelo Ministro Manoel Lucas de Oliveira, e considerado o voto de Bento Gonçalves mandado por escrito, passarão ao assunto da reunião no dia 25 de Fevereiro de 1845.

No seo voto, firmado em 22 do mesmo dizia Bento Gonçalves: A paz é indespensavel fazer-se; o paiz a reclama, pois infelismente das vitimas dos nossos dezacertos nada temos a lucrar com os azares da guerra; eu vejo, máo grado meo, que oje não podemos conseguir vantagens, que estejão em armonia com os nossos sacrificios, por se aver, a despeito dos meos conselhos incessantes, perdido a melhor quadra de negociar-se uma conciliação onroza.

§ 14. Sugeita a materia á deliberação da oficialidade, depois de mui breves e curtos debates, foi unanimemente rezolvido, que se ultimasse a paz, sob as condições pactuadas, e todas quantas se podessem conseguir do Barão de Caxias competentemente autorizado pelo governo imperial para o efeito.

Assim se exprimia a respectiva acta do conselho

deliberante, acta que assinarão David Canabarro, como general em xefe do exercito, Antonio Neto e João Antonio, como commandantes de divizão, alem de trez Coroneis, 15 Tenentes-coroneis, e 10 Majores.

Entre o Barão de Caxias e os rebeldes, para os ultimos ajustes, servio de medianeiro o Coronel Manoel Marques.

§ 15. As condições pactuadas forão :

1.° Anistia geral e plena para todas as pessoas involvidas na rebelião

2.° Izenção de serviço militar e da guardada nacional para todos os individuos, que tinhão servido no exercito da rebelião

3.° Gozarem os xefes rebeldes das onras dos seos postos

4.° Pertencerem os escravos, que servirão como soldados da republica, ao estado, que os indenizaria aos seos antigos senhores.

Concluida assim a pacificação, foi ella annunciada por ambos os lados á provincia, e ao Imperio todo.

§ 16. David Canabarro, como general em xefe das forças rebeldes, dirigio-lhes em 28 de Fevereiro a seguinte proclamação :

Concidadãos ! Competentemente autorizado pelo magistrado civil, a quem obedecemos, e na qualidade de commandante em xefe, concordando com a unanime vontade de todos os oficiaes da força do meo commando, vos declaro, que a guerra civil, que por mais de 9 annos devasta este bélo paiz, está acabada.

§ 17. No dia seguinte, 1° de Março, o Barão de Caxias, na margem direita do rio Santa-Maria, publicou esta outra proclamação :

Rio-grandenses! É sem duvida para mim de inexplicavel prazer o ter de annunciar-vos, que a guerra civil, que por mais de 9 annos devastou esta bela provincia, está terminada. Os irmãos, contra quem combatemos, estão oje congratulados comnosco, e ja obedecem ao legitimo governo do Imperio do Brazil.

§ 18. Sumia-se assim a republica rio-grandense d'entre as potencias da terra, e resurgia a provincia do Rio-grande do Sul como estrela da esfera armilar do Brazil.

A cauza da monarchia ficava triunfante na provincia insurgida sob o influxo democratico, e o governo central via coroados os seos esforços em prol da integridade do Imperio.

(*Continúa*)

GUERRA CIVIL

DO

RIO GRANDE DO SUL

MEMORIA ACOMPANHADA DE DOCUMENTOS, LIDA NO INSTITUTO ISTORICO E GEOGRAFICO DO BRAZIL (*)

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

(*Continuadas da pag. 291 do presente tomo*)

CAPITULO XXVI

A provincia do Rio-grande do Sul volta ao regimen legal ; execução da lei de 3 de Dezembro de 1841 ; eleições provinciaes ; o Barão de Caxias galardoado pelo governo imperial, e onorificado pela provincia.

§ 1. Vencida a revolução, e suprimida a rebeldia, cumpria, que a provincia volvesse ao estado normal do nosso regimen constitucional.

A revolução, colocando o Rio-grande do Sul em estado marcial, forçava-o a duas sensiveis anomalias em relação a sua condição de provincia brazileira. Assim o novo regimen policial e judiciario adotado pela lei de 3 de Dezembro de 1841, e praticado em todo o Imperio desde a promulgação d'ella, não era aplicado a toda essa porção do sólo nacional, bem como estava suspenso ahi o exercicio da reprezentação provincial, desde que em 17 de Janeiro de 1837 o Prezidente Antero de Brito adiára a primeira assembléa eleita na provincia em virtude do acto adicional, ou lei de 12 de Agosto de 1834.

(*) E' conservada a orthographia do manuscripto, á pedido do author.

Pacificada a provincia era de indeclinavel necessidade a execução plena da lei de 3 de Dezembro, e o restabelecimento da lei de 12 de Agosto.

Foi o que realizou o Barão de Caxias, apenas terminada a sua missão de guerra.

§ 2. Em Abril de 1842 o Prezidente Saturnino de Souza déra começo á pratica da reforma policial e judiciaria.

Entrando em funções o Xefe de Policia da provincia, cargo então annexo ao lugar de Juiz de Direito da comarca da capital, fizerão-se nomeações das autoridades policiaes, sendo nomeados Delegados de Policia para os termos de Porto-alegre, Patrulha, São Jozé do Norte, Rio-grande, Triunfo, e Rio-pardo.

Nos demais termos da campanha não pôde a reforma executar-se em razão da ocupação rebelde.

§ 3. O Barão de Caxias, depois que dominou a campanha, começou a fazer nomeações de autoridades policiaes, á proporção que considerava segura a posse das diversas vilas senhoreadas pelas forças legaes.

Assim em Novembro de 1843 Cruz-alta ja pôde ter essas autoridades; Cassapava, Cangussú, Pelotas, Jaguarão, Caxoeira, e São Borja as tiverão no correr de 1844, e Piratinin e Alegrete so as poderão ter em Abril de 1845.

A organização judiciaria seguia logo á organização policial, e assim os Juizes municipaes forão se estabelecendo concurrentemente com as autoridades de policia.

§ 4. A eleição de deputados provinciaes fez-se, apenas restabelecida a ordem geral no territorio rio-grandense; e antes de findar-se o anno de 1845 pode o Barão de Caxias reunir os reprezentantes da provincia, aos quaes dava conta do estado da mesma provincia.

Assim o Rio-grande do Sul reentrava na plena communhão nacional, vendo por toda a extensão do seo territorio o dominio das leis do Imperio, e a concordia de seos filhos.

§ 5. O Barão de Caxias, terminada a glorioza campanha, recebeo do governo imperial, em galardão do valiozo serviço prestado á patria, o titulo de Conde, que em 1852 devia ser mudado no de Marquez, depois da expulsão do ditador de Buenos-aires, e no de Duque em 1869 (*), depois da dificil vitoria contra o Paraguai.

Tambem foi-lhe conferido o posto de Marexal de campo, finda a campanha.

A provincia do Rio-grande do Sul tinha de preenxer uma vaga senatorial; e o nome do seo pacificador fez parte da lista triplice, que tinha de ser aprezentada ao monarca para a escolha constitucional.

Esta recahio na pessoa do benemerito cidadão, a quem por carta imperial de 1 de Setembro de 1845 se conferio o lugar de Senador do Imperio.

Postos em ordem os negocios civis e militares da provincia, o Conde de Caxias, a deixou, retirando-se para a corte.

CAPITULO XXVII

A rebeldia do sul considerada em seos meios de vida e ação; como pôde manter-se; capacidade dos seos generaes.

§ 1. Temos até aqui exposto como principiou, viveo, e findou a guerra civil do Rio-grande do Sul; iremos agora examinar algumas questões, sobre que se não demorou a nossa atenção na ocazião de apontar os factos, em consequencia de o não consentir a rapidez da narração.

(*) Decr. de 25 de Março de 1845, Decr. de 26 de Junho de 1852, Decr. de 23 de Março de 1869.

N'este exame seremos concizos, porque apenas pretendemos dar relevo a certas circunstancias geraes da luta.

§ 2. A revolução rio-grandense, ao surgir em 1835, não cauzou abalo sensivel ao paiz: ninguem se convenceo, de que ella podesse perdurar.

No entretanto ella subzistio em luta com o Imperio por quazi 10 annos. De 20 de Setembro de 1835 a 28 de Fevereiro de 1845 decorrerão 9 annos 5 mezes e 10 dias.

Como manteve a rebeldia tão prolongado pleito?

Temos como cauzas principaes d'essa prolongação da luta a fraqueza do Imperio n'esses tempos em relação ás finanças; a facilidade com que os rebeldes encontravão refugio e auxilio no estado oriental; a vacilação de plano por parte do governo imperial sobre os meios de pacificar a provincia; a intrepidez e tenacidade dos principaes omens de guerra da republica rio-grandense.

§ 3. A primeira cauza manifesta-se pelo estado do paiz n'esses dias de debilidade.

Quando atendemos ao estado de pujança e força do nosso governo nos prezentes dias, custa-nos a comprehender, que a sedição de Porto-alegre se podesse converter em republica, e lutar por tão dilatado espaço.

Mas apenas volvemos aos dias passados, facilmente compreenderemos o fenomeno.

§ 4. O Brazil sahia então das faxas da sua emancipação politica; não estava organizado, nem tinha rendas publicas bastantes para acudir de pronto a despendios extraordinarios.

Paiz vasto, pouco povoado, pois a sua população n'essa epoca mal xegaria a 7.000.000 de almas, não tinha ainda produção consideravel.

Ao começar a guerra do sul, o nosso tezouro geral arrecadava pouco mais de 10 mil contos; ao terminar a

luta, a arrecadação fiscal ja era de mais de 24 mil contos.

A nossa renda geral prezentemente é superior a 120 mil contos; e d'ahi manifesta-se aos nossos olhos as forças do Imperio nas duas epocas.

§ 5. Declarada a guerra separatista, o Brazil tinha de acudir aos indispensaveis gastos ordinarios da publica administração, que absorvião a totalidade da nossa renda, deixando deficits annuaes; não podia pois empregar as somas necessarias para aumentar as forças militares, preparar armamento, e adquirir petrexos abundantes para com celeridade rebater a rebeldia.

Passarão-se tempos; o governo regencial sofreo revezes, e isto animou o espirito de rebelião, propagou-o na provincia insurrecta, e organizou o republicanismo.

§ 6. Para mostrar a debilidade do nosso governo d'então, basta ponderar, que, xegando á corte expulso o Prezidente Fernandes Braga, não forão incontinente forças capazes de suprimir a nacente insurreição.

O Prezidente novamente nomeado, seguio dezacompanhado de meios de reprimir o atentado.

Jozé de Araujo Ribeiro levou comsigo apenas alguns ordenanças, indo em um vazo de guerra sem tropas de dezembarque.

Forão depois, e por partes minimas, alguns contingentes de força militar; mas a rebeldia ja tinha ganho prozelitos e vigor.

Sem a morozidade e insuficiencia dos recursos enviados pelo governo central, a revolução não passaria da insurreição de alguns batalhões de linha, e da conivencia da guarda nacional, que levantarão-se ao redor de Portoalegre, obrigarão o commandante das armas Sebastião Barreto a fugir para o estado oriental, e forçarão o Prezidente Fernandes Braga á retirar-se para a corte.

Bastarião 2.000 omens com o Prezidente Jozé d'Araujo Ribeiro ; e a insurreição estaria supitada.

A prova está no facto do Fanfa, onde sem essa força ainda foi possivel destroçar a rebeldia.

§ 7. Porque porêm assim não procedeo o governo imperial ?

Porque os cofres nacionaes não comportavão as despezas necessarias.

A força de linha então era de pouco mais de 11.000 omens em todo o Imperio.

Do começo da sedição em 20 de Setembro de 1835 ate 19 de Setembro de 1837, isto é, no prazo de 2 annos de guerra, o governo central apenas avia remetido para o sul 1.403 praças, excluzive pequena força destacada na fronteira de Santa-Catarina e São-Paulo.

A força militar axava-se esparsa por todas as nossas provincias, era pois precizo grande despeza para o transporte.

As distancias, e a debilidade financeira forão motivos da falta de prontidão, e suficiencia de recursos contra a rebeldia.

Assim o sul convencia-se de que podia lutar, e triunfaria. D'ahi a insistencia.

Tão verdade é ter sido a auzencia de meios pecuniarios a principal cauza de impotencia do Imperio contra a rebelião, que em 1837 o ministro Bernardo de Vasconcelos, então alma do governo regencial, dizia ao parlamento, quando instava pela terminação da luta do sul : —Dae-me dinheiro, e eu acabarei a guerra.

§ 8. A mingoa de numerario obrigava o governo imperial a restringir os seos elementos de guerra ; e n'estas condições recorria á oferta de anistia, quando não tinha tropa bastante para fazer crer aos rebeldes, que o uzo

do oblivio do crime era um acto de clemencia, e não uma concessão de fraqueza.

Convencidos d'esta verdade os rebeldes nas repetidas vezes, em que o governo imperial lhes liberalizou o perdão, nunca foi este aceito pelos xefes, mas somente por alguns individuos de secundaria importancia, que depois regressavão ás suas antigas fileiras.

Só quando o Barão de Caxias mostrou-se forte e disposto a vencer, vierão os rebeldes abrigar-se ao favor da anistia, de maneira que nos dous annos finaes da campanha mais 1.000 republicanos buscarão com sinceridade o indulto imperial.

Então ja não erão pessoas de somenos importancia, que vinhão solicitar o beneficio da anistia; individuos dos mais qualificados d'entre os rebeldes o procuravão, e erão atendidos.

Assim n'esse tempo forão anistiados os ex-ministros de estado Domingos d'Almeida, Ulhoa Cintra, e o Padre Francisco das Xagas Martins d'Avila, outr'ora vigario apostolico da republica.

Para facilitar o uzo d'essa providencia o governo imperial outorgava aos Prezidentes de provincia faculdade para concedel-a, marcando prazo para a aprezentação dos rebeldes; mas anistiava diretamente, quando a elle recorrião os impetrantes.

§ 9. No principio da revolução dous factos contribuirão assás para o incremento d'ella; os quaes forão o abandono da provincia pelo Prezidente Fernandes Braga, e a prizão do Prezidente Antéro de Brito.

O primeiro facto deo á rebeldia governo, uma capital incontestada, e força moral; o segundo ministrou-lhe meios de guerra, que ja não tinha, proporcionando-lhe a rendição de Cassapava, onde axou petrexos belicos.

D'aqui seguio-se a entrada no Rio-pardo pelas forças rebeldes, e a vinda d'estas para as cercanias de Porto-alegre, e o assedio d'esta cidade, o qual por sua duração patenteava a todo o Brazil, que não era sem valor um movimento, que coagia na sua propria capital o governo da provincia.

§ 10. No curso da revolução o governo central conseguio por vezes colocar os rebeldes em dura situação; elles porêm refugiavão-se no vizinho estado oriental: ali axavão abrigo á perseguição, refazião as suas forças, e voltavão á luta, quando lhes aprazia.

Não so ali encontravão estas vantagens, como tambem d'ali fazião a sua baze de operações; o que aliás procuravão desfarçar.

D'entre os suditos brazileiros existentes n'esse estado a uns recrutavão, de outros extorquião pezadas contribuições pecuniarias, e organizando partidas armadas vinhão dar assalto ás estancias nacionaes, d'onde tiravão gados, que vendião para ter dinheiro para pagar gente, comprar petrexos belicos, e vestir os soldados.

Quando se supunhão preparados, regressavão ao territorio brazileiro para proseguir na luta, que aliás teria cessado sem esse abrigo, ou recurso.

A prova de nossa assersão está na terminação da guerra pelo general ultimamente enviado para pacificar a provincia.

Este general conseguio, que os rebeldes não mais se abrigassem em territorio extranho, e logo elles reconhecerão a impossibilidade de sustentar a luta, quando na terra patria não tinhão descanso, e fóra d'ella não tinhão amparo.

O rezultado foi cederem, e a pacificação operou-se.

§ 11. O governo imperial, consiente da propria fraqueza pela dificuldade de preparar de um jacto forças

bastantes, impacientava-se com a procrastinação da guerra; d'ahi essa vacilação, que sempre mostrou no sistema de combater a rebeldia; ora confiava na força, ora na brandura; d'ahi as mudanças de prezidentes e generaes, conforme as esperanças sucitadas; d'ahi a enviatura de prezidentes e generaes com o pensamento ora de guerra, ora de paz.

O efeito moral de similhante norma de procedimento era desvantajozo para a cauza do Imperio, e cada esperança frustrada para o governo imperial era um acrecimo de força para a revolução.

Quem percorre a lista dos Prezidentes e commandantes do exercito vê, que elles sucedião-se rapidamente; so um perdurou, e este terminou a guerra; foi o Barão de Caxias.

De 15 de Janeiro de 1836 até 9 de Novembro de 1842, isto é, desde Jozé d'Araujo Ribeiro, o sucessor do Prezidente expulso, até a posse do Barão de Caxias, operou-se por 12 vezes a mudança de Prezidentes, não contando as vice-prezidencias de curtissima intermitencia.

Portanto no espaço de 7 annos incompletos sucederão-se 12 Prezidentes; o que quer dizer, que os antecessores do Barão de Caxias apenas por mezes ou dias governavão a provincia, e superintendião a guerra.

Tal sistema de mobilidade administrativa não podia deixar de prejudicar sensivelmente os planos de operações: a guerra por parte da legalidade recomeçava sempre.

§ 12. Não era possivel ter exito feliz o intento do governo imperial; a guerra contra os rebeldes foi o que podia ser com tal sistema; ameaças, e alguns conflitos intermeados da blandicia das anistias, mas não perseguição continua e eficaz.

Assim a rebeldia ganhava forças na opinião da provincia, e obtinha apoio nos seos abitantes, que já confiavão na

potencia de uma ordem de couzas, que perdurava a despeito dos esforços do Imperio inteiro.

O omem naturalmente inclina-se a respeitar a força, que o póde proteger ou danificar; a republica rio-grandense subzistia, e era uma força real, que imprimia sua ação nos negocios da vida; a população ignára decidio-se por ella.

§ 13. Quando atentamos sobre a duração da guerra do sul, não podemos desconhecer a varonilidade e perseverança dos generaes da republica.

Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, João Antonio, Domingos Crecencio, Onofre Pires, Jacinto Guedes e Portinho erão valentes, e dedicados á cauza por elles espozada. A atividade d'esses omens nunca se desmentio, quando o perigo a exigia.

§ 14. É notavel, que no decurso de quazi 10 annos de guerra, nenhum dos principaes caudilhos da rebelião sucumbisse em combate.

Não é licito dizer, que lhes faltasse valor; sobejas provas derão elles de valentia nas emprezas, que commeterão.

A audacia nos ataques do Rio-pardo, e no assalto de São Jozé do Norte mostrão, que elles se não esquivavão aos perigos, e a marxa empreendida de Setembrina atravez da Serra e campos da Vacaria para transpôr o Passo-fundo, e ganhar a campanha, demonstra, que não recuavão diante das dificuldades naturaes.

§ 15. É porêm certo,que na maxima parte dos cazos os conflitos travavão-se por surpreza, de maneira que poucas pelejas campaes tiverão os caudilhos rebeldes de sustentar.

E como em tal sistema de guerra os xefes se resguardão, por isso mesmo que o acommetimento é de forças

parciaes, d'ahi talvez proviesse o rezultado, que assinalamos.

Alguns cabecilhas de secundaria importancia forão mortos em luta; cahirão pelejando Antonio Manoel do Amaral, e Joaquim Teixeira, a quem o Prezidente Saturnino de Souza qualificava de estupido e grosseiro, mas pronto e valorozo nos seos commetimentos.

§ 16. Dentre os principaes caudilhos insurgentes so dous não sobreviverão á luta, e forão João Manoel de Lima, e Onofre Pires.

João Manoel dezapareceu logo no principio da guerra. Ferido na face esquerda por uma metralha por ocazião do temerario acommetimento de duas canhoneiras de guerra, e um vapor no rio São Gonçalo, a 2 de Junho de 1837, foi morrer por mão assassina em São Borja no dia 29 de Agosto do seguinte anno.

Onofre Pires expirou, quando essa mesma luta declinava para o seo ocazo. Ja fica relatado como elle pereceo em duélo em Fevereiro de 1844.

§ 17. Emquanto aos demais xefes, virão o final da guerra, aceitarão as condições de paz, e por muito tempo viverão como suditos da monarchia, que combaterão.

Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, João Antonio, Domingos d'Almeida, Jozé Gomes, e Jozé Mariano de Matos são falecidos; vivem ainda Portinho, Luiz Jozé Ribeiro Barreto, e outros.

Alguns d'elles prestarão serviços ao Brazil em postos da guarda nacional, e Jozé Mariano ocupou no Imperio o cargo de ministro da guerra, embora passageiramente.

É onrozo declarar, que todos os xefes rebeldes, que começarão a revolução, forão ao termo d'ella sem bandear-se, nem jamais aceitar concessões individuaes do

governo imperial, a exceção de Bento Manoel, o qual por duas vezes foi rebelde, e por duas vezes regressou ao gremio legal.

§ 18. Trez cabos de guerra destacão-se na rebeldia pela influencia, que tiverão nos negocios d'ella.

São elles Bento Gonçalves, Antonio Neto, e David Canabarro. Da capacidade militar d'elles daremos aqui sucinta noção, colhida dos factos, em que intervierão durante essa guerra civil, que levantarão.

§ 19. Si Bento Gonçalves não foi feliz nos combates, que deo, todavia foi pertinaz, e praticou movimentos estrategicos bem combinados. Sabia mais evitar perigos e preparar surprezas, do que vencer batalha campal.

Soube manter-se em torno de Porto-alegre por tempo indefinido, e d'ahi sahio, quando lhe convinha, sem que os generaes legaes o desbaratassem; mas sempre que travou peleja foi vencido.

Bento Manoel o derrotou no Fanfa, e em Ponxe-verde, Manoel Jorge empedio-lhe a vitoria no Taquari, e a guarnição de São Jozé do Norte frustrou-lhe o arrojado assalto.

Faltava-lhe a rezolução pronta de agredir oportunamente. É este o juizo, que d'elle faz o seo companheiro e amigo Jozé Garibaldi em suas Memorias, quando diz, que Bento Gonçalves tinha todos os dotes de um grande capitão, menos a felicidade, sendo o mais deploravel dos seos defeitos certa ezitação, razão provavel do exito funesto das suas operações.

§ 20. Antonio Neto gozou de grande reputação entre os rebeldes até certa epoca da revolução; mas depois de iniciada a campanha do Barão de Caxias decahio, em razão de ter deixado o general imperialista tranzitar incolume pelo rio São Gonçalo, e dirigir-se sem estorvo para o acampamento de São Lourenço.

Com efeito tinha o nosso general de passar de Porto-alegre para a campanha.

Parecia, que devia elle seguir pelo rio Jacuhi até o Rio-pardo para d'ali seguir para o acampamento do exercito operante contra a rebeldia, conforme avião praticado os seos antecessores; mas necessaria lhe era cavalhada para montar esse mesmo exercito, e a cavalhada estava aquem dos lagos, e dos rios da parte oriental da provincia.

Precizava elle pois de transferir os seos cavalos para o acampamento, e so podia fazel-o, ou seguindo por serranias e matas impraticaveis para transpor o Jacuhi junto á vila da Caxoeira, em cujas proximidades estacionava o exercito legal, ou atravessando o rio São Gonçalo, em ponto convinhavel, para seguir pela margem ocidental da Lagoa dos Patos.

O primeiro alvitre era inaceitavel pela extensão e dificuldade do trajecto; a passagem pelo rio São Gonçalo era a idéa admissivel.

§ 21. Os rebeldes sabião d'isso; Antonio Neto devia embaraçar a passagem da cavalhada legal, e para isso ficou com forças suficientes nas adjacencias do dito rio.

O Barão de Caxias, conhecedor do movimento dos rebeldes, tinha necessidade de persuadil-os, que passaria em ponto determinado, mas de dirigir-se a outro.

O ponto natural de tranzito era o passo dos Canudos, e o Barão fez crer, que efetivamente era esse o seo projeto.

Antonio Neto observa o ponto; mas o seo adversario rapidamente atravessa o rio no Passo da Barra, e com a cavalhada prosegue em marxa para o acampamento do seo destino, onde xega a salvamento.

§ 22. Durante essa marxa era facil despersar a cavalhada, na qual estava todo o principio de ação do

exercito imperial, cujo xefe sofria as mais cruciantes inquietações a esse respeito.

A todo o momento se lhe figurava virem quatro ou cinco cavaleiros penetrar no centro da sua cavalhada, e fazel-a desparar com alguns brados, e rapidos movimentos.

Toda a boa fortuna da campanha do Barão de Caxias dependeo d'esse arriscado lance.

O general rebelde o não frustrou na passagem do rio, e nenhum sequaz seo lembrou-se da despersão da cavalhada inimiga, proeza aliás facilima.

Porque assim sucedeo? A fortuna do general legalista o protegia; elle devia vencer pela cauza do Imperio.

Não faltarão prenuncios da vitoria creados pela credulidade popular, pois até os astros ministrarão motivo para felizes augurios. (*)

§ 23. Antonio Neto foi assás arguido entre os seos camaradas por este facto, todavia os seos creditos, embora embaciados então, sustentavão-se por suas anteriores ações.

(*) Do opusculo intitulado Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias, publicado em Porto-alegre no anno de 1845, copiámos o seguinte :

Antes da marxa do exercito tinha-se feito vizivel o cometa de 1843, que os nosos soldados batizarão com o nome de Estrela-Caxias. A cauda apontava para o municipio de Alegrete, ocupado então pelos rebeldes.

As tropas tomarão de bom grado a prezença d'este astro como precursor infalivel da queda dos rebeldes, e tiverão, que o Deos dos exercitos o fizera aparecer para inspirar-lhes confiança nas dispozições do seo general.

Alguem ouve, que notou na aparição dos dous cometas uma coincidencia bem rara !

Vimos o primeiro em fins de Fevereiro de 1843 (a abertura da campanha) e o segundo em fins de Fevereiro de 1845 (quando ella terminava).

Tambem d'esta vez atribuio o povo á Estrela-Caxias o brilhante desfeixe de uma luta até ahi tão dezastrada.

Este caudilho tinha em seo abono sobretudo a vitoria do Seival, da qual se derivára a proclamação da republica de Piratinin, as marxas rapidas, e a atividade, com que acudia aos lances perigozos.

§ 24. Foi David Canabarro o melhor cabo de guerra da republica.

Elle executou a expedição da Laguna, onde fez proclamar o sistema democratico, realizou a incrivel marxa de Setembrina para a Vacaria, onde Bento Gonçalves foi reunir-se a elle para perseguirem o general Pedro Labatut, o qual com tropas cansadas deixou o Passo-fundo, perdendo nas florestas a sua artilharia, para dar facil tranzito aos rebeldes em ponto tão vantajozo de defeza.

David Canabarro, que começára a guerra em gráo subalterno, finalizou-a no posto de general da republica, e commandante em xefe das forças insurrectas.

A sua atividade e vigilancia forão conspicuas no curso da sangrenta luta; e so no final d'ella esse general sofreo a surpreza dos Porongos, tão fatal ás armas da rebeldia.

§ 25. Não devemos ocultar a competencia d'estes tres caudilhos sobre o mando supremo nos negocios da sua republica.

Por vezes desgostos e dissabores surgirão entre elles, e crearão-se facções para os sustentar.

Em 1841 Bento Gonçalves sofria grande opozição no seio dos seos republicanos : elle queixava-se d'isso amargamente, dezejando deixar o pezado cargo de Prezidente, e volver á pozição de simples militar para combater o inimigo na vanguarda do exercito.

Elle em suas expansões amigaveis acrecentava: Ali darei exemplo de obediencia ; ali mostrarei aos ambiciozos e sicofantas qual é o dever de um verdadeiro republicano. (*)

(*) Carta de 11 de Novembro de 1841.

§ 26. Os seos dezafeiçoados procuravão dar a preeminencia a Antonio Neto, que depois teve de passar pela mesma contrariedade, vendo elevado ao auge da influencia David Canabarro, que nos dias ultimos da revolução a todos avantajava-se em poderio.

Cumpre todavia declarar, que da divergencia d'estes caudilhos não rezultou grave dano á cauza, que sustentavão; porque jamais negarão-lhe o seo concurso nos momentos decizivos.

§ 27. Bento Manoel quiz na caudilhagem ter precedencia; a sua inconstancia porêm apenas permitio-lhe ali valor passageiro; por isso emquanto permaneceo na rebeldia tam-somente pode ter voto decizivo em uma ou outra operação belica; nunca teve porêm influencia eficaz na direção politica da republica.

A variação das suas afeições, ja por uma, ja por outra das duas cauzas debatidas na luta, incutião receio quanto a sua lealdade em qualquer ocazião importante e grave.

A respeito d'este personagem convem observar, que elle preponderou na sorte da revolução.

Assim, quando esta começou por sedição, elle espozou o movimento, e a sedição triunfou.

Depois elle abandonou a cauza dos sediciozos, e a legalidade venceo no Fanfa.

Voltando á cauza abandonada, realizou a prizão do Prezidente da provincia, promoveo o dezastre dos legalistas em 30 de Abril no Rio-pardo, e deo azo ao novo assedio de Porto-alegre.

Finalmente, convertido á cauza do Imperio, ajudou, sob o commando do Barão de Caxias, á vitoria definitiva contra os seos consocios e amigos d'outr'óra.

§ 28. Quem apreciar os factos, que temos narrado, certamente axará, que da fraqueza dos meios de ação

do governo brazileiro dos nossos dias regenciaes, tirou a rebeldia proveito para crear-se, e manter duradoura luta; mas tambem verá, que os omens, que lutarão pela republica, erão dotados de valor e atividade.

Si é certo, que não guerrearão pela republica como principio filozofico de governo, conforme ja dicemos, é todavia innegavel, que lhes não faltou esforço varonil.

CAPITULO XXVIII

A revolução rio-grandense considerada ante o governo imperial, e no parlamento; valor politico d'ella.

§ 1. Desde os primeiros momentos da revolução do sul, o governo imperial cuidou de reprimil-a, sem se persuadir jamais, que ella perdurasse, e exigisse tão penozos sacrificios.

Ao annunciar ao paiz o movimento insurrecional o nosso governo esperançava breve pacificação; as esperanças porêm falharão, e os rebeldes xegarão a constituir governo proprio.

§ 2. Operou-se em Junho de 1836 a restauração da cidade de Porto-alegre, e o mesmo governo imperial julgava restabelecida a paz da provincia.

Em Maio do seguinte anno o nosso ministro da justiça, referindo-se a esse acontecimento, dizia ao parlamento brazileiro: Então ninguem mais duvidou do restabelecimento da ordem na provincia do Rio-grande do Sul, e foi a perda da capital um golpe fatal para os anarchistas, que ahi dispunhão dos dinheiros publicos, dos depozitos de armamento e munições, e dos recursos, que as capitaes oferecem sempre a quem as possue.

Não obstante baldou-se a esperança; e a rebelião ia

por diante, embora a nova situação por ella organizada merecesse dos nossos ministros de estado, ante a propria reprezentação nacional, a qualificação de governo burlesco de Piratinin, e de republica fantastica dos rebeldes.

§ 3. No anno seguinte o governo imperial referia vantagens por parte da legalidade sobre a rebelião, e ainda dizia ao parlamento : Pode portanto o governo asseverar, que os negocios do Rio-grande do Sul têm melhorado consideravelmente, e que esta provincia continuará a pertencer á união brazileira.

As noticias favoraveis á nossas armas repetião-se annualmente perante os eleitos da nação; mas as esperanças da terminação da luta esvaecião-se sempre.

§ 4. O paiz descria das lizongeiras promessas de pacificação da provincia rebelada, e ja se não podia desfarçar a inquietação nacional por similhante estado de couzas ; por isso o governo imperial sentia cada vez mais a necessidade de fazer das esperanças uma realidade; e assim, cobrando novas forças com rezolução nova, em 1841 foi franco perante o parlamento, a quem dirigio-se nos seguintes termos : A guerra tem ja duração de mais : é dolorozo ver, que 4 ou 5 mil rebeldes tenhão podido rezistir por mais de 5 annos ás forças de todo o Imperio reunidas ; acrecendo que nenhum coração brazileiro pode ver sem indignação, que, avendo o poder moderador oferecido aos rebeldes a anistia mais ampla, que era dado conceder-se aos ingratos, recebessem com menosprezo tão generozo acto de soberana magnanimidade e paternal clemencia. O trono queria a paz; os rebeldes querem a guerra; e pois que o preferem, necessario é, que esta se faça tão forte, vigoroza e terminante, como o exigem o decóro do trono, e a onra nacional ofendidos.

Estas palavras annuncião rezoluç'o energica e firme do governo imperial; mas ella devia ainda ser embaraçada na execução por circunstancias forçozas do paiz; pois a revolução de São-Paulo e Minas vinha estorvar os recursos do Imperio pela necessidade de empregar a força armada na sufocação d'esse poderozo movimento, que abalava a paz geral, ameaçando uma convulsão politica no Brazil.

§ 5. O governo imperial não pôde remeter novas forças militares para o sul, e antes vio-se obrigado a mandar vir d'ali algumas tropas para acudir ao incendio, que lavrava, ja não em uma extremidade, mas no proprio coração do Imperio.

Apenas porêm restabelecida a paz nas duas provincias agitadas, o governo imperial volveo os seos cuidados para o Rio-grande do Sul, e então foi nomeado o Barão de Caxias para pôr em pratica a deliberação terminante de findar a guerra separatista.

§ 6. O governo de ambas as politicas do paiz (conservadora e liberal) nunca deixou de cuidar com empenho no acabamento da luta fratrecida do sul, com mais ou menos acerto e diligencia; o que se manifesta pelo exame da remessa de meios de guerra contra os anarchistas, verificando-se tambem ter a politica conservadora procedido com maior energia.

Desde o principio da rebelião em 20 de Setembro de 1835 até 19 de Setembro de 1837 (dominio da politica liberal) forão remetidas para combater os anarchistas do sul 1.904 praças;. e de 19 do mesmo mez de Setembro de 1837 até Abril de 1839 (dominio da politica conservadora) seguirão 3.772.

Surgindo a politica liberal em Julho de 1840, e dezaparecendo em Março de 1841, não forão enviadas tropas

ao sul por se entender primeiramente, que a politica anti-belicoza não exigia armas, (*) e depois por se considerar bastantes para as operações da guerra as forças ali existentes, quando frustradas as diligencias conciliadoras.

A politica conservadora voltou ao poder, e então cuidou de mandar novas tropas.

De 5 de Abril de 1841 até 31 de Dezembro de 1842 forão para ali 5.450 praças.

§ 7. Alem da força de terra, o governo imperial manteve nas aguas do Rio-grande do Sul uma força naval, que em 1839 era de 2 brigues-barcas, 1 pataxo, 2 vapores de transporte, 18 canhoneiras, e 9 lanxões, com uma marinhagem de 996 praças, e 89 bocas de fogo, sendo 42 peças e 47 caronadas.

Esta força naval conservou-se mais ou menos n'este pé ate a finalização da guerra.

Ella foi poderozo agente do governo legal, a cuja cauza prestou valiozissimo serviço.

Em tres ocaziões sobretudo a nossa marinha de guerra mostrou quão proveitozo foi o seo concurso na luta do sul, e isto foi no Fanfa, em Taquari, e em São-Jozé do Norte.

N'estes trez pontos podemos dizer, que a marinha nacional deo triunfo á legalidade.

No Fanfa e Taquari, proporcionando o transporte oportuno das tropas legaes, e em São Jozé do Norte varrendo com a sua metralha as ruas da vila para dezassombral-a dos rebeldes deo vantagem á cauza legal.

(*) O ministro do imperio Antonio Carlos, sustentando em 1840 a sua politica pacificadora para com os rebeldes do sul, dizia, segundo o testimunho de Saturnino de Souza, o seguinte: Eu penso, que uma batalha agora era um mal, ainda que vencessemos, porque ia destruir todo o prestigio da maioridade, ao qual todos os rebeldes podem render-se e pacificar-se a provincia, e uma batalha não vencia de uma vez a todos, e a guerra continuava.

Em Taquari, por via da marinha, conseguio o general Manoel Jorge transpor o rio, e evitar, depois do dia 3 de Maio, ser agredido em pozição desvantajoza, ao passo que abrigou-se com o rio, e impedio a passagem dos rebeldes da margem oriental para o lado ocidental do rio.

§ 8. Uma couza, de que se não descuidou o governo imperial, foi a de embaraçar, que do territorio insurgido passasse para as provincias adjacentes a lava revolucionaria ; por isso teve sempre na fronteira das duas provincias de Santa-Catarina, e São-Paulo, na parte ojo correspondente á nova provincia do Paraná, guarnições para obstar qualquer tentativa de invazão.

Todavia Lages e a Laguna forão invadidas, e ocupadas por forças rebeldes.

Na Laguna ja vimos quanto ocorreo ; em Lages derão-se invazões passageiras em 1838 e 1839.

Estes dous pontos, na provincia de Santa-Catarina, e o Rio-negro, na atual provincia do Paraná, forão os lugares guarnecidos por tropas imperiaes para defeza das fronteiras.

§ 9. Tal foi sempre a solicitude do governo imperial em suprimir a rebelião do sul, que em 1838, com autorização do poder legislativo, contratou na Alemanha um corpo de voluntarios com 542 praças, 14 oficiaes, e 1 Major, que o commandava.

Este corpo servio até a finalização da guerra, parte em Santa-Catarina e parte no Rio-grande do Sul. Findo o tempo do contrato do serviço militar, ficarão na maxima parte os voluntarios no paiz, entregando-se a varias industrias.

§ 10. No ultimo periodo da guerra, sob a direção do Barão de Caxias, o governo imperial ativou a remessa de petrexos, armamento, e forças, de maneira que

ao estrear este general a campanha em 1843 tinha sob suas ordens um exercito de 12.000 soldados bem fardados, armados, e municiados.

N'esse tempo a força de linha no Imperio era de 13.423 praças, a força existente fóra da linha era de 1.046, e a guarda nacional destacada era de 7.499.

Assim podia o governo imperial dispor, para o serviço de todo o Imperio, de 21.968 soldados ; no entretanto na guerra do Rio-grande do Sul, incluzive a força postada na fronteira das duas provincias limitrofes, estavão empregados mais de 12.000 omens, isto é, mais de metade da força total militar do estado.

Tal era o empenho em fazer cessar a guerra do sul, sorvedouro de vidas e dinheiro!

§ 11. O governo imperial então, ja menos apoucado em recursos, em razão do crecimento das rendas publicas, pôde fazer mais largos dispendios em bem da integridade do Imperio no sul ; e assim conseguio numeroza cavalhada para o exercito, xegando a empregar n'essa campanha final talvez 25.000 cavalos, ao passo que os rebeldes na mesma campanha dispozerão de 45.000.

Este grande numero de cavalos empregados na guerra, por uma e outra parte beligerante, assás demonstra o grande movimento da arma de cavalaria n'essa campanha final de Janeiro de 1843 a Fevereiro de 1845, isto é, nos dous annos de luta eficaz e continua, em que a rebelião sucumbio.

Tudo mostra, que nenhum dos nossos dous partidos politicos pactuou com a rebeldia ; ambos quizerão sempre a provincia do Rio-grande do Sul unida ao Imperio sob a forma monarchica.

§ 12. Sei, que ao partido liberal se arguio outr'ora a culpa de proteger a cauza dos insurgentes.

É verdade, que poderia aver n'esse partido individuos, que fraternizassem com os rebeldes, dezejando o seo triunfo; isto porêm jamais póde acarretar a responsabilidade geral; pois embora todos os partidos abriguem em seo seio omens de idéas mais ou menos exageradas, ellas nem por isso imprimem caracter n'esses partidos, nem lhes tornão commun o erro individual.

É muito natural, que no partido liberal se refugiem os omens de idéas republicanas, emquanto não se levantar no Brazil parcialidade formalmente democratica: o que sucede pela maior aproximação ou afinidade d'essas idéas com as d'esse partido do que com as do partido conservador.

§ 13. Ora, no periodo da luta do sul existião individuos abertamente favoraveis á forma democratica ou republicana; esses individuos acostavão-se ao partido liberal, e ninguem póde duvidar, que elles folgassem com o triunfo de uma cauza, por cujos principios fazião votos.

Estes omens certamente erão poucos, e não podião os seos impulsos, aliás não traduzidos em factos, justificar arguições ao partido liberal por se não empenhar pela terminação da guerra separatista do sul.

§ 14. No parlamento nacional a revolução rio-grandense foi algumas vezes discutida, e apreciada, ora porque o governo pedia recursos para a guerra, ora porque ali defendião-se os interventores n'ella.

O parlamento foi sempre pronto em conceder os meios pedidos para a consecução da paz, ja facultando anistia, e ja votando as quantias necessarias para as despezas militares.

Por algumas vezes surgirão no paiz receios da impossibilidade do triunfo legal, e esse dezanimo xegou a penetrar no seio da reprezentação nacional.

§ 15. Em 1837 o deputado Antonio Ferreira França,

medico filozofo, digno de geraes respeitos por seo carater moral, e conhecido por suas idéas sociaes, algumas vezes singulares, indicou o reconhecimento da separação da provincia rebelada.

Elle propunha, que se autorizasse o Rio-grande do Sul a eleger uma assemblea provincial extraordinaria com a especial missão de declarar, si queria ou não continuar unido ás demais provincias do Brazil.

No cazo de querer a separação, esta seria reconhecida pelo Imperio; no cazo contrario o Rio-grande do Sul ficaria ligado ao Brazil, mas tendo o seo Prezidente nomeado pelo governo imperial em lista triplice aprezentada pelo eleitorado da provincia, e investido da faculdade de nomear todos os empregados serventuarios na provincia, incluzive o commandante das armas.

Era um estado subalterno, que assim se creava, com dependencia do Imperio; era uma entidade politica ibrida, que não poderia subzistir por muitos dias, sem que se completasse a sujeição, ou se renovasse a luta da separação; porque ninguem domina por metade, quando póde dominar completamente, nem ninguem se sujeita em parte, quando póde ter liberdade inteira.

Ou o Imperio avia de querer governar no sul, ou o sul avia de querer libertar-se. D'ahi uma das duas consequencias.

Este projeto, lido na camara temporaria em sessão de 13 de Maio de 1837, não foi julgado objeto de deliberação: todavia elle denuncia quão vigoroza se reputava então a rebeldia do sul.

§ 16. O Rio-grande do Sul, armando-se para disputar a sua separação do Imperio, obrava com direito e acerto?

Parece-nos, que a ninguem escapará uma observação.

O Rio-grande do Sul pugnava por constituir uma nacionalidade; mas elle assim deixaria de ser parte de um grande povo para constituir pequeno estado.

As nacionalidades não se organizão pelo simples caprixo e orgulho da independencia; mas sim como mais idoneo meio de conseguir a felicidade geral.

Ora, as grandes nacionalidades são mais aptas para essa felicidade do que as pequenas agregações de população, por isso que dezenvolvem forças mais poderozas para empregarem-se na eficencia dos seos intentos de prosperidade; portanto a segregação da communhão brazileira por parte da provincia insurrecta era um erro, pois tinha por efeito arredal-a do influxo de uma ingente força de progresso para colocal-a sob a ação de meios muito menos valiozos de adiantamento material e moral.

§ 17. O Imperio compõe-se de provincias sob um pacto de união. D'este pacto nascerão direitos e deveres reciprocos; não é pois licito a uma pequena parte da união insurgir-se para romper pela força a convenção estatuida.

Os vinculos moraes so se dissolvem legitimamente pela forma, porque forão contrahidos; e como o consenso os contrahio, so o consenso dos contratantes os aniquila.

Erguer-se uma das provincias da união para rompel-a por violencia, é proceder contra direito e contra a prudencia.

§ 18. Em 1861 vimos rebentar a guerra civil dos Estados-Unidos d'America do Norte, na qual pretenderão alguns d'esses estados ter o direito de separar-se da união, a que se prendião por laços de uma confederação.

Um omem de alta capacidade politica, o Prezidente Abraham Lincoln, impugnou este direito, e o grande povo americano declarou, que o sul não tinha a faculdade de separar-se do norte por sua unica deliberação.

A sorte das armas assim o decidio na colossal guerra xamada da secessão; e as populações insurgidas regressarão ao seio da união para continuar a gozar d'essa fenomenal prosperidade, que a democracia proporciona ao povo de Jorge Washington.

§ 19. O triunfo definitivo da força unitaria entre nós foi de vantagem capital para o Imperio.

Si a rebelião rio-grandense ficasse vitorioza, o exemplo daria argumento a novas tentativas para o esfacelamento da nossa unidade politica.

Perniciozo seria esse exemplo, ja porque elle subzistia pela perda de importante porção do territorio nacional, e ja porque denotava a debilidade da força central para manter a nossa communhão social.

As democracias vizinhas serião tentadas a novas seducções, atenta a natural tendencia dos principios politicos em procurar assimilar a si tudo quanto os rodeia, em razão do instinto da propria conservação e segurança.

É para mim dogma de fé politica a vantagem da nossa integridade territorial, qualquer que seja a forma de governo, sob que vivamos.

CAPITULO XXIX

Principaes factos belicos da revolução rio-grandense

§ 1. Não deixaremos de apreciar, embora sumariamente, os principaes feitos d'armas da revolução rio-grandense.

A guerra do sul foi xeia de pequenos combates, assaltos e surprezas; batalhas campaes poucas teve, si é, que taes se podem xamar esses combates, aliás renhidos, entre

forças, que nunca ascenderão alem de 3.000 combatentes de parte a parte.

No Taquari as forças rebeldes e legaes passavão d'esse numero, mas não entrarão todas em peleja: apenas parte dos dous exercito medirão as armas entre si.

Os combates, em que mais avultadas forças se entestarão, e brigarão, forão os do Fanfa, e Ponxe-verde. No primeiro as forças de cada um dos lados era de pouco mais de 1.000 omens, no segundo lutarão 2.500 rebeldes com 1.600 legalistas.

Os mais notaveis combates, por suas consequencias, forão, seguindo a ordem cronologica, o do Seival (10 Setembro 1836), o do Fanfa (4 Outubro 1836), o do Riopardo (30 Abril 1837), o da Laguna (15 Novembro 1839), o do Taquari (3 Maio 1840), o de São Jozé do Norte (16 Julho 1840), o de Ponxe-verde (26 Maio 1843), e o de Porongos (14 Novembro 1844).

§ 2. O combate do Seival, tão aplaudido pela rebeldia, teve por consequencia a enunciação manifesta dos intentos dos caudilhos insurgidos.

Antonio Neto, vitoriozo, declarou querer a republica, e a Camara municipal da vila de Jaguarão adotou a aventuroza idéa, que foi tomar corpo em Novembro seguinte na vila de Piratinin, constituindo-se o governo republicano, como já expuzemos.

§ 3. Deo grande brado, e soou como óra derradeira da sedição o combate do Fanfa: mas contribuio poderozamente para a proclamação da republica em Piratinin; porque não extinguindo o germen revolucionario, deixou-lhe a necessidade de dezenvolver-se.

É na verdade singular, que da derrota tirassem os vencidos rezultado politico de tamanha importancia: mas assim foi.

Si os rebeldes não tivessem sofrido o desbaratamento do Fanfa, e si não apparecessem depois d'elle os actos de perseguição por via dos processos judiciaes e prizões contra grande numero de pessoas envolvidas na sedição, bem poderia esta ir se mantendo por algum tempo sem o rompimento da integridade do Imperio, e acabar sem a republica, a qual surgio como recurso contra a vindicta legalizada pelo procedimento criminal.

§ 4. De grande importancia foi o combate de 30 de Abril no Rio-pardo, rezultado immediato da rendição da força legalista postada em Cassapava; porque elle marcou a data do incremento da rebeldia: os rebeldes considerarão definitivo o seo triunfo, e vierão cercar a capital da provincia, contando ali consumar a victoria.

Si esta não se realizou, comtudo o assedio de Porto-alegre deixava o Brazil inteiro ver, que tão pujante era a rebeldia, que mantinha coacto o governo legal da provincia, sendo elle impotente para dezafrontar-se na sua propria séde.

§ 5. A cidade de Porto-alegre, sita em pitoresca colina, formando um promontorio sobre a bahia do Guahiba, é cercada d'agua pelo lado do sul, oéste, e norte; mas pelo lado de leste fica-lhe franco o caminho terrestre.

Porto-alegre communica-se para o sul pelo Guahiba, que vae ter á Lagôa dos Patos por estreito canal; ahi os rebeldes levantarão um reduto guarnecido por artilharia, e assim dificultavão a communicação com a cidade do Rio-grande.

Pelo lado do oeste e norte não tinhão meio eficaz de realizar o assedio por falta de embarcações armadas; pelo lado de terra porêm a communicação da cidade sitiada era realmente impedida.

Si os rebeldes possuissem vazos de guerra, com que

fizessem efetivo o assedio de Porto-alegre por agua, esta cidade ter-se-ia rendido dentro de poucas semanas, vencida pela fome.

Assim porêm não sucedeo; e Porto-alegre sustentou prolongado assedio, que dilatou-se por annos, conforme ja relatamos.

§ 6. Na Laguna a marinha brazileira realizou uma façanha dificil e perigoza: e as suas consequencias forão a repulsa da rebeldia, que se alastrava alem do territorio de sua origem, e a cessação do temor, com que se inquietava o nosso commercio costeiro ante a pirataria dos rebeldes.

Jozé Garibaldi, com o titulo de Capitão-tenente, mandava uma pequena esquadrilha na Lagôa dos Patos; mas esta esquadrilha constava apenas de lanxões, que não podião competir com as canhoneiras imperiaes, nem por conseguinte sahir ao mar livre, conservando-se nos recantos da Lagôa dos Patos para alguma tomadia de pequenos barcos, ou canoas da navegação interna.

§ 7. Era pois de maxima importancia para a rebeldia ter marinha; e a ocupação da Laguna tinha por principal objeto este grande intento.

Si por ventura conseguissem os rebeldes o seo propozito, certamente terião alcançado poderozo elemento de luta, capaz de os salvar.

Por isso tambem o governo imperial com tamanha diligencia tratou de dezalojar os rebeldes da Laguna, d'onde aliás ja incommodavão o nosso commercio de cabotagem.

§ 8. Os dous combates de Taquari e São-Jozé do Norte, dados com intervalo de 2 mezes e 13 dias, devem ser conjuntamente apreciados em seos efeitos.

Os rebeldes sitiavão Porto-alegre; era este facto o pregão alto e sonante do valor da rebeldia.

O Prezidente Saturnino de Souza, no empenho de cumprir a missão de vencer a revolução, e pacificar o Riogrande do Sul, idealizou o seo plano.

Via, que os rebeldes tinhão o seo principal exercito em Viamão, na distancia de 4 legoas do palacio prezidencial; via mais, que na campanha tinhão os mesmos rebeldes a sua capital, e algumas tropas.

§ 9. Planeava o delegado imperial:

1.° Fazer dezaparecer essa capital, surpreendendo e capturando os membros do governo rebelde.

2.° Atacar o exercito republicano em Viamão, e destroçal-o.

Julgava Saturnino de Souza assim ter infalivelmente morto a revolução, e dado paz á provincia.

Para a execução d'este plano contava elle com as forças, que tinha o commandante em xefe do exercito legal, o Marexal Manoel Jorge, e com a convergencia das tropas, que estavão na Laguna sob o mando do Tenente-coronel Jozé Fernandes, e das que ás suas ordens tinha o general Pedro Labatut, partindo de Lages.

Calculou o Prezidente legalista, que daria primeiramente inesperado golpe em Cassapava, onde estava o Prezidente interino da republica, para depois agredir o xefe do exercito rebelde, Bento Gonçalves, em Viamão.

D'este modo dizia elle, que feria os rebeldes na cabeça e no coração.

O delegado imperial ja fantaziava ter em sua mão prizioneiro o Prezidente da republica com os seos ministros de estado, e via ja desbaratado o exercito inimigo.

§ 10. Para realizar a primeira parte do plano foi expedido o Brigadeiro Bonifacio Caldeiron; mas, retardario na marxa, deo ao governo rebelde tempo para retirar-se de Cassapava, e a empreza malogrou-se.

Emquanto á segunda parte do mesmo plano, o seo autor não a pôde tentar ; porque o general Manoel Jorge não lhe prestou assentimento.

As idéas do provecto general erão outras; queria elle derrocar a rebeldia na campanha ; por isso o projeto prezidencial baqueou.

§ 11. No entretanto os rebeldes observavão o movimento das tropas legalistas : vião o general Manoel Jorge reunir o seo exercito na margem direita ou ocidental do Cahi; vião as forças da Laguna e Lages avançar; compreenderão a gravidade da sua situação.

Bento Gonçalves, acampado em Viamão e suas adjacencias, reconheceo, que perigava com a immobilidade, dando tempo a ser cercado.

Cumpria sahir da atual pozição, ou vencendo o inimigo quanto antes, ou passando para a campanha, si não tivesse a vitoria.

Com efeito abalou com o seo exercito, transpôz o rio Cahi no passo do Pesqueiro, junto ao Pareci, e buscando o general adverso, foi com elle travar peleja na margem esquerda, ou oriental do rio Taquari.

Ahi degladiarão-se os dous generaes , porêm a vitoria não favoreceo ás armas republicanas.

Bento Gonçalves não pôde bater Manoel Jorge; mas este, sem ter completo triunfo, obstou, que o inimigo passasse o Taquari, e ganhasse a campanha.

Considerado por este lado, o combate do Taquari importou vitoria valioza para a legalidade.

Depois de alguns dias de espectativa, Bento Gonçalves regressou á sua Setembrina.

A necessidade de alcançar a campanha (*) era

(*) Por campanha no Rio-grande do Sul entende-se a região demarcada por uma linha tirada da embocadura do rio Jaguarão na

indeclinavel; d'ahi nacco o assalto á vila de São-Jozé do Norte, onde o general republicano foi mal sucedido.

§ 12. O exito dos dous combates, de que falamos, suscitou a arrojada lembrança da transmigração para a campanha pelo caminho da Vacaria.

Voltando de São-Jozé do Norte aos arraiaes da Setembrina, Bento Gonçalves deliberou empreender a subida da Serra, e a passagem das grandes florestas, que vão terminar no Passo-fundo, para d'ahi transportar-se á região dos campos e das coxilhas.

Este dificil commetimento já vimos como se operou.

Obrando prodigios de tenacidade contra os obstaculos naturaes, os rebeldes, no rigor do inverno, subirão e decerão montes escabrozos, atravessarão torrentes impetuozas, galgarão medonhos atoleiros, e caminharão por invios bosques. So quem ja penetrou nas nossas densas florestas em dias de tempestade, depois de prolongadas xuvas, póde imaginar as variadissimas dificuldades d'esta marxa militar.

§ 12. N'esses mesmos bosques tranzitava o general Pedro Labatut em verdadeiro naufragio, seguindo após elle os rebeldes, que contavão ter de destroçal-o para abrir caminho pelo Passo-fundo, afim de realizar a dezejada transpozição para a campanha.

O general imperialista porêm, ainda mais maltratado pela inclemencia do tempo e aspereza dos lugares, do que os seos adversarios, abandonava a sua artilharia nos bosques, e em vez de ocupar o posto, onde os rebeldes devião

---

Lagôa-mirim, e prolongada pela margem ocidental da mesma Lagôa-mirim, rio São-Gonçalo, Lagôa dos Patos, Guahiba, e rio Jacuhi até ás suas origens.

São da campanha as povoações sitas alem d'esta linha até a nossa fronteira com os estados vizinhos do sul; e taes são Jaguarão, Pelotas, Bagé, Camaquan, Encruzilhada, Cassapava, São-Gabriel, Alegrete, São-Borja, Uruguaiana, Cruz-alta, etc.

encontrar impedimento á sua marxa, deixava-o em dezamparo.

Si o nosso general, encorporando com os fragmentos do seo exercito o reforço recebido em Curussú, tivesse tomado pozição no Passo-fundo, é opinião de autorizados militares, que os rebeldes ali terião encontrado a mesma sorte do Taquari e São-Jozé do Norte.

§ 13. Temos agora de apreciar os combates de Ponxe-verde e de Porongos.

O primeiro foi uma peleja formal, inesperadamente oferecida pelas forças rebeldes a uma das colunas do exercito legal; o segundo não passou de uma surpreza contra um acampamento dos republicanos delineada por outra coluna d'esse mesmo exercito.

Mal sucedidos em Ponxe-verde, os rebeldes começarão a sentir, que perdião força moral entre os seos sectarios, e que a opinião das populações insurgidas descria do exito da luta.

As dezersões e a recuza de novos sacrificios mostrarão á rebeldia, que estancavão-se-lhe as fontes de vida.

O combate de Porongos, que mais foi uma matança de um so lado do que peleja, dispersou a principal força republicana, e manifestou estar morta a rebelião.

Os caudilhos poderião d'ahi em diante manter guerrilhas e dar assaltos, mas não organizar forças novas, e colher novos materiaes de guerra.

Em Porongos pois a revolução expirou. Foi d'ahi, que seguio-se o entabolamento das negociações, que derão tranquilidade ao Rio-grande do Sul.

CAPITULO XXX

Meios com que procurou o Barão de Caxias finalizar a guerra, e restabelecer a paz.

§ 1. Duas ordens de meios empregou o Barão de Caxias no dezempenho do seo plano de pacificação da provincia confiada aos seos cuidados: os meios agressivos e os meios conservadores.

Concurrentemente com o uso das armas, entendeo o ilustre general dever socorrer-se ao artificio politico para gerar na população transviada pelo espirito revolucionario idéas de benevolencia para com o Imperio, e convencer da vantagem da permanencia no gremio d'elle.

§ 2. Axára o Barão interrompidas as francas relações de commercio das populações interiores com os abitantes da parte da provincia sugeita ao dominio legal.

Este facto era uma origem de constrangimentos e privações.

O perpicaz general vio n'elle toda a inconveniencia para a causa nacional, e tratou de fazer restaurar o trafico, como outr'ora existia.

Derribava-se assim uma barreira interposta a cidadãos da mesma grei, mas que vivião como povos de antigas eras, quando cada qual julgava so poder prosperar pela ruina do vizinho.

N'estas condições o Barão de Caxias autorizou a livre circulação do commercio em toda a provincia.

De providencia tão acertada emanarão logo trez beneficios: ella aproveitou á massa da população, aproveitou ao estado, e aproveitou ao proprio exercito imperial.

§ 3. Os cidadãos de todas as condições, que vião-se

privados dos generos de uso commun, como fazendas, ferramentas, comestiveis, e outros, logo os poderão aver com mais facilidade, e conseguintemente reconhecião, que a guerra trazia males, e que da paz provinhão beneficios, consolidando-se as amigaveis relações com os seos compatriotas.

Não deixou de ser tal providencia de proveito ao estado; pois começada a livre permuta entre a população, pr ncipiarão as mercadorias a vir para as nossas alfandegas, deixando ahi os impostos, de que se fraudavão as rendas publicas pelo contrabando entrado por via da fronteira das republicas limitrofes, por onde suprião-se os moradores da campanha rio-grandense.

Esta assersão comprova-se com o computo da importação estrangeira da provincia. No exercicio de 1841 a 1842 o valor d'essa importação foi de 4.787:000$; mas, apenas franqueado o commercio, ja no exercicio seguinte subio a 7.434:000$, isto é, quazi duplicou.

O restabelecimento do commercio franco em toda a provincia trouxe ao exercito legalista grande vantagem.

Desde que os mercados das povoações interiores se abastecião, esse mesmo exercito não precizava de ter após si a numerosa escolta dos vivandeiros, que suprião as necessidades do soldado, e constituião obstaculo á rapidez dos movimentos militares; pois no levantamento das tendas do trafico consumia-se tempo aliás preciozo para as operações da guerra.

Nas povoações, por onde o exercito passava, podia comprar generos, que, nas condições da anterior prohibição do commercio, não encontraria.

§ 4. Era intuito do nosso general fazer sensiveis as vantagens da legalidade para com as populações centraes da provincia.

O exercito tinha de prover-se de fardamento e outros objetos. O Barão de Caxias não os mandou vir fabricados, mas sim procurou dar ocupação e lucro aos artistas, e ás familias pobres com a manufatura de taes couzas, e tudo pagava por preços razoaveis, que atrahião o trabalho, e contentavão a muitas pessoas.

A guerra tinha produzido a viuvez e a orfandade; a guerra tinha os pais e maridos separados dos filhos e mulheres; d'aqui a mizeria de muita gente, e a escassêz, sinão falta, de alimentação.

O umanitario general ordenou, que se matasse nos acampamentos mais gado do que o precizo para a manutenção dos soldados, e que o excedente se distribuisse por mulheres e meninos necessitados.

O beneficio grangeava afeições, quando o general assim aliava a caridade com a politica.

§ 5. A proporção, que o Barão de Caxias conquistava terreno sobre os rebeldes, cuidava de assegurar a posse adquirida.

Si elle ja podia contar com certo benevolo assentimento das populações em seo favor, nem por isso dispensou precauções militares.

Estas precauções consistirão na ocupação das povoações por forças militares, e a creação de linhas de defeza.

Si despertando nas populações submetidas sentimentos de simpatia, tinha elle garantias por parte da gente bem disposta para com a restauração legal, pela ocupação militar dos povoados, e pelo estabelecimento d'essas linhas de defeza, acautelava-se contra a malevolencia de qualquer fomento de rebeldia, que n'essas mesmas populações ainda se encobrisse.

§ 6. Quando o general brazileiro reconheceo, que os rebeldes, acossados por incessante perseguição, ja não

podião facilmente executar as costumadas incursões, por se axarem ora dispersos, ora emigrados nos estados vizinhos, pôz em pratica a ocupação militar permanente das povoações mais importantes da campanha.

Assim depois do combate de Porongos fez ocupar Cassapava, São-Gabriel, e Alegrete.

Em Cassapava coloc u os depozitos belicos sob o commando do Brigadeiro Felipe Neri, que ali faleceo em Fevereiro de 1844.

O Tenente-coronel Jozé Fernandes commandava as forças estacionadas em São-Gabriel, e o Coronel Francisco d'Arruda foi commandar as de Alegrete.

Ocu ados permanentemente estes tres pontos, dominadores da mór parte da campanha, erão elles garantia certa para as populações dezejozas de quietação, que assim vião-se amparadas contra as incursões inimigas.

§ 7. Ao partir para a campanha, o Barão de Caxias constituira a sua primeira linha de defeza ou de segurança.

Deixando sem tropas bastantes todo o territorio jacente entre a costa do mar e a Lagôa dos Patos, e os grandes rios seos tributarios, onde se incluia a capital da provincia, cumpria resguardar esse territorio de qualquer invazão inimiga.

O general pois instituio a linha de defeza, que começava em São-Jozé do Norte, percorria a Lagôa dos Patos, tocava em Porto-alegre, e subia o rio Jacuhi até findar em Rio-pardo.

As dificuldades naturaes protegião o indicado territorio pelo lado alem d'este ponto ; porque não era possivel aos rebeldes deixar as suas pozições da campanha para virem invadil-o por ali, sem que se lhes antepozesse em caminho o exercito imperial para dar batalha, como dezejava.

Portanto bem guardado ficava o terreno, que esse exercito deixava pela retaguarda.

Avançando a legalidade, e recuando a rebeldia na posse do territorio da provincia, o Barão de Caxias traçou outra linha de segurança, a qual partia da cidade do Rio-grande, ponto fortificado, e extendia-se até Cassapava, que então se fortificou.

Assegurada esta linha, proseguia a repulsa dos rebeldes, os quaes ja não ocupavão ponto algum permanente na provincia.

Então formou-se a terceira linha de defeza, principiando no Serrito, junto a Jaguarão, e findando em Santa Anna do Uruguai.

§ 8. Quem observa a dispozição d'estas linhas, vê a marxa progressiva da legalidade sobre a rebeldia na conquista da provincia.

Dentro d'estas linhas, como ja vimos, manobravão as divizões, em que o Barão de Caxias repartira o seo exercito para as operações agressivas.

O general legalista, impelindo os adversarios para a fronteira meridional do Imperio, os foi levando diante de si, até que elles transpozerão essa fronteira, deixando o territorio nacional dezembaraçado da sua ocupação armada.

Si ao sólo patrio regressavão d'ahi por diante, o fazião em incursões de continuo movimento; porque as tropas legaes lhes não concedião descanso, nem consentião repouzo para refazer-se de soldados, e outros recursos de guerra.

CAPITULO XXXI

Sacrificio de vidas e dinheiro com a rebelião do sul

§ 1. No decurso de quazi 10 annos de revolução, ferirão-se no Rio-grande do Sul alguns combates, e recontros,

que trouxerão perda de vida de nossos concidadãos, e essa revolução forçou-nos a despezas extraordinarias.

Cumpre reconhecer de que importancia foi este sacrificio dado em olocausto á anarchia.

Verifiquemos as cifras, e julgue o leitor si a patria deve ou não lastimar o facto revolucionario.

§ 2. Os mais sangrentos conflitos da singular guerra do sul forão os do Rozario, São-Gonçalo, Seival, Fanfa, Riopardo, Laguna, Forquilha, Taquari, São-Jozé do Norte, São-Felipe, Rincão-bonito, Ponxe-verde, Batovi, e Porongos.

A perda de vidas n'estes conflitos foi no minimo de 60 e no maximo de 253, elevando-se a totalidade dos obitos ao numero de mais de 1.800.

Nos demais conflitos, em que a lista dos mortos acuza menor algarismo, a perda de vidas andou por perto de 1.000.

A mortalidade total dos conflictos pois aprezenta a somma excedente de 2.800.

Mencionamos aqui o numero de mortos, que ficarão no campo dos combates, segundo os documentos, que consultamos, em vista dos quaes organizamos a tabela mortuaria adiante aprezentada, não como rezultado exato, mas apenas como aproximada noção das couzas; sendo aliás isto quanto basta para o nosso juizo.

§ 3. A tabela dá numero superior a 2.800 como totalidade dos mortos em combate; cumpre porém observar, que temos como certo aver-se-nos escapado a noticia de pequenos recontros, em que ouvesse mortes de combatentes; assim como devemos atender, que, por falta de informação, não se incluem na tabela os obitos subsequentes aos ferimentos ahi praticados.

Não será pois dezacertado procurar preenxer a lacuna; e creio, que aproximadamente conseguiremos fazel-o, accrescentando á cifra supra-mencionada o quinto d'ella.

Assim poderemos calcular a perda total de vidas, ocazionada pela ação das armas na guerra civil do sul, na somma de 3.400.

Regulando-nos pela tabela, ella demonstra, que a perda de vidas por parte dos rebeldes foi quazi do dôbro; o que podemos atribuir ao melhor armamento e diciplina das tropas imperiaes.

§ 4. Os gastos da guerra no Rio-grande do Sul montão, segundo os nossos postulados, a quantia maior de 40.000.000$, da qual convem deduzir o soldo ordinario das tropas. Assim ficarão estes gastos reduzidos a 30.000.000$

Falamos com algarismos aproximados por falta de minucioza e inteira averiguação; mas elles assás aproximão-se da realidade, dando assim baze ás nossas deduções.

§ 5. Não limitou-se a perda pecuniaria do estado ao despendio acima mencionado. O prejuizo indiréto foi tambem consideravel.

A provincia do Rio-grande do Sul no exercicio financeiro de 1834 a 1835, quando começou a guerra, arrecadou para os cofres geraes e provinciaes 1.209.607$.

Nos dous exercicios seguintes essa arrecadação foi nula.

No exercicio de 1837 a 1838 ella xegou a 369:266$. D'ahi subio paulatinamente, e tamsómente no exercicio de 1842 a 1843 pôde ella exceder á renda anterior ao tempo da guerra, entrando então para os cofres publicos a somma de 1.386.115$.

Por ahi se manifesta qual o prejuizo procedente da falta de arrecadação fiscal em consequencia do estado de perturbação da provincia.

§ 6. Em uma demonstração feita pelo nosso ministerio da fazenda ao corpo legislativo em 1843, avalia-se esse prejuizo, nos annos de 1835 a 1841, em 4.576:425$, no que respeita á renda geral.

A perda em relação á renda provincial no mesmo periodo pode calcular-se em 1.000:000$.

Assim teremos nas duas receitas uma supressão de 5.576:425$, não incluindo a renda especial dos municipios.

Não possuimos demonstração oficial para o resto do tempo até 1845; mas não será fóra de razão avaliar em somma igual; e d'esta forma a diminuição total da renda publica no tempo da guerra seria pouco mais ou menos de 11.000:000$.

Este desfalque nas rendas geraes e provinciaes, adicionado á despeza diréta com a guerra, aprezenta a somma de 41.000:000$ de perda real para o paiz.

§ 7. Esta quantia é por certo importante, sobretudo comparativamente com as rendas do Brazil n'essa epoca.

A receita do Imperio durante os 9 exercicios financeiros do periodo d'essa commoção civil foi de pouco mais de 154.000:000$. (*)

(*) Segundo uma nota, que obzequiosamente deo-me o Sr. Dr. Sebastião Soares, proficiente cultor da nossa estatistica, a renda do Brazil, no quinquenio financeiro de 1835 a 1840, foi a seguinte (desprezadas as fracções):

Exercicios:.	*Importancias.*
1835—36.....	14.000.000$
1836—37.....	13.700.000$
1837—38.....	13.400.000$
1838—39.....	16.900.000$
1839—40.....	18.400.000$
	76.400 000$

A renda dos 4 annos financeiros de 1840 a 1844, segundo se vê da obra *Grande Politica* do Sr. Dr. Tito Franco, foi a seguinte:

Exercicios.	*Importancias.*
1840—41.....	18.901.967$
1841—42.....	18.916.550$
1842—43.....	18.712.315$
1843—44.....	21.350.970$
	77.881.802$

D'aqui se conclue, que a guerra dos rebeldes do sul absorveo quantia superior á renda media de 3 annos, ou excedente á quarta parte dos reditos nacionaes de todo o periodo d'esses exercicios.

§ 8. A guerra civil do sul não produzio sómente a destruição dos cabedaes publicos, e a aniquilação da vida de tantos cidadãos; ella perturbou tambem a economia social; pois as fontes de produção quazi se exaurirão.

A creação do gado vacum e cavalar, que então fazia a riqueza da provincia, diminuio sensivelmente; porquanto a população, alem da subtração pela morte em combates, decrecia em consequencia da emigração para outras provincias, e para os estados limitrofes, e os omens válidos, empregados no serviço das armas, e assim desviados do trabalho util, não curavão da cultura das terras, nem dos misteres industriaes.

D'este modo o commercio de xarque e a venda de cavalos, o trafico de mantimentos, e a produção fabril, tudo sofria.

§ 9. A segurança individual era precaria, ou antes nenhuma; e ninguem se animava a tranzitar livremente no territorio da provincia; porque os assassinatos e o roubo tornarão-se frequentes e comezinhos nas estradas.

D'ahi rezultava, que a industria, o commercio, e todas as tranzações civis esmorecião, e paralizavão.

O espaço de 10 annos, porque durou similhante estado de couzas, dá a medida do valor do transtorno economico da provincia.

Não é possivel estimar a perda da riqueza particular proveniente d'essa anormalidade; apenas póde dizer-se, que ella foi immensa.

§ 10. Em concluzão é licito asseverar, que a provincia do Rio-grande do Sul armou-se, batalhou com pertinacia,

e obteve em rezultado a destruição de um cabedal publico de mais de 100 milhões de cruzados, a perda de mais de 3.000 vidas cortadas pelo ferro de irmãos, e a paralização do progresso por 10 annos.

Expomos os factos: julgue o leitor segundo o seo criterio.

CAPITULO XXXII

Os rebeldes do Rio-grande do Sul considerados ante o direito criminal e a justiça do paiz

§ 1. Parte da população da provincia do Rio-grande do Sul insurgio-se, tomou armas contra o Imperio, e declarou-se desligada da communhão nacional.

No começo da revolução, a população da provincia era computada em 142.000 almas; e quando a republica teve o seo maior auge, certamente metade d'esta população a sustentou, ou ao menos tolerou o seo dominio.

§ 2. O movimento revolucionario começou levantando-se alguns batalhões de tropa de linha, com outros da guarda nacional, e o grito dos insurgentes era a expulsão de um Prezidente da provincia para fóra do territorio da sua jurisdição, e logo a denegação de posse a outro.

Depois o movimento tomou faze nova, e então a provincia foi declarada fóra do gremio nacional.

No primeiro cazo cidadãos e soldados privavão a dous funcionarios publicos ja do exercicio e ja da posse do seo emprego, e a lei criminal qualifica ambos os factos como sedição.

No segundo cazo o facto classifica-se como rebelião pela tentativa de ferir a integridade do Imperio, tendo-se reunido para isso povoações, cuja população era por certo

excedente a 20 mil pessoas, numero requerido pela mesma lei criminal para a existencia de tal delito.

§ 3. As penas infli idas em razão d'esses crimes erão graves. A sedição tem pena de 3 a 12 annos de prizão com trabalho, e a rebelião é punida com prizão com trabalho por 10 annos até priz' o perpetua.

§ 4. Para a perpetração do delito concorrerão paizanos e militares. A lei então mandava julgar a todos pelo tribunal commun do juri; depois (1841) novo direito submeteo os militares incursos em crime de sedição e rebelião aos tribunaes marciaes.

O crime de sedição dezaparecia, desde que os sediciozos converterão-se em rebeldes; assim o Imperio no fim da sua vitoria não teria de punir dous crimes, mas apenas uma so culpa, a da rebelião.

§ 5. Da-se no crime de rebelião uma singularidade digna de observação. O rebelde é punido, quando vencido; quando vencedor porêm, torna-se eróe.

Uma seita de filozofos existe, a qual apregôa, que o direito so é tal na proporção da força, que o sustenta. Nos crimes politicos esta doutrina, si não é verdadeira, ao menos sufraga a opinião de taes doutrinantes.

Na rebelião do Rio-grande do Sul os seos autores forão vencidos; não tiverão pois por si o direito, e cumpria serem castigados. Não o forão porêm; e por que?

Porque, vencidos, tiverão o favor da anistia imperial; e é d'esta, que dezejamos dar noticia ao leitor, expondo como se manifestou.

§ 5. Temos visto como o governo central por vezes procurou terminar a revolução pelo uzo da anistia, olvidando o crime dos rebeldes, que depozessem as armas, e reconhecessem a autoridade legal com regresso ao gremio

da nação brazileira; agora istoriaremos a marxa da anistia, que evitou a aplicação das penas criminaes.

Quando apareceo a sedição as autoridades judiciarias instaurarão processo contra os sediciozos.

O processo correo no fôro da cidade de Porto-alegre, e ahi forão sumariados e pronunciados muitos cidadãos paizanos e militares como sediciozos.

O numero dos pronunciados atingio a perto de 200, e embora em taes processos os juizes sumariantes, que então erão os Juizes de Paz, se portassem com precipitação e parcialidade, todavia os incluidos nas sentenças de pronuncia tinhão de sofrer as consequencias legaes da prizão e julgamento judicial.

Estes individuos assim pronunciados forão em geral os mesmos, que depois com outros tomarão parte ativa na proclamação e sustentação da republica rio-grandense, isto é, no crime de rebelião.

§ 6. Por este segundo facto tambem instaurou-se processo judiciario.

O lugar do crime era Piratinin, sempre ocupado pelos rebeldes, e assim a justiça nacional ali não podia funcionar.

No juizo criminal porêm de Porto-alegre o Promotor publico denunciou os delinquentes, considerando que o assedio da capital ligava-se por tal forma ao facto ja perpetrado, que dava competencia para o processo, o qual efetivamente organizou-se, sendo pronunciados como cabeças e cumplices do crime de rebelião muitos individuos em numero superior a 100.

§ 7. É bem visto,que esse processo parcial não podia compreender a todos os que deverião ser pronunciados, pois o estado de convulsão da provincia impedio o livre exercicio das justiças do Imperio.

Deverião pois estas tomar contas aos rebeldes com a

vitoria final da legalidade; mas assim não succedeo, porque a anistia geral impoz silencio á lei, e embargou a acção do magistrado.

§ 8. Depois dos processos de sedição e rebelião, a que nos temos referido, organizados em Porto-alegre, seguio-se a prizão de muitos reos, os quaes forão remettidos para os carceres da capital do Imperio, em vista da impossibilidade de julgal-os no distrito domiciliario, e do perigo de conserval-os ahi nas cadeias, expostos á fuga.

A lei pedia esse julgamento, porque nenhum cidadão póde estar indefinidamente processado e preso sem julgamento; como porém organizar o juri em uma cidade sitiada, e como admitir, que fossem julgadores os inimigos dos réos ainda com as armas em punho para repelir a agressão?

§ 9. Era forçoza a excepcional condição d'estes cidadãos.

Em 1839 perante o corpo legislativo apareceràõ 97 d'elles, pedindo para autorizar-se o seo julgamento perante a Relação, ou perante o juri da corte, ou ante qualquer outro juizo.

Esta petição não teve exito definitivo; porque tratando-se de tomar providencia geral para cazos similhantes, essa providencia não foi decretada então, e so apareceo na reforma do Codigo do processo consagrada na lei de 3 de Dezembro de 1841.

No entretanto os cidadãos prezos por sedição e rebelião ião sendo individualmente anistiados pelo governo imperial, sob condição de não voltarem á provincia do Rio-grande do Sul, emquanto esta se não pacificasse.

§ 10. Nos dias regenciaes a lei de 11 de Outubro de 1836 anistiou a todos os individuos, que tivessem tomado parte na sedição de Setembro, e se tivessem submetido á ordem legal.

Esta lei pouco efeito produzio, porque raros se axarão no cazo d'ella.

Depois a lei de 12 de Outubro de 1837 autorizou o governo do Regente a conceder, por espaço de um anno, anistia geral e particular ás pessoas envolvidas na sedição e na rebelião; autorização prorogada pelas leis de 24 de Outubro de 1838 e 28 de Outubro de 1839.

As anistias concedidas em virtude d'essa faculdade forão todas particulares, e o seo numero não excedeo talvez de 200. Na mór parte ellas se inutilizarão, porque os anistiados volverão á rebelião.

§ 11. Assumindo o Imperador os seos poderes magestaticos em 1840, em 22 de Agosto d'esse anno, foi expedido decreto de anistia a todos os rebeldes, que se submetessem ao governo imperial.

Por vezes os Prezidentes do Rio-grande do Sul forão autorizados por decreto imperial a dar anistia aos rebeldes, que a solicitassem.

Depois do decreto de 22 de Agosto de 1840, sob as prezidencias de Alvares Maxado, e Saturnino de Souza, forão concedidas 1.985 anistias, no espaço de 2 annos, isto é, de 30 de Novembro de 1840 a 9 de Novembro de 1842.

Durante a prezidencia do Barão de Caxias não forão as anistias tão numerozas.

De Novembro de 1842 até Setembro de 1843 elle anistiara 226 rebeldes. Em 1844 as anistias por elle concedidas subirão talvez a 1.000.

No decurso pois da guerra civil do sul podemos dizer, que para cima de 3.000 anistias se outorgarão; mas tambem podemos declarar, que so as dos ultimos tempos forão reaes, porque so então os rebeldes as recebião com animo sincero de paz.

§ 12. A pacificação da provincia xegou, e a anistia geral

trouxe o definitivo e universal oblivio do crime de rebelião no Rio-grande do Sul.

Assim o governo imperial reconhecia a inconveniencia da punição do crime, realizando o criteriozo conceito contido n'estas palavras de um fogozo tribuno da antiga Roma, citadas pelo istoriador Caio Salustio: *Quidquid sine sanguine civium ulcisci nequitur, jure factum sit.*

A salutar providencia fez regressar a ordem legal, o socego publico, e a traquilidade individual para recomeçar o trabalho civilizador, com que vae prosperando esta parte do Imperio.

CAPITULO XXXIII

Tabela dos conflitos marciaes da revolução rio-grandense

§ 1. Pelas informações colhidas dos documentos ante o meo exame, organizei a tabela infra dos combates e recontros, que durante a revolução rio-grandense sucederão entre as tropas legalistas e rebeldes, e nos quaes consta ter avido perda de vidas.

Não pude conseguir rezultado completo em razão da deficiencia de esclarecimentos das peças oficiaes; todavia persuado-me, que a provavel falta de menção de alguns pequenos conflitos pouco influirá na somma geral dos obitos.

§ 2. O fim, que intento, não é dar uma relação completa de todos os conflitos da guerra, mas tam-somente mostrar a baze do calculo da mortandade d'esse movimento fratrecida.

Indicadas as forças combatentes, como vão na tabela, poderemos tambem ajuizar do valor d'essa guerra, das suas proporções, e do modo, porque foi feita, consistindo

ella mais em guerrilhas e assaltos, do que em pelejas campaes.

Ver-se-á pela simples inspeção da tabela quaes as épocas ou de maior atividade, ou de mais descanso da luta.

O anno de 1842 aprezenta quazi um armisticio : a luta pareceo amortecida.

O anno de 1840, bem como os de 1843 e 1844 nos exhibem maior numero de conflitos entre as forças legaes e rebeldes, do que nos demais annos da luta, indicando-nos assim os dous periodos, em que ambas as partes mais esforçadamente se empenharão pela terminação da guerra por via das armas. No primeiro periodo agredião os rebeldes, no segundo os legalistas.

TABELLA

Lugar do conflito.	*Data*	*Commandante legal.*	*Força.*	*Commandante rebelde.*	*Força.*	*Mortos.* Leg.	*Mortos.* Reb.
1835							
Arroio-grande.....	13 Out..	Manoel Marques	?	Manoel Antunes	?	2	40
Retiro.....	23 »	Silva Tavares ..	?	Rafael Verdum..	30	1	14
						3	54
1836							
Rozario	17 Março	Miguel Gomes.	?	Afonso Corte-real.....	700	4	200
Pelotas.....	7 Abr..	Albano d'Oliv.ª.	60	?	?	0	5
Passo dos Negros..	8 »	Albano d'Oliv.ª.	120	João Manoel ...	710	15	12
Arroio dos Ratos..	1 Jun..	Bento Manoel..	?	Bento Gonçalves	?	1	4
São Gonçalo.....	2 »	?	?	João Manoel ...	?	4	90
Porto-Alegre.....	30 Jun .	Gaspar Mena ..	750	Bento Gonçalves	?	?	14
Ponta do Junco. ..	26 Ag...	Guilhm.e Parker.	?	Simeão Barreto.	?	4	30
Seival.....	10 Set..	Silva Tavares ..	560	Antonio Neto...	430	180	0
Fanfa.....	4 Out..	Bento Manoel..	1.000	Bento Gonçalves	1.100	40	120
Bonifacio.....	17 Dez..	Silva Tavares ...	?	David Canabarro.....	?	8	0
						256	475
1837							
Veleda.....	3 Jan..	Bento Manoel..	?	Antonio Neto...	?	?	5
Candiota.....	4 »	Bento Manoel..	?	Antonio Neto...	?	2	20
Passo do Mendonça.....	4 »	Bento Manoel..	?	Agost.º de Melo.	?	?	10
Rio-pardo	10 Fev .	?	140	Agost.º de Melo.	?	70	0
Triunfo.....	12 Ag...	Miguel Gomes..	352	Antonio Neto...	700	15	0
Vacaria.....	31 Out..	Candido Alano .	?	?	130	0	30
						87	65
1838							
Jacuhi (margem).	? Fev.	Andrade Neves.	?	?	?	1	12
Rio-pardo	17 Março	Ant.º Eliziario ..	1.400	Bento Manoel..	2.500	1	20
Rio-pardo	30 Abr..	Sebast. Barreto	1.200	Bento Manoel..	2.500	71	?
Dores.....	30 Jul..	Francisco Pedro	50	Amaral Ferr.dor.	?	2	22
Triunfo.....	4 Out..	Francisco Pedro	?	?	?	0	18
Santo Amaro.....	20 Nov.	Francisco Pedro	300	?	?	0	3
						75	75

Lugar do conflito.	*Data.*	*Commandante legal.*	*Força.*	*Commandante rebelde.*	*Força.*	*Mortos.* Leg.	*Mortos.* Reb.
		1839					
Vacacahi	? Jan.	Jozé Cipriano	?	?	?	6	0
Cahi	1 Fev.	?	?	Bento Manoel	?	2	0
Corisco	23 Març	Candido Alano	70	Serafim Muniz	60	20	1
Tres-forquilhas	8 Abr.	Rodrigo da S.ª	?	?	60	0	4
Camaquan (barra)	14 »	Francisco Pedro	240	Jozé Garibaldi	?	4	14
Tres-forquilhas	20 »	?	?	?	?	0	4
Laguna	22 Jul.	Vicente Vilasb.	?	David Canabarro	?	15	1
Pinheira	28 Out.	José Fernandes.	?	?	550	0	5
Laguna	15 Nov.	Fredº Mariat	?	Jozé Garibaldi	?	80	120
Portão	12 Dez.	Juca Ourives	200	Jozé Corrêa	220	0	2
Santa Vitoria	14 »	Francº da Cunha	?	Joaqm Teixeira.	400	30	?
						157	151
		1840					
Passo d'Areia	8 Jan.	Andrade Neves.	106	?	16	0	4
Forquilha	12 Jan.	Antonio de Mélo	400	Joaquim Teixª	400	5	60
Sanga da Bananrª.	29 »	Francisco Pedro	?	Joaquim Carvº.	?	0	16
Sanga da Bananrª.	29 »	Andrade Neves.	?	?	?	0	13
Taquari	7 Març	Francisco Pedro	200	Tomaz Pereira	50	0	6
Ponte-alta	12 »	Antº de Mélo	400	?	50	0	3
Tabatingahi	25 »	João Propicio	3 0	Agostº de Mélo	250	1	30
Erval	13 Abr.	Silva Tavares	390	Felix Vieira	45	0	22
Pareci	25 »	Jozé Cipriano	60	Bento Gonçalves	?	3	0
Pinheiros	29 »	?	30	?	150	1	4
Taquari (*)	3 Maio	Manoel Jorge	4.626	Bento Gonçalves	3.396	53	35
Tamanca	16 »	Francisco Pedro	200	?	25	0	5
Salso	12 Jun.	Manoel Loureiro	700	Felinto d'Oliva	?	0	4
Salgado	18 »	Francisco Pedro	?	Antonio Neto	30	0	5
São-Jozé do Norte	16 Jul.	Antonio Soares de Paiva	599	Bento Gonçalves	1.200	72	181
São-Felipe	16 Nov.	JeronimoJacinto	?	João Antonio	?	80	2
Passo do Vigario	24 »	João Nepomuceno da Silva.	712	Bento Gonçalves	500	0	2
?	11 Dez.	Cap. D. Miguel	59	Candido Ferr.ª	22	10	0
Cruz-alta	13 »	?	100	Alexandre Mel.	66	6	0
São-Jozé (em Missões)	21 »	Jozé Loureiro	280	Jacinto Guedes.	?	20	0
						251	392

(*) Damos aqui o numero de mortos indicados nos mapas oficiaes dos legalistas, e dos rebeldes. Em geral acredita-se, que o numero de mortos n'este combate foi de mais de 100 de uma e outra parte.

Vai indicada a cifra total das forças dos dous exercitos, sendo certo, que o combate circunscrevêo-se a parte d'ella somente.

Jozé Garibaldi nas suas *Memorias* dá ao exercito rebelde 6.000 omens, ao passo que os mapas do quartel general dos rebeldes da 3 369.

O eróe italiano escrevia na Europa muitos annos depois, e dominado por entuziasticas recordações os sucessos lhe avultavão na imaginação; por isso inclino-me pelo numero dos mapas.

O Presidente Saturnino de Souza diz, que o exercito legal tinha mais de 5.000 omens: o mapa da força porêm dá o numero de 4.626 indicado na tabela.

Lugar do conflito.	*Data.*	*Commandante legal.*	*Força.*	*Commandante rebelde.*	*Força.*	*Mortos.* Leg.	*Mortos.* Reb.
		1841					
Ibicuhi.....	17 Jan.	Jozé Loureiro..	130	Boaventura Zef.	?	1	0
Albernaz	13 Fev..	Jozé Cipriano..	40	Jacinto Guedes.	?	10	0
Batovi	23 »	?	?	Ignacio Borges.	?	2	0
Palmeira.....	26 »	João Feliciano.	80	Portinho.....	400	8	0
?	6 Março	?	?	Enriq. Marques	?	1	0
?	22 »	?	?	?	?	3	0
Triunfo	? Jun..	?	?	Joaquim Vargas	130	6	0
Caxoeira.....	3 Jul..	?	?	Carvalho Aragão	?	2	0
Viamão	16 Set..	Manoel Marques	60	Jozé Luiz.....	30	0	13
Rincão-bonito	25 Nov.	João Propicio ..	?	Agost.º de Mélo.	400	0	120
						33	133
		1842					
Passo do Mend..	26 Jan.	Francisco Pedro	200	Bento Gonçalves	300	3	36
		1843					
Botucarahi	4 Março	Jeronimo Jacinto	500	Portinho.....	50	1	11
S. Gabriel.....	? Abr..	Jacinto Pinto..	2.000	?	?	15	0
Vacaquá	13 Maio	Francº d'Aruda.	?	João Antonio...	?	0	4
?	14 »	Manel Albernaz.	50	?	?	0	2
Ponxe verde	26 »	Bento Manoel..	1.600	David Canab...	2.500	30	100
Don Pedrito.....	3 Jun..	Francisco Pedro	100	?	100	0	1
Santa Maria xica.	8 »	Francisco Pedro	150	João Antonio...	500	10	20
Cangussú...	25 Out.	Francisco Pedro	310	Antonio Netto..	300	0	5
São Martinho....	? Nov.	?	?	?	?	?	5
Canguassú	6 »	Francisco Pedro	?	Antonio Neto..	600	5	30
Taquarembó	9 »	?	?	Antº Mariano..	40	0	1
Cangussú	? »	Francisco Pedro	?	?	?	0	4
Jaguari oriental.	4 Dez.	Manel Albernaz.	50	?	?	0	7
Encruzilhada.....	4 »	?	?	Bento Gonçalv.	?	0	3
Vacaquá.....	8 »	Vasco Guedes..	40	Urbano Barboza	200	3	3
Taquarembó.....	? »	Manel Albernaz.	?	Urbano Barboza	60	0	7
Encruzilhada.....	? »	Joaqm Lacerda.	80	Agost. de Mélo.	?	0	3
Batovi (S.ta Roza).	26 »	Demetrio Ribre.	?	João Antonio..	500	1	80
São Martinho.....	31 »	Antonio Gomes Jardim.....	?	João Antonio..	250	5	15
						70	301

Lugar do conflito.	*Data.*	*Commandante legal*	*Força.*	*Commandante rebelde.*	*Força.*	*Mortos* Leg.	*Mortos* Reb.
		1844					
Candiota.....	16 Março	Francisco Pedro	220	Antonio M. do Amaral.....	336	?	?
Alem do Guarahin	? Abril	Vasco Alves....	60	Jacinto Guedes.	?	3	5
Caminho de São-Gabriel	28 Abril	João Baptista..	25	Mel de Carvalho	60	8	0
Rio dos Sinos....	2 Maio	?	?	Jozé Custodio..	20	2	0
Jaguarão.....	21 Jun..	Balbino de Sza.	?	Antonio M. do Amaral.....	280	1	14
Santa-Anna.....	8 Out .	Ipolito Cardozo.	200	Bernardino Pinto	200	0	3
Quaró.....	26 »	Antonio Fernandes Lima.....	?	?	?	0	30
Sarandi	5 Nov.	João Propicio..		Jacinto Guedes.	300	0	3
Porongos	11 »	Fidelis Paes...	600	?	?	0	7
Porongos...	14 »	Franco Pedro...	?	David Canab...	1.200	0	100
Passo do Leão...	14 »	João Propicio..	1.170	Jacinto Guedes.	600	0	7
Arroio Grande....	28 »	Francisco Pedro	600	Joaquim Teixa..	100	10	4
Quaró.....	29 Dez..	Vasco Alves....	? 100	Bernardino Pinto	?	0	7
						24	180

CAPITULO XXXIV

Cronologia da revolução rio-grandense

1835

Sedição em Porto-alegre.....	20	Setembro
O Prezidente Fernandes Braga embarca de Porto-alegre para a cidade do Rio-grande.	20	»
Posse do Vice-prezidente intruzo Dr. Marciano Pereira.....	21	»
Bento Gonçalves entra em Porto-alegre...	21	»
O Prezidente legal proclama a mudança da capital para a cidade do Rio-grande...	29	»
Posse do Regente Diogo Feijó.....	4	Outubro
O Commandante das armas Sebastião Barreto foge para a republica do Uruguai.	4	»
O Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira suspende o Commandante das armas Sebastião Barreto, e nomêa para o substituir a Bento Manoel.....	12	»
Combate do Arroio-grande.....	13	»
O Regente proclama, annunciando a ida do Prezidente Araujo Ribeiro, e convida os Rios-grandenses á obediencia.....	18	»
Bento Gonçalves xega junto á cidade do Rio-grande, e a intima para render-se.	20	»
Fernandes Braga passa para um dos vazos de guerra surtos no porto do Rio-grande.	21	»
Onofre Pires xega diante de São-Jozé do Norte com 300 omens.....	21	»
Bento Gonçalves entra na cidade do Rio-grande.....	22	»

Fernandes Braga retira-se para a corte...	23	Outubro
O Vice-prezidente intruzo convoca a Assembléa provincial para 20 de Novembro.	26	»
Proclamação do Regente prometendo anistia.....	4	Dezembro
O novo Prezidente Araujo Ribeiro xega a Porto-alegre para tomar posse.....	5	»
Os Juizes de Paz de Porto-alegre, em nome do povo, reprezentão para se demorar a posse do dito Prezidente.....	9	»
A Assembléa provincial rezolve demorar essa posse, e reprezentar ao governo imperial.....	9	»
Bento Manoel reconhece, e ordena ás tropas, que reconheção Araujo Ribeiro como Prezidente da provincia.....	30	»

1836

Araujo Ribeiro, voltando de Porto-alegre para a cidade do Rio-grande, ahi toma posse. (*).....	15	Janeiro
A Assembléa provincial convida Araujo Ribeiro para ratificar perante ella o juramento prestado no Rio-grande.....	27	»
Reprezentação da Assembléa provincial expondo o procedimento do Prezidente Fernanes Braga.....	11	Fevereiro
Araujo Ribeiro suspende a Bento Gonçalves e a Antonio Neto do commando superior da guarda nacional.....	14	»

(*) No cap. 4 § 4 se dice, por equivoco, ter sido esta posse a 5 de Fevereiro. Cumpre corrigir este engano.

O Dr. Americo Cabral toma posse da vice-prezidencia, reputando ilegal a posse do Prezidente Araujo Ribeiro na cidade do Rio-grande.....	16	Fevereiro
O Vice-prezidente suspende a Bento Manoel do commando das armas, e nomêa a João Manoel de Lima para esse cargo.	16	»
A Assembléa provincial proclama para se não obedecer ao Prezidente Araujo Ribeiro.....	25	»
Bento Gonçalves intima Araujo Ribeiro para deixar a provincia.....	28	»
O governo imperial manda transferir para a cidade do Rio-grande as repartições fiscaes.....	3	Março
O Dr. Marciano Pereira Ribeiro substitue na vice-prezidencia ao Dr. Americo Cabral.	28	»
Rendição de Pelotas aos rebeldes (*).....	7	Abril
O Coronel Albano de Oliveira batido e prezo pelos rebeldes.....	8	»
Ataque de duas canhoneiras e um vapor no rio São-Gonçalo por forças sediciozas...	2	Junho
Restauração de Porto-alegre do poder dos rebeldes, e prizão do Vice-prezidente intruzo.....	15	»
Intimação a Porto-alegre para render-se, seguindo-se o assedio.....	27	»
Assalto dos rebeldes contra as trinxeiras de Porto-alegre.....	30	»
A Camara Municipal da cidade do Rio-grande pede ao novo Prezidente Antonio Eliziario para sustar a posse.....	3	Julho

(*) No cap. 4 § 7 se dice ter este facto sucedido a 25 de Abril. emende-se ali este engano.

Antonio Eliziario toma posse da prezidencia.	4	Julho
Araujo Ribeiro novamente nomeado é empossado da prezidencia.....	24	»
Segundo assalto contra Porto-alegre.....	30	»
Itapuan tomada aos rebeldes.....	27	Agosto
Combate do Seival com derrota de Silva Tavares.....	10	Setembro
Declaração da republica por Antonio Neto.	12	»
Combate do Fanfa, e prizão de Bento Gonçalves, Onofre Pires, e outros sediciozos.	4	Outubro
Lei brazileira autorizando o governo a suspender as garantias constitucionaes no Rio-grande do Sul, e anistiar os rebeldes, que se submetessem.....	11	»
O Vice-prezidente Dr. Marciano Pereira e outros sediciozos soltos por via de *habeas-corpus* na corte.....	19	»
Proclamação da republica em Piratinin...	6	Novembro
Decreto do governo rebelde mandando sequestrar e vender os bens dos inimigos da republica.....	11	»
Carta de corso expedida a Jozé Garibaldi pelos rebeldes.....	14	»
A Assembléa provincial abre-se em sessão extraordinaria.....	26	»
Rendição de Silva Tavares no Arroio grande.....	17	Dezembro
Propostas de paz pelos rebeldes.....	31	»

1837

Posse do prezidente Antero de Brito.....	5	Janeiro
Os rebeldes, batidos no Veleda e Candiota, passão a fronteira no passo do Sauce..	5	»

Adiamento da Assembléa provincial.....	17	Janeiro
Entrada dos rebeldes no Rio-pardo sob o commando de Agostinho de Mélo.....	10	Fevereiro
Primeira invazão da vila de Lages pelos rebeldes, sob as ordens de Jozé Mariano	9	Março
Onofre Pires e Afonso Corte-real evadem-se da fortaleza de Santa-cruz.....	11	»
O Prezidente Antero de Brito declara Frutuozo Rivera prizioneiro em Porto-alegre.	11	»
Prizão do Prezidente Antero de Brito....	23	»
Posse do Vice-prezidente Americo Cabral.	2	Abril
Tomada de Cassapava pelos rebeldes....	7	»
Demissão de Bento Manoel do commando das armas.....	14	»
Intimação a Porto-alegre para render-se, seguindo-se novo assedio.....	11	Maio
Posse do Prezidente Francisco das Xagas Santos.....	16	»
Armisticio celebrado por João Pascoe Grenfel e Silva Tavares com Domingos Crecencio, mas não aprovado pelo Prezidente da provincia.....	20	»
Posse do Prezidente Feliciano Nunes Pires.	6	Junho
Ataque do Triunfo por Antonio Neto.....	12	Agosto
Fuga de Bento Gonçalves das prizões da Bahia	10	Setembro
Proclamação do Regente Pedro d'Araujo xamando os rebeldes á concordia.....	6	Outubro
Posse de Antonio Eliziario : 2ª prezidencia.	3	Novembro

1838

Passeio militar do Prezidente Antonio Eliziario.....	31	Janeiro

Levantamento temporario do assedio de Porto-Alegre	31 Janeiro
O Prezidente Antonio Eliziario ocupa o Rio-pardo, que os rebeldes abandonão.	17 Março
Destroço da força legal em Rio-pardo.....	30 Abril
Restabelecimento do assedio de Porto-alegre.....	11 Maio
Manifesto de Bento Gonçalves em nome da republica.....	29 Agosto

1839

Bento Gonçalves annuncia a transferencia da capital da republica para Cassapava.	9 Janeiro
Sortida do Prezidente Antonio Eliziario a Viamão	21 »
Tomada de duas canhoneiras e um lanxão no rio Cahi por Bento Manoel.....	1 Fevereiro
O ministro da guerra sae da côrte para o sul.....	6 Março
Segunda invazão de Lages pelos rebeldes dirigidos por Antonio Ignacio.....	11 »
O ministro da guerra xega ao Rio-grande do sul.....	21 »
Regressa d'ali para a côrte.....	29 Maio
Posse do Vice-prezidente João Dias de Castro.....	12 Junho
Tomada da Laguna pelos rebeldes sob o commando de David Canabarro.....	22 Julho
Posse do Prezidente Saturnino de Souza: 1ª prezidencia	24 »
Posse do commandante em xefe do exercito legal Manoel Jorge.....	24 »
Proclamação da republica catarinense....	25 »

Restauração da Laguna pelas armas imperiaes	15	Novembro
Bento Gonçalves deixa a prezidencia da republica para assumir o commando do exercito na Setembrina	23	»
Combate na guarda de Santa Vitoria com desbarsto da força legal	14	Dezembro
Terceira invazão de Lages por 500 rebeldes sob o commando de Joaquim Teixeira	16	»
Conselho dos Procuradores geraes na republica instalado	21	»

1840

Combate da Forquilha com destroço dos rebeldes	12	Janeiro
Decreto do governo republicano mandando proceder á eleição de deputados para uma assembléa constituinte	10	Feveriro
O Brigadeiro Bonifacio Caldeiron sae em expedição contra Cassapava	14	Março
Entrada de forças legaes em Cassapava	22	»
Partida de Bento Gonçalves de Viamão para transpôr o rio Cahi	16	Abril
Passagem dos rebeldes no passo do Pesqueiro, junto ao Pareci	25	»
Tiroteio em Pinheiros entre os dous exercitos imperial e republicano	29	»
Combate de Taquari	3	Maio
Regresso do exercito rebelde para Viamão, afim de proseguir no cerco de Portoalegre	8	»
Manoel Jorge posta-se junto ao Triunfo	11	»

Assalto contra a escolta de Antonio Neto no Salgado.....	18	Junho
Ataque dos rebeldes contra São-Jozé do Norte.....	16	Julho
Bento Manuel pede anistia secretamente..	18	»
Declaração da maioridade do Imperador na côrte.....	23	»
Posse do Prezidente Soares de Andréa....	27	»
Proclamação do Imperador aos rebeldes..	22	Agosto
Decreto de anistia para os rebeldes, que se submeterem ao governo imperial.....	22	»
O Prezidente Soares de Andréa e Bento Gonçalves começão a tratar da paz, que se malogra.....	20	»
Soares de Andréa dá como rompidas as negociações.....	25	»
O Deputado Alvares Maxado no Rio-grande para entender-se com os rebeldes sobre a paz.....	?	Outubro
Pedro Labatut xega em cima da Serra...	9	Novembro
Combate de São-Felipe com derrota das tropas legaes.....	16	»
João Paulo xega da côrte ao Rio-grande do Sul nomeado commandante em xefe do exercito legalista, e traz a nomeação de Alvares Maxado para Prezidente da provincia.....	25	»
Posse do Prezidente Alvares Maxado e do commandante em xefe João Paulo.....	30	»
Pedro Labatut xega ao Passo-fundo.....	7	Dezembro
Alvares Maxado, entrando em convenção de paz com os rebeldes, rompe as negociações.....	7	»

David Canabarro, tendo sahido de Viamão, xega á Vacaria..... 8 Dezembro
Bento Gonçalves deixa Viamão e busca a Serra..... 8 »
Domingos Crecencio, mandado por Bento Gonçalves á vila de Lages, apreende ali armamento deixado por Pedro Labatut. 12 »
Bento Gonçalves xega em cima da Serra.. 17 »
João Propicio reune-se a Pedro Labatut no Curussú..... 18 »
Pedro Labatut marxa de Passo-fundo para Cruz-alta..... 21 »
João Paulo xega ao Rio-pardo..... 24 »
Bento Gonçalves reune-se a David Canabarro na Vacaria..... 27 »

1841

Pedro Labatut, regressando da Cruz-alta, xega só a Porto-alegre..... 6 Janeiro
Bento Gonçalves está no Passo-fundo..... 9 »
As tropas de Pedro Labatut, sob o commando de Antonio da Costa Medeiros, xegão junto á Caxoeira..... 14 »
João Paulo parte do Rio-pardo para a campanha..... 1 Março
Bento Gonçalves reassume a prezidencia da republica em São-Gabriel..... 14 »
Novo ministerio substitue ao da maioridade. 23 »
Posse do Prezidente Saturnino de Souza: 2ª prezidencia..... 17 Abril
Posse do Conde do Rio-pardo do commando em xefe do exercito legal..... 17 »

Convenio secreto de Bento Gonçalves e Frutuozo Rivera sobre auxilios reciprocos...	5 Julho
João Paulo entrega o exercito na campanha ao Brigadeiro Antonio Corrêa Seára por ordem do Conde do Rio-pardo.....	? Agosto
Francisco Pedro bate a guarnição rebelde de São-Gabriel.....	? Novembro
João Propicio derrota os rebeldes no Rincão-bonito.....	25 »
Novo convenio entre Bento Gonçalves e Frutuozo Rivera.....	28 »

1842

Bento Gonçalves surpreende Francisco Pedro, mas é derrotado.....	26 Janeiro
O Brigadeiro Silva Bitencourt substitue interinamente o Conde do Rio-Pardo no commando do exercito.....	26 Junho
Sahindo o mesmo Brigadeiro para a campanha, xega ao acampamento do exercito em Vacacahi.....	9 Agosto
Nomeação do Barão de Caxias para Prezidente da provincia e commandante do exercito legalista.....	28 Setembro
Posse do Barão de Caxias em Porto-alegre.	9 Novembro
Prizão de Rafael Tobias na estrada da Palmeira	»
Abertura da Assembléa constituinte em Alegrete.....	1 Dezembro

1843

O Barão de Caxias enceta as operações militares atravessando o rio São-Gonçalo.	11 Janeiro

Xega ao acampamento de São-Lourenço..	12	Fevereiro
Bento Manoel xamado ao serviço da legalidade.....	12	»
Antonio Paulo da Fontoura, Vice-prezidente da republica, assassinado em Alegrete.	12	»
O exercito imperial move-se do acampamento de São-Lourenço.....	27	»
Onofre Pires é morto em duelo por Bento Gonçalves.....	27	»
Destroço de Portinho em Botucarahi....	4	Março
O Barão de Caxias xega a São-Gabriel com o exercito.....	19	Março
Parte de São-Gabriel para a fronteira....	20	»
Em perseguição aos rebeldes xega junto ao Livramento.....	31	»
Os rebeldes atravessão a fronteira.....	31	»
Os rebeldes surpreendem São-Gabriel....	?	Abril
O Barão regressa a São-Gabriel.....	19	»
Bento Manoel nomeado commandante da da 1ª divizão.....	?	»
Ataque de Vacaquá.....	13	Maio
Combate de Ponxe-verde.....	26	»
Tiroteio em Don-Pedrito.....	3	Junho
Assedio de Alegrete pelos rebeldes.....	5	»
Ataque no arroio Santa Maria-xica.....	8	»
Força rebelde aprizionada em Piratinin..	?	»
O Barão de Caxias em Cassapava.....	3	Agosto
Surpreza junto a Cangussú.....	25	Outubro
Combate em Cangussú.....	6	Novembro
Encontro nas cabeceiras do Taquarembó.	9	»
O Barão de Caxias em São-Gabriel....	?	»
Sortida de Francisco Pedro em Cangussú.	?	»
O Barão de Caxias marxa para a fronteira.	?	Dezembro

Tiroteio do Capitão Manoel Albernaz contra os rebeldes no Jaguari oriental.....	4	Dezembro
Expedição na Encruzilhada contra Agostinho de Mélo.....	4	»
Combate de Vasco Guedes com forças rebeldes em Vacaquá.....	8	»
Surpreza do Capitão Manoel Albernaz em Jaguari.....	?	»
Combate de Botovi.....	26	»
Combate na picada de São Martinho.....	31	»

1844

Combate em Candiota.....	16	Março
Surpreza alem do Quarahim.....	?	Abril
Surpreza no caminho de São-Gabriel.....	28	»
Surpreza contra um lanxão no rio dos Sinos.....	?	Maio
Ataque em Jaguarão.....	21	Junho
David Canabarro, vindo de Taquarembó por Ospitaes, reaparece na provincia, e segue para os Candiotas.....	8	Julho
O Barão de Caxias xega a São-Gabriel, vindo por Cunhaperú, Ibicuhi-d'armada e Santa Maria.....	29	»
O Barão deixa São-Gabriel e segue para Cassapava	16	Agosto
O Barão xega a Cassapava.....	26	»
O Barão deixa Cassapava, e busca a 1ª divizão	15	Setembro
Ismael Soares, por parte dos rebeldes, aprezenta-se ao Barão de Caxias para saber das condições de paz.....	2	Outubro

Ataque em Santa-Anna.....	8	Outubro
Surpreza no Quaró.....	26	»
Surpreza em Porongos.....	11	Novembro
Os xefes rebeldes autorizão Antonio Vicente da Fontoura a tratar da paz.....	13	»
Expedição de Francisco Pedro, d'onde rezultou o combate de Porongos.....	14	»
Combate no Passo do Leão.....	14	»
Surpreza e perseguição dos rebeldes desde Sarandi ao Passo d'Aurora.....	15	»
Combate no Arrôio-grande.....	28	»
David Canabarro na Encruzilhada debanda a sua gente.....	10	Dezembro
Surpreza no Quaró.....	29	»

1845

Congresso dos rebeldes no Ponxe-verde para rezolver sobre a paz.....	25	Fevereiro
David Canabarro, como xefe do exercito, e autorizado pelo Prezidente da republica, declara finda a guerra.....	28	»
O Barão de Caxias proclama estar pacificada a provincia.....	1	Março

CAPITULO XXXV

Nota deprecatoria

§ 1. Publicando a prezente memoria, dezejo provocar esclarecimentos sobre o assunto d'ella.

Muita satisfação terei, si as pessoas, que a lerem, e que se interessão pela verdade istorica, vierem em meo auxilio,

ministrando qualquer subsidio, que possa corrigir enganos, emendar erros, e suprir lacunas.

Ainda existem pessoas contemporaneas, e testimunhas dos factos da revolução rio-grandense, as quaes podem oje prestar serviço á cauza da verdade: a ellas especialmente me dirijo.

Com prazer aceitarei qualquer informação; pois é meo intento, que os factos apareção quaes sucederão.

§ 2. Como peças informatorias, alem dos documentos, que adiante vão publicados, tive diante de mim os seguintes opusculos:

1.º Bosquejo istorico e documentado das operações militares do Rio-grande do Sul: publicado em 1841 pelo Dr. Saturnino de Souza Oliveira.

2.º Operações do Passo-fundo: publicado pelo Dr. Saturnino de Souza Oliveira em 1842.

3.º Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias: impresso em Porto-alegre em 1845, sem nome do autor.

4.º Dicionario topografico da provincia do Rio-grande do Sul por Domingos d'Araujo Silva.

Não xegarão ao meo conhecimento outros trabalhos especiaes, que me guiassem na ordem dos acontecimentos, que deduzi pela combinação dos sobreditos documentos.

§ 3. Oxalá, que alguns dos leitores sientes dos factos se deliberem a prestar-me informações e subsidios.

Assim ser-me-á possivel no futuro fazer correções e aditamentos.

Rio 25 Julho 1879.

T. DE ALENCAR ARARIPE.

GUERRA CIVIL NO RIO GRANDE DO SUL

RETIFICAÇÕES E ADITAMENTOS

No cap. 4 § 11, onde se lê:

Posteriormente foi esta bateria tomada por João Pascoe Grenfel, o qual a atacou com a sua esquadrilha, a 6 de Agosto de 1836, de combinação com as forças terrestres ao mando do Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha — deve lêr-se assim:

Posteriormente esta bateria foi tomada por ordem do Prezidente da provincia, e sob a direção do xefe das forças navaes João Pascoe Grenfel, que incumbio a empreza ao Capitão-tenente Guilherme Parker, o qual, com a esquadrilha ás suas ordens, de combinação com o Coronel Francisco Xavier da Cunha, atacou a bateria fronteira á ilha do Junco, e a tomou no dia 26 de Agosto de 1836, sendo no dia imediato ocupada a bateria de Itapuan, ja então abandonada pelos sediciozos.

No cap. 4 § 7, depois do periodo: — Em Mostardas, e Passo do Rozario derão-se pequenos conflitos, em que aliás derramou-se sangue de alguns cidadãos—acrescente-se:

No Rozario o Coronel sediciozo Afonso Corte-real, commandando uma força de 700 omens, foi, a 17 de Março do supra-mencionado anno, destroçado e prizioneiro pela força legalista, que combateo sob as ordens do Coronel Miguel Gomes, sofrendo os vencidos a perda de 200 mortos.

Em Mostardas, a 22 de Abril seguinte, o Coronel Onofre Pires com 350 soldados ataca o Capitão Francisco Pinto Bandeira, que vinha de Torres com 400 omens no intuito de auxiliar a vila de São-Jozé do Norte, posta em assedio pelo referido Coronel. Este sae vitoriozo, matando 30 dos seos adversarios, incluzive o xefe d'elles, fazendo varios prizioneiros, e tomando 2 peças de campanha: apenas teve a perda de 4 omens mortos.

No cap. 13, depois do § 22, acrecente-se:

§ 23. Depois de recuperada a Laguna, facto que na verdade deo força moral á cauza do governo legal, não se passarão muitos dias, sem que aos imperialistas sobreviesse motivo de justo pezar.

Com efeito o Brigadeiro Francisco da Cunha axava-se na fronteira do Rio-negro, incumbido de marxar em auxilio das operações do Rio-grande do Sul, e começava a sua marxa.

Nas adjacencias andavão forças rebeldes, em parte escapas da Laguna; e como o commandante legal se persuadisse, que n'essas forças encontraria facil dezerção, no cazo de as ter de combater, não tomou na sua marxa as devidas precauções; o certo é, que no dia 14 de Dezembro de 1839, no passo de Santa Vitoria do rio Pelotas, lhe aparece o Coronel rebelde Joaquim Teixeira com 400 omens, mais ou menos, e põe em completo desbaratamento

a força legalista, igual em numero, morrendo ahi o seo commandante com 30 companheiros.

Este destroço, que tão penozo éco produzio no paiz, ja pela perda da gente, e ja pelo malogro das operações, com que então se contava em favor da legalidade, foi dentro de alguns dias reparado pelo Major Antonio de Melo.

Este oficial tinha reunido na Cruz-alta 400 a 500 omens, e vinha reunir-se ao sobredito Brigadeiro; mas, sabendo do funesto destino d'este general, tomou nova direção, quando no dia 12 de Janeiro de 1840, no campo da Forquilha, junto aos Coritibanos, encontra-se com o rebelde Joaquim Teixeira, que ahi tem sorte diversa da que tivera em Santa-Vitoria.

Trazia elle a mesma força, com que anteriormente se batera: vencido perde 60 omens mortos, cauzando ao inimigo apenas a perda de 5 soldados.

No cap. 26 § 4, onde se lê: — e antes de findar-se o anno de 1845 pode o Barão de Caxias reunir os reprezentantes da provincia, aos quaes dava conta do estado da mesma provincia—deve ler-se assim:

E antes de findar-se o anno de 1845 pode o Barão de Caxias mandar proceder ás eleições geraes e provinciaes e reunir no 1° de Março de 1846 os reprezentantes da provincia, aos quaes dava conta do estado da mesma provincia.

No cap. 16 § 18, onde se diz: — Em 16 de Novembro de 1840 o Coronel Jeronimo Jacinto fora destroçado pelo rebelde João Antonio em Santa Vitoria, na margem esquerda do rio Pelotas, junto aos limites da atual provincia do Paraná, perdendo, etc. — leia-se:

Em 16 de Novembro de 1840 o Coronel Jeronimo Jacinto fora destroçado pelo rebelde João Antonio em São-Felipe, perdendo a legalidade perto de 80 mortos e 162

prizioneiros, ao passo que os rebeldes tiverão apenas 2 soldados sucumbidos ao nosso ferro.

No cap. 29 § 6, no periodo final, depois das palavras — navegação interna — acrecente-se :

Tinhão os rebeldes organizado uma pequena esquadrilha, constante da escuna *Farroupilha*, e alguns lanxões ; mas quando na Laguna perdião a sua nacente marinha, na Lagoa dos Patos já tinhão perdido os seos lanxões, os quaes forão pelo proprio Pascoe Grenfel tomados na Lagoa-formoza, ramificação do grande lago, aos 24 de Agosto de 1839.

Em Julho de 1836 a escuna *Farroupilha* avia sido tomada por surpreza nas aguas do Guabiba, e entregue ao governo legal pelo imperialista Ventura Maia.

Depois de organizada a tabela, de que trata o cap. 33, encontrei uma participação de Frederico Mariat, commandante da esquadrilha imperial, que atacou a Laguna em 15 de Novembro de 1839, e n'ella se diz terem morrido no combate 30 soldados nossos. Na tabela, seguindo outras informações, escrevi ser o numero de mortos legaes de 80.

Em relação á perda legal no combate de São-Felipe, que se diz ser de 80 mortos, parece-me exagerado tal numero : dou porêm na tabela o que mencionão as communicações dos rebeldes.

Tambem em relação á perda cauzada á força legal em Rio-pardo em 10 de Fevereiro de 1837 considero aver exageração, quando as noticias de origem rebelde dão o numero de 70 mortos.

Na deficiencia porêm de outras informações, guiei-me por ellas.

BIOGRAPHIA

DOS

BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

DA FAMILIA

BRAZ CARNEIRO LEÃO

DO RIO DE JANEIRO

PELO SOCIO CORRESPONDENTE

Senador Conde de Baependy

(*M. S.* offerecido ao Instituto pelo 1º vice-presidente Dr. Joaquim Manoel de Macedo)

BRAZ CARNEIRO LEÃO

Braz Carneiro Leão, natural da cidade do Porto, em Portugal, e descendente de uma honesta familia de lavradores, nasceu a 3 de Setembro de 1732 e veiu para o Rio de Janeiro no ultimo seculo, contando 16 annos de idade, mais ou menos.

Dedicando-se ao commercio, dentro de poucos annos estabeleceu por sua conta uma casa commercial á rua Direita, ora Primeiro de Março, que tornou-se notavel e muito acreditada, recebendo de Portugal directamente mercadorias, que vendia por atacado no Rio de Janeiro e

para as provincias de S. Paulo, Minas-Geraes, Espirito-Santo, Goyaz, Matto-Grosso, Rio-Grande do Sul e Santa-Catharina, recebendo tambem em commissão generos de producção d'esses lugares, a mór parte dos quaes exportava para Portugal em navios de sua propriedade, pela difficuldade que então havia, de obtel-os a frete, o que dentro de alguns annos trouxe grande credito e capitaes á essa casa commercial, que foi considerada uma das primeiras do Brasil, merecendo o maior conceito o seu chefe, cuja intelligencia e probidade eram geralmente reconhecidas.

Dos avultados lucros, que d'esse commercio tirava, Braz Carneiro Leão applicava a mór parte á acquisição de predios urbanos e rusticos, no Rio de Janeiro, para servirem no futuro de patrimonio á sua familia, pois já então havia-se casado com D. Anna Francisca Rosa Maciel da Costa, nascida no Rio de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1757, oriunda de uma distincta familia fluminense, e senhora de reconhecidas virtudes e esmerada educação, da qual teve descendencia, chegando á maioridade dois filhos e seis filhas.

Braz Carneiro Leão prestou-se sempre ao serviço do Estado com sua pessoa e bens, concorrendo tambem para actos de humanidade e beneficencia, para os estabelecimentos de caridade e instrucção, que existiam no Rio de Janeiro, e para o culto religioso, não esquecendo-se nunca de favorecer seus parentes e os de sua mulher, quanto d'elle dependia, quer no Brasil, quer em Portugal, e mesmo a estranhos, que a elle recorriam.

Por aquelles serviços foi agraciado pelo governo da metropole com o habito da ordem de Christo, o fôro de fidalgo cavalleiro e a patente de coronel do regimento de infantaria de milicias da freguezia da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro.

Pouco depois da familia real portugueza chegar ao Rio de Janeiro, em 7 de Março de 1808, Braz Carneiro Leão enfermou de uma affecção de coração, que pôz termo á sua existencia a 3 de Junho do dito anno.

Sua respeitavel viuva foi em 19 de Dezembro de 1812 agraciada com o titulo de — baroneza de S. Salvador de Campos dos Goytacazes, e na fundação do Imperio teve as honras de grandeza e de dama da primeira Imperatriz do Brasil. Falleceu a 12 de Junho de 1832, em sua casa, á praça da Gloria do Outeiro, ora occupada pela secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.

Filhos

I.—Fernando Carneiro Leão, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 30 de Maio de 1782. Dedicando-se á vida commercial, seu pai, Braz Carneiro Leão, o mandou á Lisbôa no anno de 1801, afim de alli praticar na importante casa commercial, *Pedra*, com quem se correspondia n'essa cidade, sendo já Fernando Carneiro capitão do regimento de melicias, de que aquelle era coronel.

Em 1802 casou-se em Lisbôa com D. Gertrudes Angelica Pedra, filha legitima do chefe da casa d'este nome, Antonio Martins Pedra, casado com D. Clara Maria Barbosa Carneiro Leão, prima de Braz Carneiro Leão, e naturaes de Portugal.

Era D. Gertrudes senhora de fina educação e grandes virtudes.

N'esse mesmo anno de 1802 foi agraciado com o habito da ordem de Christo e o fôro de fidalgo cavalleiro.

Regressando com sua familia ao Rio de Janeiro, deu-lhe seu pai sociedade na casa commercial, de que era chefe, e

por morte d'este em 1808, passou a dirigir a dita casa sob a firma de—Carneiro, Viuva & Filhos.

No mesmo anno de 1808 foi promovido ao posto de tenente-coronel do mencionado regimento de melicias, e armado moedeiro da casa da Moeda do Rio de Janeiro.

Em 1810 por serviços pecuniarios que prestou ao Estado, foi agraciado com a commenda da ordem de Christo.

Foi promovido em 1816 ao posto de coronel aggregado ao 1° regimento de cavallaria de milicias, que comprehendia os municipios de Nictherohy, Maricá, Itaborahy, Santo Antonio de Sá, Magé e outros da provincia do Rio de Janeiro.

Em 1818 teve a commenda da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Por impedimento do respectivo chefe, commandou por annos o mencionado 1° regimento de cavallaria de milicias, despendendo avultada somma de seu bolso com cavallos, equipamento e musica para o dito regimento, e sustentando á sua custa, durante tres dias, as respectivas praças, que em Nictherohy sitiaram no anno de 1822 as forças luzitanas sob o commando do general Jorge de Avillez, que alli estacionaram até que capitularam e embarcaram para Portugal.

Por esses relevantes serviços foi Fernando Carneiro condecorado, na fundação do Imperio, com a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, e nomeado guarda-roupa da camara do primeiro Imperador do Brasil, a 1 de Dezembro de 1822, passando a gentil-homem da mesma camara, a 12 de Outubro do anno seguinte.

Em 1824 foi promovido ao posto de coronel effectivo e commandante do sobredito 1° regimento de cavallaria de milicias, que passou a ter a numeração de 4° pela creação e reorganização de outros.

Foi agraciado, a 12 de Outubro de 1825, com o titulo de barão de Villa-Nova de S. José, com honras de grandeza, e a 12 de Outubro do anno seguinte passou a conde do mesmo titulo.

N'este anno teve a carta de conselho.

Em 1828 foi transferido no posto de coronel para a 1ª linha do exercito, afim de servir no estado-maior da imperial guarda de honra com a graduação de brigadeiro, sendo agraciado no anno seguinte com a dignitaria da ordem da Rosa.

Em 1830 foi promovido á effectividade do posto de brigadeiro e nomeado 1º commandante da imperial guarda de honra.

Falleceu em Nitherohy a 4 de Setembro de 1832, tendo enviuvado a 8 de Outubro de 1820, (*) ficando com duas filhas legitimas a saber: 1—D. Guilhermina Adelaide Carneiro Leão (marqueza de Maceió e dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil), que nasceu em Lisbôa a 2 de Janeiro de 1803 e casou-se no Rio de Janeiro a 14 de Agosto de 1824 com D. Francisco Mauricio de Sousa Coutinho, nascido em Turim, na Italia, em 3 de Fevereiro de 1796, sendo seu pai D. Rodrigo de Sousa

---

(*) D. Gertrudes Angelica Pedra Carneiro Leão foi assassinada ás 11 horas da noite de 8 de Outubro de 1820 por um tiro de bacamarte, que recebeu ao apear-se da carruagem á porta de sua casa á ponte do Cattete no Rio de Janeiro, voltando com suas duas filhas de uma funcção religiosa. A hora adiantada da noite, em que foi commettido este crime, que pôz na maior consternação essa distincta familia e causou profunda impressão na cidade do Rio de Janeiro, fez que não fôsse visto o malvado, que assim roubou a existencia de uma virtuosa senhora e digna esposa e mãi, e nem mesmo a devassa judicial, a que procedeu juiz especial e de elevada cathegoria, o desembargador do Paço José Albano Fragoso, descobriu o autor, nem o instrumento de tamanha atrocidade.

Coutinho, 1º conde de Linhares, então ministro de Portugal n'essa côrte, e sua mãi D. Gabriela Asenari Glingli, descendente da primeira nobreza do Piemonte, e foi condessa de Linhares.

D. Francisco, sendo já cavalleiro da ordem de Malta, entrou para o serviço da marinha portugueza no posto de 2º tenente em 30 de Junho de 1808, e foi promovido a 1º tenente em 6 de Julho de 1813. N'este ultimo anno teve exercicio no paço real como moço fidalgo.

Em 1816 foi condecorado pelo rei de Hespanha com a cruz da ordem de Isabel a Catholica, por occasião de sua mãi acompanhar á esse reino, na qualidade de camareira-mór, as duas infantas portuguezas, que casaram-se com o rei Fernando VII e seu irmão o infante D. Carlos, honra que teve igualmente aquella senhora no anno seguinte, indo receber em Vienna d'Austria e acompanhando para o Rio de Janeiro a primeira Imperatriz do Brasil, da qual sendo ainda Princeza Real foi D. Francisco nomeado veador no anno de 1818. Adherindo á independencia do Brasil, foi D. Francisco nomeado a 1 de Dezembro de 1822 gentil-homem da camara do primeiro Imperador, continuando, porém, no serviço da Imperatriz.

Em 14 de Abril de 1823 foi condecorado com o habito da ordem imperial do Cruzeiro, sendo elevado a official da mesma ordem em 25 de Março de 1825.

Foi promovido a capitão-tenente em 8 de Janeiro de 1824 e a capitão de fragata em 30 de Agosto do mesmo anno.

Em 12 de Outubro de 1825 foi agraciado com o titulo de visconde de Maceió com honras de grandeza. Em 3 de Abril de 1826 teve o habito da ordem de Christo, passando a commendador da dita ordem em 22 do mesmo mez, e recebendo a carta de conselho. Em 12 de Outubro seguinte foi elevado a marquez do mesmo titulo.

Foi nomeado em 16 de Janeiro de 1827, ministro e secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e encarregado interinamente da pasta da Marinha, com a qual ficou depois effectivamente, deixando o exercicio d'aquella, até que se retirou do gabinete em 20 de Novembro do mesmo anno. Passou posteriormente para o estado-maior do exercito no posto de tenente-coronel, e foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil na côrte de Vienna d'Austria, cargo que exerceu até o anno de 1831. Falleceu em Pariz a 4 de Agosto de 1834. Sua viuva, a marqueza de Maceió, regressou ao Rio de Janeiro, d'onde foi á Napoles no anno de 1843 afim de acompanhar para o Brasil, na qualidade de camareira-mór, a actual terceira Imperatriz. Annos depois voltou á Europa e falleceu em Lisbôa a 18 de Agosto de 1856, sem deixar descedencia: 2 — D. Elisa Leopoldina Carneiro Leão (viscondessa de S. Salvador de Campos e dama honoraria da segunda Imperatriz do Brasil), nasceu no Rio de Janeiro a 10 de Agosto de 1808 e casou-se a 2 de Julho de 1829 com seu tio José Alexandre Carneiro Leão, depois visconde de S. Salvador de Campos, de quem teve filhos, achando-se apenas vivos actualmente uma filha e 6 netos, dos quaes tratamos adiante. Em 1843 foi a viscondessa de S. Salvador de Campos a Napoles afim de acompanhar para o Brasil, na qualidade de dama, a actual terceira Imperatriz. Enviuvou em 4 de Setembro de 1863, e acha-se presentemente em Lisbôa.

II.—José Alexandre Carneiro Leão, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 28 de Março de 1793. No anno de 1808 foi condecorado com o habito da ordem de Christo e teve o fôro de fidalgo cavalleiro. Tendo feito sua educação em Londres, foi nomeado no anno de 1815

membro da commissão encarregada da gerencia dos dinheiros do governo portuguez e da correspondencia do Banco do Brasil, encargos que desempenhou satisfactoriamente até que foi extincta a sobredita commissão, pelo que teve a commenda da ordem de Christo. Voltou para o Rio de Janeiro ao tempo de proclamar-se a independencia do Brasil.

Em 12 de Outubro de 1823 foi nomeado gentil-homem da camara do primeiro Imperador do Brasil e em 15 de Setembro de 1826 enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil junto ao governo da republica da Columbia, cargo que não aceitou, achando-se então de novo em Londres e tendo de voltar dentro de breve tempo ao Rio de Janeiro, como aconteceu.

Em 2 de Julho de 1829 casou-se com sua sobrinha D. Elisa Leopoldina Carneiro Leão (depois viscondessa de S. Salvador de Campos e dama honoraria da segunda Imperatriz do Brasil), de quem teve tres filhos, que falleceram em menoridade, e duas filhas:—D. Guilhermina e D. Elisa, ambas nascidas no Rio de Janeiro em 16 de Julho de 1830, tendo-se casado a primeira, Guilhermina Carneiro Leão de Vasconcellos e Sousa, a 18 de Agosto de 1850, com o conselheiro José de Vasconcellos e Sousa, filho dos marquezes de Castello-Melhor enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal junto á côrte do Brasil, que falleceu no Rio de Janeiro em principios do anno de 1869, deixando quatro filhos varões, os quaes com sua mãi ora residem em Lisbôa, e a segunda, D. Elisa Alexandrina Carneiro Leão de Faria, a 14 de Dezembro de 1859 com o commendador Eduardo de Faria, subdito portuguez e negociante, tendo fallecido esta senhora e deixado um filho e uma filha em menoridade.

José Alexandre foi nomeado, em 2 de Fevereiro de 1843, embaixador extraordinario de S. M. o Imperador do Brasil, junto ao rei das Duas Sicilias, Fernando II, afim de pedir, em nome d'aquelle senhor, a mão da augusta irmã d'este a Princeza Senhora D. Thereza Christina Maria, actual Imperatriz do Brasil, e de acompanha-la ao Rio de Janeiro.

Em 3 de Março do mesmo anno teve a carta de conselho.

Chegando a Napoles, cumpriu, a 28 de Maio d'esse anno, a sua missão e foi condecorado pelo rei das Duas Sicilias com a grã-cruz da distincta ordem de S. Fernando. A 30 do dito mez assistiu á ceremonia do casamento da mesma augusta senhora, e acompanhou-a ao Rio de Janeiro, onde chegaram a 3 de Setembro, desembarcando no dia seguinte.

A 14 d'este mez foi exonerado do cargo de embaixador por estar concluida a missão de que fôra encarregado, louvando-se-lhe pela maneira que a desempenhára; e a 15 de Outubro teve o titulo de visconde de S. Salvador de Campos com honras de grandeza.

Em 10 de Setembro de 1845 foi nomeado para servir de aio ao principe imperial D. Affonso, durante a ausencia de seus augustos pais na viagem que fizeram ás provincias do sul do Imperio.

Procedendo-se no anno 1847 á eleição de um senador pela provincia do Rio de Janeiro para preenchimento da vaga do marquez de Paranaguá (Francisco Villela Barbosa), fallecido no anno antecedente, o visconde de S. Salvador de Campos fez parte da respectiva lista triplice, occupando o segundo lugar d'ella, não obstante não ter sido recommendado seu nome, pelo governo de então, ao corpo eleitoral.

Falleceu no Rio de Janeiro a 2 de Setembro de 1863.

Filhas

I—D. Marianna Eugenia Carneiro da Costa, que nasceu no Rio do Janeiro no anno de 1773 e casou-se com o negociante e proprietario João Francisco da Silva e Sousa, natural de Portugal, falleceram no Rio de Janeiro deixando duas filhas, que foram: 1 — D. Anna que nasceu em 1794 e casou-se com o visconde de Mirandela (Antonio Doutel de Almeida), com honras de grandeza, natural de Portugal e brigadeiro do exercito brasileiro: falleceram no Rio de Janeiro sem descendencia; 2 — D. Marianna, que nasceu em 1796 e casou-se com o marquez de Jacarépaguá (Francisco Maria Gordilho Velloso de Barbuda), natural de Portugal, e foi gentil homem da camara do primeiro Imperador do Brasil, conselheiro, official general do exercito, condecorado com diversas ordens honorificas e senador do Imperio pela provincia de Goyaz, fallecido a 2 de Maio de 1836; e sua mulher, marqueza de Jacarépaguá, que foi dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil, falleceu alguns annos depois, ficando d'este consorcio uma filha: —D. Maria Florencia Gordilho Paes Leme, dama honoraria da segunda Imperatriz do Brasil e casada com Fernando Dias Paes Leme, natural do Rio de Janeiro, filho legitimo do marquez de S. João Marcos, veador da casa imperial, commendador da ordem de Christo e grã-cruz da ordem Russiana de S. Estanislau; tem um filho Pedro Dias Gordilho Paes Leme, nascido no Rio de Janeiro, formado em mathematicas e sciencias physicas, e casado com sua prima D. Maria José de Mello Paes Leme, de quem tem filhos.

II.—D. Maria Josepha Carneiro da Costa, que nasceu no Rio de Janeiro no anno de 1775 e casou-se com o negociante Geraldo Belens, natural de Portugal : falleceram no Rio de Janeiro, deixando um filho Geraldo Carneiro Belens, que nasceu a 16 de Agosto de 1792, foi tambem negociante e casou-se no anno de 1808 com sua tia D. Rosa Eufrazia Carneiro da Costa, de quem teve filhos: Foi cavalleiro e commendador da ordem de Christo, fidalgo cavalleiro e gentil-homem da camara do primeiro Imperador do Brasil. Falleceu no Rio de Janeiro a 16 de Maio de 1831.

III.—D. Anna Vidal Carneiro da Costa (primeira viscondessa da Cachoeira e dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil), que nasceu no Rio de Janeiro a 28 de Abril de 1779 e casou-se com Luiz José de Carvalho e Mello, natural da Bahia, formado em direito pela Universidade de Coimbra, magistrado no Rio de Janeiro, juiz da Alfandega, desembargador do Paço, conselheiro e commendador das ordens de Christo e Conceição. Na fundação do Imperio foi eleito deputado a Assembléa Geral Constituinte pela provincia da Bahia ; nomeado em 13 de Novembro de 1823 ministro e secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e conselheiro d'Estado ; foi um dos assignatarios da Constituição do Imperio, pelo que recebeu em 4 de Abril de 1824 a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro ; em 12 de Outubro de 1825 foi nomeado visconde da Cachoeira com honras de grandeza, e em 22 de Janeiro de 1826 senador do Imperio pela sobredita provincia. Este falleceu a 6 de Junho de 1826, e aquella senhora a 9 de Outubro de 1851, deixando filhos que foram :

1.—D. Carlota Cecilia Carneiro de Carvalho e Mello, que nasceu a 25 de Dezembro de 1804 e casou-se com

o conselheiro Eustaquio Adolpho de Mello Matos, que foi diplomata e deputado á Assembléa Geral pela provincia da Bahia, ambos fallecidos, este no anno de 1858 e aquella senhora a 22 de Fevereiro de 1873, deixando tres filhos, sendo: 1.º—Luiz José de Carvalho e Mello e Matos, nascido no Rio de Janeiro a 21 de Outubro de 1869, formado em direito, tendo sido deputado á Assembléa Geral e membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, casado com D. Marianna de Mello de Sousa e Matos, de quem tem filhos; 2.º — D. Anna Julieta de Mello Matos, nascida no Rio de Janeiro a 11 de Novembro de 1837 e casada com Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, natural da provincia de Sergipe, ex-deputado á Assembléa Geral por essa provincia e formado em direito, tendo filhos; 3.º — Adolpho de Carvalho e Mello Matos, nascido no Rio de Janeiro a 20 de Fevereiro de 1843, formado em direito, empregado publico e solteiro.

2.—O segundo visconde da Cachoeira com honras de grandeza (Luiz José Carneiro de Carvalho e Mello) veador da casa imperial, que nasceu em 1808 e falleceu em 1827, sendo solteiro.

3.—O terceiro visconde da Cachoeira com honras de grandeza (Pedro Justiniano Carneiro de Carvalho e Mello), official reformado do exercito, cavalleiro e commendador da ordem de Christo, nascido no Rio de Janeiro a 25 de Dezembro de 1811, e casado com sua prima a viscondessa da Cachoeira (D. Maria do Loreto), nascida a 9 de Fevereiro de 1832 e filha legitima do conde de S. Simão, da qual tem 3 filhos e 4 filhas, sendo uma d'estas casada com Eduardo Augusto de Brito e Cunha, subdito portuguez.

IV.—D. Luiza Rosa Carneiro da Costa, que nasceu

no Rio de Janeiro no anno de 1786 e casou-se com Paulo Fernandes Vianna, natural do Rio de Janeiro, formado em direito pela Universidade de Coimbra, magistrado n'aquella cidade, desembargador do Paço, conselheiro, commendador das ordens de Christo e da Conceição, e intendente geral da Policia desde a creação d'este lugar no Rio de Janeiro até 26 de Fevereiro de 1821, em que foi d'elle exonerado. Falleceram: este em Maio do mesmo anno de 1821, e aquella senhora em 20 de Agosto de 1843, tendo tido os filhos seguintes:

1.—Paulo Fernandes Carneiro Vianna, que nasceu a 10 de Março de 1804, foi barão e conde de S. Simão, commendador da ordem de Christo e gentil-homem da camara do primeiro Imperador do Brasil: casou-se e falleceu, deixando uma filha legitima, a actual viscondessa da Cachoeira (D. Maria do Loreto).

2.—Luiz Fernandes Carneiro Vianna, que nasceu a 4 de Abril de 1807 e falleceu solteiro.

3.—D. Maria do Loreto Carneiro Vianna, que foi viscondessa de Cunha dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil, nascida em 26 de Junho de 1808, e casou-se com D. Francisco da Costa de Sousa Macedo, visconde e depois marquez de Cunha, natural de Portugal e filho dos viscondes de Mesquitela, com grandeza, official general do exercito brasileiro, veador, gentilhomem da imperial camara, mordomo-mór da primeira Imperatriz do Brasil e condecorado com diversas ordens e medalhas: aquella senhora falleceu no Rio de Janeiro em 30 de Maio de 1826, sem deixar descendencia; e o marquez falleceu annos depois em Portugal, completamente retirado da sociedade e entregando-se a exercicios religiosos.

4.—João Fernandes Carneiro Vianna, formado em

direito, que nasceu em de Agosto de 1811, casou-se e falleceu em Dezembro de 1858, deixando dois filhos que são fazendeiros em Santa Maria Magdalena na provincia do Rio de Janeiro, João Fernandes Carneiro Vianna e Francisco Antonio Carneiro Vianna, casados com filhas de seu tio Braz Fernandes Carneiro Vianna, e tem descendencia.

5.—Coronel Braz Fernandes Carneiro Vianna, commandante superior da guarda nacional e fazendeiro em Santa Maria Magdalena, tendo sido membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro. Nasceu a 8 de Abril de 1815 e casou-se com D. Maria da Gloria Arruda Vianna, que nasceu a 6 de Maio de 1824 e falleceu a 29 de Novembro de 1856 em Minas-Geraes. Aquelle falleceu em Santa Maria Magdalena a 30 de Janeiro de 1870, deixando quatro filhas, sendo : 1º — D. Alda, casada com seu primo Francisco Antonio Carneiro Vianna ; 2º—D. Maria da Gloria casada com seu primo João Fernandes Carneiro Vianna ; 3º — D. Luiza, casada com seu primo Braz Carneiro Nogueira da Gama, filho do conde e condessa de Baependy ; 4º —D. Constança, casada com João Galvão da Costa França, natural de S. Paulo e juiz de direito, e actualmente chefe de Policia da provincia do Rio de Janeiro : todos têm filhos.

6.—D. Anna Luiza Carneiro Vianna de Lima e Silva, que nasceu a 30 de Dezembro de 1816 e foi duqueza de Caxias e dama honoraria da actual Imperatriz do Brasil, casada com o duque do mesmo titulo (Luiz Alves de Lima e Silva), natural do Rio de Janeiro, marechal de exercito, conselheiro d'Estado e de guerra, ajudante de campo do Imperador, veador da casa imperial, senador do Imperio pela provincia de S. Pedro do Sul, por diversas vezes

presidente do conselho de ministros, e ministro e secretario d'Estado dos negocios da Guerra, grã-cruz de varias ordens e condecorado com medalhas de campanha. A duqueza falleceu em 23 de Março de 1874, e o duque a 7 de Maio de 1880, deixando as filhas seguintes: 1º—D. Luiza do Loreto, casada com seu primo Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Gama, filho dos marquezes de Baependy; 2º—D. Anna Francisca do Loreto (baroneza do Ururahy), casada com o barão d'este titulo (Manoel Carneiro da Silva), filho dos primeiros viscondes de Araruama, com grandeza, tendo ambas descendencia. Uma filha de D. Anna Francisca casou-se com Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro, formado em direito, filho legitimo do conselheiro d'Estado e senador do Imperio Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, havendo sido membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro. Outra, filha de D. Luiza de Loreto, foi casada com D. Carlos de Sousa da Silveira, juiz de direito da comarca de Vassouras, na provincia do Rio de Janeiro, e filho legitimo do conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, a qual é fallecida.

V.—D. Rosa Eufrazia Carneiro da Costa, dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil, que nasceu a 13 de Março de 1791, e casou-se em 1808 com seu sobrinho Geraldo Carneiro Belens, do qual já tratámos, tendo fallecido a 16 de Maio de 1831 este, e aquella senhora a 4 de Março de 1860, tendo tido dois filhos, a saber:

1.—D. Anna Olegaria Carneiro Belens, que nasceu a 6 de Março de 1808, e casou-se com José Francisco Belens de Lima, natural da Bahia, e formado em direito, tendo fallecido aquella a 24 de Dezembro de 1852, e este no anno de 1863, deixando filhos, dos quaes existem tres filhas, que são casadas.

2.—Braz Carneiro Belens, dignitario da ordem da Rosa, commendador das de Christo e S. Fernando de Napoles, e veador da casa imperial, tendo servido primeiro como addido na Legação do Brasil, em Vienna d'Austria, e em 1843 como secretario da embaixada, que foi a Napoles, para o fim de solicitar em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, a mão da actual Imperatriz, a Sra. D. Thereza Christina Maria, princeza das Duas Sicilias, e acompanhou-a ao Brasil na qualidade de veador ao serviço da mesma senhora. Foi official superior da guarda nacional e fazendeiro em Valença, e por diversas vezes membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro. Casou-se em 4 de Outubro de 1835 com D. Guilhermina Nogueira Valle Carneiro Belens, nascida em Minas-Geraes a 23 de Outubro de 1821, filha legitima do coronel José Ignacio Nogueira da Gama e D. Francisca Maria Valle da Gama, ora baroneza de S. Matheus. Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 1º de Julho de 1810, e falleceu em sua fazenda, em Valença, a 22 de Janeiro de 1862, deixando seis filhos, sendo varões: Geraldo Nogueira da Gama Carneiro Belens e Braz Nogueira da Gama Carneiro Belens, que falleceram solteiros, este em 1869 e aquelle em 1870, sendo já formados em direito, e as quatro senhoras, duas das quaes estão casadas e têm filhos, são: D. Guilhermina, casada com Anselmo Fernando de Almeida, natural do Rio-Grande do Sul; D. Francisca, casada com Thomaz Bezzi, natural de Turim, na Italia; D. Rosa e D. Eugenia, solteiras.

VI.—D. Francisca Monica Carneiro da Costa (marqueza de Baependy e dama honoraria da primeira Imperatriz do Brasil), nascida a 4 de Maio de 1795 e casada em 7 de Agosto de 1809 com Manoel Jacintho Nogueira da Gama, natural de Minas-Geraes, e formado em mathematicas e philosophia pela Universidade de Coimbra, tendo sido lente

na Academia de Marinha, em Lisbôa, durante 10 annos (1791 a 1801), escrivão da Junta de Fazenda, em Minas-Geraes e do Erario, no Rio de Janeiro, desde sua creação, em 1808, até 1821, em que a seu pedido passou a ter exercicio no Conselho da Fazenda, havendo sido por muitos annos membro da commissão directora da primeira Academia Militar, que estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Teve o habito e a commenda de S. Bento de Aviz, o fôro de fidalgo Cavalleiro e a carta de conselho. Na fundação do Imperio foi eleito deputado á Assembléa Geral Constituinte pela provincia do Rio de Janeiro, e nomeado, por tres vezes, ministro e secretario d'Estado dos negocios da Fazenda conselheiro d'Estado em 13 de Novembro de 1823, e como, tal foi um dos assignatarios da Constituição do Imperio. Foi mais nomeado dignitario da ordem imperial do Cruzeiro em 4 de Abril de 1824, visconde de Baependy, com honras de grandeza, em 12 de Outubro de 1825, senador do Imperio, por Minas-Geraes, em 22 de Janeiro de 1826, e marquez do mesmo titulo, em 12 de Outubro do ultimo anno. Reformou-se no posto de marechal de campo. Foi vice-presidente e presidente do Senado nos annos de 1837 e 1838, e recebeu a grã-cruz da ordem da Rosa, a 18 de Julho de 1841. Falleceram: o marquez, em 15 de Fevereiro de 1847 (tendo nascido a 8 de Setembro de 1765 na cidade de S. João d'El-Rey), e a marqueza em 11 de Maio de 1869, deixando tres filhos, sendo:

1.—O conde de Baependy (Braz Carneiro Nogueira da Costa e Gama), nascido no Rio de Janeiro, a 22 de Maio de 1812, commendador da ordem de Christo, grande dignitario da ordem da Rosa, gentil-homem da camara do primeiro e do segundo Imperadores do Brasil, deputado ás Assembléas Geral e Provincial por diversas vezes, presidente d'ellas e de provincia, senador do Imperio pela provincia do Rio de

Janeiro, a 15 de Maio de 1872; casou-se a 22 de Outubro de 1834 com sua prima D. Rosa Monica Nogueira Valle da Gama (ora condessa de Baependy e dama honoraria da actual Imperatriz do Brasil), nascida em Minas-Geraes, a 23 de Outubro de 1820, e filha legitima do coronel José Ignacio Nogueira da Gama (irmão do marquez de Baependy) e de D. Francisca Maria Valle da Gama (presentemente baroneza de S. Matheus), e tem cinco filhos legitimos, sendo: 1º—D. Francisca Jacintha Nogueira da Gama Netto dos Reis (ora viscondessa de Carapebús), nascida no Rio de Janeiro, a 12 de Setembro de 1835 e casada em 1º de Agosto de 1854 com Antonio Dias Coelho Netto dos Reis, nascido na cidade de Campos, na provincia do Rio de Janeiro, a 4 de Setembro de 1829, filho legitimo dos primeiros barões de Carapebús, com grandeza (ora fallecidos), bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, visconde de Carapebús, com honras de grandeza, veador da casa imperial, commendador da ordem de Christo, official da Rosa, grã-cruz da ordem portugueza da Conceição e da Austriaca de Francisco José, commendador da Legião de Honra em França e cavalleiro da ordem de Malta, foi membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, thesoureiro geral do Thesouro Nacional e supplente de deputado á Assembléa Geral pelo districto de Campos, tem tres filhos legitimos. 2º—Manoel Jacintho Nogueira da Gama, nascido no Rio de Janeiro, a 8 de Maio de 1837, bacharel em direito, tendo sido juiz municipal e de orphãos, em Vassouras, e membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, em diversas legislaturas; casou-se, a 23 de Outubro de 1860, com D. Anna Netto Nogueira da Gama, nascida na cidade de Campos, provincia do Rio de Janeiro, em 31 de Janeiro de 1843, e filha legitima dos primeiros barões de Carapebús, com honras de

grandeza, tem sete filhos legitimos. 3º—D. Rosa Monica Nogueira Valle da Gama, nascida no Rio de Janeiro, a 16 de Janeiro de 1843, e casada em 22 de Maio de 1862, com seu primo José Calmon Nogueira Valle da Gama, nascido no Rio de Janeiro, a 22 de Julho de 1839, filho legitimo dos barões de Nogueira da Gama, bacharel em direito e deputado á Assembléa Geral pela provincia de Minas-Geraes em tres legislaturas, tem oito filhos legitimos. 4º—Braz Carneiro Nogueira da Gama, nascido no Rio de Janeiro, a 24 de Março de 1846, bacharel em mathematicas e sciencias physicas, e engenheiro civil, que casou-se em 8 de Janeiro de 1870, com sua prima D. Luiza Henriqueta Nogueira da Gama, nascida no Rio de Janeiro, a 22 de Outubro de 1852, filha legitima do coronel Braz Fernandes Carneiro Vianna e D. Maria da Gloria Arruda Vianna, tem tres filhos. 5º—D. Guilhermina Rosa Nogueira da Gama, nascida no Rio de Janeiro, a 9 de Fevereiro de 1857, solteira.

2.—O barão de Juparanã (Manoel Jacintho Carneiro Nogueira da Gama), nascido no Rio de Janeiro, a 4 de Abril de 1830, official da ordem da Rosa, coronel-commandante superior da guarda nacional e fazendeiro em Valença: teve assento na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro e foi presidente da Camara Municipal de Valença: falleceu solteiro a 25 de Junho de 1876.

3.—Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Gama, nascido no Rio de Janeiro, a 29 de Setembro de 1832, commendador da ordem de Christo, fazendeiro em Valença, veador da casa imperial e coronel reformado da guarda nacional, tendo sido por diversas vezes membro da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro. Casou-se com sua prima D. Luiza do Loreto Vianna de Lima Nogueira da Gama, nascida no Rio de Janeiro, a 5 de Dezembro de 1834, e

filha legitima dos duques de Caxias; tem presentemente um filho, que é Francisco Nicolau de Lima Nogueira da Gama, nascido no Rio de Janeiro, a 28 de Novembro de 1862, solteiro.

No Rio de Janeiro, Minas-Geraes e Pernambuco ha descendentes e parentes de—Braz Carneiro Leão—dos quaes não tratamos n'esta memoria, sendo entre aquelles—a actual baroneza de Fonseca Costa (D Josephina da Fonseca Costa), dama ao serviço de S. M. a Imperatriz, os dos finados marquez de Paraná (Honorio Hermeto Carneiro Leão) e barão de S. Braz (Braz Carneiro Leão) e d'outros nas ditas provincias.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1880

1ª SESSÃO EM 14 DE MAIO DE 1880.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom Retiro, conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Antonio Henriques Leal, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, tenente-coronel Francisco José Borges, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Ladislau de Sousa Mello Netto, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Rosendo Moniz Barreto, Caetano Baptista de Almeida Nogueira, João Brigido dos Santos, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que foi recebido com as honras do estylo ; e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Em sentidas palavras declarou o mesmo Sr. presidente que, no curto periodo decorrido desde a ultima sessão, em Dezembro do anno passado, até hoje, a mão certeira da morte arrebatára d'este Instituto não menos de oito de seus dignos membros, e são elles : Dr. José Bento da Rosa, Manoel de Araujo Porto-Alegre (barão de S. Angelo), Eduardo

Laemmert, Augusto Leverger (barão de Melgaço), brigadeiro Pedro Torquato Xavier de Brito, conselheiro Antonio da Costa Pinto, Theodoro Taunay e nomeadamente o nobre duque de Caxias; e que, profundamente commovido por tão lamentavel perda para o paiz e para este Instituto, elle, interpretando os sentimentos de cada um de seus membros, e na fórma do costume, com venia de S. M. o Imperador, ia suspender a sessão.

Em acto continuo pedindo a palavra o Sr. Rozendo Moniz Barreto, e sendo-lh'a concedida, leu o resumo do discurso que, por parte do Instituto, proferiu no acto de dar-se sepultura aos restos mortaes do invicto general duque de Caxias, distincto membro honorario d'este Instituto.

Eis o resumo:

« Firme no empenho de transmittir á posteridade as benemerencias de illustres varões, sustentaculos da patria, o Instituto Historico e Geographico do Brasil vem tomar parte na homenagem rendida ao passamento do egregio duque de Caxias.

Que edificante espectaculo, que eloquentissima lição entre as contingencias da vida e a magestade incomparavel da morte! Que indelevel exemplo da singeleza do grande cidadão, quando sóbe pela gloria ao fastigio das honras sem descer pelo orgulho na estima publica! É quanto agora se attesta no fervor da gratidão nacional, em torno do feretro do heróe, carregado pelo povo, nos braços de Briareu que esmigalha montanhas contrapostas á liberdade.

Adunam-se os partidos politicos, confundem-se as classes sociaes, nivelam-se as condições humanas, innobilisam-se os corpos na mesma attitude, movem-se as almas por uma só idéa — a continencia ao magnanimo consorte da victoria nos sangrentos embates da guerra e nas philantropicas conquistas da paz.

Indo ao encontro da justiça da historia, diz a patria : « Coberto de palmas de innumeras batalhas, elle só me deu este revez, desapparecendo d'entre os vivos. »

Diz a monarchia : « Perdi n'elle o maior baluarte da ordem, o melhor apoio do throno. »

Diz o exercito: «Elle era o infallivel precursor dos triumphos, o predilecto da gloria na pugna, a encarnação dos brios marciaes. »

Diz a familia : « Elle era o idolo do lar, aquecido no culto da moral ao sacro lume do amor, em honra das tradições que immortalisam o passado, em prol da educação com que se fórma e anima o porvir. »

Console-se a patria, resigne-se a monarchia, ufane-se o exercito, descance a familia com a certeza de que o benemerito varão fulgura, no meio dos redivivos, entre o legendario Osorio e o inclyto Porto-Alegre.

Ante manifestações taes, fôra uma offensa á memoria do povo repetir por miudo, serviços do obreiro immortalisado no reconhecimento popular.

Basta dizer que a historia não se edifica e impõe só com os traços da penna do sabio, a manusear os livros esses preciosos tijollos das seculares muralhas da civilisação chamadas bibliothecas. A historia se fundamenta e engrandece tambem com o impulso do gladio fulgente do guerreiro. Concatenam-se e medem-se os successos da vida dos povos pela abnegação do patriotismo nos campos de batalha.

Se é possivel resumir n'um só homem o passado autonomico de uma nação, a historia do prestantissimo duque de Caxias é a synthese mais gloriosa do vigor nacional nas lutas pela independencia, pela integridade do Imperio, pela desaffronta do paiz no estrangeiro.

Para quem foi tão grande na vida e póde crescer ainda

pela morte no apreço dos pequenos, para quem só annunciou victorias á patria pela voz do canhão e soube, poupando tanto sangue, apagar o incendio dos odios fratricidas, é já inutil a apotheose no calor da palavra ! O silencio da lagrima é a mais expressiva mostra da pobreza e reconhecimento dos vivos ante a modesta opulencia do finado.

Acima dos louros triumphaes, acima do respeito do throno, acima da continencia de um exercito de bravos, acima das saudades da familia, ergue-se inabalavel monumento, forte qual o coração do povo, mais decoroso do que todas as honras que exige a vaidade nos tumulos.

Essa obra monumental, esse trabalho de meio seculo, apenas se recommenda por um nome — Duque de Caxias.

Ante ella, curve-se reverente o genio da historia.

Gloria ao invicto cabo de guerra, ao gigante do dever, cujos prestimos e virtudes se traduzem perfeitamente n'esta immensa trilogia : Bravura, lealdade, bom senso.

Finda a leitura levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º secretario supplente.

2ª SESSAO EM 28 DE MAIO DE 1880.

Presidencia do Sr. visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da tarde presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Henriques Leal, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Tristão

de Alencar Araripe, Drs. Alfredo d'Escragnolle Taunay, Cezar Augusto Marques, Joaquim Pires Machado Portella, Pinheiro de Campos e Rozendo Moniz Barreto, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, occupando a cadeira de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Carta do consocio Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, datada de 14 do corrente, communicando que, por se achar doente e em uso de remedios, não póde comparecer á sessão.

Dita do Sr. 1º secretario conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes, communicando não poder comparecer, e enviando um officio que lhe dirigiu o Sr. 1º secretario da associação Retiro Litterario Portuguez, d'esta côrte, convidando, em nome do mesmo, a este Instituto para se fazer representar por meio de uma commissão de tres membros, na sessão solemne com que aquelle Retiro Litterario tem de commemorar o tri-centenario de Luiz de Camões no dia 11 de Junho proximo, no edificio da sociedade Congresso Gymnastico Portuguez. O Instituto aceitou o convite, e o Sr. presidente declarou que nomearia a commissão que tem de assistir áquella solemnidade.

Officio do consocio o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, expendendo motivos pelos quaes não podia continuar a servir o cargo de thesoureiro d'este Instituto, e solicitando sua exoneração. O Instituto aceitou a dispensa pedida, e o Sr. presidente nomeou interinamente para aquelle cargo ao Sr. conselheiro Olegario.

Dito do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares da collecção das leis d'aquella provincia, promulgadas pela respectiva Assembléa Legislativa na sessão de 1879.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, enviando um exemplar da collecção das leis e resoluções d'aquella provincia, tambem do anno proximo passado.

Dito do Sr. official-maior da secretaria do Senado, remettendo, de ordem da mesa do mesmo, uma collecção dos *Annaes* d'aquelle Senado correspondentes ás duas ultimas sessões legislativas ordinarias, e á extraordinaria de 1879; uma dita dos *Annaes* da sessão ordinaria de 1826; um exemplar do *Relatorio* de Abril, com addições, apresentado em Dezembro de 1878, e um dito da *Synopse* dos trabalhos pendentes de deliberação, organizado em Dezembro do anno proximo findo.

Dito do Sr. 1º secretario da secretaria da Imperial Sociedade Amante da Instrucção e Asylo dos Orphãos d'esta côrte, offerecendo os Relatorios da mesma sociedade, dos annos de 1877 e 1878.

Dito do Sr. Bibliothecario da Bibliotheca Publica de Porto-Alegre, na provincia do Rio-Grande do Sul, pedindo a este Instituto varios volumes de sua *Revista Trimensal*, para completar a collecção que aquella Bibliotheca já possue por doação particular.— Foi ao Sr. secretario para satisfazer a requisição.

Carta do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, offerecendo ás suas Memorias (manuscriptas), sob os titulos: *A Gruta do Inferno* na provincia de Matto-Grosso junta ao forte de Coimbra; e *Matto-Grosso*, seu clima e constituição medica. Rio de Janeiro, 1880.— Foram enviadas ás commissões de historia e de geographia para, sobre ellas, dar parecer.

Dita do Sr. Dr. Domingos J. N. Jaguaribe Filho, offertando um exemplar do seu livro com o titulo: *Arte de formar homens de bem*, offerecida ás mãis de familia. S. Paulo, 1880.

Dita do Sr. Estanislau S. Zeballos, presidente do Instituto Geographico Argentino, em Buenos-Ayres, offerecendo, em troca das *Revistas* d'este Instituto, o primeiro numero do *Boletim* d'aquella associação.

Houve as seguintes

OFFERTAS.

Pelo Sr. Ernest David, o seu livro sob o titulo: *Les operas du juif Antonio José da Silva (1705 — 1739), Extrait du journal des archives israelites.* Paris, 1880.

Pelo Sr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira, a sua These de concurso á uma das vagas da 1ª secção do curso geral da Escola Polytechnica. Rio de Janeiro, 1879.

Pelo Sr. Dr. Eduardo José de Moraes, varios exemplares impressos dos pareceres sobre o projecto apresentado sob o titulo: *O Canal de juncção da Laguna a Porto-Alegre*, e plano para execução do mesmo projecto. S. Paulo, 1879.

Pelo Sr. Bernardo Saturnino da Veiga *Almanak Sul-mineiro para 1874*, e *Encyclopedia Popular.* Campanha, 1879.

Pelo consocio Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, varios documentos (manuscriptos) a respeito dos emolumentos pagos com o trigo em S. Paulo, 1765.

Pelo Sr. Sebastião Pereira da Costa, o seu livro com o titulo: *Selecta*. Lisbôa, 1879.

Pelo Sr. Dr. Franco de Sá, *A Reforma da Constituição, Estudo de historia patria e direito constitucional.* Rio de Janeiro, 1880.

Pela redacção da *Revista Brasileira*, o tomo 3º e um numero de Fevereiro do corrente anno. Rio de Janeiro.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, o n. 3 do seu *Boletim* e novas memorias da mesma sociedade, tomo XIV, 1879.

Pela Sociedade de Geologia e de Geographia dos Estados-Unidos, os boletins do mez de Novembro de 1879. Washington, 1879, 2 fasciculos.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, os tomos 4º e 5º dos seus boletins, 1879.

Pela Sociedade de Geographia de Bordeaux, o *Boletim* de Dezembro tambem de 1879.

Pela redacção do *Archivo dos Açôres* o n. 5 da sua publicação periodica, destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Ponta Delgada, 1879.

Pela redacção do *Boletim do Canal interoceanico* o n. 7 de Dezembro de 1879. Pariz.

Varios jornaes enviados por alguns presidentes de provincia e redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Leu-se e foi remettido á commissão de Fundos e Orçamento, o seguinte requerimento :

« Requeiro que me sejam prestadas as seguintes informações :

1.ª Quanto é o dinheiro, que possue actualmente o Instituto ?

2.ª Em que está representada essa quantia ?

3.ª Se está depositada em algum Banco ou Caixa Depositaria ?

4.ª Sob que garantia de fiança?

Rio, 28 de Maio de 1880. — *Dr. Cezar Augusto Marques.* »

Foram enviadas á commissão de historia, as seguintes propostas:

1.ª Propomos para socio correspondente o Sr. Bernardo Saturnino da Veiga, residente em Minas-Geraes, servindo-lhe de titulo de admissão o *Almanak Sul Mineiro para 1874*, repleto de noticias historicas e geographicas sobre o sul d'essa provincia, e tambem a sua *Encyclopedia Popular*. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880.—*Dr. Cezar Augusto Marques.* — *Antonio Henriques Leal.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.*

2.ª Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Illm. Sr. Dr. Franklin Tavora, servindo de titulo de admissão a sua memoria historica *Os Patriotas de 1817*. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880.— *Dr. Cezar Augusto Marques.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.*— *Dr. Moreira de Azevedo.*— *J. Norberto de Sousa e Silva.*

3.º Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, o Sr. Francisco Gomes de Amorim, subdito portuguez, e membro effectivo da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, servindo de titulo para sua admissão, suas obras offerecidas a este Instituto, sobretudo o seu drama *Cedro Vermelho*, onde vem notas ethnographicas mui importantes; e o romance *Selvagens*. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880.—*Dr. Antonio Henriques Leal.*— *Dr. Moreira de Azevedo.*—*Dr. Cezar Augusto Marques.*

4.ª Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, servindo de titulo de admissão os interessantes trabalhos manuscriptos, que offereceu ao mesmo Instituto, sobre a provincia de

Matto-Grosso. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880. — *Escragnolle Taunay.* — *Portella.*— *O. H. de Aquino e Castro.*

Foram lidas as seguintes propostas:

1.ª Propomos que se inaugure na sala das sessões do Instituto o busto do distincto poeta Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, que foi uma gloria da patria e uma gloria d'este Instituto. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880.—*Dr. Moreira de Azevedo.*—*Carlos Honorio de Figueiredo.*—*Dr. Cezar Augusto Marques.*—*O. H. de Aquino e Castro.*—*J. Norberto de Sousa e Silva.*

Foi remettida á Commissão de Fundos e Orçamento.

2.ª Propomos que na sessão que tem de celebrar-se em 11 de Junho declare-se na acta que o Instituto Historico e Geographico do Brasil, associa-se intimamente ás manifestações prestadas no Brasil e Portugal ao eminente épico Luiz de Camões. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880. —*Dr. Moreira de Azevedo.*—*Carlos Honorio de Figueiredo.*—*Dr. Cezar Augusto Marques.*

Foi approvada.

3.ª Propomos que se nomeie uma commissão para, obtida do governo imperial e da illustrissima Camara Municipal, a necessaria autorização para fazer erigir n'esta côrte, na praça do Duque de Caxias, por meio de uma subscripção popular, uma estatua equestre á memoria do mesmo duque, digno da gratidão nacional pelos relevantissimos serviços prestados á patria no decurso de meio seculo.

A commissão constará de um presidente, de um secretario, um thesoureiro e de seis membros designados pelo presidente do Instituto Historico. Sala das Sessões, em 28 de Maio de 1880.—*Joaquim Norberto de Sousa e Silva.*—*Dr. Moreira de Azevedo.*—*Dr. Cezar Augusto Marques.*—

Carlos Honorio de Figueiredo.—Tristão de Alencar Araripe.—Alfredo de Escragnolle Taunay.—Candido Mendes de Almeida.—Dr. Antonio Henriques Leal.—Dr. Rozendo Moniz Barreto.—Joaquim Pires Machado Portella.

Ficou sobre á mesa.

Leu-se e approvou-se o seguinte parecer:

A commissão de Estatutos e de Redacção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo em attenção o officio junto, que ao mesmo Instituto dirigiu o presidente do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, é de parecer que se corresponda ao obsequioso convite feito ao Instituto, por aquella associação litteraria, nomeando-se uma commissão de cinco membros, da qual será relator o illustre orador do Instituto, afim de tomar parte na festividade commemorativa do 3º centenario de Luiz de Camões, que tem de ser celebrada n'esta côrte, no dia 10 de Junho proximo futuro.

A commissão, como representante immediata do Instituto, manifestará os sentimentos de fraternal cordialidade e perfeita adhesão com que o Instituto acompanha o Gabinete Portuguez de Leitura na patriotica e honrosa homenagem prestada ao grande e glorioso poeta, cuja memoria é igualmente cara á Portugal e ao Brasil.

N'este sentido entende a commissão que se deverá responder á presidencia do Gabinete Portuguez de Leitura, satisfazendo-se ao mesmo tempo a requisição constante da ultima parte do citado officio. Sala das sessões, em 20 de Maio de 1880.—*O. H. de Aquino e Castro.—Manoel Jesuino Ferreira.*

Foram unanimemente approvados, por escrutinio secreto, os dois pareceres da commissão de admissão de socios, ue haviam ficado sobre á mesa, a respeito da admissão ao

gremio do Instituto, dos Srs. Drs. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo e Augusto Fausto de Sousa, os quaes, pelo Sr. presidente, foram proclamados socios correspondentes.

Levantou-se a sessão ás 9 horas.

Dr. Moreira de Azevedo.

2º Secretario supplente.

3ª SESSÃO EM 11 DE JUNHO DE 1880.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, senador Candido Mendes de Almeida, tenente-coronel Francisco José Borges. Drs. Alfredo d'Escragnolle Taunay, Luiz Francisco da Veiga, Ladislau de Sousa Mello Netto, Manoel Jesuino Ferreira, João Brigido dos Santos e Joaquim Pires Machado Portella, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da anterior, o Sr. presidente, obtendo a imperial venia, declarou que tinha o profundo pezar de communicar ao Instituto que, depois da primeira sessão, celebrada em 14 de Maio ultimo, na qual deu conta

da infausta perda de oito de seus dignos membros, em tão curto periodo decorrido até hoje, a mão da morte arrebatou mais quatro distinctos consocios, são elles: marechal de campo Pedro Maria Xavier de Castro, desembargador Venancio José Lisbôa, conselheiro Antonio Pereira Pinto e Dr. Pedro Guilherme Lund, que muitos serviços prestaram á patria e ao Instituto; e que, segundo o estylo e em demonstração de pezar por tão sentida perda, propunha o levantamento da sessão.

Sendo a moção unanimemente approvada, levantou-se a sessão.

C. Honorio de Figueiredo,

2º secretario.

4ª SESSÃO EM 18 DE JUNHO DE 1880.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. visconde do Bom Retiro.

As 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom Retiro, conselheiro José Ribei o de Sousa Fontes, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, Luiz Francisco da Veiga, conselheiros Guilherme Schüch de Capanema e Tristão de Alencar Araripe, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Cezar Augusto Marques, João Ribeiro de Almeida, Caetano Baptista de Almeida Nogueira, João Brigido dos Santos, Joaquim Pires Machado Portella, Manoel Jesuino Ferreira e Augusto Fausto de Sousa, annunciou-se a chegada de

S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, enviando dois exemplares das leis e resoluções d'aquella provincia, promulgadas no anno proximo passado.

Dito do Sr. Dr. J. J. de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, communicando achar-se, desde Novembro ultimo, nomeada pelo governo imperial, a commissão central brasileira de permutações, da qual elle faz parte como presidente, e que achando-se a commissão já em correspondencia directa com as de varios Estados da Europa e da America, dava d'isso conhecimento a este Instituto, pondo á sua disposição os seus serviços no interesse das sciencias, e remettendo 3 exemplares das *Instrucções Provisorias* porque se rege a referida commissão.

Carta do Sr. H. Wishsmann, datada de Gotha, declarando que tendo sido encarregado, pelo Dr. Behm, da continuação do artigo *Sociedades de Geographia* e jornaes geographicos, para a proxima edição do *Annuario Geographico*, solicitava d'este Instituto dados estatisticos concernentes: aos seus membros honorarios, effectivos e correspondentes; á sua receita, o *quantum* da subvenção que percebe do governo, e quanto despende com as suas publicações e expedições scientificas, etc., afim de ser tudo mencionado na proxima publicação do *Annuario*, em Setembro do corrente anno, e por isso desejava obter esses

esclarecimentos até fins de Junho, e que do mesmo *Annuario* remetteria um exemplar.— Á mesa para satisfazer o pedido.

Houve as seguintes

OFFERTAS.

Pelo Sr. bibliothecario da Bibliotheca Publica da côrte o *Catalogo da Exposição Camoneana*, realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, a 10 de Junho de 1880, e *Memoria sobre o exemplar dos Luziadas* da bibliotheca particular de S. M. o Imperador, pelo conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, publicada á expensa da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do centenario de Camões. Rio de Janeiro, 1880.

Pelo Sr. João Brigido dos Santos, *Resumo chronologico da Historia do Ceará, segundo os documentos conhecidos até* 1875. Fortaleza, 1876.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, o seu folheto, sob o titulo: *Movimento politico da provincia de S. Paulo em* 1842 : *causas que occasionaram*. Santos, 1879.

Pelo Sr. Dr. José Maria Velho da Silva : *Discurso pronunciado na augusta presença de Suas Magestades Imperiaes* a 15 de Fevereiro de 1880 no Imperial Collegio de Pedro II. Rio de Janeiro. 1880.

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, *Guia postal do Imperio*, organizada por ordem do governo, por uma commissão do Correio geral.

Pelo Sr. Paulo Porto-Alegre, *Monographia do café, historia, cultura e producção*. Lisbôa, 1879.

Pelo Sr. J. Du Fiet, *Abregé de Géographie, redigé conformement au programme du gouvernement, à l'usage de l'enseignement moyen du degré inferieur, 8e edition*, 1877.

Cours gradué de géographie à l'usage de l'enseignement moyen, 2me *partie*. Bruxellas, 1878.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Observações meteorologicas e magneticas feitas pelos exploradores portuguezes Hermenegildo de Brito Capello e Roberto Ivens*. Lisbôa, 1879,

Pelo Sr. Salvador de Mendonça, a sua obra sob o titulo: *Trabalhadores Asiaticos*. New-York, 1879.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, dois fasciculos do *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*. Pariz, 1880.

Pela Sociedade de Geographia de Pariz, o seu *Boletim* de Janeiro de 1880.

Pelo Sr. F. A. Brockhaus, livreiro, em Leipzig da parte da Academia Imperial das Sciencias de Vienna as seguintes: *Actas da classe philosophica*, 20 vols.; *Actas da classe de mathematicas*, 34 vols.; *Memorias da classe philosophica*, 8 vols.; *ditas de mathematica*, 7 vols.; *Archivo Historico*, 9 vols.; *Almanak da Academia*, 6 vols.; *Fontes rerum austriacarum*, 4 vols.; *Annaes do Observatorio de Munich*, 1 vol.; *Relação de estrellas*, 1 vol.; *Relação de Observadores de auroras boreaes*, 1 vol.; *Boletim* da Sociedade de Sciencias naturaes de Neuchatel, 2 vols.

Pelo Sr. P. Tournafond, redactor em chefe da revista sob o titulo: *L'Exploration, Révue des conquistes de la civilisation sur tous les ponts du globe*. Pariz, 1880, 1 numero; e pedindo a remessa das *Revistas* d'este Instituto em troca das suas.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Leu-se e foi remettida á commissão subsidiaria de geographia a seguinte proposta :

« Propomos para socios correspondentes do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, o Sr. J. B. Leagré, lugar-tenente-general, commandante e director dos estudos da Escola Militar, secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias, Letras e Bellas Artes da Belgica, presidente da Sociedade Belga de Geographia, e actualmente ministro da guerra na Belgica ; e bem assim o Sr. J. du Fief, professor do Atheneu Real e da Escola Normal de Bruxellas, e secretario geral da Sociedade Belga de Geographia, servindo de titulo para admissão do segundo, os seus trabalhos: *Curso de geographia* e *Compendio redigido conforme o programma do governo, para uso do ensino do gráo inferior*, que se acham reunidos.— Sala das sessões, em 18 de Junho de 1880.— *Carlos Honorio de Figueiredo.— Dr. Cesar Augusto Marques.— Tristão de Alencar Araripe.* »

Foi unanimemente approvada a seguinte proposta :

« Propomos que se declare na acta da presente sessão, que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro recebeu com o mais profundo pezar a noticia do fallecimento do muito distincto e benemerito brasileiro Antonio Pereira Pinto, socio effectivo do mesmo Instituto. — Sala das sessões, em 18 de Junho de 1880.— *Luiz Francisco da Veiga.— Barão Homem de Mello.— O. H. de Aquino e Castro.— João Brigido dos Santos.— Dr. B. Franklin Ramiz Galvão. — Dr. Sebastião Ferreira Soares. — Alfredo d'Escragnolle Taunay. — Dr. Moreira de Asevedo.— Felizardo Pinheiro de Campos.— Francisco José*

Borges. — Ladislau Netto. — Manoel Jesuino Ferreira. —Joaquim Pires Machado Portella. — Dr. Cesar Augusto Marques. — Dr. Maximiano Marques de Carvalho. — T. de Alencar Araripe. — Dr. João Ribeiro de Almeida. — Baptista Caetano de Almeida Nogueira. — Augusto Fausto de Sousa — Sousa Fontes. — Guilherme S. de Capanema. »

Ficou ainda sobre a mesa a proposta (já transcripta na acta da sessão de 28 de Maio ultimo) relativa ao projecto de elevação de uma estatua equestre dedicada á memoria do benemerito finado socio honorario duque de Caxias.

Foi á commissão de Estatutos e de Redacção, a seguinte proposta :

« Art... As obras o trabalhos impressos, apresentados como titulos de admissão para membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, devem ser acompanhados de uma carta dos respectivos candidatos, pela qual manifestem o desejo de pertencer ao gremio do mesmo Instituto.

Esta formalidade é dispensada aos autores estrangeiros e áquelles que tiverem escripto obras de grande vulto. S. R. — *Escragnolle Taunay. — Dr. Moreira de Azevedo. — João Brigido dos Santos. — Ladislau Netto. — C. H. de Figueiredo. — J. P. Machado Portella. — Francisco José Borges. — Luiz Francisco da Veiga. — Felizardo Pinheiro de Campos.* »

Leram-se os tres pareceres abaixo transcriptos, sendo os dois primeiros enviados á commissão de admissão de socios, e o 3º á de geographia :

« 1.º A commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro examinou com todo o cuidado a memoria *Os Patriotas de* 1817, escripta pelo Illm. Sr. Dr. Franklin Tavora, o qual, em sessão de 28 do mez proximo findo, foi proposto para socio correspondente do mesmo Instituto.

« Pelo exame que fez, d'esse trabalho, julga-o mais uma narrativa, felizmente feita com bastante talento e criterio, d'esses acontecimentos historicos promovidos em Pernambuco, n'essa éra, já pelo patriotismo, já pela imprudencia ou impaciencia, e já, finalmente, por differentes apreciações sob prismas diversos de muitos de seus habitantes.

« São, para assim dizer, lutas encandescentes de nossos dias, e por isso ainda não ha a verdadeira calma e isenção do espirito para serem apreciadas, como é de mister. Tanto é verdade, que até hoje os diversos escriptores d'esses factos não são concordes em seus julgamentos.

« Emquanto se espera «juiz desinteressado e desprevenido, que saiba e queira cumprir o preceito de Tacito » , julga a commissão ser de proveito aceitar todos os escriptos e animar todos os autores, que descrevem esses tempos, onde innegavelmente brilha muito patriotismo, santificado até pelo martyrio. N'este caso está o Dr. Franklin Tavora, embora sinta a commissão dizer, que leu com profundo pezar as apreciações, por demais severas, que o mesmo senhor fez do nosso finado consocio o visconde de Porto Seguro, o douto e incansavel Varnhagen, a quem o Instituto Historico, o Brasil e especialmente a historia patria, tanto devem.

« Consola-se, porém, com a esperança de que um dia, não muito longe, o illustre candidato, apreciando melhor esse distincto brasileiro, será o primeiro a concordar na justiça, que a commissão agora faz, não deixando passar desapercebidas essas palavras.

« Feito, porém, este reparo, julga a commissão que essa Memoria, escripta em bôa linguagem portugueza, revela no autor estudo aturado, talento cultivado, conhecimentos colhidos com empenho, amor á sua terra natal, e propensão bem saliente para a ordem de estudos, de que se occupa o nosso Instituto.

« A commissão nimiamente escrupulosa na investigação das habilitações especiaes do canditato, não se contentou só com o estudo d'essa Memoria. Foi mais além, no estudo de outros trabalhos do mesmo Sr. Dr. Franklin Tavora. Leu *Os Indios de Jaguaribe*, romance historico em quatro livros. É a historia contada em linguagem amena, da colonisação do Ceará no seculo XVII por Pedro Coelho de Sousa, que em 1603 teve ordem de percorrer aquellas costas de mar, afim de perseguir e expulsar o francez Bombille, que por ahi fazia o contrabando do Páo-Brazil, e que depois de muitas lidas, navegando pelo rio Jaguaribe, ahi estabeleceu uma povoação.

« Apreciou tambem dois outros romances não inferiores a este — *O Cabelleira*, narrativa historica da provincia de Pernambuco, e o *Matuto*, que tem por assumpto a bem conhecida *Guerra dos Mascates*.

« A fórma de romance é mais agradavel ás pessoas menos lidas, e assim derramam-se insensivelmente pelo povo esses conhecimentos que tanto desejamos vêr espalhados como uteis e necessarios; aguça-se a curiosidade, promove-se o gosto das leituras historicas e talvez se forme assim, ou se desenvolva, vocação para mais alto commettimento n'este genero.

« Á vista do que acaba de expôr, é a commissão de parecer, que com toda a satisfação seja acolhido o illustre candidato.

« A sabedoria e justiça do Instituto decidirão o que fôr mais acertado.—Sala das sessões, em 18 de Junho de 1880. —*Dr. Cesar Augusto Marques.—Luiz Francisco da Veiga.*»

« 2.º A commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, obedecendo á ordem recebida, estudou e *Almanak Sul Mineiro para* 1874, como obra designada para a admissão de seu autor o Sr. Bernardo Saturnino da Veiga.

« Além do Calendario e do outras publicações indispensaveis em trabalhos d'esta ordem, traz uma longa e minuciosa noticia historica do sul da provincia de Minas-Geraes desde 1573 quando, no tempo do governo geral de Luiz de Brito e Almeida, o intrepido Sebastião Fernandes Tourinho, subindo o rio Doce, embrenhou-se por esses sertões, e pisando ouro e esmeraldas, abriu caminho por entre mattas virgens, soffrendo privações sem conta, e affrontando toda a sorte de perigos.

« Termina esse ligeiro esboço historico no tempo do governador D. Bernardo José de Lorena depois conde de Sarzedas, em 1798.

« Traça elle, sempre em relação á essa parte da provincia, os limites e extensões, descreve a orographia e hydrographia, o seu clima, os productos mineraes e vegetaes, a população e a agricultura, a creação e industrias, artes e officios; o commercio e vias de communicação, as instituições locaes, como sejam as casas da municipalidade, bibliothecas, theatros, hospitaes de caridade, praças de mercado, igrejas, cemiterios publicos, estabelecimentos bancarios, instrucção publica e particular, etc., etc.

« Designa as comarcas, os municipios e as freguezias. Mostra as suas divisões, as rendas das collectorias geraes e provinciaes, e offerece muitos outros dados estatisticos.

« Tratando do bispado de Marianna, occupa-se largamente de cada uma de suas freguezias; indica a época de suas creações, suppressões e alterações, e por ultimo tem uma parte de subido valor, qual a biographia dos filhos distinctos, por qualquer fórma d'essas diversas localidades.

« Com um co're de joias litterarias e historicas de tão subido valor, veiu elle bater ás portas do nosso Instituto.

« Á vista do que a commissão ligeiramente expendeu a respeito d'esta obra, de incontestavel merito litterario, fructo

de muito trabalho, de grandes fadigas, e que revelam genio estudioso, illustrado e investigador, cumpre ella um dever e o faz com muita satisfação, dizendo ter o candidato, e em grande cópia, todos os requisitos exigidos pela nossa lei organica para conseguir um lugar entre nós.

« Esta é a nossa humilde opinião, porém o Instituto Historico proferi á a sua sentença com aquella justiça que o distingue.— Sala das Sessões, em 18 de Junho de 1880.— *Dr. Cesar Augusto Marques.— Luiz Francisco da Veiga.* »

« 3.º A commissão de Historia, cumprindo o que lhe foi ordenado em officio de 29 do mez proximo passado, vem hoje dar conta ao Instituto Historico e Geographico das impressões recebidas com a leitura do manuscripto *A gruta do Inferno na provincia de Matto-Grosso junto ao Forte de Coimbra* pelo Illm. Sr. Dr. João Severiano da Fonseca.

« Esta gruta, que se encontra nas entranhas do monte, onde foi construido o Forte de Coimbra por ordem do governador Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, julga-se ter sido pela primeira vez investigada, em 1791, pelo engenheiro sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra.

« Foi elle quem lhe deu tal nome por ser escurissima nas horas mais brilhantes do dia, como se lê n'um escripto publicado á pag. 363 do tomo IV da nossa *Revista Trimensal.*

« A descripção, feita por elle ao governador e capitão-general João de Albuquerque, foi sem duvida a causa de ser o Doutor em philosophia A'exandre Rodrigues Ferreira incumbido do estudo d'essa immensa caverna, na verdade mui notavel.

« A carta que em 5 de Maio de 1791, elle escreveu á tal respeito, está tambem impressa no volume já citado.

« Encontra-se tambem noticias d'ella no *Extracto da*

descripção geographica da provincia de Matto-Grosso, feita em 1797 pelo dito sargento-mór de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

« Esse manuscripto offerecido ao Instituto pelo conego José da Silva Guimarães, está tambem publicado á pag. 156 tomo VI da nossa *Revista.*

«Confrontando-se esses escriptos já publicados com a *Memoria* do Illm. Sr. Dr. Severiano da Fonseca reconhece-se facilmente ter sido elle mais minucioso nas investigações e mais methodico nas descripções da exploração, que com innegavel coragem emprehendeu affrontando perigos e vencendo fadigas.

« Revela o seu manuscripto talento cultivado, genio trabalhador, e, sem duvida, inclinação para essa ordem de estudos.

« Não deseja a commissão prevenir o espirito dos futuros leitores, do estado actual da *Gruta do Inferno,* e por isso não se demora em mais considerações.

« Apressa-se, porém, cumprindo um dever, em julgar o talentoso autor d'esse manuscripto no caso de fazer parte d'este Instituto.—Sala das Sessões, em 18 de Junho de 1880.— *Dr. Cesar Augusto Marques.— Luiz Francisco da Veiga.* »

O Sr. Dr. Augusto Fausto de Sousa, pedindo a palavra, agradeceu ao Instituto o havel-o admittido em seu gremio, como membro correspondente, assegurando que empregaria esforços para corresponder a benevolencia e conceito do mesmo Instituto.

O Sr. João Brigido dos Santos, tambem obtendo a palavra, procedeu a leitura de um seu trabalho sob o titulo: *Rectificação á Historia do Brasil de* 1831 *a* 1840 *do conselheiro J. M. Pereira da Silva, na parte relativa á provincia do Ceará.*

Terminada a leitura, o Sr. presidente obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,
2º secretario.

5ª SESSÃO, EM 2 DE JULHO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde do Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Alfredo de Escragnolle Taunay, Felizardo Pinheiro de Campos, barão Gustavo de Schreiner, Maximiano Marques de Carvalho, João Brigido dos Santos, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, tenente-coronel Francisco José Borges, Nicolau Joaquim Moreira, e Baptista Caetano de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo dois exemplares do relatorio que apresentou á

assembléa legislativa provincial por occasião de sua installação em 13 de Fevereiro ultimo.

Dito do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar do relatorio que o seu antecessor Dr. Luiz Augusto Crespo apresentou á assembléa legislativa d'aquella provincia em 10 de Setembro de 1878; e outro do com que o mesmo senhor entregou a administração ao 1° vice-presidente Dr. Theodoro Rodrigues de Moraes, em 14 de Janeiro de 1879.

Dito do Sr. presidente do gabinete portuguez de leitura, n'esta côrte, offerecendo, em nome do mesmo gabinete, a este Instituto, um exemplar do poema os *Luziadas*, edição commemorativa do 3° centenario de Camões, mandada fazer por esta occasião, e bem assim uma das medalhas tambem commemorativas d'aquelle centenario e do lançamento da pedra fundamental do novo edificio do referido gabinete; e agradecendo o concurso prestado pelo Instituto Historico Brasileiro áquella associação por occasião do referido centenario.

Carta do consocio Sr. Dr. Ladislau Neto, communicando não poder comparecer á esta sessão por se achar ausente da côrte, e enviando dois exemplares da *Planta hydrographica dos ancoradouros de Itaqui e ilha do Medo*, que o seu autor o Sr. capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça offerece a este Instituto para serem reunidos aos seus trabalhos anteriormente apresentados como titulos de admissão.

Officio do Sr Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, agradecendo ao Instituto o haver-lhe conferido o titulo de seu membro correspondente, e promettendo empregar seus esforços para corresponder á benevolencia do mesmo Instituto.

Officio da viuva de Manoel Eufrazio de Azevedo Marques, concebido nos seguintes termos :

« Illms. e Exms. Srs.—Tendo meu finado marido Manoel

Eufrazio de Azevedo Marques deixado em manuscripto a obra intitulada—*Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, fructo de aturadas pesquizas e de longos annos de trabalho, e faltando-me recursos para publical-a, offereci-a á S. M. o Imperador, desvelado protector das lettras, que dignou-se aceital-a, e por sua vez offerecel-a ao Instituto Historico. E tendo esta illustre associação resolvido, de accordo com o parecer da sua commissão de estatutos, publicar a obra, destinando a mim e a meus filhos 500 exemplares da edição que houvesse de tirar, summamente penhorada pela generosidade do Instituto Historico, cumpro o dever de communicar-lhe que já estou de posse do seu valioso donativo, e peço venia para render-lhe os protestos da mais profunda e inalteravel gratidão.

« Deus guarde a VV. EEx.—S. Paulo, 29 de Junho de 1880.—Illms e Exms. Srs. presidente e mais socios do Instituto Historico Geographico Brasileiro.—*Maria das Dôres do Amaral Marques.* »

Houve as seguintes :

OFFERTAS

Pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda—*Proposta e Relatorio apresentados á Assembléa Geral Legislativa* pelo ministro e secretario de Estado conselheiro José Antonio Saraiva. Rio de Janeiro, 1880; e o *Relatorio* que ao mesmo Sr. ministro apresentou o seu antecessor o Sr. conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, ao passar-lhe a pasta. Rio de Janeiro, 1880.

Pela secretaria do Imperio a *Revista Brasileira*, tom. 4° do 2° anno—*Homenagem a Luiz de Camões*, 10 de Junho de 1880.

Pelo Sr. secretario da Secretaria do Senado—*Synopse dos objectos pendentes de deliberação do Senado* em 13 de Novembro de 1879; *Relatorio dos trabalhos do Senado*

para ser apresentado na 1ª sessão preparatoria em Abril de 1878; e *Addições ao relatorio dos trabalhos do Senado* em 9 de Abril de 1879.

Pelo Sr. Presalindo Lery Santos, o manuscripto—*Bosquejo historico e descriptivo da cidade do Rio de Janeiro*, 1880.

Pelo Sr. Dr. Alfredo Piragibe, o manuscripto sob o titulo *Memoria Historica da Legislação Sanitaria do Imperio do Brasil desde* 1822 *até* 1878.

Pelo Sr. Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, o manuscripto *Cathecismo da Doutrina Christã*, na lingua guarani.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o *Boletim* da mesma, tom. 4º, fasciculo 4º de 1879.

Pela Sociedade Normanda de Geographia, os boletins dos mezes de Maio a Dezembro de 1879—2 fasciculos. Rouen, 1879.

Pela Sociedade de Geographia de Pariz, os *Boletins* de Setembro a Dezembro de 1872.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, o *Boletim* de Dezembro tambem de 1879.

Pela Sociedade Americana de França, as actas da mesma, da Secção de Instituição Ethnographica, publicadas por Alph. Jouault, secretario geral. Pariz, 1879, 1 vol.

Pela redacção do jornal a *Mãi de Familia*, o n. de Maio do presente anno.

Pela redacção do *Boletim* do *Canal Interoceanico em Pariz*, o n. 8 de Dezembro de 1879.

Pela Academia Real das Sciencias da Suecia, uma medalha em bronze de A. E. Nordenskeold, no verso da qual se lê: *Oras Asiæ borealeas primum circumnavigantibus Reg. Acad. Scient.* Suec., 1879.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se as seguintes propostas :

« 1.ª Propômos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Dr. Alfredo Piragibe, servindo de titulo de admissão a erudita e muito interessante *Memoria Historica da Legislação Sanitaria do Imperio do Brasil*, desde 1822 até 1878, escripta pelo candidato, e por elle offerecida ao referido Instituto para aquelle fim.—Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880.—*Luiz Francisco da Veiga.—Carlos Honorio de Figueiredo.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Baptista Caetano de Almeida Nogueira.* »

Foi á Commissão de Historia para dar parecer.

« 2.ª Propômos que seja impresso na *Revista Trimensal* o manuscripto existente na bibliotheca do Instituto, sob o titulo *A Grammer and Vocabulary of the Tupi Language, by John Luccok*; devendo ser feita uma tiragem de mais cem exemplares para serem distribuidos na Europa e na America pelas bibliothecas e sociedades que se occupam com estudos linguisticos.—Sala das sessões do Instituto, 2 de Julho de 1880:—*Baptista Caetano de Almeida Nogueira.—Felizardo Pinheiro de Campos.* »

Foi á Commissão de Estatutos e Redacção.

Ficou sobre a mesa a proposta, precedida de considerações e de uma carta que seguem :

Considerações :

O art. 2º dos nossos Estatutos diz o seguinte : o Instituto procurará manter correspondencias com sociedades e academias estrangeiras de igual natureza, e se ramificará nas provincias d'este Imperio para mais facil desempenho dos fins a que se propõe.

A historia do Brasil deve ser fundada em factos verdadeiros ; deve ser a narração dos feitos gloriosos de nossos concidadãos. Para se formarem estes peitos valentes, esses espiritos illustrados e fortes, é necessario instruil-os com os conhecimentos das sciencias e das artes. Por estas razões os fundadores d'este Instituto reuniram a historia ao estudo da geographia, ao estudo das sciencias geographicas que dêm aos brasileiros os conhecimentos certos da grandeza de sua patria, se fôr possivel até o ultimo grão de suas arêas, até a ultima gotta de seus mares e de seus rios. Portugal sahiu da villa pedregosa de Sagres do Algarve para descobrir e conquistar a Africa, as Indias e o Novo-Mundo. O Infante D. Henrique foi o mestre de Gonsalves Zarco, Velho Cabral, Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Alvares Cabral, Côrte-Real, Fernam de Magalhães, e mesmo de Christovão Colombo e Americo Vespucio. Foi da academia de Sagres que sahiram as idéas das grandes descobertas do velho e novo mundo. Este Instituto Historico deve se abraçar com a Cosmographia e com as sciencias geographicas que com ella estão intimamente ligadas como o infante D. Henrique se abraçou com ellas; não para o Instituto fazer novas conquistas, mas para conhecer o nosso proprio paiz e formar cidadãos benemeritos da patria, que a futura historia do Brasil apresentará.

Este Instituto não completará a sua missão gloriosa sem crear uma escola de Cosmographia, Astronomia e Sciencias Geographicas.

Antes de findar estas considerações, eu peço licença a este Instituto para lêr aqui uma carta que me foi escripta em Pariz pelo barão Reille, presidente do Congresso Internacional de Sciencias Geographicas, reunido em Pariz em 1875.

Carta.

« Congrés International des Sciences Géographiques. — Palais des Tuilleries (Port sud) Commissariat général. Paris, 18 Setembre 1875.—Monsieur Marques de Carvalho.— C'est pendant mon absence de Paris que votre lettre est parvenue au Commissariat Général ; je m'empresse, aussitôt de retour de vous assurer de notre vive gratitude pour l'interêt que manifeste par votre intermédiaire l'Institut Historique et Géographique du Brésil, pour le Congrés International de Paris.

« Jusqu'au dernier jour le Commissariat Général avait conservé l'espoir que le Brésil occuperait à coté des autres nations le rang que lui assurent la solicitude éclairé de son Souverain pour la science et les efforts dévoués de ses savants et de ses sociétés scientifiques.

« Nous avons vivement regretté que de circonstances de force majeur n'aient pas permi à l'Empire de se faire répresenter ; mais en l'absence de tout produit venant du Brésil, il serait difficile que les rapports du Congrès fissent mentions de collections que celui-ci n'a pu aprecier.

« C'est seulement en effet dans les rapports du jury que seront indiqués les objects presentés par les differentes nations, et dans cette situation, vous comprendrez y je n'en doute pas l'impossibilité pour les rapporteurs d'y comprendre les travaux si méritoires de votre Institut, que tous connaissent en tant qu'individus, mais qu'ils ne peuvent juger comme jury.

Votre société, si honorée par les concours gracieux de Sa Magesté l'Empereur D. Pedro qui a daigné de figurer au nombre de ses membres, aurait été particulièrement heureuse de donner à la science brésilienne en témoignage de sa vive sympathie, nous espérons que l'occasion s'en

représentera et de nous vous demander de ne pas douter, Monsieur Marques de Carvalho, de nos sentiments de profond dévouement par votre pays et des sentiments personels de haute considération avec les quels j'ai l'honneur d'être votre très humble serviteur.—Le Commissaire Général, *Baron Reille.* »

Proposta :

« Proponho que este Instituto, representado pelo seu presidente, solicite do governo imperial a creação de uma escola de Cosmographia, comprehendendo a Astronomia, e tambem todas as sciencias geographicas : sendo creados gabinetes com os instrumentos e apparelhos necessarios para os estudos praticos d'essas sciencias, comprehendendo uma officina de cartographia. Proponho mais que este Instituto organize o plano d'esta escola, e que o apresente ao governo imperial, designando o lugar em que ella deve ser fundada, o qual deverá ser em Angra dos Reis, no lugar denominado Jacuecanga.—Sala das sessões do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, em 2 de Julho de 1880.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* »

Continuou sobre a mesa a proposta relativa ao projecto da erecção da estatua equestre á memoria do socio honorario duque de Caxias.

O Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, obtendo a palavra, leu parte de um trabalho seu, sob o titulo *Noticia sobre a maioridade de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II.*

Ás nove horas, obtida a venia de S. M. o Imperador, levantou-se a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

2º secretario.

6ª SESSÃO, EM 16 DE JULHO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Henriques Leal, senador Candido Mendes de Almeida, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiros Guilherme Schück de Capanema e Tristão de Alencar Araripe, Manoel Jesuino Ferreira, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Rozendo Moniz Barreto, João Brigido dos Santos e Dr. Luiz Francisco da Veiga, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida, pelo Sr. 2º secretario, a acta da antecedente, e posta em discussão, foi approvada depois de algumas observações feitas pelo Sr. Dr. Marques de Carvalho.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que no dia 1º de Maio proximo findo, abriu a sessão da assembléa d'aquella provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, enviando um exemplar da *Falla com que installou a 1ª sessão ordinaria da 23ª legislatura da Assembléa Provincial*.

Dito do Sr. director da 2ª directoria da Secretaria de Estado dos negocios do Imperio, remettendo dois volumes contendo as seguintes publicações, que por intermedio d'aquella Secretaria de Estado, a Academia Real de Scien ias de Lisbôa offerece ao Instituto, a saber:

Memorias da Academia—2ª classe—tom. IV, parte 2ª.

Historia dos Estabelecimentos Portuguezes—tom. V a VII.

Quadro Elementar—tom. XII e XIII.

Corpo Diplomatico—tom. V.

Historia do Congo.

Castilho—*Comedias de Molière*—5.

Conferencias ácerca dos descobrimentos portuguezes na Africa.

Relatorios da Academia, de 1875—1877.

Lendas da India—tom. I a IV.

Subsidios para a historia da India—tom. V.

Decada de Bocarro—tom. VI.

Elogio de José Bonifacio de Andrada e Silva.

Officio do Sr. Dr. J. J. de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, presidente da commissão central brasileira de permutações internacionaes, enviando o catalogo da bibliotheca da Sociedade Nacional das Sciencias Naturaes de Cherbourg—2ª parte, e *Memorias da Sociedade Nacional de Sciencias Naturaes e Mathematicas*—tom. XXI, 3ª serie, que o Sr. Xavier Charmes, chefe do serviço de permutações internacionaes de França, remetteu á commissão central brasileira.

Carta do Sr. P. Tournafond, redactor em chefe de *l'Exploration, Revue de conquêtes de la civilisation sur tous les ponts du Globe,* que se publica em Pariz, pedindo que este Instituto lhe envie com urgencia, para serem publicadas na secção de geographia, as seguintes informações:

1.ª Em que data fundou-se o Instituto?

2.ª Por quem?

3.ª Quem são actualmente seu presidente e secretario geral?

4.ª Qual o numero de seus membros?

5.ª Em que época apparece seus boletins?

6.ª Em que jornaes se publicam seus trabalhos?

7.ª Sua denominação exacta.

8.ª Quaes são no Brasil os jornaes e revistas que se occupam de sciencias geographicas?

Ao Sr. secretario para satisfazer o pedido.

Officio do consocio Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto, offerecendo varios exemplares da sua these para o concurso ás cadeiras de philosophia do Collegio de Pedro II, e do opusculo que collegiu em prosa e verso, sob o titulo *Preito a Camões*, por occasião do tri-centenario d'este immortal poeta.

Carta do Sr. Dr. Domingos José Bernardino de Almeida, offerecendo um exemplar da *Revista da Exposição Portugueza* no Rio de Janeiro em 1879.

Dita do Sr. Claudio José da Silva, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, offerecendo, em nome de seu irmão o Sr. José Claudio da Silva, um exemplar da *Historia da Guerra do Brasil com a Hollanda*, escripta por Barlœus, edição de 1647.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela secretaria da agricultura, de um exemplar do *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 3ª sessão da 17ª legislatura, pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro Manoel Buarque de Macedo, 1880.

Pelo Sr. Basilio Carvalho Daemon, *Provincia do Espirito*

Santo, sua descoberta, historia chronologica, synopse e estatistica. Victoria, 1879.

Pelo Sr. Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcanti, *Proesas ou falsidades, ou a impostura desmascarada pela victima da execranda maldade official. Ad perpetuam rei memoriam.*— Pernambuco, 1880.

Pela redacção do Club da lavoura da cidade de Campinas, um exemplar do *Relatorio* apresentado pela directoria em sessão da assembléa geral do mesmo club, no dia 17 de Maio do corrente anno.

Pelo Sr. José Maria Corrêa de Frias, o *Diario do Maranhão* de quinta-feira, 10 de Junho de 1880, numero consagrado á memoria de Luiz de Camões. Edição especial.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, o *Boletim* da mesma do mez de Abril de 1880.

Pela Sociedade Normanda de Geographia, os *Boletins* de Março e Abril tambem do presente anno.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Continuou sobre a mesa a proposta do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho (transcripta na acta anterior), a respeito da creação de uma escola de cosmographia, etc.

Ficaram tambem sobre a mesa a proposta, emenda additiva e parecer abaixo transcriptos.

Proposta :

« Tendo este Instituto associado-se á idéa de levantar-se uma estatua ao general Osorio, marquez do Herval, e em seguida iniciado o pensamento de erigir-se tambem a estatua do duque de Caxias, propomos que, associando os

serviços civis aos militares, adopte este Instituto a idéa de levantar-se em frente ao Senado, na praça da Acclamação, a estatua de Honorio Hermeto Carneiro Leão, marquez de Paraná.

« Será esse acto de summa justiça e um preito rendido, não só aos serviços prestados ao paiz pelo grande estadista, como ás suas qualidades moraes e á elevação de sentimentos de que nunca discrepou.

« É innegavel que até hoje todos são concordes sobre a importancia dos serviços prestados pelo illustre marquez, e o paiz inteiro inclina-se diante da memoria d'esse homem que incontestavelmente foi, podemos dizêl-o, o primeiro de uma geração politica que teve Olinda, Sapucahy, Itaborahy, Euzebio de Queiroz Mattoso da Camara, Nabuco, S. Vicente... e tantos outros. Não será, portanto, verdadeiramente patriotico corporizar a lembrança do marquez de Paraná no bronze de uma estatua, para que ao lado dos serviços de guerra dos dois illustres generaes Caxias e Herval revivam os serviços civis prestados pelo grande estadista, pelo parlamentar, pelo homem austero e talentoso, que a tudo sempre antepôz o bem publico e a grandeza do paiz ?

«Depois da morte apagam-se todas as distincções de partidos, e a historia só cogita dos actos, das idéas e dos feitos.

« Ora, o que hoje resta do marquez de Paraná, o que sobrevive na sua memoria, não é, por certo, a sua convicção partidaria, fraca distincção e debil barreira que a morte derrubou, deitando o grande marquez no mesmo leito em que, lado a lado, estão todos os seus antigos adversarios.

« Sobrevivem no seu nome, sobrevivem na sua memoria, sobrevivem na sua recordação, cousas mais elevadas, duradouras, e mais verdadeiras.—Sobrevivem os serviços prestados, sobrevivem os seus trabalhos parlamentares e a grande idéa que sempre dominou em si; que

sempre guiou a sua politica—a honradez, a lealdade, o bem publico e o serviço do paiz.

« Quando se trata de lembrar merecimentos, glorias, virtudes e serviços, não póde este Instituto esquecer um nome que está em todos os espiritos, e de que poderá dar testemunho o Augusto Presidente d'esta Associação, por ser o de quem foi rijo e fiel lidador, trabalhador incansavel, e patriota enthusiasta.

« Não carecemos apontar que todos os povos, ao lado das virtudes guerreiras, celebram sempre as civicas, e que a França, a Inglaterra e a Allemanha, se tiveram bronze para Welligton, Malborough, Nelson, Condé, Turenne, Napoleão, Luiz XIV, Blucher, Frederico o Grande, tambem o tiveram para Fox, Milton, Chatam, Berryer, Thiers, d'Aguesseau, Racine, Schiller, Goethe e tantos outros, que serviram a patria nas letras, no fôro, no parlamento, na politica e na administração.

« Essas estatuas disseminadas pelas capitaes e cidades européas são como contínuas perpetuas e immorredouras lições de historia patria, da historia das letras, da sciencia, da politica e dos grandes reinados.

« Propomos, portanto, seja nomeada uma commissão d'este Instituto com o fim de receber donativos para a construcção da estatua de Honorio Hermeto Carneiro Leão, marquez de Paraná, que será levantada, com annuencia das autoridades competentes, na praça da Acclamação, em frente ao Senado brasileiro, que tanto illustrou com o seu talento, patriotismo e virtudes civicas. — Sala das sessões, em 16 de Julho de 1880. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.— Carlos Honorio de Figueiredo.* »

Additivo :

« Tendo-se apresentado, logo depois da morte do illustre

estadista conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, a idéa de erigir-se uma estatua a tão notavel varão, cujos serviços o Brasil reconhe e, proponho que o Instituto, antes de deliberar sobre a proposta que acaba de ser apresentada pelo nosso consocio o Sr. Dr. Marques de Carvalho, procure indagar que direcção e desenvolvimento teve a referida idéa, afim de que, sendo possivel, seja este Instituto auxiliado pelos esforços que já tiverem sido empregados sobre o assumpto. — *Jesuino Ferreira.* »

Parecer :

« A commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico do Brasil, obedecendo ás ordens recebidas, examinou a historia da provincia do Espirito Santo, como titulo para admissão ao nosso gremio do Sr. bacharel em direito Misael Ferreira Penna, e vem hoje dar-vos conta de suas impressões.

« O autor, para melhor exposição de seu trabalho, dividiu-o em duas épocas, comprehendendo a primeira a éra de 1534 a 1718, *a dos donatarios*, e a segunda a de 1718 a 1822, *a dos capitães-mores e governadores.*

« Na primeira época narra o plano de D. João III no governo do Brasil, dividindo-o, como é sabido, em capitanias hereditarias, e d'este ponto de partida chegou logo ao seu objectivo, occupando-se do infeliz Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatario da capitania do Espirito Santo. Dá noticias da sua partida para o Brasil, dos seus companheiros, das lutas travadas com os indigenas, da fundação da capital, e dos importantes serviços prestados n'esse tempo pelos venerandos filhos de Santo Ignacio de Loyola; de sua volta á Lisbôa e de seu regresso. Factos estes mais ou menos reproduzidos com outros governadores e capitães-generaes.

« Narra a fundação de varias aldêas, depois elevadas á povoações, promovidas á villas e actualmente á cidades.

« Conta as differentes phases administrativas porque passou essa capitania; aponta as suas riquezas naturaes, as suas producções, a fundação outr'ora de estabelecimentos importantes, como sejam a casa da Misericordia, de templos notabilissimos, como o convento de Nossa Senhora da Penha que sempre ha de lembrar o genio piedoso e emprehendedor de frei Pedro Palacios, a instrucção publica n'aquellas épocas, e dá muitas outras noticias importantes.

« Depois de desempenhado o seu plano, tratou da divisão territorial da provincia; da sua população, das suas finanças, e rememorou o nome dos cidadãos que n'ella occuparam cargos publicos de importancia, taes como os presidentes, os secretarios, os deputados geraes e provinciaes, os senadores, chefes de policia, inspectores da Alfandega e da Thesouraria da provincia: além de mostrar n'um quadro, que abrange o longo periodo de 1846 a 1877, a receita provincial, pela qual se vê que aquella provincia floresce, pois suas rendas principiando n'aquelle anno por 32:992$452, chegou n'este a 320:000$ nunca descendo e sempre elevando a sua cifra.

« Escreveu como remate um *Appendice* contendo a longa serie de documentos importantes, quatro Alvarás ou cartas de doação de D. João III; uma carta de Mem de Sá a D. Sebastião; a carta da fundação da villa de Guarapary, etc., etc.

« Por este resumo se vê que o candidato veiu trazer-nos em linguagem clara, precisa e concisa, aquellas noticias que pedimos em nossa *Revista Trimensal* e cuja lembrança sempre avivamos em todos os numeros.

« É uma simples *Monographia*, e como tal deve ser acolhida, e animado este genero de escriptos, conforme pensou

e aconselhou Gustave Planche, porque assim a sciencia historica concentra seus esforços em espaço limitado; resolução acertada e fecunda, para cuja justificação basta citar os nomes de Sharson, Turner e Agostinho Thierry.

« O coração e a familia, confessa o candidato, o incitaram a emprehender esta tarefa toda patriotica.

« Deixou elle os instrumentos bem delicados de seu trabalho, veiu trazer-nos o fructo de suas lides, que, a nosso vêr, tem bastante valor e muito merito, e por isso justo é que vamos ao seu encontro, que com palavras animadoras lhe demos um lugar aqui, onde, apoz ligeiro descanso, venha ao nosso lado trabalhar com prazer, affrontar injustiças diarias, lutar com o indifferentismo, e guiado pelo amor da patria, juntar comnosco os materiaes para que um dia possa a posteridade levantar um soberbo monumento, que então a imparcialidade chamará a *Historia do Brasil.*

« É este o nosso humilde parecer, que sujeitamos á apreciação e justiça do Instituto Historico.— Sala das sessões, em 16 de Julho de 1880.—*Dr. Cesar Augusto Marques. L. Francisco da Veiga.* »

Depois da leitura do expediente, da proposta e do parecer acima transcriptos, o Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto pediu a palavra e fundamentou a seguinte moção:

« Proponho que se insira na acta da sessão de hoje, a manifestação de profunda magoa pelo fallecimento do conselheiro Antonio Pereira Rebouças, nosso venerando consocio, representante da briosa geração com a qual se constituiu em Imperio o Brasil; admiravel filho do trabalho, perseverante amigo das letras sem o incentivo dos titulos academicos, modêlo de probidade illesa atravez das lutas politicas, patriota sem falha em seus relevantes serviços á causa da independencia do paiz e da ordem publica em

ambos os reinados.— Sala das sessões, em 16 de Julho de 1880. — *Rozendo Moniz Barreto.* »

Sendo esta moção unanimemente approvada, o Sr. presidente, com venia de S. M. o Imperador, suspendeu a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º secretario supplente.

7ª SESSÃO, EM 30 DE JULHO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom Retiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, tenente-coronel Francisco José Borges, Caetano Baptista de Almeida Nogueira, Augusto Fausto de Sousa, Joaquim Pires Machado Portella, Alfredo de Escragnolle Taunay, João Barbosa Rodrigues e Ladislau de Sousa Mello Netto, faltando, por motivo de serviço publico, conforme communicou, o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do expediente, que constou das seguintes

OFFERTAS

Pela Secretaria do Imperio, de um exemplar do *Relatorio* apresentado a assembléa geral legislativa, na actual sessão, pelo Sr. ministro e secretario de Estado barão Homem de Mello; e o tomo V da *Revista Brasileira* de 1 a 15 de Julho do corrente anno.

Pela Companhia Navegação Fluvial Paulista, o *Relatorio* apresentado á mesma na sessão de 15 de Maio do corrente anno. S. Paulo, 1880.

Pelo consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, o seu folheto, sob o titulo *Quelques considérations sur la fièvre jaune: moyens prophylactiques de cette maladie.* Paris, 1857.

Pelo Sr. Dr. Brasilio Machado, varios exemplares do seu *Discurso* proferido no saráo litterario do Club Gymnastico Portuguez de S. Paulo, por occasião do tricentenario de Camões, a 10 de Junho de 1880.

Pelo Sr. Luiz Travassos Valdez, por intermedio do Sr. Antonio Joaquim Alvares, *Memorias acêrca das Imprensas do Governo*, obras subsidiadas pelo Estado, *bibliothecas, archivos, boletins das provincias ultramarinas,* periodicos e livros publicados no ultra-mar, *bibliographia ultramarina.* Lisbôa, 1880.

Pela Sociedade Historica de Pensylvania, *The Pensylvania Magazine of History and Biography*, n. 4 vol. I. —ns. 1, 2, 3, 4, vol. II, ns. 1 e 2 vol. III.

Pela Academia dei Lincei em Roma; *Atti dell; Accademia dei Lincei.*—Serie 2ª, vol. I (1873—1874), vol. II (874—1875), vol. III, partes 1ª, 2ª e 3ª.

Pela Academia Real de Sciencias, de Letras e de Bellas-Artes da Belgica.

Mémoires couronnés et Mémoires des Savants étrangers, tom. IV.

Bulletins de l'Académie, 44me année, e 2e serie, tom. XLI (1876), XLII (1876), XLIII (1877), XLIV (1877).

Mémoires couronnés et autres Mémoires, collection in-8°, tom. XXVII, e *Annuaire de l'Académie*, 43me année, 1877, 44me année, 1878.

Pela Real Academia de Sciencias Physicas e Mathematicas de Napoles.

Atti della Reale Academia, vol. VI (1875), *Redicon!o dell'Accademia*, annos 12, 13 e 14.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Continuaram adiadas as propostas relativas á erecção das estatuas do duque de Caxias, do marquez de Paraná, a da creação de uma Escola de Cosmographia e o parecer da commissão de Historia, relativo á admissão ao gremio do Instituto do Sr. Dr. Misael Ferreira Penna, já transcripto na acta da sessão precedente.

Leram-se e ficaram sobre a mesa os seguintes pareceres :

1.° A Commissão de Fundos e Orçamento examinou as contas apresentadas pelo ex-thesoureiro Antonio Alvares Pereira Coruja, relativas ao anno social de 1879, e tem a honra de apresentar seu parecer.

Consta da escripturação dos livros e documentos legalisados, que a receita importou em	20:758$721
e a despeza em.....	8:523$560
Sendo o saldo, que passa para 1880, de....	12:235$161
	20:758$721

Cumpre notar que a maior parte dos documentos que

comprovam as despezas do anno de 1879 pertencem ao anno de 1878, resultando d'essa irregularidade um grave embaraço para a gestão do respectivo anno, por invadir as verbas decretadas no respectivo orçamento. Apresentando o Instituto Historico saldo constante, no fim de cada anno social, não tem razão de ser pagar com as rendas dos annos futuros as despezas feitas em annos anteriores.

Para este ponto chama a commissão de fundos e orçamento a attenção do Instituto Historico para a proposta que submette á sua illustrada consideração, com o que providenciará de maneira a não se repetir mais tal irregularidade.

É a commissão de parecer que se dêm por approvadas as contas pertencentes ao anno social de 1879. Sala das sessões, em 30 de Julho de 1880.—*Francisco José Borges.* —*Tristão de Alencar Araripe.*— *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

ORÇAMENTO PARA O ANNO DE 1880

Art. 1.º A receita do Instituto Historico e Geographico do Brasil para o anno social de 1880

É orçada na quantia de.....		21:096$675
A saber:		
§ 1.º Fundo do Instituto Historico, representado por 12 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$ cada uma.....	12:000$000	
§ 2.º Prestação do Thesouro	7:000$000	
§ 3.º Juros de 12 apolices	720$000	
§ 4.º Juros existentes na Caixa Economica.....	226$675	
	19:946$675	

Transporte.....	19:946$675	
§ 5.º Cobrança da divida activa.....	150$000	
§ 6.º Idem da divida corrente.....	550$000	
§ 7.º Joias de socios.....	100$000	
§ 8.º Assignaturas e venda de *Revistas*.....	350$000	
		21:096$675

Art. 2.º A despeza do Instituto Historico e Geographico é fixada em..... 9:096$675

A saber:

§ 1.º Impressão da *Revista*	2:000$000
§ 2.º Reimpressão de numeros esgotados.....	200$000
§ 3.º Impressão do Diccionario de S. Paulo.....	1:600$000
§ 4.º Expediente.....	766$675
§ 5.º Estantes, encadernações, caixas para manuscriptos.	700$000
§ 6.º Aos empregados existentes, inclusive o que se deve ao conservador de gratificação de Outubro a Dezembro.....	3:830$000
	9:096$675

§ 7.º Saldo representado por 12 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$, de ns. 6750, 37131, 40252, 50961, 75319, 75320, 97787, 111846, 120111, 131945, 159125, 182940.....	12:000$000	
		21:096$675

Art. 3.º As sobras que se realizarem nas verbas acima declaradas serão applicadas na encadernação dos livros deteriorados e impressões da *Razão do Estado* e do catalogo. Sala das sessões, em 30 de Julho de 1880.—*Francisco José Borges.—Tristão de Alencar Araripe.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

PROPOSTA A QUE SE REFERE O PARECER RETRO

A Commissão de Fundos e Orçamento tem a honra de submetter á consideração do Instituto Historico a seguinte proposta :

1.º

O orçamento da receita e despeza do Instituto Historico será feito por artigos e paragraphos, conforme o que é apresentado pela Commissão no corrente anno.

2.º

As quantias votadas para cada uma das verbas de despeza do anno social, não poderá ser excedida sem prévia deliberação do Instituto, mediante decretação de fundos necessarios.

3.º

A Commissão de Fundos e Orçamento terá um livro de conta-corrente das verbas de receita e despeza contidas no orçamento, e n'elle lançará qualquer despeza que fôr decretada, precedendo a informação de que—ha credito—, para evitar qualquer excesso de despeza fóra das forças da receita. Esta informação será prestada por qualquer membro da commissão á vista da escripturação do referido livro.

4.º

As despezas do anno social serão pagas com a receita do mesmo anno, liquidando-se no dia 31 de Dezembro de cada anno social.

5.º

O thesoureiro do Instituto apresentará trimensalmente á Commissão de Fundos o balancete da receita e despeza de que trata o art. dos Estatutos. Este balancete será informado e submettido á consideração do Instituto pela commissão na 1ª sessão dos mezes de Abril, Julho, Outubro e Janeiro. Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880.—*Francisco José Borges.—Tristão de Alencar Araripe.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

2.º Parecer :

« A commissão de Fundos e Orçamento a quem foi remettido o requerimento supra (já publicado na acta da sessão de 28 de Maio do corrente anno) tem a honra de informar :

« Que o Instituto possue 12:226$675 ;

« Que essa importancia está representada por 12 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$ cada uma e o restante em deposito na Caixa Economica garantida pelo governo ;

« Que tanto as apolices como a caderneta acham-se em poder do actual thesoureiro interino ;

« Que esses fundos se acham sob a garantia da mesa administrativa do Instituto Historico.— Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880.— *Francisco José Borges.— T. de Alencar Araripe. — Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

3.º Parecer dado sobre a proposta já publicada na acta da sessão de 28 de Maio :

« A commissão de Fundos e Orçamento é de parecer que se autorize o thesoureiro do Instituto a fazer a despeza necessaria para a obtenção do busto do nosso distincto collega (barão de S. Angelo) de conformidade com a proposta supra. — Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880. — *Francisco José Borges.— T. de Alencar Araripe.— Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

4.º Parecer da mesma commissão de Fundos, dado sobre as duas propostas já publicadas na acta da sessão de 22 de Agosto do anno passado, e que vão aqui reproduzidas :

« 1.ª Vem de ser publicada a planta geral da estrada de ferro D. Pedro II, comprehendendo as estradas do Rio de Janeiro, e das provincias de S. Paulo e Minas-Geraes. Esta carta publicada pela administração da mesma estrada de ferro D. Pedro II contém dados geographicos das costas do Brasil desde a bahia de S. Vicente até a barra de S. João na foz do Parahyba ; esta carta contém mais os dados topographicos das quatro provincias, a saber : Rio de Janeiro, Minas-Geraes, S. Paulo e Espirito Santo ; contém mais a direcção dos tres rios Paraná, Tieté e Parahyba, é pois uma carta topographica que preenche perfeitamente o seu fim ; dando além d'isto uma noticia a mais illustrada possivel sobre as quatro provincias do Brasil. Á vista d'isto, proponho que este Instituto Historico e Geographico obtenha uma edição de mil exemplares d'esta carta e mande juntar um exemplar a cada um numero da primeira *Revista* que fôr publicada.— Sala das sessões, em 22 de Agosto de 1879. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

« 2.ª Existindo uma carta geographica da parte conhecida da provincia de S. Paulo, augmentada de dados

estatisticos e outras correcções resultantes de estudos e melhoramentos recentes, publicada pelo engenheiro Robert Himsclwot, e sendo de grande utilidade a publicação de algumas cartas geographicas na *Revista* d'este Instituto, proponho que se obtenha, por donativo ou por compra, uma edição de 1,000 exemplares d'esta carta, para ser annexa á primeira *Revista*, entendendo-se o Sr. secretario do Instituto com o autor e editor para se effectuar esta acquisição.— Sala das sessões, em 25 de Julho de 1879.— *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Parecer :

« A commissão de Fundos e Orçamento tomando na devida consideração as propostas retro e supra, vê-se obrigada a declarar ao Instituto que além da grande difficuldade de obter-se, tantos mil exemplares da planta geral da estrada de ferro D. Pedro II, de que trata a primeira proposta, e 1,000 da carta geographica da parte conhecida da provincia de S. Paulo, accresce que o Instituto não dispõe de quantia necessaria para tal fim, pois seria uma despeza superior a 20:000$, e pelo que é de parecer que fique adiada a proposta.— Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880.— *Francisco José Borges.— T. de Alencar Araripe.* »

Parecer em separado :

« Os illustrados collegas da commissão de Fundos do Instituto não comprehenderam bem a proposta que se acha acima escripta. O Instituto não tem a fazer despeza alguma, mas só reclamar do ministerio das Obras Publicas 1,000 exemplares da carta acima dita. Destruida pois esta razão de despeza extraordinaria, sou de parecer que seja approvada esta proposta.—Sala das sessões, em

30 de Julho de 1880. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Ficaram tambem adiados os dois pareceres da mesma commissão de Fundos dados sobre os requerimentos annexos do escripturario e do auxiliar d'este Instituto, e o da commissão de admissão de socios que segue.

Parecer :

A commissão de admissão de socios, tendo presentes os pareceres das respectivas commissões sobre as propostas á admissão ao seio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro dos Srs. barão de Wildick e Bernardo Saturnino da Veiga, é de parecer sejam esses candidatos proclamados membros correspondentes, nutrindo fundadas esperanças de que da acquisição d'esses novos socios, distinctos por tantos titulos e bem conhecidos pelos seus trabalhos, resultarão vantagem e brilho para o mesmo Instituto, a cujo gremio mostraram desejos de pertencer, offerecendo-lhe importantes obras de lavra propria.— Sala das sessões, em 16 de Julho de 1880.— *Alfredo d'Escragnolle Taunay.— Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

O Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, obtendo a palavra, terminou a leitura do seu trabalho sob o titulo: *Noticia sobre a maioridade de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II.*

Dr. Moreira de Azevedo,

2º secretario supplente.

8ª SESSAO, EM 13 DE AGOSTO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Presidencia do Sr. barão Homem de Mello

As 6 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. barão Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Tristão de Alencar Araripe, Guilherme Schüch de Capanema, e Olegario Herculano de Aquino e Castro, Drs. Alfredo de Escragnolle Taunay, Felizardo Pinheiro de Campos, Manoel Jesuino Ferreira, Maximiano Marques de Carvalho, tenente-coronel Francisco José Borges, João Brigido dos Santos, Baptista Caetano de Almeida Nogueira e João Barbosa Rodrigues, faltando por motivo de serviço publico, conforme communicaram, os Srs. presidente visconde de Bom-Retiro e Dr. Antonio Henriques Leal, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. barão Homem de Mello, 3º vice-presidente, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, enviando um exemplar do *Relatorio* que apresentou á Assembléa d'aquella provincia em sua sessão do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, enviando dois exemplares da collecção de leis e regulamentos provinciaes, promulgados no anno proximo passado.

Dito do Sr. mordomo da casa imperial, declarando haver recebido e entregado a Sua Magestade o Imperador os dois pacotes com livros enviados a este Instituto, com destino ao mesmo Augusto Senhor, pelo Smithsonian Institution de Washington, e que acompanharam o officio que o Sr. 1º secretario lhe dirigiu em 25 de Julho proximo passado.

Dito do Sr. 1º secretario do Lyceu Litterario Portuguez, n'esta côrte, convidando a este Instituto para se fazer representar, por uma commissão, na sessão magna que aquelle Lyceu tem de celebrar na dia 24 do corrente. O Sr. presidente nomeou para a referida commissão, os Srs. Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Luiz Francisco da Veiga e Joaquim Pires Machado Portella.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo consocio o Sr. Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, de varios exemplares (para o Instituto e para serem distribuidos pelos socios presentes) do discurso que, como orador do Congresso Militar, proferiu em homenagem ao maestro brasileiro Antonio Carlos Gomes.

Pelo consocio o Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, a planta dos lugares da cidade da Victoria na provincia de Pernambuco, onde se deram os deploraveis acontecimentos do dia 27 de Junho ultimo, por occasião de eleições: planta levantada pelo engenheiro Aragão Rabello.

Pelo consocio o Sr. João Brigido dos Santos *Documentos manuscriptos*, extrahidos dos registros da Secretaria do governo da provincia do Ceará, contendo parte da correspondencia de Pedro José da Costa Barros, Almirante Cochrane e Conrado Jacob de Niemeyer, sobre as occurrencias de 1824 n'aquella provincia, para melhor julgamento d'esses individuos perante a historia patria.

Pelo Sr. Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, o seu livro sob o titulo *Du Rheumatisme chronique noueux des enfants, et de son traitement.* Paris, 1880.

Pelo Sr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, *Poesias a Luiz de Camões,* 10 de Junho. Porto, 1880.

Pelo Sr. 1° tenente Antonio Alves Camara, por intermedio do Sr. J. R. de Lamare, as seguintes obras :

Impressão de uma viagem do Pará ao Recife, passando por S. Miguel e Tenerife á bordo da corveta Trajano. Rio de Janeiro, 1878.

Conferencias perante o Instituto Polytechnico Brasileiro sobre a causa da formação e origem do Gulf Stream. Rio de Janeiro, 1880.

O navispherio, observações da noite. Rio de Janeiro, 1880.

O bathometro de William Siemens. Rio de Janeiro. 1879.

Breve noticia sobre as curvas de posição e os novos methodos de navegação. Rio de Janeiro, 1880.

Algumas considerações sobre a causa da formação e origem do Gulf Stream. Rio de Janeiro, 1877.

Analyse dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarinha. Rio de Janeiro, 1878.

Pelo Sr. Paulo Tournafond: *l'Exploration, Revue des conquêtes de la civilisation sur tous les ponts du Globe.* Paris, 1880, 3 ns. de Julho.

Pela Sociedade de Geographia de Pariz, o seu *Boletim* de Março, 1880.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, tambem o seu *Boletim* de Maio, 1880.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o 7° fasciculo do tomo IV do seu *Boletim*, 1880.

Pela Sociedade Normanda de Geographia, os *Boletins* de Maio e Junho tambem do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa:

Questões africanas; proposta apresentada em sessão de 12 *de Fevereiro de* 1880 *da Sociedade de Geographia de Lisbôa pela commissão nacional portugueza de exploração e civilisação d'Africa.*

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, 14° fasciculo. Paris, 1880.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Entrando em discussão o parecer da commissão de Fundos e Orçamento (já transcripto na acta da sessão anterior) dado sobre as contas apresentadas pelo ex-thesoureiro relativas ao anno de 1879, e orçamento da receita e despeza no presente anno social, fallaram sobre elle os Srs. Dr. Moreira de Azevedo, conselheiro Olegario, tenente-coronel Borges, Dr. Marques de Carvalho e senador Candido Mendes, sendo afinal approvado com as seguintes emendas:

Que se especifiquem as verbas da despeza, e que se transfira os 200$ da reimpressão da *Revista* para encadernações de manuscriptos, caixas e estantes.

Que os requerimentos dos empregados pedindo gratificações, sejam remettidos ao Sr. thesoureiro para este ser ouvido.—Dr. *Moreira de Azevedo.*

Foi tambem approvado o parecer da mesma commissão de Fundos, autorizando o Sr. thesoureiro a fazer a despeza necessaria com o busto do finado membro honorario barão de S. Angelo, que tem de ser collocado na sala das sessões do Instituto.

Foi unanimemente approvado, por escrutinio secreto, o parecer da commissão de admissão de socios dado favoravelmente sobre a admissão ao gremio do Instituto dos Sr. barão de Wildick e Bernardo Saturnino da Veiga; sendo, pelo Sr. presidente, proclamados estes senhores socios correspondentes.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo

2º secretario supplente.

9ª SESSÃO EM 27 DE AGOSTO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Guilherme Schcüch

de Capanema, Tristão de Alencar Araripe e Olegario Herculano de Aquino e Castro, Drs. Alfredo d'Escragnolle Taunay, Benjamim Fraklin Ramiz Galvão, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Joaquim Pires Machado Portella e João Barbosa Rodrigues; foi recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. presidente, em sentidas palavras, declarou que o Instituto mais uma vez este anno tinha de deplorar o fallecimento de dois distinctos consocios: o conselheiro Filippe José Pereira Leal e o Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior; e como ambos muito se recommendam á gratidão do Instituto pelos seus serviços, propunha que, com a devida venia, se levantasse a sessão, o que foi unanimemente approvado.

Dr. Moreira de Azevedo,
2º Secretario supplente.

10ª SESSÃO EM 3 DE SETEMBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiros Tristão de Alencar Araripe, Guilherme Schüch de Capanema e Olegario Herculano de Aquino e Castro, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Antonio Henriques Leal, Baptista Caetano de Almeida Nogueira e

João Barbosa Rodrigues, faltando, por incommodados, os Srs. Drs. Augusto Fausto de Sousa e Manoel Jesuino Ferreira, como communicaram, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, e sendo o mesmo Augusto Senhor recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. barão de Wildick, manifestando o seu reconhecimento a este Instituto pela honrosa distincção com que o admittiu em seu gremio, como socio correspondente, segundo a communicação que lhe foi feita pelo Sr. 1° secretario em officio de 18 de Agosto ultimo.

Dito do Sr. Dr. Domingos Gomes Barroso, bibliothecario da Bibliotheca Publica da provincia do Espirito-Santo, participando haver entrado no exercicio d'aquelle cargo em 7 de Julho ultimo, e pedindo o auxilio d'este Instituto a favor d'aquella bibliotheca.

Carta do Sr. Emilio Allain, offerecendo dois exemplares da *Grammatica Brasilica do padre Luiz Figueira*, nova edição, pelo mesmo offertante annotada e dada á luz. Rio de Janeiro, 1880.

Dita do Sr. Dr. Antonio Paulino Limpo de Abreu, offerecendo varios exemplares da edição avulsa do *Relatorio* que publicou, relativamente ao accidente occorrido no reservatorio D. Pedro II, situado no Pedregulho.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. J. P. Oliveira Martins, de um exemplar da *Historia de Portugal*, 2ª edição emendada. Lisbôa, 1880, 2 vol.

Pelo Sr. Martinus Hoyer, *Estudos sobre a reforma do meio circulante*. Maranhão, 1880.

Pelo Sr. bacharel M. R. Peixoto, o folheto com o titulo *Colonisação*. Rio de Janeiro, 1880.

Pelo Sr. Dr. Henrique Mamede Lins de Almeida, *El Repertorio Caraqueno: A la memoria de Bolivar, fundado por la opinion nacional de Caracas*. Año I, Caracas, 1879.

Pelo consocio o Sr. Lastarria, *Estatistica bibliografica de la literatura chilena*, por D. Ramon Briseño, tom. II, Santiago de Chile, 1879.

Pelo Sr. conselheiro barão Homem de Mello, 3º vice-presidente d'este Instituto, o seu *Discurso em resposta á interpellação do deputado J. Saldanha Marinho*. Rio de Janeiro, 1880; e

Collecção de obras relativas á Historia da Capitania, depois provincia da Bahia, e sua geographia, mandadas imprimir ou publicar pelo mesmo senhor. Bahia, 1878 1 vol.

Pelo Sr. capitão-tenente José Candido Guillobel, um exemplar do seu *Tratado de Geodesia, contendo uma descripção minuciosa do bazimetro de Brunner*. Rio de Janeiro, 1879, 1 vol.

Pela Typographia Nacional, *Collecção de Leis do Imperio do Brasil e Decisões do Governo, do anno de* 1879. Rio de Janeiro, 1880, 2 vols.

Pelo Sr. Paulo Tournafond, *L'Exploration, Révue des conquêtes de la civilisation sur tous les ponts du Globe*. Paris, 1880, IV anno, 2º semestre, ns. 183 e 184.

Pela Sociedade de Geographia de Pariz, o seu *Boletim* do mez de Abril do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia Americana de New-York, o n. 4 do seu *Boletim*.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o 1º fasciculo do tom. V do seu *Boletim*.

Pela redacção do jornal *A Mãi de Familia*, os ns. 14 e 15 do 2º anno, 1880, Julho e Agosto.

Varios jornaes, enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se e foram enviadas á commissão de Historia as seguintes propostas :

1.ª Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil ao conselheiro José Silvestre Ribeiro, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, residente n'essa cidade, e autor de varias obras de instrucção e de economia politica, e da monumental *Historia dos Estabelecimentos Scientificos de Portugal*, que servirá de titulo de sua admissão ao gremio da nossa corporação. Sala das sessões, em 3 de Setembro de 1880.—*Dr. Antonio Henriques Leal.—T. de Alencar Araripe.—Carlos Honorio de Figueiredo.*

2.ª Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil ao illustrado conselheiro D. Antonio da Costa, subdito portuguez, residente em Lisbôa, e notabilissimo autor de obras philosophicas, scientificas e historicas, avultando entre ellas *Os Tres Mundos* e a *Historia do Duque de Saldanha*, as quaes indicamos como titulo de sua admissão ao gremio de nossa corporação. Sala

das sessões, em 3 de Setembro de 1880.—*Dr. Antonio Henriques Leal.—T. de Alencar Araripe.—Carlos Honorio de Figueiredo.*

Tambem foi lida e enviada á commissão de Geographia esta proposta :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. 1º tenente da armada nacional e imperial Antonio Alves Camara, natural da Bahia, solteiro, 28 annos, socio effectivo do Instituto Polytechnico Brasileiro ; servindo de titulo para sua admissão os seguintes trabalhos do mesmo senhor, a saber :

O Barometro de William Sciemens.

Algumas considernções sobre a causa da formação e origem do Gulf Stream.

Conferencias sob a causa da formação e origem do Gulf Stream.

O navispherio e as observações da noite.

Analyse dos instrumentos de sondar e perscrutar.

Breve noticia sobre as curvas de posição e os novos methodos de navegação.

Impressões de uma viagem do Pará ao Recife, passando por S. Miguel e Tenerife. Sala das sessões, em 13 de Agosto de 1880.—*Carlos Honorio de Figueiredo.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—João Brigido dos Santos.* »

Ficou sobre a mesa a proposta que segue :

« Propomos que por occasião do fallecimento de qualquer socio, não coincidindo este com o dia da sessão, em vez de levantarem-se os trabalhos, insira-se na acta um voto de pezar por este infausto acontecimento; podendo o Instituto dar outra qualquer manifestação de sentimento, que julgar conveniente.—Sala das sessões, em 3

de Setembro de 1880.—*Dr. Moreira de Azev.do.—T. de Alencar Araripe.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Dr. Antonio Henriques Leal.—C. H. de Figueiredo.—B. C. de Almeida Nogueira.* »

Entraram em discussão e foram approvadas, a proposta e emenda que se seguem :

Proposta :

« A Commissão de Fundos e Orçamento tem a honra de submetter á consideração do Instituto Historico a seguinte proposta :

« 1.º O orçamento da receita e despeza do Instituto Historico será feito por artigos e paragraphos, conforme o que é apresentado pela commissão no corrente anno.

« 2.º As quantias votadas para cada uma das verbas de despeza do anno social, não poderão ser excedidas sem prévia deliberação do Instituto, mediante decretação de fundos necessarios.

« 3.º A Commissão de Fundos e Orçamento terá um livro de conta corrente das verbas de receita e despeza contidas no orçamento, e n'elle lançará qualquer despeza que fôr decretada, precedendo a informação de que—ha credito—para evitar qualquer excesso de despeza fóra das forças da receita. Esta informação será prestada por qualquer membro da commissão, á vista da escripturação do referido livro.

« 4.º As despezas do anno social serão pagas com a receita do mesmo anno, liquidando-se no dia 31 de Dezembro de cada anno social.

« 5.º O thesoureiro do Instituto apresentará trimensalmente á commissão de Fundos, o balancete da receita e despeza de que trata o art. 20 dos estatutos. Este balancete será informado e submettido á consideração do Insti-

tuto pela commissão na 1ª sessão dos mezes de Abril, Julho, Outubro e Janeiro.—Sala das sessões, em 2 de Julho de 1880.— *Francisco José Borges.—Tristão de Alencar Araripe.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*»

Emenda ao art. 2º (additivo).—Ainda dentro das verbas do orçamento nenhuma despeza será feita sem especial autorização da mesa administrativa, sempre que puder haver arbitrio na applicação, por não haver sido restrictamente fixada, e poder ser maior ou menor, conforme as circumstancias da occasião.—Rio, 13 de Agosto de 1880.—*O. H. de Aquino e Castro.* »

Ficaram sobre a mesa os seguintes pareceres :

« 1.º A Commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro examinou o trabalho apresentado ao mesmo Instituto pelo Sr. Dr. Raymundo de Sá Valle, sob o titulo : *Substituição da éra vulgur por uma éra americana*—e, na fórma dos Estatutos, vem dar o seu parecer a respeito.

« Entende o joven e intelligente escriptor que convem substituir a éra christã pela éra que elle denomina Columbiana, assim chamada porque terá de começar com o facto historico que fez a gloria do descobridor da America.

« As razões que adduz, depois de uma ligeira noticia das diversas éras conhecidas na historia dos povos cultos, para justificar a innovação que lembra, são em resumo as seguintes :

« A nova éra, partindo da descoberta da America, começa em plena luz historica, deixando atrás de si todos os tempos nebulosos e abre um periodo que, coincidindo com a descoberta da imprensa, jámais poderá ser obscurecida por nuvem alguma.

« O facto, ao qual se liga é um acontecimento de uma importancia de primeira ordem, porque completa de algum

modo o globo terrestre e ao mesmo tempo a grande familia humana. Além d'isso, este facto é puramente material e nem se refere á doutrina alguma susceptivel de excitar divisões entre os homens. Tambem não faz parte essencialmente da historia, d'este ou d'aquelle povo; é um facto humanitario, de sorte que todos os povos podem referir-se a elle sem fazer acto de vassalagem.

« Finalmente, essa éra possue uma qualidade que a torna essencialmente appropriada ao fim a que se destina, e que se não dá em qualquer outra: é o começo obrigado da historia dos povos americanos, e os tempos precedentes serão para a historia d'essa parte do mundo o que os tempos prehistoricos são para a historia dos povos do antigo continente.

« Esta circumstancia, unica no seu genero, faz crer que os americanos n'uma época não muito remota, consideraram como ponto de honra adoptar uma éra que a tantos titulos merece preferencia; e como elles exerceram uma influencia preponderante sobre o resto do mundo, parece que não existiam difficuldades insuperaveis em impôr essa éra ás outras nações cultas.

« Como se vê, a *Memoria* offerecida ao Instituto é um simples trabalho theoretico ou especulativo, destinado a levantar uma idéa que depende de estudo e accôrdo de muitos, e que não póde ser imposta com a facilidade que o autor suppõe.

« No dominio da sciencia é um assumpto importante que se presta a considerações muito mais largas e profundas do que as que foram feitas no resumido estudo que a commissão examinou.

« A éra, como se sabe, é um ponto de partida que serve para regular a successão do tempo anterior ou posterior;

este ponto é puramente convencional, e decorre de ordinario de algum facto historico de subida importancia. A primeira de todas as éras deveria ser, como diz d'Armonville, a da creação do mundo, se ella pudesse ser determinada por dados mais seguros do que aquelles que nos fornecem incertas tradições ou probabilidades geologicas.

« Numerosas éras, além das apontadas na *Memoria*, que está mais ou menos de accôrdo com o *Diccionario de Dezobry*, têm servido de fundamento á historia de diversos povos, quer antes quer depois de J. C.

« A éra christã, admittida desde o seculo VI na Italia, e desde o immediato em França, como outras têm sido adoptadas por differentes paizes, foi objecto de longa e disputada questão, constantes resistencias e difficuldades que só com o tempo puderam ser vencidas.

« Esse mesmo esforço feito pela antiga republica franceza, a que allude o autor da *Memoria*, para substituir a éra christã pela republicana, demonstra a importancia que em todos os tempos se ligou a este assumpto e o embaraço que obstou a inteira aceitação da intentada reforma. Ao principio procurou a convenção nacional abolir a éra christã da vida civil, e por acto de 5 de Outubro de 1793 decretou que a éra dos francezes se contasse da fundação da republica, a 22 de Outubro de 1792, da éra vulgar; mais tarde foi esta disposição ainda rectificada e alterada por actos officiaes successivos; parece que não se comprehendeu a vantagem ou utilidade da innovação; começou a manifestar-se duvida; a opinião resistiu, e o resultado foi a condemnação da reforma, que cahiu em desuso, sendo em 1806 restabelecido em todo o imperio o systema anterior.

« E o que acontece sempre que immaturas reform s são

tentadas sem que sejam consultadas as verdadeiras necessidades publicas, com attenção ao tempo e ao lugar em que se acham os reformadores.

« A commissão sem questionar sobre a procedencia das razões ponderadas pelo Sr. Dr. Valle, e acolhendo a idéa como objecto de estudo para os entendidos e competentes, pois que nem depende do Instituto Historico a realização da lembrada substituição de obras, abstem-se de emittir juizo sobre a praticabilidade da innovação, limitando-se á dar noticia da obra que examinou, e que demonstra a aptidão do autor para estudos sérios e de recommendavel utilidade; assim tambem abstem-se de pronunciar-se sobre a sufficiencia do trabalho offerecido como titulo de admissão ao seio do Instituto, porque entende que essa attribuição compete exclusivamente á commissão de admissão de socios, que não teria razão de ser, desde que as commissões encarregadas do exame dos trabalhos offerecidos fossem alem do limite traçado pelos Estatutos. Estas, têm de pronunciar-se sobre o merecimento dos escriptos em geral, e aquella sobre a sufficiencia d'elles para o fim especial á que se destinam, quando aqui apresentados.

« É como o entende a commissão de Historia; o Instituto, porém, resolverá como tiver por mais acertado.— Sala das sessões, em 3 de Setembro de 1880.— *O. H. de Aquino e Castro.— Luiz Francisco da Veiga.* »

2º parecer :

« A Historia universal, geral, provincial ou municipal, póde ser ainda dividida em duas grandes partes : historia governativa e historia social :

« Comprehende a primeira : a politica e a administração; a segunda, as sciencias, as letras, as artes e as industrias.

A historia administrativa é a historia governativa de

ordem secundaria, mas tambem historia, e de uma utilidade incontestavel.

O que se fez ou está feito, na esphera da administração, será sempre um ponto de partida para o que se vai fazer.

« O Sr. Dr. Alfredo Piragibe, medico distincto d'esta côrte é um homem de bem, com decidida vocação para os estudos historicos, escreveu uma extensa e interessante *Noticia historica da Legislação sanitaria do Imperio do Brasil, desde* 1822 *até* 1878 a qual offerece e dedica a este Instituto Historico, para servir de titulo de admissão no nosso gremio.

« Os seguintes trechos da dedicatoria dão uma idéa clara e sufficiente da natureza e do merito da obra.

« Dividindo a historia da nossa legislação sanitaria em tres periodos, percorremos, atravez d'elles, os actos dos poderes legislativo e executivo, de que tivemos noticia, desde 1822 até 1878, com relação ao serviço sanitario geral do paiz, harmonisando, quanto possivel, com a ordem chronologica dos factos á ordem physica das differentes materias a que ellas dizem respeito.

« De 1822 a 1843, o Brasil, ainda quasi intacta a herança da legislação portugueza, teve, na parte d'esta que lhe era applicavel, avulsas e desmembradas, varias disposições de lei sobre salubridade, as quaes, a necessidade aqui ou alli reclamava e das quaes apenas algumas mal se póde grupar em torno da Lei de 1° de Outubro de 1828, onde as medidas sanitarias foram tomadas de um modo geral, ao lado das outras medidas relativas aos interesses materiaes dos municipios.

« O acto addicional, porém, incorporando a policia de portos ao governo geral, creou a necessidade de legislar-se sobre a parte sanitaria d'esse serviço, de modo a tornal-a independente da jurisdicção municipal, desmembração

esta, que não podia deixar de acarretar a dos outros serviços do mesmo genero e que constitue o mesmo grupo strictamente ligado pelo caracter especial que tem, sob a denominação de — *serviço sanitario*; entretanto, só nove annos depois, se fez sentir n'este serviço o effeito da centralisação da policia dos portos; como era de prever, porém, conforme acabámos de dizer, menos tempo se fez esperar a centralisação dos outros ramos do serviço sanitario: só em 1843 a inspecção de saude dos portos foi incumbida ao governo geral, mas, logo em 1846 foi creado o Instituto Vaccinico do Imperio; em 1850, a Junta (depois Central, em 1851) de *Hygiene Publica* e, finalmente, em 1853 o *Hospital Maritimo de Santa Isabel*; foi, pois, de 1843 a 1853 o segundo periodo da historia da legislação sanitaria brasileira, caracterisada pela creação das differentes repartições do serviço sanitario concentralisado. Não se entenda, porém, que por dizermos que foi centralisado o serviço sanitario, queremos concluir d'esses regulamentos a exclusão das autoridades que, por sua natureza, são fiscaes da salubridade publica: sem entrar na questão das vantagens ou desvantagens que podem resultar das centralisações administrativas, empregamos este termo no sentido da reunião da vasta e complexa rêde administrativa em que descansam os interesses sanitarios do paiz, sob as vistas de uma instituição profissional de elevada categoria, provado, como diz Virey, que em todos os tempos, e em todos os paizes, as medidas geraes que importam á salubridade quer no seio das cidades, quer fóra d'ellas, incumbem á administração superior (1): pois, nos regulamentos a que nos referimos, nenhuma d'aquellas autoridades não

(1) Virey — Hygiène philosophique appliquée à la civilisation moderne. 1828.

só não foi desautorada, como tambem não deixou de ser mencionada com as attribuições que lhe são innatas; a fusão, porém, de taes elementos não poderia desde logo produzir fructos sem *senão*, e a experiencia tem aconselhado, de 1853 para cá, successivas modificações, nos nossos regulamentos sanitarios, modificações que não importam de modo algum um codigo inteiramente novo, mas, que cumpre que estejam constantemente ao lado dos mesmos regulamentos, a bem da fiel observancia de todas as leis sanitarias em vigor no paiz: chamaremos a este ultimo periodo a *Historia contemporanea da legislação sanitaria brasileira.*

« O Sr. Dr. Alfredo Piragibe mostra ser um investigador denodado de factos que interessam á historia administrativa d'este Imperio; o seu longo trabalho muito abona a sua actividade e o seu amor ás cousas publicas, revelando intelligencia e leitura.

« A commissão fazendo assim conhecido o assumpto, que examinou, e emittindo o seu juizo a respeito, tem por cumprido o seu dever, deixando a commissão de admissão de socios o encargo de pronunciar-se sobre a sufficiencia do trabalho para o fim especial a que foi destinado. O Instituto resolverá afinal como entender em sua sabedoria.— Sala das sessões, em 3 de Setembro de 1880.— *Luiz Francisco da Veiga.— O. H. de Aquino e Castro.* »

3º. Parecer da commissão subsidiaria de trabalhos historicos:

« Lemos com a mais detida attenção algumas obras do Sr. Francisco Gomes de Amorim, e com mais particularidade o 2º tomo do seu drama *O Cedro vermelho* apresentado como titulo de admissão do autor ao gremio do nosso Instituto.

« O Sr. Francisco Gomes de Amorim, que por seus merecimentos, como poeta, dramaturgo e romancista, pertence á Academia Real de Sciencias de Lisbôa e á varias Sociedades litterarias da Europa, é um dos escriptores portuguezes que mais sabe e se dedica ás nossas cousas, e conhece-as *de visu* como quem habitou por muito tempo e percorreu demoradamente muitos lugares das provincias do Pará e Amazonas.

« O 2º tomo do referido drama é todo elle consagrado a esclarecimentos e noticias sobre os usos, costumes e dialectos dos nossos indigenas, sobre alguns animaes e vegetaes da região amazonica, bem como descripções de algumas de suas paisagens. Mereceram por isso, tão substanciosas notas, mui favoravel apreciação do nosso douto confrade Monsieur Ferdinand Denis, que corre traduzida em jornaes portuguezes.

« Além d'este trabalho, escreveu o Sr. Francisco Gomes de Amorim o romance *Selvagens*, cuja acção é travada e desenvolvida na provincia do Pará por occasião da revolta de 1835 a 1836. Ahi tambem manifesta o mesmo criterio e espirito observador, que recommenda o autor á nossa gratidão e benevolencia.— Sala das sessões, em 27 de Agosto de 1880.— *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.— Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.— Dr. Rozendo Moniz Barreto.* »

« 4.º A commissão de admissão de socios concorda com a de trabalhos historicos sobre o merecimento real da Memoria do Sr. Dr. Franklin Tavora, relativa ao movimento revolucionario de Pernambuco, e o considera, por esta prova promissora de outras muitas em quem cultiva com applauso as letras, digno de pertencer ao Instituto Historice, que muito deverá esperar dos esforços d'esse distincto candidato, já bem conhecido no nosso mundo litterario.—

Sala das sessões, em 27 de Agosto de 1880.— *Alfredo d'Escragnolle Taunay.— Guilherme S. de Capanema.* »

Depois de apresentados e lidos estes pareceres, o Sr. Dr. Taunay pedindo a palavra, expôz a conveniencia das commissões de Historia, Geographia e outras, darem opinião franca e decidida sobre a competencia dos trabalhos apresentados para a admissão dos candidatos ao gremio do Instituto; ficando á commissão de admissão de socios o cuidado de indagar da idoneidade e de outros exames e inquerito sobre os candidatos propostos, conforme determinam os Estatutos; o que o Instituto approvou, depois de algumas observações dos Srs. conselheiros Olegario e Capanema. Tambem pedindo a palavra o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, ponderou que, na fórma dos Estatutos, as propostas para candidatos, devem conter os nomes d'estes e appellidos, naturalidades, profissões, idades e titulos que os recommendam, como está marcado nos respectivos Estatutos, e cumpre que assim se observe. Foi approvado.

O Sr. conselheiro Araripe leu uma memoria com o titulo: *Jus vitæ et necis no Brasil*, ou a extensão do patrio poder nos tempos da primitiva colonisação.

Ás 8 horas, o Sr. presidente, obtendo a venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo.

2° secretario supplente

11ª SESSÃO, EM 17 DE SETEMBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiros Tristão de Alencar Araripe e Guilherme Schüch de Capanema, Maximiano Marques de Carvalho, Alfredo de Escragnolle Taunay, Joaquim Pires Machado Portella, João Barbosa Rodrigues e barão de Wildick, annunciando-se a chegada de Sua Magestade o Imperador foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia das Alagôas, enviando um exemplar do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da mesma.

Dito do consocio Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, bibliothecario da Bibliotheca Publica d'esta côrte solicitando d'este Instituto a sua cooperação e bem assim enviar-lhe os preciosos documentos e obras que possue, para a Exposição de Historia do Brasil que aquella Bibliotheca pretende realizar.

Resolveu-se que o Sr. Dr. Ramiz Galvão, de accôrdo com o Sr. 1° secretario, fosse encarregado de escolher entre os manuscriptos e obras impressas do Instituto, os que julgasse conveniente que figurassem na referida exposição.

Dito do Sr. José Coelho Gomes Ribeiro, pedindo a este Instituto o seu valimento em favor da Bibliotheca Publica que o Club Recreativo e Litterario da cidade de São João do Principe acaba de crear, para a qual já tem obtido valiosos donativos de varios estabelecimentos litterarios.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo consocio o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, os seguintes manuscriptos, extrahidos de originaes que encontrou no Archivo Publico d'esta côrte, d'onde é director, a saber :

Mappa das ordens monasticas e religiosas da capitania do Rio de Janeiro, suas casas, numeros de religiosos, rendas e bens territoriaes e mais subsistencia, o qual foi enviado ao governo em Portugal, pelo vice-rei conde de Rezende, em officio de 5 de Dezembro de 1797.

Mappa de toda a qualidade de moedas de ouro, prata e cobre que correm na capitania do Rio de Janeiro e provincia, que se tem lavrado desde o anno de 1768 a 1796, e cunhadas na real Casa da Moeda da mesma provincia.

Mappa dos effeitos que foram transportados da cidade do Rio de Janeiro para os portos de Lisbôa, Porto, Fayal, Vianna, Pernambuco, Bahia, Angola e Benguella no anno de 1796.

Pelo Sr. Antonio Joaquim Alvares, o seu poema *D. Vasco da Gama*, em 5 cantos, consagrado a trasladação do seu precioso feretro, removido do convento do Carmo da villa de Vidigueira, onde jazia desde o seculo XVI, para a igreja de Belém em Lisbôa, no dia 29 de Agosto de 1871. Rio de Janeiro, 1880.

Pela redacção do *Archivo dos Açores* o n. 7 do vol. 2º da sua publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana, e pedindo a permuta d'aquella publicação com as *Revistas* d'este Instituto.

Pelo Sr. Paulo Tournafond *L'Exploration, Revue des conquêtes de la civilisation sur tous les ponts du Globe*, os ns. 183 a 186 do corrente anno. Paris, 1880, 4 fasciculos.

Pela Sociedade de Geographia Commercial de Bordeaux, o seu *Boletim* ns. 15 e 16 do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa *Questões africanas*, representação do governo portuguez pela mesma sociedade. Lisbôa, 1880.

As offertas são recebidas com agrado.

O Sr. barão de Wildick, pedindo a palavra, agradeceu ao Instituto a honra de o admittir em seu gremio como socio correspondente.

O Sr. conselheiro Olegario, como orador interino d'este Instituto, dirigiu ao Sr. 1º secretario o seguinte officio, acompanhado do discurso que proferiu no dia 7 do corrente perante Sua Magestade o Imperador:

« Illm. e Exm. Sr.— Passo ás mãos de V. Ex., para que seja presente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o discurso que, na qualidade de orador interino do mesmo Instituto, e de conformidade com os Estatutos, proferi, no dia 7 do corrente, perante Sua

Magestade o Imperador, que se dignou responder *que se associava com o mais vivo jubilo ás congratulações do Instituto Historico pelo dia da maior festa nacional.*

« Deus guarde a V. Ex. — Rio, 16 de Setembro de 1880. — Illm. e Exm. Sr. 1° secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.— *Olegario Herculano de Aquino e Castro.*»

Discurso proferido no dia 7 de Setembro de 1880 pelo conselheiro O. H. de Aquino e Castro, como orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Senhor.— Quanto é nobre e elevada a missão que cabe á historia ao registrar os factos memoraveis que abrilhantam a vida das nações ! Ella consagra a justiça suprema da opinião; estabelece o vinculo de união entre o passado e o presente, entre a actualidade e o futuro, dando ao mundo as lições que o tempo e o estudo ensinam, para que possam bem ser julgados os homens e as cousas, discriminando-se as causas e os effeitos dos successos, que por mais de uma vez têm feito mudar a sorte dos povos e o caracter da humanidade.

« É a historia a narração fiel e fundamentada dos acontecimentos que hão tido lugar sobre a terra, e nos quaes tem o homem representado o principal papel : ella se destina a preencher, no meio da civilisação moderna, a eminente funcção de reguladora das consciencias, esclarecida pela luz da verdade, e só guiada pela voz poderosa da razão illustrada e imparcial, que em todos os tempos e em todos os lugares foi ouvida como a exacta manifestação do pensamento na apreciação de todos os phenomenos da vida social.

« Um facto houve na nossa ainda breve, mas já gloriosa historia, que, constituindo o titulo de maior honra a que póde o homem aspirar na sociedade—o de libertador de um povo e fundador de uma nacionalidade—foi tambem para nós o prologo de uma nova existencia, e marco milliario de uma jornada até hoje activamente percorrida em conquista da civilisação e do progresso.

« Ha 58 annos que em um dia tão claro e festivo como este, no abençoado torrão paulistano, e nas floridas campinas do Ypiranga, celebrou-se a regeneração de um grande povo, o baptismo de uma grande nação, que surgiu á luz da vida ao ingente brado — *Independencia ou morte* — solto pelo mais generoso dos principes, o inclyto heróe de dois mundos, sempre vivo na lembrança de todos quantos prestam culto á religião do patriotismo e de liberdade.

« Não foi, não podia ser a independencia do Brasil obra de um só homem, nem a inspiração de um só momento; ella era de ha muito o summo anhelo de um povo já livre nos sentimentos, quando ainda o não era nas acções; a liberdade ingenita ao caracter do povo americano era sem duvida uma aspiração nacional, e para que fosse realizada concorreram muitos, em cujo peito ardiam os impulsos de mais encendrado patriotismo.

« Mas, ao principe que a proclamou em hora propicia, como aos patriotas que collaboraram na incruenta conquista do inestimavel bem que ora gozamos, manda a justiça da historia que se prestem as homenagens que o Brasil todo hoje tributa nos arroubos do mais vivo enthusiasmo.

« É sempre grata a recordação de feitos sublimados que constituem o mais valioso patrimonio de honra para uma nação livre e independente, e é sempre doce para

nós, herdeiros de tantas glorias e representantes de uma geração nova, educada nas tradições de heroismo que nos deixaram os nossos maiores, render preitos de admiração e de reconhecimento á memoria d'aquelles que passaram á posteridade, deixando-nos o exemplo das civicas virtudes que praticaram, e o estimulo das nobres acções que assignalaram a magestosa epopéa de 1822.

« Hoje exulta o paiz ao relembrar-se do arrojado commettimento que tornou para sempre memoravel o primeiro dia do Brasil; temos patria e somos emfim cidadãos; anima-nos a fé que nos inspira o presente, e fortalece-nos a esperança que depositamos no futuro. O lustre que d'ahi provém reflecte todo no excelso throno imperial, porque a verdadeira gloria de um principe é reinar sobre um povo livre, conscio de sua força e de seus direitos, e só escravo da lei, porque é sob o jugo legal que se faz effectiva a liberdade.

« Essas honrosas felicitações, que vos são hoje dirigidas, recebei-as, Senhor, que bem as mereceis; porque tendes sempre confraternisado com o povo, e assás tendes mostrado comprehender que a causa do povo é a causa da nação, que jurastes zelar e defender.

« Saudando-vos, felicitam-se a si mesmos aquelles que vos saudam, porque em vós se acha encarnada a legitima soberania que só vem da nação, d'essa fonte unica, pura e inesgotavel de autoridade e de força, de que depende a grandeza das nações.

« Não somos grandes, porque somos independentes; mas porque, sendo livres, temos consciencia do que vale a liberdade, e sabemos pugnar pela effectividade dos direitos que nos confere a lei constitucional.

« É no consorcio da monarchia com o systema representativo que repousa essencialmente a segurança das nossas liberdades, e é por isso que unimos em um só voto as

acclamações que fazemos á independencia, porque nos deu a liberdade, e ao regimen constitucional, porque nos habilitou a usar d'ella.

« E a historia do povo, que é a historia da humanidade, ha de em todo o tempo fazer justiça áquelles que souberam engrandecer-se, engrandecendo o throno que se firma nas solidas bases da democracia ordeira, laboriosa e moralisada, d'essa democracia que eleva e não rebaixa, vivifica e não destróe, que aprende e ensina a governar, porque sabe respeitar a lei, guardar o direito e prezar a justiça, sem o que seria impossivel a ordem, o progresso e a civilisação.

« E como seja este o dia dos grandes regosijos nacionaes, permitti que no meio de tantas galas e esplendores que exalçam a festividade a que assistimos, tambem nós, filhos do povo e membros de uma illustrada associação litteraria, da qual sois o desvelado Chefe e o immediato Protector, venhamos trazer ao altar da patria as puras offerendas de um amor constante, de uma dedicação e respeito profundo ás nossas mais caras instituições.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro cumpre assim o mais agradavel dos seus deveres ; e fazendo chegar ao augusto throno de Vossa Magestade Imperial a sincera manifestação dos patrioticos sentimentos de que se acha possuido, congratula-se com todo o Imperio pelo feliz anniversario da nossa emancipação politica, commemorando ainda uma vez a data mais gloriosa da nossa historia, e fazendo votos ao Altissimo pela prosperidade d'este vasto Imperio, grande como o genio que o creou, franco como as instituições que o regem, e elevado como o throno que o exorna.

« Digne-se Vossa Magestade Imperial de acolher benigno as respeitosas e cordiaes felicitações do Instituto Historico, em dia de tanto jubilo para todos os corações brasileiros.»

A resposta dada a este discurso por S. M. o Imperador, e mencionada no officio acima transcripto, é recebida pelo Instituto com profundo respeito e acatamento.

ORDEM DO DIA

Foram enviados á commissão de admissão de socios os tres pareceres (já transcriptos na acta anterior), dados pelas commissões de Historia e subsidiaria d'esta, sobre os trabalhos dos Srs. Drs. Raymundo de Sá Valle, Alfredo Piragibe e Francisco Gomes de Amorim.

Leu-se, e ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer da commissão de admissão de socios, favoravel ao Sr. Dr. João Severiano da Fonseca.

« A commissão de admissão de socios, tendo presente o parecer da commissão de trabalhos historicos sobre a *Memoria* do Dr. João Severiano da Fonseca, e considerando o juizo altamente favoravel expendido sobre elle e os altos merecimentos do candidato proposto, é de parecer seja proclamado membro correspondente d'este Instituto, tendo certeza de que da admissão d'esse distincto cultor das sciencias e letras resultarão brilhantes e fecundos fructos para a nossa Sociedade. Sala das sessões, em 13 de Agosto de 1880.—*Escragnolle Taunay.*—*Guilherme S. de Capanema.* »

Votou-se por escrutinio secreto, e foi unanimemente approvado, o parecer da mesma commissão a respeito da admissão ao gremio do Instituto do Sr. Dr. Franklin Tavora, sendo este senhor proclamado pelo Sr. presidente membro correspondente do Instituto.

Os Srs. Drs. Moreira de Azevedo e conselheiro Araripe obtiveram a palavra, e leram: aquelle um trabalho seu sobre o duque de Caxias; e este o capitulo XIII da sua

memoria sob o titulo *Guerra civil no Rio-Grande do Sul.*

Dada a hora, obtida venia de S. M. o Imperador, levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° Secretario supplente.

12ª SESSÃO EM 1 DE OUTUBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conselheiros Guilherme Schüch de Capanema, Tristão de Alencar Araripe, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Henriques Leal, Augusto Fausto de Sousa, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Baptista Caetano de Almeida Nogueira e Joaquim Pires Machado Portella, faltando, por incommodado, conforme communicou, o Sr. Dr. Moncorvo de Figueiredo, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, 2° secretario, servindo de 1°, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. director da 1ª directoria da Secretaria de Estado dos negocios do Imperio, enviando, em satisfação ao que lhe foi dirigido pelo Sr. 1º secretario d'este Instituto em 9 de Setembro ultimo, varios mappas, cartas e plantas constantes de uma relação annexa; e promettendo envidar esforços para colligir e remetter quaesquer documentos ou subsidios, impressos ou manuscriptos, que possam servir á historia e geographia do Brasil.

Dito do Sr. director-geral da Secretaria da Justiça, communicando, em resposta ao que o Sr. 1º secretario lhe dirigiu, que no archivo d'aquella Secretaria não existem cartas nem documentos que possam interessar á historia e geographia do Brasil, e que, se porventura na organização a que ella está procedendo forem encontrados manuscriptos sobre o assumpto, elle director enviará as respectivas cópias.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela Secretaria do Imperio, o numero da *Revista Brasileira*, de Setembro ultimo.

Pelo Sr. Theophilo Braga, um exemplar da *Bibliographia Camoneana*, impressa em Lisbôa no corrente anno.

Pela Academia dei Lincei em Roma, varias memorias em 6 vols. Roma, 1877—1878.

Pe'a redacção do jornal *A Mãi de Familia*, 2 numeros.

Pelo Sr. Paulo Tournafond, *L'Exploration, Révue des conquêtes de la civilisation sur tous les ponts du Globe*, etc. Pariz, 1880, 3 fasciculos.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

O Sr. conselheiro Capanema, pedindo a palavra, disse, que em 1866, seguindo elle, em desempenho de sua commissão telegraphica, pela costa da ilha do Cardoso, ao sul da barra de Cananéa, encontrou sobre o promontorio pedregoso, composto de calháos soltos sobre rocha argilosa, salpicada de christaes de magnetito, encostado, um marco de marmore já bastante carcomido pelo tempo, e que examinando-o, reconheceu haver n'elle uma cruz que parecia ser da ordem de Christo, sobreposta a um escudo com as quinas portuguezas em cruz. Essa ponta de pedra é conhecida por ponta do Itacurussá, fronteira á ilha do Bom-Abrigo e junto a ella passava o antigo caminho do Rei, hoje absolutamente impraticavel.

« Disse mais—que constando-lhe, o anno passado, que por alli passára um americano ou inglez, que tentára levar esse marco, julgára mais conveniente salval-o, e com esse fim dirigiu-se ao Sr. ministro do Imperio, pedindo que ordenasse á Camara municipal de Cananéa para permittir a trasladação d'esse marco para o Instituto Historico, e effectivamente chegou aqui com um dos tenentes, não se podendo extrahir o outro por estar muito encravado, e que virá mais tarde; ambos esses tenentes, já de longa data, se achavam precipitados no mar.

O Instituto resolveu que a commissão de archeologia e ethnographia fosse encarregada de apresentar um trabalho sobre o referido marco.

ORDEM DO DIA

Votou-se em escrutinio secreto, e foi unanimemente approvado o parecer já transcripto na acta antecedente, relativo á admissão do Dr. João Severiano da Fonseca, como socio correspondente d'este Instituto.

De conformidade com a votação foi o candidato proclamado pelo Sr. presidente membro correspondente do Instituto.

O Sr. conselheiro Araripe, tomando a palavra, leu os capitulos XIV e XV do seu trabalho intitulado *Guerra Civil no Rio-Grande do Sul.*

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º secretario supplente.

13ª SESSÃO EM 22 DE OUTUBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Augusto Fausto de Sousa, Maximiano Marques de Carvalho, barão de Wildick, conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, Drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Joaquim Pires Machado Portella, Alfredo de Escragnolle Taunay, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, João Severiano da Fonseca e Ladislau de Sousa Mello Neto, annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, 2º secretario, servindo de 1º, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. ministro e secretario de Estado dos negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, remettendo 200 exemplares da planta geral da estrada de ferro D. Pedro II e das outras estradas de ferro das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Dito do Sr. director da directoria central da mesma Secretaria de Agricultura, enviando varios exemplares de publicações officiaes e cartas geographicas constantes de uma relação annexa.

Dito do Sr. presidente da provincia do Rio de Janeiro, enviando, em solução ao officio que lhe foi dirigido pelo Sr. 1º secretario d'este Instituto, varios relatorios, balanços, orçamentos e collecções de leis d'aquella provincia, e uma carta chorographica da mesma.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, enviando tambem uma collecção de relatorios, legislação e outros documentos officiaes d'aquella provincia.

Circular do Sr. 1º secretario da sociedade de Geographia de Lisbôa, communicando que o governo portuguez, por decreto de 14 de Agosto ultimo, reunira áquella sociedade a commissão permanente de Geographia, entregando a bibliotheca, archivo, etc., e que tratava da organização de secções em varias localidades.

Officio da directoria da sociedade de Geographia commercial da cidade do Porto, communicando a este Instituto a sua installação em 10 de Junho do corrente anno, e

pedindo o auxilio que reciprocamente podem prestar as corporações litterarias.

Dito da directoria do Club Litterario, estabelecido ha nove annos na cidade de Paranaguá, pedindo, no intuito de melhorar a sua bibliotheca, o auxilio d'este Instituto enviando-lhe suas publicações.

Carta do Sr. Estanislau S. Zeballos, datada de Buenos-Ayres, communicando que voltára da sua viagem de exploração aos territorios do Pampa na republica Argentina, que servia de asylo á raça dos indigenas Araucanos, percorrendo n'essa exploração 300 leguas, com grandes perigos, e que descobrira rios, montanhas, lagos, etc., o que dá occasião a numerosas rectificações nas cartas da America do Sul, e affirma que esse Pampa immenso e sem accidentes e imaginado pelos viajantes, até hoje defendido pelos indios, nunca existiu. O mesmo Sr. Zeballos espera brevemente remetter-nos a sua viagem, actualmente no prélo.

Duas cartas do Sr. conde Alexandre de Lubawsky, da Russia, autor de varias obras de jurisprudencia, magistrado e membro de 740 sociedades diversas, pedindo, pela terceira vez, ao Instituto a nomeação de seu membro correspondente.—Respondeu-se, enviando para conhecimento do impetrante, um exemplar dos Estatutos pelos quaes se regula a admissão dos socios.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela Secretaria do Imperio, o n. de Outubro da *Revista Brasileira* publicada n'esta côrte.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o *Boletim* da mesma—2 fasciculos, tom. V.

Pela redacção do jornal *A Mãi de Familia*, o n. do mez de Setembro do corrente anno.

Pelo consocio o Sr. barão de Wildick, as seguintes obras:

Vegetaes fosseis.—Flora fossil do terreno carbonifero das vizinhanças do Porto, serra do Bussaco, e Moinho d'Ordem, proximo a Alcacer do Sal, por Bernardino Antonio Gomes. Lisbôa, 1865.

Molluscos fosseis.—Gasteropodes dos depositos terciarios de Portugal, por F. A. Pereira da Costa. Lisboa, 1867.

Da existencia do homem em épocas remotas, no valle do Tejo.—Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda, por F. A. Pereira da Costa. Lisbôa, 1665.

Monumentos prehistoricos.—Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal, por F. A. Pereira da Costa. Lisbôa, 1868.

As offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. Machado Portella, pediu a palavra, e fez ligeiras considerações sobre a conveniencia, senão necessidade da rectificação de datas e nomes proprios, quando se trata de factos historicos; o que á primeira vista parecerá de pouca importancia, mas que quasi sempre é de grande monta, diz que, em virtude de documentos originaes existentes no Archivo Publico, dos quaes offerece ao Instituto cópias authenticas, verificou que:

O governador do Pará, Martinho de Sousa e Albuquerque tomou posse, não a 21 de Outubro de 1780, como diz o visconde de Porto-Seguro no catalogo dos governadores da dita capitania inserto no tom. I da sua obra *Historia Geral do Brasil*, nem a 21 de Outubro de 1783, como diz o autor das *Ephemerides* na *Gazeta de Noticias*, mas sim no dia 25 de Outubro, como diz o general Abreu Lima á

pag. 257 da sua *Synopsis*; o que se prova, não só com o officio do mesmo governador Martinho de Sousa, datado do Pará em 27 de Outubro do dito anno, communicando a sua posse no dia 25, como com um officio do seu antecessor José de Napoles Tello de Menezes, datado do Pará em 25 do citado mez e anno, dizendo que déra posse ao referido governador *no dia de hoje*, sabbado, 25, etc., etc.

O governador que no Pará succedeu a Martinho de Sousa e Albuquerque não se chamava D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, como diz o visconde de Porto-Seguro no lugar acima citado, e como diz o autor das mencionadas *Ephemerides*, mas, sim, D. Francisco de Sousa Coutinho, como diz Abreu Lima á pag. 265 e 279 da obra citada, embora no indice da mesma obra diga *D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho*.

Todos os officios d'esse governador do Pará desde o em que participa á côrte de Portugal a sua posse, estão com a assignatura de *D. Francisco de Sousa Coutinho*.

O engano dos referidos historiadores talvez provenha de ter havido um governador de nome D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho em Angola, e d'elle existem no Archivo Publico dois officios originaes, um de 16 de Janeiro e outro de 6 de Março de 1769. Não se deve, porém, suppôr que seja o mesmo individuo, que porventura fosse governar o Pará depois de haver governado Angola e n'essa occasião tivesse deixado de usar do segundo nome *Innocencio*, pois a letra da assignatura de um (Francisco Innocencio) é de máo caracter, miuda, irregular, ao passo que a do outro é graúda, igual e muito legivel, inteiramente differente.

Esse governador D. Francisco de Sousa Coutinho tomou posse do governo do Pará, não a 15 de Maio de 1790, como diz o visconde de Porto-Seguro, nem a 15 de Junho, como diz o general Abreu Lima, nem a 16 de Julho, como diz o autor das *Ephemerides*; porém a 16 de Junho do dito anno de 1790, como se prova com dois officios, tambem originaes, um do mesmo governador datado do Pará a 27 de Junho, e outro de seu antecessor Martinho de Sousa e Albuquerque de 26, declarando ambos á côrte de Portugal que o dia da chegada foi 12 e o da posse 16 de Junho de 1790.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho propôz que ás *Revistas* remettidas para as sociedades scientificas da Europa se addicione alguns exemplares da planta geral da estrada de ferro D. Pedro II e das estradas, tambem de ferro, das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes, offerecidas pelo Sr. ministro da Agricultura.

O Sr. presidente declarou que a proposta seria tomada em consideração, ouvidas préviamente as commissões de Redacção e de Geographia.

O mesmo Sr. Dr. Maximiano, obtendo a palavra, leu um trabalho seu, sob o titulo: *O Roteiro de Christovão Colombo em sua primeira viagem para descobrir o Novo Mundo, com certeza de encontrar terras desconhecidas.*

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade o Imperador, levantou a sessão.

C. H. de Figueiredo
2º secretario.

14ª SESSÃO, EM 29 DE OUTUBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Presidencia de Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Jesuino Ferreira, conselheiros Guilherme Schüch de Capanema e Olegario Herculano de Aquino e Castro, João Severiano da Fonseca, Joaquim Pires Machado Portella, Benjamin Franklin Ramiz Galvão e Baptista Caetano de Almeida Nogueira, foi recebido Sua Magestade o Imperador com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, participando não poder comparecer por doente, e offerecendo ao Instituto tres numeros do *Cruzeiro* onde foi publicada a *Memoria* que pretendia lêr em uma das sessões sobre Antonio de Saldanha da Gama, que foi governador da capitania do Maranhão desde 1804 a 1806.

Um dito do Sr. 1º secretario do Gabinete de Leitura Tatuhyense, na provincia de S. Paulo, pedindo para a bibliotheca do mesmo, uma collecção das *Revistas* e outras publicações d'este Instituto, afim de, por meio

de sua leitura, tornar conhecidos os importantes trabalhos do mesmo Instituto, sobre a historia, a geographia e a ethnographia do Brasil.

Houve varias offertas, que foram recebidas com agrado, de jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

ORDEM DO DIA

Leram-se e ficaram sobre a mesa, para serem votados na proxima sessão, os seguintes pareceres:

1.º A commissão de Admissão de socios, tendo presente o extenso parecer da commissão de Trabalhos historicos sobre a *Noticia da Legislação Sanitaria do Imperio do Brasil desde* 1822 *até* 1878, offerecida e dedicada a este Instituto pelo seu autor o Sr. Dr. Alfredo Piragibe, para servir de tituto de admissão ao nosso gremio; é de parecer seja o mesmo senhor aceito na qualidade de membro correspondente.— Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1880.— *Alfredo de Escragnolle Taunay.*— *Guilherme S. de Capanema.*

2.º A commissão de Admissão de socios, tendo em attenção os serviços prestados pelo Sr. Francisco Gomes de Amorim, litterato portuguez, e mencionados pela commissão de trabalhos historicos, que deu parecer sobre a conveniencia da admissão do mesmo senhor ao gremio do Instituto, é de opinião que seja elle acclamado membro d'este Instituto, muito embora em seus escriptos se notem algumas inexactidões historicas e philologicas que denunciam a precipitação com que assevera pontos duvidosos das tradições e da lingua indigena do valle do Amazonas.— Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1880.— *Alfredo de Escragnolle Taunay.*— *Guilherme S. de Capanema.*

O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, obtendo a palavra, leu um seu trabalho sob o titulo *Indios de Guaporé, Os Palmellas.*

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo
2º secretario supplente

15ª SESSAO EM 12 DE NOVEMBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom Retiro.

Ás 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, Augusto Fausto de Sousa, Maximiano Marques de Carvalho, Franklin Tavora, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Antonio Henriques Leal, barão de Wildick, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Rozendo Moniz Barreto, conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, João Severiano da Fonseca, Ladislau de Sousa Mello Netto, conselheiro Guilherme S. de Capanema e Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, foi recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. presidente tomou a palavra, e em sentidas e eloquentes phrases lastimou o passamento do visconde do Rio-Branco: memorou seus grandes serviços, sua influencia e importancia

na politica do paiz, o saber, o tino, o estudo, os talentos, o trato affavel, os eminentes cargos e elevada categoria que o illustre cidadão soube attingir na historia da nação ; recordou que mais uma vez este anno o Instituto se vestiu de luto pela perda de um consocio distincto como era o insigne estadista, cujo fallecimento todos, sem attender a partidos, sem extremar idéas, deviam prantear, pois era o visconde do Rio-Branco d'aquelles homens que por suas grandes acções e altas qualidades honram e illustram os povos. Terminando o seu expressivo e path tico discurso, propôz o Sr. presidente que, obtida a venia de S. M. o Imperador, em signal de profundo pezar, se levantasse a sessão logo depois da leitura do discurso proferido por parte do Instituto junto do ataúde do notavel brasileiro. Acolhidas com muito applauso e sentimento as palavras do digno e illustrado presidente, apenas terminada a leitura do discurso, que abaixo vai transcripto, levantou-se immediatamente a sessão.

Discurso do orador o Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto

« Senhores.— Ainda d'esta vez na realidade da morte resplende intemerata a potencia da vida.

« Ao dobre de finados, quando a necropole aos estrepitos do orgulho humano succede a mudez da lagrima na communicação mystica da existencia terrena com a existencia de além-campa, é quando melhor se levanta em um tumulo o monumento do finito á eternidade.

« Não nos irritemos, pois, contra a morte. Com o aniquilamento do corpo vai completar-se a glorificação da alma.

« Entre os que viviam ainda hontem e os que hão de morrer amanhã, realize-se o bem-aventurado encontro dos

espiritos, sem distincção de classes e condições, affirmando-se a idéa da immortalidade na memoria do visconde do Rio-Branco.

« Véros christãos, sobrepondo-nos aos desvarios do pensamento, entenebrecido e assombrado pelas ameaças do nada, repitamos ainda uma vez com o poeta crente :

« Prantear é descrêr pelos que morrem.
« Cessem, pois, nossos prantos e guardemos
« Para os vivos, que soffrem, nossas lagrimas. »

« N o choremos pelo grande homem que entrou em corpo no ról dos mortos, quando já pertencia pelo espirito ao gremio dos redivivos.

« Choremos pela patria, pela familia, por todos que o perderam.

« Ante os brios de um seculo para o qual a patria deve ser a terra, a familia deve ser a humanidade, a civilisação deve ser a philantropia, o direito deve ser a força, e a sciencia deve ser e bisarma do progresso, é realmente uma calamidade para os verdadeiros patriotas o inevitavel passamento do visconde do Rio-Branco.

« Talento robustecido pela honra, sectario da liberdade inseparavel da ordem, o lu ido estadista sabia guardar o meio termo entre os excessos da lei e os principios da anarchia.

« Conjuncto singularissimo de predicados civicos, o grande homem tinha a sobranceria da aguia na elevação do pensamento, o vigor do leão na firmeza do trabalho, a suavidade da pomba na brandura do trato.

« Cabeça e coração eram-lhe os dois extremos entre os quaes de continuo lutava a energia assombrosa, sem nunca decidir-se a victoria pelo amor proprio contra o amor do proximo.

« Dentro ou fóra do poder, elle era sempre o mesmo,

fidalgo do labor, gigante de paciencia, prototypo de tolerancia, estimulo glorioso para os adversarios, heróe da paz, saudado entre vencedores e vencidos nas batalhas do parlamento e nas lides da imprensa nacional ou estrangeira, nos interesses da politica interna ou externa, nas vicissitudes da vida publica ou particular.

« O povo adorava no magnanimo lutador os brazões da aristocracia com que se immortalisaram Lincoln, Buxton e Wilberforce.

« Subindo desde o primeiro até o ultimo degráo da escala social, as mostras de apreço que recebeu do throno honram ainda mais o reconhecimento do monarcha do que o valor indeclinavel de quem nasceu para hombrear com os benemeritos da humanidade.

« Se ha vulto luminoso em derredor do qual se possam confundir os partidos, sem dezar para as crenças politicas, antes com legitimo acatamento da grandeza nacional, é o visconde do Rio-Branco, surgindo da obscuridade supplantando preconceitos com a sua perseverança, transpondo as agruras sociaes com habitual serenidade, convencendo a propria sorte com resignação evangelica, dissipando, com um sorriso de criança em labios affeitos á mais vigorosa eloquencia, as coleras do despeito, verdadeiras tempestades humanas, ameaças da negra cobiça disfarçada em direito de propriedade.

« Quando não fossem tantos os relevantissimos serviços prestados, durante 40 annos, á causa publica, e reconhecidos em todas as espheras da actividade social; quando fosse esquecido o chefe do gabinete de 7 de Março, cuja longa influencia, traduzindo-se em plena evolução de prosperidades moraes e economicas, aboliu no recrutamento a caçada tão degradante para o exercito, reformou a guarda nacional, ridiculo instrumento da politica, e supprimiu a

prisão preventiva, nefario desabono da justiça; bastaria para encher de gloria não a um individuo, mas á uma geração inteira, a grandiosa victoria da lei, que na phrase eloquente de Salles Torres Homem acabou com « a pirataria exercida em roda dos berços, nas aguas do baptismo e ante as vistas immediatas de um povo christão. »

« E não é só dentro do paiz, na imprensa, no parlamento, nas academias, nas escolas, nas officinas, nos paços, nos tugurios, nas cidades e nos campos que se elevam hymnos em honra d'essa lei e do seu paladino, o qual, atravez dos maiores impecilios, consummou, na opinião de contemporaneos imparciaes, um trabalho herculeo; estendeu a patria até ás senzalas dos escravos e fez com que o ventre da escrava désse á luz cidadãos.

Não era possivel que deixasse de repercutir fóra do paiz, captando as sympathias das nações cultas, a fama do estadista assim elevada na voz dos adversarios: « Golpeando de morte o elemento servil, tornando-se o apostolo da emancipação, o visconde do Rio-Branco, de ha muito chegado ao apogeu de sua gloriosa carreira politica, adquiriu um lugar no Pantheon da immortalidade.

No juizo imparcial do estrangeiro sóbe de ponto a importancia do prestantissimo varão, que só deixa de ser brasileiro para tornar-se—homem universal—na altura dos elogios de tão longe inspirados pelo seu nome, e das ovações recebidas pessoalmente da Europa.

Basta lembrar o como foi aquilatado, em 1856, na imprensa e no parlamento da Inglaterra, o brioso protesto do ministro de estrangeiros no Brasil, salvaguardando direitos da soberania nacional contra abusos de força da rainha dos mares.

Não foi menos honrosa a apreciação do exterior, quando,

em 1871, o general Mitre escrevia enthusiasmado pelo visconde do Rio-Branco, applaudindo-lhe assim os recursos de vero gigante da tribuna: « O Sr. Paranhos manifesta-se arauto da humanidade, sem deixar de ser patriota e homem pratico. Desde que as palavras do Sr. Paranhos foram proferidas no parlamento brasileiro, têm ellas a força de uma lei moral.

« Para que se não diga, porém, que o governo do Brasil progride mais que o seu povo, é indispensavel que o parlamento lhe dê sua sancção legal, e que a nação inteira lhe ponha seu zêlo definitivo. »

Não se esqueça tambem a grande apologia, resumida nas seguintes palavras do ministro norte-americano, ao recolher algumas flôres no recinto do senado, d'entre as que choveram das mãos do povo sobre o egregio propugnador da lei emancipadora, quando esta sahia victoriosa: « Quero que em meu paiz se saiba que o que lá custou tanto sangue derramado, no Brasil apenas custou flôres. »

Com a victoria d'essa lei raiou para a terra de Santa Cruz a aurora d'aquelles magnificos dias prophetisados á França por Victor Hugo, quando descortina o futuro por entre os lampejos da sua imaginação olympica, influida pelas revelações divinas.

« Haverá, diz o poeta, no seculo XX uma nação extraordinaria. Esta nação será grandiosa, o que não obstará a que seja livre. Será illustre, rica, pensante, pacifica e cordial para com o resto da humanidade. Terá a gravidade de uma irmã velha, posto que seja a mais nova. »

Com uma simples troca de nomes, poderemos accrescentar: A grande nação terá a sua capital no Rio de Janeiro, e não se chamará Brasil; chamar-se-ha America do Sul no seculo XX; e no seguinte, mas transformada, chamar-se-ha — Humanidade.

Para que, em proveito do nosso paiz, se confirme, ao menos em parte, a prophecia do genio; para que se engrandeça o Brasil perante o genero humano, cerremos fileiras, cruzada do porvir, em torno do vasio immenso deixado pelo visconde do Rio-Branco; em honra do seu espirito, de que está electrisada a memoria da patria, juremos sobre o tumulo do estupendo bahiano completar pacificamente a obra humanitaria iniciada pela lei de 28 de Setembro de 1871.

Taes são os sentimentos com que fallo em nome do Instituto Historico Brasileiro, interprete da gratidão nacional e aqui tributario de saudosa homenagem, anticipando as palmas da posteridade.

Dr. Moreira de Azevedo,
2º Secretario supplente.

16ª SESSÃO EM 26 DE NOVEMBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. visconde de Bom-Retiro

Ás 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Bom-Retiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Tristão de Alencar Araripe, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Guilherme Schüch de Capanema e Henrique de Beaurepaire Rohan, barão de Wildick, Drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Rozendo Moniz Barreto, Augusto Fausto de Sousa, Baptista

Caetano de Almeida Nogueira, José Maria da Silva Paranhos Filho e conde de Baependy, foi recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do consocio Sr. Ladislau Netto, communicando não poder comparecer á presente sessão por motivo de serviço publico.

Officio do Sr. director da Secretaria de estado dos negocios da Guerra, remettendo, em solução ao que lhe dirigiu o Sr. secretario d'este Instituto em 9 de Setembro ultimo, um exemplar do *Diario do exercito brasileiro no Paraguay sob o commando do Sr. marechal do exercito Conde d'Eu,* e outro do *Atlas historico da guerra com aquella republica,* e declarando que deixava de enviar as cópias dos documentos que se achavam archivados n'aquella Secretaria, por terem sido remettidos para o Archivo Publico os referidos documentos.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo sete exemplares do *Mappa demonstrativo da estrada que se projecta abrir á margem esquerda do rio Parnahyba,* dois ditos da *Memoria sobre a ilha de Cuba,* escripta por Ricardo E. Ferreira de Carvalho, dois ditos da *Memoria sobre a provincia do Maranhão,* escripta pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, e varias collecções de *Leis e Regulamentos* d'aquella provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia de Minas-Geraes, declarando que opportunamente daria solução ao pedido feito pelo Sr. secretario d'este Instituto em 9 de Setembro

do corrente anno, de documentos concernentes á historia, geographia, estatistica, etc., d'aquella provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo exemplares de *Relatorios* e de *Collecções de Leis* d'aquella provincia, e que mais de espaço remetteria quaesquer documentos de que tenha noticia, relativos á historia, geographia e estatistica da provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia de Santa Catharia, tambem remettendo varias collecções de *Leis* e *Relatorios*, e pedindo que este Instituto examinando e elucidando a questão de limites entre aquella provincia e a do Paraná, á vista dos documentos que envia, sejam o juizo do Instituto e os referidos documentos transcriptos em sua *Revista*, para esclarecimento do governo e do poder legislativo quando definitivamente tiverem de resolver a dita questão.

Dito do Sr. director geral da Secretaria do governo da provincia do Rio-Grande do Sul, enviando um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Carlos Thompson Flores passou a administração d'aquella provincia ao 3º vice-presidente, em 15 de Abril do corrente anno.

Dito do Sr. secretario do Club Litterario da cidade de Paranaguá, agradecendo a este Instituto pela concessão de uma collecção de suas *Revistas*, para a Bibliotheca Publica creada pelo dito Club, e por elle solicitada.

Dito do Sr. Joaquim da Silva Castro, offerecendo um trabalho typographico, por elle executado, representando a fachada do edificio onde se acham estabelecidas as diversas officinas dos Srs. E. & Henrique Laemmert.

Dito do Sr. Miguel Vicente de Abreu, datada de

Nova-Gôa, offerecendo varios opusculos historicos, e pedindo ser admittido membro correspondente d'este Instituto.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo consocio o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, um exemplar do *Codigo Criminal do Imperio do Brasil* completado com as leis penaes subsequentes. Rio de Janeiro, 1880.

Pelo consocio o Sr. Dr. Augusto Fausto de Sousa, um exemplar da obra sob o titulo *Sud-Amérique — Sejours et voyages au Brésil, à la Plata au Chile, en Bolivie et au Péru, par le comte Charles d'Ursel.* Pariz, 1879.

Pela Sociedade de Geographia de Pariz, os seus *Boletins* de Maio a Julho do corrente anno.

Pelo Instituto Geographico Argentino, o *Boletim* tomo I caderno 5°.

Pela Sociedade Nacional da Agricultura do Chile, o *Boletim* n. 24 do tomo XI e o n. 1° do tomo XII.

Pela redacção, *Boletim do canal interoceanico* ns. 25 e 26.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, o n. 4° do seu *Boletim* de 1879.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o 3° fasciculo do seu *Boletim* tomo V.

Pela Sociedade de Geographia de Bern, dois fasciculos do seu jornal.

Pelo Sr. E. Mouchez a sua obra sobre longitude da costa do Brasil.

Pelo Sr. P. Tournafond *L'Exploration*, ns. 192 a 197 do seu *Boletim*.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram votados por escrutinio secreto, e unanimemente approvados, os pareceres da commissão de Admissão de socios, favoraveis aos Srs. Dr. Alfredo Piragibe e Francisco Gomes de Amorim, sendo estes senhores proclamados, pelo Sr. presidente, membros correspondentes do Instituto.

Os Srs. conselheiro Rohan, Dr. Ramiz Galvão e Moreira de Azevedo obtiveram a palavra, e leram :

O 1°, parte de um trabalho, sob o titulo *O Primeiro e o actual Porto-Seguro* contestação ao que escreveu o visconde de Porto-Seguro sobre o desembarque de Pedro Alvares Cabral ;

o 2°, *Notas para a historia patria*. Quem era João de Bolés ; e

o 3°, Um trabalho sobre o visconde do Rio-Branco.

As 9 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade o Imperador, levantou a sessão.

C. H. de Figueiredo

2° secretario

17ª SESSÃO, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1880

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Ás 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, e Augusto Fausto de Sousa conselheiros Guilherme Schüch de Capanema e Henrique de Beaurepaire Rohan, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Alfredo Piragibe, Rozendo Moniz Barreto, João Severiano da Fonseca e José Maria da Silva Paranhos Junior, faltando por motivo de serviço publico, como communicou, o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador que foi recebido com as honras do estylo e, tomando assento, o Sr. Joaquim Norberto, 2º vice-presidente, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. conselheiro Sousa Fontes, 1º secretario, dou conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo, em satisfação á circular, que recebeu do Sr. secretario d'este Instituto, em 9 de Setembro do corrente anno, varios relatorios e collecções de leis d'aquella provincia, e declarando que opportunamente enviaria os documentos de que trata a dita circular, se

porventura os adquirisse na pesquiza que ia fazer á tal respeito.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, remettendo, tambem em satisfacção á circular acima mencionada, de 9 de Setembro, as collecções de leis provinciaes dos annos de 1875 a 1879; varios exemplares de *Relatorios* e um exemplar da *Carta topographica* da mesma provincia, confeccionada segundo os trabalhos officiaes existentes no archivo das Obras Publicas, concluida por ordem do Sr. Dr. F. I. Marcondes Homem de Mello, quando presidente d'aquella provincia, sob a direcção do bacharel Antonio Eleutherio de Camargo, em 1868.

Dito do Sr. José Marques de Carvalho, actual ministro da Veneravel Ordem 3ª de S. Francisco da Penitencia, offertando dois exemplares do *Relatorio* apresentado á mesma veneravel ordem, pelo seu antecessor José Joaquim Ferreira da Costa Braga, por occasião da posse da mesa em 1 de Novembro do corrente anno.

Dito do Sr. director do Archivo Militar da côrte, declarando não poder dar cumprimento á circular de 9 de Setembro, que lhe foi dirigida pelo Sr. secretario d'este Instituto, solicitando cópias de documentos ou quaesquer subsidios existentes n'aquelle Archivo, que possam interessar á historia e geographia do Brasil, por não haver no mesmo Archivo pessoal sufficiente, e n'esse sentido já ter officiado ao Exm. Sr. ministro da guerra de quem já havia recebido ordem a respeito do pedido d'este Instituto.

Dito do Sr. Augusto Manoel Pralon, offerecendo um manuscripto sob o titulo : *Descripção topographica, historico-politica da cidade dos Campos dos Goytacazes no Brasil, por Manoel José Moreira Octaviano*. 1809.

Dito do Sr. Dr. Antonio Alvares dos Santos Sousa, chefe de secção da Secretaria da Agricultura, enviando dois exemplares do *Relatorio* do engenheiro W. Milnor Roberts, sobre o exame do rio S. Francisco desde o mar até a cachoeira de Pirapóra, feito em 1879 — 1880.

Dito do Sr. Bernardo Saturnino da Veiga, datado da cidade da Campanha em 8 de Outubro proximo passado, declarando que recebeu, com profunda gratidão e reconhecimento, o officio do Sr. 1º secretario d'este Instituto, em que lhe communicava haver sido pelo mesmo Instituto admittido em seu gremio como membro correspondente, e que empregaria esforços para corresponder á tanta benevolencia.

Dito do consocio o Sr. conselheiro Olegario, enviando o discurso abaixo, que, na qualidade de orador interino do Instituto, proferiu no dia 2 do corrente, perante S. M. o Imperador :

« Senhor. — Não é a simples observancia de um preceito regimental o que hoje traz á Augusta presença de Vossa Magestade Imperial o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, representado pela commissão que aqui se acha. É, sim, o cumprimento de um dever mais nobre e imperioso, por isso mesmo que é dictado pela cordialidade e pela gratidão, que se manifesta nas sinceras e puras homenagens de respeito, fidelidade e reconhecimento que vota o Instituto ao supremo chefe do Estado, munificente consocio e immediato protector da primeira associação litteraria do Brasil.

« As demonstrações de publico regosijo com que em todo o Imperio se celebra o feliz anniversario natalicio de Vossa Magestade Imperial dão inequivoco testemunho dos elevados sentimentos de que se acham animados os brasileiros, que sabem prezar as instituições juradas, concorrendo

com o esforço de seu patriotismo para que se consolide a obra grandiosa da nossa nacionalidade.

« Para um povo livre e generoso o anniversario natalicio de seus principes, é sempre justo motivo de sincero jubilo e afervorado enthusiasmo, quando a magestade do poder se acha, como entre nós, intimamente consorciada com a opinião, constituindo a mais valiosa garantia de ordem, união e prosperidade nacional.

« A dynastia imperial, consagrada pela nação em seu pacto fundamental, assegura os beneficios que o Brasil tem já colhido e continuará a colher na pratica do systema politico que a Constituição adoptou.

« Ella relembra no passado tradições gloriosas que a historia nacional tem registrado; realiza no presente as legitimas aspirações da liberdade e promette para o futuro o complemento de esperanças gratas aos corações de todos quantos se empenham pelo progresso e civilisação do nosso paiz.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro faz ardentes votos ao Altissimo para que conserve por dilatados annos a preciosa vida de Vossa Magestade Imperial, sempre rodeada de venturas; e está bem certo de que taes são tambem os votos de todos os brasileiros que no throno constitucional e na sagrada pessoa de Vossa Magestade Imperial encontram o mais seguro penhor de felicidade para a nação.

« Digne-se Vossa Magestade Imperial de acolher com benevolencia a franca e singela expressão dos sentimentos de que se acha possuido o Instituto Historico, saudando respeitosamente n'este faustissimo dia o inclyto monarcha, representante legitimo da soberania nacional, e ao mesmo tempo o sabio protector das letras, que tanto mais se engrandece, captivando o amor e a veneração de seus

subditos, quanto mais se esforça pelo desenvolvimento das luzes e instrucção n'este vasto e florescente Imperio. »

S. M. o Imperador dignou-se responder : « que agradecia muito a manifestação dos sentimentos do Instituto Historico. »

A resposta de Sua Magestade é recebida com profundo respeito e acatamento.

ORDEM DO DIA.

Leu-se e foi remettida á commissão de Estatutos e de redacção a seguinte proposta :

« Proponho que a terça parte, pelo menos, de cada numero da *Revista Trimensal* seja de hoje em diante consagrada á publicação de manuscriptos, ou de obras já impressas, porém raras, acerca da nossa historia, com o titulo especial de *Bibliotheca historica brasileira*, numeração propria e seguida.— Sala das sessões, em 10 de Dezembro de 1880.— *Dr. Antonio Henriques Leal.* »

Leu-se e ficou sobre á mesa o seguinte parecer :

« A commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico do Brasil, obedecendo ás ordens recebidas examinou a *Historia da provincia do Espirito-Santo*, como titulo para admissão ao nosso gremio do Sr. bacharel em direito Misael Ferreira Penna, e vem hoje dar-vos conta de suas impressões.

« O autor, para melhor exposição de seu trabalho dividiu-o em duas épocas, comprehendendo a primeira, a éra de 1534 a 1718, a dos donatarios; e a segunda, a de 1718 a 1822, a dos capitães-móres e governadores.

« Na primeira época narra o plano de D. José III no governo do Brasil, dividindo, como é sabido, em capitanias hereditarias, e d'este ponto de partida chegou logo ao

seu objectivo, occupando-se do infeliz Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatario da capitania do Espirito-Santo. Dá noticias da sua partida para o Brasil; dos seus companheiros, das lutas travadas com os indigenas; da fundação da capital, e dos importantes serviços prestados n'esse tempo pelos venerandos filhos de Santo Ignacio de Loyola; de sua volta a Lisbôa e de seu regresso; factos estes mais ou menos reproduzidos com outros governadores e capitães-generaes.

« Narra a fundação de varias aldêas, depois elevadas á povoações, promovidas á villas e actualmente á cidades.

« Conta as differentes phases administrativas porque passou essa capitania: aponta as suas riquezas naturaes, as suas producções, a fundação outr'ora de estabelecimentos importantes como sejam: a casa da Misericordia, de templos notabilissimos como o convento de Nossa Senhora da Penha, que sempre ha de lembrar o genio piedoso e emprehendedor de frei Pedro Palacios: a instrucção publica n'aquellas épocas, e dá muitas outras noticias importantes.

« Depois de desempenhado o seu plano tratou da divisão territorial da provincia, da sua população, das suas finanças e rememorou o nome dos cidadãos que n'ella occuparam cargos publicos de importancia taes como os presidentes, os secretarios, os deputados geraes e provinciaes, os senadores, chefes de policia, inspectores da alfandega e da thesouraria da provincia; além de mostrar n'um quadro que abrange o longo periodo de 1846 a 1877 a receita provincial, pela qual se vê que aquella provincia floresce, pois suas rendas, principiando n'aquelle anno por 32:992$452 chegou n'este a 320:000$, nunca descendo e sempre elevando a sua cifra.

« Escreveu como remate, um *Appendice* contendo longa

serie de documentos importantes, quatro alvarás ou cartas de doação de D. João III; uma carta de Mem de Sá a D. Sebastião; a carta da fundação da villa de Guarapary, etc.

« Por este resumo se vê que o candidato veiu trazer-nos em linguagem clara, precisa e concisa aquellas noticias, que pedimos em nossa *Revista Trimensal*, e cuja *lembrança* sempre avivamos em todos os numeros.

« É uma simples *Monographia*, e como tal deve ser acolhida, e animado este genero de escriptos, conforme pensou e aconselhou Gustavo Planche, porque assim a sciencia historica concentra seus esforços em espaço limitado, resolução acertada e fecunda, para cuja justificação basta citar os nomes de Sharon, Turner e Agostinho Thierry.

« O coração e a familia, confessa o candidato, o incitaram a emprehender esta tarefa toda patriotica.

« Deixou elle os instrumentos bem delicados de seu trabalho, veiu trazer-nos o fructo de suas lides, que a nosso vêr tem bastante valor e muito merito, por isso justo é que vamos ao seu encontro, que com palavras animadoras lhe demos um lugar aqui, onde apoz ligeiro descanço venha ao nosso lado trabalhar com prazer, affrontar injustiças diarias, lutar com o indifferentismo, e guiado pelo amor da patria, juntar connosco os materiaes para que um dia possa a posteridade levantar um soberbo monumento, que então a imparcialidade chamará a *Historia do Brasil*.

« É este o nosso humilde parecer que sujeitamos á apreciação e justiça do Instituto Historico.—Sala das sessões, em 16 de Julho de 1880.—*Dr. Cesar Augusto Marques.* —*L. F. da Veiga.* »

O Sr. Dr. Augusto Fausto de Sousa, obtendo a palavra, leu um trabalho intitulado: *Memoria sobre a bahia do Rio de Janeiro.*

Terminada a leitura e obtida a venia de S. M. o Imperador. o Sr. presidente levantou a sessão.

C. H. de Figueiredo,

2º secretario.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1880

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Ás 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, Augusto Fausto de Sousa, Alfredo Piragibe, João Severiano da Fonseca e Franklin Tavora, o Sr. Joaquim Norberto, 2º vice-presidente, abriu a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da mesa e das commissões que têm de servir no anno social de 1881, e nomeou para escrutadores os Srs. Drs. Felizardo Pinheiro de Campos e Alfredo Piragibe.

Procedendo-se á eleição, na fórma dos Estatutos, foram eleitos os Srs. :

PRESIDENTE

Visconde de Bom-Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO (para servir dois annos, na fórma dos Estatutos)

Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Antonio Henriques Leal.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E DE REDACÇÃO

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Barão Homem de Mello.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Joaquim Norberto de Sousa e Silva.
Dr. Luiz Francisco da Veiga.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Moniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS.

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schüch de Capanema.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS.

Dr. José de Saldanha da Gama.
Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Augusto Fausto de Sousa.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA.

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Dr. Ladislau de Sousa Mello Netto.
João Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS.

Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE PESQUIZA E DE MANUSCRIPTOS.

Dr. Franklin Tavora.
Dr. Alfredo Piragibe.
Dr. Nicolau Joaquim Moreira.

Terminada a eleição, o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em férias, e levantou a sessão.

C. H. de Figueiredo,
2° secretario.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1880

DISCURSO

DO SR. 2º VICE-PRESIDENTE JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Senhores! — É hoje dia solemne n'este alcaçar das letras. Como nos seus passados anniversarios, reune-se ainda uma vez em sessão magna o Instituto Historico para dar conta de seus trabalhos durante o anno que se finda.

Na ausencia do nosso illustrado presidente e do nosso digno 1º vice-presidente, afastados infelizmente por incommodos de saude, cabe-me, pela vossa benevolencia, e em desempenho de nossa lei organica, presidir a tão subido acto, sentindo que a palavra que me é dada vos dirigir n'este momento, segundo o estylo, venha antes acanhar, do que abrilhantar esta solemnidade.

Senhor! Na idade de ferro, nos seculos barbaros sómente figurava a magestade entre os seus grandes vassallos para realçar as festas estrepitosas de juxtas e torneios. Então o punho da espada trazia por sinete a régia assignatura, que embalde o rei pediria a mão, porque essa era mais adestrada em manejar o gladio do que a penna. Hoje, que a

força curva-se á intelligencia, a qual deve um dia reinar sobre o universo sem a intervenção ruidosa das armas,—os certames litterarios,—as festas artisticas,—as exposições industriaes substituem condignamente a esses simulacros da guerra.

Felizmente, para nós, não é a protecção de Vossa Magestade Imperial uma promessa ficticia. Ella se realiza pela conquista e assidua presença imperial, de cuja ventura estamos agora mesmo gozando, e pela animação que, actuando sobre os obreiros da civilisação e intelligencia, vai levantando e preparando uma nova geração. É ella quem deve illustrar o Imperio em nova época, em que a gloria de Vossa Magestade irradiará em toda a sua pompa e magnificencia, como a estrella de D. João II fulgurou propicia ao reinado do feliz D. Manoel, e guiou um punhado de heróes ao descobrimento e conquista de novos mundos.

A magestade que se adorna com a sabedoria, firma o seu throno em mais seguros esteios, a sua corôa fulge com a luz da gloria, o seu nome passa recommendado pelos povos á mais remota posteridade, á mais justa veneração. Roberto, rei de Napoles, estimava mais ás letras do que a seu proprio reino.—Affonso de Aragão as tinha mais em conta do que ao seu real diadema, e no seu brazão de armas via-se um livro aberto. Ladislau, que reinou na Hungria e na Bohemia, não tinha por homens os que não cultivavam as letras. O imperador Maximiliano, censurado pela estima que mostrava ao talento, respondia que amava áquelles a quem Deus quiz que fossem preferidos aos outros homens.

Pericles em Athenas, Augusto em Roma, Luiz XIV em França, D. José I em Portugal, Carlos III na Hespanha, Leão X na Italia, e tantos outros não se distinguiram mais com a corôa que lhes alcançára o nascimento ou a fortuna, do que com os louros que lhes lucrou a protecção outorgada

ás letras; mas Vossa Magestade Imperial eclypsa todas essas glorias. Não é meramente o protector, é tambem o primeiro e o mais distincto alumno.

Outr'ora, o pennacho de Henrique IV era o pendão que enfileirava os seus guerreiros e que os guiava á victoria, como hoje é o diadema brasilico a luz que abrilhanta todas as festas da intelligencia. Onde se acha Vossa Magestade Imperial acham-se tambem os sabios, os litteratos, os poetas, os artistas, os homens estudiosos da nação, que tão nobremente se levanta pela intelligencia de seus filhos, e que já conta nomes que não desmerecem entre os mais distinctos que fazem a gloria de outros povos.

A protecção, pois, que Vossa Magestade Imperial se ha dignado outorgar a esta importante instituição, abrigando-a n'estes paços, tomando parte em todas as suas sessões, incitando a cada um de nós a novos trabalhos, dos quaes nem um beneficio colhemos senão escassa gloria, nos torna devedores e responsaveis á Vossa Magestade Imperial e á patria pelo exito feliz d'este Instituto. É uma incitação para redobrarmos de esforços, para reiterarmos nossos cuidados, para encarecermos nossa perseverança em prol da sua prosperidade e bons resultados.

Senhores! O anno que se finda nos deixará saudosas recordações. Uma nova nação, que não esquece as suas gloriosas tradições, alliou-se á mãi-patria para pagar o tributo de homenagem ao maior dos poetas e fundadores da harmoniosa lingua que nos legou. Sobresahiu o imperio diamantino ao velho reino nas festas tributadas ao ultimo dos Lusiadas, no seu terceiro centenario.

Entre estas ruidosas manifestações, no qual o fio electrico transatlantico transmittiu de um a outro hemispherio os versos de Camões, pondo em communicação dois povos irmãos, possuidos n'esse momento de uma mesma idéa,

destacou-se a exposição camoneana, feita e autorizada pelo governo imperial, na rica Bibliotheca Publica d'esta côrte. O publico a acolheu benignamente. Pois bem; essa idéa despertou outra não menos importante e fructuosa, como é a exposição da historia do Brasil, promovida pelo nosso digno consocio e director da mesma Bibliotheca, e autorizada pelo ministerio do Imperio, segundo o seu vasto programma, tem por fim trazer á luz a massa enorme de riquezas historicas, que existe em todo o Imperio, esquecida no pó dos estabelecimentos publicos, ou avaramente guardadas em mãos particulares, aproveitando-se o ensejo para organizar o catalogo completo d'esse ramo de estudos, para que sirva de guia aos cultores da seara, ou de ponto de partida ás investigações ulteriores, e que, como um thesouro de informações sobre o nosso vasto territorio, concorrerá para que seja mais perfeitamente conhecido.

O Instituto Historico sente unicamente que semelhante pensamento não se originasse no seu seio, mas associa-se ao relevante serviço prestado á historia nacional, concorrendo com as riquezas de sua importante bibliotheca, archivo e museu a abrilhantar tão interessante empenho.

No descargo da nossa missão temos feito não o que conviria fazer, mas o que podemos. Por falta de recursos não franqueamos aos estudiosos das cousas da patria a nossa rica bibliotheca, nem estabelecemos cursos historicos e geographicos, e nem damos á luz da imprensa importantes documentos que não cabem nas estreitas paginas da nossa *Revista Trimensal.*

Falta-nos igualmente espaço para guardar as sempre crescentes contribuições dos sabios e das associações nacionaes e estrangeiras, como melhor demonstrará o nosso mui digno 1° secretario.

Abriu o Instituto Historico as suas portas a seis novos

consocios, que satisfizeram os preceitos de nossos Estatutos para a sua admissão. O numero, pelo menos, não compensa ás immensas perdas que soffremos. Dezesete vezes sentiu a nossa associação em seu seio os redobrados golpes da morte, que nos roubou conspicuos estadistas, guerreiros afamados, distinctos escriptores; emfim, varões eminentes, que eram o ornamento da patria e gloria da nossa instituição, como vamos ouvir da boca do nosso orador interino, que, com o seu elevado talento, substitue hoje áquelle que tantas vezes derramou aqui flôres eloquentes sobre tumulos que nos são tão caros e saudosos.

Está aberta a sessão magna, com a augusta venia de Sua Magestade Imperial.

———

RELATORIO

DO SR. 1° SECRETARIO CONSELHEIRO JOSÉ RIBEIRO DE SOUSA FONTES

Senhores.— Dar-vos conta de mais um anno da vida social do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, é a missão que me cumpre exercer n'esta festividade.

Fallar-vos da luta litteraria dos athletas, que no correr do anno que vai findar, procuraram alcançar ser uteis á esta associação, será tratar de sua vida.

Nos seres organizados, senhores, a vida é constituida pela luta estabelecida entre as causas deleterias que as cercam e tendem a destruil-os, e as forças que sustentam a harmonia de seus orgãos. Se a harmonia organica se perturbar de modo que o funccionalismo se aniquile, cessa a vida, e a morte se apodera do ser, que fica desde então entregue ás leis geraes da materia. E, portanto, ahi a vida, a luta constante do organismo, quando vencedores, e a morte o termo d'esse certamen quando vencido.

As sociedades são como os organismos: seus membros constituem os orgãos que lutam constantemente não só, como seres organizados, contra as causas geraes de destruição physica, mas tambem contra as causas moraes que tantas vezes dão em resultado as divergencias e as perturbações das idéas mais sãs. Nas sociedades, a luta é dobrada, e não sei se diga, é mais encarniçada, e por isso tambem a morte é dupla e muito mais sensivel, porque um só

golpe destróe dois organismos, o moral e o physico que estavam cobertos por um só involucro. Nas sociedades, no termo do certamen, quando seus membros são vencidos, a morte triumphante na peleja, arrebata para sempre preciosidades que ella não sabe aquilatar e deixa os combatentes que não foram derrotados, traspassados de pungentes dôres e cortindo indiziveis saudades.

Foi o que aconteceu este anno ao Instituto.

No anno social que vai findar, a nossa associação teve mais do que nunca de tragar a amargura das verdades de que acabo de fallar. Como vereis do discurso do nosso mui digno orador, mais do que nunca a morte com a ponta de sua aza negra, tocou e quebrou o fio da vida de muitos dos nossos consocios que tão dignamente souberam lutar em pról da patria e d'esta Sociedade, e que infelizmente foram exemplos de mortes duplas com um unico final de vida.

Vereis d'aqui a pouco o nosso distincto orador destacar d'entre outros vultos respeitabilissimos, o poeta pintor que á patria e á esta Sociedade tantos serviços prestou, que bem merecidamente lhe coube o titulo de barão de Santo Angelo, e que nos legou a grata recordação de sua palavra sempre amena, seu trato affavel, sua admiravel, invejavel,—e culta intelligencia, e sua natural eloquencia de que fomos tantas vezes testemunhas : destacar-vos-ha ainda d'entre esses vultos o venerando general que com a ponta de sua espada escreveu nobre e valorosamente tantas paginas brilhantes da historia do Brasil, conquistando innumeras glorias para si, para a patria, para seus companheiros d'armas, e que bem mereceu o titulo de duque de Caxias; avivando nossas chagas ainda tão recentes, fallar-nos-ha

d'esse politico, litterato e estadista, o visconde do Rio-Branco, que professando idéas de maxima liberalidade pelejou alistado nas fileiras conservadoras, pela causa mais nobre e humanitaria, e, escudado com as leis, e apoiado nos direitos adquiridos, e nos interesses da patria, soube alcançar essa miraculosa e benefica esponja com a qual se começou a limpar para nunca mais se reproduzir a nodoa da escravidão, fazendo que fosse livre todo o que nascesse no torrão brasilico ; recordar-vos-ha ainda mais 12 companheiros, todos distinctos e credores da estima e das saudades d'esta Associação : pois bem, em tão grande magoa achareis a causa de ter o Instituto consagrado quatro de suas sessões ao pranto de tão distinctos varões : o que se fez nas 13 seguintes, esforçar-me-hei em expor-vos com a fidelidade que me fôr possivel.

No curso de suas sessões o Instituto viu que o zelo de seus socios, o amor pelo trabalho não arrefeceram, porque : fizeram-se leituras de importantes escriptos, sobre pontos controversos da nossa historia patria ; judiciosos pareceres sobre trabalhos apresentados por novos adeptos que ambicionaram ser nossos irmãos, foram elaborados pelas respectivas commissões, e, propostas importantes sobre assumptos diversos foram lidas e tomadas em consideração ; relações amistosas com as mais notaveis associações scientificas tanto do novo como do velho mundo se entretiveram : sua *Revista* foi sempre procurada por todas essas congregações de sabios, e muito apreciada ; recebeu elle presentes litterarios, valiosos, com os quaes foi augmentando cada vez mais as suas collecções de manuscriptos, obras impressas, mappas, jornaes scientificos, e variadissimos documentos ; finalmente porque viu que tanto o governo geral como os presidentes de provincias, Camaras Municipaes, corporações

diversas, e os proprios particulares o obsequiaram enviando-lhe sempre, tudo que vindo á luz da publicidade podia ser conveniente aos seus fins.

Começaram as leituras d'este anno pela do discurso que o Sr. Dr. Rozendo Moniz pronunciou por parte do Instituto no acto de dar-se sepultura aos restos mortaes do membro honorario o Sr. duque de Caxias. Escusa-me dizer qualquer cousa sobre este trabalho, porque a magnitude do objecto tratado pelo nosso consocio, em quem todos reconhecemos proficiente amor das letras e talento, não podia deixar, nem deixou de corresponder á expectativa dos que o commissionaram.

Na 4ª sessão o Sr. João Brigido dos Santos, tendo em vista rectificar a *Historia do Brasil* do Sr. conselheiro Pereira da Silva, no periodo de 1831 a 1840, na parte relativa á provincia do Ceará, leu um trabalho seu bem elaborado e que sem duvida será convenientemente aquilatado e apreciado por aquelles que se occuparem da historia d'essa provincia.

O Illm. Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, em sessão de 2 de Julho, leu parte do seu trabalho intitulado *Noticia sobre a maioridade de Sua Magestade o Imperador*, e em sessão de 30 do mesmo mez terminou esse trabalho. Este nosso laborioso consocio, conspicuo indagador dos factos da nossa historia, occupou deleitosamente a attenção do Instituto na sessão 10ª lendo uma memoria intitulada *Jus Vitæ et necis no Brasil*, ou a extensão do patrio-poder nos tempos da primeira colonisação; e, ainda nas sessões de 17 de Setembro e de 1º de Outubro ouviu-o com prazer o Instituto, lendo o XIII e XIV capitulo da sua *Guerra civil do Rio-Grande do Sul* cuja leitura havia começado em sessões do anno de 1879.

Senhores, assim como as grandes paixões expansivas, muitas vezes em virtude da exaltação que causam, concorrem para um colapso que torna os que as soffrem mudos e estaticos, assim tambem ao deprimente são, não raras vezes, causas de atilamento de nossas faculdades intellectuaes que, despertadas pela afflicção, são chamadas a prantear a perda d'aquelles cujas magoas soffremos. O nosso consocio Dr. Moreira de Azevedo foi victima, como todos nós, da paixão deprimente que causou o passamento d'esses dois varões Caxias e Rio-Branco, e suas faculdades se atilaram, e elle comprehendeu que como brasileiro e como academico devia escrever ao menos um periodo da historia de cada um d'esses varões, e eil-o trazendo ao nosso Instituto, ao actual sacrario da historia patria o seu pranto expresso em dois bem elaborados escriptos.

Não foram as biographias completas d'esses dois cidadãos, porque ellas se farão mais tarde; porém, foram notas veridicas, que muito concorrerão para perfeição de ambas, quando fôr tempo. Tratando do Sr. duque de Caxias, relatou seus serviços, seus feitos, desinteresse, patriotismo, dedicação pela causa publica, sua importancia na historia e na politica do paiz, a gloria que adquiriu com a pacificação de diversas provincias do Imperio e na guerra contra o governo do Paraguay; e ennumerou as distincções que mereceu do nosso Monarcha a posição elevada a que attingiu, conseguindo ser o segundo cidadão do Imperio e o primeiro que alcançou o titulo de duque; memorando seu passamento, recorda a obrigação christã que manifestou em seu testamento recusando as honras funebres militares e desejando ser conduzido ao tumulo por alguns soldados; memorou tambem o sentimento unanime que despertou aquelle acontecimento, de sorte que as corporações

scientificas, as municipalidades, as cidades, villas, e os principes da familia imperial se apressaram em enviar palavras de condolencia á familia do illustre morto, á cujas exequias, celebradas pelo governo, assistiu Sua Magestade o Imperador, prestando assim homenagem a um dos mais distinctos brasileiros do seculo actual.

Tratando do Sr. visconde do Rio-Branco, considerou-o como lente, escriptor, politico, estadista, diplomata, e reformador; resumidamente descreveu a reforma do elemento servil realizada por esse brasileiro, a influencia da lei de 28 de Setembro, sua utilidade e importancia, a estima publica que grangeou para o provecto estadista, o applauso com que foi recebido pelo povo quando elle regressou da Europa, a resignação na molestia, a consternação que causou sua morte em todo o paiz, e disse que no futuro erguer-se-ha um monumento a este estadista, como já pensou a Camara Municipal ao promulgar-se a lei de 28 de Setembro, e que n'esse monumento ao lado do anjo da liberdade, personificado pela Serenissima Princeza Imperial a Sra. D. Izabel, que sanccionou aquelle projecto, vêr-se-ha o vulto do visconde do Rio-Branco, que foi um homem bom, util, celebrisado, e que muito amou a sua patria, como repetirá a remota posteridade.

Na sessão de 22 de Outubro leu o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho a primeira parte de sua memoria intitulada—*Estudos sobre o roteiro da primeira viagem de Christovão Colombo ás ilhas e ao continente do Novo-Mundo, e das tres seguintes.* Tratará n'esta memoria dos pontos seguintes: Capitulação de Colombo com os reis de Castella, na qual Colombo não se comprometteu a descobrir um caminho mais curto para as Indias Orientaes; da volta de Colombo depois de ter descoberto o Novo-Mundo; sua recepção em Portugal e na Hespanha; primeira idéa da

descoberta do Brasil; segunda viagem, demarcação dos dominios dos reis de Castella e de Portugal nos mares e no Novo-Mundo; investidura de Alexandre VI; terceira viagem, nome do Brasil; descoberta de terra firme; provincia do Pária, terra de Garcia, ilha das Margaridas, golpho das Perolas, volta de Colombo á ilha Hespanhola, sua prisão e regresso á Hespanha; quarta viagem: Americo Vespucio só fez uma viagem ao Novo-Mundo como piloto de uma caravela de Alonso d'Hojeda.

Com o fim de rectificação de datas e de nomes proprios sobre factos historicos, na mesma sessão o nosso distincto consocio o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella leu um trabalho de sua lavra, no qual provou com documentos originaes esses erros.

Em sessão de 29 de Outubro, o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca nos trouxe como recordações de suas viagens uma memoria que intitulou—*Indios do Guaporé—Os Palmellas.* Refere n'este seu escripto a existencia de uma tribu de indios mansos á algumas leguas de distancia do destacamento das Pedras-Negras para o interior, apparecida ha poucos annos e que entretem relações com o pessoal do destacamento. Dá noticia do idioma que fallam e apresenta um pequeno vocabulario de alguns termos que pôde obter; faz algumas considerações ácerca de sua origem, refere que consta-lhe que para ahi foram trazidos por uns castelhanos, cujo maioral chamava-se Ignacio, que escolhêra para mulher uma das indias, de quem teve filhos e netos, dos quaes ainda existem alguns que são os chefes da tribu. Diz que d'entre elles ha alguns que são verdadeiramente brancos, de cabellos castanhos ou avermelhados.

Comquanto não se possa, pelo que o collega colheu, bem determinar a procedencia d'essa tribu, comtudo é innegavel que o autor esforçou-se por colher dados historicos que

já serviram de ponto de partida para outras investigações, e é já o que fez bastante para merecer o reconhecimento e gratidão d'esta corporação.

Em sessão de 26 de Novembro leram os Srs. Ramiz Galvão e general Rohan interessantes trabalhos ácerca de pontos historicos. D'elles tratarei na ordem em que foram apresentados.

O Sr. Dr. Ramiz Galvão como additamento á memoria sobre João de Bolés publicada recentemente na *Revista* pelo Sr. senador Candido Mendes, leu uma nota relativa ao mesmo assumpto, provando que em Julho de 1879 já havia sustentado a mesma hypothese, de serem João Cointha e João de Bolés uma e a mesma individualidade.

Concordando com todos os argumentos apresentados pelo illustre escriptor das notas para a *Historia patria*, fez vêr agora, que não lhe parecia para se desprezar o argumento que se deduz de um rarissimo folheto, que teve a fortuna de encontrar na Bibliotheca Nacional, e é o *Paradoxo*, ou *sentença philosophica*, etc., de João Cointha, *senhor de Bolés*, livro publicado em Lisbôa em 1566.

Diz o autor, o Sr. Ramiz Galvão, que a publicação de semelhante obra em Portugal, quando não consta que se imprimisse original francez, e sobretudo a data de 1566 em que viu a luz da publicidade, comprovam a seu vêr de modo positivo:

1.º Que João Cointha e João de Bolés foram um só e um mesmo individuo;

2.º Que o Sr. senador Candido Mendes tem muita razão em sustentar que o tão fallado calvinista não padeceu execução no Rio de Janeiro, como aliás se tem dito sempre, seguindo a Simão de Vasconcellos;

3.º Que muito provavelmente, remettido ao cardeal D. Henrique (como diz a chronica annual de Anchieta), alli abjurou

elle os seus erros, e em paga do perdão ou da commutação da pena escreveu o *Paradoxo* e o dedicou a D. Sebastião em 1566.

Para o nosso collega esta questão parece resolvida.

O Sr. general B. Rohan com o fim de bem determinar qual o ponto que se deve considerar como Porto-Seguro, leu uma memoria que intitulou: *O Primitivo e o actual Porto-Seguro*, na qual provou, com a minudencia que costuma desenvolver quando perscruta taes questões, com a tradição e o testemunho dos historiadores, que o ancoradouro a que Cabral deu o nome de Porto-Seguro é aquella enseada que fórma a parte meridional da Bahia de Santa Cruz, e onde ainda se observa o ilhéo em que se celebrou a primeira missa, e o pequeno rio proximo do qual se plantou a Cruz com as armas e divisa de el-rei de Portugal. Refere que todos esses accidentes de que falla Pero Vaz de Caminha, foram reconhecidos pelo illustre hydrographo francez M. Mouchez, e provam exhuberantemente que foi alli, e não no Buranhem, como o pretendeu o visconde de Porto-Seguro, que aportou a armada que descobriu o Brasil. Provou mais, que a ancoragem da mesma armada no dia 23 de Abril de 1500 não podia ter tido lugar na boca do rio do Frade, como diz Ayres do Casal.

Procurou rectificar outros erros em que laboram alguns escriptores sobre algumas circumstancias que se prendem á descoberta do Brasil e terminou fazendo votos para que se procedam a estudos topographicos e economicos, n'aquellas paragens, tão dignas de nosso interesse, por suas tradições, e por suas riquezas naturaes que lhe asseguram o mais brilhante porvir na carreira do progresso.

Pôz termo ás leituras de trabalhos o nosso mui digno companheiro o Sr. major Augusto Fausto de Sousa em ultima sessão, apresentando um manuscripto, com cuja leitura

occupou a attenção do Instituto em sessão de 10 do corrente, tendo por titulo : *A Bahia do Rio de Janeiro*.

Compõe-se esse trabalho de nove capitulos dividindo o assumpto do seguinte modo : em uma introducção e 1° capitulo, no qual o autor lamentando a indifferença de nossos patricios por tudo que é do nosso paiz, ao passo que se mostram enthusiasmados pelo que é estranho, combate esse defeito em relação á magnifica bahia de Nitherohy ou de Guanabara, desconhecida até hoje para a maior parte dos brasileiros, não obstante ser acclamada como uma maravilha da natureza, por grande numero de estrangeiros, juizes abalisados na materia; e para chamar-lhes a attenção, descreve em leves traços dois passeios para dar idéa, ao longe e perto de alguns admiraveis panoramas : contém o 2° capitulo um resumo historico da bahia desde que foi desvendada aos olhos do mundo civilisado até a épcca actual; sendo uma parte acompanhada de algumas notas mostrando varias discordancias encontradas em autores, bem como esclarecimentos sobre diversos factos historicos ; o 3° capitulo é interessante porque n'elle mostra o autor seis singularidades que se notam na bahia, entre as quaes sobresahem a sua configuração que é uma especialissima miniatura da de todo o Brasil, a muralha de serras que se prolonga durante leguas com o estreito portico que serve de entrada para o porto ; sua felicissima situação geographica, o celebre gigante de pedra que encara o céo, estendendo-se por algumas milhas : em outro capitulo faz a descripção geral contendo tudo que póde interessar relativamente a fórma, dimensões, estatisticas, marés, phenomenos geologicos, etc.: no 5° e 6° encontram-se informações sobre os rios mais consideraveis que desaguam na mesma bacia, e sobre as 80 ilhas que esmaltam de modo tão gracioso a sua superficie : no 7° descreve mais

circumstanciadamente a multidão de enseadas, cabos e outros detalhes do longo circuito de 25 leguas que encerram o magestoso amphitheatro: finalmente no 8º e 9º reuniu o autor os excerptos, todos enthusiasticos, com os quaes, 91 escriptores estrangeiros e 31 nacionaes, patentearam em suas obras a admiração de que se possuiam perante as immensas bellezas da Guanabara bahia, á qual não se referem sem precederem seu nome dos epithetos: magnifica, sublime, portentosa, sem rival; e n'essa serie de elogios, seja dito de passagem tem especial cabimento os que lhe fizeram aquelles mesmos que, como Dabadie, Biard, Arago e outros, que sempre se mostraram infensos a nós e ao nosso paiz.

Para tornar mais claro o trabalho vem acompanhado de uma carta hydrographica reduzida, uma outra para confrontar-se a configuração da bahia com o Brasil, uma gravura com a vista da barra, e um desenho representando o assombroso aspecto do gigante de pedra.

N'esta ultima sessão houve a inscripção para apresentação de trabalhos no anno proximo futuro.

Foram oito os socios que adquiriu no corrente anno esta associação, e no mesmo periodo de tempo perdeu o dobro: é natural que todos aquelles se esforcem para, seguindo o exemplo d'estes, tornarem-se seus dignos supplentes, e acompanhando-os no amor da patria, desinteresse e actividade, poderem um dia ser rivaes de tão distinctos e illustres campeões.

Eu assim o desejo e espero.

Como disse no começo d'este *Relatorio* as nossas commissões não estiveram ociosas. Diversos pareceres foram submettidos á consideração do Instituto. Dos appensos que faço juntar a este trabalho e cuja leitura não faço agora para não me tornar mais enfadonho, vereis a veracidade de tudo que então affirmei.

Cabe-me, porém, por agora o agradavel dever de, em nome do Instituto Historico, agradecer ao governo imperial e a todas as autoridades e corporações scientificas, e bem assim a todos aquelles que se dignaram dirigir á nossa corporação offerecendo-lhe trabalhos e documentos, e o faço cheio de respeitoso reconhecimento.

A nossa *Revista* continúa a ser publicada com a regularidade possivel.

Completou-se este anno a impressão da obra do major Manoel Euphrasio de Azevedo Marques, offerecida ao Instituto por S. M. o Imperador, e da qual fiz menção em 1878. Metade dos exemplares d'esta edição foram entregues á sua viuva conforme se resolveu, sob proposta da commissão de Estatutos e redacção, em sessão de 8 de Novembro de 1878.

Os empregados continuam a dar provas de zelo no desempenho de seus deveres.

Aqui paro para não vos fatigar abusando por mais tempo de vossa benevolencia.

« Senhor. — Permitti que em nome d'esta sociedade, á cujas sessões honrastes com a vossa paternal presença, eu vos agradeça tão subido favor, e vos assegure que seus membros reconhecem ser immensa a gratidão de que vos haveis tornado credor.

« Senhora.— A graça que tantas vezes haveis concedido á esta corporação vindo com vossa angelica presença honrar e amenisar esta festa academica, é aceita por todos os que consideram Vossa Magestade Imperial como idolo dos brasileiros, com indizivel e mui respeitosa satisfação.

« Dignai-vos, pois, de permittir-nos, Senhora, que vos rendamos graças por tão elevadas mercês. »

DISCURSO

DO ORADOR INTERINO

Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro

Não tendes, senhores, muitas vezes sentido, ao descahir da tarde, á pallida sombra do crepusculo, nessa hora amavel tão graciosamente decantada pelo poeta, quando aos esplendores de um dia sereno e claro como a luz da esperança, succede a morna escuridão da noite que approxima-se, apoderar-se de vossa alma embevecida uma profunda tristeza, uma terna e vaga saudade, uma indefinivel melancolia que vos abate e amortece, sem que possais exprimir a dor que vos afflige e nem resistir ao peso que vos opprime?

Não haveis reparado como se confrange e desfallece o vosso espirito ao contemplar o declinio das grandezas do dia ante a sombria magestade da noite, que vagarosa caminha envolvendo nas dobras de seu manto as fulgidas galas do astro rei, que se some na penumbra longinqua do horizonte?

E o que significa essa constante e completa transmudação de scenas no movimento do orbe senão o contraste immenso e perduravel entre a luz e as trevas, a acção e a inercia, a vida e a morte—synthese mysteriosa dos destinos da humanidade?

Se na phrase do inspirado cantor de Upham o dia é o sorriso da divindade, deve symbolisar a tristeza do proprio Deus a magestosa obscuridade da noite ao desdobrar nas

trevas o quadro de ignotos mysterios, celebrados em mundos luminosos que surgem em fastosa profusão ante os nossos olhos deslumbrados.

Tudo é grande, maravilhoso e incomprehensivel na immensidade da creação! É que só á omnisciencia divina é dado conhecer o principio e o fim de todas as cousas; só o ser supremo, typo inimitavel de perfeições infinitas, causa de todas as causas e auctor de todos os effeitos, tem o mysterioso élo que prende a cadêa de tantas maravilhas; ao homem, fragil argilla que se esmóe aos duros embates da existencia, resta a missão de, remontando á sua origem emquanto a vida lhe anima o pensamento, louvar e engrandecer, respeitar e cumprir a vontade de Deus, manifestada em todos os phenomenos da natureza.

A transição e o contraste que se opera nas evoluções do grande mundo é o que tambem agora se dá no gremio d'esta associação litteraria, cujo anniversario celebramos.

Acabais de percorrer, senhores, o estadio, ainda que breve, facil e auspicioso da existencia; acabais de aspirar o suave perfume das flôres que matisam o jardim da vida, enlevaste-vos na contemplação da obra que vós mesmos construistes no ardor de uma actividade que não cansa e de um enthusiasmo que vos honra, e ides agora, guiados infelizmente pela pallida flamma que tremúla nas debeis e frouxas mãos do vosso orador interino, transpôr os umbraes da morte, penetrar com elle os arcanos da sombria morada em que repousam as cinzas abençoadas de tantos entes caros á nossa affeição, ao nosso amor e á nossa admiração, e evocar a lembrança do passado, e os fastos do presente para na profusão de tão ricos despojos colher os materiaes de que se ha de compôr o singelo, tosco, porém honroso monumento elevado pela amizade e pelo respeito á tanta illustração e tanto merito, a tão grandes virtudes, a tão

relevantes serviços prestados por cidadãos eminentes, tão cedo roubados á patria, que de taes filhos tanto mais se honrava, quanto mais dignos eram elles da gratidão que lhes consagra os nomes.

Mas, ah! senhores, quanto é lastimavel que tudo concorra para que a commemoração que hoje fazemos em honra dos nossos finados consocios nos encha de consternação e de pezar!

Até a insufficiencia d'aquelle que sem forças ousa arcar com a enormidade da tarefa que o acabrunha, vem tornar mais intensa a dôr que nos compunge.

É ainda o contraste entre a luz e as trevas, entre o vigor e o desanimo, entre o ser e o nada que se vai tornar bem sensivel na descorada linguagem de um mesquinho discurso, proferido aqui onde se tem tantas vezes ostentado as opulentas galas da mais primorosa erudição.

Repercutem ainda nas abobadas d'este vasto e historico recinto, os écos sonorosos de vozes inspiradas, que, nos arroubos da mais brilhante eloquencia, acostumaram-nos á suave harmonia que deleita, á magia das phrases que arrebatam, quando pronunciadas pelos labios ungidos pela sciencia; e hoje sobre esta cadeira, throno em que se exalçaram os invejaveis attributos da gloriosa magestade do talento e da illustração, vê-se surgir o mais timido e fraco dos vassallos d'essa soberana potestade á que rende o mundo submissas homenagens, para balbuciar phrases incertas, que seriam brados quando proferidas pelos insubstituiveis oradores do Instituto, gigantes da palavra—Porto-Alegre e Macedo.

Sirva, porém, de escusa o sentimento que levou-nos a esquecer a propria fraqueza para só attender á voz do mais imperioso dos deveres—o dever da obediencia a quem sabe dominar pelo coração.

Ha ordens que se não cumprem; ha preceitos que não são obedecidos; mas ha desejos que são mais do que ordens; pedidos que se não recusam, porque são dirigidos ao sentimento que cede, quando muitas vezes a razão denega.

É á um d'esses moveis ponderosos que n'este momento obedeço.

Desculpai-me, senhores; serei breve, quanto fôr possivel, porque, o que teria a dizer-vos seria tão grande, tão elevado e tão importante, que a não poder ser dito por modo condigno e ajustado, melhor será que se limite ao pouco que vos é dado e que ainda assim é demais para quem de quasi nada dispõe para offerecer-vos.

Foi longa e enorme a messe que a foice da morte colheu ultimamente no recesso do nosso mal aventurado Instituto; nem ha lembrança de que em um só anno já tivessemos tido occasião de lamentar tão numerosas perdas.

Os mais gigantescos robles das nossas florestas, que venciam o espaço elevando ás inaccessiveis alturas as virentes palmas que os coroavam, tombaram aos surdos golpes da mais crua adversidade; cahiram esplendidas frondes que sombreavam nossas campinas; feneceram viçosas esperanças que nos sorriam e animavam; emurcheceram muitas das mais graciosas flôres que enastravam a grinalda de nossas pompas litterarias!

Já não vivem Caxias, Porto-Alegre, Rebouças, Costa Pinto, Venancio Lisbôa, Pereira Pinto, Leverger, Pereira Leal, José Bento da Rosa, Pinto Junior, Xavier de Brito, Pedro Maria, José Jorge, Lund, Laemmert e Taunay!

E como se tantas perdas não bastassem para conlutar o seio do Instituto já dilacerado por tão rudes golpes, ainda veiu ha pouco fechar o prestito funebre dos cultores das letras, dos grandes cidadãos caros á patria, o inclyto visconde do Rio-Branco, o mais esforçado dos athletas que se

tem distinguido na cruzada de liberdade emprehendida n'estes ultimos tempos, o homem-legião, que immortalizou o proprio nome ligando-o a uma das mais grandiosas conquistas da civilisação do nosso paiz.

E lá partiram dezesete consocios, que se foram para não mais voltar!

E aqui ficamos nós coando as dôres da separação e da saudade, que só poderão ser hoje mitigadas pela commemoração de tantos feitos, pela exaltação de tantas virtudes, que offerecemos ao futuro como lição proveitosa do passado!

Se o nome e a fama dos homens que se illustram pela pratica das acções grandes e generosas, são titulos de verdadeira gloria para um povo, celebral-os é o nosso dever; á historia compete a missão de perpetual-os, inscrevendo-os em caracteres indeleveis no excelso monumento da gratidão nacional.

Não são as honras que se deferem aos mortos, simples homenagens rendidas ao merito e ao valor provado, nem o cumprimento apenas de um dever social de reconhecimento pelos serviços prestados em bem da causa publica; são mais do que isso: são fortes e poderosos estimulos que se criam ás nobres aspirações de todos quantos presam a honra, amam a patria, e comprehendem o dever de engrandecel-a, engrandecendo-se a si mesmos.

Mas, como conter no estreito espaço de um ligeiro discurso academico o elogio de cidadãos da altura immensa que attingiram esses, cujos nomes ficam ahi proclamados?

Como lançar ainda que em ligeiros traços a imagem veneranda de tantos homens conspicuos e eminentes, servidores provectos do Estado sabios cultores das letras e das sciencias, quando é certo que a imperfeição da cópia só póde comprometter o inestimavel valor do original?

Como fazer de um jacto o elogio biographico de tantos homens, cuja vida e fama, são verdadeiros monumentos de honra e de gloria para a patria, quando um só d'elles seria bastante para assoberbar o esforço do arrojado artista, que pretendesse burilar o vulto ingente do heroe nas lapidas da historia?

Bem vêdes, senhores, que nem poderieis pretender o impossivel, nem jámais esperar que eu ao menos ousasse tental-o.

1—DUQUE DE CAXIAS

Luiz Alves de Lima e Silva, successivamente barão, conde, marquez e duque de Caxias, marechal do exercito, senador do Imperio, conselheiro de Estado e de guerra veador da casa imperial, ministro e presidente do conselho por diversas vezes, condecorado com as grã-cruzes das ordens de Pedro I, Cruzeiro, Rosa e Aviz, e muitas outras distincções nacionaes e estrangeiras, foi um cidadão benemerito, cujo renome illustra hoje as paginas mais brilhantes da nossa historia.

As qualidades moraes que o distinguiram, a immaculada probidade que lhe adornava o caracter e a natural bondade que lhe irrompia franca e singela do coração bem formado, desenhavam-lhe as feições por modo a eleval-o ainda mais no fastigio das grandezas sociaes a que como nenhum outro brasileiro attingiu, sempre com uma abnegação igual sómente ao seu immenso e irrecusavel merecimento.

Se pretendessemos historiographar a vida do grande capitão, do politico eminente, de convicções sinceras e arraigadas, do patriota leal e dedicado, cuja perda tão profundamente lamentamos, fôra de mister escrever a historia inteira do proprio paiz, nas suas di erentes

phases, nos seus mais grandiosos feitos, nos acontecimentos de maior importancia, porque em verdade se póde dizer que a vida do duque de Caxias foi tambem a vida do Brasil; com a patria viveu e com ella identificado juntou glorias, que hoje fazem as glorias da nação.

Sem forças para tanto, esboçaremos apenas, em phrase breve e despretenciosa, os traços d'esse bellissimo caracter, que não cedeu jámais ás tentações da vaidade, nem sacrificou o dever ainda nos dias das mais exaltadas commoções.

Se fosse verdadeira, diz um notavel escriptor contemporaneo, a divisa de Wellington — *Virtutis fortuna comes* — se a virtude e a felicidade caminhassem sempre á par, Wellington seria enormemente virtuoso, porque não ha talvez dois exemplos de uma fortuna tão maravilhosa e tão constante como a sua.

O duque de Caxias offerece-nos esse exemplo tão raro quanto honroso: foi feliz, se é possivel a felicidade na terra, porque colheu facil as glorias que lhe coroaram a vida, e foi virtuoso na proporção de sua descommunal fortuna, porque praticou o bem, e amou a justiça na mais elevada manifestação de seus generosos sentimentos.

Sabe-se, e apontaremos só este facto, entre muitos que realção o caracter do illustre varão, que querendo um d'esses coveiros de todas as glorias nacionaes dedicar-lhe um livro em que ao passo que se exaltava o merito do obsequiado pretendia-se deprimir o nome de um cidadão caro ao Brasil, e franco adversario do nobre duque, não o consentiu elle, repellindo a offerta, e protestando ser o primeiro a proclamar o merecimento do finado estadista, sempre digno da gratidão nacional.

Este traço só por si demonstra a elevação de espirito, e a nobreza d'aquelle grande coração.

Luiz Alves de Lima e Silva, oriundo de uma familia

illustre, em que se contaram sempre militares dos mais distinctos do nosso exercito, e aos quaes deve a causa da liberdade os mais assignalados serviços, nasceu n'esta côrte a 25 de Agosto da 1803; assentou praça a 22 de Novembro de 1808, tendo de idade apenas 5 annos; seguiu o curso de estudos na real academia militar; foi official em 1818, e d'ahi em diante percorreu com brilho e nunca desmentida dignidade todos os postos da carreira militar illustrando-se sempre pela sua coragem, pelo seu admiravel tino e clara intuição das cousas da guerra, até ser elevado em 1866 a marechal do exercito effectivo, supremo gráo d'essa escaleira de honra em que se conta a vida pelos soffrimentos, e as glorias pelos mais custosos sacrificios.

As qualidades superiores que desenvolveu na organização, direcção e disciplina do nosso exercito fizeram com que em sua pessoa como que se visse consubstanciada a classe militar a que pertencia, e fosse tido como o typo do militar brasileiro; tambem por isso foi objecto do geral respeito, da estima publica e da particular affeição que lhe votavam todos os seus companheiros de trabalhos e de glorias.

Conta Plutarcho, que o pai de Themistocles, para desviar o filho dos negocios publicos, lhe ia mostrando ao longo das praias do mar os arcabouços das velhas galeras esparsas aqui e acolá, sem que d'esses despojos se fizesse mais caso, dizendo-lhe que o povo fazia o mesmo com os seus chefes, quando d'elles não podia mais utilizar-se.

Luiz Alves de Lima e Silva não recebeu do preclaro general e ex-regente do Imperio, Francisco de Lima e Silva, tão desanimadora lição; e, no respeito e justa consideração em que foi tido, colheu prova convincente de que o reconhecimento nacional sabe honrar e distinguir o verdadeiro merito.

Ligou o denodado patriota e valente soldado o seu nome glorioso a todos os factos mais importantes da historia politica e militar da nossa terra; e sempre guiado pela estrella rutila e brilhante que o saudou no berço, atravessou seguro os escolhos das commoções partidarias, sem que nas lutas ardentes em que se viu envolvido o ferisse jámais o odio cégo das paixões politicas.

Ter gloria e mocidade ao mesmo tempo, diz Schopenhauer no seu recente estudo sobre a *Sabedoria na vida*, é muito para um mortal. É na velhice quando os gozos e os prazeres são mortos, como as flôres no inverno, que a arvore da gloria viceja; compara-se a gloria a esses fructos serodios que se desenvolvem durante uma estação, mas que só podem ser saboreados na estação seguinte. Não ha mais bella consolação para o velho do que vêr toda a força dos seus jovens annos encorporar-se nas obras que não envelheceram como a sua mocidade. O duque de Caxias, sempre excepcional em seu destino, prelibou e ainda bem moço o inefavel prazer da gloria, mas não o deslumbrou jamais o brilho que reflectiu constante de seus rapidos e multiplicados triumphos.

Os maiores feitos de sua invejavel carreira militar foram em 1840 o abafamento da revolta do Maranhão; em 1845 a pacificação da rebellião do Rio-Grande do Sul, luta lamentavel que tão graves calamidades fez pesar sobre o Imperio, no longo espaço de 10 annos; em 1851 a guerra do Rio Prata, e nos ultimos tempos de sua já cansada existencia, a participação activa, energica e decisiva que tomou com sacrificio de sua arruinada saude e de seus legitimos interesses, na porfiada guerra que teve o Brasil de sustentar contra o despota do Paraguay.

Ahi deu elle á patria glorias de um valor inapreciavel, ligando seu nome aos triumphos marciaes do Estabelecimento, Itororó, Avahi e Lomas Valentinas, sobresahindo

entre todos esses feitos de guerra a famosa marcha de flanco pelo Chaco, para contornar as formidaveis fortificações de Humaytá.

Em todos os actos de sua longa carreira manifestou o nobre duque a mais corajosa energia, imperterrito lutando braço a braço com as graves difficuldades que o cercavam sem que jámais lhe estremecesse o coração ou lhe afrouxasse o animo, que nos perigos encontrava estimulos que ainda mais excitavam-lhe o valor.

Entretanto, essa grande alma, acrysolada nas lutas tormentosas que soube arrostar e vencer, cedeu á magoa que a feriu tão profundamente na mais cara de suas affeições; e a perda de uma esposa idolatrada veiu desde 1874 entibiar o animo d'aquelle que, impavido, resistira sempre ás mais duras refregas.

É assim o homem feito! Por mais forte que seja a vontade, por esclarecida que seja a intelligencia, sobreleva o sentimento que é animado pelo coração.

Digam embora os philosophos que com a alma humana succede o mesmo que se dá com o aço, que, mergulhado ainda em braza em uma torrente gelada, adquire qualidades superiores de resistencia e elasticidade; sim; a alma com o contacto da desgraça retempera-se; enrija-se com o padecer, mas tambem gasta-se; vence a dôr, e paga sempre a humanidade o tribut o que o tempo não releva.

O duque de Caxias ainda viveu por alguns annos, depois de supportar o golpe que tão fundo o havia ferido; mas só Deus poderia medir o abysmo de cruciantes dôres em que jazia inane o coração do bravo lidador.

Na politica, como nos campos da batalha, coube a Caxias os trophéus das mais esplendidas victorias; marcou sua passagem nas evoluções dos partidos com traços indeleveis

que lhe assignalam o nome, e tornam mais clara a fama que o acompanha; n'esse vasto campo aberto á sua actividade e ao seu patriotismo novos e relevantissimos serviços prestou ao seu paiz; e o seu prudencial conselho e reconhecido bom senso foi por mais de uma vez o santelmo do partido que o acclamára por chefe.

Esse alto bom senso que no estadista se revela pela perfeita lucidez de espirito e atilada perspicacia no exame e solução dos problemas de administração, essa qualidade tão saliente em S. Ex., e que com vantagem poderia supprir a instrucção academico-official que porventura lhe faltasse, guiou-o sempre com inalteravel firmeza nas mais difficeis emergencias de sua longa carreira politica.

Conhecia de perto e a fundo os homens e as cousas do seu tempo, e de tão valioso estudo soube aproveitar-se em beneficio da causa que conscienciosamente defendeu.

Tambem em nenhum tempo houve entre nós quem, como homem politico e director de opinião, merecesse mais sinceras e francas adhesões e mais pronunciada influencia exercesse sobre a marcha dos negocios publicos do paiz.

É que se a vida privada de Caxias, como a de Laffitte, na França, podia constituir um curso de moral em acção, a vida publica era um compendio de rectidão e de honra, de patriotismo e de moralidade.

Como Cambacérès, tinha o espirito recto e luminoso; discurso laconico; palavra grave e accentuada.

Justo para com todos, soube sempre reconhecer o merecimento, onde quer que o encontrasse, e por essa razão foi tão considerado e bemquisto por seus correligionarios e amigos, quanto respeitado pelos seus adversarios.

Abatido por crueis soffrimentos, vergado ao peso dos annos, o grande batalhador, depondo a suprema autoridade

de chefe da situação politica d'então, retirou-se da vida publica nos derradeiros dias de sua longa existencia, e no regaço da familia, como reliquia preciosa de passadas éras, viu escoar-se o já mingoado tempo que o approximava do tumulo, indifferente e alheio aos homens e ás cousas, sem acção e sem movimento, como se fôra fulminado pela morte ainda antes de ter deixado a vida.

Não quizemos indagar se a sua ultima passagem pelas alturas do poder trouxe-lhe ou não desgostos, que profundamente o magoaram; não é nosso encargo fazer aqui politica e nem ajuizar de acontecimentos que de perto se prendem á historia dos nossos dias, mas o que é certo é que desde então desliou-se rapida para o tumulo a vida que tão animada corrêra por mais de 70 annos.

Ás 8 horas da noite de 7 de Maio do corrente anno falleceu o nosso digno e prezado consocio honorario, na fazenda de Santa Monica (Desengano), no seio da familia que tanto amára, e fortalecido pelas consolações da religião e da amizade que o rodeavam.

Tal foi a vida, na mais singela expressão, do brasileiro illustre por todos nós pranteado; sua existencia póde resumir-se n'estes breves termos:—foi um grande cidadão, um esforçado guerreiro e um patriota dedicado.

As manifestações de pezar e sincera condolencia com que o paiz todo associou-se ao luto da familia, são summamente honrosas para a memoria d'aquelle que tanto mereceu da patria.

O parlamento, o exercito, as municipalidades e associações, a imprensa, a opinião emfim do Imperio inteiro sagrou a memoria do heróe guerreiro que verá seu nome em breve insculpido no monumento que lhe prepara a gratidão nacional.

E é justo o empenho que na solução da divida de honra se tem por toda a parte alevantado.

Ao duque de Caxias são bem applicaveis as palavras com que Lomenie conceitua a memoria do marechal Soult.

Quando se tem derramado o proprio sangue pela patria sobre o campo de batalha, quando se tem exclusivamente votado ao serviço do seu paiz faculdades eminentes, quando se tem sempre trazido no coração e nos labios a religião da honra nacional, se é bem digno de possuir uma bôa parte das sympathias populares.

E com effeito, ellas não faltarão ao marechal; o futuro será para elle ainda mais generoso do que o presente e com isso será feita justiça.

O duque de Caxias foi grande aos olhos do seu seculo; maior o será ainda aos olhos da posteridade.

Além tumulo, como Napoleão, poderá celebrar com os seus companheiros de trabalho, com Osorio, Porto-Alegre, Polydoro, Triumpho, Mena Barreto e tantos outros, as glorias colhidas em honra da patria, sem comtudo suppôr, como aquelle altivo e vaidoso genio das victorias, que na morada dos mortos haja medo ao serem vistos tantos guerreiros reunidos; e como Agricola, na phrase de Tacito, não morrerá, porque ha de reviver pelos seus feitos na eterna saudade das gerações que passam.

Forma mentis æterna; posteritati narratus et traditus superstes erit.

2—BARÃO DE SANTO ANGELO

Manoel de Araujo Porto-Alegre, o poeta artista que soube manejar com igual mestria o pincel do pintor e a penna do elegante escriptor e do poeta inspirado, veiu á

luz do dia na então villa e hoje cidade do Rio Pardo, provincia do Rio-Grande do Sul, em 29 de Novembro de 1806.

Descendia de uma honrada e distincta familia da provincia de seu nascimento, a que pertencem os actuaes visconde de Pelotas e barão de S. Nicolau.

Foi o nome de que primeiro usou—Manoel José de Araujo—e com elle matriculou-se nas aulas de preparatorios que então havia em Porto-Alegre.

Ao tempo da independencia, já adolescente e patriota, por influencia do Juiz de Fóra que trocára o cognome de Figueiredo pelo de Japiassú, mudou o seu, e começou a assignar-se Manoel de Araujo Pitangueira, nome que conservou até adoptar o ultimo pelo qual foi conhecido, provocado pelos gracejos que a respeito dirigia-lhe o vigario geral Antonio Vieira da Soledade, senador pela provincia do Rio-Grande, e em cuja companhia veiu residir, quando em 1826 procurou o Rio de Janeiro, no intento de completar os seus bem começados estudos.

Havia feito em verdes annos a sua educação litteraria na cidade de Porto-Alegre, estudando com o aproveitamento que a sua bella intelligencia facilitava as linguas latina e franceza, logica, geographia e geometria.

Sua natural predilecção pelo estudo das sciencias naturaes cedo manifestou-se, e, em falta de mestres que o guiassem na cultura d'este ramo dos conhecimentos humanos, formou por si só um gabinete de historia natural, primeiro e estreito espaço para a sua prodigiosa actividade e esplendido talento.

Em 1826 veiu para o Rio de Janeiro na intenção de dedicar-se á profissão de engenheiro. Como não pudesse matricular-se logo na Escola Militar, então em férias, frequentou a Academia das Bellas-Artes, começando a exercitar-se na

arte de pintura, em que depois tornou-se notavel, sob a direcção do professor João Baptista Debret, discipulo do celebre esculptor David.

Taes progressos fez em pouco tempo, que na exposição que se seguiu foram-lhe conferidos dois premios: um de pintura, e outro de architectura.

Continuou então o curso das bellas-artes, sem desprezar os estudos de perspectiva, anatomia, physiologia, etc.

Em 1830 e 1831, expôz alguns quadros originaes, e entre elles um que representava o imperador D. Pedro I entregando ao director da Escola de Medicina o decreto de fundação d'esse estabelecimento; ao redor do principe estavam retratados o ministro do Imperio, visconde de S. Leopoldo e os professores da escola.

Conta Fernando Wolf, na sua *Historia da litteratura brasileira*, d'onde são tiradas em grande parte as noticias que aqui damos, e que, segundo declara o autor, foram ministradas pelo proprio Porto-Alegre, que por esse quadro ganhou o pintor as graças do imperador, que lhe honrára o talento incumbindo-o de tirar diversos retratos da familia imperial.

No correr do anno de 1831, dirigiu-se á França, em companhia de Debret, para o fim de aperfeiçoar-se na sua arte, ouvindo as lições do celebre pintor de historia barão Gros, sem que para isso lhe fosse fornecido subsidio algum por parte do governo.

Era precaria a situação de Porto-Alegre; faltavam-lhe os meios pecuniarios e tinha sido infructifera a deliberação tomada pelo parlamento votando, por intervenção de Martim Francisco, um auxilio, que o habilitasse a proseguir em seus estudos na Europa.

Tinha já resolvido regressar á patria, quando em 1834

chegaram a Pariz, Antonio Carlos e Vasconcellos Drummond, sendo por este generosamente offertada ao artista a quantia precisa para a continuação dos estudos: aceitou Porto-Alegre o obsequio, em parte, e com os escassos meios de que pôde dispôr, partiu para a Italia onde se demorou um anno.

Fez esta viagem em companhia do seu amigo de infancia, o actual visconde de Araguaya, como elle, gloria da patria e lustre da litteratura nacional.

De volta á Pariz, em 1835, soube que, pelos esforços especialmente do bispo do Maranhão, se lhe havia dado por acto legislativo um auxilio que d'esta vez pôde-se fazer effectivo.

Foi por decreto de 29 de Julho d'aquelle anno autorizado o governo a prestar o soccorro pecuniario de 600$, por espaço de tres annos á M. A. Porto-Alegre, para aperfeiçoar-se em bellas artes na Europa.

Propunha-se a fazer uma viagem á Belgica e á Inglaterra, quando em 1837 recebeu a noticia da revolução que por 10 annos agitou a sua provincia natal. Partiu logo a proteger sua velha mãi, e n'esse mesmo anno acolheu-a em sua casa n'esta côrte.

Algum tempo depois foi nomeado professor da Academia das Bellas-Artes, sendo o unico brasileiro entre os professores que então ahi se contavam; sua posição tornou-se extremamente difficil, tendo a arrostar o ciume, a emulação e as intrigas dos seus collegas; urgido pela necessidade, ainda uma vez teve Porto-Alegre de recorrer ao exercicio de sua arte para poder viver.

Em 1840 foi declarada a maioridade de S. M. o Imperador, e o conselheiro Paulo Barbosa foi encarregado dos preparativos da solemnidade da coroação: chamou a si Porto-Alegre para coadjuval-o, e lembrar-se-hão todos ainda

dos magnificos trabalhos executados por occasião d'essa grande festividade nacional.

Na decoração do palacio imperial mostrou tambem o habil artista o fino gosto que tinha no exercicio de sua arte.

Vagando a cadeira de desenho da Escola Militar, Porto-Alegre apresentou-se pretendendo-a. Foi admittido como substituto n'essa escola, por proposta dos respectivos professores, e deu ahi grande impulso ao ensino de desenho, até então desprezado, dedicando-se ao mesmo tempo ao estudo de architectura, arte que já tinha praticado em Pariz sob as vistas de um irmão de Debret.

As obras mais importantes n'este genero, de que temos noticia, são: o plano da igreja de Sant'Anna, pelo qual foi premiado, mas que não é o que ainda hoje está sendo executado; o da Pinacotheca; e o do Banco do Brasil, um dos mais bellos edificios da capital.

Em 1854 S. M. o Imperador o encarregou de redigir duas memorias: uma relativa ás reformas que teriam de ser feitas na organização do ensino na Academia das Bellas-Artes, e outra aos meios de propagar o gosto pelas artes no Brasil.

Logo depois, o ministro que então se achava á frente dos negocios do Imperio, hoje nosso digno presidente, o nomeou director d'aquelle estabelecimento, e encarregou-o da execução das reformas lembradas.

Os resultados ao principio excederam toda a expectativa; foram introduzidos no ensino methodos racionaes e tornou-se obrigatorio o estudo das sciencias auxiliares; mas em breve a rotina e a ignorancia restabeleceram o seu dominio, e Porto-Alegre, desgostoso, demittiu-se.

Depois de prestar importantes serviços na fundação do Conservatorio Dramatico, da Academia da Opera Lyrica,

e na construcção hydraulica e architectural da Alfandega, foi em 1859 nomeado consul-geral na Prussia, para onde partiu, entrando no anno seguinte no exercicio do seu novo cargo.

Tomou parte activa em todas as instituições scientificas ou artisticas fundadas no Imperio desde 1837; ajudou e favoreceu muitos talentos em flôr; contribuiu para o desenvolvimento de outros; reconheceu o merito de todos e não teve inveja de ninguem; no entanto só colheu ingratidões (é elle quem o diz, e havemos de forçosamente acredita-lo, ainda quando tenhamos n'isso desprazer) e teve, como artista, de combater a frieza do indifferentismo, a insidia das intrigas e o odio das perseguições, que o não pouparam.

Foi isso o que mais concorreu para a resolução que tomou de trocar a palheta pela lyra.

Procurou então desenvolver suas vocações artisticas pela poesia, a que não se tinha antes dedicado senão accidentalmente e só quando provocado por amigos.

Um dos seus primeiros ensaios foi a linda descripção de *Tivoli*, escripta por instigações do conselheiro Magalhães, e publicada nos magnificos e decantados *Suspiros poeticos*.

De sua viagem á Italia colheu ainda outros fructos, como: o poema intitulado *A voz da natureza—Os contornos de Napoles*, na *Nitherohy—Revista Brasiliense*, que publicou em Paris em 1836, com seus amigos Magalhães e Torres Homem.

A influencia dos *Suspiros Poeticos*, como observa Wolf, torna-se em seus escriptos bem sensivel. O autor adopta muitas vezes como fórma de seus versos a prosopopéa; personifica as ilhas do Mar Tyrrheno, o Vesuvio; narra os

successos principaes que elles recordam, e junta appropriadas reflexões philosophicas sobre o assumpto.

O poema termina por um epilogo em que Porto-Alegre faz apparecer as figuras allegoricas do despotismo dos reis, da ambição dos homens e da guerra civil. Todos estes phantasmas entoam o côro tragico:

Morte, destruição, silencio, cahos!
Só Deus é sempiterno, forte e justo.

Esta voz da natureza é antes uma evocação dos espiritos que faz sahir dos tumulos um mundo desapparecido; o poeta ahi revela já todas as qualidades que caracterizam suas creações posteriores: uma imaginação vivissima, propensa ao maravilhoso; uma predilecção decidida pelas côres fórtes, pela pintura de detalhes e uma riqueza de imagens levada muitas vezes a excesso.

Regressando ao Brasil em 1837, Porto-Alegre dirigiu sua actividade litteraria para o theatro, e procurou por suas proprias producções reerguer a poesia do esquecimento a que tinha cahido no seu paiz.

Escreveu um prologo dramatico para ser representado, como foi, e com successo, no theatro Constitucional Fluminense, por occasião do anniversario natalicio de Sua Magestade o Imperador, e mais algumas comedias e poemas de operas. *O Espião de Bonaparte*, *O Sapateiro politicão*, *Angelica e Firmino* e *A Estatua amazonica*, foram trabalhos bem acolhidos e justamente apreciados.

As *Brasilianas* e o *Colombo* são as suas obras mais notaveis.

Estes nomes bem mostram que o nosso poeta procurava de preferencia inspirar-se nas scenas magestosas da natureza americana.

Buscava o ideal nas particularidades do paiz natal o

da nossa vida nacional, conseguindo revestir a fórma da graciosidade que distingue todas as suas producções.

Escreveu uma serie de poesias tendo por objecto as grandes scenas da natureza, os costumes e os phenomenos observados no Brasil.

São dignas de menção as que tem por titulo—*A Destruição das florestas*—Brasiliana em 3 cantos—e *O Corcovado*. São esses versos concepções admiraveis que exaltam o duplo talento do pintor e do poeta.

Cultivando este genero de poesia, foi seu principal intento despertar o gosto pela poesia americana, e cumpre reconhecer que o realizou, creando imitadores, entre os quaes o nosso saudoso poeta Gonçalves Dias, que não occultava dever as suas primeiras inspirações ás *Brasilianas*.

Este enthusiasmo pela poesia americana, pelas scenas poeticas da natureza, dos costumes e da historia do Novo Mundo, levou o autor a tentar o poema épico *Colombo*, justamente apreciado pela profusão das imagens, luxo das pinturas, riqueza da imaginação e grandiosidade do estylo.

O *Colombo*, dizem os criticos, revela um genio inventivo pouco commum e um dom de exposição admiravel; contém muitas e notaveis descripções de uma grande belleza.

Destacaremos das poesias mais estimadas de Porto-Alegre dois fragmentos apenas, que serão aqui reproduzidos sómente como homenagem prestada á memoria do poeta, que tanto se distinguiu pela sublimidade da inspiração e pela belleza de fórma, na enunciação do seu elevado pensamento.

Na *Braziliana* ao faustissimo consorcio da Serenissima princeza D. Januaria, canta elle assim:

O anjo do Brasil, librando as azas
Nos páramos sidereos,
Do sol desprende um raio que, de chofre,
O covil desmorona e despedaça
As taboas infernaes; nefando codigo,
Onde a garra satanica arranhava,
Em tortos caracteres,
Fado sinistro ao brasileiro Imperio.
Guanabara, victoria!
A brasilia donzella,
A estrella radiante de teus olhos
As galas nupciaes com pompa veste;
Na fronte virginal gemmas scintillam.
Seu régio vulto magestade espande:
Seus pés, cujos traços são virtudes,
Os degráos do altar mimosos tocam.
Vertem-lhe os cirios odoroso lume
De celeste fragrancia;

Com Deus no coração, com Deus na mente,
Dos labios virginaes adejam candidos,
Asceticos perfumes, que alliados
Aos das aras thuricremas, sagradas,
Um hymno mysterioso cadenceiam,
Tão gratos como as dulias dos archanjos
A'quelle cujas vistas, cuja dextra,
Penetram no infinito e o espaço medem.

. . . . . .

Dá-me, patria, um sacrario onde claustre,
Com chave diamantina,
Este dia de gloria;
Antes que o manto tenebroso, eterno,
Do involuntario olvido
No sepulchro me abafe os sons da lyra;

Antes que horrivel Boreas,
Desfechado dos antros do silencio,
Derroque a cup'la d'ouro
De minha gratidão, e extingua a flamma
Que o meu ser aviventa entre os mais seres.

Dá-me, patria, um sacrario onde clausure
O padrão que um archajo burilára
N'este dia brasilio;
E dá-lhe a duração da eternidade;
Fulgurem-lhe quaes cirios sacrosantos
Os astros sempiternos,
Qual turib'lo de amor aromas soltem
Os peitos brasileiros,
E pendam de seus labios
Hymnos fagueir s, preces venturosas.

No *Colombo*, fragmento de Sagres, são mimosos os seguintes versos:

.... Expira a tarde.
Do dia a imagem, buliçosa e bella,
Se concentra na mente contristada
Do victimado nauta: pesam n'alma
Quebradas illusões, mil desenganos,
E a triste realidade, e esse cadaver
Da esperança que rola entre os abysmos,
Onde a vida naufraga, onde se emergem
Os almos sonhos de um amor sublime.

No vitreo ralo da ampulheta horaria
Coou-se o bago extremo: impera a noite;
Os lepidos prazeres se retrahem
Na urna do silencio; os quartos mudam-se,
E o piloto fiel soando o bronze,
Toca a hora das preces. Ajoelhados,

Devotas litanias cadenceiam;
Como um orgão sagrado e fluctuante,
Troa na immensidade a náo harmonica.
Ascetico perfume se desprende,
Que sobe como a nuvem perfumada
De thuricremas aras junto ás metas,
Onde o corpo não luta, onde a esperança
Os anhelos extrema e se eterniza.

Ha em toda a poesia de Porto-Alegre muita imaginação, muita viveza de sentimento e energia de phrase, sempre appropriada ao poema, mais do que ao idyllio, em que aliás indistinctamente usou o poeta de todas as galas de seu estylo, para alguns, não poucas vezes empolado.

Ha quem o aprecie mais como prosador do que como poeta. São citados com louvor muitos escriptos seus; guardão-se as suas memorias e estudos criticos e litterarios. *A Minerva Brasiliense*, curiosa revista em que collaborou com alguns dos nossos melhores litteratos, como Salles Torres Homem, conego Januario, Joaquim Norberto, Nunes Ribeiro, e outros, conserva magnificos artigos de sua lavra, ainda hoje lidos com o mais vivo interesse.

Redigiu a *Lanterna Magica*, jornal satyrico apreciado, e foi assiduo collaborador da antiga *Reforma*, dirigida entre outros pelo nosso digno orador Dr. J. M. de Macedo.

No *Diccionario Bibliographico* de nosso finado consocio Innocencio da Silva, são mencionadas mais de trinta producções d'este fertil e brilhante engenho, que tanto ainda promettia ás glorias da litteratura nacional.

Grande parte de seus escriptos está infelizmente perdida; restam, porém, os trabalhos publicados em avulso, e muitas de suas memorias insertas na nossa *Revista*, onde serão sempre admiradas a erudição, a eloquencia, e a belleza de locução do facundo poeta.

São, sobre todos, notaveis os seus soberbos e magistraes discursos, recitados nas sessões anniversarias em honra dos socios fallecidos.

Sente-se ahi reviver a imagem do biographado, engrandecido pela apreciação de um animo recto, e adornado pelas galas de uma linguagem pomposa e elegantissima.

Não ha quem, ao percorrer as paginas brilhantes da nossa *Revista*, não sinta ainda hoje estremecer de jubilo e enthusiasmo a fibra do patriotismo, ao contemplar tanta gloria justamente celebrada em nossos annaes.

De uma fecundidade sem par, o genio naturalmente exaltado do poeta manifesta-se grandioso em todas as suas producções: na poesia épica, como na elegiaca, nas descripções de costumes, no estudo dos caracteres, na biographia dos homens illustres, no desenvolvimento de pontos de sciencia ou de artes, nas explanações de historia, em todos os assumptos, emfim, de que se occupa tão habil escriptor é sempre admiravel o seu privilegiado talento.

N'estes ultimos tempos nada foi publicado de novo que mostrasse continuar Porto-Alegre a cultivar as Musas. Preoccupado com os negocios do consulado do Imperio em Lisbôa, cargo importante que exercia ha annos com zelo e dedicação inexcediveis, votava ao seu paiz toda a sua actividade e prestimo, apezar de já alquebrado pelos annos e pelas enfermidades.

Havia sido em 1874 agraciado com o titulo de barão de Santo Angelo, justa recompensa devida ao seu subido merecimento; era condecorado com a grande dignitaria da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, commendador da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III, membro da secção de numismatica, bellas-artes e archeologia do museu do Rio de Janeiro, ex-professor de pintura historica na Academia das Bellas-Artes e seu

director e reformador, professor jubilado de architectura na Escola Militar, director das obras dos paços imperiaes, socio honorario do nosso Instituto, onde exerceu com brilho inimitavel o cargo de orador durante quatorze annos successivos e o de vice-presidente e 1° secretario, membro correspondente do Instituto Historico de França, da Sociedade das Bellas-Artes e Bellas-Letras, e da Polytechnica de Pariz, da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, da Academia das Bellas-Artes da mesma cidade, da Arcadia de Roma, com o nome de *Corezo Eubeio*, do Instituto Nacional de Washington e de quasi todas as sociedades scientificas, litterarias e economicas do Brasil.

A 29 de Dezembro do anno findo, contando mais de setenta annos de idade, na tranquilla serenidade de uma pura e sã consciencia, succumbiu em Lisbôa o distincto brasileiro, que tão fundo gravou no monumento das glorias do seu paiz o nome que tanto soube elevar e distinguir.

O passamento do poeta em terra estranha, longe da patria, a que dedicara fervorosos cultos no perpassar de dilatados annos, relembra o mavioso canto do cysne de Mantua:

.....Cœlumque
Adspicit, et dulces moriens reminiscitur Argos.

No testamento que deixou, e que foi na imprensa publicado logo depois, retracta-se fiel o nobre caracter, a ineffavel bondade d'aquelle honrado brasileiro:

« Nunca provoquei lutas, diz elle; porém, a amizade me levou ao campo muitas vezes e o direito sempre.

« Nunca amei os homens pela sua posição; nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha.

Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo.

E de meus pais, de meu soberano, e dos homens honestos fui sempre respeitoso e dedicado amigo. »

Como é grande, elevado e generoso o sentimento que ressumbra de tão sinceras phrases ! Como edifica e anima o exemplo de tão proeminentes qualidades moraes no encanecido mestre, tão respeitavel pelas suas luzes quanto pelo seu nobilissimo caracter !

Foi uma grande perda para o Brasil !

Depois de tantas fadigas, no silencio da morte foi achar repouso o indefesso batalhador da vida tumultuosa.

Digamos-lhe d'aqui o ultimo adeus, repetindo na linguagem poetica e expressiva, que tambem foi sua, os sentidos versos de Lemos Magalhães :

Adormeceste. E o somno foi do justo ;
Apenas ao findar da noite as preces
Em horas de descanso.
Jámais despertarás. Verdade horrivel,
Rebuçada nas trevas do sepulchro ;
Sonho d'alma esperança,
Que ao nada se esvai ! Razão humana
Forças envida em vão ; tudo é chimera
Da vida ; a morte é só realidade.
O mais só Deus conhece.

3—CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA REBOUÇAS

Antonio Pereira Rebouças, o venerando ancião que todos nós prezavamos, o patriota illustrado, cujo nome traz á lembrança a quadra agitada da nossa independencia, nasceu a 10 de Agosto de 1798, na villa de Maragogipe, da provincia da Bahia, fecundo seio que tão dignos

filhos tem dado á patria para esplendor e gloria dos fastos nacionaes.

Era filho legitimo de Gaspar Pereira Rebouças e D. Rita Basilia dos Santos, t o modestos e humildes pelo nascimento e pela posição social, quão nobres e elevados pelo sentimento, e pela virtude que sabiam praticar e ensinar á prole abençoada com que Deus os brindára e que mais tarde teria de servir de ornamento da sociedade em que ia tomar parte.

Recebida a primeira educação litteraria, na exigua proporção dos meios de que dispunha o honrado casal, como não pudesse ser dada melhor e mais accurada, a quem começava a sentir a sêde ardente de instrucção, que tão largamente teria de saciar no dilatado espaço de uma existencia tão longa quanto trabalhosa, foi em 1814 o simples escolar servir de escrevente de cartorio, em cujo exercicio adquiriu o conhecimento e pratica dos negocios forenses, a que cedo affeiçoou-se para tornar-se mais tarde insigne mestre na difficil e complicada sciencia do direito.

Assim como das brenhas nasce humilde o regato que em tenue fio de limpida corrente brandamente se estende, e ao recolher os opimos tributos das aguas que o avolumam transforma-se em caudaloso rio, que fertilisa as margens que percorre, tambem o desconhecido escrevente, depois de longo estagio, surge do estreito espaço de um cartorio, para alardear as pompas de sua intelligencia, já então fortalecida por mais profundos estudos, em um scenario mais vasto e appropriado ao largo desenvolvimento de seu genio.

Dedicou-se á politica e n'ella dístinguiu-se colhendo os louros que tem adornado os grandes oradores do parlamento; praticou a jurisprudencia e desvendou seguro os reconditos thesouros da sciencia que fez a gloria dos Cujacios e Ulpianos.

Honra solemne, e tanto mais apreciavel quanto desusada, recebeu-a elle, vendo por um acto legislativo especial, de 4 de Setembro de 1847, reconhecidas as suas peculiares habilitações para o exercicio da advocacia em todo o Imperio, independente de provisão, como se fosse bacharel formado ou doutor em sciencias juridicas e sociaes.

Era este um dos raros doutores, sem pergaminho, que sabiam honrar a classe em que se contam, ainda que poucos, alguns pergaminhos sem doutores; e por que fosse real o seu merecimento, tributarão-lhe sempre os seus confrades na sciencia a deferencia devida á illustração provada, á impolluta probidade e á superior dignidade que caracterizam os verdadeiros sacerdotes da sublime religião da justiça.

Na esclarecida pratica do direito, em um vasto theatro aberto á sua aptidão e largo estudo, illustrou o fôro, de que era inestimavel ornamento, com sazonados fructos de seu immenso saber; entre os seus escriptos um ha que tem por objecto a analyse e commentario da conhecida e importante obra de direito intitulada — *Consolidação das leis civis.*

A summa attenção com que foram consideradas e aceitas pelo profundo jurisconsulto, autor da *Consolidação,* as annotações feitas a esse proveitoso trabalho, é o mais solemne testemunho da proficiencia juridica do annotador.

Na disputa entre os esforçados campeões da jurisprudencia não houve jámais vencedor nem vencido, e os applausos dos doutos coroaram em todo o tempo os incruentos triumphos colhidos pelos valentes lutadores do fôro.

Na politica, Rebouças, depois de haver cooperado activa e efficazmente nos movimentos de sua provincia, nos annos de 1821 a 1822, empenhando-se com dedicação e

coragem nas lutas da independencia, viu galardoado o seu inconcusso patriotismo e reconhecido merito pela confiança de seus comprovincianos que o elegeram em 1828 conselheiro do governo e conselheiro geral da provincia, deputado á Assembléa Provincial por diversas vezes e á geral nas legislaturas de 1830, 34 e 42.

Na de 1845 a 1847 representou na Camara a provincia das Alagôas.

Os relevantes serviços prestados á causa da liberdade, na época da maior incandescencia das paixões politicas n'aquella briosa provincia, os multiplicados trabalhos e grandes soffrimentos que então teve a supportar o nosso presado consocio, constituem o mais valioso padrão de gloria para sua memoria e consagram o justo titulo que lhe coube de veterano da independencia.

Constam de uma curiosa memoria publicada n'esta côrte em 1879, sob o titulo de *Recordações da vida patriotica do advogado Rebouças*, os mais notaveis acontecimentos havidos na cidade da Bahia, por occasião de ser acclamada a Constituição e a regencia do reino, precursora da proclamação da independencia do Imperio.

A exacta narração dos factos, a severa imparcialidade na apreciação dos homens e dos acontecimentos e a fórma precisa da exposição, tudo demonstra a superioridade de espirito, a elevação do sentimento, e a civica energia do patriota, cuja perda tão profundamente lamentamos.

Nas lutas parlamentares, como n'aquellas em que antes distinguira-se sustentando sempre com denodo a causa nacional, foi claro e brilhante o papel que representou.

Havia adquirido desde que tomára assento na Camara, em 1830, a reputação de distincto orador parlamentar, por seus discursos, e entre estes, pelos que proferiu nas sessões de 10 e 11 de Setembro contra a pena de morte. Na

sessão de 1831 sustentou varias discussões de importancia no sentido mais liberal, oppondo-se á concessão das prerogativas do *veto*, direito de dissolução da Camara, e outros que se pretendia conferir á regencia.

Amigo sincero e dedicado dos Andradas, que sabiam corresponder com largueza á affeição que lhes votava tão digno e prestimoso correligionario, acompanhou-os na bôa como na má fortuna, prestando sempre a essa triade gloriosa da nossa historia patria o franco e decidido apoio de seu braço, de suas luzes e de sua nunca desmentida lealdade.

A opposição viva e cerrada, mas sempre nobre e respeitosa, que moveu contra a situação politica dirigida pelo activo e energico padre Feijó deu prova da rijeza de caracter e esforçado brio que animavam o digno representante da nação, que, sem outro prestigio além d'aquelle que por si mesmo havia grangeado, ousava arcar com a força do omnipotente ministro.

Entretanto, esse mesmo padre Feijó, tão grande patriota quão generoso adversario, foi quem depois, elevado á eminente posição de regente do Imperio, lembrou-se do distincto deputado da opposição para fazêl-o ministro da justiça, nomeação que não se chegou a effectuar por motivos que não vêm a proposito aqui referir.

Quanto é bello e applausivel o exemplo assim dado de longanimidade e de justiça, só proprio das almas grandes e generosas, e como eleva-se o caracter de um povo quando educa-se nas lições do patriotismo e da liberdade!

Mais tarde, quando, por força dos acontecimentos revoltosos de 1842, teve Feijó de seguir caminho do desterro, encontrou-se ainda uma vez com o antigo companheiro de tão cançadas lidas, e as palavras que então disse-lhe bem demonstram a inalteravel confiança com que distinguia o

antigo parlamentar, bem digno da estima em que era tido: *Homem de Deus*, disse elle, *não nos abandone!*

E não abandonou a sorte dos vencidos, porque á causa da justiça dedicou em todo o tempo a melhor de suas força !

A invariavel pratica de tão meritorias qualidades politicas despertou sempre as mais vivas sympathias do povo em derredor do estrenuo defensor das liberdades publicas: uma prova espontanea, e por isso dobradamente honrosa do apreço em que era tido, foi-lhe dada, sendo o seu nome incluido por votação unanime de um dos mais importantes collegios eleitoraes de S. Paulo (Bananal) em uma lista triplice apresentada á corôa para escolha de um senador por aquella provincia.

Em reconhecimento e lembrança d'este facto, Rebouças, quando foi publicada em 1870 a sua *Vida Parlamentar*, offertou á Camara Municipal da cidade do Bananal, dois nitidos exemplares d'essa apreciada obra, que devemos á louvavel solicitude e zelo de amor filial.

Compõe-se a interessante publicação, a que acabamos de alludir, de numerosos discursos sobre moral, jurisprudencia, politica e liberdade constitucional.

Discutem-se ahi com a profundeza de vistas, discreto exame e cuidadosa analyse, proprias do esclarecido espirito do digno parlamentar, as mais transcendentes questões de interesse social e politico.

Quizeramos, mas não o permitte a estreiteza d'este trabalho, juntar excerptos dos magnificos discursos parlamentares que serão sempre consultados com interesse pelos amigos das letras, e que constituirão em todo o tempo um monumento de honra para aquelle que soube elevar-se sómente pelos seus esforços e pelo seu trabalho, sem o fragil apoio d'essas fôfas grandezas sociaes que nada

significam quando fa oneam a vaidade sem dar prova do verdadeiro merecimento, que só constitue o patrimonio honroso, que se não herda, mas ganha-se ; se não dá, mas se conquista; e adquire-se, mas se não transmitte.

Foi o nosso illustrado consocio condecorado com o officialato do Cruzeiro, em remuneração dos serviços prestados á causa da independencia, e com o titulo do conselho, por occasião da inauguração da estatua equestre do fundador do imperio, graça que, pela occasião em que foi feita, faz recordar o fervoroso ardor e mascula eloquencia com que o agraciado combateu em 1832 o projecto de banimento do primeiro imperador, apresentado na Camara de que fazia parte.

Era socio correspondente do Instituto Historico desde 1839, advogado do Conselho d'Estado e membro effectivo de diversas associações litterarias e scientificas do Brasil.

Na vida intima de familia foi o anjo tutelar d'aquelles entes queridos que o rodeiavam ; fez estudar á sua custa seus irmãos Manoel e José Pereira Rebouças, que tão distincta figura representaram na sociedade, e cujos retratos se encontram esboçados no *Anno Biographico* do nosso laborioso consocio Dr. Macedo; educou seus filhos com o esmerado zêlo de quem sabia comprehender o que vale a educação, promettedora semente que facil germina e rapida floresce quando lançada em fertil e esmondado terreno, e praticou a caridade e o amor do proximo com a concentrada modestia de um verdadeiro christão.

Como o velho monsenhor Muniz Tavares, no Instituto archeologico de Pernambuco, podia, na simpleza de seu nobre coração, recommendar-nos que fosse reduzido o seu elogio a estas unicas palavras:—*Amou o seu Deus e a sua patria.*

Estaria feita com verdade a historia de sua longa vida.

Nos derradeiros tempos de sua fadigosa existencia faltou-lhe a luz dos olhos; velava a mente; batia o coração vivido ainda para as grandes effusões da alma, para os nobres sentimentos do amor da patria, para o terno amor da familia; mas já o rodeiavam as espessas sombras precursoras d'essa noite sem termo que ia em breve desdobrar-se á beira do sepulchro.

Á ultima vez que o vimos, e não ha muito ainda, era no templo do Senhor; procurava a passos tardos, conduzido por cuidadoso guia, os degráos do throno excelso, para, ante a infinita magestade do Creador do mundo, senhor da luz eterna da justiça e da verdade, tributar as profundas homenagens do mais fiel catholico.

Algum tempo depois, á 19 de Junho passado, na avançada idade de 82 annos, rendia o espirito na serena paz dos justos; amparado pela religião, fortalecido pela consciencia e engrandecido pela virtude, remontava ao seio do eterno, podendo na pureza da sua alma dizer cheio de fé, como o biblico varão da terra de Hus:

Doctrinam qua me arguis, audiam, et spiritus intelligentiæ meæ respondebit mihi.

4 — CONSELHEIRO ANTONIO DA COSTA PINTO

O vulto venerando que ante nós agora se eleva, ao percorrermos a sombria morada dos mortos, é a imagem viva da justiça, em todo o esplendor de sua serena magestade; coroam-lhe a fronte honradas cãs que attestam diuturna vida, gasta com brilho e gloria immarcessivel no sacerdocio augusto do direito; grave e austero semblante em que se espelham os nobres attributos de uma alma grande e generosa, impõe o respeito que é devido á quem

pela sabedoria e pelo caracter soube tanto illustrar a immaculada toga que o reveste.

Conta a historia que, ao invadirem os barbaros gaulezes o Forum romano, extaticos pararam ante o aspecto dos velhos consulares, que, envolvidos em suas tunicas sagradas aguardavam impavidos o assalto sobre suas cadeiras de marfim; e que os ferozes soldados de Brenno, maravilhados por tão solemne espectaculo, chegaram a acreditar que tinham ante si os proprios Deuses immortaes.

Tal é a veneração que em todo o tempo soube inspirar a velhice, engrandecida pela autoridade, respeitada pela i lustração, e glorificada pela virtude.

Antonio da Costa Pinto, o magistrado ancião cuja perda, cheios de magoa, deploramos, nasceu aos 25 de Novembro de 1802, na cidade de Paracatú, da provincia de Minas. Eram seus pais o coronel Antonio da Costa Pinto e sua mulher D. Francisca Maria Pereira; sendo destinado á carreira das letras, esforçaram-se seus dignos progenitores em dar-lhe cuidadosa educação appropriada aos estudos de direito.

Em tempo seguiu, como muitos outros brasileiros, para Coimbra, em cuja Universidade tomou o gráo de bacharel em direito, e retirou-se para o Brasil em 1827.

Regressando á terra natal, onde residia sua familia, ahi praticou durante 4 annos as doutrinas juridicas, que com tão assignalado brilho havia estudado, sem que fosse aproveitada a sua reconhecida aptidão em algum cargo publico, o que era de estranhar-se em tempo em que faltavam bachareis habilitados, especialmente para os cargos de magistratura.

Attribuia o finado, talvez illudindo-se n'este ponto, o esquecimento de seu nome á proposital intento, como manifestação de desagrado pela maneira nobre, mas pouco

submissa, porque se portára em audiencia solemne, a que compareceu, com outros collegas, logo que chegou de Coimbra.

Dirigiu-se ao monarcha e fallou-lhe com a respeitosa deferencia devida ao chefe do Estado, mas sem ajoelhar-se e beijar-lhe a mão, como era costume fazer-se n'aquelle tempo.

Foi o unico que tanto ouzou; esse acto, que só denunciava a natural altivez de caracter d'aquelle que o praticava, sem comprometter a dignidade do homem e nem o dever do subdito, foi objecto de reparo e de censura, só justificada pelos prejuizos do tempo.

Bem se vê que se trata de uma época arredada de nós mais de meio seculo, quando os usos da côrte e a educação do antigo regimen impunham como dever o que só poderia ser rasoavelmente tolerado como cortezia.

Hoje, se houvesse ainda necessidade, como dizia Persio, de reerguer as almas, da curvatura que lhes tivesse destruido a elasticidade, *ó curvæ in terras animæ!* e se coubesse ao rei a missão de restabelecêl-a, não seriam, por certo, os usos da côrte e menos as exigencias d'aquelle que a preside, obstaculo que a tanto se oppuzesse. Importa á nossa gloria sermos homens livres e não escravos: a grandeza do Estado e a dignidade da Corôa medem-se pelas qualidades moraes dos que a ella obedecem; assim pensava Omer-Talon, em época que já vai bem longe, e o ratifica no presente o progresso da sociedade em que vivemos.

O que é verdade é que Antonio da Costa Pinto, só em 1831 foi despachado juiz de fóra para o Serro, e mais tarde juiz do civel para Ouro-Preto.

Em 1836 e 1837, foi distrahido das suas funcções de juiz para presidir a provincia de seu nascimento, e da maneira acertada por que se houve n'essa commissão deram noticias os jornaes do tempo, unanimes em tributar louvores

ao administrador honesto, prudente e justiceiro, que havia trazido para a administração as tradições de honra que tinha conquistado na judicatura.

Membro de um partido politico, á cujas idéas adherira com a mais sincera convicção, lealdade e firmeza, não podia escapar incolume á reacção que em certa época se desenvolveu contra os vencidos.

Foi então removido de Ouro-Preto para o Brejo, na provincia do Maranhão.

Este acto do governo deu lugar á troca de uma correspondencia official que a imprensa publicou, e da qual consta a summa energia e dignidade com que o magistrado, ferido em seus direitos, e prejudicado em seus legitimos interesses, soube defender a justiça de sua causa e os brios da corporação de que era ornato.

Ao deixar o lugar que tão dignamente exercêra em Minas, diversas Camaras Municipaes, e entre ellas a da capital, dirigiram mensagens e felicitações ao Dr. Costa Pinto, condignamente apreciando e agradecendo os serviços por elle prestados ao paiz e especialmente á provincia do seu nascimento.

Em 1844 foi removido do Brejo para o cargo de chefe de policia de Minas, commissão que exerceu com a distincção propria de seu talento e nobre caracter, até ser em 1846 promovido a desembargador da Relação de Pernambuco.

Eleito deputado por sua provincia em quatro legislaturas, teve assento na Camara temporaria no largo espaço de 1838 a 1852, e durante o exercicio do mandato teve de interromper as funcções de representante da nação para assumir, com autorização da respectiva Camara, a presidencia da provincia de Pernambuco.

Seguiu em 1848, para o posto de confiança e grave responsabilidade que lhe era marcado, e comquanto o occupasse

por pouco tempo, com tanta imparcialidade, justiça e moderação desempenhou os seus arduos deveres, que conseguiu acalmar os animos, então muito irritados por motivos politicos que não vem a proposito referir.

Bastará mencionar o seguinte topico do relatorio com que passou a administração ao seu successor—conselheiro Ferreira Penna :

« Um dos partidos, que havia concebido esperanças exageradas, teve de voltar ao terreno da legalidade, e não se achava mal collocado ; o outro, a quem não fiz um só favor, pareceu contentar-se com os rigidos principios de justiça, de sorte que a sua conducta levou-me a fazer d'elle uma idéa vantajosa ; esta situação não podia deixar de produzir os melhores resultados pelo que pertence á ordem publica. »

O jornal *União*, de politica opposta á do imparcial administrador, referindo-se aos actos da presidencia, e apreciando-os com a devida justiça, terminava um artigo de fundo com as seguintes palavras, bastante expressivas, em tempo em que tão agitadas corriam as lutas partidarias :

« Temos a franqueza de declarar que, a não ter ainda triumphado a politica que seguimos, julgariamos o maior dos bens que a nossa provincia continuasse a ser administrada pelo Exm. Sr. desembargador Antonio da Costa Pinto. »

É o reconhecimento do merito apregoado pela voz insuspeita do adversario.

Se a moderação e conciliadora prudencia de que usára o presidente com tão grande proveito para a ordem publica, fossem continuadas em épocas de maior exacerbação politica, talvez houvesse sido evitado o fatal movimento de 1848, que tantos males trouxe para a provincia de Pernambuco.

Na Camara dos Deputados soube o ex-presidente defender com vantagem a sua administração das injustas censuras que alguem pretendeu irrogar-lhe, talvez no empenho de declinar da propria responsabilidade, em prejuizo d'aquelle em que mal poderia ella assentar, porque todos os esforços tinha feito por conservar a provincia, como os partidos que a fraccionavam, na orbita da legalidade e do respeito á lei e ás autoridades constituidas.

Em 1849, foi o desembargador Costa Pinto removido para a Relação da côrte, e desde então arredado da politica militante só tratou de ser juiz, e juiz modêlo foi em todos os sentidos.

Dizer o que fez elle na cadeira de magistrado é repetir o que está na consciencia do paiz: nenhum ainda o excedeu em probidade, honradez, imparcialidade e circumspecção.

Entregue aos seus afazeres de juiz, aos quaes accumulava, durante os impedimentos temporarios do finado senador Eusebio, os de inspector geral da instrucção publica da côrte, teve ainda uma vez de interrompel-os, para, com muito constrangimento, ir presidir a provincia da Bahia, em 1860.

A sua missão ahi foi nimiamente difficil, attento o estado da provincia, desolada pela fome.

Á sua desvelada attenção, summo zelo e inabalavel energia deve a provincia os beneficios que colheu em tão criticas emergencias.

Em 1867 foi o honrado desembargador nomeado presidente da Relação da côrte, e em 1870 promovido por antiguidade, na fórma da lei, a um logar de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Era condecorado com o titulo de conselho de S. M. o Imperador, com a commenda da ordem de Christo, e nosso digno consocio desde 1845.

Á 20 de Março de 1880 falleceu n'esta côrte, na avançada idade de 78 annos.

Em França a estatua de d'Aguesseau, annos depois de sua morte, foi collocada no peristylio do corpo legislativo; o general Foy impunha como supplicio aos máos ministros encararem a imagem do grande jurisconsulto quando por ella passassem; o busto do exemplar magistrado brasileiro devia ornar o recinto dos nossos tribunaes judiciarios, como premio aos bons juizes e poderoso estimulo áquelles que quizessem e pudessem imital-o.

5—CONSELHEIRO VENANCIO JOSÉ LISBÔA

Será ainda ao tumulo de um magistrado distincto que se encaminharão nossos passos, ao separar-nos d'aquelle á quem acabamos de dirigir o ultimo adeus na necropole sombria em que se asylam tantos dos nossos mais caros companheiros.

O distico que ahi lemos na alva lousa que encobre estreito espaço, em bem singelas palavras nos instrue do que foi aquelle que ainda na morte nos inspira o respeito e a veneração que em vida lhe votámos.

Independencia e illustração.—As duas qualidades caracteristicas do bom juiz, as duas condições essenciaes a quem tem por dever distribuir justiça, supremo dom de sabedoria infinita, sem outra inspiração que não seja a da propria consciencia, sem outra luz além da da intelligencia esclarecida pelo estudo e pela reflexão, taes são as letras que alli estão substanciando com eloquencia uma existencia inteira, devotada ao agro labor da mais nobre e difficil das funcções sociaes.

O retrato de Venancio José Lisbôa exigiria um pincel mais rico de que não dispõe aquelle que lhe esboça os

traços; uma téla mais larga que se não encontra na pobre officina em que se alberga o imperito artista.

Lembrava Dupin, o insigne escriptor, gloria das letras juridicas da França, que os elogios biographicos dos jurisconsultos e dos magistrados dignos de estima e de renome deveriam ser propostos como meio de exercicios oratorios nas conferencias dos homens da lei; deveriam ser aproveitados como thema á explanações litterarias e a discursos inauguraes, afim de que, traçando-se a historia dos homens, ao mesmo tempo se fizesse a historia da sciencia que elles houvessem illustrado.

O elogio de Venancio Lisbôa seria uma lição fecunda de instrucção e de ensinamento, como o idéara o provecto escriptor.

Nascido á 7 de Março de 1810, n'esta côrte, filho legitimo de Venancio José Lisbôa e D. Ursula Maria do Bom-Successo, feitos os primeiros estudos, seguiu o nosso esperançoso consocio para a Europa, onde cursou em Pariz as aulas do collegio de Henrique IV, recebendo o gráo de bacharel em bellas-letras e formando-se em direito na Universidade da mesma cidade em 1830.

Voltando ao Brasil apoz sua formatura, foi a S. Paulo em 1832 inscrever-se no concurso aberto para o provimento de uma cadeira de lente, mais tarde dignamente preenchida pelo finado conselheiro Amaral Gurgel.

No concurso em que tomou parte foi unanimemente approvado, tendo por competidor o Dr. José Manoel da Fonseca, depois senador do imperio; foi Venancio Lisbôa classificado em primeiro lugar, mas deixou-se de fazer então a nomeação, por ter sido o concurso annullado.

Em 1833 foi nomeado juiz de orphãos da côrte, lugar que serviu por dois annos e meio; e, como houvesse pedido demissão antes de findo o triennio, teve a honra de ver

proposto o seunome pela Camara Municipal para o triennio que seguia-se.

Passou a exercer a advocacia n'esta côrte, e na effectividade d'essa nobre profissão continuava, quando em 1838 foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, cargo que serviu até 1839.

Em 1841 foi nomeado juiz de direito da comarca de Matto-Grosso, sendo depois removido para a de Páo d'Alho, em Pernambuco.

No anno immediato foi nomeado presidente da provincia do Maranhão, onde se conservou até 1843, deixando a presidencia para tomar assento na Camara dos Deputados, como representante d'aquella provincia.

Em 1844 foi removido para a comarca de Itaborahy, da provincia do Rio de Janeiro, d'onde passou em 1847, para a de Nictheroy.

Em 1848 foi nomeado chefe de policia da mesma provincia, cargo que exerceu por mais de cinco annos, ao tempo em que teve ella a fortuna de ser administrada pelo nosso digno e illustrado presidente o Sr. visconde de Bom Retiro.

De novo eleito deputado á Assembléa Geral pelo Rio de Janeiro, tomou assento nas legislaturas 8ª e 9ª, comprehendendo os annos de 1850 a 1856.

Em época anterior havia tambem representado a provincia do Rio de Janeiro, como deputado provincial, em duas legislaturas.

Em 1854 foi-lhe designada a comarca de Ouro Preto, onde serviu algum tempo, até ser removido em 1856 para a 2ª vara criminal da côrte.

N'este lugar conservou-se até 1861, prestando relevantes serviços, já na presidencia do jury, quando havia na côrte só dois juizes de direito encarregados d'esse trabalhosissimo

encargo, já na correição a que procedeu em 1858, merecendo os maiores elogios da imprensa pelas sensatas, energicas e acertadas providencias que tomou a bem do regular andamento dos negocios da justiça.

Promovido a desembargador da Relação da côrte em 1861, sendo o ultimo da lista apresentada á escolha, funccionou até 1871, data em que deixou a carreira por haver obtido aposentadoria com as honras inherentes ao seu elevado cargo. Juntou então o titulo de conselho de S. M. o Imperador ás condecorações de cavalleiro da ordem de Christo e official da da Rosa, que antes lhe haviam sido conferidas.

Não ha quem desconheça a publica e notoria distincção com que sempre serviu o digno magistrado todos os lugares á que foi chamado.

Intelligente e illustrado, energico e activo, integro e probo, quanto póde ser o juiz que tem consciencia da propria dignidade, honrou sempre a toga que vestiu com brilho, e com brilho deixou na campa em que se recolhem os ultimos despojos das afanosas lutas da existencia.

Essa independencia e illustração tão necessarias ao verdadeiro juiz, teve-as elle em subido gráo; porque não tanto pela fortuna que o punha á coberto das necessidades da vida, quanto pela elevação do caracter, que é o que constitue a verdadeira independencia, não teve jámais outro movel para os seus actos que não fosse a propria consciencia esclarecida pela instrucção que avido colheu na theoria e pratica do direito: foram as suas decisões sempre dictadas pela sabedoria peculiar aos adestrados mestres da sciencia que professava, e ainda hoje são citadas como a expressão da lei em sua mais exacta e rigorosa applicação.

Já nos ultimos tempos de sua luminosa carreira de magistrado deu se um desagradavel acontecimento que

muito o desgostou. Foi o caso, que no andamento de uma causa importante sujeita ao conhecimento da Relação da côrte, por virtude de concessão de revista, entendeu o Supremo Tribunal de Justiça dever mandar submetter á processo de responsabilidade os dois juizes, cuja opinião vencedora no acórdão do julgamento revisor parecêra me os acertada ao mesmo tribunal.

Um d'esses juizes era o desembargador Lisbôa.

A questão era toda de direito ; o erro, se havia, tanto podia ser dos juizes da Relação como do Supremo Tribunal ; tratava-se de saber se as Relações revisoras podem deixar de conhecer do merito da causa, quando a decisão de que se recorre é sobre um mero incidente relativo á fórma constitutiva do juizo, assumpto já resolvido definitivamente, em 1ª instancia por sentença proferida em recurso de aggravo; os juizes accusados tinham-se declarado incompetentes para julgar o incidente. Tal foi o crime !

Fez-se o processo, foram os juizes pronunciados, e afinal absolvidos, como era de esperar-se, depois de demonstrada á evidencia, na linguagem tersa e animada da convicção, a perfeita conformidade do julgamento reprovado com a lei que o regulava.

São dignas de ler-se as peças d'este famoso processo, insertas na *Revista juridica*, 1869—1870 : *Questão Mauá com a companhia da Estrada de Ferro de S. Paulo.*

Ficou, porém, do que houve profunda magoa impressa no espirito do brioso magistrado, que tão escrupuloso se mostrára sempre no cumprimento dos seus deveres de juiz.

Só poderá bem avaliar a intensidade do desgosto que soffreu o juiz accusado, quem souber quanto custa crear no percorrer de uma vida inteira de trabalhos e de

sacrificios uma honrosa reputação de saber, de inteireza e de dignidade, que constitue o unico e preciosissimo patrimonio de que dispõe o magistrado, entre nós ainda desprovido de todas as garantias legaes que lhe resguardem a posição melindrosa que tem a occupar na sociedade.

Choca-se com razão a bem entendida susceptibilidade do funccionario ao vêr mal reputados os seus esforços, desconhecido o seu zelo, contestada a sua aptidão e bôa vontade e surge a descrença, onde devêra reinar a mais robusta confiança, porque é ella que fortalece o animo, e o prepara para affrontar as serias difficuldades do espinhoso cargo.

O desembargador Lisbôa nunca mais voltou ao tribunal, que assim veiu a perder a esclarecida cooperação de um dos seus mais distinctos membros.

Requereu e obteve aposentadoria, que lhe foi concedida com as honras de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

A secção de justiça do Conselho d'Estado, sendo consultada sobre essa pretenção, pelo orgão autorizado do seu eximio relator o finado conselheiro Nabuco, de saudosa memoria, honrou-o com um pomposo elogio, que bem contrastava o injustificado rigor de que antes fôra victima o excellente magistrado.

Desde então recolhido á vida domestica, não mais se occupou com as agitadas lides que haviam feito a preoccupação constante de seus longos dias.

Accommettido de grave e cruel enfermidade, supportou as dôres do corpo com a mesma tranquilla firmeza e resignada coragem com que havia resistido aos soffrimentos do espirito.

A 23 de Maio do corrente anno, falleceu n'esta côrte,

no seio de sua extremosa e desolada familia, que ainda hoje entraja o luto em que tambem se envolve a sociedade, que perdeu um dos seus mais dignos membros e o Instituto um dos seus mais antigos e illustrados consocios.

Quanto á magistratura, ella saberá em todo o tempo honrar o nome do preclaro juiz, que tanto elevou a classe a que pertenceu, educando-a no exemplo da severa dignidade que lhe assellava o caracter.

Sua vida, como a de L'Hospital e Matheus Molé, será o typo da coragem civica, que deve distinguir o magistrado: sua memoria, a fonte em que irão retemperar as forças na hora do desanimo os diligentes apostolos da sacrosanta religião da justiça.

6—CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA PINTO

Antonio Pereira Pinto, sympathico e gentil cavalheiro, verdadeiro fidalgo menos pelo sangue do que pela nobreza e elevação de caracter de que era adornado, nasceu a 20 de Março de 1819 na cidade do Rio de Janeiro, e aqui falleceu a 5 de Julho de 1880, com 61 annos de idade, depois de uma vida illustrada pelo proprio esforço e ennobrecida pelo trabalho a que dedicou toda a sua actividade e esclarecida intelligencia.

Ainda estudante, na cidade de S. Paulo, redigia o *Publicola*, jornal de opiniões liberaes, em que foi debatida com talento a causa da maioridade, n'aquelles tempos de incendidas lutas partidarias em que os excessos da paixão politica muitas vezes perturbavam a livre e exacta apreciação dos factos discutidos na imprensa.

Escriptor fluente desde os primeiros annos de estudo, applicado e intelligente, avantajou-se logo nos bancos academicos, distinguindo-se entre os seus companheiros e recommendando-se á estima de seus mestres e á consideração dos seus condiscipulos e amigos pela amenidade de seu trato, exemplar comportamento, e infatigavel disposição para o trabalho.

Bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas pela Academia de S. Paulo em 1840, começou desde então essa vida laboriosa a que se dedicou incessante, deixando vivos traços de sua capacidade e illustração em todos os lugares que serviu e trabalhos de que se encarregou.

Honrado pela confiança de seus concidadãos e pelo governo imperial, foi sempre o nosso distincto consocio merecedor de encomios pelo extremoso zelo e accurada attenção com que procurava desempenhar as obrigações de seu cargo.

Apenas formado, na idade de 21 annos, foi eleito pela briosa e importante provincia de S. Paulo para represental-a na illustrada Assemblea Provincial em que tinham assento as summidades da politica, os sempre venerados chefes Feijó, Vergueiro, Paula Sousa, Tobias, Alvares Machado, Martim Francisco, Antonio Carlos, Pimenta Bueno, Rodrigues dos Santos e tantos outros luzeiros do partido que havia então triumphado no pleito eleitoral. Era bem de vêr que seriam, como foram, com assignalada vantagem aproveitadas por tão habil discipulo as sabias lições colhidas sob a influencia de tão grandes mestres.

Promotor publico da comarca da capital d'aquella provincia em 1831, foi n'esse mesmo anno agraciado com o habito da ordem de Christo, merecendo pelo

seu procedimento e serviços á causa da justiça, o applauso geral de seus c marcãos.

Mudando-se em 1844 para á capital do Imperio, onde pr.tendia exercer a advocacia, foi logo depois nomeado pagador da Thesouraria de Marinha, cargo cujas funcções desempenhou com a costumada solicitude e inteireza até 1847, sendo despachado n'esse mesmo anno juiz de orphãos para a cidade de Campos, na provincia do Rio de Janeiro.

Presidente em 1848 da provincia do Espirito-Santo, removido depois de seis mezes de administração, a contento dos povos, para a do Rio-Grande do Norte, e d'esta em 1849 para a de Santa Catharina, soube em toda a parte grangear a estima, benevolencia e respeito de seus jurisdiccionados pela moderação e justiça de seu caracter, pela delicadeza de suas maneiras e fina educação, recebendo no começo de suas presidencias, como na occasião de deixal-as, as mais honrosas e espontaneas manifestações da imprensa e do povo sempre grato e respeitoso á autoridade que bem comprehende a elevada missão de que é investida.

Official da Secretaria da Justiça em 1854, condecorado pelo governo com o officialato da Ordem da Rosa em 1855, nomeado presidente da provincia de Sergipe, para onde deixou de seguir por motivos imperiosos, tomou depois assento na Camara temporaria como deputado pela provincia do Espirito-Santo nas legislaturas de 1857 e 1861.

No desempenho do mandato popular, na representação nacional, como no exercicio da magistratura e dos cargos para que foi chamado por diversas vezes, soube sempre elevar-se á altura da posição official que occupava.

Foi nomeado juiz de direito da comarca de Guaratinguetá em 1858, na provincia de S. Paulo ; director do

Archivo Publico do Imperio em 1859, emprego que exerceu durante 10 annos; director da Secretaria da Camara dos Deputados em 1869, vindo a fallecer no desempenho d'esse importante encargo, sempre inspirado pela justiça, guiado pelo dever e votando até ás portas da morte o resto de suas cançadas forças ao labor incessante que constituiu em toda a sua vida o principal cuidado de seu cultivado espirito e infatigavel actividade.

Era socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro fundador do Instituto da Ordem dos Advogados e fidalgo cavalleiro da casa imperial.

Em 1861 havia sido condecorado com a commenda da imperial ordem da Rosa e em 1875 com o titulo de conselho de S. M. o Imperador, declarando-se no decreto de nomeação que era a mercê feita como reconhecimento dos meritos litterarios do agraciado.

Quarenta e um annos de vida publica dedicados ao serviço de seu paiz, fazem hoje o patrimonio de honra da familia que o prantêa, e da patria que n'elle perdeu um dos seus mais dignos e dilectos filhos.

Typo de honestidade e de honradez, escrupuloso cumpridor de seus deveres, chefe de familia exemplar, morreu pobre, como tinha vivido, deixando apenas como herança, mas essa preciosa e de inestimavel valor :—um nome respeitado e uma memoria sem mancha.

O juizo favoravel da imprensa sobre tão distincto e incansavel servidor do Estado deu testemunho insuspeito da estima em que o teve a opinião publica; a palavra austera do digno deputado que, como orgão da Camara temporaria, propôz na sessão de 6 de Junho passado que fosse nomeada uma commissão da mesma Camara para acompanhar á ultima morada o feretro do illustrado ex-membro d'aquella corporação, prestou justa e devida homenagem

ao merito, e com geral applauso reconheceu que fôra o finado director o melhor funccionario que jámais tivera a Secretaria da Camara dos Deputados: o sentimento unanime da camara, o luto espontaneo tomado por seus companheiros de trabalho, dão alto relevo ás eminentes qualidades que adornavam o nosso digno consocio.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro tambem associou-se, como devia, ás demonstrações de pezar pela lamentavel perda de um dos seus mais antigos e prestimosos membros; não se esqueceu de honrar a memoria d'aquelle que havia compartilhado seus trabalhos desde 1844, levantando, como justo signal de condolencia, a sessão de 11 de Junho, em que se fez communicação do deploravel acontecimento, e mencionando-o na acta d'esse dia, sobre proposta do muito respeitavel e digno presidente o Sr. visconde de Bom Retiro.

Na acta da sessão seguinte, a 18 do mesmo mez, foi transcripta por votação unanime a moção assignada por 21 socios, declarando que o Instituto recebêra com o mais profundo pezar a noticia do fallecimento do muito distincto e benemerito brasileiro, conselheiro A. Pereira Pinto, socio effectivo do mesmo Instituto.

São muitos e apreciaveis os fructos de aturado estudo deixados pelo nosso finado consocio.

Na *Revista Trimensal* d'este Instituto sobresahem escriptos recommendaveis de sua penna.

O elogio historico de Antonio Carlos, o estudo ácerca do systema penitenciario no Brasil, a memoria sobre a confederação do Equador, a noticia sobre a revolução pernambucana em 1824, dão prova de sua illustração e criterioso juizo sobre os assumptos de que se occupou.

Além da collaboração activa que prestou á redacção de diversos jornaes da côrte, faz-se digna de menção, pela

utilidade pratica e abundante cabedal que offerece á consulta, uma obra importante que tentou com successo e deu á publicidade em 1864, intitulada—*Apontamentos para o direito internacional brasileiro, ou collecção completa de todos os tratados celebrados pelo Brasil desde* 1808 *até* 1870 (quatro volumes). Este valioso repositorio de documentos interessantissimos para a historia patria foi dedicado pelo autor ao nosso Instituto, que o conserva e estima como um florão de suas glorias litterarias.

O juizo critico da imprensa, sem discrepancia de um só dos principaes jornaes da capital do Imperio, aliás acompanhados pelos grandes orgãos da opinião nas provincias, e o parecer muito competente e autorizado do nosso finado consocio o conego Dr. Fernandes Pinheiro, em seu relatorio de 13 de Dezembro de 1865, dispensam commentarios sobre o valor d'aquella utilissima collecção, realçada pelo merito dos esboços historicos e apreciações que acompanham as negociações publicadas.

Já curvado pelo excesso de trabalho, mais do que pelo peso dos annos, enfermo e quasi arrastando-se para poder bem desempenhar os seus arduos deveres, ainda o conselheiro Antonio Pereira Pinto esforçava-se por servir á sua patria, colleccionando os *Annaes da Camara dos deputados* e dando vida áquella gloriosa tribuna tantas vezes exaltada pelo patriotismo e illustração dos nossos grandes oradores.

Encarregado d'essa extensa e difficil compilação que não pôde concluir, colhido pela morte quando mais lutava pela vida que lhe fugia precipite e angustiosa, publicou sómente os volumes correspondentes aos annos de 1823, 1826 a 1832, 1834, 1847 a 1856 inclusive, deixando já preparado todo o material preciso para inteira realização da grande empreza que havia tentado.

Durante o periodo em que dirigiu a Secretaria da Camara

dos Deputados (1869 — 1880), o conselheiro Pereira Pinto não só fez organizar sobre novo plano as *Synopsis* annuaes dos trabalhos das sessões parlamentares, dando mais clareza e methodo á sua disposição, e addicionando-lhes copiosos dados sobre os principaes assumptos de que se tem occupado o nosso parlamento, como tambem fez colligir e publicar dois grossos volumes, importantissimas fontes de estudo da nossa historia parlamentar sob os titulos: *Fallas do throno* e *Reforma eleitoral*, sendo o primeiro seguido de uma relação nominal de todos os deputados brasileiros desde as côrtes portuguezas e constituinte até a 14ª legislatura ordinaria, e o segundo acompanhado de um appendice contendo noticia circumstanciada e documentos historicos e explicativos ácerca da lei de 12 de Outubro de 1832, acto addicional e lei da interpretação.

Em 1867 havia publicado um opusculo sobre algumas questões internacionaes de maxima importancia e actualidade, quando se debatiam nas regiões do Prata interesses do maior empenho para o Brasil.

Trabalhando viveu, e no trabalho morreu. Tal foi aquelle que não mais se conta entre os nossos prezados companheiros; placido e firme lá o vimos atravessando as tempestuosas commoções da vida, até dar a terra os despojos que á terra pertenciam; hoje remontando em espirito ás serenas regiões da eterna justiça receberá o premio devido ás suas virtudes, e gozará afinal do descanso que não lhe foi dado fruir nas fadigosas tribulações da existencia.

Sobre o seu tumulo manda a justiça da historia que se grave este simples epitaphio que resume com verdade o que foi toda a sua vida:

Trabalho e honra, pobreza e dignidade.

7 — BARÃO DE MELGAÇO

Augusto Leverger, barão de Melgaço, grande do Imperio, chefe de esquadra reformado, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil e de diversas associações litterarias, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, official da da Rosa e commendador da de S. Bento de Aviz, nasceu a 30 de Janeiro de 1802, em S^t^. Malô, na Bretanha, sendo seus pais Mathurino Miguel e Regina Corbes.

Com praça de 2º tenente de commissão foi admittido ao serviço da armada imperial em 1824, embarcando a 11 de Novembro d'esse mesmo anno á bordo da fragata *Nitherohy*.

Fez a campanha do Rio da Prata (1826 a 1828), depois de haver sido em 1825 confirmado na effectividade do posto em que servia, e a 12 de Outubro de 1827 foi promovido a 1º tenente pelo almirante commandante da esquadra em operações no Rio da Prata.

Confirmado n'essa patente por decreto de 2 de Dezembro do mesmo anno, foi em 1829 nomeado commandante das canhoneiras empregadas no rio Paraguay, ao serviço da provincia de Matto-Grosso, mandando-se por aviso de 1º de Dezembro de 1831 que continuasse no exercicio do posto em que se achava, visto haver provado ter collaborado activamente na luta da independencia do Imperio.

Reformado em Outubro de 1836 na patente de 1º tenente sem soldo, voltou no anno seguinte á effectividade do posto, sendo antes nomeado commandante das canhoneiras de Matto-Grosso e incumbido de explorar o rio Paraguay e executar outros trabalhos n'aquella provincia.

Declarando-se sem effeito o anterior decreto de reforma,

foi em 1837 promovido a capitão-tenente, e em Junho de 1841 nomeado consul geral do Brazil, na republica do Paraguay, e encarregado de negocios interino, ficando dispensado da commissão em que se achava na provincia de Matto-Grosso.

Não lhe sendo permittido entrar no territorio d'aquella republica, pela fronteira do Imperio, só no anno seguinte conseguiu chegar á Assumpção, mas sem outro caracter publico além do de simples official de marinha, portador de um despacho do presidente da provincia para o governo do Paraguay.

Em 1842 foi promovido a capitão de fragata e qualificado na 1ª classe do quadro dos officiaes d'armada. Em 1843 foi exonerado da commissão consular que lhe fôra confiada, e encarregado da direcção do trem naval na provincia de Matto-Grosso.

Naturalisou-se cidadão brasileiro em 1844, e dois annos depois voltou ao Paraguay com duas canhoneiras, afim de terminar o levantamento da carta do rio d'esse nome.

Em 1850 foi nomeado presidente, e em 1852 commandante militar da provincia de Matto-Grosso.

Para o bom exercicio d'essas funcções, fixou residencia por espaço de dois annos (1855 e 1856) no forte de Coimbra, na fronteira; pediu e obteve exoneração dos importantes cargos que occupava em 1857, sendo então condecorado com a commenda da ordem de Aviz, em recompensa de seus serviços militares e nomeado 1º vice-presidente da provincia.

Já em Março de 1852 havia sido elevado a capitão de mar e guerra, e em Dezembro de 1854 ao posto superior de chefe de divisão.

Em Maio de 1857 foi reformado, como pediu, no posto de chefe de esquadra graduado, concedendo-se-lhe licença

para continuar a residir na provincia em que por tão largos annos havia habitado, prestando sempre ao paiz o valioso concurso de suas luzes e o aproveitavel auxilio de sua infatigavel actividade.

Em 1864 foi Leverger encarregado da exploração chorographica do districto de Miranda, importante commissão que foi interrompida pela superveniencia da guerra entre o Brasil e o Paraguay.

Sua patriotica conducta e assignalados serviços, prestados por occasião da invasão da provincia pelas forças do inimigo, em 1865, valeram-lhe o merecido titulo, que veiu enobrecer-lhe o nome, sem tornar por isso mais illustre quem já o era por seus feitos e por suas bellas qualidades pessoaes.

De novo nomeado presidente e commandante militar da provincia de Matto-Grosso, na época critica da guerra com o estrangeiro, viu-se forçado por motivos de molestia a solicitar exoneração, que lhe foi concedida em 1866.

Na vida domestica a que se recolheu, continuou a occupar-se com diversos trabalhos relativos á geographia, historia e estatistica do paiz que havia adoptado como sua patria, e ao qual prestára com desinteresse e bôa vontade os mais relevantes serviços.

A 14 de Janeiro do corrente anno falleceu na cidade de Cuyabá, na avançada idade de 78 annos.

Tinha cumprido brilhantemente o seu destino ; era-lhe dado dizer com o poeta :

Et vous, gloire, vertu, déesses immortelles,
Que vos brillantes ailes
Sur mes cheveux blanchis se reposent un jour.

Na galeria dos benemeritos da patria ha lugar de honra reservado para o esforçado marinheiro e intelligente administrador, que na hora do perigo como na do repouso, na

guerra como na paz, deu sempre valiosos testemunhos de coragem, prudencia e dedicação á causa nacional, que defendeu com extremo valor e inexcedivel patriotismo.

Pelo que respeita especialmente ao seu merito como homem de letras, limitamo-nos a registrar aqui a noticia que sobre tão estimavel cidadão encontramos na *Viagem Pittoresca*, de Bartholomeu Bossi, pelos rios Paraná, Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, publicada em Pariz em 1863, onde com justificada razão, assim se exprime o illustrado viajante:

« Um dos homens que pela sua sciencia e pelos serviços que ha prestado, se faz, na verdade, recommendavel, é o Sr. Augusto Leverger, francez de nascimento, chefe de esquadra hoje reformado, condecorado com diversas distincções honorificas, e que ha exercido por vezes a presidencia da provincia, com agrado e applauso publico.

« Este cavalheiro tem realisado trabalhos hydrographicos e geographicos da maior importancia, e que honram seu nome no mundo das sciencias.

« Varios trabalhos seus são conhecidos com vantagem, principalmente as suas minuciosas explorações no rio Paraguay e seus affluentes.

« Actualmente se occupa com o levantamento de uma carta que comprehende a navegação desde Corumbá até Cuyabá, e com a organização de um plano geographico de toda a provincia.

« O Sr. Leverger possue conhecimentos profundos das sciencias exactas, e os tem mui valiosos ácerca do paiz em que reside; vive retirado com sua esposa, uma senhora respeitavel do lugar, e habita uma quinta nas margens do rio Cuiabá, á uma legua da capital, aproveitando-se do silencio aprazivel de que ahi goza, para concluir os grandes trabalhos que o preoccupam, e que constituirão um presente

valiosissimo para as sciencias humanas e um relevante serviço para a sua patria adoptiva. »

Infelizmente veiu a morte cortar o fio de tão preciosa existencia, quando d'ella ainda tanto esperavam a familia que inconsolavel o pranteia, a sciencia, de que era ornato, e a patria, que de tal filho se orgulhava.

8—CONSELHEIRO FELIPPE JOSÉ PEREIRA LEAL

A 13 de Agosto do corrente anno baixou ao tumulo na cidade da Bahia, rodeado do prestigio de uma reputação bem firmada, e ennobrecido pela estima e consideração devida ao seu merecimento, um cidadão respeitavel, cuja vida deslisou-se constante na recta e sublime pratica do dever.

Como o celebrado cantor da epopéa lusitana, podia com desvanecimento memorar, que lhe coubera a gloria de servir ao seu paiz com a mente e o braço affeitos ambos a obedecer aos dictames do mais encendrado patriotismo em que sempre inspirara-se nas diversas posições a que o levára o destino.

Official de marinha e diplomata, Felippe José Pereira Leal nos apresenta o invejavel exemplo de uma ductil aptidão para o trabalho amoldado a bem diversos fins. Manejou com igual pericia a espada de commando militar e a penna de atilado diplomata ; tão certo é que nada resiste á vontade quando a anima a soberba energia do caracter.

Nasceu o honrado brasileiro, cujo nome acabamos de declinar, n'esta côrte a 27 de Abril de 1812 ; foram seus pais José Antonio Pereira Leal e D. Leocadia Joaquina da Natividade.

Destinando-se á carreira da marinha, que tão brilhantemente tem sido trilhada por esforçados servidores, a quem

deve o Brasil muitas de suas glorias mais prezadas, depois de frequentar com aproveitamento as aulas preparatorias do seminario de S. Joaquim, matriculou-se na academia de marinha em Março de 1827, e em Novembro do mesmo anno assentou praça de aspirante, sendo dois annos depois promovido a guarda-marinha.

Em 1831 passou-se-lhe carta geral dos estudos academicos, teve accesso ao posto de 2º tenente em 1832, ao de 1º em 1836, e ao de capitão-tenente em 1849, terminando ahi, pela reforma que obteve, o cyclo de sua vida militar, illustrada por serviços relevantes prestados não só a bordo de diversos vasos de guerra, alguns dos quaes commandou, como em terra no desempenho de commissões que foram confiadas á sua intelligencia e zêlo sempre reconhecidos com louvor.

Não será demais dizer-se, que consta de seus honrosos assentamentos ter sido gravemente ferido em 1836 no rio Acará, na provincia do Pará, quando perseguia os rebeldes no escaler da escuna *Leal Cametuense*, de que era commandante, formando a vanguarda da expedição mandada ao alcance das forças inimigas que remontavam o rio, sob as ordens do seu principal chefe.

As balas que para sempre conservou em seu corpo, com irreparavel damno de sua saude, attestavam nobremente o valor do indomito militar, posto á prova na defesa da integridade do Imperio.

Era-lhe de pouco preço a vida quando a arriscava na observancia do dever, e nunca antepôz o interesse pessoal ao da nação, que soube zelar e defender como lhe cumpria.

Mas não foram esses os unicos e nem os melhores serviços que fez ao paiz o digno brasileiro; outros, e de maior valia, teve occasião de prestar na brilhante carreira diplomatica que encetou em 1843, e com distincção percorreu até os ultimos gráos.

Foi praticando a arte, na phrase de Mignet, de penetrar o intimo pensamento dos homens, sem insidia, de pesar as circumstancias e julgal-as, sem imprudencia, de aproveitar a occasião e o tempo, sem precipitação e de servir-se das vontades alheias, sem constrangimento, que o arguto diplomata desempenhou as difficeis commissões de que foi encarregado por mais de 34 annos.

Começando por servir o lugar de addido de 1ª classe e secretario da legação do Uruguay, quando ainda militava activamente na armada imperial, e sendo em 1845 removido no mesmo caracter para a legação brasileira nos Estados-Unidos, depois de em ambos esses paizes exercer interinamente as funcções de encarregado de negocios, foi em 1852 chamado á servir effectivamente este cargo na legação, do Paraguay, d'onde foi removido em 1855 para Venezuela Nova-Granada e Equador; em 1859 foi nomeado para a Hespanha, em 1861 para o Chile, em 1862 para a Italia, em 1863 para a Republica Argentina, com promoção a ministro residente; em 1867 de novo para Venezuela, já então na elevada categoria de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, em 1869 para o Perú, em 1874 para o Paraguay, e em 1876 ainda uma vez para o Chile, até ser posto, a pedido, em 1878 na disponibilidade activa em que se achava quando falleceu, em consequencia ainda das lesões que soffrêra no serviço militar.

Em toda a parte onde lhe foi dada a honrosa missão de representar o Brasil, soube erguer bem alto o pavilhão auriverde, que symbolisa as glorias da nação; zelou-lhe os creditos com escrupuloso cuidado e advogou seus interesses, com infatigavel vigor, esforçando-se por todos os modos para que fosse o Brasil conhecido e respeitado no estrangeiro, sem a menor quebra de seus inauferiveis direitos.

O que de mais importante fez como diplomata não o diremos nós, que nol-o veda a reserva e nem o permitte a

deficiencia de documentos publicados, sem pretendermos devassar os segredos dos archivos em que se guardam as negociações e accôrdos que dependem do impenetravel segredo.

As numerosas e successivas commissões que teve o illustre diplomata dão prova evidente do modo satisfactorio porque as soube desempenhar.

Pela negociação do tratado de limites e navegação entre o Brasil e Venezuela, celebrada em 1859, foram publicas as manifestações de apreço e louvor liberalisadas pelo governo em actos de 9 de Maio e 7 de Setembro d'aquelle anno.

Fazia parte o conselheiro Leal do nosso Instituto desde 1846, na qualidade de socio correspondente; era membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, condecorado com o titulo de conselho de S. M. o Imperador, veador da sua imperial casa, dignitario da ordem da Rosa, cavalleiro das de Aviz, Christo e Cruzeiro, e grande official da de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia.

Engrandecido na vida, maior o foi na morte, porque placido e animoso, a encarou como porto de esperanças, a que chegava afinal o baixel açoutado pelas vagas tormentosas da existencia.

Como o ancião illustrado que entre nós se assenta, seu digno companheiro de classe e de trabalhos, podia socegado dizer:

« Parece-nos a morte noite escura;
« Mas n'ella a luz celeste principía
« Da vida que sem morte eterna dura. »

9 — DR. JOSÉ BENTO DA ROSA

O Dr. José Bento da Rosa, nosso digno e estimavel consocio, tão lhano e singelo em suas maneiras, quanto altivo em seu caracter e notavel em sua illustração, nasceu n'esta capital no dia 1° de Outubro de 1808.

Pobre e desconhecido no começo de sua trabalhosa existencia, só á custa de grandes sacrificios pôde colher a instrucção necessaria para seguir o curso dos estudos medicos para os quaes sentia decidida vocação.

Matriculou-se na Academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, distinguindo-se sempre pela sua applicação e assignalado aproveitamento ; e em 1831 concluiu os seus estudos, com louvor dos mestres e applauso dos condiscipulos que bem sabiam apreciar o muito que valia o esperançoso cultor da difficil e escabrosa sciencia de Hippocrates e Galeno.

Nomeado em 23 de Agosto de 1833 lente substituto das cadeiras da secção medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e por decreto de 7 de Julho de 1851, lente cathedratico da de pathologia-externa da mesma faculdade, soube honrar o magisterio com a proficiencia de seu cultivado talento e solida instrucção, nunca se deslisando das normas severas da justiça e do dever, pelas quaes pautou sempre todos os actos de sua honrosa vida.

Generoso e caritativo por indole, philantropo e beneficente sem estrepito, não mercadejou jámais com a nobre profissão que abraçára, e longe de ser aváro dos thesouros de saber e experiencia que soube accumular com trabalhoso esmero, espargi-os com prodigalidade em bem da humanidade soffredora, da pobreza e da dôr que em seu seio acharam sempre allivio, consolação e refrigerio.

Foi este um dos apostolos da caridade, para os quaes são sempre poucos os elogios que lhes votam a gratidão e o reconhecimento publico.

Esses praticam o bem na exuberancia sincera de seus grandiosos sentimentos e não visam o interesse que amesquinha o beneficio, tantas vezes vexando aquelle que o recebe.

A recompensa devida á caridade não a damos nós, que não temos moeda que resgate o empenho; só a dá o céo, onde superabundam as graças que remuneram a virtude.

Benefacite, diz o livro por excellencia, *nihil inde sperantes; et erit merces vestra multa et eritis filii altissimi.*

O Dr. José Bento da Rosa, além dos serviços que prestou em seu longo professorado, exerceu ainda os cargos de thesoureiro e vice-director da faculdade em que ensinava.

Foi jubilado, a seu pedido, no lugar de lente cathedratico por decreto de 14 de Setembro de 1858. Era condecorado com o habito da ordem de Christo, e com o officialato da imperial ordem da Rosa; membro titular da secção medica da Academia Imperial de Medicina, e honorario da Imperial Academia das Bellas-Artes; ao gremio do nosso Instituto pertencia desde 1846, na qualidade de socio correspondente.

Nos ultimos tempos de sua vida, já extenuado pela idade e pelas enfermidades, servia ainda o lugar de medico do corpo de bombeiros; a 21 de Dezembro do anno passado, accommettido por uma violenta congestão cerebral, foi pela morte arrebatado d'entre nós, legando á patria, á sociedade e á familia, que tanto o estremecia, a unica fortuna de que dispunha, e que cioso ajuntára no percorrer de seus largos e cansados annos —um nome honrado e uma memoria exemplar.

Riquezas não as deixou elle, que as não tinha, porque pouco foi o tempo e o esforço de que dispôz para beneficiar a humanidade em prejuizo do interesse proprio; mas não importa; o pobre será sempre o eleito, na phrase eloquente de Camillo Castello-Branco; o ente privilegiado para as virtudes sublimes do evangelho; aquelle a quem Jesus-Christo adoçou o travo da penuria dando-lhe ao espirito o ante-gosto das riquezas que enthesoura no céo.

10—DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

Em 1817, a guerra travada, por suggestões destramente manejadas por Buenos-Ayres, entre o Brasil e Montevidéo, então sujeito ao ferrenho dominio de Artigas, e a necessidade de resguardar-se a nossa fronteira das continuas depredações d'aquelle ousado e barbaro caudilho, tinham levado aos campos da republica vizinha forças brasileiras, das quaes fazia parte a famosa legião de S. Paulo, que em assignalados feitos d'armas, firmou a gloria do nome paulista, n'essa luta memoravel em que o animo e a coragem dos nossos soldados colheram tantos e tão virentes louros.

A 2 de Fevereiro d'esse anno, nas proximidades de Montevidéo, onde acampavam os bravos guerreiros paulistanos, ao estridor das armas que mediam-se em combate com as tropas inimigas, veiu á luz do dia o nosso prezado consocio Joaquim Antonio Pinto Junior, cuja vida em largos traços vai ser-vos aqui apresentada.

Seu pai, de igual nome, o cirurgião do exercito, tinha n'essa qualidade acompanhado com a idolatrada consorte as forças de que fazia parte, e em tão melindrosas circumstancias, entre o dever de medico e a ternura de pai, teve de repartir os cuidados de seu affectuoso coração e os recursos de sua esclarecida intelligencia.

Como parecia bem fadado o tenro infante que aspira a ao nascer os effluvios da liberdade, embalado ao som das musicas marciaes, beijado pelas perfumadas brisas do campo, á luz clara e brilhante dos astros que reflectem os esplendores da creação!...

Tambem ninguem houve que mais do que elle amasse a liberdade, e na expansão dos grandes sentimentos mais fervorosos cultos tributasse á sagrada religião do patriotismo.

Volveram-se os primeiros annos do altivo filho das campinas já na provincia de S. Paulo, para onde se haviam retirado seus pais, depois das perigosas jornadas da campanha.

Ahi, na decantada patria de heróes e berço de gigantes, ao benefico influxo de solicitos zêlos paternaes, sempre correspondidos pelo mais extremoso amor filial, formou-se a educação do esperançoso joven, que na sanctidade do lar e no exemplo das civicas virtudes dos seus compatriotas aprendeu as lições de sã doutrina, que lhe fortaleceram o animo e adornaram o seu bellissimo talento.

Ainda n'alva de sua longa vida ouvira o brado ingente que ás margens do Ypiranga soltára o heróe, que nos deu a liberdade firmando pelo esforço da mais generosa vontade a grande obra da nossa regeneração nacional.

Educado á luz vivificadora da liberdade, ao lado dos patriarchas que a prepararam, dando impulso ao ingenito sentimento de independencia que animava todo o coração brasileiro, cedo revelou-se o nosso pranteado consocio aquelle patriota ardente e sincero, democrata de convicções puras e arraigadas, como tal sempre applaudido até descer á campa.

Colhêra desde os mais verdes annos e com assignalado aproveitamento a instrucção necessaria para os estudos

superiores e, quando mais tarde foram creados os cursos juridicos do Imperio, tendo então de idade 17 annos, foi haurir na clara fonte da sciencia que a Academia de S. Paulo franqueava á mocidade esperançosa e avida o vigoroso alento que fez de seu engenho um padrão de gloria para as nossas letras.

Em 1838, contando apenas 21 annos de idade, graduava-se em direito, tendo por companheiros de classe e dignos emulos na conquista das sciencias alguns dos mais brilhantes talentos de que se ufana ainda hoje a Faculdade de S. Paulo.

Luiz Pedreira, Furtado de Mendonça, Caetano Furquim, Assis e Almeida e outros são nomes que perpetuam as gloriosas tradições de nossa vida academica, e serão em todo o tempo venerados como symbolos preciosos da magestade do talento e da illustração.

No anno seguinte recebia o laureado bacharel o titulo de doutor em leis, ultima e ambicionada graduação que a Faculdade reserva para os que mais se distinguem no difficil estudo das sciencias juridicas.

Sahindo dos bancos academicos, onde tão brilhante reputação havia grangeado, foi nas regiões da politica e da advocacia descortinar horizontes em que pudesse, espanejando as azas de seu subido engenho, assumir as alturas, na fervida ambição de glorias que sonhava.

A profissão que adoptou trouxe-lhe, é certo, os triumphos ruidosos da tribuna, as ovações do enthusiasmo, as palmas do talento, as glorias de Berryer e de Lachaud; mas nunca proporcionou-lhe a riqueza nem lhe trouxe as vantagens que para outros menos habilitados têm affluido, juntando-se assim a fama ao proveito de que gozam; quanto á politica, essa versatil e caprichosa filha do acaso que eleva muitas vezes a espuma para deixar mergulhada

a perola mimosa que retrahe-se, a falsa Deusa da fortuna, a quem tantos ambiciosos têm em todos os tempos sacrificado idéas, convicções, caracter e consciencia sómente pela céga cubiça das grandezas sociaes, essa só deu-lhe dissabores e decepções bem amargas e crueis.

Na tribuna judiciaria foi eminente e talvez unico no genero de eloquencia que cultivou; de uma imaginação fertil e aprazivel, de uma memoria sem falha, de um sentimentalismo muitas vezes exagerado, pathetico por natureza, affectuoso por indole, e com tudo isto de uma dicção facil e correcta, de uma graça inimitavel na exposição, sempre feita em linguagem florida e accentuada que lhe era familiar, tinha a habilidade de insinuar-se no animo de seus ouvintes, deslumbrando-os com as galas de uma eloquencia vivaz e apaixonada, arrebatando-os e vencendo-os sem que fosse possivel resistir-se á fascinação que produziam os arrojados impulsos de seu genio.

Nunca orador algum melhor comprehendeu a finura do conceito do poeta lyrico, tão justamente apreciado por aquelle mesmo cujo elogio agora fazemos:

> ... *Si vis me flere, dolendum est*
> *Primum ipsi tibi; tunc tua me infortunia lædent.*

Na expansão dos mais oppostos sentimentos, possuido da paixão que no momento o inspirava, enternecia-se ou irritava-se, ria-se ou chorava, segundo as circumstancias, communicando facil á attenção que á seus labios se prendia as impressões varias que em seu espirito agitado tumultuavam, e não poucos triumphos recolheu por saber com destreza mover nos ouvintes os affectos de que se sentia dominado.

Audaz e atrevido no ataque, prudente e vigoroso na

defesa, sabia contornear á tempo a difficuldade quando não podia vencel-a, e deparando sempre na alacridade do seu humor naturalmente jovial recursos de que sabia aproveitar-se, no mais forte da pugna, quando mais excitado se mostrava o adversario, era quando de chofre o desarmava com uma graça á proposito, com uma allusão bem cabida, ou com uma facecia espirituosa e bem lembrada.

Ironico, mordaz e zombeteiro, usava com habilidade incomparavel da arma do ridiculo, sem jámais com ella ferir-se, como de ordinario acontece aos desageitados que a manejam.

Foi o Rabelais do seu tempo: zombou das miserias da época; atacou as fraquezas da humanidade; castigou, rindo-se, os costumes da sociedade em que viveu: e, sem pretender que por seus esforços fossem corrigidos os defeitos da idade e da educação, mereceu com justiça o conceito de que gozava o satyrico escriptor de Gargantua e Pantagruel.

Ha um traço notavel no seu caracter de advogado, que se á de justiça não esquecer aqui: era de um desinteresse e de uma generosidade sem igual no exercicio de sua nobre profissão; advogava mais por amor da sciencia e da fama, e sobretudo da humanidade que soffredora recorria á sua sempre facil condescendencia, do que pelo amor do lucro, que, por não ser procurado, lhe fugia, condemnando-o ás urgencias de uma honrosa mas incessante pobreza.

Philantropo e liberal em extremo, muitas vezes, (e damos d'isso testemunho), em vez de receber, repartia o pouco de que dispunha com aquelles que, além de lhe deverem a vida, a segurança ou a honra, graças aos esforços de sua robusta intelligencia, ainda lhe deviam os soccorros que provinham de sua inesgotavel caridade.

Era o advogado dos pobres; o patrono dos desvalidos; o defensor d'aquelles á quem o Evangelho denomina— bemditos do Senhor—, porque esses têm fome e sede de justiça, e por isso serão fartos.

Houve um processo celebre em tempos já remotos em que se tornou especialmente digno de admiração o denodado campeão do direito, que no excessivo ardor de vingar a causa da justiça não poupou esforços e diligencias no desempenho de sua missão de advogado da parte queixosa, chegando a effectuar prodigios de actividade e energia com sacrificio até da propria vida.

Foi aquelle em que se tratou de punir os ferozes assassinos do benemerito senador José Bento, trucidado vilmente na provincia de Minas, no anno de 1844.

Depois de annos de lutas e de insano trabalho foi vindicada a causa da justiça, mas para isso quantas contrariedades e sacrificios affrontados!...

Tal foi o advogado; encaremos agora a physionomia do intrepido politico, sempre o primeiro na luta e o ultimo no desanimo.

Votou-se á causa de um partido, á cuja bandeira se abrigára desde a mocidade, com o mesmo ardor e entranhada dedicação com que exercêra o elevado sacerdocio do di eito.

Á justiça e á liberdade, ás duas mais sublimes manifestações da sabedoria divina, consagrou toda a sua infatigavel energia e especial aptidão para as lutas da intelligencia, distinguindo-se ahi, como sempre, pela abnegação e desinteresse que emmolduravam o seu nobre caracter.

Por vezes eleito deputado á Assembléa Legislativa de S. Paulo, prestou como tal os mais relevantes serviços á provincia, que o distinguira com os seus suffragios e ao partido que o elevára a esse subido posto de honra; na

tribuna como deputado não desmereceu do conceito de que já gozava como advogado.

Havia estudado os grandes modêlos de eloquencia que abundavam na tribuna parlamentar e judiciaria de S. Paulo, e foi-lhe facil honrar as lições de tão bons mestres; com Silveira da Motta, Ramalho e Chrispiniano tinha aprendido a eloquencia judiciaria em que se mostrou insigne; com os Andradas, Vergueiro e Paula Sousa a mascula energia d'esses colossos da tribuna parlamentar, ainda hoje por todos nós admirados; com Gurgel, Alvares Machado e Rodrigues dos Santos a suave e doce harmonia que fazia da palavra um encanto nos labios de tão agradaveis oradores.

Quando, por occasião do movimento revolucionario de 1842, viu-se o partido de que fazia parte em luta com o adversario que o esmagava ao peso da compressão e da autoridade, correu presto a servir com as forças de seu braço e de sua intelligencia a causa que tinha abraçado, erradamente talvez, mas com pureza de convicção e inteira lealdade de sentimentos; participou da má sorte de seus companheiros de infortunio; acompanhou-os quando homisiados; defendeu-os quando perseguidos; sómente não partilhou dos gozos e das honras na hora da prosperidade, porque foi sempre tão lembrado nos trabalhos quanto esquecido nas recompensas; e explica-se: é que, na politica especialmente, se ao tempo da penuria são poucos os que semeam, ao chegar a abundancia são muitos os que colhem, e esses nem sempre os que mais têm trabalhado.

Escriptor fecundo, de estylo ameno e castigado, fundou, tanto em S. Paulo como na côrte, onde por algum tempo residiu, diversos jornaes, dedicando á imprensa, pela qual foi sempre fanatico, todas as horas que sobravam-lhe para o repouso.

Ainda nos ultimos tempos de sua vida, tendo-se mudado para Santos, onde servia o cargo de promotor publico, ao tempo em que já se assentava no Supremo Tribunal de Justiça um seu condiscipulo e companheiro nos exercicios academicos, já quebrantado pela molestia, que surdamente minava-lhe a existencia, ainda redigia com o maior brilhantismo uma folha diaria; e ao procurar longe d'ahi, no interior da provincia de Minas, allivio aos seus padecimentos, quasi a morrer, ainda á modesta imprensa de uma localidade remota ia levar os ultimos tributos de sua primorosa intelligencia, ornando com excellentes artigos as paginas da *Crença Liberal*, de Caldas, periodico que no titulo e nos principios que sustentava, ainda fazia reviver gratas recordações no angustiado espirito d'aquelle que pela liberdade tinha vivido, e na crença de seus triumphos persistia até descer ao tumulo.

Um dos muitos escriptos de sua delicada penna—derradeiro talvez—publicado mais tarde n'esse mesmo periodico, ainda é um cantico de gratidão offerecido á terra que buscava como porto de salvação e refrigerio aos seus males, e onde tinha de infelizmente só encontrar a morte.

Aos poços de Caldas dirigia elle estes versos:

Terra feliz, oh! clima abençoado!
Mimosas fontes, puras, crystallinas!
Que brotam de um tapete matizado
De verde relva, lyrios e boninas!

Tu, ameno torrão, já destinado
Foste por sábia mão, por mão divina,
Para seres o allivio ao desgraçado,
Poderoso auxiliar da medicina!

Fontes saudosas, de poder immenso!
De immensa gratidão sinto no peito
Desejo ardente de sagrar-te incenso;

De render-te homenagem, culto e preito
Em paga do serviço, grande, intenso,
Que prestas ao mortal á dôr sujeito.

Não lhe foi dado, entretanto, colher o supremo gôzo que anhelava; e ahi lhe feneceu a vida, que tão agitada e dolorosa correu, especialmente n'estes ultimos tempos.

A 15 de Agosto passado, na cidade de Caldas, succumbiu o Dr. Pinto Junior; voava aquelle grande espirito para onde o chamava a esperança divina, filha da virtude e da morte, na phrase do cantor dos *Martyres*, deixando á terra os já cançados restos de um corpo consumido por 63 annos de fadigosa jornada!

Deus se compadeça de sua alma!

Teve defeitos; commetteu erros, e não poucos, o nosso desventurado amigo; todos nós o sabemos; mas, ante a magestade da morte sobreleve a complacencia a que tem direito a desventura.

De Mirabeau, dizia um seu discreto e illustrado biographo: — não resta d'esse enorme vulto senão a vasta fama de eloquencia e de genio, que justamente lhe cabe; e aos raios que de tão gloriosa auréola se desprendem, empallidece e se apaga a lembrança dos defeitos que o inquinavam, como as manchas do sol se perdem na intensidade da luz que offusca a vista.

O Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior occupou varios cargos de eleição popular e de nomeação do governo: era condecorado com o habito da ordem de Christo, com o gráo de cavalleiro da Rosa por serviços relevantes prestados com

relação á guerra do Paraguay, quando organizou o 7° batalhão de voluntarios da patria que marchou de S. Paulo para o theatro da guerra, e para o qual foi nomeado tenente-coronel commandante; director e advogado das aldêas de indigenas de Carapicuyba e Baruery, pelo que lhe cabiam igualmente as honras de tenente-coronel do exercito; professor jubilado das cadeiras de francez e inglez do curso de preparatorios annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo; membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional do Instituto da Ordem dos Advogados, e socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, desde 1840.

Deixou numerosos escriptos sobre litteratura, politica e historia, d'entre os quaes apenas mencionaremos os seguintes:

Memoria sobre os aldeamentos de indios na provincia de S. Paulo.

Um soldado de Artigas. — Considerações sobre a batalha de Catalã e campanha de Uruguay, em 1816.

O Assassinato do Dr. João Baptista Badaró, em S. Paulo, no anno de 1830.

Movimento politico da provincia de S. Paulo, em 1842.

Reforma eleitoral, eleição directa, compilação de artigos publicados em 1874.

E, finalmente, *Biographia do conselheiro Amaral Gurgel,* festejado trabalho que recorda um verso de Euripides, assim traduzido por um escriptor moderno:

Qui traite un beau sujet, est sans peine éloquent.

11—BRIGADEIRO PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Em 1867, n'este mesmo recinto, e na sessão anniversaria que então se celebrava, ouviu-se a voz altiloqua e eloquente do nosso 1° secretario, o finado conego Fernandes Pinheiro,

applaudindo a admissão ao gremio do Instituto, de um illustrado cultor das letras, que vinha abrilhantar nossas fileiras, e hoje, apóz tão curto prazo para o gozo de tão justas alegrias, á nós cabe a dolorosa tarefa de, na linguagem plangente da saudade, lamentar a perda d'esse mesmo tão digno consocio.

O brigadeiro Pedro Torquato Xavier de Brito, filho legitimo do marechal de campo Joaquim Norberto Xavier de Brito e D. Eugenia Maria Barbosa Martinelli, nasceu n'esta côrte á 25 de Fevereiro de 1822.

Destinando-se á carreira militar, em que tanto se distinguira aquelle de quem herdára o nome e os brios, fez com rapido aproveitamento os estudos preparatorios necessarios para o curso da antiga Escola Militar, na qual se matriculou em 1837, obtendo approvações honrosas em todas as materias que estudou.

Promovido a 2º tenente do corpo de engenheiros em 1839, a 1º tenente graduado em 1844 e effectivo em 1846, a capitão em 1849, a major em 1856, a tenente-coronel graduado em 1866, e effectivo em 1871, a coronel por merecimento em 1877, foi afinal reformado em 1879 no posto de brigadeiro, com o soldo respectivo.

Sua vida foi toda devotada ao serviço da patria, que tanto amava, e ao das letras, que com tanto gosto cultivára desde os seus primeiros annos.

De 1842 a 1847 foi empregado nos trabalhos da provincia do Rio de Janeiro, como ajudante de districto das Obras Publicas.

Dispensado, a pedido, d'esse cargo, foram aproveitadas as suas especiaes habilitações na repartição do Archivo Militar, cabendo-lhe coordenar e restaurar importantes memorias, plantas e documentos officiaes que alli se achavam accumulados.

Tendo servido por algum tempo de secretario do corpo de engenheiros, foi em 1848 em commissão á provincia do Rio-Grande do Sul, e em 1861 á de Santa Catharina, como engenheiro fiscal das obras da colonia D. Francisca.

No anno anterior havia recebido o gráo de bacharel em mathematicas, que lhe fôra conferido pela Escola Central, e no immediato fez parte da commissão de exame da casa da Moeda.

Em 1862 foi nomeado archivista interino do Archivo Militar, e em 1864 effectivo.

Em 1871 foi designado para levantar as plantas e fazer as descripções e orçamentos de diversas obras d'esta capital.

Em 1873 foi posto á disposição do ministerio da Agricultura, para fazer parte da commissão de exame da carta geral do Imperio, sem prejuizo das funcções que exercia no Archivo Militar.

Foi socio effectivo e fundador do Instituto Polytechnico brasileiro; publicou no *Indicador Militar* varios artigos sobre as materias scientificas que professava; organizou uma *carta topographica da provincia do Espirito-Santo*, segundo os calculos de Freycinet, Spix, Martius, e Silva Pontes; outra *das Republicas do Paraguay, Uruguay e parte das provincias do Imperio, e da Confederação Argentina*, que lhes são confinantes, de conformidade com os documentos mais seguros e completos; e mais uma *Noticia historica do Parayuay*, que mereceu da nossa commissão de geographia o mais lisongeiro parecer, levando por ultimo a effeito a reducção da grande *Carta Corographica do Brasil*, traçada pelo nosso finado consocio coronel Conrado de Niemeyer e á qual forão juntos os additamentos e correcções que a experiencia havia sugerido ao diligente autor de tão proveitoso commettimento.

A fé de officio d'este honrado militar registra os serviços que prestou e os justos e merecidos elogios que por vezes recebeu de seus chefes, pelo zêlo, intelligencia, moralidade e rigorosa exacção que mostrou sempre no cumprimento de seus arduos deveres.

Falleceu n'esta côrte á 3 de Março do corrente anno, contando de idade 58 annos, dos quaes foram mais de 40 consumidos no serviço da patria.

Ornava o peito do brioso e illustrado general um simples habito de Aviz; a mais modesta condecoração da classe a que pertencia, e que recebêra ha mais de 20 annos por virtude da lei, e não por munificencia dos poderes publicos; mas que importa isso?

Se entre os bons servidores se distinguem uns pela profusão das graças que os procuram, outros igualmente se assignalam por serem d'ellas esquecidos.

O que se quer e o que vale é o merito real; mas esse não se regula pelo habito, senão pelo caracter d'aquelle que o reveste.

12—MARECHAL PEDRO MARIA XAVIER DE CASTRO

Ainda uma vez abriu-se a campa no fatidico anno que tão aspero correu para o nosso Instituto, afim de receber os despojos de um militar distincto, que desde 1844 ornava o quadro já bastante dizimado dos nossos consocios.

O lutador que acaba de cahir na arena da vida, deu testemunho do que vale a energia da vontade esclarecida pela luz da instrucção; mostrou-se sempre infatigavel no trabalho, ardente na luta, e constante no estudo, em que soube educar a sua bella intelligencia.

Dos dezesete membros do Instituto, ceifados pela dura

morte no breve espaço de alguns mezes, cinco professavam a nobre carreira das armas : já vos dei noticia de quatro, o marechal de campo graduado Pedro Maria Xavier de Castro será o ultimo que virá fechar a lista funebre dos socios que pertenceram a essa classe briosa e denodada, que constitue pela força e pela disciplina que a distingue, uma das nossas mais seguras garantias de paz, de ordem e de liberdade.

Nasceu o mallogrado companheiro, cuja perda lastimamos, na provincia de Minas, em 1809; não consta de sua incompleta fé de officio quem fossem seus pais, nem o indagaremos nós, que costumamos honrar o nome dos vivos e a memoria dos mortos pelo que são ou pelo que foram, e não pelo que podiam ser, graças ás contingencias da sorte, posição ou nascimento, que por si pouco valem, quando fallece o merecimento pessoal, que é a fonte unica da verdadeira nobreza : a nobreza do coração e do sentimento.

Foi longa e sempre laboriosa a carreira que seguiu o nosso finado consocio; começando-a em 1822, quando contava apenas a idade de 13 annos, cingiu as divisas de official em 1824; dois annos depois foi promovido a tenente; a capitão em 1830; ao posto immediato em 1837; a tenente-coronel graduado em 1844; a effectivo em 1851; a coronel em 1853; a brigadeiro graduado em 1867, a effectivo em 1876, e finalmente elevado ao alto posto de marechal de campo graduado em 1878.

Foi condecorado com a commenda da ordem de Aviz e com o officialato da Imperial Ordem da Rosa. Exerceu commissões difficeis e importantes; foi assistente do ajudante general na provincia do Paraná, commandante das armas no Amazonas e no Pará, director das obras militares da côrte, inspector de corpos militares em diversas provincias, commandante da fortaleza de S. João, membro da commissão de material do exercito, commandante do corpo de

estado maior de primeira classe; e na campanha do Paraguay pagou o tributo devido por todo o cidadão á causa nacional, sustentando o brilho de nossas armas e a gloria da nossa bandeira nos postos de honra que lhe foram confiados.

Consta dos registros de sua vida militar ter sido nomeado em 1865 deputado do ajudante general do exercito em operações ao sul do Imperio, haver commandado por algum tempo a 10ª brigada, seguido para Montevidéo encarregado do pessoal e material do exercito, assim como da direcção e fiscalisação do hospital alli estabelecido, ter feito parte do 1º corpo do exercito em operações no Paraguay, e, regressando a patria, haver continuado no desempenho das funcções de seu cargo, desenvolvendo sempre o rigoroso zêlo, austera disciplina e briosa dignidade que caracterizam o verdadeiro soldado.

Falleceu na côrte a 23 de Maio do corrente anno.

A gratidão da patria guardará indelevel a memoria d'aquelle que tanto a soube honrar com os seus serviços e nunca desmentida lealdade.

13 — DR. JOSÉ JORGE DA SILVA

O Dr. José Jorge da Silva nasceu a 10 de Abril de 1810, na freguezia de Santa Quiteria, da provincia de Minas, localidade a esse tempo notavel pela illustração e importancia de muitos de seus habitantes e prosperidade de seu activo commercio.

Foram seus pais Miguel José da Silva e D. Anna Felippa, honrados fazendeiros que esmeravam-se em dar a seus filhos accurada educação, bem comprehendendo que é esse o mais sacrosanto dever que a moral impõe aos pais, no interesse de sua propria felicidade, vantagem de

seus filhos e bem geral da sociedade. A educação é, como bem o diz o barão d'Holbach, a melhor herança que se póde deixar aos nossos successores; repara muitas vezes os estragos da adversidade; equivale a um nascimento illustre, e chega mesmo a fazer esquecer as culpas dos progenitores.

De seu proprio pai, amigo fervoroso das letras, recebeu José Jorge a instrucção elementar, até ser admittido, com mais sete irmãos, entre os quaes se contavam o actual desembargador Quintiliano José da Silva e o Dr. Serra Negra, no antigo e conhecido collegio do Caraça, largo e celebrado ninho em que ensaiaram as possantes azas tantas aguias que altivas remontaram ás summidades do nosso mundo politico e litterario.

Alli, sob a illustrada e vigilante direcção de professores da ordem do finado bispo de Marianna, conde da Conceição, padre Leandro Garcez, e outros venerandos e sabios sacerdotes, concluiu o nosso digno consocio com distincção os estudos preparatorios, seguindo em 1827 com seu irmão Quintiliano para o reino de Portugal, a procurar na velha Universidade de Coimbra a instrucção superior que ainda não era dispensada pelas academias juridicas creadas no Imperio no correr d'esse mesmo anno, mas só installadas no anno seguinte.

Iniciava o curso de direito, depois de brilhantes exames preliminares, quando foi proclamado pelas côrtes de Lamego o governo revolucionario de D. Miguel, desenvolvendo-se contra os partidarios do governo legal encarniçada perseguição, de que foram victimas, entre muitos outros, seis estudantes justiçados em Lisbôa aos proprios olhos do tyranno, que de Val-Verde assistia o sangrento espectaculo, segundo diz a chronica.

Não consentiu a generosa indole do joven brasileiro

que ficasse um liberal, qual então era, impassivel e quêda testemunha de tão revoltante prepotencia; fez-se voluntario da liberdade e com outros patriotas foi defendel-a cheio de enthusiasmo no campo da honra em que se debatia com valor a mais nobre das causas.

Regressando ao Brasil foi a S. Paulo continuar os estudos interrompidos; e ahi, como sempre, deu prova de seu notavel talento e mui distincto caracter, francamente addicto ás idéas liberaes que cedo esposára.

Conta um illustrado condiscipulo de José Jorge, em uma noticia biographica publicada ha tempos na imprensa desta côrte, que um dia fôra o adiantado estudante chamado á lição; magnifico era o assumpto:—*A pena de morte*—e el'e o desenvolvêra com tal sagacidade, abundancia de observações e bem deduzidos argumentos, que tanto bastou para que o professor e discipulos avaliassem o gráo de sua bella intelligencia.

Na elevação de seus grandiosos sentimentos agitava o esperançoso joven ainda nos bancos escolares, a solução de um problema social que não pôde ser até agora resolvido pelos poderes publicos, mas que sel-o-ha em breve, nós o esperamos, e por modo inteiramente accorde com a razão, com a humanidade e com a justiça, que reclamam em bem da sociedade a effectiva repressão do crime e a regeneração do criminoso, mas nunca o repugnante espectaculo da tremenda execução da pena capital, felizmente abolida de facto, em quanto o não é de direito, pela sabedoria dos nossos legisladores.

Em 1833 concluiu José Jorge a sua formatura, despedindo-se com saudades d'essa pleiade de brilhantes talentos de que fazia parte, e em cujo numero se contavam futuros jornalistas, mestres, magistrados e ministros de Estado da altura de Justiniano José da Rocha, Miranda, Silveira da

Motta, Ribeiro Coutinho, Cerqueira Leite, Campos Mello, Domiciano, Antão e tantos outros que ainda hoje confirmam as glorias da famosa Athenas Brasileira, tão justamente celebrada como fonte inexhaurivel de luz e de instrucção, em cujas aguas lustraes se vão redimindo as gerações novas que symbolisam a grandeza da patria no risonho porvir que nos aguarda.

Retirado á provincia natal, e dedicando-se á lavoura, sem abandonar as letras de que foi sempre esmerado cultor, foi distrahido pelas exigencias da politica e levado á Assembléa Provincial, onde teve por companheiros inseparaveis muitos d'esses que o haviam seguido nas lucubrações escolares, além de Theophilo Ottoni, Dias de Carvalho, Marinho e Domingos Theodoro, todos recommendaveis por seus feitos á provincia que tão dignamente representavam.

Em 1842, mallogrando-se o movimento revoltoso que a politica de um partido havia provocado, achou-se José Jorge ao lado dos seus antigos companheiros, e com elles partilhou franca e largamente os dolorosos sacrificios que tiveram a supportar pelos erros por muitos commettidos.

Eleito deputado geral por sua provincia, nas legislaturas 6ª, 7ª e 12ª, poucas vezes subiu á tribuna, posto que lhe sobrassem aptidão e talento para dignamente occupal-a.

Foi juiz de direito da antiga comarca de Paracatú, mas resignou o lugar para entregar-se exclusivamente á lavoura no municipio de Lavras, lugar de sua residencia habitual.

A abnegação e o desinteresse que o distinguiam levaram-o a recusar o honroso cargo de ministro da Marinha por motivos particulares e dignos de tão nobre caracter.

Era socio correspondente do Instituto Historico desde 1845, e condecorado com o gráo de official da ordem da Rosa, em attenção aos serviços que prestára com os seus escriptos quando se pretendeu desmembrar uma parte do sul de Minas para se formar uma nova provincia.

Foi a unica prova de consideração que recebeu do governo pelos seus importantes trabalhos, e essa mesma lembrada por Vasconcellos, adversario politico do estrenuo liberal.

Não será fóra de proposito juntar aqui o que ainda com relação aos serviços prestados pelo Dr. José Jorge disse o desembargador Cerqueira Leite, no artigo a que já uma vez alludimos.

Sendo convidado com o seu amigo Domingos Theodoro para servir na directoria da estrada de ferro D. Pedro II, sob a presidencia do conselheiro Ottoni, deu logo abono da sua notoria aptidão.

O desempenho d'este novo cargo serviu para despertar, e cada vez mais radicar no seu animo a necessidade de vias de communicações da provincia, e este assumpto tornou-se para sempre o favorito das suas investigações e praticas.

Assim, pois, quando se discutio o traçado d'aquella estrada além do Juiz de Fóra, elle não se fez esperar para vir protestar contra o que lhe parecia um grande desacerto ; escreveu primorosos artigos que formam avolumado folheto, repleto de judiciosas apreciações.

Affrontou galhardamente alguns profissionaes com a sua valente argumentação ; comparou distancias, estatisticas, economias, e a necessidade de outras zonas mais ferteis, que reclamavam o beneficio d'essa estrada : bons julgadores lhe deram ganho de causa n'este grande

debate, e hoje a experiencia e calma isenta de paixões poderão dizer a ultima palavra.

É superfluo por isso mesmo transcrever aqui os accentos de patriotica indignação, com que elle em uma carta se desabafou saudando por despedida a resolução que condemnára os seus nobres esforços.

Com os olhos fitos n'estes melhoramentos da provincia e empenhando-se pelo engrandecimento do seu municipio, sempre o reputou ponto muito importante á direcção de futuras estradas, não só por se aproveitarem dezenas de leguas com a navegação do Rio-Grande como pela facilidade do bom prolongamento por espaçosos e ferteis terrenos.

N'este proposito, e auxiliado por outros, acompanhou o engenheiro encarregado de estudar essa navegação, e não foi um ocioso espectador ; viu tudo por si, colligiu e escreveu curiosas informações, que em tempo não remoto hão de ser de grande proveito á provincia.

Trabalhos semelhantes, como o da nova divisão da provincia para lhe facilitar e melhorar a administração, andam ahi por mãos alheias esperando opportunidade, á maneira das sombras figuradas á beira da lagôa Stygia.

O finado marquez de Olinda necessitando de informações a respeito do estado da criação do gado na provincia, do seu transporte para o Rio de Janeiro, e dos estorvos que occorriam no abastecimento da cidade, pediu por si, ou por intermedio de algum amigo, ao Dr. José Jorge que se encarregasse d'essa tarefa, e elle em curto prazo deu contas de si apresentando uma circumstanciada memoria contendo noticias, detalhes e acertadas providencias que correram impressas, merecendo gabos de bons entendedores.

Tinha o dom da concisão com clareza e sabia vasar

em linguagem castiça e picante as agudezas do espirito.

Tal foi o distincto brasileiro que no dia 5 de Fevereiro do corrente anno, baixou ao tumulo na freguezia do Bom-Successo, succumbindo á grave enfermidade de que foi accommettido, e que não pôde ser debellada nem pela sciencia de que dispunha seu digno filho, o habil medico Dr. Augusto Silva, e nem pelo affectuoso amor e desvelado zelo de uma extremosa familia, que lamenta hoje a perda irreparavel do melhor dos pais, como nós lamentamos a de um dos nossos collegas mais presados.

14—DR. PEDRO GUILHERME LUND

O illustrado professor, e nosso digno consocio Dr. Pedro Guilherme Lund, era natural de Copenhagen; nasceu a 14 de Junho de 1801 e falleceu a 5 de Maio ultimo na freguezia da Lagôa-Santa, municipio de Santa Luzia, em Minas-Geraes.

Contava já idade bem avançada; mas, ainda que acabrunhado pelos annos e pelas enfermidades, occupava-se constantemente com assumptos da sciencia creada pelo genio immortal de Cuvier, e á qual votára desde moço toda a sua actividade e bem dirigidos estudos.

Tem o sabio naturalista dinamarquez indisputavel jus á uma honrosa e circumstanciada menção de sua vida nos annaes do nosso Instituto; sentimos, porém, não poder satisfazer cabalmente, por falta de mais completos esclarecimentos, um dever que seria nimiamente grato á associação de que fazia elle parte mui distincta, e limitamo-nos ao pouco que com difficuldade, mas com exacta precisão, pudemos colher, e que será bastante para que bem se possa avaliar o subido merito scientifico de que dispunha o consocio que acabamos de perder.

Graduado bacharel em letras pela universidade de Copenhagen em 1818, e alguns annos depois doutor em philosophia pela universidade de Kiel (ducado de Holstein), veiu para o Brasil em 1827, e, durante o tempo em que se demorou na côrte, tratou de percorrer e cuidadosamente examinar os arredores d'esta vasta capital, no intento que logrou de perscrutar as riquezas naturaes do abençoado torrão em que vinha habitar.

Fixou por algum tempo a sua residencia n'uma povoação de pescadores denominada— Itaipú —occupando-se em organizar desde logo curiosas collecções botanicas e ichtyologicas, que bem denotavam o apurado gosto e proficiente direcção do colleccionador ; seguiu mais tarde para Nova Friburgo, d'onde foi explorar o rio Parahyba ; e, voltando em 1830 para a Europa a percorrer a França e a Italia, no interesse das sciencias naturaes que cultivava, exhibiu as premissas de suas laboriosas pesquizas em breve seguidas de fructos muito mais preciosos de aturado estudo e pacientes investigações.

Em 1831 regressou ao Brasil, e, em companhia do Dr. E. Riedel, mandado em commissão scientifica por parte do governo da Russia, tentou uma longa viagem de instrucção coroada dos mais felizes resultados para a sciencia e para a historia natural do nosso paiz ; percorreu as provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo ; por Uberaba internou-se na provincia de Goyaz, d'onde se encaminhou para Paracatú e Rio S. Francisco, colhendo no percurso de tão longa e trabalhosa jornada noticias e esclarecimentos valiosos sobre as desconhecidas riquezas dos nossos invios sertões e caudalosos rios, effectuando e aprofundando averiguações que constituem hoje verdadeiros thesouros para a sciencia.

Foi ao terminar tão longa viagem em 1834, que fixou

definitivamente a sua residencia na Lagôa-Santa, fazendo d'esse ponto o centro de repetidas explorações archeologicas, com especialidade nas numerosas lapas e cavernas abertas em pedra calcarea e que demoram ao sul dos municipios de Curvello, Santa Luzia e Sete-Lagôas.

Duraram tão interessantes trabalhos mais de dez annos; descobertas curiosissimas de animaes ante-diluvianos, fosseis admiraveis, peixes gigantescos, etc., enriqueceram as collecções que por mais de uma vez foram remettidas para o museu de sciencias naturaes da capital da Dinamarca, acompanhadas de minuciosas e instructivas memorias, que infelizmente não chegaram ao nosso poder.

Enfraquecido por enfermidades, que com o andar do tempo foram se aggravando, deixou de proseguir nos estudos que encetára em tão larga escala, e limitou-se a organizar pequenas collecções botanicas e geologicas, que ainda assim demonstravam o fino tacto e especial aptidão com que cultivava a sciencia, que parece ter sido o unico e constante objecto de todos os seus cuidados.

Era o Dr. Lund de caracter pouco expansivo e excentrico em seus habitos e modo de viver.

Não tinha familia: só, sem relações e sem a convivencia da sociedade que procurava evitar, ainda que demonstrando pelas suas maneiras a bôa educação que recebêra, exclusivamente dedicou-se ao estudo, e, concentrado em sua vida simples e modesta, por longos annos continuou no isolamento a que se votára, occulto nas sombras do seu escuso retiro, em uma das mais pittorescas situações da provincia de Minas.

Ahi o foi encontrar, ha annos, um dos principes da augusta familia imperial, quando, em viagem pelo interior, soube que abrigava-se no occulto recanto da Lagôa-Santa o sabio eminente e de geral nomeada, que com as suas obras

e escriptos tanto tinha contribuido para que fossem conhecidas na Europa as riquezas naturaes do Brasil.

A honrosa visita do alto personagem foi a justa homenagem devida á magestade da sciencia; homenagem que tão honrosa é para quem a recebe como para aquelle que a presta.

Conta Fetis, na sua *Biographia dos musicos*, que Rossini, depois das vicissitudes de uma existencia agitada, retirára-se para uma escura mansarda situada nos fundos do theatro italiano, em Pariz, e que ahi era procurado pelos principaes personagens do tempo que tinham de esperar por vezes longas horas até que pudesse ser visto o celebre compositor; accrescenta que entre os visitantes se contava D. Pedro I, ex-imperador do Brasil, que não hesitava em subir os estreitos degráos de uma longa escada occulta em profunda escuridade, só para ainda uma vez saudar o genio da harmonia, autor das 48 maravilhas até hoje coroadas pelos applausos de todos os que com a bôa musica se deleitam.

Largos annos depois vimos prestar o principe brasileiro igual tributo de consideração e de apreço ao sabio naturalista dinamarquez, no tranquillo remanso em que se occultava, tendo tambem de esperar, segundo consta, que o Dr. Lund, sempre methodico em seus actos, concluisse a leitura que fazia em horas certas e determinadas, para que então pudesse receber a visita com que era obsequiado.

A excentricidade da vida que levava o Dr. Lund não impedia que tomasse parte activa em todas as manifestações de interesse pelo paiz em que por tão largos annos residira; concorria de bom grado para a prosperidade e melhoramento material e moral da terra que amava como sua, era beneficente e esmoler em excesso, e pelo seu caracter, bondade e generosidade inspirava respeito, e ao mesmo tempo captava a amizade e a gratidão de todos

quantos de perto tinham occasião de apreciar as suas excellentes qualidades.

Entre as obras que deixou ha uma que se occupa especialmente com a zoologia do Brasil.

Nem é este o unico serviço que as letras patrias ficaram-lhe a dever.

Os primeiros estudos e investigações de paleontologia entre nós, foram tentados pelo Dr. Lund; consta da *Revista Trimensal do Instituto* que em 1842, quando na Europa apenas annunciava-se o movimento iniciado por Boucher, já o Dr. Lund em uma carta dirigida ao nosso 1º secretario, conego Januario, communicava o resultado de suas pesquizas e bem combinados esforços feitos durante seis annos nos arredores do lugar em que residia.

Tão importantes eram os estudos já então feitos no que o autor chamava archivos da natureza, que foram compilados em uma memoria escripta em dinamarquez sobre a creação animal que habitava o Brasil na época geologica anterior á actual ordem de cousas.

As observações e descobertas do incançavel investigador levaram-o a conclusões do maior alcance com relação as origens americanas; em sua opinião o homem da America precedeu o homem do antigo continente e ascende a um periodo geologico muito remoto.

Hoje a sciencia vai analysando e resolvendo todos esses problemas da idade primitiva, e é de notar-se que em grande parte são aceitos e confirmados os conceitos ha muito enunciados pelo modesto naturalista, que teve por objecto de seus porfiados estudos o inculto e virgem sólo americano.

Nas ossadas de tempos primitivos encontradas em sobrepostas camadas, nas numerosas cavernas por elle percorridas e cuidadosamente examinadas, descobriu a precedencia geologica da America, mais tarde ratificada por

Marsh e outros escriptores, podendo com firmeza assegurar que os ossos fosseis analizados eram de homens da mesma raça que habitava o Brasil ao tempo da conquista e remontavam a uma época muito mais antiga do que a dos da Europa, por se acharem petrificados e com incrustações metalicas, o que denotava uma prolongadissima inhumação.

O Dr. Ferreira Lagos, como secretario do Instituto, mencionava com louvor no relatorio de 1844 os trabalhos do infatigavel naturalista, e os apresentava como dignos de ulteriores e mais decisivos estudos, assim como os que versavam sobre a existencia da Atlantida de Platão.

Posteriormente naturalistas americanos de justa nomeada proseguiram nas investigações começadas, e sabe-se que Dowler e Agassis descobriram em suas ultimas pesquizas vestigios de antigos povoadores em épocas remotas, que vão além de todas quantas têm sido até agora assignaladas.

Ao Dr. Lund deve-se a noticia scientifica que do Brasil se tem dado com exacta apreciação nas obras européas sobre—assumptos paleontologicos e pre-historicos; a elle vota os mais merecidos elogios o illustrado autor da *Fauna, clima* e *geologia do Brasil*, invocando repetidas vezes a autorizada opinião do sabio naturalista, cujo nome vemos tambem adornar as paginas do interessante trabalho litterario intitulado—*Dr. Benignus*.

Nem tem deixado o nome do profundo observador, nosso consocio, de despertar a particular attenção de escriptores estrangeiros, que o pronunciam sempre com deferencia e respeito nas obras que hão perpetuado o esforço da intelligencia na conquista da verdade.

Sobre os trabalhos que deixou vem na *Revista Popular* de 1862, á pag. 177 uma interessante noticia dada por um dos nossos mais diligentes investigadores da historia

do paiz, o Sr. Dr. Pinto Coelho. Não a transcrevemos pela estreiteza do espaço de que dispomos, repetindo apenas como proprias as palavras que nos dirigiu o autor com relação ao illustrado naturalista :

« A vida do Dr. Lund foi toda consagrada ás sciencias. Fez por nosso paiz dentro dos dominios que explorou mais do que nenhum outro estrangeiro. Amou a nossa terra como o seu filho mais estremecido. Jámais uma palavra ou um acto seu que não fosse condigno da elevação do seu espirito e da bondade de seu coração. Nenhuma outra paixão salteou-o, além da da sciencia. »

Registrando aqui o infausto passamento de um dos luzeiros d'esta associação cumprimos um duplo dever de justiça e de gratidão a quem tanto se interessou pelas cousas do Brasil.

Com a morte do Dr. Lund perdeu a sciencia um dos seus mais fervorosos cultores ; o Brasil o investigador incançavel de suas occultas grandezas, o arauto de suas riquezas naturaes ; o Instituto Historico um dos seus mais esclarecidos e laboriosos consocios.

O trabalho é a vida, dizia lord Stanley ; mostrai-me o que tendes feito, dir-vos-hei o que sois.

O que fez o Dr. Lund bem alto o proclamam as suas obras ; o que elle foi, dil-o a sciencia, e o repetimos nós com respeito e convicção :—*foi um sabio.*

15 — EDUARDO LAEMMERT

Em 1827 aportava ás plagas brasileiras um joven estrangeiro que em bôa hora buscava-nos, como quizeramos que muitos outros aqui nos procurassem ; trazia-nos o fecundo germen do trabalho, alimentado pela mais energica vontade e o estimulo de uma pronunciada disposição para

as lutas da actividade humana, em annos ainda breves, mais proprios para as fogosas exuberancias da mocidade, á que Alexandre Herculano com tanta propriedade chamava verduras da intelligencia e do coração, do que para as graves cogitações do espirito affeito ás evoluções da vida pratica; animava-o a nobre aspiração de conquistar pelo honesto labor a independencia que muitas vezes provém da fortuna, e mais a consideração pessoal, a estima publica que só assenta na rigida e severa moralidade que distingue o caracter do homem probo e honrado.

O bemvindo hospede, que em terra amiga vinha achar o franco acolhimento da mais sincera affeição, era Eduardo Laemmert, fundador e chefe de um grande estabelecimento de typographia, stereotypia e encadernação, na cidade do Rio de Janeiro.

Nascido a 10 de Agosto de 1806 no grão-ducado de Baden, filho do ministro protestante F. W. Laemmert, que cuidadosamente o educára até a idade de 14 annos, foi cedo collocado no commercio, sendo admittido na livraria e typographia de G. Braun, em Carlsrue, onde se preparou devidamente para a carreira a que se destinava.

Depois de uma aprendizagem de cinco annos seguiu para Pariz, tendo entrada na casa Bossange, que em 1827 o mandou para o Brasil no intento de fundar um estabelecimento de livraria, missão difficil e arriscada na occasião, mas que soube desempenhar com pleno successo, correspondendo assim á confiança com que fôra distinguido em idade ainda tão pouco adiantada.

Em 1833 estabeleceu-se por sua propria conta n'esta capital, e cinco annos depois montou uma typographia, procurando d'este modo satisfazer o louvavel desejo que tinha de ser util ao paiz que com tanto favor o havia acolhido e onde via com prazer imperar um regimen francamente liberal que

bem assegurava a inteira liberdade da imprensa. Comprehendeu com razão que seria proveitoso o trabalho que tentasse publicando livros na lingua nacional; levou a effeito o seu plano e desde então numerosas obras sobre todos os ramos de conhecimentos humanos vieram enriquecer a nossa ainda nascente litteratura, dando clara prova do que póde a constancia, a actividade e o zêlo quando a serviço de um espirito illustrado pelo estudo e amadurecido pela observação e pela experiencia.

Eduardo Laemmert, já o disse alguem, foi quem introduziu no Brasil a arte de fazer livros; e, com effeito, a elle devemos achar-se o Brasil na actualidade ao nivel das nações mais adiantadas da Europa, no que respeita ao desenvolvimento da industria que se propõe a perpetuar em monumentos de perduravel estabilidade a memoria dos grandes serviços prestados por aquelles que com os seus bons escriptos têm poderosamente concorrido para a civilisação e progresso da nossa sociedade.

Em 1848 emprehendeu o infatigavel trabalhador a creação de um grande estabelecimento normal onde fôssem reunidas as officinas do typographia, stereotypia e encadernação, dando franco ingresso á numerosa classe de operarios, que na impossibilidade de seguir outra carreira, ahi procurasse trabalho e justa remuneração.

Foi coroado do mais feliz resultado o generoso intento do activo emprehendedor, e não foi a menor das glorias que ainda em vida lhe couberam, a de haver por tal meio reunido em torno de si muitos e prestimosos artistas e especialmente esse enxame de pequeninos obreiros que hoje povoa as immensas officinas da rua dos Invalidos, onde, no trabalho quotidiano, na ordem e regularidade de um serviço bem distribuido e bem pago, prepara-se a mocidade para ser util a si e ao seu paiz, fugindo

da ociosidade e dos vicios que cedo depauperam as forças vivas da nação.

Esse serviço, se outros não houvesse prestado á sociedade e ás letras, seria por si só sufficiente para recommendar o nome de Eduardo Laemmert á nossa gratidão e reconhecimento.

Em 1836 associou-se á empreza o Sr. Henrique Laemmert, digno irmão do proprietario, e a ambos foram devidos desde então os progressos que tem tido a industria typographica n'aquelle importante estabelecimento.

Na exposição brasileira de 1861, como na de Philadelphia em 1876, foram-lhe conferidos honrosos premios, justamente conquistados pelo esforço que póde produzir e pela intelligencia que sabe aperfeiçoar.

Além das numerosas obras scientificas e litterarias publicadas pala casa Eduardo & Henrique Laemmert, ainda a ella devemos o curioso e já indispensavel *Almanak administrativo, mercantil e industrial da côrte e provincia do Rio de Janeiro*, publicação annual que começou em 1844, em bem modestas proporções, e sem interrupção tem continuado, offerecendo hoje mais de 1600 paginas de leitura instructiva para todas as classes da nossa sociedade, e especialmente para o commercio e para a administração.

É bem de notar-se que não pouco terão concorrido as minuciosas e exactas informações estatisticas e commerciaes e os numerosos documentos que enriquecem o *Almanak* para que seja no estrangeiro melhor conhecido e apreciado o desenvolvimento moral e industrial que tem tido o Brasil, sobretudo n'estes ultimos tempos.

Geralmente estimado no paiz pelas suas distinctas qualidades pessoaes e pelos serviços prestados, quer no exercicio de sua nobre profissão, quer no de funcções

publicas que lhe foram confiadas pelo seu governo, e que soube sempre desempenhar com applauso e bem merecido louvor, Eduardo Laemmert, nosso digno consocio desde 1847, viu solemnemente reconhecido o seu merito por inequivocas provas de consideração, que lhe foram prodigalisadas como justa recompensa devida ao seu prestimo e incançavel zêlo.

Foi por muitos annos consul do grão-ducado de Baden no Rio de Janeiro, e condecorado com as ordens da Rosa, do Brasil; do Leão de Zaehringue, de Baden ; de Christo, de Portugal ; de Isabel, de Hespanha; e da Aguia vermelha, da Prussia.

Havia-se casado com uma senhora brasileira, pertencente a uma familia distincta; enviuvando, retirou-se para a Europa, onde residia desde 1876, fallecendo inesperadamente em Francfort a 11 de Janeiro do corrente anno.

A posição social a que por seus esforços conseguiu elevar-se o nosso honrado consocio, a consideração que soube conquistar por seu merecimento e a fortuna que poude accumular por sua actividade e intelligencia, é para nós a glorificação do trabalho que nobilita e engrandece a todos quantos o exercitam com zêlo, constancia e probidade.

É o trabalho, na phrase de Samuel Smiles, a lei que regula a nossa existencia ; o principio vivo que impelle os homens e as nações na senda do progresso; o educador do caracter pratico ; o motor da disciplina e da obediencia ; a força que avigora a vontade, a attenção, a applicação e a perseverança, e dá ao homem energia na vocação e aptidão para manejar os negocios da vida commum.

Eduardo Laemmert seguiu na vida a maxima de

Voltaire—*sempre trabalhando ;* ao descahir para o tumulo, sagrou-lhe a fronte a benção do Senhor.

O' trabalho! dizia um sabio, se Deus não te abençoasse, o que abençoaria elle?

16 — THEODORO MARIA TAUNAY

Havia ainda ha pouco entre nós um ancião respeitavel, que, pelas suas virtudes, saber e louvavel philantropia, gozava de geral estima e bem merecida consideração; simples e modesto em seus modos, brando e attencioso em suas palavras, nós o viamos percorrer incessante as ruas d'esta grande capital, sempre activo e diligente no arranjo dos negocios alheios, que dos proprios não tratava, pois que não os tinha, despendendo inesgotaveis thesouros de caridade e dedicação em prol de todos quantos soffriam e procuravam cheios de confiança o auxilio do seu prestimo e de sua inexcedivel bondade.

Era o velho Theodoro Maria Taunay, descendente de uma nobre familia franceza, tão distincta por sua origem e serviços prestados ao Imperio, desde a independencia, como pelo talento e pela illustração, ainda hoje dignamente representados no seio do Instituto pelo estimavel consocio que traz o honroso appellido d'aquelle finado.

Nasceu Theodoro Taunay em Pariz, em 1798, e falleceu n'esta côrte em Março de 1880.

Veiu para o Brasil em 1816 com seu pai, o celebre pintor da escola franceza, Nicolau Antonio Taunay, barão de Taunay, e mais quatro irmãos, dos quaes resta hoje apenas o actual barão do mesmo titulo, ex-director da academia das Bellas-Artes.

Fazia parte da notavel colonia de estrangeiros de elevada posição social e artistica, que, a chamado do rei D. João VI

e a convite do conde da Barca, se transportara para o Rio de Janeiro n'aquella época.

Dedicando-se á carreira diplomatica, foi o nosso sempre lembrado consocio, no correr do anno de 1820, empregado no consulado de sua nação, e aqui exerceu diversos cargos até o anno de 1866.

Como consul honorario e chanceller teve por vezes de ficar encarregado dos negocios da França no Imperio.

Conhecido especialmente pelo seu espirito de caridade e philantropia, tornou-se popular entre os nacionaes e estrangeiros, sendo alvo por diversas vezes de espontaneas e honrosas manifestações de apreço, tanto da parte do governo do seu paiz, como da do governo brasileiro, que sabia distinguir o merito de tão digno servidor.

Levado até o sacrificio pela sua indole bemfazeja, onerado de dividas provenientes do empenho que mostrava em satisfazer a todos quantos recorriam á sua generosidade e franqueza, viu-se em serios embaraços quando teve de prestar contas de sua longa gerencia consular ; era, porém, tão patente a sua immaculada honradez e nunca desmentida probidade, que o proprio governo do seu paiz não duvidou dar uma insigne prova de confiança ao integro funccionario, tendo as contas por saldadas, em vista dos numerosos e importantes serviços por elle prestados á França e á humanidade.

Sublime lição de grandeza e de generosidade que bem confirma a crença de que a honra e a virtude sobreexcedem sempre as asperezas do infortunio !

Amigo das artes e das letras, primou Taunay como poeta e latinista, compondo em 1830, na esplendida lingua de Horacio e de Virgilio, os conhecidos *Idyllios Brasileiros*, notaveis pela inspiração e pela fórma de que se revestem tão formosos versos.

Não ha litterato entre nós que se não lembre do magestoso canto natalicio do Imperio do Brasil, dedicado á memoria da rainha D. Maria I, e não repita com prazer os versos com que começa o soberbo Genethliacon:

Bucolicæ, agresti gaudentes pace, camœnæ
Regum, qui gelida tumuli nec pace fruuntur,
Æternos regum paulo celebrate labores.

Ao concluir o canto deixa o poeta a lyra em que celebrára os infindos trabalhos dos reis, porque já o sol no fim de sua carreira esconde-se por detrás das altas serras, e com os seus ultimos raios purpurêa os cimos das elegantes palmeiras.

Nam sol decedens, post montes abditos altos
Aerias redimivit jam prono lumine palmas.

Nos ultimos tempos de sua cançada vida retrahiu-se o Poeta ao isolamento a que obstinadamente se votou, fallecendo pauperrimo na idade de 82 annos.

Era solteiro e não deixou descendencia.

Foi condecorado com o gráo de official da Legião de Honra, e cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, distincção que lhe foi conferida pelos serviços relevantes que prestou por occasião de um grande incendio, ha annos, na Guarda-Velha, sendo por seus esforços salvas as vidas de muitos operarios.

Esse entranhado amor do proximo parece ter sido o sentimento que mais o animou na vida, acompanhando-o até o ultimo alento. Deixou a sua existencia assignalada por numerosos actos de dedicação aos infelizes; praticou a caridade, essa filha mimosa do céo, predilecta virtude christã, directamente emanada do Eterno, como o ensina e recommenda o Evangelho, sem ostentação e sem vaidade, sem

interesse e sem calculo; teve sempre na mente e no coração gravada a lição do apostolo na sua epistola aos Corynthios, reconhecendo, como elle, quanto a caridade é paciente e benigna; não é invejosa; não obra temeraria nem precipitadamente; não se ensoberbece; não é ambiciosa; não busca os seus proprios interesses; não se irrita, nem suspeita mal; não folga com a injustiça; mas deleita-se com a verdade, tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo soffre.

Por isso, ao remontar o justo ao seio da Gloria, deviam ter os anjos entoado em louvor de suas virtudes o sublime cantico da Biblia:

Justorum animæ in manu Dei sunt, et non tangent illos tormentum mortis; illi autem sunt in pace.

17 — VISCONDE DO RIO-BRANCO

Chegamos, emfim, senhores, á ultima estação da nossa dolorosa jornada. Ante nós se abre agora o lugubre sarcophago em que jazem os pranteados restos de um consocio querido, honra da patria e gloria da nação que tanto amava. Circumda uma aureola de luz o monumento funebre que tão caras esperanças nos roubou; inscreve-se na lapida que o cerra uma simples palavra, mas essa tão eloquente e expressiva, que só por si diz mais do que poderia dizer toda a linguagem de que uzassemos n'este momento em que nos prende os labios a commoção da dôr; a palavra que ahi lêdes—*liberdade*—é o verbo divino e de arrebatadora energia que desperta em nossos peitos a effusão dos mais generosos sentimentos e eleva a alma humana á sublimidade de sua origem immortal.

Senhores, ha datas que representam seculos; nomes que valem um poema; homens que definem uma época, que

caracterizam uma situação, que marcam o tempo e f zem a historia de um paiz inteiro.

Para esses entes predestinados da fortuna, sobre os quaes a providencia, na elegante expressão de Cormenin, pousa a mão de longe em longe, escolhendo-os na multidão para a missão extraordinaria que lhes cabe de mudar pela força de seu genio a face dos imperios, não tem a posteridade outros votos que não sejam os da mais profunda admiração e reconhecimento; o elogio está feito na enunciação do nome que tantas glorias traduz; é impotente a palavra e frouxa a inspiração quando estaca ante o vulto enorme que abraça o espaço inteiro aberto aos nossos olhos.

Quem ha ahi que, ao ouvir pronunciar o nome de Tell, de Washington ou de Thiers, não veja logo surgir a imagem da liberdade glorificada pelo santo amor da patria que lhe celebra os triumphos nas paginas mais brilhantes da historia da Suissa, dos Estados-Unidos e da França? Que maior elogio do que esse que se concretiza em um nome, que se funde em uma data, que commemora um facto que é por si só um monumento elevado á memoria de tão grandes homens?

O visconde do Rio-Branco é o homem extraordinario a quem foi communicado o poder material e intelligente da sociedade, e a quem coube sobre a scena do mundo, que as circumstancias prepararam, realizar uma reforma que constitue um padrão de gloria para si e para nós.

É o homem prodigioso, symbolo de uma idéa que vivifica e engrandece, que exalta e nobilita o cidadão, a patria, a humanidade, porque é a expressão da justiça e do direito, emanação purissima da vontade divina e sempiterna. A este é que seriam bem cabidas as palavras do famoso poeta inglez:—sua vida foi nobre, e os elementos de sua existencia tão felizmente combinados que a natureza

orgulhosa podia levantar-se e dizer ao mundo inteiro:— *Eis aqui um homem!*

Que quereis que vos diga tratando de registrar em nossos fastos a passagem da vida gloriosa de Rio-Branco? Onde ir buscar côres assás vivas e brilhantes que bem possam desenhar a physionomia ao mesmo tempo sympathica e expressiva, grave e serena, respeitavel e magestosa do notavel cidadão que tanto se recommendou á estima e admiração publica pela relevancia de seus serviços, quanto pela nobreza de seus delicados sentimentos?

O coração de um homem de Estado, dizia Napoleão, deve estar na cabeça; pois bem: o visconde do Rio-Branco tinha-o no peito; era o estadista da razão e do sentimento, nunca sacrificando o dever aos affectos da paixão.

Pela força de seu genio e energia de sua vontade conseguiu dar luz á treva, realidade á aspiração, deu vida á morte, proclamou a liberdade de uma geração inteira em um paiz em que infelizmente ainda nasciam escravos; a sua personalidade, a sua fama, e o seu nome traduzem-se em uma phrase apenas, concisa como a verdade, breve como o tempo, mas vasta, profunda e immensuravel como o infinito:—*Lei de 28 de Setembro de 1871.*

Está feito o elogio do heróe que celebramos; nada mais temos á dizer; nem seria possivel juntar, quando o quizessemos, mais lustre e brilho ao que já foi dito em nome do Instituto á beira do sepulchro do illustre finado, na commovente e inspirada linguagem de um dos nossos mais eruditos consocios, o Sr. Dr. Rozendo Muniz.

O que ainda em cumprimento de um dever official possa ser aqui accrescentado será pouco, bem pouco, em vista do muito que já fica dito.

Como recordação apenas de phases successivas de uma vida preciosa que nos foi tão cara; como lembrança que

mitigue ao menos as saudades que nos pungem a alma em momentos de tão profundo sentimento, dar-vos-hemos aqui breve noticia de uma existencia que se não conta pelos annos, mas pelos nobres feitos que a engrandecem.

José Maria da Silva Paranhos, filho legitimo de Agostinho da Silva Paranhos e D. Josepha Emerenciana de Barreiros, nasceu a 16 de Março de 1819, na provincia da Bahia. Seu pai e seu tio, o capitão-mór Antonio da Silva Paranhos, começavam a cultivar a bem disposta intelligencia do esperançoso joven quando desceram ao tumulo; privado em tenra idade do paternal carinho e solicita protecção que tão zelosa lhe guiára os primeiros passos, achou o orphão na dedicação de um tio materno o coronel de engenheiros Eusebio Gomes Barreiros, o apoio necessario para poder completar a sua educação preparatoria, habilitando-se a seguir na côrte o curso de estudos superiores.

Matriculado na Academia de Marinha passou logo depois á Escola Militar, para onde o chamava a pronunciada vocação que tinha para as sciencias mathematicas; ahi, lutando com difficuldades provenientes de falta de recursos, proseguiu com distincção a sua carreira academica, deparando na virilidade e preeminencia de seu genio e na infatigavel disposição que tinha para o trabalho, meios de poder viver, posto que com parcimonia, mas sempre com dignidade e independencia.

Graduado na sciencia em que tanto se distinguira, foram logo as suas provadas habilitações aproveitadas para o encargo de mestre, que ainda sendo discipulo havia exercido, sempre prodigo em repartir com outros os thesouros que lhe accumulára o talento e assidua applicação.

Foi director da Escola Militar, depois Central e hoje Polytechnica, e na direcção dos estudos, como no exercicio

do magisterio, assignalou-se sempre pelo seu prudente e esclarecido tino e pouco vulgar illustração.

Guardam as tradições do tempo noticia honrosa e sempre grata do modo brilhante e proficiente com que o douto preceptor regeu desde 1844 até 1876 as cadeiras de artilharia e fortificações, mecanica, economia politica, estatistica e direito administrativo.

Não era esse, porém, o theatro reservado ás suas glorias mais fulgentes; tão peregrino talento demandava espaço appropriado á expansão de seu genio admiravel, e foi na administração e na politica, que se tornou notavel quem já o era nas letras e sciencias que tão competentemente professava.

—*Tu Marcellus eris*—havia-lhe dito alguem pondo-lhe a mão sobre a fronte, ao desvendar nos primeiros impulsos do escriptor do *Novo Tempo* o largo vôo, que tomaria no espaço o altivo condôr que ensaiava as azas na arena do jornalismo.

E não se illudiu aquelle que, repetindo as palavras do épico latino, prenunciára a gloria do futuro estadista.

Era um sabio mais, que a voragem da politica arrebatava ás letras ; mas quantas compensações não as deu elle na larga esphera que foi de novo percorrer?

Conta-se que um dia se disséra a Gœthe que Uhland, o Beranger da Allemanha, acabava de ser eleito membro da Camara de Wurtemberg, e que respondêra o patriarcha da poesia allemã: « na verdade é pena; acabou-se o seu canto; a existencia agitada do politico e do jornalista é incompativel com a indole do homem de sciencia e de poesia; o paiz tem muitos homens profundamente instruidos, distinctos e eloquentes que poderiam ser membros da Camara, mas não tem muitos Uhlands. »

Houve quem tambem lamentasse a immensa perda que

para a sciencia trazia o afastamento do mestre; mas não tinha razão: os serviços que vinha elle prestar ao seu paiz com largueza resarciam o prejuizo que realmente houvesse, quando mesmo não continuasse, como por muito tempo continuou, a exercer o magisterio, depois de envolvido nas agitadas lutas dos partidos.

Na nova phase de sua vida, como Talleyrand, não pensou elle em elevar em um dia o edificio de uma grande reputação; mas, como o celebre ministro, chegou ao fim a que se propunha, porque soube, coadjuvado pelo seu esforço, prudencia e illustração, aproveitar as occasiões, que nunca faltam áquelles que não violentam e antes sabem esperar a fortuna.

Já experimentado na imprensa, e ainda antes de eleito em 1847 deputado á Assembléa Geral, havia Paranhos servido os cargos de secretario do governo, presidente interino e deputado provincial do Rio de Janeiro.

Em 1848, dissolvida a Camara temporaria, foi na imprensa o esforçado parlamentar proseguir a luta em que se achavam envolvidos os partidos; e os magistraes artigos do *Correio Mercantil*, a esse tempo sob sua immediata direcção, attestam o vigor de sua bella intelligencia e os inesgotaveis recursos de seu grande talento.

Mais tarde, accidentalmente arredado da politica militante, foi chamado a preencher, junto de um dos nossos mais notaveis estadistas, o marquez de Paraná, o melindroso encargo de secretario da missão especial que o Brasil teve de enviar aos Estados do Prata.

Em 1853, elevado a chefe de legação, como ministro residente, coube-lhe assignar o importante acto de 22 de Abril, com o Estado Oriental, accôrdo que pôz termo á questão de limites, pendente desde longos annos.

De novo eleito deputado pela provincia do Rio, foi-lhe

reservada pelo organizador do gabinete de 6 de Setembro de 1853 a pasta da Marinha, de que tomou conta algum tempo depois, quando se recolheu da missão que tão satisfactoriamente soube desempenhar.

O que no exercicio do elevado cargo de ministro da Marinha e depois de Estrangeiros, fez o illustrado parlamentar, sabe-o o paiz e não o repetiremos nós, que o não comporta o breve espaço de tempo que ainda resta-nos.

Nunca os interesses do Brasil tiveram mais solicito e esclarecido defensor, do que quando correram sob a immediata e prudente direcção de tão digno cidadão.

Depois de tomar parte em negociações importantissimas para os direitos da soberania nacional, presidiu o conselheiro Paranhos a provincia do Rio por algum tempo, até voltar ao ministerio de Estrangeiros, no gabinete organizado pelo veneravel Sr. visconde de Abaeté, em 1858.

Ministro da Fazenda no gabinete de 3 de Março de 1861, novo ensejo offereceu-se para o desenvolvimento de sua infatigavel actividade e proverbial aptidão para todos os trabalhos de intelligencia. Em succintos termos descreve com verdade um dos seus biographos o caracter do ministro que pela primeira vez era chamado a praticar sobre os negocios financeiros do Estado:

« O Sr. Paranhos nunca havia occupado essa pasta, nem mesmo tinha no parlamento interessado o seu talento nas renhidas discussões sobre a especialidade financeira.

« Pouco importava isso. O talento de Paranhos é um talento real. Seu amor ao estudo, sua rara applicação ao trabalho triumpha n das maiores difficuldades. A sua vontade energica, desenvolvida ou instigada pela sua grande ambição, conseguiu de ha muito tyrannizar brilhantemente as suas faculdades, e com algumas horas de estudo o Sr. Paranhos habilita-se para tratar de qualquer questão.

« Facil em improvisar, habil no manejo dos recursos parlamentares, imperturbavel em meio dos conflictos, e traquejado em todos os assumptos da administração, sua resposta é sempre prompta e bem dirigida. Ao espectador que chegava á galeria da Camara, a primeira figura que naturalmente attrahia a sua attenção era a de Paranhos. Seu porte é notavel; sua physionomia sympatica; sua presença distincta; seus ademanes cortezes e moderados. Sua fronte larga e expressiva, calva e bem contornada, derrama sobre sua physionomia uma irradiação serena. Seus olhos, gazeos e pequenos, despedem raios frouxos, mas frequentes.

« Tenaz no estudo e infatigavel no trabalho, quando é ministro é só ministro. Não se distrahe um momento das suas funcções, e d'ahi vem que nenhum dos chefes o dispensa, porque lhes allivia o peso dos cuidados. »

Em 1862 foi o conselheiro Paranhos eleito e escolhido senador pela provincia de Matto-Grosso. Tomou assento na camara vitalicia em Maio do anno seguinte, e em 1864 seguiu para o Rio da Prata em missão especial confiada por um governo adversario, porém justo, á sua provada experiencia e perfeito conhecimento da politica externa do Brasil, especialmente com relação aos estados do Sul. Celebrou-se então o memoravel convenio de 20 de Fevereiro de 1865, que tão profundos desgostos trouxe para o negociador, dispensado desde logo da missão que não tinha podido merecer do governo imperial plena approvação.

Este, o mais importante acto talvez da vida diplomatica do conselheiro Paranhos, tão largamente discutido e diversamente apreciado na imprensa e no parlamento, deu occasião ao monumental discurso de sete horas, proferido no senado a 5 de Junho de 1865, no qual procurou o habil orador justificar o seu acto com as razões e documentos que apresentou em grande cópia.

Sobre tão disputado assumpto nos absteremos de emittir juizo n'esta occasião, como estranho ao nosso empenho; fique expressa apenas a opinião por todos manifestada de que qualquer que fosse o defeito d'esse acto, havia sempre elle presidido a mais leal convicção de acerto e justo desejo de consultar as legitimas conveniencias do Estado.

O proprio ministro, Dias Vieira, communicando a exoneração do diplomata, agradeceu-lhe o auxilio prestado, e os serviços feitos á causa do Imperio, que não ficavam esquecidos pela deficiencia do accôrdo celebrado na villa da União.

O seu intensissimo amor da patria, como bem o disse ha pouco a imprensa, se não o escoimava do erro, era sempre uma formidavel salvaguarda dos interesses nacionaes.

E porque fosse geralmente reconhecida a superioridade de seu caracter, como chefe politico, tão patriota e dedicado, quão generoso e tolerante, coube-lhe a gloria, como ao duque de Broglie, de merecer ainda em vida a mais bella e honrosa manisfestação de apreço a que póde aspirar um homem de partido:—a estima e respeito tanto de seus amigos como de seus adversarios.

Em 1866 foi honrado o conselheiro Paranhos com a nomeação de conselheiro de Estado, cargo que exerceu com a costumada distincção até quasi o ultimo momento de sua afanosa existencia.

Ministro de Estrangeiros no gabinete de 16 de Julho de 1868, teve de seguir logo depois em missão especial para o Rio da Prata, onde prestou relevantissimos serviços, concorrendo pelos ajustes que effectuou para a terminação da guerra com o Paraguay, guerra lamentavel que tão grandes sacrificios havia trazido para o Brasil, dando-nos uma victoria que custou-nos mais de cem mil vidas.

Voltando á patria, e galardoado com o titulo de visconde do Rio-Branco, com grandeza, ainda uma vez foi-lhe confiada nova missão especial ao Rio da Prata, e no exercicio d'essa elevada funcção se achava quando foi chamado para organizar o gabinete de 7 de Março de 1871.

Foi então que, inspirado pela nobreza dos mais elevados sentimentos, forte pela consciencia que o guiava e animado pela grandeza da idéa que havia concebido, proclamou e defendeu com denodo e brilhantismo admiraveis a mais justa das aspirações, a mais santa das causas—a causa da liberdade que tambem é a causa da justiça, em favor da geração miserrima de escravos; impavido atirou-se a uma das mais porfiadas lutas que a historia politica do paiz tem registrado em seus annaes, e conseguiu por seus titanicos esforços realizar a reforma do elemento servil dando ao paiz a aurea lei de 28 de Setembro de 1871, sanccionada por S. A. a princeza imperial, na regencia do Imperio.

Foi essa a gemma mais preciosa da corôa de glorias que cingiu a fronte de Wilberforce e Buxton, e que mais tarde adornou a do estadista philantropo; foi esse o testemunho irrefragavel de seu patriotismo, illustração e energia, titulo o mais valioso á benemerencia publica, á gratidão da patria e as bençãos da humanidade inteira.

Como Lamenais, tão vigorosamente descripto na galeria dos contemporaneos illustres, havia o ousado reformador tomado a vanguarda na marcha penivel e lenta da humanidade para o futuro; ardente e infatigavel, com os olhos fixos no ponto luminoso que almejava attingir, caminhou sempre e avançou sem cessar, combatendo os erros que encontrou e, mudando de tactica sem mudar de rumo, proseguiu animado em sua rapida carreira. Onde iria elle parar? Ao cavalleiro impetuoso que importavam os corceis mortos deixados apóz si?

Do que não seria capaz essa energia indomavel, essa coragem calma e inabalavel, essa dedicação sincera pela liberdade, tendo a seu serviço uma intelligencia acrysolada pelo estudo e pela experiencia, e uma eloquencia imperiosa e fascinadora que avassalava a vontade e arrebatava o sentimento?

Não ha poder verdadeiro, dizia Guizot, senão o poder respeitado e sómente a superioridade real póde infundir o respeito que constitue a força moral dos homens e das nações.

Não se póde exigir dos homens e dos espiritos, accrescentava Thiers, mais do que aquillo que elles podem produzir em cada época.

O visconde do Rio-Branco, com a superior energia da sua vontade, fez o possivel no seu tempo; outros completarão a obra no futuro.

Depois que viu terminada a sua nobre e grandiosa empreza, mudada a situação politica do paiz, o visconde do Rio-Branco fez larga excursão pela Europa, no desejo de ainda mais instruir-se e habilitar-se para bem servir á sua patria.

A impressão que deixou na Europa foi, como em toda a parte, a da mais viva sympathia e admiração pelas suas bellas qualidades. Com razão se enunciava em uma correspondencia estrangeira de recente data o juizo favoravel que contém-se no seguinte topico :

« Os mesmos sentimentos animam os estrangeiros com quem Rio-Branco travou relações quando aqui esteve e de quem tinha captivado as attenções e respeito. Consagravam-lhe grande estima, e admiravam a vastidão dos seus conhecimentos, a agudeza de seu espirito, a amenidade do seu trato, a distincção das suas maneiras.

« Rio-Branco não tinha vindo á Europa com o fim de

divertir-se. Aspirações mais nobres e mais elevadas o animavam. Homem de trabalho, tratava de augmentar o cabedal da sua erudição e de alargar a esphera, embora já extensa, dos seus variados conhecimentos. Raras vezes largava a banca do estudo, sem todavia deixar escapar occasião de travar relações com os personagens junto dos quaes podia beber noções ou idéas que fossem applicaveis ao Brasil. Todos os seus pensamentos, todos os seus intelligentes esforços, todo o seu incançavel ardor no estudo tinham sempre por objectivo a patria que elle amava apaixonadamente e a quem queria offertar o fructo dos seus trabalhos e vigilias.

« Estava Rio-Branco em Pariz quando appareceu em Londres o celeberrimo relatorio do consul inglez no Rio de Janeiro, o qual, pintando as cousas com côres carregadas, apresentava a situação do Imperio, senão como desesperada, á borda do abysmo. Immediatamente Rio-Branco lança mão da penna e de uma unica assentada de sete horas successivas escreve de um jacto essa valente refutação que corre impressa e que, traduzida em inglez, conseguiu desfazer a má impressão produzida em Londres pela excessiva linguagem do consul inglez. »

Se assim era escrevendo, dos seus discursos póde-se com verdade dizer o que dos de Thiers, disse ha pouco o senador Calmon na preciosa compilação que está sendo publicada : « são modêlos de clareza, de methodo, saber theorico e pratico, e bom senso, que ainda mais concorrem para engrandecer a sua autoridade como orador e como homem de Estado. »

Como W. Pitt, no excellente estudo biographico escripto por Lamartine, era Rio-Branco o orador do momento pela espontaneidade da palavra, o do dia seguinte pela poesia

do discurso, o orador de todos os tempos pela profundeza e extensão das idéas.

Enriquecido o espirito pela observação e estudo dos progressos da sociedade européa voltou ao Brasil, em fins do anno passado, recebendo no esplendido acolhimento de seus concidadãos a mais honrosa manifestação da estima em que era tido; a enthusiastica recepção que o aguardava era a ovação triumphal a que tinha direito o laureado brasileiro, que teve a invejavel fortuna de esculpir seu nome nos mais altos monumentos da historia nacional.

As suas missões no Rio da Prata, o convenio de Pariz que aboliu o corso, a direcção dada á questão religiosa, e a lei que emancipou o ventre escravo, são os factos mais salientes de sua vida, representada por trinta annos de lutas e de sacrificios, de contrariedades e dedicações.

Avultavam-lhe as honras e as distincções sociaes, que nem por serem numerosas excediam o seu grande merecimento:

Ao titulo entre todos o mais nobre de libertador de uma geração de escravos, juntava o nosso preclaro consocio os de visconde do Rio-Branco, Grande do Imperio, senador, membro ordinario do conselho de Estado, veador da casa imperial, dignitario da ordem do Cruzeiro, commendador da da Rosa, e grã-cruz das ordens da Legião de Honra, de França, de Nosso Senhor Jesus-Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de Portugal; das imperiaes ordens russianas da Aguia Branca e Sant'Anna, de 1ª classe; da austriaca de Leopoldo, de 1ª classe; da real ordem italiana de S. Mauricio e S. Lazaro, e da distincta ordem hespanhola de Carlos III.

Era, além d'isso, membro titular ou effectivo de diversas associações litterarias, scientificas e philantropicas do Imperio e do estrangeiro, todas animadas pelo franco impulso

de uma vontade tão firme quanto esclarecida. Ao gremio do nosso Instituto havia sido admittido em 1846, na qualidade de socio correspondente, pendendo de deliberação a proposta que o elevava a socio honorario.

Sempre subindo havia tocado a méta que o destino lhe marcára; ferido por cruel enfermidade que resistiu a todo o esforço da sciencia e a todo o zêlo, carinho e dedicação da familia e da amizade, caminhou afinal o athleta da vida para o desengano da morte, com a serena resignação de uma alma piedosa, sustentada por uma sã consciencia.

No delirio de seus ultimos instantes ainda o dominava a idéa da patria, e a ella votava seu derradeiro pensamento; pela patria tinha vivido, e com ella nos labios e no coração, partia-se d'este mundo, onde os prazeres e as dôres, os gozos e os soffrimentos, os triumphos e as decepções, tantas vezes tinham posto em dura prova essa grande alma fadada ás m is violentas emoções.

Alquebrado pelos padecimentos, ás 7 horas e 5 minutos da tarde de 1º de Novembro passado, no terno regaço da familia que inconsolavel pranteava o esposo e pai estremecido, no meio de amigos consternados que rodeavam o leito de agonia, á luz de um cyrio que lhe avivava a fé pura nos mysterios da religião em que vivêra, e com a sacro-santa imagem de Christo ante os olhos, que de manso cerravam-se ao contemplar ainda no transe derradeiro o doloroso martyrio do Deus vivo, rendeu o espirito ao creador o eminente cidadão, proferindo estas ultimas e dulcissimas palavras, em que se espelha inteira a candida virtude e inabalavel firmeza d'aquella alma bem formada:

— *Estejam certos de que hei de confirmar perante Deus o que hei affirmado perante os homens.*

Basta, senhores; não mais se exacerbe a dôr que rala o peito ao memorar tantas magoas; a vida e a historia d'esses dignos consocios, que nos adiantaram na lugubre jornada que todos nós teremos de fatalmente percorrer, não se inscreve nas pallidas fôlhas de um livro, que o tempo em breve gasta : não se insculpe nas frias louzas de um sepulchro, que se esborôa ao perpassar dos annos fugitivos; perdura, sim, na memoria dos homens e transmitte-se de geração em geração, como um legado de honra que a tradição zela e a gloria da patria perpetúa.

O verdadeiro Panthéon dos grandes homens é a gratidão nacional.

O que foram esses filhos dilectos do Instituto, o que fizeram e o que valeram na sociedade em que floresceram esses de quem hoje aqui saudosos despedimo-nos, dil-o o reconhecimento publico, a solemne e sincera homenagem de respeito e de admiração tributada ao renome que apregoamos.

Não o diz a palavra que é morta, quando vive o sentimento; mas o affirma a consciencia que refulge como um raio da eterna luz da verdade.

Manes queridos e gloriosos, hoje invocados no seio da confraterna amizade do Instituto ! Se na etherea mansão dos mortos vos podem ser propicios os votos que de coração fazemos pelo vosso eterno repouso, recebei-os ; elles traduzem o sentimento puro e ineffavel de immorredora saudade e sincera admiração que vos consagram, como derradeira homenagem, os consocios que deixastes, muitos compartes de vossas lides e trabalhos, muitos testemunhas de vossas glorias, todos admiradores de vosso merito, de vosso patriotismo, e de vossas virtudes nunca assaz louvadas.

Para vós tem já soado a hora do descanço ; abrem-se

de par em par para receber-vos as veladas portas do templo da immortalidade.

Em um mundo melhor, onde resplende o sol de perenne claridade e só impera a justiça, longe das mentidas illusões da vida, no tranquillo regaço a que acolheste-vos, fruis a extrema graça de uma bemaventurança infinita.

Ahi não chegam os rumores da turba que gladia-se em um mundo eriçado de tropeços, aos crebros golpes das paixões humanas ; reina a serena paz de uma felicidade sem termo, e celebra-se na mystica linguagem dos anjos a gloria do Altissimo, supremo arbitro dos destinos da humanidade.

Faz-se o silencio nas regiões do empireo ; mas... escutai... não ouvis ao longe os sons accordes e harmoniosos de uma musica divina que se ensinua e arrebata, transportando-vos em espirito á celeste morada em que repousam os dilectos do Senhor ?

Não sentis que atravessa a immensidade do espaço um brando e mellisono sussurro que vos acalenta a esperança de gozos mal soffridos, revivendo a fé pura que se aninha em vossos corações ?

Pois bem : são esses os échos que a nós chegam repetindo os canticos maviosos que se entoam no sacrario do templo, no alcaçar sublime da immortalidade; são esses os accentos mysteriosos que nos trazem as auras celestiaes annunciando a gloria do Senhor ; bem o sentimos nós pela doce impressão que nos commove, e pela extreme delicia de que se acha possuida a nossa alma.

Feliz o dia, diz o crente, em cujo peito arde incessante a chamma da fé que o vivifica, ditosa a hora em que se dissiparem as trevas em que os nossos olhos são cerrados ; em que se quebrarem as cadêas que comprimem as nossas forças e em que se congregarem os espiritos em redor do solio augusto em que se assenta o Supremo Creador do Universo.

Tão doce esperança será sempre para o justo grato motivo das suas mais intimas alegrias : — exultando ouvirá a voz que o chama do desterro e, como o piedoso vate das *Meditações*, dirá cheio de confiança :

« Morte, tu não anniquilas, libertas ; tua mão, mensageira celeste, sopesa facho divino que nos innunda de luz; vem quebrar-nos as cadêas do corpo ; abre-nos a prisão, presta-nos as tuas azas... »

Homens de fé e de religião, apostolos do dever e da virtude ; heróes que haveis conquistado na luta das paixões da vida a palma da victoria, levantai as vossas frontes nobilitadas pelo triumpho ; que não cedam ellas ao peso da adversidade e da dôr ; que se não crestem ao halito mephitico do scepticismo e da descrença ; lembrai-vos que a vossa tristeza mal se conforma com a sublimidade do vosso destino, que a vida é a aprendizagem da morte ; que a morte é a porta que se abre para a eternidade, derribando a barreira que se levanta entre o homem e a immortalidade ; e que além tumulo ergue-se das sombrias ruinas do sepulchro o throno rutilante de esplendor e de gloria que é reservado aos eleitos do Senhor.

Esses a quem hoje d'aqui dirigimos o derradeiro adeus têm concluido a sua missão de exilio, e gozam já da visão beatifica na celeste mansão em que revivem ; nós, os peregrinos da terra, que contamos o tempo pelas angustias que nos pungem, fatigados seguimos na jornada da vida e, embora sangrando as plantas nas urzes da estrada que trilhamos, nem por isso nos fallece a esperança que conforta, nem amortece a fé que nos anima ; submissos curvamo-nos aos insondaveis decretos da omnipotencia divina e ainda n'este momento, feridos pela dôr, pronunciamos do intimo d'alma o extremo voto que a razão consagra :

Só Deus é grande ! Só a virtude immortal !...

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO EM 1880.

PELO SR. PRESALINDO LERY DOS SANTOS

Bosquejo historico e descriptivo da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. DR. ALFREDO PIRAGIBE

Memoria historica sobre a legislação sanitaria do Imperio do Brasil, desde 1822 até 1878.

PELO SR. DR. ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES

Catechismo da doctrina christã em Guarany.

PELO SR. DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA

A Gruta do Inferno na provincia de Matto-Grosso junto ao forte de Coimbra. Rio de Janeiro, 1880 (Memoria).

Matto-Grosso, seu clima e constituição medica. (Memoria.)

PELO SR. JOÃO BRIGIDO DOS SANTOS

Manuscripto contendo: parte da correspondencia de Pedro José da Costa Barros, almirante Cochrane, e Conrado Jacob de Niemeyer, sobre as occurrencias de 1824, na provincia do Ceará, para melhor julgamento d'esses homens perante a historia; extrahido dos registros da secretaria da provincia.

PELO SR. DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA

Mappa das ordens monasticas e religiosas da Capitania do Rio de Janeiro, suas casas, numero de religiosos, rendas e bens territoriaes e mais subsistencia; o qual foi enviado

ao governo em Portugal, pelo vice-rei conde de Rezende em officio de 5 de Dezembro de 1797.

Mappa de toda a qualidade de moedas de ouro, prata e cobre que correm na capitania do Rio de Janeiro e provincia, que se têm lavrado desde o anno de 1768 a 1796, e cunhadas na Real Casa da Moeda da mesma provincia.

Mappa dos effeitos que foram transportados da cidade do Rio de Janeiro para os portos de Lisbôa, Porto, Fayal, Vianna, Pernambuco, Bahia, Angola e Benguela, no anno de 1796.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT

Varios documentos manuscriptos a respeito dos emolumentos pagos com o trigo em S. Paulo, em 1765.

PELO SR. RAYMUNDO DE SÁ VALLE

Substituição da éra vulgar por uma éra americana. Estudo apresentado pelo offertante ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—1879.

PELO SR. AUGUSTO MANOEL PRALOM

Descripção topographica historico-politica da cidade de Campos dos Goytacazes no Brasil. Por Manoel José Moreira Octaviano, 1809.

MAPPAS, PLANTAS, CARTAS ETC., OFFERECIDAS POR DIVERSOS

PELO SR. CAPITÃO-TENENTE FRANCISCO CALHEIROS DA GRAÇA

Planta hydrographica dos ancoradouros de Itaquy e Ilha do Medo. Rio de Janeiro, 1879.

PELO SR. DR. MANOEL JESUINO FERREIRA

Planta dos lugares da cidade da Victoria, na provincia de Pernambuco, onde se deram os deploraveis acontecimentos do dia 27 de Junho de 1880, levantada pelo engenheiro Aragão Rabello.

PELA SECRETARIA DO IMPERIO

Mappas da nova divisão do Imperio, pelo deputado Cruz Machado, das provincias de Minas, Araguaya, da Januaria do Piauhy, de Sapucahy, de Santa Cruz do Espirito-Santo e de Entre-Rios.

Carta corographica da parte da capitania de S. Paulo que confina com a capitania de Minas-Geraes.

Carta do rio Javary, levantada sob a direcção do commissario José da Costa Azevedo, em 4 folhas.

Carta geo-hydrographica da ilha e canal de Santa Catharina, levantada por Niemeyer Bellegarde.

Planta da provincia de S. Pedro do Sul e parte do rio S. Gonçalo, levantada pela commissão de demarcação de limites em 1854, 4 folhas.

Cópia da carta topographica do Estado do Uruguay, levantada em 1846 pelo tenente-coronel de engenheiros José Maria Reis, 2 folhas.

Carta plana da fronteira do Chuy, pela commissão de demarcação de limites de que foi chefe o marechal do exercito reformado Francisco José de Sousa Soares de Andréa.

Planta topographica da cidade do Desterro, levantada pelos engenheiros Pereira do Lago e Carlos Otton.

Planta do rio de S. Gonçalo, na provincia do Rio-Grande do Sul, levantada pelo tenente Pedro Garcia da Cunha.

Reconhecimento de parte do rio Paraguay, pelo tenente d'armada, H. A. Baptista.

Plano do rio do Pará, por José Fernandes Portugal, em 1803.

Plano da Ilha de Fernando de Noronha, pelo mesmo em 1798.

Esboço geographico organizado com o fim de mostrar a fronteira do Brasil no territorio entre o Madeira e o Javary, pelo barão da Ponte Ribeiro.

Mappa da provincia de S. Pedro do Sul e terrenos adjacentes das provincias limitrophes.

Carta da provincia de Matto-Grosso, começada a organizar pelo tenente-coronel C. Pereira de Azevedo Coutinho e capitão Umbelino Alberto de Campo Limpo, e continuada por outros.

Carta corographica da provincia do Paraná, organizada pelo tenente-coronel Mendes Antas.

Planta sobre os melhoramentos de que carece o porto do Recife.

Esboço do mappa de Campos de Palmas e territorios contiguos.

Mappa corographico entre o porto de S. Francisco e a freguezia do Rio Negro, na provincia de Santa Catharina.

Planta da cidade do Rio de Janeiro, organizada pelo coronel de engenheiros Frederico C. de Campos e outros.

Mappa do canal de Campos a Macahé, mandado organizar pelo conselheiro Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho.

Planta hydrographica da bahia do Rio de Janeiro, levantada em 1810.

Mappa entre os rios do Frade e Mucury, pelo 1° tenente I. J. da Fonseca.

Entrée de Bahia, par M. Garnier, commandante de *la Galathée.*

Planta do rio Paraguay, levantada pelo chefe de divisão Augusto Leverger, 10 folhas.

Carta reduzida da parte meridional do oceano atlantico, por José Fernandes Portugal.

Plano hydrographico da bahia do Rio de Janeiro, levantada pelo capitão-tenente Diogo Jorge de Brito, 2 folhas.

Nova carta corographica do Imperio do Brasil, pelo coronel de engenheiros Conrado J. de Niemeyer e outros, 4 folhas.

Carta da provincia de Goyaz, organizada pelo capitão de engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim.

Mappa da região principal da provincia de S. Paulo.

Mappa do sul do Imperio do Brasil e paizes limitrophes, pelos engenheiros Santos Werneck e Krauss.

Mappa geographico da capitania de Matto-Grosso, organizado em 1802 por ordem do capitão.general Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Perfil bathymetrico da grande lage dos Outeirinhos, no canal da entrada do porto de Santos, pelo capitão de fragata barão de Teffé.

Carta do territorio da Republica do Paraguay, onde se deram as batalhas entre o exercito d'esta republica e o das nações alliadas, organizada pelos tenentes-coroneis Mendes Antas, Oliveira Soares e outros.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO MARANHÃO

Mappa demonstrativo da estrada que se projecta abrir á margem esquerda do rio Parnahyba, 7 exemplares.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

Carta corographica da provincia, e exploração do rio de S. Francisco.

PELO SR. MINISTRO DA AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PUBLICAS

Planta geral da estrada de ferro D. Pedro II e das outras estradas de ferro das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, 200 exemplares.

Mappa da região principal da provincia de S. Paulo.

Subsidios para a organização da carta physica do Brasil, pelo conselheiro barão Homem de Mello.

Carta do rio Araguaya.

Triangulação do Municipio da Côrte.

Bases geodesicas de S. Cruz.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL

Carta topographica da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul confeccionada segundo os trabalhos officiaes existentes no Archivo das Obras Publicas provinciaes, concluida por ordem do Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, presidente da provincia, sob a direcção do bacharel Antonio Eleuterio de Camargo, etc., 1868.

MEDALHAS

PELA ACADEMIA REAL DE SCIENCIAS DA SUECIA

Uma medalha de bronze de A. E. Nordenskiold, no verso da qual se lê: *Oras, Asiæ boreales primum circumnavigantibus.* Reg. Acad. Scient. Suec. — 1879.

RELATORIOS E DOCUMENTOS ENVIADOS PELAS SECRETARIAS DE ESTADO

PELA SECRETARIA DO IMPERIO

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura pelo ministro e secretario de Estado barão Homem de Mello. Rio de Janeiro, 1880.

Revista Brasileira, varios numeros. Rio de Janeiro, 1880.

PELA SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio apresentado á Assembéa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura pelo ministro e secretario de Estado conselheiro Manoel Buarque de Macedo. Rio de Janeiro, 1880.

Congresso Agricola — Collecção de documentos. Rio de Janeiro, 1878.

PELA SECRETARIA DA FAZENDA

Proposta e relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura, pelo ministro e secretario de Estado conselheiro José Antonio Saraiva. Rio de Janeiro, 1880; e

Relatorio que ao mesmo Sr. ministro apresentou o seu antecessor Affonso Celso de Assis Figueiredo ao passar-lhe a pasta. Rio de Janeiro, 1880.

PELA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura pelo ministro

e secretario de Estado visconde de Pelotas. Rio de Janeiro, 1880.

Diario do exercito na republica do Paraguay, sob o commando do Sr. marechal do exercito Conde d'Eu.

Atlas historico da guerra do Paraguay.

PELA SECRETARIA DA MARINHA

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura, pelo ministro e secretario de Estado Dr. José Rodrigues de Lima Duarte. Rio de Janeiro, 1880.

PELA SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio da bahia de Antonina.

Estudos de niveis.

Seccas do Ceará.

Medidas barometricas.

Relatorio da estrada de ferro D. Pedro II.

A provincia de Goyaz na Exposição nacional de 1875.

As colonias de S. Leopoldo.

Annuario Industrial de 1871.

A provincia de S. Paulo, trabalho estatistico, historico, etc.

Botanica applicada.

Breve noticia sobre a collecção das madeiras do Brasil.

Brazilian biographical annual.

Commissão do Madeira, Pará e Amazonas.

Congresso Agricola, collecção de documentos.

Crise da lavoura.

Caminhos de ferro nacionaes, bitola preferivel por Hargreaves.

Idem idem, por Ewbank.

Idem idem estrategicos.
Catalogos (5) da Exposição nacional.
Cabras de Cachemira e de Angora.
Catechismo de agricultura.
Discurso do deputado Cruz Machado sobre as construcções das estradas de ferro do Rio-Grande do Sul.
Exposição sobre a largura das estradas de ferro no futuro.
Estudos sobre o melhoramento do porto de Pernambuco.
Exposição centenaria de Philadelphia.
Idem nacional, notas e observações.
Estudos sobre os vegetaes seculares.
Exposição nacional em 1875.
Enumeratio palmarum.
Elément servile.
Indicações agricolas.
Importação de trabalhadores chins.
Memoria sobre a via de communicação de Matto-Grosso.
Idem sobre a cultura do café no Yemen.
Noticia sobre o Brasil na Exposição de Vienna.
Idem sobre a Exposição nacional de 1875.
Idem sobre a agricultura do Brasil.
Idem sobre o Uraná
Notas sobre o rio Purús.
Memoria sobre o cacau.
O fazendeiro de café em Ceylão.
O Brasil, colonisação e emigração.
O rio Tapajós.
O Imperio do Brasil na Exposição de Vienna de 1873.
Paraná, Exposição provincial.
Relatorio da commissão que representou o Brasil na Exposição de Vienna em 1873.
Idem sobre a pintura e estatuaria.
Idem da commissão centenaria sobre a Exposição de Philadelphia.

Idem sobre a zootechnia

Idem do engenheiro-fiscal do governo junto á companhia City Improvements.

Idem da commissão de estudos sobre o abastecimento d'agua da capital.

Idem sobre a enxertia da canna de assucar.

Idem da estrada de ferro de D. Pedro II, do anno de 1878.

Idem sobre as colonias e estabelecimentos agricolas na provincia de S. Paulo.

Idem sobre o material para um estabelecimento agricola.

Idem sobre a emigração dos Estados-Unidos.

Idem sobre as colonias do Rio-Novo, provincia do Espirito-Santo.

Idem idem idem ao sul da provincia da Bahia.

Idem idem idem Martyrios e S. Lourenço, provincia de S. Paulo.

Regimento para as minas de ouro.

Repertorio nacional sobre estradas de ferro, navegação, etc.

Trabalhadores asiaticos.

Theses sobre a colonisação do Brasil.

The Empire of Brazil at the Paris Internacional Exibition.

Videira, sua origem, historia, etc., etc.

PELA SECRETARIA DA JUSTIÇA

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na terceira sessão da decima setima legislatura, pelo ministro e secretario de Estado Manoel Pinto de Sousa Dantas. Rio de Janeiro, 1880.

RELATORIOS E DOCUMENTOS ENVIADOS PELOS PRESIDENTES DE PROVINCIAS

PROVINCIA DE SERGIPE

Collecção de leis e resoluções da Assembléa Provincial do anno de 1879.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO AMAZONAS

Varios jornaes publicados na mesma provincia.

PRESIDENCIA DA PROVINCIA DO CEARÁ

Collecção de leis do anno de 1879.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

Varios jornaes publicados na mesma provincia.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA

Leis e resoluções d'aquella provincia, do anno de 1879. Bahia, 1880.

Relatorio com que foi aberta, no dia 1º de Maio, a Assembléa Legislativa Provincial. Bahia, 1880.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DAS ALAGOAS

Falla com que foi installada a 1ª sessão ordinaria da 23ª legislatura da Assembléa Provincial, em 16 de Abril do corrente anno. Maceió, 1880.

Relatorio com que ao Exm. Sr. Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, passou a administração da provincia o Exm. Sr. Hermelindo Accioly de Barros Pimentel, 3º vice-presidente da mesma provincia. Maceió, 1880.

Leis e resoluções da Assembléa Legislativa Provincial do anno de 1880. Maceió.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO MARANHÃO

Relatorio que apresentou á Assembléa Legislativa Provincial, por occasião de sua installação em 13 de Fevereiro de 1880, e os relatorios dos annos 1874, 1876, 1877, 1879 e 1880.

Collecção de leis da mesma provincia, dos annos de 1850 a 1860, 1862, 1868, 1869, 1871, 1876 e 1879.

Breve memoria do Maranhão, pelo Dr. Cesar Marques 2 exemplares.

Dita da Ilha de Cuba, pelo Sr. Ricardo E. Ferreira de Carvalho.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE GOYAZ

Relatorio que o seu antecessor o Dr. Luiz Augusto Crespo apresentou á Assembléa Legislativa d'esta provincia em 10 de Setembro de 1878 ; e outro do com que passou a administração ao 1° vice-presidente o Dr. Theodoro Rodrigues de Moraes em 14 de Janeiro de 1879.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÁ

Relatorio que apresentou á Assembléa Legislativa Provincial no dia 16 de Fevereiro. Curitiba, 1880.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

Relatorios dos annos de 1835 a 1837, 1839, 1842, 1843, 1846, 1851 a 1857, 1859, 1862 a 1867, 1869 a 1880.

Exposições e relatorios da Fazenda dos annos de 1854, 1861, 1863 a 1868, 1871 a 1880.

Balanços dos annos de 1846 a 1847, 1847 a 1848, 1850, 1856, 1858, 1860 a 1864, 1866 e 1869.

Orçamentos para os annos de 1857, 1858, 1860 a 1866, e 1871.

Collecção de leis dos annos de 1837 a 1841, 1843 a 1862, 1864, 1865, 1869, 1870, 1873 a 1880.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL

Relatorio com que o Sr. Dr. Carlos Thompson Flores passou a administração da provincia ao 3º vice-presidente o Sr. Dr. Antonio Corrêa de Oliveira, em 15 de Abril de 1880.

Collecção de leis provinciaes dos annos de 1835 a 1879.

Relatorios provinciaes.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARÁ

Varios relatorios.

Leis provinciaes.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Collecção de leis e relatorios de differentes annos.

OBRAS OFFERECIDAS POR DIVERSAS PESSOAS E ASSOCIAÇÕES

PELO SR. ERNESTO DAVID

Les Operas du juif Antonio José da Silva (1705—1739) par Ernest David. (Extrait du journal des Archives Israelites). Paris, 1880.

PELO SR. LUIZ CARLOS BARBOSA DE OLIVEIRA

These de concurso á uma das vagas da 1ª secção do curso geral da Escola Polytechnica. Rio de Janeiro, 1879.

PELO SR. DR. DOMINGOS J. N. JAGUARIBE FILHO

Arte de formar homens de bem, offerecida ás mãis de familia. S. Paulo, 1880.

PELO SR. DR. EDUARDO JOSÉ DE MORAES

Pareceres sobre o projecto apresentado sob o titulo— O Canal de juncção da Laguna a Porto-Alegre, e plano para execução do mesmo projecto, etc. São Paulo, 1879.

PELO SR. F. FRANCO DE SÁ

A reforma da constituição. Estudo de Historia Patria e Direito Constitucional. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. 1º SECRETARIO DA IMPERIAL SOCIEDADE AMANTE DA INSTRUCÇÃO

Os relatorios da mesma dos annos de 1877 a 1879, apresentados nas sessões anniversarias de 5 de Setembro d'aquelle anno. Rio de Janeiro.

PELO SR. DIRECTOR DA SECRETARIA DO SENADO

Collecção dos Annaes do mesmo Senado correspondentes ás duas ultimas sessões ordinarias e extraordinaria de 1879 e uma dita da sessão ordinaria de 1826, um exemplar do relatorio de Abril com addições, apresentado em Dezembro de 1878, e um dito de Synopsis dos

trabalhos pendentes de deliberação, organizado em Dezembro do 1879; relatorio dos trabalhos do Senado para ser apresentado na 1ª sessão preparatoria de Abril de 1878.

PELO SR. BERNARDO SATURNINO DA VEIGA

Almanak Sul Mineiro para 1874.
Encyclopedia Popular. Campanha, 1879.

PELO SR. SEBASTIÃO PEREIRA DA COSTA

Selecta. Lisbôa, 1879.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DA CORTE

Catalogo da Exposição Camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1880.

Memoria sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador, pelo conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, publicada á expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do centenario de Camões. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. JOÃO BRIGIDO DOS SANTOS

Resumo chronologico da historia do Ceará segundo os documentos conhecidos até 1875. Fortaleza, 1876.

PELO SR. DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

Movimento politico da provincia de S. Paulo em 1842, causas que o occasionáram. Santos, 1879.

PELO SR. J. DU FIEF

Abregé de Géographie, redigé conformement au programme du gouvernement, à l'usage de l'enseignement moyen du degré inferieur. 8• edition, 1877. Bruxelles.

Cours gradué de géographie à l'usage de l'enseignement moyen; deuxième partie. Bruxelles, 1878.

PELO SR. PAULO PORTO-ALEGRE

Monographia do café. Historia, cultura e producção. Lisbôa, 1879.

PELO SR. VIVIEN DE SAINT-MARTIN

Varios fasciculos do seu Noveau Dictionnaire de Géographie Universelle. Paris, 1880.

PELO SR. DR. DOMINGOS JOSÉ BERNARDINO DE ALMEIDA

Revista da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro em 1879.

PELO SR. DR. JOÃO BARBALHO UCHÔA CAVALCANTI

Proezas ou falsidades, ou a impostura desmascarada pela victima da execranda maldade official. *Ad perpetuam rei memoriam*. Pernambuco, 1880.

PELO CLUB DA LAVOURA DA CIDADE DE CAMPINAS

Relatorio do mesmo, apresentado pela directoria em sessão da assembléa geral do dia 17 de Maio de 1880.

PELO SR. BASILIO CARVALHO DAEMON

Provincia do Espirito-Santo. Sua descoberta, historia, chronologia, synopsis e estatistica. Victoria, 1879. 1 vol.

PELO SR. JOSÉ MARIA CORRÊA DE FRIAS

O *Diario do Maranhão*, jornal do commercio e industria, numero consagrado á memoria de Luiz de Camões, quinta-feira 10 de Junho de 1880. (Edição especial).

PELO SR. XAVIER CHARMES, CHEFE DO SERVIÇO DE PERMUTAÇÕES INTERNACIONAES DE FRANÇA, POR INTERMEDIO DA COMMISSÃO CENTRAL BRASILEIRA DE PERMUTAÇÕES

Catalogue de la bibliothèque de la Société Nationale des Sciences Naturelles de Chebourg.—2e partie, 2e livraison.

Mémoires de la Société Nationale des Sciences Naturelles et Mathematiques de Chebourg.—Tome XXI, 3e serie.

PELA COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO FLUVIAL PAULISTA

O relatorio da mesma apresentado em sessão de 15 de Maio de 1880.

PELO SR. DR. MAXIMIANO MARQUES DE CARVALHO

Quelques considérations sur la fièvre jaune, moyens prophylatiques de cette maladie, etc. Paris, 1857.

PELO SR. LUIZ TRAVASSOS VALDEZ

Memorias ácerca das imprensas do governo, óbras subsidiadas pelo Estado, bibliothecas, archivos, boletins das provincias ultramarinas, periodicos e livros publicados no Ultramar, bibliographia ultramarina. Lisbôa, 1880.

PELO SR. ALVARO DE PAIVA DE FARIA LEITE BRANDÃO

Poesias a Luiz de Camões, 10 de Junho de 1880. Porto, 1880.

PELO SR. DR. MONCORVO DE FIGUEIREDO

Du Rheumatisme chronique noueux des enfants et de son traitement. Paris, 1880.

PELO SR. J. P. OLIVEIRA MARTINS

Historia de Portugal, 2ª edição emendada. Lisbôa, 1880, 2 vols.

PELO SR. ANTONIO ALVARES CAMARA (1º tenente da armada nacional)

Conferencias perante o Instituto Polytechnico Brasileiro sobre a causa da formação e origem do Gulf-Strean. Rio de Janeiro, 1880.

O Navispherio e as observações da noite. Rio de Janeiro, 1880.

O Barometro de William Siemens. Rio de Janeiro, 1879.

Breve noticia sobre as curvas de posição e os novos methodos de navegação. Rio de Janeiro, 1880.

Algumas considerações sobre a causa da formação e origem do Gulf-Strean. Rio de Janeiro, 1877.

Analyse dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarinha, etc. Rio de Janeiro, 1878.

Impressões de uma viagem do Pará ao Recife, passando por S. Miguel e Tenerife, a bordo da corveta *Trajano*. Rio de Janeiro, 1878.

PELO SR. DR. ALFREDO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY

O Discurso por elle proferido como orador do Congresso Militar em homenagem ao maestro brasileiro Antonio Carlos Gomes. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. MARTINUS HOYER

Estudo sobre a reforma do meio circulante. Maranhão, 1880.

PELO SR. BACHAREL M. R. PEIXOTO

Um folheto com o titulo *Colonisação*. Rio de Janeiro, 1880.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis do Imperio do Brasil e decisões do governo, do anno de 1879. Rio de Janeiro, 1880, 2 vols.

PELO SR. DR. HENRIQUE MAMEDE LINS DE ALMEIDA

El Repertorio Caraquenon.—A la memoria de Bolivar fundado por la opinion nacional de Caracas, año 1º.—, Caracas, 1879.

PELO SR. J. V. LASTARRIA

Estatistica bibliografica de la Literatura Chilena, por Don Ramon Briseño, tomo II. Santiago de Chile, 1879.

PELA REDACÇÃO DO JORNAL « A MÃI DE FAMILIA »

Varios numeros do anno de 1880.

PELO SR. CONSELHEIRO BARÃO HOMEM DE MELLO

Discurso em resposta á interpellação do deputado J. Saldanha Marinho. Rio de Janeiro—1880—2 exemplares.

Collecção de obras relativas á historia da capitania, depois provincia da Bahia, e sua geographia, mandadas reimprimir ou publicar pelo mesmo offertante. Bahia, 1878—1 vol.

PELO SR. CAPITÃO-TENENTE JOSÉ CANDIDO GUILLOBEL

Tratado de Geodesia, contendo uma descripção minuciosa do bazimetro de Brunner. Rio de Janeiro, 1879. 1 vol.

PELO SR. DR. ANTONIO PAULINO LIMPO DE ABREU

Relatorio ácerca do accidente do reservatorio D. Pedro II (no Pedregulho). Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. EMILIO ALLAIN

Arte da grammatica da lingua brasilica do padre Luiz Figueira. Nova edição dada á luz e annotada pelo offertante. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. ANTONIO JOAQUIM ALVARES

D. Vasco da Gama.—Poema em 5 cantos, consagrado á trasladação de seu precioso feretro, removido do convento do Carmo da villa da Vidigueira, onde jazia, desde o seculo XIV, para a sumptuosa igreja de Belém em Lisbôa no dia 29 de Agosto de 1871, anniversario do dia em que esse grande heróe e navegador portuguez aportou a Lisbôa no anno de 1499. Rio de Janeiro, 1880.

PELA REDACÇÃO DO « ARCHIVO DOS AÇORES »

Publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana. Ponta Delgada, 1880. Varios numeros do corrente anno.

PELO SR. DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA

O Relatorio apresentado por elle, como director do Archivo Publico, ao Sr. ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio em 15 de Março de 1880. Rio de Janeiro.

PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA (no Rio de Janeiro)

Os Lusiadas de Camões.—Edição consagrada a commemorar o terceiro centenario do poeta da nacionalidade portugueza. Lisbôa, 1880.

Medalha sobre o mesmo assumpto, com a efigie do poeta, 10 de Junho de 1880.—Assentamento da pedra fundamental.—Novo edificio.—Gabinete Portuguez de Leitura.—Rio de Janeiro.

PELA SOCIEDADE DE GEOLOGIA E DE GEOGRAPHIA DOS ESTADOS-UNIDOS

Boletins da mesma, de Novembro de 1879.—Washington—2 fasciculos.

PELO INSTITUTO GEOGRAPHICO ARGENTINO

Um numero do seu boletim. Buenos-Ayres, 1879.

PELA SOCIEDADE IMPERIAL DOS NATURALISTAS DE MOSCOW

Varios boletins e memorias de 1879.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE ANVERS

Os seus boletins de 1879 e 1880.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE BORDEAUX

Boletins da mesma de Dezembro de 1879 e varios de 1880.

PELA REDAÇÃO DO BOLETIM DO « CANAL INTEROCEANICO »

Varios numeros. Paris, 1879.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBÔA

Observações meteorologicas e magneticas feitas pelos exploradores portuguezes Hermenegildo de Brito Campello e Roberto Ivens. Lisbôa, 1879.

Questões africanas.—Proposta apresentada em sessão de 12 de Fevereiro de 1880 á Sociedade de Geographia de Lisbôa pela commissão nacional portugueza de exploração e civilisação da Africa. Lisbôa, 1880.

Questões africanas. Representação ao governo portuguez pela Sociedade de Geographia de Lisbôa. 1880.

PELO SR. SALVADOR DE MENDONÇA

A sua obra sob o titulo *Os Trabalhadores Asiaticos.* New-York, 1879.

PELA ACADEMIA REAL DE SCIENCIAS DE LISBÔA

Memorias da Academia, 2ª classe, tomo IV, parte 2ª.

Historia dos estabelecimentos portuguezes, tomo V a VII.

Quadro elementar, etc., tomos XII e XIII.
Corpo diplomatico, tomo V.
Historia do congo.
Castilho.—Comedias de Molière.
Conferencias ácerca dos descobrimentos dos portuguezes na Africa.
Relatorios da Academia de 1875 a 1877.
Lendas da India, tomo I a IV.
Subsidios para a Historia da India, tomo V.
Decadas de Bocarro, tomo VI.
Elogio de José Bonifacio de Andrada e Silva.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE MADRID

Os boletins da mesma, de 1879 a 1880. Madrid, varios numeros.

PELA SOCIEDADE NORMANDA DE GEOGRAPHIA

Varios boletins dos annos de 1879 e 1880.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Os seus boletins de 1879 e 1880. Varios numeros.

PELO SR. PAULO TOURNAFOND

L'Exploration. Revue des conquêtes de la civilisation sur touts les poñts du Globe. —Paris, 1880. Varios numeros.

PELA ACADEMIA IMPERIAL DAS SCIENCIAS DE VIENNA

Actas da classe philosophica, 20 volumes.
Actas da classe mathematicas, 34 volumes.
Memorias da classe philosophica, 8 volumes.

Memorias da classe mathematica, 7 volumes.
Archivo historico, 9 volumes.
Almanak da academia, 6 volumes.
Fontes rerum Austriacarum, 4 volumes.
Annaes do observatorio de Munich, 1 volume.
Relação de estrellas, 1 volume.
Relação dos observadores de auroras boreaes, 1 volume.
Boletim da Sociedade de sciencias naturaes de Neuchatel, 2 volumes.

PELO SR. MIGUEL VICENTE DE ABREU

Narração da inquisição de Gôa, escripta em francez por Mr. Dellon, vertida em portuguez e accrescentada com varias memorias, notas, documentos e um appendice contendo a noticia que da mesma inquisição deu o inglez Claudio Buchanan : por Miguel Vicente de Abreu.—Nova-Gôa, 1866, 4°.

Noção de alguns filhos distinctos da India Portugueza que se illustraram fóra da patria. Nova-Gôa, 1874. Pelo offertante.

Catalogo dos secretarios de Estado da India Portugueza desde 1505 até 1866. Nova-Gôa, 1866. Pelo offertante.

Breves apontamentos biographicos de D. Frei Manoel de S. Galdino, arcebispo de Gôa e primaz do Oriente. Ordenados pelo offertante. Nova-Gôa, 1862.

Relação das alterações politicas de Gôa desde 16 de Setembro de 1821 até 18 de Outubro de 1822. Ordenado pelo offertante. Nova-Gôa, 1862.

O governo do vice-rei conde do Rio Pardo no Estado da India Portugueza. Pelo offertante. Nova-Gôa, 1869.

Um brado de justiça confirmado com documentos da vida publica de Miguel Vicente de Abreu.

PELO SR. CONSELHEIRO TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

Codigo criminal do Imperio do Brasil, completado com as leis penaes subsequentes. Rio de Janeiro, 1880.

PELO SR. DR. AUGUSTO FAUSTO DE SOUSA

Sud Amérique. Sejours et voyages au Brésil, á la Plata, au Chile, à Bolivie et au Pérou, par Le Comte Charles d'Ursel. Paris, 1879.

PELO SR. JOSÉ MARQUES DE CARVALHO

Relatorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia d'esta Côrte, apresentado no dia 1º de Novembro de 1880, por occasião da posse da mesa administrativa, pelo irmão José Joaquim Ferreira da Costa Braga. Rio de Janeiro, 1880—2 exemplares.

PELO SR. DR. A. J. DOS SANTOS SOUSA

Relatorio de W. Milnor Roberts, sobre o exame do rio S. Francisco, desde o mar até a cachoeira de Pirapora, feito em 1879 e 1880, por ordem do Sr. ministro da Agricultura. Rio de Janeiro, 1880—2 exemplares.

PELA SOCIEDADE AMERICANA DE FRANÇA

As actas da mesma da secção de Instituição ethnographica, publicadas por Alph. Jouault, secretarto geral —1 vol.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA AMERICANA DE NEW-YORK

4 numeros do seu boletim do corrente anno.

PELO SR. BARÃO DE WILDICK

Vegetaes fosseis, flora fossil do terreno carbonifero das vizinhanças do Porto, Serra do Bussaco e Moinho de Ordem proximo a Alcacer do Sal, por Bernardino Antonio Gomes. Lisbôa, 1865.

Molluscos fosseis, gasteropodes dos depositos terciarios de Portugal, por F. A. Pereira da Costa.—Lisbôa 1867.

Da existencia do homem em épocas remotas no valle do Tejo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no cabeço da Arruda, por F. A. Pereira da Costa. Lisbôa, 1865.

Monumentos prehistoricos. Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal, por F. A. Pereira da Costa. Lisbôa, 1868.

PELO SR. E. MOUCHEZ

Longitude de la côte du Brésil, in-4°.

SOCIOS ADMITTIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO NO ANNO DE 1880

NACIONAES

Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.
Dr. Augusto Fausto de Sousa.
Bernardo Suturnino da Veiga.
Dr. Franklin Tavora.
Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Alfredo Piragibe.

ESTRANGEIROS

Barão de Wildick.
Francisco Gomes de Amorim.

SOCIOS FALLECIDOS DURANTE OS ANNOS DE 1879 E 1880

NACIONAES

Duque de Caxias, honorario.

Manoel de Araujo Porto-Alegre, (barão de S. Angelo), honorario.

Conselheiro Antonio Pereira Rebouças, correspondente.

Conselheiro Antonio da Costa Pinto, correspondente.

Conselheiro Venancio José Lisbôa, correspondente.

Conselheiro Antonio Pereira Pinto, effectivo.

Augusto Leverger, (barão de Melgaço), correspondente.

Conselheiro Felippe José Pereira Leal, correspondente.

Dr. José Bento da Rosa, correspondente.

Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, effectivo.
Brigadeiro Pedro Torquarto Xavier de Brito, effectivo.
Marechal Pedro Maria Xavier de Castro, correspondente.
Dr. José Jorge da Silva, correspondente.
Dr. José Maria da Silva Paranhos (conselheiro de estado visconde do Rio-Branco), correspondente.

ESTRANGEIROS

Dr. Pedro G. Lund, honorario.
Eduardo Laemmert, correspondente.
Theodoro Taunay, correspondente.

FIM DO TOMO XLIII, PARTE SEGUNDA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLIII

PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

PAGS.

O PRIMITIVO E O ACTUAL PORTO SEGURO. Memoria lida na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 26 de Novembro de 1880, pelo socio effectivo Henrique de Beaurepaire Rohan..... 5

ESTUDO SOBRE A DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL, por Augusto Fausto de Sousa, bacharel em mathematicas e sciencias physicas (*com 3 mappas*).. 27

Dedicatoria..... 28

Introducção..... 29

I. — Divisão primitiva do Brasil em donatarias..... 34

II. — Divisão em capitanias geraes..... 41

III. — Divisão actual em provincias..... 51

Quadro das actuaes provincias do Brasil e seus diversos elementos..... 56

IV. — Necessidade de uma nova divisão..... 64

V. — Nova divisão proposta..... 75

Quadro da divisão territorial projectada para o Imperio do Brasil..... 77

VI. — Questões connexas..... 92

1.ª — Situação da capital do Imperio..... 92

2.ª — Representação das provincias..... 102

Conclusão..... 109

GUERRA CIVIL DO RIO-GRANDE DO SUL. Memoria acompanhada de documentos, lida no Instituto Historico e Geographico do Brasil, por Tristão de Alencar Araripe..... 115

PAGS.

Capitulo I. — Observações ácerca da revolução rio-grandense, e sobre os documentos a ella referentes..... 115

Capitulo II. — Sedição em Porto-Alegre; retirada do presidente Fernandes Braga para a cidade do Rio-Grande; posse do vice-presidente intruso; providencias por este tomadas para seu reconhecimento; suspensão do commandante das armas; retirada do presidente Fernandes Braga para a côrte; os sediciosos de posse da provincia..... 129

Capitulo III. — O presidente Fernandes Braga na côrte; nomeação de novo presidente para o Rio-Grandedo Sul 140

Capitulo IV. — O presidente Araujo Ribeiro chega á provincia; questão sobre a sua posse; elle a toma na cidade do Rio-Grande; luta com a sedição; capitulação de Pelotas; restauração de Porto-Alegre; demissão de Araujo Ribeiro; posse do marechal Antonio Elisiario; nova nomeação de Araujo Ribeiro; combate do Seival; combate do Fanfa; situação dos rebeldes. 142

Capitulo V. — Proclamação da republica em Piratinin; organização interna pela eleição presidencial; aceitação do novo governo pela população rebelde; juizo dos adversarios da republica sobre ella..... 151

Capitulo VI. — Organização da governança republicana; ministerio; finanças; exercito; administração civil e judiciaria; representação externa; negocios religiosos..... 158

Capitulo VII. — Estado da rebellião depois da proclamação da republica; condição do governo legal n'essa época; defecção de Bento Manoel e seus resultados... 168

Capitulo VIII. — Procedimento contra os rebeldes; soltura por *habeas-corpus* do vice-presidente Dr. Marciano Pereira, na côrte; Bento Gonçalves remettido para as prisões da Bahia; suspensão de garantias; amnistia e seus effeitos; processo de responsabilidade do vice-presidente intruso; propostas de paz pelos rebeldes; derrota de Antonio Netto; posição reciproca da legalidade, e da rebeldia..... 171

PAGS.

Capitulo IX. — Posse do presidente Antero de Brito; adiamento da assembléa provincial; prisão do presidente Antero de Brito pelo commandante das armas Bento Manoel; tomada de Caçapava pelos rebeldes; entrada d'estes no Rio-Pardo; assedio de Porto-Alegre..... 178

Capitulo X. — Novo presidente militar; armisticio no intuito de propostas de paz não approvado pela presidencia legal; outro presidente nomeado; revés da legalidade no Triumpho..... 186

Capitulo XI. — Mudança politica na côrte; o presidente Antonio Elisiario; entrega do ex-presidente Antero de Brito pelos rebeldes; passeio militar fóra da capital; desastre do Rio-Pardo; conselho de guerra contra os generaes imperialistas alli commandantes..... 189

Capitulo XII. — Bento Gonçalves á frente da republica; seu manifesto aos povos; incremento da causa republicana; imprensa da rebeldia; escravos no exercito rebelde; represalias e atrocidades da guerra; violação da propriedade brasileira; corso..... 195

Capitulo XIII. — Mudança da capital dos rebeldes de Piratinin para Caçapava; nova sortida do presidente Antonio Elisiario; o ministro da guerra em missão no Sul; tomada da Laguna pelos rebeldes; proclamação da republica catharinense; restauração da Laguna... 202

Capitulo XIV. — O presidente Saturnino de Sousa; entrada de forças legaes em Caçapava; combate de Taquary; forças legaes em S. Gabriel; sorpreza contra o general rebelde Antonio Netto; ataque de S. José do Norte..... 211

Capitulo XV. — O general Soares de Andréa encarregado da guerra; proposta de Bento Manoel sobre amnistia; maioridade do Imperador; negociações relativas á amnistia..... 216

Capitulo XVI. — O deputado Alvares Machado enviado da côrte; o general João Paulo nomeado commandante

PAGS.

em chefe do exercito; nomeação de Alvares Machado para presidente da provincia; negociações de paz e inefficacia d'ellas; planos de guerra contra os rebeldes; marcha do general Pedro Labatut para occupar o Passo-Fundo; os rebeldes deixam Viamão e passam para a campanha; Bento Gonçalves reassume a presidencia da republica; o exercito legal em seguimento dos rebeldes, e depois em quarteis de inverno..... 220

Capitulo XVII. — Mudança ministerial na côrte; substituição do presidente e do commandante em chefe do exercito no Sul; queixas do novo commandante contra o seu antecessor; plano de guerra; o novo commandante em chefe do exercito na campanha; esperanças mallogradas; alvoroço dos rebeldes com a revolução de S.Paulo e Minas; actividade nos seus meios de guerra; convenio com Fructuoso Rivera; commandante em chefe interino; nomeação do barão de Caxias para dirigir a guerra..... 230

Capitulo XVIII. — Posse do barão de Caxias; prisão de Raphael Tobias; estado da provincia; preparativos para a campanha, começo das operações bellicas; o general em chefe une-se ao exercito no acampamento de S. Lourenço; Bento Manoel chamado ao serviço da guerra em prol da legalidade; reunião das forças rebeldes no passo do Rosario..... 237

Capitulo XIX. — Partida do exercito legal do acampamento de S. Lourenço; destroço de Portinho em Botucarahy; perseguição contra os rebeldes; estes transpoem a fronteira em Cunhaperú, regressam por Taquatiá e sorprendem S. Gabriel; o barão de Caxias contramarcha para este ponto..... 247

Capitulo XX. — Perseguição dos rebeldes; tomada de artilharia e trem bellico dos mesmos; combate de Ponxe-Verde; assedio de Alegrete por David Canabarro; combate de Santa Maria-Chica; Fructuoso Rivera derrotado por seu competidor em Serro-Largo;

PAGS.

força rebelde aprisionada em Piratinin; combate de Cangussú; combate de Botuhy; o barão de Caxias novamente na fronteira; situação dos belligerantes no fim do anno de 1843..... 250

Capitulo XXI. — Os rebeldes depois da chegada do barão de Caxias; sua assembléa constituinte; actos d'esta; sua dispersão espontanea..... 261

Capitulo XXII. — Projecto da constituição da republica; extracto d'elle..... 267

Capitulo XXIII. — Assassinato politico de Paulino Fontoura; morte de Onofre Pires em duelo com Bento Gonçalves; caracter domestico da republica dos rebeldes..... 272

Capitulo XXIV. — Condição dos belligerantes; perseguição contra os rebeldes; combates; destroço dos mesmos rebeldes nos Porongos; conflictos finaes..... 276

Capitulo XXV.—Propostas de paz; negociações; conclusão d'ellas e pacificação da provincia (*Continúa*).. 284

QUARTO TRIMESTRE

GUERRA CIVIL DO RIO-GRANDE DO SUL. Memoria acompanhada de documentos, lida no Instituto Historico e Geographico do Brasil, por Tristão de Alencar Araripe (*continuada da pag.* 291 *do presente tomo*)..... 293

Capitulo XXVI. — A provincia do Rio-Grande do Sul volta ao regimen legal; execução da lei de 3 de Dezembro de 1841; eleições provinciaes; o barão de Caxias galardoado pelo governo imperial e honorificado pela provincia..... 293

Capitulo XXVII.— A rebeldia do Sul considerada em seus meios de vida e acção; como pôde manter-se; capacidade dos seus generaes..... 295

Capitulo XXVIII. — A revolução rio-grandense considerada ante o governo imperial, e no parlamento; valor politico d'ella..... 309

PAGS.

Capitulo XXIX. — Principaes factos bellicos da revolução rio-grandense..... 318
Capitulo XXX. — Meios com que procurou o barão de Caxias finalizar a guerra e restabelecer a paz..... 326
Capitulo XXXI. — Sacrificio de vidas e dinheiro com a rebellião do Sul..... 330
Capitulo XXXII. — Os rebeldes do Rio-Grande do Sul considerados ante o direito criminal e a justiça do paiz. 335
Capitulo XXXIII. — Tabella dos conflictos marciaes da revolução rio-grandense..... 340
Capitulo XXXIV. — Chronologia da revolução rio-grandense..... 346
Capitulo XXXV. — Nota deprecatoria..... 358
Rectificações e additamentos..... 361

BIOGRAPIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc..... 365

Apontamentos biographicos da familia Braz Carneiro Leão, do Rio de Janeiro, pelo socio correspondente senador conde de Baependy (Ms. offerecido ao Instituto pelo 1° vice-presidente Dr. Joaquim Manoel de Macedo)..... 365
Braz Carneiro Leão..... 365

ACTAS das sessões em 1880..... 385
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no dia 15 de Dezembro de 1880..... 497
Discurso do Sr. 2° vice-presidente Joaquim Norberto de Sousa e Silva..... 497
Relatorio do Sr. 1° secretario conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes..... 503
Discurso do orador interino Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro..... 515
Manuscriptos offerecidos ao Instituto em 1880..... 627
Mappas, plantas, cartas, etc., offerecidos por diversos.... 628
Medalhas..... 632
Relatorios e documentos officiaes enviados pelas secretarias de Estado..... 633

PAGS.

Relatorios e documentos enviados pelos presidentes de provincia..... 637
Obras offerecidas por diversas pessoas e associações..... 639
Socios admittidos ao gremio do Instituto no anno de 1880. 653
Nacionaes..... 653
Estrangeiros..... 653
Socios fallecidos durante os annos de 1879 e 1880..... 653
Nacionaes..... 653
Estrangeiros..... 654

Rio de Janeiro.— Typ. Univ. de H. Laemmert & C., Invalidos, 71